A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

3362 — 10.º Anno

Direcção e propriedade de Manuel Guimarães

Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA—Sabado, 1 de Novembro de 1919

Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL

Officina de impressão — 71, Rua da Bica, 71

Preço 2 centavos

Incuria

Seria querer ocultar o que é evidente como a luz do sol, desconhecer que nos encontramos numa situação que necessita resoluções prontas. Basta observar o que se passa em Lisboa para nos capacitarmos de que, a continuar este estado de cousas, caminhamos para uma catastrofe irreparavel. E com magoa o dizemos: parece que ninguem se interessa pelas questões que são precisamente vitaes para a sociedade portugueza.

Um excesso de população, determinado pelas circumstancias da guerra, que vem atulhar Lisboa; uma especie de moral nova que conduz a todas as especulações e favorece todos os egoismos; a deficiencia de transportes que impede o abastecimento regular das cidades, tudo converge para crear uma situação terrivel que evidentemente pode dar os resultados mais funestos. Porque a tensão é tremenda, e se esperarmos que se dê o rompimento de todo o equilibrio estamos preparando a nossa irremediavel ruina.

Não ha casas em Lisboa para albergar os seus habitantes. Que se faz para obviar a esta falta? Nada. Lá fóra, reconheceu-se que o unico remedio era fazer casas. Em Paris, em Londres, vão-se construir milhares de edificios. Cá, quando muito, fazem-se leis, decretos, regulamentos, que não dão em resultado uma casa a mais, e, por mais que se determine e legisle, nem ordem dos governos nem votações do parlamento, com sancções mais ou menos rigorosas, podem fazer com que appareçam mais casas quando as não ha.

Ao mesmo tempo, a alimentação publica está altamente prejudicada. Lisboa já não tem que comer. Falta? Açambarcamento? Não sabemos. O que sabemos é que não apparecem, em quantidade suficiente, os generos mais indispensaveis á vida. E quando apparecem é por um preço exorbitante. Nem todos os habitantes de Lisboa são ricos, nem todos são nababos. Logo, é a fome, são as privações, é o desespero iminente. Sob esta ameaça nos encontramos.

Com o seu material circulante arrasado, os comboios não dão vasão ás mercadorias que devem transportar. O que é mais necessario ás industrias, ao comercio, á população em geral, fica retido, muitas vezes durante interminaveis dias, nas estações. E' como se o sangue não circulasse num organismo humano. Que se faz para remediar este mal? Nada. E comtudo não só para Lisboa como para o paiz inteiro um facto desta natureza equivale a uma questão de vida ou de morte.

Não nos iludamos. O inverno está á porta, e com ele um agravamento desta situação, já por si melindrosissima. Que faz o governo? Nada. Que fazem os partidos? Nada. Ou antes, peor que nada, porque se consomem em geral numa lucta politica que toma aspectos fratricidas pelo rancor com que se trava.

Pois bem! Que não se diga que não houve avisos. A imprensa deve formular esses avisos. A miseria é má conselheira, e quando se defronta com o espectaculo duma pompa insolente e ilegitima, producto de toda a especie de especulações sobre essa propria miseria, ainda mais perigosos se tornam os seus estimulos. E' preciso olhar para a sorte do povo portuguez. E' preciso que haja iniciativas, que se empenhem esforços inteligentes e persistentes para minorar os males publicos. Se aqueles que são os dirigentes da sociedade portugueza o não fizerem, concorrem para a sua perda, que infelizmente será a nossa tambem.

As eternas formalidades judiciaes

Uma citação que dá que falar

Um oficial de diligencias de uma das varas civeis da comarca de Lisboa fez uma citação, na data da qual houve uma pequena emenda, que por esquecimento não foi resalvada.

Em face de tal facto, a parte citada requereu a anulação, por não ter sido feita a referida resalva, ao que o juiz da 1.ª instancia indeferiu. Recorreu então a parte para o tribunal da Relação e este por acordão deu provimento ao recurso, anulando a referida citação, mas nesse acordão o juiz relator fez sete emendas que tambem não foram resalvadas, motivo porque o oficial em questão, por sua vez, recorreu para o Supremo Tribunal, o qual por seu venerando acordão lhe deu provimento.

Simplesmente fantastico!

Capitão Almeida e Brito

Realisou-se hoje, pelas 15 horas, a trasladação dos restos mortaes do capitão sr. Cipriano Canavarro de Almeida e Brito, morto em campanha em Africa e condecorado com as medalhas da Torre Espada e Cruz de Guerra.

No prestito funebre, que saiu de Santa Apolonia para o Cemiterio Oriental, incorporaram-se muitos oficiaes de terra e mar, contingentes dos corpos da guarnição, e grandes forças de cavalaria da guarda republicana. O sr. Presidente do Ministerio fez-se representar por um dos seus secretarios, incorporando-se tambem no prestito o comandante da divisão, general comandante da guarda republicana, oficialidade do gabinete do Ministerio da Guerra e do C. E. P. O feretro seguiu n'um armão, coberto com a bandeira nacional.

OPINIÕES APLICADAS SOBRE ARTE

A mentira da tecnica

A proposito da constituição das duas comissões artisticas, que tomaram posse, e ácerca dos processos de trabalhar e de enganar o publico

Nos ultimos tres mezes, e já não queremos ir mais longe, tem pesado sobre nós todos, que somos desta gentilissima Lisboa esquecida das revoluções, uma cousa que se chama a Politica. Precisamente nos ultimos dez dias os jornaes não teem falado noutra cousa—mas uma cousa sem nobreza nem sentido logico—e nós proprios em má hora fomos vitima do meio e da sua sugestão. Afinal os jornaes de hoje trazem duas noticias de Arte, que são duas esplendidas demonstrações de uma boa saude espiritual, e de uma frescura consoladora de propositos.

Uma é a que se refere á posse da Comissão do Patrimonio Nacional, Comissão de Eleitos, presidida pelo espirito requintado e aristocratico do sr. José Relvas, e na qual estão representadas todas as artes e profissões do espirito e do bom gosto, excepto a de jornalista, esquecimento perdoavel numa terra em que ninguem lê. Outra é a que se refere a uma exposição de arte primitiva para breve, muito á portugueza, e da qual estão encarregados alguns temperamentos artisticos e scientificos, mais ou menos primitivos.

Temos pois neste final de ano, humido e relativamente tranquilo, duas esplendidas manchas de arte, embora emolduradas de gravidade, e respirando certo ar conselheiral e discreto, como o destes pezados reposteiros do tempo do sr. D. José, que não se correm nunca, ou que, um dia quando se abrem, deixam presupôr logo uma figura nobre, de ondeante cabeleira á Saint-Simon, avançando do fundo até nós, ainda muito á moda velha, e anunciando na meia mesura jovial que não brigasse com a Tradição:

—Tenham Vossas Mercês a penitencia de entrar...

* * *

O que nós desejamos prevêr é que depois destas duas manifestações claras de sentido artistico, revestidas de solene gravidade dos velhos que poucas lições dão e fazem da sua arte uma especie de jardim das casas inglezas egoistas e impenetraveis, defendidas por gradaria compacta e muros de arbustos ásperos; o que nós queremos acreditar é que a seguir Lisboa tenha que registar, dentro da Arte, grandes notas de claridade e de tolerancia. Que a preocupação de fazer arte primitiva portugueza inspire processos simples e desanuviados a toda a gente e que acabe a mentirola cobarde e reles da tecnica, mão cheia de pó com que os mediocres e os vencidos de impotencia precoce andam a sofismar o sentido emotivo, afectivo, grandioso e nobre de todas as artes. Na pintura, na musica, na critica, na escultura. Que se desmascarem os vendilhões e se diga claramente: «o que é preciso é talento, se é que o genio se extinguiu nas paredes frias dos craneos dos homens do nosso tempo. O que é preciso é inspiração! E' alma! E' arte! Vocês são uns intrujões e nós vamos começar a dizer ao publico que nos não tome a serio». E nomes, e os nomes todos, por extenso, com os titulos, os graus academicos e as condecorações do melhor tempo...

Só ha uma especie de tecnica, unica aceitavel, a justificar as catedras e os logares de lentes e de mestres apostolos: é aquela que conduz á realisação dos objectivos. A que consegue interpretar e comover, inspirar uma ternura, fazer compreender uma ideia, entender um subjectivismo espiritual. O poder de transmissão, sahindo da obra de arte, cheio de claridade e de sinceridade, rodeado dos artificios naturaes—mas só esses—e logicos do atelier ou do gabinete suavissimo onde o piano faz de orgão maravilhoso e religiosissimo; esse poder acusando uma scentelha é a unica aspiração legitima do artista. Quando o artista, pela falencia do poder emotivo, retezadas as cordas da sensibilidade, e morta a inspiração como um perfume falso de «boudoir» do genero infimo, entrou a fazer «a tecnica», e a justificar a frieza dos comentadores pela ignorancia dos processos ou dos «trucs» industriaes, esse artista deve ser imediatamente irradiado do seio das gentes honestas. Ahi temos o vendedor de tâmares; o vendilhão do Templo...

Imaginem, vossas excelencias, que nos lêem no seu compassivo gesto de se integrarem no que é escrito com boa fé e sadia disposição de espirito, o que seria dos pobres escravos das letras e do jornalismo, os que fazem verso, teatro, cronicas e artigos, se ámanhã, ante a impotencia do poder transmissivo, na charra, banal, rastejante maneira de ser escritor, um destes viesse dizer para o publico, já aborrecido e consciente da impotencia do escriba:

—Isto é tecnica. Vocês não estão preparados para me compreender!...

Tecnica! Os senhores estão a ver: tecnica! Pois é com uma paciencia benedictina, que só se explica ou pelo comodismo ou pela covardia, que ha tempo veem sido defendidas em Portugal espantosissimas borracheiras artisticas, na musica que só o sono tolera, na tela, no palco, nos edificios, em certos livros, em tudo onde devia perpassar arte, claridade, a divina claridade, a santissima clareza dos processos, e só passa afinal a consistente poeira cinzenta da tecnica, que não serve de nada nem para nada, e deante da qual param os ceguinhos que não se entendem mas que não se cançam de dizer:

—Belo! Muito belo! Espantosamente belo!

E de si para si, corajosamente:

—Pode ser muito interessante, mas eu não percebi nada...

* * *

E' isto que tem de acabar. Porque emquanto os da «tecnica» estiverem no poleiro, ocupando os logares que pertencem áqueles que ainda teem, e teem em plena pujança, a virilidade e talento, emquanto os da tecnica estiverem mercadejando a sua escuridão, não conseguem os «rapazes», os «futuristas» marcar a sua individualidade. Estas cousas escrevem-se com um amplo conhecimento de causa e do meio; nem o papel de jornalista é outro senão falar claro. A pobreza artistica—espiritual do nosso tempo, em todas as manifestações de arte e de literatura, na aplicação e no subjectivismo idealista, está explicada no apego de certas notabilidades saudosas aos logares que já não teem direito a ocupar. Este artigo pode desenvolver-se com nomes no dia que seja necessario entrar nesse campo de sacrificio. A tecnica, como é invocada a torto e a direito, é uma mentira. Só ha uma especie de arte, a que é clara; uma especie de talento, o que nasce da inspiração. Façamos a propaganda da simplicidade e do romantismo, e tenha toda a gente a delicadeza de tirar o chapeu perante o artista que passou e de lhe respeitar o passado, mas não mais que isso. Na primavera de 1921 um grupo seleccionado de artistas e tecnicos—juramos que não dizemos mais nada...—promove oficialmente uma «exposição de arte portugueza primitiva». Que ela seja uma lição, até para os que a derem...

Norberto de Araujo.

PELO TELEGRAFO

Na America do Sul

Importante carregamento de algodão para Portugal

RIO DE JANEIRO, 31.

O vapor «Benavente» está recebendo carga de algodão na totalidade de 12.000 fardos, consignados a uma casa do Porto, para desembarcar em Leixões. E' a primeira vez que se exporta esta mercadoria para Portugal, em quantidades dignas de menção.—(Americana).

Cotações cambiaes e do café

RIO DE JANEIRO, 31.

Cambio sobre Londres, 14 13/16 e 14 29/32. Valor do escudo no Brazil, 1883 réis. Cotação do café, com tendencias de estabilisação.—(Americana).

CRAPULA CITADINA

Para o forte de Monsanto são removidos vadios perigosos ha dias julgados no governo civil

Dos calabouços do governo civil foram hoje, pelas 12 horas, removidos para o forte de Monsanto treze gatunos e vadios de largo cadastro, ultimamente julgados e condenados pelo sr. dr. Rodrigues Esculcas. Entre eles figuravam «O filho do Ganga», o «Agarra», o «Meudo do Barreiro», o «Saloio», o «Pato Marreco» e o «Boticas».

O «Filho do Ganga» ao dar entrada na escolta pretendeu revoltar-se, tornando-se necessario metel-o na ordem. O «Boticas» tambem se insurgiu contra o sr. dr. Esculcas, a quem dirigiu ameaças. Na frente dos presos a força carregou as armas, tendo-os ao mesmo tempo o comandante aconselhado a que seguissem em ordem e não tentassem evadir-se, porque, em caso contrario, mandaria fazer fogo sobre eles.

Até Monsanto o percurso fez-se sem qualquer incidente digno de registo.

Material de guerra do C. E. P.

Entrou hoje no Tejo o vapor «Mormugão», vindo de França, com grande carregamento de material de guerra e 17 militares que serviram no C. E. P.

Ordens militares portuguezas

Algumas das disposições do novo regulamento

Na primeira Ordem do Exercito, 2.ª serie, será publicado o Regulamento das ordens militares portuguezas. Entre outras disposições, alterando o que sobre o assunto se acha determinado, sabemos das seguintes:

E' creado um conselho de 8 membros, que terão as suas sessões, convocadas pelo chanceler, na secretaria da presidencia da Republica, a cargo da qual ficam os arquivos. São nomeados pelo presidente da Republica, sob proposta do presidente do ministerio, para a Ordem de Cristo, dos ministros da guerra e marinha para a Torre Espada e Aviz, e do da instrução para a de S. Tiago.

Dos 8 membros que constituem as Ordens da Torre e Espada e Aviz, são cinco do exercito e tres da marinha, devendo a escolha do chanceler de cada uma das Ordens recair num oficial general do exercito ou da armada.

Os conselhos são renovados de metade dos seus membros todos os quatro anos.

As propostas dos ministros para as Ordens de Cristo, Aviz e S. Tiago são enviadas ao Conselho das Ordens até 30 de junho de cada ano, sendo a concessão feita no dia 5 de outubro de cada ano pelo presidente da Republica.

Estabelece-se um distintivo para todos os oficiaes e praças de qualquer unidade, á qual tiver sido concedida a de valor militar, Cruz de Guerra ou Torre e Espada e que consiste, á semelhança da Fourragère franceza, em dois cordões circulares simples, com as côres da fita da condecoração, usando-se suspensos da platina direita e indo prender na abotuadura do dolman.

Sousa e Faro

Deve tomar depois de ámanhã assento no Senado o capitão de mar e guerra sr. Sousa e Faro.

O distinto oficial e nosso presado amigo foi eleito, como se sabe, na qualidade de independente, pelo circulo de S. Tomé. Não podiam os eleitores d'esse circulo escolher quem melhor os representasse na camara alta, pelo que os felicitamos; ao mesmo tempo que nos congratulamos com o eleito pela homenagem que assim lhe foi prestada.

POLITICA

As reuniões do Palacio de Belem e o segredo de Estado

Já aqui previmos que na semana proxima ou, o mais tardar, na primeira quinzena do mez que hoje se inicia, se produzirá um qualquer acontecimento que terá a virtude de esclarecer a situação. E', aliás, o que claramente se pressente nos circulos politicos, principalmente nos corredores do Parlamento. Resta saber de que natureza será esse acontecimento...

Não temos informações seguras que nos habilitem a desvendar o misterio antes de tempo. Que a posição do governo não é absolutamente estavel, é evidente. No Parlamento o governo desinteressa-se de todas as questões, por fórma que não é atingido pelos votos parlamentares, ou sejam pró ou contra. Isto é uma nova formula constitucional, muito interessante e que constitue um verdadeiro «record» no genero das invenções mais recentes para fabricação da felicidade dos povos. Nesse «dolce far niente» colaboram as oposições, que não se ralam nada, mesmo nada. Como isto é, porém, muito artificial e pouco humano, a situação tende a modificar-se, principalmente se, após o Congresso do partido republicano liberal, o governo encontrar uma resistencia oposicionista a que não está habituado.

Será arriscado prevêr, em vista disto e mais daquilo (aquilo são as conferencias no palacio de Belem...) que o ministerio se prepara para uma transformação politica, que ele proprio julga inevitavel? Essa transformação poderia, talvez, resumir-se numa recomposição, tanto mais provavel quanto é certo que o sr. ministro das colonias já só vae furtivamente ao Parlamento.

O tratamento da tuberculose

Continua a ser cada vez mais brilhante o exito obtido no tratamento da tuberculose pelo metodo do dr. Ferrier, aperfeiçoado pelo Laboratorio Farmacologico, que emprega a «Fibrocalcina» (calcoloidal), a carne anti-fermentiscivel em pó e os gotas de gaiacol compostas. Registam-se aumentos de peso de 20 kilogramas em 11 mezes. Depositario exclusivo, Raul Vieira, rua da Prata, 51.

Julgamento de desertores e de insubordinados

Vão em breve começar os julgamentos dos desertores do C. E. P., realisando-se esses julgamentos á medida que se vá sabendo o local onde eles se encontram presos.

Entre os presos não figura qualquer oficial.

Vão tambem em breves dias ser julgados 85 praças, presas, que faziam parte da brigada do Minho e que se insubordinaram.

Ponto final...

Ainda o bacalhau pôdre

Documentos que são a mais eloquente resposta ás campanhas dos despeitados

A Sociedade Tinoca Limitada pede-nos a publicação do seguinte:

«Em 1 de Agosto do corrente ano as fabricas da Companhia «Progresso de Colas e Adubos Organicos», sitas em Alcantara e no Senhor Roubado, ainda «não pertenciam» á Sociedade Tinoca Limitada e, portanto, em quaesquer apreensões que tivessem sido feitas de generos avariados nenhuma responsabilidade lhe cabe. As citadas fabricas de Alcantara e do Senhor Roubado só em 16 de Agosto passaram para a sua posse.

Em resposta á acusação feita, de se ter vendido o bacalhau pôdre á firma Fragata & Bandeira, de Torres Vedras, responde a Sociedade Tinoca Limitada com o seguinte atestado:

Atesto que no dia 11 do mez corrente inspecionei com o Ex.mo Administrador deste concelho os armazens de viveres da firma Fragata & Bandeira, situados na proximidade da praça do peixe, e que encontrei em bom estado para servir para a alimentação o bacalhau que existia nesses armazens. Torres Vedras, 17 de Outubro de 1919. O sub-Delegado de Saude, (a) Justino Freire. (Segue o reconhecimento).

Em resposta ás acusações vindas a publico dizendo que a fabrica do Senhor Roubado é um foco de infecção e não se encontra nas condições do Decreto n.º 3.057, de 28 de Março de 1917, responde a Sociedade Tinoca Limitada, com o seguinte documento:

Fernando da Cunha, medico pela Escola Medico Cirurgica de Lisboa, com o curso de medicina sanitaria do Instituto Central de Higiene, sub-Delegado de Saude do concelho de Loures, atesto que, tendo visitado minuciosamente a fabrica de guano existente no Casal de S. João, ao Senhor Roubado, deste concelho, pertencente á Sociedade Tinoca Limitada, com séde na rua Augusta, 193, 1.º, em Lisboa, verifiquei, como em anteriores visitas inesperadas, que esta fabrica se encontra em harmonia, não só com os preceitos geraes de higiene industrial, como com os expressamente indicados no Decreto n.º 3.057 de 28 de Março de 1917, o que, por ser verdade e por me ser requerido pela referida Sociedade, afirmo sob minha responsabilidade profissional.—Lisboa, 27 de Outubro de 1919. (a) Fernando da Cunha. (Segue o reconhecimento).

Em resposta á insinuação de que á Sociedade Tinoca Limitada não convem a fiscalisação oficial nas suas fabricas responde a mesma Sociedade com o seguinte requerimento:

Ex.mo Sr. Director da Alfandega de Lisboa.—A Sociedade Tinoca Limitada, com escritorio em Lisboa, na rua Augusta, 193, 1.º, desde 16 de Agosto proximo passado proprietaria de duas fabricas de guano, até então pertencentes á Companhia «Progresso» de Colas e Adubos Organicos, tendo sido alvejada indevidamente por um jornal de Lisboa com a acusação de vender productos inutilisados pela Alfandega, destinados ao guano, nomeadamente bacalhau pôdre, a fim de mostrar a inalteravel correcção do seu procedimento e a lisura das suas transacções comerciaes e para evitar que sobre ela sejam levantadas suspeições malevolas, pede a V. Ex.ª se digne dar as necessarias ordens para que, junto das suas fabricas de Alcantara e do Senhor Roubado, seja daqui em diante exercido um «contrôle» fiscal. Pede deferimento. Lisboa, 10 de Outubro de 1919.

Para terminar: o publico sério e honesto que julgue de que lado se encontram a razão e a honestidade...

AOS SABADOS

A semana literaria

As impressões dum diplomata portuguez na côrte de Berlim, por Antonio Ferrão. **A coroa de rosas**, por Carlos de Moraes. **A obra de Tacito «Os anaes», e a guerra mundial**, por Silvio Pellico Filho. **Subsidio para a biografia da infanta Santa Joana**, por Lopes de Mendonça.

Das obras de estudo e pesquiza do sr. Antonio Ferrão é, sem duvida, a analise e critica, e a anotação da correspondencia oficial de D. Alexandre de Sousa e Holstein, primeiro ministro de Portugal na côrte da Prussia, no tempo de Frederico Guilherme II (1780-1790), uma das mais interessantes e uteis para o paiz. Encima o volume a fraze «Prussianos de hontem e alemães de hoje», marcando assim o paralelismo de ideias, a oportunidade da obra, e o fim patriotico do trabalho investigador do sr. Antonio Ferrão. Sob o 1.º ponto de vista do auctor—obra de patriotismo a comemorar a nossa intervenção na guerra—o volume é completo; ha, na inserção da correspondencia, bem acompanhada de chamadas a tempo e de notas elucidativas, de informações tiradas das obras historicas mais reputadas, de Buchner, de Oncken, Arneth, Sorel, etc., uma completa figuração do meio palaciano, intriguista, rancoroso, ambicioso da Prussia do seculo XVIII, a semelhança da perfidia de Frederico egual á de Guilherme imperador, a interferencia na politica mundial, indicação dum chefe de estado para a Polonia, uma politica de potentado em tudo paralela á dos anos anteriores á conflagração. Pela correspondencia dum diplomata ilustre e habil, bom psicologo e melhor descriptor, tem-se visões curiosas da vida agitada da Europa Central, desde «as discordias do Bispado de Liége» e da «Revolta do Brabante» até á desilusão de Frederico Guilherme, perante o congresso de Reichenbach, de que versa o ultimo oficio de Sousa e Holstein. Mas, não é só, uma resenha politica, descrevendo habilidades diplomaticas e velhos «trucs» dos manobradores de povos o que se destrinça atravez a forma não deselegante do epistolario do nosso ministro; encontram-se ali noticias de Luisa Todi, e nos anexos aos oficios, até correspondencia para aquela nossa compatriota; a cantorina Todi de quem a Rainha Reinante da Prussia se interessava, é evocada aos portuguezes ignorantes nas impressões da côrte prussiana de 1790.

Em detalhes de personalidades é rico tambem o livro; os oficios, confidencias talvez, não escondiam que «El-rei com a sua estatura gigantesca e corpulencia extraordinaria, indicava á primeira vista a sua propensão á indolencia» ou as suas «fraquezas, que o vulgo lhe conhece, pois dependem hua e outra tanto da vaidade, que os excessos que fez pela condessa d'Inghenheim e que agora repetiu pela de Heinhoff, não provem de outro principio senão da vaidade.» Bisbilhoteiro, curioso, detalhado, descrevendo o enredado meio cortezão, repetimos, é de todo o ponto interessante, o maço de oficios que Antonio Ferrão trouxe agora do sôno pesado dos arquivos bolorentos do Ministerio dos Estrangeiros para a vida palpitante da Historia e da Critica.

E, sobre esse assunto, pode capacitar-se o autor que a sua tentativa de provar que belo recheio de fontes historicas existe abandonado pelas secretarias e arquivos oficiaes, fica belamente demonstrado. O presente trabalho, como os seus congéneres anteriores, é uma obra que fica e marca, uma obra mais para a nação do que para o publico vulgar de todos os dias.

A coroa de Rosas, por Carlos de Moraes. Ed. Primorosa. Espinho.

Um pequeno episodio em verso, acto leve, seguro, com dramatisação intensa, e um dialogo justo e inspirado. O seu pequeno tema, tantas vezes já tratado, em todos os estilos e em todos os tamanhos, desperta ainda o interesse e agrada pelo valor natural e sem esforço com que é tratado.

O obra de Tacito «Os Anais» e a guerra mundial», por Silvio Pellico Filho. Ed. França e Armenio—Coimbra.

Um estudo interessante, completo de observação e critica, manifestação de fé e inteligencia, é o que o sr. Silvio Pellico Filho nos dá, com o seu opusculo, onde prova que na tragedia de Tacito—«Os anais»—ha pontos que são de flagrante actualidade para Portugal e outros paizes aliados. Dividida a obra para mais facilidade de leitura e concatenação de ideias, versa não só a «importancia pedagogica do estudo do Latim» mas a «arte e o espirito da civilisação latina na obra de Tacito». Interessante e reflexo dum espirito ilustrado e culto.

Subsidios para a Biografia da Infanta Santa Joana, por Henrique Lopes de Mendonça. Ed. Imprensa da Universidade—Coimbra.

Em separata do Boletim da segunda classe, publicou-se o trabalho do socio efectivo Henrique Lopes de Mendonça, trabalho de investigação e estudo, que basta o nome que o firma para ser recomendado aos eruditos e curiosos. Indo a todas as fontes de pesquiza, deduzindo e tirando ilações criteriosas, os «subsidios» constituem uma obra, de valor real e incontestavel.

Armando Ferreira

OS TRATADOS DE PAZ

Do congresso de Rastadt ao de Versailles

Anedotas e «chinezices» protocolares

Um historiador definiu um dia a paz como o mais temivel problema da guerra. Não se póde explicar mais exactamente o caso, porque dificilmente o tratado que segue á terminação de formidaveis hostilidades deixa de conter os germens de novos conflictos, que de ordinario já se acham em movimento nas formulas e na propria etiqueta dos congressos que se efectuam no sentido de concluir a paz. Mais. Não ha talvez exemplo de tratado que não tenha pelo menos revelado choques de susceptibilidades individuaes, sintese personificada das nacionalidades, entre vencedores e vencidos.

No primeiro congresso de Rastadt, que pôz momentaneamente termo á guerra entre a França e a Austria, era plenipotenciario francez o marechal de Villars e a côrte de Viena confiára o encargo de defrontar-se com o arguto estadista o principe Eugenio que devia estabelecer com precisão: «a Austria não pedia a paz, mas não se recusaria a examinar os oferecimentos que a França lhe fizesse».

Por mais duma vez as negociações estiveram para naufragar, especialmente pelas exigencias de Luiz XIV; mas, por fim, os acordos fizeram-se.

Entretanto—diz um historiador—uma dificuldade protocolar esteve para fazer ir todas as combinações pelos ares. Villars estava na cidadela de Bruck, quando foi informado de que o texto do tratado concedia ao plenipotenciario austriaco, na qualidade de principe da casa reinante, o titulo de «Altissimus», ao passo que o marechal francez tinha de contentar-se com uma qualificação menos altisonante. Villars declarou que um marechal de França, duque e par do reino, valia tanto como um principe estrangeiro, e que se a mais leve diferença fôsse estabelecida entre ambos, tudo ficaria desfeito. O principe advertido do grave caso por um correio especial, apressou-se em remover a dificuldade aceitando de bom grado a mais completa egualdade.

Quem poderá indagar em toda a sua profundeza os tormentos de impotencia que se ocultam no coração multiforme dum povo ou na alma fechada dum soberano, vencido, constrangido a suportar as condições do vencedor? A rebelião é sem duvida instinctiva e mais forte que todas as vontades. Quando, a 12 de abril de 1814 os aliados ocuparam Paris e em Fontainebleau foi consignado o tratado de paz a Napoleão, este recusou-se a assinal-o e durante todo o dia se mostrou inamovivel. A' noite retirou-se com uma sinistra decisão na grande sombra do rosto. No dia seguinte, de manhã, livido e descomposto, com os membros como que contrahidos por um feroz espasmo fisico, disse para o marechal Macdonald:—«A morte não me requer».

E, tremendo, assinou o tratado que lhe arrancava o trono e condenava ao exilio.

Que sucedera durante essa noite tormentosa? Nunca ninguem o soube. Talvez o imaginassem aqueles que sabiam que o imperador, depois da campanha da Russia, trazia sempre comsigo um veneno preparado por Cabanis.

Alguns mezes depois abria-se o congresso de Viena, que durou de setembro de 1814 a junho de 1815, ao qual compareceram duzentos e dezeseis chefes de missões diplomaticas. Como se vê o actual convenio de Versailles tem em numero, um digno irmão historico. As festas sucederam-se com uma fecundidade fantastica, não desdenhando os soberanos de confundir-se nelas com os respectivos plenipotenciarios. Era uma sequencia alegre de concertos, de bailes de côrte, de diversões de todos os generos. A's pessoas graves e impacientes que lhe perguntavam: «Então, vae por deante o congresso?» —O principe de Ligne respondia:

—De que vos queixaes? Se o congresso não fôr ávante, dança-se!

E o exemplo era seguido pelo proprio principe de Metternich, que perdia o seu tempo com optimas companhias.

Um dia Bismarck entrou num peleiro de Berlin, e perguntou o preço de uma magnifica pelissa.

—Quatro mil francos respondeu-lhe o comerciante.

—Dou dois mil e oitocentos, voltou-lhe o chanceler de ferro.

—Vossa Alteza está a brincar.

—Eu nunca brinco com negocios.

Vinte anos depois Bismarck contava a anedota em palestra de amigos, para concluir que do mesmo modo tinha procedido para regular o tratado de Francfort. A sua brutalidade só era superada pela sua astucia.

Para ele os tratados de paz não tinham outras formulas se não as

impostas pelo vencedor, segundo o modo de vêr deste cavalheiresco ou desapiedado. E, para não deixar duvidas a este respeito, comprazia-se em dizer, recordando o salto que Napoleão III tinha dado ao ter conhecimento das formidaveis exigencias da Alemanha:

—Os francezes acreditavam na nossa generosidade!.

Nas negociações de paz cada palavra tem um valor que ultrapassa aquele que, ainda os mais rigorosos, costumam dar-lhe. Em uma das passadas convenções internacionaes era necessario fazer alusão a um entendimento concluido anteriormente entre a França e determinada potencia. Era preciso encontrar uma palavra franceza—visto que esta lingua tem sido quasi sempre o instrumento oficial que serve para redigir os tratados—que correspondesse ao espirito preciso desse entendimento.

Foram apresentados os termos «entente», «traité», «accord», «convention»... Perderam-se dias inteiros em discussões vãs, expediram-se e receberam-se inumeros telegramas, e, finalmente, decorridos quinze laboriosissimos dias, os acordos fixaram a palavra «arrangement», que satisfazia as diplomacias em contraste.

A paz de Versailles interrompeu uma tradição que preceituava que os tratados fossem assinados com uma pena de pato. Uma pequena infracção lhe fôra já feita em 30 de março de 1856 por Feuillet de Couches, chefe do protocolo francez, na assinatura do tratado de Paris, que pôz fim á guerra da Criméa.

Pareceu ao egregio funcionario que o pato não seria um volatil bastante digno de servir em tão solene acto. Por esse motivo mandou ao Jardim das Plantas arrancar uma pena das azas da aguia real que ali existia, operação nada facil. Os guardas tiveram que encerrar a agu'a dentro duma rede e o audaz que lh'a arrancou sahiu ferido da lucta com a rainha das aves.

Os joalheiros da corôa ornaram a magnifica pena com as mais preciosas gemmas e um tinteiro de bronze, que custou 11.000 francos, a acolheu dignamente.

Assim, a diplomacia imperial teve, graças ao protocolo, o seu digno instrumento historico.

Instrucção Militar Preparatoria

SOCIEDADE N.º 1 — Por ordem do ministerio da guerra e com autorisação do ministro do interior, a instrução desta sociedade recomeça ámanhã, domingo, ás 9 horas precisas, sendo agora ministrada nas paradas do quartel do batalhão n.º 2 da G. N. R., castelo de S. Jorge, continuando como director da instrução o coronel sr. Miguel Garcia.

Têm de apresentar-se ali, devidamente uniformisados, todos os antigos e novos alistados desta corporação, e hoje á noite, na séde da Sociedade, rua da Graça, 31 e 33, para receberem diversos esclarecimentos. A falta de pontualidade constitue tambem infracção disciplinar.

A inscrição continua aberta todas as noites, na referida séde.

SOCIEDADE N.º 2 — Avisam-se todos os alistados desta sociedade que teem de comparecer na parada do quartel onde antigamente faziam instrução (Deposito de adidos da guarnição de Lisboa) ámanhã, domingo, pelas 9 horas, e que as faltas não justificadas serão punidas como manda a lei.

Na séde da sociedade, rua do Guarda Mór, 39, fornecem-se propostas para novos socios da 1.ª secção que deverão ser todos os mancebos que completarem 16 a 19 anos até 31 de dezembro de 1919, e socios da 2.ª secção, que podem ser todos os individuos que desejarem coadjuvar esta instituição considerada por lei legal, patriota e benemerita.

BANCOS E COMPANHIAS

COMPANHIA AGRICOLA DA BELA VISTA—Reune no proximo dia 15, pelas 14 horas, a assembleia geral, para apresentação do balanço e contas e votação do relatorio da direcção e parecer do conselho fiscal. Os lucros no exercicio de 1918-1919 foram na importancia de 88.428$11,5.

VIDA SPORTIVA

O «box» em Portugal!

O combate entre Ruy da Cunha e Silva Ruivo foi declarado «match» nulo

Os mais conhecidos amadores de sport e o mundo elegante que aprecia os torneios atleticos, animaram ante-ontem a festa de «box» que se efectuou no Estoril. A concorrencia foi enorme, compensando desta forma os bons desejos do bi-semanario «Os Sports» que se aventurou na organisação do combate.

O «ring» foi armado a meio da sala do Casino Internacional. Constituiu-se um juri com os srs. Wahnow, distinto amador chegado ha pouco da America e jornalistas sportivos Nogareda, hespanhol, e Mario Sant'Ana. Serviu de arbitro o jornalista e «sportsman» Pinto d'Almeida.

O combate teve dois aspectos, o da propaganda e o tecnico. Serviu para demonstrar o valor dos combatentes. O publico ficou sabendo que Ruivo é um excelente «fighter», animoso, rapido e conhecedor, mas que não possue «punch» que desequilibre Ruy da Cunha, todo musculos e agora numa «fórma» admiravel em relação á sua resistencia fisica.

Ruivo calculou mal o ataque. Desperdiçou muita energia e bastante combatividade, nos primeiros «rounds», atacando constantemente o adversario, que se limitou a uma cautelosa defeza, «encaixando», sem mostras de dôr, os socos que Ruivo dava, muito embora esses socos lhe produzissem multiplas equimoses e o rasgamento de pele na região axilar.

O combate havia de terminar pela vitoria de Ruy da Cunha se fosse além dos 10 «rounds». Estava mais «fresco» e resistente. Foi talvez por verificar essa circumstancia e pelas vantagens alcançadas nos 8.º e 9.º «rounds» que o arbitro deu o «match» como nulo,—factos que o publico, em grande maioria, não quiz ver, gritando que a vitoria devia pertencer a Ruivo porque dominou o ataque dos cinco primeiros «rounds».

Mas... o caso é que o «match» despertou interesse. E era isso que preocupava «Os Sports» na sua propaganda.

Stadium de Lisboa

Para as provas de ámanhã estão inscritos:

Bicicletes, amadores—João Ferreira, Hilario Gomes Pereira, Manuel Bento, João Porfirio Correia, Alfredo Piedade, Antonio Cristiano, José Matos Figueiredo e Carlos Branco.

Motos, amadores—José Martins, Venancio Pereira e Carlos Fernandes.

Motos, fortes—Arido de Albuquerque, Couto Junior e Manuel das Neves.

Motos com «side-cars» — José Martins, Jaime Marceneiro, Constantino Mouton Osorio e Jaime Farinha Pereira.

Campeonato de desportôs atleticos

Reuniram na quarta-feira os delegados dos clubs que concorrem a este campeonato: Ginasio Club Portuguez, Grupo Sport Cruz Quebrada, Lisboa Ginasio Club e Sport Lisboa e Benfica, resolvendo marcar definitivamente as datas de 9 e 16 de novembro para realisação das provas, e prorogar o praso da inscrição até ao dia 5, a fim de se obter o concurso das restantes colectividades desportivas que não responderam ao apêlo que lhe foi feito.

Assim, certamente este certamen virá despertar um maior interesse no nosso meio, fazendo reunir os nossos melhores atletas numa boa preparação para a proxima olimpiada.

Na séde do S. L. B. reunem na noute de quarta-feira, 5, os representantes dos clubs inscriptos ou que desejem inscrever-se, e far-se-ha o sorteio.

Carta topgrafica de Portugal

Estão publicadas pela direcção geral dos trabalhos geodesicos mais duas folhas da carta de Portugal, a n.º 11 c e 11 d (Coimbra e Cantanhede), na escala de 1/50.000, impressas a 5 côres.

Caminhos de ferro do Sul e Sueste

Fica sem efeito, segundo o aviso afixado na direcção dos caminhos de ferro do Sul e Sueste, o concurso que se devia realisar no dia 27 de novembro para arrematação da empreitada de fornecimento e montagem de um taboleiro metalico de 6,5 de vão para a passagem inferior ao perfil 687', da 1.ª secção da linha do Sado.

PROBLEMA VITAL

A remodelação da lei do inquilinato

Antes de se tratar da parte que diz respeito ao inquilinato comercial

O assunto é inexgotavel, porque póde ser encarado sob multiplos e diversos aspectos. Com ele se prende, embora se pretenda dizer o contrario, a construcção de novas habitações.

Na sequencia das considerações que sobre inquilinos e senhorios temos vindo dando e antes de tratar do problema sob outro aspecto, vamos expôr o que nos declarou hoje quem nos tem vindo informando dia a dia.

—Dêmos uma especie de balanço, vá lá o termo, ás nossas palestras, que outro intuito não teem tido da minha parte senão o de concorrer para o esclarecimento completo de uma questão que tão debatida tem sido e que apaixona a opinião publica, o que, de resto, é bem compreensivel.

«A falta de habitações em Lisboa atingiu uma acuidade cuja resolução se não póde protelar. Urge que providencias sejam tomadas. Lá fóra os governos preocupam-se deveras com o problema e tratam de obviar aos inconvenientes que advêem, e que escusado é enunciar, de parte da população duma grande cidade não ter casa para habitar. Em Lisboa, por ora, ninguem pensou n'isso, a valer. Só no que se pensa é em proibir, por todos os meios possiveis, que as rendas aumentem. E' esse o unico remedio, no entender de muita gente, capaz de salvar a situação.

«O que vêmos, porém? E' que é o proprio inquilino que especula torpemente com a falta que se nota. E como o senhorio, pela lei Granjo, não manda no que é seu, faz aquele o que muito bem quer e entende. Creio que são concludentes os exemplos que lhe citei, e o de hontem, então, lança sobre o caso uma luz que não é preciso pôr mais em evidencia.

«Tudo tem aumentado: mão d'obra, custo de materiaes, contribuições, tudo, n'uma palavra. Só a renda das casas é que deve ficar estacionaria. Não se compreende muito bem porque, diga-se a puridade, mas é assim mesmo.

«Tambem já falámos no esforço, no trabalho, nas privações mesmo que muitas vezes representam a acquisição dum predio, porque nem todos os senhorios nascem ricos ou receberam o que teem por herança. Para muitos a posse duma pequena propriedade representa largos anos de um trabalho aturado e de grandes e muitos sacrificios. Não tenha duvidas a tal respeito.

—Sabe o que se tem dito a proposito, não é verdade?

—Sei, sim, mas póde afirmar a quem nos leia que não se trata de uma campanha tendente a conseguir fins inconfessaveis. Não. O que pretendemos, unica e simplesmente, é que a lei do inquilinato seja remodelada em bases justas e equitativas. Garantias para os inquilinos, mas garantias tambem para o senhorio.

«Como ha de alguem empregar o seu capital em construir predios, se sabe que uma lei lhe vem proibir hoje, ámanhã, d'aqui a um mez ou dois, é isso indiferente para o caso, que possa livremente dispôr do que é seu, que possa mandar no que tanto lhe custou a ganhar?

«Ponha-se o problema nas devidas condições e vêr-se-ha que temos razão.

«Mas basta de considerações. A'manhã trataremos de estudar a questão sob aspecto diferente d'aquele por que até agora o temos encarado. Falaremos do inquilinato comercial.

Levantando-se e estendendo-nos a mão:

—Olhe que ha muito a dizer sob esse ponto de vista. Até ámanhã, pois.

A. C.

Salão Central

Compõe-se o espectaculo desta noite de tres «films» de enormissimo sucesso:—«Outono do amor», em 4 actos; «Princeza de Bagdad», em 7 actos, e «O atentado», em 6 actos. Um espectaculo em cheio, como se costuma dizer, da mais completa novidade e muito ao sabor do nosso publico.

No «Outono do amor» ha muito a ver e a admirar no trabalho colossal de Dioniza Jacobini, actriz de excepcionaes qualidades, por quem o publico tem verdadeira admiração, e não menos interessante é a sua gentil colaboradora, a graciosa bailarina e coupletista Bela Otero, que pela primeira vez se apresenta á luz mortiça do écran, com todos os fulgores da sua grande beleza, da sua arte arrebatadora e opulenta exibição das suas joias.

Na «Princeza Bagdad», em 7 actos, é a deliciosa Hesperia a mesma artista de sempre, ora empolgando-nos e fazendo-nos sentir as suas amarguras, ora alegrando-nos, quando a luz dos seus divinos olhos nos fixa...

Como se vê, o programa é deveras tentador, para que não fique hoje no Central um unico logar vago.

A'manhã, domingo, uma interessante «matinée», de cujo programa fazem parte os «films» acima indicados, e sendo tambem exibida «As espertezas de Panchito», fita comica num acto.

TOURADAS

ALGES—Quem não sabe o que é enchocalhação de gado bravo tem, ámanhã, dia 2, ensejo de apreciar esse animado e interessante trabalho, pois que ele faz parte do espectaculo que a empreza organisou e que será definitivamente o ultimo da temporada. Antes da enchocalhação, a qual durará até ao anoitecer, serão lidadas varias rezes por amadores dos mais decididos e pelos intervaleiros.

O espectaculo é dedicado ás creanças das escolas da Camara e das juntas de paroquia e aos alunos da Casa Pia. Todos terão entrada, desde que se apresentem acompanhados pelos seus prefeitos ou monitores.

Ultimas do «Pé de meia»

A'manhã é a penultima representação e o ultimo domingo da celebre revista «O pé de meia», que está dando as ultimas recitas para depois reaparecer na sua segunda fase, completamente remodelada e com um acto novo e duas novas apoteoses, uma de engraçada charge, belo trabalho de Mergulhão, e outra de deslumbrante efeito, primorosa obra de Luiz Salvador.

Na segunda-feira é definitivamente a ultima representação da primeira fase do famoso trabalho do Eduardo Schwalbach em recita extraordinaria da moda, para a qual já estão tomados muitos camarotes e logares de balcão pelas principaes familias da nossa sociedade, que nessa noite darão ponto de reunião elegante no teatro São Luiz.

APREENSÕES

O sono dos justos

Sr. director da «Capital».—Tendo vindo publicada no numero de 14 de outubro do seu muito conceituado jornal e sob a epigrafe «Sono dos Justos», uma carta do agente da fiscalisação Ido Ferreira, em que este se refere a uma apreensão de 15 sacas de batata, feita no meu escritorio, cumpre-me vir esclarecer o caso, afim de desfazer a má impressão que tal carta poderia ter causado no animo daqueles que o desconheçam.

O fim do referido zeloso fiscal é chamar a atenção do publico para o assunto com o unico e exclusivo proposito de me vexar, porquanto esse senhor sabe bem que as 15 sacas de batata me não pertenciam e que se encontravam guardadas no meu escritorio para onde tinham entrado na vespera da apreensão, unica e simplesmente por mero favor que inadvertidamente prestei á pessoa que m'o solicitou.

Não é verdadeira a acusação que me é feita de que eu tinha a batata sonegada, pois que ela entrou em pleno dia para o meu escritorio, chamando-se homens ao acaso para a sua condução e portanto sem proposito algum de encobrir a sua entrada.

Sobre a pressa que o referido fiscal tem em que o caso seja julgado, queixando-se de que o processo dorme ha seis mezes na gaveta do sr. juiz, devo dizer, em abono do criterio do mesmo fiscal, que estando marcado o julgamento para o dia 24 de outubro foram ele e outro seu colega as unicas pessoas que faltaram á chamada, ficando por esse motivo adiado o julgamento para o dia 20 do corrente mez de novembro, não podendo esses senhores alegar falta de intimação, pois que o sr. Juiz declarou perentoriamente no tribunal que as intimações se faziam sempre, mas que os fiscaes é que nunca compareciam.

Já vê, pois, sr. director, que o zêlo do mencionado fiscal apenas se patenteia na prosa da carta que V. publicou, certamente por desconhecer o caso; porém, quando chamado a depôr no tribunal; esse zêlo não se manifesta, certamente por entender que não basta já o vexame a que me tem sujeitado.

Desculpe-me, sr. director, o tempo que lhe tomo com esta carta e desde já me confesso muito grato pela sua inserção no seu apreciado jornal.—De v., etc.—João Antonio Balançuela.

Atheneu Comercial do Porto

No seu 50.º aniversario

A direcção desta prospera e util associação, que acaba de completar 50 anos de existencia, fez-nos a galanteria de brindar-nos com um exemplar do que chamaremos o seu livro de ouro, visto que insere toda a historia do Ateneu, desde o modesto inicio que teve até á actualidade em que póde considerar-se de um monumento de trabalho e de persistencia.

Presta-se nesse livro, magnificamente coligido e primorosamente impresso, homenagem aos fundadores e benemeritos da Sociedade Nova Euterpe, origem do Ateneu Comercial do Porto, e historia-se pormenorisadamente os progressos operados durante o meio seculo que acaba de correr, pelos encarregados da gerencia da prestante colectividade.

Todo o escripto é acompanhado de fotogravuras reproduzindo retratos de socios, as salas do edificio, «fac-similes» de documentos importantes, mapas e curiosos dados de estatistica, cuja simples enunciação define os progressos que assinala de ano para ano o Ateneu Comercial do Porto.

A edição comemorativa a quê nos referimos foi impressa na «Universal» do Porto.

Vencimentos dos oficiaes reformados

Uma desegualdade que deve deixar de existir

Sr. redactor.—O assunto, enunciado na epigrafe, tem sido por vezes versado na «Capital», que sempre, e muito amavelmente, se tem feito eco das queixas dos reformados pelas antigas leis, cujos proventos são insuficientes para fazer face ao custo da vida.

Os reformados, como oficiaes que á Patria deram os melhores anos da sua vida, sofreriam resignados a miseria, se não vissem camaradas reformados por uma nova lei, menos graduados e com menos anos de serviço, com pensões muito superiores ás que auferem.

Ha oficiaes superiores a quem o Estado paga mensalmente uma centena de escudos, emquanto a um capitão ou 1.º tenente concede 175 escudos.

Ha oficiaes de egual patente, tendo um menos cerca de 10 anos que o outro e tambem menos uns nove anos de serviço colonial, que percebem vencimentos diferentes, sendo para notar que o que embolsa mais é precisamente o que menos serviço nas colonias tem.

Por agora não citarei factos concretos, porquanto esta tem por meta felicitar os oficiaes reformados e na reserva que, alfim, se resolveram a expôr ao governo a sua situação, patentear-lhe as anomalias que resultam das varias tarifas de reforma e solicitarem se lhes faça justiça, a que, evidentemente, teem jus.

Conta-se até, o que de momento não posso verificar mas que me não repugna aceitar, que um medico ha que particularmente pediu para ser considerado cabo de cornetas ou sargento a fim dos seus proventos de reformado serem melhorados nalguns escudos.

Não póde o governo ignorar taes factos, mas a nada se tem movido, talvez pelos interessados se calarem por disciplina e tambem porque sendo poucos, e parte vivendo na provincia, não podem com facilidade reunir e combinar a maneira de obterem justiça.

O momento, porém, chegou; e chegou porque as dificuldades da vida sobem pavorosamente, até por motivo de algumas leis fiscaes do Estado, e por que é necessario apagar o escandalo de um oficial superior, porventura até general, ver a mulher ou as filhas cozinharem-lhe o pouco adubado alimento, sabendo que um camarada de mezes, porque passou á inactividade logo que promovido a oficial, tem creada que lhe prepara os modestos mas saborosos jantares.

O Estado tem a obrigação moral de amenisar os ultimos anos de aqueles que o serviram e no serviço adquiriram os achaques que justificou a sua passagem aos quadros inactivos; portanto, e porque todos serviram com o mesmo zelo e com o mesmo vibrante patriotismo, não póde acarinhar uns como filhos predilectos e repudiar outros como enteados aborrecidos; não deve, porque seria repugnante, livrar de torturas ou de dificuldades materiaes uns e permitir que outros se afoguem num mar de dôres e de miserias.

Agradecendo a inserção desta, creia-me, sr. redactor, de v. etc.—Armando Odone Pereira Bramão, capitão de fragata da administração naval.

MANIFESTAÇÃO FUNEBRE

promovida pelo Lusitano Club

A direcção do Lusitano Club e uma comissão de socios organisam uma manifestação á memoria do falecido socio fundador e director dessa colectividade, sr. Francisco Carlos da Costa. O cortejo sae, ámanhã, ás 14 horas, da séde do Club, rua de S. João da Praça, 81, em direcção á campa do saudoso extincto, no cemiterio do Alto de S. João.

A's 11 horas, comemorando o 1.º aniversario da sua morte, será distribuido um bôdo a 100 pobres da freguezia da Sé. Para esse bôdo, teve a direcção do Club a gentileza de nos enviar tres bilhetes, para serem distribuidos pelos pobres nossos protegidos, em nome dos quaes agradecemos.

Publicações recebidas

CAMARA PORTUGUEZA DE S. PAULO.—Recebemos e agradecemos o boletim desta Camara referente a agosto findo. Entre os artigos e informações varias que traz, destaca-se a conferencia que sobre Aljubarrota fez o sr. dr. Eduardo Monteiro no festival organisado pelo Centro Republicano Portuguez para comemorar essa data nacional.

Alvitres e reclamações

Subsidio que não é pago

Os «chauffeurs» pertencentes a infantaria 1 e que estiveram no C. E. P., em França, queixam-se-nos de que ainda lhes não foi pago o subsidio especial da carestia da vida, autorisado por decreto de 1 de abril de 1918.

Apezar de licenceados e duma circular do ministerio da guerra mandando que esse pagamento se efectue, quando vão a infantaria 1 pedir que lhes satisfaçam respondem-lhes que primeiro é preciso que o ministerio envie dinheiro para que o pagamento se faça.

Ao sr. ministro da guerra expômos o caso, para que providencias sejam dadas.

Ultima hora

A liquidação de responsabilidades

No tribunal militar especial

No tribunal militar especial respondeu hoje o 2.º sargento de cavalaria Francisco André de Oliveira, acusado de em janeiro ultimo ter ido com o seu regimento para Monsanto.

Tambem devia responder o 2.º sargento de artilharia de posição Tomaz Lopes Bexiga, mas, tendo adoecido, foi adiado o julgamento.

A defeza foi confiada ao sr. coronel Jorge Maia, defensor oficioso.

Lidas as principaes peças do libelo e apresentada a contestação, o acusado declarou ter ido para Monsanto sem saber se o movimento era monarquico. Esteve ali sem combater, por lhe repugnar bater-se contra as forças fieis ao regimen.

Instado por um vogal para dizer se era republicano ou monarquico, declarou não ter politica.

Em seguida foram inquiridas as testemunhas. Das duas de acusação, compareceu o soldado de cavalaria 4 Domingos Martins Giesta, sendo lido o depoimento da que faltou.

As de defeza, os soldados do mesmo regimento, José Rodrigues Cordeiro, Luiz Martins Torres e Alvaro Canhão, disseram que não viram o reu fazer fogo.

Os debates foram breves. O reu foi condenado em 5 mezes de prisão correccional, levando-se-lhe em conta o tempo de prisão já sofrida, pelo que foi restituido á liberdade.

Na proxima terça-feira são julgados os srs. Antonio Alves Teixeira Lorga, alferes de infantaria 23, e Manuel Jacinto, civil.

Até ante-hontem foram julgados 186 processos, com 270 acusados, dos quaes 93 foram absolvidos e 177 condenados.

O caso da "leva da morte"

A comissão de inquerito á policia tem nos ultimos dias activado bastante os seus trabalhos, que conta dar por concluidos dentro de 15 dias.

E' elevado o numero de individuos a quem cabem responsabilidades no caso da «Leva da Morte».

Assim que tiver o seu relatorio completo, a comissão fará entrega dele ao chefe do governo.

Um pretenso atentado

A coupletista Conchita Ulia, que pretende ter sido vitima de qualquer «rato de hotel», conforme referem os jornaes da manhã, foi hoje ouvida no seu quarto do hotel Metropole por um agente da 1.ª secção da policia de investigação.

Ao que se diz, Conchita estava sonhando, sendo, portanto, inverosimil tudo quanto hontem contou aos «reporters». A não ser que se trate de um reclame á americana.

O pessoal dos electricos

Reune hoje á noite para deliberar se ámanhã trabalhará ou não

Na sua ultima reunião o pessoal dos electricos resolveu não trabalhar aos domingos, emquanto a direcção não lhes pagasse esses dias a dobrar, em conformidade com a lei do novo horario de trabalho.

Por sua parte, a direcção da Companhia estudou o caso e resolveu, como não podia deixar de o fazer, cumprir o novo regulamento de trabalho e pagar portanto em duplicado ao seu pessoal as horas de serviço extraordinario dos domingos. Dada a resolução da Camara Municipal de não permitir o aumento das tarifas, é de esperar que sem prejuizo para a população da cidade se consiga por outros meios melhorar os serviços e sobretudo a situação do pessoal, estando a referida direcção empenhada em satisfazer-lhe as reclamações. O pessoal reune hoje, pelas 21 horas, na séde da sua associação, a fim de se assentar no caminho a seguir, sendo quasi certo que os electricos trabalharão ámanhã.

UMA VERGONHA

O louco que falece subitamente

O cadaver permanece, durante horas, em plena rua, sem se tomarem imediatas providencias

Quando esta tarde passava pela rua Serpa Pinto, acompanhado de um seu irmão, cahiu com uma syncope Manuel Antonio Gaspar, carpinteiro, morador na travessa do Conde de Soure, 13-A, o qual falecia momentos depois. O desgraçado havia enlouquecido devido ao abuso do alcool e hoje seu irmão andou em bolandas de casa para o hospital de S. José, d'aqui para o de Rilhafoles e por ultimo para a policia administrativa para vêr se dava destino ao pobre louco, mas baldadamente.

O caso do falecimento é uma ocorrencia vulgar, pois mais ou menos se regista diariamente uma morte subita. O que, porém, merece reparos é que a dois passos do governo civil se tivesse permitido que o cadaver estivesse em exposição durante longas horas, atraindo ao largo de S. Carlos uma multidão enorme de curiosos, que faziam comentarios mais que justificados.

Já o facto de um pobre louco ter de andar em bolandas é censuravel. Do espectaculo que a vista dum cadaver produz numa rua, durante horas e horas, nem bom é falar. E' positivamente uma vergonha e urgente se torna tomar providencias.

POEIRA DA ARCADA

Escolas primarias superiores

Foi dada a denominação de João de Deus á 4.ª escola primaria superior de Lisboa.

Sanidade interna

Na semana finda deram-se em Lisboa 13 casos de difteria, 10 de febre tifoide, 3 de meningite, 1 de sarampo e 10 de variola.

No Porto, em egual periodo, houve 1 caso de difteria, 1 de febre tifoide, 12 de tuberculose e 1 de tifo exantematico.

NOTICIAS DA CAPITAL

Malas postaes

A'manhã seguem pelo «Niger» malas postaes para os portos da Bahia, Rio de Janeiro, Montevideu e Buenos Aires, sendo ás 11 horas a ultima abertura da caixa geral, e depois de ámanhã leva correio para a Madeira e Africa Ocidental e Oriental o «Zaire», sendo ás 13 horas a ultima tiragem.

Preso que tenta suicidar-se

Quando Joaquim Ferreira da Conceição, de 26 anos, escriturario dos Transportes Maritimos, morador no largo da Anunciada, 9, 4.º, seguia esta tarde para o governo civil, acompanhado do agente Pereira dos Santos, a fim de prestar declarações, na rua Ivens entrou de subito para uma escada e deu um tiro num ouvido. Recolheu a uma das enfermarias do hospital de S. José, em estado pouco satisfatorio.

Os suicidas

Foi conduzido ao Banco do hospital de S. José o farmaceutico João Graciliano Vieira Guimarães, de 22 anos, solteiro, empregado em uma farmacia na rua da Bica dos Anjos e residente na calçada de Agostinho Carvalho, Vila Julia, 2, que se suicidou por meio de envenenamento, ignorando-se os motivos que o levaram a tal desespero. O cadaver deu entrada na Morgue.

A roubalheira diaria

João Rodrigues, morador na rua dos Douradores, 216, queixou-se de que Rita da Conceição, residente na rua de S. João da Praça, 32, 1.º, lhe furtou objectos no valor de 61$50.

Feto abandonado

Na Morgue deu entrada um feto que foi encontrado embrulhado em jornaes na rua Pedro Dias.

Vapor "Congo"

A Agencia Havas distribuiu esta tarde a seguinte nota:

«Assinado pela «tripulação» a agencia Havas recebeu o telegrama abaixo, que publica com todas as reservas:

LONDRES, 30, ás 12,10.—Vapor «Congo» arrestado. Providencias».

O «Congo» está sob a administração dos Transportes Maritimos. Tratando de averiguar o que se passava, soubemos que a nota da Havas não póde dar logar a receios ou sobresaltos, pois que a noticia do arresto não tem razão de ser.

Quando da guerra, o «Congo» abalroou no Mediterraneo com um navio que fazia parte dum comboio, sem que da parte do navio portuguez houvesse culpa. O oficial comandante do comboio levantou o auto, como da praxe, e a questão está-se agora derimindo nos tribunaes inglezes.

Morto a tiro

Em automovel da Cruz Vermelha, chegou pelas 17 horas, ao hospital de S. José, vindo do Bombarral, o trabalhador José Francisco Maria, de 23 anos, solteiro, residente na Azambujeira dos Carros e que ali foi morto a tiro pelo seu companheiro Francisco Rôto, com quem andava de rixa. No hospital foi o obito verificado pelo medico de serviço ao banco, sendo o cadaver removido para a Morgue.

Administração do primeiro cemiterio

AVISO

Em harmonia com o pedido da actual proprietaria do jazigo n.º 2.565, são prevenidos os interessados que findo o prazo de trinta dias, contados da presente data, serão retirados do mencionado jazigo os finados que ali se acham depositados com os nomes de: Antonio Pedro Pinto, chapa 5.792, em 1 de Setembro de 1892; Carlos Alberto Cazaniga, chapa 980, em 3 de Janeiro de 1893; Guilhermina Adelaide de Melo Lorena Cazaniga, chapa 10.084, em 4 de Dezembro de 1902; Agueda Dias Billar, chapa 3.218, em 20 de Agosto de 1903; Adelaide Maria Emilia Rodrigues Vidal, chapa 13.133, em 15 de Maio de 1909.

Lisboa, 1 de Novembro de 1919.

O administrador

J. A. Silvestre

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

3363 — 10.° Anno | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães | Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.°

LISBOA—Domingo, 2 de Novembro de 1919

Telephone n.° 2298 — Endereço teleg. CAPITAL | Officina de impressão — 71, Rua da Bica, 71 | Preço 2 centavos

A lei das 8 horas

Está em execução a lei das 8 horas de trabalho. Ou, para melhor dizer, está em experiencia. Durante seis mezes, tanto patrões como empregados e operarios poderão verificar quaes são as vantagens ou desvantagens que dela resultem.

Afigura-se-nos que ninguem terá outro interesse que não seja o de fazer com todo o rigor e lealdade essa experiencia. Porque a lei, tal como se encontra expressa entre nós, contem disposições de varia natureza que são, umas, altamente prejudiciaes para o patronato, e outras não menos prejudiciaes para os empregados.

Entre êstes, e especialmente entre os operarios, não faltam os que reputam algumas das disposições da lei das 8 horas de trabalho como uma restrição da liberdade individual, visto que os agrilhoa a obrigações que não pensavam jámais que lhes poderiam ser impostas, limitando-se a esfera da sua acção de uma maneira que não consideram justificavel nem admissivel.

Vamos, porém, a fazer a experiencia da lei das 8 horas. Não ha nada como realisar. Desde que o que foi teoria se patenteia na pratica, as ultimas duvidas ou objecções teem de desaparecer. Todos poderão dizer se realmente tinham razão os preconisadores do regimen das 8 horas, ou se realmente tinham razão os seus contraditores.

A lei das 8 horas de trabalho leva a consequencias que cumpre examinar com atenção. Uma delas tem merecido esse estudo na Italia, e é de esperar que não deixe de ser encarada com ponderação e firmeza pelos outros paizes.

Trata-se de saber, sob um ponto de vista de moral e de higiene social, em que aproveitará o operario o longo tempo de descanso que a lei lhe faculta. Tendo 8 horas de trabalho, destinando 7 para o sono, restam 9 horas durante as quaes será interessante saber em que o operario se entreterá.

A grande maioria dos sociologos e higienistas italianos não nutre ilusões. No seu entender, para as classes operarias propensas ás bebidas alcoolicas, as horas de ocio que passam a disfrutar, com a nova lei, serão um incentivo a mais para frequentarem as tabernas, sem consideração alguma para com as suas familias, as quaes, longe de verem melhoradas as suas condições economicas com a diminuição das horas de trabalho, terão de padecer por essa forma as incalculaveis resultantes que trazem, agregadas, entre si, a desmedida propensão para a bebida, e a assiduidade nas tabernas. Assim o refere um correspondente da Italia para um nosso colega da manhã.

Aqui ninguem se preocupa com isso, e aqui ainda ha muito menos recreios para o operario, depois do seu serviço diario. Tirando os teatros e animatografos, não ha nenhuma especie de distracção, ao mesmo tempo agradavel e salutar. Os centros são todos ou quasi todos politicos, refervendo em paixões atrabiliarias e infrenes; não ha clubs, não ha exposições, não ha conferencias, não ha escolas, não ha muzeus patentes durante a noite. O nosso operario, como a maioria dos operarios italianos, vae ter inevitavelmente á taberna.

Todas as leis devem ter, como norma superior, um intuito de morigeração social. Aquelas que em vez de morigerar possam degradar, devem ser estudadas, sobretudo na sua aplicação. A par das desvantagens economicas que a lei nos traz, tambem nos pode acarretar desvantagens moraes. Que a experiencia que vae fazer-se seja seguida com atenção, porque a ela estão ligados os mais importantes interesses da sociedade portugueza.

A pneumonica e o tifo

Na sessão da camara municipal, o sr. Alberto Tota referiu-se á falta de providencias contra o alastramento das epidemias do tifo e da gripe pneumonica. Alguem declarou que a camara não tomára nunca providencias, nem lhe pertencia tomal-as.

Pois se o ministerio do interior as não toma, se a delegação de saude se não importa com isso e quando acorda é já tarde, se a camara municipal por seu lado se não importa com o assunto, quem é que ha de dar providencias, perguntamos nós?

Cremos que mais vale prevenir do que remediar e, portanto, acorde-se a tempo do doce sono em que se está mergulhado. O exemplo do ano passado é bem terrivel e deixou de si bem triste memoria, para que se não faça caso dele.

O CONTO DE DOMINGO

A gréve geral

Peça em um acto... de justiça em scena na Boa-Hora a 23 de julho.

O JUIZ—Mande entrar os «grévistas».

José Canuto, ferrador em Vila Fresca de Xita, entra em passo incerto; blusa azul de ganga, nariz vermelho da «pinga».

CANUTO—Presente.

O JUIZ—Mandem entrar os outros.

O OFICIAL—Mas... não ha mais...

O JUIZ—Não ha mais? Onde estão os seus camaradas?

CANUTO—Os meus camaradas, sou eu.

O JUIZ—Pergunto onde estão os outros grévistas?

CANUTO—Os outros grévistas sou eu tambem.

O JUIZ—Não me faço perceber. Pergunto onde estão os seus acolitos?

CANUTO—Os alcolicos, sou eu; mas não vele vir p'rá'qui insultar a familia...

O JUIZ—Bem... mandem entrar o patrão.

CANUTO—O patrão... sou eu.

O JUIZ—Tambem?

CANUTO—Sim, senhor.

O JUIZ—Não compreendo nada.

CANUTO—Disso é «queu» não tenho culpas. Mas sempre quero explicar o caso. Os operarios ferradores de Vila Fresca puzeram-se «todos» em gréve!

O JUIZ—Todos?

CANUTO—Todos.

O JUIZ—Mas onde estão esses «todos»?

CANUTO—Esses todos sou eu... porque não ha mais... sou eu o unico ferrador que sirvo a população de Vila Fresca de Xita...

O JUIZ—Então diga-me: onde está o patrão? Está aqui uma queixa dele contra vocemecê... Onde está ele?

CANUTO—Essa é boa! Está aqui!

O JUIZ—Onde?

CANUTO—O meu patrão sou eu... e tudo se explica muito pouco dificilmente para uma pessoa inteligente. Se em Vila Fresca ha só um operario ferrador, tambem só ha um patrão ferrador... que sou eu.

O JUIZ—Não percebo nada.

CANUTO—Eu explico-te... Supõe que és operario ferrador na tua terra e que um belo dia recebes dos teus colegas da U. F. T. de Lisboa um aviso estimulando que a gréve.

O JUIZ—Estipulando.

CANUTO—...pulando que a gréve geral dos operarios ferradores foi decretada em todo o paiz! Dizes lá com os teus botões. Sou operario ferrador, tenho que fazer côro com os meus irmãos ferradores da cidade. Percebeste?

O JUIZ—Percebo que é preciso falar com mais respeito á justiça.

CANUTO—Está bem. Não vale zangar. Como estava de acordo... não hesitei; quando os meus camaradas de Lisboa se sindicaram, eu sindiquei-me, quando reuniram eu reuni-me... quando foram em massa á frente das lojas dos patrões, eu fui em massa defronte da minha loja... Quando elles socaram os patrões, soquei-me como um catita. Eles praticaram «sabotages» nas lojas dos patrões, eu tambem «sabotagei» o meu estabelecimento; quando eles gritavam em côro: «Viva a gréve jaral» eu gritava em côro: «Viva a gréve jaral». Quando eles cerraram fileiras para resistir á policia, eu cerrei fileiras para resistir á de Vila Fresca... e olhe que me orgulho... emquanto a de Lisboa com a Guarda Republicana dispersou os meus camaradas, a da minha terra não foi capaz de fazer o mesmo por mais que quizesse.

O JUIZ—Recusa então a retomar o trabalho?

CANUTO—Recuso!

O JUIZ—Quando cede?

CANUTO—Quando me sejam feitas concessões!

O JUIZ—Mas é fazel-as...

CANUTO—Isso nunca!

O JUIZ—Assim nunca mais acaba?

CANUTO—Acabará quando se acabará.

O JUIZ—Mas... visto que você é ao mesmo tempo patrão e operario, só tem que se entender comsigo proprio.

CANUTO—Não posso... como operario exijo certas reclamações, e como patrão nem quero ouvir falar nelas...

O JUIZ—Que é que você conta então fazer?

CANUTO—Muito pouca coisa! Como patrão vou tomar um outro operario não grévista para me substituir; e como grévista, espero-o ámanhã de manhã á porta da minha officina e parto-lhe as ventas! Olá.

Armando Ferreira

A falta de papel

Um justo agradecimento a «O Seculo»

No seu numero de hontem, o nosso colega «A Epoca» refere-se á falta de papel com que luta e diz que se não fosse a gentileza de «O Seculo» não teria podido publicar-se.

Pergunta depois se é falta de papel, ou falta de transportes, não compreendendo bem, visto que ha dias chegou a Lisboa um rasoavel «stock» de papel.

Por mais duma vez para o assunto, que é grave, temos nós chamado a atenção dos poderes publicos.

O que, porém, queremos frizar principalmente é que, nem só agora, «O Seculo» é credor de elogios suprindo gentilmente os seus colegas. Por mais duma vez esse facto se tem dado, estando sempre esse jornal pronto a auxiliar os seus colegas, cedendo-lhes parte do seu importantissimo «stock».

Aos agradecimentos de «A Epoca» ao «Seculo» juntamos os nossos, porque por mais duma vez egual gentileza temos recebido.

A carga dos navios alemães

Um milhão de volumes por abrir

Os navios alemães foram apreendidos em fevereiro de 1916. Estamos em fins de 1919. Pois, na alfandega de Lisboa ha ainda por abrir um milhão de volumes pertencentes á carga desses navios. Chega a parecer inacreditavel, mas é simplesmente a verdade.

O deploravel criterio do sr. Afonso Costa sobre esse assunto deu azo a um caso destes. O que é de notar é que o criterio do falecido dr. Sidonio Paes e dos seus governos não foi menos deploravel do que o do então chefe do P. R. P.

Não se sabe, ha quasi quatro anos de distancia, o que contem esses volumes, devendo ter desaparecido, a estas horas, parte dele, e devendo tambem outra parte já para coisa alguma servir, por com o tempo se ter inutilisado.

Devemos concordar que teem razão os que de nós se riem. Deploravel criterio o que dá origem a que num assunto que por sua natureza requeria a maior urgencia tenha havido uma demora que de modo algum se pode justificar.

Coisas nossas!

O caso da "leva da morte"

Todos os jornaes noticiam, e nós o dissemos tambem, que á comissão de inquerito ao caso da «leva da morte» tinha já ouvido numerosas testemunhas, que eram muitos os implicados e que num breve prazo seria entregue o relatorio ao chefe do governo.

O que é pena é que não venham já para publico os nomes dos implicados, e urge que isso se faça. Não vão por ahi começar a fervilhar os empenhos para se ocultar os nomes dos auctores de semelhante monstruosidade!

Repatriados alemães

Chegam ao Tejo os que estavam internados em Angra

Entrou hoje no Tejo o vapor alemão «Lother Bohlen», sob o comando do capitão Yhrcke, que traz os alemães que se achavam internados no castelo de S. João Batista, em Angra do Heroismo.

Durante os quatro dias de viagem, que tantos são os que demorou de Angra ao nosso porto, não ocorreu incidente algum.

O vapor, que tem 940 toneladas, atracou ao antigo caes das Messageries Maritimes em Alcantara, tem 44 homens de tripulação e trazia ao todo 539 passageiros em transito, 25 dos quaes preferem ficar em Lisboa. Aqui receberá os alemães que estão em Portugal e que queiram regressar á sua patria.

E' o primeiro navio alemão que entra em portos portuguezes depois da declaração de guerra.

Os passageiros desembarcaram quasi todos e andaram em passeio pelas ruas da cidade. O seu aspecto é magnifico. Não se sabe ainda quando o vapor levantará ferro.

«O Mormugão»

Não trouxe cadaver algum

Um jornal da noite de hontem, noticiando a chegada ao Tejo do vapor «Mormugão», dos Transportes Maritimos, dizia que a bordo daquele barco vinham 17 cadaveres de militares do C. E. P. Não é verdadeira a noticia, pois os 17 militares regressados á Patria, vindos de Cherburgo, vinham vivos e sãos.

O «Mormugão», que veiu da America, trouxe alguma carga daquela procedencia, trazendo tambem a seu bordo muito material do C. E. P., entre o qual figuravam aeroplanos devidamente encaixotados, carros do serviço de saude, estufas, automoveis de desinfecção, etc.

O «Mormugão» acha-se atracado ao Posto de Desinfecção

Politica

As reuniões no Palacio de Belem e o segredo da abelha

Vae-se desvendando o misterio. Ele anda, aliás, na boca de toda a gente. Já não é um segredo d'Estado. A abelha tomou posse d'elle e espalhou-o, com o zunido que a denuncia, mesmo a certa distancia. Eis o motivo porque já se presume qual será o acontecimento que libertará os politicos do juramento que solenemente pronunciaram nas reuniões do Palacio Presidencial. Em breves dias poderão falar. Por emquanto, não.

Anuncia-se oficiosamente que a questão dos altos comissarios será levada ao parlamento na semana proxima. Esta questão prende-se, intimamente, com a das missões religiosas no ultramar. As duas fazem parte d'esse complexo problema colonial, que é hoje a maxima preocupação dos centros politicos. Por emquanto é só d'eles; amanhã, porém, sel-o-ha da Nação inteira.

Resistirá o governo á controversia parlamentar que, forçosamente, vae despontar e desenvolver-se? As informações do Terreiro do Paço dizem que sim: logo, deve concluir-se que não. Os leitores, a este respeito, teem tantas duvidas como nós, que não temos nenhumas.

A verdade é que o sr. ministro das colonias—que só aparece no Parlamento o tempo indispensavel para se não dizer que não vae lá—não se entende com a comissão de colonias e parece irredutivelmente avesso em aceitar os novos principios de administração ultramarina, advogados imperativamente pela Delegação Portugueza em Paris, que os sabe de cór em virtude das lições que lhe deu o general Smuts, delegado da União Sul Africana á mesma alta assembléa. Ora na comissão de colonias quasi se desespera de encontrar uma formula que concilie as suas idéas com os principios «demodés» do sr. ministro das colonias. Vê-se, portanto, que a crise continua latente, não se tendo modificado sensivelmente a situação politica aqui exposta desde ha tempos.

Tomamos a liberdade de denunciar um erro fundamental, em tudo isto. E' muito simples: foge-se da opinião publica, tomam-se contra ela as precauções do misterio, que desperta a curiosidade e aguça a malidicencia. Quando o gabinete Sá Cardoso foi ao poder confiou na opinião nacional e essa confiança não foi desmentida. No periodo agudo de intriga politica que se moveu em torno das duas destacantes influencias do Partido Democratico, a opinião publica deu ao governo o apoio de que ele necessitava.

Se agora o governo procedesse semelhantente em vez de se rodear duma muralha da China, que é, afinal de vidro que não de granito, a Nação ajuda-lo-hia o resolver as dificuldades. Prefere-se, porém, trabalhar sornamente nos gabinetes, onde se debatem, em ultima analise, as ambições e vaidades pessoaes, que perturbam o entendimento, ainda o mais clarividente. São os velhos processos dominantes na politica interna. Com eles se pretende impôr novas vistas, modernas concepções de administração colonial. Está errado! Melhor resultado se obteria dando elementos á Nação para que ela se pronunciasse e servisse de guia, nos seus juizos, á minoria que a governa. Mas não, isto não se faz. Antes se quer, com processos antiquados internos, impôr processos novos, lá longe, nas colonias, que tambem são Portugal. Como poderemos reformar os outros sem previamente emendar os erros caseiros? Pessima politica

O arresto do vapor "Congo"

Demos hontem uma nota da agencia Havas, na qual se dizia ter essa agencia recebido da tripulação do «Congo» um telegrama datado de Londres, pedindo imediatas providencias, visto ter sido o navio arrestado.

Era grave a noticia e, por isso, tratámos de nos informar. Nas estações oficiaes, ministerios da marinha e dos estrangeiros, como de costume em casos taes, nada se sabia. Dos Transportes Maritimos é que o capitão tenente sr. Nunes Ribeiro teve a gentileza de nos informar, dando algumas explicações e concluindo porque a noticia do arresto não devia ser verdadeira.

Do que hontem dissemos a tal respeito e do que hoje os jornaes da manhã relatam conclue-se que o arresto se efectuou, realmente, e devido a um descuido, ou como se lhe queira chamar, dos Transportes Maritimos.

Numa das suas viagens, o «Congo» abalroou no Mediterraneo com um navio dum comboio militar. Seguiram-se as formalidades da praxe: o comandante do [illegible] competente auto, em [illegible] os autoridades inglezas e estas enviaram-no aos tribunaes competentes. Como o caso se passára ha muito, nos Transportes Maritimos não se lembraram mais dele e o «Congo» foi mandado carregar a Inglaterra. O resultado está-se a ver. Apanhando-o a geito, as autoridades inglezas trataram de o arrestar, para garantir a importancia da indenisação que, como tudo faz supôr, foi condenado a pagar.

E' o que se conclue logicamente

A energia electrica

Hoje só apareceu ás 16,30

Voltamos á antiga. Aos domingos, ha tempos, só se podia contar com a luz e energia electricas lá pela alta tarde. A companhia veiu declarar, apoz muitas reclamações, que as coisas melhorariam, que estava procedendo á instalação de novos maquinismos e que não haveria mais razão de queixa.

Com efeito, durante algum tempo pareceu que, efectivamente, a energia não tornaria a faltar. Mas já hoje voltámos á mesma. Quando a luz electrica apareceu eram 16,20, hora que, como é bem de vêr, causa enorme transtorno aos jornaes da tarde, sem falar noutras muitas industrias que carecem da energia electrica para poderem trabalhar.

Foi uma avaria, informaram-nos da companhia. O que parece é que em vez de maquinas novas, se limitaram a concertar mais uma vez os estafados e cançados maquinismos velhos e dahi os constantes desarranjos.

Fragateiros e estivadores do porto de Lisboa

A comemoração do seu 9.° aniversario

Passando hoje o 9.° aniversario da fundação das Associações de Classe dos Fragateiros do Porto de Lisboa e dos Estivadores do Porto de Lisboa resolveram as suas direcções solenisar essa data com toda a solenidade e conjuntamente. Para que as festas tivessem maior brilhantismo, deliberou-se que houvesse paralisação geral de trabalhó não só dessas duas colectividades, mas de todas as classes maritimas, o que efectivamente se deu, sendo por isso o movimento no Tejo muito diminuto. As fachadas das respectivas sedes, rua do Arsenal e do Alecrim, estavam embandeiradas com galhardetes e bandeiras de varias nações, o mesmo sucedendo nas salas, onde se viam vasos com verdras e jornaes operarios. A primeira sessão solene realisou-se na Associação dos Fragateiros e a ela assistiram centenas de pessoas, entrando a meio da sessão a direcção da Associação dos Estivadores e muitos associados com o seu estandarte. Uma banda de musica executou então varios trechos, tendo usado da palavra os delegados das Associações de Classe dos Estivadores, dos Catraeiros, dos Descarregadores de Mar e Terra do Barreiro, dos Conferentes Maritimos de Aldegalega, de Vila Franca e de Abrantes, dos Moços e Marinheiros da Marinha Mercanet, dos Descarregadores de Mar e Terra de Lisboa, dos Medidores de Cereaes, dos Creados e Moços de Marinha Mercante Estrangeira, etc. Pela direcção da Associação dos Estivadreos foi oferecido um laço para ser colocado no estandarte dos Fragateiros, retribuindo estes com egual gentileza para o estandarte dos Estivadores. Emquanto se procedeu á colocação dos laços, a banda executou varias peças, não cessando os vivas e palmas a todas as classes maritimas, o que fez juntar na rua do Arsenal grande numero de curiosos. Terminada a sessão, todos os presentes, entre os quaes se viam muitas senhoras, organisaram um cortejo com os dois estandartes e a banda de musica, que se encaminhou pelas ruas do Arsenal, Corpo Santo e do Alecrim para a sede dos Estivadores, onde se realisou sessão solene, que decorreu no meio de grande entusiasmo. Tanto numa como noutra colectividade houve de tarde abertura de kermesse e baile e á noite ha sarau dramatico. Durante o dia foram queimados muitos morteiros e foguetes.

O dia de finados

Foi hoje grande a afluencia aos cemiterios. As cerimonias religiosas, por ser domingo, foram transferidas para ámanhã.

Depois de ter assistido á sessão de abertura da Universidade, como noutro logar noticiamos, o sr. presidente da Republica dirigiu-se ao cemiterio do Alto de S. João, em piedosa homenagem á campa dos que morreram em defeza da Republica.

PARIS, 2.—Hontem e já hoje a afluencia aos cemiterios tem sido como nunca, chegando os amigos e parentes aos jazigos e covaes por vezes com grande dificuldade. Em toda a França a peregrinação tem sido egual.

As autoridades civis e militares teem prestado homenagens aos heroes da guerra. Na Alsacia-Lorena as cerimonias teem sido particularmente significativas.—(Havas).

O Concurso Literario de "A Capital"

Apesar de ainda aberto só ha 20 dias o nosso concurso, temos a certeza do interesse que ele despertou, pela série de cartas, perguntas e artigos de outros jornaes que se têm referido com louvor á nossa ideia.

Tudo augura pois um optimo sucesso para o nosso certamen. «A Capital» friza, comtudo, que o seu empenho é apenas trazer para a nomeada os ocultos, os novos, aqueles que nunca o fado protector das emprezas conseguiu atender um dia. Ha novos? Ha rapazes que podem vir a ser alguem nas letras, no romance ou no teatro? Ou realmente o declinio é manifesto, Portugal já não tem quem escreva?

Esse inquerito, essa pergunta feita abertamente aos novos, reside nos intentos do nosso concurso. E, para o bom e justo seguimento do certamen estabelecemos:

Auctores—Os novos, isto é, os que ainda não teem obra de tomo publicada, ou peças theatraes em scena em palcos publicos.

Originaes—Quer os «Romances» quer as «peças theatraes» teem de ser originaes, nunca premiados em outros certamens, em linguagem compativel com as boas normas litterarias e em «lingua portugueza».

Tendo-se suscitado duvidas sobre o destino dos originaes, estes serão todos entregues aos seus autores posteriormente ao concurso.

Theatro—A fim de podermos cumprir rigorosamente o que promettemos restringimos o nosso certamen theatral a «peças em 1 acto», dos generos drama, comedia, farça, em verso ou prosa. D'esta forma não só se pode mais facilmente estabelecer um criterio mais justo de classificação, como garantir a sua subida á scena n'uma recita em prol da «Casa Gil Vicente», visto que o espectaculo se comporá dos 3 actos primeiro classificados.

Premios—Os premios serão pecuniarios. Ainda não assentámos na quantia total, mas podemos garantir que constituirão uma recompensa justissima aos trabalhos. Haverá um premio para o primeiro romance classificado.

Um premio para a primeiro peça classificada.

Um premio para a segunda peça classificada.

Por emquanto garantimos estes premios, e a publicação em folhetins na «Capital» do romance original, e a representação das 3 peças primeiro classificadas.

Jurys—Serão constituidos 2 jurys. Um para a escolha dos romances, outro para as peças theatraes. Podemos garantir que n'elles figurarão homens de lettras, artistas, jornalistas, actores, cujos nomes só por si bastarão para attestar a sua competencia.

Prazo—Termina no dia 31 de dezembro a entrega dos originaes, que devem ser assignados com pseudonimos.

Jovens amadores de teatro, poetas e escritores, futuros dramaturgos, A CAPITAL premeia
TREZ PEÇAS
de teatro, em 1 acto, prosa ou verso, comedia, drama ou farça original e inedita.

Jovens escritores, desconhecidos literatos, A CAPITAL premeia
UM ROMANCE
original, inedito, completo, em qualquer genero e boa linguagem.

Joaquim Pedro d'Oliveira Martins

E'um predio da colçada dos Caetanos é inaugurada uma lapide comemorativa da sua morte

Comemorando o 25.° aniversario do passamento do grande historiador portuguez que foi Joaquim Pedro de Oliveira Martins, realisou-se hoje pelas 13 horas a inauguração de uma lapide na frontaria do predio n.° 30 da calçada dos Caetanos, onde aquele homem de letras se finou. A cerimonia da iniciativa da sr.ª D. Victoria Barbosa de Oliveira Martins, viuva do grande historiador, revestiu um caracter muito intimo. A lapide é de marmore branco, com a seguinte inscrição em letras de prata:

«Nesta casa faleceu a 24 de agosto de 1896 o ilustre historiador portuguez Joaquim Pedro de Oliveira Martins. Bem serviu e honrou a sua Patria. A sua memoria deve ser abençoada».

Na cerimonia fez-se representar o nosso colega «Comercio do Porto».

UNIVERSIDADE DE LISBOA

A sessão solene inaugural

No pavilhão anexo á faculdade de sciencias, efectuou-se esta tarde, com a assistencia do chefe do Estado, do presidente do governo, ministro da instrução, governador civil, directores das diferentes faculdades scientificas e literarias, a sessão solene inaugural da Universidade de Lisboa.

O sr. dr. Antonio José de Almeida compareceu ás 14 horas em ponto, anunciadas para a festa, vindo acompanhado pelo secretario geral da presidencia da Republica, e sendo recebido pelos representantes do governo, ministro da instrução, reitor da Universidade e outras pessoas. Tomou assento na mesa colocada ao centro da sala, tendo á direita os srs. presidente do governo e dr. Pedro José da Cunha, reitor da Universidade, e do lado oposto os srs. ministro da instrução e dr. Queiroz Velozo, director da faculdade de letras.

Abrindo a sessão em nome do sr. presidente da Republica, o reitor leu o relatorio da vida universitaria, historiando minuciosamente todos os factos normaes e extraordinarios que ocorreram durante o ultimo periodo lectivo, terminando por agradecer ao chefe do Estado e ao governo a sua comparencia.

Em seguida proferiu a oração de sapiencia o sr. dr. Eduardo Pimenta, professor da faculdade de sciencias, que tomou por assunto a guerra que acaba de assolar o mundo, cujas consequencias lamenta, mas que era inevitavel, para se pôr um dique ás ambições desenfreadas d'alguns povos e estabelecer um equilibrio perfeito e duradouro da vida de outros. Põe em evidencia as conquistas que essa luta promoveu em proveito das sciencias, creando novas teorias, que enumera e aprecia rapidamente, demonstrando a sua eficacia.

Faz o elogio dos scientistas nacionaes, pondo no logar mais proeminente o celebre matematico Pedro Nunes.

Entre as grandes conquistas advenientes da paz, evidencia-se a abolição dos exercitos permanentes e a liga dos povos. A sciencia medica principalmente marcou uma era nova. Elogia os medicos portuguezes que tiveram na guerra vasto campo de acção e lamenta que os dois ilustres sabios os srs. drs. Francisco Gentil e Ricardo Jorge ali não fossem, não compreendendo mesmo e que os afastaram desse grande repositorio de lições praticas da arte de curar. Salienta as maravilhas realisadas, designadamente uma especialidade cirurgica.

Evoca os mortos ilustres que perdemos no ano findo, os drs. Adolfo Coelho, Oliveira Feijão, Pina Vidal, Ludgero Neves, Augusto José da Cunha, Tomaz Cabreira e Moraes de Almeida, convida a assembleia a conservar-se por alguns momentos de pé e em silencio.

Terminou exortando os alunos a proseguirem afincadamente nos seus estudos, para honrarem a Patria e a Sciencia.

Uma salva de palmas corôa o magnifico discurso.

Em seguida o sr. dr. Pedro José da Cunha encerrou a sessão, depois de anunciar que, tendo as gréves academicas dado motivo á transferencia dos exames de outubro para dezembro, só depois destes se procederá á distribuição de premios aos alunos que os merecerem.

O sr. presidente da Republica retirou-se, depois de alguns minutos de conversação com as figuras mais proeminentes que ali se achavam.

Situação grave em Barcelona

O «lock-out» patronal fará paralisar a industria e comercio, incluindo os jornaes

BARCELONA, 1.—A'manhã devem publicar-se apenas dois jornaes o «Liberal» e o «Diluvio», se estes não aderirem esta noite ao «look-out» dos patrões. Este parece ser mais extenso do que a principio se supunha, porquanto a União dos pequenos industriaes e comerciantes acaba de aderir tambem a ele.—(Havas).

Federação Nacional Republicana

A sua atitude é a de colaborar na defeza da Patria

O conselho central da Federação Nacional Republicana, apreciando os ultimos acontecimentos politicos, resolveu manter-se na atitude que tem tido, lamentando os excessos que se produziram no Congresso do partido democratico, excessos que, felizmente, não encontraram eco no paiz, nem na propria maioria dos congressistas.

Esta atitude da F. N. R. em face da situação internacional e em especial da situação das nossas colonias resulta da necessidade que ela reconhece de empregar o melhor do seu esforço no sentido de colaborar na obra de defeza do patrimonio comum, tendo o presidente do seu conselho central, e com o apoio deste, apresentado a quem de direito a solução imediata para as duas questões mais graves da politica portugueza.

Theatros e Cinemas

Nota do dia

Quando da inauguração da temporada de inverno no Eden, insurgi-me na critica que então fiz, contra as horas a que finalisava o segundo espectaculo, justamente o que agora sucedeu quando da «reprise» da opereta «Princeza dos dollars». Houve tempo em que a policia não consentia que os espectaculos acabassem apoz a meia noite e meia hora e talvez porque as multas se não perdoavam e os bombeiros e até, por vezes, os musicos exigiam quando tal sucedia, um salario dobrado, o publico tinha a garantia de apanhar ainda electrico para recolher a casa, escapando-se de gastar uma fortuna com a despeza do bilhete o dum trem ou automovel, para o regresso ao lar onde, em geral e em contraste o aguardava uma gota de chá num modesto aparelho de louça de Sacavem e uma fatia de pão seco, porque a manteiga vinha da Alemanha e foi genero que desapareceu do mercado. Não sei se essa lei continua em vigor visto que dela se não faz caso como de tantas outras. O que vale é que a empreza do Eden é, até certo ponto, consciencioso, dando de quando em vez, um só espectaculo nocturno. Desta forma, concede aos seus frequentadores um «bonus» porque, nessa noite, por um preço mais modico, eles conseguem finalmente ver um espectaculo inteiro, os que entram ás 9 da noite e que já estão habituados a perder o primeiro acto, porque ninguem vae para o teatro ás 8 horas e os que, para apanharem electrico não vêem o ultimo acto da segunda sessão, o que conseguem apenas quando o espectaculo termina a horas regulares. E ainda ha quem se insurja contra os emprezarios! Bem hajam pela sua filantropia.

Noticiario

Hespanha

Nos diferentes teatros de Madrid estão actualmente em scena as seguintes peças: no Español, «El castigo sin verguenza», «El aestro de hacer sainetes», «La esposa del vengador»; na Comedia, «Faustina»; no Eslava, «El corazón ciego»; no Cervantes, «El voto de Santiago», «La frescura de Lafuente» e «Secretaria particular»; no Zarzuela, «La mala sombra», «La princesita de los sueños locos» e «Moros y cristianos»; no Apolo, «La flor del barrio», «La madriña» e «Pancho Visondo»; no Comico, «Muñecos de trapo», «Cinco minutos de conversación» e «El rapto de las Sabinas»; no Coliseo Imperial, «El orgullo de Albacete» e «Malvaloca»; no Novedades, «El huerto cillo», «Los novios de las chachas», «Musica, luz y alegria», no Martin, «La estrella de Olympia», «El método de Gorritz», «Cambios naturales», «El Club de los infortunados»; no Latina, «La Malquerida», «Tierra baja»; no Fuencarral, «Maria Rosa» e «El abuelo».

Afóra numerosos espectaculos de variedades, cinema, etc.

—Todos os anos por esta epoca se representa em toda a Espanha o popular drama de Zorrilla «Don Juan Tenorio». Em Madrid já está em scena nos teatros Español, Centro, Coliseu Imperial, Latina e Fuencarral.

Ainda em mais alguns teatros, além d'estes cinco, se representará o natural peça e em todas as capitaes, cidades e vilas principaes, durante este mez, que é a epoca dos Tenorios. Não ha um só artista ou amador dramatico no visinho reino, que não tenha desempenhado um papel no «Don Juan Tenorio» e quasi toda a gente o sabe recitar de cór.

—A direcção geral de segurança de Madrid acaba de determinar que nenhum espectaculo se prolongue além da 1 hora da madrugada.

Brazil

Foi levada á scena em Porto Alegre pela companhia Maria Matos a peça de Claudio de Sousa «O Turbilhão», que tanto agradou á plateia do Municipal, quando ali foi representada por aquela mesma companhia.

—Clara Weiss, a artista italiana considerada como sem rival no seu genero de «soubrette», estreiou-se no Lyrico, do Rio. Como um dos maiores sucessos da sua companhia ia a opereta «Eva». Foi essa a peça escolhida para sua apresentação no Rio, seguindo-se-lhe as novidades seguintes, «Mademoiselle Porto-Bonheur», «Os tres desejos», «Robinson Crusoe», «Madame de Tebes», «Joujou & C.ª», e outras.

—Todos os teatros do Rio comemoraram o dia do Artista. No Trianon representou-se um espectaculo completo, a comedia em tres actos «O café do Felisberto».

Houve sessão solene, presidida pelo dr. Leopoldo Froes. Cantaram todos os artistas daquele teatro e os da companhia Pereira da Costa é Alzira Leão, o hino do Artista. Terminou o espectaculo um bem organisado acto variado, no qual tomaram parte Adriana Noronha, Isabel Camara, Alzira Leão, Ester Bergerath, Lola Brieba, Alexandre Azevedo, João Barbosa, João Lopes, e muitos outros. Nascimento Fernandes foi o «mestre de cerimonias».

No Recreio, representou-se a linda fantasia «A mulher».

No teatro S. José houve tres sessões variadas. Na 1.ª a revista «Jéca-Tatu», um acto variado, organisado por Alfredo Silva, terminando com o hino dos Artistas, cantado por todos os artistas daquele teatro e o corpo de coros; na 2.ª e 3.ª sessões foi representada a peça «Republica do Itapiru», um acto variado e o hino dos artistas.

No teatro S. Pedro representou-se em duas sessões, «A Juritya», de Viriato Correia, cantando-se no começo do 1.º acto de cada sessão o hino dos Artistas.

No teatro Republica subiu a opereta em tres actos «Sete Estrello», numa unica representação, com José Ricardo, Alice Pancada, Maria Abranches, Armando Vasconcelos, Correia.

No teatro Lirico foi representada pela companhia Romo-Viñas a opereta «Jugar con fuego».

No Palace-Teatre, a companhia Aida Arce representou a opereta em 1.º, «A princeza dos dollars», fazendo a protagonista Aida Arce.

No cinema Yoalanda, em S. Cristovão, tambem a «troupe» dirigida pelo actor Asdrubal Miranda deu um atraente programa.

Em Nitheroy, no teatro Polyteama, representou a companhia dirigida por Afonso Baptista, a revista «Trouxa».

França

—«Intérieur», a nova peça de Maurice Maeterlinck, que na ultima semana subiu á scena na Comedia Franceza, agradou extraordinariamente, causando profunda sensação o seu enrecho original, que é bem simples: Um velho vem anunciar a uns burguezes pacificos que sua filha mais velha se afogou. Introduz-se no jardim, mas não se atreve a entrar na casa, na qual se vêem, atravez as janelas docemente iluminadas, o pae que lê, as duas irmãs que trabalham, a mãe que embala no colo uma creança adormecida. O velho demora-se até ao momento em que uns camponezes conduzem o corpo da morta; vê-se então entrar bruscamente, anunciar sem preambulos a catastrofe; a familia corre ao encontro do lugubre cortejo, e a «creança não desperta».

VIDA PARTIDARIA

CENTRO RADICAL DEFENSORES DA REPUBLICA.—A comissão fundadora vem declarar que não é verdadeiro o boato deste Centro, em organisação, fazer parte dum grupo ou partido radical que se pensa organisar, pois todos os socios do Centro militam no partido republicano portuguez. A inauguração da séde far-se-ha em breve.

Ultima do «Pé de meia» em recita da moda

A'manhã, segunda-feira, é definitivamente a ultima representação da primeira fase do famoso trabalho de Eduardo Schwalbach em recita extraordinaria da moda, para a qual já estão tomados muitos camarotes e logares de balcão pelas principaes familias da nossa sociedade, que nessa noite darão ponto de reunião elegante no teatro São Luiz. E' uma noite elegante e de entusiasmo a que ninguem deve faltar. Nesta noite, pela unica vez, a revista tem numeros novos, uma surpreza pelo grande actor comico Joaquim Costa, e a aparição do verdadeiro e festejadissimo «Santo Antonio de Lisboa», pelo actor Alberto Miranda.

CLASSES QUE RECLAMAM

Aposentados das colonias

Uma comissão de funcionarios coloniaes aposentados convida todos os seus colegas a comparecerem no dia 5, pelas 14 horas, á porta do ministerio das colonias, a fim de se tratar de conseguir que lhes seja extensiva a concessão da pensão auxiliar ou subvenção ultimamente concedida aos aposentados da metropole.

Funcionarios administrativos

O sr. João Antonio da Costa, membro da comissão central, pede-nos a publicação do seguinte:

«Em nome da Comissão Central dos Funcionarios Administrativos informo todos os funcionarios do paiz de que o ilustre deputado Orlando Marçal tomou o compromisso de requerer que entre em discussão na proxima segunda ou terça-feira o projecto relativo a esta classe.

Esta comissão não tem descurado o assunto, aconselhando calma até que o Parlamento se manifeste e insta para que se instalem as comissões concelhias, para de acordo com esses organismos traçar o caminho a seguir caso não sejam coroadas de exito as nossas justas reclamações.

Fica assim respondido a todos os funcionarios que se nos tem dirigido, e tornamos publico que conhecemos os nomes dos que se comprometeram a auxiliar a nossa classe e para futuro politica e serem agradecidas ao caciquismo local votarão contra as nossas reclamações».

PELA INSTRUÇÃO

Ateneu Comercial de Lisboa

Devido á grande quantidade de requerimentos foram prorogadas, até ao proximo dia 5, as matriculas para o curso elementar de comercio e o curso preparatorio (instrução primaria).

Salão Central

Foi um verdadeiro exito a estreia n'este cinema d'«O outono do amor», uma soberba interpretação da grande actriz Dionisa Jacobini, e n'essa fita ha tambem a apresentação, pela primeira vez, no «écran», da celebre bailarina e coupletista Bela Otero, tão conhecida do nosso publico.

Amanhã, segunda feira, mais uma «matinée» com a desejada estreia do colossal film «As garras do leão», em que a eximia artista Marie Walcamp faz verdadeiros prodigios de assombro e temeridade.

«As garras do leão» tem nove jornadas, distribuidas em 36 partes. A primeira jornada será exibida na «matinée» de amanhã, o que lhe dá foros de festa sensacional não só pela fama de que vem precedida a extraordinaria fita, como pelo nome da notabilissima artista que a desempenha.

NOTICIAS DA CAPITAL

A serie diaria

José Barbosa Rosendo Junior, morador na estrada das Amoreiras, 1, queixou-se de que os gatunos lhe furtaram uma carteira com a quantia de 70 escudos.

—Queixou-se Guilhermina da Silva, moradora na rua Pasos Manuel, 105, de que os gatunos entraram na sua residencia por meio de arrombamento e furtaram uma maquina de costura no valor de 52 escudos.

—Foi preso Constantino dos Santos, morador na rua Sabino de Sousa, 49, loja, por na estação do Rocio ter furtado uma mala com varios objectos no valor de 300 escudos, pertencente a José da Silva, residente na travessa do Poço dos Negros, 11.

—Albino João da Costa, morador na rua de S. Caetano, 32, loja, carroceiro, queixou-se de que lhe furtaram de uma carroça uma saca com farinha no valor de 55 escudos, pertencente á Nova Companhia Nacional de Moagens.

Agua da Foz da Certã

A Agua minero-medicinal da Foz da Certã apresenta uma composição chimica que a distingue de todas as outras até hoje usadas na therapeutica.

E' empregada com segura vantagem nos Diabetes—Dyspepsia—Catarros gastricos putrido ou parasitarios;—nas preversões digestivas derivadas das doenças infecciosas;—na convalescença das febres graves;—nas atonias gastricas dos diabeticos, tuberculosos, brighticos, etc.;—no gastricismo dos exgotados pelos excessos ou privações, etc., etc.

Mostra a analyse bacteriologica que a Agua da Foz da Certã, tal como se encontra nas garrafas, deve ser considerada como microbicamente pura, não contendo colibacillo, nem nenhuma das especies pathogenicas que podem existir em aguas. Além d'isso, gosa de uma certa acção microbicida. O B. Tiphico Diphterico, e Vibrão cholerico em pouco tempo n'ella perdem toda a sua vitalidade, outros microbios apresentam, porém, resistencia maior.

A Agua da Foz da Certã não tem gazes livres, é limpida, de sabor levemente acido, muito agradavel quer bebida pura quer misturada com vinho.

Livros novos

O nosso presado colega na imprensa sr. Francisco dos Santos Tavares vai publicar brevemente um livro intitulado «Dois anos de teatro—Autores, peças e interpretes», que obterá certamente um grande sucesso de livraria, dadas as notaveis qualidades de critico e de estilista que caracterisam o seu autor.

Ultima hora

POLITICA

Não havia, dentro do Partido Republicano Conservador, uma perfeita unidade de vistas—Mas, agora, parece que já ha...

Houve hontem uma reunião dos membros do directorio e das comissões politicas do P. R. C. Segundo as nossas informações não foi inutil a discussão travada acerca da orientação seguida e a seguir na propaganda partidaria. E' certo que as opiniões se dividiram a tal respeito, dando logar a uma vivissima controversia, relevo, alias, das suas correntes de opinião em que já se divide a nascente agremiação. Entendiam uns que não é com «aguas mornas» (textuaes expressões de um orador) que se resolvem os problemas politicos que interessam ao partido; uma outra parte da assembleia pronunciou-se, aliás, por uma mais acesa agitação de ideias, traduzida, principalmente, nas colunas de «O Jornal», orgão do partido. Parece que chegou a pensar-se na suspensão do periodico, facto que, felizmente, não foi hoje verificado.

Consta-nos que, momentaneamente, foi adoptada uma orientação que, se não satisfaz os conservadores combativos, tambem não é aquela que os moderados preconisaram. O «Jornal» passará, pois, a examinar os problemas nacionaes com mais aparente oposição aos actos do governo, embora sem abandonar formalmente a moderação que o caracterisa, desde os primeiros dias do seu aparecimento.

Após a reunião correu o boato de que o sr. Joaquim Madureira abandonaria a direcção de «O Jornal». Se o ilustre jornalista pensou em o fazer, não sabemos; cremos, todavia, que continuará, por algum tempo, a interpretar, pela imprensa, o sentir e as aspirações dos seus correligionarios de partido.

Um desfalque nos Transportes Maritimos

A policia prosegue nas suas investigações

«A Capital» de hontem, referindo-se ao caso da tentativa de suicidio, numa escada da rua Ivens, do sr. Joaquim Ferreira da Conceição, quando este em companhia de sua esposa e de varias pessoas de familia, seguia para o governo civil em companhia do agente Pereira dos Santos, a fim de prestar declarações, teve conhecimento que tal facto se prendia, com um desfalque descoberto ultimamente nos Transportes Maritimos. Por pedido especial do director da policia de investigação, não publicou «A Capital» os detalhes da ocorrencia, pedido feito com grande insistencia e que visava a não entravar as diligencias que se estavam efectuando e que podiam ser prejudicadas gravemente.

Procedeu «A Capital» em conformidade com as razões de peso que lhe foram solicitadas, mas facto é que outros não procederam de egual forma, tanto mais que num «placard» da rua do Ouro, aparece a noticia afixada ao fim da tarde.

Quebrados, pois, os compromissos tomados, podemos hoje afirmar que de facto nos Transportes Maritimos foi descoberto já ha dias um desfalque, que não chega a 100 contos como se disse, mas sim a 70. O conselho de administração dos Transportes Maritimos entregou o caso ao seu advogado o sr. dr. José Montez, o qual por seu turno apresentou a competente queixa ao sr. dr. Rodrigues Esculcas, director dos serviços da investigação. As suspeitas recaíram sobre varios empregados, entre os quaes figuravam Joaquim Ferreira da Conceição, escriturario da mesma direcção, o qual ao ser removido para o governo civil, tentou suicidar-se como dissemos. E' fóra de duvida que no caso estão implicadas outras pessoas, as quaes natural é que em virtude do gesto do Conceição para ele agora atirem todas as responsabilidades. O que mais ou menos está averiguado é que se viciou a escrita das repartições, sendo tal facto descoberto com a confrontação de varias facturas.

Parece que o desfalque é, como dissemos, de 70.000 escudos e que o Ferreira da Conceição, que não é o unico culpado, gastou a parte que lhe competiu ao jogo. Na policia prosseguem as diligencias guardando-se sobre o assunto o maior sigilo não só no governo civil, como ainda nos Transportes Maritimos.

Como os nossos leitores se devem recordar, publicámos ha tempos, devido á amabilidade do vogal do conselho de administração da marinha mercante nacional sr. major Branquinho, as contas do rendimento dos barcos ex-alemães durante os dois ultimos anos economicos, com excepção do periodo que se seguiu á apreensão e que vae até principios de janeiro ou fevereiro de 1917, por falta de elementos de escrituração.

O desfalque agora descoberto e praticado por escriturarios vem demonstrar que a escrituração nos Transportes Maritimos continua a deixar muito a desejar.

PELO TELEGRAFO

Politica franceza

Abstenção de candidatos á deputados

PARIS, 30.

Varios antigos deputados e alguns que foram ministros não apresentam as suas candidaturas, entre eles o sr. Denys Cochin.—(Havas).

Canhoneira «Quanza»

ESPICHEL, 2.

Demanda a barra a canhoneira portugueza «Quanza», vinda do sul.—(Havas).

Bernardo Heitor da Silva
Faleceu

Maria Gabriella da Silva, Fernando Heitor da Silva, Constancio Luiz da Silva, Turibia Caiado e Silva, Maria Julia da Silva Romão, João Ignacio Romão e filhas, Julia Amelia da Silva Fernandes, João Luiz Fernandes, filhas e genro, Manuel Luiz da Silva (ausente), Adelina da Silva Duarte d'Oliveira e filhos, Elisa Clotilde da Silva, Emilia Albertina da Silva, participam as pessoas de familia e das suas relações o fallecimento na Guarda do seu bom e querido pae, irmão, cunhado e tio e que o seu funeral se realisa amanhã, 3, sahindo o prestito funebre pelas 15 horas, da estação do Rocio para o cemiterio oriental, Alto de S. João.

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

3364 — 10.° Anno | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães | Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.°

LISBOA—Segunda-feira, 3 de Novembro de 1919

Telephone n.° 2298 — Endereço teleg. CAPITAL | Officina de impressão — 71, Rua da Bica, 71 | Preço 2 centavos

Lisboa

E' preciso olhar por Lisboa. A capital do paiz, se não forem tomadas providencias urgentes e praticas, que remedeiem os males de que ella sofre, corre o risco de se tornar qualquer cousa de imominavel, que não só afaste os estrangeiros, como para os proprios nacionaes não seja suportavel.

Tudo quanto é util falta a Lisboa; tudo quanto é nocivo abunda em Lisboa.

Lisboa não tem luz. Logo nas primeiras horas da noite, em certos pontos, e não é necessario apontar os excentricos, porque em pleno coração da cidade eles existem, estabelece-se uma pesada treva, propicia a todos os banditismos e imoralidades. E isto dura ha tres anos, dando á nossa capital um aspecto verdadeiramente marroquino.

Lisboa é a cidade dos assaltos. Todos os dias os jornaes veem pejados de noticias sobre roubos de toda a especie, desde os que perpetuam com violencia até aos que se caracterisam pela astucia. Pode dizer-se que Lisboa é hoje uma sucursal da Falperra. Não se escapa á furia dos gatunos, nem em casa nem nas ruas. Rouba-se nos domicilios, rouba-se nos estabelecimentos, rouba-se nos carros electricos, rouba-se nos teatros, rouba-se nas estações dos caminhos de ferro, rouba-se nas vielas, rouba-se de dia, rouba-se de noite, rouba-se a toda a hora. A policia é impotente, porque já se verificou que para cada guarda ha uma area, em media, extenssima. Os serviços de investigação são deploraveis, de cada queixa que se formula á policia, não se consegue que ela descubra os criminosos senão numa diminuta percentagem.

Lisboa não tem casas. Ha quem tenha de dividir a sua familia por tres ou quatro quartos alugados, mesmo em ruas diferentes, porque não alcança uma residencia unica que a comporte. Os cambalachos com as casas e os quartos alugados chegam a tomar proporções inverosimeis, pelas especulações que se forjam. Ha sub-locatarios de sub-locatarios. Por vezes chega-se até a não saber já de quem são os predios. E, no meio de tudo isto, a falta de alojamentos é cada vez maior. E a população aumenta, aumenta sempre.

Com ela vêm verdadeiras legiões de «declassés». E' a materia prima da preguiça, do vicio e do crime. Lisboa é a cidade dos expedientes. Fazem-se os negocios mais escuros e complicados. Os abusos de confiança sucedem-se. Chega até a parecer impossivel como ha ainda quem tenha confiança! A cidade torna-se assim uma autentica Babylonia, onde se criam os germens de todas as concepções e de todas as decadencias. A terra é abandonada; Lisboa regorgita de ociosos e aventureiros que podiam ser trabalhadores honestos e uteis.

A estes flagelos, juntam-se os das doenças. Lisboa é uma cidade sem higiene. Nas avenidas e ruas centraes acumula-se por vezes o lixo. Nos bairros pobres, a imundicie campeia. Por via dela florescem as epidemias. Outro dia, na Camara Municipal, apontaram-se como focos de tifo exantematico e de pneumonia os sitios dos Terramotos, Casal Ventoso e Cascalheira. O delegado de saude dr. Gonçalves Marques já indicou ás auctoridades competentes o perigo que se está desenvolvendo para toda a cidade. A miseria complica a situação. Em casas onde ha doentes têm de se queimar as pobres enxergas que lá existem. Se não se tomam medidas energicas de higiene, os terriveis flagelos alastrarão por toda a capital.

Não será este espectaculo de Lisboa digno de atenção? Supomos que sim. Lisboa é como uma cidade invadida. Está em perigo: fisico e moral; material e espiritual. O problema de Lisboa é um dos mais graves da situação presente.

Lêr ámanhã na «Capital»

Comissões militares de cá e parlamentos de lá

artigo do DR. JOSÉ PONTES

Moedas francezas e suissas

Em Londres teem sido refundidas grandes quantidades

LONDRES, 2.

Um redactor do «Daily Mail» entrevistou o director duma firma londrina de afinadores de ouro e prata, que lhe fez a seguinte declaração: «Os cambistas enviam-nos os seus «stocks» de moedas de prata. Um deles remeteu-nos, na ultima semana 20.000 onças de moedas de 5 francos francezas. No decorrer das ultimas semanas fundimos numerosas centenas de moedas de prata estrangeiras, principalmente francezas e suissas.—(Correspondente).

Lord Derby não virá a Paris

PARIS, 31.

A noticia de origem ingleza de que a viagem de lord Derby a Paris teria por objecto discutir a sua demissão está desmentida. — (Havas).

CARTA DO PORTO

A proposito das novas obras de Aarão de Lacerda

Num paiz onde os naturaes mereceram do Francisco de Holanda esta frase desoladora: «Temos por desprezo e galanteria fazer pouco das artes», cria individualidade e resalta da sombra onde se difundem todas as aspirações esteticas do nosso povo, um escritor, que ostenta no rodapé do seu «ex-libris», braços erguidos numa atitude de suplica diante duma esfinge que sorri, a legenda «ars fons meae vitae». A figura de Aarão de Lacerda com todas as suas ancias, todos os seus sonhos, e todos os seus desejos de resuscitar belezas mortas, deve ser olhada, nestes tempos profanos de indiferentismo como uma figura de crente, queimando no altar das tradições todo o fogo da sua alma entusiasta.

Duma geração inolvidavel, que riscou irreverente no azul da vida coimbrã, um traço negro d'individualismo, Joyce e o seu orfeon; Lebre e Lima, o trovador do Amor e da Saudade, que cantou ao brando e maguado perfil da Madona dos Lilazes as trovas de mui antigo sabor do «Livro do Silencio»; Vergilio Correia, o etnografo artista; Correia Dias, esse espevitado moço, esguio como um choupo nu, que pelo Brazil tem espalhado numa prodigalidade bohemia as suas mais belas canções de poeta das formas; Nuno Simões, o prosador-joalheiro das «Aguas Mortas» e tantas outras, Aarão de Lacerda, foi dos poucos que resistiu á voragem politica salvando a sua personalidade e começando a realisar todos os sonhos, nascidos na Coimbra doutora. Na legião diminuta dos verdadeiros apostolos da arte, a sua mocidade ávida de emoções, canta o segredo das velharias, poesia doirada dum passado, que é necessario reviver, para não cahir no esquecimento. Obra reveladora de belezas mortas, eis a sua obra. Desejos de converter almas á religião profanada, eis as suas ambições. E a frase de Joaquim de Vasconcelos, inscrita na portada do «Templo das Siglas», «se ignoramos muito mais do que sabemos é necessario que se estude sempre» completa a biografia do moço escritor, pois é nela que se resume toda a sua vida.

«Peer Gynt—Ibsen e Grieg» foi o seu primeiro trabalho publicado. E' um estudo comparativo da feerie-satira do «Deus do Norte» e da interpretação dada pelo auctor das «Dansas Norueguezas» nas suas «suites». Revive Peer, o desordenado cavaleiro do sonho, idealista e louco, cuja figura já passára nos contos de Asbjornsen nas gamas do mesmo delirio, Solveij volta a cantar, banhada duma luz de sonho, a canção do perdão, para adormecer aquela alma cançada, que a procurará numa ultima esperança, Aase renasce na sua grande dôr. Os scenarios mais extravagantes surgem egualmente ricos de tons e de penumbras, na mesma evocação. E uma explicação detalhada do poema ibseniano, desenvolve-se, revelando a quem o desconhecia, novas belezas na obra de Grieg. Em seguida reune todos os seus artigos dispersos em jornaes e dá-nos as «Cronicas d'Arte» 1.° e 2.° volumes, obra dum vulgarisador, de prosa escorreita e novos processos de vêr, em que a forma se sacrifica á idéa, cronicas diferentes nos assuntos versados mas encerradas no mesmo ambito de propagar o Belo. No 1.° volume encanta-o uma peça de D'Annunzio, um quadro de Leonardo de Vinci fal-o dissertar sobre pintura, o regionalismo das canções de Ernesto Maia, entusiasma a sua alma de portuguez, os olhos grandes de Nipierkowska assomam num resurgimento das danças helenicas, falar de Beethoven, de Grieg e de Weber e na arte doentia de Manuel Laranjeira.

No 2.° volume surgem caras amigas em biografias ligeiras, paginas de divulgação, o pianista Emanni Torres, Raimundo de Macedo, Pedro Blanco, o compositor espanhol roubado ha mezes pela morte, e Lucien Lambert, um auctor que a França aplaude e que vive escondido entre nós. A proposito de Mimi Aguglia,—a divina tragica, Aarão de Lacerda dissenta sobre Sem-Benelli e Capuana e o conto de Eugenio de Castro «Cavaleiro das mãos irresistiveis» fal-o pedir aos musicos do nosso paiz um pouco de carinho para essa figura de vitral tão digna de ser cantada...

Mas Aarão de Lacerda não é só um critico e um vulgarisador. E' tambem um conferencista. Dil-o claramente qualquer dos volumes editados «Da Ironia, do Riso e da Caricatura» palavras de abertura dum salão de humoristas, «A estetica da arte popular», prefacio duma noite d'arte, sobre a musica do povo e a alma dos orfeons e ainda fresco «Para a filosofia da guerra» duas palestras «A guerra e a arte de hoje» e «O instante sangrento».

Mas já espreitam nas montras dos livreiros enroupados de branco e negro «O muzeu de Grão Vasco» e «O templo das Siglas». «O muzeu de Grão Vasco» é um roteiro de muzeu, no qual são estudados largamente os auctores das telas e dos marmores expostos, indicadas as escalas seguidas e revividas as epocas em que elas se desenvolveram, pequena historia desse mundo de figuras que dorme na penumbra do templo, decorado com devoto entusiasmo por Almeida Moreira, na cidade de Vizeu. Assim deviam ser todos os roteiros dos nossos muzeus...

«O templo das Siglas» é uma monografia da Igreja da Ermida de Paiva, velha reliquia romanica, escondida em terras da Beira. A principio o escritor, contemplando a obra que pretendia resuscitar, esqueceia-se do scenario por vezes grandioso em que ela recortára o rendilhado das suas agulhas e projectava as figuras dos seus capiteis, modeladas em ingenua piedade. Os motivos literarios morriam pois sob avalanches de erudição.

No «templo das Siglas» já um subjectivismo grava emoções de longes e motivos d'ar livre e as paisagens surgem então iluminadas e vivem no colorido intenso das suas manchas... O caminho está traçado pela sua sensibilidade de eleito. Que ela nunca retroceda e que todos os corações bem portuguezes o compreendam.

Abreu e Sousa.

Nos Deputados

A questão do jogo
O sr. Homem Cristo
Imposto para o açucar
Operarios do Estado

Depois das 15 horas, o sr. Carvalho Mourão, como deputado mais velho, assume a presidencia, secretariado pelos srs. Baltazar Teixeira e Antonio Mantas. Aprovam a acta 55 deputados.

O sr. Ramada Curto toma assento junto dos seus novos correligionarios, os socialistas.

O sr. José d'Almeida, na ausencia do sr. presidente do ministerio, chama a atenção do sr. ministro da marinha para um protesto que deseja exarar contra a denominada industria do jogo. Não pede providencias, porque o sr. presidente do ministerio ao ser interpelado pelo seu colega Costa Junior se julgou impotente para lhe pôr um freio.

O sr. Sá Pereira (em áparte):—O governo não quer saber disso para nada! Classificou isso de industria.

O orador:—E' um protesto da sua consciencia ofendida, contra a serie de crimes que se vêem praticando por motivo dessa industria, como lhe chamou o sr. Sá Cardoso.

O sr. Velhinho Correia:—E' a maior infamia deste paiz...

O sr. José d'Almeida, continuando, manifesta-se contra a regulamentação do jogo e contra a existencia dessa industria em Lisboa. Ocupa-se tambem do auxilio a prestar ás cooperativas, referindo-se a um decreto que autorisava um emprestimo de 500 contos com esse destino, estranhando que esse decreto ainda não fosse posto em execução. Entende que essa verba devia ser entregue á Caixa Geral de Depositos.

O sr. Orlando Marçal estranha que ainda não fosse apresentado para ordem do dia o projecto de lei que reintegra no exercito o sr. Homem Cristo.

O sr. Manuel José da Silva, socialista, manda para a mesa um projecto de lei, fixando para todo o assucar um imposto fixo de importação.

O sr. Antonio Francisco Pereira pede urgencia para um projecto de lei que autorisa o governo a, num diploma unico, conceder a todos os operarios dos estabelecimentos fabris do Estado, a reforma aos 35 anos de serviço ou aos 50 de edade.

O sr. Virgilio Costa diz que as disposições do decreto que reorganisou o ensino industrial e comercial estão sendo desrespeitadas por medidas varias, chamando para o assunto a atenção do sr. ministro do comercio, que dá explicações.

O sr. Ladislau Batalha diz que quando ha tempos tratou da falta de assucar no paiz, estranhou deveras a afirmação do sr. ministro da agricultura de que se estava consumindo assucar em Lisboa em quantidade superior á usual. Estranhou a afirmativa e poz-se imediatamente em campo, parecendo-lhe que está numa boa pista. Pode asseverar que sae subreticiamente assucar em grandes quantidades para a provincia onde é vendido por preços elevadissimos. Sobre o assunto alonga-se em considerações.

O sr. ministro do comercio pede para entrar ámanhã em discussão o parecer n.° 55, já na ordem do dia. Aprovado.

O sr. Augusto Dias da Silva deseja em negocio urgente tratar do aumento de vencimentos aos funcionarios administrativos. Consultada a camara é rejeitado. Entra-se na ordem do dia.

A carga dos navios alemães

Um milhão de volumes por abrir

Uma carta do sr. Machado Santos sobre este assunto

Sr. radactor.—No seu muito lido e conceituado jornal com o titulo e sub-titulo que encima esta carta, vem uma noticia de todo o ponto justa, isto na parte que me respeita, ao breve periodo em que geri a pasta das subsistencias e transportes—tres mezes escassos.

Compreendendo o grande valor economico e financeiro do recheio dos barcos ex-alemães que não tive tempo de saber com precisão o que fosse, montei uma repartição especial para tratar do «arejamento» dessas mercadorias, á testa da qual puz dois generaes reformados os ex.mos srs. Soeiro e Fausto Guedes, o primeiro como chefe dos serviços burocraticos, em que era especialista, e o segundo como chefe dos serviços externos em que era perito, pela vastidão dos seus conhecimentos tecnicos, teoricos e praticos.

Vencendo a rotina e os mil e um entraves que o comercio e as varias instancias oficiaes punham á minha ideia de tirar rapidamente dos entrepostos para a economia do paiz o conteudo desse milhão de volumes, ainda consegui pôr a «arejar» cerca de mil e tantos contos de produtos de varia procedencia e natureza; mas apoz a minha saida do governo, quando tudo aconselhava que essa repartição especial se transformasse numa direcção autonoma, por já contar com alguns empregados trenados no seu serviço, ordens e contra ordens peiaram por completo a iniciativa desses dois oficiaes generaes e fizeram com que se não proseguisse num serviço que com tanto carinho fora iniciado.

Para cumulo, os dois generaes, unicos que podiam elucidar o ministro sobre o que saira, sobre o que ficára e sobre a forma por que se liquidára o que se havia tirado já dos entreposios, foram dispensados do serviço e, pelo que me consta, ainda estão por receber as gratificações dos ultimos mezes que eu lhes arbitrára!

Calculando pela rama, só de direitos as mercadorias dos navios ex-alemães deviam render cerca de 3.000 contos ao Estado; o porto de Lisboa devia receber outro tanto; e o ministerio, pelo pequeno lucro com que eu as sobrecarregava, devia angariar uma receita que lhe permitiria fazer face ás despezas com os seus empregados—os que tinha ao tempo.

As mercadorias dos navios ex-alemães eram postas á disposição do comercio e da industria pelo preço de 1914 cif Tejo, acrescido de uma quantia egual para sanar os pleitos futuros com os seus proprietarios ou consignatarios, mais as despezas de descarga e armazenagem, com os direitos aduaneiros e o pequeno lucro. O sumatorio de tudo isto ainda dava ás mercadorias um preço inferior ao seu custo de importação no ultimo ano da guerra.

Porque se não proseguiu neste criterio que, apesar de tardio, ainda fôra tomado a tempo de dar resultados apreciaveis? Porque se não prosegue ainda hoje visto a desvalorisação da moeda e os abalos sociaes continuos nos não darem esperança de ver baixar tão cedo o actual valor das coisas?

Porque...

Porque se aguarda uma ordem insensata que mande vender tudo em leilão por dez réis de mel coado.

Que perca o Estado pelas alfandegas, pelo Porto de Lisboa, pelos Transportes Maritimos, pelas despezas que fez com a crise economica e pelo ajuste de contas final nos gastos e prejuizos da guerra, que isso é negocio de pouca monta. Tudo isso é bem compensado pela economia que fez com a supressão das gratificações que pagava aos dois generaes reformados e que montavam á importante soma de... 150$000 réis mensaes.

Pela publicação destas linhas muito grato lhe fica, o seu obrigadissimo—Machado Santos, vice-almirante.

P. S.—Como me visse forçado a requisitar em globo todas as mercadorias para acabar com as resistencias que opunham as varias repartições de outros ministerios donde essas mercadorias mais ou menos dependiam, tive de «aguentar» com uma «demarche» colectiva do corpo consular que o «patriotismo» luzitano mobilisára contra mim. Depois de explicar como acautelára os «legitimos» interesses dos proprietarios ou consignatarios dessas mercadorias, o corpo consular louvou o meu proceder e agradeceu a gentileza com que o recebera no meu gabinete de ministro.—M. S.

PELO TELEGRAFO

O «lock-out» em Barcelona

Os redactores e tipografos dos jornaes recebem os seus honorarios emquanto ele durar

BARCELONA, 2.—Todos os jornaes pagam aos seus redactores e tipografos durante todo o tempo em que durar o «lock-out». A maior parte dos jornaes aumentou mesmo o vencimento dos seus redactores. Aumenta a esperança de que se poderá evitar o «lock-out».

A falta de viveres na Alemanha

Conferencia para a resolver

LONDRES, 2.—A Agencia Reuter tornou publico que chegaram esta noite a Londres 3 delegados alemães, os professores Brentano, Franz Oppenheim e o doutor Ghilmann bem como um delegado holandez, o doutor Treuze, a fim de tomarem parte na conferencia sobre o abastecimento da Alemanha. Esta conferencia foi organisada pelo Conselho Supremo para combater a falta de viveres.—(Havas).

Na America do Sul

A missão artistica portugueza

RIO DE JANEIRO, 2.

A cantora portugueza sr.ª D. Cacilda Ortigão, que fazia parte da missão artistica portugueza, chefiada pelo soprano lirico Maria Judice da Costa, desligou-se amigavelmente da «troupe» a fim de dar alguns concertos que se realisarão em Santos e em beneficio da obra de socorro a orfãos e invalidos.

Cacilda Ortigão voltará para esta capital de onde seguirá para Campos (Estado do Rio), Recife (Estado de Pernambuco) e Belem (Estado do Pará). Esta artista tem recebido da imprensa brazileira os mais carinhosos elogios.— (Americana).

A festa artistica de José Ricardo

RIO DE JANEIRO, 2.

No teatro Lirico realisou hontem a sua festa artistica o actor portuguez José Ricardo, com a opereta de Robert Planquette «Os sinos de Corneville». A festa do estimado artista teve uma assistencia distintissima, tendo sido aplaudidissimo e sendo-lhe oferecidos «bouques» de flôres e muitos brindes.—(Americana).

Cambio e cotação do café

RIO DE JANEIRO, 2.

Cambio sobre Londres 14 7/8 e 14 55/16. Gotação do café 17.900.—(Americana).

Falecimento

RIO DE JANEIRO, 2.

Faleceu hoje a sr.ª D. Helena Lage, esposa do jornalista portuguez João de Sousa Lage, director do jornal «O Paiz». O cadaver será embalsamado e enviado para o Uuruguay, donde a falecida era natural. O seu passamento foi muito sentido, tendo o sr. João Lage recebido muitas manifestações de condolencia.—(Americana).

O inverno á porta

PARIS, 3.

Hontem em Paris a neve caiu abundante bem como no sul da França principalmente em Luchon onde atingiu vinte centimetros de espessura. Na Savoie passou dum metro.—(Havas).

E' absolvido um engenheiro acusado de assassinato

PARIS, 31.

O engenheiro Pierre, perseguido pelo assassinato do sr. Codica, director da fabrica onde Pierre trabalhava foi absolvido pela Relação de Finisterre. O crime datava de dezembro de 1913. O cadaver de Codica sómente foi encontrado depois de longas pesquizas e nada de irrefutavel fôra provado contra o acusado.—(Havas).

O tratamento da tuberculose

O Laboratorio Farmacologico de Lisboa põe á disposição dos srs. clinicos especialistas de doenças pulmonares, os meios de verificação da estatistica obtida no tratamento da tuberculose, com o emprego da «Fibrocalcina», carne antifermentiscivel em pó, ou extracto de carne (Zomobiase) e gotas de galocol compostas. E' depositario exclusivo destes produtos, Raul Vieira, R. da Prata, 51.

A grande guerra economica

A nova mobilisação de todas as energias scientificas—Como os alemães souberam desenvolver as suas industrias

O dr. Toulouse, antigo director da «Revue Scientifique», aludindo ás relações que devem existir entre a sciencia e a industria, deduz á evidencia, as causas que contribuiram para a superioridade industrial incontestavel que a Allemanha apresentava, em relação a todos os outros paizes, sobretudo no campo da quimica e da fisica.

Os alemães compreenderam as vantagens de chamar os homens de sciencia á colaboração das grandes industrias.

E assim, principalmente a quimica, tornou-se tão prospera, porque os professores das universidades se associaram aos laboratorios das grandes fabricas.

Na fabrica de Friedrich Berger, por exemplo, tivemos ocasião de encontrar duzentos e tres doutores em quimica, trabalhando nos tres grandes laboratorios em Leverknsen, e alguns deles obedeciam ás indicações do sabio mestre o professor Anchutz, da universidade de Bonn.

Em Berlim, no Instituto de quimica da Universidade, tentámos falar com o professor Fisher, o que não foi possivel, porque este quimico se dedicava em todas as horas disponiveis das aulas, ao estudo industrial dos assucares, trabalho este que já lhe tinha rendido uma boa fortuna.

Todos conhecem os resultados industriaes obtidos pelo quimico Liebig e a série de descobertas de agentes terapeuticos da casa Merck, de Darmstadt, quasi todos eles devidos aos trabalhos de professores e assistentes de quimica das universidades.

Em Cologne, a casa Leybald's muito conhecida dos nossos estabelecimentos de ensino, subsidia um instituto, onde podem trabalhar os professores de fisica das universidades, no aperfeiçoamento ou na descoberta de novos aparelhos.

Foi nesse instituto que foi descoberta a celebre maquina Garde, de fazer o vacuo e que tamanha facilidade veiu trazer ao fabrico das lampadas electricas.

Este professor recebeu um milhão de marcos, ha dez anos, pela patente de invenção, ou sejam 260 contos, e continuou estudando novos modelos de maquinas, sendo conhecidas em 1914, mais tres bombas de vacuo, de modelo diverso apresentadas pelo mesmo professor.

Foi da universidade de Bonn que saiu a maior serie de aplicações praticas dos aparelhos dos Raios X.

Foi, portanto, com o concurso dos professores das universidades, que os grandes industriaes atingiram na Alemanha tamanho grau de prosperidade. E ninguem levava a mal que os professores, apesar de serem tão largamente remunerados pelo Estado, na sua profissão, possam ainda prestar ás industrias o concurso da sua sciencia, o que só contribuia para que a Alemanha se tornasse cada vez mais rica, em competencia com todas as outras nações.

O dr. Toulouse. declara que, tentando uma vez na «Revue Scientifique» chamar em França, os professores ao concurso das diversas industrias, realisando para esse fim um inquerito, foi mal sucedido e nem sequer chegou a ser compreendida a sua iniciativa.

Rebentou a guerra e viu-se como faltavam tantas coisas, que só muito abstractamente eram conhecidas nos livros de quimica e que não se sabiam preparar na pratica. Foi preciso improvisar grande numero de preparações que dificilmente podiam ser substituidas.

Os inimigos aproveitavam os seus laboratorios scientificos para o fabrico de engenhos que vinham aplicar na destruição, contra todas as leis e usos da guerra. Mas além disso muitas industrias que estavam subsidiarias das materias corantes, registadas sobretudo por Bayer, sofreram grandes dificuldades e tiveram de estudar os meios de fabricar materias capazes de substituir as que vinham das margens do Rheno.

Agora os professores das universidades convenceram-se de que teem de pôr de parte velhos preconceitos e dedicar a sua actividade em auxilio dos progressos das grandes industrias; teem de se deixar das teorias abstractas, para enveredarem pela aplicação concreta e pratica.

Só assim poderão os paizes latinos tirar algum partido na luta economica que se vae ferir e que será talvez mais terrivel do que a outra nos campos de batalha. E que triste situação será a dos povos pequenos, sem recursos, sem preparação scientifica, sem estimulo algum pelo trabalho e onde a inveja aniquila as poucas iniciativas dos que trabalham e procuram produzir!

Temos de tratar da nossa mobilisação para a grande guerra economica.

Temos de aproveitar todas as competencias. As associações industriaes teem de dar acordo da sua actividade, promovendo conferencias, convidando os mestres a colaborarem com elas. Emfim, ha muito que trabalhar, e agora com 8 horas de trabalho, poder-se-ha fazer alguma coisa nas numerosas horas de descanço.

J. Correia dos Santos

EM AGUAS PORTUGUEZAS

Os alemães chegam

Correu hontem em Lisboa que tinha ancorado no nosso porto um navio alemão com a primeira leva de exilados em demanda dos patrios lares, vindos das prisões ou campos de concentração de terras portuguezas.

Leva interessante, pois não se tratava de presos com cadastro, mas de simples civis apanhados pela guerra em casa alheia.

Achamos que não desagradaria ao leitor saber uns pormenores sobre essas creaturas nossas inimigas de hontem, por dever de nacionalidade, hoje nossas amigas por dever imposto pela Liga das Nações. Os resentimentos particulares que se agitam no fôro intimo de cada um tem de ceder o passo ao humanitarismo mundial ou a obra sublime de Wilson não passaria de uma linda e fugitiva chimera.

Quando o trem me conduzia para a Rocha do Conde de Obidos, o barco alemão não se avistava já no sitio onde se ancorára hontem.

Pergunto a alguem que passa, e dizem-me: «Levantou ferro de madrugada.» E com «ferro» fico eu se perco a visita e fica sem recompensa o rico soninho da manhã, sacrificado á gula caprichosa dos leitores da «Capital».

Mas não. Os fados ainda desta vez me foram propicios... no terreno espinhoso da reportagem. Que no terreno que agora calcurrio atolo-me no lamaçal, obrigando-me a pensar que os sapatinhos decotados, de tacões gigantes, com que se bate o asfalto dos boulevards, estão em perfeito desacordo com as exigencias da vida airada do reporter.

Oiço que falam alemão na avanguarda. Volto-me e vejo uma planturosa Gretchen em animado coloquio com um esguio Hanz e atrevo-me a interrompel-os com o mais amavel «Guten morgen» da minha reserva polyglota. A seguir indago do barco e com prazer por poder levar a cabo a missão a mim confiada, respondem-me que está mais longe e que posso acompanhal-os, visto que para lá se dirigem tambem.

Pelo caminho juntam-se-nos outros passageiros, alguns falando rasoavelmente o portuguez, e que, informados do fim que ali me leva, se põem gentilmente á minha disposição para acompanhar-me na visita.

Subo por um escadote carunchoso, velho como o barco a que dá ingresso. Chama-se este o «Lothar-Bohlen». Dizem-me que tem 25 anos de uso, e que antes da guerra servia a passageiros, parecendo contudo um «cargo-boat».

Na ponte, duas ou tres cadeiras de verga, umas mantas abandonadas no chão por alguem que, só a pressa de chegar, preocupa.

Os oficiaes de bordo, capitaneados por Herr Yhrcke, loiros e rosados, com finura e ares de salão da alta roda, são amabilissimos para o reporter de «A Capital», prestando-me todos os esclarecimentos, e dentro em pouco eu vi-me rodeada por centenas de olhos curiosos e ávidos de saber o que ali me levava e ardendo em desejos de dizer tambem de sua justiça. As palavras «Tagblatt... Schreiber, Eine Frau»... chegavam-me aos ouvidos não sei se em [illegible] de revolta ou recriminações pelos tempos passados. Mas nos rostos destes alemães não vi a ameaça dos «outros», dos dias horriveis, que, mau grado meu, tenho ainda na retina e por isso, esquecendo mesmo o meu sexo, para não me lembrar que sou mãe amputada de um filho pela guerra assassina, continuo encostada á amurada com ar risonho conversando com estes pobres exilados que teem tambem á espera mães, esposas ou filhos, e que, como a nós, lhes arde lá dentro essa chama inextinguivel que é o «amor da patria».

Os repatriados veem na sua quasi totalidade do Castelo de S. João Baptista, em Angra do Horoismo, sendo alguns tripulantes do vapor «Colmar» que estava fundeado no Funchal quando se declarou a guerra, sendo internados. Outros são trou-

lantes do barco «Theodoro-Winne», internados em 1916.

Quando o sr. Paulo Pielors me fornecia indicações ácerca deste barco, foi interrompido pelo seu companheiro Otto Muller, que protestou contra a tomada do vapor porque, diz ele, em 1916 ainda Portugal não estava em guerra com a Alemanha.

Vieram tambem cumprimentar o reporter da «Capital» os srs. Paulo Moser, Oscar Kurt, empregado numa casa de bordados da Ilha da Madeira e que para lá quer voltar. Veem vinte passageiros que eram negociantes em Lisboa antes da guerra e que cá ficam a continuar o seu mister, entre eles os srs. Paul, Oser e Kitjarf que contam alguns bons amigos entre os portuguezes.

Os alemães foram sempre muito habeis para aprender rapidamente os idiomas dos outros paizes.

Havia alguns que me falavam em inglez, outros em portuguez muito correcto, tendo o sr. Paulo Pielors aprendido a falar a nossa lingua durante os tres anos de cativeiro.

Disse-me este senhor que todos veem contentes por tornar a vêr os logares onde d'antes a vida lhes corria descuidosa e contente.

Para aqueles homens fui durante uns minutos como um enviado de um juiz empenhado em fazer justiça. Um destes alemães queixava-se de maus tratos, os quaes tinham até endoidecido uma pessoa de sua familia; outros queixavam-se que as encomendas mandadas da Alemanha lhes eram roubadas. Já na Belgica os portuguezes se queixavam do mesmo mal, o que quer dizer que é mal de todos os campos e de todos os paizes. E o que é peor é que as mais das vezes são os compatriotas chefes de campo, encarregados da distribuição, quem comete estas indelicadezas, nestas ocasiões por demais crueis.

Ao descer o escadote carunchoso e velho, todas aquelas victimas do crime de outrem vieram á amurada, em massa, agitar lenços como se se despedissem de um amigo querido e gritando-me: «Queremos todos vêr «A Capital», queremos vêr o que diz de nós». E em voz alegre, onde esperanças retiniam, lançaram o seu typico «Auf wiedersehen».

Mercedes Blasco.

Recenseamento militar de 1920

Os mancebos residentes na freguesia do Sacramento que completarem 16 e 19 anos de edade, desde 1 de janeiro a 31 de dezembro, deste ano, devem apresentar na séde da junta parochial, rua da Trindade, 28, nota dos respectivos nomes, data do nascimento, naturalidade, filiação, profissão, estado e morada, para serem inscritos no recenseamento militar de 1920.

Os que estejam em taes condições devem apresentar-se em janeiro de 1920, na séde da comissão do recenseamento militar, largo da Escola Municipal.

Ariosto Raul d'Almeida

FALECEU

Oliveira & Almeida Ld.ª, e seus empregados, participam aos seus amigos e clientes o falecimento do seu muito querido amigo e socio Ariosto Raul d'Almeida, e que o seu funeral se realisa ámanhã, 4 do corrente, pelas 16 horas, da capela do cemiterio Ocidental para jazigo municipal.

«O Pé de Meia»

Em recita extraordinaria da móda realisa-se hoje no teatro São Luiz definitivamente a ultima representação da celebre revista «O Pé de Meia», na sua primeira fase, havendo hoje pela unica vez numeros novos. Uma surpreza pelo grande actor Joaquim Costa e a aparição do verdadeiro e festejadissimo Santo Antonio de Lisboa. Para esta noite estão tomados quasi todos os camarotes e balcões pelas principaes familias da sociedade elegante. Na quinta-feira realisa-se a inauguração da epoca de inverno e 1.ª recita de assinatura com a reaparição do «Pé de meia», todo modificado com um acto novo intitulado o «Rocio» e duas apoteoses novas.

Cantina de Alcantara

Esta cantina, que tem uma frequencia de 160 creanças, começa hoje a funcionar. A comissão pede ás escolas que ainda não lhe devolveram os boletins de inscripção que o façam quanto antes.

Theatros e Cinemas

Nota do dia

Conchita viva, sã, escorreita e sempre atraente deu-nos o prazer da sua visita. Veiu comunicar-nos o seu reaparecimento hoje no Salão Foz.

De certo que é esta a nota do dia, pois Conchita no meio pacatamente alegre de Lisboa conseguiu uma popularidade notavel. Tão notavel que se prolonga a sua estada ha mezes junto de nós sem que deixe de atrair o publico; tão notavel que, como verdadeira «sensacional» tem os seus inimigos, as suas rivaes, os seus detractores, os invejosos, e... até os «ratos de hotel» prontos a provocar-lhe as sensaborias dum pequeno escandalo sem vantagem para ninguem.

Ela mesmo o conta, esse sobresalto vivo duma noite de alucinada memoria, essa tentativa frustrada ao seu «toilette» recheado. E é magoada, sem o menor vislumbre do tal reclame que «os outros» e... as «outras» lhe imputam já, que nos lembra a sua arte, as suas canções...

Se Conchita agradou sem «ratas» para que seriam precisas agora? Intrigas, invejas... E ficamos mais firmes que é o seu dolente olhar, a sua vosita singela, a sua adelgaçada forma o que atrae o publico, e o faz aplaudir sem reservas... Conchita Ulia, rainha da elite lisboeta.

Salão Central

A soberba pelicula «As garras do leão», tão anciosamente esperada pelo publico, e que a empreza deste elegante cinema, arrostando com as maiores dificuldades, conseguiu obter para exibir no écran, teve na «matinée» de hoje a sua apresentação, saindo a numerosa e selecta concorrencia que ali afluiu verdadeiramente encantada com os magnificos episodios da sua primeira jornada. Estava previsto o seu Sucesso, dada a fama de que vinha precedida e ainda pelo desempenho da sua protagonista estar confiado á formosa e notabilissima artista Marie Walcamps.

Já na «Liberdade» e no «Az de Ouros», dois «films» de extraordinario exito, Marie Walcamps se havia afirmado como artista sem egual, pelas suas excepcionaes qualidades para este genero de trabalho, ora montando a cavalo e correndo por montes e vales ou fugindo atravez as florestas, ora luctando com as feras ou caindo nos maiores precipicios, ou ainda defendendo-se heroicamente dos seus perseguidores, emfim, um nunca acabar de emocionantes situações que a intrepida e valorosa artista executa primorosamente.

«As garras do leão» é composta de nove jornadas, distribuidas em 36 partes, não querendo nós adeantar mais nada no que diz respeito ás surprezas a receber:—o que podemos garantir é que o afamado «film» é a maior maravilha do animatografo, não havendo nada que se lhe aproxime, tanto nas belezas dos seus aspectos panoramicos, como no rigor com que vestem os seus inumeros personagens, e na sucessão continua dos seus episodios cheios de interesse e originalidade.

Esta noite repete-se a sensacional fita, figurando tambem no programa «O atentado», em 6 actos, com desempenho primoroso de miss Doly Morgan e Bruto Castellani, e «Outono do Amor», em que são adoraveis —a interessante e eximia actriz Dioniza Jacobini e a celebre e azougada bailarina e coupletista espanhola Bela Otéro.

Antonio Nunes Soares

Faleceu

Maria das Dôres de Sousa Bastos Soares, Antonio Nunes Soares Junior, sua mulher e filhas, Carlos Mario Soares, sua mulher e filha (ausentes), Tereza de Jesus Soares e Jacinto Nunes Soares, cumprem o doloroso dever de participar a todos os seus parentes e pessoas de amizade, o falecimento de seu muito querido e extremoso marido, pae, sogro, avô e irmão, cujo funeral se realisa ámanhã, 4, pelas 14 horas, saindo o prestito funebre da Rua João Crisostomo, 57, 2.º, para o cemiterio oriental. Não se fazem convites especiaes em virtude do estado de consternação em que se acham.

PROBLEMA VITAL

O INQUILINATO COMERCIAL

O comerciante manda mais que o dono do imovel

A' hora de todos os dias, pontualmente, compareciamos no escritorio do nosso entrevistado. Lá estava ele, porém, sentado como de costume em frente da sua secretária, escrevendo, pondo em ordem diversos papeis. Recebeu-nos com um sorriso de amabilidade talvez um pouco mais expressivo que nos dias anteriores, dizendo:

—Esperava-o cá hontem; o senhor não apareceu, talvez por ser domingo...

—E' verdade. Supuz não o encontrar.

—Pois meu caro, eu, apesar de ser um senhorio, um dos taes «exploradores», como por ai lhes chamam, tenho de trabalhar ao domingo. Com um pouco menos de precipitação, mais á vontade, sim, mas raro é o domingo em que me posso permitir uma folga. Que quer? A vida é assim!

Encolheu filosoficamente os hombros, nos olhos perpassou-lhe um clarão de tristeza resignada, tão conhecida daqueles que só á custa dum labor insano conseguem auferir os meios suficientes para fazer face ás despezas diarias, e continuou:

—Ponhamos, porém, considerações de parte e vamos ao que aqui o traz. Prometi-lhe hontem tratar do assunto de que nos vimos ocupando ha dias sob um aspecto diverso: o inquilinato comercial. E' completa e absoluta a diferença que ha entre esse e o inquilinato de habitação. Mas se sobre este ultimo muito tem havido a dizer, aquele dá margem a largas considerações e não é duma só vez que tudo se pode explanar. Vamos ver se ponho a questão de modo a ser claro e inteligivel e que quem tenha a pachorra de nos ler fique compreendendo bem o assunto.

«Anteriormente a 1910, de quando em quando apareciam na imprensa queixas contra alguns senhorios que se deixavam seduzir por ofertas de rendas mais elevadas e que não tinham consideração alguma pelos interesses dos seus inquilinos, que, á custa de trabalho incessante, haviam conseguido que os seus estabelecimentos adquirissem boa clientela. Se me perguntar se eram verdadeiras as queixas, dir-lhe-ei que sim, que na realidade alguns senhorios não atendiam ás circumstancias que militavam em favor do inquilino e que a este punham o dilema de, ou ter de sair, ou de pagar a renda que um inimigo, um concorrente invejoso oferecia. Mas, assevero-lhe que eram raros os senhorios que assim procediam e que na maioria dos casos as relações entre senhorios e inquilinos comerciaes eram das mais amigaveis.

«Clamava-se, quando um desses casos vinha á publicidade, que era preciso pôr o comerciante ao abrigo de abusos de semelhante natureza, mas ninguem pensava em que se pudesse chegar a ponto de negar ao proprietario do predio o rendimento correspondente ao valor do local por esse predio ocupado. Era preciso, pois, providenciar de fórma que ao inquilino fosse garantido que um rival seu se não pudesse aproveitar do valor da clientela por ele alcançada, mas tambem fosse garantido ao senhorio o valor do local. Quer-me parecer que era de justiça que assim se procedesse, mas os legisladores é que não o entenderam dessa fórma e dai a serie de disparates—permita-se-me o termo—que se seguiram.

—O que é que se fez?

—Nada mais, nada menos que doar a propriedade ao inquilino comercial. Doar, lhe chamo eu, e com razão. Pela primeira lei do inquilinato, promulgada em 12 de novembro de 1910, o dono dum estabelecimento, só pelo simples facto de ter alugado o imovel, ficou com todos os direitos, sem excluir até o de o vender, ao passo que sobre o proprietario pezam todos os deveres, absolutamente todos.

«Parece um contrasenso o que digo mas não o é. Um arrendamento comercial é feito para sempre, desde que o inquilino assim o queira. Pouco importa que no arrendamento figure o praso de seis mezes ou um ano, o de seis ou dez anos. Se o local do predio se valorisar, os lucros revertem a favor do comerciante, que não tem que dar contas deles ao senhorio. Se, pelo contrario, o local se desvalorisar, o inquilino vae-se embora quando muito bem lhe apraz e quer e o senhorio que se aguente no balanço.

—Não compreendo o motivo porque disse que o arrendamento era feito para sempre. Então se o contracto fôr, por exemplo, por cinco anos, como é que é para sempre?

—Porque é tal a indenisação que o senhorio, se quizer rehaver o que legitimamente é seu, tem de pagar ao inquilino, que se póde dizer quasi sem exagero que é este o verdadeiro dono do predio. O senhorio não póde alugar a outro, mas o inquilino, quando assim lhe convenha, póde fazel-o, servindo-se para isso do trespasse, que, como sabe, principalmente nos ultimos tempos, tomou um desenvolvimento extraordinario em Lisboa, chegando a atingir proporções fantasticas. Isto só no nosso paiz se vê e se permite.

—No estrangeiro não se dá o mesmo?

—Não. A'manhã lhe direi o que se passa em França e em Inglaterra a tal respeito.

A. C.

Comerciante burlão

Em 27 do mez findo noticiou «A Capital», ter sido detido Francisco Pedro dos Santos Junior, o qual tendo-se estabelecido com escritorio de comissões na praça de D. Pedro, 36, 3.º, conseguiu entrar em negociações com outros comerciantes, aos quaes comprou fazendas no valor de 3.249$64, não tendo depois satisfeito a respectiva divida, e vendendo as fazendas referidas por metade do seu custo.

Na policia foi o caso largamente tratado, ficando por fim resolvido que o detido pagaria a divida por meio de letras, servindo de fiador seu pae.

Um dos queixosos, o comerciante sr. Victor Martins Rebelo, com escritorio na rua dos Remolares, tendo conhecimento de que o Santos Junior, se dispunha a sair do paiz, fugindo assim ao pagamento das letras, as quaes não seriam pagas por o fiador não ter dinheiro, apresentou queixa á policia, sendo hoje novamente preso o Santos o qual recolheu a um dos calabouços do governo civil.

Bolchevistas portuguezes

Vindos do Brazil, d'onde foram expulsos, chegaram ha dias a Lisboa, alguns bolchevistas portuguezes, os quaes recolheram aos calabouços da esquadra do Caminho Novo.

Como nas leis do nosso paiz não exista qualquer determinação que implique a detenção desses individuos, foram hoje postos em liberdade por ordem do governo.

Poeira da Arcada

Ordem do Exercito

Deve ser distribuida por esta semana a «Ordem do Exercito», 2.ª serie, referente a 31 do mez findo.

Ensino primario e normal

Por toda a presente semana devem ser publicados os programas de ensino primario e normal.

ULTIMA HORA

Um grande escandalo

Um funcionario superior do ministerio da agricultura exigia gratificações chorudas dos comerciantes para lhes fornecer manteiga

Em cada dia que se passa, maiores são os escandalos que se vão tornando publicos e para os quaes o extinto ministerio dos abastecimentos muito tem contribuido.

As negociatas com o assucar teem levantado brado em Lisboa; o que se passou com os celeiros municipaes ainda deve causar maior sensação pois casos gravissimos estão sendo devidamente investigados, e, quando a comissão de inquerito terminar os seus trabalhos áquele ministerio, ver-se-ha então que tudo ali era um caos vergonhoso.

Hoje descobriu-se mais uma verdadeira monstruosidade, na qual está envolvido um funcionario superior do ministerio da agricultura, que com a extinção da secretaria dos abastecimentos transitou com outros colegas para aquele ministerio. Trata-se de um funcionario que desde outubro do ano passado até fevereiro do corrente ano, exigia dos comerciantes da praça de Lisboa, gratificações chorudas para lhes deferir as requisições de manteiga.

O caso foi conhecido do director geral daquele ministerio o qual por oficio, pediu ao director da policia de investigação para o assunto ser devidamente esclarecido. Foi então encarregado da diligencia o habil agente Teixeira, o qual apurou que o principal queixoso era o comerciante sr. José Henriques Gomes, com casa de manteigas na rua da Prata, 90. Este sr. acusava os empregados do ministerio de não lhe deferirem as requisições sem que désse gratificações.

Pelas diligencias efectuadas provou-se que esse funcionario era o sr. José Ramos Jorge, chefe de secção, o qual só deferia as requisições desde que, por cada kilo de manteiga lhe déssem 15 e 20 centavos. Por tal processo conseguiu auferir as seguintes gratificações: do referido sr. José Henriques Gomes, 300 escudos; de José Antonio Trindade, da rua de D. Pedro V, 91, 600 escudos; do sr. José Jacinto Botelho, da rua da Prata, 261, 300 escudos; do sr. Antonio Martins Junior, 80 escudos; do sr. Antonio Cardoso Rebelo, da Praça Luiz de Camões, 28, 800 escudos. Por esta rapida nota se vê que o referido funcionario conseguiu arranjar em poucos momentos 2.080 escudos. As investigações por parte da policia proseguem pois se espera que mais queixosos apareçam.

Apurado está mais que o chefe sr. Jorge não fazia segredo das suas negociatas, pois que a todos os comerciantes que apareciam a requisitar-lhe manteiga, ele respondia que querendo ser servidos tinham «de se explicar», pois que o ordenado que recebia no ministerio lhe não chegava para viver.

Para as gratificações estipulou uma verba por kilo e quando o comerciante lhe pagava o genero, apenas por 10 centavos cada kilo, ele não deferia a requisição, alegando que as demoras no deferimento eram resultantes do comerciante não ter procedido como os outros colegas, que lhe davam mais dinheiro.

E assim, o comerciante com as facas aos peitos tinham de aceder ás imposições, que finalmente vinham a reflectir-se no publico, que tinha e tem ainda de dar 3 e 4 escudos por um kilo de manteiga.

O caso hoje descoberto produziu grande escandalo não só na Arcada como no governo civil, proseguindo o agente Teixeira nas suas investigações.

Repatriados alemães

O seu destino

O «Lother Bohlen», que, como noticiámos, trouxe os alemães que se achavam internados na ilha Terceira, já despachou para sair para Hamburgo, devendo largar ainda hoje do Tejo. Consignou-se ao consul de Espanha.

Parece que não levará os alemães que se achavam internados no nosso paiz. Dos que desembarcaram em Lisboa, 5 ficam na capital, 12 destinam-se ao Porto, 7 a Angola e 1 a Espanha.

Um jornal da manhã publica um telegrama com o titulo acima, noticiando que o paquete «Demerara» chegou no dia 1 a Vigo, conduzindo 900 passageiros para Lisboa e acrescenta entre outras coisas que havia gripe a bordo.

Deve com certeza haver engano no nome do navio ou a noticia é fantasiosa. O «Demerara» esteve no dia 30 no nosso porto, vindo de Buenos Aires, La Plata, Montevideu, Santos e Rio de Janeiro. Desembarcou em Lisboa 903 passageiros e trazia 186 em transito para o norte, não constando que o estado sanitario dos passageiros e da tripulação fosse mau.

POLITICA

O jogo de azar discutido na Camara dos Deputados

O sr. José d'Almeida, deputado socialista, proferiu hoje na Camara dos Deputados um discurso d'oposição ao jogo. Não adiantou nada, naturalmente. O proprio orador o disse, constatando que o governo, pelo seu chefe, se confessára já impotente para a repressão do exercicio do jogo d'azar. Foi, porém, notavel, o apoio que lhe deu uma parte da maioria, d'aquela mesma maioria que sustenta o governo. Ha, pois, uma minoria da maioria que é contra o governo, pelo menos na parte que se refere ao jogo. Pertencem ao bloco os srs. Sá Pereira, Velhinho Correia e Tamagnini Barbosa, que expuzeram em apartes veementes o seu modo de vêr, absolutamente em discordancia com o do chefe do governo.

Um grande incendio

Fica destruida parte do antigo palacio Colares, ao Alto de Santa Catarina

Cerca das 5 horas manifestou-se incendio com enorme violencia, na ala esquerda do antigo palacio Colares, ao Alto de Santa Catarina, hoje propriedade do importante industrial sr. Alfredo da Silva, o qual com sua familia ocupa a ala direita do referido palacio. A ala incendiada, que fica á esquerda de quem entra no palacio era ocupada pelo sr. Antonio Ferreira Ramos, antigo proprietario e emprezario do teatro S. Luiz, tendo-se o fogo declarado, por motivo de uma fusão de fios, no sotão da referida ala, na parte que faz esquina para a travessa de Santa Catarina. O sotão, que era destinado aos quartos dos creados, ardeu por completo, passando depois o fogo ao 1.º andar, ficando destruidas varias salas e o vigamento do telhado. Logo que foi feito o alarme, avançou para o local todo o material do districto, bem como o dos bombeiros voluntarios das tres secções, vendo-se os bombeiros em enormes embaraços para combater o incendio, pois que durante uma hora se luctou com a falta de agua, por se encontrarem fechadas as torneiras dos reservatorios da Companhia. Só tarde a agua apareceu e quando parte do edificio já estava sendo pasto das chamas. Os bombeiros que trabalharam com um denodo extraordinario, conseguiram salvar muito mobiliario riquissimo, entre o qual figuravam verdadeiras preciosidades artisticas taes como um piano, tres estantes com livros, camas em pau santo, estilo D. João V, comodas e buffetes, estilo Imperio, com incrustações; grandes guardas fatos em tres corpos, com portas de espelho em cristal; malas com roupas, etc.

A' voragem das chamas escaparam as instalações do rez-do-chão, bem como um quarto ocupado pelo filho do sr. Ramos, no 1.º andar do edificio, a copa, o quarto de uma creada, o vestiario, sala de banho e retretes, tendo-se salvo tambem a «garage», na travessa de Santa Catarina, 2, onde se encontravam tres automoveis, que foram retirados a tempo. Em virtude de ter ardido o vigamento abateu o telhado, que transformou todas as salas em montões de ruinas. Todo o mobiliario estava seguro na Companhia Fidelidade em 17.000 escudos, mas os prejuizos embora importantes não devem atingir essa quantia, visto grande parte dos moveis ter sido já retirada para um predio que ultimamente o sr. Ramos comprou na rua de Santa Catarina, 27.

O fogo passou ainda ao sotão da ala direita do palacio, onde se encontram os quartos dos creados do sr. Alfredo da Silva, chegando a arder uma cama.

A's 8 horas, estando o fogo extincto, começou o rescaldo que se prolongou até ao meio dia, sendo depois os escombros entregues aos agentes das companhias de seguros Fidelidade e Bonança, que estiveram procedendo á avaliação dos prejuizos. O predio está seguro em 20.000 escudos na Fidelidade. Os agentes das companhias seguradoras, auxiliados pelos bombeiros municipaes estiveram de tarde procedendo á remoção do entulho numa das salas, a fim de extrahirem um brinco de ouro com brilhantes e perolas, no valor de 1.500 escudos, pertencente á sr.ª D. Berta Ortigão Ramos e que ficou sob os escombros. Em casa do sr. Alfredo da Silva são tambem grandes os prejuizos causados pela agua, tendo aquele industrial estado ali hoje de manhã a examinar os destroços.

Durante o dia permaneceu no Alto de Santa Catarina, vendo os prejuizos, muito povo, que era contido por alguns guardas civicos.

De manhã foi ali preso José da Silva, que foi empregado do sr. Alfredo da Silva, ultimamente despedido e que a titulo de prestar auxilio aos bombeiros, no salvamento de moveis, furtou varios objectos de casa do sr. Ramos. Ao vêr-se descoberto, o José da Silva tentou agredir o bombeiro municipal n.º 48, chegando a deitar-lhe as mãos ao pescoço, com o intuito de impedir que ele fizesse alarme. Recolheu a um dos calabouços do governo civil.

A questão de Fiume

A Inglaterra favoravel á situação

ROMA, 3.

«La Tribuna» afirma que um facto novo se produziu na questão de Fiume. Segundo o mesmo jornal a Inglaterra que até aqui tinha mantido uma atitude passiva, mostra-se agora favoravel á tese italiana, e nesse sentido mandou instruções ao seu embaixador em Washington para sustentar essa tese junto do governo americano. —(Havas).

O desfalque nos Transportes Maritimos

Apura-se que a escrita era falsificada e que se desviavam dinheiros com facturas falsas

O agente Pereira dos Santos, da policia de investigação, proseguiu hoje nas suas diligencias sobre o importante desfalque ultimamente descoberto na direcção dos Transportes Maritimos e em que se acha implicado o escripturario daquela direcção sr. Joaquim Ferreira da Conceição, o qual, ao ser conduzido para o governo civil, a fim de prestar declarações, tentou suicidar-se disparando um tiro no ouvido direito, conforme referimos.

O ferido continua em tratamento, numa das enfermarias do hospital de S. José, sendo satisfatorio o seu estado.

Pelas diligencias efectuadas apurado está que o Conceição falsificava a escrita, inscrevendo na mesma verbas de despezas varias, que não eram feitas e que ele justificava com facturas falsas, de uma imaginaria firma comercial, em que figurava como socio o nome de um Guimarães qualquer. Ao Conceição foram apreendidos alguns carimbos, tambem falsos, com o Visto e ordem de pagamentos.

Uma dessas facturas importava em 40.000 escudos, sendo o respectivo cheque para pagamento sido apresentado numa casa bancaria de Lisboa, não chegando, porém, a ser liquidado por um simples acaso, pois o portador exigia que o pagamento do cheque fôsse feito á ordem.

As diligencias policiaes proseguem, tanto mais que se presume estarem implicadas no caso outras pessoas além do escriturario Conceição. Sobre o assunto tiveram hoje larga conferencia no governo civil, o director da policia de investigação e o sr. dr. José Montez, advogado dos Transportes Maritimos.

CRAPULA CITADINA

Continuam os furtos na cidade, tendo os larapios roubado até as botas a um dorminhoco

Não tem a policia nos ultimos dias, procedido a rusgas na cidade, apesar dos roubos e furtos se sucederem de uma forma assustadora. A' policia continuam chegando diariamente queixas contra os amigos do alheio, tornando-se portanto urgente que os agentes da investigação não esmoreçam na sua missão de limparem a cidade dos larapios que a infestam.

A lista dos furtos de hoje é extensa e por isso nos limitamos a fazer referencia aos mais importantes.

Jacob Pereira da Cruz, de Celorico da Beira e acidentalmente em Lisboa, foi passear para a Avenida da Liberdade, sentando-se num banco onde por fim adormeceu.

Ao acordar deu por falta da carteira com 100 escudos, tendo-lhe ainda os larapios levado as botas que tinha calçadas.

A Elisa Augusta Rosa, da rua do Arco do Marquez de Alegrete, 43, furtaram em plena rua, a bolsa de prata com 50 escudos.

Ao sr. José de Figueiredo, empregado na estação de Santa Apolonia, furtaram do seu quarto, objectos avaliados em 154 escudos.

Num dos calabouços do governo civil encontra-se detido Armando Alves, da rua do Passadiço, 18, que furtou um cordão de ouro, no valor de 59 escudos a Guilhermina da Conceição Ferreira, da rua de S. Paulo, 12, 1.º, tendo sido tambem presa Celeste de Oliveira, da calçada da Boa Hora, 184, 1.º, que furtou roupas e objectos de ouro no valor de 113 escudos a José Francisco, soldado n.º 94 da 1.ª companhia da guarda republicana.

Ao tribunal da Boa Hora foram hoje remetidos José Pinto Menezes «O gago» e Rogerio Lopes «O Tisico», que ha dias em pleno dia, na Avenida da Liberdade assaltaram uma senhora a quem roubaram parte de um cordão de ouro, que lhe arrancaram do pescoço.

Noticias da Capital

Do mesmo oficio...

Mario Lucio, de 29 anos, corticeiro, negociante em Rio Seco, agrediu um outro seu colega corticeiro, de nome Sebastião, com 4 facadas, uma na virilha e as outras no braço esquerdo e peito. Foi removido para o hospital de S. José, no automovel da Cruz Vermelha, e depois de pensado recolheu a casa.

Diario do Governo

Foi nomeado reitor do liceu de Faro o sr. Antonio Albino Gomes Saraiva e confirmados nos respectivos cargos os reitores dos liceus de Passos Manuel e Camões, respectivamente, os srs. Alberto Oscar Santos Machado e Augusto Cezar Claro da Ricca.

Colchoaria Quintão

Acaba de abrir uma sucursal na rua Ivens, 30, para venda de edredons, almofadas, colchões de arame e todo o genero de colchoarias.

Aconselhamos os nossos leitores e os clientes desta casa a visitarem a exposição d'este novo estabelecimento.

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

3365 — 10.° anno — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.°

LISBOA — Terça-feira, 4 de Novembro de 1919

Telephone n.° 2298 — Endereço teleg. CAPITAL — Officina de Impressão — 71, Rua da Bica, 71 — Preço, 2 centavos

PROPAGANDA REPUBLICANA

Anuncia-se que vae iniciar-se por todo o paiz, do norte ao sul, uma activa campanha de propaganda da Republica. Essa campanha será levada a cabo por um grupo de republicanos, uns independentes, outros democraticos, outros ainda que recentes na nova agremiação politica, que o sr. dr. Julio Martins acaudilha, e que se intitula Grupo Parlamentar Popular.

Não regatearemos elogios a esta iniciativa. Ganha-se sempre em defender ideias, que carecem de penetrar bem na consciencia nacional. Em Portugal, sobre tudo, essa lucta impõe-se, porque, mercê do monstruoso analphabetismo que nos assoberba, a Republica ainda não é suficientemente conhecida, nos seus principios, pelo povo portuguez, nem a sua acção como regimen lhe foi ainda convenientemente explicada.

O que acabamos de dizer demonstra a necessidade de dar a essa campanha um caracter inteiramente alheio às deploraveis rixas partidarias em que a vida republicana desgraçadamente tem sido fertil. Forçoso se torna, para que de tal iniciativa resultem os beneficios que ha direito a esperar uma grande serenidade a par de uma grande convicção. E' uma obra de apostolado a que se vae fazer, ou que, pelo menos, se deve fazer, e uma obra de apostolado não se amoida à noção de qualquer violencia, de qualquer exaltação descabida e extemporanea. Pela persuasão, e só pela persuasão, é que obras dessa natureza se vêem coroadas de exito.

No momento actual, o que o paiz reclama é paz, ordem e trabalho. Para isso a primeira condição está na conciliação republicana. Todos os republicanos teem de possuir eguaes direitos, sujeitos a eguaes deveres. Desses direitos, o primeiro é o direito de cidade, quer dizer, nenhum republicano pode ser excommungado por outro republicano como um leproso, como um reprobo. Desses deveres, o primeiro é o do sentimento da solidariedade republicana, quer dizer, todo o republicano deve ter presente no espirito que em todas as ocasiões em que isso se torne necessario, cumpre juntar aos outros republicanos, sejam de que partido forem, para defender a Republica. Tanto destes deveres como destes direitos, o exemplo sublime de Monsanto nos deu uma lição indelevel.

Se assim for, se a campanha que se projecta girar em torno da pureza da doutrina da Republica e da fraternidade entre todos os republicanos, o que não significa que tenham todos as mesmas opiniões, como a irmãos pelo sangue se não pode exigir tambem, embora devam sempre estar ligados por um laço de indestructivel afecto, essa campanha reatará o fio quebrado das grandes excursões do tempo da propaganda, e o amor da Republica espalhar-se-ha, como um contagio abençoado que o entusiasmo propagará nas multidões. A Republica terá a seu lado, cada vez mais, legiões conscientes, em que poderá confiar para a vida e para a morte.

Mas, se pelo contrario, para essas reuniões se forem agredir republicanos, sejam quaes forem as correntes em que se integram, provando assim ao povo que a educação civica está por fazer, por cima; se se quizer atear um incendio de novas discordias intestinas em vez de crear uma coesão nacional indispensavel para a salvação da patria, então essa campanha falseará os seus fins; não estará servindo, mas prejudicando a Republica; patenteará fraqueza e não força, odios e não harmonia, ferocidade e não beleza. Será um acto contraproducente, porque em vez de conquistar almas para a Republica as afastará pelo espectaculo de más paixões que nada podem construir de solido e duradouro.

Apraz-nos acreditar que não. Esperamos que, pelo contrario, essa campanha se manterá num nivel de elevação bem republicana. E, sendo assim, os nossos aplausos a seguirão, rendendo um preito de justiça às intenções puras que os seus actos generosos revelarem.

Um certamen interessante

Nos Paços do Conselho

O chefe do Estado inaugura a exposição de crisantemos

Inaugurou-se hoje nos Paços do Concelho a exposição anual de crisantemos, obtidos nos viveiros que no parque Eduardo VII, possue a camara, assistindo a esse acto o sr. presidente da Republica, que chegou às 14 horas em ponto, e era aguardado no atrio do edificio, pelos srs. ministro do trabalho, presidente do senado municipal e vereadores, chefes dos diferentes serviços, jardineiros inspectores, etc.

A banda da guarda republicana fez ouvir o hino nacional e o chefe do Estado, precedido, ladeado e seguido por enorme e selecta comitiva que o acompanhou na visita demorada e minuciosa que fez à magnifica exposição, atravessou por entre os milhares de variedades de tão apreciada «Flôr de ouro», que guarnecem a escadaria, a sala dos Passos Perdidos e a sumptuosa sala das sessões.

Ai, em macissos impenetraveis aglomeram-se artisticamente dispostos os mais soberbos exemplares dessa especie extraordinaria de compostas, que no primeiro decennio do seculo passado um francez trouxe do Imperio do Meio, com todos os recatos e cuidados, para oferecer à imperatriz Josefina, mulher de Napoleão I, que a fez cultivar devidamente nos seus magnificos jardins de Malmaison, e a breve trecho se desenvolveu e espalhou por todo o mundo, constituindo uma das flôres predilectas dos horticultores e das pessoas de bom gosto.

Destacam-se entre essas muitas maravilhosas, os mais soberbos exemplares, uns ostentando flôres enormes, de forma global, outros semelhantes a cabeleiras formadas de aneis caprichosos; ainda outros recostados, esfarrapados, digamos assim; estes brancos de neve, ou côr de creme, amarelos-gemados, côr de ouro velho, fulvos como tições; aqueles carmezins, côr de granada, tonalisados, côr do sangue coagulado, estriados de amarelo, uma variedade infinita, emfim, destacando-se dois grupos, principalmente ineditos, obtidos por sementeira no ano de 1918, pelos jardineiros-inspectores srs. Henrique Augusto Nery e Antonio Henriques de Albuquerque, o primeiro disposto sob o quadro de Lupi, representando o Marquez de Pombal, cuidando da reedificação de Lisboa destruida pelo terremoto e o segundo, guarnecendo o pedestal que suporta o busto da Republica.

Do primeiro desses grupos escolheu o chefe do Estado, a convite da camara, uma planta destinada a receber o seu nome, cujas flôres, de grande formato, apresentam tonalisações carmineas.

A esposa do sr. dr. Antonio José d'Almeida, irá um destes dias visitar a exposição e escolher, tambem a convite do senado municipal algumas dessas maravilhosas plantas.

Entre os grupos que ocupam o centro da sala prendem a atenção do visitante as obtenções de origem ingleza, ao centro das quaes se elevam exemplares apreciaveis de «Cycas circinualis» e «Areca sapida».

Guarnecem a vasaria que contem os crisantemos, belissimos exemplares de «scrotoos» e adiantum, se ainda na exposição preciosos fetos e uma avenca magnifica, «Adianthum concinum grande», que ostenta, isolada, sobre um columnelo, no vão da janela principal da sala, a sua exuberante beleza e opulencia.

Depois de visitar a exposição, o sr. presidente da Republica visitou as diferentes repartições municipaes, tendo palavras de elogio e de incitamento para os respectivos chefes e funcionarios que estes dirigem, sendo acompanhado até à porta do edificio pelas pessoas já citadas.

Nessa ocasião a banda executou de novo a «Portugueza», sendo soltados vivas à Republica e ao chefe do Estado.

Enquanto durar a exposição, as sessões municipaes serão celebradas na antiga sala, que fica na ala oposta, onde efectuou sessões memoraveis a primeira vereação republicana eleita em Lisboa.

A Proposito

AS 8 HORAS

Nada de barulhos, nem de reclamações. Se por acaso se faz oposição, a lei, integral, com todas as deficiencias e grossas vantagens, permanece em vigôr por secula-seculorum.

Mas deixemol-a entregue aos seus destinos, e a lei das 8 horas dentro em pouco será um papel amarelado, no ripanço adormecido dos arquivos. Este destino da legislação é infalivel na nossa terra. Passados 15 dias, dá-se o primeiro remendo; ao fim de um mez vem no D. G. I.° S. um aditamento com as primeiras excepções. Ao fim de 1 mez, começam as atenções a ser presas para um novissimo decreto, ou para qualquer outra calamidade publica. Nas brumas do passado... o assunto vae passando à historia e cada qual começa a fazer o que quer e pode.

As 8 horas... Mas se todos, todos protestam contra elas. Os dos bancos, não as querem nem a dobrar vencimentos; os tipografos, não podendo trabalhar mais do que a ração regulamentar, protestam; e, até mesmo, este magnanimo e importante proletario, que tanto reclamou as 8 horas, do seu ideal dos tres 8, vocifera e se indigna:

— Fui ludibriado! Fui mais uma vez intrujado!... Mas não pode ser...

Nós cá estamos alerta... Então eles julgam que nós não sabemos ouvir ler? Levei 10 anos a fazer a propaganda, a reclamar as 8 horas de trabalho...

— Mas agora é um facto...

— Vão intrujar outros! Eu preguei, eu trabalhei, eu fui defensor desta aspiração do proletariado, porque queria as 8 horas de trabalho... mas por semana... Oh! mas um dia virá...

Sá de O'.

A liquidação de responsabilidades

No tribunal militar especial

Os acusados de hoje condenados a uma ligeira pena

No Tribunal Militar Especial foram chamados a responder hoje os réus Antonio Alves Teixeira Lorga, alferes de infantaria 23, e Manuel Jacinto Mendes, comerciante.

O primeiro é acusado de rebelião e deserção para Espanha, de onde pela fronteira da Galiza, tentou reunir-se às forças realistas, e o segundo de ter estado em Monsanto por ocasião do movimento de janeiro, exercendo ali o logar de enfermeiro. São ambos defendidos pelo sr. coronel Jorge Maia, defensor oficioso.

O sr. alferes Lorga ostentava a cruz de guerra com que foi galardoado por serviços prestados em França, onde esteve 19 mezes.

Lidas as principaes peças dos libelos e apresentadas as contestações pela defeza, o sr. juiz auditor interrogou os acusados, sendo o primeiro a ser ouvido o alferes Teixeira Lorga. Estava em Coimbra quando se desenrolaram os acontecimentos. Tendo ali conhecimento da guerra civil com todas as caracteristicas, tanto mais que não estava disposto a combater as instituições, resolveu ir para Espanha, abandonando tres presos politicos, seus camaradas, por ouvir dizer que seriam chacinados em Lisboa. Depois de restaurada a Republica no norte, apresentou-se ao consul portuguez em Tuy, a fim de prestar contas às autoridades.

O comerciante Manuel Jacinto Mendes declarou que tendo ido comprar fruta à quinta da Pimenteira, uma patrulha de cavalaria o conduzira para Monsanto, onde o obrigaram a prestar serviço na Cruz Vermelha. Não concordou com o movimento tendo-se abstido de pegar em armas por diferentes motivos.

Seguiu-se a inquirição das testemunhas de acusação do primeiro réu srs. capitão Diamantino Antunes do Amaral e os alferes Luiz Dias, Rocha Peixoto e Manuel Luiz de Araujo, que nada disseram de importante, a não ser que o acusado é muito concentrado, não lhe conhecendo ideias politicas. As de defeza, os srs. capitães Mousinho d'Albuquerque e Eduardo Eugenio Vieira, abonam o bom comportamento do acusado, o qual foi seu subordinado em França, onde deu provas de valentia, sendo muito disciplinado e disciplinador.

Depôem em seguida as testemunhas de acusação do réu Manuel Jacinto Mendes, os guardas das cadeias civis José Monteiro e Antonio Costa. Declararam ter visto o acusado no forte de Monsanto exercendo o logar de enfermeiro da Cruz Vermelha, ostentando o respectivo distintivo. Não o viram armado.

O réu Manuel Jacinto Mendes não deu testemunhas de defeza.

Os debates foram curtos, recolhendo o juri para deliberar às 14 horas e meia.

Os réus foram condenados em 3 mezes de prisão correccional já sofrida, em vista do que sairam em liberdade.

Depois de amanhã são julgados os alferes de infantaria 18 srs. Jorge Montêiro Pinto e Manuel da Costa.

Subiu hoje com recurso ao ministerio da guerra o processo em que é arguido José Teixeira, ex-chefe de policia da esquadra de Belem.

BUROCRACIA DO EXERCITO

Comissões militares de cá e os parlamentos de lá

A legislação sobre a invalidez produzida pela guerra é muito pequena em Portugal sem ser deficiente.

Ha leis, projectos de lei e medidas adoptadas pelo ministro Norton de Matos; ha duas leis assinadas pelos ministros srs. Amilcar Mota e dr. Sidonio Paes; ha deliberações tomadas pelos ministros srs. Freitas Soares e Antonio Maria Baptista; ha agora um projecto de lei apresentado ao parlamento pelo ministro sr. Helder Ribeiro, — isto no que diz respeito ao ministerio da guerra.

Ha um generoso diploma assinado pelo ministro do comercio dr. Julio Martins.

Tudo, porém, se resume a bem pouco, capaz de ser analisado e revisto em meia duzia de horas. Assim, fraca tarefa incumbirá, — em materia de sacrificio de tempo e trabalho, — á comissão nomeada pela ultima «Ordem do Exercito» e na qual a burocracia militar, fazendo um ataque directo aos trabalhos e meritos dos medicos militares, e comprometendo as boas intenções do ministro, esqueceu todos aqueles que, durante os anos da campanha, fizeram a mais proficua, a mais enternecida e a mais dedicada assistencia aos bravos que se invalidaram. Nem um unico desses medicos aparece nessa tal comissão! E entretanto, foram os medicos de Arroios e de Santa Izabel que não deixaram que os mutilados e estropeados viessem mendigar para as ruas. Foram eles que mantiveram a existencia de dois Institutos, um dos quaes ainda hoje é elogiado pelos tecnicos nacionaes e estrangeiros e representa um trabalho digno do paiz e dos serviços de medicina militar.

Mas, repetindo...

Se a comissão se limita a rever a legislação existente, compreenderá, num rapido golpe de vista, que ela é bastante e generosa, restando apenas que a burocracia militar, a do ministerio, a das companhias de reformados e a d'algumas unidades lhe dê imediata execução.

Se, porém, a comissão quizer meter-se em altos estudos, dir-lhe-hei que dificilmente chegará a fazer obra perfeita, porque lhe faltam elementos de trabalho, porque nenhum dos seus membros tem acompanhado de perto a evolução legislativa, que para se tornar justa e racional, tem motivado longas discussões, conferencias e reuniões interaliadas. E ainda se não chegou nessas assembleias a uma conclusão definitiva! Tanto assim é que, levadas certas medidas á sanção parlamentar, os deputados e senadores dos paizes da guerra se teem julgado incompetentes a resolver taes problemas, optando sempre pelas resoluções mais favoraveis aos invalidos. No final de contas, tudo se resume a amparar os militares que, cumprindo o seu dever, souberam vencer a Alemanha.

No parlamento francez ficaram memoraveis as sessões de discussão de invalidez produzida pela guerra. A elas me hei-de referir. Basta, por agora, dizer que gastaram muitos dias de trabalho, terminando pela formula admitida pelo ministro Mourier: «... Definindo o desejo expresso pelas Camaras vamos formular um Guia-Padrão da invalidez, de maneira que seja facil aos medicos e peritos a adopção da tabela mais favoravel aos candidatos á pensão...»

Ora, em Portugal, as poucas leis que existem são suficientes e generosas. Basta aplical-as. Foram arrancadas aos governantes pela dedicação daqueles que tomaram o nobre e patriotico encargo de velar pelos interesses dos militares que se bateram e que na batalha perderam pedaços da sua carne e muito da sua actividade funcional.

E já que falei neste trabalho...

Permita-me dizer ao sr. ministro da guerra, que foi um bravo da Flandres, que comandou soldados e que muito lhes quer, que tem amor á sua farda e desejos de nobilitar o Exercito, — que era escusada a tal comissão feita para rever leis e diplomas sobre mutilados. Estes teem quem olhe por eles. E os taes burocratas que tanta pressa se deram em constituir a tal comissão, esquecendo aqueles que nunca deviam esquecer, sabem perfeitamente que antes de rever o que ha feito bem mais necessaria era a assistencia aos tuberculosos e aos impaludados do exercito. Que se deixem pois de se envolver em coisas que não conhecem, ou para as quaes nunca contribuiram e que tratem de fazer o que nunca fizeram.

Fazem critica aos outros mas esquecem os proprios deveres! Curiosos...

José Pontes.

Pelo Telegrapho

Na America do Sul

A vida economica dos Estados

PELOTAS (Estado do Rio Grande do Sul), 3.

A producção cacau, café, borracha, etc., etc., no norte do Estado é superior a dois biliões de francos. Estão construidos e em exploração mais de 2.700 kilometros de vias ferreas. — (Americana).

Um grande incendio

RIO DE JANEIRO, 31.

Em S. Paulo foi destruido por um incendio o deposito de algodões. Os prejuizos são avaliados em 3 milhões de francos. — (Havas).

Em Inglaterra

Lloyd George tem confiança na estabilidade financeira futura

LONDRES, 31.

Discutindo a situação financeira na camara dos comuns, o sr. Lloyd George declarou que a maior parte das despezas sobrecarregam os orçamentos da guerra e da marinha, mas que foi preciso manter as tropas a fim de obrigar a Alemanha a assinar o tratado de paz sob a ameaça da marcha dos aliados sobre Berlim. Agora a Alemanha está sem esquadra: tenhamos pois, confiança na estabilidade financeira futura, economisemos, mas não recusemos os creditos necessarios para a educação e saude do povo e as pensões às vitimas da guerra. — (Havas).

O Tratado de Paz

O Japão ratifica-o

TOKIO, 31.

O Japão ratificou o tratado de paz. — (Havas).

General Gomes da Costa

De uma gastro-enterostomia transmesocolica posterior, foi operado pelo sr. dr. Antunes dos Santos, auxiliado pelos srs. drs. Eduardo Ferreira de Castro, o ilustre oficial general sr. Gomes da Costa, que, como se sabe, esteve em França como comandante do C. E. P. e segue depois para Africa.

A operação correu bem e o estado do doente é satisfatorio. Fazemos votos pelo seu rapido restabelecimento.

Provincia da Guiné

Instalação dos serviços dos negocios indigenas

O antigo secretario dos negocios indigenas de Angola, sr. José d'Oliveira Ferreira Diniz, sendo, por extinção da repartição similar da Guiné, encarregado pelo governo de instalar de novo os serviços desta ultima provincia ultramarina, acaba de publicar um extenso e bem elaborado relatorio sobre o assunto, do qual temos presente um exemplar.

Divide-se, segundo esse documento, o territorio da Guiné, sob o ponto de vista administrativo, em dez concelhos, Bolama e Bissau, compreendendo exclusivamente a area destas cidades e doze circunscrições, que são: Batotes, com séde em S. Domingos; Costa de Baixo, idem em Cacheu; Brames, idem em Bula; Papeis, idem em Bór; Balantas de dentro, idem em Enchelé; Balantas de fóra, idem em Góli; Farim, idem em Farim; Geba, idem em Bafatá; Corubal, idem em Xitoli ou em Bambadinca; Buba, idem em Buba; Quinará, idem em S. João; Bijagoz, idem na Forreusa.

Estabelece os limites dessas circunscripções, a organisação do pessoal, as funcções de justiça, que competem a esse pessoal.

Estabelece um questionario ethnografico da provincia, sob os caracteres geraes, a vida material e intelectual, familiar e social; moral, juridica e economica; condição politica dos indigenas; assistencia a que teem direito, etc.

E' um documento que demonstra a alta competencia sobre assuntos coloniaes do sr. Ferreira Diniz, de resto já bastante comprovada no desempenho de identico cargo na provincia de Angola.

Portuguezes ilustres

O Brazil admira os nossos ilustres clinicos Jorge e Augusto Monjardino

RIO DE JANEIRO, 3.

Os irmãos Monjardino, Jorge e Augusto, continuam a despertar a atenção do mundo scientifico fluminense. O dr. Augusto fará uma conferencia na Faculdade de Medicina no dia 10 do corrente, subordinada ao tema «Organisação da assistencia à inactividade»; o dr. Jorge fará outra conferencia, amanhã na Sociedade de Medicina, com o tema «Fracturas modernas e aparelhos ortopedicos». Os medicos brazileiros projectam oferecer aos dois scientistas portuguezes um banquete de homenagem e confraternisação. — (Americana).

Emigração clandestina

A inspecção dos serviços de emigração entregou, respectivamente, aos consulados espanhol e brazileiro, os menores Manuel Neto e Rafael Jaime Garcia e Carlos Rodrigues, que em Malaga embarcaram clandestinamente no vapor norueguez «Alexandras».

POLITICA

A sindicancia ao inspector da fiscalização do extinto ministerio dos abastecimentos

O sr. dr. Almeida Ribeiro, juiz sindicante aos casos sucedidos no antigo ministerio das subsistencias, oficiou à Camara dos Deputados a fim de irem depôr, como testemunhas no processo de sindicancia, os srs. drs. Costa Junior e Orlando Marçal, e os srs. Nobrega de Quintal e Manuel José da Silva (Azemeis). A camara negou a licença pedida.

A proposito o sr. dr. Costa Junior sustentou a doutrina de que era ilicito ao Poder Judicial marcar dia e hora para comparecimento, em juizo, de parlamentares; é a estes que compete — acrescentou — fixar o momento em que, sem prejuizo das funções legislativas, poderão satisfazer a requisição judicial.

Este, nos parece, realmente, o bom criterio. Concedida a licença solicitada, o dia e hora para se efectuar um depoimento de parlamentar não pode deixar de ser indicado pelo depoente que, por deferencia com o Poder Legislativo, o deve fazer por acordo com o juiz. O contrario representaria o falseamento das imunidades parlamentares pela sobreposição dum poder a outro poder. Dir-se-ha que tudo isto são formulas e mais nada. De acordo. Mas em formulas artificiais ou convencionaes assenta toda a organização do Estado.

Praças às escuras

Negligencias indesculpaveis da camara e da companhia

Enquanto durou a guerra, serviu ela de pretexto para a falta de iluminação das ruas e praças de Lisboa, falta que, aliaz, ainda se não remediou, a não ser numa ou noutra artéria que, a caminhar-se assim, só lá para meiados do seculo Lisboa voltará a ter a competente iluminação.

Mas o que sobretudo chama a atenção do mais indiferente é o que se passa com algumas das principaes praças de Lisboa, como sejam a do Luiz de Camões e o largo da Estrela. Chega a ser verdadeiramente vergonhoso. Aqui, na nossa frente, assim que cae a noite e agora, que os estabelecimentos fecham às 19 horas, é a escuridão que se faz, uma escuridão propicia aos que teem medo da luz. Compreende-se bem que se chegue a ter receio de atravessar uma praça assim votada a um completo abandono.

No largo da Estrela o mesmo sucede, valendo ainda de quando em quando, o expedidor ali de serviço mandar acender umas lampadas da Companhia dos Carris, porque a do Gaz e Electricidade entende que não precisa de iluminação.

Com franqueza, é verdadeiramente uma vergonha que não só a companhia pratica de resto, mas ainda que a camara municipal o consinta.

Será bradar no deserto o fazer estas considerações?

Que responda quem sabe e pode fazel-o.

O arresto do vapor "Congo"

Informações de fonte segura auctorisam-nos a referir que a noticia de ter sido arrestado em Iwansee, Inglaterra, o vapor «Congo» foi comunicada, pelo ministerio dos negocios estrangeiros, á direcção dos Transportes Maritimos, isto é, muito antes de se ter recebido em Lisboa a nota da agencia Havas, que publicámos na «Capital».

A direcção dos Transportes Maritimos é que devia ter tomado imediatas providencias, pedindo a intervenção diplomatica, a exemplo do que se fez com o «Porto Alexandre».

Este navio, por ocasião da sua ultima viagem à Inglaterra teve de pedir socorro quando navegava no canal de Crosby. Acudiram-lhe tres barcos inglezes, mas como, tres dias depois, as tripulações desses barcos não tivessem recebido a paga dos serviços prestados, requereram um arresto. Esse arresto foi, porém, levantado, devido á intervenção do nosso encarregado de negocios. A acção, porém, proseguiu e no julgamento a sentença foi-nos favoravel, porque sendo o «Porto Alexandre» propriedade do governo portuguez, a lei ingleza não permite compelir um Estado soberano a submeter-se á jurisdição sobre arrestos.

Já reclamaram os Transportes Maritimos n'esse sentido?

PROBLEMA VITAL

O Estado prejudicando-se a si proprio

com a promulgação de leis menos ponderadas

— Dizia então que no estrangeiro?...

— Se vêem as coisas dum modo diferente por que são encaradas em Portugal. Lá fóra, tem-se o cuidado de profundar bem os assuntos, de os examinar criteriosa e ponderadamente, antes de sobre eles se promulgar qualquer lei. Entre nós, com o nosso temperamento de meridionaes, deixamo-nos levar pelas primeiras impressões e a preguiça, que está na nossa indole, leva-nos a cometer por vezes erros, na melhor das intenções, quero crer, mas que não deixam de o ser e bastas vezes prejudiciaes.

Assim, por exemplo?...

Assim, por exemplo, o que se dá com o inquilinato comercial. Os nossos legisladores não tiveram em conta que o aumento de população das grandes cidades faz desenvolver em extraordinarias proporções os negocios realisados na parte central dessas cidades. Ora esse aumento contribue enormemente para o desenvolvimento da riqueza, tanto publica, como particular. Creio que é facil de compreender e que não é preciso ter frequentado um curso superior para entender o que digo, não lhe parece?

— Certamente, mas vem isso a proposito de...

De que só o desconhecimento de um facto tão importante, ou o não ter sido ponderado devidamente, é que pode explicar que as leis do inquilinato, desde a primeira, em 1910, estabelecessem que as rendas dos estabelecimentos não pudessem ter aumentos superiores a dez por cento, por cada periodo de dez anos. Como a nossa lei é diferente da franceza! Quer saber como ali se pensa? Vou dizer-lh'o, tanto mais que prometi fazer a comparação.

«A camara dos deputados franceza, na sua sessão de 9 de março passado, aprovou um projecto de lei, pelo qual o inquilino comercial, findo o praso do seu arrendamento, tem apenas o direito de «prioridade» ou «opção» sobre qualquer oferta feita ao senhorio para montar no estabelecimento um ramo do negocio diferente do explorado pelo inquilino que ocupa o imovel.

Escusado é encarecer-lhe a vantagem desta formula. Ao mesmo tempo que evita que um concorrente invejoso pretenda aproveitar a clientela alcançada pelo dono de um estabelecimento, pondo-o assim ao abrigo de uma possivel rivalidade, dá tambem garantias ao senhorio, que pode auferir assim uma renda que corresponda ao valor do local. Uma renda oferecida para explorar um ramo de negocio diverso não póde, me parece, e com razão, atribuir-se ao valor dado ao estabelecimento pela clientela alcançada pelo seu proprietario.

«A nossa lei tem muitos e grandes absurdos. O legislador, repito, não viu bem o problema. Atendeu-se apenas ao desenvolvimento alcançado por um estabelecimento, sem se querer ver o valor do local. Ora, diga-me: uma loja da rua do Ouro vale tanto como uma da Mouraria?

— Não, é claro. Nem mesmo compreendo bem a razão da pergunta.

— Porque para a nossa lei tanto valor tem uma como outra. Ainda mais: um estabelecimento numa das ruas mais importantes de Lisboa é equiparado, deixe-me assim expressar, a outro de qualquer aldeia sertaneja. O senhorio não póde aumentar a renda senão de dez em dez anos e nunca mais de dez por cento. E' um absurdo, porque o proprio Estado é prejudicado, visto que, ninguem dirá o contrario, deve ele compartilhar do maior valor resultante do desenvolvimento da riqueza. Os predios das ruas centraes de Lisboa, toda a Baixa, teem hoje um valor que não tinham ha trinta ou quarenta anos. A que é esse facto devido? E' claro que ao desenvolvimento de negocios que a cidade tem tido e que tende a intensificar-se dia a dia.

«Como é que, tendo o predio maior valor e sendo as rendas dos andares não ocupados por escritorios ou estabelecimentos aumentadas em proporção com esse valor, se póde conceber que só esses escritorios ou estabelecimentos não tenham de pagar mais? Francamente, é dificil de perceber.

«O Estado é prejudicado juntamente

mente com os senhorios. Quer ver? Vou citar-lhe alguns dados fornecidos ao ministro das finanças pelo director geral das contribuições directas em França, no seu relatorio de agosto de 1912.

«De 1 de janeiro de 1901 a 1 de janeiro de 1911, o numero de predios da cidade de Paris passou de 87.923 para 89.282, tendo, portanto, um acrescimo de 1,55 por cento. Pois o valor locativo anual desses predios passou de 855 a 991 milhões de francos, ou seja, ao cambio de 260 reis, de 223.000 contos a 257.660 contos.

«O relatorio a que me reporto descrimina a parte do valor locativo respectivamente ás casas de habitação e ao inquilinato comercial e industrial. A primeira teve um aumento de 16,1 por cento, a segunda o de 15,2 por cento.

«Mas, para se estabelecer bem o confronto entre o que se passa em Paris e o que sucede em Lisboa, para demonstrar claramente o absurdo das nossas leis, necessario é ver o que diz esse relatorio, para que não vá alguem supôr que o aumento de 15,2 por cento nas rendas do inquilinato comercial se dá por egual em toda a propriedade urbana de Paris, como aqui se quer que seja apenas de 10 por cento em toda a propriedade urbana de Lisboa e até, como já lhe disse, do resto do paiz.

«Como, porém, para esta nossa palestra passou já a hora marcada, ámanhã continuaremos. Verá que não deixa de ser interessante, embora, é claro, aos interessados principaes em que se não bula na lei, não agradem as verdades que aqui se veem dizendo.

A. C.

O novo «Pé de meia» com o «Rocio»

Hoje e ámanhã não ha espectaculo no teatro São Luiz para se proceder á montagem do novo acto intitulado o «Rocio» e das novas apoteoses para o 2.º e 3.º actos, com que é apresentada na sua segunda fase a celebre revista «O Pé de Meia». O novo acto em que faz nos seus novos quadros a historia do Rocio desde a Edade Media, conforme os mais rigorosos estudos das diferentes epocas, entram 346 novas figuras e tem 34 novos numeros de musica. O novo acto é posto com extraordinario deslumbramento de scenario, guarda-roupa todo novo e rigorosamente ás epocas, originalissima encenação e brilhantissimas apoteoses de novidade.

Falsificação de letras

E' preso um individuo que se apresenta a descontar trez letras na casa Pinto & Sotto Maior

Os jornaes da manhã referem que a uma conhecida firma da nossa praça foram presentes para desconto, no sabado ultimo, trez letras no valor de 4.516$41, as quaes não chegaram a ser pagas por na casa em questão se desconfiar dos documentos, os quaes depois se apurou serem falsos, não tendo o portador voltado a aparecer para ultimar o negocio.

Os calabouços do governo civil recolheu hoje Alvaro Mendes Vieira, da rua do Visconde de Santo Ambrosio, 17, residindo, o qual tentou descontar trez letras falsas, passadas em nome da firma Alves, Neto Ld.ª, com casa de cereaes na rua do Terreiro do Trigo, 80, e no total de 9.936$63. Essas letras foram presentes para pagamento na casa bancaria Pinto & Santo Maior, na rua do Ouro, 18, onde, verificada a falsificação, aconselharam o Vieira a ir mais tarde receber o dinheiro, o que ele fez, sendo então detido.

Este caso nada tem com a noticia a que os jornaes de hoje se referem, presumindo no entanto a policia que se trata do mesmo individuo que hoje foi detido, caso que está sendo agora investigado.

BANCO DE PORTUGAL

A Administração do Banco de Portugal, para auxiliar a circulação das suas notas e satisfazer as necessidades instantes do comercio, resolveu emitir notas de 20 escudos de nova chapa para circularem conjuntamente com as de egual valor, actualmente em circulação, que serão retiradas em ocasião oportuna.

Os principaes caracteristicos de estas novas notas pelo que respeita á côr, data, serie, numeração, chancelas do Governador e do Director e mais dizeres que a compõem, bem como a filigrana do respectivo papel, podem ser examinados nos exemplares que para esse fim se acham patentes neste Banco em Lisboa e nas suas delegações nas capitaes dos outros distritos.

Lisboa, 3 de Novembro de 1919.

Pelo Banco de Portugal

Os Directores

José Felix da Costa
Antonio J. Pereira Junior

Cozinhas Economicas de Lisboa

Tiveram um «deficit» avultado em 1918 — E' preciso acudir-lhes, porque só ainda um grande recurso contra a actual crise

Está convocada para depois d'ámanhã, ás 14 horas, na cozinha n.º 5, á Ribeira Velha, a assembléa geral da Sociedade das Cozinhas Economicas de Lisboa, para apreciar o relatorio e contas dos anos de 1917 e 1918.

Por mais duma vez tem «A Capital» defendido a doutrina de que devia o governo auxiliar a direcção dessa Sociedade, a fim dela poder alargar a sua benemerita acção, concorrendo assim para atenuar a crise economica que tanto se faz sentir, não só nas classes proletarias, não ainda mais nas classes medias.

A crise tem-se feito sentir, e duma fórma sensivel, nas cozinhas economicas. O «deficit» a cobrir é importante e necessario se torna encontrar o meio de lhes valer, porque neste momento o fecharem representaria, a nosso vêr, mais uma grande contrariedade para os que ás cozinhas teem de recorrer.

O movimento de senhas servidas atingiu, no ano de 1918, 5.630.509 rações na importancia de 137.183$06, resultando o deficit de 63.457$75, ou sejam mais 38.120$16,5 do que em 1917.

Diz o relatorio:

«Comparando as senhas servidas no ano de 1917 em numero de 6.600.622 e na importancia de Esc. 148:224$05, temos em 1918 a diferença para menos de 969.513 rações na importancia de Esc. 10:740$99. Não que esta diferença resulte da menor concorrencia de comensaes, o que ainda foi mais intensiva, mas do forçado limite das rações que a escassez e carestia dos generos impediam se regularisassem com a abundancia conveniente. Alem do que tambem nessa diferença incide o prejuizo avultado com 209:477 rações que as circumstancias graves do momento nos levaram a distribuir gratuitamente a muitos pobres em afflictiva miseria, e a verba com o aumento de salarios e subvenções a todo o pessoal que tivemos de conceder atendendo como melhor foi possivel á sua manifesta e precaria situação. E assim não é de estranhar que o referido «deficit» atingisse, como aliás previmos, a uma cifra pela primeira vez de facto tão extraordinaria».

Interesses profissionaes

A classe dos pedreiros manifesta-se contra a admissão de individuos estranhos á construção

A direcção da Associação dos Pedreiros iniciou um movimento tendente a levantar a sua classe e restituir-lhe o seu bom nome profissional. A' frente desse movimento está o nosso amigo sr. João Caldeira, um dos mais ferverosos propagandistas republicanos no tempo da monarquia e hoje um dos mais populares e prestigiosos membros da organisação operaria.

Num manifesto, que temos presente e em que a classe é convidada para uma reunião que se realisará hoje, ás 20 horas, na calçada do Combro, 38-A, 2.º, a direcção da Associação dos pedreiros expõe em linguagem simples, mas clara, o que se está passando actualmente em Lisboa. Individuos que se intitulam mestres de obras contractam trabalhadores rurais, carroceiros, sapateiros, alfaiates, emfim de todas as profissões, menos pedreiros, para construirem predios, o que dá em resultado, como é facil de compreender, o fazerem esses predios, «gaiolas» se lhes chama em linguagem tecnica, mal construidos, sem segurança alguma, e de ahi os frequentes desabamentos que se registam e que constituem um perigo para a população.

O pedreiro, o verdadeiro artifice, é relegado para um plano secundario, porque os improvisados se sujeitam a um salario menor. Tambem o manifesto se aponta a circumstancia de serem admitidos aprendizes com 30 e 40 anos de edade, absolutamente estranhos á classe, o que concorre para o desprestigio da classe. Entende a direcção da Associação dos Pedreiros que a aprendizagem deve ser regulamentada.

A reunião para hoje convocada é para se nomear uma comissão de defeza profissional.

Festas associativas

ACADEMIA RECREATIVA DE LISBOA — A comissão administrativa desta agremiação promove seis festas no corrente mez, a primeira das quaes se efectuou ante-hontem e as restantes serão nos dias 12, 19, 23, 26 e 30. Todas elas constam de recitas e baile.

Ourivesaria Modelo

A REALIDADE

Foi hoje a inauguração desta artistica ourivesaria e joalharia

A' medida que Lisboa vae lançando novas arterias, atravez os campos que a rodeiam, formando, assim, novas avenidas novas, tambem os seus habitantes vão conjugando os seus esforços para a embelezar com novos estabelecimentos onde se adquirem os objectos mais variados.

Entre as pessoas que mais fino gosto demonstram, justo é destacar os socios da firma Cardoso & Barbosa que acabam de inaugurar o seu novo estabelecimento e que presidem com tanta tactica artistica nos destinos de uma nova ourivesaria sita na R. de Santo Antão, 44, que sob o aspecto mais moderno apresenta as maiores e mais ricas joias que imaginar se possam.

Theatros e Cinemas

Pilar d'Orsay no Casino Internacional do Monte Estoril

No dia 22 do mez findo estreou-se no Grande Casino Internacional do Monte Estoril a distinta artista Pilar d'Orsay que foi acolhida com prolongadas ovações; foi muito aplaudida, principalmente nas canções «Peregrino», «Achares», «Hierro Mata» e «Chulilla», que são do seu excelente repertorio, esplendidos numeros de agrado.

A formosa cançonetista, que esteve descançando uns dias, reaparece hoje, naquele casino, onde conta muitos e muitos admiradores.

Noticiario

Companhia Aura Abranches-Chaby Pinheiro

E' já conhecido o elenco da magnifica companhia Aura Abranches-Chaby Pinheiro, que na proxima sexta-feira vae inaugurar a epoca de inverno no Politeama, para o que já abriu hoje com grande concorrencia a venda de bilhetes. Do repertorio da excelente companhia fazem parte, além de originaes portuguezes e brazileiros dos mais consagrados auctores, as seguintes celebres peças:

«Blanchette», «Boa gente», «Primerose», «Adeus mocidade», «Garotas», «Marido em branco», «Conde Barão», «Coimbra terra de amores», «Menina do Chocolate», «Caixeirinha», «Botequim do Felisberto», «O genro do sr. Poirier», «Cinco reis de gente», «A madrinha de guerra», «Vontade», «O modelo», «Bisbilhoteira», etc.

Agradecimento

A actriz Carmen d'Oliveira vem publicamente patentear o seu profundo reconhecimento ao Ex.^mo Sr. Dr. José Maria Correia Gonçalves, da Chamusca, e aos enfermeiros Raul Batista Machado e D. Guilhermina Jesus Jorge Machado, pelo disvelo e carinhos que tanto a ela como ao falecido Ariosto d'Almeida dispensaram no hospital daquela vila, apoz o desastre de automovel sofrido na tarde de 2 do corrente. A todos a sua inolvidavel gratidão.

Atropelamento

José da Cruz, filho de Abel da Cruz e de Maria da Piedade, de 6 anos, morador na rua do Alvito, pateo do Martins, 71, porta 5, loja, que na mesma rua foi atropelado por uma carroça, ficou com uma das pernas fracturada e ferido na outra e muito contuso pelo corpo, falecendo no banco do hospital de S. José pouco tempo depois de ali ter dado entrada.

Companhia Agricola Ribeira Palma

De ordem do sr. presidente e em conformidade com o art. 23.º dos Estatutos, é convocada a ASSEMBLEIA GERAL ordinaria desta Companhia, a reunir na séde, Rua Augusta, 193, 1.º, no dia 7 de novembro, pelas 15 horas, a fim de discutir e votar o relatorio e contas apresentadas pela Direcção relativo ao quarto exercicio 1918-1919, parecer do Conselho Fiscal e eleição da mesa da Assembleia Geral e corpos gerentes. Os livros e documentos da escrita da Companhia estão patentes no escritorio para serem examinados pelos srs. accionistas.

Lisboa, 23 de Outubro de 1919.

O Secretario,

Jaime Silva

O desfalque nos Transportes Maritimos

O agente Pereira dos Santos, da policia de investigação, ainda hoje ouviu varias testemunhas sobre o desfalque ultimamente descoberto na direcção dos Transportes Maritimos e em que se encontra envolvido o escripturario daquela direcção sr. Joaquim Pereira da Conceição, que foi operado no hospital de S. José, sendo mais satisfatorio o seu estado.

Relativamente á sr.ª D. Laura Chaves a policia apurou já que não era esposa do culpado, mas sim vivia na sua companhia, tendo aquela senhora despertado suspeitas na policia, por ter vivido com individuos de recursos duvidosos, entre os quaes um gatuno de largo cadastro.

Companhia Nacional de Navegação

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Capital esc. 9.000:000$00

Encontra-se a pagamento na Thesouraria da Séde desta Companhia, rua do Comercio n.º 85, desde hoje e em todos os dias uteis, das 10 ás 15 horas, o complemento do dividendo relativo ao ano economico findo, á razão de Esc. 12$50 por cada acção.

Lisboa, 30 de outubro de 1919

A Administração

ULTIMAS NOTICIAS

Um grande escandalo

Os fornecimentos de manteiga e de assucar — Uma carta dum acusado

O agente Teixeira, da policia de investigação, prosegue hoje nas suas diligencias sobre o caso, por nós hontem narrado, que se deu no extincto ministerio dos abastecimentos e em que a policia dá como implicados o sr. José Ramos Jorge, antigo chefe da secção desse ministerio, actualmente em serviço no ministerio da agricultura.

O agente Teixeira ouviu varias testemunhas, entre elas o sr. Fernando Pereira da Silva, estabelecido na rua da Creche, 14 e 16, o qual declarou que o funcionario incriminado nunca lhe deferiu as requisições de manteiga, por não estar disposto a dar as gratificações que o sr. Ramos Jorge lhe exigia e que, tendo-se revoltado contra tal facto, foi uma vez posto fóra do ministerio e ameaçado de ser preso por esse funcionario.

A'manhã devem ser ouvidas mais testemunhas, devendo depois o processo ser enviado ao tribunal da Boa-Hora.

O director geral do comercio agricola pediu tambem a interferencia da policia de investigação e da guarda fiscal, a fim de serem apurados factos graves e escandalos identicos ao da manteiga, ocorridos com o fornecimento do assucar.

O director da policia de investigação já encarregou um dos seus subordinados de proceder ás necessarias diligencias, tendo-se já averiguado que no extincto Ministerio dos Abastecimentos havia quem, com a gratificação de 20 centavos em kilo, arranjasse guias de remessa para vagons repletos de assucar seguirem para a provincia, o que dava portanto uma gratificação de milhares de escudos.

Constava hoje na Arcada que o sr. Lima Alves, ministro da agricultura, e o sr. Belford, director geral do comercio agricola, estavam intransigentemente dispostos a acabar com taes fraudes, afastando do serviço os funcionarios acusados, até que se apurem as suas responsabilidades.

Do sr. José Ramos Jorge recebemos a seguinte carta:

Sr. redactor do jornal «A Capital». — Da sua nunca desmentida lealdade jornalistica, espero dever-lhe a finesa de publicar o seguinte em minha defeza: em trez de fevereiro do ano corrente, enviei ao entâo director geral, sr. Pereira Coelho, uma participação em que acusava certo funcionario, de se ter servido da minha chancela e do sêlo em branco da 2.ª Repartição, a fim de distribuir manteiga a pessoas suas amigas, fóra do rateio legal. O Director Geral enviou a queixa ao juiz sindicante dr. Almeida Azevedo, que com toda a imparcialidade tratou o caso, sendo o dito funcionario afastado da secção, e apurando-se que essas guias de manteiga eram passadas a troco de uns tostões. O mesmo funcionario fazia ainda espalhar que eu recebia dinheiro tambem. Com da calunia sempre fica alguma coisa e como eu lhe queria quebrar os dentes, resolvi propôr ao mesmo director geral, num pequeno relatorio, para que a manteiga fosse distribuida livremente. O director concordou com as razões expostas, e a manteiga passou, a ter comercio livre, não tendo o Ministerio interferencia alguma na sua distribuição. Dessa liberdade se aproveitaram alguns manteigueiros, que fazem parte os supostos queixosos, e que então se formaram um sindicato, para açambarcar toda a manteiga dos Açôres e Madeira. Para esse efeito enviaram delegados ás ilhas, fazendo lá contractos, de forma que a manteiga, posta em Lisboa, ficava por preço muito superior ao da tabela a que se refere o decreto 4938. Eles porém, que se importavam com o preço, pois tendo casas que vendem a retalho, facilmente desdobram a manteiga, podendo vendel-a ao preço da tabela, porque de 1 kilo fazem 1.500 gramas. O Ministerio da Agricultura, sabendo o que se tramava, passou a requisitar toda a manteiga para proceder á sua distribuição; eu, porém, é que sabendo o que me tinha acontecido da outra vez, não quiz fazer a distribuição sob minha responsabilidade e por isso se ofereceu sob a fiscalisação do chefe da repartição sr. Jaime de Castro, que era quem assinava os documentos de distribuição. Desse tal sindicato faz parte a firma José Henriques Gomes, da R. da Prata, 90, a quem apreenderam o mez passado, 30 kilos de manteiga falsificada e impropria para o consumo, como se provou na analise, e era destinada aos hospitaes civis de Lisboa. Pela nova orientação que os serviços tomaram, esse sindicato, não tinha a manteiga que queria para poder fazer a «mixordia» e ainda peor ficaram contra o Ministerio, quando o mesmo lhe mandou fiscaes, para as manteigarias, assistir á abertura das latas e á venda do artigo ao publico, para que a manteiga não fosse falsificada. Nestas condições se esboçou a má vontade do sindicato, que não queria que a manteiga fosse distribuida ás mercearias, para as não falsifica. Voltaram-se então contra mim, e já, nessa parte levaram vantagem. Eu dava os meus pareceres sempre mais favoraveis ás mercearias porque sabia que elas não adulteravam a manteiga. Nem por isso, porém, deixava de atender as casas da especialidade, que como se póde provar com a escripta do ministerio, são as que mais manteiga teem obtido, fazendo enorme diferença para qualquer casa ainda das mais importantes de mercearia. O Sindicato porém formou um «complot» contra mim, cosendo firmas diversas, quando afinal é só uma: Nova Empreza Industrial de Laticinios Ld.ª. O seu fim é afastar-me para venderem a manteiga á vontade e ser maior a exploração contra o consumidor.

As acusações que me fazem, são apenas por eu ter zeloso no cumprimento dos meus deveres e não fazer o jogo do sindicato.

Desculpe, sr. redactor, o tempo que lhe tomo, e o espaço no seu jornal, do qual sou assiduo leitor. — José Ramos Jorge.

O vendaval de hoje

Estabelecimentos inundados, prejuizos materiaes

Pelas duas horas da madrugada de hoje começou caindo sobre a cidade uma chuva torrencial, ao mesmo tempo que desaparecia por algum tempo a luz electrica.

No Tejo, as pequenas embarcações recolheram ás docas e os vapores e paquetes acenderam as caldeiras, promptas para evitar qualquer sinistro. O que nos consta não se deu qualquer desastre grave no rio. Apenas em frente do Poço do Bispo esteve em risco de se afundar uma fragata carregada de cascos de vinhos e que conseguiu salvar-se a tempo, sofrendo unicamente ligeiros prejuizos nas velas. Tanto no Arsenal como na Alfandega estiveram durante toda a noite promptos a prestar socorros varios rebocadores, com o seu pessoal. Na policia maritima tambem se conservou todo o pessoal das duas secções. Em terra é que o temporal mais se fez sentir. Em Alcantara, em virtude das aguas que corriam das ruas da Costa e do Alvito, o largo e estabelecimentos do mercado ficaram inundados, o mesmo sucedendo a outras casas entre as quaes o «Sete e Sete», «Os Bonecos» e a casa do sr. Teodoro Costa. Nas ruas 24 de Julho, Boa Vista, Alfandega, Caminhos de Ferro, em Xabregas, Beato, Poço do Bispo, nos bairros de Campo de Ourique e Ajuda, houve inundações em varios estabelecimentos e casas particulares. A principio da madrugada, quando os electricos começaram a saír, muitos não puderam avançar devido á enorme quantidade de areia que se encontrava nos «rails». Em Santa Marta, devido á agua que vinha do bairro Camões e imediações, tambem houve inundações, tendo a agua atingido cerca de 60 cent. de altura. Foi necessario rebentar com as sargentas para assim se evitar maiores prejuizos. As aguas desde a rua Alves Correia até á rua das Pretas atingiram cerca de um metro, sendo poucos os estabelecimentos que não sofreram prejuizos mais ou menos importantes. Na barbearia Vieira, a agua subiu á altura da bancada, levando tudo quanto encontrou. O mesmo sucedeu no restaurante «A Cova Funda», na rua das Pretas, onde a agua passou por cima do balcão, inutilisando bebidas, legumes e creação, pelo que os prejuizos são importantes. Tambem sofreram prejuizos a mercearia Silva, lojas de modas dos srs. J. C. Almeida, Ferreira, tabacaria Faria e outros.

Marinheiros portuguezes em Italia

Em Roma preparam-se festejos em honra dos oficiaes e guarda-marinhas do «S. Gabriel»

ROMA, 3.

O cruzador portuguez «S. Gabriel», que vem pagar a visita que fez a Lisboa o navio da armada real «Libia» no mez de setembro chegou a Napoles escoltado pelo barco explorador «Aquila», que tinha ido ao seu encontro e que içava o sinal do almirante Del Bono, trocando-se as salvas do estilo.

O comandante Martins Pereira, do «S. Gabriel», foi a bordo do «Aquila» cumprimentar o almirante Del Bono, que lhe pagou imediatamente a visita a bordo do «S. Gabriel». Os oficiaes e marinheiros italianos acolheram com a maior cordealidade os seus camaradas portuguezes fazendo-se alvo de afectuosas manifestações.

Os oficiaes e guarda marinhas do «S. Gabriel» partiram imediatamente de Napoles para Roma, onde serão recebidos por sua magestade o rei Victor Manuel e pelo ministro da marinha. Em Roma preparam-se festejos em sua honra. — (Havas).

CRAPULA CITADINA

Os julgamentos de hoje no governo civil

Pelas 14 horas e meia de hoje prosseguiram no governo civil os julgamentos de alguns vadios e gatunos de cadastro, tendo respondido: Domingos Rodrigues, o «Galleguinho», que apanhou dois meses de prisão; Manuel Peres e Manuel Peres Rodrigues, com 34 prisões, por furto e vadiagem, o qual foi condenado a ser posto na fronteira e expulso de Portugal por seis anos; Mario Proença, com duas prisões, mandado entregar á familia, no Porto; Manuel Joaquim Araujo, o «Ribas», e o «Manuel Ladrão», com 20 prisões e que se apresentou fardado de soldado de artilharia. Confessou ser desertor, e foi julgado ha tres mezes no tribunal militar voltou a desertar, apurando-se depois tratar-se de um gatuno perigoso; Virgilio, criatura terrivel que ha dias na rua das Gaivotas deixou ás portas da morte uma das suas victimas a quem roubou. O que ia acontecido com esse gatuno é que o governo, mostrou-se recalcitrante e refilão, insultando o tribunal e os agentes a quem chamou «cambada». Ao ser conduzido novamente para o calabouço, tentou agredir o agente Figueiredo, tornando-se necessario empregar a força para o conter em respeito.

Seguiu-se Alfredo Pereira Serrão, que usa ainda tres nomes mais e que é tão perigoso como o seu anterior. Ao ser condenado a ser entregue ao governo exclamou:

— Muito obrigado, sr. juiz!

Tambem foi condenado a ser entregue ao governo Eduardo Pedro Henriques, o «Almeida», o «Carapulha», o «Tomidé», com bastantes prisões e que tinha sido julgado ha dias no governo civil, foi absolvido. Jaime de Almeida Pinto, que respondeu em ultimo logar, foi absolvido.

PARLAMENTO

Nos Deputados

O poder judicial e o legislativo — A interpelação do sr. Brito Camacho

E' lido na mesa um oficio do juiz sindicante ao inspector da fiscalisação do extincto ministerio dos abastecimentos sr. Julio Gonzaga dos Anjos. A's considerações feitas a tal proposito nos referiremos noutro logar.

O sr. Brito Camacho, realisando a sua interpelação ao sr. ministro da instrução, começa por dizer que no dia imediato áquele em que apresentou a sua nota de interpelação, o sr. ministro da instrução trouxe á esta camara a comunicação do acto ditatorial que representa a publicação do decreto com força de lei que concedeu passagem de média aos estudantes dos liceus. S. ex.ª teve a gentileza, que o orador muito agradece, de o informar. Parece que era dispensavel a sua interpelação, mas se atender á gravidade do assunto e ao «bill» de indemnidade que a camara lhe deu, tudo quanto se possa dizer, condenando o acto do sr. ministro da instrução, não é demais.

A camara praticou um acto inutil, absolvendo o sr. ministro da instrução. O seu decreto sobre passagem de média é um verdadeiro absurdo, porque estudantes que algumas provas deram de capacidade, não podem transitar de classe, por se terem sujeitado a um exame em que não foram felizes em algumas disciplinas, emquanto outros que deram durante todo o ano mostras de incapacidade são admitidos á classe seguinte. Ninguem, judicialmente, poderá obrigar a acatar tal lei, mesmo com a absolvição aprovada, que é meramente uma resolução da camara.

Quanto á nomeação de professores para as escolas primarias superiores, o escandalo revestiu tal grandeza, que chegaram a ser nomeados professores sem exame de instrução primaria, outros só com esse exame, e todos sem nenhuma especie de tirocinio professoral.

Para Abrantes foi nomeado um professor sem diploma, nem curso. Outras nomeações se fizeram para Almada, Braga, Amarante, em que as normas legaes não foram respeitadas.

No Senado

— Novos senadores
— Guarda fiscal
— Um ataque ao governo

Preside o sr. Correia Barreto. Estão presentes 30 senadores.

Entram na sala os novos senadores srs. Bernardino Machado e Sousa e Faro, introduzidos pelos srs. Melo Barreto, Dias de Andrade, Alfredo Pires e Soveral Rodrigues.

O sr. Jacinto Nunes pergunta se a comissão de pareceres já se pronunciou sobre a eleição dos srs. Bernardino Machado e Sousa e Faro. O sr. presidente responde afirmativamente e declara que já foram proclamados.

O sr. Julio Ribeiro deseja que lhe sejam enviados documentos que já requereu e que não dispensa, porque implicam com actos de moralidade.

O sr. Antonio Maria Batista requer a urgencia para um projecto de lei referente á guarda fiscal, o que é concedido.

O sr. Alfredo Portugal lembra que a declaração ministerial, quando o governo se apresentou, foi recebida com otimismo que, para ele, orador, se modificou em desconfiança. Não se passou de promessas. A vida, que o ministerio, ao que consta dessa declaração, se propunha baratear, cada vez está mais cara. Quanto á situação dos oficiaes milicianos, a proposta a ela relativa está por apreciar, ao mesmo tempo que o projecto de lei sobre o assunto apresentado pelo sr. Mendes dos Reis se encontra, ao que parece, no esquecimento.

O sr. ministro da guerra responde que a dos oficiaes milicianos o interessa mais do que a ninguem, dizendo tambem que o licenciamento de muitos obedeceu á necessidade de reduzir o efectivo de guerra e que não significou menos reconhecimento por serviços prestados. Presta ainda outras explicações, acrescentando que tem o maximo empenho em que a questão seja inteiramente liquidada pelo parlamento, ora assoberbado com assuntos tambem do mais alto interesse.

O sr. Mendes dos Reis chama a atenção do sr. ministro da guerra para o facto de que, tendo requerido varios documentos no ministerio da guerra, alguns dos mais importantes, como os referentes a automoveis militares, ainda não lhe foram fornecidos. Requer novamente os que não lhe foram facultados.

POLITICA

A questão dos altos comissarios

Nos ultimos dias, a comissão das colonias da camara dos deputados tem-se ocupado activamente do estudo da proposta de lei relativa aos altos comissariados.

Na ultima reunião da comissão referida o sr. ministro das colonias propoz que o projecto ficasse consignado que a ele, ministro, pertenceria a nomeação dos altos comissarios, durante os interregnos parlamentares. A este respeito estabeleceu-se uma vivissima controversia, sendo as ideias do sr. ministro muito combatidas e afinal vencidas.

A sessão levantou-se nesta altura, aprazando-se nova reunião, que se devia realisar hoje. O sr. ministro das colonias, porém, não compareceu, ficando os trabalhos adiados «sine-die».

Uma conferencia politica do dr. Ramada Curto

O sr. Ramada Curto realisará dentro de breves dias uma conferencia, num dos mais amplos salões de Lisboa, conferencia que constituirá por assim dizer a sua apresentação ao publico socialista de Lisboa.

Uma moção na Camara dos Deputados

O sr. Brito Camacho, no final da interpelação que hoje se realisou ao sr. ministro da instrução, apresentou a seguinte moção:

«A camara, considerando que só é legitima a acção dos que teem o encargo de cumprir e fazer cumprir as leis quando se exerce dentro dos limites que na lei lhe são marcados, passa á ordem do dia».

Apoz a resposta do sr. ministro da instrução a camara votou, por unanimidade, esta moção, com declaração de voto do «leader» sr. Alvaro de Castro. Nessa declaração resalva-se a hipotese da votação poder ser interpretada como um cheque.

Poeira da Arcada

As contas do Estado

O conselho superior de finanças vae comunicar pelo «Diario do Governo», a todos os gerentes de fundos publicos e material do Estado que nunca lhe tenham prestado contas ou estejam em atraso na sua prestação, que as devem remeter com urgencia á secretaria geral do conselho, a fim de evitarem a aplicação do disposto no artigo 318.º do regimento de 17 de agosto de 1915, pois que tendo terminado em 30 de setembro, para os responsaveis do continente e ilhas, o prazo para a entrada das suas contas da gerencia de 1918-1919, conforme o disposto na lei, estão incursos nas penalidades impostas pela citada disposição, salvo se alegarem circumstancias de força maior, devidamente comprovadas ou aceites pelo conselho.

Noticias da Capital

Tão ladrão é o que vai á horta...

Joaquim Antonio Cardoso, hospedado no hotel dos Bicos, queixou-se á policia de que dois individuos desconhecidos o burlaram por meio do «conto do vigario» na quantia de 50 escudos.

Apreensão de assucar

A guarda fiscal apreendeu hoje, na estação do Rocio, tres sacas com assucar, que se destinavam a Ovar. O assucar foi levado para o posto policial do teatro Nacional e ali vendido, aos meios kilos, ao publico, que formava uma grande bicha á porta do referido posto.

A gazúa em acção

Por meio de chave falsa, os gatunos entraram na residencia do sr. Fernando Antonio, na travessa do Conde da Ponte, 5, 3.º, e furtaram objectos no valor de 149 escudos. O roubado apresentou queixa á policia.

Companhia Agricola das Neves

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Capital Esc. 4.000:000$00

Pagamento do dividendo de 1918-1919

Previnem-se os srs. acionistas de que no dia 7 do corrente e em todas as segundas, quartas e sextas feiras seguintes, das 13 ás 16, está a pagamento no escritorio desta Companhia, na Rua do Comercio n.º 7, 2.º esquerdo, o dividendo referente ao ano social de 1918-1919 de 10 % (Escudos 10$000 por acção) livre de todos os impostos.

Lisboa, 3 de novembro de 1919

O Director gerente

João Paulo de Moraes

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

3366 — 10.º anno | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães | Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA — Quarta-feira, 5 de Novembro de 1919

Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL | Officina de impressão — 71, Rua da Bica, 71 | Preço, 2 centavos

Os sindicatos operarios

Hontem á tarde, quando o director deste jornal já se havia retirado, apareceram nesta redacção como noutro local relatamos, tres delegados da União dos Sindicatos Operarios que, atendidos por um dos nossos colegas, declararam que vinham pedir á «Capital» que rectificasse uma noticia, aqui dada ha dias, sobre um pretenso movimento revolucionario, da responsabilidade do proletariado que segue as doutrinas do sindicalismo. Respondeu o nosso colega que a informação, da qual resultara essa noticia, nos viera de fonte oficial, e que nunca na «Capital» se manifestara má vontade para com as organisações operarias. Os delegados operarios insistiram por um formal desmentido, no qual se mostraram tão empenhados que marcaram um curto praso para o verem nas colunas de «A Capital», o que poderia revestir aos nossos olhos e aos do publico o caracter da ameaça de injustificaveis violencias, se não fosse precisamente o intuito da União dos Sindicatos Operarios, expressos pela «démarche» dos seus delegados, repelir a suspeita, sequer, de que nas organisações que representa se pensa em qualquer violencia ou perturbação da ordem. O que nós vemos nessa «démarche» é o desejo de que se esclareça rapidamente uma informação que apresenta os organismos operarios, que os tres delegados representavam, como fócos de perigosas agitações, a fim de que o espirito publico não continue sob a impressão de uma iminente explosão revolucionaria, antes se compenetre de que esses organismos não desejam senão defender os interesses das classes operarias dentro da normalidade legal.

Nestas condições, não temos duvida em aceder aos desejos dos delegados que nos procuraram, rectificando a informação que inserimos no nosso jornal, e devemos mesmo acrescentar que já teriamos feito essa rectificação, desde que «A Batalha» a formulou, se não fossem os termos em que esse jornal se nos dirigiu.

Não ignora ninguem que trabalha em jornaes, e na «Batalha» o mesmo deve ter sucedido bastantes vezes, que muitas informações publicadas na imprensa sofrem no dia imediato, ou mais tarde, desmentidos categoricos por parte dos individuos, ou colectividades alvejadas. Nenhum jornal julga diminuido o seu credito por inserir esses desmentidos. Umas vezes, as informações recebidas podem ser infundadas ou tendenciosas; outras vezes, são as pessoas ou entidades acusadas que se defendem, e teem todo o direito a essa defeza, que nunca negamos, nem nenhum jornal digno deste nome recusa publicar.

Mas o que ninguem podia exigir-nos era que nos submetessemos ás intimações dum jornal que se nos dirigia com o ar mais irritante, acusando-nos de deslealdade, e malsinando a nossa boa fé, sem sequer reparar que se dirige a um colega que jamais o hostilisara ou ofendera, antes o tratara sempre, como jornal e como orgão duma importante porção do proletariado portuguez, com toda a correcção e até com manifesta simpatia.

Não obedecemos á intimação de «A Batalha», feita com grosseira rudeza; mas suspendemos imediatamente a publicação doutras informações que sobre o mesmo assunto nos foram facultadas, desde o momento em que viamos que se desmentia terminantemente, em nome dos operarios, a organisação do movimento revolucionario de que nos tinham informado, o nosso dever era esse.

Agora, não é «A Batalha», mas sim a União dos Sindicatos Operarios que nos pede para rectificar a noticia que os apresentava como imiscuidos num plano de revolução proxima. Não temos duvida nenhuma em satisfazel-os. São os interessados. O que podemos garantir-lhes é que não inventámos a informação cuja rectificação nos é pedida, e que se é certo que a publicámos, como uma prevenção, que ao proprio operariado nacional aproveitava, com maior prazer registamos que a União dos Sindicatos Operarios repele indignadamente qualquer proposito revolucionario que lhe atribuam, entendendo, e bem, que o caminho da desordem, das agressões, das violencias, dos tumultos e dos motins é o peor que podem trilhar classes que querem desenvolver-se no trabalho e afirmar os seus direitos dentro da razão e da justiça.

O que vai ser a epoca futura do Politeama

E' depois de ámanhã o dia da abertura da epoca do Politeama, com a reposição da aplaudida comedia «Blanchette», na qual Chaby e Aura Abranches obtiveram na excursão ao Brazil, de que ha pouco regressaram, exito egual ao alcançado entre nós. Entendemos, pois, ser ocasião de procurar saber alguma coisa sobre o repertorio que vamos ter ocasião de conhecer e apreciar.

Para esse fim procurámos o emprezario sr. Luiz Pereira, que nos recebeu com a costumada amabilidade e nos disse o seguinte:

—Depois da «Blanchette», peça, como sabe, de molde a pôr em grande realce Aura Abranches e Chaby, e das mais afinadas da epoca passada, faremos reposição da comedia «Adeus, mocidade», que será substituida no cartaz pela «Boa gente», de seguro agrado.

«A seguir, reporemos mais o «Marido em branco» e um original brazileiro, de Paulo Barreto — ou João do Rio, como é mais conhecido entre nós...

—Denomina-se esse original?

—«Eva». Creio que obterá o exito que no Rio conseguiu o escrito do ilustre escritor, que tanto tem feito no sentido de promover o intercambio literario e artistico dos dois paizes irmãos.

«A seguir subirão á scena varias peças traduzidas do francez e originaes nossos, que a seu tempo serão do conhecimento do publico. Correremos todo o repertorio, grande e bom, que a companhia deu na sua larga e proventosa excursão pelo Brazil.

—A proposito: não será indiscreção perguntar a quanto ascendeu a receita bruta dessa excursão?

—Anda em redor de oitocentos contos.

«Mas, proseguindo. Entre os originaes portuguezes que o publico do Politeama tem ocasião de aplaudir, figuram uma comedia de Chagas Roquette, intitulada «Dona Lucrecia Borges», e outra, ainda não baptisada, escrita por Ernesto Rodrigues, João Bastos e Felix Bermudes.

«Aqui tem as linhas principaes da temporada de 1919-1920. Como de costume, não abrimos assinatura e faremos quatro espectaculos pelo Carnaval com peças adequadas, seguidas de baile de mascaras.

—Quando acaba a temporada?

—Por fins de abril ou meiados de maio, seguindo depois a companhia para o Brazil, começando a sua excursão pelo Pará e visitando mais os Estados do Maranhão, Ceará, Pernambuco, Maceió, Bahia, demorando-se no Rio algum tempo e descendo a Santos, S. Paulo e outros pontos do sul.

«Depois do Carnaval visitar-nos-ha a famosa companhia mexicana de Esperanza Iris, que exibe todo o repertorio moderno de operetas e grande numero de peças desconhecidas em Lisboa.

Outras companhias estrangeiras se exibirão no tablado do Politeama. Recebi um destes dias telegrama do meu socio José Loureiro, dizendo-me que não disponha de teatro na proxima primavera. Isto indica-me—por carta receberei pormenores — que quer aproveitar a passagem de «troupes» que vão para a America do Sul ou de lá regressam, dando com elas algumas espectaculos em Lisboa.

«Tambem pode anunciar que, ainda em 1920, teremos ocasião de tornar conhecida do publico de Lisboa uma companhia brazileira, em cujo repertorio figuram magnificas peças de costumes que muito devem interessar os apreciadores de teatro e desejam profundar a vida daquele povo tão interessante, especialmente, a vida sertaneja, onde ha muitos pontos de semelhança com os das nossas povoações afastadas dos grandes centros. Algumas dessas peças, afianço-lhe que produzirão grande sensação no nosso meio literario e artistico, tornando conhecidos os melhores escritores da grande Republica sul-americana.

—Darão tambem, não é verdade, a costumada serie de concertos sinfonicos?

—Dou. A assinatura abre na proxima quinta-feira, e o primeiro efectuar-se-ha no dia 16.

«Sobre os programas desses concertos, que serão dirigidos pelo grande musico Viana da Mota, não tenho nada a dizer-lhe. Ele que o informe, que é quem melhor o pode fazer.

Propaganda dissolvente

Do jornal operario «A Batalha» de hoje transcrevemos a seguinte noticia sob a epigrafe «As calunias da «Capital»:

«Uma comissão delegada da União dos Sindicatos Operarios dirigiu-se hontem, no cumprimento de uma resolução tomada pela ultima assembléa daquele organismo, á redacção de «A Capital», a convidal-a a provar as acusações que, conforme aqui temos dito, por aquele jornal foram feitas á organisação operaria. Pelos redactores do referido jornal foi dito aos comissionados que a informação fôra dada ao periodico por entidades oficiaes, só estas podendo, no criterio da «Capital», provál-a, para o que, segundo afirmaram os referidos redactores, as mesmas entidades possuem elementos.

Objectaram os delegados operarios —que levavam a representação de 33 sindicatos, tantos foram os que estiveram representados na ultima assembléa da U. S. O.—que uma vez que «A Capital» publicára a acusação, corria-lhe o dever de corroborál-a ou desmentil-a, porquanto a organisação operaria não está disposta a deixar que sobre ela bolsem calunias. Para esse efeito declararam os delegados da U. S. O. aguardar que dentro de 48 horas a «Capital» fizesse uma ou outra coisa.

Declararam por seu turno os redactores da «Capital» que dentro daquele prazo esse periodico satisfaria o desejo da organisação operaria, acrescentando que o seu jornal não tem interesse em prejudicar a mesma organisação, antes pela classe operaria nutre as maiores simpatias.

Bem se vê...»

O que se passou hontem na nossa redacção, pelas 18 horas, quando fechavamos o jornal, foi o seguinte:

Tres individuos procuraram o nosso director, declarando desejarem-lhe falar e apresentando o seguinte documento, em papel timbrado da União dos Sindicatos Operarios de Lisboa:

> Ex.mos Senhores
>
> Os portadores são a comissão delegada d'este organismo para tratar junto da redacção do jornal «A Capital» d'umas afirmações n'esse jornal publicadas e que contendem com a organisação operaria. Saude e Fraternidade. Alberto Monteiro, secretario geral.

Como o director do jornal não se encontrava, foram atendidos pelo secretario da redacção, declarando então que vinham pedir á «Capital» para rectificar a «insidia» publicada em 29 do mez findo, sobre um pretenso movimento revolucionario avançado. Pelo nosso secretario de redacção foi-lhes respondido que a «Capital» não era «insidiosa», e que essa informação nos viera de fonte oficial e que nunca na «Capital» havia má vontade para com as organisações operarias, o que varias vezes tem provado.

Os comissionados, que, segundo informaram, representavam 33 organismos operarios, terminaram por declarar que se até á noite de quinta-feira a «Capital» não inserisse uma prova das afirmações feitas, ou um formal desmentido, se não responsabilisavam pelo que pudesse suceder.

Depois destas palavras, o secretario da redacção nada mais tinha a fazer, senão dar por terminada a conferencia.

João Paulo Freire

Acaba de ser nomeado socio correspondente do Instituto de Coimbra o antigo jornalista, que foi nosso companheiro de trabalho, e distinto escritor João Paulo Freire (Mario).

Por tão honrosa distinção lhe enviamos as nossas sinceras felicitações.

Sempre tarde...

Um jornal da manhã informava do seguinte:

«O ministro da marinha determinou que fossem adquiridos, por compra pelo Estado, os quatro vapores patrulhas em serviço na base naval, pois, sendo necessarios ao serviço, mais dispendioso ficará para o tesouro publico que eles continuem a ser alugados.»

Ha quantos mezes estariam os barcos-patrulhas ao serviço do Estado? Naturalmente ha um numero tal que se despendeu já com eles uma verba superior ao seu custo. A resolução do ministro, que é por nós aprovada em absoluto, tem apenas o inconveniente de chegar como todas as medidas dos governos, um bocadinho tarde.

Ainda ha poucos dias, estiveram **no Tejo uma ou duas esquadrilhas** de pequenos patrulheiros americanos que os Estados Unidos, tendo mandado construir aos milhares, estão muito facilmente prontos a desfazerem-se deles agora. E, quem sabe, talvez até fossem mais baratos para o Estado, e... mais bem fabricados.

PELO TELEGRAFO

Clemenceau na Alsacia

Um discurso inflamado do «Tigre» sobre varios assuntos de palpitante actualidade

PARIS, 4.

Discursando em Strasburgo e depois de se ter felicitado pelo desaparecimento do militarismo prussiano e pelo regresso da Alsacia-Lorena á França, o sr. Clemenceau disse que o tratado de paz é um instrumento diplomatico sem precedentes na historia. O sr. Clemenceau fez o elogio da Republica que, com o auxilio dos valentes aliados, salvou a civilisação do mundo. Falando da egualdade social, disse o sr. Clemenceau que os operarios teem direitos que carem com razão impôr, ao respeito mas teem tambem o dever de respeitar os direitos de outrem. O operario e a fabrica não estão sós, teem que contar tambem com o camponez, que não admitiria que se apelasse para a desorganisação do trabalho nem para o enfraquecimento da produção, com o fim de manter a sociedade sob o terror no dia seguinte pela violencia. O sr. Clemenceau mostra que os interesses dos camponezes e dos operarios são os mesmos e acrescenta que os que não querem um acordo são os que proseguem abertamente no estabelecimento do bolchevismo. O sr. Clemenceau declara que entre eles e nós ha uma questão de força, por isso que eles reclamam a liberdade para si mesmo e pretendem impôr-nos a ditadura e o absolutismo. O sr. Clemenceau afirma que a união dos bons francezes bastará para levantar um baluarte que não se possa transpôr contra a selvageria. Depois de fustigar a atitude dos socialistas, que se vêem reduzidos á pactuar com os bolchevistas e a pôr o capitão Sadoul na cabeça das suas listas com o receio de romperem com os mestres do bolchevismo, o sr. Clemenceau declara-se partidario do desarmamento progressivo, em vista da situação da Europa, situação que aconselha prudencia aos homens de Estado. O sr. Clemenceau enumera as diferentes reformas internas, que são urgentes cuja execução o paiz reclama e termina por fazer um apelo á união de todos os francezes para a grandeza e beleza da França. —(Havas).

Por Espanha

O «lock-out» e os seus efeitos

BARCELONA, 3.

O «lock-out» afecta uns 30.000 operarios e umas 950 fabricas, oficinas e estaleiros. Em todo o vale do alto Llobregat e na oitava parte de Barcelona o «lock-out» parece ter tido um pequeno efeito, porquanto a maior parte das oficinas e fabricas trabalham.—(Havas).

Reaparecem os jornaes

BARCELONA, 3.

Os jornaes reaparecerão todos ámanhã.—(Havas).

A tão decantada "intolerancia" republicana

Um funcionario da celebre junta governativa que passeia em paz e socego, apezar de ter ordem de prisão

Referiu-se e de quando em quando continua «A Epoca» a referir-se ás supostas violencias praticadas pelos republicanos contra os monarquicos. Já aqui convidámos o sr. dr. Anibal Soares a provar as acusações que nesse jornal fez, mas, até hoje, esse senhor, que é um advogado distinto, que é alguem, ainda se não dignou fazer essa prova.

Ora para que «A Epoca» leia e medite, e para que o seu ilustre colaborador egualmente leia, vamos apresentar-lhe um exemplo da enorme «intolerancia» dos republicanos:

Quando da revolução monarquica no norte, o sr. Abel Martins Pinto, despachante da alfandega do Porto, que tomou parte em todas as conspirações desde 1911, foi nomeado pela celebre junta governativa director da alfandega dessa cidade.

O sr. Martins Pinto aceitou imediatamente o cargo e, como na alfandega havia automoveis pertencentes á carga dos navios alemães, não esteve com meias medidas: aproveitou-os em serviço das tropas da Traulitania.

Como tambem na alfandega havia arroz, assucar e outros generos armazenados, usou de egual processo: serviram para abastecer as tropas da Traulitania.

De modo que o sr. Abel Martins Pinto tem, pelo menos, dois crimes: o de ter aceitado uma nomeação ilegal e o crime aduaneiro, por ter abusado do seu logar. Devia estar processado e preso desde logo, não é verdade? Pois não o foi e encontra-se em Lisboa. E quando ha dias veiu ordem do Porto para ser preso, em Lisboa soergueram os hombros e informaram que não sabiam do seu paradeiro, dizendo até, falsamente, que estava doente no hospital de S. José.

A policia de segurança do Estado, ou não fez caso da ordem ou se desinteressou do assunto.

Crêmos que para provar a «intolerancia» republicana com que «A Epoca» e os que lhe vão nas aguas enchem a boca, o exemplo é bem frizante.

Praças ás escuras

A junta de paroquia da Encarnação louva a nossa atitude

A proposito de eco que hontem demos sobre a vergonha que é a falta de iluminação da praça Luiz de Camões, recebemos hoje o seguinte amavel oficio da junta de paroquia da freguezia da Encarnação:

«Sr. director de «A Capital». — Tenho a honra de comunicar a v. que esta junta na sua reunião de hoje apreciou a local publicada no seu muito conceituado jornal, agradecendo o seu auxilio valioso e fazendo votos porque v. não desanime na sua ardua missão até sermos atendidos, pois que esta junta já desde o mez passado que envida os seus esforços junto da camara para que a Praça que tem o nome do nosso grande epico tenha a iluminação condigna, a fim de acabarmos com a grande imoralidade que de noite ali se dá, para assim mostrarmos e darmos exemplo ás futuras gerações de que respeitamos os nossos antepassados. Tenho ainda a dizer que esta junta observou por actos anteriores que os esforços para a iluminação da dita praça já veem da comissão administrativa nossa antecessóra sem que até agora fosse atendida esta pequenina petição, que se nos afigura justa e moral.

Esta junta apreciou tambem uma local que vem na edição da manhã e da noite dum tambem muito conceituado jornal da capital, em que lança o alarme da tentativa da edificação dum grande hotel ou talvez «casa de batota» no taboleiro superior do nosso querido jardim de S. Pedro d'Alcantara, resolvendo lançar na acta o seu mais veemente protesto, oficiar á camara neste sentido e pedir á imprensa o seu valioso auxilio para assim evitarmos que esta tentativa avance considerando-a nós de lesa-liberdade. Resolveu mais lançar um voto de louvor á imprensa que mais uma vez mostra brilhantemente como defende os interesses da nossa grande e querida cidade de Lisboa.

Saude e Fraternidade.

Lisboa, séde da junta da freguezia da Encarnação, em 4 de novembro de 1919.—Pela junta, Alberto Manuel Ferreira Couñago, secretario.

A PROPOSITO

JUSTA HOMENAGEM

Segundo as nossas informações vae ser enviado brevemente para o Diario do Governo *o seguinte decreto:*

Considerando que no actual ministerio da Agricultura ha varios funcionarios, vindos do ministerio das subsistencias;

Considerando que esses funcionarios acabam de demonstrar a sua tempera, indole, caracter e lealdade, porque constituem individuos incapazes de dar manteiga a quem quer que seja:

Considerando que a dedicação desses individuos é tal que para não pedirem aumento de vencimentos recorriam a uns negociositos particulares;

Considerando que houve firmas comerciaes que se quizeram revoltar contra as atribuições de tão leaes funcionarios;

São mandados promover a directores geraes com os vencimentos em duplicado todos os referidos funcionarios publicos;

São mandados louvar pelos bons serviços prestados ao povo de Lisboa.

E' instaurada uma sindicancia aos comerciantes menos escrupulosos que impediam o aparecimento da manteiga no mercado, não querendo «gratificar» os zelosos funcionarios do extinto ministerio das subsistencias.

Seguem as assignaturas do costume.

Se não fôr assim... é coisa peor.

Sá do O'.

POLITICA

A atitude do sr. ministro das colonias na questão dos altos comissarios

Informámos hontem que o sr. ministro das colonias não conseguira fazer aceitar, pela respectiva comissão, o seu criterio quanto á nomeação dos altos comissarios africanos. Segundo julgamos saber, o sr. ministro das colonias entendeu dever reivindicar para o poder central a nomeação de taes funcionarios, durante os interregnos parlamentares. Vencida a comissão, ficou aprazada reunião para hontem, que não se realisou, porque o ministro não compareceu.

«A Manhã» confirmou hoje a versão por nós apresentada; «A Victoria», por seu lado, generalisou-a ainda mais, dizendo que a reivindicação do sr. ministro das colonias é absoluta, querendo para o Poder Executivo a faculdade das nomeações, com desprezo pelas prerogativas do Senado. Como esta segunda versão não é constitucional, crêmos que o sr. ministro das colonias não levou tão longe a sua intransigencia.

Tem-se procurado uma formula que ponha d'acordo o ministro com a comissão das colonias. Na proxima reunião deste organismo parlamentar será lançada a ideia de tornar dependente do beneplacito do Senado, tanto as nomeações como as exonerações dos altos comissarios, ficando livre ao Poder Executivo as iniciativas num e n'outro caso. Apezar de não compreendermos muito bem como esta formula conciliará as ideias em debate, damol-a aqui, por dever de oficio.

Sessões nocturnas na Camara dos Deputados

Alguns elementos da Camara dos Deputados desenvolvem uma grande actividade no sentido de serem marcadas sessões nocturnas, exclusivamente destinadas ao exame e resolução de questões regionaes. A idéa é, geralmente, bem acolhida. Apezar d'isso, permitimo-nos fazer algumas ligeiras considerações.

Sabemos muito bem o que são, em regra, os taes interesses regionaes... Trata-se de projectículos, a maioria dos quaes não põem nem tiram em progresso provinciano, mas todos eles, talvez sem excepção, trazendo encargos para o Estado, isto é, aumento de despeza sem criação de receita correspondente. Os taes interesses regionaes são, em ultima analise, simples incidentes da politica de campanario, feita á custa do tesouro para proliferação dos novos caciques que são, em muitos circulos eleitoraes, os mesmissimos do tempo da monarquia.

Dariamos o nosso aplauso se o Parlamento realisasse sessões nocturnas para estudo do Orçamento. Isso sim, que poderia ser util, principalmente se presidisse á discussão um grande espirito de economia, aproximando-se, tanto quanto possivel, as despezas das receitas. Entretanto parece que ninguem pensa n'isto, nem o Parlamento nem o governo. Pois é para lastimar um tão pronunciado descaro pelos interesses vitaes da Nação. Todos os dias aparece a demonstração d'esta verdade. E ainda hoje, nos jornaes da manhã, verificamos, pelo balancete semanal do Banco de Portugal, que a circulação fiduciaria aumentou, de 1 a 8 d'outubro, a consoladora soma de 12.800 contos, numeros redondos.

A primeira dessas sessões, destinada á discussão de projectos regionaes, realisa-se depois d'ámanhã.

Nomeações escandalosas

Para proceder a um inquerito ácerca das nomeações dos srs. Jeaquim Teixeira da Silva e Luiz Augusto de Aragão e Brito para directores, respectivamente, das alfandegas de Angra do Heroismo e Horta, caso a que nos referimos no nosso numero de 30 d'outubro findo, foi nomeado o sr. dr. Queiroz Vaz Guedes.

ACUSAÇAO GRAVE

Contra o ex-ministro Augusto Dias da Silva

A policia de investigação apura o desvio de materiaes e remete o processo ao tribunal da Boa-Hora

O director da policia de investigação sr. dr. Rodrigues Esculcas comunicou hoje aos «reporters» dos jornaes haver concluido as suas investigações sobre uma queixa, que ha dias lhe foi apresentada e que se resume no seguinte:

O sr. Augusto Dias da Silva ex-ministro do trabalho, era proprietario de uma grande serralheria na rua de D. Estefania, 5, a qual ha mezes foi trespassada a uma importante firma comercial do Porto. Ficou assente entre a referida firma e o sr. Dias da Silva que este continuasse no entanto como gerente da fabrica, da qual era encarregado o sr. Alfredo Franco, ultimamente nomeado pelo sr. ministro do trabalho delegado dos operarios portuguezes á Conferencia de Washington.

A firma do Porto queixou-se ha dias de que o sr. Dias da Silva, com conhecimento do sr. Alfredo Franco, desviava material das oficinas, abusando assim da confiança dos novos proprietarios da fabrica. Feitas as investigações, apurou-se a veracidade da acusação, sendo reduzidas a auto as declarações de todas as testemunhas, sendo eses autos devidamente copiados e devendo o processo ser ámanhã remetido para o tribunal da Boa-Hora.

O concurso literario de "A Capital"

Foi hoje entregue o 1.º original para o nosso concurso

Com todos os requisitos estabelecidos foi entregue hoje na redacção da «Capital» o primeiro original para o concurso de peças teatraes que fecha a 31 de dezembro proximo.

Vem fechado, e firmado com um pseudonimo em vez do nome do auctor; e naturalmente contendo dentro um envelope fechado com o nome verdadeiro do seu auctor.

Alegra-nos que, ainda a distancia do fim do praso, comecem já a afluir os novos, o que, significa, pelo menos, boa vontade e gente que deseja aparecer.

Descarrilamento d'um comboio

Esta manhã descarrilou entre as estações de Vale de Santarem e Santarem a machina n.º 77 e 5 vagons d'um comboio de mercadorias que conduzia. Não houve desastres pessoaes e facil foi a reposição do material nos respectivos rails.

O correio do norte chegou por este motivo atrazado á estação do Rocio, retardando egualmente a distribuição da correspondencia.

Os escandalos da manteiga e do assucar

O processo foi hoje enviado ao Tribunal da Boa-Hora

O agente Teixeira, da policia de investigação, concluiu já as suas diligencias sobre o escandalo dos fornecimentos das manteigas, caso em que se encontra envolvido o sr. José Ramos Jorge, chefe de secção da extinta secretaria das subsistencias, actualmente adido ao ministerio da agricultura.

Pelo director da policia de investigação foi enviado um oficio ao director geral do comercio agricola, sr. Belford, comunicando a remessa do referido processo para juizo e fazendo ver áquele funcionario superior que as provas são cabaes e completas contra o acusado.

O «Diario do Governo» de hontem publicou pela secretaria geral do ministerio da agricultura a seguinte portaria do respectivo ministro, sr. Justino Lima Alves:

«Tendo o chefe da 2.ª repartição do extinto ministerio dos abastecimentos e transportes Jaime de Castro, actualmente exercendo o seu cargo na direcção geral do comercio agricola, requerido uma rigorosa sindicancia aos seus actos e aos serviços daquela repartição e sendo acusados de irregularidades os terceiros oficiaes Carlos Fernandes e José Ramos Jorge:

Determino que sejam desligados do serviço de que estavam encarregados não só o referido chefe da repartição, Jaime de Castro, como tambem aqueles funcionarios, que exerciam os cargos de chefes de secção da mesma 2.ª repartição, do extinto ministerio dos abastecimentos e transportes».

O sr. Carlos Fernandes é acusado de negociar com as guias de remessa do assucar, estando o caso a ser devidamente investigado por um agente da policia de investigação e pela guarda-fiscal.

Pela policia trata-se tambem de apurar o que ha sobre o desaparecimento de uma autorisação para saida de assucar para a camara municipal de Estarreja, sendo acusado o sr. Fernandes do desaparecimento de tal documento.

PROBLEMA VITAL

O inquilinato da habitação

Uma sub-locataria que ganha sem trabalho 75$00 mensaes — Uma senhoria que não póde habitar num predio que é seu

O nosso amavel informador tinha hoje um sorriso mais aberto ao receber-nos. Sem quasi nos dar tempo a trocarmos os habituaes cumprimentos, diz-nos:

—Tenho uma grande novidade a dar-lhe.

—Qual?

—E' que hoje temos de intromper as considerações que vinhamos fazendo sobre o inquilinato comercial, para as continuar ámanhã, escusado é dizel-o. Mas na redacção do seu jornal tiveram a gentileza de me mostrar duas cartas hoje mesmo ali recebidas e que veem mostrar á evidencia que eu não exagero, nem exagerei quando na primeira serie destas nossas palestras lhe falei nos abusos praticados pelos inquilinos, abusos que a maioria do publico atribue infundadamente aos senhorios.

—Vi essas cartas, tive-as na mão.

—Ainda bem. Ora é sempre agradavel ter a prova de que não nos falta o apoio dos que sabem ver bem as coisas, e essa prova, se outras não houvesse, estava na leitura dessas cartas, que são antes um brado de indignação contra a torpe exploração que por aí se está fazendo. Permita-me, pois, e comsigo os leitores, que hoje abra um parentesis. Vamos ao caso.

«Um estudante da Universidade de Lisboa, que ha oito anos está na capital, anda, como é natural, visto não ter aqui familia, por quartos alugados. Ultimamente vive num, onde os seus livros mal cabem, miseravelmente empilhados, e onde mal se mexe, logo uma meia duzia de coisas vão atraz dele.

«Pagava 8$00, ou sejam, á antiga, dezeseis corôas, porque tinha ao menos uma cama onde dormir, um espelho para se ver e um guarda fato para pendurar os seus trajes, que, ele proprio, em estilo gracioso, classifica de pouco sumptuosos, antes ao contrario. Não era muito caro, admitamos, neste tempo em que tudo está pela hora da morte, como costuma dizer-se.

«Pois bem. A hospedeira declarou-lhe que d'ora ávante terá a pagar 15$00, quasi o dobro, apenas! E que optasse, argumentava ela: ou esse dinheiro, ou rua!

«Pagou. Que havia de fazer? O mais interessante, porém, é o seguinte:

«A renda da casa são 22$00 mensaes. Na casa ha sete hospedes, que pagam, respectivamente, 8$00, 15$00, 21$00, 8$00, 14$00, 6$00 e 6$00. Quer dizer que, ao todo, recebe a hospedeira 78$00, ou seja um lucro liquido de 56$00 mensaes. Agora, aumentou o aluguer para, respectivamente, 15$00, 25$00, 30$00, 11$00, 18$00 e 10$00 cada um dos que pagavam 6$00. Como combinou com o senhorio pagar-lhe o dobro, fica com 75$00 mensaes. Não é um rendimento magnifico?

«Mas olhe o meu amigo que ninguem brama contra essa exploração. Só contra os senhorios é que se levantam vozes irritadas, se desenham gestos de ameaça.

«Vamos agora ao outro caso. Aqui, não se trata de inquilinos que exploram, mas sim duma senhoria que, tendo necessidade de vir morar para Lisboa, a acompanhar a educação dum seu filho, apezar daqui ter um predio se vê forçada a ir arrendar casa, muito mais cara que a sua, porque a lei está a favor do inquilino.

«Essa senhora, cujo nome escusado é citar, mas que póde ver no fundo da carta, é viuva. Tem, como lhe digo, um predio em Lisboa e estava na provincia. Precisando educar um filho de 10 anos, deliberou vir para a capital. Dirigiu-se a um dos inquilinos e expoz-lhe o que se passava. Ele, porém, forte com as alcavalas da lei, respondeu-lhe que estava bem e que se não mudava. Foi ter com o segundo inquilino. Obteve a mesma resposta. Finalmente, com o terceiro sucedeu o mesmo.

«Ha oito mezes que a pobre senhora anda nestas «démarches», vendo-se por fim obrigada, emquanto a justiça se não resolva a seu favor, a alugar uma casa por 35$00 mensaes, a fim de não atrazar a educação do filho.

«Ora as rendas que lhe pagam são 10$00 mensaes, cada inquilino, que o mesmo é que dizer que ela se vê obrigada a dar mais pela casa que habita do que o que lhe pagam todos os seus inquilinos.

«Mas os seus arrendatarios valem-se dos subterfugios da lei e ela tem de intentar uma acção judicial para poder viver num predio que é seu, que lhe pertence.

«Já se viu maior absurdo? Que o digam francamente os homens de boa fé, os que não estão de «parti-pris».

«Volto a repetir: dêem-se garantias ao inquilino, mas dêem-se egualmente garantias ao senhorio. E modifique-se a lei dum modo criterioso e justo, para que não tenhamos que narrar casos destes, que são, no fundo, uma vergonha para a propria justiça, visto que já ninguem póde dispôr do que é legitimamente seu.

A. C.

O novo "Pé de meia"

E' sem duvida dos mais interessantes e curiosos e tambem dos mais instrutivos e artisticos o novo acto intitulado «O Rocio», com que é modificada e aumentada a celebre revista «O Pé de Meia». O novo acto tem nove quadros, 346 novas figuras e 34 novos numeros de musica, e uma apoteose, intitulada «O Rocio do futuro», belo trabalho de Mergulhão.

A apoteose final da peça é tambem nova e uma deslumbrante obra de completa novidade devida a Luiz Salvador. O guarda-roupa todo novo de Valverde e todo o scenario, tambem novo, dos scenografos José d'Almeida e Mergulhão, são feitos conforme os mais rigorosos estudos das diferentes epocas, pois que se faz a historia do Rocio desde a Edade Media. Esta recita é a 1.ª de assinatura e inauguração da epoca de inverno.

Universidade Popular Portugueza

Realisa hoje o sr. dr. Sá Oliveira a sua lição habitual dos quartas-feiras, tendo e explicando o episodio da «Batalha de Aljubarrota», dos «Lusiadas».

Ha tambem sessão cinematografica educativa. A entrada é publica.

Theatros e Cinemas

Nota do dia

Recebemos hoje o convite da empreza do teatro Apolo para assistirmos ao ensaio geral da peça que ámanhã ali sobe á scena.

Ignoramos se esta atitude excepcional, continuará futuramente; no estrangeiro é uma praxe com sua razão de ser; entre nós houve tempos em que, tambem, os jornaes eram convidados a assistir aos espectaculos privados das ante-primeiras representações.

Pela nossa parte, no momento actual, aceitamos e apreciamos. Se é certo que num ensaio geral póde haver repetições, demoras, etc., que prejudiquem o conjuncto, não ha, porem, o inconveniente, já aqui tanta vez apontado, da platéa, balhenta, sussurrante, intoleravel. Depois, o publico póde, mesmo antes da 1.ª representação ter já indicações sobre o que vae ver, o que, tratando-se dum espectaculo probo e bem escolhido, constitue mais uma vantagem para as emprezas.

Porque não pensam nisso as emprezas teatraes?

A. F.

Salão Central

Apesar de estar em pleno sucesso a primeira jornada intitulada «Pela honra duma dama» do esplendido «film» «As garras do leão», já na «matinée» de hoje se realisou a estreia da segunda—«A rêde das torturas», que o publico acolheu com verdadeiro interesse.

No espectaculo desta noite serão repetidas as duas lindissimas jornadas, compostas de oito magnificas partes, umas e outras repletas das mais interessantes situações, pela variedade dos seus episodios e pelo alto valor da sua principal interprete, a famosa e destemida artista Marie Walcamp.

As suas continuas lutas com as feras, o arrojado das suas fugas, o assombroso das suas correrias, ora fugindo aos seus sequestradores, ora precipitando-se nos maiores abismos, são motivos que a eximia artista resolve com extrema facilidade, deixando o publico preso da maior admiração pela sua temeridade nunca vista.

Ainda figura no programa o «Outono do Amor», em que Dionira Jacobini se apresenta cheia de encantos, no desempenho da protagonista, e em que a celebre Bela Otéro, a bailarina que mais ruido tem feito em todo o mundo, se mostra com toda a graça da sua beleza e com as fulgurantes scintilações das suas riquissimas joias.

CRAPULA CITADINA

Os heroes do crime

Prisão duma terrivel gatuna de forasteiros e dum evadido de Monsanto

Desde que foram presas, ha tempos, as gatunas de forasteiros conhecidas pela Maria Mulata, «Rozmania» e Maria dos Anjos Serra, com largo cadastro na policia, os roubos dessa especie quasi que deixaram de se dar.

Mas, de ha tres semanas para cá, principiaram a aparecer queixas na policia de que no 1.º andar do predio n.º 10 da rua dos Vinagres, á Mouraria, haviam sido roubados varios provincianos, que ali eram atraidos por mulheres de má reputação, e que os roubos eram feitos pela celebre gatuna de forasteiros Deolinda da Conceição, mais conhecida pela «Petiza dos Caracoes», que conta no seu cadastro 53 prisões por furto e vadiagem.

Tendo conhecimento destes roubos, a brigada de agentes constituida por Custodio das Dôres, Antonio da Costa e Henrique de Figueiredo, encarregados da limpeza da cidade, poz-se em campo, e dando uma batida esta manhã na Mouraria capturaram a «Petiza dos Caracoes» no Poço do Borratem, quando ela ia na companhia do amante o gatuno «O Almeida», já entregue ao governo pelo sr. dr. José Rodrigues Esculcas. A gatuna recolheu á enfermaria do Aljube por declarar estar doente. De facto sofreu uma operação ha um mez, o que não impediu que tivesse já feito tres importantes roubos desde que saiu do hospital, sendo o ultimo de 250$00.

Os mesmos agentes tambem capturaram Julio Martins, «O Batata da Mouraria», conhecido gatuno de «golpe» e que ha tempo fugiu do forte de Monsanto, onde estava para seguir para o degredo.

Professorado feminino

A'manhã, ás 20 horas, efectua-se uma reunião no Ateneu Comercial. O sr. presidente da Republica, gostosamente acedeu ao convite que lhe foi feito para assistir a essa reunião, assim como os srs. ministros da instrução e da agricultura.

A comissão convida por este meio todo o professorado feminino e masculino a comparecer á hora prefixa. O assunto a tratar será «A educação da Mulher» e a forma do Estado valorisar as suas aptidões como educadora do sexo feminino», pela professora sr.ª D. Amalia Luazes.

Colchoaria Quintão

Acaba de abrir uma sucursal na rua Ivens, 30, para venda de edredons, almofadas, colchões de arame e todo o genero de colchoarias.

Aconselhamos os nossos leitores e os clientes desta casa a visitarem a exposição desto novo estabelecimento.

NOTICIAS DA CAPITAL

Uma fraude

As Companhias Reunidas de Gaz e Electricidade apresentaram queixa na policia contra a direcção do Club Nacional, na rua Garrett, 62, 2.º, acusando-a de uma fraude importante no desvio da corrente electrica. O agente Xavier, acompanhado de dois fiscaes, dirigiu-se ao club indicado, verificando a veracidade da acusação, pelo que o processo está correndo os respectivos tramites.

A roubalheira diaria

Miguel Martins, morador na fabrica de calçado Prado, na travessa do Fiuza, queixou-se de que lhe furtaram uma carteira com 325 escudos.

—Foram presos Joaquim Marques, morador na travessa das Terras de Sant'Ana, 8, pateo, e Manuel da Silva, na rua do Bocage, letras C. B., cave, por terem furtado varios objectos no valor de 123 escudos a Miguel Augusto Ribeiro, residente na rua da Cascalheira, 12.

—Queixou-se Adelaide de Lemos, moradora na rua Andrade Corvo, 30, rez-do-chão, de que lhe furtaram uma mala de mão com um relogio de ouro e a quantia de 30 escudos.

Julgamentos de vadios

No gabinete do sr. dr. Rodrigues Esculcas, director da policia de investigação proseguiram hoje os julgamentos de gatunos e vadios, sendo julgados: Artur Candido, condenado a ser entregue ao governo; Joaquim Lino, absolvido e Carlos Pereira Nunes, mandado entregar ás Casas de Trabalho, de onde se havia evadido ha seis mezes.

Os atropelamentos por electricos

No banco do hospital de S. José foram pensados: João Ferreira, carroceiro, morador na calçada das Lages, 61, que quando esta manhã seguia pela calçada da Pedra sentado na almofada da carroça de que é condutor, foi esta chocada pelo electrico 267, sendo o Ferreira degrubado e ficando muito contuso no tórax e ferido na mão direita; José Sande, carregador de carvão, largo de S. Miguel, 12, 2.º, que foi derrubado por um electrico na rua de S. Paulo, ficando muito contuso pelo corpo.

ULTIMA HORA

PARLAMENTO

Nos Deputados

—A vinda de gado das ilhas para Lisboa —A publicação do «Livro Branco» —A ponte de Entre-os-Rios

O sr. Costa Junior, estranhando que ainda não fosse apresentado parecer ao projecto de lei que aumenta o subsidio aos empregados dos hospitaes civis, diz que se deve reservar uma sessão especial para discutir não só aquele, mas tambem o que diz respeito ao aumento de vencimentos dos funcionarios administrativos.

O sr. presidente acha muito justo o alvitre do sr. Costa Junior.

O sr. Francisco José Pereira requer que entre imediatamente em discussão o parecer n.º 152, que aumenta os vencimentos aos funcionarios administrativos.

O sr. Jorge Nunes alvitra que a ordem do dia seja dividida em duas partes, sendo uma delas destinada á discussão de projectos regionaes.

O sr. presidente diz que tenciona reservar a sessão de sexta-feira para esses projectos e diz que ámanhã será discutido o que diz respeito aos funcionarios administrativos.

O sr. Jorge Nunes insta mais uma vez pelo pagamento das subvenções aos cantoneiros, que desde março não recebem. Protesta tambem contra a nomeação duma comissão como foi sugerido por um jornal, para estudar o regimen do alcool e de vinhos na Madeira, visto estar pendente do parlamento esse assunto e qualquer comissão que venha a ser nomeada só o poderá ser com consentimento do parlamento. O sr. presidente do ministerio promete providenciar.

O sr. Henrique Braz, referindo-se á falta de carne em Lisboa diz que nas ilhas ha um grande numero de cabeças de gado para ser exportado para a metropole, não o sendo devido á falta de transportes. A Companhia Insulana de Navegação não dispõe de tonelagem suficiente para fazer o transporte das rezes necessarias no continente, e, por isso, lembra a conveniencia do governo mandar um navio dos transportes maritimos buscar o gado que ali espera embarque para Lisboa. Aproveita o ensejo para perguntar as razões porque ainda não foi publicado o «Livro Branco», acerca da nossa intervenção na guerra.

O sr. Hermano de Medeiros reforça as considerações do seu colega.

O sr. presidente do ministerio, respondendo ás considerações dos dois oradores antecedentes, diz que os creadores de gado das ilhas ao terem conhecimento de que o governo estava disposto a importar gado das ilhas para o consumo de Lisboa, se recusaram a vendel-o para a capital pelo mesmo preço porque o vendem nas ilhas. Sobre o «Livro Branco», que, como já afirmou o sr. ministro dos estrangeiros, está composto em parte, diz que a sua demora é devida á necessidade de se proceder a determinadas formalidades.

O sr. Manuel José da Silva lembra ao sr. ministro do comercio a necessidade de serem reparadas e concluidas algumas estradas no distrito da Horta. O sr. ministro do comercio promete providenciar.

O sr. João Salema insta pela reparação duma ponte em Entre-os-Rios, dinamitada por ocasião da rebelião monarquica. As reparações provisorias que lhe foram feitas não satisfazem e põem em risco a vida de quem dela se utilisa. Trata tambem das obras de defeza de Espinho, que ha tempos foi tratada pelo sr. Sampaio e Maia, tendo nessa ocasião o sr. ministro do comercio prometido providenciar. Insta, pois, pela continuação e conclusão dessas obras. O sr. ministro do comercio dá explicações.

O sr. Aboim Inglez pede que sejam discutidos os projectos de lei que autorisam algumas camaras municipaes a lançar impostos indirectos, devido ás dificuldades ocasionadas pela guerra. Ocupa-se da emigração, mandando para a mesa um projecto de lei sobre o assunto.

Em seguida entra-se na ordem do dia.

Presos politicos

Astrigildo Chaves fez-se prender para depois passar por vitima

Noticiaram os jornaes da manhã ter sido desde hontem á noite, na rua de S. Marçal, o conhecido propagandista Astrigildo Chaves, que ultimamente redigiu e espalhou um manifesto contra os integralistas e que andava propalando ter entendimentos com os mais cotados elementos monarquicos, entre eles Paiva Couceiro e Ayres de Ornelas.

O preso, que recolheu incomunicavel á esquadra da Travessa das Mercês, foi hoje largamente interrogado na policia de segurança do Estado, tendo confessado que muito lhe agradava ter sido detido, pois, ficando assim em vitima, assim conseguia a simpatia e o auxilio monetario dos realistas.

No Senado

—Apresentação dum projecto regulamentando o jogo —Outros assuntos

Antes da ordem pede a palavra o sr. Herculano Galhardo, que envia para a mesa um projecto de lei fixando o numero de sub-inspectores de trabalho e creando o logar de sub-inspectora da 7.ª circunscrição industrial (Funchal).

O sr. Lima Duque envia para a mesa um requerimento, assim concebido: Para fundamentar uma interpelação que, em breve, desejo fazer ao sr. presidente do ministerio, sobre os actos politicos e administrativos do governador civil de Coimbra, requer que, com urgencia, pelo ministerio do interior lhe seja concedida autorisação para examinar o processo de investigação instaurado na policia civil de Coimbra ácerca da agressão feita ao referido governador civil pelo jornalista sr. Costa Ramos.

O sr. Julio Ribeiro trata da questão do jogo que diz ser impossivel reprimi-lo. Manda em seguida, para a mesa, um projecto de lei legalisando e tributando o jogo.

Na ordem do dia está designada a discussão do projecto de lei considerando delitos florestaes determinados actos praticados nas tapadas de Mafra.

O sr. Alfredo Portugal, como relator do projecto, pede a comparencia do sr. ministro da agricultura.

O sr. presidente, como não esteja presente o titular da pasta da agricultura interrompe a sessão até á chegada desse ministro.

Um projecto, ácerca do jogo, apresentado no Senado

O senador sr. Julio Ribeiro apresentou no Senado o seguinte projecto de lei:

Artigo 1.º—Ficam revogados os artigos 264, 265 e 267 do Codigo Penal.

Art.º 2.º—A industria do jogo de fortuna ou azar fica sujeita á respectiva contribuição industrial, considerando-se como fazendo parte da tabela geral anexa ao Regulamento de 16 de Julho de 1896, com as seguintes taxas:

Lisboa, 36.000$00; concelhos de 1.ª classe, 24.000$00; de 2.ª, 18.000$00; de 3.ª, 15.000$00; de 4.ª, 12.000$00.

Paragrafo unico. Esta contribuição será paga previamente como se procede para exercicio da industria de espectaculos publicos (verba 243 da tabela geral, modificada pelo decreto n.º 4.699 de 19 de Julho de 1918) podendo ser paga desde 1 até 12 mezes conforme a licença a que se refere o artigo seguinte.

Artigo 3.º—O sêlo de licença para o exercicio da industria do jogo de fortuna ou azar é de 5 por cento sobre a verba principal da contribuição e pago por estampilha aposta no alvará passado no respectivo Governo Civil.

Paragrafo 1.º—O selo desta licença será aplicado na proporção do tempo da sua validade, desde um a doze mezes, de forma que termine no ultimo dia do ano civil em que fôr concedida.

Paragrafo 2.º—Sobre a taxa principal da contribuição recáe tambem o adicional de 15 por cento, pago por meio de guia no acto da concessão da licença e entregue no cofre do Governo Civil com destino á mendicidade do respectivo districto.

Artigo 4.º—Fica revogada a legislação em contrario.

Este projecto de lei é precedido de um relaorio, onde o senador sr. Julio Ribeiro se propõe demonstrar a impossibilidade de reprimir o vicio de jogar. Assim, diz o ilustre parlamentar democratico:

«Pois se nem Jesus Cristo, com a sua omnipotencia e poder divino, poude evitar que lhe jogassem a tunica junto do Sagrado Sepulcro—e lá vão quasi XX seculos!—como exigir a um simples ministro o que não alcançou aquele grande republicano e revolucionario?»

O projecto foi enviado á comissão competente.

D. Eliodoro Yañez

No rapido de Madrid, que só chegou ás 17 horas á estação do Rocio, veiu hoje, acompanhado por sua familia e um secretario da legação do seu paiz na capital hespanhola, o sr. D. Eliodoro Yañez, que, como se sabe, anda em missão diplomatica junto das potencias aliadas.

O antigo ministro do Chile, que o aguardaram pelos srs. dr. Constantino dos Santos, representando o sr. ministro dos estrangeiros, Labra Carvajal, consul do Chile, o respectivo chanceler, Salazar Moscoso e outras pessoas, deve seguir depois de ámanhã para a Republica trasandina.

A questão dos bombeiros voluntarios

O sr. Alberto Totta não pediu nenhuma licença, nem esta lhe foi imposta

Noticiaram alguns jornaes que o vereador da Camara Municipal de Lisboa sr. Alberto Tota havia solicitado uma licença, que desde hontem começára gosando e a qual lhe fôra imposta pelos seus pares.

Deve ter havido confusão com o sr. Paiva e Pona, vereador do pelouro dos incendios, o qual se acha no goso de licença de 30 dias, que aquele senhor concordou em tomar, a fim da comissão encarregada de solucionar o conflito que se levantou entre algumas corporações dos bombeiros voluntarios poder trabalhar mais livremente.

PELO TELEGRAFO

Portugal lá fóra

Continuam as manifestações de simpatia ao «S. Gabriel»

NAPOLES, 4.

O comandante do cruzador «S. Gabriel», acompanhado dos oficiaes e guardas marinhas, visitou o comandante do departamento maritimo de Napoles, o Prefeito e o Sindico desta cidade, sendo acolhidos calorosamente com vivas manifestações de simpatia. A oficialidade do «S. Gabriel» mostra-se felicissima por ter de pagar a visita que o cruzador «Libia» fez á capital portugueza.

Por Espanha

Afinal não haverá jornaes...

BARCELONA, 3.

A' ultima hora foi dada contra ordem para que nenhum jornal se publique ámanhã.—(Havas).

Tudo vae bem—diz o governo

MADRID, 3.

O presidente do conselho declarou hoje que as noticias recebidas de Barcelona são boas, e o governador civil d'aquela cidade diz que os momentos actuaes são interessantes mas por forma alguma sensacionaes.—(Havas).

Mas não ha quem tome responsabilidade

MADRID, 3.

O jornal madrileno «El Dia» publica um telegrama de Barcelona dizendo que em vista da atitude intransigente da federação patronal o orgão central dos sindicatos operarios, conhecido pelo nome de sindicato unico, resolveu dissolver-se e apresentar ao gabinete do governador civil os seus selos e arquivos e declarar ao governador civil que declina toda a responsabilidade pelas eventualidades que se possam produzir.—(Havas).

Com agua aberta

Entra no Tejo um navio carregado de trigo

Entrou hoje no nosso porto o vapor norte-americano «West Kysta», de 4597 toneladas, procedente de Buenos Aires, com escala pelo Rio de Janeiro e com carga de trigo, que se destinava a Hamburgo.

Ao passar em frente ao cabo de S. Vicente sofreu um grande choque, supondo o comandante que tivesse tocado no casco d'algum navio afundado. O vapor abriu agua e ficou com parte da helice partida, tendo de arribar imediatamente ao Tejo.

Vae entrar na doca seca para sofrer as necessarias reparações, pelo que tem de descarregar aqui o trigo.

POEIRA DA ARCADA

Conferencias

Tres directores de bancos do Porto tiveram hoje uma demorada conferencia com o sr. ministro das finanças, o qual tambem recebeu os srs. drs. João Ulrich, governador do Banco Ultramarino, e Queiroz Vaz Guedes, secretario geral do conselho superior de finanças.

Com o sr. presidente do ministerio conferenciou hoje o sr. governador civil do distrito, e este tave, por sua vez, demorada conferencia com o sr. comissario geral da policia.

«Raid» Paris-Lisboa

O aviador da esquadrilha «Republica» capitão sr. Sousa Maia partiu hoje para Madrid no comboio das 15,30, levando um motor «Renaud», de 33 cavalos, que vae substituir o que vinha no aparelho Bréguet, a fim de completar o «raid» Paris-Lisboa.

José Joaquim de Almeida

Missa do 1.º aniversario

Sua mãe e irmã mandam celebrar uma missa sufragando a sua alma ámanhã, 6 do corrente, ás 10 e meia horas na egreja da Madalena. Reconhecidamente agradecem ás pessoas que se dignarem assistir a este acto.

Os empregados da Companhia da Ilha do Principe, convidam os amigos do seu chefe e amigo José Joaquim d'Almeida a assistir á missa que por sua alma se ha de rezar ámanhã, 6 do corrente, pelas 10 e meia horas na egreja da Madalena.

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

3367 — 10.º anno | Direcção e propriedade de, Manuel Guimarães | Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA — Quinta-feira, 6 de Novembro de 1919

Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL | Officina de Impressão — 71, Rua da Bica, 71

Preço, 2 centavos

Politica externa

O sr. dr. Bernardino Machado, logo no dia seguinte áquele em que tomo posse da sua cadeira no Senado, enviou para a mesa uma nota de interpelação ao sr. ministro dos estrangeiros sobre a nossa politica externa. Este facto não póde nem deve passar despercebido porque certamente ninguem duvidará da importancia que ele comporta. O sr. Bernardino Machado era presidente do ministerio, quando rebentou a guerra, e foi s. ex.ª quem leu, na celebre sessão de 7 de agosto de 1914, a declaração, que o parlamento apoiou, segundo a qual o nosso paiz se manteria sempre solidario com a sua aliada, a Inglaterra. Mais tarde, quando a Alemanha nos declarou a guerra, e mais tarde ainda quando se resolveu a nossa entrada na campanha europeia, era s. ex.ª presidente da Republica, e, pelos proprios termos da constituição, lhe incumbia a direcção superior da nossa politica internacional.

Não falece, pois, ao ilustre senador a autoridade necessaria para tratar da nossa politica externa, e a questão da guerra certamente será encarada por s. ex.ª com a elevação que ela necessita, habilitando ao mesmo tempo o paiz a fazer um juizo cada vez mais exacto sobre as circumstancias em que nos vimos envolvidos nessa temerosa conflagração.

A verdade é que a questão da guerra está de pé. Aqueles que contrariaram a nossa intervenção não desarmaram ainda. A sua campanha de insidias continua. Continua-se a dizer que não tinhamos necessidade de ir para a guerra; continua-se a dizer que os que propugnaram pela nossa participação só quizeram servir inconfessaveis interesses; continua-se a dizer que a Inglaterra não queria o nosso concurso militar; continua-se até a injuriar a nossa aliada, ao mesmo tempo que se não profere uma palavra contra a Alemanha. Para os homens da guerra, considerados como traidores e corruptos, reclamam-se as mais severas punições. Em virtude desta situação, tanto os acusadores como os acusados reclamam insistentemente o apuramento de todas as responsabilidades. E' tempo de o fazer. A guerra terminou, e, durante a guerra, frequentemente se bradava que depois da guerra todas as responsabilidades seriam tomadas. E' tempo de executar esse compromisso geral.

Pela nossa parte, não o tememos. Reclamamol-o mesmo com uma insistencia ainda maior do que a dos adversarios da guerra. Não mudámos, como mudaram certos defensores entusiastas da nossa participação, certos amigos incondicionaes da França, que renegaram todas as suas afirmações anteriores para poderem alvejar de todas as maneiras a Republica. Não. Fômos partidarios da entrada na guerra, antes da Alemanha nos lançar a luva, depois da Alemanha nos lançar essa luva, e continuamos, no mesmo posto, crentes de que Portugal praticou ao mesmo tempo uma acção nobremente idealista e uma acção eminentemente politica.

Entretanto, e tendo-se estabelecido, ultimamente, em virtude duma nova campanha contra a politica da guerra, uma certa confusão, em que se baralharam documentos, que melhor podem e devem ser apreciados no «Livro Branco», visto que a publicação do «Livro Branco» continua infelizmente demorada, o discurso do sr. Bernardino Machado deve constituir um acontecimento importante, porque não duvidamos que s. ex.ª faça luz sôbre certos pontos até agora porventura obscuros ou desvirtuados.

Em toda a parte se está fazendo a historia da guerra. E' bom que ela em Portugal tambem se faça, e que seja feita por quem tenha a maior autoridade para a fazer.

A viagem de Carlos Reis ao Rio de Janeiro

Chegára ha dias, duma viagem á terra irmã, o mestre Carlos Reis.

Figura por excelencia e por valor, conhecida de sobejo entre os artistas portuguezes, pintor dos mais consagrados da arte moderna, nome ilustre em todas as terras, tivera uma carinhosa recepção no Brazil. Era o que se dizia, era o que transpirava dos jornaes, dos telegramas, zunszuns de ricos porventos, de acolhimento excepcional.

Nada mais facil—tratando-se dum homem simples e despretencioso como Carlos Reis—do que abordá-lo, á saida do seu atelier ou das suas aulas, onde de novo se encontra na sua vida habitual, e ouvi-lo, na fluencia facil e elegante da sua palestra risonha.

—Venho encantado, e tudo que diga não póde dar-lhe a ideia do que se passou. Fiz duas exposições, como sabe, a principal no «Gabinete Portuguez». Esteve tres semanas aberta, e encerrei-a para poder dedicar-me aos retratos que tinha encomendados. No dia de encerramento visitaram-na mil pessoas, e durante os dias inesqueciveis daquelas semanas passei horas agradabilissimas; a ternura de aquela agente pela nossa terra, a saudade, a estima, o afecto pelas coisas portuguezas, enterneceram-me. Tive de mandar abrir a exposição ao domingo para que o comercio a pudesse ir visitar; e havia scenas comovedoras, gente que ia ali beber qualquer coisa das paisagens, da arte, da gente portugueza. Depois dediquei-me aos retratos, carvões, que fiz 27, entre os quaes o do presidente da Republica, dr. Epitacio Pessoa. Tive ocasião de verificar, nas varias sessões que fiz, a extraordinaria inteligencia desta alta individualidade. Tomou para si toda a decisão ultimai, profundava todas as questões, queria saber todos os problemas, a que dava a ultima palavra sempre.

—No curto espaço de tempo em que o encontrou no Rio, executou tantos trabalhos, só podia ser...

—...á custa de muito café, e muita força de vontade. Mas tinha que ser, e, ficaram ainda muito outros pedidos por satisfazer.

—Sob o ponto de vista artistico, quer dizer alguma coisa aos artistas portuguezes, do valor dos seus colegas brazileiros?

No Brazil ha explendidos artistas, muitos novos de grande valor.

—Pois não. Encontrei lá esplendidos artistas, muitos novos, de grande valor, com todas as qualidades para triunfar; mas, como nós, tambem, enfermando do mal da raça, um «desencorajamento» grande. Não se produz o que se podia produzir. Mas, repito, novos cheios de valor; não cito nomes para não ofender os que porventura me não recordem.

—...

—Sim, de todas as escolas e todos os generos; só futurismo é que não... derrete-se com o calor... Mas aos pintores, estou gratissimo; acolheram-me duma forma a que não estamos acostumados aqui; festas, diplomas, por todas as escolas... Olhe a do Liceu de Artes e Oficios, com um edificio tres vezes superior á nossa Escola, e perto de 900 discipulos... levei duas horas a visital-a, e recebi ofertas, produtos varios, das varias secções por onde passava... Uma homenagem tambem tocante foi a do «Palace Teatre», onde estava então trabalhando a companhia Maria Matos... E uma demonstração do que são no Rio as noites de S. João, onde figuraram o poeta Belarmino Braga, D. Julia Lopes d'Almeida, Raul Pederneira, etc... Ah! gente cordeal, porque não foi só a colonia portugueza que me acolheu brilhantemente, foram os brazileiros apreciando tudo que Portugal produz e possue. Levava 4 relações e as minhas despedidas duraram 4 dias...

—Encontrou no Rio um grande centro artistico não é verdade?

—Sem duvida. Uma grande cidade, brilhante, imensa, deslumbrante; um paiz com processos de trabalho norte-americanos, de que os brazileiros muito se orgulham. Como arquitetura, porém, deixe-me dizer-lhe que é riquissima, mas nem sempre de beleza artistica condigna. Ha ali muita interferencia de italianos, mas presentemente, creio que um portuguez—esquece-me o nome—estava dando uma melhor orientação á construção arquitetonica. A casa de Rego Barros e outras denotam uma tendencia para o portuguez puro, colonial, seculo XVIII.

—Quanto á pintura...

—Ha muito que ver e que aprender. Mas, a frequencia de exposições estrangeiras sufoca o movimento nacional. Comtudo, ha um devotado gosto pela pintura. Casas particulares chegam a ter 400 quadros em varias salas, é claro, nem todos bons, mas entre os quaes alguns de raro valor.

«Uma das maiores riquezas artisticas do Brazil reside nas egrejas, nas obras de talha, nos trabalhos em pau santo. O movel da Bahia é dum trabalho riquissimo; eu creio que devem ser de artistas italianos ou portuguezes mas naturalmente destes.

—De forma que o intercambio intelectual e artistico tem de fazer-se...

—Tem de intensificar-se. O Brazil está em divida para comnosco. Contando comigo, são cinco os artistas que visitaram já o Rio de Janeiro, e Lisboa só conhece ainda Navarro da Costa. E tem muitos mais para virem até nós, sendo pena que não se façam mais convites aos artistas brazileiros para fazerem exposições entre nós.

«Ainda sobre o intercambio artistico, devo acrescentar que no fundo intelectual do Rio de Janeiro, são os portuguezes os melhores apreciados. Cacilda Sá Pereira foi acolhida admiravelmente e de Chaby é desnecessario falar; o abade da «Primorose» marcou fundo no meio teatral fluminense.

«Quanto á literatura, tive ocasião em varios banquetes de estar entre membros da Academia, e vi-os todos extraordinariamente apaixonados por Portugal. Uma vez fiquei entre João Luso, Afranio Peixoto, o nosso dr. Monjardino, e vi que es intelectuaes—eu embirro com este nome de intelectuaes tão acostumado estou a vel-o atribuir a creaturas sem a menor intelectualidade—são realmente creaturas de saber e valia.

«De resto a ilustração do colono é elevada; e a aproximação dos processos americanos dá uma feição diferente da europeia á vida e aos costumes brazileiros. Não ha no Brazil o vadio, nem o fidalgo: todos trabalham, numa ancia de produzir incalculavel. O movimento das ruas é estonteante. A's 4 horas, a avenida Central é Paris; os chás, os cafés, a musica, a animação são extraordinarios. E, toda aquela gente sempre hospitaleira, cordeal, afavel, nunca esquecendo Portugal e tendo para nós sempre um grande fundo de ternura e sinceridade.

«Em resumo, se no Brazil não ha antiguidades para visitar, nem arte remota, tem a feição moderna do belo, a nova civilisação que não é menos digna de ver-se e admirar-se.

Deixei no Brazil um vasto campo aos artistas portuguezes.

—Foi, pois, coroada do melhor exito a sua visita. Pensa em repetil-a?

—Talvez mais tarde. Por agora basta dizer que deixei no Brazil um largo campo aos artistas portuguezes... e mesmo aos brazileiros. Desde a minha exposição que, os proprios artistas viram elevar-se o valor material das suas obras, e valorisar-se assim a pintura nacional...»

* * *

Carlos Reis, conta mais episodios da sua viagem, e prolongar-se-ia amenamente a nossa palestra se não se fizessem horas de terminar. Alguma coisa colherá Portugal de esta propaganda artistica, e por isso apressámo-nos a felicitar Carlos Reis e o paiz.

O Portugal superior e valioso é feito da valia e da superioridade dos seus homens.

A. F.

O caso do jardim de S. Pedro de Alcantara

Ao que nos consta, a camara municipal está na intenção de não dar deferimento a qualquer requerimento solicitando a construcção de um taboleiro superior, hotel ou qualquer outra construcção que prive o publico do logradouro do jardim de S. Pedro d'Alcantara.

Eclipse da lua

Os astronomos marcam para ámanhã um eclipse da lua, que será visivel em Lisboa.

A PROPOSITO

O JOGO

Regulamenta-se? Prohibe-se?

Volta á baila esta monumental e discutidissima questão. Estão em jogo, pode dizer-se, os interesses de 60.000 portuguezes que são outros tantos donos de casas de batota. E o parlamento preocupa-se com o problema mais uma vez. Mas, como o outro que diz, se nem o nosso ilustre correligionario da Judeia, republicano e revolucionario civil Jesus Christo poude evitar que lhe jogassem a tunica, póde alguem crêr que outros poderes mais inferiores impeçam o jogo?

De resto, o jogo não faz mal a quem não joga. Eu nunca vi queixar-se do jogo quem não vae ás batolas. E joga apenas quem quer, como não se evita que jogue quem quizer jogar.

Jogo é a vida, a loteria, o casamento, o negocio, o cambio, o trespasse...

Quando eu era tropa tinha no meu pelotão 4 inveterados jogadores que a todo o recanto da caserna ou da parada faziam circulo e escandalosamente «rapavam» dum seboso baralho e faziam banca. Nem os dias de guarda, nem as «fachinas», nem a apreensão dos baralhos paravam a obstinada jogatina.

Se não estivessem batoleando meia hora, estoiraviam pela certa. Para os fazer estoirar um dia, puz-me ao lado deles, sentados em circulo, no chão, disposto a impedir o monto ou o 31.

Os homens não faziam nem um movimento, assobiavam, olhavam o ceu e cuspiam de vez em quando. Até que por fim desisti e fui-me embora.

—Ganhei eu—grita logo o 37, da Alfama.

Tinham estado, mesmo nas minhas bochechas, a jogar... o cuspo, e ganhava aquele de quem era o cuspo onde uma mosca providencial pousava primeiramente.

* *

Prohibam o jogo, embora, em Portugal. Ha de haver menino que até no parlamento... ha de jogar o cuspo.

Sá do O'.

POLITICA

Nova orientação do Partido Republicano Conservador

Está confirmada a noticia que aqui demos ácerca de divergencias de opinião entre os republicanos conservadores. Pelo visto, venceram os extremistas, que impuzeram a saida do sr. Joaquim Madureira da direcção de «O Jornal», a fim de que este periodico passe a exercer uma acção mais decisiva na politica portugueza.

A despedida do sr. Joaquim Madureira consta dum telegrama que, expedido de Matosinhos, hoje publica «O Jornal». Mas o melhor é transcrevel-o:

Sarmento Duque—Redacção «O Jornal»—Lisboa.

Matosinhos, 4.—Tendo terminado publicação Bazilio Teles confirmo ordens ai deixei. Abraço bons camaradas lealmente me acompanham ha tres mezes e peço retire meu nome cabeça jornal declarando numero ámanhã depuz mãos dr. Francisco Fernandes demissão cargo director que não podia continuar exercer sem quebra minha dignidade profissional. — Joaquim Madureira.

«O Jornal», comentando o telegrama do sr. Joaquim Madureira, publica o seguinte:

«Sentimos que uma divergencia de opiniões entre a administração da empreza de «O Jornal» e o seu antigo director fosse a unica determinante de nos vermos privados da acção jornalistica de Joaquim Madureira que, como ele bem sabe, só tem nesta casa amigos que o estimam e admiradores do seu talento e qualidades».

A lei das indemnisações, a amnistia e um ministerio nacional

A Camara dos Deputados discute, presentemente, a proposta de lei ácerca das indenisações aos cidadãos prejudicados pelos vandalismos dos revoltosos do efemero reino da Traulitania. Os prejuizos serão pagos, evidentemente, por quem os causou, isto é, pelos monarquicos que sustentaram a megalomania de Paiva Couceiro e seus acolitos.

Pois já se intriga e a valer para fugir a taes responsabilidades! Os monarquicos fazem correr a versão de que pelo Natal serão beneficiados com uma amnistia, para a concessão da qual já existem compromissos politicos. Segundo o que eles dizem formar-se-ia brevemente um ministerio nacional, que inscreveria no seu programa a concessão duma amplissima amnistia, envolvendo não só a responsabilidade criminal como até mesmo a civil.

Parece-nos que tudo isto não passa de um jogo inocente. Não faz realmente sentido que o parlamento votasse agora uma lei de indenisações que, passado um ou dois mezes, fosse praticamente anulada pela amnistia. Para completa elucidação do caso diremos, ainda, que é preciso distinguir entre amnistia e indulto, porque a primeira é da exclusiva competencia do Congresso emquanto que o segundo é atribuição constitucional do presidente da Republica. O indulto, porém, só é aplicavel a condenados e, portanto, só logicamente decretavel depois de findos os julgamentos a que têm de responder os monarquicos processados.

A questão dos altos comissarios

Hontem reuniu a comissão de colonias, com assistencia do titular da pasta. Parece que não foi possivel chegar-se a acordo, devendo o caso constituir objecto de discussão no conselho de ministros marcado para esta noite.

A's 17 horas foi convocada, novamente, a comissão. Será esta talvez a ultima tentativa para se chegar a um acordo na questão dos altos comissarios.

No Alto de Santa Catarina

O sr. Alfredo da Silva alvo de novo atentado

Fica gravemente ferido o seu "chauffeur"

Cerca das 16 horas de hoje, os moradores dos sitios do Calhariz e imediações foram sobresaltados por um enorme estampido que partiu dos lados de Santa Catarina. Sabia-se a breve trecho que se tratava de um novo atentado dynamitista contra o industrial sr. Alfredo da Silva, o qual, como é sabido, reside no antigo palacete Colares, onde ha dias se declarou um violento incendio.

O sr. Alfredo da Silva, que se encontra com sua familia no Estoril, tinha vindo hoje a Lisboa, a fim de juntamente com o chefe dos fiscaes da Companhia de seguros Fidelidade avaliar os prejuizos que o seu palacete sofreu na parte ocupada pelo capitalista e emprezario teatral sr. Antonio Ramos.

Cerca das 16 horas, tendo assinado os documentos de avaliação, dispunha-se o sr. Alfredo da Silva a sahir, do palacete, atravessando o jardim que lhe fica fronteiro, quando ao abrir o portão de ferro lhe surgiu pela frente um individuo alto, espadaudo, que lhe apontou ao peito uma pistola. A arma, porém, encravou-se e não deu fogo, o que permitiu ao sr. Alfredo da Silva ter tempo para recuar e fechar precipitadamente o portão, que é chapeado de ferro, bem como todo o gradeamento da frente do palacio. Em frente ao portão estacionava o automovel do sr. Alfredo da Silva, do qual era «chauffeur» Raul Rodrigues de Sousa, de 33 anos, casado e morador na rua das Fontainhas, 10, 3.º

Na ocasião em que o sr. Alfredo da Silva se metia para dentro de casa, um grande estampido se fez ouvir. Fôra um outro individuo, companheiro do primeiro que empunhava a pistola, que atirára uma bomba na intenção de atingir o referido industrial.

O explosivo foi cahir nas trazeiras do automovel, rebentando com grande fragôr, deixando enorme rasto na calçada, cujo empedramento ficou como que lascado. O pequeno muro que sustenta o gradeamento á frente do palacio ficou em varios pontos esburacado, indo um dos estilhaços cahir na rua do Seculo.

O «chauffeur» Raul de Sousa, que foi atingido tambem por estilhaços e ficou ferido n'uma perna e n'um braço, foi imediatamente conduzido no referido automovel para o hospital de S. José, recolhendo depois a uma das enfermarias, sendo grave o seu estado.

O ferido só teve tempo de dizer:

—Ai, patrão, que me mataram e eu que não me defendi!

O automovel do sr. Alfredo da Silva, que conduziu o ferido ao hospital, foi guiado por um individuo que no local apareceu e que imediatamente tomou o volante ao ter conhecimento do que se passava.

Os auctores do atentado, que foram vistos emboscados na travessa de Santa Catarina, á esquina do palacete, fugiram depois pelas escadinhas da Portugueza, ultima travessa á esquerda da rua Marechal Saldanha e que vae dar á Bica.

Com a precipitação da fuga, um dos fugitivos rolou pelas escadas, sendo pouco depois preso por alguns populares que o conduziram á esquadra da Boa Vista, onde ainda tentou resistir, sendo-lhe apreendida a arma. O que atirou a bomba não foi detido até á hora do nosso jornal ir para a maquina.

O preso disse chamar-se Artur Pinto Alonso, ser estucador e residir na travessa do Barbosa, 16, pateo.

Após o atentado compareceu muito povo no local, onde durante largo tempo se aglomerou, compacta multidão.

Tambem estiveram no local agentes da policia de investigação e da Segurança do Estado, comissario de serviço e piquete do governo civil.

O sr. Alfredo da Silva, que sahiu ileso, demorou-se ainda largo tempo n'uma das dependencias do seu palacete, onde apareceu aflicta, a inquirir do que se havia passado, sua mãe. Tambem recebeu muitos amigos, entre os quaes os srs. drs. Egas Moniz, Castro Lopes, José Novaes, e varias individualidades em destaque na politica, comercio, finanças, etc.

Entre a enorme multidão que até ao fim da tarde se juntou no Alto de Santa Catarina, era enorme a indignação contra o atentado dynamitista.

Vitimas de atropelamentos e choques

Como obviar ás lamentaveis consequencias que d'aí derivam?

A vida moderna, cheia de exigencias e demandando um constante esforço para se poder triunfar, tem por vezes contratempos que á primeira vista se afiguram dificeis de remover. E não só contratempos, mas verdadeiros riscos, sobretudo com a actividade febril que caracterisa hoje em dia qualquer ramo, quer de negocio, quer da industria.

Vae longe o tempo em que o negociante entrava pachorrentamente para o seu estabelecimento ou para o seu escritorio, se sentava comodamente e esperava que a clientela o fosse ali procurar. O «commis-voyageur» era então uma entidade desconhecida. Nada de pressas, nada de ter de ir procurar o freguez. Ele viria de seu motu proprio e, assim, se ia amealhando todos os anos um pequeno capital, que dava para a velhice.

Hoje, tudo está transformado. Os bancos, as casas bancarias, os escritorios surgem como que por encanto. Os estabelecimentos de luxo aparecem como que por milagre, imprimindo uma nota de bom gosto e de riqueza ás ruas duma capital como Lisboa. Os estabelecimentos industriaes teem de ser montados em ponto grande, se quizerem viver e prosperar. E' a golpes de audacia e de dinheiro que se conquista logar. O comerciante, o industrial, o corretor, o caixeiro de praça, teem de desenvolver uma actividade febril, saltar dum electrico para tomar um automovel, deixar este para se meterem num comboio, se não quizerem ver-se derrotados por concorrentes que farão mais negocio do que eles, que acreditarão as suas casas, que lhes tirarão os proventos que eles não podem auferir se não forem diligentes.

As ruas principaes duma grande cidade teem uma vida intensa que outr'ora era completamente desconhecida. São percorridas a todo o momento por veiculos de toda a especie, avultando o automovel e o camions, que, embora não possam exceder um certo limite de velocidade, se deslocam em todo o caso com uma rapidez que põe em perigo a vida do transeunte que não tenha o pé lesto e olho vivo.

Entre os desastres que todos os dias aparecem no noticiario dos jornaes avultam os que são causados pela viação. Ora é um electrico, ora um camion, ora um automovel que produz um atropelamento. E lá vae a vitima para o hospital, quando não para a Morgue.

Em Lisboa e Porto, principalmente nos ultimos tempos, esses desastres teem sido frequentes. Apesar das medidas tomadas pela policia para impedir a excessiva velocidade dos veiculos, a verdade é que quasi todos os dias se registam casos mais ou menos graves.

O que representa uma dessas fatalidades para uma familia facil é de calcular, principalmente se é o seu chefe a vitima do lamentavel incidente. Representa ele a perda, ou pelo menos, no melhor dos casos, a invalidação, durante um periodo mais ou menos longo, do sustentaculo, do amparo da familia. E quando esta vive dia a dia, como a tantos e tantos milhares sucede, é uma verdadeira tragedia a que se desenrola e que nem bem compreendida ou avaliada é por aqueles que ao lerem de manhã no seu jornal a narrativa do acidente dai a momentos nem delo já se lembram. Dôres ignoradas, lagrimas candentes, que devastam faces palidas e martirisadas, quem saberá jámais quantas são provocadas por um atropelamento, por uma morte ocorrida num choque de veiculos, num acidente de caminho de ferro!

Ao mesmo tempo que surgiram esses inconvenientes que a civilisação trouxe, espiritos previdentes trataram logo de estudar o meio de remediar o mal. Se uma vida se não póde pagar, ha pelo menos modo de atenuar as lamentaveis consequencias que dai derivam, não é verdade? Pois, então, mãos á obra. E surgiram os seguros contra os acidentes de trabalho, contra os atropelamentos, contra os riscos constantes a que se está sujeito diariamente. O ramo da responsabilidade civil é um dos que tem tomado maior desenvolvimento entre nós, devido principalmente a uma companhia franceza, La Preservatrice, cujos escritorios, instalados na rua do Ouro, são bem conhecidos de todo o lisboeta.

A companhia La Preservatrice tem sido ultimamente a mais posta em fóco, pois que tem sido ela quasi que exclusivamente a unica a suportar os encargos derivados dos desastres produzidos pela viação. Porque se dá esse facto, perguntarão alguns? Porque é ela a que conseguiu inspirar maior confiança ao publico e é nela que se efectuam quasi todos os seguros desse genero, além, é claro, de tantissimos dos ramos que explora.

A confiança publica é, de resto, mais que justificada. La Preservatrice, a mais antiga companhia franceza de seguros, é um verdadeiro potentado financeiro. As suas reservas são colossaes. A séde é em Paris, como se sabe, mas La Preservatrice tem sucursaes e agencias nas principaes cidades do mundo. A de Lisboa encontra-se instalada na rua do Ouro e a cargo do sr. dr. Manuel Casal Ribeiro.

Tem sido La Preservatrice, dissemos, quem entre nós tem sustentado os encargos derivados da responsabilidade civil. A esses encargos só uma companhia poderosissima como ela póde fazer face. Por isso, áqueles que sejam previdentes, áqueles a quem o bem estar dos seus preocupe e que queiram assegurar-lhes, não diremos um futuro desanuveado, mas ao menos a certeza de que lhes não faltará o pão no dia seguinte, se tiverem a infelicidade dum desastre, aconselhamos uma visita aos escritorios da rua do Ouro.

AS GRANDES INICIATIVAS NO NORTE

A Sociedade dos Vinhos Borges & Irmão, L.da

Como se inundam os mercados de Africa e do Brazil com os nossos vinhos e azeites

Não é a primeira vez que «A Capital» põe em destaque toda a extensão e todo o valor da casa Borges & Irmão, do Porto, passando em revista os grandes e patrioticos empreendimentos com que tem dotado a capital do norte, ao mesmo tempo que cuida da sua irradiação no Brazil e na Africa, onde os seus mercados são, de dia para dia, mais importantes e ricos. Crêmos cumprir absolutamente um dever. Na verdade, falar presentemente das grandes iniciativas que se desenvolvem no norte de Portugal sem nos determos, durante alguns momentos, deante da historia de labor honestissimo e infatigavel da casa Borges & Irmão, é deixarmos em aberto uma divida sagrada, imperdoavel... Tendo trabalhado, sem treguas nem desfalecimentos, durante quasi meio seculo, os srs. Antonio e Francisco Borges conseguiram, sómente guiados pela sua inteligencia e secundados pela sua notavel actividade, erguerem um edificio de trabalho nacional que tem honrado o paiz até mesmo fóra das fronteiras, onde a sua historia se diz com verdadeira ternura. E' que a Sociedade de Vinhos Borges & Irmão Ld.ª não circumscreveu apenas a sua acção na Africa, onde as suas filiaes são importantissimas; não a estendeu tambem só ao Brazil, onde tem conquistado caminho passo a passo, com uma admiravel serenidade, com uma pontaria segura, firme; a propaganda de Portugal da casa Borges & Irmão, atravez os seus vinhos preciosos, a custo dos seus azeites finissimos, tem-se desenvolvido em Espanha, na França, na Inglaterra, paizes onde a sua reputação de comerciantes seriissimos e de industriaes inteligentes e conscienciosos se encontra definitivamente firmada.

A melhor propaganda que se possa fazer de Portugal no estrangeiro está indubitavelmente na expansão e apresentação dos seus produtos que constituem riquezas nacionaes. Encarada a questão sob

este aspecto, podemos, com desassombro, afirmar que a casa Borges & Irmão é uma verdadeira benemerita.

Atravez as adegas de Vila Nova de Gaia

Vila Nova de Gaia é quasi, por assim dizer, o coração do Porto... Quando o comboio se avisinha da capital do norte, sente-se um infinito prazer contemplando aquela casaria policroma, de tons os mais vivos, de construções as mais variadas e interessantes e onde palpita uma vida intensa, febril—vida de trabalho, de luta, de triunfo... Dir-se-ia que não ha ali uma casa que não marque uma iniciativa, que não seja testemunha de um esforço, que não revele energias produtivas e nobilitantes.

Pois bem, entre as iniciativas que se destacam em Vila Nova de Gaia, enfileira-se como uma das principaes—se não a principal—as instalações da Sociedade dos Vinhos Borges & Irmão. São socios da Sociedade cuja prosperidade de dia para dia mais se acentua, os srs. Arthur Lello e seu filho Carlos Alberto de Guimarães Lello, gerentes tecnicos.

A Sociedade tem propriedades suas, de onde veem, numa abundancia inexgotavel, as uvas que se destinam ao fabrico dos seus incomparaveis vinhos.

Uma visita ás instalações de Vila Nova de Gaia e nunca mais se esquece... E' que os seus aparelhos são os mais aperfeiçoados, a sua higiene é absoluta, o modernismo que preside a todo o seu agradavel ambiente inexcedivel! Como dissemos, a Sociedade tem propriedades vinhateiras suas. Assim pertencem-lhe as magnificas quintas do Soalheiro e Junco no Alto Douro, onde a produção é constantemente aumentada com o aproveitamento inteligentissimo das terras. Todas as secções das instalações Borges & Irmão teem uma organisação esmeradissima, tendo merecido os elogios entusiastas dos comerciantes belgas e francezes que, ao visitarem Portugal, se não teem furtado ao desejo de admirar um dos mais eloquentes padrões da iniciativa e da actividade portugueza.

Devemos destacar, entre as secções, a de engarrafamento, onde trabalham oitenta mulheres, servindo-se, para isso, de aparelhos automaticos que trabalham com uma rapidez verdadeiramente vertiginosa. Nos armazens, onde a ordem é impecavel e os processos de conservação os mais modernos, estão em quotidiana actividade quarenta homens; finalmente, nas oficinas de tanoaria trabalham oitenta homens. Em balceiras de carvalho encontram-se perto de novecentas pipas de vinhos generosos, dos mais preciosos e afamados; em quarteis cerca de 1.500 pipas; vêem-se ainda cubas de cimento armado, metodicamente dispostas, e contendo perto de 1.000 pipas de vinho. As caves são divididas em seis secções onde se encontram os vinhos de mais varia qualidade e de mais apreciado valor. Obras, apesar, das instalações de vinhos da Sociedade serem já verdadeiramente modelares, não obstante todo o seu desenvolvimento e acabamento apurado, os srs. Artur e Carlos Lello não descançam para mais as ampliarem e completarem, enriquecendo-as com novos melhoramentos. Assim, está, presentemente, em construção uma tanoaria, em pedra, com secções que oferecem acondicionamentos admiraveis.

Não é menos curiosa a secção de azeites—com os seus grandes tanques, com os seus metodicos trabalhos de embalagem, onde o rotulo Borges & Irmão afirma a excelencia incomparavel do fabrico.

São agentes no Pará e em Manaus os srs. Antonio Henriques & C.ª e Alvaro de Barros & C.ª no Rio de Janeiro, S. Paulo e Santos os srs. Manuel R. da Silva e J. de Andrade Costa; na Bahia, os srs. Eduardo Simões.

Em Lisboa a sucursal da Sociedade é na Praça do Municipio.

O catalogo... e os melhores vinhos

O catalogo da casa Borges & Irmão é, de ano para ano, mais rico com a indicação de vinhos mais variados e preciosos. O ultimo catalogo registra os seguintes vinhos:

Finos adamados:

Borges, 15$00; Moscatel—Favorito, 16$00; Lagrima — Encanto, 18$00; Lagrima—Cristy, 22$50.

Finos velhos superiores:

J. S., 22$00; Rosa Douro, 20$00.

Finos velhissimos:

Roncão, 28$00; Reserva, 40$00; Frasqueira, 50$00; Exposição, 70$00.

Aperitivo:

Quinado—Borges (em garrafa de litro), 20$00.

Vinhos de Meza

Verdes:

Gatão—Tinto, caixa de 12 botijas de 1 litro, 6$50; caixa de 24 botijas de meio litro, 8$80; caixa de 12 garrafas, 7$00; caixa de 24 meias garrafas, 9$00.

Gatão—Branco, caixa de 12 botijas de 1 litro, 7$20; caixa de 24 botijas de meio litro, 9$50; caixa de 12 garrafas, 7$20; caixa de 24 meias garrafas, 9$20.

Juncal—Branco, caixa de 12 garrafas, 7$20; caixa de 24 meias garrafas, 9$00.

Maduros:

Lello—Clarete, caixa de 12 garrafas, 7$20; caixa de 24 meias garrafas, 9$00.

Perola—Branco, caixa de 12 garrafas, 7$20; caixa de 24 meias garrafas, 9$00.

Vinhos espumosos:

D. Egas, caixa de 12 garrafas, 36$00; caixa de 24 meias garrafas, 40$00.

Borges, extra-fino (Raposeira), caixa de 12 garrafas, 40$00; caixa de 24 meias garrafas, 44$00.

Verdes:

Gatão—Barris de decimos e quintos: — 40/80, 42/85, 45/90, 50/100 — 17$20, 17$70, 18$20, 19$20, 31$40, 32$40, 33$40, 35$40.

Maduros:

Douro Virgem, 19$20, 19$70, 20$20, 21$70, 35$40, 36$40, 37$60, 40$40.

Alvarelhão, 19$40, 19$90, 20$40, 21$90, 35$80, 36$80, 37$90, 40$80.

Brancos: — 20$40, 20$90, 21$40, 22$90, 37$80, 38$80, 39$80, 42$80.

Perola, 20$40, 20$90, 21$40, 22$90, 37$80, 38$80, 39$80, 42$80.

Juncal, 20$40, 20$90, 21$40, 22$90, 37$80, 38$80, 39$80, 42$80.

Vinagres:

Vinagre tinto, 17$00, 17$50, 18$00, 19$00, 30$00, 32$00, 33$00, 35$00.

Vinagre branco, 17$40, 17$90, 18$40, 19$40, 31$80, 32$80, 33$80, 35$80.

São dignos de especial registro nos «vinhos finos adamados», BORGES e MOSCATEL; nos «finos velhos superiores», é notavel a ROSA DOURO; é incomparavel o «aperitivo» QUINADO—BORGES; entre os «verdes» destaca-se o GATÃO, nos maduros o LELLO.

Atropelamento

Num dos autos da Cruz Vermelha foi conduzida ao hospital de S. José, onde foi pensada no Banco, Maria Emilia Silva, de 68 anos, casada, moradora no Arieiro, 4, 1.º, que na Avenida Almirante Reis foi atropelada por um electrico, ficando muito ferida na cabeça.

Theatros e Cinemas

Noticiario

Portuz

O «Sonho de Valsa», em adeantados ensaios no Eden Teatro, sobe á scena na proxima terça-feira. Desempenham os principaes papeis Cremilda de Oliveira, Maria Litaly, Laura Costa, Almeida Cruz e Antonio Gomes.

No mesmo teatro entrou em ensaios a opereta «M.elle Trá-lá-lá», engraçada opereta, ainda não representada entre nós, traduzida por João Luzo, poeta portuguez que tem fóros de brazileiro.

A musica é de Gilbert, o feliz compositor da partitura da «Casta Suzana».

Deve subir á scena na proxima epoca uma peça de grande espectaculo e de viagens, entregue ha tempo ao sr. Luiz Galhardo (Luiz de Aquino) e original do nosso colega da «Manhã», Ayres Pereira da Costa e do sr. Camanho Garcia, escritor teatral falecido ha dois anos, peça intitulada «Buscapé», com 3 actos e 12 quadros, cuja acção se passa no Algarve (porto de mar), Sevilha, Napoles (apoteose e Vesuvio), Grecia e Constantinopla.

E' ámanhã que reabre as suas portas o elegante teatro Politeama com a sensacional reaparição da companhia Aura Abranches-Chaby Pinheiro e da formosa peça de Brieux — «Blanchette» — tão justamente considerada uma obra prima do moderno teatro francez em que Chaby Pinheiro, Aura Abranches e Jesuina de Chaby teem um notabilissimo trabalho.

«Blanchette» vae posta em scena com todo o rigor que requer e scenarios novos de Gilberto Renda.

Concertos Blanch

A'manhã, sexta-feira, abre-se no escritorio do teatro São Luiz a assinatura para 10 concertos da «Orquestra Sinfonica Portugueza», dirigida pelo maestro Pedro Blanch, que este ano revestem grande brilhantismo. A orquestra tem novos elementos artisticos de grande valor, os programas são todos diferentes e em todos figuram primeiras audições das mais notaveis obras classicas e modernas ainda desconhecidas para nós. Os assinantes da ultima serie teem preferencia aos logares até á proxima quarta-feira, 12, inclusivé.

"O Rocio,,

Um espectaculo sensacional

A celebre revista «O Pé de Meia» reaparece no sabado em 1.ª recita de assinatura e inauguração da epoca de inverno, ampliada com um acto inteiramente novo, intitulado «O Rocio», em que Eduardo Schwalbach apresenta todas as transformações por que tem passado aquela praça desde a Edade Média até aos principios do seculo XIX, desde D. Pedro I dançando e cantando com o povo, ate D. João V e aos tempos do café do Nicola, do Botequim das Parras, a feira da Ladra com os seus tipos populares e as figuras de Bocage, Nicolau Tolentino, o padre José Agostinho, o poeta Caldas e outros. Este acto termina com uma bela apoteose-charge «O Rocio do futuro», primoroso trabalho de Merguihão.

Salão Central

A nova jornada «A rêde das Torturas», da afamada pelicula «As garras do leão», que hontem se estreou na «matinée» deste sumptuoso cinema, e ainda a exibição da primeira jornada do mesmo «film» —«Pela honra duma dama», atrairam ali uma selectissima concorrencia.

No espectaculo desta noite não será menor o entusiasmo do publico, no goso dos seus assombrosos episódios, visto que estes se sucedem, sempre num crescendo de aventuras perigosas, produzindo o mais extraordinario efeito.

Maria Walcamp, a insigne actriz de sempre, tem nesta fita um dos seus maiores trabalhos, pelas dificuldades que se lhe deparam e pelos perigos a que se expõe, ora lutando com os mais ferozes animaes, ora castigando os seus sequestradores.

No programa figuram tambem duas estreias:—«A Senda do Rancôr» e «O Idolo das Mulheres», com duas partes cada uma, e que muito devem interessar o publico.

Administração do primeiro cemiterio

AVISO

Desejando a actual proprietaria do jazigo n.º 2535 que seja retirado do mesmo jazigo o cadaver do menor Paulo que ali foi depositado em 24 de junho de 1894, são prevenidos os interessados, que findo o praso de trinta dias depois da publicação do presente aviso, será o referido cadaver transferido para outro local.

Lisboa, 6 de novembro de 1919.

O Administrador

José Antonio Silvestre

Marinheiros que reclamam e com justificada razão

Com vista ao sr. ministro da marinha

Numa longa carta que temos presente, queixam-se-nos alguns marinheiros da armada do que com eles se está passando e que bem merece a atenção de quem tem por dever superintender no assunto.

Os marinheiros que fizeram parte do batalhão expedicionario a Moçambique, em 1918, deviam receber os seus vencimentos em ouro. A principio, assim os receberam, mas em 31 de janeiro do corrente ano, quando se encontravam em Quelimane, um telegrama ordenou a suspensão do pagamento em ouro. Alguns oficiaes que faziam parte do batalhão reclamaram imediatamente pelas vias competentes, mas não foram atendidos.

Vieram os expedicionarios para Lisboa, onde chegaram a 12 de abril, e algumas praças foram ter com o ministro da marinha, que era então o sr. dr. Macedo Pinto, o qual lhes garantiu que justiça lhes seria feita e que receberiam a diferença entre o pagamento em ouro e o efectuado na nossa moeda. Por essa sua pretenção se interessou egualmente o ajudante do ministro, guarda marinha sr. Agathão Lança. Caiu o ministerio Domingos Pereira e nunca mais se pensou na reclamação formulada pelos marinheiros, o que os tem desgostado profundamente.

Tambem aos bravos marinheiros que foram para o norte combater os revoltosos monarquicos foi dado como gratificação ou subsidio de marcha, a uns a quantia de 20$00, a outros a de 30$00, conforme as suas graduações. Pois, agora, teem-lhes andado a descontar esse dinheiro. Não se percebe bem o motivo por que assim se procede, a não ser admitindo a hipotese de que ha o proposito de descontentar bons e leaes republicanos, que estão sempre prontos a dar a vida pela Republica e pela Patria.

O assunto é grave e bem merece a atenção do sr. ministro da marinha.

A questão do peixe

A Comissão Delegada dos Armadores de Pesca de Arrasto, que tem tratado com a Comissão de Abastecimentos da Camara Municipal, vem declarar:

1.º—Que é falso que a Comissão delegada tenha protelado a resolução do assunto. Apresentou á C. de S. «sete propostas» pelas quaes se barateava o preço do peixe, ficando a ultima a $30 por kilo. Nenhuma d'estas propostas mereceu a consideração da C. de S., que quer comprar o peixe aos armadores por preço vil, não atendendo ao preço do carvão, a 70 escudos, e do gelo a 22;

2.º—Que com a entrega dos vapores de pesca á Camara não se baixará o preço do peixe. O que o fará baixar é a acquisição de vapores pela Camara. O almirantado inglez tem um lote de cem vapores de pesca á venda.

3.º—Que em contrario do que o «Seculo» da noute de hontem informa, se lê no «Journal de la Marine Marchande», de 23 de outubro p. p. o seguinte:

«Arcachon» de 9 a 15 de setembro, entraram 18 arrastos com 128,5 toneladas de peixe que se venderam por 273.000 ou a 2124 fr. a tonelada, ao cambio de 247 o franco, a tonelada, em dinheiro portuguez vendeu-se a 524$62,8.

«La Rochelle». Semana de 11 a 18 de outubro, pescada 1 fr. 25 a 4 fr. 50; linguados 9 fr. a 11 fr.; goraz 3 fr. 50 a 4 fr.; arraias 1 fr. 25 a 1 fr. 50.

Com respeito ao bacalhau, tambem o que diz o «Seculo» é falso. Leia-se «La goelette «Paulette», armateur Veuve Léon Carpathan est arrivée le 17, des bancs de Terre-Neuve á La Rochelle, avec 100.000 morues pesant 3.100 quintaux pour la maisen Lagarde et Cie». Como é que o governo francez comprou todo o bacalhau?

«Na Gran Bretanha» leia-se: «The fish trades gazette de 25 de outubro p. p.

«Grimsby», bacalhau 12 sh.; solha 11 sh. a 11 sh. 6 d.; linguado 17 sh. 6 d., etc. Ao cambio actual cada shilling vale 460. O peso é de 6 kilos, aproximadamente.

Diferem, pois, muito estas informações das que o «Seculo» deu.

4.º—Que no Ministerio da Marinha a Comissão Central de Pescarias, sem conhecimento pratico dos assuntos economicos da pesca, deu indicações inexactas á C. de S., como a do preço do peixe ser, em 1914, de $07 o kilo, quando foi de $0,7,2 e o material de pesca ter subido apenas 300 por cento, quando só o carvão passou de 7 escudos a 70, e as redes de L 18 a L 65;

5.º—Que estas inexactas informações oficiaes, e tão inexactas que se não provam, teem concorrido para que a questão não tenha já tido termo, porque a C. de S. guia-se por elas;

6.º—Que a publicação das propostas apresentadas pela Comissão delegada dos Armadores, ha de esclarecer o assunto e mostrará a intransigencia da C. de S. a tudo o que é justo e rasoavel, provado com documentos.

ULTIMA HORA

O caso Dias da Silva discutido no Parlamento

Hoje, na Camara dos Deputados, o sr. Dias da Silva referiu-se á noticia publicada nos jornaes referentes a um caso da policia. Respondeu-lhe o sr. ministro da justiça que afirmou que o governo tomará providencias para ser castigado o funcionario policial que cometeu a inconfidencia,—se, porventura, se apurar que a houve.

Interveio na discussão o sr. Ramada Curto, que salientou o caso, muito singular, de não haver no processo de investigação policial uma unica referencia ao sr. Dias da Silva. Como se compreende, pois, que se cometam estas imprudencias, que ferem a honra individual de quem devia estar ao abrigo das inconfidencias dos funcionarios do Estado?

Ainda o sr. ministro do trabalho deu explicações na parte que se refere ao sr. Alfredo Franco, que foi nomeado para delegado á Conferencia de Washington, em virtude da indicação d'uma das mais importantes associações operarias.

Nas noticias dos jornaes o nome do sr. Alfredo Franco não é senão incidentemente citado.

A questão parece encerrada, visto que resulta insubsistente a acusação formulada contra o sr. Dias da Silva.

A informação que «A Capital» publicou, foi fornecida, como é habitual, pelo sr. dr. Rodrigues Esculcas, director da policia de investigação; o sr. Dias da Silva desmente-a terminantemente, e pela noticia acima, verifica-se que o governo vae proceder a um inquerito a fim de esclarecer o caso.

PARLAMENTO

Nos Deputados

Vencimentos a funcionarios administrativos

Discutiu-se na sessão de hoje, na generalidade, o parecer relativo ao aumento de vencimentos aos funcionarios administrativos, sendo apresentado um projecto para que se discuta o de autoria dos srs. Vasco Borges e Bartholomeu Severino, em vez do da lavra da comissão de administração publica.

Parece que se aproveitará de todos os projectos apresentados o que n'eles houver de bom, só ficando, do que a comissão elaborou, o artigo primeiro, que auctorisa as camaras a elevar o vencimento dos funcionarios que as servem.

Na Camara dos Deputados grita-se: Viva a Republica e viva Afonso Costa!...

Discutia-se hoje serenamente na Camara dos Deputados quando um espectador da galeria publica gritou, com voz de stentor:

—Viva a Republica e viva Afonso Costa!

O continuo expulsou-o da galeria, não sem que ele continuasse a berrar:

—Viva o Afonso! Já disse: viva,, viva, viva!...

Dizia-se que o homem era um doido.

O desfalque nos Transportes Maritimos

Um dos seus autores foge para o Brazil

Ao contrario do que diz um jornal da manhã de hoje, não é verdade que o escriturario da direcção dos Transportes Maritimos Joaquim Pereira da Conceição se encontre em perigo de vida. Está muito melhor, tendo sido hoje largamente interrogado pelo agente Pereira dos Santos, encarregado das diligencias.

O Conceição negou em absoluto ter praticado o crime de que é acusado. Pelas diligencias efectuadas pelo referido agente, sobem a mais de 70.000 escudos ás importancias desviadas com a falsificação da escrita.

Um dos cumplices do Conceição fugiu ha dias a bordo do «Frisia» com destino á America, tendo já sido expedidos telegramas para os portos portuguezes, pedindo a sua captura.

Poeira da Arcada

Presidente da Republica

O chefe do governo foi hoje a casa do sr. presidente da Republica, com quem se demorou em larga conferencia.

Administrador de Cintra

O sr. Silverio Pereira Junior, secretario do sr. ministro da instrucção, toma no proximo domingo posse do logar de administrador de Cintra.

Governador civil de Santarem

O governador civil de Santarem conferenciou hoje com o sr. presidente do ministerio.

Ministro das finanças

Por se sentir incomodado, não foi hojo á sua secretaria o sr. ministro das finanças, que esteve, porém, trabalhando em assuntos da sua pasta.

Conselho de ministros

Na sua reunião de hoje, o conselho de ministros ocupar-se-ha de diversos assuntos, entre os quaes o do barateamento da carne e do peixe?

«Ordem do Exercito»

E' distribuida ámanhã a «Ordem do Exercito», 2.ª serie, referente a

CRAPULA CITADINA

Vadios e gatunos que voltam para Lisboa

A lei Granjo e até politicos protegendo criminosos

Por varias vezes temos reclamado a limpeza da cidade, devido aos continuos roubos e assaltos que se teem dado tanto á mão armada como por meio da «gravata», golpe predilecto dos «apaches».

Principiaram as rusgas por ordem do sr. dr. Esculcas, sendo nomeados para procederem a essa limpeza os agentes Custodio das Dôres, Antonio da Costa e Henrique de Figueiredo. As rusgas teem dado bons resultados, tendo sido capturados alguns celebres criminosos, como por vezes temos referido.

Os roubos por meio de assaltos e arrombamentos são já raros em Lisboa, mas acontece que o governo, a fim de cumprir a lei Granjo, mandou regressar aproximadamente 2.000 gatunos que se encontram em Africa, devendo chegar em breve no paquete «Lourenço Marques» 180, para serem julgados no governo civil. Entre eles, veem os celebres gatunos vigaristas e de arrombamentos conhecidos pelas alcunhas de «Cabrita», «Joaquim Sota», «Manécas», «Filho do Ganga» mais novo, o «Calceteiro», o «Chico do Bairro Alto» e outros, assim como as gatunas de forasteiros «A Gaga», a «Marianinha» e a «Micas Saloia».

E tem a policia tido tanto trabalho, arriscado a vida, e o governo tem tanto dinheiro para gastar!

O mais curioso é que ha dias foi preso n'uma taberna, em frente da Moeda, um terrivel gatuno e desordeiro, que conta nada menos de 14 prisões por roubo e desordem, chamado Manuel da Silva, o «Martelo de Alfama», que fugiu de Loanda a bordo do «Portugal» ha uns seis mezes.

Pois este gatuno apresentou-se como victima do dezembrismo, tendo-se individuo de destaque na politica interessado para o restituir á liberdade. Apresentou tambem na policia varios atestados de bom comportamento, assinados por algumas agencias de navegação e comerciantes, mas na investigação apurou-se serem falsos, pois que as agencias como por exemplo a Mala Real Ingleza e outra, declararam não terem auctorisado tal assinatura, e assim alguns comerciantes disseram ter sido iludidos na sua boa fé, julgando que se tratava de um homem honesto.

Responderam hoje perante o sr. dr. Rodrigues Esculcas, director da policia de investigação, e foram absolvidos, Julio Bento, de Lisboa, 22 anos, e José Nunes, do Sabugal, de 18 anos, que estavam presos como vadios.

Noticias da Capital

A roubalheira diaria

Foi preso Antonio Carvalho Rasteiro, morador nas escadinhas do Marquez Ponte de Lima, 16, 2.º, porque, sendo empregado na administração de um jornal da manhã, ai furtou a quantia de 271 escudos.

— José Pedro Moraes da Costa, morador na estrada da Buraca, 47, 1.º, foi preso por furtar da ourivesaria de Antonio da Cunha Ferreira, na rua da Boa Vista, 551, objectos de ouro e prata no valor de 350 escudos.

Malas postaes

Pelo vapor «Peninsular» são amanhã expedidas malas postaes para a Africa Ocidental. A ultima tiragem da caixa geral é ás 13 horas.

Encontro duma ossada humana

Nas escavações a que se anda procedendo ao fundo da rua do Alvito para instalação do Bairro Social de Alcantara, foi hoje encontrada pelos operarios uma ossada humana, que mais tarde deu entrada na esquadra do Calvario.

Mais um atropelamento

O «chauffeur» Antonio Domingos dos Santos, morador na rua dos Anjos, 151, 2.º, foi preso por ter atropelado com o carro de que era condutor Gertrudes da Conceição, residente na rua de S. Bento, 239, a qual ficou muito ferida na cabeça, tendo de ir receber tratamento ao hospital de S. José.

Pelo Telegrafo

Marinheiros portuguezes em Italia

Um chá em honra da oficialidade do «S. Gabriel»

NAPOLES, 5.

O almirante Del Bono ofereceu esta tarde no hotel Excelsior um chá em honra do comandante e oficialidade do «S. Gabriel».

Assistiram o adido naval portuguez em Roma, numerosos oficiaes e todas as auctoridades civis e militares de Napoles. A reunião foi cordealissima.—(Havas).

Entradas no Tejo

S. JULIÃO, 6.—Entrou a barra um lugre americano; leva a bandeira em funeral.—(Havas).

Assassinio cometido por uma mulher

S. PEDRO DO SUL, 5.—Passou nesta vila em direcção ao hospital o cadaver de um homem que se diz ter sido morto por uma mulher em S. Martinho das Moitas,, tendo havido

A AVENTURA MONARQUICA

Os acontecimentos do norte

No tribunal militar especial foram hoje presentes a julgamento os alferes de infantaria 18 Jorge Monteiro Pinto e Manuel da Costa, acusados de terem tomado parte nas operações, nos concelhos do norte, contra as forças fieis á Republica.

O primeiro réu diz ter procedido em obediencia a ordens dos seus superiores hierarquicos. Estava convencido de que a monarquia fôra restaurada em Portugal, fez parte da coluna do tenente Côrte Real Machado, mas não combateu.

O segundo declarou ter feito parte da mesma coluna e que se não se passou para as forças republicanas, foi porque não poude fazel-o.

O alferes Jorge Monteiro Pinto esteve em França, onde foi ferido.

Uma das testemunhas de acusação, o sargento Filipe Viena, diz que esse oficial dirigiu ameaças ás praças do regimento, por elas se manifestarem hostis á monarquia, tendo ido muitas de castigo para Valença.

Os debates foram breves. Foram ambos os réus absolvidos.

Depois de ámanhã deve ser julgado o tenente coronel sr. Antonio Urbano da Gama Lobo, e na proxima terça-feira, o coronel sr. José Francisco da Graça.

Bebedores de cerveja, chorae!

A cerveja vae faltar em Lisboa durante pelo menos uns quinze dias, tendo-se já em alguns estabelecimentos acabado por completo.

A causa, ao que nos dizem, é devida á falta do lupulo para a fermentação.

Sabendo-se que na capital ha milhares de apreciadores da loura bebida, imagine-se a sensação que neles hoje produzirá a noticia que damos. E' caso para se dizer: chorae, bebedores de cerveja!

A questão dos bombeiros voluntarios

Sr. redactor.—Por excepção, e só pela consideração que o seu diario me merece é que recorro á imprensa para pedir rectificação ou desmentido sobre o que de mim se diz ou escreve, e assim rogo-lhe a subida fineza de afirmar ser absolutamente falso que os membros da comissão executiva da camara municipal de Lisboa me impuzessem uma licença de 30 dias.

Nem eles seriam capazes de tal, nem quem conhece o meu caracter acreditará ser eu personalidade amoldada a imposições de tal quilate.

Lisboa, 6-11-19.—De v. etc.—Paiva e Pona.

Exposição pedagogica

Na Escola-Oficina n.º 1

Realisa-se no proximo mez, na Escola Oficina n.º 1, uma exposição pedagogica, que virá agitar o nosso meio intelectual e marcar um ponto interessante na historia do nosso paiz.

Terá essa exposição, segundo nos informam, varios fins: exposição do edificio e das aulas taes quaes funcionam nos dias normaes; exposição geral de todo o material de ensino; exposição dos metodos empregados; exposição dos trabalhos dos alunos mostrando a sua evolução dentro de cada aula; exposição retrospectiva dos trabalhos dos alunos saidos ultimamente com os cursos completos e, finalmente, exposição elucidativa do «viver intimo» da mesma escola oficina.

Qualquer ponto de vista por que se encare a exposição deve sem duvida merecer as atenções e aplausos de todos aqueles que se interessam pelo desenvolvimento da instrução.

Joaquim Armando Viana Rodrigues

FALLECEU

Cleide Amelia Cesar Rodrigues participa a todos os seus parentes e pessoas de sua amisade o falecimento de seu marido, cujo funeral se realisará amanhã, 7, pelas 14 horas, saindo o prestito funebre da sua casa, rua Ernesto da Silva, vila Jorge, 7, Algés, para o cemiterio ocidental, agradecendo desde já a todas as pessoas que o acompanharem n'este acto.

CONTRA A LEI DO INQUILINATO

Importante representação da Associação Lisbonense de Proprietarios

Ill.mo Ex.mo Sr. Ministro da Justiça

Vamos ter a honra de apresentar a V. Ex.ª em nome da Associação Lisbonense de Proprietarios, as principaes reclamações dos proprietarios urbanos contra o que, em materia de inquilinato, determina a actual legislação.

Como já tivemos ocasião de afirmar a V. Ex.ª, desejamos, com a maior lealdade, cooperar na elaboração d'uma lei em que, por egual, sejam respeitados todos os interesses em jogo.—Essa mesma lealdade foi reconhecida e expontaneamente confessada pelo seu ilustre antecessor na gerencia da pasta da Justiça, mas infelizmente não quiz sua Ex.ª atender nenhuma das reclamações dos proprietarios, e, pelo contrario só agravou o que, contra eles, já estava legislado.

No decorrer das nossas considerações, sempre respeitosas, V. Ex.ª verá que, apezar de sujeitos a um verdadeiro regimen de excepção em que se esqueceu o aumento dos encargos que sobre eles pezam, os proprietarios urbanos, para quem a vida encareceu, como para todos, e entre os quaes ha dezenas de milhares a lutarem com as maiores dificuldades para viverem, pedem apenas aquilo que, a bem do interesse geral, se lhes afigura dever ser atendido e em todos os paizes constitue o direito estabelecido.

Ha, como V. Ex.ª sabe, duas especies de inquilinato bem diversas:—O inquilinato comercial e o de habitação.

Começaremos pelo inquilinato comercial.

Algumas reclamações vinham sendo formuladas, ha anos, por comerciantes que se queixavam de excessivos aumentos de rendas exigidos por alguns proprietarios que queriam aceitar as ofertas feitas por novos inquilinos com o intuito de aproveitarem a clientela alcançada pelos antigos.

E queixaram-se ainda os mesmos comerciantes do prejuizo que lhes advinha d'uma liquidação precipitada dos artigos existentes nas lojas quando os proprietarios as mandavam despejar.

Eram raros, rarissimos mesmo os proprietarios que davam origem a esta sreclamações, mas não se póde negar que elas eram justificadas; e, assim, já antes dos decretos de doze e dezoito de Novembro de mil novecentos e dez, tinham sido apresentadas duas propostas de lei sobre inquilinato comercial.

Ao proprietario e só ao proprietario que «comprou» ou «herdou» o imovel pertence o «valor do local» que o inquilino apenas «alugou» pelo tempo estipulado no respectivo contracto. Como V. Ex.ª, no seu elevado criterio, verá certamente, não póde haver, sr. Ministro, o direito de tirar ao proprietario esse «valor do local», regulado, como todos os outros valores, por leis e factos economicos dependentes de contingencias de tal ordem que tornam impossivel ao legislador a previsão precisa para lhe regular as alterações.

Mas não deve o proprietario exigir do inquilino comercial uma renda que sendo superior á correspondente ao «valor do local», provenha, em parte, do «valor da clientela» alcançada pelo inquilino.

Era pois preciso providenciar por fórma a que, garantindo ao proprietario o «valor do local», ficasse o inquilino comercial ao abrigo de outro querer aproveitar-se do «valor da clientela» por ele alcançada; e que, a par de uma maior estabilidade, este tivesse tambem a garantia d'um certo praso entre a citação para despejo e o proprio despejo.

Uma renda oferecida ao proprietario para explorar num imovel um ramo de negocio diferente do explorado pelo inquilino que o ocupa não tem nada com o «valor da clentela» por ele alcançada; representa exclusivamente o «valor do local».

Garantir ao proprietario o direito de receber essa renda é garantir-lhe o que exclusivamente lhe pertence.

Só o aluguer do imovel para o mesmo ramo de negocio explorado pelo inquilino que o ocupa poderá dar logar a que o proprietario queira negociar o «valor da clientela» por ele alcançada. Prohibido que seja ao proprietario, que, durante um certo numero de anos, sob pena de pagar uma indemnisação, alugue ou use o imovel para esse mesmo ramo de negocio, está garantida ao inquilino que ninguem se apropriará do «valor da clientela» por ele alcançada.

E da mesma fórma o inquilino terá assegurada uma maior estabilidade e verá afastado o perigo d'uma liquidação precipitada desde que se estabeleça um prazo minimo de duração para os arrendamentos comerciaes, ficando, ao contrario do que está sucedendo, ambas as partes obrigadas por esse tempo, e desde que se estabeleça um prazo minimo, que nunca póde ser o actual de tres anos que a tão escandalosos abusos dá logar, para o inquilino se preparar para o despejo.

Uma vez terminado o prazo d'esse arrendamento, concordamos em que o inquilino que o ocupa tenha o direito de «opção» ou «prioridade» para continuar a ser o locatario do imovel em egualdade de condições com as ofertas feitas ao proprietario para a exploração d'outro ramo de negocio.

E' isto, como V. Ex.ª vê, um importante direito concedido ao inquilino em detrimento do direito de propriedade imobiliaria. Simplesmente não podemos admitir que esse direito de «opção» ou «prioridade» possa subsistir no caso de o proprietario querer o imovel para ele proprio explorar um ramo de negocio diverso do explorado pelo inquilino.

Não podemos admitir, sem o nosso mais indignado protesto, que, uma vez terminado o prazo do arrendamento do imovel, alguem tenha mais direito a ele do que o seu proprietario. Se assim não fôsse poderiamos perguntar qual seria o proprietario: —o que «comprou» ou «herdou» ou o que só «alugou».

E, não podemos tambem aceitar, sr. Ministro, que possa haver trespasse sem consentimento do proprietario. Não achamos admissivel que alguem possa mais do que o proprietario escolher o locatario do imovel.

Só assim se póde garantir ao proprietario que ninguem póde negociar o «valor do local», que exclusivamente lhe pertence, garantindo ao mesmo tempo, como V. Ex.ª vê, ao inquilino comercial que ninguem pode tambem negociar o «valor da clientela» por ele, porventura, alcançada.

Um só argumento pode apresentar-se e é o de que póde algum proprietario, terminado o prazo do arrendamento, arranjar quem lhe ofereça, d'acordo com ele proprio, uma renda fantastica para a exploração d'outro ramo de negocio.

Concordamos em que é preciso impedir a possibilidade d'essa hipotese e V. Ex.ª que além de Ministro é um distincto Magistrado Judicial, não deixa certamente de concordar com a maneira que, para isso, entendemos dever ser adoptada.

Parece-nos, repetimos, que deve estabelecer-se um prazo, «cujo minimo» não vá além de nove anos, para os contractos de arrendamento de inquilinato comercial, podendo, é claro, quando as partes contractantes assim o convencionem esse prazo ser superior.

Dois anos antes de terminado o prazo do arrendamento, o inquilino comercial, se desejar continuar a ser locatario do imovel, perguntará ao proprietario, em documento extra-judicial, mas com nota de recepção, se deseja continuar o arrendamento e em que condições, devendo o proprietario, tambem em documento da mesma natureza, responder-lhe no prazo de tres mezes.

Se nas condições a estabelecer para o novo contracto não chegarem ambos a um acordo, cada um nomeará um perito, e, se ainda estes peritos não chegarem a acordo no prazo de dois mezes, darão desse facto conhecimento imediato ao Juiz da respectiva vara civel, que nomeará, por sua vez, um perito de desempate, de cuja sentença não haja recurso.

Cremos bem, sr. Ministro, que em melhores mãos não pode ficar entregue do que nas dos Ex.mos Juizes do Civel a escolha das entidades encarregadas de garantir os direitos e interesses dos proprietarios e inquilinos comerciaes.

O que de nenhuma maneira pode ser considerado justo, é que nos pleitos a derimir entre proprietarios e inquilinos comerciaes seja o Tribunal do Comercio, com um juri composto de comerciantes, a resolver. A continuação desse principio seria a entrega da resolução dos pleitos entre as duas partes a uma só delas, o que, por maior que seja o respeito que ela nos mereça, não pode ser um principio de boa e sã Justiça.

Aqui tem V. Ex.ª muito respeitosamente expostas as reclamações dos proprietarios urbanos em materia de inquilinato comercial.

Só assim se poderão, respeitando direitos de proprietarios e inquilinos comerciaes, salvaguardar os interesses do Estado e dos municipios tão escandalosamente, permita-nos V. Ex.ª o termo que é muito verdadeiro, defraudados com a actual legislação sobre propriedade urbana.

Não podem os proprietarios urbanos ser acusados, ao formularem estas reclamações, de pedir qualquer coisa não em harmonia com o espirito da epoca. As reclamações que acabamos de ter a honra de apresentar a V. Ex.ª representam exclusivamente o que, nos seus onze artigos, estabelece o projecto de lei que sobre inquilinato comercial votou, em nove de março ultimo, a democratica e radical Camara dos Deputados em França.

Sabe V. Ex.ª que em nenhum paiz do mundo, se legislou sobre esta materia por forma que sequer se pareça com a legislação em vigor no nosso paiz.

Em França só depois de se ter ocupado deste assunto durante cinco anos, a democratica Camara dos Deputados aprovou o projecto de lei a que nos referimos regulando o inquilinato comercial.

Não foi esse projecto ainda votado pelo Senado, que, como V. Ex.ª sabe, transforma sempre num sentido mais conservador os projectos vindos da democratica e radical Camara dos Deputados.

Mas, mesmo tal qual como está, tal qual o votou aquela Camara, temos a honra de pedir a V. Ex.ª que tome a iniciativa de fazer com que ele seja lei do nosso paiz. Na sua demorada discussão tomaram parte homens dos mais eminentes e mais avançados da Republica Franceza e nenhum que tenhamos lido quiz ir mais longe na doutrina a estabelecer. Pelo contrario, alguns desses homens publicos mais avançados queriam cercar os direitos do proprietario de garantias mais eficazes e seguras. E não se tem cançado a Federação dos Comerciantes Retalhistas de pedir em comicios, em representações e em artigos do seu presidente, sr. Georges Haus, ao Senado que aprove a lei votada na Camara dos Deputados.

Ainda ha cerca de dois mezes se realisou, com esse fim, uma reunião de representantes de 125 associações comerciaes da França e todos fizeram o elogio do projecto de lei votado, não se esquecendo de frizar, com uma clarissima visão do actual momento e do interesse da sua classe em manter intactos os principios basilares da organisação social, que nada mais queriam e que reputavam indispensavel o mais inflexivel respeito pela propriedade imobiliaria.

Mas as reclamações que, acerca do inquilinato comercial, temos a honra de acabar de apresentar a V. Ex.ª não teem só o apoio dos mais eminentes homens publicos da Republica Franceza e dos proprios inquilinos comerciaes de França. Em seu apoio veem ainda as consequencias verdadeiramente escandalosas dos decretos de onze e dezoito de novembro de mil novecentos e dez, agravados por todos os que, sobre inquilinato, posteriormente teem sido promulgados. São de tal ordem essas consequencias, representam uma espoliação tal aos proprietarios e acarretam prejuizos tão graves ao Estado e aos municipios, que V. Ex.ª será, d'isso estamos certos, o primeiro a reconhecer a impossibilidade de continuar num tal estado de coisas.

Tendo solicitado de S. Ex.ª o sr. Ministro das Finanças o favor de nos receber, tivemos, ha poucos dias, a honra de conferenciar com S. Ex.ª, tendo assistido a essa conferencia o sr. Director Geral dos Impostos. Expuzemos as consequencias financeiras das actuaes leis do inquilinato e S. Ex.ª, concordando comnosco em quasi tudo que lhe diziamos, o que tambem sucedeu com o sr. Director Geral dos Impostos, prometeu-nos, em resposta ao pedido que n'esse sentido lhe fizemos, elucidar V. Ex.ª com dados concretos acerca dos prejuizos e das fraudes de que o Estado é victima com as actuaes leis do inquilinato.

Ninguem melhor do que o sr. Ministro das Finanças e aquele ilustre Director Geral do seu ministerio poderá informar V. Ex.ª a esse respeito.

Não podemos, no emtanto, sr. Ministro, deixar de nos referir, com o mais vehemente protesto dos proprietarios urbanos, á semcerimonia com que inquilinos comerciaes estão a negociar, sob o titulo de trespasses, o valor do local dos estabelecimentos de que são locatarios, valor que exclusivamente pertence aos proprietarios, chegando a espoliação até ao ponto de, em casos de venda de muitos predios que se destinam á exploração de ramos de negocio diferentes do explorado pelos inquilinos, estes receberem muito mais ainda do que os proprietarios dos mesmos predios!

Sabe V. Ex.ª que o aumento natural da população, como o resultante do desenvolvimento das industrias é, d'uma maneira geral, do facto economico chamado «urbanismo», intensificando a massa geral dos negocios nas grandes cidades, intensificam muito particularmente, e com espantosa diferença, os que, em cada uma delas, se efectuam na sua parte central, valorisando-se assim, é claro, todos os imoveis nesses locaes aplicados aos diversos ramos de comercio.

E porque as rendas oferecidas por esses imoveis são os melhores indicadores da importancia dos negocios susceptiveis de realisação em cada um deles, os governos de todos os Estados consideram os valores locativos dos imoveis como o indicador por excelencia da riqueza a tributar e d'eles fazem a base dos seus impostos directos de quasi toda a contribuição de registo, dependendo deles tambem grande parte da receita do imposto do selo.

Não é pois de admirar que, como sucede em todos os paizes, os respectivos governos nem um instante deixem de se preocupar com a maneira de conseguir que esses valores locativos não sejam nunca inferiores ao que deviam ser.

Tambem entre nós, como V. Ex.ª sabe, o valor locativo dos imoveis é considerado o indicador por excelencia da riqueza colectavel e d'ele se fazem depender receitas das contribuições: predial, industrial, sumptuaria, de registo e grande parte do imposto do selo.

Parecia pois natural, e até indispensavel, que, á semelhança do que acontece em todos os outros paizes, houvesse a preocupação constante de que esse valor locativo acompanhasse sempre o desenvolvimento da riqueza tributaria para que o Estado pudesse cobrar as receitas do que cresce e, assim, as fôsse buscar realmente á riqueza creada.

Infelizmente, porém, o Decreto de doze de Novembro de mil novecentos e dez, trouxe para a legislação portugueza, uma inovação mantida por todos os Decretos subsequentes ácerca do inquilinato. Consistiu essa inovação em determinar que o valor locativo dos imoveis sujeitos ao inquilinato comercial só pode aumentar 10 por cento, por cada periodo de dez anos, o que equivale a dizer que essa inovação veiu estancar a fonte principal das receitas do Estado, podendo mesmo dizer-se que, como os factos sobejamente estão provando, veiu legalisar o regimen de fraude permanente ao Estado.

Dir-se-hia, sr. Ministro, que, como V. Ex.ª vê, esta inovação de estabelecer que as rendas da propriedade urbana sujeita ao inquilinato comercial aumentariam 10 por cento por cada periodo de 10 anos em todos os pontos do paiz por egual, tinha sido inventada para uma sociedade perfeitamente estacionaria e improgressiva, onde tudo acontece ao contrario do que acontece nas sociedades a que o progresso traz as mais constantes variantes.

Ao passo que nas grandes cidades de todos os paizes as «maiores-valias» da propriedade urbana vão por assim dizer atingindo na parte central d'essas cidades, quasi exclusivamente ocupada pelo inquilinato comercial, enormes proporções e os Estados de que essas cidades fazem parte encontram nas «maiores-valias» imobiliarias consideraveis receitas, os proprietarios urbanos de Lisboa não só não teem sombra d'essas «maiores-valias», como até, em consequencia da depreciação da moeda, do agravamento constante de contribuições, do aumento de custo de mão d'obra e materiaes, e consequentemente do premio do seguro contra incendio, vêem reduzidos os seus rendimentos liquidos a muito menos de metade n'uma epoca em que, para eles como para todos, a vida encareceu espantosamente, e o Estado não recebe tambem um centavo sequer d'essas «maiores-valias».

Não sucederá isto porque as «maiores-valias» se não deem em Lisboa?

Não, sr. Ministro. Dando-se em Lisboa todas as circumstancias notadas nas grandes cidades, essas «maiores-valias» são tambem aqui um facto que se não pode notar no valor locativo da propriedade, porque a lei prohibe que esse valor locativo aumente mais de 10 por cento por cada periodo de dez anos.

São as leis tributarias a considerarem, e bem, o valor locativo da propriedade imobiliaria como o indicador da riqueza tributaria e as leis do inquilinato a prohibirem que ele indique alguma coisa.

E o principal indicador das receitas do Estado prohibido de as indicar e, consequentemente a lei a permitir e a instigar a fraude ao Estado.

A prova de tudo isto está, sr. Ministro, na disparidade existente entre o valor venal e o valor locativo da propriedade urbana de Lisboa, principalmente na da Baixa.

Pondo de parte a depreciação da moeda, vêmos que, tendo o valor locativo aumentado apenas 10 por cento porque a lei não permite maior aumento, o valor venal teve um aumento medio de 100 ou 120 por cento só na parte que representa o preço de compra ao proprietario, mas, como a esse preço de compra temos de acrescentar o que os inquilinos comerciaes estão a receber a titulo de trespasse, o valor venal dos predios da Baixa é hoje, continuando a pôr de parte a depreciação da moeda, de 300 ou 400 por cento, o que era ha uma duzia de anos.

E como as variações do valor venal acompanham sempre, salvo um ou outro caso excepcional, as do valor locativo, temos de concluir que as «maiores-valias» do valor locativo seria, se a lei o não prohibisse, sensivelmente igual á do valor venal e por aqui se vê, sr. Ministro, quanto os proprietarios urbanos deixam de receber anualmente pela renda do «valor do local», que lhe pertence, e quanto o Estado e a Camara Municipal são prejudicados respectivamente nas contribuições predial e industrial e respectivos adicionaes.

Mas ha mais: é que na contribuição de registo os Estados são sempre defraudados desde que não haja um indicador seguro, que estabeleça o preço minimo de venda sobre que recaia essa contribuição. Esse praso minimo tem sempre por base o valor locativo e é assim que entre nós, como de resto n'outros Estados, a contribuição recahe sobre 20 vezes o valor locativo. Imagine V. Ex.ª quanto o Estado será defraudado com um regimen em que, como consequencia das leis do inquilinato, o preço da compra de propriedade urbana em Lisboa chega a ser, na Baixa, de 70 e 80 vezes o valor locativo.

Em resumo:—O valor locativo, que em toda a parte é unico fiscal da contribuição de registo, é, entre nós, pelas leis do inquilinato, prohibido a exercer a sua benefica acção fiscalisadora.

O resultado de tudo isto é que aquilo a que os inquilinos comerciaes chamam trespasse e recebem, ao abrigo da lei, sem lhes pertencer, não é outra coisa senão o aumento de renda que os proprietarios são prohibidos de fazer e os inquilinos recebem, com esse nome, por uma só vez, sem darem ao Estado um centavo sequer.

Só assim se explica o absurdo do que se está dando de os proprietarios estarem a vender predios por preços tanto mais altos quanto menos e n'esse caso a verba que o comprador tem de dar aos inquilinos comerciaes por aquilo a que eles e a lei chamam trespasses.

Para terminar a justificação das reclamações dos proprietarios em relação ao inquilinato comercial e demonstrar a necessidade duma imediata e completa remodelação das leis actuaes, pedimos ainda licença a V. Ex.ª para citar alguns factos e numeros que mostram quanto em todos os paizes se acham naturaes as «maiores-valias» imobiliarias.

Em França faz-se de dez em dez anos a revisão da matriz predial e, acompanhando os resultados d'essa avaliação, o Director Geral das contribuições directas envia ao Ministro das Finanças um desenvolvido relatorio.

No ultimo d'esses relatorios referentes ao periodo de mil nove centos e um a mil novecentos e onze, vemos que o valor locativo da propriedade urbana de Paris sujeita ao inquilinato comercial passou do primeiro ao ultimo d'esses anos de 350 a 405 milhões de francos, ou seja ainda ao cambio de 267, de 93 a 108 mil contos, tendo um augmento de 15,2 por cento.

Mas, para que V. Ex.ª, sr. Ministro, possa vêr quanto esse aumento se deu diferentemente nos diversos pontos de Paris, e não com o limite uniforme de 10 por cento estabelecido na nossa actual legislação; pedimos licença para transcrever estes elucidativos periodos, em que o Director Geral das Contribuições Directas da França, satisfeitissimo com o desenvolvimento natural da materia colectavel e portanto dos rendimentos do Estado, diz:

«No centro de Paris é a «maior-valia» a causa exclusiva do aumento das rendas.

Ha já alguns anos que o comercio de luxo está concentrado em certos bairros, onde as casas outr'ora destinadas a habitação foram transformadas em estabelecimentos comerciaes ou industriaes e alugadas a preços muito elevados.

«E' assim, por exemplo, que, nos ultimos dez anos, o valor locativo, dos vinte e quatro predios da Place Vendôme—onde não existem já casas alugadas para habitação—passou de 2.247.812 para 3.436.432 francos ou seja de 600 para 917 (nove centos e dezesete) contos, o que equivale a dizer que tiveram um aumento de 53 por cento no seu valor locativo, devendo notar-se que a maior parte d'estes predios é objecto de arrendamento já antigo e não sofreu ainda aumento de rendas; mas 5 de estes predios cujos arrendamentos terminaram e tinham, ha apenas alguns anos, um valor locativo de 410.820 francos (109 contos), já hoje estão alugados por francos 1.028.060 (285 contos), sendo portanto o aumento superior a 160 por cento».

«Em toda a parte se reconhece a legitimidade das «maiores-valias» imobiliarias e todos os Estados procuram d'elas tirar a parte que legitimamente julgam pertencer-lhes.

«No seu chamado orçamento revolucionario de 1910, Lloyd George introduziu o novo imposto sobre as «maiores-valias» em Inglaterra».

«Na Alemanha, por lei de 14 de fevereiro de 1911 e que entrou em vigor a 1 de abril do mesmo ano, foi tambem creado para o Estado o imposto sobre as «maiores-valias» imobiliarias. Estabeleceu essa lei uma escala com taxas diferentes para os varios graus de «maior-valia». Pois n'essa escala as taxas vão até «maiores-valias» superiores a 290 por cento o que quer dizer que se acha natural que o imovel possa em curto prazo passar a valer uma renda quadruplicada da que tinha e que o governo da Alemanha, como o da Inglaterra e o da França, longe de impedir a revelação d'essas «maiores valias» muito se regosija com elas para ir buscar aos que enriquecem parte das receitas de que precisa.

E, dito isto, crêmos ter demonstrado sobejamente que a unica maneira de harmonisar os justos interesses dos proprietarios, dos inquilinos comerciaes e do Estado em materia de inquilinato comercial é atender ás reclamações dos proprietarios urbanos, adoptando no nosso paiz o projecto de lei que citámos e foi votado pela Camara dos Deputados em França.

Passando a enumerar as principaes reclamações dos proprietarios urbanos no que se refere ao inquilinato de habitação começamos por afirmar a V. Ex.ª que só depois de se ter desempenhado os cargos para que, tivemos a honra de ser eleitos n'esta Associação é possivel fazer uma ideia segura dos meios de fortuna da grande massa dos proprietarios urbanos.

V. Ex.ª, como nós antes de lidarmos dia a dia com dezenas de proprietarios e de conhecermos os erros constantemente tratados n'esta Associação e como todas as pessoas, ainda as mais cultas, está seguramente sob a impressão de que ser proprietario é ser rico ou, pelo menos, remediado. Asseguramos a V. Ex.ª que essa impressão é quanto ha não só de menos verdadeira mas até de mais oposta á verdade.

O numero de proprietarios urbanos ricos ou remediados é, em relação aos pobres, aos pobrissimos mesmo, insignificantissimo.

Creia V. Ex.ª que não ha no que dizemos a mais leve sombra d'um exagero e que, defendendo as reclamações dos proprietarios urbanos, não pugnamos apenas pela Justiça, cumprimos tambem um dever de humanidade muito grato a homens de coração.

As leis do inquilinato, com a prohibição do aumento de rendas, teem levado a miseria a muitos milhares de familias, a quem os respectivos chefes, uns ainda vivos e em edade que os impossibilita de trabalhar e outros já falecidos, que julgaram ter, n'uma vida incessante de trabalho e de admiravel previdencia, assegurado o indispensavel para o sustento.

A' disposição de V. Ex.ª e de quem as queira lêr pômos centenas de cartas que temos n'esta Associação e em que se demonstra bem quem é mais necessitado:—se essa legião de pequenissimos proprietarios e proprietarias, a quem as leis do inquilinato colocaram ou colocam n'um regimen de excepção, considerando que só para eles o custo da vida não aumentou e que muito em silencio suporta as maiores privações; se muitos daqueles a quem as leis do inquilinato vieram proteger e, auferindo vencimentos quatro e cinco vezes superiores aos que venciam, a toda a hora lançam mão dos meios mais violentos e perturbadores para serem atendidos nas suas reclamações, em que se apresentam como necessitados.

Ninguem ignora, sr. Ministro, que, sendo o preço o valor expresso em moeda, a depreciação d'esta ha de fatalmente corresponder a alta geral dos preços.

A todos se acha natural que aumentem os preços das suas mercadorias e em harmonia com essa depreciação de moeda e com o aumento dos seus encargos.

Só ao proprietario urbano se nega o direito de aumentar o preço do aluguer das suas casas, como se para ele não existisse tal depreciação e não tivessem aumentado os seus encargos.

A todos se reconhecem as dificuldades resultantes do agravamento do custo da vida e a todos se procura dar uma compensação; só com o proprietario urbano se procede em contrario, como se para ele o custo da vida não tivesse aumentado na mesma proporção.

Ainda mesmo sem entrar em conta com a diminuição de producção por cada hora, a mão de obra na construcção custa hoje, por aumento de salarios e reducção de horas de trabalho, mais de quatro vezes o que custava ha cinco ou seis anos, e os materiaes, alguns dos quaes custam oito e dez vezes o que custavam, póde dizer-se que, em média, custam o quadruplo, resultando de tudo isto a necessidade de os proprietarios triplicarem, pelo menos, o valor em que seguram os seus predios para verem garantida a sua construcção em caso de incendio, e isto equivale a dizer que triplicou o encargo do premio de seguro.

As caiações e pinturas a que, pelas posturas municipaes, os proprietarios são obrigados a mandar proceder de cinco em cinco anos custam hoje a totalidade das rendas d'um ano e algumas vezes mais, o que equivale a dizer que só essa parte da conservação leva, pelo menos, 20 por cento das rendas. Acrescentese-lhes as despezas normaes de conservação e reparação anual, para as quaes é baixa uma media de 15 por cento das rendas, havendo casos em que custam 25 e 30 por cento d'essas rendas, temos que só para despezas de conservação desaparecem 35 por cento do rendimento bruto dos predios. A contribuição predial e respectivo adicional para o municipio levam 20 por cento das rendas, em media, em Lisboa, havendo muitos casos em que a taxa progressiva se torna muito superior. São já 55 por cento gastos em encargos a que ha a acrescentar: o que anualmente se deve atribuir á propriedade para a contribuição de registo, e os economistas dizem ser de 1/2 por cento só para a de titulo oneroso; o premio de seguro que chega já em certos casos a ser de 5 por cento do rendimento e até mais; encargo de selos e ainda algumas despezas de administração. Somando tudo isto vêmos, sr. Ministro, que 60 por cento da totalidade das rendas, pelo menos, desaparece em encargos, ficando apenas ao proprietario 40 por cento restantes.

E agora, sr. Ministro, podemos já, com numeros oficiaes e só com esses numeros, mostrar a V. Ex.ª se exageramos quando dizemos que as leis do inquilinato levaram á ruina e á mizeria a dezenas de milhares de lares que alguem, com uma previdencia que o Estado tem o dever não só de respeitar mas até de estimular julgou garantir contra essa miseria.

E' o Anuario Estatistico das Contribuições Directas que vae provar a V. Ex.ª a falsidade com que se afirma d'uma maneira geral que os proprietarios são ricos ou remediados.

Diz-nos esse Anuario que ha nos 5093 proprietarios urbanos com um quatro bairros da cidade de Lisboa: rendimento anual inferior a 300 escudos. Admitindo mesmo que era de 300 escudos esse rendimento, estes 5093 proprietarios, deduzidos os 60 por cento dos seus encargos, ficam com o rendimento liquido de 120 escudos por ano;

2148 proprietarios com o rendimento compreendido entre 333 e 555 escudos. Admitindo a media de 444 escudos e deduzidos os 60 por cento de encargos ficam com um rendimento liquido de 177 escudos por ano;

2547 proprietarios com rendimentos compreendidos entre 555 e 1111 escudos, com a media de 778 escudos e deduzidos os 60 por cento de encargos ficam com o rendimento liquido de 311 escudos;

1819 proprietarios com rendimentos compreendidos entre 1111 e 2222 escudos. Com a media de 1668 escudos e deduzidos os 60 por cento de encargos, ficam com um rendimento liquido de 666 escudos;

1433 proprietarios com rendimentos compreendidos entre 2222 e 5555 escudos. Com a media de 3665 escudos e deduzidos os 60 por cento de encargos, ficam com um rendimento liquido de 1446 escudos;

Finalmente apenas 851 proprietarios com rendimentos brutos superiores a 5555 escudos, o que equivale a dizer com rendimentos liquidos superiores a 2222 escudos.

Veja V. Ex.ª sr. Ministro, se são ricos ou sequer remediados 5093 proprietarios com 120 escudos por ano; 1248 com 177; 2547 com 311 e 1819 com 666 ou se são ricos 1433 proprietarios com 1466 escudos por ano. Pense V. Ex.ª em que, sobre tudo isto, ha centenas d'estes proprietarios que para receberem, digo, para acabarem a construcção dos seus pequeninos predios, tiveram de os hipotecar, tendo a mais portanto os encargos inherentes a essa hipoteca, e o seu elevado criterio lhe dirá, sr. Ministro, se é possivel que sobre pessoas com estes meios de fortuna possa continuar a pezar uma legislação baseada em que estas dezenas de milhares de familias não teem dificuldades de vida e não precisam por isso ir buscar ás rendas nem o aumento da encargos das suas propriedadesinhas nem uma compensação para o agravamento do custo da vida.

Bem diferentemente tem sido encarada nos outros paizes a situação dos proprietarios urbanos. A comissão das contribuições directas da cidade de Paris, por exemplo, n'um recente relatorio diz que: «de extremo a extremo de Paris é geral, nos primeiros quatro mezes de 1919, o aumento das rendas que em alguns «arrondissements», nomeadamente no 15.º e no 7º chega a ser de 100 por cento, acontecendo em todos os outros «arrondissements» que os aumentos constatados variam entre 75 e 100 por cento.

E não se surpreende com isso a comissão das contribuições directas de Paris porque reputa esses aumentos como a consequencia natural de alguns agravamentos de contribuição já feitos aos proprietarios, do aumento de salarios e da recente diminuição de horas de trabalho, que tão grande celeuma está levantando na França; e nenhuma lei veiu prohibir os aumentos de rendas em Paris.

Entre nós bastaria a depreciação da moeda para justificar aumentos d'esta importancia, que, apezar de justissimos, não pedimos sejam desde já permitidos esses limites.

Vendo a campanha que contra os proprietarios urbanos portuguezes se tem feito e as leis de excepção que contra eles teem sido promulgadas, dir-se-ha que a habitação em Portugal é mais cara do que nos outros paizes.

E, no emtanto, não ha paiz onde ela seja tão barata.

Comparando, por exemplo, o preço da habitação em Lisboa e em Paris antes dos aumentos de rendas a que nos vimos de referir, chega-se á seguinte elucidativa conclusão, tirada das estatisticas oficiaes franceza e portugueza:

A media do preço da habitação por habitante em Lisboa, em 1911, era de 12$59.

A media do preço da habitação por habitante em Paris no mesmo ano era de 216 francos (Bulletin de Statistique et Legislation Comparée, de março de 1912, pagina 306), o que, ao cambio de 267, equivale a 51$67,2.

Em 1911 portanto já cada habitante de Paris pagava, em media, para habitação, mais de 4 vezes e meia o que pagava o habitante de Lisboa.

Hoje, feitos em Paris os aumentos de 75 por cento e 100 por cento nas rendas ao mesmo tempo que as leis do inquilinato aqui prohibem quaesquer aumentos, deve cada habitante d'aquela capital pagar, em media, para habitação 7 ou 8 vezes mais do que o habitante de Lisboa, mas não temos, porque os não ha, dados estatisticos oficiaes posteriores aos que citámos referentes a 1911.

Aqui tem V. Ex.ª, sr. Ministro, expostas tão respeitosa como sinceramente as razões por que se não constroe, o que equivale a dizer as razões porque o problema de habitação adquiriu entre nós a gravidade que todos lhe reconhecem e que, principalmente, consiste na falta de casas. Só revogando a legislação que pesa sobre a propriedade urbana e a vexa, poderá resolver-se esse problema. N'essa solução tem a Associação que temos a honra de representar o maior empenho em colaborar com o Estado, mas, para isso, é indispensavel que ele respeite os legitimos direitos e interesses do capital empregado na propriedade urbana.

E querem os proprietarios colaborar tanto e tão sinceramente na solução do problema de habitação que, partidarios como são da liberdade do comercio e achando-a absolutamente indispensavel, não veem pedir a V. Ex.ª que lh'a conceda desde já para o inquilinato de habitação.

O que pedimos e reputamos indispensavel é que na lei fique consignado que só até ao fim do ano de mil nove centos e vinte durarão as restricções a essa liberdade e que, até então, seja desde já permitido, nas casas de habitação um aumento de 40 por cento nas rendas até 45$00 mensaes, em relação ás que os proprietarios cobravam pelas mesmas casas á data da publicação do Decreto de 23 de Novembro de 1914, isto, é claro, além do aumento correspondente a qualquer agravamento tributario que por ventura venha a recahir sobre a propriedade urbana até essa data. Para as casas com rendas superiores áquele limite, pedimos a continuação da mais ampla liberdade de comercio.

Cremos ter sobejamente justificado este pedido dos proprietarios, que, como V. Ex.ª vê, ficam ainda n'uma situação de manifesto sacrificio.

A habitação tem de aumentar consideravelmente o seu preço como os preços de todas as coisas aumentaram tambem.

V. Ex.ª compreende que não faltaria quem construisse se essa aplicação de capital fôsse remuneradora, muito principalmente, n'uma epoca em que, como agora, abunda a moeda papel em busca de colocação.

Mas não se resumem ás reclamações dos proprietarios urbanos a esta do aumento, que é absolutamente indispensavel, das rendas das casas de habitação.

As leis do inquilinato teem de decreto para decreto, e tantos eles são, cerceado cada vez mais o direito de propriedade aos proprietarios urbanos, chegando mesmo na pratica os inquilinos a serem mais proprietarios do que eles.

Exactamente como no inquilino comercial, apareceu, em consequencia das leis, o escandaloso negocio dos trespasses, que adquire proporções cada vez mais extraordinarias. Já não são os proprietarios quem aluga as suas casas; são os inquilinos que delas dispõem como entendem e que com elas fazem os negocios que áqueles são prohibidos.

São ás centenas os proprietarios que nem sabem quem habita os seus predios. Milhares e milhares de inquilinos sublocam parte das casas que alugam e, habitando de graça em parte d'elas, ainda lucram com a parte que sublocam quantias por vezes muito superiores á renda que pagam ao senhorio.

Não só se não permite ao proprietario que despeje as casas por lhe não convir a continuação do arrendamento, mas até o numero limitadissimo de hipoteses a que essa lei dá sancção em casos de despejo faz com que, nem por falta de cumprimento de muitas clausulas no arrendamento, o proprietario possa fazer sahir o inquilino.

Nem a má visinhança é fundamento bastante e assim o inquilino que quer, faz não só sahir os outros inquilinos, como até o proprio senhorio que habite no mesmo predio. Um caso d'estes, que felizmente são poucos, se dá actualmente com um socio d'esta Associação. Pela fórma pouco cortez com que por ele foi tratado, quiz o proprietario fazer com que o inquilino despejasse a casa, e, n'esse sentido se lhe dirigiu em carta. A resposta que obteve do inquilino foi de que não só não sahia da casa, mas que quem havia de sahir era ele, proprietario. E taes coisas tem feito, que ainda ha dias esse nosso consocio nos comunicou que se virá obrigado a abandonar a sua casa por despejo ordenado pelo inquilino.

Inumeros proprietarios desejam melhorar as condições higienicas dos seus predios e outros aumentar-lhes um ou mais andares. Pois, n'uma altura em que a primeira coisa precisa é a construcção de casas, a lei não lhe permite, porque nem para isso consente que os inquilinos saiam.

E de tal maneira essas leis quizeram dar ao inquilino direitos que o defendessem, que tambem no caso da venda dos predios não é permittido ao novo proprietario despejar a casa, resultando d'ahi uma ignobil expoliação que por muitos inquilinos está hoje sendo feita e consiste em declararem ao pretendente á compra do predio que só deixarão a casa em que habitam se lhes derem quantias fabulosas. Entre muitos casos d'esta natureza tambem agora se passa com um nosso consocio que comprou um predio que destinava a moradia d'uma filha que vae casar, e o inquilino declarar-lhe que só sahe se ele lhe der uma quantia que anda por 20 por cento do preço que ele deu pelo predio.

Mas o escandalo das disposições das actuaes leis vem de mais longe, sr. Ministro. Um proprietario que precisa d'uma casa sua para ir habitar tem, se o quizer fazer, de dar uma quantia fabulosa ao inquilino na hipotese de este querer sahir.

Mas a prova do que são as actuaes leis de inquilinato e do que elas permitem e facilitam, está no caso espantoso que vamos ter a honra de contar a V. Ex.ª.

Um nosso consocio, com perto de oitenta anos de edade, foi comerciante e, n'uma vida de constante trabalho, conseguiu ter dois pequeninos predios cujo rendimento liquido era, ha sete anos, de cerca de 600 escudos por ano. Cançado de trabalhar e julgando vêr n'esse rendimento o bastante para viver com [illegible] pois uma unica filha que tem esta casada, resolveu deixar o seu comercio e viver exclusivamente do que os predios lhe davam.

Assim ia vivendo quando o aumento dos encargos dos prediosinhos e a carestia da vida reduziram esses rendimentos a uma quantia insuficiente para o seu sustento. Para não gastar do capital combinou com a filha ir ele e a mulher viverem para casa d'ela, a quem entregava o que lhe sobrava do rendimento. Mas não se deu bem com o genro e, n'essas condições, viu-se na necessidade de voltar a ter a sua casinha. Pensou qual dos andares lhe convinha para viver e pareceu-lhe melhor um que, tendo sete divisões, estava alugado a uma senhora viuva, que lhe pagava e paga a renda mensal de 7 escudos. Procurou a inquilina e, até talvez ignorando o que a lei lhe prohibia, expoz-lhe as suas tenções e disse-lhe que tinha de abandonar a casa. Logo a inquilina lhe respondeu que não abandonaria e que procurasse ele casa onde quizesse mas não pensasse n'aquela que ela não cedia.

Desolado com tal resposta começou a procurar casa, mas não encontrava nenhuma nas circumstancias d'aquela a não ser por renda que não podia pagar. Voltou a ter com a inquilina, expoz-lhe novamente a sua situação e pediu-lhe quasi de joelhos que lhe deixasse a casa. Alguma coisa conseguiu então e alguma coisa, sr. Ministro, que, por si só, mostra o que é a lei do inquilinato. Conseguiu que ela, condoida com a situação do senhorio, despedisse umas pessoas que por tres das sete divisões da casa lhe davam sete escudos mensaes, mas, com a condição, é claro, de que ele lhe continuaria a pagar os mesmos sete escudos por essas tres divisões sem mobilia.

Assim se combinou e lá está, ele a pagar á inquilina sete escudos mensaes por tres das sete divisões cuja renda mensal por ele senhorio recebida é de seis escudos.

V. Ex.ª, sr. Ministro, dirá se as leis do inquilinato não fizeram o inquilino muito mais proprietario do que o proprio proprietario, e, ponderando todos estes factos, verá se é ou não com razão que os proprietarios urbanos lhe pedem que lhes restitua as suas propriedades para que eles, apenas com a restricção temporaria que acima tivemos a honra de expôr, possam administrar o que lhes pertence e vêr respeitado o que representa o producto de muito trabalho.

E, porque a pratica nos tem demonstrado frequentes e graves lacunas e imperfeições da lei no que diz respeito á forma de processo, estamos concluindo uma exposição que exclusivamente a esse respeito, teremos a honra de entregar a V. Ex.ª n'um dos proximos dias.

Saude e Fraternidade

Lisboa, 13 de Outubro de 1919.

Pela Associação Lisbonense de Proprietarios.

Salvaterra de Magos

Maria José Rodrigues Fernandes

FALLECEU

Confortada com todos os Sacramentos

Sofia Rodrigues Fernandes, Anna Fernandes de Sousa Vinagre, seu marido, filhos e nora, Elisa Mac-Bride Fernandes e seus filhos, participam a todos os seus parentes e pessoas das suas relações que foi Deus servido levar da vida presente a sua querida irmã, cunhada e tia e que o seu funeral se realisa ámanhã 7, ao meio dia.

Crises de carvão e transportes

A primeira é a causa da segunda

Em França, como em Portugal e outros paizes tem-se dito desde que começou a guerra, que a crise do carvão é consequencia da crise de transportes; da falta de material para pôr em movimento o numero de comboios necessarios para assegurar o fornecimento das quantidades de combustivel indispensaveis á vida dos povos.

Tendo o governo francez procedido a um rigoroso inquerito sobre o assunto, a comissão de exploração tecnica dos caminhos de ferro informou o ministro das obras publicas, que é, pelo contrario, a crise dos transportes ocasionada, em grande parte, pela crise do carvão.

No relatorio dessa comissão conclue-se que a França tem actualmente mais material ferro-viario do que possuia antes da guerra. Se tendo em conta o material disponivel e pondo de parte aquele que se acha imobilisado nas oficinas de reparações, verifica-se que existem em França 13.096 maquinas disponiveis em 1919, contra 11.995 em 1913.

O numero de vagons disponiveis é de 354.421 em 1919, contra 336.464 em 1913. Concluem os membros da comissão de exploração tecnica, com justificados motivos, que o numero de locomotivas e de vagons é, presentemente, bastante suficiente para fazer face ás exigencias da situação actual, tanto mais que esse material vae ser aumentado incessantemente, visto que a França vae receber, dentro de pouco, 1.514 locomotivas, 3.053 carruagens para passageiros e 36.149 vagons para mercadorias.

Apesar de taes vantagens, a situação dos transportes ferro-viarios está ameaçada por motivo da má qualidade do carvão. O pessoal da tracção queixa-se dele.

O desejo das companhias seria o de escolher o combustivel que lhes é destinado, o que se torna dificil, porque foram precisamente as minas que produziam melhor carvão as destruidas pela guerra, ou, pelo menos, poder fazer misturas apropriadas. Mas para isso, tornava-se indispensavel que dispuzessem de «stock» para um mez, isto é, de 820.000 toneladas. As suas reservas duram em média quinze dias, e em alguns pontos, não vão além de dois ou tres dias. Nas minas francezas encontram-se enormes quantidades de «stocks» inutilisados. Só nas de Pas-de-Calais há 180.000 toneladas de bom carvão á espera de que o vão buscar. O que é necessario para isso é que seja enviado suficiente numero de comboios ás regiões mineiras, e fazer distribuir o combustivel pelas reservas, onde as companhias poderão directamente utilisal-o. Além disto, o carvão alemão de que a França pode dispôr é de qualidade perfeita para o caso.

O emprego de carvão bom poupa muito as locomotivas. O de inferior qualidade, deteriora as fornalhas, especialmente as das maquinas alemãs, provocando-lhes frequentes avarias; torna caprichosa a marcha dos comboios; as locomotivas param no meio da viagem por falta de pressão, e isto por mais d'uma vez, o que dá logar a atrazos e outros transtornos constantes. Uma das consequencias de tal estado de coisas, talvez ignorada pelo publico, é que as maquinas fazem estagios, cada vez mais numerosos, nas oficinas—mais de 20 por cento estão em reparação.

A melhoria de combustivel teria acção imediata e consideravel sobre a crise de transportes. Quando uma rêde tem um trafego inferior ao que deve assegurar, o seu esforço deve consistir em facilitar o movimento dos veiculos, de que resulta maior numero de comboios em marcha. Mas só com maquinas em bom estado se poderá conseguir esse fim.

O ministro das obras publicas já solicitou do seu colega da reconstituição industrial melhor carvão para os serviços de caminhos de ferro.

Actualmente em França o numero de kilometros que formam os comboios em movimento é inferior ao de 1913, sendo o material mais importante; os serviços de passageiros são irregulares, as comunicações cada vez mais lentas. E' porque a par da crise do carvão ha outra crise: a de cargas e descargas, que prejudica as regiões libertadas. Assim, recentemente, uma companhia viu-se obrigada a conservar nas respectivas estações tres mil vagons carregados, com destino a outra rêde, não podendo pôl-os em movimento, porque os cães de chegada não se achavam livres.

Ha um meio de fazer cessar este estado de coisas, que consiste em montar em certas estações barracas militares onde se abriguem as mercadorias e resolver os chefes de estação a fazerem descarregar para ali os vagons que recebam.

O caminho de ferro é um grande ferido da guerra e a sua cura vae ser demorada. Mas se na situação actual lhe ministrarem remedios, restabelecer-se-ha com relativa facilidade, voltando ao seu antigo estado.

Camara de Comercio do Lobito

Medidas de fomento

A camara de comercio do Lobito enviou-nos um manifesto que acaba de publicar, chamando a atenção do governo para o fomento do progresso daquela opulenta região.

As bases que aquela agremiação apresenta para orientar o assunto que visa são:

1.º—Que constituir a Camara de Comercio do Lobito em face dos mais modernos processos associativos e em instituição de defeza dos interesses do comercio geral do distrito de Benguela.

2.º—Dotal-a com escritorios de informação internacional permanente e obrigatoria, que forneçam ininterruptamente e imediatamente todas as informações de caracter comercial ou agricola de que careçam os associados.

3.º—Crear uma Bolsa Agricola e Comercial em correspondencia permanente e directa com os principaes centros produtores e consumidores do mundo, garantindo o melhor exito da compra e venda aos seus associados, embora para tal fim tenha de tomar a seu cargo as responsabilidades da importação e exportação.

4.º—Zelar pelo desenvolvimento metodico e progressivo do comercio e da agricultura do distrito, creando instituições de credito e de garantia ao trabalho e á iniciativa de cada um, encaminhando, orientando e protegendo tal desenvolvimento.

5.º—Reclamar, sempre que seja preciso, dos poderes publicos a protecção precisa ás iniciativas locaes, tendo em vista tanto quanto possivel a base da iniciativa particular protegida e amparada pelo Estado.

O seu objectivo é o seguinte:

Desenvencilhar o distrito dos peias da falta de transportes terrestres e maritimos, sejam elas de que ordem forem; actuar sobre o ingresso de capitaes para a execução de um plano de fomento geral do distrito; organisar um concurso internacional, entre tecnicos abalisados, para a elaboração de um projecto de fomento a apresentar aos poderes publicos; activar e promover tudo o que seja possivel para a imediata conclusão do caminho de ferro de Benguela e construção do porto do Lobito, como garantia primaria de um imediato bem estar geral, já pela abundancia de transportes terrestres e maritimos que isso acarretará, já pela importante corrente de relações externas que taes obras importam; promover tudo o que seja possivel para a transformação do porto do Lobito em porto franco, como é sua natural tendencia, e como base de um maior desenvolvimento comercial, garantindo assim vantagens não só para o comercio como para o proprio Estado que, embora indirectamente, receberá um maior quantitativo de receitas.

A provincia n'A CAPITAL

CASTELO BRANCO, 27. — Na praça da Republica, onde está aquartelado o regimento de obuzes de campanha, realisou-se hontem o juramento de bandeiras prestado por 200 recrutas do contingente do corrente ano.

O acto foi revestido da maior solenidade, falando sobre os deveres militares o alferes sr. Elias Costa.

Para este regimento chegaram ante-hontem 3 obuzes do mais aperfeiçoado sistema, esperando brevemente receber mais uma bateria de obuzes eguaes áqueles.

Correios e telegrafos

Os excelentes interesses obtidos em 1917-1918

Do balanço que acaba de ser publicado pela direcção dos serviços de contabilidade da administração geral dos correios e telegrafos verifica-se os resultados seguintes, no que respeita á exploração electrica em 1917-1918: receita, escudos 2.036.389$44; despeza, verbas proprias 651.947$85; um terço das verbas comuns na soma de escudos 1.739.897$87, 579.965$96; total 1.231.913$63, lucro 804.475$63.

Exploração postal: receita, escudos 2.425.566$04; despeza, verbas proprias, 1.206.320$27; dois terços das verbas comuns na soma de 1.739.897$87, 1.159.931$91, total 2.366.252$18, lucro 59.313$86; lucro liquido 863.789$49.

A esta verba terá de adicionar-se para o confronto com o lucro dos anos anteriores a importancia de 400.000$00 que pela primeira vez na gerencia de que nos ocupamos foi escriturada como despeza, sob a rubrica «diversos encargos», e de onde resulta que o lucro liquido da exploração da mesma gerencia não acusa o acrescimo que realmente teve em comparação com as gerencias anteriores.

Foram bons os resultados da administração, pois que os lucros liquidos excederam em 472.533$01 os alcançados na gerencia anterior.

Dos lucros liquidos alcançados, coube ao Estado para as suas receitas geraes a cota parte de 617.530$27, revertendo a favor do fundo de reserva a parte restante, ou sejam 652.590$79.

Esse fundo, em 30 de junho de 1918, considerados os juros vencidos até essa data pelo capital depositado na Caixa Geral de Depositos, atingiu a totalidade de 1.310.160$39, verba já bastante avultada, que faculta á administração geral os meios de melhorar as condições da exploração, habilitando-a a fazer face, dentro dos limites preceituados pelo artigo 4.º do regulamento de 26 de junho de 1911, a qualquer despeza de caracter extraordinario exigida pelas necessidades urgentes de serviços, sem desviar do custeio normal dos mesmos qualquer parcela do produto das receitas anuaes.

Publicações recebidas

COMERCIO DO PORTO MENSAL—Relativo a setembro findo, recebemos este mensario, editado, com um exito sempre crescente, pelo nosso importante colega do norte.

Festas associativas

SOCIEDADE MUSICAL ORDEM E PROGRESSO—No proximo domingo, ha baile dedicado aos premiados do ultimo domingo, que foram o cavalheiro que tinha o maior pé e a senhora que possuia a mão mais pequena.

JUVENTUD DE GALICIA — Começam no proximo domingo as festas do 11.º aniversario, que se prolongarão até ao fim do corrente mez e que terão o maior brilhantismo. Nesse dia, ás 21 horas, ha recita com a comedia «Resonar sem dormir» e a opereta «Os nicvos de Margarida», além dum acto de variedades. Na terça-feira, ás 21, realisa-se uma sessão solene, finda a qual abre a kermesse e ha concerto e baile.

INTERESSES REGIONAES

A estação Travanca-Macinhata

MACINHATA DA SEIXA, 2.—A Companhia dos caminhos de ferro do Vale do Vouga dignou-se finalmente atender as reclamações de ha muito formuladas pelos povos desta região e de que «A Capital» com uma cativante gentileza, se fez eco por mais de uma vez.

Começou já a ser feita a limpeza de que carecia o recinto destinado á estação de Travanca-Macinhata, devendo por estes dias ser ali colocada a tabuleta com o nome do apeadeiro, tabuleta que havia dali desaparecido ha tempo.

Tambem, ao que nos consta, começará em breve a ser construido um abrigo para passageiros, e todos os comboios, quer ascendentes, quer descendentes, terão ali paragem.

O chefe de conservação das obras publicas já ordenou a ligação da estrada n.º 10 com o caminho do apeadeiro.

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL
Officina de impressão — 71, Rua da Bica, 71

Preço, 2 centavos

3368 — 10.º anno — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA — Sexta-feira, 7 de Novembro de 1919

Em volta da provincia de Moçambique

Notámos alguns que o governo portuguez, tendo promettido por escripto entregue ao governo inglez dispender L. 1:222:000 enviando ás colonias commissões de estudos geologicos e agricolas formadas com os homens mais classificados de Portugal e com especialistas estrangeiros, dispender L. 2:220.000 para colocar e instalar no Ultramar colonos portuguezes que explorem e desenvolvam os recursos dos nossos territorios, e enviar commissarios da Republica para, com a cooperação directa dos colonos, administrarem o nosso Ultramar com liberdade e competencia, estava faltando a essas promessas, continuando a mandar para lá «parasitas» e tornando impedida a subida aos altos locaes de se servirem na administração de atribuições que lhe anos lhe vinham sendo reconhecidas.

Quanto a tecnicos, os de reconhecida competencia, continuam quasi todos na Metropole, uns licenciados nas ocupações particulares, outros empregados em serviços oficiaes onde a sua capacidade se exerce muitas vezes sem brilho e sem grande proveito para a comunidade, e até ás vezes alguns com um pé nas repartições e outro no comercio ou na industria, fazendo indevida concorrencia á actividade particular: para as colonias continuam a ir individuos em geral sem valor excecional, ás vezes até menos do que mediocres, em faculdades de espirito ou de trabalho, e mesmo esses vão quasi sempre em condições que dictam ou conseguem fazer aceitar, no ministerio, umas envolvendo grande dispendio para o Estado e outras incompativeis com a profundidade do seu trabalho.

Ha dias, por exemplo, circulou nas gazetas a noticia de que vae «dirigir» a Repartição de Agricultura da Provincia de Moçambique um «novo» funcionario: não o conhecemos nem de nome, mas sabemos que nunca pisou o Ultramar, e calculamos que nem ele nem o governo confie muito nos seus conhecimentos de agricultura colonial, pois que naquella noticia se acrescentava que ele começaria por passar uns mezes nas colonias estrangeiras. Quer dizer: antes de conhecer as condições do nosso territorio, vae estudar as dos estranhos, sem poder avaliar quaes delas são as que mais se aproximam das da nossa colonia; é como mandar para o estrangeiro, estudar varias linguas durante alguns mezes, alguem que não conheça bem a lingua nacional; ao regressar, não falará bem nenhuma delas e desconhecel-as-ha a todas, porque por muito tempo misturará os vocabulos duma com os das outras.

E todavia, por experiencia, já o governo sabia que esse caminho não é bom, tem sido quasi sempre mau, e ás vezes pessimo.

Ha anos, por exemplo, o ministro Lisboa de Lima mandou para Moçambique dois agronomos, com instrucções para primeiro fazerem uma longa excursão pelos paizes Colonias do Oriente, e com contactos que lhe asseguraram, ao chegar á Colonia, rendosas ajudas de custo quando andassem pelo interior e uma ampla liberdade de acção nos seus movimentos e trabalhos. Tendo chegado a Lourenço Marques depois dum passeio longo e dispendioso (para o Estado) pelo estrangeiro, um foi colocado no districto de Inhambane e outro no de Quelimane; pois o primeiro regressou a Lisboa ha pouco, e, tendo estado dois anos em Inhambane e um no districto de Moçambique, veiu sem deixar lá uma simples experiencia de valor economico, nem um ligeiro relatorio! Só faltou o elogio das auctoridades locaes ao seu zelo e actividade; mas, para o compensar, o Ministerio das Colonias acaba de o nomear para uma nova missão ao Ultramar mais diversida ainda e muito mais rendosa!

* *

Quanto a «colonos», é facto que o Ministerio das Colonias conseguiu da Companhia Nacional de Navegação que elevasse de seis a doze as passagens gratuitas em cada viagem que toque em Moçambique, e nos «Transportes Maritimos» do Estado já tem sido seguido em cada viagem até dezoito dos chamados «colonos»; mas são colonos só no nome, pois a verdade é que, sob esse rotulo, só estão a ir da Metropole pretendentes a empregos publicos, ou passando muito a empregados do comercio; especialmente de tabernas para pretos (cantinas); para a agricultura ou para a industria, e são esses ramos de actividade que convem mais desenvolver nas colonias, não tem ido um, desde ha muito! E não tem sido por falta de pretendentes; em junho de 1915, a requerimento nosso, o governador de Moçambique oficiou ao Ministerio das Colonias pedindo a concessão de quatro passagens para Lourenço Marques, a favor de agricultores com destino ao Umbeluzi; apesar dos nossos esforços no Ministerio, nos mezes de outubro e novembro, e não obstante novo pedido do governador por telegrama enviado em principios de 1916, as passagens só vieram a ser «anunciadas» aos interessados quando não puderam ser usadas por causa da declaração de guerra á Alemanha, em fins de março.

Em principios do corrente ano, o governador de Moçambique oficiou ao Ministerio das Colonias a recomendar com todo o empenho que fosse deferido o requerimento analogo nosso para oito agricultores destinados ao Umbeluzi; pois, apesar de o pedido ter ultimamente sido reduzido a tres, e de esses terem vindo até Lisboa por duas vezes para embarcar, não puderam seguir ao seu destino, por causa de demoras havidas nas reparticões oficiaes; e dois deles, cançados de esperar por oportunidade para embarcarem para Moçambique, seguiram para o Brazil!

E havia toda a razão para esperar que fossem atendidos de pronto esses pedidos, tanto mais que por diversos diplomas, e nomeadamente pelo oficio da Direcção Geral do Ultramar, de 5 de julho de 1899, se fez saber que o Ministerio não concederia passagens a colonos sem previa requisição dos governadores das respectivas provincias.

E não é só de agora o abuso de se deixarem açambarcar por pretendentes a funcionarios ou empregados do comercio as passagens destinadas a quem queira ir colonisar a Africa: já vem de longe o abuso, e ha anos até se veiu a averiguar que taes passagens eram muitas vezes negociadas mediante o pagamento de gratificações ao intermediario, que em geral iam de vinte a quarenta escudos!

* *

Presentemente a situação é esta: as passagens da Metropole para Moçambique, em vez de servirem para quem vá desenvolver a colonia, são quasi só utilisadas para os «parasitas» que a vão sugar; e as facilidades de regresso, concedidas tanto pela Companhia Nacional de Navegação como pelos Transportes Maritimos, são utilisadas para os mesmos parasitas virem á Metropole passear ou mudar d'ares; o escandalo tem chegado a ponto de os membros da mesma familia fazerem «varias» viagens em curto praso, indo como colonos e voltando como affilhados da Associação de Beneficencia de Lourenço Marques! E é obvio que tudo isto sai caro ao paiz, pois não sendo a Companhia Nacional de Navegação instituição filantropica, o dispendio com os passageiros que nominalmente viajam de graça irá englobado no preço das passagens pagas, que actualmente é brutalmente elevado! Por causa da guerra foram enviadas para as duas costas de Africa mais de trinta mil soldados europeus, muitos dos quaes mostraram desejos de serem autorisados a ficar no Ultramar ocupados na agricultura, logo que terminassem a sua comissão de serviço militar.

Dada a grande falta de mão d'obra branca, em Moçambique, varias representações foram feitas ao governo para serem atendidas aquelas pretensões, com o que até lucraria a Metropole, dispensando-a de satisfazer as despezas de regresso dos soldados que ficassem. Na Metropole tambem houve quem advogasse junto das estações oficiaes a mesma ideia: pois não foi ávante.

E não se limita a isto, a respeito de colonos, a acção do Ministerio: obstou a que a provincia de Moçambique começasse a dispender os cento e cincoenta contos que deliberára empregar, a titulo de experiencia, no esquema da colonisação do Vale do Umbeluzi (districto de Lourenço Marques), nos termos da portaria provincial n.º 1223 de 21 de junho ultimo, pois que, em vez de dar execução ao decreto de 10 de maio, deixando ao governo da colonia maior liberdade de acção na aplicação dos seus recursos financeiros, enviou na mesma ocasião para lá nomeações e reformas que, sem vantagem consideravel para o serviço publico, importam um acrescimo de despeza anual de trezentos contos, que absorverá excedentes até as disponibilidades do tesouro local, inclusivé aquela com que se contava para a execução do aludido esquema do Umbeluzi!

Insistimos no que se está fazendo, a respeito de «tecnicos» e de «colonos», para Moçambique, porque sendo certo que foi «imprudente» da parte do governo portuguez prometer ao governo inglez fazer muito, é indecoroso não fazer nada, e até peor do que isso—obstar a que a colonia realise com os seus recursos os melhoramentos que tinha em projecto efectuar imediatamente.

Relativamente á administração local, tendo prometido mandar para Moçambique um comissario da Republica, ha mais de meio ano que a colonia nem governador efectivo possue, sendo certo que, ao lado do governador geral interino, quasi só ha chefes de serviços interinos, como o Secretario Geral, o Inspector das Obras Publicas, o Chefe do Serviço de Saude, o Chefe dos Serviços de Marinha, o Director dos Caminhos de Ferro, o Director de Agricultura, o Director Geral das Alfandegas, etc!

Quanto á liberdade dada ao governo local para administrar a colonia, basta reparar no que tem acontecido com o regimen das sementes oleaginosas, e que está quasi ultrapassando os limites do decoro.

Eduardo Saldanha.

Aldeia Portugueza

O sr. Zeferino Candido Chamusca realisa ámanhã, ás 21 horas, no salão nobre do palacio Penafiel, á calçada dos Caetanos, 48, nova instalação da Cruzada das Mulheres Portuguezas, uma conferencia sobre «cozinha portugueza». A apresentação do conferente será feita pelo distinto artista Leal da Camara.

CRONICA

"A morte do Almanaque"

Morreu o Almanaque!

Vieram dar-me essa noticia um tudo nada triste e evocadora, estes modestos, magros, envelhecidos destripados, descendentes duma pleiade ilustre e altiva de «Almanaques» doutros tempos: o «Almanaque das Senhoras», com 50 anos e o «Novo Almanaque de Lembranças» septuagenario e mirrado, embora com uma capa côr de rosa palida, que lhe dá uma pretensa e enfatuada garridice senil.

Entraram na redacção cumprindo a grata missão de participar que o ano de 1920 (Bissexto) começará no dia 1 de janeiro proximo, e que, eles, conforme o habito dos seus mais velhos ali estavam prontos a dizer-nos quando é plenilunio, ou dia de S. Militão.

Cumprimos tambem a nossa missão, agradecendo a sua visita; não podendo deixar de ficar, porém, a cogitar na sorte infalivel e inexoravel que está reservada a essa ilustre enecessaria descendencia: a sua extinção... a morte do Almanaque!

O Almanaque foi tudo. Nos meiados do seculo passado era quasi uma instituição. Literatos, politicos, o burguez e o operario, diplomatas e scientistas tinham pelo almanaque um culto dedicado. Trabalhava-se e acarinhava-se a sua textura... Havia prosa e verso, albergava nomes celebres da patria e experimentou os primeiros vôos de muito vate nacional. Havia entendo almanaques de tudo e para todos, numa especialisação que denotava o auge da civilisação e do interesse. E a tal ponto o Almanaque era alguem em terras de Portugal que Eça de Queiroz, abriu com a sua prosa magistral, o 1.º volume do «Almanaque Enciclopedico», consagrando-lhe toda a pujança, toda a erudição da sua veia literaria e artistica. Eça de Queiroz, nessas paginas tão scintilantes, tão levemente risonhas e bonacheironas disse tudo; fez a historia do almanaque desde aqueles tijolos gravados pelo cinzel gentroso dos dois filhos de Seth, e que enterrados ha perto de 5.000 anos, antes do diluvio no vale da Mesopotamia, constituiram as paginas imperecíveis do livro de «Todo-o-Saber», e que na realidade e simplesmente eram o primitivo Almanaque—até á profusão de almanaques do seculo XIX, a mór parte destinada a despertar o enganador riso das turbas «o almanaque para rir» o comico, o satirico, etc., ao almanaque das diferentes artes e oficios, das ocupações, com o do biciclista e do valsista, «compris», sem esquecer a sua evolução, com as varias influencias cronologicas, a sua importancia social, religiosa, beliscando de passagem o «Almanaque do Bonhomme Richard» no seculo XVIII, a bezuntadela scientifica do almanaque racionado de Franklin, e o «Almanaque das musas» onde chasqueava Voltaire.

Mas a oração de sapiencia de Eça foi tambem o elogio funebre do Almanaque. O colorido vivo, palpitante, o interesse desses repositorios de tanta verdade, sciencia, literatura, baixaram á cova ao poente do seculo XIX para deixar uns rebentos, já produtos da civilisação moderna, o que significa abstrusamente magreza de espirito e pobreza de valia.

As altas verdades vitaes já ninguem as quer saber. Se outr'ora, o homem podia dispensar tudo, sem risco de perecer, excepto o mez em que se semeia o trigo, hoje, deseja apenas saber com uma hora de antecedencia se ha ou não motim no Rocio ou prevenção no Carmo, e se as sessões do Parlamento decorrem com bom tempo, temporal ou aguaceiros, o que não vem nos almanaques. «O livro disciplinar que coloca os marcos, traça as linhas dentro das quaes circula, vida, dentro de tudo, toda a nossa vida social» faliu, e a sua morte de insipidez e inutilidade não tardou.

Aquela missão que lhe competia de guiar o homem, sem o qual evaguearia irremediavelmente confuso e perdido dentro da vacuidade do não-ser do tempo» e que consistia em murmurar todas as manhãs—«Aqui estás em setembro!... Além findou a semana... Hoje é sabado», deixou de ter a existencia regrada de outras eras.

O homem na sua ansia de tocar até o inatingivel subiu até á ousadia de acrescentar horas e tirar horas ao dia, e a natureza vingadora dá as chuvas em junho e os dias de primavera em novembro...

Por ultimo resta o atributo religioso do almanaque. Eça, contava assim esse destino celestial:

«E' doce pensar que nas remotas manhãs da Bemaventurança Eterna, nos inefaveis ocios de aquelas manhãs, que não terão tarde, os Santos se juntam, se é costume sobre uma fresca nuvem, folheiam ancioamente um Almanaque, já luminoso por ter sido tam manejado por luminosas mãos, e seguem, com olhares humidos de gosto e riso, as linhas do Calendario. Então S. João Nepomuceno exclama com encantada surpreza:—começa ámanhã a minha novena!—E S. Camilo de Lelis, cofiando a barba perfumada, calcula e murmura deleitado:—Faltam tres dias para a minha festa, com musica, na Madalena!...»

Mas hoje já não ha santos, mas hoje já não ha religião, nem festas... nem mesmo Madalenas... como diria um pessimista do nosso tempo ou uma devota de S. Nicolau.

Não tendo que anunciar, não interessando o publico, o Almanaque morreu... e morreu bem.

Os seus sucessores são, áparte uns filhos adulterinos e garotetes «O Borda d'Agua» e «O S. Cipriano», o Almanaque Bertrand, aristocrata entre os irmãos, e estes dois que nos vieram visitar o «Almanaque das Senhoras» e o «Novo Almanaque de Lembranças para 1920» (bissexto).

O que trazem não sei, porque apenas os folheei. Vi charadas, muitas charadas, a Torre de Pisa, por sinal talvez mais inclinada, a ponte dos Suspiros em Veneza e o dr. Sidonio Paes; a estatua de Fausto Cardoso e tipos alemtejanos, sem contar com os Indios Uitotos do Rio Içá e varios retratos de pessoas conhecidas e desconhecidas; versos, anuncios e anedotas...

Não ha duvida que estavamos em presença duma raça que definha e morre, como o atestam estes modestos, magros, envelhecidos, destripados descendentes duma pleiade ilustre e altiva de outros tempos...

A. F.

A praça Luiz de Camões continúa ás escuras

A quem competir

A "intolerancia" republicana

Uma carta do sr. dr. Anibal Soares

Sob o titulo «Um alvitre á «Capital» e em resposta ao que anteontem aqui disseramos com vista á «Epoca» e ao sr. dr. Anibal Soares, publicou hontem este distinto advogado naquele jornal uma carta, que não podemos transcrever na integra, por nos faltar o espaço, mas de que damos os seguintes periodos:

«Decido-me pois a vir dar á «Capital» uma noticia que lhe será grata, e a oferecer-lhe uma nova oportunidade de concorrer para a consumação dessa obra de justiça, tão anciosamente reclamada pelo ilustre diario republicano.

O sr. ministro da guerra, possuido de um zelo que muito o honra, mandou efectivamente realisar um inquerito sobre os factos a que tenho feito referencia. Desse inquerito está encarregado o sr. general Antonio Maria da Silva, que tem tomado conta de numerosos depoimentos, e, segundo me dizem, já do processo constam e se verificam gravissimas acusações contra alguns correligionarios da «Capital», incumbidos de superintender no presidio politico da Madeira.

Se o brilhante orgão republicano põe na punição dos culpados tanto interesse como inculca — e porque hei de duvidar da sua boa fé?...—não lhe resta senão aproveitar-se de este ensejo com as mãos ambas, instando inexoravelmente pela rapida conclusão e publicação do inquerito, e pela aplicação rigorosa das sanções legaes contra os que se mostrar terem sido autores ou cumplices dos inqualificaveis maus-tratos perpetrados sobre os presos do Funchal, sejam quem forem esses repugnantes criminosos».

Confessamos francamente que ignoravamos o facto a que o sr. dr. Anibal Soares se refere e ficamos aguardando o resultado do inquerito, fazendo votos porque ele conclua o mais rapidamente possivel.

Pessoal telefonico

E' absolutamente destituida de fundamento a noticia publicada nos jornaes da manhã onde se diz que o pessoal dos telefones procurara a Direcção da Companhia para fazer quaesquer pedidos do seu pessoal.

A Companhia apenas teve conhecimento da reunião efectuada pela noticia dos jornaes, sabendo que elementos estranhos á Companhia andam procurando perturbar os serviços do seu pessoal, que ainda ha 5 mezes viu satisfeitas as suas reclamações.

PELO TELEGRAFO

Na America do Sul

As conferencias do dr. Monjardino

RIO DE JANEIRO, 6.

A conferencia do dr. Jorge Monjardino foi concorridissima. Assistiram os mais afamados professores da Faculdade de Medicina, medicos e cirurgiões ilustres, homens de sciencia e um grande numero de senhoras da primeira sociedade fluminense. No final da conferencia o dr. Jorge Monjardino recebeu muitos cumprimentos de felicitações.—(Americana).

Um desmentido do embaixador portuguez

RIO DE JANEIRO, 6.

Uma nota oficial da embaixada de Portugal, publicada nos jornaes de hoje, desmente categoricamente o boato de incorporação de Moçambique á União Sul Africana.—(Americana).

Cotações cambial e do café

RIO DE JANEIRO, 6.

Cambio sobre Londres, 15 e 15 1/16; cotação do café 17.800. —(Americana).

Os resultados da tomada de Wana

LONDRES, 5.

Segundo diz o «Times», ocupando os afganes, ao contrario do que dispõe o armisticio, a posição de Wana, toma um certo vulto a idéa de que se poderia organisar uma expedição que se dispuzesse a avançar no Waziristan.—(Havas).

A campanha contra os bolchevistas

STOCKOLMO, 4.

Segundo uma informação digna de fé, aqui recebida, os bolchevistas devem ocupar no domingo a cidade de Satchins, que foi evacuada ha 3 dias. A frente de batalha está agora situada a 15 verstas a oeste daquela cidade.—(Havas).

O atentado de hontem

Ainda hoje foi extraordinaria a romaria de gente ao Alto de Santa Catarina, a fim de ver os vestigios deixados pelos estilhaços da bomba que hontem explodiu em frente ao palacete Colares, propriedade do importante industrial sr. Alfredo da Silva.

Esse industrial recebeu hoje inumeros telegramas, bilhetes e cartas de felicitação por ter saido incolume do criminoso gesto, que tem sido geralmente reprovado.

Um dos autores do atentado, o estucador Arthur Pinto Alonso, que, como dissemos, se encontrava preso e incomunicavel na esquadra da Boa Vista, foi hoje de madrugada removido para a esquadra das Mercês, onde foi largamente interrogado pelo agente Xavier, da 4.ª secção da policia de investigação. Negou terminantemente que estivesse implicado no ocorrido, declarando encontrar-se por acaso no Alto de Santa Catarina, quando rebentou o petardo, não tendo qualquer responsabilidade no que se passou. Igualmente se recusou a declarar o nome do seu companheiro, não havendo forma de lhe arrancar qualquer declaração.

Acompanhado pelo referido agente, seguiu depois ao hospital de S. José, a fim de ser reconhecido pelo «chauffeur» do sr. Alfredo da Silva, Raul Rodrigues de Sousa, o qual continua em tratamento numa das enfermarias daquele hospital. O «chauffeur» reconheceu imediatamente no preso o individuo que estacionava á porta do palacete e que apontou uma pistola ao peito do sr. Alfredo da Silva.

Tambem foram ouvidas varias testemunhas que confirmam ser o preso um dos autores do crime.

Ao contrario do que se disse, não ha por emquanto mais individuos presos como implicados no caso. No alto de Santa Catarina foram detidos quatro individuos que desrespeitaram as ordens de um guarda e sendo conduzidos á esquadra da Boa Vista, foram pouco depois restituidos á liberdade.

Informações da Arcada dizem que em consequencia do atentado e ainda por outros motivos, o governo vae proceder a mais intensa e energica repressão contra a propaganda das ideias subversivas.

Já na sua reunião de hontem á noite, o conselho de ministros se ocupou das medidas a tomar, devendo na reunião que esta tarde se realisou no parlamento assentar definitivamente no caminho a seguir.

Com o sr. presidente do ministerio estiveram hoje conferenciando os srs. Alfredo da Silva, o chefe da policia de segurança do Estado e Liberato Pinto, chefe do estado maior da guarda republicana.

CASOS TRISTES E DIGNOS DE ESTUDO

A historia do corneteiro da ambulancia 3

Vou tratar d'um caso digno do estudo dos burocratas militares e que devia prender-lhes a atenção. E' tristre. E', porém, simptomatico da desorganisação d'alguns serviços.

Ao entrar, hontem de manhã, no Instituto de Arroyos, disseram-me que me queria falar um militar, pouco cuidado na sua higiene, cabeleira comprida e mal tratada, aspecto de miseria, facies deprimido, chorando as suas desgraças e dizendo-se muito infeliz. Vinha implorar a minha protecção. Tinha lido pelos jornaes que me preocupava com a sorte dos que andaram pela Africa e pela França. No «Seculo» disseram-lhe que viesse ter comigo. E o director do Instituto aconselhou-o a que me expuzesse a sua situação.

Mandei-o entrar. Em volta da minha secretaria juntaram-se alguns sargentos e soldados que entravam na repartição. Todos assistiram ao seu doloroso depoimento.

—Tenho fome...

—Mas não estás reformado?

—Não, sr. doutor... A junta que me inspecionou deu-me como «... incapaz de todo o serviço, mas podendo angariar meios de subsistencia...» Ora eu não posso trabalhar... Veja como estou...

Olhei para ele. Demorei um pouco mais o meu exame. N'um intimo convencimento, deduzi que o desgraçado fôra em tempos homem de nenhuma disciplina. Apresentava cicatrises e typicas tatuagens pelos braços e pelo corpo. Até pela testa! E quando lh'o disse, não o negou. Fôra efectivamente castigado algumas vezes, por pequenas coisas. Um dia, porém, resolveu emendar-se. Tinha mulher e dois filhos a sustentar. No seu emprego da Camara Municipal cumpriu os seus deveres. Foi a esse emprego que o arrancaram quando houve a mobilisação.

—... Segui para França como corneteiro da ambulancia 3... Antes, porém, tive de responder a um processo militar...

—Voltaste a ser indisciplinado...

—Não, senhor, castigaram-me porque não tinha a caderneta e porque não apresentei alguns artigos militares, mas provei com um atestado da junta da parochia que tudo se perdeu n'um fogo que houve em minha casa... Quando respondi fui absolvido n'um tribunal de guerra...

E, entre os esforços para debelar uma tosse seca, irritante, caracteristica e com alguns intervalos para crear folego para falar, o pobre rapaz continuou a narrativa... Esteve cinco mezes na ambulancia. Uma vez deram-lhe até á «instrucção dos gazes», sentiu-se mal, com dôres e com febre. «Constipou-se». O peito mal se lhe podia tocar. Vomitou coisas verdes. Faltava-lhe a respiração. Baixou ao hospital 26. Ali o dr. Lemos fez-lhe uma tracheotomia. A junta reuniu e enviou-o para Portugal. Ao desembarcar, indicaram-lhe como destino o Instituto de Santa Izabel. Meteu-se n'um camion para ir para lá, mas na rua viu a mulher e os filhos; não teve coragem de os ver sem lhes falar, saltou do camion e...

—Foi a minha asneira... Não entrei no Instituto e hoje estou assim...

Dias depois foi á junta da Estrela. Ali os medicos deram-no como incapaz do serviço, mas podendo angariar meios de subsistencia. Atiraram-n'o para a vida civil sem reforma, sem pensão, sem um amparo! Ele percebeu que o tinham visto mais como militar do que como doente.

—Vae-te embora..., vae-te embora..., estás bom para trabalhar...

Que havia de fazer? Procurou emprego. Voltou para a Camara. Ali, porém, nada conseguiu fazer. Não tinha forças. Doia-lhe o peito. Faltava-lhe o ar.

Foi outra vez aos medicos. E estes verificaram que, na verdade, estava inutilisado fisicamente. Reformaram-n'o com cinco tostões e meio por dia.

—Isto não chega, sr. doutor... Morro a fome e mais a minha gente... Agora, o que eu queria é que me metessem no hospital...

Expliquei-lhe a impossibilidade de ingressar em Arroyos e aconselhei-o a que fôsse ao hospital de S. José.

—Sim, sr. doutor, eu vou lá porque me sinto muito doente... Mas eu não podia arranjar uma reforma?... Eu estive tambem em França...

Lembrei-me então, que esse homem, bem ou mal comportado, envergára uma farda e que contrahira uma doença em campanha. Tem forçosamente de ser amparado. E é desconsolador que o pobre rapaz, apesar de doente, fez alguns serviços. Quando soube que os monarquicos estavam em Monsanto, correu ao seu regimento e pegou n'uma arma. Foi para o Norte combater. E, n'essa regressa efemera á vida militar, perguntou ao sargento pela sua situação.

—Oh! rapaz. Os teus castigos foram trancados.

Respirou melhor. Regenerado, não queria lembrar-se do que fôra. Mas... a doença voltou a martirisal-o. Sofre. Morre pouco a pouco. Não sabe o que ha de fazer!

Ora, este caso de hoje...

Recorda-me a legião de tuberculosos e de impaludados que regressaram da Flandres e da Africa e que não tiveram assistencia regularisada. Ainda era tempo de se fazer. E' titular da pasta da guerra, um official que é um heroe e um amigo dos soldados. Consequentemente, em muito facilitaria a obra dos medicos do Exercito, que, desprezando habitos de ver apenas militares e não doentes, podiam fazer obra identica áquela que os milicianos fizeram para a que os milicianos fizeram pelas tropas. Estes não pedem esmola. Estes não dizem que teem fome.

José Pontes

O CAMBIO

Manobras baixistas na praça—Artificial depressão do cambio—Noticias que são rectificadas a bem do credito publico

Apareceu recentemente uma versão que está em absoluta contradição com as afirmações que o sr. ministro das finanças fez a um redactor d'este jornal. Lançou-se o publico, inesperadamente, que, em virtude d'um contracto realisado entre o governo e o Banco de Portugal, estabelecimento de credito se viu forçado a comprar, na praça, uma soma importante de cambiaes, recurso unico para se obter o indispensavel ao pagamento das encommendas consideraveis de trigo exotico.

Estamos autorisados—e, o que é mais, absolutamente certos—que o facto se não verificou nem verificará, pelo menos n'estes mezes mais chegados. E' certo que o contracto existe, mas ele não tem força, seja qual fôr a hipotese, a recorrer á praça para obtenção d'ouro. O melhor, porém, é dar a palavra a quem de direito, isto é, ao sr. Inocencio Camacho, governador do Banco de Portugal, a quem fomos ouvir e que, estranho caso, o sr. Inocencio Camacho recebeu-nos no seu gabinete e foi claro e terminante nas suas afirmações:

—Não sei se V. Ex.ª sabe—disse-nos-lhe—o que se passa. Ha um natural alarme na praça, que determinou já uma sensivel baixa cambial...

—Sei muito bem. E digo-lhe, antes de mais nada, que o fenomeno foi produzido artificialmente, a fim de auxiliar os baixistas. Em resumo: a noticia é falsa.

—Desejaria que V. Ex.ª precisasse o que é falso.

—Não tenho duvida em o fazer. E' falso que o Banco de Portugal compre cambiaes na praça; é tambem falso que se veja forçado a comprar-as por virtude do contracto celebrado entre o Banco e o governo. Isto é claro, parece-me.

—Ha, então, suficientes disponibilidades no estrangeiro...

—Mais que suficientes. O Banco e o governo estão apercebidos com os creditos necessarios para ocorrer aos pagamentos de fornecimentos de trigos. Garanto-lh'o sob responsabilidade minha extensa responsabilidade moral.

—E eu acredito-o. Tambem o acreditará o publico, que tem na devida conta a honra do governador do Banco de Portugal. Em ultima analise: o alarme lançado na praça foi uma manobra dos baixistas.

—Indubitavelmente. Tenho essa mesma opinião e pode pôl-a no seu jornal, na minha bôca. E' a verdade e eu não receio em a proclamar sempre que se trate do interesse do Estado.

Estas afirmações são concludentes. Elas hão de exercer, forçosamente, uma influencia salutar no mercado livrando a praça da preponderancia de especuladores inescrupulosos que se teem, por acaso, o orgulho de serem portuguezes, não são animados do espirito patriotico, que faz ceder o egoismo pessoal ao interesse colectivo da Nação.

POLITICA

Uma sessão movimentada na Camara dos Deputados—Os interesses regionaes ou a politica de campanario

Era hoje o tal dia reclamado para se discutirem os interesses regionaes na Camara dos Deputados. Houve, por isso, mosquitos por cordas, simplesmente porque uns deputados queriam o costumado «antes da ordem» emquanto que outros exigiam todo o tempo e mais algum para a discussão dos projecticulos regionaes. O incidente foi ruidoso, com empolados e tirados discursos e seu tumulto até á mistura. Não deixa de ser curioso que o tempo destinado ao «antes da ordem» foi todo gasto a discutir-se se devia ou não devia haver o mesmo «antes da ordem». Resolveu-se que sim ou não, finalmente. Mas como, porém, o tempo estava consumido numa longa hora!...—passou-se á ordem do dia, sem mais cerimonias.

Não era assim que se discutia em Bysancio, com o inimigo ás portas da cidade?...

O primeiro projecticulo a entrar em discussão respeita a melhoramentos em Montemor-o-Novo. Para eles pede-se autorisação para o levantamento dum pequeno emprestimo de 15 contitos de réis.

Entre os projecticulos apresentados figura um referente ao jogo na Madeira. Encontrará grande oposição, tendo de baixar ás comissões.

Theatros e Cinemas

Primeiras e reposições

TEATRO APOLO—«Os 20 milhões», 3 actos de F. Roberts, adaptação de Luiz dAquino, musica de D. Luiz Quesada e Luz Junior.

As peças de viagem são apenas motivo para scenarios, guarda-roupas, movimentação, bailados, córos e quem procurar qualquer outra manifestação literaria ou artistica em taes diversões fica reservado a uma grande desilusão.

Demais, a peça do Apolo vertida do inglez para o espanhol e adaptada deste a belo talante pelo sr. Luiz d'Aquino, destinava-se apenas ao publico do antigo Principe Real, e com o intuito de recrear inofensivamente durante algumas horas. Foi, pois, cuidada pela empreza na montagem em que dispendeu certamente muito, nos scenarios novos e no guarda-roupa vistoso e proprio.

O primeiro acto passa-se numa loja de fazendas, com alusões politicas portuguezas é um Mesquita das subsistencias; Roldão é o dono da loja, pae de Dora Vieira e tem como empregado um judeu, encarnado por Gomes. São actores a gosto popular que fazem o melhor que podem por dar alguma vida á peça. Descobre-se, como em todas as outras peças que o judeu, tem um dinheiro a herdar, por ser filho dum grande rajah e ai resolvem ir procurar o pae do judeu. O 2.º quadro é em Malaga. Fundo bom, colorido, mas pouco «salero» nos córos; melhor Flora Dyson e a caracteristica Martins que sabedoras do motivo da viagem se agregam aos portuguezes para seguir viagem. O 3.º quadro é á noite na Italia; os soldados cantam uma serenata e um judeu dá informações aos viajantes, agregando-lhe uma serva, Deolinda de Macedo, que fala portuguez que é um encanto. Entretanto o Vesuvio começa em erupção e aí temos uma apoteose, de Pina, de efeito. O seguinte quadro é em Port-Said; os nossos viajantes foram torpedeados, feitos prisioneiros e depois dum chif rote passam a Méca, figurada por um esplendido scenario, tido em côr, em luz, em perspectiva. Ha varios bailados, escravas, uma canção interessante por Barradas e descobre-se que o pae do judeu não é afinal aquele opulento banqueiro que ali mora, mas sim um rajah do Oriente.

Deolinda que havia feito varias picardias para roubar o judeu, resolve desligar-se da companhia; e o quadro fecha, dançando todas as judias e judeus, arabes e musulmanos um cattissimo maxixe.

Segue-se a apoteose, uma vista superior de Jerusalem, com balões e aeroplanos que não dão o efeito desejado.

No novo acto, achamo-nos no Oriente. Um quadro cheio de luz, com um vistoso cortejo de figuras á oriental, muito bem posto em scena por Castelo Branco. O rajah, que tem medo da mulher, não quer reconhecer o filho do seu pecado, esforçando-se em vão o pequeno Isaac (Gomes) por o afeiçoar, ora dando-lhe pançadinhas, ora cantando-lhe um fadinho. Mas, a sorte é-lhes ainda adversa e os viajantes são condenados ao suplicio do fogo.

E' então o quadro seguinte, dentro dum templo onde se vae consumar o suplicio. O quadro passa-se nos preparativos para a queima de Roldão e Gomes, que a gosto popular, largando 8 «raios partam» (contados) e varias outras interjeições, entretem o publico uns 15 minutos; depois cantam um fado, com alusões politicas,

O Norton e o Afonso
Ia metel-os no forno,
E o Camacho que é mais sonso
Punha-se a chuchar no môrno.

que tambem deve agradar ao publico. Por fim descobre-se que aquele não é o filho do rajah, e resolve-se que voltem num submarino para Portugal, tendo logar a chegada pela meia noite e 10 minutos na baia de Cascaes, com a Torre de Belem ao fundo.

Tal é o entrecho da peça que a empreza do Apolo caprichou em por em scena e para a qual ha uma musica leve, viva, apropriada, destacando-se o quarteto do 2.º quadro do 2.º acto, mas tambem com pedaços conhecidos de revista; córos afinados e bailados interessantes.

A questão do peixe

A campanha caluniosa — Os lucros fabulosos dos armadores e as perdas consideraveis dos vendedores—Como estes são poupados pela Comissão de Subsistencias e aqueles explorados

A campanha caluniosa contra os Armadores de pesca de arrasto, porque os de cerco da sardinha e de outras artes que veem aos mercados de Lisboa são poupados, entre outras variadas insinuações, a mais falsa mas de grande efeito, é que para diminuir o suprimento do peixe nos mercados, o peixe pescado já é deitado ao mar, porque havendo menos peixe a venda o preço sóbe. Um cretino aceita isto com a maior facilidade; mas quem se presa de ver dois dedos adiante do nariz, diz logo: E' mentira. Mas se reproduz o boato é mau, porque tem consciencia de que mente, emquanto que o cretino se o disser ninguem fará caso, apesar da boa cotação que esses tipos teem agora.

Ora vejamos a deslealdade do peixe ao mar que resultados daria.

E' claro, e não precisa demonstração que se póde realisar uma venda de 6.000 escudos por exemplo com 20.000 kilos de peixe a $30 ou 40.000 k. a $15.

E' isto que sucede; se escasseia peixe nos mercados, o preço sóbe, e se abunda o preço desce, mas quando a quantidade de peixe é grande nunca deixa prejuizo, até ás vezes se faz melhor venda do que com pouco peixe. Portanto, vê-se que não ha a minima vantagem em deitar peixe ao mar depois de o pescar; e quem tal afirma é, conforme dissémos, cretino ou mau. Mas ha mais, quem conhece um vapor de pesca reconhecerá as dificuldades de, no mar, estar a abrir as escotilhas, tirar o peixe gelado das gavetas e deital-o fóra.

Ainda, como é sabido, todo o pessoal de bordo tem percentagem sobre o producto da pesca, como consentiria ele que se deitasse peixe ao mar o que poderia resultar reducção nos seus salarios? O boato, pois, é perfido, mas corre e ha quem o aceite como bom na Camara e nos Ministerios do Interior e Marinha. E tanto acreditam n'ele, que a Capitania recomendou aos pilotos dos vapores que não deixem deitar peixe ao mar. Autoridades á altura...

Outro boato difamante é que os vapores pairam na barra de Lisboa, esperando ordens para entrar no porto, que lhes são dadas, quando não ha vapores com peixe para descarregar. De forma que por este cabo um vapor estaria dois ou tres dias fóra da barra com o peixe a bordo a apodrecer á espera que não haja peixe no mercado.

Podem os semaforos informar como isto é falso. Se os vapores veem do Norte fala Oitavos; se do Sul fala o Espichel. Na barra fala S. Julião e digam eles se veem vapores de pesca pairarem na barra.

Contudo, aquela Capitania do porto de Lisboa tambem recomendou aos pilotos que não pairassem na barra. Já se requereu ao sr. ministro da marinha para mandar fazer um inquerito sobre estas perdidas acusações.

* * *

A outra acusação versa sobre os lucros fabulosos, que os armadores da pesca de arrasto tiram do vender peixe, em 1914 a 72 réis o kilo com o carvão a 7$00, e em 1919, a $36,6 com o carvão a 70$00. Os salarios em 1914 orçavam por 60$000, hoje 360$00, tendo o material subido numa desproporção assustadora.

Tão prospera estava a industria da pesca de arrasto em 1914, que os armadores por baixo preço venderam aos inglezes dez vapores, pertencentes a emprezas, que por ganharem muito dinheiro não os quizeram mais. Falc, entre outros ex-armadores, o sr. Casimiro José Sabido.

Outras Emprezas ganharam o suficiente para não irem abaixo. A «Ideal» da pesca favorecida, como foi ingrato para os outros.

E' muito prospera ainda a industria e de grandes lucros e todos tão entusiasmados estão por ela, que para congregar ha pouco um capital de 750.000$00 para uma Empreza de pesca com oito vapores foi preciso recorrer a 100 pessoas para subscreverem. Um negocio tal como o dos navios ex-alemães.

Agora as perdas consideraveis de negociar no antigo peixe são sofridas pelos vendedores e ovarinas. Os seus luxuosos escriptorios estão descritos por falta de transacções. Esses merecem, como se está vendo, toda a protecção da Comissão de Subsistencias. Não são eles que encarecem o preço do peixe, quem o encarece são os armadores e quem os negociantes compram o peixe na «lota» pelo preço que entendem.

Completamente passivos no preço porque vendem, os armadores são os visados pela Comissão de Subsistencias. E porque razão? Sabem? Diz-lhe «que estamos mais á mão». E por estarmos mais á mão havemos de dar-lhe o peixe a preço vil.

A. F.

O BANCO PREVIDENTE SEGURADOR

O exito e a sua acção

O Banco Previdente Segurador, a que já nos referimos num dos nossos mais largos artigos do «Inquerito ao Comercio» dia a dia afirma mais que quando se trabalha activamente, com energia e amor, num fundo de honestidade fatalmente se vence.

Aquela instituição de credito, com uma instalação provisoria na R. do Almada, 27, Porto, emquanto aguarda que estejam terminadas as obras da sua bela séde na R. de Sá da Bandeira, num rapido periodo mercê da clareza e segurança com que se apresentou, sob a direcção dum dos mais abalisados profissionaes, o sr. Eduardo Guimarães conseguiu impôr-se ao comercio de todo o paiz.

Já narrámos como tendo definido o seu campo e marcado o seu capital de 5.000 contos, dentro em pouco via 500 contos subscritos, o que hoje já aumentou consideravelmente.

Como se sabe este estabelecimento bancario tem por fim realisar todas as operações de seguros, cultivadas em todos os generos, e neste momento mesmo o sr. Pacheco d'Amorim, ilustre lente de matematica, estuda afincadamente as bases do seguro de vida, como categorisado membro do Conselho de Administração do qual faz tambem parte, além de Eduardo Guimarães, o sr. Emygdio Pereira do Vale, socio importante da grande casa comercial Elysio Pereira do Vale Filhos Ld.ª.

São nomes de esta categoria que o Banco Previdente Segurador apresenta á sua clientela e são empreendimentos duma altissima valia os que preocupam constantemente a direcção desse novo Banco cujo exito foi, como narrámos, colossal ao fazer a sua primeira emissão de capital.

Estuda-se tambem o seguro de Acidentes de Trabalho e de Responsabilidade Civil, que, como se sabe, já são leis do paiz.

A responsabilidade civil aplicada aos causadores de desastres, aos donos dos veiculos de toda a especie que atropelem, constitue uma das mais belas providencias que se podiam tomar, exactamente como os Seguros Sociaes Obrigatorios que são garantia da vida dos trabalhadores de todas as classes desde os empregados de escritorio até aos ruraes que lidam nos varios misteres.

Todos os que possuem qualquer empreza ou veiculo teem vantagens em entregar a uma companhia os encargos que lhes trazem essas duas leis defensivas. O Banco Previdente Segurador é o estabelecimento no qual, mais abertamente, neste ramo, como em qualquer outro da sua especialidade se pode confiar.

Não foi, porém, apenas no paiz que se tentaram as pequenas bases do negocio a que essa bela casa se entrega, tambem já tem montados em Espanha alguns dos seus serviços e para a nação visinha vae partir brevemente o gerente do Banco Previdente Segurador a fim de largamente os conduzir.

Como tambem dissemos nesse nosso artigo de «Inquerito ao Comercio», tentado com exito pela «Capital», o belo estabelecimento portuense tem a sua sucursal em Lisboa, na Rua da Madalena, 48, onde dirige a parte economica o sr. Alvaro Lavandeira e a parte tecnica o sr. Arthur Coimbra.

Com tanto afinco iniciaram as suas operações, com tanta vontade se lançaram ao trabalho e com tanta competencia o executaram que a Filial teve logo tão grande expansão que se tornou necessario nomear dois inspectores só para o sul do paiz onde começaram a exercer as suas funções com o merito já reconhecido em trabalhos anteriores por eles realisados.

Realmente foi lançado sob magnificos auspicios esse Banco. Num curto espaço tem coberto um capital importante, causa um sucesso no mercado e seu papel dispu-se a emissão. O comercio acorre a entregar-lhe negocios, seguros, transacções, algumas dum altissimo valor; no Porto tem sido um verdadeiro triunfo. As principaes casas, e ali existem, como se sabe, das mais importante de todo o paiz, preferiram o magnifico estabelecimento para entregarem as suas operações confiadamente; em Lisboa acontece outro tanto.

Desde que chegaram as noticias do Banco Previdente Segurador ao sul do paiz logo os seus negocios ali se desenvolveram, tomaram incremento, pois claramente se viu a utilidade de semelhante instituição.

A honestidade aliada á inteligencia realisou esse milagre. Abrem o seguro caminho aqueles que praticam aquela virtude e possuem este dom. Com aquelas palavras se explica como, em tão pouco tempo, se chegou áquilo que todo o Porto conhece e que, em breve, será conhecido por toda a parte.

Foi tal o ciclo de negocios na capital do norte, que se teve de alargar o quadro do pessoal, cuja produção era enorme e que trabalhando sob a direcção do gerente tecnico sr. Gastão Porto de Moraes, tem operado condignamente com a expansão que o Banco Previdente Segurador vae tomando.

E' certo que faltava no Porto uma sociedade como essa, que tivesse garantias largas de bons nomes á sua frente e alguns querem explicar assim o sucesso local porque, nos meios comerciaes, é objecto das conversações o triunfo obtido. Mas sucede o mesmo no sul, mas acontece o mesmo em Lisboa em relação ás instituições cujos fins já explanámos no inquerito e que o titulo claramente indica.

Tratava-se de fazer seguros comerciaes; alargou-se a orbita de acção diante do sucesso; queria-se caminhar lentamente, veiu o aplauso e logo tudo se desenvolveu e tanto assim, que cobertos os 500 contos, em menos de tres mezes da existencia do Banco, o resto vae sendo sucessiva e rapidamente adquirido tambem.

O segredo deste grande acontecimento está, como dissemos, na honestidade e na inteligencia unidas nos nomes daqueles que merecem uma grande confiança nos meios comerciaes e que estão, com esta obra notavel do Banco Previdente Segurador confirmando os seus talentos e sendo garantias solidissimas para o estabelecimento que caminha sob tão favoraveis auspicios.

Pode vir a possuil-o, mas ha de obtel-o por outro processo.

Seria uma arte nova, muito parecida com a arte russa, vir oferecer ao productor menor do que o producto custa. E negada a entrega, recorrer á violencia ou por quaesquer meios ilicitos apossar-se d'ele.

Seria um processo todo novo de baratear o preço, não só do peixe como de qualquer outro genero. Nem será precisa uma conspicua Comissão de Subsistencias para obter tudo barato. Entra-se na mercearia, quanto custa o queijo? 2$40. Dou-lhe 1$60, larga-se o dinheiro e leva-se o queijo.

No tocante ao peixe, dou-lhe $24 por kilo. Não quero porque me custa mais. Ah não quer. E pega-se n'ele e vae levado.

Ora diga-se, se isto não é quasi a arte russa, enfeitada com Comissão de Subsistencias e chamada de estrangeiros contra portuguezes.

"Atlantida"

Saiu o n.º 41, inserindo colaboração de Afranio Peixoto, Antonio Arroio, Aquilino Ribeiro, Magalhães Azeredo, Teixeira de Carvalho, Gina Ferrero, Francis de Miomandre, etc.

ULTIMA HORA

PARLAMENTO

Nos Deputados

Como fôra determinado ha dias, a sessão de hoje foi destinada á discussão de projectos de interesse regional.

A presidencia, que era ocupada pelo sr. Mesquita de Carvalho, anuncia passar-se á ordem do dia.

Varios deputados protestam, salientando-se os socialistas e os do Grupo Popular.

O sr. presidente diz que segundo o disposto no artigo 77.º da Constituição, a sessão de hoje é exclusivamente destinada á discussão de projectos regionaes.

Novos protestos, agora mais violentos, ouvindo-se com frequencia murros nas carteiras.

Nesta altura o sr. Mesquita de Carvalho é substituido pelo sr. Domingos Pereira.

O sr. Manuel José da Silva diz que o regimento divide a sessão em duas partes; uma constituida por uma hora destinada a assuntos varios; outra por tres horas destinadas aos assuntos marcados para ordem do dia. Entende que apenas a segunda parte pode ser destinada á discussão dos projectos marcados para ordem do dia, na sessão de hoje.

Em varios pontos da sala ha discussões calorosas, que obrigam o sr. presidente a pedir ordem.

O sr. presidente interpreta o artigo da Constituição como o sr. Mesquita de Carvalho, da mesma opinião se manifestando o sr. Alvaro de Castro, e falando os srs. Manuel José da Silva, Julio Martins, Brito Camacho e outros.

Entra em discussão um projecto de lei relativo á Camara Municipal de Montemór-o-Novo, falando sobre o assunto os srs. Manuel José da Silva (popular), Alberto Jordão, Julio Martins, Manuel Fragoso e Jorge Nunes.

Segue a discussão na generalidade de outro projecto, autorisando o governo a dispender a quantia de 2.000$00 com a construção dum pequeno monumento comemorativo do combate de Agueda, no norte desta vila, usando da palavra os srs. Raul Tamagnini, Julio Martins, Nobrega Quintal, que o apoiam.

E' aprovado na especialidade sem discussão.

Discute-se tambem um projecto de lei, sobre uma variante da estrada de Lagos a Vila Real de Santo Antonio e varios outros projecticulos.

Entra depois em discussão o parecer referente ao projecto que visa a prorogar por mais 20 anos, a contar de 10 de agosto de 1921, o praso fixado pela condição 1.ª da lei de 15 de julho de 1903, lei que estabeleceu a industria da cultura das plantas sacarinas e correspondente fabrico de assucar e seus derivados, nas ilhas de S. Miguel e Terceira. Sobre o assunto falam varios oradores.

A sessão continua.

JOSÉ DA COSTA CARNEIRO

Encontra-se desde hontem em Lisboa o nosso querido amigo José da Costa Carneiro, consul de Portugal em Tanger, e um dos mais ilustres funcionarios do ministerio dos estrangeiros. O nosso querido amigo, que é um dos espiritos mais interessantes do nosso tempo, recolhido temperamento artistico, distintissimo homem de letras, e sobre todas estas qualidades um fervoroso apaixonado do nosso paiz demorar-se-ha alguns mezes em Lisboa, o que constitue a mais grata noticia para os seus amigos, jornalistas, literatos, cavaqueadores onde se trabalha intelectualmente, amigos todos que manteem pelo sr. José da Costa Carneiro a admiração maior pelo seu espirito e pelo seu caracter. Cumprimentamos o nosso amigo.

Ecos & Noticias

CASAMENTOS

Pelo general sr. José Joaquim Pinto d'Almeida, foi pedida para seu filho sr. Ilidio José Batista d'Almeida, empregado numa importante casa comercial, a sr.ª D. Olivia Neves Berberan, filha do sr. Tomaz Jorge Berberan e da sr.ª D. Teodora Neves Berberan e irmã do oficial do exercito sr. Julio Tomaz Berberan. O enlace deve realisar-se brevemente.

Concertos Blanch

O teatro São Luiz é este inverno o ponto de reunião elegante nas tardes de domingo, nos concertos. Apesar de ser hoje o primeiro dia, esteve concorridissima a assinatura para os 10 concertos da «Orquestra Sinfonica Portugueza» dirigida pelo maestro Pedro Blanch, que este ano revestem grande brilhantismo. A orquestra tem novos elementos artisticos de grande valor, os programas são todos diferentes e em todos figuram primeiras audições das mais notaveis obras classicas e modernas ainda desconhecidas para nós. Os assinantes da ultima serie teem preferencia nos logares até á proxima quarta-feira, 12, inclusivé.

NOTICIAS DA CAPITAL

Brinco perdido

Uma senhora de familia dum nosso colega de redacção perdeu hontem á noite, na rua do Amparo, Rocio, Avenida ou Eden Teatro, um brinco de valor com brilhantes. Pede-se a quem o tenha encontrado a fineza de o entregar na rua de S. Julião, 11, 1.º, ou na nossa redacção. Querendo, será gratificado generosamente.

Precisava de se agasalhar...

Antonio da Silva, morador na Estrangeira de Cima, foi preso por furtar umas peças de algodão no valor de 126 escudos na estação dos caminhos de ferro de Alcantara Terra.

Malas postaes

O «Peninsular» não entrou hoje, como se esperava, pelo que só amanhã serão por ele expedidas malas para a Africa Ocidental.

Tambem amanhã, pelo «Andes», são expedidas malas para Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Montevidéo e Buenos Aires.

A ultima tiragem da caixa geral é ás 12 horas.

CRAPULA CITADINA

Uma rusga importante

São presos alguns criminosos de largo cadastro

Mercê da boa vontade dos srs. dr. Rodrigues Escolca e major Vergilio Esmeraldo, valiosamente secundados pelos agentes Custodio das Dôres, Antonio da Costa e Henrique de Figueiredo, a cidade vae sendo limpa de gatunos, não se registando com a frequencia que até ha uns tempos atraz se fazia, assaltos e roubos.

Vendo-se perseguidos no centro da cidade, os amigos do alheio foram operar para os bairros mais afastados, tendo-se dado ultimamente alguns arrombamentos e assaltos á mão armada, principalmente na travessa da Trabuqueta, sitio mais escuro e de pouca largura, portanto proprio para assaltos. O comercio e os moradores d'esse populoso bairro andavam já assustados.

Hontem, o agente Custodio das Dôres e os seus colegas, acompanhados pelo guarda 1917, em serviço em Belem, e outros da esquadra de Belem, resolveram dar uma batida n'esse bairro, fazendo uma larga rusga ás casas suspeitas e de fadistagem.

Foram felizes os agentes, conseguindo prender os seguintes criminosos:

José dos Santos Salvador, o «José da Russa», com largo cadastro, por roubo e desordem e pertencente á quadrilha do «Carêtas», um dos salteadores que tem dado os assaltos a que acima nos referimos. E' fugitivo do forte de Monsanto, onde estava para seguir para Loanda.

José Rodrigues ou José d'Almeida, o «Rôla», gatuno e salteador de largo cadastro, que já fez uma morte e foi entregue ao governo, andando agora em liberdade indevidamente. Antonio Ayres, o «Arricado», com 5 prisões por se introduzir em casa alheia para roubar; Manuel Carlos Travassos, com 11 prisões, por furto e desordem, mas que actualmente trabalha, para fugir á acção da policia, nas obras da Exploração do porto de Lisboa.

Antonio Alves, tambem com prisões por furto; Antonio Ferreira, o «Mulato d'Alcantara», com 9 prisões por roubo e faquista e, finalmente, Joaquim José, José Marques d'Almeida e José Alves Capela, todos com cadastro.

A's 2 horas da madrugada foram todos removidos da esquadra do Calvario, acompanhados d'uma escolta da guarda republicana, para o governo civil, onde deram entrada nos calabouços.

Como esclarecimento importante, diremos que todos os gatunos, desde que principiaram as rusgas, trabalham de dia e só roubam de noite, para a policia os não poder prender nem julgar como vadios.

No governo civil foram hoje presentes a julgamento os seguintes individuos: Luiz de Sande, absolvido; João Alves Neves, enviado para a sua naturalidade, Barcelos; Artur Bota, condenado a ser entregue ao governo, e Alfredo da Piedade, absolvido.

O escandalo das manteigas

Os gerentes da Empreza Industrial de Lacticinios Limitada, srs. Antonio Cardoso Rebelo e José Jacinto Botelho, enviaram-nos uma longa carta em resposta á do sr. José Ramos Jorge. A absoluta falta de espaço impede-nos de a inserir na integra, limitando-nos, por isso, a recortar os seguintes periodos:

«Em primeiro logar é necessario distinguir a Empreza Industrial de Lacticinios L.ª, d'alguns dos seus socios que, são metalistas. Com efeito a Empreza nunca precisou de manteiga, pois nunca envia para Lisboa, e, por isso, nunca necessitou de dirigir-se ao sr. Ramos Jorge.

«O mesmo, porém, não aconteceu áqueles dos societarios que são retalhistas, pois se a qualidade e absolutamente fóra já da acção ou interesses da Empreza, sempre que precisavam de obter manteiga tinham que pagar os bons graças do sr. Ramos Jorge, sendo mesmo este senhor quem muitas vezes vinha em pessoa e aos respectivos estabelecimentos fazer as reclamações e no sentido de receber a contribuição que nos lançava».

«A Empreza Industrial de Lacticinios L.ª não foi fundada por açambarcadores, como o sr. Ramos Jorge insinua. Foi fundada por lacticinistas já estabelecidos e que viram ser essa a melhor forma de adquirirem pelo proprio esforço o artigo de que careciam: isto é, aquilo que os seus açambarcadores, como o infeliz chefe de secção do extincto Ministerio dos Abastecimentos lhes chama, ainda não tomaram ou que não haviam tomar de trespasse qualquer estabelecimento ou empresas de manteigas das muitas que ha pelas ilhas e pelo continente».

E finalmente:

«Quanto á ida de comissarios nossos á Madeira e aos Açôres, para açambarcarem a manteiga, como ele diz a verdade é que foram alí para comprar o producto de que careciamos, por preço inferior ao da tabela, e se a manteiga atingiu o preço elevado que chegou, foi isso devido simples e unicamente aos manejos de alguns consignatarios que, sentindo-se lesados nos seus interesses, trataram por todos os meios, durante todo o tempo da guerra, oferecendo maior preço aos fabricantes. E claro que não podiamos deixar-nos bater. O que acabamos de afirmar prova-se com documentos que estão no Ministerio juntos a uma exposição que ha tempo entregámos ao sr. Tavares da Silva, então director geral do Comercio Agricola».

POEIRA DA ARCADA

A falta de tabaco

Conferenciou hoje com o sr. ministro das finanças o comissario geral dos tabacos.

Escola de tiro de infanteria

Vae ser dirigido convite aos subalternos de infanteria com o curso da arma e qualquer especialidade em França para irem servir na escola de tiro daquela arma.

Politica

A questão dos altos comissarios africanos

A comissão de colonias, que hontem celebrou uma demorada sessão, não conseguiu chegar a acordo respectivamente ao novo regimen ultramarino. As opiniões dividem-se, conforme as diversas correntes politicas apresentadas na comissão. Assim, emquanto que os democraticos preconisam uma larguissima descentralisação, com amplissimos poderes para os altos comissarios, outros grupos parlamentares fazem restricções, conforme, aliás, as notas oficiosas que já enviaram aos jornaes. Recorreu-se, na sessão d'hontem, a um expediente, a vêr se é possivel encontrar-se uma plataforma aceitavel para todos os grupos parlamentares. O expediente consistiu na nomeação d'uma sub-comissão, encarregada de estudar os trabalhos já realisados e d'eles extrahir o que de melhor ou mais adaptavel fôr encontrado. A questão ficou suspensa até á entrega do parecer d'esta subcomissão.

Conselho de ministros

A's 17 horas, emquanto a Camara dos Deputados se ocupava dos projectos de interesse regional, reuniu-se n'uma das salas de comissões, o conselho de ministros, para se ocupar da nomeação dos altos comissarios, das medidas a tomar contra a propaganda dissolvente e do discurso do sr. Alberto Tota na camara municipal.

Luiz Saude Junior

O actual reporter de «A Capital» sr. Luiz Saude Junior exerceu durante a situação dezembrista um logar bem modesto no governo civil de Lisboa. Como esclarecimento devemos dizer que se desligou dessa situação tres ou quatro mezes antes dela cair.

O CAMBIO

Declarações do sr. ministro das finanças

O sr. ministro das finanças conferenciou, ao fim da tarde, em breve palestra nos Passos Perdidos, da camara dos deputados, as informações que o sr. Inocencio Camacho nos deu e que vão n'outro logar exaradas.

O sr. ministro das finanças assegurou-da fórma mais perentoria que nem o governo, nem ninguem em seu nome foram á praça comprar cambiaes e que não só não foram, como não irão n'estes tempos mais proximos, visto que existem no estrangeiro disponibilidades em ouro para a satisfação de todos os encargos do Estado.

Serviço telegrafico da tarde

PARIS, 4.—As questões pendentes com a Rumenia e a Hungria serão brevemente resolvidas.—(Havas).

WASHINGTON, 4.—A gréve dos mineiros será julgada pelo governo quando os mineiros voltarem ao trabalho.—(Havas).

CAIRO, 4.—As graves desordens que se deram em Alexandria causaram uma duzia de mortes.—(Havas).

PARIS, 6.—O sr. Lebrun, ministro das regiões libertadas, n'uma carta que dirigiu ao sr. Clemenceau apresentou-lhe a sua demissão de ministro.—(Havas).

PARIS, 3.—O coronel Heery entregou ao sr. Theodoroff a resposta que a «Entente» dá ás observações da delegação bulgara.—(Havas).

COPENHAGUE, 3.—O choque de comboios que se deu perto de Vigerloy, a quatro milhas de Copenhague, fez com que se voltassem seis vagons e que outros ficassem destruidos. O numero de mortos eleva-se a 70.—(Havas).

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

2369 — 10.º anno | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães | Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º | LISBOA — Sabado, 8 de Novembro de 1919 | Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL | Officina de impressão — 71, Rua da Bica, 71 | Preço, 2 centavos

Processos antigos

O que ultimamente se tem passado no Porto reclama mais uma vez o protesto de todos os liberaes, de todos os republicanos, e até de todos aqueles que, estranhos á politica, não abdicaram dos sentimentos da humanidade.

Primeiro, assiste-se ao espectaculo da intolerancia, não poupando-se os proprios republicanos. O sr. Antonio Granjo, realisando uma conferencia naquela cidade, viu-se interrompido por um grupo de creaturas que estabeleceram a confusão na sala, chegando a travar-se um conflito sério, só porque o orador ousara referir-se ao partido democratico, expressando a opinião de que ele se encontra gasto pelos seus erros. Nem sequer o facto do sr. Antonio Granjo ter sido um dos revolucionarios que acompanharam a tentativa heroica de Monsanto, em que os democraticos tiveram larga participação, conseguiu evitar o enxovalho de que foi vitima um cidadão que foi sempre republicano e pela Republica tem mesmo arriscado por varias vezes a vida.

Hontem, porém, deu-se ainda um facto mais grave.

Tendo-se realisado o julgamento de alguns individuos implicados na restauração monarquica, dois dos réus, que haviam sido absolvidos, foram, á saida do tribunal, e apesar de guardados pela policia, assaltados por um bando, á bengalada e a tiro. Só por um feliz acaso os dois absolvidos puderam salvar as vidas.

E' preciso concordar que estes espectaculos não podem continuar. Tem tudo de mau. Não só ultrajam todos os direitos, não só representam impetos de selvageria, não só ofendem o sentimento publico, como são verdadeiros erros politicos. Não dão de forma alguma o resultado que porventura deles se espera, sob o ponto de vista politico, que é sempre mais interessante do que o ponto de vista das vinganças pessoaes ou sectarias. Se se pensa assim estabelecer o terror, como escarmento a novas rebeliões, o erro é completo. Só um resultado contraproducente se obtem. Uma causa, que é bem superior á da traulitania, rebaixa-se assim até se nivelar com ela!

Estes actos brutaes do Porto são a reprodução de algumas scenas semelhantes que em tempo se passaram em Lisboa. Tambem se fez uso das pistolas; tambem se interromperam reuniões politicas; tambem se agrediram réus absolvidos á saida do tribunal que os julgára. Consolidou-se assim a Republica? Não. Firmou-se assim o dominio duma facção? Nem isso. Essa facção, dentro de breves mezes, via por terra os seus idolos, e ela propria era acossada pelos seus adversarios com uma furia ainda maior do que a sua propria furia.

Praticar violencias como as que ocorreram no Porto é dar armas aos adversarios da Republica. Pois ainda não se compreendeu isso? E' tão espesso o entendimento de certas creaturas que não percebem que estão trabalhando contra si mesmo? Pois entendam-o bem: o paiz quer ordem, tranquilidade, paz, respeito ás leis e garantias para a liberdade. O paiz não quer ser o joguete das facções. E perante a vontade de seis milhões de individuos, a meia duzia de energumenos que deshonram todas as causas com os seus crimes ou desvarios não conta absolutamente para nada.

POLITICA

Algumas falsas versões ácerca da circulação fiduciaria

Anda-se a segredar, com intuitos que, por força, não são confessaveis, que a circulação fiduciaria vae ser alargada, visto estar proximo o limite maximo autorisado. Segundo os boateiros apaixonados pelo descredito da Nação, a circulação fiduciaria, prestes a atingir 350 mil contos, não poderá ir além sem que surja uma nova providencia legislativa. Como tudo isto é pura fantasia vamos restabelecer a verdade dos factos.

A autorisação para emissão de notas do Banco de Portugal termina sómente em junho de 1920, isto é, um ano depois de firmada a paz. Até lá o Banco pode lançar em circulação mais algumas dezenas de milhar de contos, conforme as necessidades do tesouro, que ficou com o direito de se socorrer, para as suas necessidades, de suprimentos em forma de emprestimos. E' esta a situação, que não vale a pena estar a pormenorisar porque tudo consta de contracto, desde ha muito publicado, entre o Estado e o Banco de Portugal.

Fica, pois, desfeito o boato e tranquilisadas as almas aflitas que, qaes cassandras agoirentas, andam por ai a lastimar-se do proximo fim do mundo.

MUTILADOS DA GUERRA

A obra do Instituto de Santa Izabel

A entrega de 28.424$44 ao Instituto de Arroios — Um penhorante agradecimento á «A Capital»

Do nosso presado amigo e ilustre clinico sr. dr. Antonio Aurelio da Costa Ferreira, que com tanto amor e desvelado carinho se consagrou á obra da reeducação dos mutilados, recebemos, acompanhando um opusculo em que se historiam largamente os serviços do Instituto Medico Pedagogico de Santa Isabel, os seguintes penhorantes oficios:

Lisboa, 31 de outubro de 1919.—Sr. director do jornal «A Capital».—Tenho a honra de remeter a v. ex.ª um exemplar da publicação que este estabelecimento mandou imprimir de trabalhos feitos no Instituto Medico-Pedagogico enquanto funcionou como instituto de mutilados, instituição esta que muito deve á benemerita campanha que o jornal da digna direcção de v. promoveu a favor da assistencia aos nossos mutilados e estropeados da guerra.

Aproveito o ensejo para enviar tambem a v. uma copia do oficio que em 3 do corrente tencionava dirigir a v. e que não chegou a ser expedido por o sr. dr. Tovar de Lemos, director do Instituto de Arroios, se ter recusado a receber as importancias mencionadas no mesmo oficio, por haver recebido guia de licenciamento e eu ter tido necessidade de me ausentar do paiz por motivo de uma comissão oficial no estrangeiro.

Aquelas importancias, em que não estão ainda incluidos os respectivos juros, vão ser entregues no Instituto de Arroios no dia 3 do proximo mez de novembro e, logo que os juros se recebam, indicarei a v. a cifra total a que montou a quantia entregue.

Saude e Fraternidade.—O director, Antonio Aurelio da Costa Ferreira.

Belem, 3 de outubro de 1919.—Sr. director do jornal «A Capital».—Com muito prazer informo v. de que n'esta data mando fazer entrega de dois cheques, um na importancia de Esc. 5.958$75 e outro na de Esc. 22.465$69, ao sr. director do Instituto de reeducação de mutilados de Arroios.

A primeira importancia é o saldo do capital que ao Instituto de Santa Izabel se organisou com donativos expressamente destinados a serem distribuidos pelos mutilados da guerra, avultando sobretudo n'esse capital o importante donativo feito pela comissão das Senhoras do Pará, por intermedio do sr. Candido Sotto Maior, e que já está quasi todo distribuido; a segunda importancia é o que resta da quantia de 33.113$87, que foi concedida por varios ao Instituto de Santa Izabel, para melhorar os serviços de assistencia aos mutilados. Não obstante o fim a que se destinava, entendo que n'este momento, em que estamos perto do fim da nossa missão, esse saldo se deve juntar ao primeiro capital, para ser distribuido oportunamente e igualmente por todos os mutilados da guerra.

Do que nos foi concedido bastante fica em melhorias dos diversos serviços do Instituto de Santa Izabel e que vae aproveitar a outros mutilados, vitimas de flagelos sociaes, que estão quasi sem amparo entre nós: as crianças fisica ou mentalmente mutiladas e estropiadas.

Ao dar conta a v. do destino que dei ao que nos foi entregue para aplicar em beneficio dos mutilados, faço-o não só por ser meu dever, mas tambem para tornar publico o meu agradecimento e para informal-o de que, emquanto não saí a lume noticia precisa e minuciosa sobre a origem dos donativos e sua aplicação, se faculta o exame de todos os documentos a eles concernentes, a quem o quizer, bastando para isso dirigir-se ao sr. Superintendente dos serviços administrativos do Instituto de Santa Izabel, todos os dias, das 11 ás 15 horas.

E' a v. que publicamente me dirijo, porque foi no seu jornal que mais intensamente se fez a campanha em favor da assistencia aos mutilados da guerra, campanha de que foi principalmente generoso fructo a soma dos donativos recebidos.

Bem hajam todos os que nos auxiliaram, e muito particularmente v. e o dr. José Pontes, cujos nomes figuraram, em logar de destaque, na lista dos protectores do nosso Instituto.

Pode v. e todos os que nos ajudaram na benemerita e patriotica campanha que, por intermedio do Instituto de Santa Izabel, a Casa Pia levou a cabo, podem todos contar com a nossa sincera, profunda e imperecivel gratidão.

Saude e Fraternidade.—O director, Antonio Aurelio da Costa Ferreira.

PELO TELEGRAFO

Na America do Sul

O tratado de paz na camara brazileira

RIO DE JANEIRO, 8.

A Camara dos Deputados continua ainda a discutir o tratado de Versailles. Ignoram-se por emquanto quando terminarão os debates.—(Americana).

Cotação cambial, preço do café

RIO DE JANEIRO, 8.

Cambio sobre Londres 15 11/32 e 15 7/16, respectivamente para a compra e venda. Cotação do café, 7 corrido, 17$900.—(Americana).

Os Sports

Todos os sportsmen devem lêr ámanhã o jornal «Os Sports»

Criticas
Informações
Artigos tecnicos
Noticiarios de clubs, etc.

Marinheiros que se queixam

Alguns dos marinheiros que foram deportados, em fevereiro de 1918, pela situação dezembrista, ainda não regressaram á Patria. E, ao que nos comunicam, estão sendo alvo de perseguição da parte de certos elementos, visto que os mandam para os postos do interior, em vez de, como de ha muito se devia já ter feito, os mandarem para a metropole.

Tambem alguns desses marinheiros, que, como se sabe, foram mandados reintegrar na armada com todos os vencimentos e garantias, pelo decreto n.º 5172, de fevereiro do corrente ano, se nos queixam de que ainda não receberam os vencimentos que lhes competiam, o que, como é de crêr, lhes causa enormes transtornos e dificuldades.

Ambos os factos são graves e para eles chamamos a atenção dos srs. ministros da marinha e das colonias.

Lêr ámanhã na «Capital»

Ambições... e novas formulas

artigo do DR. JOSÉ PONTES

Os novos artistas

Realisa-se ámanhã, no teatro Nacional Almeida Garrett, a «matinée» popular gratuita para concurso a premio de duas das mais distintas alunas que teem cursado a Escola da Arte de Representar: Lilia Lopes, uma encantadora ingenua, dizendo com muito sentimento, «fausse-maigre» expressiva e inteligente de que ha muito a esperar no teatro, e Catalina Giménez, muito graciosa, muito viva, que terá decerto um bom logar na scena interpretando as «soubrettes» e as caracteristicas. Representam-se: «D. Ramon de Capichuela», de Julio Dantas, «Tartufo» (2.º acto), de Moliére e Castilho, «Casa da Boneca» (2.º acto), de Ibsen, «Dó Sustenido», de Mario d'Almeida. Na intenção de fazer com que, nesta ultima audição de concurso, as alunas concorrentes contrascenem quasi exclusivamente com artistas de alto valor, tomam parte no espectaculo os professores da Escola D. Lucinda do Carmo, Augusto Melo, Antonio Pinheiro e Carlos Santos e os ilustres artistas Joaquim Costa e Teodoro.

Dois furtos importantes

Os gatunos entram por arrombamento em casa do sr. Almeida Grandela, no Luso

A' policia de investigação criminal de Lisboa foram hoje requisitados por telegrama dois agentes, a fim de seguirem para Barrô do Luso, na Mealhada, e ali procederem a averiguações sobre um furto importante praticado no conhecido comerciante e industrial sr. Francisco d'Almeida Grandela.

Os gatunos, que entraram por arrombamento na referida casa, levaram dali todo o mobiliario que encontraram, roupas e colchas de grande valor.

Os agentes requisitados seguem ao seu destino, depois de ámanhã.

Os gatunos assaltaram tambem a propriedade que o sr. Carlos Black, possue no Dafundo, proximo á Cruz Quebrada. Saltando o muro da quinta, conseguiram depois arrombar as portas da habitação, levando o que melhor lhes conviu, deixando nalgumas casas apenas as paredes. O caso está sendo investigado pelo administrador do concelho de Oeiras, que nas suas diligencias é auxiliado pelo cabo e guardas da segurança que se acham destacados naquela localidade. A familia Black só deu pelo roubo quando ante-hontem, acompanhada do seu «chauffeur», se dirigiu á Cruz Quebrada.

NO PAÇO DE BELEM

O presidente da Republica e a Imprensa

«A Republica carece de se arrojar mediante processos novos de trabalho — diz S. Ex.ª na sua alocução

Como se tinha noticiado, realisou-se hoje no paço de Belem, pelas 15 horas, a reunião a que, pelo sr. presidente da Republica, foram convidados os directores dos jornaes de Lisboa. Compareceram jornaes de Lisboa e os representantes dos das provincias.

O sr. dr. Antonio José d'Almeida, que estava acompanhado pelos srs. presidente do ministerio e ministros da instrução e dos estrangeiros, apoz os cumprimentos, leu a seguinte alocução:

Senhores Jornalistas:—Agradeço-vos a amabilidade com que acedestes ao meu convite e tenho a honra de vos saudar.

Subindo ao alto posto em que me encontro, não podia deixar de ter para com a imprensa uma deferencia muito especial, e, não só por ela ser a grande força que em tudo superintende e tudo domina, mas porque lhe devo favores inolvidaveis e tantos que tudo o que sou deriva do poder que ela generosamente me concedeu. Foi ela que anotou a minha vida politica, dando-lhe imerecido relevo, e foi no seu seio, partilhando das suas lutas, que definitivamente se formou o meu caracter de homem publico. De facto, toda a vida sentirei orgulho de haver participado activamente dos combates da imprensa, e, se é minimo o quinhão de glorias que me cabe, é grande o beneficio que para mim adveio de essas pugnas, em que, tantas vezes, na defesa de um ideal patriotico, me medi com poderosos adversarios.

Terminou a grande guerra, mas, por muito tempo, se ha de sentir o efeito das tempestades que ela desencadeou, e o mundo, alarmado pelas consequencias da catastrofe, procura anciosamente horisontes que o conduzam á tranquilidade e á abundancia. E' esta a hora decisiva em que se marca o destino das nações e, em todas elas, a imprensa vae desempenhar um papel preponderante, impelindo as grandes massas humanas pelo caminho de novas tentativas e esclarecendo e fiscalisando a acção daquelas a quem compete conduzil-as.

Mais uma razão, ou, por outra, é esta a razão principal que me determinou a pedir este momento de convivio patriotico aos jornalistas do meu paiz.

A Republica Portugueza carece de se arrojar mediante processos novos de trabalho, áqueles empreendimentos que, ainda ha pouco, pareciam superiores ás suas forças, mal cabendo no ambito das suas aspirações. O momento é para as audacias economicas, e temos que o aproveitar se queremos assegurar ás gerações futuras uma situação de independencia e prosperidade.

O trabalho será gigantesco, mas, em compensação, o exito será formidavel. Basta persistencia, tenacidade e coragem inteligente para desentranhar da terra as riquezas fabulosas que ela contem, ou seja a amada terra continental, onde, como Nação, nascemos, ou a não menos querida terra de Africa que com o nosso sangue conquistámos e colonisámos.

Um mundo novo se abre deante de nós. Se soubermos avançar para ele resolutamente, venceremos. Para incutir esta ideia no animo do povo e a estimular no espirito das classes dirigentes, solicito, srs. jornalistas a vossa decisiva interferencia. Deposito uma confiança ilimitada no vosso patriotismo. Para semelhante efeito, todos certamente vos ides entender e harmonisar. Cada um desfraldando o seu pendão politico e vincando os processos da sua escola jornalistica, mas todos formando quadrado, ides trabalhar na missão sagrada de engrandecer a Patria pelo fomento da sua riqueza e pela dignificação do seu ideal patriotico.

Nenhum perigo especial nos cerca neste momento. Mas a Nação corre o perigo,—e esse bem grande,—que é comum a todos os povos, que, não comprendendo o significado dos ultimos terriveis acontecimentos que ensanguentaram o mundo se deixaram ficar parados numa inercia, a um tempo imbecil e criminoso.

Tenho uma fé inabalavel nas virtudes da Raça e nos destinos da Patria, que é imperecivel, mas, srs. jornalistas, cumpro um dever de Chefe de Estado e satisfaço um vivo desejo de antigo camarada vosso, pedindo-vos que alumieis com a vossa inteligencia o vasto campo, onde encontraremos a felicidade se o soubermos regar com o suor da nossa fronte.

Respondeu, em nome da imprensa, o director do «Seculo», sr. Silva Graça, que significou, em termos concisos, a satisfação da imprensa pelo facto do sr. presidente da Republica querer manter com esta as melhores e mais amistosas relações e se ter recordado, de que foi jornalista e director dum jornal.

Foi seguidamente servida uma taça de Champagne, brindando o sr. presidente da Republica á imprensa em palavras da maior gentileza e amabilidade. Foi ainda o sr. Silva Graça quem respondeu, brindando pelo chefe do Estado, cujas qualidades exalçou.

Passaram depois os presentes ao «terrasse», onde foi tirada uma fotografia e, apoz uns momentos de cordeal conversação, se despediram do sr. dr. Antonio José d'Almeida, em extremo penhorados com a cativante recepção.

A AVENTURA MONARQUICA

Os acontecimentos do norte

O julgamento do tenente-coronel sr. Gama Lobo

Respondeu hoje o tenente-coronel sr. Antonio Urbano da Gama Lobo, 2.º comandante do regimento de infantaria 3, aquartelado em Viana do Castelo. Era acusado de fazer parte da coluna realista que operou no districto de Aveiro, comandando um destacamento mixto que combateu na Sobreira contra as forças fieis á Republica.

A sua defeza foi confiada ao coronel sr. Jorge Maia, defensor oficioso.

O acusado declarou que estando em Viana, quando se desenrolaram os acontecimentos do Norte, se recebeu ali um telegrama dando conta da restauração monarquica, e ordenando a partida do regimento de infantaria 3 para o Porto, onde esse regimento esteve apenas um dia, seguindo para o districto de Aveiro, a fim de reforçar as unidades que para ali já tinham partido. Chegado a Estarreja, limitou-se a cumprir as ordens do comandante do regimento, comandando que havia sido assumido pelo tenente-coronel sr. Martins de Lima.

Em Viana do Castelo o regimento só aderiu ao movimento monarquico depois da ameaça do quartel ser bombardeado.

Das testemunhas de acusação nenhuma acrescentou mais pormenores. As de defeza, capitães srs. Francisco Calheiros e João Artur Moraes da Rosa, declararam que o tenente-coronel sr. Gama Lobo, quando da restauração monarquica no Norte, havia resolvido com os seus camaradas não acatar as ordens do comandante da 8.ª divisão, mas, tendo artilharia 5 assestado as suas peças para o quartel de infantaria 3, ameaçando-o de ser bombardeado caso não aderisse ao movimento, resolveram entregar-se, tanto mais que do Porto havia seguido para Viana do Castelo uma coluna mixta para os obrigar a render-se.

Seguiram-se os debates e depois a leitura da sentença, sendo o réu condenado em 4 mezes e 28 dias de prisão correcional. Como a prisão sofrida é egual á pena em que foi condenado, foi restituido á liberdade.

O sr. ministro da guerra confirmou as sentenças em que foram condenados os seguintes acusados:

Luiz Costa Falcão Aranha, alferes miliciano de artilharia; Antonio Luiz dos Santos Nunes, alferes miliciano de artilharia 1; João Gomes Soares, aspirante a oficial de artilharia; Francisco Sebastião de Caires Fernandes, aspirante de administração militar, e José Francisco Quintino Rogado, 1.º sargento cadete.

Julgamentos do C. E. P.

São 15 os reus do dia 12, pelo crime de insubordinação

Como já se noticiou, os julgamentos do C. E. P. começam no dia 12, no tribunal militar especial do C. E. P., que funcionará no edificio do antigo convento das Trinas.

Nesse dia serão submetidas a julgamento 15 praças de infantaria 23, que se insubordinaram em França. O julgamento é importante, sendo elevado o numero de testemunhas.

A seguir, em dia ainda não designado, serão julgados 83 réus, que estão presos em Elvas, pelo crime denominado «a insurreição da brigada do Minho».

Defensor oficioso é o tenente coronel sr. Osorio de Castro, promotor de justiça o capitão sr. Olympio de Melo, juiz auditor o sr. Charters d'Azevedo e secretario o tenente sr. Videira.

AOS SABADOS

A semana literaria

Já a quando da sua aparição, **A Capital** transcreveu um trecho da prosa impressiva e minudente do **Amor Creoulo**, o livro postumo de Abel Botelho.

Hoje, embora tardiamente, vae referir-se-lhe mais detalhadamente conforme os habitos e costumes deste jornal.

Amor Creoulo, por Abel Botelho — Edição de Lelo & Irmão — Porto

Não é a critica ao ultimo livro de Abel Botelho aquilo que encontrareis aqui. Habituado ás comezinhas manifestações literarias de hoje, raramente surgindo quem de valia, tocar numa obra de peso e fulguração intelectual do quilate que tem o obra de Abel Botelho parece-nos pesado encargo e ousada profanação. Abel Botelho, não parece já do nosso tempo; no deserto actual, presente-se que pertenceu a uma sociedade de energias e perfeições que morreu, acabou. Por isso, analisar um livro, um ultimo livro, manufacturado com a beleza e a forma dum escritor possante, torna-se-nos impossivel tarefa, tanto nos acodem á pena os elogios e as saudades dum tempo em que havia literatos e poetas, romances completos, obras homogeneas e intensas, e novelas, como esta, com 400 paginas e ainda longe do fim...

Se o espaço de que dispómos não fosse tão acanhado, caberia antes aqui, um estudo á obra discutida de Abel Botelho, que a morte subitamente inutilisou no periodo talvez da sua mais perfeita, lucida, e robusta pujança. Não vão ainda longe os seus romances que com a sua patologia vivida escandalisaram o meio já ofendido pela escola realista. Na sua obra havia tipos estranhamente anomalos, perversas corrupções moraes, psicologias tenebrosas, devassas, que Abel Botelho condenava ou pelo sarcasmo ou pelas agruras a que os conduzia no seu cru realismo.

O ultimo livro publicado por Abel Botelho, este «Amor Creoulo» que muito louvavelmente a casa Lelo & Irmão editou, constitue, uma obra de extensa paisagem, de flagrante colorido e minudencia curiosa, está incompleto; chegado a um ponto culminante da novela, quando em pleno desenvolvimento, a obra extingue-se, inutilisada, quebrada, impossivel de se prolongar. Até ali, tudo é um solido romance, brotado como de um folego, o que não tendo os ultimos retoques duma revisão, mais valor, como documento tem para o estudo da personalidade literaria de Abel Botelho.

O seu descritivo é extraordinariamente interessante. São 133 paginas para nos levar no «Almeria», de Lisboa até Buenos Aires. Toda a viagem é um deleitoso prazer, com companheiros internacionaes, bem vincados nas personalidades; depois a America novissima, essa Argentina elegante, parisiense que tem carreiras de cavalos e «boulevards» europeus, grandes escandalos e vida de especulações; depois, as paginas mais quentes, mais belas das «pampas», a terra argentina, lendaria que vive brilhante na prosa riquissima deste portuguez ilustre:

«Monotono, desdobrara agora a sua toalha de fertilidade inexgotavel o maior celeiro do mundo,—inestimavel manancial de produção e tesouro de abundancia em que os nativos firmam a sua imprevidencia, os colonos a sua esperança, os mercadores a sua codiça e os milionarios a sua riqueza. Começava o desdobramento da interminavel «steppe» argentina, a landaria «pampa», essa famosa e imensa planura verde, dum verde caracteristico e proprio, um verde que á força de carregado e sombrio é quasi azul; assim como ao alto, o azul da abobada celeste á poder de claridade e leveza, é quasi branco; assim como na fecundidade palpitante é quasi negro o sulco rasgado na crosta humida da terra».

Seguiriamos a nossa transcrição, tão cheia de beleza é, na evocação duma terra maravilhosa de barbaras lendas «gauchas», terra de promissão, de paz e amor, se não corressemos o risco de não podermos terminar. Depois «a doma de potros» o espectaculo regional da maior barbaridade e destreza, torneio de força e inteligencia que é para a Argentina a diversão caracteristica do campo; e então, quasi no final da parte realisada por Abel Botelho, a urdidura romantica, o enredo a iniciar-se, o leve e natural conflito sentimental a surgir, depois de perfeitamente vincados, modelados os caracteres das personagens em choque.

Foi, dessa visita á Argentina, que surgiu a obra produzida pelo nosso diplomata literato. E' um belo volume de castiça prosa, onde muito podem beber os novos literatos de hoje, desencorajados e pobres. E fica-se com a impressão que hoje não se escreve assim, nem tão bom, nem tanto, e que com Abel Botelho, com Teixeira de Queiroz, foram-se os ultimos duma geração grande e de valia.

* *
*

Reviu a obra, numa tarefa ingrata e espinhosa o distinto escritor do Porto, João Grave. Tocar na obra dum grande escritor da nossa terra, rever por ele, a sua prosa, é uma missão delicada, escrupulosa, que João Grave com uma probidade e um acerto inteligente levou a efeito com exito. E, ponto; não mais teremos a registar uma outra obra, original, pujante e bem caracteristica, duma alto espirito literario, mordente e observador, escalpelisador e psicologo que foi o autor do «Barão de Lavos» e do «A'manhã», dos «Lazaros» e do «Amor Creoulo».

A. F.

A praça Luiz de Camões ás escuras

Continuamos a repetir e não nos cançaremos de o fazer: é uma vergonha, uma autentica vergonha, o que se está presenciando em Lisboa com a falta de iluminação. Emquanto durou a guerra, servia ela e desculpa e, lá nos tinhamos de sujeitar ao que os senhores que mandam muito bem queriam fazer. Agora, porém, essa desculpa já não serve.

A praça Luiz de Camões, uma das mais centraes da cidade, continua mergulhada em densas trevas, a ponto de se não conhecerem as pessoas que passam junto umas das outras, a não ser em noite de luar.

Isto não pode continuar. As representações da junta de paroquia da Encarnação não são atendidas; os clamores dos moradores e da imprensa igualmente são votados ao desprezo.

Não, não pode ser. A companhia, a camara municipal e em ultima instancia o ministerio do interior, teem de dar providencias, e imediatas. Basta de vergonhas e de desmazelos, que nos vexam aos olhos de nacionaes e estrangeiros.

CRAPULA CITADINA

A policia prende uma quadrilha de «sovaqueiras» ha dias chegada do Porto

Não descançam os amigos do alheio, os quaes dia a noite continuam pondo em pratica as suas proezas. Os furtos sucedem-se, apesar dos rusgas á cidade e do director da policia de investigação diariamente ir condenando os mais temidos gatunos e vadios de cadastro a serem entregues ao governo. Nas celas civis, já quasi que não ha logar para mais presos; no forte de Monsanto ainda se encontram 700 condenados que já de ha muito aguardam que lhes seja dado o devido destino e por infelicidade de todos nós anuncia-se para breves dias a chegada ao Tejo de um barco, conduzindo 160 vadios que de Africa regressam á metropole.

Pelo visto, nunca se conseguirá fazer uma limpeza definitiva e capaz á capital, a qual continuará á mercê dos gatunos e criminosos de toda a especie.

E, como se não fôsse suficiente o numero de larapios que ha em Lisboa, ainda do Porto nos veiu uma temida quadrilha de sovaqueiras, para exercer a sua rendosa missão nos estabelecimentos da Baixa, onde tem feito larga colheita.

Alguns membros d'essa quadrilha, foram hoje presos no Chiado, esquina da rua do Carmo, quast em flagrante, quando haviam furtado roupas varias nos estabelecimentos proximos. Deram-lhes caça os agentes Antonio Pereira e Serra, que conseguiram deter tres sovaqueiras, que se faziam acompanhar de um gatuno de golpe.

Conduzidos para o governo civil declinaram as suas identidades: Aurora Faria de Oliveira, Albertina da Costa, Maria de Jesus e Maria dos Santos. Elas fazem-se passar por creadas de servir, indo, munidas dos competentes cestos das compras, aos estabelecimentos, onde surripiam o que lhes aparece.

A chefe d'esta quadrilha é Aurora dos Santos, que vendo-se presenteada pelos agentes da investigação, teve ocasião de se pôr a salvo.

Na leva seguiu tambem a creada de servir Albertina da Costa, que na ocasião estava conversando com uma das «sovaqueiras», a qual ao vêr os agentes lhe impingiu o cesto que continha roupas furtadas. Apurada a inculpabilidade da rapariga, foi pouco depois restituida á liberdade.

No governo civil, perante o director da policia de investigação, apenas hoje respondeu João de Deus Carvalho, preso nas recentes rusgas. Foi absolvido.

PROBLEMA VITAL

O valor locativo tem de ser tomado em conta

O que tal respeito diz o director geral das contribuições directas em França

—Estas nossas palestras — diz-nos hoje o nosso entrevistado — teem o dom de interessar muita gente, mesmo muita mais do que se póde supôr. A uns agradam as verdades que aqui tenho dito na minha linguagem simples e despida de artificio, que o meu amigo sabe tão bem reproduzir, a outros desagradam elas. Se ouvisse os comentarios que, por vezes, á noite se fazem nalguns centros de cavaco a respeito do que n'«A Capital» se diz!

—Faço idéa!

—Não, não faz, nem pode fazer. Só ouvindo.

E, rindo com satisfação:

—E como não sabem quem é o autor dos artigos—vá lá o termo—nem quem é que dá as informações, fazem-se mil conjecturas, algumas deveras interessantes. Mas, vamos ao que importa. Dissemos já, e repito, que o valor locativo das casas, tanto as do inquilinato comercial como as do industrial, em Paris, segundo o relatorio do director geral das contribuições directas, resulta, quasi que exclusivamente, do maior valor das casas do centro de Paris, e não de se terem feito novas edificações.

O nosso amavel informador abre um relatorio que tem em cima da sua secretaria e diz-nos:

—Ouça. São palavras, não minhas, mas do funcionario a que me tenho referido:

«No centro de Paris é a «maior-valia» a causa exclusiva do aumento das rendas. Ha já alguns anos que o comercio de luxo está concentrado em certos bairros, onde as casas outr'ora destinadas á habitação foram transformadas em estabelecimentos comerciaes ou industriaes e alugadas por preços muito elevados.

«E' assim, por exemplo, que, nos ultimos dez anos, o valor locativo dos vinte e quatro predios da praça Vendôme, onde não existem já casas alugadas para habitação, passou de 2.247:812 para 3.435:532 francos, o que equivale a dizer que tiveram um aumento de 53 por cento no seu valor locativo, devendo notar-se que a maior parte desses predios é objecto de arrendamentos já antigos e não sofreu ainda aumento de rendas, mas cinco desses predios, cujos arrendamentos terminaram e que tinham, ha apenas alguns anos, um valor locativo de 410.820 francos, já hoje estão alugados por 1.068:020 francos, sendo portanto o aumento superior a 160 por cento».

Fechando o relatorio, continua o nosso entrevistado:

—Como vê, estes numeros alcançam a 1 de janeiro de 1911, quasi quatro anos antes do começo da grande guerra, quando a situação era muito diferente da actual.

«Tem-se dito e repetido muitas vezes que a guerra impediu a continuação do aumento das rendas em Paris. Nada de menos verdadeiro. Num artigo publicado pelo notavel economista Rafael Georges Levy na «Revue des Deux Mondes», em 1 de julho de 1916, diz esse escritor que o valor locativo das casas sujeitas ao inquilinato comercial tinha, no dia 1 de janeiro de 1915, atingido a cifra de 431.000 contos, tendo, portanto, aumentado, nesses quatro anos, cerca de mais 7 por cento.

«Quanto ao modo por que os aumentos feitos nas contribuições em consequencia da guerra, os aumentos de salarios, a recente diminuição de horas de trabalho e o aumento de preço dos materiaes de construção se teem reflectido nas rendas em Paris temol-a nós nos seguintes periodos dum artigo de Dutry, em «Le «Journal», de 10 de maio ultimo:

«De extremo a extremo de Paris, é geral, nos primeiros quatro mezes de 1919, o aumento das rendas que nalguns «arrondissements», em especial no 15.º e no 7.º, chega a ser de 100 por cento acontecendo em todos os outros «arrondissements» que os aumentos constatados variam entre 75 e 100 por cento».

—Pelo que vejo, não foi proibido em Paris o aumento da renda das casas.

—Não. Lei alguma foi promulgada a tal respeito. Todos os aumentos se acham justificados, quer pelo maior valor dos imoveis, quer pelo aumento de encargos dos proprietarios. Foi assim que a camara franceza aprovou o projecto a que me referi, que, diga-se de passagem, foi longamente discutido, tendo sobre ele falado os mais distintos economistas francezes. Uma das opiniões mais autorisadas, a de Ribot, quando presidente do conselho e ministro das finanças póde bem avaliar-se pela seguinte passagem dum discurso por ele proferido:

«A propriedade imobiliaria constitue um elemento importantissimo da fortuna nacional e, consequentemente, da materia colectavel.

Opôr-me-ei a todas as combinações que ataquem os justos interesses dos proprietarios, porque quero reservar o aumento das suas faculdades tributarias para a organisação dos futuros orçamentos.

Reduzir á esterilidade os biliões de francos desse ramo da riqueza seria extremamente perigoso e absolutamente ilogico».

«Em França pensa-se assim. Os estadistas dignos desse nome são os primeiros a defender os legitimos interesses dos senhorios. Exactamente ao contrario do que se pratica em Portugal, onde os nossos legisladores se não importam, com o sacrificar aos interesses de uns os de outros, sem procurarem o justo equilibrio entre as duas partes.

«E' o que até agora tenho aconselhado e continuarei aconselhando, e, se por acaso as minhas palavras algum valor teem, que as ouça e pondere quem para isso tiver competencia. Do que se pensa em Inglaterra, continuaremos ámanhã. São horas, hoje, de passar a outro assunto.

Um cordeal «shake-hands» poz termo á entrevista.

A. C.

Oleo combustivel

O movimento de navios, abastecendo-se de oleo combustivel nos depositos da Banatica, pertencentes á LISBON COAL & OIL FUEL C.º, tem sido de 1 a 8 do corrente o seguinte:

Sabado	1 de Novembro	Vapor holandez	«Ceres»
Domingo	2 de Novembro	Vapor holandez	«Ulysses»
Segunda	3 de Novembro	Vapor inglez	«British Duke»
Terça	4 de Novembro	Vapor inglez	«British Duke»
Quarta	5 de Novembro	Vapor inglez	«Cassis»
Quinta	6 de Novembro	Vapor inglez	«Camilo»
Sexta	7 de Novembro	Vapor inglez	«British Empress»
Sabado	8 de Novembro	Vapor americano	«Ablanset»

tendo sido avultados as quantias deixadas em Lisboa por estes vapores por direitos de pilotagem, de porto, serviço de rebocadores e botes, mantimentos e outras despezas inherentes a um movimento de navegação desta importancia.

De hoje até 15 do corrente são esperados mais 9 vapores, todos vindos a Lisboa unica e exclusivamente para se abastecerem de oleo combustivel.

A LISBON COAL & OIL FUEL C.º vê assim coroado de um exito, além do esperado, a sua iniciativa arrojada de dotar, sem olhar a dispendio, o nosso porto com uma estação de aprovisionamento do modelo mais moderno e todos aqueles que directamente ou indirectamente teem interesses no desenvolvimento do porto de Lisboa reconhecerão certamente quanto para o mesmo desenvolvimento está contribuindo de fórma tão pratica quão evidente a LISBON COAL & OIL FUEL C.º, actualmente montando em diversos portos de Portugal instalações no genero da sua instalação de Lisboa, ás quaes certamente está reservado o mesmo sucesso.

Theatros e Cinemas

Primeiras e reposições

TEATRO POLITEAMA. — «Blanchette», tres actos de Brieux.

Reapareceu hontem a companhia Aura Abranches-Chaby Pinheiro. Reapareceu tambem a «Blanchette». Bons artistas e bom teatro. Chaby mais gordo, Aura mais magra, Jesuina um pouco mais esganiçada. Todos muito bem; Chaby—desnecessario é acentuar—na perfeição dos detalhes; mas Aura mais segura, com uma mais sentida dramatisação e mais certeza do palco; expressões e frases que lembraam Adelina—o que é o melhor elogio a fazer-lhe.

Os restantes artistas n'um conjunto agradavel, esforçando-se todos por não esbravear a arte, como presentemente sucede por muitos palcos e... bons.

A peça é bastante velhinha, e por isso não lhe tocamos.

A. F.

Noticiario

Portugal

Na egreja do Loreto celebrou-se esta manhã uma missa comemorativa do terceiro aniversario da morte do emprezario Afonso Taveira, a que assistiram a sua viuva, actriz Tereza Taveira, filhos e numerosos artistas dos varios teatros da capital.

Intercambio universitario

Para assistir á conferencia que hoje, pelas 21,30, realisa na Sociedade de Geografia o professor da Universidade de Paris mr. Perrin, os socios dessa Sociedade podem fazer-se acompanhar de senhoras de suas familias.

Instrucção Militar Preparatoria

SOCIEDADE N.º 2—A instrução é ás 9 horas, aos domingos, no quartel das Janelas Verdes.

SOCIEDADE N.º 26—A instrução realisa-se aos domingos, ás 9 horas, no liceu de Pedro Nunes.

Companhia das Roças Plateau e Milagrosa

De ordem do sr. presidente e em harmonia com o art. 23.º dos Estatutos, é convocada a ASSEMBLEIA GERAL ordinaria desta Companhia, a reunir na séde, Rua Augusta, 193, 1.º, no dia 10 de Novembro, pelas 15 horas, a fim de discutir e votar o relatorio e contas apresentadas pela Direcção relativo ao segundo exercicio 1918-1919, parecer do Conselho Fiscal e eleição de um Director. Os livros e documentos de escripta da Companhia estão patentes no escritorio para serem examinados pelos srs. acionistas.

Lisboa, 23 de Outubro de 1919.

O 1.º Secretario,

João Augusto dos Reis.

Academia de Estudos Livres

Realisa-se ámanhã, pelas 21 horas, a sessão de abertura das aulas, acto que será presidido pelo sr. presidente da Republica, estando convidados a assistir os srs. ministros da instrução e da agricultura, governador civil, provedor da assistencia, camara municipal, junta geral do distrito e as diversas colectividades com quem a Academia está em relações. Terão entrada os socios e subscritores da Academia e suas familias, assim como os alunos das aulas diurnas e noturnas.

A inscrição para a frequencia das aulas fica ainda aberta por alguns dias.

Vida Sportiva

Foot-ball

Resoluções da Associação de Foot-Ball

Na sua reunião do dia 3 do corrente a direcção da Associação resolveu diversos assuntos de expediente, e tomou varias deliberações, entre as quaes as seguintes:

Atendendo a que a época de 1919-1920, pelos trabalhos ainda a realisar para fecho da epoca de 1918-19, se está retardando demasiadamente;

Atendendo a, que é urgente dar inicio á preparação d'essa época para que no final ela não tenha de ser muito prolongada;

Esta direcção, para remediar um pouco este estado de coisas, resolve abrir desde já as inscripções para os diversos campeonatos, iniciando assim os trabalhos preparatorios da proxima futura época.

—Apurou os resultados dos campeonatos de 1918-1919, que deu como vencedores os seguintes clubs:

1.ª categoria: Sporting Club de Portugal.

2.ª categoria: Sport Lisboa e Bemfica:

3.ª categoria: Sport Lisboa e Bemfica.

4.ª categoria: Sport Lisboa e Bemfica.

A Secretaria da Associação previne todos os clubs que se acha aberta, nas datas que a seguir se indica, a inscripção para o campeonato de Lisboa, da época de 1919-1920:

Dia 10: Inscripção nas 4 categorias aos clubs que tenham 1.ª, 2.ª, 3.ª e 4.ª.

Dia 11: Inscripção para os clubs que concorram com 2.ª, 3.ª e 4.ª categorias.

Dia 12: Inscripção de clubs que concorram só com 3.ª e 4.ª categorias.

Dia 13: Inscripção de clubs só com 4.ª categoria.

Em todos estes dias devem ser entregues os pedidos de passagem de categoria que os clubs hajam de fazer para os seus jogadores.

Dia 17: Sorteio para a organisação dos calendarios.

Dias 19, 20 e 21: Inscripção de jogadores por club e categorias consoante indicações d'esta secretaria.

Dia 30: Abertura oficial da época.

Esta direcção no desejo em que está de concorrer com todas as suas forças para a harmonia dos meios desportivos de foot-ball, e querendo de algum modo demonstrar o quanto lhe é grato ter visto restituir ás leis e regulamentos e á propria Associação toda a sua auctoridade, resolveu, muito excepcionalmente e sem que este facto possa abrir precedentes, cancelar aos clubs e jogadores, todos os castigos aplicados e cuja terminação não vá além d'um ano a contar d'esta data, esperando que a este seu acto corresponda de futuro, da parte de todos os clubs e jogadores, o mais completo respeito pela lei e regulamentos da Associação.

Havendo, porém, um club, cuja suspensão foi determinada pela Assembléa Geral, esta direcção levará á primeira reunião da mesma Assembléa, uma proposta para que esse club seja tambem incluido por esta deliberação.

A secretaria da Associação previne todos os clubs que o horario para expediente continua sendo todos os dias, excepto sabados e feriados, das 21 ás 23 horas.

Aproximando-se a época para inscripção de jogadores, chama a atenção dos clubs para o disposto na proposta numero trez, aprovada em Assembleia Geral de 13 de agosto findo, que a seguir se transcreve:

Artigo 1.º—A A. F. L. de uma maneira geral não aceitará inscripção de socio eventual por club diverso, senão decorrido o praso de tres anos desde que este jogou a ultima vez pelo club que deixou.

Paragrafo 1.º—E' resalvada a eventualidade do club ter considerado o jogador desobrigado inteiramente, o que o interessado provará com o respectivo oficio que ficará arquivado na secretaria da A. F. L.

Comité Olimpico Portuguez

O C. O. P. realisa no dia 12 do corrente, no Palacio Duque de Palmela, na séde do Automovel Club Portuguez, pelas 21,30, uma reunião de professores de ginastica de varias escolas secundarias do paiz, a fim de trocar impressões sobre o concurso inter-escolar.

O Comité já dirigiu convite a todas as escolas, para se fazerem representar n'esta reunião, mas se por lapso alguma escola não tiver recebido convite, fica por este meio convidada a tomar parte na reunião de quarta-feira proxima.

Noticiario

E' ámanhã que, conforme já noticiámos, se realisa no Ginasio Club Portuguez, em «matinée», a festa de abertura de classes, distribuindo-se n'este dia os premios aos vencedores das provas de natação que o club organisou.

—Acaba de ser posto á venda um interessante livro intitulado «Como se deve nadar», do conhecido nadador sr. Fernando Bordalo Pinheiro.

—Segundo uma noticia publicada em «Os Sports» de hontem, o Stadium não abrirá no proximo domingo, devendo, comtudo, dar uma festa no domingo, 16, se o tempo o permitir. Fala-se em que o corredor sr. Inocencio Pinto tomará parte n'este dia nas provas de «motos» e que um corredor hespanhol virá a Lisboa.

—Parece que por estes dias se vae realisar no Grupo Sport Cruz Quebrada nova assembleia geral para eleição de corpos gerentes.

—Informam-nos que o Sporting Club de Portugal se inscreve no campeonato de «Sports Atleticos», organisado pelo Sport Lisboa e Bemfica, cujas provas se realisam nos dias 9 e 16 do corrente, e que não o anima o desejo ou esperança de ganhar provas, pois tendo sido convidado muito tardiamente para tomar parte n'ele, não poude preparar convenientemente a sua équipe representativa. Deseja unicamente, com a sua inscripção, animar esse campeonato, dando-lhe o melhor do seu esforço e experimentar a forma dos seus atletas para as proximas provas do Comité Olimpico Portuguez.

Mutilados da guerra

Um donativo

O 2.º sargento sr. Alvaro de Sousa, do grupo de baterias de artilharia a cavalo, a quem competia o premio de 4$80 por ter procedido á prisão dum desertor, enviou-nos essa quantia com destino aos mutilados da guerra. Vamos envial-a para o Instituto Militar de Arroios.

Concertos Blanch

Apesar de a assinatura para os magnificos concertos da Orquestra Sinfonica Portugueza dirigida pelo ilustre maestro Pedro Blanch estar apenas aberta ha dois dias, quasi todos os antigos assinantes que teem preferencia até á proxima quarta-feira já vieram reclamar os seus logares, havendo inumeros pedidos para novas assinaturas. O teatro São Luiz, seguindo as suas tradições elegantes é o ponto de reunião de toda a sociedade nas tardes de domingo, tanto mais que os concertos Blanch serão este ano eminentemente artisticos, com programas todos diferentes e com primeiras audições de notaveis obras de sensação. O maestro Blanch que é um dos maestros directores da opera de S. Carlos, acaba de fazer uma gloriosa «tournée» pela Espanha.

Jovens amadores de teatro, poetas e escritores, futuros dramaturgos, A CAPITAL premeia

TREZ PEÇAS

de teatro, em 1 acto, prosa ou verso, comedia, drama ou farça original e inedita.

Jovens escritores, desconhecidos literatos, A CAPITAL premeia

UM ROMANCE

original, inedito, completo, em qualquer genero e boa linguagem.

Salão Central

A pelicula «Joven Harpista», que hontem se estreou e hoje se repete, caiu de tal modo no agrado do publico, que muitas pessoas teem ido marcar os seus reservados para o espectaculo desta noite.

Elvira Rodaelli, a sua principal figura feminina, é uma comediante de alto valor, que pela primeira vez figura nos nossos «écrans» e que soube desde logo conquistar as simpatias do publico.

São muitos os seus dotes de beleza e distinção, dispondo duma gentilissima figura e impondo-se pela excelencia do seu desempenho.

Tambem n'«As garras do leão», outro «film» de inquestionavel exito, o trabalho da bela Maria Walcamp continua sendo a admiração de toda a gente.

Nas principaes situações da afamada pelicula, não só se revela a extraordinaria interprete da «Liberdade» e do «Az de Ouros», como se torna notavel pela sua agilidade, ao defender-se das feras que a atacam e dos fanaticos que a perseguem.

Maria Walcamp é a artista predilecta de todos os publicos, merecendo em absoluto a fama que actualmente disfruta de unica no seu genero.

A'manhã, domingo, uma deslumbrante «matinée», em que figuram as mesmas deliciosas fitas.

Alvitres e reclamações

Preso sem culpa formada

Do Limoeiro, escreve-nos o ex-policia n.º 932 da esquadra de Bemfica, sr. Carlos de Matos, queixando-se de que está naquela cadeia á ordem da 1.ª divisão militar como implicado no movimento da serra de Monsanto, ha cinco mezes, sem culpa formada. Não foi ainda ouvido, tendo o seu processo sido remetido em 30 de maio findo.

Pede-nos que chamemos a atenção das autoridades competentes para esse facto.

Ultima hora

Tenente Rodrigues Janeiro

A trasladação dos seus restos mortaes

Com grande e luzido acompanhamento foram hoje conduzidos ao cemiterio ocidental onde ficam sepultados os despojos do heroico oficial da armada, 2.º tenente sr. Antonio Rodrigues Janeiro, morto em combate em Africa a 27 de maio de 1916.

Vieram de bordo do «Adamastor» que os trouxe de Africa para o Arsenal da Marinha no barco-patrulha n.º 4, dando entrada na Casa da Balança, onde se achavam pessoas da familia do extinto.

Os restos mortaes: o craneo, parte da maxila inferior e pequenos fragmentos de outras partes da ossatura, com restos do uniforme encontrados no local onde foi morto, foram postos em cima duma almofada de setim, e esta encerrada em uma pequena urna de mogno, que foi coberta pela bandeira nacional.

Sobre a bandeira viam-se uma corôa de flôres artificiaes e ramos de crisantemos da familia do saudoso oficial de marinha.

Só duas horas e meia depois da anunciada para o funeral partir para o cemiterio, ás 16,30 este poude seguir, por motivo de não haver armão para o conduzir, aparecendo afinal um carro de munições da artilharia da guarda republicana em que foi transportado.

Incorporaram-se no prestito funebre o sogro, primo e cunhados do finado, srs. Manuel Caeiro Gonzalez, Manuel Caeiro, dr. Bento Caeiro e João de Barros.

O cortejo era aberto pela banda da armada, que executava uma marcha dolente, seguindo-se-lhe contingentes de marinheiros de todos os navios e serviços da marinha, da guarda republicana e de infantaria 1.

A seguir ao feretro iam os membros da familia, a que já aludimos, e as personalidades de que adeante damos nota, á frente das quaes ia o sr. ministro da marinha. Ladeando, os sargentos da armada.

Entre a assistencia iam os srs.: contra almirante Pereira Nunes e ajudante, contra almirante Augusto Neuparth e ajudante 2.º tenente Simões, vice-almirante Julio Galis, major general da armada e ajudantes, contra almirante Silveira Moreno, director da Escola Naval, com o seu ajudante e uma deputação de alunos da escola, capitão de mar e guerra Francisco Eduardo dos Santos, comandante do cruzador «Vasco da Gama», capitão de mar e guerra Victorino Marques da Costa, director dos serviços maritimos, tenente coronel Xavier Pereira, representante do sr. general comandante das guardas republicanas, tenente coronel Azambuja Martins e alferes Sousa Monteiro, representantes do Quartel General da 1.ª divisão, alferes Martins Liborio, representante do comandante da 1.ª divisão, alferes Monteiro de Sousa, pelo comandante e oficiaes do regimento de infantaria 1, oficiaes e sargentos de tods os navios de guerra e das forças da guarnição, etc.

O cortejo chegou cerca das 18 horas ao cemiterio.

«O Dia»

Segundo consta, reaparecerá no proximo mez de janeiro o jornal «O Dia», sob a direcção do sr. dr. Cabral Metelo.

Carregamento de bacalhau

Da campanha de pesca do bacalhau da Terra Nova, com um importante carregamento, entrou hoje no Tejo o hiate portuguez «Cabo Espichel».

MOVIMENTO DO PORTO

Entrada do «Andes» e do «S. Miguel»

Vindo de Southampton, com escala por Cherburgo e Vigo, entrou hoje no Tejo o vapor «Andes», da Mala Real Ingleza, trazendo 64 passageiros para Lisboa e 1.085 em transito.

A bordo houve uma pequena festa, para comemorar o restabelecimento das carreiras da Mala Real para o Brazil, com escala por Lisboa.

Dos Açôres e Madeira, entrou o «S. Miguel», trazendo um importante carregamento de productos insulares e 313 passageiros.

Poeira da Arcada

Falta de tabaco

Conferenciou hoje com o sr. ministro das finanças, ácerca da falta de tabaco nacional, o sr. dr. Eduardo Burnay, presidente do conselho de administração da Companhia dos Tabacos.

Patrimonio nacional

Reuniu hoje o conselho do patrimonio artistico nacional.

Pedido de sindicancia

O sr. ministro do interior deferiu o requerimento que hontem lhe foi apresentado pelo sr. dr. Rodrigues Esculcas, director da policia de investigação, e em que aquele funcionario superior da policia, pedia uma rigorosa sindicancia, não só aos seus actos como principalmente ao caso do processo em que figuram os nomes dos srs. Augusto Dias da Silva e Alfredo Franco.

O escandalo das subsistencias

Foram roubadas as guias de uma remessa de assucar

Sucedem-se dia a dia os escandalos do extinto ministerio das subsistencias. Ao agente Teixeira, da policia de investigação, que ainda tem entre mãos as queixas sobre o celebre caso do fornecimento das manteigas, a que nos temos referido, foi hoje entregue, afim de ser devidamente investigada, uma outra queixa importante, que se resume no seguinte:

A Camara Municipal de Vila Nova de Ourem requisitou ao extincto ministerio 50 sacas de assucar, sendo o pedido deferido e feita a competente comunicação áquela Camara. Passados dias, chegou a Lisboa um empregado da referida Camara a fim de receber as guias, sendo-lhe respondido que não lh'as podiam fornecer por terem sido roubadas.

Apresentada superiormente queixa do caso, o empregado das subsistencias sr. Carlos Fernandes desculpou-se alegando ter já entregue as guias em questão a um vereador da Camara de Vila Nova de Ourem, vindo depois a apurar-se que tal desculpa era falsa. Por tal motivo foi o sr. Carlos Fernandes suspenso, procedendo agora a policia a averiguações.

Sobre o escandalo das manteigas proseguem as diligencias, tendo hoje o agente Teixeira feito entrega em mão propria ao director geral do Comercio agricola, do ministerio da agricultura, sr. Joaquim Belford, de uma copia do processo. O respectivo original foi já entregue no tribunal da Boa-Hora.

Noticias da Capital

Uma busca

A policia passou hoje uma busca na casa de penhores de Manuel Vaz Isidoro da Costa, na travessa do Convento de Jesus, 4, 1.º. A diligencia não deu resultado, tendo sido unicamente apreendidas duas barras de ferro.

Um que foi no... vigario

João dos Santos, que reside na rua do Vigario, 38, rez-do-chão, queixou-se á policia de que lhe haviam furtado varios objectos avaliados em 170 escudos. Investigado o caso, apurou-se que o larapio fôra o trabalhador Antonio João da Silva Junior, que tambem usa o nome de Alberto Nunes, morador na rua Maria da Fonte, 25, 4.º. Preso, confessou o crime, devendo ser ámanhã enviado para o tribunal.

Leilão de penhores

200, Rua de S. Paulo, 202

O leilão anunciado para hoje, 8, fica definitivamente transferido para o dia 16 do corrente.

Exposição de crisantemos

Foi hoje visitada pelo chefe do Estado e sua esposa

O sr. Presidente da Republica, acompanhado de sua esposa, de sua cunhada e do seu secretario particular esteve hoje nos Passos do Concelho visitando a exposição de crisantemos. Os visitantes foram recebidos pelo presidente da comissão executiva sr. dr. Alberto Vidal.

A visita foi demorada, elogiando muito a esposa do chefe do Estado a exposição, e sendo-lhe oferecidas varias flôres.

D. Heliodoro Yañez

A bordo do vapor «Andes», seguiu esta tarde viagem para o seu paiz. o sr. D. Heliodoro Yañez, antigo ministro do Chile e chefe da missão diplomatica enviada pelo respectivo governo á Europa.

O embarque efectuou-se no arsenal, indo a bordo apresentar as suas despedidas ao ilustre viajante e sua familia os srs. ministros dos estrangeiros, de Hespanha, encarregado de negocios do Brazil, consul e chanceler do Chile e outras pessoas.

A madame Yañez, que embarcou mais tarde com sua filha e o secretario da missão, foi oferecido um magnifico ramo de crisantemos.

O «Andes» levantou ferro perto da noite.

Em França

Mudança ministerial

PARIS, 6.

O sr. Tardieu foi nomeado ministro das regiões libertadas, em substituição do sr. Lebrun.—(Havas).

Falsificação de vinhos portuguezes

Uma importante descoberta no Brazil

RIO DE JANEIRO, 7.

As autoridades descobriram duas fabricas de vinhos e licôres europeus, especialmente portuguezes, apreendendo muitos milhares de rotulos.

Raid aereo Lisboa-Rio

RIO DE JANEIRO, 7.

O ministro da marinha designou o capitão-tenente Vasconcelos para se entender com o sr. Sacadura a respeito da organisação do raid aereo Lisboa-Rio.—(Havas).

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

3370 — 10.° anno | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.° | LISBOA — Domingo, 9 de Novembro de 1919 | Telephone n.° 2298 — Endereço teleg. CAPITAL — Officina de Impressão — 71, Rua da Bica, 71 | Preço, 2 centavos

Banditismo

Narram os jornaes que os ladrões assaltaram uma propriedade que o sr. Francisco Grandela possue em Barró do Luso, perto da Mealhada, e dali levaram tudo o que quizeram: mobiliario, roupas e colchas de grande valor.

Os mesmos jornaes, juntamente com esta noticia, informam que um assalto semelhante ha a registar no palacio que o sr. Carlos Bleck possue no Dafundo, proximo da Cruz Quebrada. Ai o saque não foi menor, nem feito menos á vontade. Os bandoleiros levaram tambem do palacio tudo quanto quizeram, deixando algumas casas absolutamente vasias.

Mas não pára aqui a serie de noticias desta natureza. Nos periodicos de hoje encontramos a noticia de que na Enxara do Bispo, proximo de Mafra, salteadores da mesma especie entraram, por meio de arrombamento, na casa de habitação do sr. José Duarte Caldeira, roubando-lhe quantia superior a dois contos.

Afigura-se-nos que não é preciso ir mais além. Pelo que deixamos apontado, como ligeiro «specimen» da situação, e pelo que quotidianamente se lê acerca de factos identicos, chega-se á conclusão de que se está gerando uma plena florescencia do crime, produto talvez da sugestão morbida duma epoca em que toda a noção moral parece ter desaparecido, dando logar só a baixas paixões que um egoismo feroz, uma ancia de enriquecer levada ao auge, a absoluta ausencia de escrupulos, criam, alimentam e engrandecem para toda a sorte de maleficio social.

Produziu-se um desequilibrio profundo, que leva a todos os enervamentos e a todas as alucinações. Já não se pode viver com modestos recursos como outr'ora. As circumstancias em que se vive, desde a enorme carestia da vida até ao estimulo irritante das opulencias feitas dum dia para o outro, tudo concorre para que se pense apenas no dinheiro, só no dinheiro, e se chegue á solução monstruosa de que todos os meios são bons para o adquirir.

Se isto assim continuar, não nos admiraremos de que ressuscitem entre nós essas celebres quadrilhas de bandidos que tornaram celebres as soidões do pinhal da Azambuja, e os pontos mais sinistros das Beiras ou do Algarve. Para os salteadores italianos, desde os tempos de Fra Diavolo até aos da Camorra, o banditismo era como que um imposto lançado sobre a sociedade. O dinheiro roubado ia santificar-se, com orações á Madona, e esses bandidos quasi que morriam sem remorsos, convictos de que não tinham feito mais do que tirar a sua parte duma mesa lautamente fornecida.

Nós tambem tivemos uns periodos de banditismo. Correspondem sempre ás epocas em que as instituições e os costumes não logram encontrar a sua expressão logica e a sua solidez necessaria. Se porventura se renovarem as façanhas de João Brandão ou do José do Telhado não as poderemos só imputar á generosidade dos que as protegerem, mas tambem aos nossos erros e agitações, produzindo a desorganisação social.

Em todo o caso, a situação é já alarmante, podendo dentro em breve concretisar-se num espectaculo pavoroso para o qual não haja meios de repressão. Porque o mal estar é profundo, o desequilibrio é tremendo. Todos teem hoje de viver como ricos de outro tempo para poderem viver.

Implicitamente está indicado que para estes casos não basta condenal-os com indignação, nem tentar punil-os com castigos. E' preciso ir mais longe. E' preciso ir ás causas profundas do proprio crime. Esta missão é a dos governos, das autoridades, dos legisladores. Se eles a não compreendem como ela é, e não tentam desempenhal-a como ela deve ser desempenhada, vernos-hemos a braços com as legiões do crime desencadeiadas pela cobiça, mas tambem pelo sofrimento, e não será facil evitar os seus actos, por mais monstruosos que eles se revelem.

Em toda a parte, se atende á gravissima convulsão que no mundo inteiro o abalo da guerra provocou. Nós ficamos de braços cruzados? Seremos vitimas. E morreremos sem honra nem proveito para coisa alguma.

A decantada "intolerancia" republicana

Uma resposta ao sr. dr. Anibal Soares — O que afirma quem de perto lidou com os presos

Com a data de hontem, recebemos hoje a seguinte carta:

Sr. director do jornal «A Capital».—Fiquei hontem dolorosissimamente surpreendido com a leitura do seu jornal. Vem lá, n'uma local sob o titulo «A «intolerancia» Republicana» a afirmação (que eu tenho de classificar de inacreditavel, de inaudito, de estanhado descaro) de que «sobre os presos do Funchal se perpetraram maus tratos». O sr. dr. Anibal Soares, que eu não tenho a honra de conhecer e que não esteve, creio, no Funchal, fallou, por consequencia, inconscientemente á verdade; mas mentiram conscientemente as pessoas que o informaram. Eu fui ajudante do presidio do Lazareto no Porto Brandão, e continuei sendo ajudante do Presidio do Lazareto no Funchal, ainda por muito tempo. Conheço e sei e afirmo que os presos politicos, tanto no Porto Brandão, como no Funchal, foram sempre objecto, por parte de todos, das deferencias e considerações correspondentes á sua categoria social. Não o negam, por certo, pessoas de respeitabilidade que ali estiveram, como, para não citar muitos e para não prolongar demasiadamente esta carta, os Ex.mos srs. João de Azevedo Coutinho, tenente-coronel Costa Veiga, Aires de Ornelas, capitão Joaquim Pedro de Faria, capitão Luiz Pupico, major Azevedo Cruz e tantos, tantos outros.

Se algumas, poucas, scenas desagradaveis se produziram, elas foram sempre consequencia imediata e forçada da incorrecção indizivel, da descabida e exagerada altivez, da indelicadeza insupportavel de que usaram, no seu trato com os oficiaes de serviço, e até com o Ex.mo comandante, muitos dos presos, irrequietos e turbulentos. E' certo e doloroso, sr. director, que assim se correspondia á generosa atitude dos que, apesar da arrogancia irritante dos reclusos, teimavam em vêr n'eles, não os inimigos que ainda ha pouco os haviam rodeamente pontapéado e se lhes haviam querido impor de armas na mão, mas sim camaradas n'uma situação infeliz.

Como com tudo se faz politica, mesmo com a mentira, nunca me incomodei a procurar lêr nos jornaes monarquicos a campanha que ácerca do presidio do Lazareto bons amigos me teem dito que lá era feita. Estão no seu papel os taes papeis.

Era porém, indispensavel um reparo, agora que o jornal republicano de v. acolheu, ao que parece, com pouca duvida, a torpe aleivosia.

Tenha v. a bondade de perdoar a importunação de de v., etc.—Capitão Camilo d'Oliveira, ajudante do B. 3 da G. N. R.

Um unico reparo temos a fazer a esta carta: nunca «A Capital» duvidou de que apenas a intuitos politicos obedece a campanha que se tem vindo fazendo. O sr. capitão Camillo d'Oliveira, com a precipitação não compreendeu bem o nosso intuito ao transcrever parte da carta do sr. dr. Anibal Soares: não queremos de fórma alguma que se diga que sômos parciaes. Tanto mais que, segundo esse distincto advogado diz, se está procedendo a um inquerito. Pois veremos se temos ou não razão e compararemos depois o procedimento dos republicanos com o dos «trauliteiros», que tão triste memoria deixaram de si.

A praça Luiz de Camões

Quando se resolverão a ilumina-la?

Cá voltamos ao assunto. Somos dos que por indole não descoroçoam. A praça Luiz de Camões continua ás escuras. Aqueles que teem por dever interferir no caso ainda não acordaram do doce sono em que estão mergulhados.

Ora! Que se importam o sr. dr. Antonio Centeno e o sr. Elio do Rego com que uma praça das mais centraes de Lisboa e que tem o nome do grande epico, do grande cantor das glorias nacionaes, não esteja iluminada e pareça antes um retiro de aldeia sertaneja do que um trecho d'uma capital?

Isso não lhes tira o apetite e não lhes causa incomodo de especie alguma.

Os habitantes dos predios que circundam a praça que durmam em paz e que se não preocupem com «ninharias» de tal jaez. Os transeuntes que escolham outro caminho. Que importa que n'um dos recantos d'essa praça, a favor da escuridão que a invade, se pratiquem actos d'uma moralidade mais que duvidosa? Ora, ninharias, frioleiras! A junta de freguezia da Encarnação reclama, reclama «A Capital»? Frioleiras, ninharias!

Vale já a pena prestar ouvidos a taes brados! O turista estrangeiro de passagem em Lisboa com certeza que não irá queixar-se ao seu consul ou ao seu ministro. Tanto mais que as Companhias Reunidas Gaz e Electricidade são um potentado, pelo que se vê, pois que fazem tudo quanto querem, sem que ninguem lhes vá á mão.

Pois, senhores, prometemos não largar de mão o assunto, até que alguem acorde e vejamos tomar providencias.

Um imposto violentissimo

Para se vêr o exagero do imposto lançado sobre as especialidades farmaceuticas, basta dizer-se que a «Farinha Lacto-Bulgara» é um alimento indispensavel para as creanças enfermas e convalescentes, para convalescentes e pessoas fracas, paga, por cada 300 gramas de farinha a quantia de 11,5 centavos (115 réis), o que representa um aumento de 666 por cento sobre o que já pagava. Ora é assim que os governos auxiliam a industria nacional e a alimentação das creanças pobres.

O comercio alemão

As mercadorias que devem chegar brevemente a Portugal vão forçar a baixa de alguns produtos

Aproxima-se a chegada de dois navios alemães que trazem mercadorias para a praça de Lisboa. E' voz corrente que com a chegada ao mercado de Lisboa de generos e materias primas, muitos preços hoje fabulosos, tendem a baixar, não só pela concorrencia, como pela existencia de materias primas para a confecção de varios artigos, e que hoje, ou não ha, ou são disputadas por elevadissimos custos.

Desde que foi assinado o tratado de paz teem ido dezenas de portuguezes á Alemanha, sendo varias as impressões dos que regressam. No entanto, a maioria é otimista, vindo cheia de promessas, preços e deixado largas encomendas em todos os ramos do comercio e industria.

Um representante da mais importante fabrica mundial de anilinas, com quem tivemos o gosto de conversar, mostrava-se animadissimo não só com os preços feitos pelos seus fornecedores, como pelo desenvolvimento do nosso comercio durante a guerra.

—As encomendas hoje—diz-nos—são feitas sem hesitação, sem duvidas, nem incertezas, n'um arrojo que não se via antigamente em Portugal. Os preços pouco interessam, o que o comerciante quer é fazenda, mercadoria. As encomendas são colossaes. De resto, os preços são tudo que ha de mais promissor...

Em primeiro logar os produtos farmaceuticos... n'uma desproporção enorme. Ampolas de 9$, que ahi se vendem dificilmente a preços em redor de 30$00, ofereço-as agora a 2$00 ou 3$00 acrescidos dos direitos que são uma pequena fracção a juntar. Benzonaftol que se vendia ahi por 150$00 vem-me facturado por 30 francos, notando que os productos são os verdadeiros e não as falsificações e imitações a que teve de se recorrer no tempo mau da guerra. Quanto ás anilinas, vão produzir uma revolução, porque a industria de lanificios, sabe-se bem, esteve quasi paralisada com a sua falta. As côres dos fatos, fixas, desapareceram ha muito; pois, com os direitos que são relativamente insignificantes, 1 kilo de anilina, em media, póde custar 2$50, dando-se actualmente 18$00 pela mesma fazenda. E' claro, varia com a qualidade e o tipo, mas n'uma relação como esta. Artigos para perfumarias...

—De forma que está animadissimo...

—Muito. Simplesmente, as casas alemãs fazem uma exigencia: pagamento em francos suissos; nada de marcos, nem vel-os. Ha, como que uma premeditação geral e talvez patriotica sobre esse assunto. No entanto a baixa contínua e os portuguezes continuam a comprar-os aos milhares na esperança d'uma subida proxima... Os alemães, pelo contrario, não os querem... por enquanto.

POLITICA

Comissão de inquerito ao antigo ministerio dos abastecimentos

Como é sabido a comissão parlamentar de inquerito ao extinto ministerio dos abastecimentos veiu declarar, perante a Camara dos Deputados, que não conseguira apurar toda a verdade porque lhe levantaram dificuldades nas repartições publicas. Isto constitue, evidentemente, uma acusação formal ao governo, visto que é sob o seu dominio que se encontram as repartições publicas—parte integrante, mais ou menos subalterna, do Poder Executivo. Mas o governo, muito oportuna e sabiamente, foi dizendo que as dificuldades, se as houve, foram de origem burocratica e a Camara aceitou esta explicação que, aliás, não explica coisa alguma.

Mas—perguntar-se-ha, judiciosamente—acaso a comissão de inquerito nada apurou de interessante, até á hora das suas amargas queixas? A resposta não é facil porque, por mais esforços que empregasse, não conseguiu «A Capital» ler a papelada onde os ilustres parlamentares da comissão do inquerito lançaram as premissas e conclusões dos trabalhos iniciados. Em todo o caso, não falta quem diga que alguma coisa se apurou, falando-se mesmo no desaparecimento de uns 500 contos, cujo paradeiro ainda não foi possivel determinar, precisamente. Mas ha presumpções...

Os trabalhos da comissão hão-de proseguir, até final. E' essa, pelo menos, a vontade expressa por alguns dos seus membros e é, naturalmente, a intenção de todos. O esforço que a comissão vae receber pelo acrescimento de mais parlamentares e de poderes, talvez até judiciarios, que a Camara lhe conferirá vão habilital-a a proseguir nas suas canseiras sem mais inconvenientes oposições. Se, por acaso, assim não acontecer, fatalmente se dará uma repercussão dissolvente na vida domestica do partido democratico, que não é já de uma extrema harmonia, como ninguem ignora e já quasi ninguem nega.

Os milicianos

Dizem-nos que entrará em discussão, na proxima semana, na Camara dos Deputados, a proposta de lei respeitante ao licenceamento de oficiaes milicianos.

O CONTO DE DOMINGO

Lord Greencook

Um dia, o creado de quarto de lord Greencook chegou-se, com todo o respeito, junto de seu amo, e travou com ele o seguinte dialogo:

—Mylord, tem a bondade de me dizer que horas tem no seu cronometro?

—Para que queres saber isso meu velho John?

—Tenho uma carta do pae de mylord para mylord, mas não lh'a posso entregar senão ás 4 horas e 17 minutos.

Lord Greencook puxou do seu relogio.

—São quatro e quatorze minutos e meio.

—Esperarei dois minutos e meio, disse o velho John.

Lord Greencook fez um sinal afirmativo com a cabeça e tornou a meter o relogio na algibeira. No seu rosto não se lia o mais pequeno sinal de impaciencia.

—Quanto falta agora mylord?

O lord tornou a puxar pelo seu cronometro.

—Trinta e sete segundos.

O velho John desabotoou dois botões da sua casaca, levou a mão ao bolso interior, e tirou uma carta em cujo envelope se lia: «Para ser entregue a meu filho lord Greencook, ás 4 horas e 17 minutos, pelo seu creado de quarto o velho John.

O creado mostrou os dizeres do sobrescrito a lord Greencook, que tornou a fazer um gesto afirmativo com a cabeça, seguindo o movimento dos ponteiros do relogio.

—Stop! disse lord Greencook. O creado entregou a carta e retirou-se.

A carta dizia assim:

Meu filho

O spleen meteu-se-me no coração, como um bicho de seda no casulo. Para expulsar este maldito verme só ha um remedio—um tiro no casulo.—Vou dal-o depois de me despedir da nossa rainha, e de andar quatorze leguas a trote no meu pur sang. E' ainda uma despedida.

Quando esta te chegar ás mãos, já não tens pae. Tem paciencia, meu filho. Eu sei que não simpatisas demasiadamente com a côr preta, mas acredita,—não tens razão. O preto deve ir-te admiravelmente. Em todo o caso se não quizeres vestir-te de luto, tens um meio simples. Vae passar um tempo na China. A' volta todos imaginarão que deitaste luto por teu pae. Agradece-me este conselho, que é o ultimo, ou antes, o penultimo, porque vou dar-te outro.

Meu filho, quando casei com tua mãe, comprei dois aneis, um dos quaes é esse que tu possues, e que te dei no dia do teu casamento. E' certo que o tens no dedo, e que, neste momento, acabas de olhar para ele, admirando mais uma vez a pureza da sua radiante e formosissima esmeralda. Pois, meu filho, essa esmeralda, cuja beleza tu sempre imaginaste unica, tem uma rival. E' a do outro anel que pertenceu a tua mãe, e que eu um dia lhe pedi, dizendo que era para o mostrar a lady Ellen, quando em verdade era para o dar a miss Mary que m'o tinha exigido como a ultima prova do meu amor. Disse depois a tua mãe que tinha perdido o anel. Ela acreditou, ou fingiu acreditar, eu nem dei atenção a isso, porque a minha alma estava então com miss Mary.

Julgava ter comprado a minha felicidade com aquele anel, meu filho, e parecia-me até que a comprára demasiadamente barato.

Enganara-me. Na maldita noite em que tua mãe deixára de ter aquela formosissima esmeralda no dedo, perdi para sempre a minha velha alegria, a boa companheira que tão fiel me fôra até aquele momento.

E' isto o que te digo. Não sei como isto aconteceu, mas a verdade é que nunca mais tornei a ser feliz, a verdade é que nunca mais tornei a ganhar uma aposta no sport, um scheleme no Whist; a verdade finalmente, é que desde essa ocasião, senti o lancinante espinho do spleen a atravessar-me todos, os momentos da existencia.

Agora ouve o meu conselho.

Tu és rico, és fabulosamente rico; pois bem, emprega a tua fortuna, se tanto fôr preciso, para rehaveres esse anel, que é causa da morte de teu pae, e, sem o qual, juro-te, meu filho, não podes ser feliz. O dia em que esse anel estiver no dedo de tua mulher, será o teu primeiro dia de felicidade. Faze tudo por o encontrar. Eu falo-te como se fala d'além da campa. Só podes ser feliz quando tua mulher possuir esse anel. Adeus, meu filho. Desculpa a extensão desta, mas agora é que eu posso empregar realmente a celebre frase de não sei quem: não tenho tempo para escrever menos.

Teu pae

William.

Quando lord Greencook acabou de ler esta carta, tinha resolvido o dificilimo problema de se tornar mais branco do que era.

Deixemol-o, porém, chorar a morte do pae, para o irmos encontrar daí a quinze dias tornando a ler a excentrica epistola de lord William Greencook:

«—Eu falo-te como se fala d'além campa. Só pódes ser feliz quando tua mulher possuir esse anel».

Eram estas as palavras que lord Greencook tomára para tema das suas profundas meditações, as palavras que, á imitação do Mane, Thecel, Phares, vinham perturbal-o no meio da sua felicidade.

Porque lord Greencook era feliz, completamente feliz, extraordinariamente feliz.

Tinha uma fortuna colossal, saude de ferro, e uma formosissima esposa de quem todos os dias recebia as maiores provas de amor e estima.

Mas aquelas malditas palavras não o deixavam socegar.

A ideia de que para ser feliz precisava daquele anel cravára-se-lhe no cerebro como uma carraça na orelha de um cão.

—Hei-de obter esse anel, concluiu ele por fim.

E um belo dia saiu de casa com o seu velho John, decidido a não voltar, ou embora não trouxesse nem um penny, e voltar com a preciosa esmeralda.

Sete anos durou a viagem de lord Greencook. Sete anos terriveis, crueis, durante os quaes não fez outra coisa senão procurar, procurar, procurar sempre, por toda a parte, com uma actividade nervosa, com a febre de quem procura a felicidade, com a tactica com que um general procura o inimigo, com a tenacidade unica com que um inglez sabe procurar... Nisto se resume o seu viver durante aqueles sete anos. A primeira pessoa que procurou foi lady Ellen.

Disseram-lhe que estava em Paris.

Foi a Paris.

Ai soube que ela partira para Genebra. Correu a Genebra. A lady partira horas antes para S. Petersburgo.

Encontrou-a ali finalmente.

Contou-lhe o caso e a velha lady, que tinha então os seus sessenta anos, entendendo que uns residuos de pudor não lhe deviam ficar mal de todo, começou a esfregar o rosto com as mãos. Um pouco vermelha depois desta operação, respondeu, com uns grandes ares de dignidade ofendida, que parecia impossivel que um lord de Inglaterra viesse insultar uma lady a sua casa!

Lord Greencook nem por isso desanimou.

Pediu, rogou, suplicou, com tanta paixão, com tanta eloquencia, que a velha lady, cada vez mais córada, graças sempre ás continuadas fricções que dava ao rosto, começou a ter compaixão do infeliz lord, e confessou-lhe, ao rubro de cereja, que dera o anel a um tenor.

A um tenor!

Lord Greencook fez então um pequeno gesto de contrariado.

Vá lá saber-se onde pára um tenor! Uns sujeitos que tão depressa estão no Egypto, como em Madrid, como em Constantinopla, como no inferno!

—E o nome desse tenor?

—Tripolini, disse a lady imitando a pronuncia italiana, com a doçura compativel com uma garganta britanica. O infeliz Greencook partiu logo em busca de Tripolini.

Levou ano e meio essa busca.

Um dia agarrou-o no Rio de Janeiro, quando ele ia para um ensaio geral.

—Sr. Tripolini?

—Si, mio caro. Che volete voi?

Lord Greencook contou-lhe tudo.

—Ah! sim, tenho uma ideia desse anel. Foi efectivamente uma ingleza que m'o deu. Uma ingleza alta, esguia, muito direita, que quando falava parecia que estava a mastigar pedras. Oh! meu caro, dei-o em Sevilha á mais formosa de todas as mulheres que usam mantilha e abanico. Ora espere, espere... chama-se Pepa de Alta Liña.

Lord Greencook voltou-se para o seu velho John:

—John, faze as malas; partimos para Sevilha.

A andaluza tinha dado o anel a um toureiro, este a uma portugueza, a portugueza tinha-o posto no prégo (onde fôra comprado por um brazileiro, a quem o creado do quarto o roubou, indo vendel-o a uma franceza, que o deu ao seu namorado, um elegantissimo rapaz, que lord Greencook foi encontrar em Londres, e a quem pela centesima vez contou as suas peregrinações por causa do celebre anel.

O francez riu como um perdido da excentricidade do lord, mas, logo depois, pondo-se muito sério, disse-lhe:

—Peço-lhe desculpa deste excesso de hilaridade. Isto é genio nosso.

Lord Greencook fazia gestos afirmativos com a cabeça.

—Mas o anel?

—Chegou tarde, meu querido. Esse anel pagou hontem uma primeira noite de amor.

—E não ha meio de o rehaver? Eu estou pronto a dar mil, duas mil, tres, dez mil libras sterlinas por ele!

—Não ha meio de o rehaver, mylord.

Lord Greencook metia dó naquela ocasião.

—Ha-de haver, pensava ele, recordando-se com grande espanto que era em Londres que vivia sua mulher, a sua querida mulher que ele não via ha sete anos.

—Como deve estar mudada, murmurou baixinho. E logo depois:—John, vamos para casa.

Bateu á porta. Dai a nada estava em frente da sua muito preza esposa.

Ela apenas o viu, correu-lhe ao encontro, e recebeu-o de braços abertos.

Lord Greencook deu um grito de espanto.

Era finalmente feliz!

No dedo de sua mulher brilhava a formosissima esmeralda.

Urbano de Castro

HOMEM DO DIA

Sá Cardoso

O homem que nascer sob este signo será energico e prudente. Marte ser-lhe-ha propicio sem que Minerva lhe seja ingrata. Com a luneta pombalina verá o futuro côr de rosa,—embora toda a gente afirme que o horizonte está sombreado por nuvens precursoras dos maiores temporaes...

As ideas ser-lhe-hão faceis, mas nem sempre será feliz na sua enunciação. Talvez seja por isso que, por vezes, o não entendem. Em compensação será adivinhado na pureza das intenções, o que o tornará, mesmo sem ele dar por isso, num condutor venturoso de multidões irrequietas.

Não será athen, mas ha de simular que o é. Assim, lavando em public as mãos, dirá, muitas vezes, de si para si:

—Ora... quem vier atraz que feche a porta!...

NO PAÇO DE BELEM

O presidente da Republica e a imprensa

No «compte-rendu» que hontem demos da receção efectuada em Belem, por um lapso de paginação deixou de entrar a parte em que nos referimos ás palavras do sr. presidente do ministerio.

O sr. Sá Cardoso, depois do brinde em que o director do «Seculo», sr. Silva Graça, como decano dos jornalistas presentes, agradeceu o que á imprensa fôra levantado pelo sr. presidente da Republica, tomou a palavra, louvou a orientação patriotica pela imprensa seguida, pedindo a todos os jornalistas que n'essa orientação proseguissem, pois só a imprensa poderá com os seus conselhos encaminhar a opinião publica, n'este momento tão excitada. E' elevada a missão que á imprensa compete, mas tem a certeza de que ela a saberá desempenhar, como de costume, com o maior brilhantismo. Terminou erguendo a sua taça em honra da imprensa.

A' receção não compareceram representantes de «A Monarquia», «A Epoca», «A Batalha» e «O Combate», que justificaram a sua ausencia.

O Concurso Literario de "A Capital"

Apesar de ainda aberto só ha 40 dias o nosso concurso, temos a certeza do interesse que ele despertou, pela série de cartas, perguntas e artigos de outros jornaes que se tem referido com louvor á nossa ideia.

Tudo augura pois um optimo sucesso para o nosso certamen. «A Capital» frisa, comtudo, que o seu empenho é apenas trazer para a nomeada os ocultos, os novos, aqueles que nunca o fado protector das emprezas conseguiu atender um dia. Ha novos? Ha rapazes que podem vir a ser alguem nas letras, no romance ou no teatro? Ou realmente o declinio é manifesto, Portugal já não tem quem escreva?

Esse inquerito, essa pergunta feita abertamente aos novos, reside nos intentos do nosso concurso. E, para o bom e justo seguimento do certamen estabelecemos:

Auctores—Os novos, isto é, os que ainda não teem obra de tomo publicada, ou peças theatraes em scena em palcos publicos.

Originaes — Quer os «Romances» quer as «peças theatraes» teem de ser originaes, nunca premiados em outros certamens, em linguagem compativel com as boas normas litterarias e em «lingua portugueza».

Tendo-se suscitado duvidas sobre o destino dos originaes, estes serão todos entregues aos seus autores posteriormente ao concurso.

Theatro—A fim de podermos cumprir rigorosamente o que promettemos restringimos o nosso certamen theatral a «peças em 1 acto», dos generos drama, comedia, farça, em verso ou prosa. D'esta forma não só se pode mais facilmente estabelecer um criterio mais justo de classificação, como garantir a sua subida á scena n'uma recita em prol da «Casa Gil Vicente», visto que o espectaculo se comporá dos 3 actos primeiros classificados.

Premios—Os premios serão pecuniarios. Ainda não assentámos na quantia total, mas podemos garantir que constituirão uma recompensa justissima aos trabalhos. Haverá um premio para o primeiro romance classificado.

Um premio para a primeira peça classificada.

Um premio para a segunda peça classificada.

Por emquanto garantimos estes premios, e a publicação em folhetins na «Capital» do romance original, e a representação das 3 peças primeiro classificadas.

Jurys—Serão constituidos 2 jurys. Um para a escolha dos romances, outro para as peças theatraes. Podemos garantir que n'elles figurarão homens de letras, artistas, jornalistas, actores, cujos nomes só por si bastarão para atestar a sua competencia.

Prazo—Termina no dia 31 de Dezembro a entrega dos originaes, que devem ser assignados com pseudonimos.

A questão do peixe

Varios epitetos injustificados—Para resolver qualquer problema é preciso serenidade e razão clara—Uma proposta—A questão resolve-se sem politica—A administração municipal—O que pensa o governo—A Camara de Paris no tribunal

Depois de provado que os Armadores não mandam deitar ao mar peixe, nem pairar os vapores nas aguas da barra, quem os acusou d'isto tem de retratar-se do nome feio que lhes chamou «malfeitores». E ainda retirar o «nefando crime», visto que todo o peixe cahido no saco é aproveitado.

Conhecemos cavalheiros que só com inaudito esforço falam verdade. De resto, passam a vida a mentir e a caluniar, e á falta de dizer mal dos outros, dizem-no de si proprios, e ás vezes com muita razão. Se «A questão do peixe» se resolvesse com calunias, doestos, infamias e perfidias, já estaria achada a solução, porque a proposito d'ela se tem mentido, insultado e praticado actos pouco dignos. Quem vale alguma cousa pelo caracter não mente nem infama, portanto a calunia e a infamia são qualidades inatas de pessoa de sentimentos baixos.

*

Iamos de viagem no ronceiro comboio de Valença a Tuy e Vigo, já enfadados e irritados pelo seu pouco andamento, e ao revisor, entrando na carruagem, perguntamos: Este comboio anda ou não? Ao que nos respondeu imperturbavelmente: «Anda hombre, poro con alguna serenidad».

Desde que ouvimos tão sabia resposta, reputamos inutil tomar profundo calor nas discussões e por isso estamos tratando «A questão do peixe» serenamente e com a razão clara, aliás nunca se resolveria o problema.

Se fôsse possivel pôl-o em equação dependeria de muitas variaveis, e as regras matematicas não contéem grosserias, calunias e perfidias, mas principios racionaes. Portanto, inutil se torna preferil-as ou proceder de má fé, porque assim não se baixa o preço ao peixe, que é o que se pretende.

Quando os Armadores afirmam á C. de Subsistencias que não podem vender peixe á razão de $24 o kilo, dizem a verdade, e quem afirma o contrario falseia-a. Nenhum vereador tem mais probidade do que qualquer dos armadores, para duvidar do que estes lhe diz. Se foi para pôr em duvida o que os Armadores afirmam, provado por facturas e outros documentos, para que os chamou a C. de S. para entrar n'um acordo leal?

Para lhes ouvir dizer «quero» e «ha de ser assim» ou para eles lhes ensinarem os mais rudimentares principios, como o da lota se fazer de cima para baixo para se tornar a venda mais rapida. Então para isto não os mandassem chamar, deliberassem e descompuzessem-se uns aos outros.

Agora vir dizer «quero» o peixe a $24 o kilo, e «ha de ser assim», o que lhes ha de passar é esse auctoritarismo. Quando pescarem com os nossos vapores, tambem lhe fazemos uma proposta: compramos todo o peixe a $24 e vamos vendel-o nos postos a $26. Querem?

*

A auctoridade moral e profissional dos Armadores não precisa escudar-se nos politicos nem na politica, porque ainda a perversão não chegou a ponto de apagar a razão. Os srs Joaquim Pessoa, Augusto José Vieira e Ivo Barbosa, não fazem politica na questão do peixe; foram delegados dos armadores nas mesmas condições em que foram os srs. José Candido Corrêa e Ernesto Augusto de Sales. Os dois primeiros são gerentes da Empreza Central de Pesca, o terceiro da Empreza Neptuno, e os dois ultimos da Empreza de Pesca Maritima L.ª.

Os armadores não se impõem nem agridem sequer o governo para que o tornemos inerte e fraco. A Camara quer-se impôr exigindo-lhe, n'uma serie de disparates, como a de crear um regimen especial e todo particular de pesca em Lisboa, e no resto do paiz vigorar outro regimen. E com que auctoridade pede a Camara um regimen restricto a Lisboa para a industria da pesca?

Pescará melhor e mais barato? Onde tem dado provas da sua administração correcta e economica? Nos lixos? Nos talhos municipaes? Na limpeza das ruas? Onde? Ora, Deus nos dê paciencia para atural-os.

*

Terá o governo reconhecido, depois de consultar as estações competentes, que o que a C. de S. tem proposto não apresenta eficacia para baratear o preço do peixe? Ele o sabe. Nós, Armadores, só lhe temos provado que uma parte da pesca nas mãos da Camara Municipal traria a ruina a esta importante industria, e principalmente ao melhor mercado do peixe da peninsula, como é o de Lisboa.

*

«O Seculo» de quarta-feira tecia [illegible] elogios á Camara Municipal de Paris porque tinha conseguido baratear o preço do peixe. Averiguado o processo que adoptára, viu-se que mandára comprar em Boulogne peixe á lota por um comissario seu, e depois o vendia nos «halles» por preço inferior ao que tinha adquirido. O sindicato dos pescadores vendo n'isto uma burla, chamou a Camara ao tribunal.

D'este irregular procedimento vê-se que a Camara engendrára um artificioso meio para fornecer peixe barato, mas á custa da mesma Camara, sem se importar em lesar os interesses dos negociantes, que eram obrigados a vender por preço inferior ao que tinham comprado na «lota», pela concorrencia, aliás nada correcta, que a Camara lhes fazia. Veja-se o «Bulletin des Halles, Bourses, etc., de 26 de outubro p.p.».

A nossa boa C. de S. adoptára processo inverso: principiava por esfolar os armadores, comprando peixe a $24 o kilo, e, depois, a titulo de o pôr nos postos, vendia-o a $30, e o que lhe sobejava ia pôl-o na lota e vendel-o por preço muito superior a $24.

Era uma distincta arte russa bem imaginada. A colega franceza vae parar ao tribunal; aqui pretende-se que o sr. Presidente do Ministerio sancione estas e outras manigancias, em que todos haviamos de comer... peixe barato á custa de quem paga as despezas da pesca.

Fernando Afonso de Antas d'Oliveira

FALECEU

D. Josefina de Antas d'Oliveira, Alberto d'Oliveira, D. Maria de Antas d'Oliveira Reis e seu marido Gabriel Ramires dos Reis, Manuel de Antas d'Oliveira, cumprem o doloroso dever de participar ás pessoas de suas relações e amizade o falecimento de seu querido filho, irmão e cunhado, devendo o seu funeral realisar-se ámanhã, 10 do corrente, pelas 11,30 horas, da estação do Caes do Sodré, para o cemiterio Oriental, Alto de S. João.

Albino José de Moraes Ferreira

Falleceu

Horacio Moraes Ferreira, sua mulher e filha, Lidia Moraes Ferreira e Filipe Moraes Namorado, cumprem o dever doloroso de participar a todas as pessoas de suas relações, o falecimento de seu muito querido pae, sogro e avô. O seu funeral realisa-se ámanhã, 10 do corrente, saindo o prestito funebre da Rua Marques da Silva, 53, r/c., D., ás 11 horas da manhã.

Ateneu Comercial de Lisboa

Solenisando a abertura do ano lectivo de 1919-1920, realisa-se hoje, ás 21 horas, nesta conceituada instituição, um baile, para o qual a direcção teve a gentileza de nos enviar convite, que agradecemos.

PROBLEMA VITAL

O valor locativo em rendas

é o mais seguro indicador da riqueza colétavel dum paiz

—Vamos continuar, visto que é conveniente elucidar bem o assunto, para que se não diga que é só em favor duma determinada classe que eu falo,—observou o nosso entrevistado logo que hoje nos encontrámos.—Sabe bem, o senhor, que tem tido a pachorra de me ouvir e de transmitir aos seus leitores fielmente o meu pensamento, que assim não é, porque não me cançarei de repetir que se quero regalias e vantagens para o senhorio, tambem entendo que ao inquilino sério e honesto garantias e vantagens devem ser dadas.

—O justo equilibrio, como tem dito, não é assim?

—Exactamente. Já lhe fiz ver como na França se pensa a tal respeito. Mas não é só nesse paiz que isso se dá. Em toda a parte se reconhece o maior valor locativo e o Estado procura auferir a parte que desse valor lhe pertence. Já em Inglaterra, em 1910, Lloyd George introduziu o novo imposto sobre as maiores valias.

«Na Alemanha tambem, por uma lei, em 1911, foi creado para o Estado o imposto sobre o maior valor locativo dos imobiliarios. Por essa lei foram estabelecidas taxas diferentes para os diversos graus da maior valia. Nessa escala, as taxas vão até maiores valias superiores a 290 por cento, o que quer dizer que se acha natural que o imovel passa dentro dum curto praso a valer uma renda quadruplicada da que tinha.

«E em toda a parte, em vez de se impedir a revelação dessa maior valia, o Estado regosija-se com ela e vae buscar aos que enriquecem parte das receitas de que necessita. Só em Portugal, assim se não pensa.

«Durante a guerra, qual foi a principal fonte de receita para os governos beligerantes? O imposto sobre os lucros da guerra, que no fundo não é mais que um imposto sobre as maiores valias. Procedendo de modo contrario, o Estado segue a orientação de tributar os que empobrecem, para não tocar nos que fazem fortuna. Ora, não me parece que seja boa logica, nem mesmo boa politica. O que não tem os lucros que outros auferem, vendo-se tributado tanto ou mais pezadamente que o «novo rico», revolta-se e fica descontente, de resto com razão.

—Uma pergunta: o senhor não lucra com os trespasses?

—Não. O que os inquilinos pedem a titulo de trespasse não é senão a parte do capital que, pertencendo ao dono do predio, rende um juro egual á diferença de renda recebida por este e que ele devia receber, se não houvesse a proibição do aumento de 10 por cento em periodos de dez anos.

«Ora, se o proprietario recebesse essa renda, o Estado cobraria, pela parte relativa ao aumento, o que lhe pertenceria pela contribuição predial e de registo, assim como pela industrial, que tambem depende da renda paga pelo inquilino.

«A lei proibe aos proprietarios que recebam adeantadamente um só semestre que seja, mas não proibe o trespasse, que no fundo não representa mais que o recebimento adeantado de 50, 60, 80 e até mesmo de 100 semestres adeantados. Ora se houve classe que beneficiasse da guerra, foi a comercial, sem duvida alguma, me parece, a mais favorecida por esse flagelo.

«Tambem a camara municipal lucraria imenso com isso. Admira até que ela não tenha já intervindo, pois que está perdendo algumas centenas de contos por ano, o que, para um municipio que tem tantos e tão pezados encargos, representa um enorme prejuizo, podendo, se recebesse esse aumento, empreender obras de largo alcance e utilidade para os seus municipes, que sômos todos nós, no fim de contas.

—Mas, sabe o que se diz, que seria, o permitir-se o aumento, uma calamidade, que daria azo a que os senhorios abusassem e que em breve os clamores seriam geraes.

—Desde que a lei não acautelasse devidamente os interesses do inquilino, tendo de confessar que haveria muitos e muitos abusos. Não julgue que eu não vejo isso. Vejo, sim, mas volto á minha e insisto em dizer que é preciso remodelar a lei. Acautelem-se os interesses do inquilino, mas dê-se ao senhorio a faculdade de tirar um juro compensador do seu capital. Permitir só que uns lucrem e outros tenham de suportar as perdas, não faz sentido.

«Olhe que o valor locativo em rendas é em toda a parte considerado como o melhor indicador da riqueza colectavel e que, por esse motivo, nele se faz assentar todo o sistema de impostos directos e da contribuição de registo. Os exemplos que lhe tenho citado creio que são bem concludentes. Lá fóra, assim se pensa e assim se procede. Porque havemos nós de ser uma excepção? Ha motivos para isso? Alega-se a carestia da vida. Não é essa carestia geral para todos, não a sofrem tanto os que não teem predios, como os que os possuem?

«O valor locativo em rendas é, por assim dizer, a chave das receitas do Estado e o cuidado de todos os Estados é fazer com que ele nunca seja inferior ao que deve ser.

«Muito ha ainda que dizer, mas isto não vae a matar e, portanto, ámanhã proseguiremos.

A. C.

Salão Central

O espectaculo de hoje compõe-se das belissimas peliculas «Joven harpista», «As garras do leão» e «O Idolo das mulheres». Na primeira, cuja protagonista foi confiada a Elvira Rodaelli, tem esta actriz um trabalho digno de maior menção. Nova, cheia de formosura e vestindo com requintada elegancia, não lhe é dificil, sempre que os films do seu repertorio são exibidos, ter o publico por si, completamente subjugado, taes são as suas qualidades de comediante eximio. Na segunda aparece em todo o explendor da sua frescura, n'uma mocidade que impressiona, a insigne artista Marie Valcamp, sempre cheia de vida e de entusiasmo. A sua interpretação, não nos cançamos de dizer, é de molde a deixar-nos maravilhados, pelos perigos a que se expõe, pelas peripecias a que dá logar e pela forma como se liberta das garras dos leões e... dos homens.

E termina o espectaculo com a terceira—«O Idolo das mulheres», uma verdadeira fabrica de gargalhadas, com as mais graciosas situações e que o publico recebe sempre com o maior agrado.

A'manhã, segunda-feira, uma interessante «matinée» com a estreia da 3.ª jornada, em 4 partes, «A sangrenta proclamação», da soberba fita «As garras do leão».

Trabalhadores de teatro

A Associação de Classe dos Trabalhadores de Teatro reuniu esta tarde, em assembléa geral extraordinaria, no teatro Apolo, para se ocupar da sindicancia requerida aos actos das suas administrações.

Antes da ordem do dia, varios assuntos foram tratados, entre eles o aumento de vencimento dos comparsas de scena, que ficou de ser apresentado pela direcção ás emprezas teatraes que ainda o não hajam efectuado. Tambem se procura conseguir que as vagas a preencher n'essa classe o sejam por associados.

Resolveu-se mais autorisar a direcção a socorrer a viuva do actor Antonio Silva, que ficou em precarissimas circunstancias.

Depois entrou-se na ordem dos trabalhos, sendo dada a palavra ao actor Rafael Marques, presidente da comissão de sindicancia nomeada e relator, que começa por dizer que, supondo tudo encontrar bem, assim não pode afirmal-o á assembléa. Poria de parte odios ou simpatias para ir direito ao mandato que lhe haviam dado.

Em seguida entrou na pormenorisação dos actos dos corpos administrativos transactos, notificando irregularidades de escrita, falta de actas e outros documentos, lamentando que a maioria dos papeis que encontrou em pouquissimo ou nada esclarecessem a comissão.

O relatorio é extenso e minucioso, e a sua leitura durava ainda á hora em que sahimos do Apolo, para alinhavar estes apontamentos.

Theatros e Cinemas

Noticiario

Portugal

Na revista «Dominó», que vae reaparecer no Eden, substituindo «Aqui d'El-Rei», reaparecé a actriz Ema de Oliveira, que tem estado impedida de representar por grave doença.

França

Agradou muito no teatro do Palais Royal a revista «Hercule á Paris», de Rip e Gignoux. Dizem os jornaes que é uma revista, coisa que em geral não são as peças anunciadas como pertencendo a tal genero.

—No teatro dos Campos Elysios exibiu-se ultimamente, com geral agrado, uma sucessão de scenas populares russas musicadas e representadas, denominada «L'Isba russe».

—«Le Prince Blenet, que ha dias subiu á scena no Nouveau Lyrique não agradou.

—Para a reposição da opera «Thais», veiu especialmente de Londres M.me Elvina, que tem na protagonista uma das suas melhores creações.

—A Comedia Franceza vae festejar a centena «d'Amoureuse», de George de Porto-Riche.

—Nas arenas de Lutecia, vae Gémier realisar espectaculos, que constituirão verdadeiras manifestações de beleza plastica.

Emquanto não leva esse proposito á pratica aquele artista, prepara para o «OEdipe», de Saint Georges de Bouhélier, que será representado no Circo de Inverno, uma figuração composta de verdadeiros atletas.

Cartaz de hoje

Nacional, ás 21, «A Flor de Seda».
Politeama, ás 21, «Blanchette».
Ginasio, ás 21,30 «O libertino».
Avenida, ás 21, «Paz armada».
Eden, ás 20, «Aqui d'el-rei».—A's 22—«A princeza dos dolars».
Apolo, ás 21,30, «Os 20 milhões».
Coliseu dos Recreios, ás 21, Grande Companhia de Circo.
Animatographos—Salão Foz, Olympia, Condes, Chiado Terrasse, Salão da Trindade, Salão da Promotora, em Alcantara, Salão Portugal, rua de S. João da Praça.
S. Luiz, ás 21,30, «O pé de meia».
Trindade, ás 21, «A Exilada».

Vida Sportiva

Grupo Sport Cruz Quebrada

O presidente da assembleia geral convoca a assembleia geral para o dia 15, pelas 21 horas, na séde do grupo, a fim de serem eleitos preenchidas as vagas dos corpos gerentes. No caso de não haver numero é convocada nova reunião para a mesma noite, ás 22 horas.

Grupo d'Armas Sport de Lisboa

Em virtude do falecimento do sr. Albino de Moraes Ferreira, pae do director tecnico e distinto mestre da sala de armas de este grupo, sr. Horacio Moraes Ferreira, não funcionam, ámanhã, segunda-feira, as classes de ginastica sueca aplicada e jogos de pau.

Ao sr. Horacio Moraes Ferreira e demais familia enlutada envia «A Capital» os seus pezames.

Noticias da Capital

As proezas da gatunagem

Paulo Pereira Bahia, residente em Aveiro, foi preso a pedido de Manuel Pinho, morador na travessa de João de Deus, 13, rez-do-chão, que o acusa de lhe ter furtado a quantia de 115 escudos.

—Foi presa Maria Thereza, moradora na travessa da Verbena, 6, loja, por ter furtado á sua companheira de casa Elisa Abrantes varios objectos, roupas e a quantia de 32$50.

—Manuel Miguel, morador na rua da Praia do Bom Sucesso, 14, queixou-se de que os gatunos entraram por meio de arrombamento na sua residencia e furtaram objectos no valor de 53 escudos.

Dando a matar

Na enfermaria 4 do hospital de S. José, depois de operado da laparotomia pelos srs. drs. Azevedo Gomes e Sabino Pereira, deu entrada Alfredo d'Oliveira Gomes, o «Guarda noturno», de 34 anos, serralheiro mecanico, morador na rua das Galinheiras, 34, 4.º, E., que foi agredido nessa rua por um individuo que diz não conhecer, o qual lhe vibrou uma facada no ventre, fazendo com que os intestinos saissem.

O seu estado é grave.

Oficiaes reformados

Os oficiaes reformados do exercito reuniram esta tarde, em uma das salas da Cooperativa Militar, para tomar conhecimento dos trabalhos da comissão que entre eles haviam escolhido para se ocupar da questão de melhoria de situação.

Aprovaram os actos da referida comissão, o quem reintegraram no mandato de curar dos seus interesses.

Ultima hora

A mais recente e mais original do "manjor„ Evangelista

O exercito portuguez tinha já a medalha que assignalava a entrada na campanha de França. E' aquela medalha verde e rubra com a data e o local da campanha, como já existia para as tropas de Africa. Essa medalha pertence a todos que prestaram bons serviços nas diferentes regiões para onde foram enviados.

Recentemente foi creada uma nova condecoração, chamada da «Victoria». Já não é para todos; é uma medalha para quem a merecer. Mas como se merece? Como se faz a selecção?

E' então que o «manjor» Evangelista, puxando de toda a sua logica e raciocinio, e, influenciado pelo «tempo»—esse grande factor predominante na carreira dos antigos «manjores» e coroneis reformados—lembrou que a medalha seria para quem tivesse estado em campanha um determinado numero de dias.

Onde? Em campanha; compreendendo por esta designação as linhas da frente batidas pelo fogo, e as bases consoladoras da rectaguarda.

De forma que, quem esteve 30 dias na «trincha» dura, foi ferido, voltou para traz, não tem condições para ser agraciado com a medalha da «Victoria», emquanto que o ilustre e polido oficial do Q. G. B. do C. E. P. que esteve pontualmente elaborando «notas e confidenciaes» a 30 kilometros do zumbido das balas, é um heroico contemplado da «Victoria».

Os nossos parabens ao sempre genial «manjor» Evangelista; a ultima é sempre a melhor.

Na America do Sul

Actores portuguezes no Brazil

RIO DE JANEIRO, 8.

Partiu para essa capital o actor Alves de Sousa.—(Americana).

Os portuguezes vencedores no campeonato nautico internacional

RIO DE JANEIRO, 8.

O jornal «O Paiz» publica telegramas de Paris dando conta do assinalado triunfo alcançado pela «équipe» portugueza que concorreu á «Taça da Vitoria» do campeonato nautico internacional.—(Americana).

Acordo entre o Chile e a Bolivia

SANTIAGO (Republica do Chile), 8.

Corre o boato de que os governos do Chile e da Bolivia chegarão brevemente a um acordo com respeito á cedencia ao Chile, por parte da Bolivia, d'um porto dando acesso para o Oceano Pacifico.—(Americana).

Homenagem ao Brazil

RIO DE JANEIRO, 8.

O «Orfeon da Juventude Portugueza» realisa no proximo dia 15 uma festa de homenagem ao Brazil, celebrando assim o aniversario da proclamação da Republica Brazileira.—(Americana).

Falecimento do dr. Ignacio Irigoyen

BUENOS-AIRES, 8.

Faleceu o ex-governador e senador dr. Ignacio Irigoyen, irmão do Presidente da Republica.—(Americana).

CRAPULA CITADINA

Vadios e gatunos para Africa

A primeira leva, de cêrca de 300, sae no dia 15 do corrente

Ficou finalmente resolvido descongestionar o forte de Monsanto dos 700 gatunos e vadios de cadastro que tendo sido condenados já ha tempos aguardam que lhes seja dado destino.

A primeira leva, de cerca de 300 presos, vae sahir de Lisboa com destino a Angola, no dia 15 do corrente e não ámanhã, a bordo do «Peninsular», como se disse. Este barco, que só ámanhã de tarde sahirá do Tejo, não leva passageiros.

Depois d'esta primeira leva outras se sucederão.

Como o governador de Moçambique tenha instado junto do governo para que não lhe mande para aquela colonia mais criminosos, os presos reincidentes já julgados e condenados seguirão para Angola, onde empregarão a sua actividade em outros misteres que não seja assaltar e roubar o cidadão pacifico que transita pelas ruas da capital.

Ainda hontem nos referimos a uma quadrilha perigosa de sovaqueiras que os agentes Antonio Pereira e Serra, da policia de investigação, detiveram no Chiado, esquina da rua do Carmo, quando andava exercendo a sua industria.

Aurora dos Prazeres, a chefe d'essa quadrilha, conseguiu escapar-se ao presentir os referidos agentes, mas pouco tempo teve para se regosijar com o seu gesto, pois que foi presa hoje pelo agente Pereira quando seguia pela rua 1.º de Dezembro. Conduzida ao governo civil, recolheu a um dos calabouços, devendo em breves dias responder como vadia, a fim de ser entregue ao governo, pois se trata de uma gatuna de largo cadastro e que ainda não ha muitos dias sahiu do Aljube.

Tambem o agente David Mateus, andando por varias hospedarias da Mouraria, em procura da gatuna de forasteiros Virginia Faria, a «Meuda» ou «Cara de Macaco», que ha dias n'uma hospedaria da travessa de Santo Antonio, á Sé, furtou a quantia de 490 escudos a João Baptista Lavrader, de Beja, hospedado na rua do Arco do Bandeira, 128, 3.º, conseguiu deitar a mão a 9 mulheres vadias, as quaes recolheram aos calabouços do governo civil.

Afinal a «Cara de macaco» conseguiu, após o furto, evadir-se para o Barreiro, de nada lhe valendo tal estratagema, pois ali foi presa hoje, pelas autoridades locaes, devendo ámanhã ser remetida á policia de Lisboa.

O atentado contra o sr. Alfredo da Silva

Um dos autores do crime segue depois de amanhã para o tribunal da Boa Hora

O agente Xavier, da policia de investigação, voltou hoje a interrogar o estucador Artur Pinto Alonso, que estando preso e incomunicavel na esquadra da travessa das Mercês foi removido para o governo civil. O Alonso, que, como é sabido, alvejou com uma pistola que se encravou o industrial sr. Alfredo da Silva, quando do atentado de quinta-feira no Alto de Santa Catarina, mais uma vez negou que tivesse participação no crime, alegando que na ocasião em que se deu a explosão da bomba se encontrava por acaso no local, dizendo por ultimo ao agente que o estava ouvindo:

—Escusam de me interrogar mais, porque d'aqui não levam nada...

Findos os interrogatorios, foi levantada a incomunicabilidade ao preso, o qual recolheu ao calabouço n.º 7.

O mesmo agente, que nas suas diligencias é auxiliado pelo seu colega Mira, ouviu ainda outras testemunhas que confirmam ter sido o Alonso quem apontou a pistola ao peito do sr. Alfredo da Silva.

O «chauffeur» Raul Rodrigues de Sousa, atingido pelos estilhaços da bomba, continua em tratamento no hospital de S. José, sendo bastante satisfatorio o seu estado.

Foi hoje mais uma vez ouvido pelo agente Xavier, que reduziu a auto as suas declarações.

O sr. Alfredo da Silva, intimado a comparecer hoje no governo civil, a fim de prestar declarações, não apareceu ali, por ter sahido inesperadamente de Lisboa, devendo ser ouvido por deprecada no local onde se encontra.

Como hontem dissémos, o agente Xavier passou uma demorada busca, em casa do Alonso, apreendendo uma lima, alguma metralha para carregar bombas, varias fotografias com modelos de explosivos e o folheto «A bomba explosiva», que indica a forma como se fabricam bombas.

Por emquanto não se conseguiu descobrir quem é o cumplice do Alonso, não tendo a policia podido obter quaesquer indicios.

O preso deve ser depois de ámanhã remetido ao tribunal da Boa-Hora.

HONRANDO OS MORTOS

As homenagens de hoje

Revestiu grande imponencia a manifestação funebre que a direcção do Centro Republicano Escolar França Borges realisou hoje á memoria do seu patrono, o saudoso jornalista e devotado republicano sr. Antonio França Borges. Passava das 15 horas quando os manifestantes sairam da séde do Centro e se encaminharam para o cemiterio do Alto de S. João onde sobre a campa do extinto foram depostos varios ramos de flôres naturaes.

Tambem a direcção do Centro Republicano Almirante Reis organisou hoje uma manifestação funebre á memoria do seu consocio e dedicado republicano José Maria Monteiro, sendo deposta sobre a sua campa uma corôa e alguns ramos de flôres naturaes e tendo-se encorporado no cortejo numerosas pessoas.

Junto das campas onde repousam os extintos usaram da palavra varios oradores que enalteceram a ardente fé e a propaganda efectuada pelos homenageados em prol da Republica.

Poeira da Arcada

Pedido de sindicancia

O sr. ministro do interior nomeou o comissario de policia do Porto, sr. dr. Augusto Lopes Carneiro, juiz aposentado, para proceder á sindicancia requerida pelo sr. dr. Rodrigues Esculcas, director da policia de investigação, aos seus actos.

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

3371 — 10.° anno | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.° | LISBOA — Segunda-feira, 10 de Novembro de 1919 | Telephone n.° 2298 — Endereço teleg. CAPITAL — Officina de Impressão — 71, Rua da Bica, 71 | Preço, 2 centavos

Em baixo e em cima

Hontem, em pleno dia, e n'uma das principaes ruas da Baixa, caiu, ferido com uma navalhada no ventre, o famoso desordeiro, conhecido pela alcunha de «Guarda Nocturno». O caso não teria uma significação além da que pudesse advir-lhe do facto de ser a victima um desordeiro conhecido, se não fôra atribuir-se a causa d'esse crime a questões politicas.

Com effeito, segundo narra «O Seculo», o sangrento caso originou-se n'uma rixa antiga entre o «Guarda Nocturno», que parece ter sido entusiasta pela situação dezembrista, e o não menos conhecido «Pintor», que, ao que parece, tem opiniões adversas às do «Guarda Nocturno».

Não foi o «Pintor» quem feriu o «Guarda Nocturno». Foi um seu companheiro, porventura excitado pela discussão entre ambos travada. O «Pintor» procurou mesmo salvar o seu antagonista, amparando-o e acompanhando-o ao hospital. Mas o que parece não soffrer duvida é que foi a politica, creada atravez de certos temperamentos e de certas condições, a causa d'este drama de sangue, em que se patenteou um selvatico furor.

Posto isto, não será licito acentuar as pessimas consequencias da paixão politica, que, tantas vezes, com responsabilidade, voluntariamente acende, como um brazeiro, nas baixas camadas da sociedade?

Aquelles que procuram influenciar o espirito publico, aquelles que se investem na missão de dirigentes ou orientadores devem ter muita cautela no tom que imprimem às suas discussões. Aquillo que n'um certo meio não produz mais do que uma sensação passageira, ou que se confina nos limites d'uma pugna de idéas, civilisada e serena, pode em outros meios, nos claros purpureos do instincto, que desencadeia, gerar o pensamento do crime, e d'esse pensamento à execução muitas vezes não medeia um passo.

Toda a vida houve rixas, toda a vida houve facadas, toda a vida os annaes do crime brutal e sanguinario tiveram que registar. Mas que a politica, que deve pairar n'uma esfera elevada de consciencia, desça e vá ter nas tavolagens e nas tabernas, fazendo brandir facas e assestar revolvers, eis o que ainda ha pouco não era licito supôr.

Perigo tremendo é o da excitação de taes creaturas, de efervescencia de taes meios! O espirito da violencia encontra ahi a sua expansão mais fatal, e dentro em pouco, quando ella flameja nas suas paixões incoerentes, já não se sabe qual o traço que delimita o que é ainda um pensamento politico ou o que já é apenas a furia do homicidio.

Se formos a profundar as causas d'esta tremenda contingencia, verificaremos que ellas veem de cima. Não é apenas a tara do criminoso: é também, e principalmente, o incentivo de certas campanhas onde se prega o odio como norma politica, e a furia dos exaltados se aponta, como um alvo, tudo aquillo que se atreve a ter idéas contrarias às da seita que se envolve no desespero da sua intolerancia e da sua sêde de vindicta.

Ha quem não saiba luctar no terreno politico sem imputar aos que não commungam nas suas idéas toda a sorte de maleficios nacionaes. Os adversarios são designados como ladrões, assassinos, traidores, creaturas merecedoras de mil mortes. Se ha quem saiba descontar n'estas apostrophes o interesse partidario contido por espiritos grosseiros e impacientes, ha tambem quem tome à letra todas essas invectivas camagadoras. D'ahi a estar-se sempre na contingencia d'um crime, se a perdida delirante de certos plumitivos e a propaganda furiosa de varios facciosos, de todos os matizes, entrar, como uma verdade, nas consciencias sombrias onde o crime obscuramente se gera.

O que hontem se passou é um reflexo sangrento de lutas violentas que se teem travado na politica portugueza. Procuremos dar a essas lutas outro aspecto, para que se não diga que vez politica se resolve a golpes de navalha.

CRAPULA CITADINA

Bandido requisitado pela justiça militar

Em janeiro findo, chegou de França uma força expedicionaria, vindo alguns soldados condemnados pelo tribunal de guerra do C. E. P., entre os quaes um tal Germen Ortiz ou Antonio de Brito Ortiz, que tinha de cumprir prisão maior cellular e degredo, por haver feito parte d'uma temivel quadrilha de salteadores, organisada em França, e conhecida pelo nome de «Mão fatal».

A essa quadrilha tambem pertenceram o gatuno de arrombamentos «O Mula», já entregue ao governo, e o «Alberto Mulato», os quaes se encontram em S. Julião da Barra, para seguirem para Loanda.

Apenas chegou a Lisboa, o Antonio Ortiz teve artes de fugir, mas pouco depois era preso, por ter feito, por meio de arrombamento, um roubo de 1.800 escudos, dando então entrada no Limoeiro. Tendo o tribunal militar conhecimento de que o celebre gatuno se encontrava preso, requisitou-o á policia e ao tribunal da Boa-Hora, para depois de liquidar contas com a justiça civil, ficar à ordem d'aquelle tribunal.

TRANSFORMANDO COSTUMES

Ambições... e formulas novas

A guerra, na sua convulsão gigantesca, transformou o mundo, creando novos processos de vida e destruindo preconceitos. Em todos os campos da actividade humana, se fez sentir essa evolução, simultaneamente destruidora e constructora.

Vejamos um exemplo curioso.

A guerra poz em armas muitos milhões de homens e, d'esses milhões, alguns ficaram inutilisados, com varias mutilações e enfermidades. Estes invalidos diveram durante o periodo das hostilidades, quem pensasse na sua sorte, quem os amparasse, quem os soccoresse e quem lhes defendesse interesses e direitos. Terminada a guerra, olharam uns para os outros e verificaram que eram uma legião e que, sendo assim, constituiam uma força poderosa. Associaram-se. Syndicalisaram-se. Uniram-se internacionalmente. Depois, appareceram em todos os actos oficiaes a tratar directamente do que lhes dizia respeito.

E hoje a sua acção de defeza, representa o mais grave problema que a guerra deixou para resolver.

Não se pode mandar calar, por um acto de força, o grito de cinco milhões de homens!

E os cinco milhões de homens, a quererem todas as regalias sociaes, representam um agitante elemento de perturbação, que os profissionaes das revoluções aproveitam.

Já uma vez em Londres, por occasião da visita do Comité Permanente Interalliado feita a convite do governo inglez, ouvi dizer a sir Alfred Keog, chefe supremo dos serviços de saude dos exercitos britanicos:

—Tudo, por emquanto, vae na melhor harmonia. Amanhã, porém, acabada a guerra, os mutilados e os invalidos ainda hão de dar que fazer. Por agora, nós pensamos n'elles. Depois, á medida que os fômos esquecendo, eles hão de ir lembrando que foram os sacrificados da lucta para a qual não contribuiram e onde entraram honrando compromissos creados por aquelles que os esqueceram!

Effectivamente...

Alguns factos que chegam ao meu conhecimento confirmaram esta previsão.

Em 1917, reuniram em Paris, em conferencia interaliada, os representantes de todos os paizes em guerra contra a Alemanha, juntamente com os tecnicos da medicina, da pedagogia e do mutualismo para tratar da reeducação funcional e profissional dos militares feridos e inutilisados em campanha. Nas assembleias não se ouviu uma reclamação fundamentada de qualquer d'esses invalidos. O general francez Malleterre, mutilado do Marne, agrupou-se ao lado dos tecnicos e compartilhou da sua maneira de pensar. O mesmo succedeu ao advogado belga Le Clerq, mutilado do Yser. Apenas um alferes francez se ergueu do logar para dizer:

—Quem deve tratar das coisas dos mutilados somos nós que somos mutilados...

Mandaram-n'o calar. Convenceram-n'o. Ele não tinha bases para se defender, nem medicos, nem sciencias, nem juristas!

Em 1918, porém, já as coisas mudaram um pouco. Nas reuniões da Conferencia Interaliada de Londres, os mutilados da guerra, fizeram ouvir algumas das suas reclamações, nas secções presididas por lord Charnevood e sir A. Boscawen. E n'esse mesmo ano, os mutilados reuniram-se em congresso seu e obrigaram a maior intensidade de trabalho nos ministerios dos seus paizes. Crearam-se, por toda a parte, repartições oficiaes para tratar dos seus assuntos.

Agora, em 1919, houve o choque final na Conferencia Interaliada de Roma. Os invalidos da guerra obtiveram um importante triunfo. Impuzeram-se. Conseguiram representação oficial, inclusivé dentro do Comité Permanente Interaliado, que era até agora refugio de tecnicos e de competencias excepcionaes e vivia fechado á entrada de qualquer que aparecesse. De hoje em diante, os invalidos querem saber, de perto, como tratam dos seus interesses, importando-se com os seus votos nas assembleias oficiaes.

E em Portugal...

Já chegaram os echos d'essas reivindicações. Informam-nos que n'uma comissão nomeada pelo ministerio da guerra, para rever leis e diplomas sobre invalidos, vão ser incluidos dois representantes dos mutilados portuguezes.

Formulas novas...; formulas novas.

José Pontes

MINISTERIO DA GUERRA

A serie inesgotavel do "manjor" Evangelista

Demos ainda hontem a mais recente e mais original do nosso ferti «manjor» Evangelista, e já hoje temos a acrescentar uma outra... e das boas.

Elas são tantas, que, verdadeiramente, estamos aqui resolvidos a pedir ao nosso presado «manjor», para organisar uma secção permanente no nosso jornal, mandando-nos sua ex.ª os seus originaes, do ministerio da guerra, as copias dos oficios, circulares, etc., que constituirão a nossa inesgotavel «Secção de disparates comicos e tristes».

Hoje, por exemplo, cá vae mais um exemplo do seu criterio e boa orientação:

Foi promovido a tenente o alferes da Administração Militar João Coelho Lopes, dos mais modernos do seu curso, pelo simples facto de estar oferecido para a Africa e ter sido mobilisado para França, ingressando logo na escala geral sem ter feito sequer um dia de comissão em Africa, emquanto os oficiaes do seu curso, mais antigos, ficavam no posto de alferes. Este oficial esteve 18 a 20 mezes em França. Pouco depois na O. E. n.° 23—2.ª serie, de 21 de outubro de 1919, a paginas 1481, é promovido a tenente o alferes da Administração Militar Antonio Manuel da Fonseca para a guarda republicana, sem se citar a razão de tal promoção nem qual a lei em que se fundamentava, parecendo que era promovido pela mesma razão que o primeiro, isto é, estar oferecido para a Africa e ter sido mobilisado para França, onde esteve 6 a 8 mezes.

Este oficial ficou, portanto, incluido na escala geral dos tenentes e não na categoria de adido, sem ter ido sequer á Africa, o que é contra os principios da lei, pois qualquer oficial que não complete os 2 anos de comissão volta ao posto anterior. E, para mais é colocado na guarda, de onde não pode sair senão 18 mezes depois da sua colocação. Quer dizer, este oficial nunca mais faz a comissão, encontrando-se incluido na escala geral com a antiguidade de tenente, de 17 de março de 1918, emquanto os oficiaes do seu curso e curso anterior, mais antigos na escala referida a 31 de dezembro de 1918, se encontram ainda no posto de alferes.

Mas assim é que é e assim o entende o nosso encruciadissimo «manjor»!

CONVERSAS OUTONAES

Que é a felicidade?

(Pergunta duma dama indiscreta a um fantasista palrador).

Definir «felicidade» na estreiteza do vocabulario comprensivel á maioria, sem frases rebuscadas ou guizalhantes, é o mesmo que oferecer as subtilezas dum Ourigan ás pituitarias camponias acostumadas aos fortes saponaceos de Santa Iria. Pára a fase corriqueira da pergunta, qualquer lexicon servirá. Para o resto—o saber, o coração e a inteligencia de cada qual que alargue o ideazr.

Mas, como na sua relatividade, a vida não admite afirmações absolutas, o melhor e necessario será saber-se qual o estado d'alma e qual a qualidade que para cada um resume e consubstancia o supraisumo da boa sorte, do contentamento e da satisfação. O maximo para declinar ao minimo.

O palrador, que me confidencia, pensa que «felicidade» é uma esperança realisavel que—falte muito embora efectuar-se por completo!—não se realisou ainda... D'esta ainda azul, d'esse sonho encantador, é necessario, cautelosamente, afastar tudo o que o impeça de subsistir. É preciso, por isso, que cada ente saiba despresar o seu egoismo e esquecer o seu amor proprio. O impossivel, já para o heroe da comedia!

E assim, esse fantasista é—ele indomavelmente o assevera!—na sua triste desventura o ser mais feliz e ditoso que imaginar-se pode! A sua «felicidade» é a felicidade... d'outrem! Dos destroços do seu palacio de desejos e quimeras, se construiu a cabana onde, com energia, resignação, simplicidade, optimismo e alegria, dá batida a todos os sentimentos perniciosos, e, misteriosamente, guia os seus pensamentos, os seus actos e as suas palavras para a ventura de quem coloque, sendo uma bela esperança realisavel ou um apetite tentador é, tambem e sempre, um maravilhoso sonho a realisar!

E como só se é feliz quando não procuramos sel-o, ele consegue realisar esse «desideratum». E dizer-se que a felicidade não existe na terra mofina!

Mas, nem todos podem saber viver assim, fazer brotar o encantamento de tudo que não possa perturbar o seu sonho! Para os restantes, a «felicidade» é lacanda longinqua, e para lá chegar obrigatorio se torna percorrer um caminho, tão escabroso como o do inferno dantesco:

Per me si va nella città dolente,
Per me si va nell'eterno dolore.

Essa legenda, posta pelo imortal poeta florentino á porta do logar maldito, póde tambem á felicidade mandal-o bordar, a capricho, ou com singeleza capricheira, no lenço com que a fugir, constantemente, acena aos desventurados da vida, levando-lhe as ilusões, na forma como o nosso admiravel Gil Vicente, já na mais lirica amabilidade, recomendava á sua amada:

Senhora de finos dedos,
Quero guardar meus segredos,

Mandai sotterrar-me em vós.
Crêr e alimentar a fantasia é tudo! A «felicidade» é o imaginario!

José Parreira

Um bravo republicano condecorado

A imposição da Torre e Espada ao sargento da guarda fiscal Correia de Carvalho

Na pequena parada, junto da ponte da Alfandega, celebrou-se esta tarde a entrega das insignias da Torre e Espada a um bravo militar e bom republicano, que mereceu tal distinção pela fórma por que procedeu quando se deu a insurreição monarquica no norte, reagindo contra as hostes couceiristas e indo colocar-se ao lado das forças legaes.

Queremos referir-nos ao 1.° sargento da guarda fiscal José Correia de Carvalho, que, como é conhecido, teve parte preponderante na acção contra as forças realistas no Geraz, onde se achava destacado e intimaram a render-se, ao que se recusou, indo juntar-se aos efectivos republicanos que na Portela do Homem derrotaram os insurrectos e comandando o elemento civil republicano local.

Para a cerimonia de hoje formou-se no ponto referido no começo destas linhas uma força de 200 homens da guarda fiscal, comandada pelo capitão sr. Almeida, da qual fazia parte o sargento que acaba de ser condecorado, o qual, estando presentes o comandante, coronel sr. Antonio Maria Baptista, e o sr. ministro das finanças, foi mandado sair da fórma, indo colocar-se a certa distancia á esquerda do comandante da força.

Então, o alferes sr. Arez, depois de ler a Ordem do Exercito, em que vem publicado o decreto condecorando o sargento Correia de Carvalho, fez uma brilhante alocução, exaltando os actos de civismo e bravura praticados por aquele oficial inferior e fez tambem o elogio do coronel comandante da guarda fiscal, terminando por dar vivas á Republica, a que as forças em parada, muitas praças da guarda republicana e numerosas pessoas reunidas no recinto, se associaram.

O coronel sr. Antonio Maria Baptista dirigiu tambem ao sargento Carvalho palavras elogiosas, agradeceu ao sr. ministro das finanças o ter honrado com a sua presença aquele acto e colocou ao peito daquele que tão dignamente a merecera a insignia do segundo grau da Torre e Espada.

As forças apresentaram armas e em seguida desfilaram para quarteis, assim terminando a singela e significativa homenagem.

O escandalo das subsistencias

Um funcionario do Estado que desaparece para não pagar uma multa de 50 contos

O agente Teixeira, da policia de investigação, ainda hoje ouviu varias testemunhas sobre o escandaloso caso do fornecimento de guias de manteiga, a que por varias vezes «A Capital» se tem referido.

O mesmo agente tambem se está ocupando do misterioso desaparecimento, do extincto ministerio das subsistencias, da guia de transito referente a uma remessa de 50 sacas de assucar para a Camara Municipal de Vila Nova de Ourem e em que se diz estar implicado o funcionario do mesmo extincto ministerio dr. Carlos Fernandes, o qual já foi intimado a comparecer no governo civil, a fim de prestar declarações.

Outro caso sensacional está egualmente a ser estudado pelas estações superiores, prometendo o assunto despertar certo escandalo. Trata-se do seguinte:

Não ha muito tempo, e em conformidade com as determinações então em vigor, foi selada parte dos lados dos Loyos uma mercearia, onde se encontravam sonegadas 225 sacas de feijão. Apurou-se depois que essa mercearia pertencia ao sr. Francisco Coelho Dias, secretario da administração do 1.° bairro e tambem socio dos Celeiros L.ª, ao contrario do que determina o codigo administrativo, pois que os funcionarios do Estado não podem ser estabelecidos. Ao sr. Coelho Dias foi imposta a multa de 50.000 escudos por sonegação de generos, mas o facto é que até esta data aquele funcionario nunca apareceu a liquidar a multa.

O mais curioso é que o sr. Coelho Dias pediu uma licença, que lhe foi concedida, com a condição de não sahir do paiz, e agora procurando-se investigar urgentemente o assunto, não é encontrado, constando que se tem ausentado para Hespanha!

PELO TELEGRAFO

Marinheiros portuguezes em Italia

A missão naval chega a Roma

ROMA, 10.

Chegou a missão naval portugueza, composta do comandante Pereira e de 5 oficiais do cruzador «S. Gabriel». Foram recebidos na estação pela representação diplomatica de Portugal e pelas auctoridades.—(Havas).

Na America do Norte

Gréve que acaba mal

LONDRES, 7.

O «Times» recebeu um telegrama de New York, dizendo que os dockers acabaram a gréve e voltaram ao trabalho com os antigos salarios.—(Havas).

Visita esordeaes

Poincaré vae a Londres pagar a visita a Jorge V

PARIS, 9.

Com o fim de pagar a visita que o rei de Inglaterra fez a Paris e demonstrar aos soberanos e ao povo inglezes a inalteravel amizade da França, o sr. Poincaré, acompanhado por madame Poincaré e pelo sr. Pichon, ministro dos negocios estrangeiros, partiu para Londres ás 22,10.—(Havas).

Mortos ilustres

PARIS, 8.

Faleceu o sr. Lanessan, que foi ministro da marinha no gabinete presidido por Waldeck Rousseau.

BERNE, 9.

Faleceu o conselheiro federal Muller, que foi presidente da Confederação por tres vezes.—(Havas).

Na America do Sul

O mercado do café

SÃO SALVADOR (Estado da Bahia) 9.—O «stock» de cacau produzido no Estado atingiu 69.806 sacas; o «stock» de café ficou em 1.845.011 sacas, tendo-se vendido 126.000.—(Americana).

A conquista do ar

MONTEVIDEU (Republica do Uruguay), 9.—A escola de Aviação Civil, a fabrica de motores Rivêna e outras corporações estudam a realização de um «raid» aviatorio entre esta capital e a cidade de Yevack, no Canadá.—(Americana).

A praça Luiz de Camões ás claras

Até que emfim fomos ouvidos!

A «Capital» tem por varias vezes reclamado contra o facto da praça Luiz de Camões se encontrar completamente ás escuras todas as noites, apesar de em redor da estatua do grande epico existirem tres focos que nunca se acendem. As nossas reclamações foram devidamente apreciadas pela vereação da camara municipal e muito principalmente pelo sr. Alberto Tota, o qual, compreendendo a razão que nos assiste, imediatamente procurou evitar a continuação da vergonha e imoralidade que a falta de luz representava numa das melhores praças de Lisboa. O sr. Alberto Tota e outros vereadores entenderam-se hoje com a direcção da Companhia do Gaz e Electricidade, acordando-se por fim que hoje mesmo já a referida praça seja iluminada por dois dos focos electricos ali existentes, o que com efeito se fez.

Á vereação e em especial ao sr. Alberto Tota dirige a «Capital», em nome dos moradores da praça e no seu proprio, os seus agradecimentos.

O atentado contra o sr. Alfredo da Silva

Os agentes Xavier e Mira, da policia de investigação, ainda hoje estiveram ouvindo varias testemunhas sobre o atentado contra o sr. Alfredo da Silva.

O processo segue amanhã para o Tribunal da Boa-Hora e com ele o estucador Artur Pinto Alonso, que apontou uma pistola ao peito do referido industrial.

O agente Xavier conseguiu descobrir uma pista, que supõe dará os melhores resultados para a captura do individuo que atirou a bomba, sobre o chaufeur Raul Rodrigues de Sousa, o qual continua em tratamento n'uma das enfermarias do hospital de S. José.

NOTAS COMMERCIAES E FINANCEIRAS

A SITUAÇÃO FINANCEIRA DA ITALIA

Um emprestimo forçado — Antigas opiniões do presidente do conselho sobre esta medida extrema — Alguns exemplos historicos elucidativos sobre a eficacia da mesma medida.

Entre os alvitres apresentados nos diversos paizes que intervieram no conflito europeu, para se conseguir a liquidação das tremendas despezas da guerra, figuram o do emprestimo forçado e o da contribuição extraordinaria sobre o capital.

Ha alguns mezes já foi posto em Inglaterra o problema da contribuição sobre o capital (capital levy). Esse principio foi vivamente combatido pelos conservadores, que o consideravam um pessimo precedente, tendo em vista as tendencias avançadas que em todos os povos se manifestam, embora com diversa grandeza de intensidade.

Agora a Italia dispõe-se a emitir um emprestimo forçado para fazer face ás esmagadoras exigencias da liquidação da guerra. Havia-se pensado primeiro em estabelecer um imposto geral sobre a fortuna, mas a commissão parlamentar julgou preferivel o emprestimo forçado, sem prejuizo do pesado imposto com que se projecta onerar os capitaes adquiridos durante a guerra.

A obrigação de subscrever para o emprestimo atingirá todas as fortunas superiores a 20.000 liras. Os titulos perceberão um por cento de juro e serão amortisaveis em 70 anos, a partir do primeiro de janeiro de 1930. Para o tesouro representará a operação uma anuidade de 2 por cento do capital arrecadado, que, na opinião do sr. Nitti, presidente do conselho, ascenderá provavelmente á cifra de 20 a 25.000 milhões de liras.

Ocupando-se d'este assunto, a revista «España Economica y Financiera» assinala que, por uma singular ironia do acaso, está hoje á frente do governo italiano, patrocinando a idéa do emprestimo forçado e pronto a pôl-a em execução um dos tratadistas financeiros que mais duramente criticaram essa forma de obter recursos para o erario publico.

Com efeito, o sr. Nitti na «Scienza della Finanze», edição de 1912, diz: «Os emprestimos forçados foram sempre vexatorios e pouco productivos... Para o credito de um Estado não ha quasi nada tão desastroso como a bancarota» e acrescenta que nada é mais dificil do que repartir um emprestimo forçado entre as varias classes de cidadãos, visto os indicios externos constituirem elemento insuficiente, e que se o Estado está em circunstancias tão dificeis que tem de recorrer ao emprestimo forçado, isso significa que o seu credito se encontra em pessima situação, sendo talvez preferivel que o Estado acceitasse o emprestimo nas condições que os credores lhe impuzessem em vez de impôr a quem não tem dinheiro disponivel a obrigação de o dar em quaesquer condições».

A opinião não pode ser mais categorica, embora na verdade se trate de um logar comum entre os tratadistas financeiros.

A proposito cita ainda a mesma revista diversos exemplos historicos de emprestimos forçados que, por signal, teem sido pouco numerosos. Em Espanha houve um em 1835, mas sera a formalidade da emissão de titulos, não passando de um simples adiantamento de contribuições. Muito antes, em 1793, já a França havia recorrido a esse sistema extremo de obter fundos; mas, em vez de 1.000 milhões de francos que o governo pretendia, apenas 100 milhões entraram nos cofres do Tesouro. Sob o Directorio foram emitidos outros dois emprestimos do mesmo genero que, pouco depois se transformaram em impostos. Em 1815 obtinha o Tesouro francez 100 milhões de francos pelo mesmo processo. A Austria recorreu aos emprestimos forçados, por seis vezes, com resultados desastrosos (em 1705, 1760, 1794, 1806, 1850 e 1859). Por seu lado, a Italia conta já tambem um precedente do mesmo genero: em 1866 emitiu um emprestimo forçado, por sinal que em condições bastante favoraveis para os capitalistas—ao preço de 95 por cento, com o juro de 6 por cento. Pois, apezar d'isso, esse emprestimo não deu os resultados desejados.

*

A historia e a sciencia financeira são, pois, contrarias a semelhante processo, o que não obsta a que este tenha hoje em Italia defensores categorisados. Assim, no «Corriere Economico» o professor Murray afirma que as circunstancias atuaes justificam plenamente o emprestimo forçado, com o qual se procurará atingir um duplo objectivo: reduzir a circulação fiduciaria e diminuir a divida externa do paiz.

Pretendemos apenas dar ao leitor uma idéa do importante problema que nos meios politicos financeiros da Italia se tem debatido, não nos alongaremos na exposição das razões que da defeza dos seus pontes de vista teem apresentado os que defendem e os que combatem a projectada medida. Apenas diremos que uma importante objecção de ordem pratica se apresenta para a efectivação que do emprestimo forçado quer do imposto extraordinario sobre a fortuna: o grave transtorno que deve causar á economia do paiz a conversão em dinheiro dos diversos valores que constituem a riqueza nacional—casas, terras, mercadorias, titulos publicos e particulares.

ASSUNTOS MILITARES

A escola central de sargentos em Mafra

Um oficial que entende ser necessaria e util a sua frequencia aos que foram promovidos durante a guerra

O sr. ministro da guerra, com o louvavel intuito de elevar e dignificar o exercito, e de cuidar do necessario aperfeiçoamento literario e profissional dos quadros organicos dos corpos, ordenou a abertura e funcionamento imediato da Escola Central de Sargentos em Mafra, achando-se já ali na frequencia d'esse curso uma turma de sargentos-ajudantes e primeiros sargentos das varias armas e serviços do exercito nas condições legaes de a frequentarem.

N'uma altura em que tanto se faz sentir a necessidade de cultivar a instrução dos graduados do exercito portuguez, para n'eles se possuir a mais elevada confiança quanto á missão e responsabilidades a exigir-se-lhes, tanto na guerra como na paz, tal medida impunha-se como urgente. E por isso felicitamos a sua excelencia que deu ensejo a que a instrução se desenvolva na vida militar e que aos graduados sejam proporcionados conhecimentos indispensaveis ao rigoroso cumprimento da sua missão.

Mas ha uma anomalia a notar em tão justa medida: Porque é que não se obrigam tambem os alferes que foram promovidos pelas necessidades da guerra a este posto, sem o curso mencionado, a ir frequental-o agora, ou outro equivalente? O que não faz sentido, nem joga certo, é que os futuros comecem a aparecer oficiaes do mesmo oficio e da mesma origem a ostentar mais habilitações que os actuaes alferes que o não teem por todas as culpas menos pela sua, visto que a E. C. S. fechou em 1916 e nunca mais abriu senão agora.

Quanto mais não fosse, os actuaes oficiaes que não possuem esse curso teriam beber ali conhecimentos mais apurados de variadas coisas que a sua profissão lhes obriga a saber devidamente.

Quem escreve estas linhas é alferes n'essas condições. Houve necessidade de fabricar oficiaes para a mobilisação dos quadros das unidades expedicionarias e vae d'ai, mesmo sem curso, sem nada, promoveram-nos a alferes. Fôra durante os 14 mezes que foi sargento-ajudante houve muitissimo tempo, para, quem devia, o mandar habilitar com esse curso, o que faria de boa vontade porque é amante da instrução. Apesar de não ter agora essa habilitação a elle que tem feito, o faz o possivel, por não desmerecer do conceito em que devem ser tidos os seus galões, aprendendo á sua custa aquillo que deveria haver cuidado em proporcionar-lhe o ensino.

E assim, amanhã, no convivio com os seus futuros camaradas—está é, que é a verdade—sente-se inferior em cultura de espirito a aquelles que tiverem a dita de frequentar esse curso. Dirão que não faz ao caso tel-o ou não, agora que é oficial de verdade. Nada d'isso vem convencer-me. Sabemos muito bem o que é trabalhar por obrigação, e aprender por devoção. A percentagem dos devotos é insignificante e esta ultima qualidade nem todos a possuem na devida conta.

Os muitos, que chegaram a meta do oficialato, sem cançar muito o espirito com o conhecimento das materias que ali se aprendiam, achariam-se presentemente desnecessario. E d'ahi a razão porque formam a cabulice não aprovando a exigencia actual d'esse curso.

Pois eu, embora me alcunhem de incongruente, entendo que elle mais que nunca se torna necessario. Se fosse exigido como condição imprescindivel ao nosso acesso ao posto imediato eu tenho a certeza plena que muitos dos meus camaradas viriam a possuir as suas «dôresitas de cabeça» ainda para o conseguirem tirar.

Fale com conhecimento exacto da causa, pelos exemplos que tenho visto por esse exercito fóra.

E quem tiver o trabalho de profundar o assunto tirará do que afirmo a logica conclusão.

Se a guerra constituiu um entrave á exigencia d'esta condição, agora que tudo está no caminho da normalidade porque se não repara a falta convenientemente? Dir-me-hão mais que é anti-disciplinar obrigar um oficial a ir estudar aquillo que lhe compete presentemente saber.

Isto não colhe egualmente.

O saber não ocupa logar e por mim não me considero desprestigiado se, amanhã, for obrigado a ir aprender aquillo de que não pude em tempo devido ter ensino, e que não sei apesar de todo o meu esforço e boa vontade em o conseguir.

Tudo o que um mestre possa ensinar é sempre mais proveitoso do que tudo a possivel e imaginaria convicção de que nós julgamos sabedor do que nos é preciso.

Se o sr. ministro da guerra der remedio a este inconveniente prestará um bom serviço ao exercito e á republica e conseguirá o apoio e a simpatia dos que acima das vaidades amam a sua profissão e desejam contribuir com o robustecimento do seu espirito para o bom geral da nação e do seu exercito.

Solicitando da v. a publicação do presente, peço licença para me subscrever de v., etc.—Um oficial do exercito que ainda com o que

A questão do peixe

Propostas apresentadas á Comissão de Subsistencias e rejeitadas — Documento assignado pelos vogaes da Comissão, no qual se não fixam nem preços nem quantidades de peixe a adquirir — Acambam-se as conferencias

Esteja o publico certo, não tenha a mais pequena duvida, se a C. de S. tivesse decidido empenho em lhe apresentar peixe mais barato do que actualmente se vende, o podia ter feito ha mais de um mez. Não ha de alegar a C. que os armadores são responsaveis por se manterem os preços actuaes. Empregaram os seus melhores esforços, e puzeram de parte interesses até onde foi possivel para bem servir a causa da alimentação. Quem fôr imparcial dirá, se nas diferentes propostas se continha ou não o barateamento do preço do peixe.

Previamente devemos dizer ainda que a C. de S. nunca quiz tratar o assunto com os armadores de cerco de sardinha, nem com os armadores das outras artes, que veem vender peixe aos mercados de Lisboa; se tem tratado ainda mais facilmente resolveria a questão.

Tambem não enveredou pelo justo caminho que tinha a seguir, o qual era reprimir os abusos dos vendedores do peixe a retalho. Os unicos, seus dilectos, eram os armadores de pesca de arrasto.

Para os amedrontar fez-se uma campanha de difamação contra eles. Malfeitores, deitaram peixe ao mar e os vapores só vinham ao mercado quando estava exausto de peixe. Açambarcaram-no, emfim, uma campanha em forma, com a comparsaria que até deu morras aos tiranos.

Mas como a calunia se elimina perante a verdade, foram-se extinguindo essas perfidias. Talvez cahissem no largo do Pelourinho, d'onde sahiram.

Mas vamos ao ponto capital.

1.ª proposta. Querendo a C. de S. todo o peixe colhido pelos arrastos, o seu preço seria o preço medio obtido na lota, no primeiro semestre d'este ano, com 10 por cento de desconto, atendendo a que se não pagavam certas despezas vendendo em globo.

Obtemperou um dos vogaes da comissão: é possivel vender-se na lota peixe por mais baixo preço do que o medio, e então não aceitamos a proposta.

2.ª proposta. Não sendo facil que tal caso se dê, então propôz-se que a Comissão comprasse pelo preço mais baixo, que cada especie obtivesse na lota.

Tambem não aceitaram, porque a lota ha de acabar por imoral e tornar o peixe caro. Ora é curioso que emquanto a C. nos dizia que a lota ia acabar, num relatorio que foi lido em sessão da Camara eram propostas «duas lotas», uma para hoteis, restaurants, etc., e outra para as vendedeiras da rua. Acabaram por nos dizer, que fizessemos uma tabela de preços por especies pelo mais baixo preço e com um lucro honesto.

3.ª proposta. Apresentou-se a seguinte tabela e comparam-se os preços actuaes com os de 1903.

Especies	1919 Preço por k.º	1903 Preço por k.º	Para mais ou menos
Cação, barroso, tamboril, arraya........	80	95	menos 15
Curvina......	270	225	mais 25
Ruivo e cabra	270	225	mais 45
Chicharro....	300	190	mais 110
Cachucho e besugo........	340	370	menos 30
Pescadinha...	360	290	mais 70
Pescada e marmota.......	400	400	— —
Cabaço.......	500	—	— —
Goraz........	500	380	mais 120
Safio e congro	540	260	mais 280
Pargo e imperador.......	800	460	mais 420
Peixe espada.	550	225	mais 325
Salmonete....	1$500	1$075	mais 425
Linguado, pregado e cherne.........	1$500	1$250	mais 250

Duas especies mais procuradas pelos remediados baixaram 15 e 30 réis.

Cinco especies de maior consumo aumentaram 25, 45, 70, 110 e 120.

As especies chamadas finas, procuradas por hoteis, casas ricas, etc., entre 250 e 425.

A pescada mantem o preço de 1903. N'este ano o custo do carvão orçava entre 4$800 e 5$000 e hoje é de 65$000 a 70$000, não contando outro material.

O atum que é pescado no Algarve vende-se entre 1$000 e 1$200 o kilo, peixe de gente remediada. Este não é caro!

A Comissão de Subsistencias não aceitou estes preços.

Estavamos a 25 de setembro e sem nada se resolver em duas sessões. Apresentou-nos a C. de S. o seguinte documento que transcrevemos:

«A C. de S. representando a Camara Municipal de Lisboa, propõe aos Ex.mos Srs. Armadores a compra de uma determinada quantidade de peixe (diariamente fixado) por um preço estabelecido directamente entre a C. e os Armadores, variavel segundo o preço do carvão.»

Pediu-nos então que redigissemos uma nova tabela de preços baseada na despeza de cada viagem e d'ela se fixasse o preço de cada especie.

Dissemos á comissão que seria impossivel, com rigor:

1.º Fixar a despeza de uma viagem que podia durar 4, 6, 8 e 10 dias, etc.

2.º Que a fixar-se a despeza, se fôsse possivel, como d'ela deduzir-se o preço para cada especie de valor comercial muito diferente e dependente da procura e da oferta.

Dissemos-lhe: vem a bordo uma sacada de peixe com diferentes especies pezando, por exemplo, A, B, C, etc., no total de N toneladas; e calculavamos, pouco mais ou menos, que se tinha gasto X. Devemos dividir X em partes proporcionaes a A, B, C, etc.?

Se tal se fizesse, podia aparecer uma especie de menor valor comercial cotada mais cara do que a de maior valor.

D'onde se conclue que é absurdo valorisar as especies por esta forma. E não se conhece até hoje qualquer que resolva o caso.

O documento nada contém de preciso ou de concreto. Diz:

Compra uma determinada quantidade de peixe, que não fixa; por um preço estabelecido, que não diz qual é; e variavel com o preço do carvão, não definindo o aumento do preço do peixe correlativo ao aumento do preço do carvão.

A C. de S. ou, porque reconhecesse que o que propunha era inexequivel, tanto verbalmente como pelo documento, ou porque, e esta é a nossa convicção, reputava prejudicial para a Camara vender peixe por sua conta, embora por um preço inferior a 100 por cento ao actual, e receiando ainda não ter concorrentes nos postos de venda, na instalação dos quaes gastaria muito dinheiro; pôz termo ás negociações e disse-nos que ia promover a publicação das medidas para baratear o preço do peixe.

Assim, por sua iniciativa, se apresentou a primeira, em que são chamados estrangeiros contra portuguezes.

Em breve vamos vêr mais tres propostas que se apresentaram.

O 11 de novembro

Ceia de confraternisação

E' grande o entusiasmo entre os sargentos que fizeram parte do C. E. P. e campanhas de Africa pela ceia de confraternisação que se realisa ámanhã, 11, pelo 1.º aniversario do armisticio, no Restaurante Ferro de Engomar, Estrada de Bemfica.

A inscrição encerra-se ámanhã, á meia noite, na Brazileira do Rocio.

Festas associativas

CLUB MUSICAL UNIÃO DO ALTO DO PINA.—Comemorando o 1.º aniversario da reorganisação d'esta sociedade de recreio e a estreia dos fardamentos da banda de musica, houve hoje alvorada ás 8 horas, saindo em seguida a banda a cumprimentar as suas congeneres, sessão solene ás 14 horas e concerto ás 17. A' noite ha baile. Amanhã, ha tambem baile.

Vida Sportiva

Coisas do Stadium

Inocencio Pinto contra Antonio Couto disputando 600 escudos

A proposito de uma entrevista publicada em «Os Sports», recebemos a carta, que abaixo publicamos, do corredor de motocicletas sr. Inocencio Pinto, carta que foi enviada ao sr. Santos Beirão (Herdeiros):

Ex.mos Srs.—Tendo lido hoje no jornal «Os Sports» a entrevista que o socio dessa firma, sr. Mario Beirão, concedeu a um dos seus reporters, a qual bastante me surpreendeu, apresso-me a comunicar que v. ex.as teem um meio facil de verificar se realmente existem ou não outros motivos além dos que sempre aleguei para não tomar parte em todas as corridas do Stadium.

Bastará que v. ex.as depositem numa casa comercial a quantia de esc. 600$00, seiscentos escudos, que eu depositarei na mesma casa «igual quantia», cujo total será dividido em 3 premios de esc. 400$00, quatrocentos escudos, para serem disputados nas 3 corridas que a empreza do Stadium tenciona realisar ainda este ano.

O premio de esc. 400$00, a disputar em cada prova, será imediatamente entregue ao vencedor da mesma, desde que a prova seja ganha pelo corredor que v. ex.as designarem como sendo o concorrente a essa importancia ou por mim, nada tendo os outros corredores com essa quantia, pois disputarão assim, como o meu adversario e eu, os premios instituidos pela empreza do Stadium.

Devido á confiança absoluta que v. ex.as, como representantes, muito naturalmente depositam na «Excelsior» e ao conhecimento dos... «taes motivos...» que me impedem de correr, estou por certo que não deixarão de sustentar a oferta que fizeram á empreza do Stadium e que poderei contar com os pneus e camaras que á mesma empreza foram oferecidos.

Reservando-me o direito de dar publicidade a esta carta, pedia a v. ex.as a fineza de dentro de 3 dias, a contar de hoje, me comunicarem se estão ou não dispostos a aceitarem as condições por mim acima propostas.

Findo esse prazo reserva-se o direito de as alterar, o que com toda a consideração e particular estima se subscreve.—Lisboa, 10-11-1919.—De v. ex.as—Inocencio Pinto.

A conquista tauromaquica das Americas

Deve ter embarcado hontem em Gijon para a America o celebre espada Gallito, que vae á capital do Perú tourear em condições verdadeiramente pasmosas no tocante a honorarios. Trabalhará em oito corridas, recebendo por cada uma d'elas 7.000 duros, tendo, além d'isso, direito a um beneficio, se não preferir receber 15.000 pela receita que essa corrida possa dar.

A totalidade do dinheiro seguro, ao embarcar para Lima, é de 71.000 duros em ouro hespanhol, dos quaes já recebeu 28.000 como garantia ao cumprimento do seu contracto.

Como além das corridas já assentes tomará parte em outras extraordinarias e decerto será contractado tambem para Caracas, ponto obrigado de actuação de todos os toureiros que fazem esta viagem, deve calcular-se em mais de 500.000 pesetas o resultado da sua excursão.

E' claro que de tão elevada soma uma boa parte é distrahida para pagamento da «cuadrilla» que o acompanha, que ganhará o dobro em excursão e equipamento respectivo, em que o notavel diestro consumiu uns 10.000 duros.

No mesmo paquete seguem Flóres e Algabeño, o primeiro para a capital do Perú e o segundo para o Mexico.

Theatro São Luiz

Não é possivel realisar-se ámanhã, 3.ª feira, a 1.ª recita de assitura da epoca de inverno com a revista «O pé de meia», ampliada com o novo acto «O Rocio» e duas apoteoses novas—«O Rocio do futuro» e «A confederação luso-brasileira»—pelas dificuldades de montagem. Fica transferida definitivamente para quinta-feira, 13. Até esse dia não ha espectaculo.

Theatros e Cinemas

Agenda da semana

Terça feira, 11

Nacional—«O cardeal», reaparição de Eduardo Brazão.

Quarta feira, 12

Avenida—«Reprise» «Pae Simão».

Quinta feira, 13

S. Luiz—1.ª representação (2.ª serie), «Pé de meia».
Eden-Teatro—«Sonho de walsa».

Noticiario

Mercedes Blasco, a ilustre actriz escriptora que o publico de Lisboa tanto aplaudiu nas suas canções no Salão Foz, tomou parte hontem n'uma recita de gala no Club Setubalense, que se encheu completamente, tendo sido delirantemente victoriada em todo o seu variado programa. O «Ferro Mata», versão portugueza, com versos da inspirada poetisa, constituiu um verdadeiro sucesso.

Hespanha

—Ainda esta semana deve estreiar-se no teatro Eslava, como actriz, a Argentinita, a mais interessante e popular bailarina de Hespanha, na comedia em 2 actos de Goldoni «A viuvinha», adaptada a opereta por Martinez Sierra e Gregorio Tapia, com musica de Font, scenarios de Mignoni e figurinos de Fontanals.

Espera-se muito da graciosa «porteña», que já tem manifestado em canções a sua voz flexivel e bem timbrada e bastante expressão.

—No teatro Princeza, de Madrid, subiu á scena a peça de fama mundial «Leonarda», original de Bjornson, traduzida por Martinez Sierra.

—No Apolo fez-se reposição do «Barberillo de Lavapiés», celebre zarzuela de Barbieri.

Réclames

Acentua-se noite a noite o exito crescente da «Blanchette», a encantadora comedia cujo desempenho pela magnifica companhia Aura Abranches-Chaby Pinheiro, no Politeama, constituiu no Brazil um verdadeiro acontecimento artistico, despertando os mais vivos elogios de toda a critica. A «Blanchette» é uma comedia que todos devem vêr e admirar pela alta exibição moral que encerra.

Cartaz de hoje

Nacional, ás 21,45 «A Flor de Seda».
Ginasio, ás 21,30 «O libertino».
Politeama, ás 21, «Blanchette».
Eden, ás 20, Festa dos guitarristas e reaparição de Tina Coelho. A's 22, «A princeza dos dolars».
Apolo, ás 21,30, «Os 20 milhões».
Coliseu dos Recreios, ás 21, Grande Companhia de Circo.
Animatographos—Salão Foz, Olympia, Condes, Chiado Terrasse, Salão da Trindade, Salão da Promotora, em Alcantara, Salão Portugal, rua de S. João da Praça.

Salão Central

Obteve o mais legitimo sucesso a estreia da nova jornada intitulada «A sangrenta proclamação», da emocionante fita «As garras do leão», que se estreiou na «matinée» de hoje, e se repete no espectaculo d'esta noite.

A pedido de muitas pessoas que ainda não viram as duas primeiras jornadas «Pela honra d'uma dama» e «A rêde das torturas», resolveu a empreza incluil-as no programa d'esta noite.

São doze actos cheios das mais empolgantes situações, com belos panoramas, aspectos lindissimos, repletos das mais extraordinarias aventuras, com combates seguidos, luctas com as féras, emfim, mil coisas que despertam vivamente o interesse do publico.

Maria Walcamp, a sua principal figura, faz verdadeiros prodigios, figurando nos seus principaes episodios, correndo, saltando, nadando, lutando, com a sua agilidade, com a sua energia, e, triunfando sempre dos seus selvagens perseguidores.

E o publico sahe satisfeito, cheio do maior agrado, dizendo:—Chega a parecer impossivel que se consiga tanto! Não se póde fazer mais!

ULTIMA HORA

POLITICA

A questão dos altos comissariados

A sub-comissão nomeada para estudar este melindroso assunto, procurando harmonisar, n'um projecto novo, as diversas correntes manifestadas na comissão de colonias, não apresentou ainda o seu parecer, esperando-se que o faça depois de ámanhã, dia designado para uma nova reunião da comissão de colonias. Entretanto é opinião geral que será muito dificil, senão impossivel, conseguir-se uma plataforma que concilie as opiniões, extremamente radicaes, dos parlamentares democraticos que fazem parte da comissão, com os seus colegas filiados nos outros agrupamentos politicos. A questão dos altos comissariados continua a ser, portanto, um ponto de interrogação, podendo resultar da solução que lhe fôr dada a consolidação do governo ou uma remodelação do gabinete.

A questão do arrendamento da frota mercante

Como é sabido, o sr. Velhinho Correia foi nomeado relator, por parte da comissão de colonias, da proposta governamental respeitante á frota mercante do Estado.

O sr. Velhinho Correia está estudando o problema, parecendo que se inclina a aconselhar que uma parte da frota mercante seja destinada ao serviço exclusivo das colonias, o que, a ser aprovado, alteraria fundamentalmente a proposta do governo. Seja, porém, como fôr, é certo que o parecer do sr. Velhinho Correia não será presente á comissão, antes dos ultimos dias d'esta semana. Como a proposta tem de sofrer a revisão das comissões de finanças e comercio, pelo menos, é facil de prevêr que este assunto não terá solução n'estes tempos mais proximos.

As oito horas e a acção conjunta de todo o operariado

E' sabido que entre «A Batalha» e «O Combate» se têm travado, por vezes, discussões azedas, para nos servirmos apenas d'esta expressão. Segundo informações que temos por seguras, as relações entre estes dois combativos orgãos do operariado vão melhorar. Eis o que se passará, ainda hoje:

O sr. deputado Augusto Dias da Silva procurará aproximar-se dos elementos preponderantes da C. G. T. e de «A Batalha», afim de se concertar uma acção energica com os socialistas partidarios, tendo por objectivo exercer a mais perfeita vigilancia para execução integral da lei e regulamento das oito horas. Como é natural que o sr. Dias da Silva veja coroada de exito a sua «démarche», prevemos que melhorarão consideravelmente as relações entre os dois jornaes operarios.

A noticia da reexportação de tabaco

Noticiou-se que a Companhia dos Tabacos expontára, recentemente, para Gibraltar, algumas centenas de fardos de tabaco. O sr. ministro das finanças quiz esclarecer o caso, da seguinte fórma:

O tabaco foi devolvido ao vendedor, por ser improprio para o fabrico; a devolução foi auctorisada depois da consulta favoravel do comissariado dos tabacos, que informou o ministro de que o tabaco, por ser de qualidade inferior, era realmente improprio para o consumo e devia ser devolvido. Não se trata, pois, de uma exportação mercantil, mas de uma devolução ao vendedor de mercadoria não aceite pelo comprador.

Grupo Parlamentar Popular

O sr. Vasco de Vasconcelos realisa, no proximo domingo, uma conferencia no Centro de Santos,—conferencia que será de propaganda dos principios e idéas do G. P. P.

A esta agremiação politica aderiu agora o sr. engenheiro Olivio Malheiros.

PARLAMENTO

Nos Deputados

—A visita do rei da Belgica a Ponta Delgada.
—Falta de braços na agricultura.
—Interesses açoreanos.

O sr. Jorge Nunes pergunta ao sr. ministro dos estrangeiros se o governo teve conhecimento antecipado da vinda a Ponta Delgada dos reis da Belgica, qual a razão porque lhe não mandou prestar as devidas homenagens e qual o motivo por que, havendo tres directores geraes dos negocios diplomaticos, não está nenhum ao serviço.

O sr. ministro dos estrangeiros responde que o governo só tarde teve conhecimento da visita e imediatamente deu ordens para lhes serem prestadas homenagens.

Quanto aos directores geraes, diz que um está aposentado, outro na disponibilidade e o terceiro licenciado, por doença, devendo apresentar-se no proximo dia 28 do corrente.

O sr. José de Almeida trata da falta de braços e de sementeiras e lembra o aproveitamento de muitas centenas de soldados do quartel de adidos, que podiam ser licenciados.

Responde-lhe o sr. ministro da guerra e promete investigar para dar as providencias necessarias, salientando que ao serviço militar se encontram apenas os soldados indispensaveis.

O sr. Carlos Olavo estranha que o decreto 5.370 ao ser transcrito do «Diario do Governo» para a Ordem do Exercito sofresse modificações bastante importantes.

O sr. ministro da guerra responde declarando não ter tido interferencia nesse facto e que vae mandar averiguar cuidadosamente.

O sr. Jaime de Sousa ocupa-se da fórma como são adquiridos nos Açores gado e manteiga. Aproveita o ensejo para reclamar a equiparação de vencimentos para os empregados de saude de Ponta Delgada aos seus colegas de Lisboa. Pede tambem que seja paga a segunda prestação de seguro ás vitimas da catastrofe dos Açores.

Responde o sr. ministro das finanças.

O sr. Velhinho Correia requer que seja discutido o parecer ao projecto concedendo uma pensão anual e vitalicia de 360$00 a João Lucas e José Marques do Carmo Catarino, em recompensa dos serviços prestados por ocasião do movimento monarquico. E' aprovado, depois de algumas considerações feitas pelo sr. Brito Camacho.

Entra-se na discussão do projecto sobre os vencimentos dos funcionarios publicos, falando os srs. Vasco Borges, Vasco de Vasconcelos e Orlando Marçal.

Noticias da Capital

Acautelando-se contra o frio

Belchior Moreira, morador na travessa do Arco da Torre, 1, queixou-se de que Manuel Miguel, residente na rua da Praia do Bom Sucesso, 2 lhe deu descaminho a dois sobretudos no valor de 56 escudos.

Nem os companheiros de casa escapam

Foram presos Adriano Ribeiro de Barros e Artur Soares, moradores no largo do Terreiro do Trigo, 22, 1.º, por terem furtado a quantia de 125 escudos a Mauricio Herculano da Silva Queiroz, residente com os acusados.

Comissão central da Assistencia

Na proxima quinta-feira, pelas 21 horas, realisa-se no governo civil a ultima reunião dos presidentes das juntas de freguezia a fim de serem escolhidos quatro representantes para a Comissão Central de Assistencia de Lisboa.

Agredido e roubado

Manuel Gonçalves, morador na rua Maria Pia, 200, queixou-se á policia de que na ocasião em que passava na rua Gilberto Rôla fôra assaltado por dois individuos fardados de marinheiros, que o agrediram e lhe furtaram uma carteira de cabedal com 8 escudos.

Poeira da Arcada

O 11 de novembro

Comemorando o 1.º aniversario da assinatura do armisticio, o governo concede ámanhã tolerancia de ponto em todos os ministerios e repartições dependentes dos ministerios.

Ordem do Exercito

Publica-se ámanhã a «Ordem do Exercito», 1.ª serie, que traz o regulamento das ordens militares portuguezas e medalhas inter-aliadas.

Conselho de ministros

Reune esta noite o conselho de ministros.

Conferencia

O chefe do governo esteve esta tarde em conferencia com os srs. ministro da marinha e da agricultura.

Uma sindicancia

Foi ordenada uma sindicancia aos actos do sr. Alberto Pimentel, professor da 4. escola primaria superior, de Lisboa, escolhendo o sindicante, sr. dr. Carlos de Lemos, para seu secretario o sr. José Correia Serrão, funcionario do ministerio da instrução.

Aniversario do rei de Italia

Passando ámanhã o aniversario de Victor Manuel III, o encarregado de negocios da Italia recebe a colonia italiana, ás 12,30 horas, no Avenida Palace. A's 11 celebrar-se-ha «Te-Deum» na egreja do Loreto.

O caso Dias da Silva

O sr. dr. Teixeira de Azevedo assume interinamente o cargo de director da policia de investigação

O sr. dr. Rodrigues Esculcas, director da policia de investigação, que requereu, como noticiámos, ao sr. ministro do interior, uma sindicancia aos seus actos e muito principalmente á sua acção no caso Dias da Silva, abandonou hoje o seu cargo, o qual passou interinamente a ser exercido pelo seu adjunto sr. dr. Teixeira de Azevedo, que, achando-se de licença em Tavira, fôra chamado telegraficamente a Lisboa, chegando hoje de manhã.

Por tal motivo não se realisaram hoje julgamentos de vadios e gatunos, presos nas ultimas rusgas, devendo taes julgamentos ter logar sómente depois de ámanhã.

O comissario da policia do Porto, sr. dr. Augusto Lopes Carneiro, juiz aposentado, que foi nomeado sindicante aos actos do sr. dr. Esculcas, chegou hoje no rapido.

Assinatura do armisticio

Comemorando o primeiro aniversario da assinatura do armisticio, realisa-se ámanhã um banquete no Majestic Club, oferecido aos ministros das nações aliadas, governo portuguez e adidos navaes; a inscrição encerra-se hoje, figurando nela grande numero de oficiaes do exercito e da armada.

Agradecemos o convite que nos foi dirigido.

AS ARMAS DE FOGO

Brincadeira fatal

Um policia mata com um tiro um seu hospede

Mais um desastre, devido a brincadeira, com arma de fogo, temos hoje a registar. De madrugada, nos sitios do Beato, um guarda da policia civica ao recolher a casa entrou a brincar com um seu amigo e hospede, a quem involuntariamente matou, sendo o cadaver removido para a Morgue.

O guarda civico 1.552, Manuel Fonseca, da esquadra dos Caminhos de Ferro, havia largado o quarto de serviço que terminou á 1 hora da madrugada e dirigira-se a casa, no pateo do Monteiro, 10, 2.º, ao Beato, onde tinha como hospede o carregador Constantino Rodrigues. Este estava já deitado, quando o guarda entrou a brincar com ele emquanto despia a farda e se dispunha egualmente a deitar-se. Ao tirar a pistola, parece que o 1.552 fez menção de a apontar ao amigo. A arma disparou-se, indo a bala atravessar o coração do carregador, o qual teve morte instantanea. O civico, aflictissimo com o que se passava, foi apresentar-se á prisão, narrando o sucedido, sendo então o morto removido para a Morgue.

Preso que tenta fugir

Ha dias, foi preso e recolheu a um dos calabouços do governo civil Alberto Joaquim Ribeiro, acusado de ter furtado em Ayamonte 950 pesetas, n'um hotel onde estava como creado.

Hoje, á hora da sahida dos operarios que andam nas obras do governo civil, teve artes de se escapulir do calabouço e, metido entre eles, tentava evadir-se. Reconhecido no pateo, foi recapturado e de novo deu entrada no calabouço, não sem antes ter conseguido furtar o relogio e a corrente ao guarda 1168, que está ao serviço da policia de investigação.

Apalpado, foram-lhe encontrados esses objectos.

Ecos & Noticias

PARTIDAS E CHEGADAS

Mr. René Thiéry, primeiro secretario da legação de França, por vezes encarregado de negocios, ausentou-se de Lisboa.

Alvitres e reclamações

Carta violada apezar de ir registada

Uma pessoa de familia, enviou ha tempos para Loanda uma carta registada, levando 5$00 para o preso civil Joaquim Ignacio Palma, ao tempo na fortaleza de S. Miguel.

Quando essa carta ali chegou, o destinatario tinha falecido. Mas como no sobrescripto ia o carimbo de uma casa comercial da nossa praça, a carta voltou. Mas o que não voltou foi a nota que dentro d'ela ia.

Onde foi praticado o roubo? Não se sabe. O que apenas se póde verificar é que d'um dos lados foi o lacre do sobrescripto levantado, aberto o sobrecripto e depois de surripiada a nota, colado, como se distingue claramente pelas manchas que a goma deixou na carta.

E' um processo habil, sem duvida, mas que requer uma sindicancia, a fim de vêr se se consegue apurar alguma coisa.

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

3372 — 10.° anno — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.°

LISBOA — Terça-feira, 11 de Novembro de 1919

Telephone n.° 2298 — Endereço teleg. CAPITAL — Officina de impressão — 71, Rua da Bica, 71

Preço, 2 centavos

O "manjor" em acção

Hontem, na Camara dos Deputados, o sr. Carlos Olavo chamou a atenção do sr. Helder Ribeiro, ministro da guerra, para o facto d'um decreto, saido da sua pasta, o n.° 5370, ao ser transcrito do «Diario do Governo para a «Ordem do Exercito», ter sofrido modificações bastante importantes. Taes foram os termos do seu reparo, como os encontramos no extracto parlamentar do «Mundo».

O sr. ministro da guerra respondeu ao sr. Carlos Olavo, dizendo que certamente elo lhe fazia a justiça de acreditar que em tal facto não tivera a menor interferencia, prometendo ir averiguar cuidadosamente o que se passára.

Tambem nós fazemos ao sr. ministro da guerra a justiça de acreditar que em tal facto s. ex.ª não teve a menor interferencia; mas esperamos que, por seu turno, o sr. ministro da guerra nos faça a justiça de acreditar que nós temos razão quando apontamos o major Evangelista como o culpado de todas as irregularidades, abusos e embaraços que se notam no seu ministerio relativamente ás questões mais simples e mais importantes.

O major Evangelista é o prototypo d'essa intoleravel e jesuitica rotina burocratica que esterilisa todas as iniciativas, enreda todos os ministros, sofisma todas as resoluções superiores, e vae, pelo que se vê, até ao ponto de falsificar os decretos ministeriaes.

Ao major Evangelista cabe a responsabilidade da promoção dos coroneis passados á reserva como generaes, depois de reprovados no exame para o generalato, com a alegação de que já haviam sido candidatos a promoção por distinção a esse posto, candidatura que a evidencia da sua incapacidade claramente demonstrára indevida. Tambem os oficiaes, favorecidos com um posto de acesso por declararem querer ir para Africa, onde desempenhariam determinados serviços que dão jus a essa promoção, foram promovidos para o C. E. P., mercê da protecção do mesmo Evangelista. E' sempre o major Evangelista que surge, a torcer tudo, a invalidar tudo, a sufocar tudo quanto represente um acto de justiça ou de verdadeiro interesse para a nação e para o exercito.

Agora, o major Evangelista espolia os decretos do ministro, e quando eles lhe desagradam, modifica-os como entende, mandando-os publicar, já falsificados, na «Ordem do Exercito».

Sr. Helder Ribeiro: v. ex.ª é um homem de bem, e ninguem lhe atribue a autoria d'este inqualificavel abuso. Mas v. ex.ª tem o dever de acabar com o major Evangelista. Ele é o maior inimigo de v. ex.ª, é o maior inimigo do exercito, é o maior inimigo da Republica, é o maior inimigo da Patria.

Em todas as classes é necessaria correcção, lealdade, seriedade, respeito pela lei e pela hierarquia. Em nenhuma, porém, mais do que na classe militar. Se ahi a disciplina se abandalha ao ponto de o major Evangelista riscar as disposições do ministro, consignadas num decreto, para as substituir pelas que ele entenda, a disciplina morreu. E' o bolchevismo de cima. A tal situação conduzem as excessivas impunidades resultantes da falta de energia dos ministros que se deixam sugestionar por aqueles mesmos que deveriam meter na ordem.

O espirito de rotina é qualquer coisa de poderoso que se julga inteiramente invencivel, sorrindo dos ataques que frouxamente o alvejam. Na burocracia, esse espirito creou raizes. E' preciso desenraizal-o. Senão ele continuará pensando que os ministros passam, e ele fica, mais omnipotente que nunca.

O sr. Helder Ribeiro tem agora mais uma prova a juntar ás muitas que já lhe devem ter demonstrado a existencia palpavel do major Evangelista. Se não tentar acabar com o estado de cousas que esse symbolo representa, é porque pactua com ele, e então, sim! então é que as suas responsabilidades passarão a ser tremendas.

O canal entre o Sado e o Tejo

Deve sair no «Diario do Governo» de ámanhã ou depois, a nomeação da comissão que elabora o projecto de construção de um canal navegavel entre os rios Tejo e Sado. Segundo informações que colhemos a comissão estudará o projecto já elaborado pelo sr. Eduardo Avelino Ramos da Costa, e que por ele já foi apresentado em publico numa sessão de propaganda na Sociedade de Geografia.

Um dos membros da comissão que procurámos, afirma que, contrariamente ao que se diz, desta vez irá ávante a grande obra de fomento nacional; o canal ligando o Sado com o Tejo, a fim de facilitar o transporte de mercadorias, pela passagem de embarcações ligeiras, e que servirá ao mesmo tempo para irrigação de terrenos incultos. Para essa obra serão necessarios enormes capitaes e estudos demorados, mas a comissão pensa que irá a efeito desta vez. O mesmo senhor fala-nos tambem no canal ligando o Guadiana ao Sado, com o qual muito lucraria não só o Alemtejo, mas as comunicações com Vila Real de Santo Antonio e Ayamonte.

A comissão reunirá logo apoz a saida do decreto no «Diario do Governo».

Aniversario do rei de Italia

Por motivo do aniversario natalicio do rei Victor Manuel, celebrou-se ás 11 horas na egreja de Nossa Senhora do Loreto, paroquia dos italianos, um solene «Te-Deum», sendo oficiante o rev. reitor e ao qual assistiram os srs. encarregado de negocios e mais pessoal da legação, o consul e numerosos membros da colonia.

Em seguida o representante da Italia deu recepção no Avenida Palace, onde se acha hospedado, recebendo cumprimentos do chefe do Estado em nome do qual ali compareceu o sr. Luiz Barreto da Cruz, chefe do protocolo da presidencia da Republica, e do governo, dos representantes das diversas nações, membros da colonia e outras pessoas.

A falta de manteiga

Providencias que se não compreendem

Vae-se ás mercearias, vae-se ás manteigarias para comprar manteiga. A resposta é invariavel: não ha. Ou antes, ha, mas o ministerio da agricultura não autorisa a que ela se venda.

Os estabelecimentos enchem-se de freguezes, que desejam ser servidos, com maior ou menor porção, emfim, serem servidos, e todos teem de retirar descoroçoados, porque não conseguem levar para casa uma pequena quantidade que seja.

Ouvimos hoje um nosso visinho, um visinho de «A Capital», um dos proprietarios da Manteigaria União. Declarou-nos alto e bom som, e deante de quem o quiz ouvir, que tinha no seu deposito 700 kilos de manteiga e que a bordo do paquete ultimamente chègado dos Açores e Madeira vinham 5.000 kilos para a sua casa. Mas o ministerio da agricultura, por onde agora correm os serviços de abastecimentos, não a deixa vender. Em compensação, tem de satisfazer todas as requisições que lhe sejam apresentadas com a autorisação desse ministerio e por um preço inferior ao da tabela, pois lh'a não pagam a mais de 2$10.

Perguntámos qual o motivo porque assim procediam as estações oficiaes, que pretexto se alegava. Ao que parece, como a produção não chega para o consumo, entendeu-se que, assim, se evitavam inconvenientes.

Achamos tão especioso o pretexto, tão disparatado mesmo, que nos custa a compreender. Será verdade?

Ler ámanhã:

A evolução social e os invalidos da guerra

art'go do dr. José Pontes

Um conflito — no — "Jornal da Tarde"

Por tal motivo aquele periodico suspende ámanhã a sua publicação

Correu hoje com grande insistencia em Lisboa, que o «Jornal da Tarde», que foi orgão dos centristas, suspendia ámanhã a sua publicação em consequencia de um conflito que se levantára entre o seu redactor principal, sr. dr. Calado Rodrigues, e a administração do referido jornal. Procurando informações conseguimos apurar que se trata de um incidente suscitado por motivo da transferencia daquele periodico para uma nova empreza.

O sr. dr. Calado Rodrigues, pensava continuar com o jornal sob a sua direcção para o que já havia entrado em negociações. Hontem, á ultima hora, porém, foi aquele jornalista informado que outras entidades com interesses no jornal haviam resolvido trespassar aquela folha a uma outra empreza.

D'ahi o conflicto, tendo o sr. dr. Calado Rodrigues abandonado a redacção, no que foi acompanhado por outros companheiros de trabalho.

O «Jornal da Tarde» suspende ámanhã a sua publicação.

Em terras do Mochico

Apontamentos d'etnografia angolense

A Sociedade Portugueza de Antropologia e Etnologia acaba de iniciar a serie de publicações que se propõe fazer, com umas notas sobre a etnologia angolense, recolhidas dos cadernos de impressões de viagem do falecido antropologo sr. Fonseca Cardoso, notas que completam os trabalhos já dados á publicidade por aquele ilustre oficial do exercito.

E' uma homenagem prestada á memoria dessa individualidade scientifica, que o paiz ainda não consagrou devidamente.

Aos leitores

«A Capital» em 1916 estabeleceu um programa de vantagens e ofecrecimentos aos seus leitores que, em parte realisou, mas que as circumstancias imprevistas da guerra não permitiram totalmente efectuar.

Não esqueceu, porém, «A Capital» os seus compromissos, e vae agora leval-os a efeito de forma a que o seu programa se realise totalmente.

«A Capital» enviou aos campos da luta os seus redactores HERMANO NEVES e ADELINO MENDES que com as suas cronicas da frente de batalha deram aos nossos leitores as primeiras impressões da guerra.

Posteriormente, em 1918, ainda «A Capital» mandou a França o seu redactor MARIO D'ALMEIDA, que nas CARTAS DE FRANÇA deixava já adivinhar a proximidade da vitoria, a aza do triunfo, esvoaçando sobre os exercitos aliados.

Cumprindo o dever patriotico de estimular as energias nacionaes, publicámos essa obra de historia e de glori A PATRIA PORTUGUEZA que pela pena erudita do dr. Julio Dantas alcançou o maior sucesso literario desse ano, e ainda hoje constitue um grande poema de heroicidade da raça portugueza. Seguiu-se A GENTE PORTUGUEZA cantando os feitos maritimos e coloniaes dos audazes portuguezes, e que a prosa selectica do vice-almirante Braz d'Oliveira encheu de interesse e colorido.

«A Capital»—firme na sua fé de vitoria, ao lado, desde a primeira hora de luta, dos aliados, prometeu aos seus leitores a organisação da

Loteria da Paz

a qual dentro em breve levará a efeito, e ainda

As grandes batalhas

em que Julio Dantas fará passar mais uma vez, aos olhos do portuguez de hoje, todas as grandes façanhas gloriosas da nossa Historia, até a essa epopeia de sangue e de gloria do exercito portuguez nos campos da Flandres.

E' por essa obra que «A Capital» vae recomeçar a sua brilhante vida literaria, inserindo no

Dia 2 de janeiro de 1920

o primeiro folhetim desse novo trabalho que o grande prosador e unico escritor moderno

Dr. Julio Dantas

está elaborando com o meticuloso cuidado, o raro engenho artistico que sabe pôr nas suas obras. A prosa mascula, vibrante, do autor da «Patria Portugueza», do historiador de tantas glorias literarias,—a recente «Carlota Joaquina», «O amor em Portugal no seculo XVIII», ao cronista preferido e delicado das «Espadas e Rosas», «Mulheres», «Ao ouvido de M.me X...»,—dará á nossa historia mais um exemplo do altissimo valor de Julio Dantas, e assim

As grandes batalhas

será a obra gloriosa dos portuguezes que se bateram na maior campanha da Humanidade.

«A Capital» tem aberto desde o dia 1 de outubro o seu

CONCURSO LITERARIO

com as condições estabelecidas já anteriormente, destinado a impulsionar

Os novos escritores

na senda dificil das letras. Organisando um juri com figuras em destaque no meio literario e teatral, distribuindo premios pecuniarios avultados, publicando e representando os originaes premiados, facilitando por todas as formas o trabalho dos novos «A Capital» continua assim as suas tradições de jornal moderno e progressivo, a sua obra de rejuvenescimento literario que já deu o volume «A Pecadora», de Sousa Costa, a «Malta das trincheiras», de André Brun e «A Cidade Formiga», de Mario d'Almeida entre muitos outros, que marcaram na vida literaria nacional.

«A Capital» publicará

UM ROMANCE

original e inedito, premiado no seu concurso literario, de um novo; assim teem as portas abertas amplamente da vida literaria, todos os que se julguem amesquinhados pelas «cotteries» ou pelo desprezo dos editores.

Desta fórma, e ainda com varios outros desenvolvimentos que vamos dar ás nossas secções, julgamos cumprir a nossa missão e proporcionar vantagens e prazeres

Aos leitores

TESTAMENTO FALSO

A caça a uma herança

O auctor é remettido ámanhã para o tribunal da Boa-Hora

Referiram-ha dias os jornaes que n'um dos calabouços do governo civil se encontrava preso o amanuense da administração do 3.° bairro sr. José Augusto dos Santos e Silva, que fez um testamento falso em nome de seu tio, Fortunato Augusto da Silva, importante capitalista e commerciante falecido em 18 de agosto ultimo, na Figueira da Foz. Era intento do Santos Silva dar por nulo o testamento que existia e em que era instituida unica e universal herdeira a Associação Instrucção Popular, da Figueira da Foz. Descoberto o «truc», foi detido o falsificador, o qual deve seguir ámanhã para o tribunal da Boa-Hora. No processo figuram tambem os depoimentos das testemunhas que abonaram o Silva quando este abriu o sinal em nome do tio, nas notas do tabelião Emydio José da Silva, na rua de S. Julião, 134, 1.°. Declararam essas testemunhas ter procedido de boa fé, pois sabiam chamar-se ele Silva, ignorando no emtanto se se tratava ou não de Fortunato Augusto, pois que apenas o conheciam pelo apelido. Como se não fizesse bastante prova contra essas testemunhas, o tribunal agora avaliará da sua culpabilidade ou inocencia. O Santos Silva confessou o crime.

PELO TELEGRAFO

Na America do Sul

Um desmentido oficial do Chile

SANTIAGO DO CHILE, 10.

O ministro dos negocios estrangeiros, conversando com os jornalistas d'esta capital, declarou, terminantemente, falsas e sem nenhum fundamento as noticias procedentes de La Paz (Republica da Bolivia), afirmando que o Chile cederá á Bolivia um porto de mar no Pacifico.—(Americana).

Os escandalos nas subsistencias

O agente Teixeira, da policia de investigação, ainda não concluiu as suas diligencias sobre varias queixas, que foram entregues no governo civil, contra os escandalos ultimamente descobertos no extincto ministerio das subsistencias, ácerca do fornecimento de guias para manteiga e assucar. O funcionario daquele extinto ministerio, sr. Carlos Fernandes, acusado de ter dado descaminho a uma guia de transito referente a 50 sacas de assucar destinadas á Camara Municipal de Vila Nova de Ourem, ainda não compareceu no governo civil a fim de prestar declarações. Por tal motivo foram pedidas instrucções ao ministerio da agricultura.

POLITICA

O dia de oito horas

O sr. deputado Augusto Dias da Silva realisou hontem a «demarche», que noticiámos, junto do «A Batalha». Segundo as nossas informações a conferencia foi cordealissima, sendo adoptada uma unidade de vistas quanto á campanha a realisar para se conseguir o integral cumprimento da lei das oito horas. Para esse efeito pode considerar-se efectivado um bloco de socialistas partidarios e não partidarios, sindicalistas e até bolchevistas, se realmente existem em quantidade apreciavel.

Ha, todavia, um ponto obscuro, que consiste em fixar se o que se pretende é o dia normal ou o dia maximo de oito horas. Com a adopção do dia normal ha logar a horas suplementares de trabalho, pagas conforme convenções, realisadas ou a realisar, entre patrões e operarios; com o dia maximo não pode haver trabalho além dele, revesando-se, para satisfação das necessidades da produção, os turnos de trabalhadores. E' certo, entretanto, que os srs. Dias da Silva e Costa Junior nos asseguraram que o bloco adopta a formula do dia maximo, mas temos duvidas quanto á atitude que a tal respeito adoptem os socialistas do norte do paiz e até mesmo algumas agremiações operarias do centro e do sul e, particularmente, de Lisboa. E' possivel que, a tal respeito, se estabeleça, mais tarde ou mais cedo, alguma interessante controversia.

Uma lição que talvez frutifique...

A' mesa da Camara dos Deputados enviou aos ilustres colegas a seguinte circular:

Ex.mo Sr.—A norma seguida por grande numero de senhores deputados de fumar na sala das sessões durante o periodo de trabalhos, além de ménos prestigiante para a função parlamentar, dá logar a inconvenientes sérios, entre os quaes se deve salientar o de por mais de uma vez a mesa se ter visto obrigada a intervir para que o publico das galerias—sugestionado sem duvida pelo exemplo—deixe de praticar tal abuso; rogo por isso a v. ex.ª, em nome de sua ex.ª o presidente da Camara, e, como um obsequio que lhe é feito, a fineza de se abster de futuro de fumar na sala das sessões durante os trabalhos da Camara.—Saude e Fraternidade.—Palacio do Congresso, em 10 de novembro de 1919.—O deputado, 1.° secretario (a) Baltazar d'Almeida Teixeira.

Não ha senão que louvar a iniciativa do sr. presidente da Camara dos Deputados. Não se deve fumar durante os trabalhos parlamentares. Por todas as razões e mais uma. A qual uma é que quem fuma... cospe.

De regreso de los Estados Unidos

El Rey de Belgica en Lisboa

Do jornal hespanhol «El Imparcial»:

LISBOA, 8 (12 noche).

De regreso de su viaje a los Estados Unidos, hoy ha llegado el Rey de Belgica a bordo del «Jorge Washington».

El Monarca belga ha visitado los más importante puntos de la ciudad.—Fabra.

E' o cumulo da informação! V. Ex.as não viram para ahi o monarca belga, disfarçado, e incognito a vêr o panorama da cidade?

A AVENTURA MONARQUICA

No tribunal militar especial

Devia responder hoje no tribunal militar especial o sr. coronel José Francisco da Graça, comandante do corpo de adidos por ocasião do movimento de Monsanto. O julgamento não se efectuou porque, tendo-se o sr. coronel Alves Pedrosa, promotor de justiça, dado por suspeito, o sr. ministro da guerra nomeou para o substituir o coronel do estado maior de infantaria sr. Bernardino do Carmo Leal Guimarães, o qual, ao apresentar-se n'aquele tribunal, se deu egualmente por suspeito, em virtude de ser compadre do acusado.

Associação Industrial Portugueza

Está publicada por esta Associação a representação entregue ao parlamento pelas associações de acção economica do paiz, a 27 de outubro ultimo, relativa ao horario de trabalho, ultimamente decretado.

Essa representação é assinada por delegações de todas as associações industriaes, comerciaes e agricolas, em numero de 47.

TEMAS SOLTOS

DA MUSICA E DO TEATRO

Os maestros portuguezes atraiçoando o nacionalismo e corrompendo a musica de fóra

Estas considerações veem a proposito de termos encontrado em mais de uma das peças ligeiras e baratas, arregladas por ai em varios teatros da capital dignos de melhor sorte, numeros de musica espanhola, de genero alegre, mas profundamente caracterisada de castelhanismo, adulterados completamente no traslado e sem o minimo interesse evocativo e artistico. Trata-se de uma dupla leviandade, que está fazendo pecaminosa carreira, e que com certeza o sentido honesto dos emprezarios não fixou ainda como devia:

1.°—O abandono a que os maestros portuguezes de revista e genero correlativo votaram a musica portugueza, riquissima e cheia de probabilidades de exito da plateia;

2.°—O abuso da adaptação, não confessada, de numeros coloridos e sensacionaes da musica estrangeira, a mór parte das vezes arrazados e falhos da propriedade original.

Não se pretende visar os autores portuguezes nestas divagações, e muito menos prejudical-os, directa ou indirectamente, no seu interesse material ou na sua reputação artistica. O que se pretende é objectivar a sua crescente deshonestidade profissional, contribuindo para o amortecimento das virtudes artisticas da nossa raça.

* * *

O que se está fazendo nas peças de adaptação comica (comica no sentido ridiculo) de originaes estrangeiros excede todos os limites. Não nos queremos, porém, referir hoje á parte literaria, do «libreto» e da transplantação, tanta vez disparatada, da letra, mal este fundamental de que hão-de, dentro breves anos, ser vitimas os proprios emprezarios. Assentamos o nosso comentario sobre a musica, e tomamos para exemplo, entre tantos, a adaptação dos trechos mais celebres em toda a Espanha da «Cancion del olvido», do maestro famosissimo Serrano, e que em um ou outro teatro de Lisboa, com sacrificio da nossa tolerancia e pagando o nosso bilhete, temos ouvido completamente sofismados nos valores, na côr, até na graça originalissima e expressiva. Com que direito os maestros portuguezes de inspiração, e fazemos justiça dizendo que eles a teem, se podem queixar depois que nos palcos de Espanha, França e Italia, mas Espanha principalmente, lhes corrompem as suas partituras ou numeros soltos, se eles aqui, fiados na ignorancia das plateias e na tolerancia ou especulação das emprezas, assim alteram e destroem, tão ameude, os numeros mais brilhantes das modernas partituras castelhanas?

Todavia este ponto de vista, que de maneira clara e desassombrada colocamos, exigindo apenas consideração, não concordancia, para a boa fé com que o fazemos; todavia este ponto de vista é o de menos importancia. O que urge fixar e coordenar é o abandono, o desprezo votado pela maioria, quasi totalidade dos musicos, que fazem teatro ligeiro, aos mananciaes preciosos do «fol-klore» nacional. Dir-se-ha que as emprezas não pagam; dir-se-ha que o publico não acerta. Não é exacto. Os nossos emprezarios não são dos que mais regateiam materiaes de toda a especie aos maestros de suas companhias e o publico perde-se por musica portugueza corrente e já vae aceitando a musica portugueza estilisada. Os autores é que perderam o sentimento, e se abastardaram, pela impureza da propria inspiração nativa, no teatro, «arreglo», «pastiche», plagiato, influencia ou sedução da musica estrangeira. Corrompendo-a, é claro...

* * *

Não pode ser; não deve ser. Fazemos um apelo a todos para que isto não continue. Bem basta o descalabro criminoso da tradução constante e injustificada dos autores dramaticos espanhoes, tanta vez infantis e banaes, para satisfazer o restrito poder artistico de uma ou outra actriz de talento, que vestiu uma forma, e dela não sae pela impotencia de tomar outra. Bem basta. Os musicos portuguezes, alguns de grandes qualidades tecnicas, e salutar inspiração bem nacional, que se convençam de que para fazer vibrar as plateias doentes ou envenenadas de sentidos alterados e pupila nervosa anciando pelas afrodiacas expressões da musica exotica, não é preciso recorrer á Espanha, como a Espanha não precisa de recorrer a nós. Está bem, para exemplificação, ou pelas exigencias de este ou de aquele original, que se apresentem numeros castelhanos de seguro timbre, mas dizendo de onde são, qual o autor e respeitando o original. O contrario é, repetimos, uma dupla leviandade: um crime contra a arte portugueza e uma burla contra a arte espanhola. Mais pelo respeito para com as nossas proprias intenções, do que pelo receio das antipatias eventuaes que desencadeassemos sobre a nossa pena, acentuamos que não nos anima má vontade contra ninguem, e nem que ela existisse havia razão para alguem se preocupar com isso. O que existe em nós é o desejo maior de voltar toda a arte para o lado de Portugal e de dizer aos emprezarios que não exista razão alguma, nem «razão de bilheteira», que justifique que em teatro fiquemos eternamente subsidiarios do visinho do lado ou de outro qualquer. Pois não concordarão os ilustres directores das companhias teatraes?

Norberto de Araujo.

Aos medicos da provincia

Os distinctos professores da Faculdade de Medicina srs. Doutores Anibal Betencourt, Moreira Junior, Egas Moniz, Azevedo Neves, Sobral Cid, Salazar de Sousa, etc., e os assistentes dos mais ilustres, taes como os srs. Adelino Padesca, David Sarmento, Leite Lage e outros, teem tido ocasião de verificar na sua clinica os efeitos garantidos do «Iodal» (granulado de Iodo-Iodetado) e da «Lactobiase», preparação do Laboratorio Farmacologico.

Expedicionarios a Moçambique

Urge que se faça a liquidação dos seus vencimentos

Os jornaes da manhã trazem a seguinte nota oficiosa:

«Tendo-se reconhecido haver grande dificuldade em liquidar os vencimentos em divida a praças do Batalhão de Marinha que foi enviado para Moçambique, foi nomeada pelo ministro da marinha uma comissão presidida pelo capitão de mar e guerra Salazar Moscoso, a fim de proceder a essa liquidação.

As circunstancias especiaes em que foi enviado aquele batalhão e em que se efectivou o seu serviço deram logar a que na respectiva repartição do Ministerio da Marinha faltem elementos para se organisarem os processos de pagamento.

A' comissão nomeada, que funciona no quartel de marinheiros, devem ser apresentadas todas as reclamações, e só para cada caso especial a comissão poderá orientar a sua investigação, coligindo os elementos indispensaveis que justifiquem o pagamento. Por esta forma teem sido solucionadas varias reclamações, compreendendo-se facilmente a necessidade de tal metodo de trabalho, visto que o pagamento não pode ser efectuado perante as simples declarações dos interessados.»

Os expedicionarios foram, como se sabe, prejudicados enormemente pelo dezembrismo, pois que se não tratou d'um voluntariado, mas d'uma imposição.

Está bem que os interessados apresentem as suas reclamações por via competente, mas o que é necessario, o que é mesmo forçoso é que a commissão não proceda, como em quasi todos os casos sucede, com as delongas habituaes, levantando as maiores dificuldades e pondo todas as especies de entraves.

Atenda-se quem por todos os motivos bem merece ser atendido.

Ha já longos mezes que esses bravos regressaram á Patria. Por mais d'uma vez teem reclamado, por mais d'uma vez teem pedido a liquidação dos seus vencimentos. Justo é que ela se se faça quanto antes.

Theatros e Cinemas

Agenda da semana

Quarta feira, 12

Avenida—«Reprise» «Pae Simão».

Quinta feira, 13

S. Luiz—1.ª representação (2.ª serie) «Pé de meia».
Eden-Teatro—«Sonho de walsa».

Nota do dia

Não poderemos deixar passar sem protesto, a forma como se continua, em Lisboa, a ludibriar o publico nos teatros.

E' a nossa má vontade que nos faz falar? E' o que vamos ver apontando estes pequenos factos da vida noturna dos teatros da capital.

Passemos adeante sobre os grajejos pesados ou não dos actores, quando uma peça atinge mais de 15 representações, as «larachas» e dialogos improvisados nas bochechas do publico. Passemos sobre isso, que é banal e dentro das normas (!) e vamos ao facto constante da supressão de artistas e papeis sem um aviso, uma comunicação ao publico. Os cartazes muito economicamente ficam os mesmos perpetuamente; adoece uma artista, desliga-se um actor e... o publico não tem conhecimento de nada; o papel foi suprimido, o quadro truncado, e nem o «inspector geral dos teatros» se dá ao incomodo de exigir uma misera tira de papel a anunciar as modificações, nem a empreza pensa que existe publico a quem dar satisfações.

Houve tempos em que a policia se intrometia em tudo, ora regulando as horas, ora cortando pedaços da peça... Agora, assiste de borla ao espectaculo e dá-se por satisfeita.

O cumulo deu-se hontem no Eden Teatro; o publico sabe bem que ás 8 horas tem o «Aqui d'El-Rei» em 2 actos. Pois ao fim do primeiro, e depois do enxerto dos guitarristas, a que faltou já o cantador anunciado, a empreza veiu anunciar á boquinha do pano, que... o espectaculo tinha acabado:

—V. ex.as fazem favor de se ir embora... Isto acabou... Então?... Querem mais?...

Se isto é toleravel e digno, concordamos que sômos nós que temos má vontade para com as emprezas teatraes.

A. F.

Cartaz de hoje

Nacional, ás 21, «O Cardeal».
Ginasio, ás 21,30 «O libertino».
Politeama, ás 21, «Blanchette».
Eden, ás 20, O quadro novo «Bacos e Companhias» e o revista «Aqui d'El-rei».—A's 22, «A princeza dos dolars».
Apolo, ás 21,30, «Os 20 milhões».
Coliseu dos Recreios, ás 21, Grande Companhia de Circo.
Animatographos—Salão Foz, Olympia, Condes, Chiado Terrasso, Salão da Trindade, Salão de Promotora, em Alcantara, Salão Portugal, rua de S. João da Praça.

Aldeia Portugueza na Flandres

Os delegados da comissão que promove a construção duma aldeia portugueza na Flandres procuraram hoje o sr. presidente do ministerio, a fim de solicitarem o apoio do governo para a realisação do projecto.

O sr. Sá Cardoso mostrou grande interesse pelo assunto e disse que o governo daria o seu apoio material á obra, para o que apresentará ao parlamento uma lei nesse sentido.

Ficou aprazada uma conferencia para depois de ámanhã, ás 22 horas.

Vida Sportiva

Sports atleticos

Os resultados das provas de ante-hontem

Começaram ante-hontem, no campo do Sport Lisboa e Bemfica, as primeiras provas do campeonato de Sports Atleticos, cujos resultados foram os seguintes:

100 metros (apurados para as meias finaes)—R. Ferreira, J. Barata, Dias Costa, F. Saraiva, J. Fiuza, A. Assunção.

400 metros (apurados para a final)—A. Braz, Crespo e Monteiro.

Lançamento do peso (final)—1.º, Pascoal de Almeida (G. S. C. Q.); 2.º, Pedro de Almeida; 3.º, F. Napoles.

200 metros (apurados para a final)—R. Ferreira, A. Assunção, A. Teixeira.

Saltos em altura sem corrida—1.º Pedro e Demostenes d'Almeida (G. S. C. Q.); 3.º, Pascoal de Almeida.

110 metros barreiras (final)—1.º, S. Almeida (S. C. P.); 2.º, F. Napoles.

5.000 metros—1.º, F. Gonçalves (S. L. B.); 2.º, Matias de Carvalho; 3.º, Cecilio Costa.

Estafetas: 334.000 metros—1.º, S. L. B.; 2.º, A. C. L.

Saltos em comprimento com corrida—1.º, Demostenes de Almeida (G. S. C. Q.); 2.º, Pascoal de Almeida; 3.º, Dias Costa.

800 metros (final)—1.º, A. Santos (S. L. B.); 2.º, R. Ferreira; 3.º, A. Braz.

Luta de tracção—1.º, A. C. L., sem adversario.

Salão Central

Voltam hoje a ser exibidas n'este Cinema as tres primeiras jornadas do extraordinario film «As garras do leão».

Hontem estreiou-se a terceira intitulada «A sangrenta proclamação», que foi recebida com bastante agrado.

O trabalho de Marie Walcamp n'esta jornada, assim como nas anteriores, excede tudo quanto se tem visto, chegando a parecer impossivel que uma mulher possa expôr-se a tão continuos perigos. A formosissima artista, pela sua temeridade e arrojo, foi onde até hoje nenhuma outra artista da sua especialidade conseguira ir.

E estamos em dizer que peliculas do genero da «Liberdade» e «Az de Oiros», trabalhos primorosos de Marie Walcamp, e agora «As garras do leão», não poderiam existir sem o concurso da valorosa artista.

A completar o espectaculo teremos a «Jovem Harpista», com um prologo e cinco actos de exito sempre seguro, que Elvira Rodaelli desempenha com todos os encantos da sua mocidade, da sua elegancia e da sua arte.

A'manhã, quarta-feira, nova «matinée» com a estreia da quarta jornada «A sessão movediça», do grande sucesso de todas as noites «As garras do leão».

No programa tambem, a pedido de varios frequentadores d'este salão, a lindissima fita «O trono e a cadeira», em 1 prologo e cinco actos.

Os escandalos das subsistencias

Só muito tarde nos chega ás mãos uma carta do sr. Francisco Coelho Dias, secretario da administração do 1.º bairro e socio da firma Celeiros Limitada, na qual diz não ser verdade ter sido multado em 50.000 escudos, nem ter fugido para Espanha.

Só amanhã a poderemos publicar, pelo motivo que acima referimos.

Concertos Blanch

E' ámanhã, ás cinco horas da tarde, que termina no teatro São Luiz a preferencia dos antigos assinantes aos seus logares para a proxima serie dos concertos da Orquestra Sinfonica Portugueza, dirigida pelo maestro Pedro Blanch, que se inaugura ainda este mez. A assinatura tem estado concorridissima, como é costume, pois o teatro São Luiz é o ponto de reunião elegante da sociedade nas tardes de domingo.

Reunião de professores

Pelas 15 horas, reunem ámanhã, n'uma das salas da Academia de Estudos Livres, os professores das escolas industriaes e comerciaes, para tratarem d'assuntos de grande interesse para a classe.

Noticias da Capital

Nem apolicia escapa

Queixaram-se: Manuel Rodrigues Morato Vermelho, com farmacia na rua da Prata, 220, de que lhe furtaram uma carroça de mão, no valor de 100$00; Narcizo Augusto Ventura, travessa de S. Domingos de Bemfica, 2, de que Eduardo dos Santos, rua de Santo Antonio dos Capuchos, 30, loja, lhe furtou objectos e dinheiro no valor de 120$00; Adelaide Saraiva, estrada de Sacavem, 586, de que lhe assaltaram a quinta, onde furtaram objectos no valor de 28$00, e o guarda 342 de que assaltaram a sua residencia e lhe furtaram varios objectos e a sua pistola de serviço, que tem o n.º 154.976.

Um pequeno adeantamento

Foi preso Antonio Lopes Graça, largo de Santo André, 26, 3.º, por ter desfalcado a firma Regalheiro & C.ª, com escritorio na rua 24 de Julho, na quantia de 303$45.

Malas postaes

São ámanhã expedidas malas postaes:

Pelo «Orona», para Rio de Janeiro, Montevideu, Buenos Aires e portos do Chile; pelo «Africa», para a Africa Oriental; pelo «Ardeola», para Madeira e Las Palmas; pelo «Deseado», para Rio de Janeiro, Montevideu e Buenos Aires.

A tiragem na caixa geral, para o primeiro desses navios, é ás 9 horas, e para os restantes ás 12.

A questão do peixe

Os armadores dos vapores de pesca de arrasto não tendo podido chegar a um acordo com a Camara Municipal, sem prejuizo serio e graves perturbações na sua industria, resolveram oferecer-lhe todos os vapores por meio de instrumento a condições a estabelecer de modo a que a mesma Camara, substituindo-os no exercicio da sua industria, se convença das leaes afirmações que os mesmos armadores lhes teem feito.

Em verdade, desde que os armadores podem provar que de 1 de junho a 30 de junho descarregaram no Mercado do peixe, em Santos, 4.244 toneladas, que renderam escudos 1.533.537$86, ou seja 366$055 por tonelada e 36,6 por kilo, importancia de que a mesma Camara recebeu 3 por cento de imposto do Mercado, ou seja 79.796$50 e ainda de que o carvão, principal dispendio de um vapor, custou durante o 1.º semestre, entre 35 e 40 escudos, não se pode, em boa fé dizer, que se o peixe á porta de casa é caro, a carestia seja feita pelos armadores.

Estes, tendo oferecido ultimamente á Camara 10 por cento dos carregamentos ao preço de 30 centavos, agora, que o carvão está entre 65 a 75 escudos, provaram os bons desejos de auxiliar a Camara no barateamento do peixe na rua.

A Camara, porém, n'uma atitude autoritaria e agressiva responde aos armadores, não só que se nega a discutir o acordo por preço superior a 24 centavos, como tambem não permite o estabelecimento da quantidade a retirar!

Não são precisos comentarios. Os armadores para semelhante modo de tratar e depois de em sessões publicas da Camara terem sido injuriados e ofendidos de modo pouco digno, e por quem nenhuma autoridade ou razão tinha para o fazer, não podiam proceder com mais nobreza e independencia. Teem os vapores á sua disposição, garanta a sua perda total e conservação, porque «dignamente» e «pontualmente» o que «honestamente» for devido pelo seu frete, tamento e venha explorar os vapores para realisar, não o barateamento do peixe, mas mais uma vez mostrar a sua incapacidade administrativa.

Emquanto ao governo, preste um querer um grande serviço aos armadores, porque, pretendendo a entrada livre do peixe por vapores estrangeiros, ter-se-ha a certeza de que não virá a Lisboa nem «um kilo». E porque? Porque na Hespanha e na França o peixe é vendido por mais do dobro e na Inglaterra pelo triplo do que em Portugal. E' ler os jornaes que tratam do caso. Entre nós, o peixe fresco é o alimento que se vende mais barato, que o diga o bacalhau.

Dr. Fortunato Simões Carneiro

Faleceu

Virginia Lima Simões Carneiro, Dulce Lima Simões Carneiro, Anna Bono Carneiro Silva, Maria da Conceição Carneiro Vaz, Alvaro Pereira Lima e mulher (ausentes), Adolpho Ferreira Lima e mulher, Alice Ferreira Lima, Amelia Ferreira Lima e marido, participam a todos os seus parentes e pessoas de amizade, o falecimento do seu muito estremoso marido, pae, irmão e cunhado e que o seu funeral se realisa ámanhã, 12, ás 11 horas, saindo o prestito funebre da sua residencia, rua Viriato, 16, para o cemiterio Ocidental.

José Pereira Guerra e Maximiano Nascimento Soares, participam aos seus clientes e collegas o falecimento do seu collega e saudoso amigo dr. Fortunato Simões Carneiro, cujo funeral se realisa ás 11 horas, para o cemiterio dos Prazeres.

Ultimas Noticias

Politica

Intensificação da acção parlamentar do Partido Socialista Portuguez

Com a designação do sr. Ramada Curto para «leader» parlamentar do P. S. P. conta, como certo, que vae intensificar-se a oposição constitucional socialista ao governo. Já hontem, no fim da sessão, se deu um incidente que vem relatado nos jornaes e que, realmente, despertou a Camara da costumada sonnolencia; e hoje, logo no principio da sessão, o sr. Ladislau Batalha pediu a palavra para negocio urgente, afim-disse—tratar do «cumplicidades oficiaes e oficiosas» na carencia do assucar em Lisboa. Como o sr. ministro da agricultura não estava presente, acordou-se que o sr. Ladislau Batalha fizesse uso da palavra logo que ele chegasse.

Mas que é isto de «cumplicidades oficiaes e oficiosas?

As expressões usadas pelo sr. Ladislau Batalha fizeram sensação. Os srs. Brito Camacho, Jorge Nunes e Alvaro de Castro ouviram-nas, segunda e terceira vez, a nota enviada para a mesa pelo ilustre deputado socialista. Mas a curiosidade geral não foi satisfeita, visto que se adoptou a formula dilatoria de se esperar pela chegada do sr. ministro da agricultura. Virá ele? Não virá hoje? Vêr-se-ha.

A liberdade de imprensa no tempo do dezembrismo—A «Capital» foi querelada

O sr. deputado Eduardo de Sousa, antigo director de «A Republica», desejou hoje tratar, em negocio urgente, na Camara dos Deputados, do facto singularissimo de ainda estarem de pé processos de imprensa mandados instaurar pelo dezembrismo contra os politicos que, afinal, o derrotaram. Como o sr. ministro da justiça não estava presente, o negocio foi adiado.

Acerca de processos de imprensa podemos nós depôr com a citação d'um caso recente. Ei-lo:

Em tempos noticiámos que no quartel de marinheiros tinham sido praticados depredações varias, que quasi destruiram o edificio interno, emfim. Abriu-se, por causa d'isso, um inquerito no ministerio das colonias, ficando plenamente provado que taes destruições foram realmente produzidas, isto é, que a noticia era essencialmente verdadeira. Pode concluir-se, logicamente, que se deriam responsabilidades a quem de direito. Pois não aconteceu assim. O que se fez foi processar-nos a nós, como se tivessemos sido nós os destruidores do quartel de marinheiros. Não dizemos esta coisa por causa da perseguição, que não nos aqueria, nem assaltos. Mencionámos o caso somente para mostrar, mais uma vez, quanta consideração os poderes publicos teem pela imprensa... que não é incondicional.

Uma conferencia

O sr. presidente do ministerio teve hoje, na Camara dos Deputados, uma longa conferencia com o sr. Alvaro de Castro, «leader» da maioria.

Na Camara dos Deputados

Ruidoso incidente—Deslocamento da maioria—Conflitos pessoaes iminentes

Hoje, na Camara dos Deputados, procedeu-se á votação, por levantados e sentados, duma proposta para fazer baixar á comissão de finanças o projecto de aumento de vencimentos dos funcionarios administrativos. O caso devia ter consequencias politicas, se porventura houvesse logica na marcha parlamentar.

A maioria deslocou-se. O sr. Antonio Maria da Silva votou para um lado, com os seus amigos; contra ele se pronunciou o resto da Camara, que ficou assim constituindo uma maioria.

O sr. Antonio Maria da Silva retirou-se logo da sala, dando mostras de grande irritação. Com o sr. ministro das finanças trocou ele palavras veementes, demonstrando a sua disparidade de opiniões com o ilustre homem publico.

Mas o sr. Antonio Maria da Silva regressou á sala, já depois do sr. presidente da Camara ter interrompido a sessão. E então surgiu um conflito entre o sr. Francisco José Pereira e Antonio Maria da Silva, que quasi degenerou em pugilato.

Em todo este incidente distinguiu-se o sr. presidente da Camara que, prudentemente, empregou todos os esforços para que a sessão não fosse interrompida e os trabalhos seguissem com regularidade.

Desgraçadamente não foi atendido pelos ilustres deputados que naturalmente absorvidos pela paixão, não viram o desprestigio que estes casos trazem ao parlamento.

O sr. presidente da Camara não teve, pois, outro recurso a empregar senão suspender os trabalhos a ver se assim desaparecia a exaltação de que os deputados davam mostras.

Entre o sr. Antonio Maria da Silva e alguns deputados democraticos, que contra ele votaram, houve, emquanto a sessão esteve interrompida, discussões acaloradas, sendo de prever que surjam incompatibilidades politicas e até pessoaes.

Propositadamente omitimos expressões trocadas entre alguns deputados, porque não queremos concorrer para o desprestigio do Poder Legislativo.

O ministerio reuniu em rapida conferencia na propria sala das sessões supondo-se que trocaram impressões ácerca da orientação politica determinada pela possivel consolidação do deslocamento da maioria.

A sessão reabriu ás 18,5 horas, pronunciando o sr. Antonio Maria da Silva um discurso de explicações. O governo não se pronunciou.

Parlamento

Nos Deputados

O sr. Dias da Silva deu explicações sobre uma frase alusiva ao partido democratico, que, hontem, no ardor da discussão, pronunciou. O deputado socialista rectificou a frase—O paiz está farto de sofrer a tutela democratica, dizendo que apenas visava alguns dos Estados n'esse partido, que nunca procederam como democraticos, prestando n'essa ocasião as suas homenagens ao ilustre presidente da Camara, que disse ser um autentico democratico.

O sr. presidente consulta a Camara sobre se autorisa que o sr. Ladislau Batalha, em negocio urgente, se ocupe de «cumplicidades oficiaes e oficiosas na escassez do assucar».

Depois de falarem os srs. Jorge Nunes e Alvaro de Castro sobre o modo de votar, mostrando a utilidade e quasi necessidade da presença do sr. ministro do comercio ou da agricultura, é concedida a urgencia para quando presente algum d'aqueles ministros.

O sr. Joaquim Brandão, em negocio urgente, ocupa-se de tumultos graves em Setubal, ocasionados pela já longa questão existente entre os operarios e os industriaes. Chama para o caso a atenção do sr. ministro da marinha, porquanto o conflito está assumindo um caracter muito grave.

O sr. ministro da marinha elucida sobre a genese do conflito, enumera as diligencias que tem empregado para o solucionar. Declara que o governo vae intervir de forma a garantir a liberdade de pesca.

O sr. João Aguas trata da falta de estradas no Algarve e chama tambem a atenção do sr. ministro da marinha para a necessidade de ser creado um posto radio-telegrafico na costa.

O sr. ministro da marinha declara que já alguma coisa se começou fazendo ácerca d'esses melhoramentos.

Passa-se á discussão do projecto de aumento de vencimentos dos funcionarios publicos, sendo aprovado na generalidade o projecto apresentado pelos srs. Vasco Borges e Bartolomeu Severino.

Na especialidade, fala em primeiro logar, sobre o artigo 1.º, o sr. Francisco José Pereira, que manda para a mesa uma proposta.

O sr. Joaquim Brandão, defendendo a necessidade dos encargos das administrações dos concelhos passarem para o Estado, envia para a mesa uma questão previa n'esse sentido, que fica em discussão. Sobre ela falam os srs. Francisco José Pereira e Jorge Nunes que afirma a necessidade de se tornar bem clara a questão. Se é o Estado que deve pagar a esses funcionarios, pois fazel-o bem, não sucedendo assim, se forem as camaras municipaes. E' urgente pois que se vote a questão previa.

Levanta-se um incidente sobre se o documento que o sr. Brandão enviou para a mesa é uma proposta ou uma questão previa. Varios deputados interrogo-nam mesa n'esse sentido, resolvendo o sr. presidente consultar a Camara. Esta resolve que se considere uma proposta.

O sr. Pina Lopes manda para a mesa o seguinte requerimento:

«Requeiro que o projecto baixe á comissão de finanças afim de por ela ser estudado não só no que respeita ao seu texto em geral, como tambem ás verbas sobre os emolumentos das administrações dos concelhos, a fim de que da sua aprovação não resulte aumento de despeza para o Estado.»

Posto á votação é rejeitado por 44 votos contra 39.

O sr. João Bacellar tenta falar, mas o barulho é tanto que o sr. presidente resolve interromper a sessão.

No Senado

O sr. Vicente Ramos, aproveitando a presença do sr. ministro da guerra, chama a sua atenção para a escassez de braços nos trabalhos agricolas no distrito de Angra do Heroismo. Pede que se faça um licenciamento, que poderá ir até 50 por cento, nas fileiras onde servem praças oriundas dos Açores. Refere-se depois ao desaparecimento da manteiga em Lisboa, dizendo que presentemente, o açambarcador é o governo. Este, bem intencionadamente, embora, requisitando o genero, dificulta o livre comercio. Entende que a manteiga das ilhas deveria ser consignada aos clientes dos fabricantes por estes, tendo o governo conhecimento dos importadores e das quantidades distribuidas por cada um deles. Depois, o orador trata das constantes interrupções do cabo submarino entre a Ilha do Pico e S. Miguel. Pede que a estação radio-telegrafica da Ilha Terceira, nestes casos, seja autorisada a fornecer noticias de Lisboa á imprensa açoreana.

O sr. ministro da guerra declara que as unidades militares estão sendo reduzidas ao minimo necessario. Vae insistir para que, sem prejuizo dos serviços, sejam licenciadas praças que são precisas á agricultura nos Açores. Quanto aos outros assuntos comunical-os-ha aos ministros a cujas pastas eles dizem respeito.

A requerimento do sr. Herculano Galhardo, prova-se, com dispensa de formalidades, uma proposta autorisando transferencia de verbas nos orçamentos do ministerio da guerra.

O atentado contra o sr. Alfredo da Silva

Como implicado no crime foi preso outro estucador

Os agentes Xavier e Mira, da policia de investigação, continuam nas suas diligencias sobre o atentado de ha dias no Alto de Santa Catarina contra o sr. Alfredo da Silva. O processo do estucador Artur Pinto Alonso ficou hoje concluido, devendo seguir ámanhã para o tribunal da Boa Hora, juntamente com o preso.

Dissemos hontem que o agente Xavier tinha uma pista para a descoberta do cumplice do Alonso, o individuo que atirou a bomba sobre o «chauffeur» Raul Rodrigues de Sousa. Dessa pista resultou ter sido preso por suspeito o estucador Joaquim da Silva, de 28 anos, morador na travessa de Cima dos Quarteis, 13, loja, companheiro inseparavel do Alonso, com quem acompanhava ha 15 anos.

O Silva, que recolheu incomunicavel a uma esquadra, negou terminantemente que tivesse tomado parte no atentado atirando a bomba contra o «chauffeur», afirmando ainda que, privando com o Alonso ha 15 anos, não conhecia as suas ideias. Ao Silva foi encontrada uma chave da casa do Alonso, tendo ele explicado tal facto pela necessidade que tinha de ir ali fazer um curativo.

O Alonso, ao ser interrogado na policia, declarou estar trabalhando no quartel dos marinheiros, mas que não fôra trabalhar no dia do atentado e na vespera, por se encontrar adoentado. Por acaso encontrava-se no Alto de Santa Catarina, quando se deu a ocorrencia, fugindo então com medo, pelas escadinhas da Portugueza, quando se deu o estampido da bomba que explodira. Declarou ainda que trazia a pistola, para sua defeza propria, embora não tivesse licença, tendo adquirido a arma quando do movimento revolucionario de Monsanto. Não atentou contra as vidas do sr. Alfredo da Silva e do seu «chauffeur» e explicou que a arma se encontrava encravada, com as vistas que a policia lhe deu na Boa Vista, ao desarmalo!

A seu modo, descreveu ainda o preso a serventia que dava aos objectos apreendidos em sua casa, entre os quaes figuravam limas e metralha, dizendo que esta fôra por ele encontrada na escada quando recolhia a casa. Disse tambem que conhecia o Silva ha muitos anos e por isso lhe confiára a chave de casa, para ele se ir tratar de uma doença. Não tinha qualquer ideal politico e apenas pensava no bem estar das classes trabalhadoras.

O Alonso, como já dissemos, foi reconhecido pelo «chauffeur» e mais 10 testemunhas que fazem prova contra ele e que o viram apontar a pistola á cabeça do sr. Alfredo da Silva, quando este, despreocupadamente, dava ordens ao «chauffeur». Os peritos que examinaram a pistola verificaram estar a arma em boas condições de funcionamento e que se encravara por não ter sido feito rapidamente o movimento de recuo da culatra, dando-se então o facto de outra bala ter ficado atravessada.

O preso Joaquim da Silva, tendo sido interrogado, confessou que de facto acompanhava com o Alonso, mas que o não vira no dia do atentado nem na vespera. A policia liga importancia ao facto do Silva, após o atentado, nunca mais ter ido a casa, tendo-se averiguado pelas diligencias efectuadas que o atentado foi organisado e preparado por um «comité» secreto.

No processo, que é volumoso, figura tambem uma fotografia feita pelo guarda 1.457, Henrique Neves Antunes, contra o sr. Luiz Monteiro da Silva, acusando-o de implicado no crime. Pelas diligencias efectuadas apurou-se tratar-se de uma vingança, em consequencia do Monteiro da Silva ter desencaminhado uma mulher que vivia em companhia do guarda e ir viver com ele.

Serviço telegrafico da tarde

PARIS, 11.

Os directores dos jornaes não teem concedido a indemnisação de 5 francos pela carestia da vida, os operarios empregados nas imprensas dos jornaes resolveram fazer gréve essa noite. E' portanto provavel que grande numero de jornaes não se publique ámanhã.—(Havas).

PARIS, 8.

Os empregados grévistas de Bon Marché e das galerias Lafayette que fazem parte do sindicato catolico resolveram voltar ao trabalho.—(Havas).

LONDRES, 8.

A camara dos comuns rejeitou por 525 votos contra 52 a moção Wedwood, pedindo redução dos creditos suplementares para o exercito.—(Havas).

PARIS, 8.

O conselho supremo começou o exame do relatorio da comissão de inquerito aos assuntos de Smyrne. Os srs. Venizelos e general Bornonst... ficando ... pendente.—(Havas).

Poeira da Arcada

Tribunal do Comercio do Porto

Existem no Porto muitas delegações, agencias e sucursaes de sociedades anonimas com séde em Lisboa e no estrangeiro, na maioria casas bancarias e sociedades de seguros. Essas agencias e sucursaes não estão devidamente matriculadas ou registadas no Tribunal do Comercio dessa cidade, que pódem acarretar graves prejuizos a quem com elas trata. Por tal motivo, esse tribunal está tratando junto das instancias competentes para que se legalise tal situação.

Ministerio da instrucção

Reassumiu as funções de seu cargo o sr. dr. João de Barros, secretario geral do ministerio da instrução.

Ministerio da agricultura

A repartição de contabilidade do ministerio da agricultura, que estava no largo de Santa Barbara, foi transferida para o edificio do largo Trindade Coelho, onde esteve o ministerio dos abastecimentos.

Funcionarios que faltam

Apesar de ter sido desmentida a noticia de hoje haver tolerancia de ponto, foram muitos os funcionarios publicos que não compareceram nas respectivas repartições.

Ministerio da justiça

O sr. ministro da justiça parte depois de ámanhã para o norte, em visita ao distrito de Bragança.

O conflito entre a camara e o governo

Os vereadores democraticos e socialistas reunem hoje á noite com os corpos dirigentes dos respectivos partidos

Por varias vezes a Camara Municipal tem insistido junto do governo, afim de serem atendidas as suas reclamações sobre beneficios que interessam á cidade e muito principalmente sobre a divida que o Estado tem com o municipio e que não tendo sido paga até hoje impede a verdadeira ação municipal de cumprir a missão que lhe foi confiada.

A mesma vereação em face de tal atitude está desde hontem em conflito com o governo, tendo de esperar que o caso se solucione sem perda ou quebra de dignidade para as partes em litigio.

O que a vereação municipal deseja é que lhe seja autorisado, pelo menos, o levantamento, numa casa bancaria importante, das quantias indispensaveis, até á verba de que o Estado é devedor.

Mas, repetimos, esperamos que o conflito não terá importancia de maior e que tudo se harmonisará, devendo hoje á noite realisar-se uma reunião entre os vereadores democraticos e o directorio do P. R. P., reunindo os vereadores socialistas com o Conselho Central do seu partido.

Madrid-Lisboa

Do aviador inglez Raynham, que hoje devia ter saido de Madrid, não temos noticia alguma até á hora de fecharmos o nosso jornal.

Presidente da Republica

O sr. presidente da Republica recebeu hoje, no paço de Belem, o sr. ministro da Inglaterra, com o qual manteve cordealissima conversação que durou cerca de uma hora.

O desfalque nos Transportes Maritimos

O agente Pereira dos Santos concluiu hoje as suas investigações sobre o desfalque superior a 70.000 escudos, ultimamente descoberto na direcção dos Transportes Maritimos.

Apurou-se que além do escriturario Joaquim Ferreira da Conceição, que tentou suicidar-se quando era conduzido para o governo civil e que se encontra ainda em estado grave no hospital de S. José, figuram tambem os gatunos de cadastro Arnaldo dos Santos, que se diz irmão de um banqueiro em Setubal e se fazia passar por cirurgião dentista, e Eduardo de Moura, «O Zazá», ultimamente detido no governo civil como vadio e que tem no cadastro 6 prisões. O dinheiro roubado era dividido em partes eguaes pelo escriturario e pelo Arnaldo dos Santos. Este fez-se emprezario e gastou a largo com uma companhia que andou pela provincia, tendo o Conceição gasto a sua parte em varios clubs de jogo, n'um dos quaes perdeu 12.000 escudos.

O Arnaldo dos Santos e «O Zazá» fugiram no dia 30 do mez passado para o Brazil, estando agora as nossas autoridades procurando fazel-os prender.

Os larapios fizeram 500 facturas com a suposta firma M. Pereira Guimarães, na rua do Livramento, 28, sendo o Conceição quem as falsificava na propria repartição, com carimbos e assinaturas.

O processo segue ámanhã para o tribunal da Boa-Hora.

CAMBIOS

Henrique de Sousa & C.ª

Rua Aurea, 56—60

Lisboa, 11 de novembro de 1919.

	Compra	Venda
Londres, cheque....	24 13|16	24 11|16
» 90 dias....	28 1|8	—
Paris, cheque........	253	256
Madrid, cheque.....	458	462
Berlim, cheque......	65	75
» notas.......	—	—
Amsterdam, cheque	880	885
New-York, cheque..	2310	2340
» notas....	2280	2340
» ouro.....	2280	2350
Libras em ouro......	11$40	11$60
Agio do ouro........	152 0|0	155 0|0
Rio sobre Londres..	15 7|16	
Suissa................	415	420
Italia................	202	206
Belgica..............	271	274

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

3373 — 10.º anno | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães | Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA — Quarta-feira, 12 de Novembro de 1919

Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL | Officina de impressão — 71, Rua da Bica, 71

Preço, 2 centavos

Pequenas questões

O espectaculo que hontem deu a Camara dos Deputados é lamentavel, e uma circumstancia ainda avulta para o tornar mais lamentavel do que á primeira vista parecia.

Essa circumstancia é a de que o tumulto desencadeado, as invectivas trocadas, os conflitos pessoaes esboçados, tiveram origem numa questão de importancia inegavelmente secundaria perante as questões vitaes do paiz.

Com efeito, toda a exaltação que hontem se manifestou na camara se originou na votação dum simples requerimento para um determinado projecto, o dos vencimentos dos funccionarios administrativos, baixar á commissão respectiva.

Por causa disto, ardeu Troia!

Por um momento afigurou-se inevitavel a scisão do partido que a maioria representa; por um momento suppoz-se que, dividida a maioria em dois grupos irreconciliaveis, os dias de existencia do governo estavam contados.

Não será lamentavel isto?

Não será ainda mais lamentavel do que uma agitação semelhante mas travada em torno duma grande questão de principios ou de supremo interesse nacional, suscitando paixões ardentes, travando o combate das ideias nos dominios tempestuosos do sentimento?

Parece-nos que sim.

Em toda a parte do mundo se tem observado nos parlamentos sessões agitadissimas. Tem-as havido no parlamento francez, no parlamento italiano, no proprio parlamento inglez. Mas, embora essas agitações sejam censuraveis, porque nelas perdem os legisladores a sua calma, o que é certo é que até certo ponto se explica, embora não se justifique, o ardor com que se defendem pontos essenciaes dum programa, ou principios não menos essenciaes duma causa.

O tumulto, a imprecação, os gestos de desafio e as frases violentas, a proposito de tudo e de nada, isso é que parece ser exclusivo do parlamento portuguez.

E' deploravel.

O parlamento, assim, perde inteiramente o prestigio, e sem prestigio como é que um parlamento pode subsistir?

Por seu lado — porque não dizel-o? — a acção do governo manifesta-se cada vez mais frouxa. No parlamento, dir-se-ia que ele não existe. Não expressa uma opinião, não desenha uma indicação, sequer. Ha uma grande diferença entre querer dominar um parlamento, e fazel-o obedecer a uma vontade, que ilegitimamente se manifestaria, ou deixar que tudo siga á matroca, sem uma orientação que não é só um direito, mas tambem um dever expressar.

E entretanto quantas questões primaciaes, fundamentaes, questões de vida ou de morte, solicitam a atenção, o zelo, do governo e do parlamento! Quantas questões que não admitem delongas, e sobre as quaes já se deveria ter tomado uma resolução, que abrisse horisontes ás anciedades nacionaes!

Essas não se apresentam, essas não se discutem, por essas ninguem se interessa. E todavia delas depende o futuro de Portugal.

Quanto ás questões, como a de hontem, elas devem sobretudo ser resolvidas dentro das commissões. Que ali sejam estudadas; que ai se procure conciliar os pontos de vista diversos que os partidos sobre essas questões possam ter. Ao ser apresentadas á sanção da camara, elas já não deveriam ser susceptiveis senão de ligeiros reparos.

Tal como se procede, parece que ha o desejo de alimentar as paixões que, com os conhecidos fermentos da intolerancia, entre nós enraizados, só esperam um ensejo para explodir.

O parlamento precisa tomar novo rumo. Para seu bem, e para bem da Patria.

O caso Dias da Silva

Apresentou-se hoje no governo civil, ao commissario geral da policia, o sr. dr. Augusto Lopes Carneiro, juiz aposentado e commissario da policia do Porto, ultimamente nomeado pelo sr. ministro do interior para proceder á sindicancia que foi requerida pelo sr. dr. Rodrigues Esculcas, director da policia de investigação, não só aos seus actos, como ainda ao caso Dias da Silva. O sr. dr. Lopes Carneiro dirigiu-se depois ao gabinete do sr. dr. Esculcas, onde conferenciou com aquele magistrado, findo o que recebeu os cumprimentos dos adjuntos do director dos serviços de investigação. O sindicante deve ámanhã começar os seus trabalhos, ouvindo os representantes da imprensa.

NOS DOMINIOS DA ARTE

O musico da côr

A proposito da vinda de Ana Pavlova a S. Carlos.

Agora que Ana Pavlova vae despertar a sensibilidade do nosso publico, entorpecida pelo «frisson» rocambolesco das aventuras de Polo, modelando no ritmo das suas linhas estranhos baixos relevos de atitudes, serve de introito a essas noites vizões, onde o seu corpo de junquilho com ondulações de labareda entoará a elegia nevoenta da beleza slava, este esboço de estudo sobre Leon Bakst o mais vibrante e pessoal de todos os decoradores russos. O seu nome, tão intimamente ligado á moderna historia dos bailados, é desconhecido em Portugal, como desconhecidas são tambem quasi todas as grandes figuras do movimento literario e artistico do norte. Tirando Tolstoi, hoje já traduzido e um pouco divulgado, considera-se entre nós snobismo ler as paginas de medo do «souvenir de la maison des morts», de Dostoiewsky, o romancista imortal dessa epopeia pessimista «o crime e o castigo»; a obra de Ivan Tourgueneff campos em flôr e selva a fecundar, «Terras virgens» e outras, não entrou ainda nos arquivos dos nossos livreiros; o teatro regionalista de Ostrowsky, não conseguiu tentar um emprezario portuguez de bom gosto e raros podem falar das evocações pictoraes de Fedorowsky, artista moscovita e das manchas de Roerich, onde a Russia pagã, volta a vibrar, reconstituida na verdade dos seus antigos costumes e no suave encantamento das suas velhas tradições...

Rimsky Korsakow e Borodine foram-nos revelados por David de Souso. A incursão das obras dos compositores slavos nos programas dos nossos concertos é pois recente. Só em fins de 1917 fomos visitados pela primeira companhia de bailados russos, de tão triste memoria. Era uma farandola de mumias, esgrouvinhadas e pusilentes, pobrinhas darte e com arremedos dalmas eleitas. O sensualismo oriental da Scheherazade, estiolou em scenarios baços, sem corpos aptos a exteriorisal-o nem temperamentos capazes de o compreender. Em compensação, a França festejava em 1912 com deslumbramentos scenograficos e irreverentes costumes estilisados, a sua setima «saison des ballets russos». E foram nessas jornadas de beleza barbara, que Paris, extasiada com as audaciosas partituras evocadoras de Korsakow e Hahn, com a frescura dos corpos helenicos de Tamar Karsarina e Bonietska e com as visões coreograficas de Fokine, viu pela primeira vez, toda a grandeza e toda a arte das decorações fantasticas de Bakst. Delluc, cognominando-o de musico da côr, foi dos criticos que melhor simbolisou a sua obra. Ela é na verdade a obra dum compositor de tom, rica em efeitos orquestraes e compreendendo pela originalidade dos motivos. O scenario do primeiro acto de «Pisanelle» de D'Annunzio, um canto do porto de Famagouste com seu navio quimerico tombado, seu aqueduto onde a casaria amontoada se debruça a contemplar o mar e num azul distante, montes perdendo a nitidez dos perfis, é uma verdadeira sinfonia de côres escaldantes, magnifica pelas mãos cheias de luz espalhadas e pela vida que se sente germinar em todo esse trecho de caes. Em contraste o scenario do segundo acto, tem a unção mistica dos poemas de Haydn e reproduz um trecho da cerca de um mosteiro, silencioso e triste, onde as rosas teem o aroma das preces e a alma outonal das penumbras... Nas decorações da tragedia «Helena de Sparta» do poeta lirico Verhaeren, levada ha anos, em scena no Chatelet, epopeia de melancolia fatalista que Rubinstein, um modelo d'ónos, de olhos rasgados e cabelos de ebano, interpretou, encontrâmos novas partituras de Bakst. Assim a maquete do primeiro acto, extranha pelo exotismo das decorações,—no primeiro plano, sobre rochedos dum vermelho argiloso, riem mascaras de gigantes, aureoladas de oiro; mais ao fundo, ameias duma velha fortaleza, mordem com seus dentes cariados um céu de nuvens e protegido por esta guarda macabra, um palacio de arquitectura bizarra, assenta no rochedo mais alto — o dum Dukas da côr.

Mas onde a imaginação de Bakst espadana cachoante em orgias de tons é na atmosfera artistica dos bailados russos. Ai todas as aguarelas de costumes são caprichosas, «rêveries» policromicas e todas as «maquettes» sinfonias de efeitos. A grande paixão pela velha Grecia que sempre dominou no seu espirito, ressalta nos scenarios da maior parte dos bailados, porque Bakst é um sonhador incorrigivel e o helenismo tortura a sua imaginação exotica. Os seus «croquis» de figura, teem na leveza das linhas, belezas de anfora, os modelos das suas bailadeiras, movendo-se contorcionadas, exalam na poesia das atitudes, o perfume antigo das festas pagãs e em todos os estudos de scenarios, evocações irreaes de coloridos barbaros, perpassa a mesma febre de ressuscitar a Grecia morta. Mas o que nos encanta na sua obra e a faz impôr-se á dos outros decoradores slavos, é a riqueza de coloridos. Bakst é, na scenografia moderna um novo Deus Pan. Os tons crus empregados nas decorações maravilham-nos. O exotismo dos estilos surpreende-nos. Não serão verdadeiras bacanaes de côres e debussinianas partituras, os scenarios do «Deus Azul» tendo por motivos ornamentaes estilisações de monstros de oiro e cabeças de esfinge espelhando-se num lago de azebre, do «Daphnis et Chloé» aguarela de dionisica beleza, um baixo elegiaco sombreado por robles esguios e rodeado por um anfiteatro de rochedos, que uma vegetação selvagem mancha e do «Après-midi d'un Faune», um bosque fantastico onde os coloridos das quatro estações se juntam compondo os quatro andamentos de uma sinfonia bizarra? No «Boris Godonnoff» o temperamento orgiaco de Bakst modificou-se e um lirismo enternecedor, banhando dum encanto mistico a fachada de velho castelo medievo, bem digno de ser habitado por algum heroe de Perrault, transformou esse acto polaco, num luarento «noturno» de Chopin. E na legião de pintores russos, que em fins de 1903, na opinião de Swetlow caminhou nescia de triunfar para a decoração teatral, o nome de Leon Bakst foi na vanguarda e na vanguarda continuará, pois a imortalidade da sua obra, na moderna historia da scenografia, ha-de garantir-lhe eternamente, esse logar de honra.

AOS LEITORES

«A Capital» no dia 2 de janeiro proximo, inicia a publicação do novo trabalho que o grande prosador e unico escritor moderno

Dr. Julio Dantas

está elaborando com o meticuloso cuidado, o raro engenho artistico que sabe pôr nas suas obras. A prosa mascula, vibrante, do autor da «Patria Portugueza», do historiador de tantas glorias literarias, — a recente «Carlota Joaquina», «O amor em Portugal no seculo XVIII», ao cronista preferido e delicado das «Espadas e Rosas», «Mulheres», «Ao ouvido de M.me X...», — dará á nossa historia mais um exemplo do altissimo valor de Julio Dantas, e assim

As grandes batalhas

será a obra gloriosa dos portuguezes que se bateram na maior campanha da Humanidade.

"Da Imputabilidade Criminal"

O sr. dr. Orlando Marçal que é um escritor de merito indiscutivel e já tem um logar proeminente nas letras portuguezas, acaba de publicar um volume de psicologia criminal, com o titulo que nos serve de epigrafe, que certamente está reservado a um ruidoso sucesso.

O interessante livro trata largamente da criminalidade, analisando-a sob os aspectos antropologico, psicologico e sociologico e criticando as velhas e novas escolas, desde a classica á lombrosiana, d'elas se afasta por as julgar deficientes e condemnadas para seguir processos proprios e originaes.

Assim o magnifico trabalho vem crear interesse no nosso meio intelectual, merecendo ser apreciado como um dos que devem ser consultados pelos estudiosos que nele encontrarão os conhecimentos desejados. E' de justiça afirmar-se que se trata d'um livro de alto valor que só o ponto de vista literario, quer, sobretudo, como afirmação duma mentalidade brilhante que muito honra o paiz.

O sr. dr. Orlando Marçal que tem o seu nome consagrado como prosador dos mais apreciaveis, impõe-se agora á admiração do publico como um investigador que põe o seu talento ao serviço de estudos proveitosos e interessantes.

Ao distinto escritor as nossas homenagens e as nossas felicitações.

COISAS TRISTES E POBRES

UMA ESTRADA INTERNACIONAL OU A BLAGUE DO TURISMO

=*Um cobrador em mangas de camisa*
=*Uma estrada que é um areal*
=*Uma cidade com um hotel que não dá de comer*

Quem se quizer dirigir ao sul de Espanha, tem apenas á saida de Lisboa, tres estradas a seguir, que se vão encontrar núma só, a alguns kilometros do Tejo. Tem por pontos de partida Cacilhas, Seixal ou Barreiro, juntando-se as duas primeiras estradas na Arrentela e a terceira em Coina, seguindo numa só até Azeitão e Setubal.

E' uma estrada internacional, de transito imenso e desproporcionado, estrada de turismo, com um movimento de automoveis superior ao de qualquer outra dos arredores de Lisboa, porque é obrigada a sua passagem por aquela via. Como primeira «étape» para uma viagem atravez o Alemtejo, ha Setubal, cidade de grande desenvolvimento, com grande população e uma industria das mais progressivas do paiz. Tudo parece pois indicar que uma viagem nesta direcção, correria facil e tranquila... mas, a verdade, é um pouco diferente da hipotese; é o que vamos passar a examinar num passeio até Setubal. E' dedicado ao Conselho Superior de Turismo e ao ministro do comercio e das comunicações.

* *

Escolhamos a directriz do Seixal para partida. Não queremos darnos ao prazer de entrar na magnificente «Estação do Sul e Sueste» que os leitores já conhecem por ter sido decantada em varios poemas que imortalisam a sua porcaria, as suas estacas pôdres, as suas paredes imundas, os seus candieiros de petroleo... Não vamos pois pelo Barreiro; tanto mais que nos previnem que é impossivel meter um automovel pela estrada do Barreiro á Coina tal o estado em que está. Embarca então o «turista» num pequeno bote para o Seixal, que parte do Caes das Colunas; é um pequeno rebocador, que só parte quando cheio, e onde um cavalheiro em mangas de camisa faz a cobrança de 15 centavos. A Sociedade de Propaganda de Portugal certamente que ainda não estabeleceu fardamentos para estes funccionarios, comtudo os «inglezes» que porventura embarcam não deixam de declarar «shocking» aquela familiaridade em manguinhas.

No Seixal, onde se desembarca por escadas improvisadas e apodrecidas, tomemos o automovel. Dali á Arrentela, depois a Paio Pires a estrada tem o delicioso desgaste, das estradas vulgares em Portugal, altos e baixos, covas, montinhos de pedra britada nas bermas. Mas depois, oh depois são cinco, seis kilometros de areal, coisa disforme e confusa que não se sabe se campo lavrado ou caminho de carros.

E' costume ouvirmos o paiz queixar-se das estradas, da Beira, ou do Minho, e sempre se cria a impressão de que esses tristes espectaculos de abandono e desleixo são longe, lá para os extremos do paiz, lá para onde o grito dos jornaes, a fala dos politicos, o braço do governo não chega, a dar uma pequena bezuntadela de civilisação. Mas não... é aqui, a dois passos da capital... e sem provavel solução nos anos mais proximos.

As verbas para reparações de estradas que figuram nos orçamentos começam por ser desviadas para outros destinos urgentes e sagrados. Vem depois uma comissão, os deputados do circulo, alguem suplicar a verba indispensavel para o concerto e o ministro aperta, córta, só dá metade... e o resultado é que a maior parte das reparações que se fazem nas estradas consiste em deitar pedra britada para as covas feitas no leito. Essa pedra vae constituir um chão mais fixo para os carros que, caindo depois sobre a parte que não foi reparada, vão escavar ali novas covas... E assim o dinheiro das reparações economicas perde-se e o mal continua, se não agravado. Depois, nas requisições da pedra, como esses fornecimentos passam por imensas formalidades burocraticas, ainda se perdem algumas fracções da verba; os fornecedores não enviam as quantidades pedidas, e os condutores, e barqueiros, tambem tiram a sua parte.

E assim as estradas vão-se tornando intransitaveis, algumas completamente abandonadas já, outras dando cabo de todos os carros que se atrevem.

Fiscalisação? Cantoneiros? Onde? Durante o periodo activo da guerra, quando os pinhaes soffreram os maiores desbastes de todos os tempos, e era dificil a circulação dos comboios, a lenha, não dando vazão ás mercadorias, toneladas e toneladas de pinho em carroças pezadissimas formando longos comboios pejaram a estrada de Cacilhas a Setubal. A velha estrada com 40 anos e sem uma reparação, não poude deixar de ir abaixo; mas ajudaram a obra destruidora os carreiros que, quando uma roda descaia nalgum dos regos fundos da estrada, não podendo soerguer a carga enorme, cavavam á picareta o chão para a caravana seguir!!!

São assim as estradas em Portugal! Ha covas de metro! Chavascal de kilometros e kilometros... Pode ser? Não; ha que olhar, ha que atender, para nosso nome, para prestigio da nossa terra, ás nossas vias de comunicação. Não é a verba de conservação, que chega, nem «conservação» se pode fazer já nas nossas estradas; é reparação, é reforma completa de muitos e muitos kilometros. Ainda ha dias, os representantes dos povos duma região encolheram os hombros ante a verba que lhes destinaram para as estradas! Quê? Era aquilo? Mas se não chegava para nada, para que gastal-a?

* * *

Adeante. O turismo quer continuar a sua marcha; pois chega a Setubal, e no unico e misero hotel da terra hospeda-se; hospeda-se, para dormir, porque o hotel não dá de comer! Original e curioso. Uma cidade que tem um hotel só para alugar quartos, o unico hotel, e recomendado (?) onde o turista pode ir descançar depois de ver a natureza linda dos arredores do Sado, a altissima Arrabida, o encanto do Outão, os formosissimos laranjaes da terra de Elmano Sadino.

O Turismo! Sim... sabe-se... grandes emprezas, fundos projectos, grandes campanhas, hoteis colossaes, o canal navegavel do Sado ao Tejo... E as estradas?

Oh! as estradas... velharias, coisas do passado. Quem se interessa por elas!

Viajantes ilustres

Dr. Couceiro da Costa

No rapido das 15,50 seguiu para Madrid o sr. dr. Couceiro da Costa, ministro de Portugal junto daquela côrte.

Foram apresentar-lhe despedidas os srs. Barreto da Cruz, representando o sr. presidente da Republica, ministro da marinha, Gonçalves Teixeira, director geral do ministerio dos negocios estrangeiros, representando o respectivo ministro, Espirito Santo Lima, Vasconcelos Correia e muitos senadores, deputados e outras entidades politicas e diplomaticas.

Dr. João Ulrich

Seguiu esta tarde para Madrid e Paris, onde, segundo nos consta, vae ocupar-se de negocios relativos ao estabelecimento do plano ha tempos aprovado pela assembleia geral do Banco Nacional Ultramarino, o sr. dr. João Henrique Ulrich, governador daquele estabelecimento de credito.

Na gare do Rocio, viam-se á sua partida alguns directores do referido banco e outras entidades de alta importancia no meio do credito e das finanças.

Funcionarios d'Angola

Pedindo a subvenção e a equiparação de vencimentos

Foi enviado ao governo o seguinte telegrama:

LOANDA, 11.—Pedimos respeitosamente a v. ex.ª a manutenção dos ultimos decretos de regalias aos funcionarios, nomeadamente o n.º 5824, por correr o boato da sua revogação. Rogamos a resposta urgente aos telegramas pedindo subvenção do governo geral pela Associação dos Funcionarios, em virtude da situação aflitiva da classe, que aguarda a solução rapida deste assunto. O comercio continua aumentando extraordinariamente os preços dos generos de primeira necessidade. Rogamos tambem a equiparação dos vencimentos militares, cuja desproporção é injustificavel. Confiamos no patrocinio de v. ex.ª para a solução do caso tão justo.—(a) Associação dos Funcionarios Publicos.

PELO TELEGRAFO

Afonso XIII regressa a Madrid

A multidão aclama-o

MADRID, 11.

O soberano chegou ás 10 da manhã; foi recebido pelo governo, corpo diplomatico e pelas autoridades. Durante todo o percurso, desde a «gare» até ao palacio, foi muito aclamado pela multidão.—(Havas).

Ratificação do Tratado pela Hungria

PRAGA, 11

O presidente Massaryk ratificou os tratados de Saint Germain Versailles.—(Havas).

França e Inglaterra

A recepção do sr. Poincaré em Londres é brilhantissima — Ovações ao presidente

LONDRES, 11.

O presidente e mad. Poincaré foram recebidos em Guild Hall. Em todo o percurso, desde o palacio de Buckingham até Guild Hall, a multidão que era enorme, fez ao presidente da Republica uma ovação indescritivel.—(Havas).

LONDRES, 11.

Na brilhante recepção que se efectuou em Guild Hall, com a presença dos membros da familia real e das personagens francezas e inglezas mais eminentes, o lord mayor leu ao sr. Poincaré uma mensagem de boas vindas. A recepção seguiu-se um «lunch». Brindaram o lord mayor e o sr. Poincaré, afirmando o lord mayor a sua convicção de que a amisade cimentada entre as duas nações durante a guerra, continuaria para a obra da paz. Depois de uma recepção na Camara de Comercio franceza, o sr. Poincaré recebeu no palacio de Saint James o conselho do condado de Londres e a municipalidade de Westminster. Depois seguiu-se a recepção da colonia franceza de Londres.—(Havas).

Na America do Sul

A imigração no Brazil

RIO DE JANEIRO, 11.

Nos nove primeiros mezes deste ano verificou-se terem entrado, no Brazil, espalhando-se por todos os Estados, 10.060 imigrantes. A maioria é constituida de subditos e cidadãos hespanhoes e portuguezes.—(Americana).

Visita dum industrial espanhol

RIO DE JANEIRO, 11.

Passou por este porto o importante industrial hespanhol sr. Antonio Eabanco, que desembarcou em rapido passeio pela cidade, admirando os progressos e a actividade industrial brazileira da capital. Depois de visitar muitas fabricas e associações de beneficencia hespanholas e portuguezas, o abastado industrial seguiu para Buenos Aires.—(Americana).

Exportação de produtos brazileiros

RIO DE JANEIRO, 11.

O exame das ultimas estatisticas comerciaes demonstra que a exportação de produtos brazileiros para a Europa em 1919 triplicou em relação a 1918—ano de maior exportação antes da guerra. (Americana).

Espanhoes a quem não é permitido o desembarque

RIO DE JANEIRO, 11.

A policia maritima impediu o desembarque de nove subditos hespanhoes, que embarcaram na Corunha sem documentos. Estes passageiros seguem para Montevideu.—(Americana).

Cotações cambiaes e do café

RIO DE JANEIRO, 11.

O mercado cambial continua descendo com alterações negativas. O cambio sobre Londres, que no mez passado se conservou a 14 31/32, desceu no principio deste mez para 15 7/8 para cair em 16 1/32. Hontem o mercado sobre Londres fixou-se em 16 5/32. Valor do dollar 3$635 réis. Cotação do café, tipo 7, 17$600.—(Americana).

TRIBUNAL DO C. E. P.

O julgamento de hoje

Reus acusados de se insubordinarem para não marcharem para a frente

Com os mesmos membros que em França, á excepção do juri, faziam parte do tribunal do Corpo Expedicionario Portuguez, recomeçaram hoje os julgamentos na sala do antigo côro da igreja do convento das Trinas, sendo este tribunal assim constituido:

Presidente, coronel Antonio Joaquim Santa Clara Junior; juiz auditor, dr. Lopes Vieira; promotor, capitão Olimpio de Melo; defensor, tenente-coronel Osorio de Castro; presidente do juri, tenente-coronel Augusto Farinha Beirão; vogaes, capitão Manuel José Marques, capitão medico Artur Pacheco, tenentes Manuel Grilo Cruz e Afonso Carvalho; suplente, capitão de engenharia Vasco Lopes Mendonça; secretario, tenente Videira.

Compareceram a responder os 1.ºs cabos Augusto Gancela, Antonio Gante, Francisco Paiva e os soldados Aurelio da Costa, Manuel Gomes, Joaquim Pires, Francisco Ribeiro da Fonseca, Carlos de Oliveira Valado, Joaquim Pedro Simões Madeira, Antonio Francisco Alvarinhas, Antonio Fontinha, João Marques, Antonio Leal e Antonio Tomé, todos pertencentes ao batalhão de infantaria 23.

Eram acusados de no dia 6 de outubro de 1918 esboçarem um movimento de revolta no referido batalhão, nessa epoca bivacando em Pardis, França, declarando, armados de paus, espingardas e granadas de mão, em atitude tumultuosa, nos campos em redor do bivaque, que não queriam ir para a frente da batalha, sendo preciso que praças fieis, de baioneta armada, comandadas por oficiaes e sargentos, usassem da força para os meterem na ordem.

Um dos principaes instigadores da revolta foi o 1.º cabo José Lucas, mas esse conseguiu evadir-se em agosto ultimo, quando era conduzido para o forte de Elvas.

A guarda ao tribunal é feita por soldados do corpo de sapadores mineiros.

Como espectadores vêem-se na sala duas senhoras, uma meia duzia de civis e bastantes soldados.

O sr. tenente Videira, secretario do tribunal, lê as principaes peças do libelo, entre as quaes figura um extracto dos acontecimentos ocorridos no bivaque.

Depois do sr. tenente-coronel Osorio de Castro, defensor, ter apresentado a contestação, o sr. dr. Lopes Vieira, juiz auditor, passa a interrogar os reus. Todos eles negaram a acusação que lhes era feita no libelo.

Seguiu-se a inquirição das testemunhas de acusação alferes Fausto Tudela Ribeiro, 2.º sargento Henrique Pena, tenente Eduardo Ferreira, 2.º sargento Alvaro Sant'Ana e 2.º sargento José Augusto Simões, pertencentes egualmente ao batalhão de infantaria 23, as quaes narraram ao tribunal os factos que se deram por ocasião da revolta. A grande maioria dos réus não são conhecidos pelas testemunhas de acusação, havendo muitas que não compareceram a depôr.

Depoem a seguir as testemunhas de defesa, os 2.ºs sargentos José Basileira, Alvaro Sant'Ana, Manuel Horta e o capitão Soares. Este oficial, actualmente ao serviço na guarda republicana, prestou declarações acerca da revolta, visto ter intervindo nela para a sufocar.

Esgotada a inquirição das testemunhas de defesa, foram ainda lidos os depoimentos mais importantes daquelas que faltaram.

A's 15,50 interrompeu-se a audiencia por 10 minutos, decorridos os quaes começaram os debates.

O promotor fez uma acusação energica, historiando o que se passou e concluindo que não pode haver desculpa para os que em frente do inimigo desonraram a farda que vestiam. E' um crime que merece o maior castigo.

Manifestação á vereação municipal

E'-nos solicitada a publicação do seguinte convite:

Uma comissão de republicanos e socialistas convida todas as colectividades e o povo a comparecer hoje, 12, no Rocio, pelas 21 horas, a fim de em manifestação ir dar todo o seu apoio á actual vereação da camara municipal, que tão bem tem tratado da situação economica e carestia da vida.

Expedicionarios de França e expedicionarios d'Africa

Escrevem-nos chamando a nossa atenção, a proposito da comemoração do primeiro aniversario do armisticio, para o que se passa com os expedicionarios de França e expedicionarios de Africa.

Ao passo que hontem os primeiros foram lembrados e homenageados, afinal com toda a razão, dos segundos ninguem se lembra e parecem votados ao esquecimento. E isso manifesta-se bem a quando da chegada de algum troço expedicionario. Se é de França que vem, são recebidos festivamente no caes de desembarque, e a multidão acorre ali. Se é de Africa, apenas o elemento oficial se faz representar.

Pois, em Africa, houve combates de que as nossas tropas sairam vencedoras e cheias de gloria e a maioria dos que lá foram arruinaram a saude.

De justiça, parece, pois, que tantas homenagens se prestem a uns como a outros. Todos se bateram pela Patria, todos são dignos do maior respeito.

Vadios e gatunos de torna viagem

Um passeio de Loanda a Lisboa á custa do Estado

Mas se a lei Granjo assim o ordena!

Ha dias, referimo-nos ao caso de a bordo do paquete «Lourenço Marques», que deve entrar por estes dias no Tejo, virem nada menos de 160 vadios e gatunos, que estavam na fortaleza de S. Miguel, em Loanda, e que regressam á metropole, para ali cumprir a lei, dizem os defensores.

Chega a ser extraordinario isto, mas é a verdade. Não podiam continuar em Loanda, sem terem sido julgados, alega-se. E como somos o paiz onde a chicana floresce por excelencia, vá de mandar vir esses homens, de os julgar no governo civil, no tribunal para tal fim instituido, e como naturalmente serão condenados lá voltarão eles para a fortaleza de S. Miguel. Foi um passeio que vieram dar, á custa do Estado, é claro, mas, se o tesouro publico está a abarrotar, vale lá a pena pensar em taes mesquinharias!

Para conseguirem os seus fins, os defensores desses homens—que ha sempre defensores de criminosos—dizem-os vitimas do dezembrismo. Para completo esclarecimento, devemos notar que entre eles vem alguns dos que tanto deram que falar e quando da ida para Africa, em 1918, a bordo do «Portugal», onde se revoltaram, sendo necessario recorrer ás mangueiras com agua quente, para os fazer entrar na ordem.

Entre os «hospedes» que agora vão habitar por alguns dias as prisões da metropole, citaremos ao acaso os nomes de alguns dos mais conhecidos nos cadastros policiaes. São eles: Manuel Antonio, o «Manuel dos Passarinhos», Manuel Pedro Belo, Joaquim Ferreira, o «Patalicio», José Gonçalves, o «Maritimo», Manuel Joaquim Moreira, o «Lampeaneta», Pedro Dentes, o «Pedro Bonitos», João Ferreira, o «Joãozinho da Facada», Manuel Joaquim, o «Carregeta», Bernardino Raimundo, o «Queijeira», Mateus da Costa, o «Chamoco», Antonio d'Oliveira, o «Panga Azeite 2.º», Joaquim da Silva, o «Apacho», Januario Pacheco, o «Januario», Francisco da Silva, o «Marinheiro», Antonio Pereira, o «Manaias», Antonio Pereira Monteiro da Costa, o «Africano», Antonio Ferreira, o «Maricas Cegueta», Julio Ferreira, o «Pintor», Luiz de Araujo, o «Direitinho», Feliciano Augusto, o «Tachana», Francisco Portela, o «Algarvio», Carlos Tomudo, carteirista, Carlos Reinaldo, o «Ilheu Pequeno», Manuel Gonçalves, o «Bexiga», Joaquim Pereira, o «Porto», Deolinda Martins, o «Padre Matos», Daniel Martins, José Cesario, o «José da Joaquina», Antonio Tavares, o «Quental», Francisco dos Santos, o «Cadaver», José Francisco, o «João da Amelia», Joaquim Julio Leal, o «Mocho», Francisco dos Santos Coelho, o «Seixal», Antonio Pereira, o «Caninha Verde», Fernando Antonio de Sousa, o «Carlinhos», Maria Rosa Martins, a «Rancolha», o «Pato Ladrão», José Francisco Laranjo, o «Quinino», Antonio Gomes, o «Tonio», Francisco da Piedade, o «Bicho», Henrique Marques, José Soares, o «Serro», Jacob Soares dos Santos, o «Jacob», Antonio Leal, Luiz Francisco e Jorge de Sousa.

Não citaremos mais. Para pano de amostra bastam estes, crêmos.

Professores das escolas industriaes e comerciaes

Os professores do ensino comercial e industrial vão fundar a sua associação, tendo-se reunido esta tarde na Academia dos Estudos Livres para apreciarem as bases em que deve organisar-se.

Concertos Blanch

O ponto de reunião elegante da nossa sociedade nas tardes de domingo de inverno é sem duvida os concertos da orquestra sinfonica portugueza, dirigida pelo ilustre maestro Pedro Blanch. A assinatura, que está aberta, tem sido concorridissima, começando ámanhã a assinatura livre por ter terminado hoje a preferencia dos antigos assinantes.

Os concertos Blanch no S. Luiz revestirão este ano extraordinario brilhantismo, pois a orquestra conta novos elementos artisticos de valor e os programas são sempre diferentes, executando-se em todos os concertos novas obras em primeira audição dos mais notaveis autores classicos e modernos.

Bombeiros voluntarios de Campo de Ourique

Passando ámanhã o terceiro aniversario da fundação desta benemerita instituição, realisa-se ás 21 horas, na sua séde, rua Ferreira Borges, 35, uma sessão solene, para assistir á qual recebemos do presidente da direcção um amavel convite que muito agradecemos.

Amanhã publica-se

«Os Sports»

Salão Central

A jornada «A areia movediça», estreiada na «matinée» de hoje de este elegante cinema, ou seja a quarta da colossal pelicula «As garras do leão», obteve o mais ruidoso sucesso. Vê-se que á medida que vão passando pelo «écran» muitos dos seus emocionantes episodios, outros vão aparecendo cheios de imprevisto, deixando os espectadores verdadeiramente maravilhados.

N'«A areia movediça», ha passagens duma dificuldade espantosa. Quedas de agua, grandes correntes, abismos medonhos; e em todos os mais dolorosos transes da formosa Beth, ora perseguida pelos selvagens, ora atacada pelas feras, e que Marie Walcamp, a celebre artista americana, interpreta magistralmente, é vêr as coisas extraordinarias que faz para se livrar de uns e de outras.

Em espectaculos animatograficos nunca o publico de Lisboa assistiu a tão grande acontecimento artistico.

Além desta jornada e das segunda e terceira da fita «As garras do leão», tambem figura no programa desta noite, a pedido de numerosas pessoas, a interessante pelicula «O trono e a cadeira».

Um espectaculo, como se vê, cheio das maiores atracções, a que não deve faltar concorrencia.

Teatro São Luiz

Em consequencia das dificuldades que surgiram á ultima hora na montagem scenica dos 9 quadros do novo acto intitulado

O ROCIO

com que é ampliada a revista

O Pé de Meia

e das duas novas apoteoses, a

Inauguração da epoca de inverno e a 1.ª recita de assinatura ficam transferidas para o proximo

SABADO, 15

Sindicancia á guarda fiscal

O sr. ministro das finanças encarregou o general sr. Sebastião Chaves Aguiar de proceder a uma sindicancia a proposito de queixas e reclamações recebidas contra alguns actos de graduados da guarda fiscal. Todas as pessoas que tenham queixas a formular ou esclarecimentos a dar, podem fazel-o todos os dias uteis, das 12 ás 14 horas, no quartel do edificio da guarda fiscal no Terreiro do Trigo, podendo fazel-o por escrito as pessoas que não residam na capital.

CAMBIOS

Henrique de Sousa & C.ª

Rua Aurea, 56—60

Lisboa, 12 de novembro de 1919.

	Compra	Venda
Londres, cheque....	24 9|16	24 3|8
» 90 dias....	25 1|16	—
Paris, cheque......	254	256
Madrid, cheque.....	467	470
Berlim, cheque......	65	75
» notas.......	—	—
Amsterdam, cheque	890	897
New-York, cheque..	2358	2382
» notas....	2290	2340
» ouro.....	2290	2350
Libras em ouro......	11$50	11$70
Agio do ouro.......	153 0|0	157 0|0
Rio sobre Londres..	15 7|16	
Suissa............	428	430
Italia............	190	192
Belgica...........	274	277

PROBLEMA VITAL

O Estado perde milhares de contos

porque cerceia as fontes das receitas publicas ao restringir o valor do imposto

Era um pouco mais cedo do que o costume quando hoje procurámos a pessoa que tão amavelmente nos tem atendido. Encontrámol-a atarefada em expedir ordens, em pôr em dia a sua correspondencia, e disse-nos, com um sorriso:

—Madrugou hoje muito. Tenha paciencia em esperar, mas cada coisa a seu tempo. E' uma das maximas que emprego na minha vida e não me tenho dado mal com ela. Olhe, aqui tem algumas revistas e jornaes, se se quizer ir entretendo.

Sentámo-nos comodamente, acendemos um cigarro e começámos a folhear a primeira revista que nos caiu sob a mão.

Ao fim duma boa meia hora de espera, quando estavamos embebidos na leitura duma interessante cronica subscrita por um nome dos mais cotados na hodierna literatura franceza, uma voz nos despertou:

—São horas, meu caro, vamos lá á nossa palestra. Sabe que já me faz falta este bocado de tempo em que falo comsigo á vontade, sem constrangimento e num assunto que me interessa, tanto mais que me agrada o modo como expõe o que me ouve, sem confusões, antes de modo a que toda a gente perceba?

—Favores, meu amigo, favores. Pois olhe que ámanhã lhe trarei uma carta que foi enviada lá para a redacção, onde a pessoa que a assina, sem ter a coragem de pôr o seu nome, diz que eu não sei tratar a questão, embora, a seu pezar talvez, nas entrelinhas se leia que não sou tão desastrado como á primeira vista essa pessoa diz.

—Traga-ma, peço-lho. A que proposito foi lá ter essa carta?

—A proposito da conversa que tivemos ultimamente sobre o caso da senhoria que, tendo um predio seu, se vê forçada a alugar casa, para poder vir para Lisboa acompanhar a educação de um filho.

—Pois, traga, traga, que, se valer a pena, a comentaremos juntos. Vamos, porém, hoje á continuação das nossas considerações sobre o inquilinato comercial. Temos tratado da maior valia ou do maior valor locativo, base afinal em que assenta todo o sistema tributario nos outros paizes, o que é de facil compreensão, me parece.

«Entre nós tambem ele é a base em que assenta o nosso sistema de impostos. Por isso, restringil-o, como faz a lei do inquilinato, não é outra coisa mais do que cercear as fontes das receitas publicas.

«Ora não creio, ou antes, todos nós sabemos muito bem que o Estado portuguez não está em circunstancias tão desafogadas que possa dispensar centenas, se não milhares, de contos por ano. Como se compreende, pois, uma semelhante anomalia? Por minha parte, confesso francamente que a não entendo. E comigo muita gente boa.

«O valor locativo, ou a renda, como se lhe queira chamar, é o fiscal da contribuição do registo e, por isso, essa contribuição recae sobre vinte vezes a renda. Estabelecer, como faz a lei do inquilinato, a disparidade entre o valor locativo e o valor venal é destruir esse beneficio, a acção fiscalisadora, a unica que se conhece para a contribuição de registo.

«A proibição do aumento de rendas equivale á destruição completa do melhor, até mesmo do unico indicador da riqueza a colectar e á obrigação de defraudar o Estado.

«Sou exagerado, porventura, nas considerações que faço? Não defendo os interesses do tesouro publico? Que o digam aqueles a quem incumbe a missão de zelar pelos interesses do paiz.

«Afinal, uma pergunta ocorre desde logo, quando se fala na lei do inquilinato comercial: a quem pretendeu beneficiar essa lei, que classe desprotegida foi aquela a que tão generosamente se estendeu uma salvadora mão?

«A resposta é simples, mas ao mesmo tempo causa-nos espanto, sim, espanto. A classe comercial foi a beneficiada. Ora a classe comercial é, na generalidade, note bem, na generalidade, mais rica do que os senhorios e se houve alguem que lucrasse com a guerra foi ela uma das que maiores lucros auferiu.

«Não só se não fez incidir sobre ela, como em todos os paizes, um imposto sobre os lucros da guerra, mas até, em seu beneficio, o Estado, proibindo os aumentos de rendas, a benficiou com uma quasi isenção da contribuição industrial, que depende das mesmas rendas.

«Quer que lhe cite um exemplo bem recente do que afirmo quanto á riqueza dos comerciantes?

—Tem a bondade de dizer.

—Ha tres ou quatro dias, não me ocorre agora o dia preciso, mas na semana passada, o dono duma mercearia, numa rua perto do Intendente—e já vê que não é em pleno centro da Baixa—comprou de uma assentada tres predios.

—De pouco valor, naturalmente.

—Engana-se por completo. Um desses predios custou-lhe a «bagatela» de cincoenta contos, outro trinta e cinco e outro vinte. Que diz a isto?

—Que hei de eu dizer? Sorte, muita sorte, e talvez tambem muito trabalho e muita economia.

—Sim, sim. Tudo isso é necessario, com efeito, mas o principal está nos lucros da guerra. Ao passo que o comerciante lucrou, o senhorio nada beneficiou com ela, antes teve apenas aumento de encargos. Por outras palavras e falando sem rodeios, nem entraves: os «novos ricos» são beneficiados, aos «novos pobres» aumentam-se-lhes os encargos. Assim mesmo é que é e deixe falar os que enchem a boca com frases retumbantes e dante mão preparadas.

A. C.

NOTICIAS DA CAPITAL

O pão de cada dia...

Queixou-se á policia Anastacia Ferreira, travessa do Pasteleiro, 16, 4.º, de que, por arrombamento, furtaram da sua residencia roupas e objectos de ouro no valor de 300$00.

Os desordeiros

A policia da 1.ª secção, a cargo do chefe Murtinheira, está procedendo a investigações sobre duas desordens graves que ultimamente se deram na area do posto do Teatro Nacional e ás quaes os jornaes fizeram larga referencia.

A primeira ocorreu na travessa do Forno, entre padeiros e marinheiros, tendo-se já apurado que a contenda começou por causa de um cigarro que um dos contendores pedíra a outro. Estabeleceu-se então larga discussão e por fim a desordem, em que a navalha teve papel preponderante. Não foram sómente os marinheiros que fizeram uso daquela arma, pois que os padeiros egualmente atacaram os seus contendores, um dos quaes continua em estado grave numa das enfermarias do hospital de S. José.

A outra desordem deu-se na rua das Galinheiras entre varios individuos frequentadores de casas de tavolagem e de que resultou ficar gravemente ferido com uma facada no ventre Alfredo de Oliveira Gomes, «O Guarda Noturno», que foi agredido por um cunhado de Manuel de Matos, «O Pintor». Este caso está sendo devidamente investigado por dois agentes.

Um gatuno perigoso

Escoltado por tres guardas da policia de investigação, seguiu hoje de tarde para o Algarve Alberto Joaquim Ribeiro, acusado de ter furtado num hotel de Ayamonte onde se encontrava como creado 950 pesetas. Este larapio tem dado algum trabalho á policia, pois que, ao ser preso e conduzido para o governo civil, tentou escapar-se dali, tendo-se para isso escondido no armario de uma das secções da policia de investigação, onde mais tarde foi encontrado. Ante-hontem tentou novamente evadir-se, como noticiámos, conseguindo sair do calabouço e misturar-se com os operarios que estão trabalhando no edificio e que de tarde largavam o trabalho. Aos agentes que hoje acompanhavam o preso foi recomendado todo o cuidado, a fim de evitar que ele puzesse em pratica qualquer novo plano de fuga.

A casa de uma heransa

Como hontem dissemos, foi hoje realmente remetido ao 2.º juizo de investigação criminal o amanuense da administração do 3.º bairro sr. José Augusto dos Santos Silva, da rua Bernardim Ribeiro, 20, 1.º, que no 4.º bairro de Lisboa fez registar um testamento falso em nome do seu tio Fortunato Augusto da Silva, falecido dias antes da burla, com o intuito de herdar dele a fortuna de 100 contos fracos, bem como varios objectos de ouro, prata e joias, que haviam sido doados á Associação Instrução Popular, da Figueira da Foz.

Colhido pelo comboio

Proximo do apeadeiro de Chelas foi colhido pelo comboio Adriano de Sousa Martins, 15 anos, serralheiro, residente na rua José Domingos Barreiros, D O, 3.º, que ficou com o braço esquerdo esfacelado e muito ferido na cabeça e rosto.

Recolheu em estado grave ao hospital de S. José.

Falsificação de letras

Dissemos em 4 do corrente ter sido detido Alvaro Mendes Vieira, da rua do Visconde de Santo Ambrosio, 17, res-do-chão, que se apresentara a descontar tres letras falsas no valor de 3.936$63, na casa bancaria Pinto & Soto Maior, na rua do Ouro, 18.

Já na vespera da prisão do Vieira, outras letras, na importancia de esc. 4.516$41, tinha sido apresentadas á cobrança noutra casa bancaria, cujo empregado, verificando a tempo tratar-se de documentos falsos, se recusou a satisfazer a importancia, sendo do caso apresentada a competente queixa na policia. Preso o Vieira, que recolheu incomunicavel a uma esquadra, apurou-se não ter ele qualquer culpabilidade no caso, pelo que foi restituido á liberdade. Pelas diligencias efectuadas, averiguou-se que o autor de taes falsificações era um individuo conhecido pelo «Morenitinho», que conseguiu evadir-se.

Ecos & Noticias

PARTIDAS E CHEGADAS

Partiu hoje para o estrangeiro, no rapido de Madrid, o sr. dr. Hellander Ribeiro.

ULTIMA HORA

POLITICA

O inquerito ao extinto ministerio dos abastecimentos—Acção do Grupo Parlamentar Popular

Como já por vezes foi noticiado a comissão parlamentar de inquerito ao antigo ministerio dos abastecimentos pediu ao Congresso mais amplos poderes para conseguir levar a bom termo o seu mandato. O pedido foi atendido pela Camara dos Deputados, que, para mais rapida resolução, dispensou até o regimento. A questão foi depois para o Senado mas este alto corpo legislativo não votou a dispensa do regimento, de forma que a papelada foi dormir um sono de chumbo para o amoravel seio das comissões. E' possivel que, quando ela de lá sair, seja inutil o inquerito, por falta de elementos de informação que, por emquanto, ainda existem.

E' a este proposito e para completa elucidação de todos que o deputado popular sr. Afonso de Macedo vae realisar uma conferencia publica, conferencia que se verificará no proximo domingo e num destes dois centros republicanos: Tomaz Cabreira ou 5 de Outubro. A conferencia será, pois, subordinada ao titulo: O G. P. P. e o inquerito ao ministerio dos abastecimentos.

Ha ou não ha manteiga?...—Os detentores dizem que sim, sómente o governo diz que não...

Já neste jornal foram publicadas declarações de comerciantes que asseguram estarem na posse legitimissima de toneladas de manteiga, mas que estão proibidos de a venderem ao publico, por ordem dos fiscaes do governo.

Ora hoje foi recebido na Camara dos Deputados o seguinte interessante telegrama, expedido do Porto:

Presidente da Camara dos Deputados—Lisboa—Sabendo que ha falta de manteiga em Lisboa comunico que ha abundancia em S. João da Madeira e Macieira de Cambra, ao preço de 90 centavos cada kilo.—João Vidal da Fonseca.

Não ha duvida que esta historia de manteigas constitue um verdadeiro misterio. Sómente ha esperança, para o desvendar, no sr. Ladislau Batalha que, anunciando uma interpelação ao governo, falou em «cumplicidades oficiaes e oficiosas». E' verdade, todavia, que o disse respectivamente ao assucar que não á manteiga...

A maioria foi convocada para reunir hoje

A maioria parlamentar, constituida pelos parlamentares do P. R. P., vae reunir esta noite, como já foi noticiado. Segundo informações que nos foi possivel colher, na reunião serão examinados dois assuntos de capital importancia: o primeiro diz respeito á atitude da maioria para com o governo o segundo refere-se ás relações politicas entre os parlamentares ou grupos de parlamentares democraticos.

O governo ouvirá da boca dos parlamentares que o apoio da maioria continuará a exercer-se em favor do gabinete Sá Cardoso. Mas o governo terá que explicar o desinteresse aparente manifestado pelas discussões parlamentares e, especialmente, ha-de ser provocado a esclarecer quaes as providencias de ordem financeira e economica que tenciona levar ao parlamento. Resumindo as coisas, segundo o seu espirito, podemos concluir que o apoio da maioria—que nunca foi, aliás, de uma extrema solidez—passará a ser condicional. Amanhã se saberá se o governo aceita ou não uma tal atitude.

Quanto ás relações politicas entre os grupos parlamentares democraticos estamos convencidos que a situação não ficará melhor do que estava,—antes pelo contrario. Sabemos mesmo que alguns parlamentares farão afirmações terminantes de independencia em tudo quanto disser respeito a questões de moralidade ou de ordem financeira e economica,—qualquer que seja a orientação dos «leaders» ou as indicações dos altos corpos directivos do P. R. P.

Por aqui se vê quanta importancia é legitimo ligar aos resultados politicos da reunião que vae celebrar-se.

A questão dos altos comissorios

A' hora em que escrevemos, isto é, ao fim da tarde, foi convocada a comissão de colonias, que reuniu numa das salas da Camara dos Deputados. A sub-comissão vae apresentar o seu parecer, resultado do mandato que lhe foi conferido para exame da complicada questão dos altos comissarios africanos. Essa sub-comissão é composta dos srs. Alvaro de Castro, Jaime de Sousa, Vasco de Vasconcelos e Ferreira da Rocha.

O parecer da sub-comissão estatue que se devem fixar as competencias dos altos comissarios e do parlamento. Os poderes conferidos, portanto, aos altos comissarios serão restritos, bastante limitados, o que torna muito problematica a aceitação de taes principios pelo grupo democratico, preponderante na comissão e na Camara. Entretanto é possivel que, sob a base apresentada pela sub-comissão, se consiga chegar a acordo.

A acção do Partido Socialista Portuguez

O sr. dr. Ramada Curto, «leader» socialista na Camara dos Deputados, acaba de pronunciar um discurso de ataque cerrado ao governo. O que ha de notavel, especialmente, no incidente, é isto: a Camara ouviu atentamente o orador e, terminado o discurso, ninguem defendeu o gabinete. Nem ele proprio se defendeu, apesar de estarem presentes o presidente do ministerio e os ministros da justiça, da guerra e das finanças. Este facto causou muita impressão.

PARLAMENTO

PARLAMENTO

Nos Deputados

O sr. Ladislau Batalha insta novamente pelos documentos que pediu referente ao movimento dos doentes no hospital do Desterro, durante os mezes de agosto e setembro de 1919. Diz ter conhecimento de que o sr. presidente deu destino ao seu requerimento com a devida brevidade, estranhando que na repartição respectiva ainda não houvesse tempo de o atender, apesar de já terem passado bastantes dias sobre o pedido. Lembra tambem a urgencia do assunto, cumplicidades oficiaes e oficiosas na escassêz do assucar em Lisboa, para o qual hontem a Camara o autorisou a usar da palavra.

O sr. Jorge Nunes envia para a mesa o seguinte requerimento: «Requeiro que pelo ministerio dos negocios estrangeiros me seja fornecida, com a maior urgencia, copia de toda a correspondencia trocada entre a legação de Portugal em França e aquele ministerio sobre um projectado convenio—do qual tambem peço copia—para recrutamento de pessoal trabalhador para empregar em França ou em qualquer seu territorio e bem assim copia de todos os pareceres e resoluções que tenham sido emitidos ou tomados áquele respeito, nos ministerios dos estrangeiros e trabalho. Outrosim peço nota de quaesquer deliberações ou providencias que a esse respeito tenham sido tomadas pelo governo».

Em seguida prosegue a discussão sobre o projecto das indemnisações, falando sobre o artigo 5.º, que estatue que a comissão nomeada pelas portarias expedidas pela secretaria geral do ministerio das finanças, poderá proceder aos inqueritos necessarios para averiguar dos danos causados e fixar, em face dos inqueritos, as indemnisações a pagar, o sr. João Bacelar, diz que discorda de tal doutrina.

O sr. Jorge Nunes requer que se espere pelo sr. ministro das finanças para se poder proseguir na discussão, a não ser que o sr. ministro da guerra se dê por habilitado a responder ás perguntas que sobre o assunto lhe forem dirigidas.

O sr. ministro da guerra dá-se por habilitado.

Continuando a discussão, falam ainda sobre o referido artigo os srs. Raul Tamagnini Barbosa, Ramada Curto, Afonso de Melo, ministro da justiça, Raul Portela, Julio Martins, Antonio Maria da Silva.

No Senado

O sr. Alvares Cabral pede que seja ponderado ao sr. ministro da agricultura haver inconveniencia na medida por s. ex.ª tomada em face da crise do assucar, determinando que ele seja importado em quadrados e, já se vê, inacessivel a muitas bolsas. Alude tambem aos abusos dum funcionario dos abastecimentos, contra o qual se teem apurado crimes de negociatas com o referido genero.

O sr. Gaspar de Lemos recorda que em 1916 apresentou um projecto de melhoria do Mondego, projecto que tem esbarrado e estando ainda por apreciar. Solicita que ele seja transformado em lei sem interferencia da outra camara, onde se lhe tem feito obstrucionismo.

O sr. Dias de Andrade desejava pedir providencias para anomalias da comissão administrativa de Porto de Moz. Consta-lhe, porém, que o sr. ministro do interior já providenciou. O sr. ministro do interior responde afirmativamente.

O sr. Celestino de Almeida pede informes sobre o sucedido no dia 7, no Porto, á saida de alguns individuos do tribunal de guerra, onde acabavam de ser absolvidos.

O sr. presidente do ministerio repete o que ha dias disse na camara dos deputados sobre o assunto, isto é, que esses individuos não foram atacados á saida do tribunal, mas na Cordoaria e na rua dos Caldeireiros, detalhando alguns pormenores do caso e lamentando-os.

O sr. Celestino de Almeida agradece a elucidação, declarando folgar com o facto de os casos não se terem dado como supunha. Todavia, lastima o estado de espirito de intolerancia que impera na cidade do Porto, dessa manifesta inclinação para a violencia. Deseja que por todos os meios, oficiaes e extra-oficiaes, se forem precisos, se modifiquem essas vergonhosas tendencias. Não é do norte, mas sabe que o cargo de governador civil do Porto é melindrosissimo. A sua função é como que a dum ministro do interior da parte norte do paiz. Por isso, não é qualquer pessoa, que não seja possuidora de especiaes qualidades, que pode desempenhal-a.

O atentado do Alto de Santa Catarina

O estucador Artur Pinho Alonso, que usa ainda outros nomes e é conhecido pelo «Espanhol da Fonte Santa», um dos autores do atentado contra o sr. Alfredo da Silva, foi hoje remetido ao tribunal da Boa Hora, onde foi largamente interrogado, recolhendo depois á cadeia do Limoeiro.

O agente Mira interrogou o estucador Joaquim da Silva, companheiro do Alonso, que se encontra incomunicavel numa esquadra e sobre o qual recaem suspeitas de ter sido quem arremessou a bomba contra o «chauffeur».

Por sua vez, o agente Xavier procedeu a diligencias importantes sobre a descoberta do «comité» secreto que planeou o atentado, tendo ido ao Arsenal da Marinha colher varios esclarecimentos, que devem fazer luz no processo.

POEIRA DA ARCADA

Presidente do ministerio

O sr. Sá Cardoso não esteve hoje na sua secretaria. Assistiu a um almoço na legação da America e dali seguiu para o parlamento.

Reitor da Universidade de Coimbra

Ao contrario do que se tem noticiado, não está ainda assente a escolha do reitor da Universidade de Coimbra.

Reformados do Sul e Sueste

Com o sr. ministro das finanças conferenciou hoje uma comissão de ferro-viarios reformados do Sul e Sueste, que foi pedir melhoria de situação.

Conselho superior de promoções

Reuniu hoje em sessão publica o conselho superior de promoções, para julgar os recursos interpostos pelos capitães do quadro auxiliar de artilharia srs. Francisco Xavier Roque e Ernesto Joaquim Feio.

Os julgamentos no governo civil

Sob a presidencia do sr. dr. Teixeira de Azevedo, proseguiram hoje no governo civil os julgamentos de vadios e gatunos detidos nas ultimas rusgas. Serviu de delegado do M. P. o chefe Sequeira e de advogado oficioso o sr. Augusto Cordeiro.

Responderam primeiramente Maria de Jesus «A Maria dos Marujos» e Gracinda Simões «A Gracinda do Saloio», suspeitas de gatunas de forasteiros. Foram mandadas em paz por se tratar de duas infelizes, mas não gatunas.

Respondeu depois Joaquim Marques, «O 612 de Alcantara», chegado ha tres mezes de Africa a bordo do «S. Jorge». Fala muito baixo, custando a ouvir-se, alegando não poder falar devido a uma tisica de laringe de que sofre. Afirma ser uma vitima do dezembrismo e que fez parte da leva da morte e por isso seguiu para Africa. A acusação prova tratar-se de um gatuno perigoso de golpe, que tem no cadastro 8 prisões de furtos com arrombamento. E' condenado a ser entregue ao governo e ao ouvir ler a sentença, exclama então em voz alta:

—Pulhas, malandros!

Responde depois Rogerio Maria da Conceição, «O Perry», um pequeno, mas conta já 16 anos, incorrigivel gatuno de malinhas de senhoras, e que tem no cadastro 5 prisões por furtos varios. E' entregue egualmente ao governo.

Segue-se Hilario de Sousa, outro gatuno de golpe, com 5 prisões e que regressou de Africa no «S. Jorge». A acusação aterra-o mas aparecem as testemunhas de defeza, Julio Cesar Gomes Moraes, aparelhador das obras publicas, e Mata Casqueiro, carpinteiro, que afirmam que o réu trabalha, sendo portanto, absolvido.

São por ultimo julgados José Pinto Mendes e Rogerio Lopes, que ha dias na avenida assaltaram uma senhora a quem roubaram parte de um cordão de ouro que ela levava ao pescoço.

Foram tambem condenados a ser entregues ao governo.

Malas postaes

Ao contrario do que se esperava, não entraram hoje no Tejo os paquetes «Orecma» e «Desead», pelo primeiro dos quaes são expedidas malas postaes para o Rio de Janeiro, Montevideu, Buenos Aires e portos do Chile e pelo segundo para a Baía, Rio de Janeiro, Montevideu e Buenos Aires.

A expedição far-se-ha ámanhã, sendo a ultima tiragem da caixa geral respectivamente ás 9 e 12 horas.

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

3374 — 10.º anno | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães | Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º | LISBOA — Quinta-feira, 13 de Novembro de 1919 | Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL | Officina de Impressão — 71, Rua da Bica, 71 | Preço, 2 centavos

Os problemas nacionaes

O «Diario de Noticias» publicava hontem com o titulo «Sintomas graves» um artigo em que se analisava a situação das nossas principaes colonias, Angola e Moçambique, tanto no ponto de vista das suas relações com a metropole, como no ponto de vista do seu estado de coisas interno, e tanto num como noutro destes aspectos encontrava ampla justificação para os seus alarmes.

A metropole sofre com a falta dos produtos que a Africa lhe poderia enviar; a Africa sofre com a falta do desenvolvimento que os governos da metropole se deviam empenhar em crear-lhe. E assim tem carradas de razão o articulista, quando diz:

«Se quando um dia se escrever a historia deste negregado periodo, se provar, com numeros irrefutaveis, que dos dois lados do Oceano dois povos sofreram necessidades crudelissimas, quando ambos tinham com que satisfazer essas necessidades, e ainda lhes sobejava muito superfluo para negociar, aliviar outros povos e colher para si um aumento de bem estar, ha de custar a acreditar. Pois foi o que sucedeu. Peor: o que está sucedendo».

E' perfeitamente exacto. Portugal era e é dos poucos paizes no mundo que tem recursos para fazer face á tremenda situação que aflige o mundo. E a razão é simples: é que em Portugal e suas colonias quasi tudo está por explorar.

Mas para isso seria necessario que se governasse para o paiz e não para as facções, ou sob a espada de Damocles das suas pressões e represalias. Para isso seria preciso que se fizesse mais administação do que politica na baixa acepção deste termo. Para isso seria preciso que as inspirações do patriotismo sobrelevassem a todas as paixões que não teem por alvo um fito util e generoso.

Tal não sucede, e a Africa Portugueza está quasi abandonada de toda a boa acção governativa. Não se faz uma obra de fomento, não se arranca do seu solo fertilissimo a fortuna duma nação e até o beneficio para outros paizes. A Africa Portugueza já reage. No artigo a que nos reportamos, transcrevem-se trechos de jornaes dali em que se lê: «Para a ruina ou para a revolução!» E como pode estranhar-se esta reacção, quando se apontam factos, como o que o «Diario de Noticias» relata, de estarem empilhados ao longo da via ferrea, em Benguela, 158.500 sacos de mantimentos, que só poderão ser transportados em seis mezes!

Ao mesmo tempo, falta-nos tudo o que a Africa produz e nós absolutamente necessitamos. E' o que diz o «Diario de Noticias»: ha de pasmar-se, no futuro, quando se souber que agonisam de miseria e abandono dois povos que teem tudo o que lhes é preciso!

São estes os problemas vitaes da nação. Acima de todos, a questão colonial destaca-se, em toda a grandeza da sua primacial importancia. E que se faz aqui? Que se planeia? Que se resolve? Nada! O governo quasi não articula palavra perante a sua propria maioria intolerante e agressiva. A' audacia dos seus inimigos corresponde com uma frouxidão que ou significa o seu desejo de se ir embora ou denota uma irremediavel fraqueza. E esses inimigos tripudiam. Que lhes importa a eles que não seja facil a solução ministerial? Que lhes importa a eles lançar o paiz e a Republica em novas dificuldades? Os democraticos de hoje procedem como os democraticos de 1914, que atiraram a terra o governo liberal e tolerante do sr. Bernardino Machado para fabricarem esse triste ministerio de caracter exclusivo e irredutivelmente partidario que o movimento das espadas derrubou, ao fim de meia duzia de dias. Para o espirito de facção não ha lições da historia nem observação dos factos. O que ele quer é demolir, mesmo sem saber se se salva nessa demolição.

Perante uma situação que reclama o esforço inteligente e dedicado da nação inteira; perante sintomas como os que o «Diario de Noticias» regista, no artigo a que nos reportamos; perante o triunfo da politica das ideias e das reformas que em todo o mundo se observa, uma facção, uma seita, um corrilho, procura apenas fazer a politica estreita e amaldiçoada da intolerancia, com o seu cortejo de conflitos, perseguições e atropelos, que o paiz repudiou, que o paiz aborrece, e que o paiz ha de esmagar!

O PATRIMONIO ARTISTICO

=O recheio dos nossos palacios regios =Já apareceu o celebre punhal de Benevenuto Celini — Uma desaparição misteriosa e um regresso mais habilidoso

«Consta que a comissão nomeada em 29 de outubro ultimo para se ocupar do patrimonio artistico, pensa em desistir da adaptação do Paço d'Ajuda a muzeu de arte decorativa».

Disso nos informa pessoa de toda a autoridade sobre o assunto, que de passagem nos declara, que, acha ser a creação e instalação de muzeus, uma atribuição do conselho de arte nacional.

E, já que o assunto se proporcionava, não nos esquivamos a uma pequena dissertação sobre o recheio de alguns dos nossos palacios reaes, em que o nosso ilustre e modesto informador nos dá os melhores elementos e alguns pontos de vista proprios.

O paço da Ajuda, no seu modo de ver, é improprio para a instalação de colecções de pintura e escultura, especialidades que carecem de luz especial, como se sabe, vinda do alto das salas e para realisar esse requisito tornar-se-ia necessario romper alguns dos tectos das destinadas a exposições. Não são esses tectos dum valor artistico notavel, mas, em todo o caso, representam bem a sua epoca e alguns deles são de pintores e escultores de representação consagrada.

Das obras de arte que existem no paço da Ajuda destacam-se especialmente um quadro sacro de Murillo, que deve ser encorporado no múzeu de arte antiga, onde o celebre pintor espanhol ainda não está representado, e um magnifico retrato da rainha D. Maria Pia, pintado pelo grande artista francez Carolus Durand, que ha bastantes anos nos visitou, fazendo tambem por essa ocasião os retratos da falecida sr.ª duqueza de Palmela e da actual, que era então menina.

Esse retrato está bastante alterado, carecendo retoques de alguem que possa dar-lh'os.

A pessoa que consultámos sobre o assunto, bastante conhecida nos meios artisticos nacionaes e mesmo no estrangeiro, diz-nos parecer-lhe util a centralisação em materia artistica; não a centralisação «á outrance», e disso tem dado provas, auxiliando quanto cabe em suas forças a creação de muzeus regionaes. Descentralisar em excesso levar-nos-ha ao ponto de tornar, não dirá insignificantes, mas menos interessantes as exposições de duas ou tres centenas de antiqualhas valiosas, que tantas ou menos, podiam em muitos casos constituir o muzeu de determinadas terras.

Deve ser posta de parte, segundo o modo de ver do nosso informador a ideia da organisação de muzeus na Ajuda, em Cintra e em Queluz. O que deve fazer-se é patentear ao publico essas antigas residencias regias, guarnecidas com mobiliario embora este não tenha valor artistico notavel, mas condizendo com a epoca e o valor do edificio.

Esse ideal é, porém, extremamente dificil de realisar, com respeito ao paço de Cintra. Nos de Ajuda e Queluz ha algum mobiliario do seculo XVII. No de Cintra não deve haver uma unica peça de mobilia posterior ao seculo XVII.

No paço das Necessidades os moveis verdadeiramente dignos de muzeu eram extremamente raros, podendo citar-se no emtanto, entre outros, uma meza de bronze da epoca de Luiz XIV, que parece ter sido trazida para o nosso paiz por D. Carlota Joaquina, mulher de D. João VI; e dois contadores italianos em estilo Renascimento, com embutidos de marfim e aplicações de tartaruga e bronze. Essas preciosidades foram oferecidas pelo duque d'Albuquerque ao rei D. Luiz.

Havia ali dois preciosos Gobelins, um representando a ultima scena do 5.º acto da «Armida», assinado por Ch. Coytelet Andraud, datado de 1737 e outro de assunto alegorico, assinado por Nelson.

A ceramica, sobretudo a porcelana oriental, da China e do Japão, estavam opulentamente representadas ali, havendo jarrões e piscinas de alto valor; tambem porcelanas de varias procedencias europeias e faianças das antigas fabricas nacionaes do Rato, da Bica do Sapato e outras.

Em uma dependencia dos aposentos do rei D. Carlos achava-se a preciosa colecção de vidros que pertencera a seu avô, D. Fernando de Saxe-Coburgo-Gotha, composta de exemplares romanos e venezianos, especialmente, de grandissimo valor.

A' frente das preciosidades em ourivesaria figura a celebre custodia dos Jeronimos, obra do 'avrante Gil Vicente, legada em testamento por D. Manuel I, ao convento de Santa Maria de Belem. Tambem é digna de destaque a cruz de D. Sancho—seculo XII—e das epocas mais proximas toma o logar principal a baixela de François Germain, não Saint Germain, como quasi toda a gente diz. Sobre ela fala largamente Germain Bapst, no seu opusculo «L'Orfévrerie portugaise á la cour de Portugal au XVIII e siécle».

As outras, de D. Maria, de D. Pedro V e do Real Tesouro, são de menor valor artistico.

Voltando á primeira, devemos acentuar que a peça que deveria ser a obra prima—o centro de mesa—é, artisticamente, a de menor valor. Tem ultimamente servido bastantes vezes, o que é muito para sentir.

Tambem são interessantissimas as figurinhas que com a baixela de Germain costumavam servir nos grandes banquetes e que são esculpidas por Edmé François Godin. Representam tipos de oito nações diferentes.

Relativamente a pinturas, haviaas de bastante valor nas Necessidades, destacando-se entre elas um famoso quadro de Holbein, o velho, o famoso Holbein da Bemposta, como era conhecido, por ali ter estado muitos anos e que fôra trazido para Portugal pela princeza D. Catarina, filha de D. João IV, que foi rainha de Inglaterra e que regressou ao seu paiz, depois de viuva.

O quadro de Holbein, é o «Fons Vitay» e fez parte dos bens da casa do Infantado incorporados nos Proprios Nacionaes. Foi D. Fernando que o levou para as Necessidades.

Ainda se admiram entre as coisas de valor do Paço das Necessidades um minusculo triptico de Mett de Bless, outro de Jerónimo Bosch e um quadro de fórma semicircular, que fazia parte do retabulo de Santa Auta, da egreja da Madre de Deus. Os outros paineis, que com ela jogam estão enquadrados no arcaz que ha na sacristia do referido templo. São obra de um pintor nosso do seculo XVI, talvez Cristovam de Figueiredo.

As iluminuras que faziam parte das preciosidades artisticas do palacio a que nos vimos referindo, tem a sua representação capital no livro de «Horas» de D. Manuel, oferecido ao que parece a um dos ultimos reis, pelo conde da Silvã.

A comissão de arrolamento, ha pouco dissolvida, procedeu com o mais meticuloso cuidado na determinação da propriedade dos objectos de arte que encontrou no paço das Necessidades. Foi extremamente dificil essa tarefa.

Os objectos que formavam o acervo de preciosidades encontradas ali ficaram divididos em tres grupos. O primeiro é constituido pelos que pertencem indiscutivelmente ao Estado e devem ser encorporados em muzeus; o segundo é formado pelos objectos que se averiguou serem pertença da familia Bragança, mas que ainda que lhe sejam entregues, não poderão sair do paiz, em virtude da lei de 19 de novembro de 1910, que proibe a exportação de objectos de valor historico e artistico; o terceiro, compõe-se de tudo quanto, apesar dos esforços empregados pela comissão de arrolamento, não foi possivel estabelecer-se a quem pertence.

Parece que ha ideia de, quando se realisar a liquidação dos adeantamentos á familia do ex-rei de Portugal, computar o valor de taes objectos, encontrando a totalidade que formarem nessa liquidação.

Não se acha actualmente no palacio das Necessidades tudo quanto a comissão arrolou. Algumas coisas ficaram lá; outras, foram para Queluz, Ajuda e algumas para o muzeu de arte antiga e para a Biblioteca Nacional, ficando assente e determinado que o que pertence á familia real deposta ou é de propriedade duvidosa, se conserva nos referidos logares a titulo de deposito, o que consta de autos de transferencia ou entrega dos objectos de que nos ocupamos.

Uma nota interessante: acha-se entre as preciosidades arroladas o celebre punhal, magnificamente cinzelado, mas sem fundamento sério atribuido ao grande artista italiano Benevenuto Celini, que não apareceu, bem como varios bibelots de valor, ao começo do arrolamento. Fôra evidentemente roubado de um dos mostruarios que se achavam arrombados e mais tarde restituido, por forma ainda hoje um pouco confusa... Disse-se que fôra encontrado na caixa de correspondencia do juiz, sr. dr. Costa Santos, agregado á comissão de arrolamento, para a auxiliar na parte juridica.

Por ultimo mencionou-nos, a pessoa a quem devemos o favor destes informes, cinco medalhões oriundos dos ateliers de Luca della Robbia, o notavel escultor florentino do seculo XV. Tambem pertencem á Egreja da Madre de Deus, de onde foram indevidamente levados para as Necessidades pelo rei D. Fernando. Representam os quatro Evangelistas e um pelicano.

Por este rapido inventario das belezas artisticas, dos tesouros existentes nos palacios mencionados, é facil compreender o largo e grande alcance da ideia que originou a creação da comissão do patrimonio artistico nacional. Muito e muito, ha disperso por esses palacios, disseminado por todo o paiz; uma boa obra de reunião, de congregação, uma acertada e inteligente orientação artistica valorisará muito mais estas riquezas, tornando-as uteis ao povo, e ao paiz, que, poderá então gosar desse seu rico e grandioso patrimonio.

PROBLEMAS DE ACTUALIDADE

A evolução social e os invalidos da guerra

O mundo trabalhador insta por novas reformas sociaes. Os seus desejos exteriorisam-se, algumas vezes, com protestos violentos, com actos revolucionarios e com a propaganda pelo facto.

Esta ancia de transformar a sociedade, agitou-se bastante depois da guerra.

O operariado, o trabalhador e o infortunado da vida foram baterse pelas ideias de maior liberdade. Pediram-lhe o sacrificio do seu sangue e do seu esforço fisico. Arrancaram-nos ao trabalho e á terra. Acabada a guerra, quando lhes disseram para regressar á tranquilidade do seu antigo labor, não escutaram a ordem com a precisa disciplina, porque olhavam em volta e embora exageradamente, teimam em ver os mesmos erros governativos, as mesmas formulas burocraticas, a mesma insolvencia dos problemas de mutualismo, o mesmo predominio das classes poderosas e o mesmo abandono pelas classes proletarias. E então... agitando-se, foram motivo consciente duma intranquilidade que tambem os fere, querendo que dum momento para o outro, o mundo deixe de girar sobre o rodado velho, que a guerra enferrujou para sempre.

Os exemplos desta «revolução social» multiplicam-se. A cada momento, se percebe um novo triunfo das «ideias novas». Com relutancia, ás vezes com resistencia, mas vencidos afinal, os governantes e os poderosos vão cedendo ao predominio fulminante da maioria. Cedendo pelo impulso evolutivo, mas cedendo afinal. E a onda cresce dia a dia, com novos adeptos e com novos elementos de acção. Consequentemente, em vez de travarem uma luta violenta, melhor aconselhados estariam os homens se concertassem os moldes da vida futura, na produção equitativa do seu labor e da sua utilidade. Depois, as reivindicações e os protestos vão sendo exteriorisados de fórma a prender a emotividade e a sensibilidade humanas. E assim, a campanha pode tornar-se numa cruzada e a cruzada pode tornarse numa religião.

Vou contar um facto...

Estive em Paris no 1.º de maio. A cidade apresentava-se com espectativa emocionante. Ninguem previa as consequencias da manifestação do operariado. As ruas estavam guardadas de tropas. E a multidão, que pretendia afirmar a sua força, ia engrossando e enchendo a Concordia. Por fim, mexeu-se essa avalanche de gente. E o primeiro choque deu-se com os gendarmes. Estes, cumpridores de ordens e zeladores da tranquilidade publica, não abusaram da força nem reagiram! Evitaram a marcha dos manifestantes. Sofreram tratos fisicos, pauladas, socos! Não responderam, porém, com violencia a essa exagerada violencia. Depois... como fazel-o sem que a propria consciencia se impressionasse? A' frente da onda que gritava, vinham grupos de mutilados, mal arrastando as suas muletas, exibindo os seus troncos sem braços e os seus braços sem mãos! A força, porém, evitou a confusão. Perto de 800 gendarmes ficaram feridos e a sua abnegação sofredora triunfou dos exageros dos manifestantes.

No dia seguinte, as opiniões dividiram-se. Uns atacavam. Outros defendiam os actos da força publica. E entretanto, os politicos perceberam que, na resolução dos problemas sociaes, havia realmente pontos de instante resolução. Viram que as classes produtoras tinham as suas vitimas e que estas podiam servir para explorações. Então, iniciaram-se as obras de protecção aos invalidos. Deramlhes compensações moraes e materiaes. Prestaram-se-lhes honras. Na assinatura do tratado de paz, os mutilados da guerra molduraram com a sua presença a sala de Versailles e Clemenceau, genio da França e genio da Humanidade, antes de proceder ás solenidades do derradeiro acto da guerra, apertou a mão de uns e contra o peito outros, dizendo-lhes:

—Sofreram, meus pobres amigos, mas vão ter agora as compensações...

Ora, no equilibrio social é preciso atender sempre aos direitos de cada um e aos merecimentos de todos. E' precisa a justa proporção. Lembro estes factos e atrevo-me a estas considerações, quando se anunciam leis e diplomas em que se desprezam regalias, direitos e sacrificios feitos, para beneficiar outra vez a mesma gente, que antes da maior convulsão da Historia, vivia regaladamente dentro das normas ferrugentas da administração publica.

José Pontes

A revolta de Monsanto

Relatorio do capitão Faria Leal

O capitão sr. Faria Leal é, no exercito portuguez, um nome que se tem sempre imposto pela sua acção como militar, disciplinador e republicano. A parte activa que tomou no ataque aos rebeldes de Monsanto colocou-o ainda em maior destaque. São por esse motivo completamente interessantes as notas desconhecidas que figuram no seu relatorio, e que, á parte, constituirem subsidios para a historia do movimento, são uma homenagem aos oficiaes republicanos que deixando a comoda neutralidade, tiveram uma parte activa e quasi ignorada contra os traidores de Monsanto.

Ler na 3.ª pagina:

O Relatorio do capitão Faria Leal

Ler na 4.ª pagina:

Noticiario diverso

Publicidade

Conchita Ulia

Esta distinta cançonetista espanhola, que tanto sucesso está fazendo ha mais de seis mezes no nosso paiz, acaba de mais uma vez pôr em destaque os seus grandes recursos artisticos, encorporando no seu variado e dolente repertorio o fado portuguez, a nossa canção caracteristica.

A modalidade sentimental de Conchita aquele fundo de melancolia que põe tanto encanto nas suas canções, quadra admiravelmente no fado portuguez, sendo por isso legitimos os quentes aplausos que todos os dias recebe.

O valor das nossas colonias

O antigo deputado e distinto oficial da armada sr. Francisco Trancoso efectua hoje, pelas 21 horas, no Centro Republicano de Campo de Ourique uma conferencia sobre as nossas colonias. E' a primeira de uma série que se propoz realisar sobre o assunto, da maior oportunidade neste momento, em que o problema colonial é um dos mais, se não o mais importante que temos de resolver.

Dada a competencia do conferente e os seus vastos conhecimentos, de esperar é que a conferencia seja interessantissima.

NOTAS ECONOMICAS E FINANCEIRAS

A situação da Alemanha

O orçamento alemão — A eloquencia dos numeros — A situação economica do antigo imperio — O futuro da industria alemã.

Um jornal alemão, a «Frankfurter Zeitung», publicou recentemente o seguinte resumo comparativo dos orçamentos da Alemanha dos anos de 1913 e 1920.

Em milhões de marcos:

	1913	1920
Serviço da divida.....	230	10.000
Pensões	—	4.300
Defeza nacional.......	2.000	1.500
Administração geral..	200	1.700
	2.430	17.500

Na sua simplicidade, estes numeros são de uma extraordinaria eloquencia. Assim o entende o jornal alemão, que diz ser superfluo qualquer comentario. Entretanto acrescenta:

«Apezar das restricções que nos impõe o tratado de Versailles, as despesas com os departamentos da guerra e marinha quasi se conservam no mesmo pé em que se encontravam antes da guerra.

*

Os delegados financeiros inglezes e americanos, que foram á Alemanha fazer um inquerito com o fim de averiguarem se os bancos inglezes e americanos poderiam prestar o seu concurso financeiro á exportação de mercadorias para a Alemanha, já entregaram os seus relatorios, cujas conclusões são desfavoraveis. N'esses relatorios declaram os mesmos delegados que a Alemanha nem possue activo no estrangeiro nem dispõe, no interior, de uma quantidade de mercadorias tal que lhe permita saldar as compras que pretende efectuar fóra das suas fronteiras. A Alemanha parece contar com a abertura de creditos nos Estados Unidos. Se essa esperança se não realisar ser-lhe-ha extremamente dificil pagar os generos alimenticios de que a sua população necessita.

Os delegados inglezes e americanos tiveram ensejo de verificar que os grandes «stocks» de mercadorias alemãs de que tanto se tem falado, não passam de pura fantasia.

Além de uma certa quantidade de objectos de vidro, faianças e de artigos de ferro, a Alemanha pouca mais tem a exportar.

Em virtude da baixa do marco, o custo das materias primas a importar é de tal forma elevada que a exportação alemã deverá ser forçosamente bastante limitada nos anos mais proximos. Por outro lado, os transportes internos acham-se desorganisados. Pelo exposto é duvidoso que a Alemanha possa evitar no proximo inverno a derrocada financeira.

A'cerca da futura politica comercial da Alemanha, a agencia «Radio», que transmitiu estas informações, extrahidas dos jornaes inglezes, informa que os mais importantes industriaes alemães, em vista das dificuldades do actual momento, resolveram adoptar uma nova orientação tendente a facilitar a exportação dos seus productos. Em vez de inundarem de «camelote» os mercados estrangeiros, os fabricantes alemães procurarão d'ora ávante fornecer artigos bem trabalhados e com boa apresentação.

Calculam que os aliados, procurando por todos os meios intensificar a exportação dos seus productos, se preocuparão mais com a quantidade de que com a qualidade, o que levará o comprador a preferir o artigo bem fabricado, vindo da Alemanha. Esta mudança de politica é naturalmente devida ao encarecimento das materias primas e da mão de obra, que já não permite ao fabricante alemão produzir barato.

EM FOCO

Mais uma do "manjor,, Evangelista

Ao passo que são mandados licencear os milicianos que estiveram no *front*, no verdadeiro *front*, batendose com o inimigo, mas a quem faltam uns tantos dias para completar a conta que o *manjor* Evangelista estabeleceu, outros que nunca sentiram zunir as balas, que passavam a vida nas bases, ficam ao serviço.

Temos um exemplo frisante d'essa doutrina na Ordem do Exercito n.º 24 de 7 do mez corrente. Por ela foi mandado colocar na guarda republicana um alferes que nunca saiu da base. Em compensação é licenceado um tenente da administração militar que esteve no *front*, que foi ferido, que tomou parte nas operações do norte, voluntariamente, contra os monarquicos, mas a quem faltam 30 dias para a conta estabelecida pelo *manjor* Evangelista.

Se quizerem nomes, é só pedir por boca.

As 8 horas de trabalho

No seu numero de hoje, publicou «A Batalha» o seguinte:

«Alguns jornaes — e «A Capital» com mais pertinácia que qualquer outro— noticiaram que está formado um bloco entre «socialistas, sindicalistas, anarquistas e bolxevistas» para a defeza da actual lei sobre as 8 horas de trabalho e que para esse efeito teria vindo a esta casa o deputado Dias da Silva, que haveria tido comnosco uma conferencia cordialissima.

E' certo que recebemos nesta oficina a visita do sr. Dias da Silva, com delicadeza semelhante áquela com que o temos recebido noutras ocasiões em que nos tem procurado. Conversou-se, de facto, ácerca da lei das 8 horas e não ha duvida que estamos na disposição de empregar todos os esforços para evitar que a lei, como o pretendem as «forças vivas», seja modificada num sentido peor do que de resto sucederia mesmo que o sr. Dias da Silva aqui não viesse.

E', porém, ponto assente, agora como sempre, o visto não desenhamos uma nova atitude, posto que temos seguido invariavelmente esta norma — que a organisação operaria, que neste jornal tem o seu orgão, continuará mantendo a mais absoluta independencia não só em relação ao partido socialista, mas perante quaesquer, outros agrupamentos politicos».

Limitámo-nos apenas a dar conta das «démarches» efectuadas pelos socialistas e pelo que acaba de ler-se vê-se que as nossas informações eram exactas.

Assim como nos limitámos a registar a atitude dos socialistas perante a lei das 8 horas de trabalho, assim hoje registamos a atitude do orgão da organisação operaria.

A Manutenção Militar e o assucar

Ha casos deveras estranhos e que chegam a ser inacreditaveis. Tomemos para exemplo o que se passa na Manutenção Militar com o assucar. A Manutenção tem esse genero de primeira necessidade, mas só o fornece aos corpos da guarnição, desde que estes lhe comprem café. A' primeira vista parece uma coisa sem importancia, embora já representasse uma imposição, mas ha mais: é que a Manutenção vende o assucar por um preço sensivelmente egual ao do mercado, mas exige pelo café o dobro do que ele custa cá fóra.

E assim se vêem os corpos da guarnição na alternativa de ou não tomarem café, por não terem assucar, ou terem de pagar o café pelo preço que a Manutenção exige.

Já se viu coisa mais disparatada? E isto dá-se num estabelecimento do Estado! Não admira, pois, que os merceeiros sigam o exemplo e que quando teem assucar—o que só de vez em quando, de tempos a tempos, sucede—o não queiram vender sem obrigarem o freguez a levar a «quartasinha» de café.

Conflito entre a Camara Municipal e o governo

Na ultima sessão plenaria efectuada pelo Senado Municipal, foi posta a questão dos abastecimentos, ratificando e confirmando a assembleia as resoluções tomadas pela Comissão Executiva relativamente á remissão ou renuncia do contracto com a Companhia das Aguas, liquidação da divida de 5:400 contos por parte do Estado á Fazenda Municipal, providencias indispensaveis para corrigir os especuladores do peixe e da carne e restituição ao Municipio da doca de Belem, onde se procedia á descarga e vasadouro duma grande parte dos lixos.

Conforme tinha sido deliberado pelo Senado Municipal foi este com a sua comissão executiva apresentar ao chefe do governo a moção que aprovou no sentido exposto não se chegando a uma solução definitiva sobre quaesquer das questões.

Outras conferencias se teem realisado desde então entre os vereadores democraticos e os membros do directorio respectivo; os vereadores socialistas e os vogaes do conselho central, não transpirando nada de positivo sobre as resoluções tomadas nessas conferencias.

Procurando hoje saber em que estado se encontra a questão conseguimos averiguar que o ponto principal, que é a divida do governo para com o Municipio, vae ser submetido, ao que parece, á apreciação do Parlamento, o qual tomará qualquer medida no sentido de o resolver.

Quanto aos demais assuntos, espera a camara, segundo tambem nos consta, que se tem empenhado junto do governo para os solucionar, que sejam com brevidade resolvidos satisfatoriamente.

A questão do peixe

Declinando responsabilidades—Pede-se á Comissão de Subsistencias que reate as negociações sobre o preço do peixe—A comissão delegada dos armadores apresenta trez propostas que são rejeitadas—A contra-proposta da C. de S. é rejeitada pelos armadores e são oferecidos á C. os vapores mediante afretamento—Onde se foi buscar o preço de $24 por kilo de peixe

Já o dissemos e bem alto de novo afirmamos para o sr. presidente do ministerio ouvir que 38 gerentes de 14 Emprezas de Pesca de Arrasto representando perto de 400 associados não teem responsabilidade alguma, nem interesse em que se mantenha o actual preço do peixe. Para tirar todas as duvidas a tal respeito, os armadores, depois despedidos pela C. do S. vieram requerer-lhe que abrisse novas negociações. Mostraram por esta forma a sua boa vontade, mas foi tempo perdido o que se dispendeu na conferencia concedida pela C. de S. Nela se apresentaram tres propostas, todas viaveis, baseadas num principio justissimo, o qual era o regimen a estabelecer para o barateamento do preço do peixe havia de ser aplicado a todos os armadores que vendem peixe nos mercados de Lisboa».

A dignidade da C. de S. não devia repugnar este principio. Mas segundo ela, sómente os armadores de pesca de arrasto seriam atingidos, escapando-se com a protecção evidente da C. os armadores de cerco de sardinha. Vamos ás propostas:

1.ª proposta—De todo o peixe que vier aos mercados de Lisboa a C. de S. tirará uma quantidade até 20 por cento do que cada armador trouxer. Para os arrastos o preço seria de $30 o kilo, isto é, o preço da tabela já publicada com 5 por cento de desconto.

Assim, por exemplo, a pescada com o preço de $40 na tabela ficaria a $38,5. Não aceitou a proposta a C., dizendo «isso não é nada, isso não dá nada, etc.», tal era o seu valioso argumento. Esta forma fornecia peixe para cima de 15.000 individuos ao preço médio de $29,5 considerando que 10$00 bastava para vender nos postos 1.000 kilos de peixe.

2.ª proposta—Se o fim da C. de S. é realmente beneficiar as classes pobres compre todo o peixe de preço mais baixo, como o peixe de couro, pargo negró, corvina, ruivo e cabra, cujo preço seria entre $08,6 e $26,66 o kilo, incluindo o transporte.

A C. não aceitou; reputou pouco airoso comprar peixe de couro, alimento muito procurado, pois nas tabernas da Ribeira Nova cada posta de arraia frita anda por $18.

3.ª proposta—A C. compraria o peixe nos termos da 1.ª proposta, isto é, a $28,5 o kilo e mandava vendel-o pelas portas por vendedeiras ajustadas e fiscalizadas, o preço seria um pouco mais elevado sairia a $36,5.

Tambem a C. não aceitou.

Resumindo: A' C. de S. foram apresentadas seis propostas:

1.ª—Ficando com o peixe todo $36,6 e 10 por cento de desconto ou a $32,94 e mais $01 para venda $33,94.

2.ª—Pelo preço mais baixo da lota.

3.ª—Pela tabela organisada, preço médio, $31,16 o kilo.

4.ª—Por esta tabela com 5 por cento de desconto ou $30 ficando até 20 por cento do peixe de todos os armadores.

5.ª—Comprar todo o peixe barato entre $09,6 e $26,66 o kilo e tirar 15 por cento do restante pelo preço da tabela com 5 por cento de desconto.

6.ª—Comprar o peixe pelo preço da tabela com desconto e vender por sua conta ás portas, ficava o preço a $36,6.

Deve dizer-se que a C. nem se ocupou em estudar estas propostas, apenas as ouvia ler registava-as, donde concluimos que outra coisa pretendia.

Na ultima sessão os delegados dos armadores pediram á C. que lhes fizesse uma contra-proposta, ao menos para saber-se qual era o seu modo de ver.

Efectivamente ela apresentou a contra-proposta nos seguintes termos:

Preço $24 o kilo.

Não discutir por preço superior.

Retirar a quantidade de peixe que entendesse.

Perante uma forma tão extravagante de redigir uma contra-proposta para se chegar a um acordo, forma onde prevalece «o quero» e «ha-de ser assim» como sempre, em todas as suas conversações, os armadores deliberaram não aceitar tal preço. Reconheceram tambem que a C. oferecendo este vil preço não lhes quer comprar o peixe, mas deitar as mãos aos vapores e faz-lhe então a vontade, oferecendo-lhes mediante fretamento e segundo condições a estabelecer.

Se o barateamento está, segundo se conclue, do procedimento da C., dependente de meter nas mãos da Camara Municipal os vapores de pesca de arrasto, eles ai ficam ás suas ordens, mas garantindo nos termos da lei e segundo os usos o seu fretamento.

Como, porém, a C. de S. afirmou toda a sua honestidade era em adquirir vapores de pesca que em numero de 100 está vendendo o almirantado inglez, e não cabotear a propriedade alheia, isto é, os vapores das Emprezas de pesca que trabalham á sombra das leis, pagando os impostos e vendendo o produto da sua laboração pelo preço «que outros lhes fazem». Esta é a verdade que a mais infame campanha não destroe.

A fixação do preço de $24 o kilo não tem o merecimento de partir da C. de S. Um escanifrado sem valor a não ser o de um intrigante emerito, assoprou á C. que o preço do peixe devia ser aquele, e acrescentou «tudo acima daquele preço é roubo». Acham o terreno bem adubado, e nele prosperaram os $24 centavos.

Se o escanifrado sabe contas, leia. Exemplo recente, o vapor de pesca «Alda-Bemvinda» chegou com 15 dias de viagem de Marrocos, porque as aguas defronte á costa de Portugal estão enfeudadas a uma Companhia do Cabo Submarino e nelas não podem os portuguezes pescar, e carregando 42 toneladas de peixe, que ao preço de $24 valiam 10.080$00.

Subtraindo 13 por cento deste valor para despezas de descargo, imposto de pescado, á C. Municipal, etc., ou 1.310$00, restam 8.769$60. Em 15 dias a 8 toneladas por dia e a 65$00 dispendeu em carvão 7.800$00, que subtraidos do resto anterior, ficam 519$60. Gelo 45 toneladas a 22$00 são 990$00. Para pagar o gelo tem de se pôr de fóra 413$40.

Se o escanifrado entender estes algarismos ha-de ver com os olhos esbugalhados que Deus lhe deu, que a viagem causou um prejuizo de 3 a 3.500 escudos, contando com salarios, seguro, aparelho de pesca, etc., etc.

A Camara, e quem sabe se ele está metendo requerimento, deve escolher este cavalheiro para administrador geral das pescas camararias, e tenha a certeza que vae longe no negocio.

Ao contrario do que se tem propalado, evidentemente com fins tendenciosos, os armadores de pesca portugueza diligencias algumas teem efectivado com o intuito de impedir que os vapores estrangeiros venham descarregar peixe ao porto de Lisboa.

Concertos Blanch

Já está aberta no escritorio do teatro São Luiz a assinatura livre para 10 concertos da «Orquestra Sinfonica Portugueza», dirigida pelo maestro Pedro Blanch, que este ano revestem grande brilhantismo. A orquestra tem novos elementos artisticos de grande valor, os programas são todos diferentes e em todos figuram primeiras audições das mais notaveis obras classicas e modernas ainda desconhecidas para nós.

O caso Dias da Silva

No Governo Civil começou hoje o sr. dr. Augusto Lopes Carneiro, juiz aposentado e comissario de policia do Porto, a sindicancia requerida pelo sr. dr. Rodrigues Esculcas, director da policia de investigação, aos seus actos.

Foram ouvidos os representantes da imprensa que fazem serviço no Governo Civil, bem como os jornalistas que redigiram as noticias nos jornaes «O Seculo», da noite, e «A Capital».

Todos os depoimentos foram reduzidos a auto pelo escrivão do processo sr. Luiz da Silva Neves, comissario de bairro da policia do Porto, expressamente requisitado para tal fim pelo sr. dr. Augusto Lopes Carneiro.

O mesmo juiz solicitou do sr. presidente da Camara dos Deputados a comparencia do sr. Augusto Dias da Silva, ámanhã, no Governo Civil, afim de egualmente ser ouvido.

Marie Walcamp

Publicando o retrato de Marie Walcamp, não só prestamos uma justissima homenagem á extraordinaria actriz—que muito admiramos pelo dificilimo genero a que se dedicou, e em que é unica, pois que só ela o executa de uma forma irrepreensivel—como tambem á empreza concessionaria de todos os seus «films», ou seja o Salão

Central, á frente do qual se encontra o nosso presado amigo sr. Raul Lopes Freire.

O sumptuoso salão, a que este senhor ligou toda a sua actividade e uma grande parte dos seus haveres, tornou-se depois da sua reabertura e completa transformação, o primeiro de Lisboa e digno de enfileirar com os melhores do estrangeiro. Ali tem acudido uma enorme concorrencia de publico, avolumando de dia para dia, á medida que no seu lindo «écran» se vão apresentando as mais afamadas peliculas e os mais notaveis artistas.

Depois da divina Menichelli, da formosa Jacobini, da eximia Hesperia e dos distintos e aplaudidos Zambuzini e Ghioni, que o publico recorda sempre quando das suas soberbas creações de Zá-la-Vie e Zá-la-Mort, vem Marie Walcamp, cheia de mocidade, numa desenvoltura que encanta e assombra, mostrar mais uma vez quanto pode o seu arrojo, ao exibir-se na colossal fita «As garras do leão», em que faz verdadeiros prodigios de temeridade.

Nas suas lutas com leões, tigres, hienas, panteras, leopardos e ainda com outro genero de feras, ou sejam os seus crueis perseguidores, Marie Walcamp é duma destreza, duma agilidade, que nos deixa perplexos deante do seu primoroso trabalho.

O publico assim o tem entendido, concorrendo a todos os espectaculos em que são exibidas as interessantes jornadas de «As garras do leão», maravilhado com os seus sucessivos episodios cheios das mais emocionantes situações.

E' caso para felicitar, o publico pelos belissimos espectaculos que está gosando, e a empreza pelo sucesso da reabertura do seu luxuoso salão e pela escolha escrupulosa dos «films» que passam pelo seu «écran».

Teatro São Luiz

Em consequencia da complicada montagem scenica e grande movimentação do novo acto com que é ampliada a celebre revista «O Pé de Meia», a inauguração da epoca de inverno e a primeira recita de assinatura ficaram transferidos para depois d'ámanhã, sabado. O novo acto que se intitula «O Rocio» e tem nove quadros, apresentando as diferentes transformações por que tem passado aquela praça desde a Edade Media, tem 347 novas figuras, 34 numeros de musica e ha duas brilhantissimas apoteoses de grandes e originaes maquinismos. Pode por isso avaliar-se bem o excessivo trabalho de montagem que é verdadeiramente artistico.

ULTIMAS NOTICIAS

POLITICA

A questão dos altos comissarios africanos

Como noticiámos a sub-comissão de colonias apresentou hontem o parecer conciliatorio das diversas correntes de opinião expressas nas reuniões da comissão de colonias. O parecer foi muito discutido e sofreu profundas alterações, encerrando-se a sessão com uma votação que foi geralmente considerada como desfavoravel ao sr. ministro das colonias. Este membro do governo tem procurado orientar o seu espirito segundo a corrente de mais valia na comissão, abstendo-se de dar a impressão de pender para qualquer dos lados. Assim, o sr. ministro das colonias exprimiu, em tempos passados, a opinião de que o governo devia ter a faculdade de legislar para o ultramar durante os interregnos parlamentares. Pois hontem a comissão de colonias regeitou este ponto de vista e o sr. ministro das colonias, alegando negocios urgentes de Estado, retirou-se sem declarar se estava ou não de acordo com a orientação da comissão.

O projecto da sub-comissão, refundido conforme as conclusões a que hontem se chegou, será presente ámanhã ao grupo parlamentar democratico, que para esse fim foi ou vae ser convocado. Assentar-se-ha, então, definitivamente na orientação adotada pela maioria, parlamentar, passando-se a ventilar o problema em sessões da Camara dos Deputados, para tal fim marcadas.

Esta questão aproxima-se, pois, do seu periodo agudo e talvez do seu termo.

A reunião de hontem do grupo parlamentar democratico

Nada de notavel se passou na reunião hontem efectuada pelos parlamentares democraticos. Nada, entenda-se, além do que foi revelado a publico, pela nota oficiosa publicada nos jornaes da manhã.

E' certo que alguns parlamentares tencionavam censurar o governo, para o incitar a dar mais firme orientação ás questões que interessam fundamentalmente a nacionalidade; tambem consta que outros se jactavam, hoje, de o terem feito: a verdade, porém, é outra, porque se calaram todos, demonstrando-se que existe, realmente, uma inteligencia perfeita entre o governo e a maioria parlamentar.

Este acordo, aliás, parece abranger tambem as oposições. Só assim se explica que a sessão da Camara dos Deputados fosse hoje interrompida até comparencia do sr. ministro das finanças, — sem que esta originalidade provocasse protestos, mesmo «pró forma», dos deputados pretensamente oposicionistas. Isto quererá talvez dizer que, para acompanhar a transformação social que se advoga, o parlamento adotou formulas novas, pondo de lado, por «demodés», regras e preceitos que constituiam, nas relações do Congresso com o Poder Executivo, uma modalidade imperativa de direito consuetudinario.

A interpelação do sr. Bernardino Machado

Parece que é na proxima segunda-feira que se realisará, no Senado, a interpelação do sr. Bernardino Machado ao sr. ministro dos estrangeiros.

Colonos portuguezes para a Africa franceza

Segundo se diz o governo será brevemente interpelado, na Camara dos Deputados, ácerca duma pretensa convenção, que se diz ter sido apalavrada em Paris e pela qual nos obrigamos a fornecer colonos para a Africa Franceza, enviando-nos a França, em troca, fosfatos e outras materias primas. Afirma-se que o sr. Jorge Nunes está senhor de todos os incidentes da negociação e que só espera o momento oportuno—do qual só ele é juiz—para interrogar o governo.

Este caso é, como se vê, extremamente delicado. Limitamo-nos a reproduzir a informação sem lhe ligar um credito demasiado. E' possivel que esta noticia provoque no parlamento algumas perguntas e respostas, que servirão para desfazer a má impressão já produzida por muita coisa segredada.

Reacção parlamentar contra a regulamentação do jogo

Segundo ouvimos procura-se organisar um bloco parlamentar que se oponha, tenazmente, á regulamentação do jogo, forçando o governo, o actual ou outro qualquer, a reprimir esse vicio, dando-se execução integral ao codigo penal. Citam-se já alguns parlamentares como tendo dado adesão formal ao bloco, dentro do qual se integraram, parece, a minoria socialista e alguns deputados e senadores da maioria.

PARLAMENTO

Nos Deputados

—Projecto de indemnisações

A's 15,10 o sr. Mesquita de Carvalho reabre a sessão, continuando a discussão do artigo 12.º do projecto das indemnisações, falando o sr. Brito Camacho.

O sr. Mesquita de Carvalho é substituido na presidencia pelo sr. Domingos Pereira.

O sr. Raul Tamagnini Barbosa nota que o artigo 12.º já hontem ficou discutido, o que o sr. presidente contesta.

O sr. Pedro Pita protesta contra o facto de estarem a protelar-se todas as discussões com pretextos varios.

O sr. ministro da marinha manda para a mesa uma proposta de lei para a qual pede urgencia que é concedida.

A sessão é interrompida até estar presente o sr. ministro das finanças.

A's 16 horas o sr. presidente reabre a sessão, dando a palavra ao sr. Brito Camacho, que começa por salientar a circumstancia de nem o sr. presidente do ministerio, nem o sr. ministro das finanças terem ainda dito á camara o que pensam sobre o decreto. Apenas o sr. ministro da justiça tem acompanhado a discussão com assiduidade.

Entende que a comissão de finanças exorbitou, pois não podia fazer um novo projecto, pelo que a camara devia mandar retirar da discussão os artigos introduzidos pela comissão.

Raro é a proposta de lei que o governo apresenta que não traga aumento de despezas, indo de encontro a uma lei, chamada de travão. Não sabemos, o orador não o sabe, qual o montante da nossa divida publica, quaes os encargos que ela nos traz. Justamente o sr. Julio Martins disse hontem que o acrescimo da comissão de finanças é um estimulo para crear uma nova industria — a das indemnisações.

Termina, mandando para a mesa a seguinte moção: «A camara reconhecendo que não deve enxertar-se no projecto materia estranha ao que determinava o poder executivo a elaboral-o nos termos que julgou da mais rigorosa justiça e atendiveis conveniencias, resolve não discutir os artigos que no projecto introduziu a comissão de finanças e continua na ordem do dia».

O sr. ministro das finanças diz que concorda em principio com os artigos propostos pela comissão de finanças.

No Senado

—A falta de manteiga
—Os vinhos do Douro

Sob a presidencia do sr. Correia Barreto, abre a sessão ás 15, com 36 senadores.

O sr. Alvares Cabral refere-se á falta de manteiga em Lisboa.

O sr. Torcato de Magalhães, agradecendo ao sr. ministro dos negocios estrangeiros o carinho que sempre tem manifestado pela região do Douro, chama a sua esclarecida atenção para o facto de a Inglaterra não interpretar o verdadeiro espirito do tratado do comercio assinado em 1915, no que diz respeito aos vinhos da aludida região que, nestas circumstancias, está sob uma ameaça.

O sr. ministro dos negocios estrangeiros agradece e responde ao orador com um brilhante discurso.

A AVENTURA MONARQUICA

Os julgamentos de hoje

Tres acusados absolvidos

No Tribunal Militar Especial responderam hoje o tenente miliciano Manuel Jacinto Eloy Moniz, pertencente ao batalhão de artilharia da guarnição; o 2.º cabo clarim Sebastião de Sousa, e o soldado Joaquim Constantino, do mesmo batalhão, todos aquartelados no forte de Caxias por ocasião do movimento de Monsanto.

Eram acusados de terem cooperado no movimento de tentativa de restauração monarquica, cometendo o delito de aliciação.

O interrogatorio correu sem incidentes e ao perguntarem aos acusados se tinham mais alguma coisa a alegar em sua defeza, o tenente Eloy Menezes declarou que ninguem fôra ter com ele para salir com a bateria. Julga-se um perseguido desde dezembro de 1917, por ser um oficial disciplinado e disciplinador. Tem evitado desfalques á fazenda publica e d'ahi algumas inimizades. A acusação que lhe fazem é falsa.

O crime foi dado como não provado, sendo os acusados absolvidos.

Na terça-feira são julgados, o 2.º sargento da bateria de posição Tomaz Lopes Bexiga e os civis Augusto Carlos Bento e Januario Martins.

Foi nomeado promotor no julgamento do sr. coronel José Francisco da Graça, que responde no dia 22, o general do quadro da reserva sr. Firmino Maria Antunes do Vale.

O aviador Raynham

Em virtude do mau tempo, o aviador Raynham não voou hoje, como tencionava, de Alverca á Amadora.

A imprensa de Paris

Um jornal unico, a exemplo do que se fez em Lisboa

Em virtude da gréve dos tipografos e dos linotipistas, os directores dos jornaes de Paris resolveram que se publicasse um unico jornal, com o titulo de *La Presse de Paris*, tendo uma edição de manhã e outra á tarde.

Parece que ainda um outro jornal sairá, de dez directores dissidentes, mas em todo o caso solidarios com a maioria dos seus colegas, o qual tomará um titulo novo, diferente dos existentes.

O que se está passando na capital franceza é a reprodução do que se deu entre nós por ocasião da ultima gréve tipografica. Como deve ainda estar na memoria de todos, por proposta do director d'*A Capital* passou a publicar-se um jornal unico denominado *A Imprensa*, excepto, é claro, os orgãos operarios. Da aceitação que esse jornal teve falam melhor do que nós o poderiamos fazer, as suas tiragens.

De justiça é dizer que esse resultado só se poude conseguir mercê da esplendida organisação do nosso colega *O Seculo*, a quem toda a imprensa ficou devendo um serviço e uma prova de leal camaradagem inesquecivels.

Apraz-nos não só repetir neste momento estas palavras de gratidão, como ainda citar que a imprensa de Paris seguiu o exemplo pela de Lisboa dado.

POEIRA DA ARCADA

Novas tarifas e pessoal ferro-viario

Na secretaria do interior efectuou-se esta tarde uma demorada conferencia entre o chefe do governo, os ministros das finanças e do comercio e os srs. Melo e Sousa e Thomé de Barros Queiroz, directores da C. P. Tratou-se das novas tarifas e ainda da forma de atender as reclamações do pessoal da mesma.

Sindicancia á policia—A «leva da morte»

A comissão de sindicancia á policia tem-se esforçado por concluir o seu relatorio, que não poude ainda ultimar-se por ter de ouvir algumas testemunhas de fóra de Lisboa.

No emtanto conta entregar o relatorio das suas investigações até ao fim do mez corrente e no caso de não o poder apresentar por completo levará ás instancias superiores a parte que se refere aos acontecimentos conhecidos pela designação de «leva da morte», nos quaes se teem apurado pezarem sobre grande numero de individuos graves responsabilidades.

Uma quadrilha de pequenos gatunos

Fazia o seu campo de manobras na estação de Santa Apolonia, onde praticou importantes furtos

Já ha dias que na estação de Santa Apolonia se sucediam os furtos nas varias remessas, sem se conseguir apurar quem eram os larapios.

Tomadas todas as precauções pelo chefe d'aquela estação, sr. José Bento da Silva Rodrigues, conseguiu-se apurar que os roubos eram praticados por uma quadrilha de pequenos gatunos, todos eles com largo cadastro, tendo cumprido varias penas na Tutoria da Infancia.

São elles: Eduardo Rodrigues, «O Misterioso», da travessa do Conde das Antas, 11, 3.º, o qual em abril de 1916 furtou um anel no valor de 200$00; Crispiano Fernandes Patuléa, da rua das Flores ao Castelo, 10, com 6 prisões; Artur Cesar de Azevedo, o «Moçambique», da calçada dos Barbadinhos, 18, 3.º, com 2 prisões; Francisco Traquina, do beco dos Carvoeiros, 4, r|c.; Albertino da Costa Portela ou Alvaro Costa, com uma prisão; Lino Silverio Rodrigues ou Lino Rodrigues, com 5 prisões, sendo uma por furto com arrombamento.

Estes menores, que tomaram á sua conta a estação de Santa Apolonia, arrombaram varios caixotes, furtando de um d'eles grande quantidade de louça esmaltada, que depois venderam em varias tabernas e casas particulares.

O furto é importante, tendo os larapios recolhido hoje aos calabouços do governo civil.

Um "figaro" endiabrado

Esfaqueia um freguez que se recusára a pagar mais de 10 centavos por uma barba

Na rua dos Mastros, 3, acha-se estabelecido com barbearia Joaquim Marques, tendo ali hoje aparecido a fazer a barba Patrocinio Janeiro, da rua da Silva, 18, 3.º.

Finda a operação dispunha-se o freguez a satisfazer o trabalho com 10 centavos, quantia que o barbeiro se recusou a aceitar alegando que o preço era de 20 centavos.

Entre os dois estabeleceu-se então larga discussão, tendo o «figaro» dado com a navalha de barba um largo lanho na cara do freguez. Este gritou por socorro, aparecendo a policia, que deteve o agressor, o qual para se fazer passar por vitima deu egualmente um golpe na propria cara, a fim de poder dizer depois que o freguez o havia tambem agredido.

Apurou-se por fim a verdade, devendo o endiabrado «figaro», que tem cadastro como desordeiro, ser ámanhã enviado ao tribunal da Boa Hora.

PELO TELEGRAFO

Na America do Sul

A colonia hespanhola na Argentina vae construir um panteon para os seus mortos

BUENOS AIRES, 12.

A Sociedade Patriotica de Beneficencia Hespanhola projecta a edificação d'um monumento destinado a guardar os restos mortaes dos seus socios. O arquitecto Anton Gutierrez apresentou um projecto, ganhando o primeiro premio do concurso, que intitulou Panteon Espanhol e que foi concluido segundo o estilo dorico assemelhando-se ao Partenon de Atenas. Segundo esta concepção o Panteon terá 300 carneiros e o custo de todo o monumento está orçado em 150.000 pezos, ouro.—(Americana).

Conselho Supremo Interaliados

Eleições dadas como nulas

PARIS, 13.

O conselho supremo dos aliados resolveu considerar nulas as eleições alemãs realisadas nos territorios da Alta Silesia, em virtude de serem contrarias á liberdade do plebiscito.—(C.)

Canhoneiras francezas

Hoje de tarde entraram no nosso porto as canhoneiras francezas «Graciease», «Malteuse», Cranense» e «Railleuse», as quaes foram fundear em frente ao Caes do Sodré.

NOTICIAS DA CAPITAL

Malas postaes

Em consequencia do temporal ainda hoje não puderam saír do Tejo para os portos do Brazil e Argentina os paquetes inglezes «Desede» e «Oroma».

Se o tempo melhorar levantarão ferro ámanhã, sendo ás 9 horas a ultima tiragem da caixa geral de correspondencia para os referidos portos.

Brincadeira fatal

No domingo ultimo, depois de terem andado de passeio e a beber vinho por varias locandas, foram abancar a uma taberna da rua Alexandre Herculano Joaquim Mendes Paulo, jardineiro, e José da Abalada, servente, ambos amigos e companheiros de casa, na rua do Salitre, 15, 1.º. Ao saírem d'essa taberna começaram a brincar e rebolaram pela calçada, tendo o jardineiro sofrido fractura do craneo, falecendo quasi subitamente. O José da Abalada, que foi preso, recolheu a um dos calabouços do governo civil, devendo ámanhã ser restituido á liberdade, pois se apurou tratar-se de um desastre.

A invernia

Um lugre em perigo na barra

Desde a madrugada de hoje que sobre Lisboa caiu um verdadeiro temporal, chovendo por vezes torrencialmente.

Na rua dos Lagares registou-se uma inundação, sem importancia de maior, pois os bombeiros, a tempo, arrombaram as sargentas, fazendo com que a agua se escoasse para o colector.

O Tejo esteve agitadissimo, motivo porque as pequenas embarcações recolheram ás docas, emquanto as outras reforçavam as amarras.

No Arsenal e na Alfandega houve conhecimento de que desde manhã se encontrava na barra, pedindo socorro, um lugre, que encalhara e cuja nacionalidade se ignorava.

Do Arsenal saiu um rebocador de socorro.

Foram já salvos, até á hora a que escrevemos, 4 naufragos, que seguiram para Paço d'Arcos.

S. JULIÃO, 13, ás 9 horas.—Avistase ao sul desta estação um lugre sobre os baixios da barra com quatro velas içadas mas não anda, suponho ter tocado no fundo. Não pede socorro mas é muito perigoso o logar onde se encontra. Será conveniente socorre-lo com a maxima urgencia.

S. JULIÃO, 13, ás 12,30 horas.—Nos baixos da barra encalhou um lugre. Ignoro a nacionalidade. Tripulação em muito perigo. Urgentissimos socorros.

A REVOLTA MONARQUICA

Relatorio do comandante da bataria n.º 1, de Campolide, durante a revolta monarquica de Monsanto nos dias 23 e 24 de Janeiro de 1919

Sr. director do jornal «A Capital». —Tendo sido autorisado, por S. Ex.ª o Ministro da Guerra, a publicação do relatorio dos operações da artilharia do meu comando no ataque aos insurrectos monarquicos de Monsanto, em 23 e 24 de janeiro; venho rogar a V. o muito obsequio da sua inserção no seu muito lido jornal.

A historia da insurreição monarquica de janeiro está ainda por fazer-se. O que foram as primeiras horas da manhã de 23, muitos desconhecem. Horas foram essas de incerteza e angustia para os poucos que decididamente, por inabalavel dedicação ou lealdade, se lançaram em defeza da Republica.

A causa estava perdida; tudo o fazia prevêr. Os «fortes» de então, tristes enganados de hoje, partiam audaciosamente para Monsanto, vibrantes de entusiasmo e por entre vivas á monarquia, a encorporarem-se no cortejo triunfal: «porque lá é que se vencia»; os «fracos», comodistas de todos os tempos, ficaram a jogar pelo seguro, sem tentarem resistir ou, sequer, organisar as poucas forças que restavam, e, mais tarde, quando não era já uma vitoria certa, mas uma vitoria a decidir, escudaram-se na vergonhosa declaração da «neutralidade».

Desperçebida passou a acção, arrojada e decisiva, que, no aquartelamento de Campolide, tiveram no meio da traição premeditada de uns e da cobardia moral de outros, os tenentes-coroneis Mendes dos Reis, Feio Quaresma, major Teles d'Azevedo, capitães Arnaldo Julio de Brito, Cortez dos Santos e tantos outros. A estes muito deve a Republica.

Ganha a jornada de Monsanto; salva a Republica, surgiram, então, a enfileirar ou querem enfileirar nas forças republicanas que marcharam contra o Norte, todos os «neutraes» e todos os «pescadores em aguas turvas». Officiaes houve, que tendo recusado peremptoriamente ao tenente-coronel Mendes dos Reis a sua cooperação na defeza da Republica, meteram, depois, altos empenhos para seguirem a combater as hostes de Couceiro.

Alguem, certamente, fará, ainda, a historia do que foram estas horas terriveis para a Republica!

Um dever de reconhecimento para com alguns d'aquelles que comigo cooperaram no ataque a Monsanto e cuja acção brilhante e decisiva passou talvez, tambem, desperçebida, exige a publicação deste meu relatorio.

Só assim eles poderão saber que os não esqueci, porque os não deveria esquecer.

Creia-me, com a mais elevada consideração.—De v., etc.—Luiz Cardoso de Faria Leal, capitão.

Tendo-me apresentado no Ministerio do Interior na manhã do dia 23 de janeiro, fui mandado pelo tenente coronel sr. Freitas Soares, então chefe do gabinete da Presidencia do Ministerio, para o quartel de Campolide, onde, pelo capitão de artilharia com o curso do Estado Maior, sr. Cortez dos Santos, me foi entregue o comando da bateria montada n.º 1, que havia sido abandonada pela quasi totalidade dos seus oficiaes, sargentos e praças.

A acção do dia 23

Na parada do quartel encontrava-se o material da bateria em parque; e já o alferes miliciano de artilharia Augusto Santos Ferreira, coadjuvado pelos alferes José Antonio Vizeto Chagas, Artur Rebelo de Almeida, Augusto Nunes Afonso e Miguel de Abreu, pretendiam reorganisal-a em pessoal. D'estes oficiaes, apenas os alferes Vizeto Chagas e Nunes Afonso pertenciam e estavam ao serviço da bateria e haviam ficado para defender a Republica. Em virtude da atitude assumida pelo capitão da bateria Oscar Neto de Freitas e da quasi totalidade dos seus oficiaes, quasi todos os sargentos, cabos e soldados haviam desaparecido, andavam fugidos ou escondidos pelos dependencias do quartel.

Os revoltosos de Monsanto iniciavam então o seu fogo de artilharia—eram aproximadamente 8 horas—e as suas granadas caíam sobre a rua de Artilharia 1, nas proximidades do Quartel e no Parque Eduardo VII.

Tornava-se, pois, forçoso, fôsse como fôsse, ripostar-lhes imediatamente, já para que o moral das pequenas forças fieis á Republica se mantivesse levantado, já para que os revoltosos, obrigados a um combate de artilharia, não tentassem por ventura uma imediata entrada na cidade e, antes, obrigados a conservarem-se na serra, permitissem, assim, ganhar o tempo preciso, para que essas pequenas forças fieis fossem, convenientemente, reforçadas.

Com muito custo dos officiaes e sargentos presentes, conseguiu-se reunir um escasso numero de cabos e soldados da bateria e lançando-se mão de todos os individuos que por dedicação á Republica se haviam oferecido para nos auxiliar, completou-se o indispensavel em pessoal para que as 4 secções de tiro da bateria pudessem sahir do quartel a dar combate. Civis, policias, guardas republicanos, marinheiros, guardas da Cadeia Nacional de Lisboa, alistados da Sociedade da Instrução Militar Preparatoria e bombeiros, todos tiveram representação, em maior ou menor numero, n'esta bateria, que lutou no dia 23 e só apenas com 3 das suas peças contra o extraordinario numero de bocas de fogo que os revoltosos haviam reunido em Monsanto e que venceu, devido ao espirito de dedicação até ao sacrificio d'estes lutadores, a maior parte dos quaes nunca havia conhecido uma peça, mas que, coadjuvando em tudo os que eram artilheiros, supriram o que lhes faltava em conhecimento pela sua inquebrantavel fé republicana. Os nomes da maior parte d'estes dedicados republicanos nunca os poude eu obter. A estes eu presto a mais sentida e mais veemente homenagem.

Como era a unida artilharia com que a Republica podia contar de momento para a defender—porquanto os monarquicos contavam com toda a artilharia de Lisboa: tinham em Monsanto para cima de 30 bocas de fogo; ignorava-se a essa hora a que iriam cahir as 3 peças da Escola de Guerra e a bateria do Castelo, sem gado, estava neutral em virtude da atitude de quasi todos os seus oficiaes que se recusavam a bater-se contra os revoltosos, apesar de todos os esforços do seu comandante—tornava-se, pois, indispensavel agir de forma a desnortear o inimigo, iludindo-o ácerca do numero de peças de que dispunhamos e ao mesmo tempo cobrir com uma intensidade grande de fogo as vantagens do grande numero de bocas de fogo que eles possuiam.

Assim, entregue a cada subalterno uma secção, ás quaes foi dada a independencia indispensavel, ordenei ao alferes Santos Ferreira que se ins-se com a bateria do Quartel e aguardasse em posição de «espera» ordens para seguirem as suas secções para as posições que oportunamente lhes indicasse.

Feito o rapido reconhecimento, em que de principio fui auxiliado pelo capitão sr. Cortez dos Santos, oficial do Quartel General de Tropas da Defeza da Cidade, com quem mais ou menos estive em contacto durante o dia 23, fiz seguir para o Alto dos Tres Moinhos, ao Arco do Carvalhão (posição da Quintinha), com uma secção o alferes Santos Ferreira, que se fez acompanhar dos alferes Miguel de Abreu e Afonso. Faziam parte d'esta guarnição o 2.º sargento Fernando A. da Silva Martins, de artilharia n.º 1, o 1.º cabo servente 1970 Abel de Sam Mamede, os soldados serventes n. 1986 Manuel Lopes Monteiro, e n.º 1185 Adelino Augusto de Moura, todos da 3.ª bateria de artilharia n.º 1, além de outras praças e civis.

Esta peça, que esteve primeiro para tomar posição no alto da calçada dos Mestres, foi a primeira a abrir fogo contra o inimigo, bombardeando uma artilharia inimiga que estava proximo do reducto de Montes Claros.

A 2.ª secção que mandei avançar foi tomar posição no cruzamento da ruas Leandro Braga e Victor Bastos mas appareceu-me sem comando de oficial.

Emquanto mandava pedir ao alferes Santos Ferreira que me dispensasse o alferes Miguel de Abreu, dirigi o seu tiro sobre o edificio da telegrafia sem fios e, seguidamente, sobre uma artilharia que com o seu fogo procurava atingir a posição da Quintinha. Faziam parte d'esta secção o 2.º sargento Amadeu Jacinto de Araujo, em serviço de amanuense do comando do corpo de tropas, o 2.º sargento Pereira de Matos, de artilharia n.º 1 e amanuense tambem do comando, os marinheiros segundos artilheiros E. Ferreira de Sousa n.º 5909 da 3.ª brigada e João das Neves n.º 6744 da mesma brigada. Os nomes d'este ultimo sargento e dos dois marinheiros só ultimamente consegui obter após a sua sahida do hospital, para onde recolheram feridos.

Após um fogo intenso sobre Monsanto, a peça foi descoberta como previa, e começou sendo violentamente alvejada pelo inimigo; manteve-se, porém, toda a guarnição, valentemente, fazendo serviço na peça; uma granada fere o 2.º sargento Pereira de Matos, que exercia as funcções de apontador, uma segunda um dos marinheiros que o havia substituido momentos antes n'aquelas funcções e, por fim, uma outra, o outro marinheiro. A peça, deixou só de fazer fogo, quando restavam apenas da guarnição, eu e o 2.º sargento Amadeu Jacinto de Araujo; a situação tornava-se insustentavel. A muito custo, conseguiu-se retirar a peça e engatal-a ao respectivo armão que estava a coberto com o carro de munições n'uma das ruas proximas.

A secção foi, então, transportada para a rua General Taborda e, chegado o alferes Miguel de Abreu e conseguida uma nova guarnição, ficou sob o comando d'este oficial, até que, tendo sido novamente descoberta e bombardeada e sendo-lhe impossivel aguentar-se n'aquela nova posição, retirou, indo substituir na posição da Quintinha a peça do alferes Santos Ferreira, que por serem vistas patrulhas de cavalaria inimiga, nas proximidades dos Terremotos e temer-se um ataque d'aquele lado, mudara pouco antes de posição.

A 3.ª secção, sob o comando do alferes Artur Rebelo de Almeida, foi tomar posição nos terrenos do Parque Eduardo VII, no flanco direito do edificio da Cadeia Nacional de Lisboa.

A 4.ª secção, que só poderia ser empregada em caso de extrema necessidade, em virtude do mau funcionamento da sua peça, foi mantida de reserva, abrigada com o edificio da Cadeia Nacional, sob o comando do alferes Vizeto Chagas.

A 1.ª secção, comandada pelo alferes Santos Ferreira, a primeira a abrir fogo, como referi, fôra deixada por mim na posição do Alto da Quintinha, emquanto proseguia eu no reconhecimento de novas posições.

Transcrevo a parte do relatorio de este oficial que descreve a acção de esta secção durante o dia 23:

«Tendo-se retirado o sr. comandante da bateria para escolher uma posição para outra peça, continuei por algum tempo batendo o objectivo que me foi indicado (artilharia á esquerda do reducto de Montes Claros), objectivo que abandonei depois para bater a parte esquerda das antenas da T. S. F., onde passava uma numerosa força de cavalaria inimiga que foi atingida pelo fogo e posta em debandada. Voltando pouco depois a bater o primeiro objectivo, recebi indicação para retirar, por intermedio do capitão de artilharia e do estado maior sr. Cortez dos Santos, creio por que, segundo se dizia, vinha dos Terremotos cavalaria e infantaria inimigas para atacar o aquartelamento de Campolide. Seguindo com a peça para o quartel, coloquei-a junto do portão, abrigando-a com os presidios, e com o aspirante Miguel de Abreu fui procurar o sr. comandante da bateria, que estava ao fundo da rua General Taborda, colocando uma peça em frente do Casal dos Arcos. Tendo assumido o comando d'essa peça o aspirante Miguel de Abreu, segui para o quartel para junto da minha secção a aguardar as ordens do comandante da bateria.

Pouco depois, por ordem do comandante da bateria coloquei a minha peça nos terrenos onde estão instalados os depositos da Companhia das Aguas, conhecidos por depositos do Pombal, ... começando por bater o posto da T. S. F., entre as duas antenas, passando depois a bombardear o reducto de Montes Claros, onde se encontrava instalada uma artilharia inimiga. Tendo sido descoberta a posição e violentamente bombardeada, ferido o 1.º cabo servente Abel de S. Mamede, da 3.ª bateria de artilharia n.º 1, que desempenhava as funcções de marcador de alcances, recebi ordem para retirar e abrigar o material.

«Acompanhei em seguida o sr. comandante da bateria para escolher local para uma nova posição. Dirigimo-nos aos Terremotos e depois para Campo de Ourique e por fim á Quinta das Aguas, onde ficou fixada a posição. Seguindo depois para o local onde estava abrigada a peça e fazendo-a transportar para a quinta das Aguas, fomos descobertos pelo inimigo que fez incidir um intenso bombardeamento sobre a posição, obrigando-nos a retirar debaixo de fogo e antes de tomar posição.

«Indicada pelo comandante da bateria uma nova posição para os lados do Jardim de Campo de Ourique, para ela segui, acompanhando-me sempre o aspirante Augusto Nunes Afonso. Levava como apoio um grupo de civis, cujos nomes não me foi possivel obter, entre eles seguiam guardas da Cadeia Nacional: Ilizio Rosario da Silva e Alberto Nunes dos Santos, o 1.º cabo n.º 651 José Miguel e o soldado Jaime José de Carvalho, ambos estes do Deposito de Praças do Ultramar, que foram de uma dedicação e coragem extraordinarias.

«Fiz avançar a peça com o auxilio dos civis para as terras do Sabido, a Campo de Ourique, entre a rua Correia Teles e a rua Almeida e Sousa...»

N'essa ocasião iniciou o alferes Santos Ferreira o fogo sobre uma elevação á esquerda das antenas da T. S. F., onde uma artilharia inimiga dominava a posição, obrigando-a a retirar e bateu varios outros objectivos; mal descoberto pelo inimigo que lhe respondeu, sem comtudo conseguir atingir a sua peça desviou o seu tiro sobre a artilharia inimiga que o incomodava e conseguiu fazer calar o seu fogo. Retirou d'esta posição ás 21 horas.

O alferes Artur Rebelo de Almeida tomou posição, como disse, comandando a 3.ª secção nos terrenos do Parque Eduardo VII (no flanco direito do edificio da Cadeia Nacional de Lisboa) e recebeu ordem para bombardear com granada explosiva—era a unica secção que possuia d'estas granadas—o grupo de casas que constituiam a estação radio-telegrafica de Monsanto.

Aberto o fogo, alvejou-se durante uma hora o referido objectivo, pôz-se em chamas uma das casas, inutilisou-se a estação radio-telegrafica e obrigou-se a debandar varios grupos de peões e cavaleiros que foram descobertos.

Esta peça deu depois fogo sobre outro objectivo. Recebeu, por fim, ordem para se calar e só romper fogo quando lhe fôsse determinado.

Algum tempo depois de proximo d'ela terem estado dois oficiaes de artilharia, que se apearam de um automovel levando uma bandeira verde e encarnada, e que, no dia seguinte foram aprisionados em Monsanto, foi a peça inesperadamente atingida e logo ao primeiro tiro conseguiu o inimigo que, durante todo o tempo em que a peça esteve em fogo a não tinha descoberto, com uma granada com balas ferir gravemente o 2.º sargento Antonio da Paz Colaço e o 1.º cabo servente Carlos Fernandes de Oliveira, n.º 892 da 3.ª bateria de artilharia n.º 1.

Imediatamente o alferes Rebelo de Almeida, tendo descoberto a artilharia inimiga que o batia, ocupou o logar de apontador, emquanto o 1.º sargento serralheiro ferreiro em serviço na Escola de Guerra, Alberto Augusto Araujo, fazia de marcador de alcances e o soldado licenciado Manuel Marques, de municiador e carregador.

Dez granadas explosivas atirou ainda a peça sob o fogo intenso do inimigo, fazendo o soldado Manuel Marques o remuniciamento de rastos e a distancia. Foi das provas de maior abnegação e coragem que presenciei durante a jornada de 23 e 24.

Por fim tiveram de retirar porque impossivel se tornava continuar sob o grande bombardeamento. Abrigaram-se os trez que restavam da guarnição; e logo que o bombardeamento abrandou, conseguiu que alguns militares e civis fossem retirar o material, que estava sendo bastante danificado, o que fizeram sem que corressem o perigo de serem atingidos, porque o inimigo continuava o seu fogo. A secção foi retirada para junto da Penitenciaria e dos militares e civis que não hesitaram em arrostar com o fogo inimigo para a salvar apenas conheço o 1.º cabo ferrador do E. F. n.º 547 Amadeu Joaquim de Campos e os civis Eduardo Carvalho e Raul da Silva Martins.

A secção tomou então posição abrigada com os muros da Cadeia Nacional, já porque anoitecia e se tornava preciso prevenir qualquer golpe de mão do inimigo feito do lado de S. Sebastião e já porque o seu gado havia sido levado pelo alferes do Q. A. S. A. Antonio de Sousa Marques, ao Castelo, afim de a pedido do comandante d'aquela bateria ir buscar uma das peças alí aquarteladas.

O alferes Miguel de Abreu, forçado a retirar da posição ao fundo da rua General Taborda, foi ocupar a posição do alto da Quintinha, no Arco do Carvalhão. N'essa posição o alferes Miguel de Abreu bateu varios objectivos de infantaria e cavalaria inimigas, que obrigou a retroceder por vezes ao reducto de Montes Claros. Pouco depois das 13 horas apresentou-se o capitão de artilharia sr. Camacho Brandão, que se manteve junto do referido oficial, assumindo, então, a direcção do fogo, fogo que até ao anoitecer foi muito intenso.

E' interessante referir que esta posição nunca poude ser descoberta pelo inimigo durante o dia 23 de janeiro, embora ele empregasse os maiores esforços em conseguil-o, e muito embora tivesse sido a que n'esse dia mais forte fogo tivesse feito. As granadas fervilhavam nas proximidades, mas a secção nunca foi atingida, comquanto nem um unico momento se calasse.

A um jornal da manhã seguinte, ou melhor á comissão de censura, então em exercicio, que deixou que indicasse o local preciso da secção, se deve, estou intimamente convencido d'isso, que a posição do alto da Quintinha, que fôra reforçada com mais uma peça, fôsse atingida pela artilharia inimiga, ás 11 horas, aproximadamente, do dia 24, sendo ferido o capitão sr. Camacho Brandão e mais algum pessoal da sua guarnição.

Ao cahir da noite surgia a bateria da Escola de Guerra, com as suas 3 peças, sob o comando do capitão de artilharia e do estado maior Pereira Damasceno. Era um reforço valiosissimo, que nos encheu de regosijo e de esperança. A bateria da Escola de Guerra seguiu para Ajuda, onde no dia seguinte tomou parte no ataque a Monsanto.

Na noite de 23, vieram entregar-me os operarios do Arsenal do Exercito, 3 peças, que eles de motu-proprio, tendo obtido gado emprestado, as conduziram ao Quartel de Campolide. Era tal ainda a sua desconfiança, que só a mim as quizeram confiar; não tinham carros para munições. E' interessante dizer que estas peças se encontravam em reparação no Arsenal e foram aprontadas por esses operarios durante o dia 23, n'um esforço de trabalho extraordinario, que só, tambem, as suas extraordinarias convicções republicanas podem explicar.

Lançando-se mão d'essas peças, organisou-se mais uma bateria, que foi entregue ao comando do capitão Camacho Brandão.

N'essa noite conseguiu-se reunir ainda grande parte do pessoal da bateria montada n.º 1, que andava disperso e que foi distribuido, enquadrando com os auxiliares do primeiro dia.

A acção do dia 24

Ao romper do dia 24 os revoltosos iniciaram o seu fogo, bombardeando o Parque Eduardo VII, as proximidades da Penitenciaria e do Quartel de Campolide. Parecia ter-se refeito de forças durante a noite. Aos primeiros tiros, o nosso pessoal que dormitava junto das peças, acordou sobresaltadamente, como era de esperar de gente, na maior parte, bisonha e que só da vespera sabiam o que eram granadas. Mas gritando a um dos clarins: «eles acordaram agora, toca lá a alvorada», consegui que os primeiros rebentamentos inimigos fossem recebidos á risada, no meio dos estridulos do clarim. Estava ganho alento para nova jornada.

Na manhã d'esse dia o chefe do estado maior do Corpo de Tropas da Defeza da Cidade, capitão Julio Lourenço, expôz-me o seu plano de ataque á Monsanto. A artilharia postada n'um semi-circulo que se estenderia da Ajuda, Campo de Ourique, Campolide, até além da Cruz da Pedra, concentraria os seus fogos sobre Monsanto, envolvendo o inimigo n'um circulo de fogo, de forma a permitir que se fizesse o cerco e o ataque da infantaria.

A bateria do meu comando sahiu do quartel, onde durante a noite viera reorganisar-se ás 7 horas e a trote largo para fugir ao fogo inimigo que batia o Parque Eduardo VII e a estrada da circumvalação, conseguiu chegar intacta a S. Sebastião. Era admiravel vêr como alguns civis, que montavam quasi pela primeira vez, conduziam as suas parelhas. Pareciam conductores consumados: «como se aprende por instinto a fugir ao perigo».

A secção do alferes Santos Ferreira não nos acompanhou porque foi tomar posição para os Prazeres, na quinta do Dourado.

Seguiam comigo tres secções comandadas pelos alferes Artur Rebelo de Almeida, Vizeto Chagas, Sherppard Cruz e uma peça das que acabava de chegar do Arsenal, conduzida por marinheiros e operarios do Arsenal.

A secção do sr. alferes Artur Rebelo de Almeida tomou primeiro posição n'um outeiro no flanco direito da estrada da Luz. Antes de romper fogo foi a posição batida por tres granadas inimigas; respondeu ao fogo o alferes Rebelo de Almeida com alguns tiros eficazes e como se tivesse incendiado um canavial que mascarava a posição e fôsse alvejado fortemente, o que tornou a posição insustentavel, teve que retirar debaixo de fogo e abrigar-se na estrada. Fil-o conduzir a tomar posição no Monte do Pinheiro, em Palma de Baixo, posição que previamente havia reconhecido e que otima foi, porque apesar do fogo intenso que fez a peça, nunca o inimigo a conseguiu descobrir. Chegado á posição, e tendo descoberto uma peça inimiga em posição e em fogo no flanco direito do edificio da T. S. F. abriu fogo imediatamente o alferes Rebelo de Almeida e obrigou a guarnição inimiga a abandonar o serviço da sua peça. Pouco depois outra peça inimiga se denunciava, mas foi pelo seu fogo obrigada a calar-se. Desbaratou ainda a tiro de tempo uma força de cavalaria inimiga de efectivo aproximado a um pelotão que se abrigava n'uma cova da Serra.

Ao iniciar-se o avanço da nossa infantaria pela encosta da Serra, intensificou-se o fogo até ao momento em que a mesma infantaria atingindo o forte, fez arvorar uma bandeira branca. Durante o ataque da nossa infantaria bateu com granada explosiva uma peça inimiga, obrigando a guarnição a fugir.

A secção do alferes José Antonio Vizeto Chagas tomou posição n'uma crista do pinhal da Quinta de Santo Antonio, em Caselas. Tinha sob o seu comando duas peças. A primeira, que fôra reparada durante a noite e que era alcunhada de «Virgem» pelo facto de na vespera não ter chegado a fazer fogo, tinha como chefe o 2.º sargento João Colares Cifuentes. A segunda, guarnecida por praças da armada, um bombeiro, um policia, um alistado da I. M. P. n.º 5, tinha por chefe o 1.º cabo conductor n.º 63 da bateria montada n.º 1, Rodrigo Gomes de Oliveira. Os conductores eram na sua maioria civis.

Esta posição, que foi tambem ocupada por uma peça comandada pelo alferes Sherppard da Cruz e duas peças de marinha de 4.7 cm., comandada pelo tenente miliciano de artilharia a pé José Eliziario da Graça. Era, inegavelmente, a melhor posição que a nossa artilharia possuiu no ataque a Monsanto; não porque o seu acesso fôsse facil, porquanto as peças tiveram de ser levadas ou, melhor, içadas, á força de muitos braços, o que se conseguiu, como só se conseguiria, á custa da dedicação do grande numero de civis que nos ajudaram n'esse serviço.

Uma extensa mas estreita crista, eriçada de penhascos, cobre o morro da Quinta de Santo Antonio, cujas vertentes se levantam abruptamente. Alvejada durante o dia 24 varias vezes pela artilharia dos revoltosos muito poucas das suas granadas foram as que conseguiram atingir a crista, muito embora as peças tivessem sido por ela descobertas: as granadas de tiros um pouco curtos despenhavam-se aquem da vertente voltada á campanha as que vinham um pouco compridas, iam além da vertente da retaguarda e o pessoal nada sofria.

Tão depressa teve ocupada a posição o alferes Vizeto Chagas rompeu fogo—eram 10 horas—a primeira peça batendo o flanco direito do forte, a segunda o flanco esquerdo do mesmo forte. O seu tiro foi logo de principio bastante eficaz. Tendo interrompido o fogo pelo espaço de meia hora, rompeu-o novamente ás 14 horas e manteve-se ininterruptamente até ás 18 horas, momento em que a nossa infantaria atingia o forte. Reduziu a silencio algumas bocas de fogo inimigas.

O alferes Guilherme E. Sheppard Cruz tomou posição tambem na quinta de Santo Antonio. O pessoal da sua secção era constituido pelo 2.º sargento de artilharia n.º 1 Filipe Madeira Claudino, como chefe e apontador, 1.º grumete n.º 6464, como graduador, José da Costa Saraiva, alistado n.º 280 da S. I. M. P. n.º 5, como carregador, 2.º sargento de artilharia n.º 5 Antonio Cabral, como graduador, Pelayo Augusto Moreira, civil, e 1.º marinheiro grumete n.º 5732, como municiadores, conductores eram os soldados conductores da bateria montada n.º 1, numeros 53 Manuel de Barros e 55 Gaspar da Rocha, e José Paulo da Mota, civil. Rompeu fogo ás 11 horas com granadas com balas, fazendo um tiro que se tornou depois muito eficaz.

Os seus objectivos foram: duas peças colocadas proximo do reducto central do forte de Monsanto e a nordeste d'este, o proprio forte e mais tarde uma extensa linha de atiradores que incomodavam a nossa infantaria e prejudicava o seu avanço. Em seguida a um pequeno intervalo, motivado por um bombardeamento mais intenso, recomeçou o fogo, tomando como objectivo o terreno situado á esquerda das antenas da T. S. F. e empregando tiros de tempo; este fogo foi tão eficaz que se viu perfeitamente retirar em debandada para o forte as forças inimigas que o ocupavam.

Mais tarde, quando o avanço da nossa infantaria era maior, tomou como objectivo o forte e o reducto até que n'aquele foi hasteada a bandeira branca e seguidamente a da Republica.

O alferes Augusto Santos Ferreira tomou em 24 de janeiro posição na Quinta do Dourado, aos Prazeres, tendo como apoio uma força de 10 praças de infantaria 1, sob o comando do 2.º sargento José Pinto, da mesma unidade, e um grupo de civis de que continuavam fazendo parte os guardas da Cadeia Nacional de Lisboa Ilizio Rozario da Silva e Alberto Nunes dos Santos, o cabo n.º 651 José Miguel e o soldado Jaime de Carvalho, ambos do Deposito de Praças do Ultramar, que lhe prestaram muito bons serviços nos trabalhos de remuniciamento e nos de escavações a que teve de proceder para melhor abrigar o material das vistas inimigas. Tinha como adjunto o alferes Augusto Nunes Afonso, que já na vespera se distinguira na mesma qualidade. A guarnição da sua secção era constituida pelos segundos sargentos de artilharia n.º 1 Fernando da Silva Martins, João de Almeida, Manuel da Fonseca Amaral Gomes, o 2.º sargento-amanuense do Corpo de Tropas da Guarnição, Amadeu Jacinto de Araujo, soldados serventes 1827 Antonio Placido, n.º 1570 Antonio Guilherme Henriques, n.º 1569 Mario Correia Sampaio, n.º 1865 Alfredo Gomes, todos da 3.ª bateria de artilharia n.º 1, e os soldados serventes da bateria montada n.º 1, n.º 88 Joaquim Lourenço de Almeida e n.º 94 João do Nascimento Dias Louro. Coadjuvaram-no tambem, os alferes milicianos de artilharia Umberto Alves Morgado de Andrade e Antonio Cabral.

Ao iniciar o fogo bateu uma elevação de terreno entre as antenas da T. S. F. e passou em seguida a bater uma outra elevação de terreno tambem á esquerda das referidas antenas. Contrabateu uma artilharia inimiga que estava em acção e que chegou a calar e apoiou a nossa infantaria no ataque á infantaria inimiga. O seu ultimo objectivo foi o pequeno edificio á esquerda do reducto de Montes Claros.

No dia 24, tendo sido ferido na posição do alto da Quintinha, o capitão de artilharia Camacho Brandão, foi assumir o comando d'esta bateria o alferes miliciano de artilharia Carlos Nunes de Castro Paiva, por ordem do chefe do estado maior do Corpo de Tropas da Defeza da Cidade.

Como estive durante o dia 24 em contacto com este oficial, que com competencia e valor se manteve á frente da bateria e cujo comando assumiu n'um momento dificil, transcrevo o relatorio que pelo referido oficial me foi entregue na qualidade de oficial mais antigo da artilharia fiel ao regimen:

«Aos 24 de janeiro de 1919, tendo-me apresentado no Comando de Defeza ao Ex.mo Chefe do E. M. capitão Julio Lourenço, pelas 9 horas da manhã, e tendo-se recebido n'esse comando a noticia de que o comando da bateria do Alto da Quintinha, sr. capitão de artilharia Brandão se achava ferido n'um pé por estilhaços de granada que o forçou a recolher á sua residencia, o Ex.mo Chefe do E. M. incumbiu-me o comando da referida posição, cargo que gostosamente aceitei, e para onde imediatamente me dirigi.

O Alto da Quintinha, mais conhecido pelo Alto dos Tres Moinhos, ao Arco do Carvalhão, é uma posição que dista cerca de 200 metros do comando de Tropas, em Campolide.

Quando assumi o comando encontrei 2 peças, a primeira das quaes com o desenfiamento do homem a cavalo, e a segunda quasi a descoberto, que foi a que tinha sido alvejada pela artilharia inimiga e onde tinha sido alvejado o anterior comandante, capitão Brandão, encontrei apenas o capitão de infantaria Paz Henriques e o aspirante de artilharia sr. Miguel de Abreu, a quem communiquei que por ordem superior assumia o comando, e varios civis que organisei o melhor que pude, coadjuvado pelo dito aspirante e dirigi o tiro para uma casa á direita do forte de Monsanto, onde presumivelmente se reunia o comando das forças inimigas.

Pouco depois apresentaram-se-me os seguintes civis, que foram uns excelentes auxiliares, por conhecerem bem o «metier», dando-me uma valiosa cooperação no espoletamento das granadas explosivas, operarios da fabrica do Material de Guerra, em Braço de Prata: Chefe do grupo, Bernardino José da Silva; artifice de fogo, José Frederico Chambel; Evaristo Marques Esteves, e os operarios numeros 222, João Ferreira Junior; 343, Abilio Dias Pereira, e 125, Julio Luiz, e o servente Antonio Alves Barbosa, que graduavam as espoletas, abriram os caixotes, municiaram as peças, etc., bem como 2 sargentos de marinha, cujos nomes não pude apurar e um sargento de artilharia 5, Victor Pereira Batalha, e o 2.º oficial do ministerio do trabalho, Antonio Augusto Alves.

Todo o pessoal se apresentou pouco depois de eu assumir o comando, pois para os primeiros tiros que fiz tive eu que fazer a pontaria e seguidamente ir a correr para o moinho que me servia de observatorio afim de observar o tiro.

Cerca das 10 e meia vi arvorada a bandeira monarquica n'uma casa do forte de Monsanto. Dirigi o tiro para lá, calculando proximo, até que, ao 2.º tiro a bandeira e parte do telhado da casa cahiam.

Foi tal o entusiasmo, que um civil avançou para o apontador da peça, que n'essa ocasião era o 2.º sargento Batalha, de artilharia 5, acima citado, e ao mesmo tempo que o abraçava lhe deu 10$00 como premio da sua pontaria, dizendo que na vespera tinha prometido dar essa quantia a quem deitasse abaixo a primeira bandeira monarquica.

Como pouco depois verificasse que tinha já poucas munições, mandei um agente de ligação, 1.º cabo-chauffeur Agostinho Ramalho, ao Ex.mo Chefe do E. M. com uma nota em que pedia urgente envio de munições e participando que tinha alvejado certeiramente uma bandeira monarquica, que fiz cahir, e pedindo me informasse da posição exacta das nossas forças que eu via avançarem intemeratamente a peito descoberto pelos alcantis da Serra de Monsanto, afim de, por ignorancia, não ir incomodar os nossos. S. Ex.ª respondeu-me com a nota que transcrevo:

> «C. T. Defeza, Lx.ª, 24-1-919. Ao Comandante da Bateria da Quintinha.—Ex.mo Comandante felicita V. Ex.ª pelo exito obtido. Procurava vêr qual razão silencio baterias inimigas. Posição nossas forças são: Inf. 17 entre Sete-Rios Bemfica. Civis entre Bemfica e Amadora. Marinha entre Sete-Rios e Alto do Serafim. Guarda republicana, academicos e infantaria 5, entre Serafim e Sant'Ana. Forças da Ajuda entre a Tapada e portas de Queluz. Concluindo: se o sr. Comandante regular os seus tiros para o Alto do Monsanto ou para a retaguarda do forte, não ha probabilidades de atingir as nossas forças. Comtudo deve procurar com uma peça contrabater a artilharia inimiga e com a outra procurar atingir os grupos de cavaleiros ou infantes que veja e que devem estar abrigados pelo forte. O Chefe do E. M. —(a) Julio Lourenço.»

Ao mesmo tempo o Ex.mo Chefe do E. M. mandou-me apresentar os alferes srs. Quintanilha e Amadeu Santos Falcão, ambos de artilharia de campanha, que me prestaram valioso auxilio.

Chegadas as munições pedidas, foi descoberta pelo inimigo a posição da 2.ª peça, que foi alvejada com 4 granadas que furaram o telhado de um barracão, proximo do qual estavamos e que servia de arrecadação.

Vendo pelo fumo a posição da 1.ª peça inimiga, na qual acertei logo ao primeiro tiro, obrigando assim o inimigo a meter armão, e precisamente quando fazia o segundo tiro, observei que as muares tinham sido atingidas, calando-se por essa ocasião o fogo do inimigo.

Como pouco depois tivesse novamente carencia de munições, mandei outra nota para o Comando da Defeza comunicando que tinha feito calar a artilharia inimiga que fazia fogo contra a posição e pedindo papel para comunicações, juntando uma nota que me enviava o alferes de infantaria Britto, que comandava parte das nossas forças no ataque ao forte, pedindo reforços de infantaria e um binoculo, que não forneci por não ter.

S. Ex.ª respondeu com a seguinte nota que transcrevo:

> «C. T. de Defeza.—Comandante da bateria da Quintinha.—Ex.mo Comandante aprova o seu procedimento. Campo Entrincheirado está sciente posições revoltosos Serra de Monsanto. Em breve artilharia 15 cm., fiel Republica, começa bombardeamento revoltosos. Envia-se papel para comunicações. O chefe do E. M. (a) Julio Lourenço.—Serviço para 24-25—Santo,—Luiz;—enha, Lanternas».

....

A noite de 24 para 25 passou-se ainda nas posições. Boatos corriam sobre um fantastico esquadrão realista que conseguira escapar-se da hecatombe.

Na manhã de 25 regressava então a bateria ao seu quartel. A entrada fez-se ao som vibrante da marcha de guerra. Se alguns eram militares improvisados, que importava:—tinham-se portado como verdadeiros soldados. Bem a mereciam.

O comandante da bateria

Associação Cristã de Estudantes de Coimbra

Uma serie de conferencias

Esta Associação, celebrando a ida áquela cidade do sr. presidente da Republica e a data da abertura da Universidade, resolveu iniciar no dia 1 de dezembro uma serie de conferencias de fim educativo, que se estenderão por todo o ano lectivo.

Inaugura esta serie de conferencias o sr. dr. Alberto Amado, de Lisboa, autor da «Vida Americana» que falará nos dias 1 e 2 de dezembro, escolhendo para tema das suas dissertações «o equilibrio mundial na balança da justiça yankee» e «a educação como base de todo o progresso americano». Estas duas conferencias fazem parte de uma serie de 5 que o autor realisará egualmente nos salões da A. C. E. e que reuniu sob o titulo de «genio yankee».

Outros homens de sciencia e artistas portuguezes farão egualmente conferencias.

Espera-se que o ministro da America, sr. coronel Thomaz Birch, vá presidir ás secções, para o que já foi convidado, tendo vindo o sr. W. Stallings, secretario da A. C. E. expressamente á capital, para esse fim.

Festas associativas

Academia 1.º de Setembro de 1867— Celebrando o 52.º aniversario e a inauguração das novas salas, realisam-se festas no mez corrente e no de dezembro, que começam no proximo domingo, havendo n'esse dia, ás 21 horas, recita com o drama «Nobreza do artista» e a comedia «O tio padre», seguindo-se baile.

Oficiaes reformados

A lei deve aplicar-se a todos, evitando assim flagrantes desegualdades

Sr. director.—«A Capital» de domingo regista que, na Cooperativa Militar, houvera uma reunião de oficiaes reformados para conhecerem das diligencias feitas no sentido de conseguir melhoria nas pensões de reforma, tendo sido louvada a comissão pela actividade e interêsse desenvolvido e votado que continuasse em exercicio até solução do assunto.

Discordei!

Não quanto ao louvor á comissão, que tem jus aos mais rasgados agradecimentos, mas restrito ao concreto do pedido, visto ser sua inabalavel opinião que o unico pedido a endereçar-se aos poderes publicos é—«a aplicação integral das disposições dos decretos de 10 de maio, p. p.», aos oficiaes do exercito, da armada e das forças coloniaes reformados pelas leis anteriores.

E' a unica pretensão logica, ajustada á boa razão e de indiscutivel justiça.

O remedio é facil: um comesinho decreto determinando no artigo 1.º aquela aplicação e declarando no artigo 2.º revogada a legislação em contrario, ou, então, decretar uma lei geral de reformas dos oficiais, seja qual fôr a sua origem, porquanto se se justifica durante a actividade variantes de vencimentos nos mesmos postos, por motivo da arma ou serviço a que pertençam, essa diversidade não tem mais razão de ser quando o oficial ingressa ou passa ao batalhão grande, como pitorescamente é apodado o quadro dos reformados.

E' de equidade que tal se faça: todos foram parte integrante do exercito de terra e mar, portanto a todos devem ser distribuidos, conforme as graduações e anos de serviço, unicas circumstancias a atender, os meios para se manterem com dignidade no ultimo quartel da vida, depois de haverem sacrificado no altar da Patria todas as suas energias e toda a sua saude.

E' absolutamente preciso que os reformados estejam isentos da necessidade de obterem recursos por vias que deprimem, como seja alugar quartos, admitir comensaes á sua mesa, servidos ás vezes pelas filhas, aceitar empregos de escriturarios ou semelhantes, etc.

E' a dignidade do regimen que o exige.

Os vencimentos decretados em 10 de maio, mas vigorando desde o dia 1.º, foram a natural consequencia da carestia da vida, que continua num crescendo apavorador. Ora essa carestia pesa egualmente sobre todos os reformados, antigos e modernos.

Assim, é logico e justo pedir-se a equiparação das pensões de reforma, cessando a bisantinice de antigos e modernos, tanto mais que em relação aos oficiaes do activo não ha essa discrepancia; e, se a orientação fosse fundada, para haver coerencia, os novos vencimentos só deviam ser abonados a quem fosse nomeado oficial na vigencia da actual lei, não beneficiando os antigos.

Será justo que generaes cheios de serviço, como «verbi gratia» o sr. Dantas Baracho, figura de destaque no exercito e na politica, vença 170 escudos por mez, segundo me asseveram, ao passo, que ha capitães ou 1.ºs tenentes vencendo no mesmo lapso de tempo 175 escudos?

Isto atinge a meta do absurdo. Esta e outras injustiças, que ha, urge remedial-as.

Nos paisanos surgiu uma nova classe—os «novos ricos»; pois nos militares reformados tambem, por cultura espontanea (!), surge a casta dos novos ricos!

Por hoje nada mais; mas fiado no bom acolhimento que v., sr. director, me tem dado, voltarei a importuna-lo quem se subscreve com os muitos agradecimentos de v. etc.—Armando Odone Pereira Brandão, capitão de fragata, reformado.

Cruzada das Mulheres Portuguezas

Esta benemerita corporação feminina acaba de publicar o seu relatorio geral que abrange o periodo que vae de 9 de março de 1918 a 16 de junho de 1919.

Transitaram pela gerencia durante os tres anos de existencia que conta a C. M. P., 433.102$71, além de numerosas ofertas de roupas, papel, trabalho, etc.

O saldo que lhe foi entregue em numerario é de 118.309$59,5.

Sociedade de Concertos de Lisboa

O pagamento das cotas dos socios fundadores e efectivos faz-se do dia 14 até ao fim do corrente mez, em cada dia util, das 11 ás 18 horas, no escritorio da Sociedade, rua Serpa Pinto, edificio do teatro de S. Carlos.

Escolas primarias superiores

Uma nomeação que se afigura injusta

Com vista ao sr. ministro da instrução

Sr. director de «A Capital».—Na Escola Primaria Superior «Adolfo Coelho», necessita-se d'um professor interino, por se terem desdobrado as turmas. Na sessão do conselho escolar de 22 do mez findo, o director da escola apresentou para essa interinidade o nome do seu proprio filho que tirou em 1918 o curso de professor primario e que foi nomeado ha pouco tempo professor d'uma escola primaria superior da provincia. O conselho aprovou, «bongré malgré», essa proposta, havendo professores que no proposito preferiríam outro já conhecido pela sua inteligencia comprovada em mais de 20 anos d'um trabalho modelar no ensino primario e que tem sido professor interino da Escola Normal Primaria de Alcantara. Certamente, se o director tivesse feito consulta ao conselho sobre o professor mais idóneo para exercer a interinidade, ninguem deixaria de votar n'esse nome de todos conhecido e estimado. Mas... com a apresentação feita assim, abruptamente, de chofre, pelo proprio pae, a maioria aceitou essa indicação «para não serem desagradaveis» ao pae e director. E foi possivel esta aprovação, porque não se atendeu e cremos mesmo que o criterio actual é não atender—e não sabemos até quando—ao art.º 14.º do decreto n.º 5787-A do suplemento n.º 18 ao «Diario do Governo» de 10 de maio do ano corrente, que determina que a escolha do professor interino pelo conselho escolar só será feita depois d'um concurso documental. Em vista d'isto foi possivel vingar uma tal proposta. Mas ha mais: Por esse mesmo tempo outro professor requereu ao sr. ministro da instrucção a interinidade n'essa mesma escola e comprovava as suas habilitações com: ter mais de dez anos de bom e efectivo serviço no ensino primario geral; ter o exame de francez singular do liceu; ter o 5.º ano de piano do Conservatorio; ter sido, anteriormente á Republica, professor n'um centro republicano dos amadores de Lisboa; e se o professor proposto pelo proprio pae foi nomeado para uma escola primaria superior da provincia, o professor requerente foi nomeado para igual logar n'outra. O requerimento tem a data de 21 de outubro e a proposta do director indicando o nome de seu filho, pela aprovação em conselho escolar, tem a data de 22 ou 23 do mesmo mez. Pois o requerimento do professor com as habilitações indicadas e o seu passado republicano não teve informação alguma!

O concorrente que nem sequer obteve informação requereu ultimamente ao sr. ministro da instrucção, pedindo-lhe justiça.

Fiamos em que o sr. dr. Joaquim de Oliveira se informará e que justiça será feita.—A.

Uma egreja flutuante

Tendo sido destruidas por compleo as egrejas de Tergnier, Forquier, Vouel, Quessy, Liez e Meunessis, o abade Plateau, capelão da marinha franceza teve a ideia original de ministrar os oficios divinos em uma capela flutuante, que visita as ribas dos referidos locaes.

E assim, ouvem missa, se baptisam, confessam, comungam, casam e são encomendados esses povos ribeirinhos.

Instrução militar preparatoria

SOCIEDADE N.º 26.—No proximo domingo a instrução é ministrada ás 9,30 no parque do liceu de Pedro Nunes.

Melhoramentos regionaes

Uma estrada que serve o lindo vale de Cambra

MACIEIRA DE CAMBRA, 7.—Ao que nos consta, foi finalmente dotada a estrada S. João da Madeira-Cambra-S. Pedro do Sul, importante melhoramento, para o conseguimento do qual muito concorreu «A Capital», que de ha dois anos a esta parte sempre com a maior gentileza pôz as suas colunas á nossa disposição, motivo porque os povos d'aqui lho estão gratissimos.

Tambem para se conseguir essa obra contribuiram a Sociedade Propaganda de Portugal e o grande benemerito d'este concelho sr. Luiz Bernardo de Almeida, que ofereceu 5.000 escudos e conseguiu d'um seu amigo pessoal egual quantia. Tambem o propagandista das belezas d'esta região sr. J. Tavares Valente foi incançavel, pelo que merece os maiores elogios. Tambem para se conseguir o tão almejado melhoramento concorreu a Associação Industrial e Comercial de S. João da Madeira, que por proposta do seu presidente, sr. Quintino José da Silva, enviou um telegrama ao sr. ministro do comercio, solicitando a urgente conclusão da estrada nacional n.º 42.

Promovidos pelo sr. Luiz Bernardo de Almeida, preparam-se ruidosos festejos para quando se iniciem os trabalhos, sendo convidados o sr. ministro do comercio e o seu chefe de gabinete, representantes da Propaganda de Portugal e da imprensa, além d'outras pessoas de representação.

Alfandega de Lisboa

Leilão

Sabado, 15, ás 14 horas, no Entreposto da Exploração do Porto de Lisboa, em Santos, proceder-se-ha á venda de 200 fardos de bacalhau.

Alfandega de Lisboa, 12 de novembro de 1919.

O escrivão
Alfredo Marcelino de Almeida

A provincia n'A CAPITAL

FIGUEIRA DA FOZ, 8.—Continua á mercê das ondas, junto aos rochedos do Forte de Santa Catarina, o casco da chalupa norueguesa «Aud», da praça Stavanger, que vinha carregada de bacalhau (2.000 quintaes), consignados á firma Laidley & Ct.ª, desta cidade.

Tem-se procedido á descarga do bacalhau, mas o mar tem levado muito para a beira-mar, onde inumera gente se entretem a apanhalo. O motor do navio já foi retirado mas o casco está irremediavelmente perdido, pois que o mar o tem destruido quasi todo.

—As forças vivas deste concelho trabalham activamente, em comissão, para que a nossa praia fique na zona permanente no projecto da regulamentação do jogo.

E' de justiça que a Figueira seja atendida, pois que sendo a primeira praia de Portugal, tem a recomendal-a magnifico clima, situação invejavel e todos os confortos e belezas para que seja um dos soberbos pontos de turismo.

—Está despertando vivo entusiasmo a compra dum rico troféu para a disputa, entre as associações de sport do paiz, no jogo de «football».

A iniciativa é do Ginasio Club Figueirense, que está empenhado em promover importantes provas, sendo por isso de louvar a sua atitude.

—O partido republicano liberal deste concelho tem ultimamente recebido valiosas adesões e vae encetar os seus trabalhos de propaganda.

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

3375 — 10.° anno | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.° | LISBOA — Sexta-feira, 14 de Novembro de 1919 | Telephone n.° 2298 — Endereço teleg. CAPITAL — Officina de impressão — 71, Rua da Rosa, 71 | Preço, 2 centavos

UMA GRAVE QUESTÃO SOCIAL

Os operarios mineiros e a medicina

O interesse que os medicos tomaram pela invalidez produzida pela guerra levou-os a estudar os problemas de invalidez na paz. O seu criterio scientifico e as suas deducções laboratoriaes são preciosos elementos para solucionar as pretensões dos operarios, dando justificação a algumas, e provando o exagero de outras.

Entre os medicos que mais intelligentemente estudam estes assumptos figura o cirurgião e professor belga Marcel Stassen,—homem novo, cheio de talento e cheio de estudo, espirito scintilante, que os seus compatriotas respeitam e que, durante a guerra, na convivencia dos alliados se nobilitou como um dos mais energicos e proficientes reeducadores dos mutilados.

O dr. Marcel Stassen representou a Belgica em todas as reuniões, congressos e conferencias scientificas. A todas as assembleias de technicos levou a sua opinião auctorisada e o producto da sua experiencia, feita como cirurgião-chefe dos serviços no Instituto Belga de Port-Villez—que era a mais completa e mais bela obra militar de assistencia que os paizes alliados organisaram.

Pois agora...

O dr. Marcel Stassen, regressado ao trabalho reconstructivo da sua linda cidade de Liége, á sua cadeira e ao seu labor clinico, olhou de frente os problemas de assistencia e foi analisar a razão de certas pretensões operarias. Tomou para estudo inicial a vida dos mineiros e, sobre eles, lançou á publicidade um livro interessante. Recebi-o hoje e juntamente uma carta em que o proprio autor confessa: «...é um livro democratico, porque pretende traçar ao patronato, aos operarios e ao Estado a linha de conduta a seguir para combater uma doença profissional, penosa, que atinge particularmente os nossos bravos mineiros de carvão...»

Lendo o livro do erudito cirurgião belga, compreende-se que os mineiros tenham formulado, por vezes, reclamações em massa e que, sustentadas por gréves de milhões de homens, afectaram a vida economica mundial. Sim... que as gréves dos mineiros de carvão não fazem incidir a sua influencia apenas sobre os paizes productores mas tambem e enormemente sobre os paizes importadores. Portugal é tambem atingido. A Hespanha é imediatamente sacrificada.

Ora por todas estas razões tem muito interesse o livro que tenho deante. E' escrito por quem entende, de que, os sociologos deviam formular leis equitativas, dando razão de ser ás reclamações operarias mas dentro das disponibilidades dos Estados e dos recursos do patronato.

Assim deviam fazer todos os medicos especialisados nestes assumptos. Os seus conselhos serviriam de guia entre patrões e operarios, evitando a irritação de contendas e aniquilando de vez os manejos dos profissionaes da desordem, que arrastam para as reivindicações pela força aqueles que tudo conseguiriam por direito de persuasão.

Realmente pela leitura que faço percebe-se que é preciso atender ás reclamações dos operarios mineiros e justifica-se que a mentalidade dos ministros de Lloyd George procure solucionar problemas que têm alto imperio sobre a existencia industrial dos povos. A vida do operario mineiro não se pode comparar com a vida de qualquer outro operario. E se hoje, pelas necessidades creadas pela evolução moderna, se exige ao mineiro trabalho além das oito horas, é preciso ter em linha de conta os seus perigos profissionaes. Por exemplo, é preciso não esquecer o que o dr. Stassen nos diz:

«...Nas minas illuminadas com lampadas de azeite e de benzina, em 11.179 mineiros, 9.310 foram examinados á sua «subida» para a luz, depois dum dia de trabalho. 2.251 apresentavam oscilações oculares; destes já 1.955 eram portadores duma doença fixa e determinada pela sua vida profissional...»

Com estas informações, percebe-se que existe, no mundo operario, razão para aspirações de melhor recompensa. São legitimas. São justas. Porém, a reclamações sérias não ha humanidade que não ceda e não ha espirito juridico que não transija. Pena é que muitas se formulem sem razões que as justifiquem.

José Pontes

CONCURSO LITERARIO

«A Capital» tem aberto desde o dia 1 d'outubro um concurso literario, com as condições estabelecidas já anteriormente, destinado a impulsionar

Os novos escriptores

na senda dificil das letras. Organisando um juri com figuras em destaque no meio literario e teatral, distribuindo premios pecuniarios avultados, publicando e representando os originaes premiados, facilitando por todas as formas o trabalho dos novos «A Capital» continua as suas tradições de jornal moderno e progressivo, a sua obra de rejuvenescimento literario que já deu o volume «A Patria Portugueza» e o «Amor em Portugal no seculo XVIII» de Julio Dantas, «A Pecadora» de Sousa Costa, a «Malta das trincheiras», de André Brun e «A Cidade Formiga», de Mario d'Almeida entre muitos outros, que marcaram na vida literaria nacional.

«A Capital» premeia um romance e tres peças originaes e ineditas, dos novos; assim teem as portas abertas amplamente da vida literaria, todos os que se julguem amesquinhados pelas «cotteries» ou pelo desprezo dos editores.

O "manjor" Evangelista em acção

Os varios criterios do digno "manjor"

Tendo sahido na O. E. 1.ª serie n.° 15 de 31 de maio d'este ano, o decreto 5.787 M. M., que regula a promoção de subalternos, «alteradas nas suas normas pelas circunstancias especiaes da guerra», foram por este decreto promovidos a tenentes todos os alferes de 1918; como a lei não especifica se os alferes seriam os do quadro permanente ou tambem os milicianos, subentendia-se que se referia a todos, e realmente os alferes de administração militar foram promovidos; mas só esses, ficando os de infantaria, artilharia e cavalaria a ser regidos por outro criterio.

Qual é o acertado? Indubitavelmente que o que presidiu á promoção na administração militar, visto que, não havendo vagas a preencher deve os subalternos, não pode ser aplicado aos alferes milicianos a lei que preside á promoção dos oficiaes milicianos, e que a regula pelo promoção do oficial do quadro permanente imediatamente mais moderno. Esta lei era destinada a ser aplicada aos mudanças de quadros, onde haveria vagas, e com o fim de não prejudicar os direitos dos oficiaes dos quadros permanentes. Para a promoção a tenentes dos alferes milicianos, a unica lei existente é a da contagem do tempo, os 4 anos no posto de alferes, ao fim dos quaes nada ha que possa impedir a promoção.

Não o entende porém assim o dignissimo «manjor» Evangelista, que, como se prova, procura enredar e dificultar o cumprimento da legislação, tendo dois criterios ou tres para resolver o mesmo assunto.

Pergunta-se: porque não se promovem egualmente os alferes milicianos ao abrigo do decreto 5787 M. M., indistintamente de todas as armas?

Porque não se promovem os alferes que cumprem o seu tempo de tirocinio no posto, e se prendem com uma lei que não lhes pode dizer respeito?

O «manjor» Evangelista que tem protegidos e meninos bonitos a quem dá o seu empurrãozito sabe talvez explicar este caso, mas pelas linhas tortas em que sempre poe os casos bem claros.

Não pode ser, o ministro da guerra, de não assina de cruz, a papelada que o ilustre chefe da repartição leva á assinatura, tem de olhar para estas iniquidades da tropa!

Soldados do C. E. P. a quem se não paga

Em 1918 regressou de França, onde teve de permanencia em 1.ª categoria 312 dias e em 3.ª 191, o soldado Antonio Maria Carrilho, do 2.° grupo de pioneiros.

Foi licenceado e recolheu á terra da sua naturalidade, Vila Nova da Cerveira, mas não lhe liquidaram as contas, ficando-lhe a dever 198 francos 34.

Ha dois mezes, o pobre soldado fez um sacrificio, arranjou dinheiro para a passagem e veiu a Lisboa, a fim de receber o que lhe era devido. A pretexto de que lhe faltava um documento, não lhe pagaram.

Agora, mandou uma procuração para aqui, e todos, absolutamente todos os documentos. A pessoa encarregada do recebimento dirigiu-se hoje ao quartel general do C. E. P. e ahi, como já não se podia invocar pretexto algum, acabaram por confessar que não havia dinheiro para pagar.

Póde, porventura, admitir-se semelhante vergonha? Cremos bem que o sr. ministro da guerra ignora estas coisas, porque todos os «manjores» Evangelistas lh'as ocultam, mas temos a esperança de que, lendo-nos, se apressará a providenciar.

O PROBLEMA SOCIAL

Operarios e patrões

As grandes gréves na America do Norte — O movimento bolchevista além Atlantico — A gréve mineira

As ultimas noticias que o telegrafo trouxe da America do Norte, dando conta da descoberta de planos bolchevistas na grande republica puzeram em fóco um novo aspecto do problema social.

A America, onde os conflitos operarios se resolvem com uma prudencia conciliadora e uma superioridade de processos desconhecida no velho mundo, adopta agora uma nova orientação, reflexo da caotica efervescencia da Europa.

O telegrafo anuncia constantemente gréves monstros, primeiro 500.000, depois 750.000; estes são os mineiros ultimamente em gréve. As suas reclamações não as deram ainda os jornaes portuguezes, nem esboçam o programa que o National Labour Party na sua assembleia de Cleveland, elaborou, nos seus traços geraes essas reclamações são:

1) Nacionalisação das minas e caminhos de ferro. Compra pelo governo federal de todas as minas particulares e sua exploração pelo Estado. Representação egual dos operarios nos conselhos administrativos.

Aliança efectiva com os caminhos de ferro para obter a nacionalisação destes, primeiro passo na luta pela nacionalisação de todos os recursos racionaes e serviços publicos.

2) Aumento de 60 por cento nos salarios das minas e dia de 6 horas para os trabalhos subterraneos.

3) Adesão em massa ao National Labour Party.

4) Liberdade para a Irlanda dispor dos seus destinos.

5) Reconhecimento da Republica Russa dos Soviets.

6) Revisão dos processos de Thomas Mooney e Billings.

7) Abolição da lei de espionagem e amnistia aos delitos politicos.

8) Substituição do ministro dos correios, adversario injusto dos trabalhadores.

9) Nova legislação que subtraia ao Tribunal Supremo dos Estados Unidos o poder de declarar anticonstitucionaes as leis votadas pelo congresso.

Neste programa, de que se fez a mais larga propaganda, formaram tres especies de reivindicações: politicas, economicas e internacionaes; como no velho mundo já os operarios não se limitam a exigencias profissionaes.

Esta exigencia é compreensivel, lembrando que durante a guerra colaboraram juntos, o governo e os operarios. Graças ao acordo entre Wilson e Samuel Gompers, o presidente da Federação Americana do Trabalho, creou-se o «War Labour Board» para «resolver amigavelmente e sem que se interrompa o trabalho, qualquer conflito de caracter operario; a solução devia preservar direitos eguaes para as duas partes em litigio, de modo que, não se prejudicasse o maximo de produção, nem o interesse nacional».

Esta corporação, desempenhou satisfatoriamente a sua missão, e se alguns restos de rebeldia houve entre os trade-unionistas nos patrões, Wilson liquidou os casos ameaçando aquelas com a mobilisação, dos irrequietos operarios de Bridgeport, e o elemento patronal requisitando as fabricas Smith e Wesson.

Mas, além dos disciplinados sindicatos de Gompers, havia na America outras organizações operarias, como o Labour National, de caracter internacionalista, que começaram a suscitar gréves e motins interiores a fim de entorpecer o envio de armas e soldados á Europa. O seu conselheiro chefe, foi procurado, e os dirigentes — Billings e Mooney—condenados a varios anos de presidio. O Labour Party ficou decadente e fraco, com estas perseguições, mas recobrou vigor uma outra associação I. W. W. (Trabalhadores industriaes do mundo) ou como o povo lhe chama «Iwont Work»—«não quero trabalhar».

Os tumultos que promoveu nas comarcas do Noroeste e as gréves no porto de Nova York ocasionaram outro ruidoso processo, e uma centena dos seus membros foram presos. Imbuidos de espirito bolcheviki os «trabalhadores industriaes do mundo» não deixaram de manifestar a sua perigosa actividade durante o armisticio; primeiro organisando as gréves revolucionarias de Lealte, Putt, Bufalo, Nova York, etc., e logo com os atentados terroristas de junho passado, dirigidos contra as autoridades de Washington, Pittsburg, Cleveland etc. Falando destes acontecimentos o ministro dos correios—que os mineiros dizem ser um «adversario injusto dos trabalhadores»—dizia: «...um regimen de terror sa estende por todo o paiz... os I. W. W. anarquistas, socialistas, radicaes e mais gente descontente, principalmente estrangeiros estão em vesperas de fundir-se inspirados num só objectivo e unico:—derrubar o governo mediante uma revolução sangrenta e estabelecer uma Republica bolcheviki».

As perseguições continuas do governo produziram nesta agremiação o mesmo efeito que no National Labour; desagregou a associação; mas os seus membros infiltraram-se nos sindicatos de Gompers e modificando o seu caracter, graças ao geral descontentamento que nas classes operarias motivou o custo da vida e a convicção que os braços estrangeiros cada vez mais escassos não poderão substituir os indigenas em caso de gréve.

Ao mesmo tempo observa-se que a I. W. W. infiltrando gente no Labour Party, dá-lhe mais violencia, que se manifesta pelas declarações de irredutibilidade dos mineiros, alguns dias antes de estalar a gréve. «Ou aceita ou larga» era a divisa. «Os patrões devem ceder sem condições», telegrafam de Washington ao «Morning Post».

E', desta forma, numa hostilidade bem manifesta que os trabalhadores dos Estados Unidos reclamam ante o governo de Wilson. Mas, como na Inglaterra, a sua obra de propaganda encontra maior resistencia nos governos, em volta dos quaes se agregam as forças vivas e inteligentes, trabalhadores mesmo que não cooperam no movimento bolchevista. E hoje, pode dizer-se, depois da gréve ferroviaria da Inglaterra, de gréves de 5.000 e 7.500 homens na America, do esboço do «lock-out» barcelonez, já as gréves vão perdendo aquele aspecto de arma invencivel, para se voltar ao pacto conciliatorio e rasoavel entre o Capital e o Trabalho.

O «destroyer» «Douro»

Está fundeado no Tejo e não lhe sucedeu mal algum

O «Diario de Noticias» de hoje publica um telegrama de Setubal noticiando ter entrado a barra do Sado mais um dos buques, que se julgavam perdidos, pertencentes ao cerco de S. Martinho, á falta dum dos barcos que ante-hontem para ali tinha seguido.

Acrescentava esse jornal que o «destroyer» «Douro», que levava essas embarcações a reboque, nada se sabia em Lisboa.

Procurando informações sobre o caso, soubemos o seguinte:

O «Douro» levou a reboque para Setubal ante-hontem os quatro buques de armação de S. Martinho. Como havia muito mar, por muitas vezes se quebraram os cabos do reboque, tendo o «destroyer», que levava uma marcha moderada, como convinha no caso de voltar atraz, a fim de lançar-lhe outros. Em S. José de Ribamar outro navio de pesca, o vapor «S. Martinho», informado de que o «Douro» seguia para Setubal, foi-lhe nas aguas, a fim de em caso de necessidade recorrer ao seu auxilio.

O mar continuava cada vez mais bravo, soprado pelo sudueste. Com grande dificuldade chegaram á barra de Setubal, que dois dos buques conseguiram transpôr, tendo o «Douro» de voltar em busca do mar alto, para fazer rumo a Lisboa, tendo de fundear em Cezimbra, para fugir á furia do vendaval, cada vez maior.

Hontem de manhã levantou ferro e veiu para Lisboa, onde fundeou no quadro, ás 15 horas.

E' provavel que o buque a que se refere o «Diario de Noticias» já tenha a estas horas entrado em Setubal, o que é para desejar, pois te ma bordo sete homens.

Quintanistas de direito

Na faculdade de direito reunem amanhã, pelas 15 horas, os quintanistas, a fim de se tratar de assuntos que dizem respeito á proxima recita.

Maria Teles

Colabora hoje pela primeira vez em *A Capital* esta joven escritora, cujos dotes literarios os leitores terão ocasião de apreciar. A sr.ª D. Maria Teles é uma figura bastante conhecida na sociedade elegante de Lisboa, e os seus poucos anos levam-nos a futurar-lhe uma carreira de grande brilhantismo.

CRONICA

O NOSSO FADO...

Os senhores conhecem por acaso alguem que seja hoje o que já foi? Pela minha parte confesso, desde que vi um antigo oficial de marinha com loja de manteigas, um advogado em anuncense, um engenheiro a fazer reportagens e um diplomata a negociar em cóconete desejo por completo dos cursos e das carreiras para me entregar de olhos fechados ao fatalismo arabe pelo qual o meu futuro, o «fado» de toda a gente está escrito no livro do Destino... e é imutavel e impenetravel. A vocação... a vocação é um grito abafado no peito que só tarde quasi sempre surge; mas está escrito, está escarrapachado no tal alfarrabio do «Destino» e não ha forma de lhe fugir. Que importa que os papás, as mamãs, façam conjecturas sobre a carreira a dar aos «neofitos», que imponham as primeiras passadas na vida n'esta ou n'aquela orientação... os estudos... Um dia, fatal, predestinado, chega a «chance», a reviravolta... e a vida altera-se... O comercio, por exemplo... Quem havia de dizer que em Portugal todos haviam de ser negociantes, forjar altas e machavelas negociatas, vender, revender, ganhar, lucrar, ter um escritorio-sinho, e fazer fortuna em 24 horas?... Oh! que revelações estupendas a guerra nos trouxe... que vocações errados n'esta terra onde tudo se vende...

A vocação... Mas é raro ela aparecer como em Mozart desde tamanino, como José Ricardo que era comico á nascença. Na maior parte da população, em toda a humanidade não ha seis entes que sejam aquilo que desejaram ser... sem contar nos homens que louvam a vida descançada das mulheres e todas as mulheres que invejam o sexo forte. Todos desejam ser aquilo que não são... e quantas vezes, certamente, a vocação... conduz ao verdadeiro trilho. Brazão foi guarda-marinha, andou nos estudos nauticos para ser o primeiro actor da scena portugueza; e Taveira que foi empregado nos correios e Sousa Bastos que abriu os olhos a estudar agronomia! Gil Vicente, o nosso mestre, foi também um extraordinario ourives, talvez o cinzelador da custodia de Belem, mas a sua vocação qual foi? Quantas diligencias se fizeram para que Augusto Rosa não seguisse o seu destino para afinal vir a ter a vida de seu pae. E este que esteve para seguir a vida monastica, foi discipulo do pintor Taborda, e chegou a ser sargento... não foi um grande actor?

Como é curioso vêr nos nacionaes, as revelações tardias da vocação; Luciano Cordeiro, estudando para a marinha, depois para letras, vindo a ser um funcionario publico; e quem concebe o advogado João de Deus, o medico Julio Diniz, ou pensa sequer que Taborda foi aprendiz de tipografo, como foi aprendiz de marceneiro e marçano de drogaria Francisco de Sampaio, á semelhança de Gorki vagueando entre aprendiz de sapateiro, ajudante de cosinheiro n'um vapor, barqueiro á sirga, vendedor de cidra e até padeiro!

Schwalbach é ou foi tropa e Rodrigues Sampaio não escapou áquele gosto dos pais do seculo passado, que mandavam os filhos estudar para padres. Herculano estudou humanidades e frequentou em 1830 a aula de comercio, para vir a ser o pensador politico e o unico historiador de Portugal.

Na literatura do nosso paiz é facil encontrar duas carreiras. Raríssimo é aquele que pode viver pela sua pena, como Camilo, e no geral todos são, ou militares ou empregados publicos. Mas, este caso d'uma dualidade, não é tão á conta da vocação; paixão. O exemplo frisante é o de Puvis de Chavannes que só aos 40 anos pegou nos pinceis ou Beetoven que foi preciso castigar para se dedicar á musica. Eça de Queiroz—dizem as cronicas—que tinha uma real vocação para o teatro, manifestada nos papeis de galã quando ainda na Academia entrou n'algumas recitas. E Corot, o pintor das meias-claridades, não se dedicou primeiro ao comercio? E Diderot, filho d'um cutileiro, não foi para casa d'um procurador, como o navegador Cook fugiu da loja onde era marçano por que sentiu a «vocação» dentro de si; e foi grumete para vir a ser o grande Cook. Ferreira da Silva tirou até ao 3.° ano da faculdade de filosofia e matematica, mas a sua estrela, o livro do destino tinha escrito em letras gordas «Serás actor», como escrito estava deante do grande Talma que fora dentista!

No seculo passado havia a tendencia eclesiastica, e houve grandes vultos que não estiveram destinados a outra carreira: o padre, o sr. prior, foi o sonho de todo o lavrador, de toda a burguezia de hontem. Turgot renunciou em S. Sulpice, e Voltaire frequentou os jesuitas; Garnett esteve destinado á carreira eclesiastica, Giordano Bruno foi dominicano e abandonou, e Emilio Navarro trocou o destino que lhe davam de padre, como La Fontaine rebelde á todas as carreiras que lhe impunham.

Musset, para fazer a sua obra, ousou entre a medicina e o direito, o desenho e a musica, e Monge, o inventor da geometria, chegou a pintar o retrato de Lafayette. Massano de Carvalho tirou o curso de farmacia para ser estadista e jornalista, á semelhança de Ibsen que foi ajudante de farmacia. Sardou tirou medicina, e J. Jacques Rousseau foi aprendiz de gravador, emquanto Saint Beuve passou de medicina para as letras.

Os misterios da vida! O que é hoje e o que será amanhã? O exemplo de Wheatstone, o fisico inglez que foi caixeiro d'uma loja de musicas, e de Balzac fundidor, impressor, editor, sem saber onde dedicar a sua energia, Sudermann ajudante de farmacia no começo da sua carreira e Eugéne Sue, cirurgião naval antes de escrever o seu «Plick e Plock». E o exemplo interessante de Herschel, professor de musica, notabilissimo como astrologo, descobrindo o maior parte de Urano; ele, um professor de musica!!

A não ser a antiga profissão de «rei» para a qual logo a nascença havia vocação, e os casos registados de meninos prodigios, em geral musicos ou pintores, o resto é genio, «chance», acaso, imprevisto, esse imprevisto que faz a vida tão diferente d'uma monotonia regrada e que nos festas coroadas de arvores e mastros... o exito e os papéis de rei e de cantores sem logar grandes em destaque das republicas populares. A du Barry, se não vendeu batatas fritas, estava, pelo menos, nos 16 anos, no cabeleireiro Labrille, e Washington foi agrimensor publico, assim como Kropotkine podia ter sido um principe; Gaulois e faustoso e Luiz Blanc começou por ser um misero escriturario de tabelião.

Milhares que são pintores, astronomos comerciantes, poetas que são agronomos, tudo se passa n'um pequeno momento da vida.

Dizem os velhos alfarrabios e o Talmude: o de nossas vidas está escrito; e é infalivel; que é impossivel fugir a esse peso do Destino, ao nosso fado, triste ou alegre.

Quem ha por ahi que não saiba que o «Zé Gordo», o celebre do Rocio, debateu com Alves Almeida-nos «Meninos Grandes»?

Por isso eu creio que Mercurio foi quem talhou este pequeno paiz. Hontem sob a forma de republica, hoje fazendo convenios de todas as negociatas, politicas, artistas, artistas, scientistas.

Os gregos acabaram a sua historia a vender literatura e arte; nós, que hoje vendemos tudo, que tudo compramos, estamos na iminencia d'um ponto agudo do nosso Destino. Hoje isto... amanhã, que seremos?

A. F.

Relações franco-portuguesas

Uma sucursal do "L'Evenement" em Lisboa

O jornal francez L'Evenement, que era já um dos mais importantes de Paris, acaba de ser adquirido por uma nova empreza, dispondo de grandes capitaes e que se propõe a tratar as relações entre a França e Portugal.

Para esse fim vae montar uma sucursal em Lisboa, para dirigir a qual convidou a nossa distincta colega D. Virginia Quaresma. «L'Evenement» passará a inserir não só um serviço telegrafico desenvolvidissimo dos acontecimentos mais notaveis que entre nós ocorridos, como cronicas sobre politica, finanças, arte e literatura portugueza.

A questão das subsistencias

A junta de freguezia dos Restauradores convida as suas congeneres do Lisboa a reunirem na proxima segunda-feira, 17, pelas 21 horas, no edificio do governo civil de Lisboa, a fim de ser apreciado o questionario dirigido por esta junta sobre a questão das subsistencias.

Pela importancia do assunto a tratar pede-se para que nenhuma junta deixe de comparecer a tão importante reunião.

Cantina escolar da Pena

Sessões de confraternisação

No domingo, ás 12 horas, realisa-se na séde desta cantina, beco de S. Luiz da Pena, 9, mais uma sessão de confraternisação dedicada ás creanças que a frequentam, a exemplo do que se vem fazendo ha alguns mezes, nos terceiros domingos.

Nessas sessões são lidos trechos dos «Lusiadas» e de outros livros em que são postos em destaque os vultos que deram gloria e brilho á Patria e ensinam-se ás creanças os seus deveres civicos e morais. São tambem distribuidos brindes pelas creanças, ás quaes é distribuida préviamente uma sopa.

O grupo musical «Os modestos» abrilhanta a sessão.

PELO TELEGRAFO

Na America do Sul

A produção de assucar brazileiro

RIO DE JANEIRO, 13.

A produção de assucar brazileiro durante o ano corrente está avaliada em seis e meio milhões de sacas, o que permite uma exportação similar para a Europa.—(Americana).

Não será negociado emprestimo algum no exterior

RIO DE JANEIRO, 13.

O governo desmente categoricamente a noticia de negociações para um emprestimo de alguns milhões de dolars, lançado nos Estados Unidos. Não se pensa em tal nem em qualquer outra operação que tenha por base o recurso ao credito exterior. Para cobertura integral do «deficit» orçamental está estudada uma remodelação tributaria que, como já foi noticiado, renderá no tesouro algumas dezenas de milhares de contos. Por outro lado o crescente excesso de exportação demonstra que a balança do intercambio comercial se acentua favoravelmente para o Brazil. Pode, pois, legitimamente encarar-se o futuro financeiro e economico do paiz segundo o criterio mais optimista.—(Americana).

Cotações cambiaes e do café

RIO DE JANEIRO, 13.

Cambio sobre Londres 16 7/32 e 16 9/32. Cotação do café tipo 7 corrido, 17$300.—(Americana).

Pobres d'«A Capital»

Do tenente da administração naval sr. Carlos Chaves Costa, em serviço no quartel general de Moçambique, recebemos 5800 para distribuir pelos pobres nossos protegidos.

Foram contemplados com $50 cada um:

Elisa da Conceição, rua das Salgadeiras, 24; Maria Rosalia, t. do Bela Vista, 20, r. c.; Conceição Cruz, Diario de Noticias, 155, 1.°; Maria Filomena, r. das Gaveas, 16, 2.°; Conceição Matos, t. da Espera, 46, 4.°; Mercês Franco, r. do Norte, 144, loja; Caetana dos Santos, r. Diario de Noticias, 54, 1.°; Mariana d'Almeida, r. Marçal Vaz, 2; Tereza Rodrigues, pateo Vila Amelia, á Fonte Santa.

Em nome dos beneficiados os nossos agradecimentos.

O sr. presidente da Republica em Coimbra

O programa dos festejos nos trez dias

COIMBRA, 13. — Reuniram hoje na camara municipal com o sr. Barreto da Cruz e os delegados do ministro da guerra as comissões dos festejos e da recepção ao chefe do Estado para se assentar definitivamente no programa, ficando resolvido que a chegada se efectuasse no dia 29, seguindo-se as boas vindas na camara municipal, dirigindo-se depois o sr. dr. Antonio José d'Almeida para a Universidade onde ficará instalado. No mesmo dia, ás 19 horas, visita á cantina escolar, assistindo á refeição no salão do municipio. No dia seguinte, sessão solene na Universidade e banquete. No dia 1.° de dezembro, parada militar para a condecoração da Torre e Espada ao regimento de infantaria 23. Recepção dada pelo sr. presidente da Republica, visita á Associação dos Artistas e recita de gala.

Louca internada no Telhal

Uma reclamação dirigida a «A Capital»

Na nossa redacção foi hoje recebida uma carta assinada pelos moradores do predio n.° 50 do Caminho do Forno do Tijolo e dalguns predios proximos, na qual se pedia que reclamassemos providencias contra o facto de no segundo andar dessa predio estar ha uns dois mezes uma mulher que dava evidentes sinaes de loucura, incomodando a vizinhança, ameaçando-a, fazendo scenas imorais e constantes tropelias.

Imediatamente nos dirigimos ao sr. dr. Tavares Festas expondo-lhe o que se passava e, embora retido em casa por doença, teve ele a amabilidade, que muito lhe agradecemos, de pouco depois nos informar de que essa mulher, de nome Maria José das Dôres, hontem mesmo dera entrada no Telhal, com autorisação do sr. governador civil.

Ficam assim satisfeitos os desejos dos que se nos dirigiram.

Aviação

O aviador inglez Raynham não saiu hoje de Alverca, para ir aterrar na Amadora, como fôra anunciado. Crêmos que o motivo do adiamento foi o achar-se alagado o campo de Alverca, em virtude do temporal da noite passada.

Espera-se que se efectue amanhã o vôo.

INQUILINOS E SENHORIOS

O inquilinato comercial e o da habitação

O capital foge de construir, porque não aufere um juro sequer razoavel

—Viu já, pelos exemplos que lhe citei, que os senhorios nada ganharam com a guerra. Pelo contrario, perderam, e muito, porque novos encargos e encargos pesados foi a parte que lhes pertenceu no meio dos males que a terrivel calamidade causou e continua ainda a causar.

«Ao passo que ao proprietario isso sucede, o mesmo se não dá com a classe comercial, que lucrou e continua a lucrar. Não é, pois, justo que uns sejam sacrificados e outros sejam os unicos a auferir os beneficios. Não é a inveja que me faz falar, não póde crel-o, mas apenas o desejo de que se atenda aos justos interesses de uns e outros. Todos são dignos de ser protegidos pela lei e esta não deve ser de excepção. Não faz sentido.

«Do resto, já demonstrei que o Estado perde milhares de contos, por ano, por não querer tomar em consideração a maior valia. Não só são lezados os proprietarios, como o tezouro publico, assim como a propria camara municipal, que deixa de receber tambem centenas de contos por ano.

—Entende então qué?...

—Entendo que deve ser promulgada uma lei que garanta a estabilidade ao inquilino, mas que ao mesmo tempo garanta ao senhorio uma renda equivalente á maior valia do seu predio.

—Como a lei franceza, não?

—Exactamente. Nós vamos assistindo á intensificação dos negocios na parte central da cidade. Dia a dia, escritorios, armazens, vão ocupando os andares que antigamente eram destinados a habitação. Daí, evidentemente, uma maior valorisação dos predios. Porque não ha de, portanto, o senhorio, compartilhar do maior valor do que é seu? «Tal como está, a lei só serve para o inquilino, que fez uma fortuna, fechar a sua carreira com chave de ouro, arranjando um trespasse vantajoso, ou seja a venda feita pelo inquilino do que legitimamente pertence ao proprietario. Chega a ser uma imoralidade.

«Mas nas leis que se teem feito apenas se tem tratado de garantir o inquilino, descurando por completo os interesses do senhorio. O resultado está patente: a falta crescente de habitações. O problema é complexo.

«Falámos já nessa falta, mas vou hoje dar-lhe alguns dados para poder falar com justiça da causa.

—Voltemos então a referir-nos ao inquilinato da habitação?

—Sim, para não nos tornarmos maçadores, falando sempre do mesmo assunto.

—Falou na falta de habitações. A que a atribue?

—Eu lhe digo. Atacado de todas as maneiras pelas leis do inquilinato, o capital fugiu do emprego na propriedade urbana.

—Mas ainda se vê construir novas propriedades, embora em numero mais restrito que antigamente. Portanto...

—Essas propriedades não são feitas por conta de proprietarios que nelas queiram empregar o seu capital. São mestres de obras e até mesmo simples operarios que, recorrendo á agiotagem mais desenfreada, se abalançam a fazer essas construções para as vender logo que lhes aparece um comprador. E' um negocio como qualquer outro. Numas construções ganham, noutras perdem, mas sempre é melhor mandar do que ser mandado e, além disso, empregando maus materiaes, construindo mal, sempre alguns teem conseguido arranjar mais ou menos fortuna. Chamam os operarios honestos a esses empreiteiros «os gaioleiros» e a designação é bem aplicada, porque, em verdade, a maior parte desses predios são umas verdadeiras gaiolas.

—Mas a fiscalisação da camara municipal...

O nosso entrevistado interrompe-nos:

—A fiscalisação! Como se nós todos não soubessemos como ela se exerce. Para que não falar com franqueza? Por um fiscal cumpridor dos seus deveres ha vinte que são uns desleixados—note bem que já não digo venaes—e que tanto se lhes dá, como se lhes deu. Alguns mesmo teem tambem os seus negocios e não podem perder tempo com frioleiras. O certo é que as coisas se arranjam sempre de modo a que o «gaioleiro» não tenha que sofrer.

«Mas vamos lá a continuar. Além dos juros que teem de pagar aos agiotas, do excessivo custo dos materiaes e da mão de obra, esses empreiteiros ainda teem de pagar ao Estado a contribuição de registo por titulo «oneroso», quando vendem esses predios. De tudo isso resulta que um predio novamente construido fica por um preço excessivo, o que, como é de ver, dá origem a que as rendas sejam elevadissimas. E, apesar disso, o capital não chega a tirar o juro de 4 por cento—ouviu bem? — 4 por cento.

—Não compreendo.

—Pois ámanhã lhe darei um exemplo concreto, para que não diga que eu exagero. E verá que a culpa é principalmente das leis do inquilinato.

A. C.

Concertos Blanch

O ponto de reunião elegante da nossa sociedade nas tardes de domingo de inverno é sem duvida os concertos da Orquestra Sinfonica Portugueza dirigida pelo ilustre maestro Pedro Blanch. A assinatura que já está aberta tem sido concorridissima, todos os antigos assinantes teem reclamado os seus logares e ha numerosas novas assinaturas.

Os concertos Blanch no São Luiz, revestirão este ano extraordinario brilhantismo, pois a orquestra contem novos elementos artisticos de valor e os programas são sempre diferentes encontrando-se em todos os concertos novas obras em primeira audição dos mais notaveis autores classicos e modernos.

SECÇÃO FEMININA

AS MINHAS CARTAS

Outubro morreu.

Na nevoa transparente duma tarde luminosa, esfolharam-se lentamente, saudosamente, as ultimas rosas de outono.

Agora, em despedida, pela bruma doirada do verão de S. Martinho, florescem nos canteiros centenas de crisantemos.

E' o sol que se despede em requintes de estesia e de Beleza.

Crisantemos!...

Brancos para os altares da Virgem, doirados como despedidas do sol, vermelhos como canções do estio, em toda a parte florescem.

Das janelas burguezas de Lisboa desaparecem o mangerico e o cravo de S. João.

Agora, em vasos de barro ordinario cheios de fendas e lascas, a alegrar a casa tristonha e sem conforto, a poetisar o perfil sem frescor das raparigas de Lisboa, vicejam galhardamente as «despedidas de verão».

Uma haste, duas hastes, tres quando muito, mas assim mesmo que alegria espalham e que saudades deixam!...

Ainda ha poucos dias passei nas Belas Artes. No grande «hall» iluminado por uma vaga penumbra de misterio, amontoavam-se em «gerbes» dum desarranjo artistico, centenas e centenas de crisantemos aperfeiçoados e estilisados. Formosissimos, certamente, mas que maior simpatia pelo vasinho burguez e prazenteiro!...

Morrem as flôres, agonisa o sol...

Dia de finados.

Em piedosa romaria Lisboa foi ha dias chorar aos cemiterios qualquer bem que perdeu. Numa comunhão sagrada de Dôr, ricos e pobres, nobres e plebeus, confundiram-se nas ruas dos cemiterios e em todas as mãos se agitavam tristes e saudosas as ultimas flôres do outono.

Dir-se-ia que em dia de finados se enterram tambem as flôres!...

Novembro principia. Piedosamente dá-nos ainda lindas tardes de sol.

Hoje um dia formosissimo.

O céu é uma grande sinfonia azul e doirada; o chão um precioso tapete de folhas estaladiças.

Agora em cada porta de escada, em cada esquina de rua, surge o garoto desgrenhado e ladino, na sua eterna ladainha:—Quentes e boas, quem quer quentes e boas?

E no poial das portas é ainda o estalar das castanhas novas, a nota acentuada de novembro.

Lembro-me agora saudosamente desses antigos magustos em que tanta alegria brilhava e tanta castanha estalava...

Era quasi sempre no campo.

A's vezes com semanas e semanas de antecedencia, juntavam-se duas ou tres familias amigas para combinações, e lá se resolvia o importantissimo problema da escolha do local. Chegava finalmente o dia de S. Martinho. Umas vezes o sol doirava ao alto a casaria; outras vezes caia constantemente uma chuva meudinha que gelava mas não entristecia a festa do magusto.

Logo de manhã—para bem aproveitar todas as horas—começavam a juntar-se os grupos familiares.

Então em toda a parte onde florisse uma despedida de verão, em todos os cantos onde crescesse uma herva tenra e fresca, brilhava em grandes labaredas fulvas a tradicional fogueira de S. Martinho.

Corria de mão em mão o copinho de «agua pé», estalavam as castanhas, e a alegria crescia sempre...

A' tardinha, voltavam á pacatez do lar e em todos os grupos, sistematicamente, o mesmo se repetia.

A' frente corria a pequenada; mais atraz compassadamente as pessoas de respeito mastigavam as ultimas castanhas e os ultimos comentarios; finalmente mais atraz ainda, duas creadinhas de avental de riscado e cabelos arrepiados, levavam em grandes cestos de verga os restos do festim.

E em todos os corações uma festa, em todas as bocas um sorriso!...

Sacudida pelo arsinio gelado que novembro nos trouxe, Lisboa começa finalmente a libertar-se da morbidez doentia em que a deixaram a doçura continuada de muitos mezes de sol.

Automoveis de luxo começam a estacionar junto aos passeios polidos das ruas elegantes. De resto, a Lisboa artista, começa tambem a agitar-se.

Um fremito de anceio perpassa em cada dia que morre.

Nas Belas Artes, nas livrarias, nas sessões literarias, discute-se acaloradamente o sucesso mais ou menos certo de tal livro, tal peça ou tal quadro.

E' a vida que renasce intensa e gloriosa...

Os mestres—os grandes privilegiados—acariciam projectos sensacionaes.

Afincadamente, galhardamente, os novos trabalham.

E todos nós aguardamos cheios de esperança e de fé, as surprezas que o inverno nos reserva.

Anoitece. Na grande basilica da Estrela, as badaladas caem,—tristes como sombras.

Pesadamente o humilde empregado da Companhia do Gaz acende os malfadados candieiros da minha rua.

Com a solenidade habitual voltam á reserva os «carrapatos» até que uma nova crise os traga mais uma vez á luz... do «petroleo»...

Noite pesada. No céu desperta a lua, conversam baixinho as estrelas, na fria claridade duma noite de novembro.

Tristemente, angustiadamente, agonisam as ultimas flôres da estação...

A meu lado, num vaso de cristal, esfolha-se em convulsões de chôro uma rosa encarnada...

Novembro. Em cada porta, em cada esquina estalam castanhas novas, emquanto lá no alto, muito alto, vae resando por nós o velho S. Martinho...

11 de XI 1919.

Maria Teles.

Theatros e Cinemas

Primeiras e reposições

TEATRO NACIONAL — «O Cardeal», peça em 3 actos.

Depois da «Flor de Seda», de Decourcelle, já vista no teatro Avenida e com que se efectuou a abertura do teatro Nacional, subiu ali hontem á scena «O cardeal», já visto ha anos no D. Amelia e depois naquele mesmo teatro.

No louvavel intuito de se colocar peças estrangeiras e já vistas no palco do primeiro teatro lisboeta, a gerencia daquela casa proporcionou um belo espectaculo, com casa á cunha; da peça os leitores podem saber dos nossos impressões, voltando a ler a «Capital» de alguns anos atraz; do desempenho, sabe-se tambem já do admiravel João de Medicis que Brazão cria na peça, e o relevo cada vez mais brilhante que Albuquerque, Rafael Marques, Erico Braga, etc. dão ás personagens que encarnam.

E' possivel que nas proximas recitas tenhamos os «20 mil dolars», os «2 garotos» e o «Morcego».

EDEN-TEATRO — «O Sonho de Valsa», opereta em 3 actos, musica de Strauss.

Das operetas mais antigas das modernas operetas, o «Sonho de Valsa», tem uma partitura lindissima e uma vida que legitimamente a pode levar a grandes consagrações populares.

O «Sonho de Valsa» reapareceu hontem no Eden, metido n'um belo scenario, um vistoso guarda-roupa, e com muita vivacidade por parte de Cremilda, que brilhou extraordinariamente no 2.º acto, destacando-se do conjunto fraco.

A' peça forram mais vincadas as escabrosidades, empenhando-se alguns actores em frisar as frescuras, julgando tratar-se de revista, de fórma que o espectaculo é bastante fresquinho para damas.

Os restantes artistas, Gomes, Irene Gomes e Litaly procurando acertos, e Pinto Ramos muito fundo e o genial artista Matias de Almeida a meter piadas da sua casa como, no meio d'um «couplet», «pagas alguma coisa?», o que prejudica o conjunto e dispõe mal, embora esse ilustre artista o não julgue.

A orquestra e côros do Eden, sob a direcção de Bernardo Ferreira.

A. F.

Noticiario

Portugal

O atleta Ruy da Cunha está montando um numero novo que consta de um acto passado num café, e que termina por um ataque dos «apaches», e em que Ruy da Cunha faz a defeza de um pelo metodo de jiujutsu.

Teve a gentileza de vir despedir-se a sua partida para o norte a actriz Justina de Magalhães, da companhia Pratas.

—Comemorando ámanhã, sabado, o universario da implantação da Republica no Brazil, realisa no Politeama a companhia Aura Abranches-Chaby Pinheiro uma sensacional recita de gala, dedicada á ilustre colonia brazileira, com a famosa comedia «Blanchette», que todas as noites se repete com extraordinaria exito.

Hespanha

«Leonarda», a peça de Bjornsterne Bjornson, que na ultima sexta-feira subiu á scena no teatro Eslava, de Madrid, trata e combate os prejuizos sociaes e a intolerancia religiosa. Não agradou nem desagradou.

—No teatro Reina Victoria, estão alternando em scena as operetas «Las Veronicas», «Los trovadores» e «La duqueza del Tabarin».

—Hontem subiu á scena no teatro Centro a nova peça de Muñoz Seca, «Les sentiers de la vertu».

França

Ainda esta semana subirá á scena, na Comedia Franceza, «L'Hérodienne», de Albert du Bois.

—No Gaité-Lyrique vão representar-se as operetas de Lecocq «La Camargo» e «Ali-Baba».

—Maurice Donnay tem no Variatés uma nova comedia, que sucederá em epoca ainda não fixada, á peça «Les sentiers de la vertu».

—No Nouveau Théatre Libre subiram á scena «La Maison épargnée», 3 actos de Jean-Jacques Bernard e «Aux Oubliettes, de E. Violette.

—Na recita de despedida de madame Lara, na Comedia Franceza, madame Eve Francis representará, com mr. Max, um acto da peça «Tête d'Or».

—Está constituido o Sindicato profissional livre dos artistas dramaticos de lingua franceza.

Belgica

André Brulé, que ha seis anos não vae a Bruxelas, dará no teatro das Galerias de Santo Humberto, daquela capital para onde parte hoje, uma serie de representações.

Representará «Raffles», «Triplepatte», «Coeur de Moineau», «Le coeur d'eposé», «L'Epervier» e «Arsène Lupin» e, em «matinées» classicas, «Il ne faut jurer de rien», «On ne badine pas avec l'amour», «Gringoire», «La Nuit d'Octobre» e «Les Romanesques».

Inglaterra

Acaba de representar-se com exito brilhante no Oxford Theatre, de Londres, a opereta «Magic», que Marcel Lattés escreveu para um libretto de Etienne Rey e Jacques Bousquet.

Brazil

Damos, a seguir o entrecho da lindissima peça brazileira de Viriato Correia, que subiu no teatro de S. Pedro, e subirá talvez á scena em Lisboa pela companhia Vasconcelos, no S. Luiz.

«Lá muito longe, no sertão do Brazil, onde o rumor do progresso das cidades chega apenas de leve, como uma novensinha ténue que se esvae ao primeiro sopro de uma ligeira brisa, nascera e vivia, entre risos e flôres, uma creaturinha simples, formoso e meiga como a Mãe do Nazareno—a Juréty.

Não era esse o seu nome de batismo; chamavam-lhe assim por que em saltitante e esquiva como essas selvagens pombas selvagens das florestas brazileiras.

No sertão, todos a adoravam. Era ela a alma côr de rosa d'aquele cantinho abençoado de terra. E que alegria comunicava a interessante menina áqueles a quem, sorrindo para mostrar o fio encantador dos seus dentinhos ebúrneos, dirigia, todas as manhãs, airosamente, os seus «bons dias» sonoros!...

Era orfã, a Juréty. Mas tinha quem a amasse, e muito, que as creaturinhas lindas e boas creou-as Deus para o amor: Grauna, um rapaz do campo, varonil como um Hercules, trabalhador e honesto como o mais honrado e laborioso dos trabalhadores, tinha-lhe dedicado a vida, em troca da conquista risonha do seu admiravel coraçãosinho.

Era um par todo feito de ternura, aquele; era a união simbolica, feita por creaturas humanas, de duas das mais encantadoras avesinhas dos bosques floridos do Brazil—Grauna e Juréty. E a felicidade parecia disposta a acompanhar sempre aquelas duas almas cheias de pureza.

Quiz, no entanto, a sorte, um dia, que ao sertão fôsse parar o filho de um fazendeiro, que havia concluido os estudos na cidade.

Fez-se grande festa; houve banquete, discursos, musica, foguetes, vivas, etc., e, depois, já resolveu o rapaz ficar algum tempo no sertão, em companhia dos paes.

Sentia-se feliz, o moço estudante, por se ver rodeado pelos seus e por belezas inegualaveis da terra em que nascera; mas, mais do que isso, seduziram-no a formosura e a simplicidade irresistivel da meiga Juréty, que ele, na sua estroinice de rapaz, decidiu conquistar... e desgraçar!

Rapidamente, meteu hombros á empreza; mas—alto! que a Juréty não se deixava iludir assim!...

—Homens para me atirar ao charco, para esmagar a minha honra como se esmaga um pé um reptil venenoso—diz-lhe ela, altivamente—não me faltarism, se eu os quizesse! Mas não! A Juréty, quando faz ninho escolhe um companheiro para toda a vida! Simples e pobre, mas afectuosa como nenhuma outra, quer e ha de pertencer a um só!...

Nada consegue, portanto, o moço da cidade.

A intriga vem, porém, destruir em parte a felicidade da linda Juréty.

Uma mulher, vibora como todas as intrigantes, vae dizer a Grauna que a Juréty se tornára a amante do joven da cidade, e Grauna, ciumento, diante de umas provas falsas que lhem tomado por verdadeiras, repele publicamente a meiga Juréty. Esta jura-lhe que está inocente; Grauna não quer ouvir e insulta-a.

Surge a verdade e, agora, é a Juréty que o repele e Grauna que lhe implora perdão.

Juréty é, porém, inflexivel. Vibra-lhe a alma sertaneja. Diz-lhe:

—Duvidaste de mim? Não és digno do meu afecto! Não te pertencerei jámais!

E escolhe para esposo um pobresinho, um aleijado, que a amava em silencio e que tinha sido o unico que lhe abrira os braços, quando Grauna, ciumento, diante da tanta gente, a havia repelido com insultos.

VIDA SPORTIVA

Pelos clubs

(Comunicações oficiaes)

Grupo Sport Cruz Quebrada

Por ordem do sr. vice-presidente, é convocada a reunir a assembleia geral, em sessão extraordinaria, ámanhã, pelas 21 horas.

Não havendo numero legal de socios, a assembleia funcionará ás 22 horas do mesmo dia, com qualquer numero de socios. Ordem da noite: Eleição dos corpos gerentes vagos.

A questão do peixe

A sessão camararia de 7 de outubro p. p. — Medidas para baratear mento da carne — O frigorifico magnifico — Nunca a C. de S. diz como e quando paga — O barateamento do peixe é feito por processo mais radical — Acaba uma lata para fazer duas — O corpo de vendedeiras ambulantes da Camara

A sessão camararia de 7 de outubro p. p. pode classificar-se de historica, porque se discutiram os essenciaes problemas da alimentação publica, e se encontrou a solução para haver carne e peixe baratos.

Investigue a Comissão de Subsistencias da Camara Municipal os meios de baratear o preço do pão, que pelo roubo chega a $60 o kilo, o assucar, a manteiga, etc., e sem duvida os encontrará. Os que andam fóra da Camara a estudar estes assuntos são incompetentes. A quinta essencia dos economistas refugiou-se no Pelourinho.

Ora veja-se como se ha-de comer carne barata e á farta em Lisboa, sabendo-se em primeiro logar quantas cabeças bovinas, ovinas, caprinas e suinas ha no paiz. Naturalmente, comem-se os numeros e as cabeças vão vivendo. Acompanhando o recenseamento do gado com a proibição de ele irpassear até Espanha come-se então a carne quasi de graça, chegando mesmo a pedir-se que a recebam á borla, logo que das colonias venham aqueles belos exemplares, que todos nós conhecemos pela estatura e beleza de forma e peso.

Com dinheiro para construir um amplo frigorifico para guardar as carnes congeladas que hão-de chegar para as kalendas gregas, e com o direito de requisitar o gado indispensavel para consumo da cidade completava-se a grande medida salvadora de requisitar o gado, o que não se diz como ele seria pago ao proprietario. Talvez este pagamento fôsse uma questão minuscula para a C. de S. como de pouca monta é a invenção do direito de requisitar o que é legitima propriedade de alguem.

Este direito encontra-se definido no codigo russo, que se pretende introduzir no nosso paiz, se a guarda republicana o não impedir. Com respeito ao barateamento do peixe o processo é mais radical, isto é, muito mais russo.

Os pescadores iam pescar, os armadores equipavam as suas embarcações com o seu dinheiro, e nos termos das leis actuaes a pescaria seria vendida em arrematação ou «lota» publica em todas as partes do paiz, excepto no porto de Lisboa, porque neste a Camara Municipal constituira-se a «unica» detentora do peixe que aparecesse á venda nos mercados de Lisboa.

Isto é, andavam os pescadores e armadores a trabalhar para esta freguesa—Camara Municipal—unica detentora.

Ora detentor ou é aquele que tem na sua mão o alheio, pelo codigo russo, ou pela lei. O codigo russo, apesar das boas vontades, ainda não está em vigor completo entre nós. Parece, pois, que é preciso haver uma lei que mande entregar á Camara todo o peixe que vem a Lisboa.

Haverá Congresso que vote tal lei? Parece-nos que não.

A consequencia logica desta mão baixa ao peixe é a terminação da «lota» actual. Ora, pela disposição de se vender o peixe na «lota» é cobrado o imposto do pescado. Acabada a «lota» como a C. de S. decreta, era uma vez o imposto. Mas onde era diz que não era, a «lota» actual não acabava, porque eram creadas «duas» «lotas» em vez de uma.

«Essas» «lotas» eram segundo a C. de S. «restritivas». A uma «lota» concorriam as vendedeiras ambulantes, e á outra concorriam hoteis, fabricas e exportadores.

O leitor achará estravagante que a C. de S. condenando o processo legal de vender na «lota» por imoral, anti-economico, etc., sendo preciso por-lhe termo, como propõe, creasse duas «lotas» e extinguisse a outra. Mas aquela gente não forma ideia alguma sobre a economia da industria da pesca, e por isso saem todos estes disparates, que varios tolos aplaudem.

As vendedeiras, que iam comprar á «lota» restritiva», formavam um corpo denominado «Vendedeiras ambulantes». Quem forma este corpo é a Camara. Com as dactilografas forma-se a banda, e em dias de regosijo nacional na retaguarda e por baixo dos bombeiros municipaes forma o corpo de vendedeiras ambulantes, tambem municipaes, armadas de gigo á cabeça, sob a imediata inspecção da Comissão de Subsistencias.

O leitor não está a ver bem toda a economia deste mirabolante projecto? E não lhe parece ter saido do Hospital Miguel Bombarda?

A'manhã verá o resto.

Salão Central

A quarta jornada da sensacional pelicula «As garras do leão», tem o titulo «A areia movediça». Nova e interessantes situações se desenrolam no decorrer dos seus quatro actos, cheios de formidaveis rasgos de abnegação, de renhidas lutas entre as raças branca e amarela, de autenticos prodigios de temeridade, emfim, de tudo quanto nos possa preocupar, maravilhando-nos.

Marie Walcamp, na simpatica e arrojada figura de Beth, em luta permanente com as feras e os fanaticos selvagens, é verdadeiramente assombrosa de dextreza e agilidade.

Na «matinée» de hoje teve logar a estreia do encantador «film» «O caminho mais longo», trabalho de grande força dramatica, a cargo de tres artistas ilustres: Deomira e Maria Jacobini, a primeira no desempenho da protagonista, e a segunda numa personagem bastante interessante, e Julio Carminati, o actor moderno, de notaveis aptidões, querido de todos os publicos.

O espectaculo d'esta noite será egual ao da tarde, o que equivale a dizer que o Salão Central terá uma nova e colossal enchente.

O Rocio—«O Pé de meia»

E' ámanhã, sabado, que se realisa a inauguração da epoca de inverno no teatro S. Luiz, com a 1.ª recita de assinatura e a 1.ª representação da nova fase da afamada revista «O Pé de meia», que Eduardo Schwalbach ampliou com um novo acto divido em 9 quadros, intitulado «O Rocio», em que apresenta esta praça com as diferentes transformações por que tem passado desde a Edade Media até agora. O novo acto tem 347 novas figuras e 34 novos numeros de musica dos maestros Del-Negro e Alves Coelho, sendo os fatos da casa Valverde e os scenarios de José de Almeida e Mergulhão feitos com toda a exacidão e rigor historico segundo copias e gravuras das diferentes epocas. As duas apotheoses novas de Mergulhão e Luiz Salvador são de grande efeito decorativo e originalidade. E' este um maravilhoso, interessante e instructivo espectaculo.

Ecos & Noticias

ANIVERSARIOS

Passa ámanhã o aniversario natalicio do sr. Luiz Bernardo d'Almeida, importante proprietario da Madeira de Cambra e desvelado protector da pobreza daquela região.

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

TRABALHADORES DE TEATRO.—Reune no domingo, ás 14 horas, em assembleia geral, no teatro Apolo, para apreciação do relatorio e contas, e eleição dos trabalhos de assembleia anterior.

A invernia

O Tejo apresenta-se agitadissimo, pondo em risco alguns barcos

Apezar de haver abrandado a chuva, que durante 40 horas não cessou de cahir, a ventania foi medonha a partir da madrugada, soprando com extraordinaria violencia da barra. O Tejo esteve por tal motivo agitadissimo, pelo que as pequenas embarcações se conservaram nas docas, tendo as restantes reforçado as suas amarras. Uma fragata carregada com trigo que se encontrava no caes João de Brito afundou-se, estando tambem em perigo pelas 8,30 uma barca que se encontrava em frente a Santa Apolonia.

O vapor «Apolo», que ainda ha poucos dias foi lançado á agua em S. Martinho do Porto, e que se encontrava fundeado em frente á Praça do Comercio, seguiu, pelas 7 horas, rio abaixo, por se lhe terem quebrado as amarras, indo abalroar com o cruzador «Vasco da Gama». Este e outros vasos de guerra pediram socorros que lhe foram prestados pelo rebocador «Furão», da Parceria dos Vapores Lisbonenses, o qual rebocou o «Apolo» para a Cova da Piedade.

Devido á grande agitação do rio, as carreiras para Cacilhas só começaram a ser feitas depois das 13. As carreiras dos vapores dos caminhos de ferro do Sul e Sueste, do Terreiro do Paço para o Barreiro e vice-versa, fizeram-se mas com bastante irregularidade.

O vento arrancou algumas arvores e arbustos não só em jardins publicos como particulares, tendo ficado bastante danificado o arvoredo do Caes do Sodré, junto ao Arsenal; tendo tambem cahido algumas guaritas destinadas á guarda fiscal.

As aguas do Tejo, bastante alterosas, chegaram a espraiar-se pelo referido caes, até á barraca destinada ao posto fiscal, ficando o largo junto á estação dos vapores pejado de limbos.

O lugre americano que hontem de manhã naufragou nos baixos junto a S. Julião da Barra, ficou hoje completamente destruido pelas vagas, indo a sua carga, que constava de aduela, dar ás praias proximas.

Trata-se do lugre americano «Judge Boyce», de mil toneladas, da praça de New York, com 9 homens de tripulação e uma creada de bordo, sendo o barco comandado pelo capitão sr. Osborne Ray.

O lugre, que vem consignado á agencia Garland Laidley & C.ª Ld.ª foi acossado nas costas portuguezas por uma violentissima tempestade de vento oeste, que o arrastou para os baixios da barra.

A forte cerração e a chuva impediu que fossem vistos os faroes e a embarcação seguisse á mercê da corrente. O capitão Ray apresentou-se no consulado dos Estados Unidos da America a participar o ocorrido, indo depois á agencia Garland Laidley entregar os papeis de bordo. Os naufragos, que ficaram durante a noite de hontem em Paço d'Arcos, chegaram no comboio das 16 horas e 45 minutos ao Caes do Sodré, indo hospedar-se no hotel Sul-Americano, do largo de S. Paulo.

Os prejuizos foram totaes, pois, como já acima deixamos dito, perdeu-se não só o lugre como a carga. Esta, que vem consignada ao sr. José Lince, está avaliada em 30 a 35.000 escudos e a embarcação em 100.000.

Durante o dia, correram os mais desencontrados boatos sobre grandes sinistros no Tejo, chegando a dizer-se que um vapor do Barreiro, apinhado de passageiros se tinha afundado a meio do rio.

Esta noticia, bem como outras que os alviçareiros espalharam, não tinham, felizmente, o menor fundamento.

Ainda devido á chuva que hoje de madrugada cahiu sobre a cidade, continuou a abater a parede trazeira do predio 13 e 15 da rua Nova do Desterro, que hontem havia começado a desmoronar-se. E' natural que o predio abata por estes dias, pois se trata de uma velha propriedade, que ha muito ameaça ruina.

Não se registaram desastres visto o predio em questão, desde hontem, estar desabitado por determinação dos tecnicos dos bombeiros municipaes.

Uma tragedia no Bairro Alto

Está livre de perigo Maria Marques hontem agredida a tiro pelo irmão

Num dos calabouços do governo civil encontra-se detido o serralheiro José de Jesus Marques, que hontem, no 2.º andar do predio n.º 86 da travessa dos Fieis de Deus, disparou alguns tiros de revolver sobre sua irmã, Maria da Conceição Marques, a quem encontrara em crime de adulterio com Antonio Pereira, antigo mecanico do C. E. P. e ultimamente proprietario da antiga oficina de torneiro de metaes na travessa do Cabral, 50. O Pereira ficou morto com uma bala na cabeça, sendo o seu cadaver removido do posto da Mizericordia para a Morgue.

A Maria Marques, que recolhera em estado grave á enfermaria do mesmo posto, encontra-se já livre de perigo.

A participação do ocorrido foi hoje entregue ao chefe sr. Eduardo Tavares, da 4.ª secção, que encarregou o agente Mira de interrogar o preso e organisar o respectivo processo.

Publicações recebidas

O LIVRO DO CIDADÃO SOLDADO.—Vae já na terceira edição esta obra do distincto oficial capitão de infantaria sr. José E. Moreira Salles. Acrescentou o autor alguns capitulos novos, como sejam aqueles em que se refere á Russia e o que diz respeito ao modo como devemos preparar-nos para concorrer ás Olimpiadas de 1920. E', na realidade, obra de verdadeira educação e o seu exito está mais que comprovado com as sucessivas edições.

GUIA ILUSTRADO DO PORTO.—A Sociedade Propaganda de Portugal editou, em francez, um guia ilustrado do Porto, muito util ao turista e até mesmo para os que conhecem a capital do norte, mas que nunca foram de passeio aos seus arredores.

ATLANTIDA — Acaba de sair o numero 41 do 4.º ano desta magnifica revista, que traz, como sempre, escolhida colaboração, entre a qual um artigo em italiano de Gina Lombroso Ferrero e dois, em francez, de Louis Vauxcelles e de Francis de Miomandre.

LA HACIENDA—O sr. Francisco Dias da Silva, com escritorio na rua Arco Marquez de Alegrete, 13, 1.º, enviou-nos mais um numero deste mensario ilustrado de agricultura, pecuaria e industrias ruraes, que se publica em Buffalo, Estados Unidos.

Festas associativas

ACADEMIA RECREIO ARTISTICO — Domingo, ás 21 horas, para apresentação do novo Grupo dramatico Recreio Artistico a representação da opereta «A viuva alegre em Cascaes», seguindo-se baile.

GRUPO RECREATIVO LUSITANO—Realisa-se depois de ámanhã, ás 19 horas, no salão do Centro Escolar Democratico Español, uma festa consistindo em concerto, recitação do drama «Culpa e perdão» e da comedia «Doido... por conveniencia», seguida de baile.

Os escandalos nas subsistencias

O agente Teixeira, da policia de investigação, ouviu já o sr. Carlos Fernandes, funcionario do extinto ministerio dos abastecimentos, suspenso do serviço, por contra ele pesarem acusações de graves irregularidades praticadas em serviço.

O sr. Fernandes era tambem acusado de ter dado descaminho a uma guia de remessa de 50 sacas de assucar, requisitadas pela Camara municipal de Vila Nova de Ourem. Não se provou a acusação.

Jovens escritores, desconhecidos literatos, A CAPITAL premeia

UM ROMANCE

original, inedito, completo, em qualquer genero e boa linguagem.

Jovens amadores de teatro, poetas e escritores, futuros dramaturgos, A CAPITAL premeia

TREZ PEÇAS

de teatro, em 1 acto, prosa ou verso, comedia, drama ou farça original e inedita.

A questão da manteiga

Para o publico não ha, mas ha-a para quem o ministerio da agricultura entende e quer

Ha tres dias ocupou-se «A Capital» da falta de manteiga. Nesse mesmo dia, um senador chamava a atenção do governo para o facto, dizendo que, presentemente, era o governo o açambarcador. Foi em plena senado que essa acusação foi feita.

Nós não iremos até esse ponto, mas diremos que o publico continua a não ter onde comprar esse indispensavel produto. As manteigarias não a teem para venda, visto que a não podem vender sem autorisação do ministerio da agricultura, mas são obrigadas a fornecer da que teem em deposito mediante as requisições que lhes são apresentadas, e ao preço de 2$10 o kilo, ás mercearias que conseguem obter despacho no ministeroi.

Ainda ha poucas horas tivemos na mão uma dessas requisições. Era de 50 kilos. Pois o mais curioso é que se vae ás mercearias e, ai, respondem-nos invariavelmente que não ha, que não teem. Como se comprehende isto?

Nós não percebemos. O que vemos é que só ante-hontem, por volta das 17 horas, ás manteigarias foram autorisadas a vender uma pequena porção da que tinham, que desapareceu, escusado é dizel-o, num abrir e fechar d'olhos. Nem hontem, nem hoje, nem ámanhã, o publico conseguirá tel-a, a não ser que nas altas regiões se veja que este estado de coisas não pode, nem deve continuar.

Atropelado por um electrico

Manuel Gil Peres, de 45 anos, cosinheiro, morador na travessa do Monte do Carmo, 17, 3.º, quando hontem de manhã passava na rua da Escola Politecnica, foi atropelado por um electrico, guiado pelo guarda-freio 585, José Gomes, ficando muito ferido pelo corpo, cabeça e com o braço esquerdo fracturado.

Noticias da Capital

As armas de fogo

E' ámanhã remettido ao 1.º juizo de investigação criminal o guarda-civico 1552, Albino da Fonseca, que se noite de 10 do corrente, estando de brincadeira com o seu companheiro de casa Constantino Rodrigues, do pateo do Monteiro, 10, ao Beato, o matou involuntariamente com um tiro de pistola, quando lhe apontava a arma. A policia da 4.ª secção de investigação apurou tratar-se de um desastre.

Explosão de oxigenio

Ferido de gravidade

Na farmacia Teixeira Lopes, rua Aurea, 154, deu-se esta tarde uma explosão de oxigenio, indo os estilhaços do recipiente que o continha ferir gravemente na cabeça e nos braços o servente do estabelecimento Juvencio dos Santos, de 27 annos de edade, residente no beco das Farinhas, 17, 1.º, E.

O estampido atrahiu muita gente ao local, onde logo compareceu um automovel da Cruz Vermelha, que levou para o hospital de S. José o ferido.

A' hora a que escrevemos está a sofrer a operação da trepanação, devendo recolher á enfermaria de Santo Antonio.

ULTIMAS NOTICIAS

AOS LEITORES

«A Capital» no dia 2 de janeiro proximo, inicia a publicação do novo trabalho que o grande prosador e unico escritor moderno

Dr. Julio Dantas

está elaborando com o meticuloso cuidado, o raro engenho artistico que sabe pôr nas suas obras. A prosa mascula, vibrante, do autor da «Patria Portugueza», do historiador de tantas glorias literarias, —a recente «Carlota Joaquina», «O amor em Portugal no seculo XVIII», ao cronista preferido e delicado das «Espadas e Rosas», «Mulheres», «Ao ouvido de M.me X...», —dará á nossa historia mais um exemplo do altissimo valor de Julio Dantas, e assim

As grandes batalhas

será a obra gloriosa dos portuguezes que se bateram na maior campanha da Humanidade.

POLITICA

A interpelação do sr. Bernardino Machado

E' na proxima terça-feira que se realisa no Senado a interpelação do sr. Bernardino Machado ao sr. ministro dos negocios estrangeiros.

PARLAMENTO

Nos Deputados

Projetos regionaes

Em harmonia com o artigo 77.º, a sessão de hoje foi exclusivamente destinada á discussão de projectos regionaes.

Continua a discussão do parecer n.º 92, sobre um projecto apresentado pelo sr. Paiva Mansó, autorisando o governo a contrair um emprestimo até á quantia de 150.000$00 por 25 anos destinado á aquisição ou construção d'um edificio, mobiliario e material de ensino para a Escola Industrial do Infante D. Henrique, do Porto.

O sr. Jorge Nunes diz que o projecto não pode ser aprovado, por trazer acrescimo de despeza. Estranha que a lei travão não seja respeitada, e que o sr. ministro das finanças não tivesse sido ouvido.

O sr. ministro das finanças diz que não estamos em periodo de fazer entrar em acção a lei travão, visto que ainda nem sequer foi iniciada a discussão do orçamento. Diz que concorda em absoluto com os considerandos que precedem o projecto e que largamente o justificam.

O sr. Raul Tamagnini, como relator, defende a necessidade de ser aprovado o projecto, alegando que a escola referida está instalada num horrivel pardieiro, por cuja renda o Estado está pagando anualmente 2.000$00.

O sr. Virgilio Costa, como membro da comissão de ensino tecnico, concorda com o projecto, manifesta a necessidade que ha de se desenvolver o ensino industrial e comercial no paiz.

O sr. Paiva Manso aduz as razões que determinaram a sua apresentação e explica á camara as circumstancias, devido á pequenez e miseria do edificio em que actualmente está instalada a Escola Industrial Infante D. Henrique, em que se encontra o ensino nessa escola.

O sr. Brito Camacho acha que o projecto não devia entrar em discussão nesta altura, por ser inconstitucional, indo de encontro á doutrina do n.º 4 do artigo 36.º da Constituição e manda para a mesa uma moção na qual a camara, reconhecendo a sua inconstitucionalidade, resolve retirar o projecto da discussão.

O sr. Antonio da Fonseca entende que a lei travão não é aplicada ao caso. Acha que não vem a proposito a questão prévia, devendo-se continuar a discussão do projecto.

O sr. Manuel José da Silva diz que a minoria socialista dá o seu voto ao projecto.

O sr. Jorge Nunes diz que ultimamente a comissão de finanças está dando pareceres de tal maneira deficientes que a camara precisa aprecial-os com rigor e muito cuidado.

Não havendo mais ninguem inscrito poz-se á votação.

O sr. Antonio da Fonseca requer prioridade para a sua proposta que consiste em substituir as palavras «por 25 anos» por estas «ao juro maximo de 5 por cento e amortisavel em 25 anos».

Aprovado o requerimento, é depois aprovada a proposta de substituição do sr. Fonseca, ficando prejudicada a moção do sr. Camacho.

Em seguida aprova-se o artigo salva a emenda. São tambem aprovados sem discussão os artigos 2.º, 3.º e 4.º.

Em seguida passa-se á discussão do projecto 1362, que ainda não tem parecer, autorisando o governo a contrair um emprestimo até á quantia de 150 contos, por 40 anos, destinado á aquisição e adaptação ou construção de um edificio para a instalação da Escola Comercial Veiga Beirão, de Lisboa, e aquisição de mobiliario e material escolar, falando sobre ele os srs. Jorge Nunes que se manifesta contrario a tal, protestando contra a constante irregularidade de se discutirem projectos sem parecer; Mariano Martins tambem acha que se não deve discutir o projecto; Virgilio Costa manifesta-se contrario á opinião do orador antecedente, defendendo o projecto; Augusto Dias da Silva diz que a minoria socialista não vota o projecto por não ter parecer.

No Senado

O milho colonial — Importação de assucar

O sr. Gaspar de Lemos pergunta ao sr. ministro da agricultura se está habilitado a fornecer milho ao districto de Coimbra ou a promover a sua baixa de preço na região do norte. Faz considerações sobre a cultura, para concluir que o governo poderia atacar o problema das subsistencias por meio de intensificação de transportes internos. Diz-se que o governo dispõe de muito milho colonial. Se assim é, acha que ele deve ser distribuido no sentido de normalisar o funcionamento do mercado. Manda para a mesa um projecto de lei.

O sr. ministro da agricultura diz que a ultima colheita de milho foi das mais abundantes, apezar do que o seu preço tem aumentado bastante. O governo tem, de facto, á sua disposição quantidades de milho muito apreciaveis em Lisboa e Porto, estando a vendel-o por preço regular. Milho colonial está tambem a vender-se por custo egualmente regular, devendo-se a isto não se ter agravado o preço de maneira exagerada. Não será necessario importar grandes porções de milho americano ou colonial, para se garantir a sua abundancia. Ha, realmente, necessidade de normalisar os mercados, mas isso não pode deixar de se recorrer a artificios sem que se aplanem dificuldades que se antepõem em todo o mundo á perfeita liberdade do comercio.

Precisa estudar-se o meio termo para se restabelecer essa liberdade, emquanto não se aumentarem os transportes maritimos e terrestres.

Respondendo a perguntas feitas n'outra sessão pelo sr. Alvares Cabral acerca da importação do assucar, diz que o governo resolveu dar livre entrada ao assucar em quadrados, tomando essa medida em virtude de não se poder distinguir se é nacional ou estrangeiro, pois ele se apresenta em cristaes iguaes. Se houvesse liberdade de transito ao assucar estrangeiro, ele encareceria todo porque o nacional, confundindo-se com aquele, assumiria o seu preço. Assim, em paralelepipedos a confusão não poderá dar-se, porquanto em Portugal está prohibida a sua fabricação assim informada.

A distribuição do assucar

dá motivo a varios conflictos no Asilo de Mendicidade e no Intendente

No armazem regulador de preços de generos, instalado no Azilo da Mendicidade, encontravam-se hoje para cima de 600 pessoas, que em bicha aguardavam a ocasião de lhes ser distribuido assucar.

Desde as 5 da manhã que muita gente fôra para ali, sem que até ao meio dia fosse atendida, apesar de a pé firme aguentar a chuva que caia torrencialmente. Pelas 10 horas e 12 minutos chegou ao local uma galera conduzindo sacas com assucar, e como a sua distribuição se não fizesse ao publico, este entrou a protestar energicamente.

O guarda civico 1827, que ali se encontrava de serviço, vendo a razão que assistia aos reclamantes, foi junto do encarregado do armazem, sr. João de Oliveira, pedir providencias, negando-se aquele a atendel-o e declarando que não obedecia ás ordens policiaes. Pouco depois, pelo azylado Manuel Joaquim da Silva, apurou-se que o assucar, em pacotes de meio kilo, estava sendo vendido ás escondidas, pelas trazeiras do armazem, motivo por que o guarda referido novamente interveiu, impedindo que tal abuso proseguisse. A multidão, ao ter conhecimento do que se passava, fez grande alarido, tentando assaltar o armazem, tendo a policia apreendido alguns pacotes com assucar que estavam sendo vendidos clandestinamente.

Do caso foi levantado o respectivo auto, que hoje foi entregue para investigação ao chefe Murtinheira, da 1.ª secção.

Tambem numa refinaria de assucar ao Intendente se juntou grande quantidade de povo que exigia lhe fosse fornecido aquele genero. Os mais exaltados tentaram arrombar as portas da refinaria, comparecendo a policia, que evitou incidentes desagradaveis.

O atentado contra o sr. Alfredo da Silva

E' restituido á liberdade o estucador que fôra detido por suspeito

Ainda não estão concluidas as investigações da policia sobre o atentado de ha dias no Alto de Santa Catharina contra o industrial sr. Alfredo da Silva. Os agentes Xavier e Mira proseguem nas suas diligencias, tendo sido hoje restituido á liberdade o estucador Joaquim da Silva, que fôra detido por suspeito e que era companheiro inseparavel, ha 15 anos, do «Hespanhol da Fonte Santa».

Averiguou-se que o Silva não tivera qualquer interferencia no crime.

PELO TELEGRAFO

Em França

A grève dos jornaes

PARIS, 13.

Continua a grève tipografica, não tendo ainda saido os jornaes. Como dissémos, apenas se publica «La Presse de Paris», que tem sido enorme procura.—(C.)

Na Italia

Falecimento duma irmã do sr. Tittoni

ROMA, 13.

Faleceu hoje a marqueza Derandi, irmã do sr. Tittoni, antigo ministro dos estrangeiros e delegado italiano á Conferencia da Paz.—(C.)

Na America do Sul

A repatriação dos alemães

RIO DE JANEIRO, 13.

O Senado aprovou o tratado de Versailles. Os alemães internados seguem para a Holanda na proxima segunda-feira.—(C.)

Exposição de arte

Inaugura-se ámanhã no edificio da Sociedade Nacional de Belas Artes, tendo sido hoje visitada pela imprensa

Um punhado de novos artistas, alguns já conhecidos do publico abre, ámanhã, numa das salas do edificio da Rua Barata Salgueiro, uma pequena exposição dos seus trabalhos.

Alguns já conhecidos, tendo figurado em varias exposições, outros completamente novos, ao todo um cento.

Esses novos são Adriano Costa, Joaquim Costa, Teodosio Ferreira, Alberto de Lacerda e Fernando dos Santos.

Destaca-se logo á entrada o quadro de Fernando Santos «Dia de Feira», que tem côr e vida, se bem que as figuras um pouco isoladas, umas rosas brancas, de Joaquim Costa, escola e processo de Columbano, varios «Jeronimos» com boa e má luz, uns quadros interessantes de Adriano Costa, retratos de Alberto de Lacerda, destacando-se ainda deste o 12 «Cabra-cega» com bastante côr e um fundo bem cuidado.

Ainda umas sanguineas do mesmo em máu local, uns pasteis de Teodosio Ferreira e algumas pequenas telas por onde passou um fugitivo rasgo de genio.

Dentre os quadros em exposição, cada artista dedica um á «Casa dos Jornalistas, ideia gentil que muito penhora a classe.

Como dissemos, a exposição deve abrir ámanhã para o publico.

Cozinhas economicas

Ainda hoje, por falta absoluta de socios, não reuniu a assembléa geral da Sociedade das Cozinhas Economicas de Lisboa.

Banda da guarda republicana

E' o seguinte o programa que esta banda executa ámanhã, na parada do quartel do Carmo, das 14 ás 15 e meia horas:

«Lo Cant del Valencia», paso-doble, Sosa; «Les Girondins», ouverture sinfonique, Litolff; «Fantasia Espanhola», Breton; «Tosca», selecção, Puccini; «Le Cid», entre-acto e bailados, Massenet; «El assombro de Damasco», zarzuela, Luna; «L'Entrá de la Murta», paso-doble, S. Giner.

POEIRA DA ARCADA

Ministro da justiça

O sr. ministro da justiça deve regressar do norte na proxima quinta ou sexta-feira.

Fabrico clandestino de fosforos

A Companhia dos Fosforos pediu providencias ao ministerio das finanças contra o fabrico clandestino de fosforos que, segundo diz, está sendo feito em larga escala nos Açores e Madeira, citando o facto de na cadeia do Funchal os presos se entregarem abertamente a esse fabrico, mandando depois vender o produto na cidade.

Unificação dos vencimentos

O ministerio das finanças tomou já as devidas providencias.

A comissão que está tratando da unificação de vencimentos dos funcionarios publicos conta apresentar em breve os seus trabalhos.

Ensino superior

O sr. Antonio Gonçalves Gomes foi nomeado 2.º oficial chefe de secção da direcção geral do ensino superior.

O caso Dias da Silva

O sr. dr. Augusto Lopes Carneiro, comissario da policia do Porto, auxiliado pelo seu secretario sr. Luiz da Silva Neves, comissario de bairro da mesma cidade, proseguiu hoje no governo civil á sindicancia requerida pelo sr. dr. Rodrigues Escobar aos seus actos como director da policia de investigação.

Foram ouvidos, entre outros, o director da «Capital», bem como o sr. Augusto Dias da Silva, cuja comparencia, como dissémos, fôra solicitada ao sr. presidente da Camara dos Deputados.

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

PORTEIROS DE LISBOA—Reunem em assembleia geral no domingo, ás 16 horas, sendo convidados para essa reunião socios e não socios. A associação vae crear um bolsa de trabalho e um albergue, pensando ainda em outros melhoramentos para a classe.

CAMBIOS

Henrique de Sousa & C.ª
Rua Aurea, 56—60
Lisboa, 14 de novembro de 1919.

	Compra	Venda
Londres, cheque....	24 1/2	24 3/8
» 90 dias....	25	—
Paris, cheque.......	247	250
Madrid, cheque.....	470	473
Berlim, cheque.....	60	70
» notas.......	—	—
Amsterdam, cheque	890	900
New-York, cheque..	2360	2375
» notas....	2340	2370
» ouro.....	2320	2380
Libras em ouro......	11$70	2800
Agio do ouro.......	158	162
Rio sobre Londres..	16 3/8	
Suissa..............	428	435
Italia..............	190	195
Belgica.............	271	274

THEATROS

Cartaz de hoje

Nacional, ás 21, «O Cardeal».
Ginasio, ás 21,30 «O libertino».
Politeama, ás 21, «Blanchette».
Eden, ás 20, O quadro novo «Bancos e Companhias» e a revista «Aqui d'El-rei.—A's 22 — «Sonho de valsa».
Avenida, ás 21, «O pae Simão».
Apolo, ás 21,30, «Os 20 milhões».
Coliseu dos Recreios, ás 21, Grande Companhia de Circo.
Animatographos—Salão Foz, Olympia, Condes, Chiado Terrasse, Salão da Trindade, Salão da Promotora, em Alcantara, Salão Portugal, rua de S. João da Praça.

Gazolina Shell—Oleo combustivel—Oleo Diesel (Marca Solar)—Oleos de lubrificação
Petroleo—Parafina, etc., etc.

Instalações em Portugal—LISBOA, MADEIRA, S. VICENTE DE CABO VERDE

The Lisbon Coal & Oil Fuel C.° — *Charles H. Bleck, Manager*

32, Rua Aurea—Telephone C. 2179 — LISBOA — 141, Rua de S. Julião—Telephone C. 523

Agua da Foz da Certã

A Agua minero-medicinal da Foz da Certã apresenta uma composição chimica que a distingue de todas as outras até hoje usadas na therapeutica.

E' empregada com segura vantagem nas Diabetes — Dyspepsia — Catarros gastricos putrido ou parasitarios;—nas preversões digestivas derivadas das doenças infecciosas;—na convalescença das febres graves;—nas atonias gastricas dos diabeticos, tuberculosos, brighticos, etc.; — no gastricismo dos exgotados pelos excessos ou privações, etc., etc.

Mostra a analyse bacteriologica que a Agua da Foz da Certã, tal como se encontra nas garrafas, deve ser considerada como microbicamente pura, não contendo colibacillo, nem nenhuma das especies pathogeneas que podem existir em aguas. Além d'isso, gosa de uma certa acção microbicida. O B. Tiphico Diphterico, e Vibrião cholerico em pouco tempo n'ella perdem toda a sua vitalidade, outros microbios apresentam, porém, resistencia maior.

A Agua da Foz da Certã não tem gazes livres, é limpida, de sabor levemente acido, muito agradavel quer bebida pura quer misturada com vinho.

Stadiun

Annuncios nas paredes e programas

Tratam *Campos & Nogoreda*

Rua Garrett, 74, — sobre-loja

Só visto

Um stock de calçado por preços de combate

Botas de bom calf, uma sola.......... 15$50
Botas de bom calf, duas solas......... 16$00

O que ha de mais sortido, solido e moderno

Vende-a

Sapataria Salgado

R. dos Fanqueiros, 72 a 76
R. dos Retrozeiros, 15 a 19
Telef. 3243

Como se curam certas doenças

E' a impureza do sangue a causa principal que origina e faz estacionar a doença Combater a causa é o tratamento mais racional e proveitoso que o doente pode fazer. A syphilis, o rheumatismo, escrophulas, tumor e eczemas seccos e humidos, as doenças do utero e ovario, muitas doenças dos olhos, etc., curam-se sómente pela expulsão de toxinas contidas no sangue. E' o depurativo Dias Amado (Antonio) não confundir, o unico preparado que ha perto de vinte e cinco annos tem feito milhares e milhares de curas d'este genero de doenças. O verdadeiro depurativo o unico que está registado é o de Antonio Dias Amado.

Deposito geral—Farmacia Luso Brazileira, praça de S. Paulo, 20 e 22. Telef. 1667.

Horta e Costa

Rins e vias urinarias

12, Rua da Trindade, 12

Consultas das 2 ás 5

TELEFONE 2424

Manual da Bruxa d'Arruda

Tratado completo de feitiçaria, revelador de segredos preciosos, arte de deitar cartas, segredos para o bem e para o mal, virtudes de plantas, pedras, animaes e reptis, receitas e segredos, para se ser amado, para que a mulher se livre do homem que aborrece, plantas magicas, para ser amado pela esposa, pelo marido, por uma amante, por uma casada, pelo namorado, explicação dos sonhos e das sinas, arte de lêr o futuro na palma da mão, receituario para diversas doenças, conforme tem usado a Bruxa d'Arruda, etc., etc. 1 bello volume, illustrado, capa a côres—Preço 600 réis.

Catalogo de Livros d'Occasião

Acaba de ser publicado o n.° 4, livros em todo o genero, alguns bastante raros e curiosos. Distribue-se gratuitamente.

Livraria de João Carneiro & C.ª—69, Travessa de S. Domingos, 60—Lisboa.

Dr. Conceição e Silva Junior

Rins—Vias urinarias

Retomou a clinica em 22 de outubro

RUA DO OURO, 194

Das 14 ás 18

Evita e cura as enterites

Farinha Lacto Bulgara

Patente de invenção portugueza do Laboratorio Farmacologico

Depositario exclusivo—RAUL VIEIRA

R. da Prata, 51, 3.°—Tel. 3586-C.

Superalimenta os fracos

Auxilia a dentição — Alimento dos dispepticos

Coleção seleta

Obras primas da literatura mundial

EDIÇÕES DE LUXO

em primorosos volumes a 500 réis, illustrados com bellas trichromias e encadernados com capas especiaes

A publicação mais barata de Portugal

VOLUMES PUBLICADOS

1 «Amor de padre», Ed. Rod. (Esg.)
2 «Duas Irmãs», André Theuriet. (Esg.)
3 «Naïs Micoulin», Emilio Zola.
4 «Arco de Sant'Anna», A. Garrett.
5 «A Menina de Kergant», Feuillet.
6 «A Egrejinha», Alphonse Daudet.
7 «Historia de Sibylla», F. Feuillet.
8 «As duas flôres de sangue», P. Chagas. (Esg.)
9 e 10 «O prato de arroz doce», A. A Teixeira de Vasconcellos.
11 «André Cornelis», Paul Bourget
12 «Phebus Moniz», Oliveira Martins.
13 «Bailio de Leça», Arnaldo Gama.
14 «O Criminoso», F. Copée.
15 «O sello da Roda», Pedro Ivo.
16 «Viagens na minha terra», A. Garrett.
17 «A Virgem Guaraciaba», P. Chagas.
18 «O Grande Industrial», J. Ohnet.
19 «Sombras e Luz», Bern. Ribeiro.
20 «Escrava Isaura», B. Guimarães.
21 «Conde da Camors», O. Feuillet.
22 «Mocidade Florida», J. La Breta.
23 «O Segredo da Viscondessa», P. Chagas.
24 «Vida d'um rapaz pobre», por Feuillet.
25 «A Rua Escura», A. C. Lousada.
26 «A Martyr», Adolphe d'Ennery.
27 «Riqueza inutil», J. Ohnet.
28 «Lagrimas e thesouros», L. A. R. da Silva.
29 «O Marquez de Villemer», George Sand.
30 «Frei Luiz de Sousa», A. Garrett.
31 «Pedro Nozière», Anatole France.
32 «Sargento-mór de Villar», Arnaldo Gama.
33 «Memorias d'um doido», A. P. Lopes de Mendonça.
34 «Mulheres da Beira», Abel Botelho
35 «N'uma Raumestan», Alphonse Daudet.
36 «Odio velho não cança», Rebello da Silva.
37 «Corações doloridos», por G. Ohnet
38 «Casa dos Fantasmas», Rebello da Silva.
39 «De noite todos os gatos são pardos» Rebello da Silva.
40 «A Dama das Camelias», por Alexandre Dumas, filho.
41 «A Ermida de Castromino», por Teixeira de Vasconcellos.
42 «Orphã», por G. Sandeau.

A' venda em todas as livrarias e na **Empreza Luzitana Editora**—C. do Ferregial, 23—Teleph. 1302 Central—End. Tel. LUSEDITORA.

Sociedade Torlades

Limitada

32, Rua Aurea—LISBOA

Agentes da Compagnie des Messageries Maritimes, Furness, Withy & Ltd, Bureau Veritas

CORRESPONDENTES

EM LONDRES — Lloyds Bank Limited, London County & Westminster, Bank Limited, Brown, Shipley & C.ª, Hambro & Son, Baring Brothers & C.ª
EM NEW-YORK — Brown-Brothers & C.ª
EM PARIS — Credi Lyonnais, Banque de l'Union Parisienne, Banque Française pour le Commerce et l'Industrie, Société Marseillaise de Credit Industriel et Commerciel, Lloyd Bank (France) Limited.
EM BORDEOS — Lloyds Bank (France) Limited.
NO BRAZIL E RIO DA PRATA — The British Bank of South America Limited.

E em todas as principaes cidades

Nunes & Nunes, L.da

CASA BANCARIA

95, Rua Aurea, 97, 99 — Lisboa

Compra e venda de cambiais, desconto de letras sobre o paiz e estrangeiro
Compra e venda de notas e moedas estrangeiras

Cartas de credito sobre o estrangeiro—Ordens de Bolsa

Cambios, papeis de credito nacionais e estrangeiros, coupons, descontos e transferencias,

Correspondentes em todo o paiz e estrangeiro

Grande Companhia de Transportes Maritimos

"União Luso-Brazileira,"

Sociedade anonyma de responsabilidade limitada (em organização)

Capital, esc. 10.000:000$00 (dez mil contos)

Representado por 500:000 acções liberadas, de esc. 20$00 cada

Continua aberta a subscripção para a formação do capital d'esta prometedora companhia.

Séde, RUA DOS REMOLARES, 7, 3.°

Telefone 2666 Central — Lisboa

Banco Portuguez e Brazileiro

Séde—Rua Augusta, 34—Lisboa

CAPITAL: Esc. 10.000:000$00 — RESERVAS: Esc. 7.905:000$00

Agentes em todo o paiz

Correspondentes em todas as principaes praças do mundo

OPERAÇÕES BANCARIAS EM TODOS OS GENEROS

Cartas de credito e circulares sobre todos os paizes

Banco Internacional do Comercio

SUCESSOR DO

Banco Incorporador do Comercio e Industria

EM ORGANIZAÇÃO

Capital autorisado, 20.000:000$00 de escudos em séries de 1.000:000$00 a 5.000:000$00 de escudos

SÉDE PROVISORIA
R. FERREGIAL, 48, 1.°
(Em frente ao consulado inglez)

Importação e exportação
Filiais, agencias e sucursais no continente, ilhas, colonias e estrangeiro
LISBOA

Tele { gramas — BANINCO / fone — Central 391

OS ORGANISADORES

Belchior Machado, Capitalista, Proprietario e Engenheiro; Director das Companhias do: Credito Predial Portuguez, Nacional dos Caminhos de Ferro e da Sociedade de Agricultura Colonial.—**José A. Alves Roçadas,** General do Estado Maior.—**Antonio Judice de Magalhães Barros,** Proprietario, Capitalista e Grande Industrial.—**Apolinario Pereira,** Comerciante, Presidente da Associação dos Logistas e membro do Conselho Superior da Administração do Estado.—**José de Campos Pereira,** Publicista, abalisado Economista e Comissario Geral do Governo na Companhia dos Fosforos.—**Dr. José de Oliveira Ferreira Diniz,** Secretario dos Negocios Indigenas e Curador Geral da Provincia de Angola.

Antonio Lino Franco, Comerciante e Industrial.—*Antonio Bastos,* Comerciante.—*Dr. Antonio Lobo da Costa,* Proprietario.—*Dr. Armando Quartin Graça,* Capitalista e Proprietario.—*Alberto Domingos Afonso,* Comerciante e Proprietario.—*B. Pires,* Comerciante.—*C. Maldonado Freitas,* Comerciante.—*Eduardo Viana,* Comerciante.—*Eduardo Fernandes Paneiro,* Comerciante e Industrial. *Fernandes Varandas,* Comerciante.—*João Maria da Silva Constantino,* Comerciante e Industrial.—*João Jorge C. Kol,* Comerciante.—*Dr. José da Silva Torres,* Proprietario.—*Dr. Lourenço Alves Pires Amado,* Proprietario e Capitalista.—*Mauricio Aguas Pinto,* Comerciante e Industrial.—*Mapril Fogaça Carvalho Santos,* Proprietario.—*Saldanha & Diniz, Limitada,* Comerciantes e Industriaes.—*S. Carvalho Mourão,* Comerciante.

Banqueiros em New-York e Estados Unidos da America
The American Foreign Banking Corporation
56, WALL STREET

Organisador Comercial em New-York e Estados Unidos da America
Portuguese American Trading Corporation
20, BROADWAY

O BANCO INTERNACIONAL DO COMERCIO, seguindo a orientação do *Banco Incorporador,* desenvolverá todas as operações bancarias e fará todos os negocios de comercio e finanças, dando assim maior desenvolvimento ao programa do *Banco Incorporador,* do qual recebe todos os direitos e obrigações desde o inicio da organisação deste Banco.

O CAPITAL DA 1.ª EMISSÃO, QUE É DE 1.000:000$00 ESCUDOS, está quasi todo subscrito, continuando aberta a subscrição para o diminuto numero de acções que ainda restam e que recomendamos a todos os nossos leitores para rapidamente se inscreverem acionistas, visto que os possuidores de acções da 1.ª emissão terão preferencia para as subsequentes emissões que lançarem.

O BANCO INTERNACIONAL DE COMERCIO será o mais completo na sua organisação e o que mais vantagens poderá oferecer aos seus acionistas em vista dos fins especiaes para que é constituido: O auxilio ao Comercio, á Industria e Agricultura do Paiz.

As suas acções são apenas de 10$00 Escudos, facilitando, assim, todos serem seus acionistas.

COSTA SANTOS

Medico especialista—Doenças dos olhos
Consultas das 13 ás 17 horas
Rua Nova do Almada, 95, 1.°, E.

José Pontes

Tratamento pelos agentes phisicos

Rua do Carmo, 69, 2.°—Telef. 3173

MONTE-PIO NACIONAL

Rua Augusta, 40 e 42

TELEPHONE—3299

Empresta e abre creditos em conta corrente sobre papeis de credito.

Emprestimos sobre ouro, prata e pedras preciosas.

Depositos á ordem—Juro de 3,6 até 5.000$00, 3 % até 10.000$00, 2,5 em quantia superior.

Analgesico da Blenorragia

DIURENAL

O unico especifico que pode documentar a cura do mais rebelde ataque de reumatismo e gota em pouco dias em confronto com qualquer preparado estrangeiro.

Depositario exclusivo—RAUL VIEIRA

Rua da Prata, 51, 3.° Tel. 3586-C.

Gota aguda

Reumatismo subagudo — Reumatismo agudo

Furunculos, diabetes, doenças da pelle e dos intestinos

Curam-se com

Fermento d'uvas Formosinho

Recomenda-se exigir o nome FORMOSINHO

FARMACIA FORMOSINHO P. dos Restauradores 18

— LISBOA —

Banco Nacional Ultramarino

LISBOA

(Banco de emissão para as Colonias)

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Capital 24.000:000$00 — Reservas 24.000:000$00

Séde em Lisboa — Rua do Comercio, 74 a 78
Filial no Porto — Praça da Liberdade, 138

Filiaes no Brazil

Rio de Janeiro { Filial—Rua da Quintanda, 120 e 124 / Agencia—Praça 11 de Junho

Campos, Santos, S. Paulo, Baia, Pernambuco, Pará e Manaus

As Filiaes deste Banco no Brazil encarregam-se de comprar e vender predios, de cobrar rendas, juros e dividendos, de receber heranças, legados ou dividas, mediante as seguintes condições:

Cobrança de juros e dividendos..............	1/2 0/0
Compra de titulos..............................	1/2 0/0
Cobrança de rendas de predios nas capitaes	5 0/0
Recebimento de heranças, legados ou dividas	CONVENCIONAL
Compra e venda de propriedades...........	2 0/0
Reparações de predios, pagamentos de impostos, seguros, guarda de titulos, etc...	GRATIS

TABELA DE DEPOSITOS

	Rio de Janeiro	Santos	S. Paulo	Pará
A' ordem..................	2 0/0	3 0/0	3 0/0	2 0/0
Em c/corrente com aviso previo de 60 dias..............	3 0/0	4 0/0	4 0/0	3 0/0
A praso fixo de 3 meses.....	3 0/0	4 1/2 0/0	4 1/4 0/0	3 0/0
» » » » 6 »	4 0/0	5 0/0	5 0/0	4 0/0
» » » » 9 »	4 1/2 0/0	5 1/2 0/0	5 1/2 0/0	
» » » » 12 »	5 0/0	6 0/0	6 0/0	5 0/0
Em moeda estrangeira.......	2 0/0		2 0/0	
C/correntes limitadas (de reis 50$000 até 10:000$000)......	3 0/0	4 0/0	4 0/0	4 0/0

NOTA—Estas taxas estão sujeitas ás alterações do mercado

Garantia

Companhia de Seguros Maritimos e Terrestres

FUNDADA EM 1853

Séde no Porto

Rua Ferreira Borges (edificio proprio)

Capital 1:000 contos

(UM MILHÃO DE ESCUDOS)

Sinistros pagos: 5:900 contos

Effectua seguros contra riscos de fogo, industriaes, lucros cessantes, aluguels de predios, gréves e tumultos (só em predios e mobilias, agricolas, automoveis, riscos maritimos e riscos de guerra

AGENTES EM LISBOA

José Henriques Totta & C.ª

Banqueiros

69 a 79—Rua Aurea—69 a 79

TELEPHONE 533 E 1589 CENTRAL

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

3376 — 10.° anno — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.°

LISBOA — Sabado, 15 de Novembro de 1919

Telephone n.° 2298 — Endereço teleg. CAPITAL — Officina de Impressão — 71, Rua da Bica, 71

Preço, 2 centavos

Altos comissarios

Continua a prender a atenção dos meios politicos a questão dos altos comissarios para as colonias, e tanto parece dificil um entendimento, dentro da propria maioria, que já se diz que uma parte dos parlamentares votará em conformidade com o parecer da comissão que atribue a esses funcionarios as mais latitudinarias faculdades e outra se identifica com as opiniões do sr. ministro das colonias que acha perigoso, ou pelo menos inconvenientes delegar nêles algumas das atribuições mais importantes, que até agora eram privativas do governo da metropole, e até do proprio poder legislativo.

A questão tem-se tornado embaraçosa porque, em boa verdade, não faltam nem a uns nem a outros argumentos dignos de ponderação.

Não ha duvida que as colonias não podem, como até este momento, continuar dependentes das decisões da metropole, que umas vezes demoram indefinidamente, outras vezes não primam pela competencia daqueles que as formulam, e outras vezes ainda nem sequer são tomadas. Mas não ha duvida tambem que é muito arriscado e melindroso enviar para as nossas colonias governadores revestidos de poderes magestaticos, que dêles possam fazer um mau uso. Evidentemente, entre estes dois termos da questão, ambos excessivos, talvez fosse possivel encontrar um termo médio, que, se não por completo, em grande parte satisfizesse os que se pronunciam duma maneira antagonica, ao parecer irredutivel, e que teria a vantagem de remover as dificuldades.

Porque se não faz desta questão dos altos comissarios uma experiencia que, sendo satisfatorio o seu resultado, rapidamente se transformaria numa situação definitiva?

Recorda-nos neste momento o que sucedeu com Antonio Ennes. Numa situação grave, Antonio Ennes foi nomeado, com os mais amplos poderes, alto comissario para a provincia de Moçambique. Ninguem ignora a forma brilhante, patriotica e zelosissima, como Antonio Ennes se desempenhou do seu cargo, tendo todo o cuidado de se rodear dos melhores e mais ilustres colaboradores. Todavia, a sua nomeação de alto comissario, as proprias funções que ele foi chamado a desempenhar tiveram um caracter transitorio. Porque não se procederá agora de identica maneira?

Esta solução teria a vantagem de não coartar os poderes do funcionario escolhido para esse elevado cargo, e ao mesmo tempo desvaneceria as apreensões dos que receiam que os altos comissarios se transformem numa especie de vice-reis, impondo, por um lado, uma autoridade despotica aos seus governados, e afectando por outro lado, não estarem em nenhuma especie de dependencia junto do poder central.

Se os altos comissarios, dando provas dum civismo que, de resto, não se lhe pode negar, por mera hipotese, demonstrarem que estão possuidos da verdadeira noção do seu papel, que não é o de se deixarem possuir por uma vaidade excessiva e um apetite imoderado do mando, haverá tempo para reconhecer não só que teem todas as qualidades para a sua missão, mas até que essa creação dos altos comissarios, que tantos receiam, não sae de maneira alguma dos dominios dos principios que uma democracia deve respeitar. Se, pelo contrario, se excederem, revelando que vão a caminho dum pendor fatal por onde se rola no arbitrio, facil se torna cortar as azas ás suas ambições desmedidas.

O sistema que se seguiu com a promoção de Antonio Ennes, cujo trabalho em Moçambique será sempre relembrado, deu provas excelentes. Porque não se experimentará de novo?

Os disciplulos da côr

Columbano V. Salgado Carlos Reis

fundiram a sua arte e apresentam-se na Sociedade de Belas Artes

Fim de ano, com uma exposição de arte sem uma revolução politica — senhores! — que esplendida coisa. Este nucleo de rapazes de menos de trinta anos, equilibrados e honestos, sem audacias de cubistas, e medianamente seguros de si, que são os disciplulos de Reis, Salgado e Columbano, fazem uma exposição na Sociedade e mostram lá coisas de ver-se. E' pelo menos uma galeria de sinceridades, e tanto o é, que até os freguezes dos primeiros ensaios ali estão para dizer:

— Nós não nos envergonhamos do que fizemos. Os nossos mestres presidem ao nosso destino...

E presidem. Os dois disciplulos do sombrio Columbano, os dois disciplulos de Carlos Reis, o mestre do branco, e o disciplulo de Veloso Salgado, o colorista saudoso, apresentam-se razoavelmente, e diriamos bem se a Sociedade de Belas Artes, instituição artistica, benemerita e grave, não impuzesse o sentido das responsabilidades, que obriga a medir os adjectivos.

Estes cinco moços, Adriano Costa e Alberto de Lacerda, da escola Reis, Teodosio Ferreira e Joaquim Costa, da escola Columbano, e Fernando Santos, da escola Salgado, são dos que cultivam a sua arte com espirito, numa epoca em que tóda a gente a cultiva pelo abuso da tecnica, e com um desprezo absoluto pelas leis da cultura intelectual mais elementar. Esta nota é quanto a nós a mais interessante da sua galeria.

Os expositores, á excepção do quadro central de Fernando dos Santos, não se apresentam com rompantes leoninos. São equilibrados, e representam os mestres com certa galhardia. Não pretendemos fazer hoje a critica dos trabalhos. Limitamo-nos a assinalar o caracter que distingue cada um dos expositores. Joaquim Costa é mistico, profundo de sentimento nas copias dos interiores, aristocratas e religiosos; dispõe daquela melancolia subjectiva que são a exigencia maxima nos pintores sombrios. Tem telasinhas esplendidas e cultiva o oiro como poucos artistas de classe.

Fernando Santos dá a nota audaz, de uma audacia legitima e proporcionada. Tem uma tela grande, «A Feira», cuja analise faremos, e por ora nos limitaremos a afirmar que não atraiçôa o pintor. Está cheia de côr, tem movimento, equilibra os planos, e os senões que lhe hão-de encontrar os criticos severos não prejudicam o artista, que estuda e honra o mestre Salgado. Na nota da côr que pretende assinalar em certos quadrosinhos, parece-nos ter falhado o proposito honesto, que sobe de intensidade, e sentido de valores, uma tela «Dia triste», coisa boa de toda a exposição.

Lacerda é o homem da inspiração e mais afecto de processos. Tem tudo: desenho, retratos a oleo, paisagens, e marca um caracter na «Cabra-cega», que é feliz na enquadração, bem achada mesmo, não se podendo dizer, a não ser por malevolencia, que não é bem feito. Ao lado, o «Espolio», define um temperamento. E' um disciplulo de Reis, muito equilibrado. Ha um seu pastel, «Risonha», manifestamente precioso, e em tudo o mais não se compromete.

Adriano Costa, outro disciplulo do mestre Reis, é paisagista quasi exclusivamente. Ama as extensões, a suavidade dos crepusculos, e no seu gesto superficial de cobrir os sentimentos das coisas fal-o com misticismo, que não dispensa a alegria da côr e o culto pela luz. O seu «Nevoeiro» fica na retina, e ainda recordamos a luz de um quadro, 19, «Santa Maria», de Cintra.

Por ultimo, Teodosio Ferreira, completa o grupo, com discreta moderação. Não se dedicou a grandes trabalhos, este disciplulo de Columbano, muito feito no subjectivismo espiritualista das leituras. E' calmo, e da sua pequena galeria sentem-se bem o interior Beirão, o retrato a pastel de sua mãe, e uma paisagem sombria, que o não envergonha...

Em resumo, a fusão dos tres mestres preenche na politica inofensiva da Arte um logar de espectativa. Dispõe-se bem uma pessoa indo ali, e os apreciadores já por lá passaram. A tela grande de Fernando dos Santos foi vendida por um conto de réis ao sr. Mario de Lima Neto, o que representa uma justa compensação gradual para o talentoso rapaz.

Defeitos, bagatelas, inocencias, efeitos errados? Sim; a exposição tambem tem isso. Mesmo nisso se parece ela muito com uma exposição de Mestres, que em regra, abusando da tolerancia do publico, e sem respeito por si proprios, já apresentam tudo quanto lhes sae, com achaques ou sem eles. Os cinco artistas teem cada um deles um quadro destinado á Casa dos Jornalistas. E' uma ideia amavel que nos compete registar.

Norberto de Araujo.

AOS LEITORES

«A Capital» no dia 2 de janeiro proximo, inicia a publicação do novo trabalho que o grande prosador e unico escritor moderno

Dr. Julio Dantas

está elaborando com o meticuloso cuidado, o raro engenho artistico que sabe pôr nas suas obras. A prosa mascula, vibrante, do autor da «Patria Portugueza», do historiador de tantas glorias literarias, — a recente «Carlota Joaquina», «O amor em Portugal no seculo XVIII», ao cronista preferido e delicado das «Espadas e Rosas», «Mulheres», «Ao ouvido de M.me X...», — dará á nossa historia mais um exemplo do altissimo valor de Julio Dantas, e assim

As grandes batalhas

será a obra gloriosa dos portuguezes que se bateram na maior campanha da Humanidade.

PELO TELEGRAFO

Na America do Sul

Ruy Barbosa vae dirigir o «Jornal do Comercio»

RIO DE JANEIRO, 13.

A direcção do «Jornal do Comercio» d'esta capital convidou o ilustre jurisconsulto brazileiro dr. Ruy Barbosa, para director intelectual e politico d'este importante orgão fluminense, que ocupa na imprensa brazileira o primeiro logar. O dr. Ruy Barbosa aceitou esse encargo sem compromissos. — (Americana).

Cotações cambiaes e do café — O valor do escudo sobe

RIO DE JANEIRO, 14.

O cambio sobre Londres funcionou hoje nas divisas extremas de 16 1/4 e 16 5/16, respectivamente, para compra e venda. O café é que tem tido relatiamente pouca procura; vendeu-se hoje, saco, tipo 7 corrido, a 16.500.

O valor da moeda portugueza melhorou um pouco, acompanhando, naturalmente, o cambio sobre Londres. Hoje efectuaram-se algumas vendas, sendo o valor do escudo 1.690. — (Americana).

Lêr amanhã:

Indemnisações... proporcionadas?

artigo do dr. José Pontes.

Pobres d'«A Capital»

Na lista de pobres contemplados com o donativo de 5$00, que nos foi enviado pelo tenente da administração militar sr. Carlos Chaves Costa, em serviço em Moçambique, lista que hontem demos, deixou de ser incluida, por lapso, a pobre Emilia d'Almeida, da rua Diario de Noticias, 54, 1.°.

Fica assim feita a devida rectificação.

O caso Dias da Silva

Pelo juiz sindicante ao caso Dias da Silva foram hoje ouvidos, no governo civil, o sr. dr. Rodrigues Esculcas, director da policia de investigação, e o secretario da redacção do jornal «O Combate».

Atropelamento

Na enfermaria de Santo Antonio do hospital de S. José, para onde foi conduzido num carro da Cruz Vermelha, deu entrada Carlos Ferreira, de 45 anos, residente na estrada da Charneca, 14, rez-do-chão, que na mesma estrada foi colhido por um «side-car», ficando muito contuso pelo corpo.

A TEMPORADA MUSICAL

Viana da Mota

apresentará no Politeama este ano, além de obras classicas desconhecidas entre nós, sinfonias de compositores brazileiros, espanhoes e nacionaes

Inicia-se ámanhã a temporada de concertos musicaes, no Politeama, a magnifica Orquestra Sinfonica de Lisboa, superiormente dirigida pelo notavel musico sr. José Viana da Mota, a quem, como fizeramos o ano passado, procurámos ouvir ácerca do assunto.

Eis o que nos disse o ilustre director da nosso Conservatorio de Musica, em uma entrevista que esta manhã nos concedeu:

«A orientação que penso dar aos concertos sinfonicos este ano é simplesmente a que segui na época passada e que se póde resumir n'esta formula: cultivar as obras mais notaveis do repertorio classico e mostrar o movimento musical moderno e contemporaneo nas suas producções mais caracteristicas em todos os paizes e em todas as escolas.

«Evidentemente, entre todos os paizes a Allemanha, Austria, França e Russia ocupam o maior logar, porque é n'estes paizes que o estilo sinfonico tem sido mais cultivado e tem produzido um vasto repertorio de obras importantes. Dos grandes compositores d'estas quatro nações ainda ha bastantes obras que não se ouviram em Lisboa. Por exemplo, de Liszt, ainda o nosso publico pouco mais conhece que tres ou quatro poemas sinfonicos. E' pouco, em face da grande producção de Liszt n'este genero. Penso, portanto, dar a conhecer mais algumas das melhores obras sinfonicas do genial creador do poema sinfonico.

«Outro grande musico ainda menos conhecido entre nós é Brahms. Ao lado dos paizes acima mencionados ha outros em que começa a desenvolver-se uma notavel actividade na musica sinfonica que em Portugal ainda pouco se conhece. A Italia, comquanto continue a cultivar de preferencia a opera, já tem produzido alguns sinfonistas muito interessantes. Mas a Espanha está creando um movimento sinfonico fecundo. Ali aparecem quasi de dia para dia compositores com forte personalidade e uma solida base tecnica, escrevendo obras de caracter e colorido original, que, se ainda não atingiram um estilo nacional espanhol, para lá vão caminhando ininterruptamente. D'estes penso dar a conhecer alguns novos muito interessantes.

«E mais tenciono tornar conhecidas algumas obras sinfonicas de um paiz nosso co-irmão, mas n'este ponto ainda completamente desconhecido entre nós: é o Brazil. No Porto, Moreira de Sá executou poemas sinfonicos de autores brazileiros, mas em Lisboa creio que ainda não foi ouvida nenhuma obra de taes compositores.

«Last not last»: tambem reservo uma parte importante á producção nacional, a fim de apresentar ao publico os talentos que se revelem entre nós e dar a estes ensejo de ouvirem as suas obras e de se tornarem conhecidos. Entendo ser um dever dar concertos d'este genero, mostrando como se trabalha entre nós e por esse modo incitar os artistas nacionaes a trabalharem ainda mais e a esforçar-se por crear obras que possam competir com as melhores que se escrevem lá fóra. Se a musica portugueza até ha pouco tempo deu tão poucas obras sinfonicas, estou certo que uma das razões mais poderosas d'essa escassez foi o nosso musico não ter ensejo nem de ouvir toda a literatura d'esse genero nem de ouvir-se a si proprio. Foi a falta de audições e de escola, e não a de talentos, como vão aparecendo felizmente cada vez mais numerosos e com conhecimentos tecnicos mais solidos.

«Estou certo que a musica portugueza tem um proximo futuro brilhante.

«Para aperfeiçoar cada vez mais a execução procurei reunir quanto possivel os nossos melhores artistas, conseguindo juntar aos notaveis musicos que a Orquestra já possuia, como Benetó, Tomaz de Lima, Godinho, Passos, Tavares, Cruz e outros, ainda Henrique dos Santos, que é certamente o nosso primeiro flautista, Wenceslau Pinto, o notabilissimo oboista, e uma distintissima violoncelista que é uma concertista eximia, 1.° premio do Conservatorio de Bruxelas: a sr.ª D. Maria Fontes Pereira de Mello Fonseca, que o publico terá ocasião de ouvir a sólo em um dos concertos.

«Mas como o principal, mesmo com bons artistas, é o trabalho, far-se-hão este ano quatro ensaios para cada concerto em logar dos tres anteriormente, e mesmo mais quando fôr preciso».

Oficiaes milicianos

Os que devem ser excluidos e os que devem passar para o quadro permanente

Pelo deputado sr. dr. Orlando Marçal vae ser presente n'uma das proximas sessões da camara o seguinte projecto de lei:

1.° Considerando que, quando ao iniciar-se a guerra, o governo, indo arrancar ás suas ocupações centenas de individuos para preencher os quadros de oficiaes e sargentos do C. E. P., não cuidou, como devia, do seu futuro, suspendendo os cursos da Escola de Guerra e transformando-a n'uma Escola Preparatoria de Oficiaes Milicianos;

2.° Considerando que, emquanto durou a guerra, a Escola de Guerra se transformou n'um verdadeiro coito de foragidos, e lançou para as fileiras do exercito individuos, que pela sua pouca edade, pelas minguadas habilitações preparatorias e, ainda, pelo curso reduzido a que os sujeitavam, não só, não conseguiram, na sua grande maioria, competir em tudo com os oficiaes milicianos, mas, ainda, não indo á Guerra, serviram de esteio aos movimentos anti-patrioticos de 5 de Dezembro e anti-republicano de Janeiro;

3.° Considerando que este grande numero de oficiaes, que a Escola de Guerra deu inutilmente para o Exercito, veiu impedir que as vagas do quadro permanente fossem, agora, como era de justiça, preenchidas pelos oficiaes milicianos que, pelos seus serviços á Patria e á Republica bem comprovados e, ainda, pelas suas qualidades militares, fossem julgados dignos e quizessem continuar nas fileiras do Exercito;

4.° Considerando que está demonstrado, pela propria afirmação de muitos oficiaes superiores, que os oficiaes habilitados pela E. P. O. M., provaram na pratica que a sua preparação não foi, pelo menos, inferior á recebida pelos oficiaes habilitados pelos cursos reduzidos da Escola de Guerra;

5.° Considerando que em França a quasi totalidade dos subalternos de infantaria, que permaneceram na primeira linha de trincheiras, eram milicianos, e que os proprios comandos de companhias e baterias estiveram entregues, por muitos mezes, aos mesmos oficiaes;

6.° Considerando que em todos os movimentos defectistas, que se produziram no paiz, em virtude da nossa participação na Guerra, não foram os oficiaes milicianos que tomaram parte no movimento conhecido «pelo das espadas», nem na campanha de difamação e de incitamento á traição desenvolvida em Tancos e na recusa vergonhosa ao embarque para França, de que foi exemplo flagrante a cena inacreditavel da partida de Santarem de infantaria n.° 34; mas, antes pelo contrario, foi, firmando-se na atitude digna da grande maioria dos milicianos, que o ministro Norton de Matos conseguiu tornar possivel essa participação, e foram milicianos tambem a maioria dos que em Santarem, Monsanto e Norte se bateram, voluntariamente, pela Republica;

7.° Considerando que um paiz colonial, como o nosso, se impõe, não pela extensão territorial das suas colonias, mas, sim, pelo que elas valem, pelo seu desenvolvimento agricola, industrial e comercial;

8.° Considerando que esse desenvolvimento está por fazer-se e não poderá fazer-se, sem que um Exercito Colonial bem organisado e com o efectivo necessario, seja segura garantia, pela manutenção da ordem, do seu progresso;

9.° Considerando que, não só os oficiaes milicianos mas, ainda, os do quadro permanente dos cursos reduzidos poderiam ser atraidos para o Exercito Colonial, cuja organisação imediata se exige, se garantias compensadoras fossem oferecidas, conseguindo-se, assim, um Exercito Colonial, com um quadro de oficiaes que se impuzessem como verdadeiros coloniaes e não como coloniaes por mero arranjismo;

10.° Considerando que, não só no Exercito, mas em muitos outros ramos da actividade colonial podem todos estes oficiaes ser empregados, sem deixarem a sua qualidade militar, como levantamento de cartas, brigadas de estudo, construcção de caminhos de ferro e estradas e outras obras de fomento, que se tornam de urgencia e onde poderiam ser utilisadas as suas habilitações especiaes; serviços estes que, por serem no interior, poderiam ser considerados de ocupação;

11.° Considerando que oficiaes do quadro permanente e milicianos ha que, prejuraram o seu compromisso de honra, combateram por palavras, escritos e pelas armas a Republica, que tinham por dever defender;

12.° Considerando que oficiaes do quadro permanente e milicianos ha, que se esquivaram, por todas as formas, a irem para a Guerra, reformando-se, ou fugindo para a Hespanha e reintegrando-se depois;

13.° Considerando que estes oficiaes devem de preferencia por uma questão de moralidade, serem substituidos por oficiaes milicianos que cumpriram o seu dever;

14.° Considerando que os governos da Republica, tendo, em sucessivas reformas, introduzidas nas secretarias do estado creado inumeros e até desnecessarios logares, que foram dispensados a toda a especie de individuos, na sua maioria, sem serviços prestados e sem habilitações indispensaveis, esquecendo, mais uma vez, os oficiaes e sargentos milicianos que pelo paiz se haviam sacrificado;

15.° Considerando que o pretexto apresentado de que o cofre da Secretaria da Guerra não pode com o aumento da despeza que lhe impõe a permanencia no Quadro Permanente dos oficiaes e sargentos milicianos, cahe pela base; porquanto o cofre da Secretaria da Guerra é um cofre tributario do da Nação, e se este tem servido para beneficiar toda a qualidade de amigos, pode e deve indenisar aqueles que, pela Patria e pela Republica, se teem sacrificado, o que constituirá, não um beneficio, mas uma divida a pagar;

16.° Considerando que a Nação tem o indeclinavel dever de não lançar, ingratamente na miseria aqueles que bem a serviram.

E' presente á Camara o seguinte projecto:

1.° São demitidos do Exercito todos os oficiaes do quadro permanente ou milicianos, que por qualquer forma se esquivaram de ir ou permanecer na Guerra, quer indo ás juntas e sendo julgados incapazes do serviço de campanha e nas colonias ou reformados, quer desertando para o estrangeiro, e que ingressaram, finda esta, novamente no serviço efectivo;

2.° São, egualmente, demitidos do Exercito todos os oficiaes do quadro permanente e milicianos que, por qualquer forma manifestaram menos lealdade á Republica e, bem assim, os que pela pratica de actos deshonestos ou incompetencia militar, provado que seja por processo individual, se tornem nocivos á dignidade e ao prestigio do exercito;

3.° Os oficiaes e sargentos milicianos que fizeram parte das expedições a França e Africa, com pelo menos trezentos sessenta e cinco dias de serviço na zona de operações, provadas que sejam, por processo individual, as suas boas qualidades militares, capacidade moral e lealdade á Republica, transitam para o quadro permanente.

4.° Os oficiaes e sargentos milicianos que fizeram parte das expedições a França e Africa, e que não completaram os trezentos e sessenta e cinco dias de permanencia na zona de operações e, bem assim, os que, não tendo feito parte d'estas expedições por motivos estranhos á sua vontade, provadas que sejam, por processo individual, as suas boas qualidades militares, capacidade moral e dedicação á Republica, transitam para o quadro permanente; mas ficam obrigados a completar dois anos de serviço de ocupação em Africa, levando-se em conta, por cada dia de serviço de operações dois dias de serviço de ocupação.

5.° Os oficiaes milicianos que transitarem para o quadro permanente contam a sua antiguidade da data de promoção ao posto de alferes milicianos, ficando supranumerarios na escala geral dos oficiaes das suas respectivas armas e serviços, e efectuando-se a sua promoção aos postos imediatos pela do oficial do quadro permanente imediatamente mais moderno;

6.° Fica revogada a legislação em contrario.

O "manjor" Evangelista em acção

Os varios criterios do digno «manjor»

Dissemos hontem que o nosso carissimo amigo, o «manjor» Evangelista, com assento n'uma das muitas e picarescas repartições do Ministerio da Guerra, tinha varios criterios que usava conforme... as necessidades do momento.

O nosso caso é o seguinte, que repetimos e esclarecemos:

O decreto de 31 de maio d'este ano altera o artigo da organisação do exercito que estabelece a diuturnidade para a promoção a tenente.

Essa alteração não podia ser só para os oficiaes do quadro permanente, como muito bem entendeu o comandante da Administração Militar que mandou promover os alferes milicianos nas condições do referido decreto.

A diuturnidade — de 4 anos para a promoção a tenente — foi assim alterada pois «todos» os alferes de 1916 eram imediatamente promovidos. E' logico que, não havendo vagas para se ser promovido a tenente, visto que não ha quadro distincto para alferes e tenentes, mas um só de subalternos, não se pode aplicar ao caso a lei que estatue que a promoção de um miliciano só se efectua depois da promoção do mais moderno do mesmo curso, do quadro permanente. Portanto, o correcto seria ter promovido «todos», os restantes alferes milicianos de artilharia de campanha, cavalaria e infantaria, anteriores a 1917, conforme o decreto, e promover a tenentes ao fim de 4 anos de serviço todos os alferes, conforme mandam as leis do exercito.

Porque se não faz assim?

O sr. «manjor» que nos responda, visto que só ele conhece estes magicos segredos.

AOS SABADOS

A semana literaria

Miscelanea. Aqui livros para a infancia, ali uma reedição do **D. Branca**, e emquanto Viana da Mota se entretem a catar da obra de Camões pensamentos e maximas vae o deputado Eduardo de Sousa analisando a obra do sidonismo.

D. Branca, por Almeida Garrett — Ed. Lelo & Irmão — Porto.

A D. Branca! Tão belos versos que ainda hoje neste tempo de impiedades e de prosa réles, se lê com a mesma sofreguidão como se leria em pleno romantismo ou em qualquer fase lirica. Garrett vae tão longe e comtudo estes 10 cantos, cheios dum enredo romantico ficam, perduram, com a riqueza farta duma coisa velha e de raro quilate. A historia é simples.

Branca cedeu a amor. C'os olhos turvos
De ternura e deleite, o deus extremo
Deu suspirando á virgindade; e morta
De prazer e de amor... caiu nos braços
Do roubador gentil. As horas correm,
Os dias fogem — vôa o tempo a amantes:
E num seio de gloria adormecidos
Abeu-Afan e Branca o mundo esquecem

Mas o amor proibido e execrando do mouro, é punido pelo céu; e emquanto Silves vem ás mãos dos portuguezes, uma voz austera e dura brada, como a voz dos seus remorsos:

Branca, oh! Branca,
Baldado é teu chamar, baldado o choras;
Nunca mais o verás: leva-to a Morte.

e aí temos o desenlace triste da triste vida de D. Branca, que o poeta arrasta em vida:

Flôr da existencia desfolhou-se n'hastea;
Ramos que amarelecem vão caindo;
Vegeta o tronco ainda: — mas é vida
Esse viver que se alimenta em lagrimas?

Puro seculo XIX, cheio de conventos, amores infelizes, não liquidados a tiro, mas cheios de hemoptizes e fundos de conventos, leitura para todos os sexos e todas as idades, pronta a atrair a lagrima ao voltar da pagina. E' um velho livro, sim, destes que fazem o fundo literario duma nação; e a mais não nos atrevemos porque o autor já em 1848 escrevia «Direi de passagem que as criticas, de que foi objecto este poema, lhe foram uteis as mais delas; porque, se nem todas acertaram com os defeitos, todas me fizeram reflectir e achar talvez o que sem elas não acharia. Não falo de certas acusações caluniosas e brutaes com que a mesquinhez de um ou outro sabichão de meia tigela quiz aspergir de imoralidade o meu inocentissimo romance; tão recatado, ó pobre, que até de D. Branca uma das mais despejadas «deoas» do seu tempo — fez a donzela timida e sem malicia que aí pintei, mentindo bem descaradamente á historia. E os tartufos invocaram a historia para acusar o poeta de não respeitar a fama da senhora infanta!»

...Nada acrescentamos, pois, á D. Branca, não vá Garrett nas futuras edições ainda zurzir-nos por lhe tocarmos no poema...

Pensamentos extraidos das obras de **Luiz de Camões**, por J. Viana da Mota — Ed. Renascença Portugueza — Porto.

Ha tão pouca gente que leia, é tão pouquissima que medite sobre o que lê que raramente sae algo de proveitoso da obra dos literatos. Ha como que a tendencia sempre acentuada para o menor esforço, desejando todos como que comer a comida já mastigada.

Trabalhos de analise, de critica, de observação feitos sobre livros, sobre a obra dos nossos maiores ilustres, são rarissimos. Por isso o livro cuidado e curioso de Vianna da Motta aparece com um interesse original e com um fim que só pode dizer proveitoso. A obra de Camões é vastissima, muito reclamada a parte de epopeia, esquecida e mais desprezada a lirica, onde o poeta foi superior. Dessa obra, porém, tirar o verdadeiro pensamento do poeta, o sseus conceitos, as ideias dos homens e dos sentimentos que reflectiam um pouco a sua epoca, é um trabalho artistico que só a artista competia. Vianna da Motta, como detalhe poude assim subsidiar o Verdade sobre o nosso maior poeta, completando as suculentas obras de Teofilo Braga, os estudos de Carolina Michaelis e as notas comentadas de Epifanio, Mendes dos Remedios e quejandos,

com um curioso e completo apanhado de todas as frazes, versos que reunam modos de ver no sentido filosofico, religioso, politico ou moral, pensamentos que são profundas concepções dum alto espirito, inteligente e vivo. Assim, das obras de Luiz de Camões, Vianna da Motta extraíu maximas sobre a Moral, a Patria, a Vida afectiva, onde o «Amor» tem as mais belas definições dadas em verso portuguez, desde aquele soneto «Amor é um fogo...» aos versos esparsos da sua obra «Amor é um, não pode ser partido» ou

Porque o amor, se atentaes,
Num tão verdadeiro amante
Não deixa siso bastante;
Senão se siso chamaes
A doudice tão galante.

que nas «Eglogas» se repete

Onde viste, Nympha, amor sisudo?

etc., etc. Só assim arredando de vez a tentação de transcrever, se podem terminar estas ligeiras notas.

Erudição, deleite, criterio, coube ao artista para compilar numa logica ordenada essa obra dispersa e de altissimo valor. Por isso nos agrada e aconselhamos, essa nova forma da obra de Luiz de Camões, trazida sob uma forma nova, aos nossos espiritos ávidos de assuntos, leitura bela e altos conceitos.

O Dezembrismo e a sua politica na guerra, por Eduardo de Sousa—Ed. Companhia Portugueza Editora—Porto.

Teriamos muito desejo de abordar o assunto politico nesta secção mas a falta de competencia é absoluta; por isso o sr. Eduardo de Sousa veria injustamente acolhida a sua obra; mas se podemos afirmar que a sua prosa é excelente e facil, o nosso redactor politico, acrescenta pela parte que lhe compete, o seguinte:

«Com uma documentação original e inedita, publicou o sr. Eduardo de Sousa, um esplendido «recueil» dos seus mais belos e vibrantes discursos no parlamento, quando tratou da exautoração do dezembrismo. Sofreu, o ex-director da «Republica», maus tratos e perseguições dos apologistas do sr. Sidonio Paes. Como vitima, cheio de justiça e de direito, ele foi completando o seu «dossier» acusatorio, o qual em acção por uma vontade forte e uma oratoria fluente foi uma arma poderosa para liquidar mais algumas utopias e afeições estranhas por aquele longo periodo de perigo para a Republica.

«O Dezembrismo e a sua politica na guerra» é pois um opusculo vibrante, contundente, que revelaria um politico e um patriota se os dotes jornalisticos e oratorios do sr. Eduardo de Sousa não estivessem já comprovados ha muito».

Ele o disse, e eu o confirmo.

Armando Ferreira

Um conflito a bordo

O assunto fica solucionado no Governo Civil, com a intervenção das auctoridades brazileiras

Procedente de Las Palmas, entrou hoje no nosso porto o vapor brazileiro «Rio Jamary», do comando do capitão sr. R. Guimarães, e cujo barco é propriedade de um individuo de nome James Contesse.

Da tripulação fazia ultimamente parte o espanhol José Hernandez, que foi admitido como despenseiro em Las Palmas, a fim de evitar que a bordo se repetissem os furtos de mantimentos que se haviam dado anteriormente durante a viagem.

Sucedeu que a tripulação entrou a queixar-se da falta de comida, pelo que a bordo se deram varias insubordinações e conflitos, originados sempre pelo procedimento do espanhol.

Varias irregularidades por fim se apuraram contra o Hernandez, o qual foi severamente castigado pelo comandante que o fez içar num dos mastros ao qual ficou preso.

O proprietario do vapor não concordou com o castigo e reclamou das nossas autoridades, sendo o caso liquidado hoje no governo civil pelo alferes sr. Barros Queiroz, depois de terem sido presos o comandante Guimarães e o Hernandez. Por fim acordou-se em mandar ambos em liberdade, com a condição, porém, do espanhol não mais poder entrar a bordo, porquanto o comandante não desistiu de ser o responsavel pela disciplina da sua gente.

No governo civil estiveram egualmente tratando do caso alguns funcionarios do consulado brazileiro.

O Rocio no teatro São Luiz

E' hoje que reaparece na sua segunda fase a celebre revista «O Pé de meia», ampliada com o novo acto intitulado «O Rocio», dividido em 9 quadros. N'este acto, que é o 2.º da peça, agora com tres actos, Eduardo Schwalbach mostra-nos a praça do Rocio com todas as transformações por que tem passado desde a Edade Media até aos principios do seculo XIX. Em cenas cheias de movimento e grandiosidade, algumas comicas, outras graciosas, mas todas cheias de verdade e ao sabor das diversas epocas, com uma grande quantidade de figuração e deslumbrante variedade de cenas e costumes, o novo acto apresenta em rigorosos cenarios historicos, copias exactas de gravuras e estudos existentes nos museus e bibliotecas, bem como todos os fatos dos diferentes personagens, esplendidos trabalhos do Mergulhão.

Vida Sportiva

Pelos clubs

(Comunicações oficiaes)

Grupo Desportivo José Alvalade

O capitão geral do Grupo Desportivo José Alvalade pede a comparencia ámanhã no campo do Lumiar, pelas 13 horas, dos 1.º, 2.º, 3.º e 4.º «teams» e dos jogadores que devem constituir o «team» infantil; Dante, Nestor Costa, Ruy, Antonio B. Castro, José Ferreira (capitão), Manuel Bento, Reinaldo Paulo, Fernando Cunha, Tomaz Ferreira, José Lopes, Jacinto Cascaes, José Cunha, N. N., Afonso Barroso, Ramos, Mario Fillol e Teofilo C. Rodrigues.

Concertos Blanch

Está já aberta no teatro São Luiz, por poucos dias, a assinatura livre para os concertos da proxima série da Orquestra Sinfonica Portugueza, dirigida pelo ilustre maestro Pedro Blanch, que acaba de fazer uma brilhante «tournée» por Hespanha, com uma notavel companhia de opera, da qual fazem parte alguns primeiros artistas que veem para S. Carlos, onde Blanch será um dos maestros directores. A assinatura tem sido concorridissima e é muito maior que a do ano passado, o que não admira, não só pelo grande valor artistico de Pedro Blanch e dos elementos que compõem a orquestra, como pelos programas, que serão todos diferentes e todos com primeiras audições de notaveis obras ainda não ouvidas entre nós.

Bucknall, Scholtz & C.ª

Cumprem o doloroso dever de participar a todos os conhecidos e amigos o falecimento do seu chefe de escritorio e particular amigo Antonio Correia Barbosa e que o seu funeral se realisará ámanhã 16, pelas 14 horas, saindo o prestito funebre do hospital de S. José.

Agradecem a todos os seus amigos que acompanhem o falecido á sua ultima morada.

O carvão

Aumentou hoje de preço

De dia para dia, os generos mais necessarios á vida vão aumentando de preço duma forma assustadora e sem que as entidades oficiaes ponham freio a tal especulação.

O carvão, já ultimamente caro, sofreu hoje um aumento de 2 centavos em kilo. O caso levantou justos protestos no publico, mas de nada serve protestar, pois que se está á mercê dos gananciosos.

A questão do peixe

A proposito da Comissão de Subsistencias—Por aquela fórma nada se consegue

Continuemos a analisar o brilhante relatorio da Comissão de Subsistencias, onde se conteem as sabias medidas que hão de baratear o preço do peixe.

O que se vae lêr, a poucas pessôas, por mais entendidas em assuntos economicos podia ocorrer. E', pois, original, e devia ter recebido premio se o houvesse para quem apresentasse disparates. Ahi vae: «Fundação de uma caixa economica, administrada pela Camara, para funcionar como Banco de deposito nas suas relações entre a Camara e o Estado, e os compradores e vendedores.»

Isto sem mais explicações custa a compreender, mas sendo administrada pela Camara, sem duvida deve vir a ser uma grandiosa obra e prestar relevantes serviços á economia do paiz. E' uma caixa economica que funciona como Banco de deposito, ou pode ser tambem ao contrario. As transacções haviam de ser importantes entre a Camara, que não tem vintem, e o Estado que não lhe sobejam escudos. Este Banco de deposito tambem mantinha relações entre compradores e vendedores.

Ora a Camara, «deitando a unha a todo o peixe que viesse aos mercados de Lisboa», afirma que esta medida tem uma grande vantagem, tal é a de acabarem os intermediarios. Se acaba com eles para que funda uma caixa economica ou Banco de deposito para manter relações entre compradores e vendedores?

Se não ha intermediarios, porque a Camara detem todo o peixe e o vende directamente pelo seu «luzido corpo» de vendedeiras ambulantes ao publico, como pode essa gente, que a Camara vae dar cabo, ter relações com o tal Banco de deposito creado expressamente para eles?

Mas se lêrmos bem o complicado relatorio concluimos que ha intermediarios, e que a Camara na 2.ª lota procede exactamente como agora. Com excepção a esta lota, restrictiva como é, sómente concorrem vendedeiras, não confundir estas com o «corpo de vendedeiras ambulantes da Camara».

O relatorio, n'outra parte, diz o contrario d'isto, e veja-se: A primeira conclusão, é deitar á russa a unha ao peixe. Isto tem uma vantagem principal, «a supressão dos intermediarios». Mas tem um inconveniente, «não ter a Camara acção directa na exploração dos navios de pesca, o que lhes poderia acarretar dificuldades».

Estas dificuldades, porém, foram logo removidas. A vereação gritou á uma: «A' unha os vapores de pesca». E em virtude de tão violenta resolução se foi impôr ao sr. Presidente do Ministerio a requisição de todos os vapores de pesca, no valor de 3.500 milhões de escudos, pertencentes a 14 empresas de pesca que á sombra das leis os adquiriram e sob leis tambem honestamente os exploram, pondo a pescaria que colhem na «lota publica» para lhes fazerem o preço e pagarem o correspondente imposto do pescado e a renda á Camara.

Vem, porém, a vereação de Lisboa, com falta absoluta de pejo explorando a crise afflictiva das subsistencias sob a rubrica de baratear o preço do peixe, extorquir a propriedade dos vapores, para os explorar. Isto não é municipalisar, isto tem outro nome que é escusado escrever porque bem se percebe.

A quem julga a C. de S. iludir? Alguem acredita que a Camara vá pescar ficando-lhe o producto a $24 o kilo? E' de mais brincar com a carestia da vida. Não teve a C. de S. peixe a $30 o kilo e ainda mais barato, entre $08,3 e $27 para as classes pobres? Porque não o acceitou? Está na esperança que os navios lhe vão parar á unha? Ou anda iludindo o tal povo que a pôz no poleiro, dizendo que não póde dar peixe barato, sem vapores ás ordens? E se não se fornece peixe a $24 o kilo a culpa é dos armadores, e por isso os tem enxovalhado.

Mas se não se deu á C. de S. o peixe a $24, ofereceram-se os vapores para pescar. Afretem-nos como qualquer especulador faria, embora as corporações administrativas não devam ser comerciantes, como a proposta da C. de S. alvitra: «que se conceda á Camara mais ampla liberdade á industria e ao comercio de todo o peixe e exercer a pesca directamente em navios seus, concorrendo com a industria e comercio livre».

N'estes termos, póde pescar, porque não desorganisa a industria. Arruina-se a si. A Camara não vivendo dos recursos dos vereadores, mas dos impostos arrancados aos municipes, bem lhe importa que eles paguem mais. Para terem as ruas porcas, descalçadas e exalando pestilencias, já sabem quanto dispendeu. As pescas serão outros talhos municipaes, sorvedouro de dinheiro, a que a boa administração devia já ter posto termo.

A pesca por conta da camara figura na II conclusão da C. de S. e diz: «Adaptada só teria vantagens», mas coitada da Camara, tinha de contrahir um emprestimo de 1.000 contos, em conta corrente, amortisavel em dez anos, para acquisição de navios e d'um frigorifico.

A proposta fecha com chave d'ouro e revela a mais crassa ignorancia do assunto.

De 1912 a 1915 trabalharam 22 vapores em Lisboa. Houve, porque está hoje desmantelado, um magnifico frigorifico no Mercado de Santos. Pois, raras vezes n'ele se guardou peixe, porque o que os vapores traziam mal chegava para pôr á venda em media diaria 45.000 kilos, que é o consumo regular da capital. Com 1.000 contos a Camara não compra cinco vapores. Se comprar quatro, resta-lhe dinheiro para construir o frigorifico, que deve conservar moscas, em vez de peixe dos quatro vapores.

Noticias da Capital

Roubos e mais roubos

A firma Mendes & Moura, Ld.ª, com casa de fazendas na rua do Comercio, 16 a 22, queixou-se na policia contra os gatunos, que ali entraram com chave falsa, levando fazendas no valor de 400 escudos.

—Armando Marques Gervasio, da rua Moraes Soares, 174, 1.º, tambem se queixou de que seguindo n'um carro electrico pela avenida Almirante Reis, lhe furtaram a carteira com 445 escudos e varios documentos.

Uma ordem... terrivel!

Nas varias secções da policia de investigação, apareceu hoje afixada uma ordem de serviço, prohibindo terminantemente aos agentes fornecerem noticias ou informações aos redactores, «reporters» e informadores dos jornaes, com os quaes não poderão tambem comunicar.

O não cumprimento de tal determinação implicará graves penalidades para o funcionario que prevaricar, o qual poderá ser levado até ao Tribunal.

Por sua parte, os jornalistas julgam-se de futuro desobrigados de deixarem de publicar quaesquer noticias de que tenham conhecimento e sobre as quaes a policia de investigação solicite sigilo.

Foi egualmente dada ordem aos agentes para não frequentarem as tabernas fronteiras ao edificio do governo civil, por tal facto representar uma vergonha e falta de decôro para a corporação.

E, realmente não se compreende que os agentes frequentem essas tabernas, quando, portas a dentro do governo civil, teem, na Cantina, todo o vinho a copo que desejem...

Caso a averiguar

Na esquadra do Bairro Alto, apareceram hoje a comunicar que numa hospedaria da rua da Rosa, 133, 1.º, uma mulher tivera uma creança de tempo, morta. Chamada a parteira Amelia Alves, da travessa da Boa Hora, 28, 2.º, e o juiz de paz daquela area sr. José Joaquim d'Almeida, foi a doente removida para o hospital de S. José, bem como a creança morta. A parturiente chama-se Deolinda Pereira, de 30 anos, natural de Lisboa, tendo a creança sido examinada no banco do hospital de S. José, pelo medico ali de serviço, recolhendo depois o cadaver á Morgue.

Visitas aos calabouços do governo civil

Encontra-se ha dias em Lisboa, devendo em breves dias regressar ao Brazil, o sr. José Monteiro da Rocha, inspector da policia em Santos.

Aquele funcionario, que já visitou as cadeias civis de Lisboa, incluindo o forte de Monsanto e a antiga Penitenciaria, esteve hoje no governo civil, onde, acompanhado pelo alferes sr. Bana, ajudante do comissario geral, visitou os calabouços, bem como os quartos particulares destinados aos presos.

Agressão á facada

Na ponte de Frielas, Loures, houve uma grande desordem, da qual saíu ferido com tres facadas, uma no ventre e duas nas costas, o magarefe Raul Crispim, o qual veiu hoje para o hospital de S. José, ficando na enfermaria 4.

Horrorosamente queimado

Quando na estação de Paço d'Arcos estava confeccionando a comida o assentador José Antonio Guisado, foi acometido dum ataque, caindo sobre o lume, pelo que ficou horrorosamente queimado.

Recolheu em estado gravissimo á enfermaria n.º 4 do hospital de S. José.

A tragedia do Bairro Alto

O agente Mira, da policia de investigação, já interrogou o serralheiro José de Jesus Marques, que ante-hontem no 2.º andar do predio 86, da travessa dos Fieis de Deus, disparou alguns tiros sobre sua irmã Maria da Conceição Marques e seu amante o industrial Antonio Pereira, o qual teve morte instantanea. O José Marques, que confessou o crime, deve ser depois de ámanhã remetido ao tribunal da Boa Hora.

A Maria da Conceição Marques, que recolheu a uma das enfermarias do posto da Mizericordia, continua melhorando, sendo bastante satisfatorio o seu estado.

Na Morgue foi hoje de tarde autopsiado Antonio Pereira, devendo o seu funeral realisar-se ámanhã, pelas 15 horas.

«As garras do leão» «O caminho mais longo»

São estas as duas deliciosas peliculas que hoje se exibem no luxuoso Salão Central, da praça dos Restauradores.

D'«As garras do leão», teremos, além das segunda e terceira jornadas que o publico já conhece e muito tem apreciado, a quarta intitulada «A areia movediça», de exito completo, garantido, taes são os seus episodios sempre cheios de interesse e novidade, e em que Marie Walcamp, a sua destemida interprete, tem um trabalho assombroso.

«O caminho mais longo», que preenche o resto do programa, é um «film» em 6 actos, replecto das scenas mais comoventes, desempenhado pelas duas gloriosas irmãs Diomira e Maria Jacobini e pelo eximio actor Julio Carminatti.

E', como se vê, um espectaculo tentador, com todos os elementos para que a noite de hoje no Central seja de verdadeira festa.

A'manhã, domingo, uma interessante «matinée», para que estão já marcados bastantes bilhetes.

ULTIMA HORA

POLITICA

A questão dos altos comissarios

Mantenham-se as Cartas Organicas, embora se criem os altos comissarios, diz o sr. dr. Paiva Gomes.

Os jornaes da manhã expuzeram pormenorisadamente o que hontem se passou na reunião dos parlamentares democraticos. Pouco ha a acrescentar, mas esse pouco não deixa de oferecer algum interesse.

Devemos destacar, primeiro que tudo e para boa inteligencia do valor que teem, realmente, esta especie de reuniões preparatorias, que não se deve ajuizar por elas, duma forma absoluta, do que, em ultima analise, se ha-de resolver no parlamento. Como tem acontecido com todas as outras, a reunião de hontem foi pouco concorrida, sendo ignorada a opinião de uma grande parte dos parlamentares democraticos ácerca de este momentoso problema dos altos comissarios africanos. Além desta circumstancias tambem se deve contar com a indiferença com que a maioria dos deputados e senadores encara estas e outras questões vitaes da nacionalidade.

Estas duas razões são suficientes para se concluir quanto é prematuro prever as decisões em que o Congresso ha-de vir a assentar.

Estamos tambem habilitados a esclarecer a opinião publica ácerca da atitude do sr. ministro das colonias. Efectivamente fômos a tal respeito completamente ilucidados por alguem que nos merece inteira confiança.

O que, especialmente, repugna ao sr. ministro das colonias é que, sendo ele ministro, se venham a diminuir as atribuições do poder central relativamente á administração dos dominios ultramarinos. Se isto é assim, devemos concluir que se trata dum apego a velhas usanças motivado por um preconceito, aliás respeitavel e explicavel, puramente pessoal e, por assim dizer, de ordem exclusivamente hierarquica.

Os jornaes disseram tambem alguma coisa ácerca da atitude do sr. Paiva Gomes, ex-ministro das finanças e parlamentar de destaque no grupo democratico. Tivemos a felicidade de encontrar, esta tarde, este ilustre homem publico e recebemos a honra de nos expôr muitas das suas ideias ácerca da questão que se está debatendo. Não as podemos relatar todas, que não ha tempo nem espaço; mas tomamos a liberdade de expôr o que de mais saliente se vincou na nossa memoria. Assim, nós perguntámos:

—E' v. ex.ª contrario aos altos comissarios africanos?

—Não. E' certo que já me atribuiram essa ideia, mas houve erro. Sou, pelo contrario, pela criação desse superior funcionalismo colonial, que pode denominar-se alto comissariado ou qualquer outra coisa apropriada; o nome não faz ao caso, evidentemente. Agora, no que eu discordo é na organisação que o projecto, hontem presente á reunião democratica, pretende dar a esses elevados cargos da burocracia colonial.

—Se v. ex.ª quizesse expôr-nos o seu pensamento...

—Eil-o, nas suas linhas geraes: Os altos comissarios devem exercer as suas funções subordinados ás Cartas Organicas, já decretadas para as colonias. Estas Cartas são, para os dominios ultramarinos, o que é para nós, agora, a Constituição e foi na monarquia a Carta Constitucional. E, se é certo que aqueles diplomas estão regendo as colonias, não deixa de ser verdade que o pouco tempo da experiencia não deixou conhecer dos seus beneficos efeitos.

—Então os poderes dos altos comissarios...

—Devem ser harmonicos com as Cartas Organicas. Isso não impedirá que possam ser latissimos.

—E respectivamente á acção do poder central, qual é a aponião de v. ex.ª?

—Repugna-me que o ministerio das colonias fique com a faculdade de legislar extra-parlamentarmente. Eu penso assim e, parece-me, o parlamento não aceitará essa formula.

—Ouvimos falar em grupos de colonias...

—Tambem eu. Ha, efectivamente, quem advogue a nomeação de altos comissarios para grupos de colonias, mas eu não compreendo bem o que isto quer dizer.

«Se se pretende auxiliar o desenvolvimento d'uma colonia á custa d'outra, de Angola á custa de S. Tomé, por exemplo, não me parece nem justo, nem equitativo, nem mesmo viavel, visto que S. Tomé, a colonia prospera, se defenderá contra a colonia pobre, que é Angola. Entendo, pois, que cada colonia tem que de desenvolver com os recursos proprios, embora com a protecção e sob os auspicios da Metropole.

Fiquemos por aqui. Muito pouco fica dito do muito que ouvimos ao sr. Paiva Gomes, homem de estudo e que demonstra sempre, quando trata qualquer assunto, uma grande erudição. Mas, de tudo quanto lhe ouvimos, se pode concluir que o problema dos altos comissariados africanos está ainda longe d'uma solução definitiva...

Aniversario da republica brazileira

Passando hoje o 30.º aniversario da proclamação da Republica dos Estados Unidos do Brazil, foi a gloriosa data festejada com embandeiramento da embaixada, consulado geral e residencias de cidadãos da florescente nação irmã.

Na embaixada foram recebidas visitas, cartões e telegramas de felicitação de numerosas pessoas, entre elas o chefe do Estado, presidente do ministerio, ministro dos negocios estrangeiros, representantes do corpo diplomatico e consular estrangeiros, negociantes e capitalistas brazileiros, de passagem ou residentes em Lisboa, etc.

Exposição d'arte

Inaugurou-se hoje, tendo sido visitada pelo sr presidente da Republica

Como hontem dissemos, foi hoje inaugurada no edificio da Sociedade Nacional de Belas Artes a exposição promovida pelos artistas Adriano Costa, Joaquim Costa, Teodosio Ferreira, Alberto de Lacerda e Fernando dos Santos.

A assistencia foi grande e o sr. presidente da Republica teve palavras de elogio para os expositores. Além do sr. dr. Antonio José d'Almeida, tambem ali estiveram os srs. presidente do ministerio e ministro dos negocios estrangeiros.

Almoço na legação de França

De regresso de Paris, encontra-se no Avenida Palace, com sua esposa, o sr. Eduardo Bulcão, consul de varios paizes na Horta.

Como prova do reconhecimento pelos valiosos serviços por ele prestados durante a guerra aos aliados, o sr. ministro da França em Lisboa ofereceu-lhe hoje um almoço, a que assistiu o pessoal da legação.

O sr. Bulcão parte no dia 20 para os Açores.

Poeira da Arcada

Conferencia

O sr. general Ilharco teve hoje uma demorada conferencia com o sr. ministro da guerra.

Sanidade interna

O boletim de sanidade interna referente á ultima semana regista em Lisboa 28 casos de difteria, 14 de febre tifoide, 5 de meningite, 4 de sarampo e 30 de variola.

Serviço telegrafico da tarde

PARIS, 14.

Até agora não ocorreu nenhum incidente eleitoral em toda a França. São 1.200 os candidatos que se apresentam ao sufragio em 395 circunscripções. Em algumas os circulos são disputados por 6 listas, na 3.ª circunscripção do Sena (onde está Paris) ha 12 listas.—(Havas).

ROMA, 12.

O ministro de Portugal ofereceu um jantar á missão naval portugueza, ao qual assistiram os srs. Sferza, Elbricci, Sechi, Tahanilerel Diaz e outras auctoridades.—(Havas).

PARIS, 13.

Foi o cardeal Amette que casou o principe Sixto de Bourbon e Parma com mademoiselle Declareche Feucauld Deudeauville.—(Havas).

ROMA, 11.

O comandante do cruzador «S. Gabriel», chefe da missão naval portugueza, depositou corôas no altar da patria e em jazigos do Panteon, assistindo á noite á recepção dada no Capitolio em sua honra.—(Havas).

GLASGOW, 13.

O sr. Poincaré e sua esposa andam visitando a Escossia, sendo muito aclamados.—(Havas).

BRUXELAS, 12.

O rei e a rainha da Belgica tendo desembarcado em Brest, tomaram um comboio especial para chegarem a Bruxelas no meio de aclamação.—(Havas).

AVIAÇÃO

Chega á Amadora o aviador Raynham

O aviador inglez Raynham levantou hoje vôo do campo de Alverca em direcção á Amadora, onde aterrou cerca das 16 horas.

Antes da sua chegada, o sr. ministro da guerra subira num aparelho Breguet, o qual fez diversas evoluções.

A assistencia, que era numerosissima, aplaudiu calorosamente o aviador inglez que fez verdadeiras maravilhas antes da aterragem, executando as mais dificeis evoluções. O aparelho do aviador Raynham era precedido dalguns aparelhos portuguezes.

Roubo importante nos correios

Foram hoje encontrados abandonados mais alguns volumes que iam na mala desaparecida

Ante-hontem á noite, foi roubada do «camion» ao serviço dos correios, quando da central do Terreiro do Paço se dirigia para a estação do Rocio, com malas para o comboio do norte, uma mala com os registros contendo valores importantissimos. Essa mala apareceu depois, esfaqueada e vasia junto á estatua de D. José, sendo mais tarde encontrado tambem, na Mouraria, um registo contendo 200 escudos e que certamente os cumplices no roubo deixaram caír.

Os funcionarios dos correios procederam logo a varias diligencias, de que resultou terem sido detidos para averiguações o «chauffeur» do «camion» e um ex-empregado dos correios expulso ha tempos, tendo ambos recolhido incomunicaveis a varias esquadras.

A' policia foi já o caso comunicado, tendo sido encarregado o agente Felisberto de Oliveira de proceder ás necessarias investigações, sobre as quaes se guarda o maior sigilo.

Sob um dos bancos de pedra da praça do Comercio, foram hoje encontrados por Mario de Sousa, das escadinhas das Portas do Mar, 1, 1.º, sete volumes registados que aquele senhor foi depois entregar ao chefe de serviço dos correios.

Ao que consta, esses volumes foram no local abandonados por um distribuidor dos correios.

Hoje foi chamado á Central do Terreiro do Paço, a fim de prestar declarações o ex-servente Hortencio Fonseca ha muito tempo demitido do serviço e que ultimamente fôra visto nos corredores do edificio onde nada tinha que fazer.

Depois de interrogado recolheu, por suspeito, a um dos calabouços do governo civil.

Como acima deixamos dito a mala continha importantissimos valores, parte dos quaes teem já aparecido, não estando no emtanto ainda averiguada a importancia total do roubo.

O caso está sendo tratado superiormente pelo inspector sr. Novaes.

Os "vatels" em grève

Pedem para ser atingidos pelo novo horario de trabalho

Constou hoje em Lisboa que os cozinheiros dos hoteis se haviam declarado em gréve. Não se trata de um movimento já definitivamente assente, comquanto os «Vatels» realmente se manifestassem contra o facto de terem sido excluidos do horario do trabalho, bem como os empregados dos «restaurants».

No hotel Continental, da praça de D. Pedro, que actualmente é propriedade do dono do Metropole; os cozinheiros só apareceram ás 9 horas. O patrão não concordou com o caso e despediu os retardatarios, os quaes protestaram, tratando de aliciar outros colegas, na maioria gente regressada das praias e termas, que andaram percorrendo os hoteis da capital, no intuito de impôrem aos patrões os privilegios de que gosam outras classes com a nova lei das 8 horas de trabalho.

O caso foi conhecido no governo civil, onde alguns proprietarios de hoteis se apresentaram a fazer as suas reclamações á policia, ficando resolvido enviar patrulhas dobradas para os hoteis de Lisboa, a fim de se evitar conflitos.

O mais curioso é que nem todos os cozinheiros estão de acordo com os seus colegas, motivo porque a classe está desunida, não devendo o movimento ter grande importancia.

A' policia foram dadas ordens para proceder contra os grévistas, que sejam galegos, os quaes serão presos e postos na fronteira como agitadores.

Um grupo de grévistas tentou um acto de «sabotage» nas cozinhas do hotel Continental, os quaes deitam para a rua das Galinheiras, chegando a arremessar lixo e varias porcarias pelas janelas e portas gradeadas.

CAMBIOS

Henrique de Sousa & C.ª

Rua Aurea, 56—60

Lisboa, 15 de novembro de 1919.

	Compra	Venda
Londres, cheque....	24 3/8	24 1/8
» 90 dias....	24 3/4	—
Paris, cheque.......	254	257
Madrid, cheque.....	475	480
Berlim, cheque......	65	72
» notas........	—	—
Amsterdam, cheque	895	905
New-York, cheque..	2370	2400
» notas....	2350	2390
» ouro.....	2320	2380
Libras em ouro......	11$70	11$90
Agio do ouro.......	158	162
Rio sobre Londres..	16 3/8	
Suissa..............	430	437
Italia..............	195	205
Belgica.............	273	276

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 377 — 10.º anno — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA—Domingo, 16 de Novembro de 1919

Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL — Officina de impressão — 71, Rua da Bica, 71

Preço, 2 centavos

Ainda os altos comissarios

Decididamente, não parece haver maneira de se resolver esta complicada questão dos altos comissarios para as nossas provincias ultramarinas! E, todavia, é necessario decidil-a, e decidil-a quanto antes, procurando todos chegar ao entendimento que as mais rudimentares noções do patriotismo lhes impõem.

Vejamos. Os altos comissarios são indispensaveis ou não são, em presença das circumstancias novas em que se deve tratar do futuro das colonias?

Se não são, haja a coragem de o declarar, e, provando-se que realmente o não são, acabemos com esta interminavel divergencia de opiniões.

Se são, como tudo claramente indica, da maneira mais formal e categorica, então tratemos de decidir o caso, transigindo todos no que puderem transigir nos aspectos não essenciaes da questão.

Alega-se que os altos comissarios querem revestir-se de poderes magestaticos. E' preciso distinguir entre aquillo que, sob esse ponto de vista, se possa considerar indispensavel para o exercicio da sua missão, e aquillo que realmente o não seja, representando um excesso de poderes, de que podem resultar as mais sérias complicações.

Uma das pretensões que reputamos exagerada é a de juntar á enorme provincia de Angola para efeitos de governo outras provincias ultramarinas. Dir-se-ia que se pretende constituir um imperio sob o dominio quasi absoluto dum vice-rei—dizem os que impugnam essa pretensão. Não supômos tal; mas não ha duvida que, mesmo para um alto comissario, a provincia de Angola, vinte vezes maior do que Portugal, já é campo suficiente para a sua actividade, por maior que ela se manifeste.

Façamos as coisas mais modestamente. Angola basta para um alto comissario. E se chegarmos a este «desideratum», desvanecer-se-ha do espirito publico sensivelmente a apreensão de que se esteja formando mais uma daquelas ambições do mando exclusivo e omnipotente que tem sido a desgraça de Portugal.

Entre a situação actual, em que tudo depende da metropole, e que justifica as queixas e reclamações das populações coloniaes, e a atribuição a um determinado funcionario de poderes que chegam a substituir os do parlamento, podendo não só gerar as ambições a que já nos referimos, mas até contribuir poderosamente para romper os elos com a mãe patria, vae uma grande distancia, que cumpre não esquecer. Para isso basta que não surjam intransigencias irredutiveis na apreciação do problema proposto.

As nossas colonias teem de se desenvolver. Este é o facto. Para isso está reconhecido que é preciso modificar as normas em que até agora se baseiava a sua administração e o seu governo. Está muito bem. Assim se justifica a creação dos altos comissarios? Perfeitamente. Mas para que haja altos comissarios não é indispensavel que eles sejam uma especie de monarcas absolutos, como não é indispensavel tambem que fiquem tolhidos nas malhas burocraticas do ministerio das colonias.

Faça-se o que fôr preciso; mas só o que fôr preciso. Parece-nos esta a chave da questão.

OURIQUE

ALJUBARROTA

BUSSACO

FLANDRES

E tantos outros padrões de gloria e heroicidade portugueza passarão nos folhetins

As grandes batalhas

que «A Capital» começa a inserir em 2 de janeiro de 1920, pela pena invocadora do primeiro escritor portuguez da actualidade

o dr. Julio Dantas

A vida heroica dum Portugal Grande, os rasgos alevantados dos nossos bravos soldados, gente de Afonso Henriques ou «serranos» de La Lys, são paginas de historia, que, desde o nascer da nacionalidade até ás horas gloriosas da Flandres, atestam a valentia, a generosidade, a lealdade da gente portugueza.

O CONTO DE DOMINGO

Como falava Zeferino

Logo que a guerra se declarou, formaram-se dois partidos: o dos que não queriam ir, e o dos que queriam que os outros fossem.

O tipo mais original que encontrei nos 9 milhões de portuguezes que pertenciam a este segundo partido, foi Zeferino.

Certa tarde, sahia do emprego, encontrei o dr. X., fornecedor de botões de ceroulas para a infantaria e um dos mais influentes partidarios da luta armada; arrebatou-me logo:

—Has de vir hoje ao «Centro Fraternidade Pró's Amigos»; ha grande sessão solene, grande entusiasmo. Eu presido...

—Pois sim, mas filho, bem sabes que...

—Fala o Orlando Correia, o Manuel Viriato e o Zeferino...

—Então os antigos paladinos dos comicios onde se meteram?

—Esse falaram já de mais...

—E quem veem a ser esses tipos?

—Tipos, não. Gente da melhor; patriotas inflamados. O Correia é um jornalista, muito miope, que foi rejeitado na junta, e o Viriato é aquele gago da Junta do Descredito Publico; ha tambem o Zeferino...

—E' convicto?

—Sei lá. Faz propaganda da guerra pelo morticinio, que ela traz...

—Hein? Mas isso é um carniceiro?!

—Não. E' apenas um tipo curioso, cujas teorias são o mais originaes possiveis...

Não podia faltar; como ha maduros que colecionam selos, moedas, eu coleciono tipos. Mas o Zeferino apresentado foi um vulgar Zeferino. Magro, figura melancolica, uma fabita bastante encebada, de mal com o colarinho, um plastron negro, um chapeu molle sobre o rosto macilento. Antes da sessão ser aberta, poucos minutos tive para o abordar. A sala ornada com folhas de palmeira, retratos de paladinos da democracia, continha tres duzias de ouvintes que liam os jornaes da noite nas primeiras filas de cadeiras. O dr. X abriu a sessão, com o sacramental, «minhas senhoras, meus senhores» muito embora, a unica representante do sexo fraco fôsse a gata do continuo do Centro, que dormitava sob a meza de presidencia.

A sessão pouco me interessou. Todos concordaram em que o inimigo estava além—apontavam para o corredor,—era preciso esmagal-o, vencel-o; dar o «nosso» sangue para o dominar, senão...

O sr. Viriato, bastante tragico, falava de Bismarc, das campanhas peninsulares, do futuro insondavel e risonho das prosperidades das nossas colonias. O sr. Orlando, furioso, contentava-se em pedir aos 30 e tal ouvintes que arrazassem os novos «hunos», levassem na ponta das suas espadas o nome glorioso do velho paiz, cheio de tradições, onde o sol é sempre dourado e o céu sempre azul (um bocado gasto, é verdade, pelo uso, este pensamento, mas de seguro efeito).

Depois beberam agua. E' muito recomendavel á fala e ao patriotismo.

O ultimo foi Zeferino, falava com entoação sibilante; a voz de falsete escoava-se por um largo espaço na fileira amarela dos seus dentes.

—«Queria a guerra pela guerra, como selecção dos fortes. A vida só tem um fim: alcançar a paz eterna; aqueles que partiam buscavam essa paz, pela estrada mais ruitilante: a da gloria.»

Ao terminar dos discursos, depois da debandada dos trinta e tal ouvintes e dos oradores, os quaes partiam convencidos que isto de patriotismo é assim coisa que se prega entre um copinho d'agua e quatro paredes com folhas de palmeira, segurei pelo braço de Zeferino; dispunha-se a sahir tambem mergulhado na sua funebre expressão de tristeza.

—Quer o meu amigo vir d'ahi, cear comigo? Conversaremos. Eu admiro alguem que encerre ideias novas, originaes, inspiradas.

—Oh, meu caro senhor—voltava Zeferino—as minhas ideias são velhas como o sofrer. O que é a vida? Sofrer. O que é a morte? A libertação, o descanço...

—Mas... já o filosofo perguntava: —Haverá paz no tumulo?

—Quem o pode duvidar? Não creio em alma, uma concepção abstracta, nem na metempsicose, nem em espiritos. Ali, á beirinha do R. I. P., zás, acabou-se tudo.

Tinhamos entrado n'um restaurant modesto. Mandei vir bife, ovos, cerveja; o sr. Zeferino, mais animado—eu adivinhára-lhe a fraqueza—elucidava-me das suas teorias.

—Vale a pena, acaso, por meia duzia de prazeres efemeros que se conseguem na vida, os milhões de sofrimentos que a todo o momento se deparam? Nunca, nunca, meu caro senhor. A honra, a gloria, são convenções; tudo é fumo; é nada. E o amor? O amor sem um suicidio não encerra nada de divino.

—Oh!

—Eu exulto—sim, porque não hei de ser franco?—quando leio nos jornaes, um casal que deu cabo da existencia, por amor. Mais ainda: toda a minha alma rejubila quando sei d'uma donzela, d'um mancebo, morto de tuberculose, desfeito, sombra, farrapo, minado pelo sofrimento, pelos amores contrariados ou não correspondidos.

—Oh!

—E' estupendo mas é verdade. E sabe porquê? Porque admiro os grandes amores; as almas que vivem iludidas e morrem felizes, assim n'esta ilusão, mais tarde perante o casamento, a vida, aborrecer-se-hiam, enfastiar-se-hiam, e esse sofrimento seria então inutil, esteril. Na gloria, na fama, dá-se o mesmo caso: homem que se mate, que tombe com uma congestão... proporciona-me dia de festa. Eis ali baqueada, a gloria futil, vã! Para que servem honras, vaidades, tudo é pó e nada, como diz o meu amigo padre Vieira. A politica é um elemento que eu admiro e respeito; gera os assassinatos passionaes, os crimes, as revoluções, as guerras... tudo meios de destruição para o genero humano...

—Oh!

O bife acabára de passar no esofago Zeferiano, e ele exultante, os olhos brilhando de prazer, de boa disposição, ia agora, ao mesmo tempo que falava, comendo frutas, gruyére...

—A todo o instante, o meu caro amigo ha de ouvir dizer áquelles que julga mais ditosos: «isto dá vontade de morrer!» Mas porque não morrem? Essa é bôa. Se todos tivessem a força de energia suficiente para completarem com o facto a frase, seria feliz; meia humanidade tombaria, deixando de sofrer. Mas isso sim... Covardia, covardia é que para ahi ha.

«Velhada inutil, a cahir de pôdre, para que vive, não me fará favor de dizer? E os doentes? Tanta chaga, desgraça, horrores em vida para quê? Não era um alivio que Nosso Senhor os levasse a todos? Sempre que vejo um batisado, sinto um estremeção dentro do peito, e pergunto a mim proprio: Quanto sofrer te está reservado n'este vale de lagrimas, pudibunda creança, rebento imaculado! Se houvesse um Deus, justo e bom, não te dava já, emquanto estás virgem de sofrer, a morte, a morte pacificadora e serena?

—Oh!

—A morte é o alivio, a paz. Os ricos principalmente deviam morrer todos. Não trabalham, nada produzem. Não concorda?

Limpava os bigodes negros, a pingar de café, e erguendo-se comigo, recido, e entregou-me cortez o seu biconduia emquanto eu pagava:

—A morte é a vida, creia. Se pensar n'isto profundamente... ha de me dar razão. Talvez mesmo a busque por suas mãos...

—Livra!—rematei eu, respirando fundo como para me libertar d'um pezadelo; e para me desembaraçar da agourenta figura do sr. Zeferino acrescentei:

—Pois estimei muito conhecêl-o. Deveras interessante a nossa palestra; até mais vêr, meu caro senhor.

Zeferino puxou da sua velha carteira de couro amarelo sujo, com vestigios d'um monograma desaparecido e entregou-me cortez o seu bilhete de visita. Apertou depois a minha mão efusivamente, já normal, já tornado a si:

—Eu é que estimei muito e muito conhecel-o; estou reconhecidissimo... e se alguma vez necessitar dos meus humildes prestimos, já sabe, tem amigo dedicado para o servir.

Cumprimentou e seguiu.

Olhei então o bilhete:

> **Zeferino Augusto Matias**
> ENCARREGA-SE DE FUNERAES EM TODOS OS PREÇOS
> Agencia Funeraria
> R. da Magdalena, 230

Armando Ferreira

Noticias de Paris

= O que são as estradas de Portugal
= A moda deste inverno em todo o mundo
= «Time and work... are money»

«A Capital» publicou ha dias um artigo narrando as inclemencias que passa um viajante em determinada estrada dos arredores de Lisboa que afinal não é mais do que uma repetição de tantas outras pelo paiz fóra.

Tudo quanto ha de menos propicio para o «turismo», essa fantasia que só existe na boa vontade de muitos e na ilusão de quasi todos, tudo quanto ha de mais improprio para «raids» ou certamens sportivos, automobilista ou ciclista! Não podemos pois deixar de nos surpreender ante a noticia dum «raid» entre Lisboa e Paris, realisado ha dias por um novo e audacioso «sportman» e comerciante lisboeta.

Como se proporcionava o ensejo de colhermos impressões sobre Paris, esse Paris, hoje entregue ao problema das eleições mas sempre na vanguarda da civilisação pela sua industria, pelo seu progresso, pela sua arte, fomos procurar o recemchegado do coração da Europa a fim de sabermos novidades originaes e ineditas. O acolhimento foi franco e leal. O assunto não podia deixar de ser a «vida», esse grande problema de momento.

—Em Paris, o custo da vida atinge proporções assombrosas. Em Paris, porque no resto da França, principalmente no sul, os preços são mais proporcionados. O problema da habitação resta como aqui, insoluvel. A população é constantemente acrescida com gente dos campos que procura os grandes centros para viver mais desafogadamente. Daí, um excesso de gente que disputa o mais pequeno quarto que aparece.

—Paris alastra então?...

—Como sabe, mesmo antes da guerra, era já nos arredores da cidade que a maior parte da sua população se albergava. Hoje dá-se o mesmo mas agravado. E a gravidade da situação é tal que nem o presidente da Republica actual, quando deixar o cargo, tem residencia. Este facto já veiu nos jornaes...

—E ácerca de gréves, das 8 horas de trabalho?

—Vigora actualmente, mas creio que terá de ser posta de parte em breve, devido á crise para que naturalmente a produção mundial tende. A Belgica, os pequenos paizes, na sua reconstrução economica não querem senão trabalhar. E' essa a aspiração dos que teem consciencia do dia de ámanhã. Deve reparar que tudo tende a mudar. A luta intensifica-se, e se, o luxo numa demencia de inconscientes se pavoneia cada vez mais, é porque o capital gira com mais velocidade, muda de dono com frequencia... Os grandes negocios, as grandes emprezas...

—Muito trabalho, muita energia?

—Não faz ideia! A' semelhança dos grandes centros americanos, a vida das grandes cidades francezas e espanholas, que visitei centuplicou-se; os grandes e pequenos negociantes multiplicam as horas da sua actividade; aproveitando todas as invenções modernas a sua vida industrial e comercial é medonha. Então desde que apareceram no mercado os automoveis ligeiros e baratos, americanos, os «Chevrolets» que qualquer pessoa pode adquirir facilmente, o rendimento util do dia de trabalho do industrial, do financeiro, do banqueiro, foi muito maior.

—«Time is money...»

—Não; agora diz-se: Time and work... ao money. Aproveitando o tempo e trabalhando muito... tem-se dinheiro. Como se aproveita o tempo? Andando depressa. Como se anda depressa? Comprando um automovel. Por isso, eu que chego de Paris, posso garantir-lhe que a moda deset ano em todo o mundo é o automovel. O automovel «Chevrolet», produto americano, leve, elegante, ao alcance de todas as bolsas, resistente, pronto para viagem, para turismo, para negocios, realisou então o ideal dos homens praticos.

—Visitou o «Salon»?

—Visitei, e, com franqueza, não encontrei melhor marca nem melhores requisitos. Como sabe, quando Poincaré visitou a nave do «Grand Palais» onde se instalou a 15.ª exposição automobilista, e onde havia a mais perfeita industria franceza, não poude deixar de apresentar aos produtores nacionaes o exemplo dos americanos, em especial do «Chevrolet».

—E' certo então o que corre sobre a sua viagem até Lisboa?

—Certissimo. Estou mesmo convencidissimo que o remedio para as nossas estradas, desprezadas, sem macadam, cheias de covas, só pode existir num carro como este «Chevrolet», com molas duma tal «souplesse» que reduz a pequenos e agradaveis balouços os maiores saltos que a estrada obrigue a dar. Só assim, poude fazer o «raid» Paris-Lisboa, sem dificuldades. E assim eu poude tambem chegar com a maxima confiança no meu carro; não ha estradas boas ou más desde que um carro tenha condições de boa construção. Em França a minha viagem foi admiravel; em Espanha consegui já que os automobilistas olhassem com respeito e admiração para o «Chevrolet» e em Portugal o sucesso foi completo. Conto que em breve haverá em Lisboa 200 «Chevrolets» vendidos. Os factos são indiscutiveis e, depois duma prova como a que este carro americano prestou, depois dum preço tão baixo, menos de 3 contos, e depois de ter sido observado por milhares de pessoas e de todo o publico ter podido andar no carro que tivemos patente no Stand da Rua Ivens, a procura do nosso carro só prova o seu grande exito. Sabe qual a produção da Chevrolet Motor Company?

—?...

—1.000 automoveis diarios! Mas só assim o mundo inteiro pode resolver todos os problemas da actualidade: a vida, a riqueza, a industria, o comercio, estão suspensos dum factor primacial: o tempo e o tempo só se ganha com um «Chevrolet».

Um «shake-hands» terminara a palestra com um dos socios de Mantero & Mendonça, da Rua do Ouro, 200, a quem pertence a representação do «Chevrolet», que tanto barulho e tanta procura tem tido nestes ultimos dias.

O HOMEM DO DIA

Quando este sair, ainda os ultimos acordes da orquestra que vibra sob o pulso nervoso de Viana da Mota hão de retinir nos ouvidos dos felizes portuguezes que teem tempo e posses para o ouvir. Para preencher a vaga do infeliz David de Sousa—vaga aliás impreenchivel—só um nome de grande fama: Viana da Mota. O pianista, o tecnico, feito em linhas rigidas e quasi insensiveis na Allemanha musical, subiu ao estrado e regeu a orquestra. Das harmonias musicaes sairam as desarmonias no publico; as opiniões dividiram-se, formaram-se partidos naquela mania portugueza de quebrar lanças por todos e por tudo; o certo é que o publico chegou para todos, provando-se que, por mais concertos que se lhe dê, ha muita gente em Lisboa que ainda está a pedir... concerto.

PROBLEMAS DE ACTUALIDADE

Indemnisações... proporcionadas?

As leis sobre os acidentes de trabalho estabelecem uma compensação ao operario que se inutilisa.

Serão equitativas essas compensações?

Não sei, nem de momento me proponho fazer essa analise. Apenas posso afirmar desde já que não deve ser perfeita a tabela em relação á incapacidade funcional.

Faço esta afirmação porque lido com os invalidos dum gigantesco trabalho que foi a guerra. Estes tambem beneficiam duma tabela de pensões complementares que pretendem ser dum justo equilibrio para a perda fisica sofrida em campanha. Ora, esta tabela, sofrendo constantes modificações está longe de ser perfeita. Em congressos de tecnicos, em conferencias e em parlamentos, a sua organisação tem sido discutida, mas nunca se adotou a formula definitiva. E os governantes dos povos, olhando esta irresolução dos sabios e dos peritos, vão adotando—no que se refere ás indemnisações dos mutilados—a tabela mais favoravel. Dão sempre o maximo das pensões. Olham de alto o problema. Envolvem na sua resolução o sentimento de humanidade. Espalham beneficios por aqueles que se sacrificaram na maior guerra do mundo.

Mas, para o operario deve adotar-se o criterio do maximo de indemnisações?

Está aberto o campo da discussão a esta pergunta. Tudo depende da causa do acidente e das suas consequencias. Tal como sucede com o mutilado e com o invalido da guerra, o acidente pode dar uma impressão de dolorosa estetica sem que, no emtanto, produza grandes prejuizos no trabalho a realisar. Um trabalhador de campo a quem falte o anelar, não deve ter a mesma indemnisação que um musico violinista, um linotipista, um operario de ourivesaria, etc.

Ha mais ainda. Produzido o acidente, surgem mutilações e estropeamentos que, nos primeiros tempos, parecem indicar uma absoluta incapacidade profissional. Os tratamentos modernos e os progressos da protese, desmentem, porém, este prognostico. E sendo assim mal se procede dando uma indemnisação imediata sem se averiguar da incapacidade produzida. Vou citar um exemplo comprovativo.

Apareceu nos Institutos de reeducação dos invalidos, um rapaz—vindo de França com multiplos ferimentos produzidos por estilhaços de granada. O seu hombro ficou esfacelado. A carne cortou-se-lhe. Os ferimentos roubaram-lhe massa muscular. E os tecidos em volta perderam tonicidade e as funções fisiologicas. Foi operado. Foi tratado com pensos cirurgicos. E terminada a cura da região, esta cobriu-se duma larga cicatriz, que arrepanhava a carne do hombro, do peito e do braço. Os medicos em França mandaram-no para Portugal incapaz de todo o serviço. Efectivamente, com a imobilidade exigida pelo tratamento, ankilosaram-se-lhe as articulações e perdeu a mecanica funcional. O rapaz trazia o braço pendente, junto ao corpo, mal o podendo afastar, em abdução activa quatro dedos que fosse!

Nos Institutos marcou-se-lhe o tratamento e para ele contribui com trabalho pessoal. O valoroso soldado readquiria dia a dia mobilidade, sensibilidade e força. E passados quatro mezes, apresentou-se movendo o seu braço, quasi como antes, capaz de suportar trabalhos de pequena exigencias musculares. Operou-se nele o que os «não especialisados» chamam impropriamente um milagre.

Ora, é evidente, que este rapaz não podia ter uma larga indemnisação, como a primeira vista fazia supôr o acidente traumatico inicial. A sua incapacidade funcional é menor, infinitamente menor, que a dum serralheiro que perdesse as falanges dos dedos e que a dum tipografo que perdesse o polegar.

Portanto, com a evidencia destes exemplos, compreende-se desde logo que uma lei justa e equitativa sobre indemnisações exige trabalho de muito estudo e criterio de muita sciencia. Não se pode fazer de animo leve. Ao mesmo tempo afirma-se que é errado e incompreensivel o criterio de pagar indemnisações, na proporção do ganho anterior.

Estes problemas hão-de ter a sua hora de discussão imperiosa, como hoje já a teem em relação aos invalidos da guerra.

José Pontes

PELO TELEGRAFO

Na America do Sul

Uma coligação dos republicanos sul-americanos contra o bolchevismo

RIO DE JANEIRO, 15.

Comunicam de Buenos-Aires:

«Parece que o grupo «A. B. C.» (coligação dos governos da Argentina, Brazil e Chili), iniciará uma acção conjunta contra a propaganda bolchevista na America do Sul.

Segundo informações dignas de credito os trabalhos preparatorios do comité executivo do A. B. C. estão bastante adeantados, tendo-se resolvido a comunicação reciproca dos progressos realisados, bem como a anotação das providencias que dêem resultados negativos.

A opinião publica acompanha, com interesse, estas «démarches», nas quaes funda as mais legitimas esperanças»—(Americana).

A. de Campos Junior

Para Madrid, em companhia dos srs. Manuel Carabe e Luiz da Gama Lobo Demony, partiu hontem á noite, pela linha do Sul, o nosso prezado camarada redactor sportivo de «A Capital» A. de Campos Junior.

Campos Junior, que, como se sabe, é redactor principal de «Os Sports», vae não só em propaganda desse jornal, como ainda tratar da realisação, em Lisboa, do campeonato luso-espanhol de «football».

Desejamos-lhe e aos seus distintos companheiros e bem conhecidos «sportsmen» feliz viagem.

CONCURSO LITERARIO

«A Capital» tem aberto desde o dia 1 d'outubro um concurso literario, com as condições estabelecidas já anteriormente destinado a impulsionar

Os novos escriptores

na senda dificil das letras. Organisando um juri com figuras em destaque no meio literario e teatral, distribuindo premios pecuniarios avultados, publicando e representando os originaes premiados, facilitando por todas as formas o trabalho dos novos «A Capital» continua as suas tradições de jornal moderno e progressivo, a sua obra de rejuvenescimento literario que já deu o volume «A Patria Portugueza» e o «Amor em Portugal no seculo XVIII» de Julio Dantas, «A' Pecadora» de Sousa Costa, a «Malta das trincheiras», de André Brun e «A Cidade Formiga», de Mario d'Almeida entre muitos outros, que marcaram na vida literaria nacional.

«A Capital» premeia um romance e tres peças originaes e ineditas dos novos; assim teem as portas abertas amplamente da vida literaria, todos os que se julguem amesquinhados pelas «cotteries» ou pelo desprezo dos editores.

A' «Capital» já foram entregues 8 peças em 1 acto nas condições estabelecidas, tudo se aprestando, pois, para que um grande sucesso corôe a nossa iniciativa.

Dr. Gomes Coelho

O sr. dr. Joaquim Chagas Gomes Coelho, formado pela faculdade de medicina de Lisboa e interno dos hospitaes civis, abriu consultorio na rua do Mundo, 66, 1.º.

O sr. dr. Gomes Coelho, a quem está reservado um largo futuro, é especialista em doenças de garganta, nariz e ouvidos.

INQUILINOS E SENHORIOS

Porque se não fazem novas construções?

Porque os encargos que pezam sobre a propriedade são enormes e o capital não aufere um juro compensador

Continuando na sua demonstração, o nosso entrevistado diz-nos:

—Prometi dar-lhe um exemplo concreto para poder avaliar como as consequencias das leis do inquilinato influem poderosamente na carestia dos alugueres das casas.

«Vamos a isso. Imagine um predio construido numa das novas avenidas, tendo rez-do-chão e quatro andares, cada um dos quaes com dois inquilinos, tendo cada inquilino nove pequenas divisões, nove «cochichos», deixe-me assim falar. As rendas—e por esse motivo são acusados os senhorios de exploradores e de não sei que mais—são, respectivamente, para cada um dos inquilinos: 50$00 mensaes no rez-do-chão; 55$00 no primeiro andar, 47$50 no segundo, 45$00 no terceiro e, finalmente, 40$00 no quarto andar.

«Rende, portanto, esse predio 475$00 mensaes, ou sejam por ano 5.700$00.

«Deduzindo dessa importancia 10 por cento, obtemos o rendimento colectavel de 5.130$00 sobre o qual recaem as contribuições.

«Vendido o predio, tem o comprador de pagar, por contribuição de registo por titulo oneroso, 13 por cento sobre vinte vezes esse rendimento, o que quer dizer que tem de pagar, só por essa contribuição, a elevada quantia de 13.338$00.

«Desnecessario é, portanto, dizer que o predio em questão fica desde logo onerado com o encargo de 666$90 por ano para o Estado, pois que, a 5 por cento, é esse o juro do capital que o Estado lhe exige imediatamente como contribuição de registo.

«Compreende bem, não é verdade? Sou suficientemente explicito?

—Sem duvida. Queira continuar.

—Vamos a mais numeros. Esses é que são o melhor de todos os argumentos, diga-se o que se disser. A contribuição predial e adicionaes correspondente ao rendimento colectavel de 5.130$00 é de 21 por cento, o que quer dizer que esse predio paga por ano 1.077$30 por essa contribuição.

«De maneira que, só em contribuições, o predio tem já o encargo anual de 1.744$20. Deduzindo da totalidade de 5.700$00, que o proprietario recebe anualmente, 25 por cento para conservação, seguros, administração e despezas diversas, e não falo noutros encargos por se tratar de um predio novo, junte-se-lhe o encargo de contribuições e vê-se que o proprietario fica apenas com um rendimento liquido de 2.630$80.

«Vamos agora ver quanto custa actualmente a construção desse predio para, vendo o juro que ele dá ao proprietario, apreciar com que verdade ele é acusado de fazer uma exploração ao alugar por 55$00 por mez um primeiro andar com nove pequenas divisões.

—Quer dizer que...

—E' simples. A construção dum predio nas condições do que tomei para exemplo custava, antes das leis do inquilinato, uns vinte contos. Hoje custa mais do triplo. Admitamos, porém, que custa o triplo. Leva, portanto, na sua construção o melhor de 60 contos, que, somados com os 13.338$00 de contribuição de registo, fazem com que o capital empregado seja 73.388$00.

«Sendo o rendimento liquido, como creio ter demonstrado exuberantemente, de 2.630$00, o proprietario não chega a tirar o juro liquido de 4 por cento ao ano. Sabe qual é o resultado disso?

—Calculo.

—E' que o capital foge de se empregar em novas construções. Para quê? Pois se noutro qualquer ramo de negocio, na industria ou até mesmo em papeis do Estado ele aufere um juro mais remunerador, para que ha de construir predios? Ha de concordar que bem tolo seria quem assim procedesse.

—Mas ha ainda quem compre?

—Os que o fazem não sabem, não conhecem bem os encargos que vão tomar. Se os conhecessem nem em tal pensariam. Fica para outra vez a comparação entre o que se pagava antigamente e o que hoje se paga.

E após uma pequena pausa:

—Isto não vae a matar. Precisamos fazer compreender bem a quem nos lê que não estamos levantando campanhas tendenciosas e que apoiamos o que dizemos em numeros irrespondiveis.

A. C.

Salão Central

O numeroso publico que hoje assistiu á «matinée» deste cinema, recebeu com o maior agrado as interessantes fitas «Patriota servio» e «Gargntas de Tete».

«As garras do leão» continuam na sua carreira triunfal, tendo sido exibidas as suas 3.ª e 4.ª jornadas. Esta ultima, «A areia movediça», obteve um legitimo sucesso, já pela affluencia de publico a gosar os soberbos aspectos dos seus quatro lindissimos actos, em que Marie Walcamp não afrouxa nas lutas em que constantemente se vê envolvida, já pela beleza da sua «mise-en-scene» e dos efeitos panoramicos que apresenta.

Esta noite repete-se o mesmo espectaculo, sendo tambem exibida a terceira jornada — «A sangrenta proclamação».

A'manhã, segunda-feira, terá logar uma nova «matinée», para estreia da 5.ª jornada—«O Pateo dos leões», da colossal fita «As garras do leão».

Gremio Lusitano

Uma serie de conferencias

Inicia-se na proxima quinta-feira uma série de conferencias sobre assuntos de caracter geral relacionados com a vida portugueza, conferencias, por agora, reservadas aos seus associados, mas que de futuro serão extensivas ao publico.

Essas conferencias, subordinadas ao tema «Inquerito á vida da Republica, e apreciação e critica dos seus erros e virtudes», serão iniciadas pelo sr. Ferreira Diniz, que versará o problema colonial e as questões coloniaes que prenderam a atenção da Conferencia da Paz, ... e das missões religiosas.

Atropelado por uma carroça

No hospital de S. José, foi pensado Gabriel da Silva, de 50 anos, vendedor ambulante e residente na Estrangeira de Baixo, que ali foi atropelado por uma carroça, ficando com a perna esquerda fracturada.

Bonbons nacionaes

A fabrica de chocolate Africana Limitada, com escritorio na rua da Alegria, 30 e fabrica na rua do Limoeiro, 10, acaba de lançar no mercado uma nova qualidade de bonbons que intitulou «Aviz». Tem já uma outra marca denominada «Condestabre», mas que a maior parte do publico supõe ser produção estrangeira.

Nestas simples palavras está o melhor elogio dos produtos da Africana Limitada.

Concertos Blanch

O ponto de reunião elegante da nossa sociedade nas tardes de domingo de inverno é sem duvida os concertos da Orquestra Sinfonica Portugueza dirigida pelo ilustre maestro Pedro Blanch. A assinatura que se encerra num dos proximos dias, tem sido concorridissima, todos os antigos assinantes teem reclamado os seus logares e ha numerosas novas assinaturas.

Os concertos Blanch no São Luiz, revestirão este ano extraordinario brilhantismo, pois a orquestra contem novos elementos artisticos de valor e os programas são sempre diferentes encontrando-se em todos os concertos novas obras em primeira audição dos mais notaveis autores classicos e modernos.

PRIMEIRAS E REPOSIÇÕES

EDEN-TEATRO — *O Rocio*, acto novo da revista *O pé de meia*, de E. Schwalbach.

Os senhores conhecem o «Pé de Meia»; resta apresentar-lhe o «Rocio».

Um acto novo que Schwalbach escreveu com a sua proverbial mestria de teatro. Revista, verdadeira revista de factos e acontecimentos, os casos do mez, palpitantes de satira e de ironia, com comentarios felizes e ditos que não logo mas só na malicia. O 1.º quadro de Schwalbach é quadro da rua, passado mesmo junto das pedrinhas do Rocio.

Os tipos da sua galeria inexgotavel, o «Refilão», a «Zaragata», o «Sim-Senhor», os velhos do tempo do Passeio Publico, o «Vadio». Numeros de musica popular, o das noites de S. João, a marcha dos s. s. s. e os hoteis. Alusões e ideias geniaes do «compadre» e a «Tradição», a mandar subir o fundo para os quadros subsequentes.

E' então que a paciente investigação do literato, n'um trabalho de sintese dificil de realisar se evidencia. Aos olhos do espectador passam visões de outros tempos, mas visões animadas, cheias de fatas historicas, ricas de indumentaria escrupulosamente rebuscada nos velhos livros e cronicas. Além D. Pedro, o Justiceiro, com os seus episódios da Rousada e outros; depois a aclamação do Mestre de Aviz, com pouca arraya meuda—digo-se de passagem,—e uma egua muito inferior. Anachronicamente e sem grande cunho, segue-se a praga de Leonor Teles que já devia ir a caminho, vitima de Lisboa; depois temos um bailado do tempo dos autos vicentinos, e, o Rocio fradesco do sr. D. João V, com personagens conhecidos e alusões a factos curiosos, as sorores revoltadas, o «Camões do Rocio» e alguns tipos que Julio Dantas tão bem nos descreve no seu «Amor no seculo XVIII»; depois, ainda, o Rocio dos «peralta», das lutas da Arcadia, as satiras —em excesso para o publico—do Bocage, e uma profusão excessiva de tipos populares que prolongaram o quadro de forma a prejudicar a unidade e conjunto da evocação, e, enfim, a apoteose caricatural do Rocio do futuro, esse fruto do bestunto municipal do vereador Rocha-viva, onde figura em primeiro plano a sua estatua equestre e colorida, sobre um pedestal de utilidades publicas.

Dificil para outro que uma impressiva da historia, de forma a fazer vibrar a plateia, dando-lhe uma obra sintetica, que ao mesmo tempo impressione e não peze, este acto tem de sofrer alguns cortes, não para nós, mas para o publico que assiste ao ter de conter-se duas horas defronte d'uma lição seria da historia. Polvilhou Schwalbach, sabichão n'estas coisas de teatro, os dens quadros historicos de comentarios oportunos e modernos, como valvulas de segurança do sucesso, por onde se descarregam as preocupações e a guardade do irrequieto publico, e foi ajudado, como já na primitiva revista, por uma musica brilhante, vista, saltitante, e um guarda-roupa a capricho, cheio de detalhes, recortado habilmente de figurinos antigos, e um punhado de artistas, na maioria modestos, mas que se esforçam por acertar bem e bem se encarnarem em papeis dificeis e de responsabilidade que lhes distribuem.

Com estes elementos cheios de boa vontade, o cronista é obrigado a confessar o seu agrado a tudo e a todos. Afirmar que o publico compreenderá este esforço, que retribuirá o trabalho de Schwalbach e da empreza, é aventar muito, n'este tempo em que o publico não quer preocupações nem assuntos que lhe demorem um minuto a reflexão. Porém um certo publico, agradou plenamente o novo trabalho de Schwalbach; isso é o bastante.

Do desempenho referimo-nos em especial á pequena Judith de Castro, cem intensidade dramatica, com vibração e nervos em todas as suas figuras historicas; e Braga nos altos personagens com probidade, A. Almeida dizendo sonoramente, bem como esforçando-se Miranda, Azevedo, Carvalho, etc., e Maria Pinto, Berta, Miranda, Coelho, Vargas, etc.

Os scenarios, reproduções historicas, feitas com mestria, e mais uma vez, uma especial referencia ao guarda-roupa. Muita gente—excepto no Terreiro por ocasião da aclamação do Mestre de Aviz—afinada e bem ensinada e os animaes varios—burros, eguas, cabras, muito decentes para com o publico. Em resumo, tudo pelo melhor.

A revista tem ainda uma nova apoteose de Salvador, que causou agrado, e a substituição d'uma artista principal; o publico não a nota; o melhor elogio.

Armando Ferreira

Noticiario

Portugal

No Politeama mantem-se em pleno exito a encantadora comedia «Blanchette», assombroso trabalho de Aura Abranches, Chaby Pinheiro e Jesuina de Chaby. Apesar disso, porém, a magnifica companhia prepara já a sensacional «reprise» da encantadora peça «Adeus Mocidade», e para estreia entre nós, o celebre drama regional do grande escritor Santiago Rusiñol «Boa Gente», tradução de Couto Brandão.

França

Sob a direcção de Lugné-Poé, vae reabrir o «Teatre de L'Oeuvre, inaugurando as suas representações com um ciclo de Ibsen, que compreenderá as peças «Rosmersholm», «Hedda Gabler», «Casa de Boneca», «A pequena Eyolf», João-Gabriel Borkman», «Solness, o construtor». Depois representar-se-ha na «Maison de L'Oeuvre» — assim se chama agora o referido teatro — uma comedia inedita do autor sueco Tor Heldberg e uma peça de Jean Sarment, «La couronne de carton».

O referido teatro, que só admitirá nas suas representações os privilegiados, os que se interessam pelo movimento teatral contemporaneo, dará tambem conferencias, sessões de musica e abrirá cursos.

Hespanha

Obteve grande exito no teatro Reina Victoria, de Madrid, a peça «El As», adaptação felicissima de Cadenas e Sanchez Pastor, posta em scena com grande brilho. No 2.º acto ha um efeito scenografico magnifico. O teatro fica coberto desde o urdimento até ao tablado por larguissima escadaria, pela qual descem e ficam como num mostruario numerosas mulheres, surgindo outras ao mesmo tempo do solo, umas e outras deslumbrantemente vestidas.

Escolas primarias superiores

Uma nomeação que se afigura injusta

Com vista ao sr. ministro da instrução

Sr. director de «A Capital». — Publicou o seu conceituado jornal uma local com este mesmo titulo, na qual, com todo o aplauso, fazia resaltar a injustiça, prestes a cometer-se, da nomeação dum professor interino para a Escola Primaria Superior «Adolfo Coelho» com inferiores direitos ao de um outro que requereu em 21 de outubro ao sr. ministro da instrução uma interinidade naquela escola. Dizia o seu jornal que esse requerimento ainda não tinha tido a respectiva repartição informação alguma; devo dizer a v. que tal informação já se deu, mas tardiamente, visto que a recebeu muito depois da proposta enviada da escola «Adolfo Coelho» em 23 de outubro.

Vê-se, neste caso, além do desprezo completo e singular pelo artigo 14.º do decreto 5.787-A, de 10 de maio, o desprezo por quem, fiando-se na justiça, procura sem o auxilio de influentes politicos fazer valer os seus incontestaveis e superiores direitos. Ainda mesmo que o requerimento desse professor assim maltratado tivesse dado entrada no mesmo dia do da proposta da escola era caso, se não estivessemos num paiz de compadres e afilhados, para que a pretensão desse professor fosse imediatamente atendida; mas digam que o «sr. ministro não sabe», o «compromisso não se compromete», a nomear o outro e, como se «comprometeu», torce-se o direito, a razão, a moralidade, tudo! E' fantastico! Apesar de tudo não acreditamos que o sr. ministro deixe espezinhar quem tem superiores habilitações, mas não teve padrinhos poderosos que acompanhassem e defendessem a sua mais do que legitima pretensão.

Dizem-nos que vae ser nomeado professor interino da escola anexa á Escola Normal de Alcantara o mesmo individuo que agora foi proposto para a «Adolfo Coelho». Duas nomeações num só! Que «compromissos» seriam aqueles que estão a ponto de fazer correr risco de ficar logrado o professor que, além das habilitações apontadas na carta anterior, tem um passado republicano perfeitamente definido no ensino que antes de 1910 exerceu em centros politicos adversos á monarquia? Nunca esperávamos que se fizessem coisas destas. Mas tenhamos confiança no sr. dr. Joaquim de Oliveira que, como homem inteligente e velho republicano, não deixará de fazer o que a sua recta consciencia lhe ditar, fechando os ouvidos aos pedidos insistentes que até certo ponto lhe fazem.—De v. etc.—F.

Um petardo

Hoje, pelas 15 horas, os moradores da rua do Vale de Santo Antonio e imediações foram sobresaltados por um grande estampido que partira da proxima esquadra policial. Apurou-se que algum engraçado de mau gosto fizera explodir na referida rua um petardo de clorato de potassio que não causou quaesquer prejuizos pessoaes ou materiaes, mas apenas o susto, que não foi pequeno.

Os «Vatels» em gréve

Foram presos 17 grévistas que provocaram conflitos junto do Hotel Francfort

Continua ainda sem solução o conflito que se levantou entre alguns pessoal de cosinha e os proprietarios da maioria dos hoteis da capital sobre o cumprimento do horario de trabalho. Os proprietarios dos hoteis não aceitam o horario que lhes foi imposto pelos cosinheiros, por ser impraticavel e acarretar gravissimos prejuizos, não só aos hoteis, como tambem aos hospedes.

Por sua parte os «Vatels», na sua maioria galegos, recemchegados das praias e termas, são os que mais defendem o novo horario, a fim de conseguirem mais turnos e ficarem então empregados em vez de regressarem ás suas terras.

No hotel Francfort, da rua de Santa Justa, esboçou-se hoje de manhã um conflicto entre grévistas, que pretendiam obrigar os seus colegas a abandonar o trabalho. A policia, que havia recebido instruções rigorosas, deteve 17 d'esses manifestantes, os quaes recolheram aos calabouços do governo civil. Em todos os hoteis com excepção do Internacional e Inglaterra, vigora ainda o antigo horario, tendo-se realisado hoje de tarde uma reunião de proprietarios de hoteis, na qual ficou assente que ámanhã se resolva sobre o caminho a seguir, devendo para isso realisar-se uma assembléa magna dos interessados, na Associação dos Proprietarios de Hoteis e Restaurantes.

No Francfort de Santa Justa, o serviço de cosinha passou hoje a ser feito por mulheres, estando outros proprietarios de hoteis na intenção de usar do mesmo processo.

Em ultimo recurso, alguns hoteis acabarão com o serviço de cosinha, alugando sómente quartos aos hospedes, achando-se já impresso um aviso concebido nos seguintes termos:

«Previno os Ex.mos Srs. Hospedes que, devido ás imposições do pessoal de cosinha, com as quaes não me conformo nem me sujeito de forma alguma, resolvi de ámanhã em diante, suprimir as refeições, alugando sómente os quartos e sendo a diaria para cada pessoa metade da que estava marcada em cada quarto.

Os Srs. comensaes serão embolsados das importancias já pagas.

Para que V. Ex.as vejam se tenho ou não razão, junto uma copia do horario exigido pelo mesmo pessoal.

Continua o serviço de cafés nos quartos, pelo preço actual. Assim que esta situação se normalise, o serviço far-se-ha como até aqui.»

A baixa de temperatura

Os seus efeitos em Madrid

Em Madrid, onde havia uns poucos de dias se notava uma grande baixa de temperatura, pressagiadora de nevada proxima, caiu efectivamente na sexta-feira das 10 ás 14,30 tanta neve que cobria por completo as ruas, os telhados, as estatuas, os tejadilhos dos veiculos, e os troncos do arvoredo, apresentando especialmente os parques da Moncloa e Retiro um aspecto encantador.

Não puderam, no emtanto, os amadores das paisagens alpinas contemplar por muito tempo o pitoresco panorama, porque, com a neve começou a cair chuva evitando o coalho.

Assim, ás 16 horas, deixou de cair neve, mas continuou a chover, dando-se rapidamente o desgelo. As ruas ficaram convertidas em verdadeiras lagôas.

Se a neve coalhasse rapidamente, como muitas vezes se dá, as ruas ficariam atulhadas durante alguns dias.

Houve escorregadelas, e quedas, sem consequencias de maior importancia.

A tragedia do Bairro Alto

O criminoso, acompanhado do competente processo, segue ámanhã para o tribunal

O agente Mira, da policia de investigação, esteve hoje ultimando o processo referente á tragedia que ha dias se desenrolou na travessa dos Fieis de Deus, e em que foram protagonistas José de Jesus Marques, sua irmã Maria da Conceição Marques e o amante d'esta o industrial Antonio Pereira, o qual, como todos dito, foi morto com um tiro pelo primeiro, que se encontra preso nos calabouços do governo civil. O preso é ámanhã remetido ao tribunal da Boa-Hora, bem como a arma com que praticou o crime, um magnifico revolver, imitação de Smith, nickelado, com 5 cargas, duas das quaes já picadas e explodidas.

A Maria da Conceição Marques, em tratamento na enfermaria da Misericordia, continua melhorando, devendo ter alta em breves dias.

Da morgue sahiu hoje pelas 15 horas o funeral do Antonio Pereira, incorporando-se no prestito funebre muitos amigos do morto, entre os quaes figuravam, a commissão da Federação Nacional Republicana de Santa Catarina, o grupo dramatico Lisbonense e a redacção do jornal teatral «O Estrondo».

O juiz de paz da freguezia das Mercês, sr. José Joaquim de Almeida, esteve hoje na casa da travessa dos Fieis de Deus, onde se desenrolou a tragedia, e da qual é locatario o sr. Armando Alves de Oliveira, a fim de averiguar quaes os objectos que fazem parte dos bens ali pertencentes ás vitimas do crime. Os objectos pertencentes á Maria da Conceição Marques devem ser-lhe entregues, ficando em deposito, até ao dia, até nova ordem, o espolio do Antonio Pereira, que constava de um fato completo azul, dois chapeus de cabeça, um sobretudo, um casaco, um par de botas, uma mala de mão, um guarda-chuva, uma corrente de ouro e um relogio de prata.

Do referido espolio desapareceu uma carteira com varios documentos e a quantia de 12$50 que estava sobre uma comoda, bem como uma pistola que se encontrava sobre a mêsa de cabeceira.

Ultima hora

VIAJANTES ILUSTRES

DIPLOMATAS BRAZILEIROS

Devem chegar a Lisboa depois de ámanhã, a bordo do «Hollandia», os srs. drs. Sousa Dantas e Barros Moreira, o primeiro embaixador do Brazil junto do Quirinal e o segundo ministro do mesmo paiz junto do rei da Belgica.

O sr. dr. Fontoura Xavier, novo embaixador do Brazil junto do governo portuguez, viu-se forçado a adiar a sua partida do Rio de Janeiro por incomodo de saude.

AVIAÇÃO

O "raid" Paris-Lisboa

Foi hoje concluido pelos aviadores portuguezes — Chegada do aviador Frandal — São esperados mais aviões francezes

Chegaram esta tarde ao campo da esquadrilha de aviação Republica, na Amadora, vindos da capital de Hespanha, os aviadores portuguezes srs. capitão Sousa Maia e tenente Leão Portela, que foram recebidos com grandes aclamações. Gastaram no percurso de Madrid-Lisboa, 3 horas e 5 minutos, não havendo incidente algum.

Tambem chegou a Lisboa um aparelho timonado pelo aviador francez Frandal e são esperados mais dois aviões francezes.

O aviador inglez Raynham pairou por largo tempo sobre a cidade, fazendo evoluções assombrosas, a grande e pequena altura.

O caso do Deposito de Fardamentos

Está já apurado que o guarda que ha dias apareceu morto fóra violentamente agredido

O chefe Alfredo Maia, da 3.ª secção da policia de investigação, auxiliado pelo agente Correia, continuou hoje nas suas diligencias sobre o misterioso caso ha dias ocorrido no Deposito Central de Fardamentos. Como então dissemos, apareceu ali morto num corredor o guarda da noite Manuel Maria de Oliveira, dizendo-se que tal facto fôra motivado por o referido guarda ter sido presentido quando furtava grande quantidade de camisolas. Parece que tal suspeita se não confirma, embora no Deposito de fardamentos mais ou menos se tenha apurado quaesquer irregularidades, quanto á forma como eram feitos varios fornecimentos de artigos para fóra e os quaes saiam sem as condições exigidas.

Sendo assim, o caso só será tratado depois de devidamente consultado o ministerio da guerra.

O que a policia de investigação agora trata de averiguar é se realmente o servente Manuel Maria de Oliveira foi ou não assassinado, tendo-se já apurado ter sido, momentos antes de aparecer morto, barbaramente agredido.

Tambem a policia procura saber as razões por que o morto foi enterrado tão rapidamente, não se tendo dado conhecimento do sucedido á policia.

Em resumo: procura-se simplesmente desvendar o misterio em que o caso está envolvido.

Escuna naufragada

PENICHE, 16.—A 15 milhas d'esta localidade, naufragou hoje a escuna ingleza «Pleuroes». A tripulação foi salva, embora a custo. Considera-se o barco completamente perdido.

Na legação da Belgica

Na legação da Belgica, a convite do sr. ministro, reuniram hoje numerosos membros da respectiva colonia, para comemorar com um delicado «lunch» o aniversario natalicio do rei Alberto I.

Nessa singela festa fizeram-se entusiasticos brindes ao rei, á familia real belga e á pequena nação que tão significativo papel representou na Grande Guerra.

Professores oficiaes de Lisboa

O Gremio dos Professores Oficiaes de Lisboa reuniu esta tarde, na escola n.º 78, procedendo á eleição de corpos gerentes, para o futuro exercicio, tratando do aumento de vencimento e rendas de casas, apreciando as novas propinas de ensino e ainda o facto de haver sido reformada ha dias, com 19 anos de bons serviços e 19 vintens diarios uma professora, que terá de esmolar pelos colegas alguma coisa mais para poder levar até ao fim a vida.

Conchita Ulia

Tem estado doente com um ataque de «gripe» esta distinta couplatista, tão apreciada pelo nosso publico. Felizmente está melhor, devendo em breves dias reaparecer no palco.

Fazemos votos sinceros pelo seu completo e rapido restabelecimento.

A mala roubada

A policia tem uma pista, que espera dara os melhores resultados

O agente Felisberto de Oliveira procedeu hoje a varias diligencias sobre o desaparecimento da mala n.º 1 Norte, com registos e valores declarados, que ha dias desapareceu do «camion» dos correios, quando o mesmo vehiculo estava sendo carregado na Praça do Comercio, afim de ser dirigido á estação do Rocio.

As investigações prosseguem no meio do maior sigilo, tendo o agente referido ouvido hoje varios empregados da Central dos Correios, cujos depoimentos foram reduzidos a auto.

E' opinião d'esse agente que o roubo da mala foi praticado por qualquer empregado dos Correios e não por pessoas estranhas, havendo já uma pista que se espera dará os melhores resultados.

Os escandalos nas subsistencias

Para o tribunal da Boa-Hora vae seguir novo processo contra o fornecimento das manteigas

O habil agente Teixeira, da policia de investigação, ainda não deu por concluidas as investigações sobre a vergonhosa negociata que na extincta secretaria dos Abastecimentos era feita com o fornecimento de gulhs de manteiga, em que se acha envolvido o chefe da secção da mesma secretaria sr. Ramos Jorge.

Tendo aparecido novas queixas, foram ouvidos, entre outros, os srs. José Alves Dias, Joaquim Nunes e a firma Paula & Neves, com mercearia na rua do Amparo, 11 a 15. Todos estes comerciantes declararam terem sido obrigados a gratificar o sr. Ramos Jorge, com 10 centavos em cada kilo de manteiga.

Por estes dias deve ser remettido ao tribunal o novo processo, que ficará apenso ao primeiro, ha dias entregue pelo referido agente na Boa-Hora.

VIDA SPORTIVA

Semana d'armas portugueza

Continuaram hoje na Escola Militar as provas do campeonato da semana d'armas portugueza.

A concorrencia foi numerosissima e fizeram-se magnificos assaltos.

Trabalhadores de teatro

Continuou esta tarde a assembléa geral, interrompida no domingo ultimo, da Associação de Classe dos Trabalhadores de Teatro, sendo ainda discutido na ordem do dia o relatorio da sindicancia feita aos actos do secretario geral e varios directores.

Varios arguidos usaram da palavra para defender-se, correndo por vezes a discussão agitada e violenta.

A' hora a que as tabelas continuavam a sessão, que provavelmente ainda ficará adiada para domingo que vem.

NOTICIAS DA CAPITAL

Ca... juizo

Ao tribunal da Boa-Hora, 4.º juizo de investigação, foram hoje enviados Joaquim Ferreira, da calçada de Santo Amaro, 24, e Augusto de Assis Vieira, rua Possidonio da Silva, 11, que furtaram na casa de ferragens de Garcia & Martins, na rua da Boa Vista, 96 a 100, tres rolos de arame zincado e uma chapa de zinco no valor de 67 escudos, que depois foram vender aos ferro-velhos Sabino Antonio, da travessa do Conde da Ponte, e Antonio Anselmo dos Santos, da rua João de Lemos, 17. Ambos confessaram o furto, tendo o Ferreira confessado ainda que por varias vezes havia vendido o producto de outros furtos, como por exemplo carvão, no ferro-velho Sabino Antonio.

Uma limpeza...

Aos calabouços do governo civil se colheram: Antonio Brito, da travessa da Cova da Moura, 45; Joaquim Norberto, da rua do Borja, 41, 1.º e João Sant'Ana Dreu, hospedado no Hotel Americano, que furtaram ao americano George Benjamim Simpson, hospedado no referido hotel, 215 dollars, relogio e corrente de ouro.

Furto de artigos militares

Foi hoje preso Antonio Figueiredo da Charneca de S. Bartholomeu, em cuja residencia foram encontrados artigos militares que se presume terem sido furtados de fora da Ameixoeira. Esses artigos, que foram apreendidos, constam de cobertores, garrapas, suadouros, guarda-pernas, resguardos, francaletes, estrancas, cobrejões, abas de selim, fivelas, selas, silhas, polainas, cabeçadas, bolsas de cabedal, redeas, etc.

Presos por suspeitos

O guarda n.º 1733 prendeu hontem na estação do Rocio, por suspeitos de se entregarem á vadiagem e serem autores de varios roubos que ali se teem praticado, Salvador Abáia, de 28 anos, Manuel Araújo Pio, de 18, José da Silva, de 45, José Bernardino Correia, de 19, Antonio d'Almeida, de 23, Elias Ribeiro, de 16, e Manuel Nunes da Silva, de 16. Recolheram todos ao calabouço do governo civil.

Uma ordem... terrivel!

Sobre aquela ordem, a que hontem nos referimos e que apareceu afixada nas varias secções da policia de investigação, o sr. dr. Teixeira de Azevedo informou-nos hoje de que não houvera a intenção de melindrar a imprensa ou os seus representantes, mas simplesmente evitar que os agentes forneçam noticias que possam prejudicar quaesquer investigações, dando-se assim cumprimento a ordens antigas.

Atacado pe doença subita

José Vieira Vilas, morador na rua de Santa Marta, 12, participou ao guarda n.º 1650 que, tendo batido varias vezes á porta da sua visinha Genoveva Gomes, ela não respondera, pelo que estava desconfiado de que qualquer caso anormal se tivesse dado. Arrombada a porta foram encontrá-la deitada na cama, sem fala, pelo que foi removida para o hospital, ficando a casa guardada pela policia.

Em plena Falperra

Antonio Joaquim, morador na rua da Veronica, 142, queixou-se de que pelas 2 horas da madrugada quando seguia para sua casa fôra assaltado por dois individuos desconhecidos que o agrediram e lhe furtaram a carteira com 28 escudos.

O pão nosso de cada dia...

Queixou-se Joaquim Pessoa, morador na rua João de Castro, 52, de que lhe furtaram da sua residencia varios objectos no valor de 80 escudos.

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

3378 — 10.° anno | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães | Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.° | LISBOA — Segunda-feira, 17 de Novembro de 1919 | Telephone n.° 2298 — Endereço teleg. CAPITAL | Officina de impressão — 71, Rua da Rosa, 71 | Preço, 2 centavos

Manejos revolucionarios?

O orgão socialista «O Combate» anuncia-nos hoje que está iminente um novo movimento subversivo, da iniciativa dos reacionarios, e declara tambem que hoje mesmo o sr. Augusto Dias da Silva se ocupará, no parlamento, em negocio urgente, desse momentoso caso.

Ao mesmo tempo, o orgão socialista expõe a possibilidade de essa revolução procurar fazer-se á custa do movimento destinado a propugnar pelo exacto cumprimento da lei das oito horas de trabalho.

E' isto o que se sabe, e tentando uma analise rapida sobre as circunstancias que possam ser consideradas como provaveis para a intentona reaccionaria, só vemos tres questões com as quaes nesse sentido se possa especular.

A primeira dessas questões é a da amnistia, que os monarquicos reclamam com insistencia, e em termos taes que a sua concessão neste momento por qualquer governo seria um sintoma da mais humilhante fraqueza. Com efeito, reclama-se essa amnistia com uma reparação aos réus condenados por um movimento sedicioso que convulsionou o paiz e se assinalou pelos mais vergonhosos actos! Fala-se em tom de intimação, de ameaça. O sr. Cunha e Costa, que não sabemos se já torna a ser monarquico, pela terceira vez, mas que pode muito bem já ter dado esse passo, com a facilidade do costume, dizia outro dia na «Epoca», que não compreendia porque, dificultando-se a amnistia, a Republica se empenhava «em converter em touro a vaca monarquica!» Ao que parece, touro prepara-se para arremeter, mas, para não sairmos do campo tauromaquico, ninguem ignora que essas arremetidas são o preludio da sua morte.

A segunda questão que se procura agitar é a do inquilinato. Nada, porém, justifica uma agitação por tal motivo. E' certo que os senhorios pediram ao parlamento uma modificação na respectiva lei que lhes permita aumentar as rendas. Mas nem o governo nem o parlamento disseram nada sobre o assunto. A nada se comprometeram. A questão, de resto, ha de ser mais resolvida entre inquilinos e senhorios, por meio dum acordo em cada caso especial, do que por meio de leis muitas vezes inexequiveis.

A terceira questão é a das oito horas de trabalho. Tambem essa não deve prestar-se a nenhum movimento de importancia. Tanto o patronato como os operarios e empregados sabem muito bem que se não passa dum dia para o outro de um determinado regimen para um regimen muito diverso. A lei está em experiencia. Cumpre dar tempo ao tempo, a fim de que, empregados e patrões conheçam claramente os limites dos seus direitos e dos seus deveres. Ninguem poderia exigir que uma lei desta natureza imediatamente se executasse sem nenhum genero de reclamações mais ou menos justificadas.

O que se conclue de tudo isto é que nenhuma das tres questões expostas justifica ou explica sequer um movimento revolucionario, como o que procuram desencadear, no dizer do «Combate», os elementos da reacção. Mas não é menos certo que dariam provas de patriotismo e até beneficiariam as classes ou os individuos que procuram favorecer, aqueles que se abstivessem de quaesquer actos que possam ser aproveitados pelos inimigos da ordem para estabelecerem o tumulto e a confusão.

Comunicações telefonicas com o sul do Tejo

Desde o dia 9 que estavam interrompidas as comunicações telefonicas com todas as terras da margem esquerda do Tejo, em virtude de um vapor inglez ter, com a ancora, quebrado o cabo submarino que faz a ligação entre as duas margens.

Dos prejuizos que de tal facto advieram facil é calcular, tanto para a companhia, como para o publico de todas as localidades servidas pelo telefone e que se viram assim privadas desse importante meio de comunicação.

Providencias foram dadas imediatamente e tem-se trabalhado incançavelmente para remediar a importante avaria. Hoje conseguiu-se finalmente levantar o cabo, trabalho que foi deveras interessante, devendo em breve ficar restabelecidas as comunicações.

Resultados da Conferencia Internacional do Comercio

Com o objecto de estudar os meios de activar a restauração mundial do comercio, reuniu-se ultimamente nos Estados Unidos, sob os auspicios das camaras de comercio norte-americanas, uma Conferencia internacional de comercio, em que tomaram parte, além dos principaes financeiros e homens de negocio daquele paiz, delegados da Belgica, da França, da Inglaterra e da Italia. O objectivo principal da conferencia é restabelecer o comercio mundial sobre bases estaveis e determinar a importancia dos creditos de que carecem os paizes que foram experimentados pela guerra. Segundo os calculos dos peritos agregados á Conferencia, as necessidades da Italia cifrar-se-iam entre 700 e 800 milhões de dollars e as da Belgica em 100 milhões de dollars.

Entre os projectos até agora adoptados pela Conferencia, o mais importante, sob o ponto de vista dos negocios mundiaes, consiste na formação de uma organisação permanente que de facto será uma liga comercial das nações («business league of nations»), que poderia tambem denominar-se camara de comercio mundial.

O programa desta instituição póde resumir-se no seguinte: favorecer o comercio internacional, facilitar as relações comerciaes das nações, assegurar a coordenação dos esforços em todas as questões respeitantes ao comercio e á industria e favorecer a paz e o progresso, fomentando a cordealidade de relações entre os paizes e seus habitantes por meio da cooperação dos homens de negocios.

Foi convencionado que nenhuma nação poderá entrar para a «Business league» sem pertencer á Liga das Nações. Em cada paiz que vier a fazer parte da «Business league» será criada, se ainda lá não existir, uma camara nacional de comercio, no genero das camaras de comercio inglezas ou americanas. Cada uma dessas camaras enviará dois delegados a uma camara central, que corresponderá ao conselho da Liga das Nações e que terá uma repartição central permanente em local que será mais tarde designado. Uma das funções da repartição central internacional consistirá em tomar nota de todos os negocios e informações industriaes que sejam de interesse para os membros da liga.

* * *

Referindo-se aos creditos internacionaes que terão de ser concedidos no proximo ano aos paizes europeus devastados pela guerra, um socio da casa Morgan, o sr. Morrow, declarou em um discurso que proferiu na «International Trade Conference» que calculava em 2.000 milhões de dollars a parte que nesses creditos caberia á America. A Europa—acrescentou—não nos pede uma esmola, mas sim que cooperemos com o melhor dos nossos esforços na sua restauração e no restabelecimento da sua capacidade produtiva. Declarou ainda que, durante os sete primeiros mezes do corrente ano, o excedente da importação europeia atingirá 2.673 milhões de dollars, o que mostra que as requisições agora feitas pelo velho mundo á America são tão importantes como as que fez durante a conflagração.

Entretanto, o sr. Morrow crê que tempos virão em que as exportações para a Europa diminuirão gradualmente, ao passo que a importação europeia aumentará á medida que o acrescimo da capacidade produtiva do velho continente o fôr permitindo. Semelhante facto não será, porém, encarado pela America por um prisma pessimista. Pelo contrario, por isso que se queixa da carestia da vida, a America acolheria com satisfação o aumento da exportação de artigos que a Europa póde fabricar em melhores condições do que ela. E o sr. Morrow terminou o seu discurso declarando que se os Estados Unidos querem estar preparados para conceder á Europa os dois mil milhões de dollars de que ela precisa no proximo ano para normalisar a sua situação, será preciso que o povo aumente a sua produção e diminua as suas despezas.

Uma das maiores vantagens que a conferencia internacional de comercio proporcionou foi a de permitir que os paizes europeus apontassem, por intermedio das suas delegações, as suas mais urgentes necessidades, facultando assim, á America o ensejo de melhor estudar até que ponto poderá prestar aos mesmos paizes o seu auxilio.

* * *

Entre os numerosos assuntos debatidos na conferencia ha a destacar a questão cambial que, por virtude da sua capital importancia, mereceu mais demorada controversia.

A discussão travada a proposito do cambio veiu pôr em fóco a situação de um grande numero de paizes europeus, pelo que respeita ao futuro. Assim, a delegação franceza comunicou á Conferencia que as necessidades do seu paiz, deviam orçar, no proximo ano, por 700 milhões de dollars, soma indispensavel para a aquisição de generos alimenticios, combustivel, algodão, cobre, petroleo, aço, etc., acrescentando, todavia, que a parte daquela importancia a dispender nos Estados Unidos dependerá inteiramente das condições do cambio.

Por seu lado, as outras delegações declararam que as mercadorias de que os seus paizes careciam representavam alguns milhões de dollars, mas que se o cambio se conservasse a uma taxa elevada, as compras a efectuar nos Estados Unidos se limitariam ás coisas mais indispensaveis e que não pudessem ser adquiridas noutra parte.

Destas declarações resulta que a exportação americana vae estar de ora ávante, e cada vez mais, dependente da situação cambial.

O correspondente em Nova York do «Moniteur des Intérêts Matériels», depois de fazer o relato dos trabalhos da Conferencia, preconisa a adopção urgente de medidas tendentes a assegurar aos Estados Unidos o logar preponderante que esse paiz conquistou no mercado mundial.

O Concurso d'A CAPITAL

Conforme hontem noticiámos, já foram entregues na redacção da «Capital» 4 originaes, inéditos, devidamente nas condições que aqui inserimos: o primeiro «Gente portugueza» de Vicente Moraes (pseudonimo), o segundo fechado completamente, o terceiro um drama, assinado «Dante», e o quarto de «Confucius».

Segundo as condições que estabelecemos, os originaes só serão abertos e lidos pelo juri. Esse juri, onde só figurará um representante da «Capital», será constituido por figuras em destaque no meio literario e teatral, podendo nós acrescentar que a «Capital» convidou a figurar n'elle, dois distinctos comediografos, um conhecido jornalista e critico teatral, e um dos primeiros actores da scena portugueza.

Os originaes deverão ser entregues até 31 de dezembro, e serão premiados os 3 primeiros classificados com premios pecuniarios; a «Capital» tambem se esforçará por levar á scena esses 3 actos, n'uma recita cujo producto reverterá para a casa Gil Vicente. Logo que tenhamos obtido a resposta ao nosso convite, publicaremos os nomes dos membros do juri que constituirá por si só uma garantia da seriedade e do interesse pelo nosso concurso.

UM ROMANCE

Até 31 de dezembro a «Capital» recebe os originaes para o concurso literario que abriu, em 1 de outubro. Conforme o estabelecido nas suas condições, os originaes serão de qualquer genero e tamanho, dentro das boas normas da literatura.

«A Capital» premeia pecuniariamente o primeiro classificado, por um juri constituido por romancistas, criticos e jornalistas, onde só figurará um representante da «Capital». O romance classificado será publicado em folhetins na «Capital», logo após a inserção do novo trabalho de Julio Dantas—«As grandes batalhas».

«A Capital» d'esta forma julga cumprir o seu dever de jornal moderno, auxiliando e amparando os «novos» na senda áspera e dificil de iniciar, na literatura.

Na America do Sul

Homenagem prestada a medicos portuguezes

RIO DE JANEIRO, 17.

Está marcado para hoje o banquete de homenagem e admiração que a classe medica do Brazil oferece aos irmãos Menjardino. O banquete realisa-se no salão Assirio do teatro Municipal e a ele assistirão notabilidades medicas de todos os Estados. No fim do banquete uma comissão oferecerá aos homenageados dois bronzes de arte, ornados a ouro e pedras preciosas extrahidas das minas brazileiras.—(Americana).

As eleições de hontem em França e a sua importancia universal

Deviam-se ter realisado hontem as eleições em França. O telegrafo ainda não trouxe os resultados d'essa grande luta, da qual não depende só a orientação politica da França como um novo aspecto para a marcha da Humanidade.

Por mais que se queira arredar a hipotese do perigo bolchevista, ele subsiste em toda a parte. A França, com a sua vitoria ainda soando-lhe forte, cheia de triunfos e gloria, tem sido o dique para conter as efervescencias maximalistas do ocidente europeu; no velho solo da Galia a luta estremou-se categoricamente: dum lado os avançados tendendo «á outrance» para os excessos bolchevistas; do outro, os republicanos, liberaes, mas tendo por primitivo objectivo a resistencia ao bolchevismo. Em redor d'estas duas forças ha pequenos agrupamentos politicos com os seus objectivos mais politicos que sociaes, para um segundo plano de interesse.

O problema vital é sem duvida a questão social, a organisação do Trabalho, os conflitos do capital, as liberdades individuaes e politicas. Clemenceau, o velho politico da França, conhece a fundo a gravidade da situação e faz cavalo de batalha do perigo bolchevista.

Toda a França reconhece o grande alcance das eleições de hontem. Póde dizer-se que nunca a nação se interessou tanto pela reeleição do seu parlamento, pela constituição do seu futuro governo. As ultimas eleições vão longe, e as condições economicas e sociaes, estão hoje completamente modificadas. Do voto depende não só o futuro da França como a paz dos lares de toda a humanidade. As mulheres fizeram a sua propaganda; consta já que houve atentados pessoais, e motins revolucionarios n'um ou n'outro ponto. Scentistas, velhos generaes, literatos, tudo activou as suas energias. Na «Revue de Paris» o eminente sociologo Ernest Lavine, deu-nos «algumas palavras antes das eleições» que resumem o melhor ponto de vista do programa nacional a executar.

E diz:

«Esse programa é enorme: levantar as nossas ruinas; crear de novo por toda a parte a vida que o inimigo tornou deserta; suscitar d'uma fórma energica a actividade economica do paiz; estabelecer com o maximum de justiça possivel o nosso regimen fiscal; rever a legislação social, ainda bastante imperfeita; redigir metodicamente o codigo do trabalho; reformar a instituição parlamentar, cujos defeitos e vicios são confessados por homens politicos que não tiveram a prudencia de empreender uma reforma tão evidentemente necessaria; libertar o poder executivo da servidão no referente aos legisladores; descongestionar o Parlamento, em que cada membro é hoje reputado omnisciente, e, se tanto me fôr permitido dizer, omnipotente; dar uma representação aos interesses economicos e profissionaes; descentralisar, ter finalmente em conta que o departamento já não é á circunstancia que mais convém á época dos caminhos de ferro, do telegrafo e do telefone; constatar sobre o nosso solo a perenidade de regiões naturaes, que são historicas justamente por serem naturaes; substituir aos conselhos departamentaes—conselhos regionaes—mas tudo isto com prudencia, com as devidas cautelas, a fim de não comprometer a unidade nacional; organisar o nosso exercito, conformemente ás novas condições do regimen internacional; por motivos de ordem pedagogica, economicos e sociaes, transformar a nossa instrucção publica, adaptal-a ás necessidades actuaes do paiz, salvaguardando a cultura do espirito, que se chama desinteressada e que interessa grandemente o futuro da França; proteger a vida nacional contra os flagelos mortaes—tuberculose, alcoolismo, maltusianismo.

«Programa enorme, na verdade; mas um governo solido e estavel o decomporá nas suas partes, disporá em serie os assuntos e proporá a ordem das discussões. Dirá as dificuldades, que não podem ser suplantadas n'um dia. O passado que acaba de desabar foi a obra de seculos; as coisas vão mais depressa n'estes nossos tempos; mas todo o andamento precipitado expõe a quedas; sabemol-o pela historia da França vae já em seculo e meio. E' necessario abrir ao nosso povo uma perspectiva para o futuro, leval-o a amar e a querer esse futuro.

«Sobretudo, que não se lhe oculte a verdade! Que saiba perfeitamente que os anos que veem não serão anos de ventura, mas anos de labor com horas penosas, talvez dolorosissimas. O banal optimismo é uma mentira sobre o qual a verdade toma sempre a correspondente desforra. Se não fizerdes medir áquelles a quem exortaes toda a extensão do desforço que lhes pedis, nunca eles se premunirão de toda a sua coragem; lá virá o momento em que, em luta com o real, a lassidão os fará desesperar. Desçamos até ao fundo do nosso abismo, até á sua maxima profundidade, e uma vez lá, com os pés fincados em chão firme, n'um esticão de musculos vigorosos, tornemos a vir ao de cima».

Ha um ponto interessante a notar em toda a propaganda que a França fez para as suas eleições, e que se manifesta n'este belo extracto de Lavine: a verdade, o olhar claro para o perigo. Exactamente, como a Inglaterra na hora de maior perigo da guerra, gritára em altos brados a situação periclitante do seu poderio, assim a França aponta agora o perigo da situação e reconhece que nas eleições de hontem se jogaram não só os seus interesses como os da humanidade inteira.

Esconder o perigo é uma resolução dos fracos, dos paizes que não confiam nas suas forças para defrontar a verdade. A França confia em si; a França deve ter vencido o perigo interno, reflexo do mal externo.

Mas, o telegrafo ainda nada nos trouxe d'essa luta. São horas de anciedade que se passam até que as primeiras noticias cheguem. Quem venceu? As direitas, o bloco conservador, os que lutam contra a expansão bolchevista, ou os radicaes, eivados do maximalismo e bolchevismo que, quiçá, abrirão para o ocidente a avalanche demolidora da Russia.

? ? ? ?

A falta de manteiga

Continúa a não ser vendida ao publico, porque assim o quer o ministro da agricultura

Continuamos na mesma: não ha manteiga para o publico, embora os armazens das manteigarias estejam repletos. São os proprios donos que o declaram a quem os quer ouvir, mas acrescentando que a não podem vender sem autorisação da repartição do ministerio da agricultura por onde actualmente correm os serviços de abastecimento.

Chega a parecer inacreditavel, mas é a pura verdade.

A' nossa redacção veiu hoje alguem contar-nos o seguinte: Passando no sabado na rua da Prata, viu estar a descarregar á porta da manteigaria J. H. Gomes, em frente da Casa das Bengalas, uma grande galera com latas de manteiga, obra aí de pelo menos uns 1.500 kilos. Entrou ele, como entraram diversas pessoas, que passavam, a pedir que lhes vendessem manteiga. A resposta foi que não podiam vender sem que o ministerio a isso autorisasse, aconselhando os clientes a que voltassem ali hoje, porque talvez já os pudessem servir. Lá voltou hoje, com efeito, essa pessoa, mas não conseguiu ser servido, porque a decantada autorisação ainda não fôra dada, ou ainda ali não chegára.

Em compensação, as manteigarias são obrigadas a entregar a quantidade que lhes fôr exigida, por meio de guias passadas pela repartição do ministerio da agricultura, a merceeiros ou pseudo-merceeiros e ao preço de 2$10 o kilo.

E dizemos pseudo-merceeiros, porque a verdade é que quando vamos a qualquer mercearia pedir manteiga, a resposta é invariavelmente: «Não ha. Não temos». Para onde vae então a manteiga?

Antes do actual estado de coisas, cara ou barata, a manteiga aparecia. Quem não podia comprar grande quantidade, comprava uma pequena porção, mas comprava. Agora, nem cara, nem barata ela se vende.

Póde isto assim continuar? O ministerio da agricultura que responda. Nós entendemos que se deve providenciar imediatamente.

Não se abuse da paciencia do povo. Tudo tem limites.

OURIQUE

ALJUBARROTA

BUSSACO

FLANDRES

E tantos outros padrões de gloria e heroicidade portugueza passarão nos folhetins

As grandes batalhas

que «A Capital» começa a inserir em 2 de janeiro de 1920, pela pena invocadora do primeiro escritor portuguez da actualidade

o dr. Julio Dantas

A vida heroica dum Portugal Grande, os rasgos alevantados dos nossos bravos soldados, gente de Afonso Henriques ou «serranos» de La Lys, são paginas de historia, que, desde o nascer da nacionalidade até ás horas gloriosas da Flandres, atestam a valentia, a generosidade, a lealdade da gente portugueza.

O SENTIMENTO E A LOGICA

O TURISMO E O JOGO EM LISBOA

DAS EXIGENCIAS DA CAPITAL EM FACE DO PROJECTO QUE ESTÁ NO PARLAMENTO

A' margem de todas as questões nacionaes importantes a chamada questão do turismo não deixa de ocupar um logar proeminente. Parece que todas as opiniões são concordes em reconhecer a importancia desse problema, divergindo apenas em pontos de detalhe. A questão de turismo sofre apenas dos aspectos varios que oferece a regulamentação do jogo, e é esta palavra JOGO o que dá ao assunto um caracter melindroso, que ele na verdade fundamentalmente não possue. O turismo é indispensavel ao paiz e o jogo é indispensavel ao turismo. A este respeito até as opiniões primitivamente rebeldes aceitaram uma como que plataforma, tirada da sensata analise das coisas, e do ponto de vista pratico do progresso, que se não compadece em paiz nenhum com sentimentalismos bem intencionados mas fóra da razão fria. O projecto que está no parlamento, com o parecer das comissões especiaes, deve ser lei dentro breves semanas. Esse projecto consigna que o jogo será em Lisboa objecto de um regimen transitorio, regulamentando-se a seu tempo, o que equivale á tolerancia do jogo em Lisboa. De facto e por muitas razões, assim deve ser.

A questão da tolerancia ou não tolerancia do jogo na capital, que é ponto de transito para toda a Europa, tem até aqui sido visto mal, e quasi sempre por prismas absolutamente errados. Sem pretendermos bolir com o sentimento de pessoa alguma afigura-se-nos que se teem desprezado factores decisivos de analise no ataque. O jogo é absolutamente necessario á capital, e não constitue o perigo social que tantas vezes se cita. Esta questão tem de ser vista com mais serenidade do que paixão. Eis o que fazemos.

Tem-se apontado, especulativamente os males do jogo, atribuindo-se-lhe todas as catastrofes e desgraças humanas. Aqueles que mercê da sua paixão, ou do dominio dos seus vicios, se deixaram reduzir á ultima miseria, a todas elas, são os primeiros a protestar contra o jogo na capital. Estavamos servidos se para a apreciação de um assunto se fossem ouvir e atender considerações pessoaes, isoladas, e tanta vez movidas por interesses de «chantage» absolutamente comprovada. O mal do jogo tem-se apontado a torto e a direito; tem-se, porém, encoberto propositadamente os beneficios de toda a ordem que hoje o jogo presta em Lisboa. O jogo na capital dá ao Estado, para fim de beneficencia, centenas de contos por ano, centenas, e é hoje já impossivel prescindir dessa receita, da qual vivem só em Lisboa 700 indigentes, segundo as notas do governo civil constatadas com regularidade, e se manteem cantinas, e se subsidiam dezenas de instituições particulares. As casas de jogo em Lisboa, por cada um dos seus dirigentes sustentam particularmente, sem alarde nem especulação nas gazetas muitas familias pobres. Isto não sucede só em Lisboa, é certo; todos os centros internacionaes de turismo e jogo regulamentado cobrem a pobreza local. Em Lisboa, porém, onde a miseria é muita, o jogo cobre mais do que em outra parte a pobreza.

Não é esta, comtudo, a fase unica da questão. O ataque ao jogo em Lisboa faz-se porque se diz que nele se arruinam muitos individuos. Mas ha alguem porventura que acredite que quem quer jogar o que não é seu; quem tem o vicio da tavolagem, se quizer jogar, e não houver jogo na capital, deixa de o fazer? Santissima ingenuidade! De Lisboa a uma praia é um quarto de hora, e fóra de Lisboa, no á vontade dos centros de diversão onde os estrangeiros abundam perde-se ou ganha-se melhor, mais depressa e com mais discreção do que em Lisboa, onde todos se conhecem e tudo consta. Por outro lado ninguem ignora que ultimamente se atribue ao jogo todas as calamidades que sucedem a varias creaturas que deram um passo em falso. Sendo certo que no jogo se teem arruinado varias pessoas—o que pode suceder, quer seja tolerado ou não o jogo em Lisboa!—sendo isso certo, tambem é verdade que se o jogo não existisse tinha de ser inventado para desculpar muita traficancia e atenuar muita pouca vergonha.

Lisboa, cidade moderna, porto de transito, pomposamente chamada o caes da Europa, não tem para receber estrangeiros condignamente se não os grandes clubs, que são hoje um orgulho da capital, e concorrem com as grandes cidades do mundo. Estrangeiros, que veem á Europa gastar o seu dinheiro, entreteem-se por Lisboa, por ter onde passar as noites. Deixam em Lisboa milhares de contos ao fim do ano; se não tiverem aqui esses clubs, onde não se joga apenas, como se propala malevolamente, mas onde ha bibliotecas, gabinetes de leitura, restaurantes, divertimentos de arte, musica classica, e o encanto da mulher de todos os paizes, nas suas canções e danças; se não tiverem isto os «touristes» fogem para Madrid.

Do dinheiro desses clubs, os ricos e os medianos, porque todos estão passando por grandes transformações, vivem hoje em Lisboa 3.000 pessoas, directamente, e consequentemente outras tantas familias. O jogo, já que se tolerou até aqui, creou raizes, fez habitos, constituiu um elemento social na capital. E' impossivel acabar com ele. A' força é uma violencia perigosa; com sofismas provoca outros sofismas, não consegue o seu «desideratum», e pode ir parar a todas as perturbações.

Ora isto que estamos dizendo aos leitores de «A Capital» visa evidentemente, mais do que a questão banal da jogatina, um objectivo de Ordem. Desengane-se toda a gente: Lisboa não deixa o jogo, e melhor será aproveital-o em favor da assistencia publica, em favor das comodidades, do turismo, da atração a estrangeiros, do que fazer dele uma questão de «lana caprina» que só serve para iludir uns, e tentar a «chantage» de outros.

Londres joga, Madrid joga, joga Paris, Barcelona, Marselha, Bordeux, o Rio, Nova York, Berlim, Roma, Milão, todas as grandes cidades jogam, jogará o Estoril, a Figueira, Cascaes, Povoa do Varzim. Se as grandes capitaes do mundo não puderam acabar com o vicio do jogo, que é inato no homem, e dele inteligentemente, para o bem comum se aproveitam, porque ha-de querer-se que Lisboa... dê lições de moral.

Bem peor, sem remedio nem utilidade, é a prostituição e Lisboa consente-a, num alto grau de cultura, que dá a esse vicio um contingente de material para os hospitaes, que é um pavor!

A questão do turismo, pois, até neste aspecto bem comesinho da tolerancia do jogo na capital, tem de ser encarada a frio. Os autores do projecto, e as comissões, talvez com uma outra opinião contraria, que ha que respeitar, entendem que Lisboa deve ter um regimen especial de jogo, transitorio, e que oportunamente se resolverá a este respeito.

E' de facto o unico caminho a seguir. Sendo impossivel acabar com o jogo em Lisboa, ás autoridades e ao proprio publico cumpre explorar os seus beneficios. Fechar os grandes casinos, e os que estão agora a remodelar-se seria não só um erro fundamental. Seria um perigo.

LIVROS NOVOS

Memorias duma «divette»

Deve em breve aparecer a lume um novo livro de Mercedes Blasco com o titulo que nos serve de epigrafe. Nele nos dará a distinta actriz, «doublée» de primorosa escritora, as impressões colhidas nas suas demoradas viagens, o que sentiu, o que viu, o que sofreu mesmo na Belgica, onde estava quando da invasão do heroico paiz pelos alemães.

Vivido, palpitante de emoção deve ser o novo livro de Mercedes Blasco, cuja reputação literaria se afirmou desde a publicação de «Memorias duma actriz» e «Musa historica», que obtiveram um verdadeiro sucesso de livraria.

O mesmo exito auguramos desde já ao seu novo trabalho.

Devem ser postos brevemente á venda os dois volumes «A' presença do publico ilustrado» e «A filosofia dos que riem» do nosso colega da redacção Armando Ferreira.

Do nosso colega do «Mundo» Neves de Carvalho, sairá em dezembro o volume de prosa «Flagrancias lisboetas».

Tambem se anuncia para breve a saida do livro de versos de José Cordovil «Boninas e Malmequeres», «Florilegio» do poeta João Maria Ferreira; um novo livro de Correia d'Oliveira, o romance de Aquilino Ribeiro «Estrada de Santiago», e o livro de cronicas «Conversar» de Augusto de Castro.

INQUILINOS E SENHORIOS

O que um predio pagava antigamente

O que hoje paga em virtude das novas contribuições

—Falámos na nossa ultima palestra dos encargos que pezam sobre a propriedade urbana e disselhe que, se alguns compradores ainda aparecem, é porque não sabem bem quaes são esses encargos.

—Se o soubessem...

—Se o soubessem, nem um unico apareceria, emquanto durar o actual estado de coisas, entenda-se. Ao passo que antigamente a compra de propriedades urbanas era um emprego de capital que tentava os que amealhavam algumas economias, hoje tal não sucede, e com razão. Creio ter demonstrado e com argumentos irrefutaveis que o capital não chega a tirar o juro de 4 por cento ao ano. Ora deve concordar que não é para auferir um tão mesquinho rendimento que alguem vae lançar-se na aventura de comprar um predio, a que, de mais a mais, não póde chamar bem seu, visto que a actual lei do inquilinato lhe não dá garantias algumas, antes ao contrario.

«Mas vamos a mostrar quanta razão me assiste nas considerações que faço. Continuemos tomando como exemplo o predio de que lhe falei.

«Antigamente, por uma casa com nove pequenas divisões, nas avenidas novas, pagava o inquilino doze escudos mensaes, quando muito.

«O senhorio do predio em questão recebia, portanto, dos seus dez inquilinos, 1.440$00 anuaes, o que corresponderia a um rendimento colectavel de 1.296$00. Pagava 12,75 por cento de contribuição, ou sejam 165$24 de contribuição e adicionaes.

«A diferença é enorme, enormissima mesmo, visto que o encargo de contribuições, hoje, é de 1.744$20 por ano.

«Por outras palavras, e pondo as coisas no seu verdadeiro pé: o predio que tomámos para exemplo, construido nas condições que citei, em consequencia das leis do inquilinato, paga contribuições mais dez vezes das quo pagava quando, por não haver essas leis, se construia normalmente.

—Pelo que expõe, vê-se que as leis do inquilinato...

O nosso entrevistado não nos dá tempo a concluir:

—Vê-se que as leis do inquilinato precisam ser remodeladas, e quanto antes. Se assim se não fizer, dia a dia se agravará o problema da falta de habitação. Não lhe falo de «parti-pris», creia. Encaro o problema como ele deve ser encarado, sem me preocupar com que agrade ou desagrade o que digo. Os argumentos que aduzo em prol das minhas palavras, das minhas afirmações, poderia dizer, são quasi que irrespondiveis, desde que se esteja de boa fé e se não queira fazer jogos malabares.

«Mas ainda ácerca dos encargos de que vinhamos falando, deixeme frizar bem o seguinte ponto, que é importantissimo:

«O proprietario do predio que tomámos para modelo receberia antigamente 1.440$00 por ano da totalidade das rendas. Actualmente, só o encargo das contribuições anuaes é de 1.744$20, ou seja mais 304$20 que a totalidade das rendas que receberia antes de existirem as leis do inquilinato.

E em tom de profunda convicção, mas em que havia umas tonalidades de tristeza:

—Veja lá se podem continuar leis que produzem semelhantes consequencias. E veja tambem se, na generalidade das acusações aos senhorios, ha a minima razão de ser, a menor sombra de verdade!

«Sobre comparações com o que lá fóra se faz ha muito e muito que dizer. Clama-se para aí que é uma injustiça o que se está premeditando em os senhorios quererem um pequeno aumento, como se eles fossem uma excepção á regra geral, como se fossem uns párias.

«Mas o que eu tenho principalmente querido acentuar nestas nossas despretenciosas palestras é que a lei deve ser remodelada sobretudo no sentido de dar garantias tanto ao inquilino como ao senhorio.

«Entenda-se bem que me refiro aos inquilinos sérios e de boa fé, como egualmente me refiro aos senhorios nas mesmas condições. Porque nunca, ouça bem, nunca, eu defenderia os que não são honestos e sérios. Esses não me merecem o minimo conceito.

—Tem-se recebido, na redacção, algumas cartas a proposito das afirmações feitas pelo senhor...

—Eu sei, eu sei, visto que teem a gentileza de m'as deixar ver. Só umas duas pretendem contraditar-me. As outras são de aplauso. A uma dessas duas, porque não friza ponto algum concreto, nada direi. A' outra, se tem pachorra para continuar a aturar-me, responderei ámanhã, visto que querendo ou pretendendo refutar os meus argumentos, mais razão vem dar ao que eu disse.

«A resposta tem demorado e talvez o signatario supuzesse que a sua exposição não tivesse sido tomada na devida conta. Enganou-se, porém, se assim o imaginou. E' que estava tratando do inquilinato comercial e não tinha tempo, nem o momento era oportuno para interromper as considerações que vinha fazendo.

Levantou-se, estendeu-nos a mão e num tom cordeal:

—Até ámanhã.

A. C.

Recita de Schwalbach

Eduardo Schwalbach, o grande escritor que conta os triunfos pelas peças que tem apresentado, realisa na proxima quinta-feira a sua recita que por motivos especiaes não realisou quando da 100.ª representação do «Pé de meia». Esta noite que será uma colossal enchente no teatro São Luiz, e de caloroso entusiasmo, ficará memoravel porque todos irão festejar e aplaudir o seu autor querido.

Representa-se a celebre revista com o novo acto «O Rocio», que é uma das mais belas e notaveis obras teatraes de Eduardo Schwalbach. Os seus amigos preparam-lhe uma noite de entusiastica festa, estando já á venda os bilhetes.

Concertos Blanch

Se os belos concertos da Orquestra Sinfonica Portugueza dirigida pelo maestro Pedro Blanch são sempre grandes acontecimentos artisticos e mundanos, reunindo no teatro São Luiz nas tardes dos domingos as principaes familias da sociedade elegante, os deste ano ainda mais notaveis serão, porquanto a assinatura, que se encerra num dos proximos dias, é a maior que so tem feito até hoje, porque todos querem assegurar o seu logar; a orquestra conta novos elementos de grande valor e o repertorio adquirido agora no estrangeiro pelo maestro Blanch na sua «tournée» permite que os programas sejam todos diferentes e nelas figurem sempre primeiras audições de obras primas dos grandes autores classicos e modernos ainda não ouvidas em Lisboa.

Um caso clinico muito interessante

LENDO E COMENTANDO

A' urna pelas mulheres!

Quem puder lêr os cartazes que se fixam nas paredes de Paris réclamando agora aos 4 ventos os melhores remedios... politicos, as melhores formulas partidarias, ha de encontrar os cartazes que o Conselho Nacional das Mulheres Francezas mandou estampar em toda a parte convidando o publico a votar nas eleições de hontem pela sua causa.

E quem pudér, lerá:

«Cidadãos.

«N'uma verdadeira democracia, todos os seres humanos devem ser livres e eguaes os seus direitos. Contrariamente a este principio os homens atribuiram-se arbitrariamente de todos os privilegios pondo a mulher em estado de inferioridade sob o ponto de vista politico, civil, economico e social. As mulheres reclamam os seus direitos para melhor defender o interesse superior da familia, da raça, da sociedade. O seu programa será o vosso:

Reformas politicas

Ratificação pelo Senado da lei de 20 de maio de 1919 concedendo ás francezas o eleitorado e elegibilidade nas mesmas condições que os homens.

Reformas civis

Supressão da incapacidade civil da mulher casada.

Direito para a mulher casada de conservar a sua nacionalidade de origem.

Egualisação da potencia paternal entre os esposos.

Reformas economicas

Acesso das mulheres a todas as carreiras nas mesmas condições dos homens. Aplicação severa do principio «a trabalho egual, salario egual».

Reformas sociaes

Supressão do alcool de bebidas.
Luta contra a imoralidade.
Luta contra a tuberculose.
Luta contra a despopulação.

ELEITORES:

Se quereis realmente a aplicação dos principios da justiça e egualdade.

Se quereis uma França sempre maior e mais prospera.

Votae nos candidatos que aceitam este programa minimo de reformas, tirae o peso que oprime as vossas mães, as vossas esposas, as vossas filhas e irmãs.

Reclamai do Parlamento que ides eleger

O direito do sufragio integral para as mulheres

Até parecem homens perfeitos e afeitos ás lérias que antecede o respectivo carneiro com batatas. Que n'isto de lérias, as mulheres são de respeito...

Mais uma gréve... respeitavel

Os meninos do côro... da ilha de Ré puzeram-se em gréve.

Ora aqui está uma nova gréve imprevista; os rapazinhos lamentam-se de receberem apenas 5 centimos por servirem á missa, e acham-se dispostos a uma resistencia até ao «fim»... A não ser que os padres façam «lock-out». E' curioso constatar como a propria religião não escapa ás reivindicações sociaes, no velho mundo, a ponto de já não haver dedicados pela causa santa.

E dizemos na Europa, porque segundo os ultimos telegramas de Tokio os industriaes e operarios por acordo e grande maioria, resolveram só aplicar a lei das 8 horas de trabalho d'aqui a 5 anos e, se se acharem em condições para esse desperdicio de tempo.

E' bem certo que, como o outro que diz, não passam de «amarelos...»

A liga do ex-presidente Taft

O antigo presidente da Republica dos Estados Unidos, mr. Taft, acaba de ter uma idéa verdadeiramente genial, fundando uma «Liga para o prolongamento da vida», na qual toda a gente se pode filiar pagando a anuidade de quinze dollars.

Toda a gente desejaria saber como será empregada essa quantia e como do seu emprego ficará assegurada a vida de quem a desembolsar, isto é, como poderá se não tiver a certeza, pelo menos, uma presumpção séria de «se fazer durar».

E' original e é nacional o meio inventado por mr. Taft, que vamos passar a expôr.

O candidato á vida prolongada—expremamo-nos assim, submete-se—logo que efectua a sua quotisação—ao exame d'uma junta medica que lhe estabelece a respectiva «ficha», contendo a descrição completa da sua pessoa e da sua historia; que elucida os medicos sobre o estado actual da saude do «liguista», doenças que teve, probabilidade de vir a sofrer de outras; hereditariedades fisicas, profissão, costumes, etc.

Depois de estabelecida a «ficha», o associado á Liga em questão não pensa mais no assunto. E' a Liga que o segue, isto é, que se lhe dirige regularmente por cartas, que lhe dá conselhos, lhe faz advertencias, emfim, que julga necessarias. Cada liguista é obrigado, pelas suas condições fisicas, a uma higiene pessoal, a precauções especiaes, que variam segundo as circunstancias e as epocas, de que os medicos seus consocios devem ter minuciosa informação.

Até agora tudo tem corrido ás mil maravilhas, afluindo tantos socios que a Liga, em periodo que vem perto, vêr-se-ha obrigada a restringir as admissões.

Entre nós talvez a idéa não vingasse, apesar da «Liga» para o prolongamento da vida se fundar sobre o mais sabio, o mais precioso dos principios, qual seja o de que para uma pessoa bem se tratar o melhor que tem a fazer é procurar não adoecer. Em geral, vemos o mal aproximar-se de nós, agarrar-nos, invadir-nos e só então procuramos vêrnos livre d'ele.

Uma comunicação terrorista dum astronomo argentino

O astronomo argentino mr. Albert F. Porta, anuncia para 17 do proximo mez de dezembro um cataclismo sideral, que descreve nos seguintes termos:

«Devido ao agrupamento de seis poderosos planetas, de natureza tal que não se tem visto ainda na historia dos seculos, uma grande parte da terra será varrida pelo mais terrivel cataclismo atmosferico registado nos anaes da Humanidade, causado pela maior «mancha do sol» até agora observada; mancha tão grande, que poderá observar-se á vista desarmada. Desde que os homens puderam pela primeira vez seguir com os adeantamentos da sciencia a mancha d'esta gigantesca maquina que denominamos sistema solar, não se havia registado nada semelhante, nem se poude vêr uma mancha de sol senão depois de muito estudo e empregando poderosos instrumentos.

«Mas essa mancha, como atraz disse, poderá vêr-se á simples vista em 17 de dezembro de 1919 e aparecerá como uma grande ferida em um dos lados do Sol. Será uma gigantesca explosão de gazes inflamados, lançados atravez centenas de milhares de kilometros no espaço. Terá uma cratera de tamanho suficiente para engulir a Terra, do mesmo modo que o vulcão Vesuvio tragaria uma pela de «foot-ball». Essa mancha possuirá energia magnetica suficiente para submeter a nossa atmosfera a uma serie de fenomenos jámais vistos ou sonhados. Terão logar horriveis tempestades, furacões monstros, descargas electricas que ameaçarão partir a Terra ao meio, assim como torrenciaes chuvas. Haverá tambem gigantescas erupções de lava, grandes tremores de terra e terriveis frios. E passarão muitas semanas antes que a Terra recobre as suas condições atmosfericas normaes.

«Não faço esta sensacional e apavorante profecia com o desejo de atrair a atenção mundial para a minha pessoa, nem com o objecto de alarmar. Faço-a porque o meu estudo dos planetas tem revelado certos resultados com matematica exactidão. Por isso vos digo desde já:

«Estae em guarda, sabei-o. Coisas tremendas ocorrerão de 17 a 20 de dezembro do corrente ano e nas semanas seguintes, ainda que com menos intensidade.

«Eis aqui os factos simples, mas assombrosos, que me permitem fazer esta profecia: Os planetas, como todos sabemos, giram em suas grandes orbitas elypticas em torno do Sol. Manteem-se suspensas e girando em volta do centro do sistema e associados entre si pelas cadeias de energia electro-magnetica ou, simplesmente, pelas atracções e repulsões que sofrem, cujas forças se contrapõem umas ás outras equilibrando-se. Quando os planetas se colocam em posição tal que juntos exercem a sua atracção sobre o Sol,—ou em «conjuncção» do mesmo lado do citado planeta, ou em «oposição», com o Sol entre eles—a sua potencialidade, unida, causa a «explosão» de gazes na nossa fonte de luz e calor, que, lançando-se no espaço, como a erupção d'um vulcão, produzem o que chamamos uma «mancha solar». E essas manchas, por sua vez, produzem tempestades e outros fenomenos na atmosfera que rodeia a Terra. Provavelmente sucede o mesmo nos demais planetas. Dois d'estes, unidos, são capazes de produzir uma mancha e portanto uma tempestade de caracter débil; tres causam uma tempestade maior; quatro fortissima. Mas em 17 de dezembro d'este ano não menos de sete planetas actuarão conjuntamente sobre o Sol.

«Serão estes os maiores, com a sua imensa potencialidade atractiva: Seis d'eles, Mercurio, Marte, Venus, Jupiter, Saturno e Neptuno, estarão em conjuncção, agrupados na maior liga de planetas que os anaes da astronomia registam. Estarão confinados no estreito limite de 26 graus, do mesmo lado do Sol. Directamente oposto, vindo em «oposição» contra esta gigantesca Liga, estará o poderoso Urano e seis planetas atravessarão o Sol, como uma seta de novo e poderosissimo genero.

«A nossa Terra está fóra da liga, a um angulo de cerca de 90 graus, em perfeita posição para receber quasi toda a força do monstruoso disturbio atmosferico-electrico, quando entre em actividade sobre o que, para nós, ha de ser o hemisferio Este do disco solar. Isto significa que ha de alcançar-nos a força total da tempestade quando a mancha do Sol esteja no seu culminante aspecto, antes de que os gazes que fizerem explosão tenham tempo de expargir-se, de perder-se. Tal agrupamento de planetas não tinha sido ainda observado. Todo o sistema solar perderá o seu equilibrio de modo assombroso. Quaes serão os resultados?»

O avô dos jornaes

E' na China que se publica o mais antigo jornal conhecido, o «King Pao» ou «Gazeta de Pekin». O seu primeiro numero data do VII seculo, estando, portanto, com treze seculos e vinte anos de existencia.

Todos os jornaes, por mais antigos do resto do mundo, são uns fedelhos á vista do «King Pao». Pois este respeitavel ancião não escapa ao modernismo: está em vesperas de ser vitima duma gréve...

Instituto Ferro-viario do Sul e Sueste

O sr. João dos Santos Pimenta, funcionario superior dos caminhos de ferro do Sul e Sueste, acaba de publicar um opusculo de propaganda para a conversão do Cofre de Amparo ás Viuvas e Orfãos em Instituto Ferroviario do Sul e Sueste, com maior latitude benefica e destinado a receber em internato, os orfãos, proporcionando-lhes uma educação profissional.

Conta para isso com a quotisação de todos os ferroviarios e, além de outras muitas, com a importancia depositada e oferecida para a compra de um aeroplano, se os subscritores acordarem.

Iniciativas de caridade teem sempre o nosso apoio e agradecemos o opusculo que nos foi enviado.

A questão do peixe

Rectificando — Resumo das propostas da Comissão de Subsistencias — Sua ineficacia — Justos protestos dos armadores — As violencias não remedeiam o caso — 600 milhas quadradas de aguas maritimas fronteiras á costa portugueza enfeudadas á Companhia de um cabo submarino

Antes de continuar, convem rectificar a omissão que se encontra na publicação do dia 14, sobre o mesmo assunto, n'este jornal.

Na linha 18.ª, a contar de baixo, na 2.ª coluna, onde se lê: «As vendedeiras que iam», deve lêr-se «as vendedeiras que não iam».

Vejamos, finalmente, se com as propostas a Camara conseguia baratear o preço do peixe.

I proposta, destinha todo o peixe e dividia-o em 3 partes:

1.ª Lota, para hoteis e exportação;
2.ª Lota, para vendedeiras livres;
3.ª parte, para se vender pelo corpo de vendedeiras da Camara.

Em primeiro logar os intermediarios que o relatorio condenava, ficavam vivos e sãos.

Os hoteis poderiam, talvez, dispensar os seus compradores e comprarem directamente, mas a exportação era feita por meio de intermediarios. E intermediaria continuava a ser a vendedeira livre ou a arregimentada pela Camara.

Portanto, n'este ponto de intermediarios, o relatorio é falho.

Resta agora vêr se as vendedeiras da Camara, vendendo o peixe mais barato, obrigavam as vendedeiras livres a vendel-o pelo preço por elas marcado e que, segundo a Comissão de Subsistencias, seria de $24 e mais as despezas de venda, supunhamos $06, ou ao preço de $30 o kilo.

Em primeiro logar, é preciso não esquecer que só ha concorrencia na venda, quando o artigo é mais do que suficiente para o consumo.

E' evidente, que havendo abundancia, cada um procura pôr fóra o artigo pelo minimo preço, sem prejuizo.

Havendo escassez de um artigo, se uma parte dos vendedores começarem a vendel-o barato, é claro que a outra parte não seguirá este preço, mas reserva o artigo, para decerto mais tarde o vender mais caro, logo que tenha acabado o vendido barato. Is'o tambem é claro.

O peixe posto á venda ao publico tinha intermediarios, as vendedeiras livres ou da Camara. As da Camara vendiam mais barato, as livres iam vendendo mais caro, logo que estivessem para acabar o peixe vendido por aquelas, e decerto acabaria a venda muito cedo, visto ser mais barato o preço.

Como é que por este processo se barateiaria o preço do peixe? Sómente para os felizes, que morassem nas ruas por onde as vendedeiras da Camara passassem. Os que morassem nas outras continuavam a comel-o caro, se é verdade o que se diz.

Vê-se, pois, que o processo indicado no Relatorio da C. de A. é puramente ilusorio, quando muito aproveitaria a uma parte minima da população, e, sómente, quando a vendedeira da Camara vendesse o peixe pelo preço por aquela indicado, o que muito e muito duvidamos, sem uma fiscalisação, que elevaria o preço do peixe ao vendido pelas livres.

II proposta. A Camara compraria vapores e estabelecia concorrencia. Este proceder seria honesto. Era a municipalisação, e ninguem teria razão para se queixar. Agora deitar a mão ao peixe pescado pelos outros ou aos navios tambem propriedade alheia, havemos de concordar que é processo muito violento, e, como se viu, não atingiria o fim que se tem em vista.

Não admira, pois, que os mais justificados protestos se tenham levantado por parte dos Armadores contra os ataques que a C. de S. tem projectado dirigir á liberdade da pesca, exercida á sombra de leis geraes.

São indiferentes para o exercicio da pesca de arrasto as medidas pedidas pela Camara e já em parte decretadas pelo executivo em obediencia ás suas exigencias.

Ninguem demora os vapores no porto, ninguem deita peixe ao mar, ninguem espera a vez para entrar em Lisboa, emfim o que se quer é pescar e bastante para trazer bastante peixe ao mercado.

Além dos Armadores, os mestres de pesca e restante tripulação são interessados em que se pesque muito; portanto, para que caluniar e mentir? O que se precisa é que 600 milhas quadradas de aguas maritimas fronteiras á costa de Portugal deixem de estar enfeudadas a uma companhia de cabo submarino ingleza, não se permitindo a portuguezes que arrastem n'elas, para a Companhia dar bom dividendo.

Os portuguezes que vão pescar para Marrocos, gastando-se na viagem quatro dias, a 8 toneladas de carvão, pelo preço de 65$00. Isto é que é proteger uma das maiores industrias nacionaes, tirando-lhe a exploração das aguas.

«O pateo dos leões»

Estreou-se hoje na «matinée» do elegante Salão Central esta lindissima jornada, a 5.ª da afamada pelicula «As garras do leão». São quatro actos com as mais extraordinarias aventuras, muito interessando o publico pelo imprevisto das suas belas situações, e pelo desempenho primoroso das suas principaes figuras, entre as quaes se destaca duma maneira assombrosa a colossal artista que é Marie Walcamp.

Nenhuma outra actriz conseguiu até hoje fazer tanto, pois em Marie Walcamp não é só uma comediante eximia, como é tambem bastante afeiçoada aos mais dificeis desportos. Assim, é ver como monta a cavalo, correndo por montes e vales, saltando os maiores precipicios; a forma como aceita as mais renhidas lutas com as mais perigosas feras; a destreza com que recebe os assaltos dos seus selvagens perseguidores, emfim, verdadeiros prodigios de temeridade que só a festejadissima artista consegue executar.

Além desta jornada, serão tambem exibidas as 3.ª e 4.ª que muitas pessoas ainda não puderam ver e que foram os maiores sucessos da ultima semana, assim como a luxuosa fita «O caminho mais longe», em que as formosas irmãs Diomira e Maria Jacobini, e o distinto actor Julio Carminatti teem soberbas creações.

O caso Dias da Silva

O comissario de policia do Porto, sr. dr. Augusto Lopes Carneiro, continuou hoje no governo civil trabalhando na sindicancia ultimamente requerida pelo sr. dr. Rodrigues Esculcas.

Foram ouvidos os agentes Luiz Torres e guarda 512, Correia, em serviço na secretaria da policia de investigação, o agente Ezequiel Augusto de Figuiredo e o seu auxiliar guarda n.º 1.054, que se encontravam no gabinete do dr. Esculcas, quando aquele funcionario forneceu aos representantes de «O Seculo» e de «A Capital» as notas sobre a queixa apresentada contra o ex-ministro do trabalho.

Os depoimentos de todas as testemunhas foram reduzidos a auto pelo sr. Luiz da Silva Neves, comissario de bairro do Porto, que está secretariando o sr. dr. Lopes Carneiro.

Aldeia Portugueza

Parece-me que desperto de um sonho!

Não de um sonho triste, tumultuoso, terrivel, cheio de visões macabras, mas sim de um sonho sereno, calmo, suave, cheio de reflexos de uma luz pura, benefica e acariciadora.

Sonho sublime, aonde diviso a genial figura do artista, traçando na Flandres em letras de ouro o nome do nosso querido Portugal!

Além, muito ao longe, diviso o nosso poetico campanario, a modesta casinha da aldeia, com a sua consoladora lareira, os seus simples utensilios domesticos; a ampla escola, cheia de luz e alegria infantil; a adega, aonde os nossos formosos cachos de uvas deixam o seu apreciado néctar; além a casa maternal com os seus vasos de alegres flôres, e em valia os eirados, aonde julgo já ouvir as dolentes canções populares portuguezas!

No singelo chafariz, julgo vêr as moçoilas a encher as cantarinhas, alegres e descuidadas, e na bela praça, as mais velhas, trocarem amistosas impressões.

Por fim: oh! simbolo sagrado! O cemiterio, muito artistico e singelamente traçado por Leal da Camara.

O genial artista, imprimiu toda a grandeza da sua alma, todo o seu sentimento patriotico, n'aquele coração desenhado no belo portão de entrada.

Sim. O nosso coração, acompanha a sua obra e jaz imerso na mais respeitosa saudade, por todos aqueles que ali sacrificaram a vida, em cumprimento do seu heroico dever.

Para eles, vae a nossa alma, o nosso pensamento. Joelho em terra. Eles vão repousar para sempre, aonde baquearam. Ali vão ter um pedaço da sua adorada aldeia, a préce dos crentes, o respeito dos mais indiferentes; a n'aquele sólo tinto pelo seu nobre sangue, hão de brotar flôres portuguezas, flôres de esperança, flôres de paz, flôres de resurgimento.

A obra de Leal da Camara e Teixeira Lopes é tão grande, é tamanho o seu alcance patriotico, que chega mesmo, pela sua grandeza, a não ser compreendida por muita gente.

E' preciso pois acompanhar essa obra genial, caminhar com firmeza, visando o futuro, e com o olhar fito no resurgimento da patria.

E' preciso ser ousado, paciente, tenaz, confiante, caminhar sereno, como quem vae cumprir um sagrado dever, é preciso ser forte, e sobre tudo, é preciso ser portuguez.

Placido Osorio

A propaganda bolchevista no Oriente

O fim principal é visar a Inglaterra na India, originando um levantamento mussulmano

STOCKHOLMO, 12.— Numerosos indicios mostram que os bolchevistas, ao mesmo tempo que concentram as suas principas forças militares nas tres frentes onde lutam contra os exercitos de Koltchak, Denikine e Yondenitch, ocupam-se activamente em preparar outras operações nos paizes musulmanos da Asia central. Parece que o seu fim é por todos os meios atingirem a India.

Desde junho passado que os bolchevistas tentaram uma acção militar na direcção do Afghanistan. Assinalou-se a presença das suas tropas perto de Askabad. No mez de julho, uma expedição bolchevista, ida do Caucaso, instalou-se numa ilha persa do Caspio, a pouca distancia d'Asterabad. Na mesma ocasião, soube-se que o governo bolchevista enviava uma missão diplomatica e militar ao Afghanistan.

Devia ter á sua frente um tal Wolosenski, antigo adido da embaixada da Russia em Berlim e antigo consul russo no Extremo Oriente. Essa personagem tornára-se chefe da secção asiatica no comissariado bolchevista dos negocios estrangeiros. A sua missão tinha por fim organisar uma campanha de guerrilhas contra os inglezes e instalar um centro de propaganda bolchevista para os paizes musulmanos.

Em seguida, um tal Bravine, que fôra a Teheran como representante do governo bolchevista na Persia, dirigiu-se tambem para o Afghanistan.

As relações dos bolchevistas com esse paiz foram perturbadas momentaneamente por um incidente. Os bolchevistas do Turkestan, que teem um governo em Tachkend, mas que não teem relações directas com os de Moscou, tiveram uma discussão com os afghans ácerca dum territorio disputado pelos dois partidos. Os afghans enviaram finalmente, no mez de setembro, um ultimatum, ameaçando provocar uma insurreição musulmana no Turkestan contra os bolchevistas. O exercito bolchevista do Turkestan compõe-se, com efeito, de contingentes estrangeiros, 80 por cento dos quaes são hungaros. Uma insurreição podia expulsal-os.

Desde então parece que tudo se harmonisou. Uma nova missão bolchevista, enviada pelo soviet de Tachkend, chegou á fronteira afghan em outubro. Por outro lado, tropas afghans, que pareciam agir de acordo com os bolchevistas, foram assinaladas em Merv, no caminho de ferro transcaspio. Uma missão afghan chegou egualmente a Moscou. Foi recebida com honras militares e saudada pelo comissario do povo Galijew, presidente do «Colegio central de guerra musulmano». Galijew prometeu aos afghans o auxilio do poder sovietista e dos musulmanos russos. Na sessão solene que o comité central executivo do soviet de Moscou realisou no dia 7 do corrente, para festejar o segundo aniversario da revolução bolchevista, o «embaixador extraordinario do Afghanistan» estava num camarote e o presidente Kamenief dirigiu-lhe as seguintes palavras: «Sentimo-nos felizes por saudar entre nós o representante do povo afghan, nosso amigo, e temos a firme esperança de que essa amizade se transformará em breve numa aliança que se contraporá ao imperialismo do Oriente».

A propaganda bolchevista exerce-se tambem entre os kirghizes, que habitam a região das estepes. Tropas bolchevistas enviadas a essa região expulsaram os cossacos e o comité central executivo de Moscou convocou, para 25 do corrente, uma conferencia na qual se deve organisar uma Republica autonoma de kirghizes.

Os bolchevistas, escusado é dizel-o, alimentam a agitação no Caucaso, entre os musulmanos tartaros. Os radio telegramas de propaganda bolchevista anunciam periodicamente que camaradas regressados do Caucaso descrevem que a luta de classes está no seu pleno auge nessa região. As cidades de Grosny e de Derbent foram tomadas, dizem eles, pelos insurrectos, que tambem, além disso, cercaram Petrowsk.

Na sua propaganda em paizes musulmanos, os bolchevistas parecem agir de acordo com os turcos, ou pelo menos com os turcos que se comprometeram definitivamente com a Alemanha. Assinala-se a presença de oficiaes turcos, enviados pelos bolchevistas russos, na Persia do noroeste. Sabe-se tambem que quando Talaat e Djemal fugiram recentemente da Alemanha a bordo dum aeroplano militar alemão que os deixou na Lithuania, se propunham voltar para a Turquia, passando por Moscou. O facto dessa viagem ter sido preparada parece demonstrar claramente que ha relações entre os bolchevistas, os antigos membros do Comité União e Progresso e os alemães.

Em resumo, os bolchevistas preparam activamente, na Anatolia, na Persia, no Afghanistan, operações revolucionarias ou militares, que provocariam por sua vez um levantamento entre os musulmanos da India e que obrigariam a Inglaterra a proceder a um grande e dificil esforço de repressão.

Theatros e Cinemas

Agenda da semana

Quinta-feira

Ginasio—«A cadeira n.º 13».
Politeama—«Adeus mocidade»

Nota do dia

No novo acto de Schwalbach, tivemos ocasião de observar mais uma vez o seguinte: Um numero, sem grandes efeitos, um simples dueto entre um padeiro e uma saloia—salvo erro—com quadros singelos e nenhuma alusão ou comentario, só porque era tocado por uma musica alegre, popular, cheia de vida, fazia entusiasmar o publico que aplaudia com gosto.

Mais uma vez pensei com que agrado não seria acolhida por todas as camadas, principalmente por aquelas que mais vão ao teatro actualmente, qualquer peça tipica, regional, quasi vazia, ou apenas com um leve esboço de acção, mas toda feita de descantes populares, coloridos, alegres, com um fundo portuguez.

Esses espectaculos, com um ou 2 actos, supririam á maravilha a «revista», decadente, em ultimo grau de magreza, óca e descabida a tal ponto que se tem já de ir buscar o material de ha 3 ou 4 anos. E o publico sem ter aquelas diversões baixas, cheias de incoerencias e dislates que lhe embotam a sensibilidade, lucraria assim duplamente com o trabalho honesto de honestos escritores.

Não digamos uma opereta taluda em 3 actos, mas pequenas peças em 2 quadros, de costumes, de impressões, mais para a vista e para o ouvido que para o pensamento...

Que de resto não é novidade. Lá fóra ha muito, no genero...

A. F.

Noticiario

Portugal

Depois de ámanhã, quarta-feira, em recita da moda, despede-se no Politeama a comedia «Blanchette». Quinta-feira «réprise» do «Adeus Mocidade».

Espanha

No teatro Fuencarral, de Madrid, entreiou-se com exito, com o titulo «La doga», a peça catalã «Lo ferrer de tall», de Frederico Soller, traduzida para castelhano por Alvaro de Orriola.

Estreiou-se no sabado como actriz no teatro Eslava, agradando muito, a Argentinita, a bailarina mais moderna e mais graciosa da Hespanha.

A peça é, como já dissémos, uma adaptação feita d'uma comedia de Goldoni a opereta, por Luiz Fabria e Martinez Sierra, com deliciosa musica, e intitula-se «Rosaura, da viuda astuta».

França

Gernier, director do teatro Antoine, recebeu uma peça em 3 actos de Henry Marx, «L'enfant maitre».
—A dançarina Lipkowska dará brevemente uma série de espectaculos na Opera Comica.

Cartaz de hoje

Nacional, ás 21, «O Cardeal».
S. Luiz, ás 20,30, «O pé de meia».
Ginasio, ás 21,30 «O libertino».
Politeama, ás 21, «Blanchette».
Eden, ás 20, O quadro novo «Bancos e Companhias» e a revista «Aqui d'El-rei.—A's 22—«Sonho de valsa».
Avenida, ás 21, «O pae Simão».
Apolo, ás 21,30, «Os 20 milhões».
Coliseu dos Recreios, ás 21, Grande Companhia de Circo.
Animatographos—Salão Foz, Olympia, Condes, Chiado Terrasse, Salão da Trindade, Salão da Promotora, em Alcantara, Salão Portugal, rua de S. João da Praça.

Banco de Portugal

Até ás 3 horas da tarde do dia 26 do corrente recebem-se n'este Banco requerimentos para admissão de caixeiros-ajudantes.

A' prestação das provas praticas só podem ser admitidos os candidatos que tenham menos de 18 anos de idade, nem mais de 30, e provem estar habilitados com o curso complementar dos liceus (7.º ano) ou com qualquer dos cursos oficiaes do comercio.

São preferidos, em egualdade de circunstancias, os que tiverem o Curso Superior do Comercio e boa caligrafia.

Lisboa, 15 de Novembro de 1919

Pelo Banco de Portugal

Os Directores

H. Mateus dos Santos
J. P. C. Neves

"O Paiz"

Em 2 de janeiro proximo reaparece este antigo jornal republicano, sob a direcção politica do seu fundador, o sr. Meira e Sousa.

CAMBIOS

Henrique de Sousa & C.ª
Rua Aurea, 56—60
Lisboa, 17 de novembro de 1919.

	Compra	Venda
Londres, cheque....	24 1/4	24 1/8
» 90 dias....	24 3/8	—
Paris, cheque.......	253	256
Madrid, cheque.....	483	487
Berlim, cheque......	57	67
» notas.......	—	—
Amsterdam, cheque	900	910
New-York, cheque..	2400	2430
» notas....	2370	2420
» ouro.....	2350	2400
Libras em ouro......	11$80	12$00
Agio do ouro.......	160	165
Rio sobre Londres..	16 7/32	
Suissa............	435	438
[illegible]ia............	200	2[illegible]4
[illegible]gica...........	274	278

Vida Sportiva

A semana de esgrima

Terminou hoje a disputa do campeonato de «juniors», sendo vencedores nos assaltos finaes os srs.:

1.º—Antonio Olivaes, da sala Carlos Gonçalves.
2.º—Paulo Eça Leal, do Centro Nacional de Esgrima.
3.º—José Cunha da Silveira, idem.
4.º—Henrique Cunha da Silveira, idem.
5.º—Filipe de Vilhena, da sala Carlos Gonçalves.
6.º—Francisco de Vilhena, idem.
7.º—Matos Castelo, do Centro Nacional de Esgrima.
8.º—Antonio Melo Breyner, idem.
9.º—Tomaz dos Santos, da sala Carlos Gonçalves.
10.º—Marques da Costa, do Centro Nacional de Esgrima.

A'manhã é o concurso escolar; depois o de «seniors» e «juniors»; a seguir o campeonato de Portugal e por ultimo o campeonato de sabre.

Dr. Sidonio Paes

A missa de hoje na egreja da Estrela

Sufragando a alma do sr. dr. Sidonio Paes, houve hoje, pelo meio dia, na egreja da Estrela, missa de «requiem» cantada e «libera-me», sendo celebrante o rev.º Domingos Nogueira, prior da freguezia, acolitado pelos reverendos José Dias Baptista e Antonio Gomes Miranda.

A orquestra, sob a regencia do mestre da capela Carlos de Araujo, executou a missa e «libera-me» do maestro Nenkomne e a marcha funebre do maestro Joaquim Gomes.

A concorrencia era numerosa, vendo-se no templo muitas senhoras, oficiaes do exercito e alumnos de diversas escolas superiores.

Na capela-mór viam-se os srs. Antonio Paes, filho do falecido presidente; coronel Amilcar Mota, dr. Mateus d'Oliveira Monteiro, Camossa de Faria, Simão de Laboreiro, representantes dos alunos da Faculdade de Sciencias, Institutos de agronomia, comercio, etc., e os alunos do Instituto Superior Tecnico, por quem foram mandados celebrar os sufragios.

Ao centro da egreja erguia-se uma eça ladeada por quatro tocheiros e vasos com plantas.

Os «Vatels» em gréve

O conflito continúa sem solução

Continuam irredutiveis nas suas reclamações sobre o novo horario de trabalho os cozinheiros e moços de cozinha de varios hoteis. Por sua parte, os patrões estão tambem dispostos a não transigirem, acusando os cozinheiros galegos de quererem impôr-se-lhes ameaçando-os com uma «parede» da classe.

No governo civil esteve hoje uma grande comissão de cozinheiros, pedindo ao sr. dr. Teixeira de Azevedo, adjunto do director da policia de investigação, que fossem restituidos á liberdade os seus 17 camaradas hontem presos por tentarem praticar disturbios em frente ás cozinhas do Francfort de Santa Justa, na rua do Arco do Bandeira.

O pedido não foi atendido, visto o caso estar a ser devidamente investigado.

Os proprietarios de hoteis reuniram hoje de tarde em sessão magna na séde da Associação de classe dos Proprietarios de Hoteis e Restaurantes, na rua Eugenio dos Santos, devendo a sessão prolongar-se até bastante tarde.

A' reunião assistiram todos os proprietarios de hoteis e restaurantes de Lisboa e do Estoril os quaes aprovaram por aclamação a seguinte moção:

«Não atingindo o decreto do horario de trabalho de 7 de maio de 1919, conforme o seu paragrafo unico, resolve não aceitar sobre este assunto qualquer reclamação do seu pessoal e sómente cumprir a lei».

Os proprietarios de hoteis tendo em vista a situação economica, resolveram melhorar monetariamente os seus empregados, até ao ponto em que seja possivel fazel-o.

Mais ficou ainda resolvido que a mesa juntamente com tres socios, se conserve em sessão permanente para a defeza dos seus interesses.

Atropelado por um automovel

A uma das enfermarias do hospital de S. José recolheu Roberto Gaudencio Miguens, estudante, filho do Roberto Gaudencia Miguens, oficial da guarda republicana e da sr.ª D. Emilia das Dôres Miguens, residentes no quartel do Carmo, que no largo de Camões, foi atropelado por um automovel, ficando com a perna direita fracturada.

ULTIMA HORA

PARLAMENTO

Nos Deputados

O sr. Antonio Mantas protesta com energia contra o facto do ministerio da instrução se recusar a fornecer-lhe os documentos pedidos pelo seu ministerio, para estudar e apreciar as nomeações feitas de professores provisorios dos liceus de Lisboa. Apezar do ministro o convidar a ir ao ministerio consultar os processos, não se conforma com isso, pois que para ir ao ministerio vêr os processos não precisa d'essa autorisação, visto que é chefe da repartição por onde correm aqueles serviços. O que deseja é que lhe sejam fornecidos.

O sr. Manuel José da Silva pede ao sr. presidente da camara para que insta junto da comissão de instrução superior a apresentação do parecer sobre um projecto para a qual a camara reconheceu a urgencia, e que diz respeito aos estudantes de direito que foram dispensados de exame, os quaes teem os seus exames da presente época dependentes da aprovação ou rejeição d'esse projecto. Pede tambem ao sr. presidente para comunicar ao sr. ministro da instrução a necessidade que o orador tem da sua comparencia a fim de tratar com S. Ex.ª da desigualdade em que se encontram os antigos bachareis de filosofia ou matematica, diplomados com o curso do magisterio, e que foram mobilisados, relativamente aos alunos das Escolas Normaes e Superiores, que pelo decreto 5673 foram nomeados professores agregados.

Tambem insta, mais uma vez, pelos documentos pedidos ha muitas semanas sobre o jogo, no que diz respeito ás importancias recebidas pelo governo civil e qual o seu emprego.

O sr. Antonio José Pereira envia para a mesa uma representação da Camara Municipal da Covilhã para que seja criado um liceu na referida cidade.

Defende a petição, alegando que é para lamentar que a cidade mais populosa das Beiras não tenha ainda um estabelecimento de ensino d'esta natureza. Salienta que a Camara municipal oferece casa e todo o material didatico necessario ao bom funcionamento do liceu. Conclue por pedir á presidencia que envie a representação á respectiva comissão para dar o seu parecer com maior brevidade. Aproveita o ensejo para se referir a um oficio que recebeu do ministerio das colonias sobre documentos que solicitou e cuja resposta o não satisfez.

O sr. Costa Junior chama a atenção do sr. presidente do ministerio para o mau fabrico do pão, para o aumento do preço do carvão, para a falta e carestia da carne e do peixe, e para o não cumprimento da lei do horario de trabalho. Protesta contra o facto do governo permitir a importação livre de assucar em quadrados, que, pelo seu elevado preço, não pode ser adquirido pelas classes pobres.

O sr. presidente do ministerio respondendo ao sr. Costa Junior, diz que sobre o pão e carvão nada pode responder porque não está a par do assunto.

Sobre o assucar diz que apesar de ha tempo ter declarado que havia assucar em abundancia, ele foi gasto ou açambarcado, não tendo sido possivel, por carencia de transportes, fazer a sua rapida aquisição. Tem esperanças, porém, que até ao dia 12 do proximo dezembro cheguem 11 toneladas de assucar colonial, devendo os primeiros 4.000 kilos chegar no dia 28 do corrente. Sobre a importação de assucar em quadrados, diz que a autorisação tem por fim evitar que o assucar portuguez, confundindo-se com o estrangeiro, assuma o preço deste.

Pelo que respeita á carne, diz que a sua falta resulta do facto dos criadores dos Açores não quererem vender o gado por preço que convenha á Camara Municipal de Lisboa. Esta adoptou o sistema de acusar o governo de todas as culpas e assim queixa-se de que ainda não lhe foram dispensadas as medidas indispensaveis para, por sua conta, distribuir o peixe pelo publico. Varias razões teem dado motivo a que o governo não tenha agido ainda com grande energia. Entende, como ministro do interior, que os meios violentos só devem empregar só quando exgotados forem os suasorios.

Sobre o decreto das 8 horas, o governo tem feito todos os esforços para que ele se cumpra. Nesse sentido tem oficiado a todos os governadores civis. E' possivel que em alguns pontos a lei se não cumpra, mas o governo não tem disso conhecimento.

Em seguida, entra em discussão o projecto sobre o aumento de vencimentos aos funiconarios administrativos falando os srs. João Bacelar, Sá Pereira, Antonio José Pereira, Jaime de Sousa, Santos Graça, Orlando Marçal, Hermano de Medeiros e Francisco José Pereira.

Foi resolvido que o projecto baixasse á comissão de finanças com as propostas para ser estudado.

Segue no uso da palavra o sr. Augusto Dias da Silva, que afirma que se fazem preparativos revolucionarios em Lisboa e que o governo usa para com os revolucionarios de complacencias que se não explicam.

O orador foi apoiado em parte do seu discurso pelos srs. Ramada Curto e Manuel Alegro.

POLITICA

Atitude da Federação Nacional Republicana

Apareceu a noticia de que a Federação Nacional Republicana, a cuja frente se encontra o sr. Machado Santos, rompera as amistosas relações que sempre manteve com o governo, passando a adoptar uma atitude de nitida oposição. As nossas informações não são inteiramente concordes com esta versão.

E' certo que os amigos do sr. Machado Santos não estão satisfeitos com o governo e, principalmente, com a politica que o gabinete adopta nas suas relações com os partidos republicanos, excepção feita, naturalistas do sr. Machado Santos não concordam com a orientação do governo quanto a assuntos de politica interna, principalmente nomeações, não tendo atenções de especie alguma para com os que teem prestado serviços á Republica. E' assim que serviços á Republica.

E' assim ou não é? Não sabemos, nem isso é comnosco. Registamos apenas o facto como causa primaria do desacordo, ainda incipiente, entre o sr. Machado Santos e o gabinete Sá Cardoso. As relações politicas entre os dois agrupamentos partidarios são já, aliás, tão tensas, que nos convencemos que, se o sr. Machado Santos as não dér por terminadas ó pelo receio, muito justificado, de vêr o seu gesto mal interpretado pela opinião publica. O sr. Machado Santos afirma-se hoje irreductivelmente amigo da Ordem e o divorcio com o governo poderia induzir a Nação no erro de o supôr incorrigivelmente revolucionario.

E já que falamos no sr. Machado Santos acrescentaremos que este homem publico escreveu ou vae escrever uma carta ao sr. Brito Camacho, —carta que, certamente, será publicada em «A Luta».

A questão dos altos comissarios africanos

O sr. ministro das colonias tem em seu poder o parecer da sub-comissão de colonias,—aquele mesmo parecer que foi discutido na ultima reunião dos parlamentares democraticos. Ha fundadas esperanças de que o sr. ministro das colonias se conforme, pelo menos nas linhas geraes, com o parecer da sub-comissão; ou que, em caso contrario, revele, nitidamente o seu ponto de vista, unica forma de se tornar viavel um completo entendimento entre ele e a maioria parlamentar.

Depois d'ámanhã, á noite, reune novamente o grupo de deputados e senadores do P. R. P. E' mais que provavel, quasi certo, que o sr. ministro das colonias exponha então idéas definitivas ácerca d'esta complicada questão.

A questão da transferencia da frota mercante do Estado

O sr. Velhinho Correia, relator, por parte da comissão de colonias da Camara dos Deputados, da proposta de lei ácerca da alienação temporaria dos navios ex-alemães, pediu documentos por varios ministerios, a fim de estudar, convenientemente, o seu parecer. Sabemos, todavia, que o sr. Velhinho Correia tem já bastante adiantados os seus trabalhos, devendo redigir um parecer muito extenso.

Tumulto na Camara dos Deputados

Quando o sr. Afonso de Macedo dava esta tarde explicações ácerca de umas afirmações por ele hontem feitas numa conferencia publica, levantou-se grande tumulto na camara dos deputados, vendo-se o presidente obrigado a interromper a sessão.

As galerias manifestaram-se com vivas á Republica e entre os deputados populares e os liberaes estiveram iminentes conflitos pessoaes.

Na sala das sessões deu-se uma violenta scena de pugilato entre os srs. Afonso de Macedo e Francisco Cruz.

Poeira da Arcada

Conselho de ministros

Foi convocada para esta noite a reunião do conselho de ministros. Liga-se grande importancia a essa reunião.

Amortisação d'obrigações

O «Diario do Governo» deve publicar amanhã a relação das 965 obrigações da divida externa de 3 por cento, 3.ª serie, com juro, que teem de ser amortisadas no 1.º de janeiro. Serão tambem amortisados os titulos especiaes sem juro da mesma divida de numeração egual ás obrigações sorteadas.

Funcionarios publicos

Ao que consta, reune ainda esta semana a comissão encarregada de regularisar a situação dos funcionarios publicos, para apreciar o trabalho da sub-comissão sobre a equiparação de vencimentos.

Medicos escolares

Os medicos das escolas primarias e secundarias de Lisboa reuniram sob a presidencia do inspector geral de sanidade escolar, sr. dr. Sebastião Secadura, para estudarem as medidas de higiene profilatica a adotar na epoca invernosa em que entrámos, caso seja doentia como as anteriores. Nomeou-se uma comissão para estudar as bases de trabalho de organisação d'uma conferencia nacional de higiene escolar

Noticias da Capital

Brindes e calendarios

Da casa José Antonio d'Almeida, da rua da Assunção, 9 a 15, e rua dos Douradores, 136 a 140, representante da casa Joaquim Ramos Balbina, recebemos e agradecemos uns pequenos mata-borrões com os reclamos das pomadas para calçado Aurora e Aida.

Com o craneo fracturado

Antonio Augusto Lino de Andrade, de 48 anos, morador na travessa de Santa Gertrudes, 69, 1.º, caiu hoje pela escada da sua residencia, fracturando o craneo.

Conduzido ao hospital, depois de operado de trepano, recolheu á enfermaria 3, em estado grave.

Ao fugir dum perigo, cae noutro

Na rua de Santa Marta, formou-se hoje uma grande «bicha» para a compra do assucar. Em dada altura, como a multidão desrespeitasse as ordens da policia, esta puxou dos sabres e começou a distribuir as competentes pranchadas.

Para as evitar, Joaquim José Ferreira Junior, morador no pateo das Cafeleiras, rua do Arco do Carvalhão, deitou a fugir, mas com tanta infelicidade que caiu, sendo ferido na cabeça pelo automovel 2600, que na ocasião passava.

O ferido foi receber curativo ao banco do hospital.

Tiros misteriosos

Ignacio Teixeira, de 45 anos, empregado no comercio, quando seguia para sua casa, no Caminho Debaixo da Penha, foi ferido no braço direito com dois tiros, que ignora d'onde partiram e por quem foram disparados.

Recebeu curativo no banco do hospital, recolhendo a casa.

Vingança de senhorio

A' policia de investigação foi apresentada queixa de uma senhora que acusa o senhorio de lhe ter destelhado o predio para assim a obrigar a pôr escritos e abandonar a casa. O assunto está sendo devidamente esclarecido pela policia.

Farto de viver

Joaquim Braz de Carvalho, de 91 anos, morador na rua do Seculo, 1, 2.º, reformado do café «A Brazileira», tentou suicidar-se lançando-se da janela á rua. Foi conduzido em automovel para o posto da Mizericordia, onde ficou em tratamento em virtude de apresentar grandes ferimentos na cabeça e lesões internas.

Para o tribunal

Foi hoje remetido ao tribunal da Boa Hora Antonio da Costa Pinto, da rua do Embaixador, 79, 2.º, que na «garage» Militar na rua Tomaz Ribeiro, furtou varios utensilios e peças para motocicleta que depois vendeu.

A tragedia do Bairro Alto

Foi hoje remetido ao tribunal da Boa Hora o processo referente á tragedia que ha dias se desenrolou na travessa dos Fieis de Deus. Seguiu tambem para juizo José de Jesus Marques, que tentou assassinar a irmã e matou com um tiro o amante desta, devendo recolher á cadeia do Limoeiro por o crime não admitir fiança.

Um agente elogiado

A ordem do corpo da policia de hoje ou de ámanhã deve inserir um oficio elogioso do juiz do 3.º juizo de investigação, enviado ao director da policia judiciaria, pela forma criteriosa como o habil agente Pereira dos Santos se houve na organisação do processo referente ao desfalque ultimamente descoberto nos Transportes Maritimos.

Nesse oficio, o referido juiz esclarece que teve agora de abrir uma excepção, pois que bastas vezes se tem queixado contra a falta de investigação feita pelos agentes, mas que no processo dos Transportes Maritimos o trabalho do agente Pereira dos Santos, que foi devidamente apreciado, representa um aturado esforço e muita dedicação, revelando ainda a par de excepcionaes faculdades de trabalho muita inteligencia pelo serviço publico e um espirito metodico.

Poucas ou raras vezes taes elogios são feitos e por isso o facto tem sido o acontecimento de alto valor para a policia de investigação.

Contra a raiva

No Instituto Veterinario ficou hoje em observação, por se suspeitar estar atacado de raiva, um cão pertencente aos Transportes Postaes e que mordeu Manuel Ferreira Cavalheiro, morador na travessa do Teixeira, 24, 1.º.

Tambem ali deu entrada outro cão que mordeu o guarda civico n.º 797.

Serviço telegrafico da tarde

MADRID, 14.

Como as camaras foram abertas o governo apresentará hoje mesmo alguns projectos de reforma tributaria entre eles o imposto de rendimento; o imposto de transporte maritimo; suprimindo todas as actuaes excepções, e elevando o imposto sobre o alcool e a cerveja. Aumentam as taxas postaes, telegraficas e telefonicas; finalmente é creado o imposto sobre o aumento das fortunas, desde janeiro de 1916 até 31 de dezembro do ano corrente.

MADRID, 14.

O orçamento das despezas será lido hoje nas camaras; eleva-se a 2.373.155.302 pesetas, das quaes 1.934 milhões para despezas geraes do estado e despezas dos ministerios e 439 milhões para despezas temporarias e extraordinarias. O orçamento das receitas será reforçado com os novos productos das leis tributarias. São egualmente apresentadas ao estudo do parlamento novas leis elevando provavelmente as receitas a 1.962.830.572 pesetas, o que dará um «superavit» de 32 milhões sobre as despezas permanentes. As despezas de caracter extraordinario ou temporario serão cobertas mediante a emissão de titulos da divida publica.—(Havas).

MADRID, 15.

Amanhã partirá o infante D. Jaime segundo filho do rei Afonso, acompanhado pelo seu preceptor, para Londres, regressando a Madrid com a rainha Vitoria, no fim do mez.

—Dizem de Barcelona que as gréves e o «lock-out» acabaram por completo, e que todos os jornaes reapareceram.—(Havas).

Navios de guerra

S. JULIAO, 17.—Entrou a canhoneira americana G. T. R. S.—(Havas).

S. JULIAO, 17.—Sahiram quatro canhoneiras francezas.—(Havas).

PELOS CORREIOS

A mala roubada

Foram suspensos dois empregados suspeitos de implicados no caso

Ao contrario do que dizem alguns jornaes, não se encontram detidos quaesquer individuos como implicados no roubo de uma mala do correio com registos e valores declarados, destinada ao Norte, caso a que largamente nos temos referido.

O agente Felisberto de Oliveira, encarregado das diligencias, esteve hoje ouvindo varias pessoas, as quaes foram prestar declarações ao governo civil. N'um terreno vedado na Mouraria, onde se acha instalado o salão animatografico Lisboa, foram hoje encontrados mais seis volumes registados, que depois se apurou pertencerem aos registos retirados da mala roubada e que parece foram certamente atirados pelo gatuno ou gatunos.

Por ordem superior foram hoje suspensos dois serventes dos correios, um dos quaes tinha a seu cargo fiscalisar o transporte das malas, das repartições para o «camião» e o outro acompanhar as malas até ao combóio.

AVIAÇÃO

Lisboa-Porto

O comandante da esquadrilha de aviação Republica foi hoje ao Porto, acompanhado pelo major sr. Castilho Nobre. Sahiu da Amadora ás 9,30 e regressou ás 14,45, n'uma viagem esplendida.

Gazolina Shell—Oleo combustivel—Oleo Diesel (Marca Solar)—Oleos de lubrificação
Petroleo—Parafina, etc., etc.

Instalações em Portugal—LISBOA, MADEIRA, S. VICENTE DE CABO VERDE

The Lisbon Coal & Oil Fuel C.ª — *Charles H. Bleck, Manager*

32, Rua Aurea—Telephone C. 2179 — LISBOA — 141, Rua de S. Julião—Telephone C. 5231

Agua da Foz da Certã

A Agua minero-medicinal da Foz da Certã apresenta uma composição chimica que a distingue de todas as outras até hoje usadas na therapeutica.

E' empregada com segura vantagem nas Diabetes — Dyspepsia — Catarros gastricos putrido ou parasitarios;—nas preversões digestivas derivadas das doenças infecciosas;—na convalescença das febres graves;—nas atonias gastricas dos diabeticos, tuberculosos, brighticos, etc.;—no gastricismo dos exgotados pelos excessos ou privações, etc., etc.

Mostra a analyse bacteriologica que a Agua da Foz da Certã, tal como se encontra nas garrafas, deve ser considerada como microbicamente pura, não contendo colibacillo, nem nenhuma das especies pathogeneas que podem existir em aguas. Além d'isso, gosa de uma certa acção microbicida. O B. Tiphico Diphterico, e Vibrião cholerico em pouco tempo n'ella perdem toda a sua vitalidade, outros microbios apresentam, porém, resistencia maior.

A Agua da Foz da Certã não tem gazes livres, é limpida, de sabor levemente acido, muito agradavel quer bebida pura quer misturada com vinho.

Só visto

Um stock de calçado por preços de combate

Botas de bom calf, uma sola.......... 15$50
Botas de bom calf, duas solas.......... 16$00

O que ha de mais sortido, solido e moderno

Vende a

Sapataria Salgado

R. dos Fanqueiros, 72 a 76
R. dos Retrozeiros, 15 a 19

Telef. 3243

Horta e Costa

Rins e vias urinarias

12, Rua da Trindade, 12

Consultas das 2 ás 5

TELEFONE 2424

Manual da Broxa d'Arruda

Tratado completo de feitiçaria, revelador de segredos preciosos, arte de deitar cartas, segredos para o bem e para o mal, virtudes de plantas, pedras, animaes e reptis, receitas e segredos, para se ser amado, para que a mulher se livre do homem que aborrece, plantas magicas, para ser amado pela esposa, pelo marido, por uma amante, por uma casada, pelo namorado, explicação dos sonhos e dos sinas, arte de lêr o futuro na palma da mão, receituario para diversas doenças, conforme tem usado a Bruxa d'Arruda, etc., etc. 1 bello volume, illustrado, capa a côres—Preço 600 réis.

Catalogo de Livros d'Occasião

Acaba de ser publicado o n.º 4, livros em todo o genero, alguns bastante raros e curiosos. Distribue-se gratuitamente.

Livraria de João Carneiro & C.ª—59, Travessa de S. Domingos, 60—Lisboa.

Dr. Conceição e Silva Junior

Rins—Vias urinarias

Retomou a clinica em 22 de outubro

RUA DO OURO, 194

Das 14 ás 18

Como se curam certas doenças

E' a impureza do sangue a causa principal que origina e faz estacionar a doença. Combater a causa é o tratamento mais racional e proveitoso que o doente pode fazer. A syphilis, o rheumatismo, escrophulas, tumor e eczemas seccos e humidos, as doenças do utero e ovario, muitas doenças dos olhos, etc., curam-se sómente pela expulsão de toxinas contidas no sangue. E' o depurativo Dias Amado (Antonio) não confundir, o unico preparado que ha perto de vinte e cinco annos tem feito milhares e milhares de curas d'este genero de doenças. O verdadeiro depurativo o unico que está registado é o de Antonio Dias Amado.

Deposito geral—Farmacia Luso Brazileira, praça de S. Paulo, 20 e 22. Telef. 1667.

Stadiun

Anuncios nas paredes e programas

Tratam: *Campos & Nogareda*

Rua Garrett, 74, — sobre-loja

Evita e cura as enterites

Auxilia a dentição — Alimento dos dispepticos

Farinha Lacto Bulgara

Patente de invenção portugueza do Laboratorio Farmacologico

Depositario exclusivo—RAUL VIEIRA

R. da Prata, 51, 3.º—Tel. 3586-C.

Superalimenta os fracos

Coleção seleta

Obras primas da literatura mundial

EDIÇÕES DE LUXO

em primorosos volumes a 500 réis, illustrados com bellas trichromias e encadernados com capas especiaes

A publicação mais barata de Portugal

VOLUMES PUBLICADOS

1 «Amor de padre», Ed. Rod. (Esg.)
2 «Duas Irmãs», André Theuriet. (Esg.)
3 «Nais Miconlin», Emilio Zola.
4 «Arco de Sant'Anna», A. Garrett.
5 «A Menina de Kergant», Feuillet.
«A Egrejinha», Alphonse Daudet.
7 «Historia de Sibylle», F. Feuillet.
8 «As duas flôres de sangue», P. Chagas. (Esg.)
9 e 10 «O prato de arroz doce», A. A. Teixeira de Vasconcellos.
11 «André Cornelis», Paul Bourget
12 «Phebus Moniz», Oliveira Martins.
13 «Bailio de Leça», Arnaldo Gama.
14 «O Criminoso», F. Copée.
15 «O sello da Roda», Pedro Ivo.
16 «Viagens na minha terra», A. Garrett.
17 «A Virgem Guaraciaba», P. Chagas.
18 «O Grande Industrial», J. Ohnet.
19 «Sombras e Luz», Bern. Ribeiro.
20 «Escrava Isaura», B. Guimarães.
21 «Conde de Camors», O. Feuillet.
22 «Mocidade Florida», J. La Breta.
23 «O Segredo da Viscondessa», P. Chagas.
24 «Vida d'um rapaz pobre», por Feuillet.
25 «A Rua Escura», A. C. Lousada.
26 «A Martyr», Adolphe d'Ennery.
27 «Riqueza inutil», J. Ohnet.
28 «Lagrimas e thesouros», L. A. R. da Silva.
29 «O Marquez de Villemer», George Sand.
30 «Frei Luis de Sousa», A. Garrett.
31 «Pedro Nosiére», Anatole France.
32 «Sargento-mór de Villar», Arnaldo Gama.
33 «Memorias d'um doido», A. P. Lopes de Mendonça.
34 «Mulheres da Beira», Abel Botelho
35 «N'uma Raumestan», Alphonse Daudet.
36 «Odio velho não cança», Rebello da Silva.
37 «Corações doloridos», por G. Ohnet
38 «Casa dos Fantasmas», Rebello da Silva.
39 «De noite todos os gatos são pardos» Rebello da Silva.
40 «A Dama das Camelias», por Alexandre Dumas, filho.
41 «A Ermida de Castromino», por Teixeira de Vasconcellos.
42 «Orphã», por G. Sandeau.

A' venda em todas as livrarias e na **Empreza Lusitana Editora**—C. do Ferregial, 23—Teleph. 1302 Central—End. Tel. LUSEDITORA.

Sociedade Torlades

Limitada

32, Rua Aurea—LISBOA

Agentes da Compagnie des Messageries Maritimes, Furness, Withy & Ltd, Bureau Veritas

CORRESPONDENTES

EM LONDRES — Lloyds Bank Limited, London County & Westminster, Bank Limited, Brown, Shipley & C.ª, Hambro & Son, Baring Brothers & C.ª
EM NEW-YORK — Brown-Brothers & C.ª
EM PARIS — Credi Lyonnais, Banque de l'Union Parisienne, Banque Française pour le Commerce et l'Industrie, Société Marseillaise de Credit Industriel et Commerciel, Lloyd Bank (France) Limited.
EM BORDEOS — Lloyds Bank (France) Limited.
NO BRAZIL E RIO DA PRATA — The British Bank of South America Limited.

E em todas as principaes cidades

Nunes & Nunes, L.da

CASA BANCARIA

95, Rua Aurea, 97, 99 — Lisboa

Compra e venda de cambiais, desconto de letras sobre o paiz e estrangeiro
Compra e venda de notas e moedas estrangeiras

Cartas de credito sobre o estrangeiro—Ordens de Bolsa

Cambios, papeis de credito nacionais e estrangeiros, coupons, descontos e transferencias,

Correspondentes em todo o paiz e estrangeiro

Grande Companhia de Transportes Maritimos

"União Luso-Brazileira,"

Sociedade anonyma de responsabilidade limitada (em organisação)

Capital, esc. 10.000:000$00 (dez mil contos)

Representado por 500:000 acções liberadas, de esc. 20$00 cada

Continua aberta a subscrição para a formação do capital d'esta prometedora companhia.

Séde, RUA DOS REMOLARES, 7, 3.º

Telefone 2566 Central — Lisboa

Banco Portuguez e Brazileiro

Séde—Rua Augusta, 34—Lisboa

CAPITAL: Esc. 10.000:000$00 — RESERVAS: Esc. 7.905:000$00

Agentes em todo o paiz

Correspondentes em todas as principaes praças do mundo

OPERAÇÕES BANCARIAS EM TODOS OS GENEROS

Cartas de credito e circulares sobre todos os paizes

Banco Internacional do Comercio

SUCESSOR DO

Banco Incorporador do Comercio e Industria

EM ORGANIZAÇÃO

Capital autorisado, 20.000:000$00 de escudos em séries de 1.000:000$00 a 5.000:000$00 de escudos

SÉDE PROVISORIA
R. FERREGIAL, 48, 1.º
(Em frente ao consulado inglez)

Importação e exportação
Filiais, agencias e sucursais no continente, ilhas, colónias e estrangeiro
LISBOA

Telegramas—BONINCO
Telefone—Central 391

OS ORGANISADORES

Belchior Machado, Capitalista, Proprietario e Engenheiro; Director das Companhias de: Credito Predial Portuguez, Nacional dos Caminhos de Ferro e da Sociedade de Agricultura Colonial.—**José A. Alves Roçadas,** General do Estado Maior.—**Antonio Judice de Magalhães Barros,** Proprietario, Capitalista e Grande Industrial.—**Apolinario Pereira,** Comerciante, Presidente da Associação dos Logistas e membro do Conselho Superior da Administração do Estado.—**José de Campos Pereira,** Publicista, abalisado Economista e Comissario Geral do Governo na Companhia dos Fosforos.—**Dr. José de Oliveira Ferreira Diniz,** Secretario dos Negocios Indigenas e Curador Geral da Provincia de Angola.

Antonio Lino Franco, Comerciante e Industrial.—*Antonio Bastos,* Comerciante.—*Dr. Antonio Lobo da Costa,* Proprietario.—*Dr. Armando Quartin Graça,* Capitalista e Proprietario.—*Alberto Domingos Afonso,* Comerciante e Proprietario.—*B. Pires,* Comerciante.—*C. Maldonado Freitas,* Comerciante.—*Eduardo Viana,* Comerciante.—*Eduardo Fernandes Paneiro,* Comerciante e Industrial. *Fernandes Varandas,* Comerciante.—*João Maria da Silva Constantino,* Comerciante e Industrial.—*João Jorge C. Kol,* Comerciante.—*Dr. José da Silva Torres,* Proprietario.—*Dr. Lourenço Alves Pires Amado,* Proprietario e Capitalista.—*Mauricio Aguas Pinto,* Comerciante e Industrial.—*Mapril Fogaça Carvalho Santos,* Proprietario.—*Saldanha & Diniz, Limitada,* Comerciantes e Industriaes.—*S. Carvalho Mourão,* Comerciante.

Banqueiros em New-York e Estados Unidos da America
The American Foreign Banking Corporation
56, WALL STREET

Organisador Comercial em New-York e Estados Unidos da America
Portuguese American Trading Corporation
20, BROADWAY

O BANCO INTERNACIONAL DO COMERCIO, seguindo a orientação do *Banco Incorporador,* desenvolverá todas as operações bancarias e fará todos os negocios de comercio e finanças, dando assim maior desenvolvimento ao programa do *Banco Incorporador,* de qual recebe todos os direitos e obrigações desde o inicio da organisação deste Banco.

O CAPITAL DA 1.ª EMISSÃO, QUE É DE 1.000:000$00 ESCUDOS, está quasi todo subscrito, continuando aberta a subscrição para o diminuto numero de acções que ainda restam e que recomendamos a todos os nossos leitores para rapidamente se inscreverem acionistas, visto que os possuidores de acções da 1.ª emissão terão preferencia para as subsequentes emissões que lançarem.

O BANCO INTERNACIONAL DE COMERCIO será o mais completo na sua organisação e o que mais vantagens poderá oferecer aos seus acionistas em vista dos fins especiaes para que é constituido: O auxilio ao Comercio, á Industria e Agricultura do Paiz.

As suas acções são apenas de 10$00 Escudos, facilitando, assim, todos serem seus acionistas.

COSTA SANTOS

Medico especialista—Doenças dos olhos
Consultas das 15 ás 17 horas
Rua Nova do Almada, 65, 1.º, E.

José Pontes

Tratamento pelos agentes phisicos

Rua do Carmo, 69, 2.º—Telef. 3173

MONTE-PIO NACIONAL

Rua Augusta, 40 e 42

TELEPHONE—3299

Empresta e abre creditos em conta corrente sobre papeis de credito.

Emprestimos sobre ouro, prata e pedras preciosas.

Depositos á ordem—Juro de 3,6 até 5.00$00, 3 % até 10.000$00, 2,5 em quantia superior.

Analgesico da Blenorragia

Reumatismo subagudo — Reumatismo agudo

DIURENAL

O unico especifico que pode documentar a cura do mais rebelde ataque de reumatismo e gota em pou cos dias em confronto com qualquer preparado estrangeiro.

Depositario exclusivo—RAUL VIEIRA

Rua da Prata, 51, 3.º Tel. 3586-C.

Gota aguda

Furunculos, diabetes, doenças da pelle e dos intestinos

Curam-se com

Fermento d'uvas Formosinho

Recomenda-se exigir o nome FORMOSINHO

FARMACIA FORMOSINHO P. dos Restauradores 18

LISBOA

Garantia

Companhia de Seguros Maritimos e Terrestres

FUNDADA EM 1853

Séde no Porto

Rua Ferreira Borges (edificio proprio)

Capital 1:000 contos

(UM MILHÃO DE ESCUDOS)

Sinistros pagos: 5:900 contos

Effectua seguros contra riscos de fogo, industriaes, lucros cessantes, aluguois de predios, gréves e tumultos (só em predios e mobilias, agricolas, automoveis, riscos maritimos e riscos de guerra

AGENTES EM LISBOA

José Henriques Totta & C.ª

Banqueiros

69 a 79—Rua Aurea—69 a 79

TELEPHONE 533 E 1563 CENTRAL

Banco Nacional Ultramarino

LISBOA

(Banco de emissão para as Colonias)

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Capital 24.000:000$00 — Reservas 24.000:000$00

Séde em Lisboa — Rua do Comercio, 74 a 78

Filial no Porto — Praça da Liberdade, 130

Filiaes no Brazil

Rio de Janeiro — Filial—Rua da Quintanda, 120 e 124; Agencia—Praça 11 de Junho

Campos, Santos, S. Paulo, Baía, Pernambuco, Pará e Manaus

As Filiaes deste Banco no Brazil encarregam-se de comprar e vender predios, de cobrar rendas, juros e dividendos, de receber heranças, legados ou dividas, mediante as seguintes condições:

Cobrança de juros e dividendos..............	1/2 0/0
Compra de titulos..............................	1/2 0/0
Cobrança de rendas de predios nas capitaes	5 0/0
Recebimento de heranças, legados ou dividas	CONVENCIONAL
Compra e venda de propriedades	2 0/0
Reparações de predios, pagamentos de impostos, seguros, guarda de titulos, etc...	GRATIS

TABELA DE DEPOSITOS

	Rio de Janeiro	Santos	S. Paulo	Pará
A' ordem	2 0/0	3 0/0	3 0/0	2 0/0
Em c/corrente com aviso prévio de 60 dias	3 0/0	4 0/0	4 0/0	3 0/0
A praso fixo de 3 meses	3 0/0	4 1/2 0/0	4 1/4 0/0	3 0/0
» » » » 6 »	4 0/0	5 0/0	5 0/0	4 0/0
» » » » 9 »	4 1/2 0/0	5 1/2 0/0	5 1/2 0/0	
» » » » 12 »	5 0/0	6 0/0	6 0/0	5 0/0
Em moeda estrangeira.......	2 0/0		2 0/0	
C/correntes limitadas (de reis 50$000 até 10:000$000).....	3 0/0	4 0/0	4 0/0	4 0/0

NOTA—Estas taxas estão sujeitas ás alterações do mercado

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

3379 — 10.° anno — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.°

LISBOA — Terça-feira, 18 de Novembro de 1919

Telephone n.° 2298 — Endereço teleg. CAPITAL — Officina de impressão — 71, Rua da Bica, 71 — Preço, 2 centavos

As grandes iniciativas

A «Situação», hontem, e já anteriormente a «Epoca», romperam campanha, violenta e acintosa, contra o projecto da navegação. O processo é o classico: levantam-se toda a especie de insinuações, toca-se a corda dos grandes lucros, explora-se a nota aguda do escandalo. E assim se pensa mais uma vez esterilisar iniciativas, despertar, arredar, tornar absolutamente impossivel um cometimento notavel, naturalmente indicado para abrir o portico da renovação nacional.

Todavia, pergunta-se: Qual é então o pensamento de todos aquelles que querem embaraçar, entravar, demolir o projecto da navegação? Que querem eles? Que solução pretendem dar á questão dos transportes que é, para nós, a mais vital, de todas as questões?

Pretende-se que o Estado continue a fazer a exploração dos navios? Todos nós sabemos que essa exploração, nas mãos do Estado, não dá senão motivos para se desejar que não continue. Ainda ha contas dos primeiros mezes da exploração dos navios alemães que ninguem conhece, porque ninguem quer ou pode revelal-as. De todas as soluções, a da exploração pelo Estado é evidentemente aquela que menos viabilidade oferece.

Iremos então alugar ou vender os navios? Alugada esteve, á Furness, a maior parte dos navios alemães, e toda a gente sabe como esse aluguel foi feito em condições desvantajosissimas para nós. Vendel-os? Para quê, se nós precisamos absolutamente deles, e por isso mesmo, além doutras razões, nunca poderiamos pensar em vendel-os ou alugal-os.

Resta a solução de se entregarem os navios a uma empreza que os explore, dando uma renda ao Estado e interessando-o na sua exploração. E' esta, claramente, a solução mais pratica, e é esta solução a que se concretisou no projecto apresentado pelo governo ao parlamento.

Malsina-se esse projecto, dizendo-se que nele andam interesses e interessados. Evidentemente! Sem interesses e interessados não se fazem negocios. Simplesmente, a esses negocios se não fizerem, os que os preparam podem perder por não os fazer, mas facil lhes será ir tratar doutros negocios. O Estado, porém, é que não perde mais por que esse negocio lhe de fazer-se, visto ter nele o maior dos interesses, que é o interesse da vida nacional.

São negocios de dezenas de milhares de contos. Está claro que sim. Mas todos os grandes serviços em Portugal demandam, para sua regularisação ou desenvolvimento, dezenas de milhares de contos. Os serviços das linhas ferreas? Agora mesmo a Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguezes anuncia que suspende as remessas para Santa Apolonia porque precisa descongestionar aquela estação. Está suspenso assim o trafego de mercadorias para Lisboa durante um prazo que, embora pequeno, causará inumeras dificuldades. Para regularisar os serviços dos caminhos de ferro, desprovidos de material, são necessarias dezenas de milhar de contos. Para os portos, com todas as suas dependencias e acessorios, são precisas dezenas de milhar de contos. Para aproveitar a formidavel força motriz das quedas de agua existentes no paiz, o que deve favorecer incalculavelmente as industrias, são precisas dezenas de milhar de contos. Para se aperfeiçoarem ou remodelarem os serviços das aguas, da iluminação e da viação publicas em Lisboa, são precisas dezenas de milhar de contos. Finalmente, para a grande obra do desenvolvimento inadiavel, urgente, das colonias de Angola e Moçambique, são precisas, mais do que dezenas, centenas de milhar de contos.

Quem pode imaginar que todo o esforço empregado para tamanho empreendimento, de que depende o futuro do paiz, a propria segurança da nacionalidade, não deva ser largamente remunerado? Tantos capitaes, tantas energias, não se empregam sem o estimulo duma recompensa proporcional. Quer isto dizer que o Estado não procure realizar no minimo esses lucros das emprezas? De forma alguma. E' esse o seu papel. Mas daí até pensar-se, como parece, com o projecto da navegação, em enterral-o nas comissões parlamentares sem sequer o discutir, vae uma enorme distancia. Esse projecto deve ser objecto de estudo, deve discutir-se, deve procurar melhorar-se para o Estado, e só depois remeter-se a toda a luz da evidencia que ele é realmente, não vantajoso, mas ruinoso para o Estado, só nessas circunstancias é que deve ser posto de lado

UM INCIDENTE PARLAMENTAR

O sr. Afonso de Macedo acusa um alto personagem

De quem se trata?...

Afirma-se que do sr. Augusto de Vasconcelos

Hontem, na Camara dos Deputados, deu-se um conflito lamentavel, que recorda os primeiros tempos, tão apaixonadamente agitados, da Republica. A sessão interrompeu-se em virtude dum indiscritivel tumulto, houve uma scena de pugilato e chegaram-se a esboçar conflitos pessoaes entre grupos de deputados liberaes e populares. Dir-se-ia que a sala das sessões da augusta assembleia se tem convertido em «ring» de luta braçal, com os espectadores das galerias a ovacionarem o vencedor do original «match». Não se chegou a esse extremo, felizmente. Em todo o caso, é de recear que tal venha a acontecer, se, por acaso, os ensaios de hontem se repetirem amiudadamente...

O que ocasionou, porém, tamanha perturbação? Temos o dever de informar o publico e vamos cumpril-o com a indispensavel clareza. Eis a questão:

A Camara dos Deputados nomeou em tempos, uma comissão parlamentar de inquerito ao ministerio dos abastecimentos. Iniciou essa comissão os seus trabalhos mas, a breve trecho, veiu declarar á Camara que era impotente contra as dificuldades que lhe levantaram nas repartições e pedia, para obviar á dificuldade, que se nomeassem mais parlamentares para fazerem parte da comissão de inquerito e auxiliarem os trabalhos de investigação. Discutiu-se muito, como de costume, e assentou-se afinal em deferir o pedido; o novo projecto de lei foi remetido ao Senado, para as indispensaveis revisões e sanções. Nesta casa do Congresso entendeu-se que não era preciso dispensar o regimento para acelerar a discussão e votação, e o projecto, reconhecida a urgencia, foi enviado á comissão competente que, segundo as ultimas noticias, já redigiu o respectivo parecer. Está, pois, o projecto pronto para entrar em discussão no Senado.

Agora surge o sr. Afonso de Macedo, antigo deputado evolucionista, que não seguiu a facção liberal e preferiu aderir á concentração dos dissidentes que, em torno do sr. Julio Martins, passaram a constituir o Grupo Parlamentar Popular. O sr. Afonso de Macedo foi deslocado pelos seus amigos para a comissão de sindicancia. Não escondendo a sua repulsa pelas demoras do Senado, o sr. Afonso de Macedo realisou no passado domingo uma conferencia publica onde revelou que «um homem eminente do Partido Republicano Liberal estava gravemente comprometido nos escandalos dos abastecimentos».

Convidado na Camara dos Deputados, pelo sr. Jorge Nunes, em nome dos liberaes, a declinar o nome do personagem visado, o sr. Afonso de Macedo escusou-se a fazel-o imediatamente, declarando, todavia, que nido esclareceria a Camara quizesse nomear dois ou mais deputados, para o ouvirem. Durante a discussão do incidente os animos exaltaram-se e como o sr. Francisco Cruz classificasse de caluniador o sr. Afonso de Macedo, este deputado varreu a afronta, provocando o conflito pessoal que foi o «clou» do escandalo de hontem. No final da sessão o sr. Brito Camacho, «leader» dos liberaes, anunciou uma interpelação ao sr. ministro dos estrangeiros ácerca de compras de arroz feitas durante o periodo dezembrista. E a questão ficou neste pé.

Mas quem é o personagem visado pelo sr. Afonso de Macedo? O seu nome anda na boca de toda a gente; é já do dominio publico. Não vêmos senão vantagem em o revelar ao grande publico, dando, ao mesmo tempo, as versões que explicam ou justificam — como se queira — as irregularidades de que é acusado esse eminente homem publico. Ora em quem se fala é no sr. Augusto de Vasconcelos, ex-ministro plenipotenciario em Espanha e Inglaterra e, presentemente, senador da Republica. Segundo é voz entre os politicos, o caso passou-se assim:

A crise alimenticia no tempo do dezembrismo determinou a necessidade de se adquirir arroz em Espanha. Da sua compra foi encarregado o sr. Augusto de Vasconcelos, que, para esse efeito, recebeu algumas centenas de contos do tezouro portuguez; até hoje, porém, nem veiu o arroz nem regressaram os contos.

Agora, as explicações do estranho caso.

O sr. Augusto de Vasconcelos teria comprado o arroz por intermedio de terceira pessoa; o homem de negocios que serviu de intermediario é que é um espanhol que, segundo certas informações, nunca gosou de boa reputação, iludiu a boa fé do sr. Augusto de Vasconcelos e ficou com o dinheiro sem mandar o arroz.

Ha, ainda, outra versão. Diz-se que o arroz estava ensacado para vir para Portugal mas que o governo de Madrid á ultima hora, recusou a licença de exportação e apreendeu o arroz.

Eis exposto, nas suas linhas geraes e essenciaes, o caso que hontem alimentou as palestras dos politicos e adesivistas. Até que ponto são verdadeiras as acusações formuladas contra o sr. Augusto de Vasconcelos? Cremos e desejamos que o não sejam em ponto algum. O sr. Augusto de Vasconcelos é uma das figuras representativas da Republica e sempre foi considerado como um homem de honra, incapaz de entrar em negocios escuros. Essa reputação está intacta, quanto a nós. Mas o ilustre homem publico deve explicações ao paiz e, como tem voz no Senado, não tardará a dal-as, claras e insofismaveis. Eis o que dele esperamos, dizemos mesmo o que dele exige, a opinião republicana.

O sr. Afonso de Macedo demitiu-se da comissão de inquerito, com a declaração de que o fazia para poder ser ouvido como simples testemunha.

Hoje, no Senado, o sr. Augusto de Vasconcelos, «leader» do P. R. L. n'aquela casa do Congresso, declarou que o seu partido não colaboraria no inquerito emquanto não fosse aprovada a sindicancia... [illegible] ou negativa, de qualquer dos seus membros mais representativos. Instou o sr. Machado de Serpa, por [illegible] entrarem na discussão do... do P. R. P., que cá seus partis... trabalhos da comissão de inquerito.

Apezar, porém, d'essa insistencia, os liberaes mantiveram, entanto, o seu ponto de vista.

De contrario, não seria prestar um mau serviço ao paiz. E' necessario ter a coragem de o dizer, já que se torna forçoso ter coragem para romper com a rotina esterilisadora e infamante de cobrir todas as iniciativas que surgem neste paiz com um lamaçal de suspeições.

Emprestimo em ouro

Completando e rectificando uma noticia dos jornaes da manhã sobre um proximo emprestimo em ouro no estrangeiro, logo após a aprovação do projecto de lei dos altos comissarios, é destinado a medidas de fomento, temos a acrescentar que esse emprestimo a fazer-se seria destinado exclusiva e directamente para as nossas colonias, dadas as condições de autonomia. Não ha ainda negociações assentes sobre esse importante assunto, não se tendo ainda posto de pé as negociações... apenas... de 40.000 contos... [illegible] ... contos... sr. Eduardo Saldanha. O problema maximo está no colonisar, no povoar a região, criando sindicatos agricolas, fornecendo maquinas e engenhos de fórma a que a cultura e a produção se intensifiquem pelos processos mais modernos.

Uma das condições provaveis do proximo emprestimo seria o seu resgate pela metropole dos capitaes empregados.

AOS LEITORES

«A Capital» no dia 2 de janeiro proximo, inicia a publicação do novo trabalho que o grande prosador e unico escritor moderno

Dr. Julio Dantas

está elaborando com o meticuloso cuidado, o raro engenho artistico que sabe pôr nas suas obras

As grandes batalhas

será a obra gloriosa dos portuguezes que se bateram na maior campanha da Humanidade

A TRISTE HISTORIA DUM SOLDADO

Haverá ainda outros ao abandono?

Soube hontem de uma historia triste, quando ouvia as reclamações dos mutilados da guerra, na minha secção de trabalho do Hospital de Arroios.

Parte da solução dessa misoria está dependente do ministerio da guerra. Supômos, portanto, que em pouco tempo será atendido o pedido que se fez ás instancias superiores. E' ministro um bravo oficial que se bateu na Flandres e que é amigo dos soldados. Certamente, que ao chegar ás suas mãos o requerimento de João Vaz Velho de Azevedo Amorim, o atenderá de pronto. Tudo depende, portanto, da brevidade nas formalidades burocraticas.

* * *

Foi ferido em França no 9 d'abril. Apanhado no campo, foi imediatamente socorrido e operado. A intervenção cirurgica teve de repetir-se mais duas vezes. A terceira, porém, encontrou da parte do pobre soldado uma oposição tenaz, violenta de resistencia, tresloucada de atitudes. Os medicos reconheceram-lhe, com nitidez, o seu desequilibrio mental e enviaram-no para Lisboa. Mal chegado, transferiram-no para o Manicomio Miguel Bombarda, onde a junta de clinicos, no cabo de 8 dias, reconheceu que estava curado e que a crise emotiva da batalha do Lys tinha sido a causa do seu transtorno psiquico. Saido do Manicomio foi mandado para o Algarve, onde se aquartela o seu regimento. Deram-lhe uma licença ilimitada. Foi para a terra onde nascera. Ali quiz trabalhar mas nada conseguiu de proveitoso. Os seus ferimentos de campanha produziram-lhe uma consideravel incapacidade fisica. Viveu, sabe lá como!... Quasi que mendigou! Não tinha muito quem lhe acudisse. Um irmão anda pelo Brazil. A mãe mal se pode mexer de doente que é!

Um dia, disseram-lhe do regimento que fôsse a Evora á inspecção. Foi. Examinaram-no. Deram-no como incapaz de serviço e concederam-lhe a reforma. Regressou á terra e recomeçou a vida de tristeza e de mizeria, agora levemente atenuada com os parcos vintens da reforma. Mas... sentia-se cada vez peior. Não conseguia trabalhar. Alguem lhe disse então que em Lisboa existia um Hospital onde se amparavam os feridos da guerra. Pediu para vir á capital. Veiu. Procurou o Instituto de Arroios, onde o director o acolheu «particularmente» porque «legalmente» o não podia fazer sem a auctorisação do ministerio da guerra. Foi essa autorisação que se pediu... E quando fôr atendida e que o pobre soldado consiga entrar no Instituto, tratar-se-á então, pelos serviços a meu cargo de lhe reclamar o dinheiro de 3 mezes de licença a que tinha direito e que ainda não recebeu e o dinheiro das pensões correspondente aos mezes a que andou perdido e esquecido em qualquer canto de Portugal.

* * *

O caso do soldado Vaz Azevedo Amorim, cego do olho esquerdo, mutilado de quatro dedos e deformado da face—obriga-me a pedir um inquerito rigoroso e imediato, que é absolutamente necessario, para saber se existem pelas provincias de Portugal outros soldados de França nas condições em que estava este, cuja historia nos impressionou e a que nos referimos.

Não se póde abandonar aqueles que se bateram e que, no cumprimento dum dever, perderam aptidões fisicas que impossibilitam o regresso á vida profissional. E não se deve permitir que um homem que vestiu uma farda se transforme num mendigo.

José Pontes

PELO TELEGRAFO

As eleições em França

Devem entrar na camara 171 novos deputados

PARIS, 16.

A camara dissolvida compreendia 602 deputados e a nova camara compreenderá 626, dos quaes pertencem 10 ás colonias. As eleições de hoje elegem 616 deputados, as das colonias devem realisar-se no dia 30. Dos deputados que saem, 84 não se apresentam de novo por diversas razões e 15 de entre eles apresentar-se-hão nas eleições senatoriaes. Deve haver na camara nova 171 novos deputados, mas este numero deve certamente ser aumentado, em consequencia da derrota de alguns deputados que saem e que novamente se apresentam aos sufragios. O sr. Briand, antigo presidente do conselho, que representava o departamento do Sena, tendo-se apresentado agora pelo Loire, Loire Inferior e Var, respectivamente. Todos os deputados que pertenciam ao seu gabinete se apresentam nas eleições. Entre os candidatos figuram os generaes Messimy, de Castelnau, Maudhuy, Malleterre, Sarrail, Roques, Boucaveille e mais cinco. Figuram tambem entre os candidatos os oficiaes aviadores Fonck, Heurteaux e mais 7. O numero total dos candidatos eleva-se a 2.100, por 393 listas.—(Havas).

PARIS, 15—Com as actuaes eleições, as primeiras que se realisam com a lei eleitoral de 12 de julho de 1919, terá a camara mais 24 membros pela Alsacia e Lorena, total 626 deputados.

As eleições nas colonias serão no dia 30 do corrente.

A camara deve ter 171 deputados novos, e mais se contarmos com as surprezas do escrutinio.

O sr. Briand, que era deputado pelo Loire, apresenta-se agora pelo Loire inferior, e o sr. Albert Tomas, que era pelo Seine, virá pelo Tarn. Entre as notabilidades inscritas em diversas listas ha a contar 12 generaes e varios officiaes aviadores.—(Havas).

PARIS, 17.—As eleições em França indicam a vitoria dos republicanos moderados. Os ultimos resultados apurados dão para os republicanos 1.315:725 votos e para os socialistas 889:000.

O sr. Lougnet, chefe maximalista, foi batido, ao passo que os srs. Briand, Klotz, Lebrun, Marin, Loucheur, general Castelnau Deschanel, Loygues, Tardieu, Viviani, Lefevre, Mandel, chefe do gabinete de Clemenceau, Pasquier, principe Murat, aviador Fonck foram eleitos. Tambem foi derrotado o sr. Brignon.

Ainda que os resultados sejam in-completos é fóra de duvida que os republicanos, bateram os socialistas em toda a parte, exceptó no norte.

Os radicaes socialistas perderam 41 logares, os republicanos socialistas 8 logares e os socialistas unificados (grupo de Longuet) perderam 17 logares.—(Havas).

Na America do Sul

Vinhos e fructas espanholas

RIO DE JANEIRO, 17.

Chegou de Espanha, a bordo do «Carolina» um importante carregamento de vinhos e fructas daquele paiz.—(Americana).

Prisão de anarquistas portuguezes

RIO DE JANEIRO, 17.

Dizem de Corumbá: A policia prendeu em algumas cidades de Matto Grosso anarquistas portuguezes, contra os quaes será decretado a expulsão de territorio brasileiro.—(Americana).

O desenvolvimento economico ibero-argentino

BUENOS-AIRES, 17.

O senador sr. Fernando Mendes realisou uma conferencia na Camara Espanhola de Comercio tratando especialmente da intensificação do trafico entre a Argentina e a Peninsula.

O sr. Fernando Mendes advogou a necessidade de se estabelecer um entendimento completo entre os parlamentares da Argentina e de Espanha, a fim de se decretarem leis protectoras do desenvolvimento economico ibero-argentino.—(Americana).

Hospital espanhol em Buenos Aires

BUENOS AIRES, 17.

A Sociedade Espanhola de Socorros Mutuos projecta a fundação dum hospital modelo, importando de Espanha uma grande parte de material.—(Americana).

Letões e bolchevistas

COPENHAGUE, 13.

Os letões tiveram uma vitoria completa na frente de Riga mas na frente bolchevista abandonaram Muehlhausen.—(Havas).

A FRASE FATIDICA

"Os nossos são os melhores"

é a causa da nossa indolencia e passividade

O aviador francez que ante-hontem chegou a Lisboa, depois de ter feito no ar varias acrobatias, e de ter admirado os aviadores portuguezes, concluiu á guiza de paternal conselho que «os aviadores portuguezes eram dos melhores do mundo».

Nós, estamos convencidos tambem que o são. Nos nossos rapazes, como em todo o portuguez ha qualidades, sangue frio, gosto da aventura, intemerança, firmeza, valor, como gem; mas estamos tambem certissimos que tem de lutar contra a inercia, a indiferença, o goso celestial da bemaventurança onde repousamos depois de termos ouvido exclamar que... «somos dos melhores do mundo».

Esta frase fatidica perdeu-nos sempre, e foi ela talvez que nos levou ao ponto fragil da nossa existencia, que estamos passando. Caindo sobre a nossa vaidade, sobre a natural tendencia para o relaxamento e indiferença, ela mata toda a tentativa de progresso e adormece-nos sôbre os louros colhidos.

Quando uma nação precisa que a chicoteiem sempre as frases «não somos nada», «valorizemo-nos», a fim de todas as energias se multiplicarem, os enganadores, os enredadores sussurram-lhe aos ouvidos a frase fatal: «Os teus são dos melhores»... e d'ahi, se são dos melhores para que precisar, para que procurar o requinte da perfeição e do trabalho?

O Brazil fez-se á custa de se convencer que não era nada. «Nada valemos, nada somos! Não temos historia, nem civilisação; é preciso fazer tudo» e começou então a tomar a civilisação americana, a receber o influxo dos progressos europeus, trabalhando, fazendo, valorisando-se, fazendo saltar das suas forças vivas toda uma nação nova, rica, pujante e forte.

Nós... não precisamos valorizarmo-nos: «Os nossos são os melhores». Os nossos campos, a nossa terra, os nossos vinhos, a nossa agua, o nosso clima, a nossa paisagem, os nossos operarios, os nossos soldados... são dos melhores.

Os senhores não ouviram nunca dizer que os «electricos» de Lisbôa eram dos melhores... do mundo? Pois resultou d'ahi uma beleza de viação que se póde limpar a mão á parede.

Todos os dias a Companhia dos Telefones manda aos jornaes a noticia que o «nosso material é do melhor», anulla com o estrangeiro; e como essa maravilha que não falha, cumpre a sua missão, todos nós dolorosamente o sabemos.

Mas ha mais: o exercito portuguez na Flandres, passados uns mezes de dura campanha, começou a despertar o interesse que sempre os portuguezes despertam onde figuram. A imprensa mundial largou elogios em honra á valentia dos nossos «magalas», os generaes francezes e inglezes garantiram com a sua experiencia que os nossos eram «os melhores»...

O resultado foi aquilo que se viu: o ministerio da guerra descansou calmo e prudentemente que se eram os melhores... não precisavam reforços, nem auxilios, nem rendimento, nem nada, e abandonou-os á sua sorte.

E tanta exemplos haveria a citar, de todos os dias e de todos os tempos! Ha sangue nas nossas veias, ha audacia e arrojo na nossa gente; mas é preciso sempre que um estimulo nos empurre. Ha em nós qualquer cousa ainda do ripanso tradicional dos nossos antepassados. Por isso basta que nos digam... «que somos dos melhores»... e vamos dormir a soneca da vitoria sôbre os louros colhidos. Fômos os «melhores navegadores», fômos os «melhores colonisadores»... e desde então não fizemos mais nada.

Agora querem já embalar-nos os futuros triunfos dizendo que os «nossos aviadores... são dos melhores». São, sim, mas precisam de tudo: material, de condições de vida, de campos e escolas, de protecção governamental. Ainda ante-hontem, os portuguezes tencionavam o voo Paris-Lisboa, mas nada d'isto é, nada d'isto vale, só se do que eles faraão se lhes dessem os elementos de que carecem. Estimulo, protecção, auxilio, e principalmente convencermo-nos todos que nada temos e que nada valemos; clamemos a verdade, cerremos os ouvidos de nossos ... «valorizemo-nos, trabalhemos», porque nada somos, nem nada temos.

A linguagem da verdade acima de tudo. Nada de enganar a credulidade, nada de eliminar a verdade propria.

Abaixo, por uma vez, essa malfadada e enganadora frase: «Os nossos são os melhores!»

O Concurso d'A CAPITAL

Peças teatraes

Já foram entregues 5 originaes

Conforme temos noticiado, já foram entregues na redacção da «Capital» 5 originaes, ineditos, devidamente nas condições que aqui insirimos: o primeiro «Gente portugueza» de Vicente Moraes (pseudonimo), o segundo fechado completamente, o terceiro um drama, assinado «Dante», o quarto de «Confucius» e o 5.° de «Dr. Microbio».

Segundo as condições que estabelecemos, os originaes serão abertos e lidos pelo juri. Esse juri, onde só figurará um representante da «Capital», será constituido por figuras em destaque no meio literario e teatral, podendo nós acrescentar que a «Capital» convidou a figurar n'ele, dois distinctos comediografos, um conhecido jornalista e critico teatral, e um dos primeiros actores da scena portugueza.

Os originaes deverão ser entregues até 31 de dezembro, e serão premiados os 3 primeiros classificados com premios pecuniarios; a «Capital» tambem se esforçará por levar á scena esses 3 actos, n'uma recita cujo producto reverterá para a casa Gil Vicente. Logo que tenhamos obtido a resposta ao nosso convite, publicaremos os nomes dos membros do juri que constituirá por si só uma garantia da seriedade e do interesse pelo nosso concurso.

UM ROMANCE

Até 31 de dezembro a «Capital» recebe os originaes para o concurso literario que abriu, em 1 de outubro. Conforme o estabelecido nas suas condições, os originaes serão de qualquer genero e tamanho, dentro das leys normas da literatura.

A «Capital» premeia pecuniariamente o primeiro classificado, por um juri constituido por romancistas, criticos e jornalistas, onde só figurará um representante da «Capital».

A «Capital» d'esta fórma julga cumprir o seu dever de jornal moderno, auxiliando e amparando os novos e os seus trabalhos que dê o incentivo na sua aspera e dificil de iniciar, na literatura.

A falta de energia electrica

Decididamente não ha concerto, nem remedio possivel para certas emprezas, a não ser que se recorra a meios extremos. Quaes elles são, sabem-no melhor do que ninguem a camara municipal e o governo.

Mas nos potentados não se pode bulir, e as Companhias Reunidas Gaz e Electricidade são um verdadeiro potentado.

Esta tarde temos estado sem luz e, portanto, sem energia electrica. O prejuizo, o transtorno que tal facto representa são faceis de avaliar.

Quando se telefona para a Companhia, ou não respondem, ou levam que d'ahi a nada ha energia, e não remedeiam. Mas as meias horas passam e nós continuamos na mesma.

Bem se importa a Companhia com os prejuizos que nós sofremos e connosco todos os abrangidos pela falta onde a luz faltou esta tarde!

Providencias, sr. ministro do interior!

VIAJANTES ILUSTRES

DIPLOMATAS BRAZILEIROS

De passagem para os altos postos que vão ocupar, estiveram hoje no Tejo, a bordo do «Hollandia», os srs. drs. Sousa Dantas, embaixador do Brazil em Roma, Barros Moreira, ministro plenipotenciario daquela Republica, junto da côrte de Bruxelas.

Como o transatlantico tinha curta demora, não desembarcaram, indo a bordo visitar os ilustres viajantes e almoçando com elles o srs. Belford Ramos, encarregado de negocios do Brazil, e o 1.° secretario da embaixada, e o sr. dr. João de Barros, director geral de instrução publica.

O caso Dias da Silva

O sr. dr. Augusto Lopes Carneiro, comissario da policia do Porto, encarregado de proceder á sindicancia requerido pelo sr. dr. Rodrigues Esculcos, concluiu já os seus trabalhos devendo ámanhã ou depois apresentar o seu relatorio ao sr. ministro do interior.

PROBLEMA VITAL

Dois anos á espera — de — habitação que é sua

Argumentos contraproducentes e que nos veem dar razão

E' designada pelo sr. Ayres d'Oliveira, com escritorio judicial na rua da Boavista, 152, 1.º, a longa exposição que o nosso entrevistado nos apresenta para ler, exposição que foi enviada para a redacção d'*A Capital*.

—Leia, mas leia com cuidado, porque vou mostrar-lhe que o que aí se diz prova exactamente o contrario daquilo a que o signatario quer chegar.

Lemos e lemos com cuidado. Depois dissemos:

—Está bem. Venham os argumentos.

—Vamos por partes. Na «Capital» de 31 d'outubro transcreveu o senhor parte da carta d'um senhorio, que dizia:

«... ao passo que o abaixo assinado já tentou 2 acções a um seu inquilino, a primeira de despejo por má visinhança e a segunda chamada ordinaria e que ao fim de 3 semestres o advogado lhe veiu dizer estar ganha (e assim parece porque o inquilino fugiu) mas... trespassou a casa a uma familia que a está gozando, sem ter arrendamento algum, e sem pagar renda.

A acção continúa andando «parada» porque ha um ano que se supõe estar á espera de uma testemunha que ha de chegar de Timor («truc» muito conhecido da justiça) e eu sem poder tomar conta do andar para habitar n'ele»,

—Muito bem e depois?

—Depois, ouça. Não precisando falar no nome do senhorio—pois se não trata de individualisar, mas de generalisar—o proprio signatario da carta que acaba de lêr, diz que o senhorio alugou ha muito, para habitação, note bem, a um comerciante, o 1.º andar esquerdo do seu predio. O inquilino, por sua vez, sublocou parte da casa para séde do juizo de paz de S. Paulo. Sabia o senhorio que era para esse fim que o inquilino sublocava a casa? Creio bem que não, porque não foi o juiz de paz que arrendou, mas o escrivão, o que é, como vê, muito diferente.

«Ora desde que o senhorio teve conhecimento de que não era para habitação, mas para uma repartição publica que a sua casa fôra sublocada, estava no seu pleno direito de intentar acção de despejo. Foi o que fez, mas não com o pretexto que se pretende invocar de que feriu os seus sentimentos a placa verde e encarnada indicativa da séde do juizo de paz. O que o senhorio não queria e com razão, é que o seu predio passasse de habitação a séde de uma repartição publica, porque a lei que regula o assunto é muito diferente, como sabe.

«Se a lei que regula o inquilinato da habitação já poucas garantias dá ao senhorio, a do inquilinato comercial ainda peor. De modo que o senhorio viu o parigo e, daí, a sua resolução.

«Mas ha mais. O sr. Ayres de Oliveira diz ainda, palavras textuaes:

O inquilino, a certa altura foi, com a familia, veranear para Algés e deixou na casa um seu empregado e familia e na parte sublocada o juizo de paz de S. Paulo.

Eu, que, no momento não tinha escritorio instalei-me, provisoriamente, nas casas do juizo de paz, e, conversando com o inquilino sobre o assunto fui por ele autorisado a propôr ao senhorio um contracto de arrendamento em meu nome.

Fiz saber ao, então, advogado do senhorio as minhas intenções mandando me dizer que o seu constituinte queria maior renda e tinha até ofertas de 25 a 30 escudos por mez;

Ainda lhe mandei oferecer 25$00, mas nem assim acedeu a fazer-me arrendamento».

«Acrescenta, finalmente, a carta que todos os mezes são depositados na Caixa Geral de Depositos 15$50 da renda que o senhorio se recusa a receber.

—Que conclusões tira?

—Que o senhorio andou mal em querer o aumento, visto que a lei o não permite. Mas o proprio inquilino confessa que está contra vontade do proprietario no predio. E um escritorio não é uma casa de habitação. Compreende bem a diferença, não é verdade?

«Como é que um inquilino tem o direito de sublocar a casa a quem muito bem lhe apetece, sem assentimento ou mesmo contra vontade do senhorio?

«Que os que lêem e julgam com imparcialidade digam quem tem razão.

A. C.

ULTIMA HORA

PARLAMENTO

Nos Deputados

O sr. Ramada Curto pergunta se algum dos 17 projectos de lei apresentados pela minoria socialista está dado para ordem do dia. Nem todos, por certo, serão inadiaveis, mas acha que o que se refere á nacionalisação da industria por se tratar d'um assunto urgente, precisa ser aqui apreciado, mesmo para fixar doutrina. Tambem deseja que o sr. presidente lhe diga alguma coisa sobre um outro que adapta o nosso exercito ás condições de paz.

O sr. João Aguas, em nome da comissão de guerra, diz que o ultimo já tem parecer ha dois dias.

O sr. Costa Junior pede que o que se refere á dissolução do exercito seja marcado para ordem do dia.

Uma voz—A ordem do dia está pejada de projectos.

O sr. Manuel José da Silva pede urgencia e dispensa de regimento para um projecto que o Senado já aprovou.

O sr. Campos Mello pede que sejam dados pareceres nos projectos, concedendo uma pensão á familia de um militar assassinado na Covilhã, e outro referente á creação de um liceu na mesma cidade.

O sr. Pina Lopes, em nome da comissão de finanças, diz que tem sido esta quem mais pareceres tem dado, restando-lhe apenas uns trinta para apreciar.

O sr. Lucio de Azevedo manda para a meza um projecto de lei que largamente justifica, restabelecendo a doutrina estabelecida pelo governo provisorio que egualou os galões tanto para o exercito como para a marinha, acabando com a distinção entre oficiaes combatentes e não combatentes.

O sr. Garcia da Costa volta a chamar a atenção do sr. ministro da guerra para o facto de se encontrarem ainda em Africa varios soldados que ha muito deviam, para honra do regimen e dos governos, depois da restauração da Republica, estar na metropole. Tem-se atribuido á falta de transportes a demora na repatriação d'esses homens, mas isso não se justifica, pois já lá vão muitos mezes e durante eles ter-se-hia podido arranjar um barco que os trouxesse á sua terra.

O sr. ministro da guerra diz que nem só a falta de transportes tem originado a demora da repatriação d'esses homens que se bateram pela Republica; esta demora deve-se principalmente á praxe que é necessario satisfazer.

O sr. Manuel Fragoso, em áparte, pede que fique exarado na acta que o dezembrismo mandava para a Africa, como cães, os nossos heroicos soldados.

Entra em discussão o parecer sobre o projecto que concede a pensão anual e vitalicia de 360$00 a cada um dos cidadãos João Lucas Fernandes e José Marques do Carmo Catarino, em recompensa dos serviços por eles prestados á Patria e á Republica, pela qual combateram denodadamente por ocasião do movimento de Monsanto.

Sobre ele falam os srs. Manuel Fragoso, Lucio de Azevedo, Eduardo de Sousa e Jorge Nunes, depois do que é aprovado na generalidade. Na especialidade, fala sobre o artigo 1.º os srs. Antonio da Fonseca, Jorge Nunes e Manuel José da Silva, que diz não concordar com a pensão concedida a um d'eles que, além de ser fiscal dos mercados, é tambem 2.º oficial do ministerio do comercio, ganhando mensalmente 140$00. Acha, portanto, pouco justa tal pensão, quando é certo que outros ha em precarias circumstancias de quem ainda ninguem se lembrou.

Não concordo, pois, com o projecto apresentado pelo titular da pasta da guerra.

O sr. ministro da guerra declara ignorar o facto apontado pelo sr. Manuel José da Silva, dizendo que não tendo assistido a esse movimento, por se encontrar no estrangeiro, apenas com o seu projecto quiz defender da miseria sem cuidar se eram ou não seus correligionarios, dois cidadãos que se inutilisaram no combate de Monsanto.

O sr. João Bacelar manda para a meza uma proposta de aditamento de um paragrafo, pelo qual ficam autorisados os referidos individuos a receber a pensão se elas lhes perfizer o vencimento anual até 1.080 escudos.

O sr. Antonio da Fonseca protesta contra esta proposta, lembrando a justiça que assiste aos soldados que regressam do «front» e se encontram inutilisados e quem se não concede uma simples pensão, á maioria dos quaes ainda não foi concedida.

O sr. João Bacelar pede para retirar a sua proposta, o que é concedido.

No Senado

Antes da ordem do dia o sr. Julio Ribeiro exalta a bravura heroica na França do tenente coronel Pêçarra e manda para a meza um projecto de lei promovendo-o a coronel, por distinção. Requer a urgencia para a discussão. Aprova-se em votação nominal.

O sr. Mendes dos Reis folga com o sr. presidente do ministerio e ministro do interior as repetidas afirmações do sr. presidente de que o governo é respeitador da lei. Refere-se aos abusos de confiança e desconsideração para o Parlamento que nos ministerios se teem praticado, alterando-se o texto de decretos deliberados.

Cita exemplos e pede que sejam exigidas responsabilidades aos falsificadores.

O sr. ministro da marinha promete levar esses casos ao conhecimento do sr. presidente do ministerio.

O sr. Herculano Galhardo requer a imediata discussão da proposta de lei criando quatro comissões parlamentares de inquerito a todos os serviços dependentes, respectivamente, dos ministerios da guerra, dos negocios estrangeiros, das colonias e do extincto das subsistencias.

O sr. Antonio de Vasconcelos acentua que, o P. R. P. se absteem de tomar parte nas comissões de inquerito.

O sr. Machado de Serpa vê dificuldade na nomeação das comissões, uma vez que o P. R. L. fala sobre o assunto.

O sr. Afonso de Lemos frisa que não vota o projecto, visto que o considera anti-constitucional.

Ao fecharmos o nosso extracto, vae falar o sr. Celestino de Almeida.

POLITICA

A nacionalisação das industrias e a dissolução do exercito

A maioria socialista apresentou, ha tempos, na Camara dos Deputados, dois projectos de lei, um, firmado pelo sr. Dias da Silva, nacionalisando as industrias, e outro, da autoria do sr. Costa Junior, transformando o exercito em milicias nacionaes.

O sr. dr. Ramada Curto, «leader» socialista, pediu á mesa que o informasse ácerca da possibilidade d'estes projectos entrarem em discussão; após informações da comissão de guerra, averiguou-se que sómente o projecto das milicias tinha parecer contrario. Quanto a entrarem em discussão é um caso bastante obscuro, visto que a ordem do dia está obstruida com outros projectos e a Camara consóme o tempo em discussões provocadas por negocios urgentes. De modo que as perguntas do sr. Ramada Curto não obtiveram, nem podiam obter, respostas suficientemente claras.

A questão da compra do arroz espanhol

Discutindo hoje no Senado o sr. Machado de Serpa, n'uma analise ao projecto, vindo da Camara dos Deputados, respeitante ao inquerito ao antigo ministerio dos abastecimentos, o sr. senador Augusto de Vasconcelos interrompeu o orador para declarar que ele, sr. Augusto de Vasconcelos, se abstinha de discutir o assunto, voltando, aliás, todos os poderes á comissão d'inquerito. O sr. Machado de Serpa disse:

—Muito bem. Folgo com essa resolução.

E a discussão proseguiu, serenamente.

A interpelação do sr. dr. Bernardino Machado

A interpelação do dr. Bernardino Machado anunciada para hoje ao ministro dos estrangeiros, começou depois das 18 horas, de fórma que não podemos dar o relato das suas palavras, como era o nosso desejo.

Ecos & Noticias

Está em Madrid, no Hotel Ritz, acompanhado de sua esposa, o sr. dr. João Ulrich, director do Banco Nacional Ultramarino.

POEIRA DA ARCADA

Aumentos de rendas de casa

O governo forneceu esta tarde aos representantes da imprensa a seguinte nota oficiosa:

«Não tem fundamento a noticia dada por alguns jornaes de que iam ser autorisados os senhorios a aumentar as rendas actuaes em 40 por cento, porquanto nada está ainda assente sobre alterações a introduzir na actual lei.

O sr. ministro da justiça já ha dias convidou varias associações a nomearem delegados para constituirem com outras entidades uma comissão encarregada de estudar o assunto e propôr as alterações que entender justas».

Situação cambial

As direcções das associações Comercial de Lisboa, Lojistas e Industrial Portugueza tiveram hoje demorada conferencia com o sr. ministro das finanças sobre assuntos que se relacionam com a situação cambial. A' conferencia assistiu o director geral da fazenda publica, sr. dr. Alberto Xavier.

Conferencias

Com o sr. presidente do ministerio conferenciaram hoje o comissario geral da policia e o sr. Leal da Camara, este ultimo sobre o material que o governo está na disposição de dar para a Aldeia Portugueza na Flandres.

Conselho superior de higiene

Este conselho ocupou-se do exame e discussão das tabelas anexas ao projecto de regulamento para a fiscalisação das industrias insalubres, incomodas, perigosas e toxicas.

Pensões eclesiasticas

No Supremo Tribunal de Justiça reune amanhã a comissão nacional de pensões eclesiasticas, para se ocupar de assuntos pendentes.

DIARIO DO GOVERNO

Secretarios de liceus

Foram nomeados secretarios dos liceus de Guimarães e Ponta Delgada, respectivamente, os professores srs. Henrique Rodrigues de Oliveira Sá e Horacio Rodolfo Peneiro.

VIDA REPUBLICANA

Grupo "Companheiros do Bem"

Na sua ultima reunião, o comité central d'este grupo resolveu: saudar o sr. coronel Antonio Maria Baptista pela sua nomeação para comandante da heroica guarda fiscal e pedir-lhe que se proceda a um rigoroso inquerito para afastar d'essa corporação todos os sidonistas e monarquicos que n'ela ha, principalmente na 3.ª companhia, que perseguiram no periodo do dezembrismo os verdadeiros e leaes republicanos; saudar o sr. Antonio Maria da Silva pela sua orientação e dentro do P. R. P., orientação verdadeiramente democratica e em harmonia com a Constituição da Republica, manifestando-se contra a corrente conservadora que parece querer dominar, que até hoje só pessimos resultados tem produzido; continuar em sessão permanente contra os manejos dos inimigos da Republica e dar todo o seu apoio aos grupos que n'essa atitude se mantenham e que ao lado da guarda nacional republicana, da guarda fiscal, da marinha e das unidades do exercito de comandos retintamente republicanos, consolidem a Republica proclamada em 5 d'Outubro de 1910; agradecer ao sr. ministro da guerra a reintegração e promoção a tenente do velho republicano Machado Toledo, reintegração que representa um acto de justiça ao perseguido pelo jesuitismo e pelo «poder oculto» que dentro das secretarias do Estado continua a ferir a Republica e os seus mais dedicados defensores; nomear seu representante em Coimbra o sr. Capella da Silva e dar-lhe plenos poderes para representar o Grupo nas festas que ali se devem realisar em honra do sr. presidente da Republica.

Salão Central

Se o publico havia recebido com grande interesse a estreia da primeira jornada da assombrosa fita «As garras do leão», dando logar a que o lindo cinema se enchesse em todos os seus espectaculos, com muito mais interesse tem acompanhado as jornadas seguintes. E' que, tanto a quarta—«A areia movediça», como a quinta—«O pateo dos leões», que hontem se estreou e hoje se repete, são dois verdadeiros acontecimentos que merecem ser vistos por toda a gente de bom gosto.

Como trabalho de fotografia animada ainda não apareceu nada que se lhe possa assemelhar, tal a perfeição dos seus aspectos ao passarem no «écran», como a interpretação primorosa de todos os seus personagens, á frente dos quaes, cheia de formosura, de graça e de destreza, se encontra Marie Walcamp, a extraordinaria artista norte-americana, unica no seu genero. E como se isto não fosse bastante, ainda a empreza, no desejo de bem distrair os frequentadores do seu belo Salão, faz exibir no espectaculo desta noite, a encantadora pelicula «O caminho mais longo», 6 actos dum requintado luxo, brilhantemente desempenhados por Diomira e Maria Jacobini e Julio Carminatti.

Concertos Blanch

Encerra-se depois de ámanhã, quinta-feira a assinatura para os concertos da magnifica Orquestra Sinfonica Portugueza, dirigida pelo ilustre maestro sr. Pedro Blanch, a qual tem sido concorridissima, sendo esta a maior assinatura que se tem feito no teatro São Luiz. Todos querem assegurar o seu logar, pois os concertos Blanch são os pontos de reunião da sociedade elegante nas tardes dos domingos e despertam o maior interesse artistico e musical, não só pelo alto valor do maestro Blanch, como pelos programas, que serão todos diferentes e com primeiras audições de obras primas ainda não ouvidas em Lisboa, com que o maestro Blanch enriqueceu o seu vasto reperotrio na triunfal «tournée» artistica que acaba de fazer em Espanha.

A recita de Schwalbach

A noite de depois de ámanhã, quinta-feira, vae ser uma enchente colossal no teatro São Luiz, noite de enorme entusiasmo, não só pelo valor da bela revista «O Pé de Meia», ampliada com o notavel acto novo «O Rocio», como por nessa noite realisar a sua recita de autor o ilustre escritor Eduardo Schwalbach. Os seus amigos e os seus admiradores, preparam-lhe uma noite de entusiastica festa, a que todo o publico se associará, pois tem sido grande a procura de bilhetes para este espectaculo de sensação.

O caso do Deposito Central de Fardamentos

Foram soltos sete individuos que estavam presos por suspeitos

O chefe Alfredo Mario, da 3.ª secção da policia de investigação, continúa averiguando o caso do guarda da noite do Deposito Central de Fardamentos que apareceu morto em condições um tanto misteriosas.

Hoje de manhã foram restituidos á liberdade sete individuos que se encontravam detidos nos calabouços do Governo Civil, por suspeitas de terem praticado furtos no referido deposito.

Publicações recebidas

A LUSITANIA—Comemorando o 5 de Outubro, publicou o sr. Teofilo Carinhas no Rio de Janeiro um magnifico numero unico intitulado «Lusitania», tendo na capa um magnifico retrato do sr. dr. Antonio José d'Almeida. E' profusamente ilustrado com belos retratos dos vultos republicanos portuguezes mais em evidencia e de membros da colonia portugueza que sempre se teem distinguido pela sua crença e fé republicanas. Colaboração escolhida, tudo concorrendo para tornar notavel o numero da «Lusitania», cuja remessa agradecemos.

CAMARA PORTUGUEZA DE S. PAULO—Recebemos o numero do Boletim da Camara Portugueza de Comercio, Industria e Arte de S. Paulo, referente a setembro findo. Como de costume, traz interessantes informações sobre o comercio portuguez.

CAMARA PORTUGUEZA DO RIO DE JANEIRO—Tambem recebemos o Boletim da Camara Portugueza do Rio de Janeiro, que traz, além da informação oficial, diversos esclarecimentos.

NOTICIAS DA CAPITAL

A roubalheira diaria

Joaquim Domingos Fernandes, residente em Fanhões, foi preso por furtar a quantia de 252 escudos a Francisco de Oliveira, da mesma localidade.

Mala roubada

O agente Felisberto de Oliveira ainda hoje esteve ouvindo varias pessoas sobre o furto de uma mala do correio, caso a que «A Capital» se tem referido.

Não se efectuaram quaesquer novas prisões, continuando tambem o inspector sr. Novaes, dos correios, a investigar sobre o caso.

Artista que se «adeanta»...

Foi preso o artista «O Gallo de la Fuente», que estando a trabalhar no Salão Foz e tendo recebido do agente artistico Candido Barcena a quantia de 500 escudos para fazer pagamentos a varios artistas, deu descaminho áquela quantia.

Um abalroamento

A policia de investigação está procedendo a diligencias sobre o abalroamento que na noite de domingo se deu na alameda das linhas de Torres entre o automovel n.º 862 e um «breack» em que seguia, acompanhado de sua familia, o sr. João Victor dos Reis, socio gerente da firma Viuva Reis & C.ª L.ª. Os passageiros do automovel causador do desastre, bem como o «chauffeur» evadiram-se abandonando o carro, tendo ficado bastante feridas as pessoas da familia Reis que seguiam no trem, e ás quaes os larapios na ocasião do desastre furtaram varios objectos de valor.

Soma e segue...

Maria de Jesus, de 9 anos, moradora na rua da Palma, 164, foi atropelada nessa rua pelo automovel n.º 58, guiado pelo «chauffeur» Abel d'Oliveira, ficando ferida na cabeça.

Depois de pensada no banco do hospital de S. José, recolheu a uma das enfermarias. O «chauffeur» foi preso.

Administração do 2.º cemiterio (Ocidental)

AVISO

A administração deste cemiterio faz constar aos interessados que no praso de 30 dias a contar da publicação deste anuncio não havendo reclamação, são retirados do jazigo n.º 4.624, a pedido do seu proprietario, os seguintes restos mortaes, dos menores Maria Augusta da Silva, falecida em 20-4-1904, chapa 22.780; de Maria Rosario, falecida em 2-11-1904, chapa 23.128, e de Maria, falecida em 9-7-1908, chapa 25.726.

Lisboa, 8 de novembro de 1919.

O administrador
Arthur Castanheiro Freire

Acidentes de caminhos de ferro

Os meios de os evitar

Em França, apoz a catastrofe de Pont-sur-Yonne, tem-se estudado o meio de evitar os acidentes em caminho de ferro, ou, pelo menos, os atenuar tanto quanto possivel.

O sr. Guillot, mecanico do P. L. M. delegado permanente á Federação nacional, diz que taes acidentes seriam com frequencia evitadas, se operarios mecanicos colaborassem no estudo das medidas de segurança.

Na sua opinião, o meio mecanico de reduzir ao minimo os acidentes consistiria em reforçar os signaes de cobertura do comboio com petardos manobrados pelos agulheiros.

Outro mecanico propõe que se dê aos mecanicos a possibilidade de avistar os sinaes esteja o tempo que estiver, mesmo que a maquina expila vapor em enorme quantidade. Esse sistema consistiria em construir uma pequena cabine na frente da maquina e colocar al um piloto que pudesse acionar os freios e o apito. Poderia assim ver de muito longe o perigo e fazer parar o comboio, o que evitaria, em enormes proporções, o numero e a importancia dos acidentes.

Os "vatels" em gréve

Não está ainda solucionado o conflito com os cosinheiros dos hoteis. Os grévistas reunem hoje á noite, para resolverem o caminho a seguir.

Passeio militar

Um passeio militar de instrução andou hoje de tarde pelas ruas da cidade um dos grupos de metralhadoras da guarda republicana, tendo atraido as atenções o serem as metralhadoras conduzidas no dorso de muares.

Theatros e Cinemas

Cartaz de hoje

Nacional, ás 21, «O Cardeal». **S. Luiz**, ás 20,30, «O pé de meia». **Ginasio**, ás 21,30 «O libertino». **Politeama**, ás 21, «Blanchette». **Eden**, ás 20, O quadro novo «Bacalhoeiros e Companhias» e a revista «Aqui d'El-rei». A's 22 — «Sonho de valsa». **Avenida**, ás 21, «O pae Simão». **Apolo**, ás 21,30, «Os 20 milhões». **Coliseu dos Recreios**, ás 21, Grande Companhia de Circo.

Animatographos—Salão Foz, Olympia, Condes, Chiado Terrasse, Salão da Trindade, Salão da Promotora, em Alcantara, Salão Portugal, rua de S. João da Praça.

AVIAÇÃO

No campo da Amadora

Sobre o aerodromo da esquadrilha «Republica» executaram esta manhã extraordinarios exercicios, com os respectivos aparelhos, os tres aviadores estrangeiros que se acham entre nós, assistindo o sr. ministro da guerra, os directores dos serviços de aviação da marinha e do exercito, oficiaes d'essas unidades e numeroso publico.

Eram 9 horas quando se efectuou o primeiro vôo, «decolando» os pilotos aviadores [illegible] mr. Frontval e Bourgeois, acompanhando-os os srs. ministro da guerra, Pereira Gomes, oficial aviador e Belo Redondo, nosso colega na imprensa.

Ambos os aviões executaram sobre a pista os mais estupendos exercicios, com admiravel precisão e rapidez, taes como «tonneaux», «renversements», ouvindo numerosos bravos e palmas da assistencia.

O aviador Fronval subiu depois de novo, fazendo a evoluções [illegible] cadamente e elevando-se a uns 1.000 ou 1.200 metros, «calou» a helice, deixando o aparelho rapidamente e fazendo uma «derrapage» magnifica, causando grande enthusiasmo em quantos presenciaram a notavel proeza. Havia muito que não fazia esta descida, segundo declarou ao sr. ministro da guerra e ás demais pessoas que se achavam no campo da Amadora.

Depois fez evoluções sobre a pista e pairou por largo tempo no espaço, em Lisboa e Cintra, o aviador inglez mr. Raynham.

CAMBIOS

Henrique de Sousa & C.ª

Rua Aurea, 56—60

Lisboa, 18 de novembro de 1919.

	Compra	Venda
Londres, cheque	24 3/8	24 1/2
» 90 dias	[illegible]	[illegible]
Paris, cheque	252	255
Madrid, cheque	484	488
Berlim, cheque	55	65
» notas	—	—
Amsterdam, cheque	900	910
New-York, cheque	2400	2430
» notas	2370	2420
» notas	2400	2450
Libras em ouro	11$80	12$00
Agio do ouro	165	170
Rio sobre Londres	16 7/32	[illegible]
Suissa	435	437
Italia	200	205
Belgica	273	275

A AVENTURA MONARQUICA

Os julgamentos de hoje

No Tribunal Militar Especial responderam hoje o 2.º sargento Tomás Lopes Bexiga, Augusto Carlos Benito e Januario Martins, cabo de policia.

O primeiro réu é acusado de ter comparticipado no movimento de Monsanto quando estava no forte do Alto do Duque, e os restantes de terem acompanhado as forças insurreccionaes.

Os reus negam o crime, dizendo o sargento que procedeu em cumprimento de ordens superiores.

Ouvidas as testemunhas, começaram os debates, que se prolongaram até tarde.

Os reus foram absolvidos.

*

O sr. ministro da guerra confirmou a sentença em que foi condenado José Teixeira, ex-chefe de policia da esquadra de Belem.

A questão das subsistencias

Julgamentos no Seixal de açambarcadores e falsificadores

No tribunal do Seixal foi hoje julgado Franklin Marques Firmino, comerciante no Barreiro, que em julho do corrente ano, quando os agentes da fiscalisação srs. Raul Lopes, Simões Coelho, Raul Camisão e Gracio Ramos ali faziam serviço, foi encontrado a vender assucar por preço superior á tabela. O arguido, que estava incurso no artigo n.º 4 do decreto n.º 5176 de 26 de fevereiro e outros, foi condenado na multa de 84$80, custas, selos do processo e encerramento do estabelecimento por 10 dias. Na proxima quinta-feira devem responder no mesmo tribunal varios padeiros do Barreiro a quem foram apreendidos pesos falsificados.

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

3380 — 10.º anno | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães | Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º | LISBOA — Quarta-feira, 19 de Novembro de 1919 | Telephone n.º 2298 — Endereço telegr. CAPITAL | Officina de impressão — 71, Rua da Bica, 71 | Preço, 2 centavos

Pacificação monarquica

Em Verin, segundo noticia na sua 2.ª edição da manhã o nosso colega O Seculo, um emigrado portuguez alvejou a tiro, ferindo-o, ao que parece, mortalmente, um empregado do consulado de Portugal naquela cidade. A furia da agressão foi tal que, apesar da sua vitima ter caido logo por terra ao primeiro tiro, ainda, vendo-a prostrada, dispararam sobre ela mais quatro, fugindo em seguida.

Não se pode negar que o desejo de pacificação por parte dos monarquicos não seja bem acentuado e que perante estes testemunhos de intenções humanitarias e inocentes a urgencia da amnistia se não imponha!

Com efeito, não é só na sua linguagem que os sentimentos monarquicos se patenteiam: é tambem nos seus gestos, e gestos d'esta natureza teem, sem duvida alguma, uma eloquente significação.

Essa significação, porém, já não admite subterfugios. O sr. Cunha e Costa, que é um bom profeta na sua terra, já nos anunciou que a vaca monarquica facilmente se podia converter em touro. Não tentaremos negal-o. O que se passou em Verin tem todo o caracter duma arremetida cheia de furor.

O pobre empregado do consulado portuguez foi a vitima expiatoria dêsse furor, em que se reacendem ferocidades da Traulitania. Mas o odio monarquico visa mais alto: visa a Republica e com ela uma sociedade inteira com a Republica identificada.

Os realistas declararam que não requereriam o indulto. Estão no seu direito, embora seja para estranhar que a imprensa que lhes é afecta se esganice em suplicar a clemencia republicana. Mas se estão no seu direito em não quererem passar pelo que reputam uma humilhação, o que não ha é o direito de reclamar para uma amnistia, permanecendo eles numa situação de hostilidade furiosa contra a Republica.

As amnistias dão-se com intuitos pacificadores. São medidas tendentes a assegurar a concordia social, no ponto de vista da normalidade dentro das leis. Pode-se amnistiar revolucionarios, mas não emquanto eles sejam julgados revolucionarios, prontos a entrar de novo numa acção subversiva. Nesse caso, a amnistia comprometeria a paz social em vez de a favorecer. Introduzirá dentro duma sociedade precisamente desejosa de tornar a ordem mais estavel os inimigos sistematicos e irredutiveis da ordem. Seria uma incongruencia. Seria um absurdo. Seria um erro, tão grave que quasi se deveria denominar um crime.

A França deu a amnistia aos comunistas, dez anos depois da Comuna. Já ninguem pensava na possibilidade da reedição dêsse movimento. Só então abriu as portas da França, não só aos emigrados como aos deportados. A Republica praticou esse acto só quando verificou, sem receio de qualquer precalço, que ele podia ser praticado com segurança. E não se enganou. O movimento das reivindicações operarias nunca mais saiu do terreno legal para o terreno revolucionario.

Entre nós, o que se quer é assegurar a impunidade aos delictos politicos de toda a especie, mesmo que eles já constituam, como no caso sujeito, uma reincidencia. Só creaturas muito ingenuas poderão acreditar que o odio monarquico desarme. Ele, de resto, não se mascara. O gesto de Verin é uma advertencia ao sentimento republicano, sempre disposto á generosidade de esquecer, mas que tem de ser despertado para a defesa da propria Republica. Nesse ponto de vista, o atentado a que se refere O Seculo de hoje não pode ser mais elucidativo. Os partidarios da amnistia que o meditem.

Helder Ribeiro

O sr. ministro da guerra subiu hontem num aeroplano francez tripulado pelo aviador Bourgeois, o qual executou as acrobacias arrojadas e dificeis que tanto o notabilisaram.

Tambem o sr. Helder Ribeiro foi promovido a tenente-coronel no «Diario do Governo» de hoje, motivo por que felicitamos s. ex.ª

OURIQUE

ALJUBARROTA

BUSSACO

FLANDRES

E tantos outros padrões de gloria e heroicidade portugueza passarão nos folhetins

As grandes batalhas

que «A Capital» começa a inserir em 2 de janeiro de 1920, pela pena invocadora do primeiro escritor portuguez da actualidade

o dr. Julio Dantas

A vida heroica dum Portugal Grande, os rasgos alevantados dos nossos bravos soldados, gente de Afonso Henriques ou «serranos» de La Lys, são paginas de historia, que, desde o nascer da nacionalidade até ás horas gloriosas da Flandres, atestam a valentia, a generosidade, a lealdade da gente portugueza.

PORTUGAL CIVILISA-SE

O telefone sem meninas depois do Telefone sem fios

O que é o telefone automatico e quanto gastaria o Estado... para o pôr a funcionar em Lisboa

Em nota semi oficiosa comunica o ministro do comercio que vae tratar do problema telefonico, mostrando assim que não adormece sobre os louros colhidos na sua obra, ora tratando das estradas, ora empreendendo o telefone Lisboa-Madrid e outros grandes empreendimentos em que tem colaborado...

Os telefones automaticos são a invenção moderna e civilisada, a que o sr. ministro do comercio vae recorrer para nos livrar das incomodas meninas, as quaes devem ser a causa das deficiencias dos serviços telefonicos da capital.

Desde longos anos que as meninas da Central e da Norte recebem as culpas de todo o mau serviço. A imprensa de vez em quando fala nelas, outras vezes são elas que dão de falar por não nos deixarem falar. Que faz o sr. ministro do comercio? Vae terminar o mal, todos os males, visto que, pela concorrencia, vae obrigar a Companhia a chamar á ordem as suas empregadas, visto que supre o trabalho manual pelo material, visto que vae prover Lisboa de optimo material a preços baratos para a subscrição anual dessa maravilha.

Assim, para boa elucidação dos nossos leitores, procurámos hoje um engenheiro entendido nestes assuntos telefonicos e ouvimos a sua opinião:

—E' habito no paiz duvidar de todas as iniciativas, crear-se logo uma atmosfera de impossibilidades em volta de qualquer projecto que surge. Desta fórma de proceder resulta uma desconfiança completa por todos os melhoramentos que os governos prometem e tambem a certeza do que quando um dia tivermos de fazer qualquer reparo a uma ideia, esse reparo será tomado como malquerença costumada. Mas neste caso, ha deveras que considerar: o telefone automatico, em uso apenas nalgumas cidades da America, e numa estação de Londres, quasi a titulo de experiencia, não tem um uso extensivo porque as dificuldades tecnicas e materiaes são enormissimas. Paris, Berlim, Madrid, as grandes capitaes europeias ainda não o adoptaram por terem visto que não só a delicadeza dos aparelhos, mas o custo da montagem e os resultados provavelmente obtidos não correspondiam aos sacrificios a dispender com a instalação duma rêde dessa natureza. Em compensação, já para a America foi uma requisição ha 7 anos, da cidade de Evora, que desejava possuir uma rêde telefonica com estação automatica para 300 ou 400 subscriptores.

—Mas as vantagens seriam inumeras, certamente...

—Vantagens e inconvenientes todos os telefones teem. Se é certo que que com a supressão do intermediario—a menina da estação—ha mais segredo nas comunicações, e não ha enganos nas ligações nem brincadeiras possiveis ou descuidos, outros inconvenientes ha, como a possibilidade de um individuo menos escrupuloso ou mal educado falar para toda a parte, sem poder ser descoberto, dando informações falsas ou dizendo grosserias; actualmente ha forma de perguntar qual o telefone que nos falou... automaticamente isso é impossivel. Depois, um subscritor pode impedir as ligações para um dado individuo, picardia que ninguem lhe pode impedir. Ha dois anos que em Londres os telefones automaticos foram objecto de modificações importantes para melhorar as más condições, mas, todos os aperfeiçoamentos são á custa de aparelhos delicadissimos, milhões de pequenas peças que por si só têm de fazer todo o serviço d'uma estação moderna, seleccionar o numero pedido entre os milhares existentes, dar o sinal da chamada e o de impedido; depois a localisação duma avaria entre esse mundo enorme de ligações, de fios, de peças—operações que teem uma capital importancia nos serviços telefonicos — é muis dificil numa estação automatica.

—Como se pode fazer a chamada nestas condições?

—E' o proprio subscritor quem liga com o numero que quer. Os aparelhos podem ser identicos aos actuaes de parede, tendo um pequeno mostrador com os numeros 0, 1, 2, 3 até 9 e um ponteiro, que se leva até ao algarismo desejado, constituindo o numero do telefone a pedir. Para ligar para o 543, levar-se-hia o ponteiro ao 5 e espera-se que ele volte á posição inicial, depois leva-se ao 4, aguarda-se novamente e em seguida ao 3. No caso de estar funcionando, isto é, no caso de estar «impedido», o sobrescritor recebe no ouvido o som duma buzina. No caso de não estar impedido, carrega num botão que existe no aparelho o qual põe a funcionar a bateria da central e vae tocar a campainha de chamada do numero pedido. Logo que os subscritores tenham terminado de falar, ao colocarem os auscultadores no descanço estabelecem um contacto com a torra de forma que todo o sistema e os aparelhos voltam á primitiva posição, estando aptos a receber outras chamadas.

Isto que é extremamente simples de dizer, é dificilimo mecanicamente de conseguir. Do resto ha varias modificações, varios estudos e varios sistemas, mas que não passam nunca sobre as dificuldades materiaes, as extraordinarias minucias tecnicas de aparelhos delicadissimos.

Que tecnicos seria necessario trazer da America ou da Inglaterra para pôr em pé esse prodigio da mecanica moderna? E o material onde se ia buscar, agora que as nações estrangeiras todo o material que produzem é para refazer e reparar os estragos causados pelo tempo de guerra em que nada se produzia... As dificuldades para sair qualquer material são enormes e a peso de ouro... Qualquer encomenda tem de ser acompanhada de ouro e mesmo assim são precisas fortes garantias. Calcule pois quantos milhares de contos seria necessario o Estado dispender para esse belo empreendimento cuja perfeição está ainda mais perto do futuro do que do presente.

Mas se o governo pensa realmente em tratar do assunto é porque sabe com o que pode e com quem conta. Não seremos nós quem o fará desanimar, embora desta vez muito a serio, duvidemos da possibilidade da execução...»

De forma que o leitor terá naturalmente que acalentar mais uma doce ilusão nas maravilhas citadinas: «o telefone sem meninas...» depois do actual «telefone sem fala», não será tão cedo uma realidade pratica. Tudo nos leva a crer que, a primeira pessoa que falar por esse telefone ideal e progressivo, virá do arsenal da Outra Banda pela ponte sobre o Tejo e na avenida da India tomará um electrico... com logares para a Baixa!

A falta de energia electrica

Não haverá quem tome providencias?

Voltamos á antiga. Ha tempos — que não vão distantes—era certo haver um dia por outro falta de luz e, portanto, de energia electrica. Choviam as reclamações e ao cabo de muito se falar a companhia veiu com a explicação de que estava sendo substituido o machinismo e que ficaria em condições de, completada essa substituição, não mais faltar a energia, antes ficar em condições de poder fornecer toda a que necessaria fôsse.

Como essa promessa tem sido cumprida, está bem á vista. Nos domingos, principalmente, já a luz tem faltado. Mas, agora, é em plena semana que o facto se dá. Hontem, «A Capital» não poude sair para a venda senão depois das 21,30. Avalia bem a poderosa Companhia os prejuizos que d'aí nos resultaram? E isto pelo que nos diz respeito, sem falar em tantas outras industrias que para a sua laboração carecem da energia electrica e que, portanto, foram enormemente prejudicadas.

Alega-se que é uma avaria. Mas a avaria já hontem existia e n'outro qualquer paiz que não fôsse o nosso ter-se-hia trabalhado dia e noite para a remediar. Aqui, não se procedeu assim. Pontualmente, á hora do costume, o pessoal da companhia largou hontem á bequinha da noite o trabalho e não mais a direcção da mesma companhia se importou com as necessarias providencias. Ora, que se importa ela com os prejuizos, os inconvenientes, os transtornos que do seu desleixo, do seu abandono pelo interesse publico advêem!

O resultado é que hoje não ha ainda, á hora a que escrevemos, energia electrica e que nem mesmo sabemos quando a teremos, o que quer dizer que não poderá «A Capital» sair á hora habitual e que será nova e gravemente prejudicada.

Já não pedimos providencias. Para quê? O que acabamos de dizer é mais uma explicação que deviamos aos nossos leitores do que uma reclamação. Os altos poderes são surdos quando se trata de obrigar as grandes companhias a cumprirem o seu dever.

Podem elas fazer tudo quanto lhes apeteça, que ninguem lhes vae á mão. Os prejudicados que se aguentem. Vale lá a pena preocupar-se com coisas minimas! Que a administração d'uma poderosa companhia seja desleixada, descarada mesmo, embora prejudicando legitimos e respeitaveis interesses, isso que importa!

Não perturbemos com considerações importunas as digestões dos poderosos!

Aproximação Luso-brazileira

Sociedade Editora Portugal-Brazil

A inauguração da sua magnifica séde

Para os que não vivem apenas materialmente, para aquelos para quem o livro constitue um prazer, um verdadeiro regalo espiritual, deu-se hoje na nossa tranquila e pacata vida de todos os dias um verdadeiro acontecimento: a inauguração da séde da Sociedade Editora Portugal e Brazil.

De ha muito que se vinha anunciando essa inauguração, mas ora uma dificuldade, ora outra, obrigaram a sucessivos adiamentos, embora contra vontade do activo e emprendedor socio gerente, o nosso amigo sr. Artur Brandão.

Mas, conhecedor como poucos do «metier», Artur Brandão queria que nada faltasse, que fôsse impecavel a disposição das salas, que a impressão colhida na primeira visita—e que é a que sempre perdura—fôsse lisongeira, que não houvesse deficiencias, que a Sociedade se apresentasse de ponto em risto, permitta-se-nos a expressão. Chegar, vêr e vencer tal é divisa que o comercio moderno tem hoje de seguir, se não quizer ser de antemão vencido.

E Artur Brandão consoguiu-o. Magnifica disposição, uma ordem perfeita, uma arrumação—vá o termo comercial — impecavel, taes são as caracteristicas das salas da séde da Sociedade Editora Portugal e Brazil instalada, como se sabe, no centro da nossa arteria mais elegante, o Chiado, na casa ainda não ha muito ocupada por Piccadilly.

Ali acorreu hoje tudo quanto Lisboa tem de maior nome na literatura, nas artes, no jornalismo e até mesmo no mundo elegante. Foi um verdadeiro ponto de «rendez-vous» e á hora a que dali saimos para virmos rabiscar estas linhas ainda as salas se encontram cheias.

Nem admira que assim suceda. Não se trata dum acontecimento banal, como á primeira vista se poderá supôr, não. Não foi a simples inauguração duma livraria, mais ou menos elegante, que ali atraiu muitos dos visitantes. Para alguns com efeito assim sucedeu, mas para outros, para a maioria mesmo, a significação do facto é muito diferente.

A Sociedade Editora Portugal e BrazilB foi fundada com um fim, um intuito mais elevado e nobre do que o simples instinto mercantil. Dela fazem parte homens cujos nomes estão de ha muito consagrados como por exemplo, ao acaso da memoria, o do nosso querido amigo e brilhante dramaturgo e escritor dr. Julio Dantas. A Sociedade Editora propõe-se estreitar mais e mais as relações intelectuaes já existentes entre Portugal e o Brazil.

Para a execução completa do seu programa, tornará conhecidos do do grande publico brasileiro as melhores obras da nossa literatura, ao mesmo tempo que lançará no nosso mercado os melhores trabalhos dos escritores brasileiros.

E os novos de valor tornal-os tambem conhecidos em edições elegantes, de que são bom exemplo as obras que já editou e que a honram.

Por todos os motivos que acabamos de enumerar não foi um acontecimento banal a inauguração da sua séde. Assim o compreenderam todos os que se interessam pelo inter-cambio intelectual luso-brasileiro, os amigos da literatura dos dois paizes irmãos, e, d'aí, a enorme concorrencia que ás salas do Chiado afluiu.

E a impressão não podia ser melhor, nem mais lisongeira. Esse o melhor elogio que st lhe pode fazer.

Os Sports

Ler no numero de amanhã

O sport no exercito

Do passado...

Carta da Madeira

Verdades amargas...

Consultorio sportivo

Sports atleticos

O match Inocencio-Couto

Um apelo ás agremiações sportivas

Teatros, etc.

OS RESTOS DA GUERRA

A divida publica ingleza

O seu enorme acrescimo, mas a perspectiva de ser amortisada em 50 anos

Causou grande impressão em Inglaterra a publicação do orçamento rectificado, respeitante ao exercicio de 1919-1920 e que o chanceler do tesouro apresentou recentemente á Camara dos Comuns.

E' certo que no publico inglez, a quem aliás os assuntos de administração publica muito interessam, havia a convicção de que as cifras previstas em abril haviam sofrido profundas modificações. Mas o «deficit» do novo orçamento excedeu toda a espectativa. As despezas atingirão, segundo os novos calculos, 1.642 milhões sterlinos, ou sejam mais 191 milhões do que a soma prevista em abril.

Só no capitulo das despezas com o exercito ha a registar um aumento de 118 milhões: 405 contra 287. O governo atribue este aumento, em parte, ao atrazo da desmobilisação, agravado pela gréve ferro-viaria, á elevação dos soldos dos oficiaes e dos soldados, ao adiamento da liquidação, por parte da Alemanha, das despezas de ocupação, etc.

Em seguida ao aumento nas despezas com o exercito vem o que diz respeito aos serviços civis e que se eleva a 96 milhões. Nesta importancia figuram as pensões de guerra por 32 milhões, os emprestimos aos aliados por egual quantia e os creditos destinados a favorecer as exportações por 12 milhões.

Ao passo que as despezas acusam um tão elevado acrescimo, as receitas são agora avaliadas em menos 32,4 milhões do que a cifra prevista no orçamento de abril. De este modo, o «deficit» do exercicio sobe de 223,6 para 473,6 milhões sterlinos.

Uma parte importante deste aumento é devida á diminuição dos rendimentos que o ministro contava obter pela venda ou uso dos «stocks» da guerra. Só pelo que respeita ás vendas, os novos calculos acusam uma redução na respectiva receita de 200 para 59 milhões.

Entretanto, esta enorme diminuição das receitas é, em parte, compensada com o aumento provavel na cobrança da maior parte dos impostos, prevendo-se um acrescimo apreciavel na «income-tax», nos direitos alfandegarios e no imposto sobre as bebidas. Em compensação, o imposto sobre os lucros extraordinarios produzirá menos 20 milhões.

Em resumo: segundo o novo orçamento, as receitas devem atingir a cifra de 1.168 milhões em vez de 1.201 milhões, conforme as previsões do orçamento de abril.

A divida publica ingleza, que no começo do exercicio somava 7.685 milhões de libras, cifra-se actualmente em 8.075 milhões, tendo portanto aumentado 390 milhões. Para fazer face a este passivo, conta o governo com um activo de 2.626 milhões. Esta soma compreende 425 milhões em mercadorias, navios, etc.; 270 milhões de impostos a cobrar e 1.961 milhões de emprestimos feitos aos aliados e ás colonias. Nestes emprestimos a França figura com 508 milhões, a Russia com 568, a Italia com 467, a Belgica com 98 e a Servia com 20.

Ao apresentar á Camara o novo mapa das receitas e das despezas, o chanceler do Tesouro pronunciou um vibrante discurso que foi calorosamente aplaudido. O sr. Chamberlain disse que, com efeito, a situação é delicada e reclama grandes sacrificios de todo o paiz, mas que póde ser afrontada sem recorrer a meios extraordinarios.

Longe de evocar, como em abril, o espectro da bancarrota, declarou que o governo não se propõe estabelecer novos encargos tributarios, mas apenas administrar com os impostos actuaes e exercer uma severa politica de redução de despezas.

«Não são necessarios impostos adicionaes, disse o ministro, a não ser que a Camara imponha novas despezas ou manifeste o desejo de uma mais rapida redução na divida nacional. O orçamento consigna meio por cento á amortisação da divida, o que permitirá o seu pagamento em pouco mais de cincoenta anos, desde que aquela percentagem se mantenha ininterruptamente».

Medalhões

Eduardo Schwalbach

Nada ha para escrever sobre Schwalbach depois de tudo se ter escrito sobre ele. Que é um artista diabolico, mefistofelico, que fez a «Agulha e Alfinetes» e o «Pé de Meia», que sabe historia na ponta da pena e tem piadas de fazer cair um ministerio—menos o do sr. Sá Cardoso, que está acostumado a peores e não se rala.

Eduardo Schwalbach, na meninice eterna, vale com a sua «verve» muitos dos novos, se não todos, e mantem aquele rigorismo de processos, aquela fórma superior de agradar, que vae desaparecendo dia a dia... Faz ámanhã a sua festa artistica, a 20.ª da 2.ª serie do «Pé de Meia», a 50.ª peça da sua vastissima obra.

As nossas palavras aqui são escusadas, tão bem as conhece aquele nosso amigo. Uma casa cheia, e muitos «quadrinhos» novos... é o que lhe desejamos do coração.

HOTEL PARIS — Estoril

Batata, arroz e feijão

Comercio livre e livre importação

Foram declarados livres em todo o paiz a venda e o transito da batata, do arroz e do feijão. Egualmente foi declarada livre a importação desses produtos do estrangeiro, mediante o pagamento dos devidos direitos alfandegarios.

De ha muito que o comercio, por intermedio das suas associações de classe, umas vezes, outras mesmo sem intervenção dessas associações, reclamava essa medida, dizendo os seus propugnadores que seria esse o melhor meio de baratear o seu custo e de fazer com que dela houvesse abundancia no mercado.

Não sabemos se foi a titulo de experiencia que essa medida foi tomada. Resta agora vêr se realmente os resultados são taes como se apregoavam, ou, se em vez de assim suceder, nos vamos vêr obrigados a pagar esses generos por um preço ainda até hoje não atingido.

Para honra do comercio e até mesmo para seu interesse, apraz nos crêr que tal se não dará e que, na realidade, a medida agora decretada corresponde a uma sensivel melhoria tanto no preço, como na abundancia dos generos cuja venda foi declarada livre.

O Concurso Literario de "A Capital"

Peças teatraes

Já foram entregues 5 originaes

Conforme temos noticiado, já foram entregues na redacção da «Capital» 5 originaes, inéditos, devidamente nas condições que aqui insirimos: o primeiro «Genio portuguez» de Vicente Moraes (pseudonimo), o segundo fechado completamente, o terceiro um drama, assinado «Dante», o quarto de «Confucius» e o 5.º de «Dr. Microbio».

Tudo augura pois um optimo sucesso para o nosso certamen. «A Capital» friza, comtudo, que o seu empenho é apenas trazer para a nomeada os ocultos, os novos, aqueles que nunca o fado protector das emprezas conseguiu atender um dia. Ha novos? Ha rapazes que podem vir a ser alguem nas letras, no romance ou no teatro? Ou realmente o declinio é manifesto, Portugal já não tem quem escreva?

Esse inquerito, essa pergunta feita abertamente aos novos, reside nos intentos do nosso concurso. E, para o bom e justo seguimento do certamen estabelecemos:

Auctores—Os novos, isto é, os que ainda não teem obra de tomo publicada, ou peças theatraes em scena em palcos publicos.

Originaes — Quer os «Romances» quer as «peças theatraes» teem de ser originaes, nunca premiados em outros certamens, em linguagem compativel com as boas normas litterarias e em «lingua portugueza».

Tendo-se suscitado duvidas sobre o destino dos originaes, estes serão todos entregues aos seus autores posteriormente ao concurso.

Theatro—A fim de podermos cumprir rigorosamente o que promettemos restringimos o nosso certamen theatral a «peças em 1 acto», dos generos drama, comedia, farça, em verso ou prosa. D'esta forma não só se pode mais facilmente estabelecer um criterio mais justo de classificação, como garantir a sua subida á scena n'uma recita em prol da «Casa Gil Vicente», visto que o espectaculo se comporá dos 3 actos primeiro classificados.

Premios—Os premios serão pecuniarios. Ainda não assentámos na quantia total, mas podemos garantir que constituirão uma recompensa justissima aos trabalhos. Haverá um premio para o primeiro romance classificado.

Um premio para a primeiro peça classificada.

Um premio para a segunda peça classificada.

Por emquanto garantimos estes premios, e a publicação em folhetins na «Capital» do romance original, e a representação das 3 peças primeiro classificadas.

Jurys—Serão constituidos 2 jurys. Um para a escolha dos romances, outro para as peças theatraes. Podemos garantir que n'elles figurarão homens de lettras, artistas, jornalistas, actores, cujos nomes só por si bastarão para attestar a sua competencia.

Prazo—Termina no dia 31 de dezembro a entrega dos originaes, que devem ser assignados com pseudonimos.

UM ROMANCE

Até 31 de dezembro a «Capital» recebe os originaes para o concurso literario que abriu, em 1 de outubro. Conforme o estabelecido nas suas condições, os originaes serão de qualquer genero e tamanho, dentro das boas normas da literatura.

«A Capital» premeia pecuniariamente o primeiro classificado, por um juri constituido por romancistas, criticos e jornalistas, onde só figurará um representante da «Capital».

«A Capital» d'esta forma julga cumprir o seu dever de jornal moderno, auxiliando e amparando os «novos» na senda áspera e dificil de iniciar, na literatura.

PELO TELEGRAFO

As eleições francezas

Alguns detalhes sobre a animação com que decorreram em Paris

PARIS, 16.

O apuramento do escrutinio começou ás 19 horas e efectuou-se sem incidente e relativamente depressa. Em algumas secções de voto, ás 21 e 30, o sr. Millerand parece ser quem obteve maior numero de votos. Em Uny, o sr. Constant, socialista da lista da união republicana social parece distanciar-se de Longuet. Em Asnières Longuet parece ter obtido um terço da votação.

Os boulevards não apresentam maior animação que nos outros domingos e estão mais calmos do que no tempo do escrutinio por arredondamentos em que os jornaes publicavam por meio de transparentes os resultados das eleições a par e passo que os iam recebendo.—(Havas).

Os eleitos do Loire e dos Pireneus

PARIS, 17.

Resultados parciaes das eleições: No Loire-Inferior estão eleitos os srs. Briand, Guist-Hau e Sibille, da lista da União Republicana e Delefoy, da lista da Solidariedade Nacional. Nos Pireneus Orientaes foi eleito o sr. Brousse, da União Republicana e derrotado o sr. Dalbiez, da União das esquerdas.

O bolchevismo nunca abriu caminho em França — diz Denys Cochin

PARIS, 18.

As ultimas informações das eleições geraes parecem demonstrar a vitoria das listas da União Republicana e a derrota dos socialistas unificados.

Falando esta noite nos corredores da camara, perante um grupo de deputados que saiam, e de eleitos de novo, o sr. Denys Cochin congratulava-se pela vitoria das listas moderadas e pela derrota das listas extremistas acrescentando que o bolchevismo nunca abriu caminho em França e que de forma alguma poderia fazer estreira com o bom senso e o patriotismo dos francesès os quaes são apaixonados pelo progresso, pelo maior progresso mas que nunca poderiam procurá-lo precisamente pelas vias que dele os afastam.—(Havas).

Quadrilhas de salteadores

Intensifique-se a acção e vigilancia da guarda republicana

Não ha muitos dias, profetisou «A Capital» em artigo de fundo que, a não se tomarem energicas providencias, dentro em breve se veriam verdadeiras quadrilhas organisadas assaltarem os viandantes nas estradas, fazendo reviver os tempos de João Brandão e José do Telhado.

O nosso vaticinio confirmou-se mais depressa do que esperavamos. Ao lêrmos hoje os jornaes da manhã, deparámos com as noticias de que entre Colares e Cintra saem aos

viandantes salteadôres que os obrigam a parar e os roubam, se eles não vão prevenidos para se defenderem a tiro, e que nos Olivaes campeiam egualmente os amigos do alheio.

Um unico remedio ha para evitar semelhante mal, que ameaça transformar-se dentro em pouco num mal irremediavel e de funestissimas consequencias: a intensificação da acção e da vigilancia da guarda nacional republicana. E' preciso, é forçoso mesmo, que essa acção se estenda a todo o paiz e que á guarda republicana se deem os meios necessarios para reprimir eficazmente o banditismo que começa a espraiar-se, a querer tirar a essa guarda algumas das regalias de que porventura ela goze. O momento é grave e a missão dessa força publica, quando bem encaminhada, é duma excepcional importancia. Urge, portanto, que o problema seja visto como o deve ser e que a politica seja por completo arredada.

Theatros e Cinemas

Cartaz de hoje

Nacional, ás 21, «O Cardeal».
S. Luiz, ás 20,30, «O pé de meia».
Politeama, ás 21, «Blanchette».
Eden, ás 20, O quadro novo «Bancos e Companhias» e a revista «Aqui d'El-rei.—A's 22 — «Sonho de valsa».
Avenida, ás 21, «O pae Simão».
Apolo, ás 21,30, «Os 20 milhões».
Coliseu dos Recreios, ás 21, Grande companhia de Circo.
Animatographos—Salão Foz, Olympia, Condes, Chiado Terrasse, Salão da Trindade, Salão da Promotora, em Alcantara, Salão Portugal, rua de S. João da Praça.

Concertos Blanch

A'manhã, quinta-feira, ás 5 horas da tarde, no escritorio do teatro São Luiz encerra-se a assinatura para os concertos da notavel Orquestra Sinfonica Portugueza, dirigida pelo maestro Pedro Blanch, o primeiro dos quaes se realisa ainda este mez. E' esta a maior assinatura que se tem feito, estando os camarotes e balcões tomados pelas principaes familias da sociedade elegante, sendo de prevêr pelo entusiasmo que existe pelos concertos Blanch que este ano teem uma brilhantissima feição artistica, que quem não fizer assinatura dificilmente encontrará bons logares desejados, pois que até ha grande numero de logares de geral assinados.

Juntas de freguezia

DE S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA.—Proposta apresentada por esta junta:

«Considerando que as juntas de freguezia estão votadas ao abandono pelos poderes publicos, não conseguindo alcançar nenhumas regalias em favor dos seus paroquianos, porque em nada são atendidas; Considerando que ha juntas em Lisboa que nem casa teem para as suas reuniões, nem um centavo de rendimento, como sucede á nossa, que luta com uma numerosa população de pobreza, que nada lhe pode dar, pois que nada tem; Considerando que as juntas de freguezia são as unicas representantes da miseria de Lisboa, pois que o seu trabalho se limita a passar diariamente atestados de pobreza aos seus paroquianos que se vão lamentar da sua miseria; Considerando, que das juntas de freguezia se pode desenvolver a sua acção melhorando a situação dos seus paroquianos, esta junta apresenta o seguinte:

1.º, Fazer a imediata federação de todas as juntas de Lisboa, trabalhando unidos, republicanos e socialistas, para resolverem a crise das subsistencias; 2.º, Realisado este acordo, tratar imediatamente de lançar as bases para fundarmos a grande Cooperativa das Juntas de Lisboa, que será formada por meio de acções no valor de um escudo; 3.º, Para constituir o seu capital, todas as juntas nas suas freguezias distribuirão circulares expondo aos seus paroquianos os fins para que é destinado esse capital, contribuindo assim d'esta forma os seus paroquianos com qualquer numero de acções com que desejarem auxiliar a cooperativa; 4.º, Reunido o capital apurado de todas as juntas, fundar-se-ha a Cooperativa geral, que fornecerá todos os generos que se possam adquirir. Esses generos serão fornecidos por meio de requisição a todas as juntas, e será pago da forma que se combinar; 5.º, Para esse fim todas as juntas devem ter na sua freguezia pelo menos uma cooperativa, sucursal da Cooperativa geral, que venderá aos seus paroquianos todos os generos pelo minimo preço, deixando apenas 5 por cento de lucro para despesas e capitalisação. Essas cooperativas são administradas pela respectiva junta; 6.º, Os lucros depois de deduzidas as despezas, são depositados no Banco das juntas, criado para esse fim, fazendo egualmente todas as transacções comerciaes. Logo que haja fundos suficientes ir-se-hão instituindo pelas freguezias a assistencia medica, hospitalar, invalidez, escolas, etc.; 7.º, Deve para este fim eleger-se uma direcção, que será eleita em assembleia geral de todas as juntas, egualmente cada junta nomeará um delegado a essa direcção; 8.º, No caso das actuaes juntas serem dissolvidas por qualquer motivo politico, e existindo já esta obra fundada pelas actuaes juntas, ficarão estas gerindo todos os negocios, até que sejam eleitas novas juntas pelos paroquianos de cada freguezia. As novas juntas tomarão então posse de todo o movimento por meio de inventario, cessando toda a responsabilidade das actuaes juntas.

Festa da bandeira

Por ser hoje dia da festa da bandeira no Brazil, o edificio da embaixada, assim como o do consulado teve hasteada a sua bandeira nacional.

Na Escola Oficina n.º 1

Exposição pedagogica

Tem despertado interesse entre o professorado e amigos da instrucção a proxima exposição pedagogica que se vae realisar na Escola Oficina n.º 1.

A Escola Oficina n.º 1, como se sabe, de ensino integral e preparatoria, e é ainda a efectivação pratica, desde ha anos, de que o Estado pretende conseguir neste momento com a creação das Escolas Primarias Superiores.

A exposição terá, como noticiámos, varios fins: exposição do edificio e das aulas taes quaes funcionam nos dias normaes, exposição geral de todo o material de ensino, exposição dos metodos empregados, exposição dos trabalhos dos alunos mostrando a sua evolução dentro de cada aula; exposição retrospectiva dos trabalhos dos alunos saidos ultimamente sem os cursos completos e finalmente exposição elucidativa de viver intimo da Escola Oficina.

Atropelado por uma carroça

A' enfermaria n.º 4, de Santo Antonio, do hospital de S. José recolheu José Gil, de 48 anos, natural da Galiza, morador na rua Andrade, 25, 3.º, que proximo do Matadouro foi atropelado por uma carroça, ficando com a perna esquerda fracturada.

Salão Central

«A arvore da morte» foi a estreia da matinée de hoje no aristocratico Cinema da Praça dos Restauradores. São quatro actos do mais extraordinario efeito, que formam a sexta jornada da emocionante pelicula «As garras do leão».

Esta noite repete-se «A arvore da morte», acompanhada das duas jornadas anteriores, formando uma parte do interessante programa.

Maria Walcamp tem n'esta ultima jornada um trabalho soberbo, assombrando o publico com os seus continuos prodigios de temeridade.

O salto para a arvore, da jornada «O pateo dos leões» e ainda o terror de que se apodera ao vêr-se de permeio com as famintas feras, são episodios que marcam, dignos do maior aplauso e admiração.

A outra parte do programa compõe-se da delicada fita «O caminho mais longo», cheia de vida, de arte e de elegancia, com o magistral desempenho da divina Diomira Jacobini e de sua irmã Maria, duas estrelas de primeira grandeza.

Ninguem de bom gosto faltará esta noite ao espectaculo do Central.

Atropelada por um automovel

A uma das enfermarias do hospital de S. José recolheu Maria de Jesus, de 9 anos, residente na rua da Palma, 164, que na mesma rua foi atropelada por um automovel S.—58, guiado por Abel de Oliveira, ficando ferida na cabeça. O «chauffeur» foi preso.

Noticias da Capital

A serie diaria

José Brandão, da Caparica, queixou-se á policia de que n'um carro electrico lhe furtaram relogio, medalha e corrente no valor de 200 escudos.

Maria Joana Lourenço, do Campo de Santa Clara, 28, tambem se queixou de que lhe furtaram um cordão e competente medalha de ouro.

Uma fera

Foi preso João Baptista Carrajote, da rua da Era, 5, rez-do-chão, que praticou um crime infame n'uma creança de 8 anos, a quem contaminou doenças graves.

Malas postaes

Pelo paquete «S. Miguel» são ámanhã expedidas malas postaes para a Madeira, Açôres e Africa Oriental, via Madeira, sendo a ultima tiragem da caixa geral ás 9 horas.

Um processo antigo

A um dos calabouços do governo civil recolheu hoje Sofia da Conceição, sem residencia, que atrahiu a uma escada a menor Florinda da Rocha, de 3 anos, filha de Eliseo Rocha, furtando-lhe os brincos de ouro que levava nas orelhas.

Os cães raivosos

No Campo Grande foi mordido por um cão atacado de raiva pertencente a Luiz Lopes, ali morador no n.º 406, o sr. Antonio de Jesus Cornelia, do Beco de S. Luiz, 6, 4.º, o qual recolheu ao Instituto Bacteriologico Camara Pestana. O animal foi removido para o Instituto Veterinario.

Vadios para Monsanto

Hoje, pelas 17 horas, foram removidos do governo civil para Monsanto os gatunos e vadios de cadastro, julgados e condenados ultimamente no governo civil.

A falta de rusgas

Ha já dias que a policia de investigação deixou de fazer rusgas aos gatunos e vadios, o que não representa uma boa medida. Por esse motivo a cidade voltou a estar a saque, sendo os roubos e assaltos constantes. Como exemplo, ás esquinas das ruas das Pretas e Alves Correia juntam-se todos os dias até altas horas grupos de rufias e meretrizes que contendem com quem passa, sendo rara a noite em que não ha desordens. E muito embora se façam toques de apitos, a policia brilha pela ausencia. Esses grupos teem os seus arraiaes assentes em dois cafés, um na rua das Pretas e outro na Alves Correia. Quando se dignará a policia vigiar o local?

Emigração clandestina

Seguiram do governo civil para a Boa-Hora 22 individuos presos ha dias por pretenderem emigrar clandestinamente.

Atropelado por um "side-car,,

No banco do hospital de S. José foi pensado, seguindo depois para sua casa, Leonilda Simões Ferreira, de 23 anos, travessa de S. Domingos, 34, 4.º, que na avenida da Liberdade, foi atropelada por um side-car, que lhe fracturou a clavicula esquerda.

Vida Sportiva

Comité Olimpico Portuguez

Provas de esgrima

Recebemos a seguinte comunicação:

Previnem-se os srs. esgrimistas que este Comité vae organisar provas de esgrima de espada e sabre, para a selecção dos atiradores, que devem ir concorrer aos jogos olimpicos internacionaes.

Far-se-hão quatro torneios a um toque, que serão efectuados nos primeiros dias dos seguintes mezes: Janeiro, Março, Maio e Julho.

O regulamento e o local apropriado bem como o dia exacto, serão oportunamente anunciados.

Os «Vatels» em gréve

Ao contrario do que se esperava não se registaram hoje quaesquer conflitos entre os proprietarios de hoteis e os cosinheiros, os quaes hontem declararam a gréve contra os patrões que não aceitem as suas reclamações sobre o horario das 8 horas de trabalho.

Muitos hoteis e «restaurants» teem já o seu serviço de cosinha confiado a mulheres.

ULTIMA HORA

Politica

A reunião de hoje no ministerio das finanças

O sr. ministro das finanças convocou para o seu gabinete os principaes banqueiros e homens de negocios de Portugal. A' hora em que esté jornal fôr lançado na circulação deve estar a realisar-se a conferencia, objecto de tal reunião.

Cremos que a assembleia não terá que examinar, propriamente falando, uma «ordem do dia» previamente fixada, e que apenas se trocarão idéas para realisação imediata de uma melhoria nos estados financeiro e economico da nação. O agravamento dos cambios, dificultando o intercambio internacional, preocupa o governo e é causa de apreensões graves, a que não são isentos os homens da finança. Encontrar-se uma formula que sirva de correctivo á especulação deverá ser, pois, objecto de exame entre homens que são tecnicos e podem dizer o remedio proprio para debelar-se o mal. E' positivo que o governo não tem necessidades de ouro, porque as disponibilidades externas aumentam de semana para semana, graças ao proprio agravamento cambial que permite, com bons lucros, a transferencia de dinheiros do Brazil para Portugal. O tesouro encontra-se, pois, habilitado a auxiliar a boa vontade dos banqueiros se eles, por sua parte, souberem corresponder á confiança que o governo lhes demonstra, convocando-os a uma conferencia onde poderão expôr as suas opiniões e dar mesmo os seus conselhos.

O caso do arroz comprado em Espanha por intermedio do sr. Augusto de Vasconcelos

Informações que temos por seguras permite-nos noticiar que o governo se julga seguro quanto a pôr o Estado ao abrigo de prejuizos de maior, no caso da compra do arroz, denunciado pelo sr. deputado Afonso de Macedo. Dizem-nos, efectivamente, que a casa hespanhola a quem o arroz foi comprado, prometeu, ha uns vinte dias, restituir a importancia adeantada, talvez imprudentemente, mas, sem duvida alguma, com inteira boa fé. Não pudémos conseguir a certeza de que o dinheiro, uns 300 contos pouco mais ou menos, já dera entrada nos cofres da Nação; mas ficamos com a legitima esperança de que, se não vier o arroz, regressam os contos, o que já não é mau.

Afirmaram-nos ainda que o sr. Augusto de Vasconcelos usará ámanhã da palavra no Senado, fazendo uma exposição detalhada de todo este negocio.

A interpelação do sr. Bernardino Machado

E' ámanhã que, no Senado, se deve realisar a interpelação do sr. Bernardino Machado ao sr. ministro dos negocios estrangeiros.

Atitude do deputado sr. Paes Rovisco

Ao fim da tarde enviaram-nos a comunicação de que o sr. deputado Paes Rovisco enviára uma carta ao directorio do Partido Republicano Portuguez, desligando-se do agrupamento, e uma outra ao sr. dr. Julio Martins, dando formal adesão ao Grupo Parlamentar Popular.

Nos Deputados

Preside o sr. Carvalho Mourão. Lê-se a acta, e como não ha numero na mesa espera-se. Mas a insistencia de alguns deputados obriga o sr. presidente a anunciar a segunda chamada, á qual respondem 54 deputados.

O sr. presidente: — Não ha numero. O «quorum» é de 57. Está encerrada a sessão. A proxima é ámanhã. Eram 15,40.

E' a primeira vez, depois de publicada a lei que aumenta o subsidio aos parlamentares, que deixa de haver sessão por falta de numero. Todos os que não responderam á chamada deixam de perceber a importancia de 15$ que lhes será descontado no subsidio mensal.

Depois de encerrada a sessão, chegaram deputados em numero suficiente, mas era já tarde.

Naturalmente, para o futuro serão mais diligentes.

"Nos bastidores do Congresso da Republica,,

O sr. Eusebio Palmeirim, 1.º oficial da secretaria do Congresso da Republica, que foi separado do serviço sob a acusação de estar incurso nas disposições do decreto de 29 de abril, acaba de publicar uma larga exposição em que responde ás arguições que lhe são feitas, com numerosa documentação.

Como a questão decerto será apreciada no Congresso, abstemo-nos de a ela nos referirmos mais detalhadamente.

Poeira da Arcada

Aquisição de cruzadores

O cruzador auxiliar «Pedro Nunes», que no sabado parte para Inglaterra levando a missão de oficiaes encarregados da aquisição de cruzadores para a nossa marinha, pouco demora terá ali. Virá buscar as guarnições destinadas a guarnecer esses barcos de guerra.

Pelo Telegrafo

Aviação

Um aeroplano desconhecido que cái em Espanha

MADRID, 17.

Em Casas de Vilaseca, comuna de Banamira, na provincia de Soria, caiu hontem um aeroplano. Sendo pedido socorro, este foi enviado da aldeia de Alcoleis, na provincia de Guadalajara. Morreram 3 pessoas e estão 2 feridas, não havendo mais informações.

A comissão do Centro Aeronautico de Guadalajara partiu tambem para ali em automovel, com os socorros necessarios.

Supõe-se tratar-se de um Farman de dois motores com capacidade para 7 pessoas, pilotado pelo francez Augustini, o qual devia chegar hontem ao aerodromo de Cuatro Vientos, vindo de Pau ao mesmo tempo que Sainz, que de facto ali chegou.—(Havas).

As eleições francezas

Novos resultados

PARIS, 17.

Estão eleitos 229 deputados que nunca fizeram parte da camara e quasi todos são republicanos das diferentes gradações.—(Havas).

A vitoria é estrondosa

PARIS, 18.

A' meia noite de 17 estavam eleitos 548 deputados, dos quaes: 117 republicanos da esquerda, 52 radicaes, 71 radicaes socialistas, 24 republicanos socialistas, 54 socialistas unificados, 5 socialistas dissidentes, 120 republicanos progressistas, 73 da acção liberal e 31 conservadores.

Alfabeto anti-tuberculoso

Informam nas estações competentes que a inspecção geral de sanidade escolar é absolutamente estranha á doutrina e redacção do alfabeto anti-tuberculoso publicado no ultimo programa do ensino primario geral.

Rafael Bordalo Pinheiro

Lançamento duma pedra fundamental do seu monumento

No Campo Grande procedeu-se esta tarde ao lançamento da primeira pedra para o monumento consagrado ao famoso caricaturista e ceramista artistico, Rafael Bordalo Pinheiro, assistindo a esse acto, promovido pelo seu maior admirador sr. Cruz Magalhães, muita gente.

Antes de lançada a primeira pedra o sr. dr. Alberto Vidal, presidente da comissão executiva municipal, fez uma singela mas significativa alocução ao acto.

CAMBIOS

Henrique de Sousa & C.ª
Rua Aurea, 56—60
Lisboa, 19 de novembro de 1919.

	Compra	Venda
Londres, cheque....	24 3/4	24 1/2
» 90 dias....	25 1/16	—
Paris, cheque.......	247	250
Madrid, cheque.....	480	484
Berlim, cheque......	55	65
» notas.......	—	—
Amsterdam, cheque	885	895
New-York, cheque..	2375	2390
» notas....	2350	2380
» ouro.....	2400	2450
Libras em ouro......	12$00	12$20
Agio do ouro.......	165	170
Rio sobre Londres..	16 1/4	
Suissa..............	428	432
Italia...............	204	208
Belgica.............	268	271

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

3381 — 10.° anno — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.°

LISBOA — Quinta-feira, 20 de Novembro de 1919

Telephone n.° 2298 — Endereço teleg. CAPITAL — Officina de impressão — 71, Rua da Bica, 71

Preço, 2 centavos

Em torno da Republica

Ao convite do sr. ministro das finanças, que apelou para o seu concurso a fim de se alcunar a situação cambial, corresponderam hontem os mais importantes elementos financeiros do paiz. E não se limitaram a comparecer na reunião a que tinham sido convocados pelo sr. Rego Chaves: alguns tinham já preparado alvitres, de que fizeram explanação, para se resolver duma maneira favoravel o agudo problema dos cambios.

A reunião devida á iniciativa do sr. ministro das finanças, o qual, segundo dizem os jornaes da manhã, apresentou a questão com uma grande sinceridade, deve, estamos convencidos disso, dar bons resultados em relação ao fim para que foi convocada, mas não os deu menores, sob outro ponto de vista, porque mostrou que se aproximam da Republica muitos elementos que ainda não ha muito se mantinham dela ostensivamente afastados.

As classes conservadoras compreendem já que a Republica é indestrutivel no nosso paiz, e compreendem tambem que a Republica não é de forma alguma, e forçosamente, o regimen que certos extremismos, devidos ao sectarismo das facções, lhes fez supôr inconcebivel com os seus sentimentos e tradições. Dentro do legalismo, e temperada por uma indispensavel tolerancia, a Republica é pelo contrario um regimen que profundamente amam os que prestam culto aos seus principios, e que facilmente aceitam os que não se desinteressam do futuro da patria, e apenas desejam o respeito mutuo entre os individuos e os partidos.

A orientação tomada pelo actual governo, e que é hoje a unica possivel em Portugal, dado que se queira a paz e a harmonia na nossa sociedade, é que fez com que ao convite do sr. ministro das finanças correspondessem tão pressurosamente todos os representantes da alta finança. Não se trata dum milagre. Esta cooperação com a Republica é a cooperação com a liberdade, com a tolerancia, com o respeito á lei e com a honestidade dos processos governativos. Ela mostra que para que a Republica não tenha de afrontar perigos sérios que comprometam a sua existencia basta que não se deixe dominar pelo espirito sectario que tanto comprometeu o seu prestigio.

Sempre pensámos que isto viria a suceder, e apesar dos quadros tragicos que o sr. Cunha e Costa tem desenrolado, no desempenho do seu actual papel de profeta da desgraça, nós vemos, pelo contrario, desanuviar-se o horizonte, porque as paixões estão cedendo o logar ao raciocinio, e os odios ao sentimento.

Ha na nossa terra um bom senso que nos faz proceder, mais por intuição do que por verdadeiro estudo, de maneira a descobrirmos, nos momentos criticos, o caminho da salvação. Foi assim que o povo portuguez entrou na guerra. Não a compreendeu bem, não sentiu a onda de colera que costuma arrastar os povos a estes conflitos sinistros. Mas adivinhou que a entrada na guerra era absolutamente necessaria, porque, de contrario, a patria estaria perdida. E entrou na guerra, serenamente, como quem cumpre um dever, terrivel embora, mas um dever.

Agora, sente-se tambem, dum lado, que a Republica tem de assumir um aspecto absolutamente humano, civilisado, moderno, para que se possa manter e salvar o paiz; doutro que é preciso absolutamente aceitar a Republica, porque não pode haver outro simbolo nacional. E, conjuntamente, todos se encontram capacitados de que a grande obra da renovação nacional tem de ser feita por todos os portuguezes de boa vontade. E' sob o influxo destas tres ideias fundamentaes que a politica portugueza está evoluindo.

Muitos sintomas revelam este fenomeno. A reunião de hontem, no ministerio das finanças, não é dos menos claros nem dos menos eloquentes.

Eclipse parcial do sol

No sabado, pelas 15,16, será o sol parcialmente eclipsado pela lua, conservando-se em eclipse até ao ocaso.

No edificio do observatorio da Faculdade de Sciencias, o professor Andréa faz uma breve palestra sobre «Eclipses do sol», podendo assistir os socios da Sociedade Astronomica de Portugal e suas familias.

COISAS DA BUROCRACIA MILITAR

Abandono e poucos cuidados pela gente da guerra

Contei ante-hontem o caso de um pobre soldado que se vira constrangido a confessar a sua miseria e a implorar a caridade publica, depois de regressar de França — mutilado dos dedos, ferido nas pernas, cego dum olho — isto porque a organisação burocratica militar o esquecera num canto ignorado da provincia.

Hoje vou citar mais alguns factos comprovativos de que é necessaria e urgente uma melhor organisação de serviços para evitar miserias que ferem o nosso sentimento e comovem a nossa alma de portuguezes.

Citando esses factos tenho plena confiança e absoluta certeza de que o ministro da guerra—que é um oficial que se bateu em França, que é amigo dos soldados e que muito préza a sua vida militar—dará imediatas providencias. Desconhece os factos, que a burocracia no seu rodado velho, vicioso e ferrugento, não lhe aponta para resolução. Permito-me fazel-o, porque tendo passado—provisoriamente, como autentico miliciano—pelas fileiras militares, tenho a consciencia de que foi util a minha acção no exercito, de que muito contribui para valorisar alguns serviços e de que mantive uma campanha de dignificação do esforço daqueles que auxiliaram o triunfo dos aliados. Não quero perder estes titulos de que me orgulho.

* *

A historia de ante-hontem pode repetir-se com o nome de outro soldado, ainda ao abandono. Soube da sua existencia hontem de manhã. E por quem? Por um capitão de infantaria 8, que se apresentava pela primeira vez a tratamentos no Instituto de Arroios, ferido de França tambem e até hontem sem tratamento adequado ás suas lesões.

—Esqueceram-se de si?

—Não, mas esqueceram-se de me mandar para este Instituto... Andei pelo norte a comandar o batalhão do 8, nas revoluções monarquicas... Só agora requeri e consegui chegar a Lisboa... Mas por lá, em Braga, anda um pobre rapaz, estropeado da guerra, sem o amparo necessario...

—Ah! bem sei quem é—disse do lado o alferes mutilado, Manuel de Freitas... Chama-se Agnelo Moreira...

—E' esse mesmo...

* *

O esquecimento deles corre paralelamente á pouca vontade de outros burocratas em auxiliar aqueles que honraram a Patria nos campos de batalha e ali deixaram pedaços da sua carne e perderam as ilusões de uma vida futura com todos os recursos fisicos para o trabalho.

Assim...

O generoso decreto de 26 de abril de 1918 diz: que todos os mutilados da guerra teem direito a todas as subvenções de campanha emquanto estiverem em tratamento ou em trabalhos de reeducação nos Institutos de Santa Izabel e de Arroios, até ao dia em que as juntas clinicas lhes dêem alta.

Algumas companhias de reformados compreenderam o espirito humanitario deste decreto e teem sido pontualissimas no pagamento dessas pensões. Outras, porém, interpretando a lei conforme lhes parece, alegam que são os regimentos que devem efectuar esses pagamentos. O criterio é falso. E' criterio de burocrata tipo de autentico empata. Ninguem pode contestar que as unidades a que os bravos da guerra pertencem actualmente, não são os regimentos da sua encorporação primitiva, mas as companhias de reformados.

O caso é que este criterio tem dado o criminoso resultado de haver feridos da guerra que não recebem pensões ha quasi dois anos! E alguns nem teem recebido reformas porque por sua vez alguns regimentos se esquecem de enviar participação ás companhias de reformados de que os mutilados passaram á junta e á situação de reforma.

* *

A um 2.° cabo—se não estou em erro—escrevi uma carta de recomendação para um general que está dirigindo um estabelecimento fabril e militar do Estado. Pedia-lhe uma colocação. O ilustre oficial, que é dedicado amigo dos soldados portuguezes, respondeu-lhe:

—Não posso fazel-o... Tenho pena... Era realmente muito possivel arranjar aqui dentro muitas colocações para os invalidos reeducados, mas isso só poderia obter-se com autorisação do parlamento...

Se assim é e se o parlamento pode tomar tal deliberação patriotica, porque se não faz? E, porque razão, a burocracia ainda não encontrou esse processo humanitario de amparar—quem tem direito ás nossas homenagens e ao nosso auxilio imediato?

José Pontes

A AVENTURA MONARQUICA

O julgamento de hoje

O acusado é absolvido

No Tribunal Militar Especial respondeu hoje o capitão de infantaria 1 sr. João Pires de Carvalho, antigo ajudante do deposito de adidos da guarnição de Lisboa. Era acusado de ter assistido ao assalto dum centro republicano; convidar um subalterno para aliciar soldados que conduziria cavalaria 2 por ocasião da revolta de Monsanto; ordenar ao comandante da guarda de policia ao deposito de adidos que fizesse fogo sobre grupos civis e dar passagem a cavalaria 2 e 4, o dificultar a distribuição de cartuchame ás praças que foram bater-se em Monsanto.

Encarregou-se da defeza o sr. dr. José Alves Ferreira.

Lida a contestação apresentada pela defeza, seguiu-se o interrogatorio do réu, que declarou haver confusão no libelo acusatorio. Pelo telefone, recebeu amiudadas vezes instrucções do governo legalmente constituido para evitar qualquer revolta, não fazendo mais do que cumprir essas instrucções.

Depõem em seguida as testemunhas de acusação. O 2.° sargento Raul Cesar dos Santos, sabe, por o ouvir dizer ao 1.° cabo Armindo Fernandes, que o acusado, na vespera das tropas irem para Monsanto, dera ordem para se fazer fogo contra civis e marinheiros que se aproximassem do quartel.

O 1.° sargento Urbano Azinhaes, disse ter ouvido dar essas ordens ao acusado, supondo que para defeza do quartel. Essas instrucções foram dadas na presença do 2.° sargento Raul Cesar dos Santos.

A alusão ao 2.° sargento Cesar dos Santos deu logar a que este fosse acareado com o 1.° sargento Azinhaes, sustentando aquele ter conhecimento do facto por o ouvir narrar ao 1.° cabo Fernandes. Foram lidos os depoimentos de duas testemunhas que faltaram.

As de defeza, srs. Urbano Caires, alferes, João Augusto Tavares e o sargento Guilherme José Rodrigues, abonam o bom comportamento do acusado.

Os debates foram curtos e o juri deu o crime como não provado por unanimidade, sendo o réu absolvido.

Depois de ámanhã responde o coronel sr. José Francisco da Graça, e na proxima terça-feira o alferes de infantaria João Maria d'Almeida da Lavoura e o soldado da administração militar Amilcar Correia.

OURIQUE

ALJUBARROTA

BUSSACO

FLANDRES

E tantos outros padrões de gloria e heroicidade portugueza passarão nos folhetins

As grandes batalhas

que «A Capital» começa a inserir em 2 de janeiro de 1920, pela pena invocadora do primeiro escritor portuguez da actualidade

o dr. Julio Dantas

A vida heroica dum Portugal Grande, os rasgos alevantados dos nossos bravos soldados, gente de Afonso Henriques ou «serranos» de La Lys, são paginas de historia, que, desde o nascer da nacionalidade até ás horas gloriosas da Flandres, atestam a valentia, a generosidade, a lealdade da gente portugueza.

Aos novos

PEÇA TEATRAL
1.° premio 120$00
ROMANCE
1.° premio 100$00

O concurso que «A Capital» em 1 de outubro abriu dedicado aos novos está tendo o seu pleno sucesso. Ainda longe do final do praso já temos entregues 5 originaes com peças de teatro num acto, prometendo-nos a vasta correspondencia recebida, muitos mais por estes dias. Sobre o «romance» tambem sabemos que, se preparam varias obras ineditas para o nosso concurso.

A legitima satisfação pelo sucesso obtido leva-nos a dar por bem empregada a nossa iniciativa; e as palavras de agradecimento, de incitamento, que temos recebido, animam-nos e confortam-nos. «Os novos» desejam demonstrar que são alguem e como tal afluem ao nosso concurso.

Que bemvindos sejam e que os juris recompensem os seus trabalhos.

«A Capital» estabelece para as peças teatraes os premios de 120$00, 80$00 e 50$00, e procurará levar os tres primeiros originaes premiados á scena, numa recita unica para a «Casa Gil Vicente».

Os originaes teem de estar entregues na nossa redacção até 31 de dezembro do corrente ano, fechados, e assinados por um pseudonimo. Acompanhará o original um envelope fechado com o nome do autor dentro e trazendo por fóra o pseudonimo correspondente; nenhum autor já representado em palcos publicos poderá concorrer.

«A Capital» restituirá os originaes após a sua classificação por um juri onde figuram nomes respeitabilissimos da literatura, do teatro, do jornalismo.

«A Capital» recebe tambem até 31 de dezembro «um romance» original, inedito, de autor nunca publicado, que será classificado por um juri, onde figurarão romancistas, criticos, jornalistas de conhecida reputação. «A Capital» premeia o 1.° classificado com 100$00, e publical-o-ha em folhetins, logo que as circumstancias materiaes o permitam e seja de acordo do seu autor. Os originaes devem tambem ser assinados por um pseudonimo, indo o nome do autor num envelope cerrado conforme o estabelecido para as peças teatraes.

Novos, ao trabalho!

PELO TELEGRAFO

As eleições francezas

Os resultados vão-se tornando definitivos

PARIS, 17.

No departamento de Sarthe a lista mais votada é a da união republicana, seguindo-se-lhe a lista da união do partido republicano; depois, veem os partidarios do sr. Caillaux e em seguida, mas a grande distancia, a lista socialista. No Loire Inferior, ás 21,30, o sr. Briand é quem conserva maior votação e tudo parece indicar que não ha probabilidades de ver eleito nenhum dos candidatos da lista socialista. No Var, tambem ás 21,30, a lista de concentração Abel, distancia-se da lista socialista Renaudel. A primeira circumscrição das Bouches du Rhone, em proporção mais forte, parece a favor dos socialistas unificados. Na segunda circumscrição do mesmo departamento a lista de concentração André Lefebre parece dever triunfar toda e a derrota do socialista Sixto Quenin, deputado que termina o seu mandato, parece definitiva. No Loire Inferior, da lista da união nacional é o mais votado o marquez de Dion. No departamento de Creuse parece segura a eleição do sr. Viviani.—(Havas).

A politica de Clemenceau

PARIS, 18.

As eleições de domingo constituiram um triunfo para o sr. Clemenceau, cuja politica foi aprovada pela imensa maioria do paiz.—(Havas).

O problema russo

O general Yudenitch pediu a demissão

LONDRES, 17.

O «Daily Mail» recebeu um telegrama de Helsingfors em que se diz que o general Yudenitch, comandante dos exercitos russos do noroeste pediu a demissão das suas funções e que o substitue o general Laidoner, comandante em chefe do exercito estoniano. Esta resolução foi tomada a fim de evitar o internamento das tropas leaes russas; todavia, no caso em que estas passassem, o governo estoniano tem a intenção de as internar.—(Havas).

De Espanha

Homenagem a Joffre e Petain

MADRID, 19.

A «Gaceta» publica um decreto nomeando cavaleiros do colar da Ordem de Carlos III o marechal Joffre e o marechal Pétain.—(Havas).

Na America do Sul

Manobras militares

RIO DE JANEIRO, 20.

O ministro da guerra seguiu para Taubaté a fim de assistir ás manobras militares que ali se vão realizar.—(Americana).

Cotações cambiaes e do café

RIO DE JANEIRO, 20.

Cambio sobre Londres, 16 13/32 e 16 1/2. Colação do café para o tipo 7 corrido, 16$300. O valor do escudo ficou em 18$602 réis. A peseta cotou-se a 13$732 réis.—(Americana).

Anarquistas que são expulsos

RIO DE JANEIRO, 20.

No domingo passado embarcaram para a Europa 20 anarquistas espanhoes e portuguezes, expulsos do territorio brazileiro.—(Americana).

Banquete a uma norte-americana

RIO DE JANEIRO, 20.

A colonia norte-americana deu um banquete de despedida á sua patricia Verdier, que segue brevemente para a Europa.—(Americana).

De todo o mundo

BERNE, 19.

O conselho nacional aprovou por 128 votos contra 43 o projecto da sociedade das nações em ultima leitura e aprovou a entrada da Suissa na Sociedade das Nações. A decisão deve ser submetida a «referendum».—(Havas).

PARIS, 18.

Está nevando fortemente em toda a França, o que torna dificeis as comunicações em muitos pontos.—(Havas).

PARIS, 18.

Os ultimos resultados eleitoraes conhecidos não modificam a fisionomia que já foi indicada da futura camara. As abstenções não foram numerosas.—(Havas).

KRAISNAJA, 18.

A «Gazeta» anuncia a morte de madame Tolstoi.—(Havas).

ROMA, 19.

Segundo «La Epoca», a nova camara terá 138 socialistas, 81 catolicos e 289 deputados dos partidos medios.—(Havas).

SORIA, 17.

Dizem de Villare de Belamire que um aeroplano, vindo do norte, caiu nas proximidades daquela aldeia. O capitão espanhol, o piloto francez e mais tres mecanicos tambem francezes morreram.—(Havas).

WASHINGTON, 19.

O Senado regeitou a moção Lodge sobre a ratificação do tratado de paz, que compreendia os 15 reservas aprovadas por uma maioria de senadores então presentes.—(Havas).

AS TRAGEDIAS DO MAR

O naufragio da barca "Corina"

Cinco dias ao sabor das ondas numa baleeira — Nove tripulantes cujo destino se ignora

A agencia Havas distribuiu hoje aos jornaes o seguinte telegrama:

S. JULIÃO, 20, ás 7,25.—O vapor «Pilatos» comunica ter a bordo 6 naufragos da barca portugueza «Corina», que o abordaram numa baleira ás 20 horas. Vae desembarcal-os.

De facto os referidos naufragos desembarcaram, pelas 10 horas, em Cascaes, vindo para terra numa baleira rebocada pelo barco dos pilotos, tomando depois o comboio que os conduziu a Lisboa.

São 6 desgraçados sobreviventes de uma tragedia que se desenrolou ha dias no mar alto a bordo da barca «Corina», de 1.500 toneladas, pertencente á firma Pompeu, Reis, Shirley & C.ª, Ld.ª, armadores da praça de Lisboa e com escritorio na rua Nova do Carvalho, 43, 1.°.

Ali fomos hoje encontrar os infelizes, seis valentes lobos de mar, exaustos, quasi sem forças e meio desfalecidos.

E' um deles, Manuel dos Santos Marcela, de 18 anos, de Ilhavo, rapaz de olhar vivo, que nos traça em rapidas palavras a triste historia de todos os seus companheiros.

—A «Corina», com carga de carvão, com 15 homens de tripulação incluindo o comandante, José dos Santos Marnoto Praia, havia saido de Cardiff em 9 do corrente com destino ao Porto.

«Pelas alturas do Cabo Finisterra, segundo disse o piloto, um violento temporal fez com que a embarcação se enchesse de agua. Devido ao grande mar, nós não pudemos tocar as bombas.

«O capitão, vendo que não havia salvação possivel, ordenou que fossem cortados os mastros, evitando assim que o barco se voltasse. Embarcámos então todos, nas duas baleeiras de bordo, e ficámos dentro do navio, desde as 16 horas até ás 2 da manhã do dia seguinte. A essa hora uma grande volta de mar afundou o barco, que lá se foi com toda a carga. Ficámos todos nas duas baleeiras, uma com 6 homens e a outra com 9, entre os quaes figurava o capitão. A primeira deu reboque á segunda, mas como esta não se endireitasse ao mar e se atravessava, houve que largar o reboque. Durante algum tempo ainda as duas embarcações se avistaram, mas passados uns 10 minutos nunca mais voltámos a ver a baleeira em que seguia o capitão e mais 8 dos nossos companheiros.

—E quem ia mais com o comandante?

—O cozinheiro Manuel dos Santos Avelar; o caldeirinho José Snialo; o contramestre Sebastião Socado; os moços Manuel São Marcos e João Domingos Magano, o moço da camara José Sacramento e os marinheiros José Antonio Pereira e Valentim Ramos.

«Na nossa baleira vinham: o piloto Ambrosio Ferreira Godinho e os praticantes Manuel dos Santos Macedo, Venancio da Silva Montoito, Antonio dos Santos Rosario, João Domingos Magano e Carlos Pedro de Almeida.

«Na nossa baleira,—prosegue o nosso entrevistado,—andámos durante cinco dias no mar alto, a remos, e por ultimo exaustos e quasi sem forças á mercê das ondas, quando no dia 18 avistámos um vapor. Cobrámos então animo, remámos para ele com a pouca força que nos restava, gritámos quando proximos, o vapor parou e subimos então para bordo, onde nos deram de comer.

—Em que altura se encontravam?

—O piloto de bordo disse-nos que a 52 milhas no mar de Caminha...

«Esse vapor veiu depois trazer-nos á barra de Lisboa, onde chegámos hontem.

«No barco dos pilotos não quizeram receber-nos por não terem ordem para «trazer» naufragos, mas parece que por fim se arrependeram, porque voltaram atraz e trouxeram a reboque a nossa baleira.

—E do comandante, não mais tiveram noticias?

—Não, senhor. Perdemos de vista todos os camaradas que seguiam na outra baleira, bem como uma cadelinha de bordo que os acompanhava.

«Perdemos tudo, roupas e as nossas coisas, excepto dinheiro, que o não tinhamos. A bordo havia tambem galinhas, coelhos, carneiros, gatos e varia creação que tambem por lá ficou...

E já ao terminar a nossa palestra o bravo marinheiro diz-nos:

—Foi um mau bocado que passámos, tivemos bastantes aflições, tanto mais que só navegavamos de dia, pois de noite não tinhamos luzes, não se podendo ver portanto a agulha.

A «Corina» que pertencera á praça americana, havia saido de Lisboa por ocasião da gréve ferroviaria, com destino ao Porto, seguindo depois com um importante carregamento de tóros de pinho para Cardiff, onde então recebeu as 1.500 toneladas de carvão, destinadas á firma Laidley, da Figueira da Foz.

O «Corina» está seguro em varias companhias entre as quaes Adamastor em 120.000 escudos e Comercio e Industria em 50.000.

Os 6 naufragos chegados hoje a Lisboa, apresentaram-se no escritorio da firma Pompeu, Reis, Shirley & C.ª, Ld.ª, onde lhes foi dado vinho do Porto, indo depois á capitania e dali ao hospital de S. José a receberem fricções nos pés e pernas, bastante inchados pela agua do mar, embora todos eles se apresentem com grossas e grandes bolas de couro até ao joelho.

Os naufragos tencionam em breves dias seguir para a sua terra, Ilhavo.

Alguns pormenores ineditos acerca da reunião no ministerio das finanças

Os jornaes da manhã dão noticia da reunião celebrada hontem no ministerio das finanças. Pouco mais ha a acrescentar e esse pouco resume-se no seguinte:

Quem primeiro usou da palavra foi o titular da pasta das finanças. Não expoz plano algum financeiro nem se referiu ás anunciadas providencias que deve apresentar ao parlamento; limitou-se a pedir a opinião dos assistentes ácerca das medidas mais proprias para se conseguir uma imediata melhoria cambial.

O sr. Henrique Mendonça, do Banco Nacional Ultramarino, usou da palavra advogando a necessidade de se intensificar a economia nacional, preconisando a imediata execução de certas providencias como, por exemplo, o aproveitamento das quedas de agua, o aperfeiçoamento dos meios de transporte, o desenvolvimento do turismo, etc. Um programa governativo que se apoiasse num programa concebido para realisação rapida de taes progressos, contribuiria fatalmente para o desenvolvimento da riqueza nacional e, por conseguinte, para a maior valorisação da moeda nacional e correspondente atenuação da crise nacional.

O sr. Emile Bord, gerente do Banco Colonial Portuguez, que disse ser a crise cambial um sintoma de doença e não a propria doença, o diagnostico desta não era dificil de fazer, porque se tratava duma anemia, que era forçoso combater por meios destinados a fortificar o organismo financeiro da Nação. A balança comercial é desfavoravel ao paiz embora vantajosamente modificada pela balança economica; mas a principal causa da anemia reside no excesso de circulação fiduciaria e o sr. Emile Bord não encontra outra maneira de remediar o mal senão pelo lançamento dum emprestimo interno, a uma taxa que não afecte os outros titulos do Estado, mas que, para maior atracção do publico subscritor, estabeleça um largo plano de premios, á semelhança do que já se tem feito em outros paizes. O orador referiu-se ainda á especulação, entendendo que ela não é inteiramente condenavel porque, se as medidas governamentaes forem capazes de melhorar o cambio, a propria especulação o ajuda, porque ninguem joga senão onde é mais provavel ganhar.

O sr. ministro das finanças perguntou ainda se a assembleia julgava util fundar-se um organismo regulador dos cambios, mas a ideia foi unanimemente regeitada pela assembleia, fazendo o sr. Mateus dos Santos, do Banco de Portugal, uma larga dissertação ácerca do fracasso de taes organismos experimentados em outros paizes, principalmente na America do Sul.

Falou ainda o sr. Inocencio Camacho que se referiu á moagem e á vantagem de declarar livre o comercio com quem aquela industria se relaciona.

A sessão foi encerrada com algumas palavras de agradecimento do sr. ministro das finanças.

Que nós saibamos não se tomaram resoluções.

Producção de lã no continente

No ano de 1918-1919 o total foi de perto de 3 milhões de kilos

Foi a seguinte a producção da lã no ano-colheita de 1918-1919, por districtos:

Aveiro, 1.762 kilos; Beja, 424.665; Braga, 6.642; Bragança, 431.665; Castelo Branco, 273.227; Coimbra, 39.719; Evora, 494.992; Faro, 7.472; Guarda, 325.722; Leiria, 8.407; Lisboa, 124.236; Portalegre, 433.012; Porto, 4.083; Santarem, 75.039; Viana do Castelo, 3.381; Vila Real, 53.900, e Vizeu, 124.638.

O total, como se vê, foi de 2.832:568 kilos, havendo concelhos que não enviaram manifestos á respectiva direcção do ministerio da agricultura.

Numa fabrica de conservas

Operarios intoxicados

Na fabrica de conservas de peixe da Empreza Tagide, em Alcantara-Mar, deu-se hoje a rotura do extractor do motor de gaz, o que deu causa a que se extravazasse e, penetrando numa das oficinas, fizesse com que os que ali trabalhavam começassem a sentir sintomas de envenenamento.

Dado o alarme, prontamente compareceram os automoveis da Cruz Vermelha que conduziram ao hospital de S. José, onde foram devidamente socorridos:

Maria da Trindade, de 20 anos, rua José Fernandes, 4; Maria da Costa, 14, rua das Cavalarias do Infante, 13, 1.°, E.; Maria Augusta, 21, rua do Jasmim, 22 loja; Alexandrina

AS LEIS DO INQUILINATO

O que o governo pensa a esse respeito

Um criterio digno de aplauso
Façam-se as alterações que forem justas e equitativas

Foi a «Capital» de ante-hontem que nos foi apresentada logo que hoje chegámos ao escritorio de quem tem vindo mantendo connosco estas palestras quasi diarias, ao mesmo tempo que nos era perguntado:

—Leu a «Poeira da Arcada»?

—Não, não li, confesso. Porquê?

—Porque a primeira noticia dessa secção dá margem a largas reflexões. Portanto, leia primeiro e depois falaremos.

Lêmos. Trata-se, como aliaz veiu nos jornaes de hontem, duma nota oficiosa ácerca do aumento de rendas de casas. Nela se diz:

«Não tem fundamento a noticia dada por alguns jornaes de que iam ser autorisados os senhorios a aumentar as rendas actuaes em 40 por cento, porquanto nada está ainda assente sobre alterações a introduzir na actual lei.

O sr. ministro da justiça já ha dias convidou varias associações a nomearem delegados para constituirem com outras entidades uma comissão encarregada de estudar o assunto e propôr as alterações que entender justas».

—Depois?—perguntámos. — Onde quer chegar?

—Simplesmente ao seguinte: não sou eu, não são os senhorios, não é mesmo a Associação dos Proprietarios que veem fazendo uma campanha tendenciosa. Não, não são. Tendenciosa é a noticia dada pelos jornaes a que se refere essa nota oficiosa. Não me importa, nem curo de saber que jornaes foram esses. Mas o fim ao dar uma noticia dessa especie percebe-se bem qual foi, não é verdade?

—Que fim tinham então em vista?

—Nada mais, nada menos que alarmar o publico e incital-o contra os senhorios, sem se fazer a menor distinção, sem se ter em conta que muitos ha a quem impossivel é, absolutamente impossivel, satisfazer os encargos que sobre eles pezam se se partir do principio, que muita gente, muito boa gente, quer que seja um axioma, de que tudo póde subir de preço, menos a renda da casa. Essa ha de por força ficar estacionaria. Sobe o preço do calçado, sobe o preço do vestuario, sobe o preço dos generos de primeira necessidade, numa palavra sobe tudo. Que importa? Só o senhorio, embora não seja rico — porque ha muitos, muitissimos mesmo que o não são —é que não póde auferir um pouco mais de rendimento da propriedade que lhe pertence, para fazer face á carestia geral. Estranha doutrina, na verdade!

—Entende então que?...

—Entendo que o que o governo diz na nota oficiosa é que está bem. Trate-se de estudar a questão e resolva-se com justiça e equidade. Esse é o verdadeiro caminho a seguir. O verdadeiro e o melhor. Tudo quanto se faça em contrario disso é enveredar por atalhos invios e que nunca podem dar bons resultados, tanto para uns, como para outros, incluindo o proprio Estado.

«Nestas nossas palestras, que por alguns tão mal compreendidas teem sido, quando não são comentadas com má fé, eu tenho dito mais duma vez o repito-o hoje com toda a sinceridade: não defendo, não poderia defender e nunca defenderei o senhorio especulador, aquele que lança mão de processos menos honestos. Mas entendo que a lei não deve ser para proteger só uns em detrimento de outros. Serem uns filhos e outros enteados, não póde ser, nem faz sentido.

E apoz uma pequena pausa:

—Já fiz ver, me parece, que as leis do inquilinato teem defeitos que a pratica tem exuberantemente demonstrado. Uma remodelação se impõe portanto. Faça-se essa remodelação. O governo está na intenção, ao que se depreende da sua nota oficiosa, de só por indicações da comissão que vae ser nomeada propôr ao parlamento as alterações que essa comissão entender justas. Muito bem, muito bem. Faça-se isso, mas sem demora, porque se ha classe que tenha sofrido de ha anos a esta parte e que nada lucrou com a guerra, antes perdeu, é a dos senhorios.

«Não exagero ao falar assim. O preço da mão de obra, os materiaes de construção, tudo quanto é necessario para uma reparação, para uma simples limpeza de um predio, subiu de preço. O rendimento da propriedade urbana não acompanhou a alta. Creio que é facil tirar as conclusões. Senhorios ha que ou teem de deixar a propriedade arruinar-se lentamente, ou teem de empenhar-se para fazer as devidas reparações. Desse dilema não ha que fugir.

—Pretende que...

Não tivemos tempo de concluir a frase.

—Pretendo que a todos se faça justiça, mas justiça recta. Leis equitativas, que regulem as relações entre senhorios e inquilinos; leis que protejam tanto uns como outros. Dêem-se garantias no inquilino sério e honesto, mas dêem-se egualmente garantias ao senhorio honrado e de boa fé. A comissão que vae estudar o assunto que se pronuncie num sentido que, sem postergar os direitos de uns, sejam atendidos os de outros, tal é o sincero desejo que formulamos. E quanto a boatos falsos e destinados a lançar o alarme no espirito publico merecem eles toda a nossa reprovação.

«Al fem por hoje o que lhe posso dizer.

A. C.

da Silva, 14, pateo do Fiuza, 22, loja; Albertina dos Santos, 17, calçada do Sacramento, 2, pateo; Maria Inez, 40 anos, casada, beco de S. Lazaro, 1; Gracinda da Conceição, 27, casada, Estrangeira de Cima, 37; Maria de Jesus, 31, rua do Alvito, 54; Emilia da Conceição, 15, rua do Alvito; Virginia de Jesus, 23, casada, Estrangeira de Cima, 30; Augusta da Conceição Silvo, 17, rua de S. Jeronimo, 54-A; Hortencio Dias, 16, rua da Cascalheira, 39, r/c; Maria Delfina, 16, calçada de Santo Amaro, pateo; Maria Clara, 19, pateo dos Gamas, rua D. Vasco, 7; Emilia Rodrigues, 32, Estrangeira de Cima, 36-B; Isabel da Silva, 26, rua da Cascalheira, 121, loja; Ana da Conceição, 25, pateo dos Gamas, 8; Florinda Marques, 18, pateo dos Gamas, 12, e José Bernardo, 16 anos, rua Maria Pia, 1.

No posto de socorros da Junqueira foi pensado dum ferimento numa perna, por ter caído, Inacio da Silva, de 42 anos, viuvo, da Cova da Onça.

Depois de socorridos, como dissemos, recolheram a suas casas.

A receita de hoje no São Luiz

Lisboa vae hoje mais uma vez testemunhar ao ilustre compositor sr. Eduardo Schwalbach quanto o admira e quanto aprecia a sua graça genuinamente portugueza. A receita de hoje no São Luiz é consagrada ao festejado autor do «Pé de Meia», que no palco do São Luiz tem sido diariamente aplaudida, pela sua critica cheia de alusões, de epigramas, de satiras e de evocações.

O «Pé de meia» na sua segunda fase, em que os ultimos acontecimentos relativos ás modificações efectuadas no Rocio são mordazmente comentadas, está proporcionando ao publico alfacinha uma distracção admiravel e mesmo encantadora.

Instrução militar preparatoria

SOCIEDADE N.º 5 — Todos os alistados devem comparecer no domingo no quartel de sapadores mineiros, ás 9 horas, para receber instrução. As faltas serão rigorosamente punidas, quando não forem devidamente comprovadas. Na secretaria está aberta a inscrição gratuita para o novo grupo sportivo.

Theatros e Cinemas

Nota do dia

A peça policial constitue a legitima herdeira da peça dramatica do repertorio do Principe Real antigo. As grandes emoções publicas, as sensações fortes das platéias populares que outrora eram conseguidas pelo dramalhão, com o seu respeitavel cinico e a pobre vitima, a honra das familias, a vingança, a justiça, etc., são agora conseguidas por meio de truc habilidoso do gatuno ou esperteza proverbial da policia. Depois da literatura ter dado o mesmo salto, depois de primeiros escritores terem consagrado os seus ocios á criação de verdadeiras obras literarias e artisticas, envolvendo tudo num enredo de trama policial, o genero foi consagrado pelas platéias, pelo publico que «frissona» ante os lances mais imprevistos.

As peças policiaes constituem uma tentação das emprezas. Em geral prometem boas casas, como as edições dos Texas e dos Raffles, dos Sherloks e dos Lupins se esgotam facilmente. A essa tentação não resistem as nossas emprezas, e nós não vamos contra desde que a peça em questão seja intermeada com um repertorio bom.

Contudo, alguem bem informado, pedindo silencio, segreda-nos que ainda esta época teremos, além da Cadeira n.º 13, uma outra peça policial. Nos repertorios anunciados para a assinatura não figura qualquer outra, de forma que viria a substituir peça já prometida. Mas, esse alguem, naturalmente, no intuito de intrigar, diz-nos que a Bonoza Misteriosa, peça espanhola, iria substituir o Mercador de Veneza, de Shakespeare, peça que se destinava a Ferreira da Silva ter uma criação assombrosa, para rivalisar com Zacconi, Irwing e outras glorias estrangeiras. A troca era tão descabida, tão extravagante para quem a fizesse que não quizemos crêr. Nem cremos.

E daí, quem sabe? A. F.

"A arvore da morte"

E' este o titulo da nova jornada da esplendida pelicula «As garras do leão», que hontem teve a sua sensacional estreia no Salão Central.

Nos seus quatro actos, dum imprevisto deveras interessante, ha scenas que muito emocionam o publico no desenrolar das suas comoventes situações, outras que o conservam na mais franca hilaridade com as suas passagens duma comico irresistivel.

Serão tambem exibidas as duas anteriores jornadas «A areia movediça» e «O pateo dos leões», em que o desempenho de Marie Walcamp é igualmente colossal, terminando o espectaculo com o lindissimo «film» «O caminho mais longo», que vae saír do «écran» para dar a vez a outras obras de reconhecido valor.

Como aviso ao publico, diremos que esta maravilhosa pelicula é interpretada pela deliciosa actriz Diomira Jacobini, por sua irmã Maria, a gentilissima comediante, e pelo notavel actor Julio Carminatti, o que é um bom conselho ás pessoas que ainda não gosaram o primoroso trabalho dos tres ilustres artistas.

A'manhã, sexta-feira, uma magnifica «matinée» com duas estreias de grande exito:—«O atentado mineiro», drama em 1 prologo e 2 partes e «No mar dos Golfos», fita comica em 2 partes.

Noticias da Capital

A mala roubada

O agente Felisberto d'Oliveira que tem a seu cargo deslindar o caso da mala do correios, roubada ha dias, está aguardando a chegada a Lisboa de varios pessoas a fim de prosseguir nas suas investigações.

A roubalheira diaria

Queixou-se Antonio de Matos, morador no largo da Luz, de que os gatunos entraram em sua casa por meio de arrombamento e furtaram objectos no valor de 50 escudos.

Joaquim Marques, morador na rua Sabino de Sousa, 26, 1.º, foi preso a pedido de Francisco Simões, residente na estrada de Sacavem, 183, que o acusa de lhe ter furtado uns arreios e uma carroça, tudo no valor de 500 escudos.

Os gatunos entraram por meio de chave falsa na residencia de Leonor Martins, na rua do S. Bento, 241, e furtaram varios objectos, roupas e dinheiro, tudo no valor de 500 escudos.

O sr. conde dos Olivaes, morador na rua do Sacramento, á Lapa, queixou-se de que os gatunos lhe furtaram um relogio de ouro com brilhantes de grande valor.

CAMBIOS

Henrique de Sousa & C.ª
Rua Aurea, 56—60
Lisboa, 20 de novembro de 1919.

	Compra	Venda
Londres, cheque	24 7/16	24 5/16
» 90 dias	25 11/16	—
Paris, cheque	248	257
Madrid, cheque	484	487
Berlim, cheque	55	65
» notas	—	—
Amsterdam, cheque	800	900
New-York, cheque	2360	2370
» »	2340	2370
» »	2400	—
Libras	12$10	12$30
Agio do ouro	160	170
Rio sobre Londres	16 1/4	—
Suissa	433	438
Italia	202	205
Belgica	270	273

ULTIMAS NOTICIAS

Na Amadora

A morte do aviador francez Bourgeois

Um terrivel desastre em aeroplano se deu hoje de tarde na Amadora. Cerca das 16 horas, o celebre aviador francez Bourgeois, ha dias chegado a Lisboa, tendo subido num aparelho «Spad» e achando-se á altura de cem metros, vôou cair no solo, em virtude de uma «panne» no motor, tendo morte quasi instantanea.

No campo de aviação Republica, encontravam-se na ocasião, entre outros oficiais, os tenentes srs. Cabrita, Pereira Gomes e Lelo Portela e alguns sargentos. O aviador Bourgeois pediu autorisação para voar nesse aparelho, denominado «Yolo 1.º», de 180 cavalos, motor Spano-suisso, propriedade do tenente sr. Pereira Gomes, o qual hontem fez varias evoluções no campo.

Quando o «Yolo 1.º» chegava, como dissemos, á altura de 100 metros, o aviador fez uma viragem, o aparelho «glissou» e todo o motor caiu sobre o nariz do desditoso Bourgeois. Tendo «renetido» o motor veiu o aparelho cair então no campo, transformado num montão de destroços. O infeliz aviador, reduzido a uma massa informe, com as pernas, bacia, braços fracturados e o rosto num estado horroroso, foi socorrido pelos oficiaes, sargentos e praças presentes, que o meteram no automovel n.º 1 do E. A. M., sendo imediatamente conduzido ao hospital de S. José.

Os ferimentos eram, porém, de tal gravidade que o infeliz não resistiu, vindo a falecer passados 10 minutos ou seja quando o automovel que o conduzia chegava á Porcalhota.

O lamentavel desastre deu-se a uns 100 metros dos «hangars» e como é natural produziu a maior consternação entre todos os oficiaes e praças do campo de aviação Republica, tanto mais que Bourgeois, na sua curta estada em Lisboa, conseguira alcançar enormes simpatias.

Lamentavel é que no campo Republica não existam ambulancias pois assim se torna impossivel prestar socorros rapidos aos que são vitimas de quaesquer desastres.

Bourgeois veiu para o hospital acompanhado pelos tenentes srs. Portela, Cabrita e Gomes Pereira, pelo sargento ajudante sr. Leitão, 1.º sargentos srs. Vasques e Pauzinha, e, uma vez verificado o obito, recolheu á casa mortuaria, ficando no quarto 3, á direita, coberto com um lençol.

Tivemos ocasião de vel-o: causava horror: as feições completamente pisadas, todo o rosto ensanguentado, vendo-se no frontal um fundo golpe que se escancarava com uma grande, boca que deixava entrever a caixa craneana. O pobre morto, que envergava um fato de mescla castanha, tinha as mãos e as pernas atadas, tendo-lhe mãos piedosas colocado um lenço sob o queixo.

No campo Republica, encontrava-se tambem o aviador francez Frondal, que ficou bastante impressionado com o desastre ocorrido ao seu companheiro, a quem procurou socorrer.

Bourgeois contava 25 anos e estava para casar daqui a uns tres mezes. Era filho de uma familia distinta, que esteve sem ver durante 5 anos, por a familia ocupar a zona tomada pelos alemães.

No pulso esquerdo, tinha Bourgeois uma placa de ouro, com as seguintes palavras gravadas: «Folle aventure», objecto que tendo-lhe sido oferecido pela noiva lhe foi depois retirado na casa mortuaria, a fim de ser enviado para França. A familia e muito principalmente a noiva pediu-lhe por bastas vezes para abandonar a aviação, pedido que ele nunca atendeu.

Ultimamente ou seja em 17 do corrente, chegou a Lisboa, depois de ter ido tomar parte no concurso de aeronautica de Barcelona, onde ganhou a 2.ª «poule».

A oficialidade do campo de aviação Republica foi depois tratar de comprar um fato preto para o infeliz aviador e organizar o seu funeral, que deve revestir grande imponencia.

Bourgeois estava hospedado no Avenida Palace.

PARLAMENTO

Nos Deputados

O sr. Maldonado de Freitas, com o intuito de varrer a sua testada a proposito da falta de numero na sessão de hontem, refere-se ás especulações da imprensa e muitas coisas mais. Fala da sua assiduidade ás sessões e do seu grande amôr aos seus eleitores.

O sr. Antonio Mantas protesta com energia contra a falta de numero á sessão de hontem, dizendo que, apezar de chefe duma repartição publica, jámais faltou ás sessões.

Outros deputados falam sobre o mesmo assunto, o que motiva um energico áparte do sr. Antonio Maria da Silva, que salienta o facto de nenhum dos oradores se ter ainda referido á acta, sobre a qual haviam pedido a palavra.

Ouvem-se varios ápartes, entre eles este:

—E' um pretexto para arranjar numero!

O sr. presidente dá explicações.

Em seguida procede-se a segunda chamada, a que respondem 59 deputados.

Aprovada a acta, procede-se á inscrição.

E' rejeitada a urgencia para os seguintes assuntos: Periqosas transgressões da lei e regulamento das 8 horas no hospital de S. José. Decreto e outros, pedida pelo sr. Ladislau Batalha; questões de saude publica nos Açores, pedida pelo sr. Hermano de Medeiros.

O sr. Carvalho Mourão trata de assuntos de instrução, dando-lhe explicações o respectivo ministro.

O sr. Nuno Simões requer que entre imediatamente em discussão o parecer relativo ás emprezas que construirem hoteis e edificações congeneres.

O sr. Eduardo de Sousa atribue á nossa legação em Paris a responsabilidade de na nota publicada nos jornaes francezes sobre as perdas dos varios paizes na guerra, não figurar o nosso paiz.

O sr. Nuno Simões dá esclarecimentos e o sr. ministro da guerra responde.

O sr. Tavares Ferreira insta pelo urgente pagamento das diuturnidades aos professores de instrução primaria.

O sr. ministro da instrução promete providencias.

Aprovêita o ensejo para enviar para a mesa uma proposta de lei sobre a nomeação de um representante do parlamento para o Conselho Superior de Instrução Publica.

Falam os srs. Jorge Nunes e Antonio Mantas, ministro da instrução, Antonio da Fonseca e Raul Portela.

Na mesa é lida uma nota de interpelação do sr. Ramada Curto sobre a situação camiral, ao sr. ministro das finanças.

nica que grassam em Vila Real. Depois o orador requer documentos, pelo ministerio do trabalho, sobre minas existentes e registadas em Traz-os-Montes.

Tambem não estejam nem o sr. Bernardino Machado nem o sr. ministro dos negocios estrangeiros, altera-se a ordem do dia, entrando em discussão a proposta de lei aplicando a determinadas mercadorias que saiam do concelho de Lagos um imposto de 1 por cento «ad-valorum». Aprova-se sem discussão.

Põe-se depois á apreciação o projecto de lei colocando como aspirantes de finanças os escrivães das execuções fiscaes com certos direitos adquiridos. Fala sobre ele o sr. Paes de Almeida, defendendo a doutrina que ele visa em principio, mas apresentando duas propostas de emenda. Enquanto o orador faz as suas considerações, entra o sr. ministro dos negocios estrangeiros. Ha alguns deputados na sala.

Aprova-se o projecto e as emendas.

Segue-se a proposta de lei aumentando as dotações das juntas geraes dos distritos de Ponta Delgada e Angra do Heroismo, respectivamente em 100.000$00 e 25.000$00. O sr. Machado de Serpa faz algumas considerações, durante as quaes entra o sr. Bernardino Machado.

O orador envia para a mesa uma proposta de aditamento. O sr. Alvaro Cabral tambem fala sobre o artigo 2.º, assim como o sr. Vicente Ramos.

Segue-se a interpelação do sr. dr. Bernardino Machado, a que noutro logar nos referimos.

No Senado

Abre a sessão ás 14,35, sob a presidencia do sr. Correia Barreto. Presentes 38 senadores. Galerias concorridas, porque se espera a interpelação do sr. Bernardino Machado ao sr. ministro dos negocios estrangeiros.

O sr. Desiderio Beça pede á presidencia que solicite instantemente do sr. ministro do interior que dê providencias para combater as epidemias do tifo exantematico e pneumo-

Poeira da Arcada

Funcionarios que se queixam

Uma numerosa comissão de funcionarios do extinto ministerio dos abastecimentos nos quaes são atribuidas ajudas de custo ou diferenças de vencimento, queixou-se hoje ao sr. ministro das finanças contra um dos directores dos serviços de contabilidade que, com a demora do seu informe, está perturbando a resolução do assunto.

O sr. Rego Chaves prometeu providenciar com o director geral da contabilidade publica, a quem a comissão tambem procurou.

Assistencia á infancia

Segundo estamos informados, o primeiro estabelecimento a abrir para a realisação do grande obra de assistencia á infancia que se projeta levar a cabo, é o antigo colegio de S. Fiel, que abrirá como escola industrial de reforma.

A seguir outros estabelecimentos serão abertos.

Ministerio do interior

Reassumiu as funções de secretario geral do ministerio do interior, o sr. Ricardo Paes Gomes.

Melhoramentos na ilha do Pico

O senador sr. André de Freitas entregou na direcção geral das obras publicas uma representação da junta de freguezia de S. Mateus, da ilha do Pico, pedindo a reparação urgente do caes do porto do mesmo nome.

Pelo vapor «San Miguel», que amanhã parte para os Açores, vae ordem para o director de obras publicas da Horta mandar proceder ao orçamento dessa reparação.

Conferencias

Conferenciaram com o sr. ministro da guerra os srs. general Souza Rosa e coronel Pereira Bastos.

Realisou-se no Senado
a interpelação do sr. Bernardino Machado

O sr. Bernardino Machado falou hoje no Senado, realisando a anunciada interpelação ao sr. ministro dos estrangeiros. Rapidamente vamos reproduzir algumas das ideias expostas pelo orador, lamentando que a exiguidade do tempo não permita dar-lhes o desenvolvimento que o publico desejaria.

O sr. Bernardino Machado sauda os combatentes de França e Africa e, juntamente com eles, todos aqueles que colaboraram na obra da intervenção militar de Portugal na grande guerra.

Em seguida o sr. Bernardino Machado declara que não foi o governo legal que fez ditadura para levar a Nação á guerra, mas os autores da sedição de 5 de dezembro é que a fizeram para impedir a vitoria, visto que nada pudera impedir a intervenção.

Fômos para a guerra porque a Nação assim o quiz e fômos convidados e instados para lá comparecermos. Pois ha ainda quem disso duvide?

Tivemos e merecemos a vitoria. Assim como foi o povo que salvou a Republica foi o soldado portuguez que alcançou a vitoria e nos abriu as portas da Conferencia da Paz. A vitoria é nossa e afirma-se com factos.

Antes da guerra estavamos sob o dominio dos principios de espoliação da conferencia de Berlim; hoje, graças á vitoria, estamos sob a égide da Liga das Nações, onde não ha protectores nem protegidos, mas nações que conjuntamente defendem os principios eternos da Justiça e da Liberdade.

Refere-se á Espanha. A nossa visinha entrou para a Sociedade das Nações. Com a Espanha devemos manter as relações cordealissimas existentes e fortifical-as ainda mais.

A vitoria deu-nos credito. Não acredito que uma nação que sacrificara a propria vida em holocausto ao Direito deixe de encontrar solidariedade nas outras democracias, logo que apele para o seu concurso.

Temos ainda reivindicações a fazer. O nosso direito sobre Olivença é incontestavel e a Espanha, nação cavalheirosa, não nos recusará justiça quando, na Sociedade das Nações a que todos pertencemos, fôr feita a reclamação que temos direito.

A guerra fez-se para se poder reivindicar direitos. Temos direitos em Africa. O Zambeze é nosso e já não ha necessidade da sua internacionalisação. A Nação dispõe de forças moraes que é urgente aproveitar. Mas tambem as ha materiaes. E' preciso fazer uma politica profundamente democratica, uma politica para o povo.

Dizia o absolutismo: o Estado sou eu. Dizem os politicos que o Estado são eles. Não, isto não póde, não deve ser. A politica só deve servir para se perder, nunca para se ganhar. Fez-se ha pouco uma promoção por serviços politicos. Não póde ser! Isso não é fazer Republica, é fazer monarquia e da peor, monarquia absolutista.

Alude á politica financeira da Republica. O chefe do governo anunciou ha tempo o resgate dos caminhos de ferro. Está bem. Mas isto briga com o que já se fez, alienando do Estado á Agencia Financial do Rio de Janeiro e preparando-se para passar a mãos de particulares os navios ex-alemães. Ha então duas politicas?

Não haja medo do bolchevismo. Aproximêmo-nos do povo. Ele é bom. Ele ama a Republica. E com ele podemos contar, sempre que houver necessidade de engrandecer a Patria que todos nós ardentemente amamos!

Resposta do sr. ministro dos estrangeiros

O sr. Melo Barreto principia o seu discurso com uma saudação ao sr. Bernardino Machado. E, seguidamente, faz a analise detalhada da nossa intervenção na guerra, mostrando a acção decisiva que em tal politica exercida pelo sr. Bernardino Machado.

Fala da aliança ingleza, que considera indestrutivel, agora como noutros tempos consagrada gloriosamente nos campos de batalha. Mas a aliança anglo-lusa não impede que Portugal estreite as suas relações com outros paizes e é essa a politica que o governo tem seguido.

O Brazil, a Italia, a Espanha, a França e a Belgica são nossos amigos e com todos eles e outros paizes havemos de procurar tornar intimos os laços de amizade que já nos unem.

Alude á questão de Olivença. Ela não podia ser tratada na Conferencia da Paz e lê, a esse respeito, um documento. O direito de Portugal está, todavia, completamente esclarecido e nunca deixámos de o manter. As nossas relações com a Espanha são cordealissimas e o governo não considera impossivel que, em ocasião propria, se possa tratar realmente a questão á Espanha,—mas só a ela.

O sr. Melo Barreto continua no uso da palavra, parecendo que o seu discurso está longe do termo. O Senado está-o ouvindo com toda a atenção e as suas palavras provocam, por vezes, veementes apoiados.

Navios de guerra

S. JULIÃO, 20. — Entrou o «destroyer» portuguez «Tejo» — (Havas).

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

3382 — 10.° anno | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães | Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.°

LISBOA — Sexta-feira, 21 de Novembro de 1919

Telephone n.° 2298 — Endereço teleg. CAPITAL | Officina de impressão — 71, Rua da Bica, 71

Preço, 2 centavos

Bandidos

Já por varias vezes nos temos referido ao que podemos chamar os progressos do banditismo em Portugal, progressos que, não sendo combatidos eficazmente, como não são, por rigorosas medidas repressivas, dentro em pouco converterão o paiz inteiro n'uma enorme e perigosissima Falperra.

Havia d'antes, e ha sem duvida em todos os paizes, um banditismo, mais de caracter moderno, recorrendo mais á astucia do que á violencia, n'uma palavra «raffiné» como convem a uma civilisação mais adeantada do que a dos seculos passados. O salteador, de trabuco, copiado dos quadros de Salvator Rosa, ou recordado na tradição nacional de João Brandão ou de José do Telhado, já não ha mais do que uma reminiscencia literaria. Mas eis que, com os profundos abalos da situação excepcional que atravessamos, ele resurge, como se com ele resuscitasse a época em que largamente floresceu.

Com efeito, nem sequer faltam os titulos romanescos ás quadrilhas cuja existencia se desvenda pela evidenciação dos seus crimes. Já tinhamos os «Filhos da Noite», infestando o Tejo, como talvez nunca fossem infestadas as docas do Tamisa. Agora temos, no Barreiro, a interessante quadrilha conhecida pelo «Bando da Mascara Vermelha». Outro telegrama, de hoje, do «Seculo», participa que em Pampilhosa da Serra operava outro bando de mascara que, bem armado e servindo-se de lampadas electricas, graciosa concessão aos costumes e aos progressos do seculo XX, assaltavam transeuntes, casas particulares e estabelecimentos. Menos feliz do que os outros, esse bando foi descoberto, cercando a policia, auxiliada pela guarda republicana, a casa onde eles se reuniam, e que, para dar caracter á narrativa, o correspondente do «Seculo» chama apropriadamente o «Ninho dos abutres». Travou-se rija luta, e n'ela terminou a sua gloriosa carreira o chefe do bando, conhecido pelo «Janeiro». Uma bala legal deu-lhe morte instantanea.

Este desencadeamento do banditismo não é um dos aspectos menos symptomaticos do tremendo momento que está passando. Não só se relaxaram espantosamente os laços moraes, como os processos de violencia vão readquirindo toda a sua antiga supremacia. Rouba-se a todos os cantos, por meios mais ou menos insidiosos, mas como se isso não bastasse voltamos ao reinado dos salteadores. Formam-se quadrilhas pelos diversos pontos do paiz, quadrilhas bem armadas, com espingardas e munições. Quem sabe se dentro em pouco algum salteador mais atrevido não dará batalha á tropa, como sucedia nos Abruzzos? Voltaremos aos tempos do Remexido? Quem sabe se mesmo dentro de Lisboa se reproduzirão as façanhas de Diogo Alves?

Ha muito tempo que a imprensa clama contra esta recrudescencia impune do banditismo. O porto de Lisboa tem sido apontado como um covil de ladrões, e as consequencias d'essa lenda podem ser-nos mais prejudiciaes. Agora surgem as quadrilhas mascaradas. Para onde vamos, n'esta explosão infrene de todas as cobiças, despertando todas as perversidades? Lá fóra tambem ha ladrões e assassinos, mas não consideram os paizes em que vivem como seu feudo. As autoridades não os poupam, a justiça não raro os priva da propria vida, quanto mais da liberdade de praticarem os seus crimes! Em Portugal o que se está passando será muito interessante, como romance vivido, mas é uma vergonha e um perigo tremendo para a existencia social.

VIDA ARTISTICA

Exposição Visconde de Menezes

Voltou a fazer nova exposição das pinturas de seu falecido pae, que foi um artista completo, a sr.ª viscondessa de Menezes, juntando ás preciosidades a que já em tempos nos referimos, outros quadros de valor e uma colecção magnifica de desenhos, dos quaes os melhores estão adquiridos por bons amadores.

Um dos quadros expostos será vendido em favor da Casa dos Jornalistas.

A exposição foi muito visitada por pessoas conhecidas nos nossos meios artisticos e literarios, sendo na verdade dignos de admiração demorada os trabalhos do visconde de Menezes, pintor que foi devidamente apreciado pelos mais competentes criticos nacionaes e estrangeiros, taes como Raczynski, Murray's, Pinheiro Chagas, Castro Damaso, Maximilliano Lemos e outros.

A beatificação do Condestabre

Começaram hoje as cerimonias religiosas em Santa Justa

No majestoso templo de S. Domingos iniciaram-se hoje os actos liturgicos solemnisando a beatificação do condestavel D. Nuno Alvares Pereira, actos que se continuarão ámanhã e domingo, revestindo a maior pompa e luzimento.

Estivemos hontem naquela egreja, onde se estavam terminando as ornamentações, muito simples, visto constituirem os primores de pintura, escultura de pedra e madeira, que encerram os seus altares, retabulos e paredes, decoração de sobejo sumptuosa.

Dos varandins das tribunas que se abrem ao alto das paredes, na capela mór e sobrepujam os altares, pendem colgaduras de damascos e lhamas, franjadas e guarnecidas de ouro e salpicadas de lantejoulas e lustrins; as balaustradas do côro grande e dos dois que ornam a capela-mór tambem se acham alaviadas de veludos e damascos preciosos e por todos os altares se vêem flôres em magnificos jarrões, a que os lumes, em profusão, durante as cerimonias, darão grande realce.

O altar-mór fica resplandecente e ostentará á boca do camarim a imagem do Santo Condestabre, que veiu da capela da Ordem Terceira do Carmo, corporação fundada pelo proprio Nun'Alvares, para servir nas festas da sua beatificação.

Do lado do Evangelho, junto do altar, ergue-se o solio destinado ao sr. cardeal-patriaca.

A' sua direita, em plano inferior é o local do cabido patriarcal e sucesivamente os da irmandade do Santissimo de Santa Justa e a Ordem Terceira do Carmo; a comissão das festas e outras corporações religiosas.

Do lado oposto, o da Epistola, sentam-se, em primeiro logar, numa cadeira doirada, colocada sobre um estrado, coberto por uma tapeçaria, o Nuncio da Santa Sé, e á sua esquerda, os srs. arcebispos de Braga—primaz da egreja lusitana, o d'Evora, e os demais prelados do continente, com excepção do de Beja, que se acha em Roma.

A' frente, em plano inferior, sentam-se os parocos e outros representantes do clero da capital e das provincias; á esquerda destes os representantes da casa Cadaval e outras familias descendentes da Nun'Alvares, irmandades, representantes de tribunaes superiores, etc.

No cruzeiro ficam as irmãs da Ordem Terceira do Carmo e outras personalidades, estando a nave reservada a outros convites especiaes e sendo o grande espaço além do guarda-vento e as teias destinados ao publico sem convites.

As festas constarão de tres missas de pontifical celebradas, a de hoje, pelo sr. arcebispo d'Evora, a de ámanhã pelo de Braga e a de domingo pelo sr. cardeal-patriarca. Começarão ás 11 horas.

E' a missa «Justus ut palma», consagrada aos confessores não pontifices, que os prelados celebrarão, dizendo na devida altura as orações instituidas por ocasião da beatificação de Nun'Alvares. São cantadas, assim como as vesperas que hoje e amanhã serão feitas, ás 17 horas, por cantores da Sé Patriacal, acompanhados por instrumental, seguindo o «motu-proprio».

São precedidas de sermões, o de hoje, proferido pelo sr. bispo de Portalegre, o de ámanhã, pelo sr. bispo do Porto e o de domingo pelo sr. arcebispo d'Evora.

Este ultimo, será no fim da missa, precedido de exposição do Santissimo. Terminado o sermão, o sr. cardeal-patriarca entoará o «Te-Deum laudamus», que será contado tambem por cantores, acompanhados a grande instrumental. Em seguida será dada a benção com o Santissimo, encerrando-se assim as festas religiosas em honra do Condestabre.

Ao pontifical de hoje, assistiu na tribuna do lado da Episiola o sr. cardeal-patriarca de Lisboa e nos logares acima designados os prelados de Mitylene, Vizeu e Portalegre.

Acolitaram o metropolita eborense como diaconos os rev. parocos de Santa Engracia e do Lumiar; presbitero assistente o dos Martires; ministros do baculo, o de S. Sebastião da Pedreira; da mitra o da Conceição Nova; da candela, o do Socorro e do livro o de S. Cristovam.

A missa executada pelos cantores e orquestra e instrumentos de corda foi a do maestro Costa Pereira, que dirigiu esse conjunto musical.

A' hora em que encerramos o nosso noticiario está-se procedendo ás vesperas pontificaes da festividade de ámanhã, presidindo o sr. arcebispo primaz, sendo diaconos os srs. priores da Madalena e de S. José e vestindo pluviaes os pa[rocos] do Lumiar, Campo Grande, Bemfica, S. Paulo, Encarnação e Beato.

Antes desse acto religioso o sr. bispo de Portalegre, subiu á tribuna prégando com brilho e elegancia de frase e elevados conceitos ácerca da acção social e religiosa do Condestabre, estabelecendo comparações entre a sua epoca e a actual.

A'manhã acolitarão o sr. arcebispo primaz, como diaconos os rev. dr. Pereira dos Reis e Maia de Loureiro; presbitero assistente o rev. Tomaz Borba; ministros, do baculo, rev. Benigno Fernandes; da mitra, rev. Carlos Fragoso; da candela, rev. Nelo e do livro, rev. Antonio Paulino, todos irmãos terceiros do Carmo, vestindo por esse motivo os paramentos sobre os respectivos habitos.

A's 21 horas celebrar-se-hão na capela da Veneravel Ordem Terceira do Carmo uma sessão solene, fazendo o elogio historico de Nun'Alvares Pereira, o sr. dr. Marinho da Cunha.

VIDA SCIENTIFICA

A QUARTA DIMENSÃO

Ormaza, distinto investigador scientifico hespanhol, acaba de publicar um interessante artigo de vulgarisação scientifica que merece inteiras referencias.

Segundo ele, as averiguações feitas pelos astronomos, por ocasião do eclipse de maio passado, recentemente expostas antes as corporações scientificas de Londres, parecem aplanar o caminho para a solução d'um problema, que desde então, mais do que nunca, tem sido objecto de estudo.

Trata-se nada menos do que da rectificação da teoria de Newton sobre a lei da gravidade e do conceito do tempo considerado como a quarta dimensão.

Vamos dar curso ás informações mais precisas que conseguimos recolher sobre o assunto, expondo-as singelamente e ao alcance dos leitores profanos em tão complicados assuntos.

Julgou-se em principio que a luz era de natureza crepuscular, e que, portanto, estava submetida á lei da gravidade. Considerou-se logo, como raios do ether, fóra da dita lei. Ultimamente suspeitou-se de que a luz, se bem que não «materia», no usual sentido da palavra, estava sujeita á gravitação. E' o que agora ficou estabelecido.

Segundo mostram as fotografias obtidas durante o eclipse de maio, os raios luminosos de varias estrêlas desviam-se do sol por gravitação, e esta curvatura tem o dobro da extensão de uma bala de artilharia. Semelhante resultado rectifica a teoria de Newton, que assinalava sete oitavos de segundo para o desvio da luz das estrelas do nimbo do sol, e que resulta ser duas vezes maior, como já estabeleceu o astronomo alemão Einstein e agora se comprova. D'aqui se origina, senão a certeza absoluta, a grande probabilidade do descobrimento da quarta dimensão.

Para nos certificarmos d'isso devemos recordar alguns antecedentes. Em 1886, dois eminentes fisicos norte-americanos, Mitchelson e Morley, empreenderam uma engenhosa serie de experiencias, para determinar a diferença entre a velocidade da luz viajando «transversal» á corrente eterea e «com» a corrente eterea. Isto necessita de explicação. Sabemos que o sistema solar viaja em conjuncto atravez do eter. A que velocidade e em que direcção, ignoramol-o absolutamente. Mas sabemos que se move, como dissemos, atravez da corrente eterea, e que o sistema solar, em sua relação á corrente eterea, póde ser comparado a um barco navegando num rio. Os sabios americanos provaram que a luz, fendendo «transversalmente» a corrente eterea, tinha a mesma velocidade que viajando «com» corrente, que é como se o barco, com igual poder em ambos os casos, navegasse tão rapidamente «cruzando» a «favor» da corrente, coisa que parece absurda, mas que no que respeita á corrente eterea é um facto. O principio a que obedece este extraordinario fenomeno é desconhecido e provavelmente incognoscivel.

O professor Einstein baseou naquele facto uma nova teoria matematica, cujo conteudo, prescindindo da terminologia scientifica, só póde indicar-se em linguagem vulgar, para que seja compreendida pelos leigos. Esta teoria é a da «quarta dimensão», a saber: que a materia não só tem largura, comprimento e altura, como tambem «tempo». Falando, por exemplo, da Torre Eiffel, diriamos: «Tem tantos metros de altura, tantos de largura, tantos de comprimento e tantos de rapidez por segundo.» Isto é: a teoria da quarta dimensão supõe que o tamanho de uma coisa depende, em parte, «da medida do seu movimento».

Em astronomia pratica, os efeitos da teoria de Einstein não seriam de grande importancia. Pelo contrario deixar-se-hia sentir mais no campo da especulação filosofica. O espaço não se compreenderia como uma extensão indefinida em todas as direcções. Se estas chegassem a uma certa longitude «reentrariam» na sua base. As linhas rectas de Euclydes não poderiam existir, seriam todas curvas, e em certo ponto da sua viagem voltariam ao ponto de partida.

Dá-se por certo o movimento do perielio do Mercurio e tambem a curvatura dos raios luminosos, por efeito da gravitação; mas não se poude comprovar o mesmo fenomeno nos raios do espectro solar, o que seria concludente.

Ainda certos sabios humoristas e scepticos dizem que a curvatura póde residir na nossa propria vista, na nossa luz interior, e com isto recordam a anedota do vesgo que, aconselhado a que se fizesse operar, respondeu: «Operem-se os senhores, porque eu vejo os senhores direitos, ao passo que os senhores me vêem torcidos; de modo que vêem muito mal.»

Outra curiosa particularidade que se deprehende da teoria de Einstein, supondo-a exacta é que devemos aceitar a possibilidade de que uma regra, por exemplo, de que 30 centimetros seja o mesmo que uma de 15, e que a recta euclidiana não seja recta. Mas, ainda assim, isto não afectaria o calculo dentro do sistema solar. A linha recta que imaginariamente tiramos da terra ao sol poderá não ser inteiramente recta, e poderá ser, no conceito do universo, parte d'um vasto circulo. Na nossa vida pratica, a linha recta sel-o-hia bastante para que por ela tornemos o caminho mais curto.

E emquanto ao exemplo da regra, seria demasiado supôr temerario deduzir que tanto vale um pãosinho comprido como curto, devendo com certeza os padeiros ser partidarios da teoria de Einstein... e ainda mais da pratica.

Os astronomos concedem sempre uma margem ao erro nas suas observações e Deus sabe o que se multiplica n'estas coisas um erro por infinitamente pequeno que seja.

A falta de manteiga

E continua-se na mesma, prejudicando os estabelecimentos e o publico

Chegamos a convencer-nos de que nas estações oficiaes se não liga importancia alguma ás reclamações do publico e da imprensa, embora sejam elas o que de mais justo ha. Para exemplo, o caso das manteigas é tipico.

Ha manteiga em Lisboa? Ha, dizem os proprietarios dos estabelecimentos do genero. Ha, mas não a podem vender, porque a repartição do ministerio da agricultura por onde actualmente correm os serviços de abastecimento—o antigo ministerio das subsistencias—o não permite. Não é só da vinda ultimamente pelo «Funchal», é tambem ainda da que chegou pelo «S. Miguel» que ha um «stock». Mas se o ministerio entende que não deve ser vendida!

Porque, não se sabe. O que se sabe é que as manteigarias estão fechadas e só um ou dois dias por semana abrem, quando teem autorisação para fazer a venda. O terem de pagar ao seu pessoal, de satisfazer as contribuições, que não são nada leves, e, principalmente, ser o publico privado d'um genero que é, não diremos indispensavel, mas quasi, isso pouco importa a quem manda. Os comerciantes que abram falencia, se assim quizerem, ou que procurem agenciar a vida por outro meio, o publico que se arranje como puder. Que importancia tem isso para os que mandam nas subsistencias!

Teem, porém, as manteigarias obrigação de atender as requisições passadas pelo ministerio em favor dos que teem lampada acesa, iamos a dizer em Meca, mas diremos antes nas repartições. E ao preço de 2$100 o quilo, quer dizer com prejuizo, pois que essa mesma manteiga seria vendida ao publico á razão de 2$40. O mais curioso ainda é que a manteiga não aparece á venda, embora se pretenda fazer crêr que é para as mercearias que essas requisições são passadas.

Agora, uma nova medida, para não incomodar os senhores do ministerio. As guias serão remetidas pelo correio. Pois não era realmente uma pouca vergonha irem os prejudicados importunar, na propria repartição, os que superintendem no assunto?

Decididamente, se tudo isto não fôsse triste, seria ridiculo. O peor é que no fim de contas são prejudicados os comerciantes e o publico.

Um conselho nos atreveriamos a dar se tivessemos a esperança de ser ouvidos: ponha-se a venda livre, a exemplo do que se fez com a batata, com o feijão e o arroz, porque a verdade é que esses generos já aparecem com uma abundancia que até aqui não havia. Antes da prohibição da venda de manteiga, havia-a, cara ou barata; agora, ha, mas não podemos comer uma torrada, um bife ou uns ovos com manteiga.

O ministerio da agricultura não quer que se seja perdulario.

Colecção interessante de fotografias

O Boletim Farmacologico vae publicar uma colecção interessante de fotografias de creanças que se teem criado exclusivamente com a farinha Lacto-Bulgara. E' depositario exclusivo deste precioso alimento Raul Vieira, R. da Prata, 51.

Ler ámanhã:

Casos tristes... e casos urgentes

artigo do dr. José Pontes.

LISBOA ÁS ESCURAS

O Terreiro do Paço sem luz

E sem policia, apesar de nelo ficarem os ministerios

A carta que a seguir publicamos diz, melhor mesmo do que nós o poderiamos fazer, a vergonha que todos notam, mas que, afinal, parece não haver coragem para confessar em voz alta e verberar como o deve ser. E não é só o Terreiro do Paço que está ás escuras: ás escuras estão o antigo largo do Rato e o da Estrela. Mas lá iremos. Por hoje, contentemo-nos com o que diz a carta referida, que é o do seguinte teor:

Sr. director de «A Capital» — Permita-me que lhe escreva, mas tendo seguido a campanha por esse jornal feita, a fim de que se iluminasse a praça Luiz de Camões, não posso deixar de ponderar a v. o que vou passar a expôr.

Já, por acaso como eu, passou v. pelo Terreiro do Paço depois de anoitecer? E' triste que a primeira praça do paiz, uma das maiores da Europa e que sintetisa toda a grandiosa obra da reedificação de Lisboa, esteja «completamente» ás escuras. Tanto alarido se fez por ocasião do levantamento dos ss do Rocio, alegando que esse gesto implicava a destruição da obra pombalina (como se os ss fossem pombalinos), e ainda ninguem se lembrou que a estatua do rei D. José I está ás escuras, que o arco triunfal da Rua Augusta está ás escuras, que o desembarcadouro principal, escolhido para os momentos solenes, não tem nem luz nem as colunas que deram o nome ao caes E' claro que esta escuridão, aliada a um mau policiamento, afugenta quem quer que seja. Suponha agora v. que um estrangeiro, de passagem por Lisboa e só passe nela uma noite, pretenda ver a «Black-horse square»; qual é o espectaculo que se lhe apresenta? E' o de uma autentica «black-square», ficando ele, de certo, admirado de como se consegue no seculo XX ter a praça no mesmo estado de iluminação em que estava na epoca da sua construção, ou ainda peor. E, ainda mais, sr. director. Se esse estrangeiro quizer desembarcar ou embarcar no caes das Colunas sofre o risco dum entorse ou cair ao rio, tal é o estado do pavimento e da iluminação do referido caes. E se se afoitar e quizer admirar de perto, mesmo ás escuras, a estatua, é, com certeza, atropelado por algum dos varios curiosos que, perfeitamente á vontade, transformaram a praça em velodromo. Nem parece que os ministerios ficam no Terreiro do Paço!

Não acha, pois, v. umas linhas uteis as que neste sentido (o da iluminação da praça) «A Capital» inserisse? Parece-me que sim, e ao jornal que sempre tem pugnado pela justiça e valorisação das nossas prerogativas, talvez coubesse bem a missão de chamar as atenções de quem compete para este assunto, tal como fez para a praça Luiz de Camões.

Agradece a leitura e os momentos dispendidos. — «Um lisboeta e patriota».

No Senado

O sr. Vicente Ramos insta por documentos que requereu e volta a requerer. O sr. Gaspar de Lemos envia para a meza o parecer da comissão de finanças sobre transito de cereaes. Em seguida apresenta um projecto de lei restaurando e melhorando a Escola Industrial da Figueira da Foz, que ha tempos foi, por contingencias da guerra, transformada em Escola de Carpinteria Naval com o nome Bernardino Machado.

O sr. Sousa Varela protesta indignadamente contra os constantes roubos de mercadorias nas linhas ferreas, afirmando que esses crimes assumiram já um aspecto pavoroso. Acrescenta que os factos contra os quaes se insurge são diarios.

O sr. Dias de Andrade requer documentos pela Direcção de Saude do ministerio do trabalho. O sr. Torcato de Magalhães entrega um projecto referente a estradas de Alijó.

Com urgencia e dispensa do regimento vota-se e entra em discussão a proposta de lei arquivando todos os processos de imprensa promovidos pelo ministerio publico desde 5 de dezembro de 1917 até 31 de dezembro de 1918.

O sr. Jacinto Nunes acha que devam ser amnistiados todos os presos politicos, excepto os comandantes militares.

O sr. Julio Ribeiro defende com ardor a proposta, que é aprovada.

O vapor S. Miguel

Ainda se não sabe se sairá ámanhã ou depois para as ilhas o vapor «S. Miguel», da Empreza Insulana de Navegação. A demora tem sido motivada pelas exigencias que os criados de bordo fizeram sobre aumento de salario. O pedido feito pelo pessoal do «S. Miguel» foi atendido, mas os reclamantes instaram para que os seus camaradas de outros barcos da mesma empreza percebessem 45 escudos mensaes.

Com tal imposição não concorda a Empreza, estando ainda o assunto pendente de resolução.

PELO TELEGRAFO

Na America do Sul

Cotações cambiaes e do café

RIO DE JANEIRO, 20.

Cambio sobre Londres 16 9/16 e 16 5/8. O café cotou-se a 16.200. O escudo vendeu-se hoje a 1.498 réis. —(Americana).

Desenvolvimento da marinha mercante

RIO DE JANEIRO, 20.

Foi lançado ao mar o vapor «Itaguatia», apadrinhado pela esposa do dr. Epitacio Pessoa, presidente da Republica. Assistiram ao lançamento as autoridades maritimas e muito povo que aclamou com vivas o feliz lançamento do novo barco brazileiro.—(Americana).

Imigrantes alemães

RIO DE JANEIRO, 20.

O governo da União trata presentemente de acomodar mais cem familias de imigrantes alemães, distribuindo-as pelos diversos Estados do Brazil onde se ocuparão de trabalhos agricolas.—(Americana).

Visita do nuncio apostolico

BUENOS AIRES, 20.

Foram freiados a uma companhia de navegação 5 navios para carregar uma remessa de trigo com destino a portos espanhoes.—(Americana).

Trigo da Argentina para Espanha

RIO DE JANEIRO, 20.

Consta que o Nuncio Apostolico, monsenhor Ragonezzi, visitará brevemente os Estados de Mato Grosso e Ceará.—(Americana).

Diplomatas argentinos

BUENOS AIRES, 20.

O dr. Arragaray foi nomeado ministro plenipotenciario da Argentina em Roma.—(Americana).

O Estado e os seus pagamentos

Os jornaes da manhã de hoje publicaram:

> Por duas importantes firmas comerciaes da praça de Lisboa vão ser convidados todos os fornecedores e credores dos transportes maritimos, para uma reunião, que terá por fim tratar dos meios de obterem o pagamento dos seus debitos, que não recebem ha bastantes mezes, e que somam uma importancia consideravel. Essa reunião efectuar-se-ha, por estes dias, na Associação Comercial ou na de Lojistas de Lisboa.

Publicaram tambem ha dias os jornaes uma nota da «Companhia dos Telefones» reclamando os pagamentos de alguns contos de réis da Camara Municipal e de varios ministerios, contas essas em atrazo.

Tambem de vez em quando as secretarias do Terreiro do Paço mandam para os jornaes anuncios, alguns com notas de «urgencia» e grande «interesse», que depois de publicados só são pagos muito tempo depois...

Este estado de coisas não pode ser! O Estado não pode continuar a intervir na vida publica, alterando e dificultando todas as engrenagens estabelecidas e dando exemplos perniciosos ao comercio e á industria.

Quem toma a responsabilidade dos pedidos, encomendas, compras que o Estado faz, deve tomar tambem o compromisso da sua rapida liquidação, a fim de não proseguir a interferencia na vida comercial duma entidade cujos exemplos são desmoralisadores.

Politica

A questão do arrendamento da frota mercante do Estado

Podem perder as esperanças aqueles que acreditavam que a alienação temporaria da frota mercante do Estado poderia servir de base a uma negociata em que o paiz fosse mais uma vez prejudicado. Sabemos, pelo contrario, que entre os homens que dominam a actual situação politica prevalece a resolução irredutivel de que tudo se faça ás claras, sendo salvaguardados os interesses do Estado, quer financeiros quer economicos. A adjudicação dos navios será feita por meio de concurso publico, podendo comparecer a ele todos quantos ofereçam suficiente idoneidade. Mas quem é que tem idoneidade para negocio de tanto vulto? Eis o que é necessario definir com precisão, a fim de que não surja, repentinamente, uma avalanche de «brasseurs d'affaires», daqueles que já o Padre Antonio Vieira dizia que tinham unhas na palma da mão Não conhecemos o pensamento do Estado sobre a definição clara de idoneidade, no caso sujeito. Isso não impede, naturalmente, que digamos qual é o nosso.

Entendemos que não devem ser admitidos ao concurso os aventureiros da finança, os «topa-a-tudo» que pairam, como abutres, sobre todos os negocios do Estado, sempre á espera da ocasião de lhe cairem em cima e locupletarem-se á sua custa. E' forçoso fazer-se a selecção dos concorrentes, irradiando-se aqueles cujas condições financeiras não sejam universalmente conhecidas como excelentes.

O Estado tem que se defender tambem do assalto de maus portuguezes, que se prestem a servir de capa nacional a uma intervenção de estrangeiros. Desgraçadamente a fraqueza humana conduz ás maiores desvergonhas e não será dificil que um ou mais grupos estrangeiros, inclusivamente «boches», encontrem testas de ferro que de portuguezes só tenham o nome, para conseguirem a transferencia dos navios ex-alemães, que são propriedade do Estado e devem continuar a sel-o, para a posse de emprezas estrangeiras, dominadas por um capital e por um espirito que nos sejam fundamentalmente adversos. Se não forem adoptadas, neste particular, cautelas suficientes, os navios podem ser readquiridos pela Alemanha,—o que será, realmente, um cumulo.

Os poderes publicos devem atender ainda ás necessidades economicas da Nação e seus dominios e se não insistimos neste ponto é porque ele está, realmente, no animo de toda a gente.

Partido Republicano Liberal

Realisa-se ámanhã o 1.° congresso ordinario

Inaugura-se ámanhã o 1.° congresso ordinario do Partido Republicano Liberal, o qual se realisará no salão do Conservatorio Nacional de Musica.

Até ás 2 horas da madrugada de hoje estavam inscritos 1.700 congressistas, sendo natural que durante a noite de hoje e o dia de ámanhã mais inscrições se façam, podendo calcular-se o total geral de congressistas em 2.500.

Todos os trabalhos para a realisação do congresso teem sido feitos com metodo e ordem, lutando-se porém á ultima hora com a falta de alojamentos para os congressistas da provincia pois que nos hoteis de Lisboa não ha alojamentos. Da provincia calcula-se em 1.000 o numero de congressistas que veem a Lisboa, devendo a imprensa partidaria estar representada nos trabalhos por 20 jornaes, pouco mais, tanto de Lisboa como da provincia.

A 1.ª sessão, que está marcada para as 13 horas, será aberta pelo velho e honrado republicano sr. dr. Jacinto Nunes, que presidirá aos trabalhos. Outros nomes se indicam para presidir ás restantes sessões sendo para taes cargos escolhidas as figuras mais representativas dos antigos partidos unionista, evolucionista, centrista e grupo regionalista, e indicando-se já os nomes dos srs. generaes Abel Hipolito e Simas Machado; Celestino de Almeida, dr. Vasconcelos e Sá, dr. Afonso de Melo e outros marechaes dos referidos partidos.

A ordem do dia, da sessão de ámanhã será dedicada á discussão do programa do Partido Liberal, que nos dizem ser um documento muito bem elaborado contendo as bases fundamentaes da nova agremiação politica. Numa das sessões do congresso será tambem discutida a lei organica do partido.

Ambos estes documentos são emanados da comissão dirigente, constituida pelos srs. Barros Queiroz, Jorge Nunes, dr. Nunes de Oliveira, dr. Fernandes Costa, dr. Antonio Granjo, dr. Mesquita de Carvalho e Ribeiro de Carvalho, a que

INQUILINOS E SENHORIOS

Incongruencias da lei actual

Uns filhos, outros enteados — A exploração dos sublocadores

— Continuemos as considerações que fizemos sobre a disposição em que parece estar o governo de atender as reclamações justas e equitativas, e só essas, como aliaz em todas as ocasiões eu tenho preconisado.

«Que a lei precisa ser modificada, não lhe neste duvida a tal respeito. Vou citar-lhe uma disposição que é uma verdadeira incongruencia. Quer vêr?

—Sem duvida.

—Pois ouça. O paragrafo 2.º do artigo 99.º diz que, na falta de impugnação, o senhorio levantará a renda depositada na Caixa Geral de Depositos mediante escrito assinado e reconhecido, mas, nesse estabelecimento do Estado, só entregam a importancia contra precatoria, o que custa cerca de 14$00 de emolumentos judiciaes. E isso sem contar com o tempo e paciencia perdidos em subir vezes sem conto as escadas do infecto pardieiro onde está instalada a Boa Hora!

«Sabe qual é o resultado?

—Não, não sei.

—E' que o senhorio que tem que receber rendas inferiores ou sensivelmente eguaes ao que dispende, abandona a causa. E sobe já a centenas esse abandono. E' isto justo?

«Agora compare o que acabo de lhe dizer com o favoritismo, é o verdadeiro termo, dispensado ao inquilino. No paragrafo 2.º do artigo 89.º estatue-se que os juros das rendas depositadas são para o inquilino, e no artigo 55.º que o trespasse não paga contribuição de registo.

«E' o unico caso, que eu saiba pelo menos, em que uma venda de propriedade não paga contribuição. E' curioso, não haja duvida. Que magnifico zelador dos interesses do Estado foi o ministro que decretou tal lei!

«Mas o que se quiz foi atingir o senhorio. Esse não tem direito a ser protegido. Unico, não lhe parece? Como vê, uma lei que tem disposições destas precisa bem ser remodelada. Por hoje, porém, basta de considerações sobre esse ponto. Passemos a outro, não menos importante.

«Acusam-se os senhorios de especuladores, de desumanos e de não sei que mais, a proposito de aumento de rendas de casas. Já, nestas despretenciosas palestras, nos referimos e, se não estou em erro, por mais duma vez a casos sucedidos, casos concretos. Mas hoje voltaremos ao assunto, para que duma vez para sempre se fique sabendo que não são, na maioria das vezes, os senhorios que fazem essas especulações.

«Vamos a factos. Numa rua, bem proximo da Baixa, a inquilina de um segundo andar pagava 10$00 por mez. Ou de combinação com o senhorio, ou mesmo sem combinação, não o sei ao certo, o caso é que a renda passou a ser de 12$50, quer dizer foi um pequeno aumento de 2$50. Pois a inquilina tinha quatro quartos alugados: um por 12$00, outro por 9$00, outro por 8$00 e finalmente um outro por 4$00.

«A inquilina não quiz estar com meias medidas. Foi-se aos seus hospedes e exigiu ao do primeiro quarto 15$00, ao do segundo importancia egual, ao do terceiro 10$00 e ao do quarto e ultimo 6$00. Quer dizer isto que emquanto o senhorio fez o aumento de 2$50, a inquilina aumentou nada mais nada menos que 13$00 por mez.

«Quem é o especulador? Naturalmente o senhorio, não é verdade?

E o nosso entrevistado sorriu francamente.

—Mas,— iamos nós a dizer.

Atalhando-nos, ele continuou:

—O melhor está ainda por saber. No pequeno espaço de quatro mezes, só quatro mezes, note bem, o primeiro dos quartos a que me refiro, passou de 8$00 a 15$00 mensaes, pois a esse tempo era o que o hospede pagava.

«Não farei comentarios. Exemplos como este poderia citar-lhe ás dezenas, para não dizer ás centenas. Mas é sempre sobre o senhorio que recae o odioso. Não se trata de saber quem é o culpado. Ha um aumento? O culpado é o proprietario do predio. E os sublocadores, quando o não acusam directamente, dão a entender por meias palavras, por insinuações discretas, que se vêem forçados a fazer o aumento, «porque o senhorio, o malandro do senhorio...» etc. e tal.

«E é assim que se escreve a historia e é assim que se prepara a opinião publica para que qualquer medida, embora justa, seja mal recebida. A'manhã lhe exporei mais algumas considerações.

A. C.

foram agregados os srs. drs. Egas Moniz e Afonso de Melo.

Em todas as sessões haverá «Antes da ordem do dia», devendo ser apresentados relatorios da comissão dirigente, dos «leaders» parlamentares, etc.

O programa a que acima nos referimos vae ter certamente uma discussão elevada, em que tomarão parte os actuaes e antigos parlamentares mais categorisados do novo partido. O directorio será eleito numa das ultimas sessões.

Muitas corporações da provincia mandaram representação a pessoas amigas de Lisboa, procurando os congressistas reduzir a dois dias os seus trabalhos embora outros sejam de opinião que dificilmente se poderão ultimar os trabalhos nas 4 sessões marcadas a saber: dia 22, 1.ª sessão ás 13; 2.ª sessão ás 21 horas; dia 23, 3.ª sessão ás 13 horas e 4.ª sessão ás 21.

Theatros e Cinemas

PRIMEIRAS E REPOSIÇÕES

TEATRO DO GINASIO—«A cadeira n.º 13», peça em 3 actos de Bayard Weiller, traduzida da adaptação franceza de Hauswich, Wattine e Dorziat, por Pereira Coelho e Alberto Barbosa.

«A cadeira n.º 13» que poderia chamar-se «o misterio do quarto rôxo» parodiando o «quarto amarelo» de Leroux, tem um primeiro acto de esplendido arcabouço policial, isto é, pronto a impressionar uma plateia por todos os meios ao alcance d'um escritor habil: o crime, o espiritismo, o além tumulo, a treva, o grito n'essa treva... Tem tambem um 2.º acto, ainda conduzido por mão segura, tratado com cuidado de forma a não deixar antever o criminoso, e doseando convenientemente as scenas de dramatisação intensa com o leve humorismo do sceptico absoluto que o auctor em toda a obra demonstra ser. Finalmente, tem um 3.º acto destinado a revelar o segredo pelo qual o publico durante duas horas acha bem empregados os escudos que deu pelo bilhete.

As peças policiaes teem de ter uma estructura enrediada para prender a atenção; não faltam na «Cadeira n.º 13» as coincidencias, os acasos, os segredos comprometedores de forma a aguçar o interesse.

Mas, como em geral são forçadas essas situações, são muito retorcidas para serem misteriosas, o final resulta um pouco frio do denso comum e deixam um pequeno amargo na bocca—o sabor da desilusão—nos espectantes descobridores do suposto criminoso. E' então que o sorriso incredulo do publico exprime a descoberta dos erros e «ficelles» atrazadas que tanto o prenderam e... embairam.

N'esta peça por exemplo... vem a descobrir-se que o criminoso é um habil «jongleur», capaz de ás escuras cravar uma faca n'uma parede a 6 metros de distancia, ou no coração d'um rival sem lhe tocar com um dedo. Egualmente se fica a scismar porque seria que o criminoso mata Scott em vez do pretenso «medium» d'onde ia sahir a palavra que o denunciaria. E mais estranho nos parece que a faca, o nefando navalhão que o ilustre criminoso traz comsigo para as recepções elegantes dos seus amigos, cáia misteriosamente e tragicamente, no momento proprio como que docado pelo efluvio dos olhares do «vidente» que afinal não é vidente. E mais ainda: sendo, a peça toda cheia de um fundo de realidade positiva, anulando e quasi amesquinhando as comunicações com o sobrenatural, não é bem cabida a aparição d'um fantasma iluminado a luz electrica no fundo da scena; para concretisar as alucinações do criminoso, basta a fala do mesmo, e a vizão aterradora ficaria só nos seus olhos, visto que nem os restantes personagens a devem vêr... e muito menos o publico.

Tem a peça uma figura muitissimo bem tratada; a velha «espirita», que faz revelações sobre o futuro por caridade humana e demonstra os seus «trucs» para convencer melhor. E' um personagem exigindo uma superior interpretação e uma figura de observação minudente. Um amor de mãe sempre provado, ancia de tornar feliz a sua pequena, que tem de defender a sua filha, de demonstrar a sua inocencia num preso minimo. Luta intima, cheia de angustia, sem base no sobrenatural, sem crença na inspiração divina... Só uma boa artista podia encarnar esse espinhoso papel, o unico de grande folego em toda a peça.

Lucinda Simões, a velha Lucinda, estava muito bem n'ele, á vontade, ora meliflua e ingenua n'uma bondade resignada, ora violenta defendendo o que lhe era mais caro. Mas principalmente onde Lucinda foi soberba foi na parte quasi invisivel do seu trabalho, a enscenação, a disciplina de scena, o detalhe bem cuidado das menores minucias do conjuncto, os papeis sabidos e um conjuncto muito agradavel.

Segue-se-lhe Robles Monteiro, um inspector de policia que conduziu com «aplomb», progredindo a olhos vistos, agradando, constituindo uma boa figura da scena portugueza. Julieta Simões tinha pouco a fazer e não conseguiu nunca ter um «facies» de horror ou de angustia, mas apenas de parada admiração; de forma que ficámos ainda com as scenas do 3.º e 4.º actos do «Libertino» como os seus melhores triumfos até hoje. Samwel com meia duzia de falas não teve de puxar pelos seus recursos; Laura Hirsch, Seixas Pereira, Tomé de Veiga, Sayal conforme seus poderes, Julieta Silva pretendendo impôr as suas naturaes qualidades, Judicibus, com uma arrancada de folego, e finalmente uma artista com vontade de se salientar mais, «espevitada» em excesso, o que remediará (querendo) a fim de se tornar elemento de valor em qualquer companhia. Quanto a Conde tambem fez por não ser desagradavel no conjuncto, não podendo ser atribuido a isso a morte que tão cruelmente lhe dão.

O unico scenario muito bem arranjado, n'um tom só, e sobre o qual havia a boa orientação de Lucinda.

Bons aplausos e felicitações. Ali no Ginasio—é crêr, sem reclamo—passa-se bem uma noite...

Armando Ferreira

Nota do dia

Em referencia á nota do dia de hontem recebemos uma carta do sr. Augusto Pina, a que ámanhã gratamente nos referiremos.

Noticiario

Portugal

—No teatro Recreios da Graça, instalado no vasto salão da Caixa Economica Operaria, sobe á scena, ámanhã, sabado, em festa artistica de Francisco Moreira e Constantino de Carvalho, o drama de Afonso Canno, «O voluntario de Cuba», que tanto agradou ha anos. O espectaculo repete-se todos os domingos, segundas e quintas-feiras, tendo a empreza, já em ensaios, o drama «Frei Luiz de Sousa».

O ROCIO

Prosegue gloriosamente a sua carreira triunfal a famosa revista «O Pé de Meia», agora ampliada com o novo acto «O Rocio», a mais extraordinaria e bela obra de teatro que ultimamente tem aparecido em scena portugueza. Não só pela beleza, como pelos lindos numeros de musica, a maior parte populares, e todos com o cunho nacional, brilhantissimo scenario, luxuoso guarda-roupa, magnifico desempenho e artistica enscenação, o novo acto «O Rocio» constitue o mais encantador espectaculo, alegre e ao mesmo tempo instructivo e de grande ensinamento, pois que nos seus 9 quadros aparece o Rocio com todas as transformações por que tem passado desde a Edade Media até hoje, com personagens, trajos das diferentes epocas. Não só por isto, como pelas suas novas apoteoses de brilhantissimo efeito, uma das quaes de originaes e complicados maquinismos de grande novidade, é este um espectaculo que todos teem obrigação de ir vêr.

CAMBIOS

Henrique de Sousa & C.ª
Rua Aurea, 56—60
Lisboa, 21 de novembro de 1919.

	Compra	Venda
Londres, cheque....	24 1/8	23 7/8
» 90 dias....	24 3/8	—
Paris, cheque.......	253	256
Madrid, cheque.....	490	495
Berlim, cheque.....	53	63
» notas.......	—	—
Amsterdam, cheque	905	915
New-York, cheque..	2430	2480
» notas....	2400	2470
» ouro.....	2450	2500
Libras em ouro......	12$20	12$40
Agio do ouro.......	165	170
Rio sobre Londres..	16 13/32	
Suisso.............	445	450
Italia..............	203	203
Belgico............	274	276

LISBOA MODERNA

O "Golden-Palace"

Um estabelecimento modelar

Palacio dourado lhe chamaram os seus proprietaros, e com razão. Entre os estabelecimentos verdadeiramente luxuosos que em Lisboa se teem inaugurado nos ultimos tempos, o Golden-Palace ocupa um logar primacial nos do seu genero.

E' incontestavelmente a nossa primeira barbearia, vá á portugueza. Inaugurou-se ha dois ou tres dias, mas a lufa-lufa diaria não nos tem permitido que ali fizessemos uma visita, acedendo ao amavel convite do seu socio gerente, o sr. Manuel de Jesus Campos. Hoje já lá fômos á praça dos Restauradores, n.º 11. Queriamos de «visu» verificar o que os nossos colegas diziam e que, verificámos, não é mais do que a expressão da verdade.

No primeiro pavimento, ladeado por 8 magnificas cadeiras americanas, estofadas a peluche e defrontadas por oito belas «étalages» com biseaux e nickelados, trabalham artistas bons. Ao fundo dois magnificos lavatorios de modelo moderno e com tudo o que a higiene exige.

Subindo uma elegante escadaria, ornamentada com invulgar bom gosto, encontramo-nos na galeria onde se acham instalados tres gabinetes especiaes de cabeleireira, para senhoras, manucure e pedicure, mobilados e decorados com o luxo e bom gosto de toda a sala.

Na sala ficam os escritorios, rouparia, deposito de perfumarias, antisepticos, etc.

Todo o mobiliario foi executado na oficina dos srs. Antonio Nascimento, Filhos, do Porto, e a decoração de todo o estabelecimento, em rigoroso estilo Luiz XVI e que é um primor de bom gosto, leveza e arte, foi executada pelo pintor-decorador sr. Gonçalves Junior.

Vê-se que presidiu a toda a disposição um bom gosto inexcedivel e um saber do «métier» dificil de egualar, quanto mais de exceder. Condiz bem o Golden-Palace com o local escolhido para a sua instalação, uma das arterias mais elegantes e concorridas de Lisboa.

Os seus proprietarios, os srs. Manuel de Jesus Campos, cujo nome já citámos, e o sr. Tomaz de Sá Dias, estimado comerciante da nossa praça, não se pouparam a esforços para dotar a capital dum estabelecimento modelar. E o melhor elogio que se lhes póde fazer é que conseguiram o seu fim.

Salão Central

A fita «Almas inimigas», em 3 partes, que se estreiou na «matinée» de hoje neste magnifico cinema, é um dos trabalhos mais interessantes da divina Maria Jacobini.

«No mar dos Golfos», outra estreia desta tarde, são dois actos de permanente gargalhada, que o publico muito apreciou, pelas suas peripecias deveras engraçadas.

A completar o espectaculo foram exibidas as ultimas jornadas da formidavel pelicula «As garras do leão», das quaes, a ultima, intitulada «A arvore da morte», obteve o maior sucesso. Marie Walcamp, a sua extraordinaria protagonista, continua a despertar o maior entusiasmo nas suas lutas consecutivas, dando-nos a ideia completa da sua assombrosa individualidade artistica.

Na função desta noite repete-se o mesmo programa, o que é garantia segura da mais colossal enchente.

Vida Sportiva

Homenagem a Armando Machado

A Associação Naval 1.º de Maio, da Figueira da Foz, vae prestar homenagem á memoria do saudoso jornalista sportivo Armando Machado, com uma sessão solene em que será descerrado o retrato do falecido.

Para assistir a essa sessão teve a direcção da benemerita Associação a gentileza de nos convidar telegraficamente, o que agradecemos, tanto mais que nesta casa ainda hoje é lembrado com funda saudade o nome do nosso antigo redactor sportivo.

Comunicações oficiaes

Grupo Sport Cruz Quebrada

Por ordem do sr. vice-presidente da mesa da assembleia geral é a mesma convocada para ámanhã, ás 21 horas. Não havendo numero a esta hora, funcionará a mesma com qualquer numero ás 22. Ordem da noite: discussão de uma proposta para arrendamento dum campo atletico.

Preso politico

Foi hoje preso, tendo sido entregue á policia de Segurança do Estado, o mestre d'obras Carlos Alberto, contra quem foi feita denuncia de ha tres mezes estar fabricando explosivos. Como o preso se apresentasse com as mãos um pouco amarelecidas, foi superiormente ordenado que o sujeitassem a um exame quimico.

ULTIMA HORA

POLITICA

Grupo Parlamentar Popular

No proximo domingo o sr. Vasco de Vasconcelos, deputado, faz uma conferencia subordinada ao seguinte tema: «Utilidade dum partido radical na Republica».

PARLAMENTO

Nos Deputados

O sr. presidente consulta a camara sobre se autorisa o sr. Ladislau Batalha a usar da palavra, em negocio urgente, para tratar de iniquidades ilegitimas e imoraes dentro dos hospitaes de S. José, Desterro e outros, e desastrosas consequencias para a ordem publica.

O sr. Brito Camacho—Ha iniquidades legitimas?

O sr. Ladislau Batalha—Sim senhor! São aquelas que estão consignadas nas leis.

Em contraprova é negada a urgencia por 44 contra 24 votos.

O sr. João Aguas pede que sejam discutidos o mais breve possivel os pareceres ao projeto que melhora a situação dos oficiaes inferiores, e ainda o que se refere a uma petição feita pelos cabos inutilisados em campanha para que sejam reformados no posto imediato.

O sr. Nuno Simões, referindo-se ao intenso recrutamento de indigenas de Angola para trabalharam em S. Tomé, chegando mesmo a fazer-se á força, pede energicas providencias.

O sr. Tomaz Azevedo manda para a mesa um projecto de lei.

Entra em discussão o parecer referente ao projecto de lei que revoga o decreto 5586 e o artigo 2.º do decreto 7787 sobre promoção dos sargentos.

O sr. Sousa Rosa faz um demorado relato de varios factos para demonstrar que é necessario acabar com as promoções emquanto houver supranumerarios.

O sr. João Aguas trata tambem das promoções, referindo o numero delas que se teem feito nos ultimos anos.

O sr. Domingos Cruz não concorda com as considerações feitas.

Defende a classe dos sargentos assim como a promoção.

O sr. Plinio Silva diz estar na disposição de atender os sargentos e oficiaes deles oriundos, mas acha que o projecto em discussão apenas satisfaz uma pequena parte de essa classe. Defende a necessidade de ser reorganisado o exercito, pois não se entende que existam nele tres categorias d'oficiaes: permanentes, milicianos e provenientes da classe de sargentos.

O sr. Virgilio Costa diz não o satisfazerem o projecto assim como as emendas, defendendo por isso que ele volte á respectiva comissão.

O sr. Tavares de Carvalho depois de louvar a classe dos sargentos, manda para a mesa uma proposta de emenda.

O sr. Orlando Marçal concorda que o projecto baixe novamente á comissão, porque é preciso fazer-se justiça á classe dos sargentos, cujos serviços á Patria e ao regimen julga desnecessario encarecer.

O sr. ministro dos estrangeiros declara-se habilitado a responder á intepelação do sr. Brito Camacho sobre uma compra de arroz feita durante o periodo dezembrista.

O sr. Ramada Curto manda para a mesa a seguinte nota de interpelação: «Desejando tratar com urgencia da demissão da comissão executiva da camara municipal de Lisboa e dada a resolução da maioria de não reconhecer pedidos de urgencia, declaro que desejo interpelar o sr. ministro do interior sobre o assunto e motivos que lhe deram causa».

Passa-se á ordem do dia: projecto que reorganisa os serviços da secretaria da presidencia da Republica.

Poeira da Arcada

Ministro da justiça

No rapido do norte, regressa esta noite a Lisboa o sr. ministro da justiça.

Ministro das finanças

Por estar adoentado, não foi hoje á sua secretaria o sr. Rego Chaves.

Ordem do Exercito

Deve ser distribuida ámanhã a Ordem do Exercito, 2.ª série.

Alferes veterinarios

O ministro da guerra determinou que os candidatos admitidos ao concurso para alferes veterinarios do quadro permanente se apresentem na 6.ª repartição do ministerio até ao dia 26, a fim de receberem guia para o hospital militar, onde no dia 27 serão inspeccionados.

Conselho de ministros

Foi convocada para esta noite a reunião do conselho de ministros.

GATUNOS E VADIOS

Uma leva de quatrocentos

que vae seguir para Loanda a bordo do «Quelimane»

Está-se já procedendo á inspecção dos gatunos e vadios que no dia 27 do corrente seguem a bordo do «Quelimane» para Loanda. São em numero de 400 e entre eles figuram alguns dos mais cotados no seu meio.

Citemos, ao acaso: Mario Augusto, o «Petiz das Gravatas»; Rogerio Maria da Conceição, o «Pirry»; Francisco Martins, o «Batata da Mouraria»; Joaquim Fernandes, o «Periquito das Cautelas»; Frederico Alexandre, o «Fanim»; Raul dos Santos, o «Algarvio»; Manuel do Nascimento Pacheco, o «Faria»; Joaquim da Silva, o «Brazileiro 2.º»; Guilherme Augusto, o «Pintor do Rocio»; Alexandre Luiz, o «Aveiro carteirista»; Antonio de Sousa, o «Belezas»; Fernando Pinto, o «Tanana»; Domingos Francisco Pereira, o «Mula»; José Esteves, o «Camaleão»; Raul Pereira Junior, o «Raul de Alfama»; Antonio Joaquim da Silva, o «Tonéca»; Antonio d'Almeida Cruz, o «Sargento Béra»; Raul Lourenço, o «Gato Preto»; Alberto Rodrigues, o «Alberto Mulato»; Virgilio Monteiro, o «Manecas 3.º»; Abilio Monteiro, o «Amôr sem olhos»; Manuel Pires, o «Pires do Môsco»; Raul dos Santos, o «Sapateiro das Flôres»; Henrique dos Santos, o «Setubal»; Joaquim Luiz, o «Saloio»; Manuel Silva, o «Leão»; Antonio dos Santos, o «Palmira»; Manuel Joaquim de Araujo, o «Manuel Ladrão» ou o «Rêbas»; Eduardo Pedro, o «Tómidé»; Manuel dos Santos, o «Mosqueiro»; Rogerio Rodrigues, o «Bilhar»; Antonio Maria da Costa, gatuno de arrombamentos; Alberto Ferreira, gatuno de esticão; João Roeb, o «Leão do Monte»; Casimiro da Silva Franco, gatuno de «golpe»; Abilio Francisco Pinto, o «Russo Carvoeiro»; Eduardo Pedro, o «Almeida»; José Clemente, o «Agarra»; Luiz Francisco, o «Escangalhado»; Francisco Franco, o «Francez 2.º»; Januario Rosa, com 70 prisões; Mario da Silva, o «Mario da Florinda»; Henrique Garcia, o «Gallego»; Alfredo Bento Lourenço, o «Filho do Ganga»; Joaquim Casimiro, o «Tunante».

As gatunas de forasteiros e gravateiras já condenadas não vão n'este paquete, mas seguem por todo o mez que vem, sendo elas: A «Maria Mulata», Maria dos Anjos Sena, com 32 prisões; a «Romania»; Maria Alves, a «Maria Nervosa»; Carolina de Oliveira, a «Carolina do Samuel»; Laurinda da Silva, a «Caipira do Porto»; Guilhermina Moreira, a «Trinquita 3.ª».

Segundo nos consta, o governo mandou sustar a ordem que tinha dado de regressarem os 160 gatunos que estavam para vir a bordo do «Lourenço Marques», como ha pouco noticiámos.

Bilhetes de identidade

Apezar ainda d'um recente decreto publicado na folha oficial sobre os bilhetes de identidade dos funcionarios publicos, para muitos casos eles nada representam. Ainda hoje no Monte-pio um empregado declarou a um funcionario superior de finanças que ele não reconhecia esses bilhetes para nada. Sabemos que esse funcionario vae, pelas vias competentes, queixar-se do facto.

Noticias da Capital

Voltamos aos tempos de trabuco em punho...

No caso presente, não é dum trabuco que se trata. O salteador substituiu-o por uma navalha, naturalmente para não fazer tanto barulho e, assim, não atraír a atenção. Narremos:

Encontra-se preso no governo civil Antonio Augusto de Figueiredo, morador na azinhaga de Malpique, por de navalha em punho tentar agredir o sr. Francisco Vaz, residente na travessa do Arco da Graça, com o fim de lhe roubar uma corrente e relogio de ouro e dinheiro, tudo no valor de 400 escudos. Valeu ao assaltado gritar por socorro e acudirem-lhe varios populares, que prenderam o Figueiredo.

Para a outra vez será mais feliz!

Se o calçado está pela hora da morte!...

O sr. José Marques Lombado, morador na rua do Arco do Cego, 26, estabelecido com sapataria na mesma rua, n.º 18, queixou-se á policia de que os gatunos entraram por meio de arrombamento no seu estabelecimento e furtaram calçado no valor de 2.000 escudos.

E' natural que emquanto o roubo se praticava, o que devia levar algum tempo, a policia e o guarda noturno da area estivessem dormindo a sono solto.

Suspeita que se não confirma

Os jornaes da manhã referem-se hoje a um passageiro suspeito que apareceu a bordo do vapor «S. Jorge» hontem chegado ao nosso porto e que se supunha ser um condenado evadido de Loanda. Apurou-se que se tratava de um pobre diabo que regressava á metropole e que por falta de meios vae ser removido para a terra da sua naturalidade a expensas da Assistencia Publica.

O caso Dias da Silva

Corria hoje com certa insistencia no governo civil, que o sr. dr. Rodrigues Esculcas reassumia ámanhã o seu logar de director da policia de investigação.

Os desastres da aviação

O funeral do aviador Bourgeois realisa-se ámanhã

Causou a mais profunda impressão no publico o grande desastre hontem ocorrido no campo de aviação Republica, na Amadora e de qual foi vitima o celebre e destemido aviador francez Gaston Bourgeois, cujo cadaver informe foi removido para a casa mortuaria do hospital de S. José, como dissemos.

Hoje ao hospital houve uma verdadeira romaria, sendo grande o numero de aviadores portuguezes que estiveram a prestar homenagem ao morto o qual foi removido para um caixão de chumbo, cuja soldagem se fez pelas 18 horas. O feretro ficou encerrado numa urna de pau santo com argolas de prata.

O cadaver foi durante o dia velado por muitos dos seus amigos, pelo aviador francez Fronval, por oficiaes aviadores, mecanicos e sargentos de diferentes armas.

Sobre o feretro foram já depostas varias corôas entre as quaes a da aviação portugueza, a dos sargentos e mecanicos da esquadrilha Republica e outra dos oficiaes do mesmo grupo.

Na casa mortuaria do hospital de S. José, esteve hoje a apresentar condolencias em nome do chefe do Estado, o seu secretario particular.

O funeral do desventurado Bourgeois realisa-se ámanhã ao meio dia, ficando o feretro depositado em jazigo particular do cemiterio dos Prazeres.

A hora do funeral foi participada ao sr. ministro da guerra.

A urna é removida para o cemiterio n'um armão, tirado a tres parelhas, devendo o cortejo funebre revestir-se de grande imponencia. Do campo da Amadora foram já retirados os destroços do aparelho «Spad», que hontem cahiu e ficou reduzido a um montão de destroços.

«A Capital», o unico jornal que pela sua propaganda creou entre nós a aviação militar, que sempre tem pugnado pelo desenvolvimento e progresso da 5.ª arma, deporá sobre a urna do malogrado aviador, um ramo de rosas naturaes.

Guilherme Ivens

Major de infantaria

FALLECEU

Manuel Freire da Cruz, por si e como representante da familia Cogumbreiro da Ilha de S. Miguel, seus antigos socios, D. Elvira de Azevedo da Cunha Rosa e seu marido Julio da Cunha Rosa na qualidade de parentes, cumprem o doloroso dever de participar ás pessoas, parentes e de amizade do falecido, assim como ás pessoas das suas relações, o falecimento do major Guilherme Ivens, que acidentalmente se encontrava em Lisboa, e que o seu funeral terá logar no dia 22, ás 11 horas, da egreja de Santa Izabel para o cemiterio dos Prazeres.

Guilherme Ivens

Faleceu

Luiz Frederico Silva participa a todos os Michaelenses residentes n'esta capital, o falecimento do nosso querido patricio e seu dedicado amigo o major Guilherme Ivens, cujo funeral terá logar no dia 22, ás 11 horas, sahindo o feretro da egreja de Santa Izabel para o cemiterio dos Prazeres.

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

3383 — 10.º anno — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA — Sabado 22 de Novembro de 1919

Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL — Officina de impressão — 71, Rua da Rosa, 71 — Preço, 2 centavos

CONGRESSOS

Inaugurou-se hoje o Congresso do novo partido Republicano Liberal, ao qual concorrem, em numero avultado, delegados de todo o paiz. E' um acontecimento politico que não pode passar despercebido. D'essa reunião magna vae resultar a aprovação d'um programa partidario, que amanhã póde ser um programa governativo, porque evidentemente se trata d'uma força de governo. Se o novo partido conseguir dar expressão adequada às correntes moderadas, mas genuinamente republicanas, que são a maior parte, senão a maior parte da democracia portugueza, esse expressão só lhes póde ser dada por meio de afirmações e atitudes que correspondam fielmente ás ideias e sentimentos d'essas correntes, ou sejam as afirmações da ordem e as atitudes da tolerancia. O Congresso, que hoje inicia as suas sessões pode representar um sucesso altamente favoravel para a Republica.

Simultaneamente, deve principiar amanhã o Congresso d'uma nova força. Referimo-nos ás associações patronaes. Tambem, na nosso entender, se deve acolher esta iniciativa, com justificada simpatia. Trata-se, sem duvida, da defeza de interesses, respeitaveis como os de todas as classes; mas sobretudo ha o direito de esperar d'essa assembleia o estudo da organisação do trabalho, por forma tal que se chegue a um necessario entendimento entre patrões e operarios, que o mesmo é dizer entre o capital e o trabalho que não podem caminhar desassociados.

Em todas as questões ha uns certos limites, que se não podem transpôr, mas que se podem atingir. Para isso forçoso se torna demonstrar, nas intenções e propositos d'um e outro lado, uma elasticidade que permita o encontro d'uma linha media em que os interesses de ambas se conciliem. Se o Congresso patronal conseguir estabelecer um programa dentro do qual tudo se passe harmonisar, e não julgamos, por forma alguma, que isso seja extremamente dificil e quanto mais impossivel, esse programa tornar-se-ha, sem facto um sistema de relações, dentro do qual se garanta o presente e se propicie o futuro.

Entretanto, uma observação nos permitimos fazer. Anuncia-se que, depois de amanhã, o comercio da capital fechará as suas portas como testemunho de solidariedade com o Congresso. Não nos parece necessaria essa demonstração, a qual, de resto, se não tem visto em casos parecidos.

Assim, o Congresso socialista realisou-se, e não se pensou n'uma paralisação de trabalho. O congresso sindicalista realisou-se, e não se pensou n'uma paralisação de trabalho; o congresso dos caixeiros realisou-se, e não se pensou n'uma paralisação de trabalho. Por que motivo se pensaria agora n'uma paralisação do trabalho, manifestação tanto mais incongruente quanto é certo que o congresso patronal parece não temer das suas reclamações principalmente a intensificação do trabalho?

Afigura-se-nos que os promotores do Congresso patronal reflectirão sobre os inconvenientes d'essa precipitada resolução. Ela pode, além d'outras considerações desvantagens, provocar ou favorecer alterações da ordem que a ninguem aproveitariam. E' o que se trata de alcançar, em todas as questões levantadas entre nós, é ordem, equilibrio, segurança. Quem desatender estas necessidades estará trabalhando no vacuo. A opinião publica é intransigente n'este ponto, e honra lhe seja!

A AVENTURA MONARQUICA

No tribunal militar especial

No Tribunal Militar Especial respondeu hoje o sr. coronel José Francisco da Graça, ex-comandante do deposito de adidos da guarnição de Lisboa.

Era acusado de fazer parte d'um grupo que prendia republicanos sem motivo justificado e de incitar as praças a que se armassem para combater os «cães que os mandaram para a guerra», no decurso em que se organisava uma columna para seguir para o norte.

Como se désse por suspeito n'este julgamento o promotor de justiça, sr. coronel Alves Pedrosa, exerceu essas funcções o sr. general José Firmino do Vale. Encarregou-se da defeza o sr. coronel Jorge Maia, defensor oficioso.

Lidas as principaes peças do libelo, entre os quaes figuravam as folhas de serviço, e apresentada a contestação pela defeza, o acusado negou a acusação, que atribue a um comerciante que mora em frente do quartel do deposito de adidos.

As testemunhas de acusação, José Augusto da Cunha, comerciante, e os sargentos Manuel Fernandes de Almeida e Urbano Azinhaes nada disseram de concreto. Depois de lidos os depoimentos de mais duas que não compareceram, foram inquiridas as de defeza, major Diniz da Sá e Melo, alferes Colires e tenente João da Graça Telles de Lemos.

Os debates foram curtos e o juri deu o crime como não provado, por unanimidade, sendo o reu absolvido.

A NOSSA POLITICA

O CONGRESSO DO PARTIDO REPUBLICANO LIBERAL

A PRIMEIRA SESSÃO PARA INAUGURAÇÃO DOS TRABALHOS

Se o congresso do P. R. P. foi, este ano, excepcionalmente concorrido, outro tanto se pode dizer do congresso do P. R. L., que hoje iniciou as sessões. Não surpreende, mesmo, que assim aconteça. A fusão das forças de diversos partidos politicos—fusão que alguns politicos dizem ser heterogenea, o que se demonstrará, positiva ou negativamente, no decorrer dos trabalhos desta assembleia — essa fusão, repetimos, havia forçosamente de conduzir a um interesse mais expressivo pela marcha dos negocios politicos e pela cohesão do novo agrupamento partidario. Dos resultados do presente congresso sairá, sem duvida alguma, uma maior solidez da Republica, se ele fôr orientado, como é de crer e principalmente de desejar, nos supremos interesses da Patria e da Republica.

Antes das 13 horas já o vastissimo salão da Academia de Sciencias se encontrava repleto de congressistas. Conversa-se em grupos, mas não ha, felizmente, aquela exuberancia de gestos e de palavras que, por vezes, lamentavelmente tem aflorado em reuniões semelhantes. Este pormenor torna-se realmente destacante e merece referencias elogiosas dos espectadores desinteressados politicamente, embora vendo, com agrado, regressar á politica portugueza o culto das boas maneiras e a repulsa pelos desregramentos dos irreflectidos ou impulsivos.

Na sala encontram-se já muitos homens em destaque no P. R. L. Os srs. Barros Queiroz e Mesquita de Carvalho postam-se no estrado, dando instruções aos seus amigos, para melhor regularidade dos trabalhos; e, por aqui e por ali, vemos os srs. Augusto de Vasconcelos, Alfredo Soares, Antonio Mantas, Leão Azedo, Brito Camacho, Jacinto Nunes, Sousa Varela, Hermano de Medeiros, oficial da armada Judice Bicker, Eduardo de Sousa, Mendes dos Reis, Brito Guimarães, Vasconcelos e Sá, Ferreira de Mira, Silvestre Falcão, Ladislau Parreira, Afonso de Melo, Cupertino Ribeiro, Feio Terenas, Egas Moniz, João Pinheiro, etc.

O programa do P. R. L. é distribuido pela assistencia.

Inicio dos trabalhos — Organisação da mesa — Saudação ao chefe do Estado

A's 14 horas o sr. Mesquita de Carvalho anuncia, do estrado, que propõe para presidir á primeira sessão do congresso o «venerando cidadão, decano dos republicanos portuguezes» sr. Jacinto Nunes. Uma salva de palmas acolhe a indicação, sendo o nome do dr. Jacinto Nunes muito vitoriado. Nomeados os secretarios, o dr. Jacinto Nunes propõe uma saudação ao chefe de Estado, levantando-se a assembleia em ruidosa e entusiastica saudação ao sr. Antonio José d'Almeida. Por proposta do dr. Alnaldo Bigotti é nomeada uma comissão composta dos srs. Jacinto Nunes, Feio Terenas e Simas Machado que irão apresentar pessoalmente ao sr. presidente da Republica os cumprimentos da assembleia.

Na mesa é, em seguida, lida a correspondencia, composta, geralmente, de cartas e telegramas de saudação á Republica e de protestos de dedicação ao partido. Por proposta do dr. Alves dos Santos a assembleia sauda o exercito e a marinha portuguezes.

Os primeiros discursos

Os srs. Belchior de Figueiredo e Afonso de Melo dirigem saudações varias. O sr. Afonso de Miranda sauda tambem os que cairam na defeza da Republica durante os tormentosos tempos do dezembrismo e da monarquia restaurada no norte; verbera o predominio que alguns homens, que em dados tempos perseguiram os republicanos e já hoje se intitulem dirigentes do partido; coerente com estas ideias manda para a mesa uma moção.

Como o sr. Jacinto Nunes tem de ir desempenhar a missão de cumprimentar o chefe de Estado faz-se substituir pelo sr. Celestino d'Almeida, que assume a presidencia, saudado com palmas e agradecendo a distinção com um breve discurso.

Na mesa lê-se o regulamento do congresso.

Antes da ordem

Abre-se a inscrição. Cada orador pode falar durante dez minutos. Ha, logo, varios inscritos.

O sr. Loduvicos de Menezes propõe a celebração dum outro congresso do P. R. L., destinado exclusivamente a tratar de soluções concretas para os problemas nacionaes de finança e economia. Num discurso muito interessante e erudito o orador faz a defeza brilhante da sua proposta.

O sr. José Pedro Ferreira propõe que o primeiro governo do P. R. L. faça a revisão dos processos instaurados contra o funcionalismo, tomando-se o compromisso de que se faça justiça a quem a merecer. Aponta um caso flagrante de injustiça praticado contra um medico de Caldas da Rainha, o dr. Ferrari, que foi ferozmente perseguido pelos democraticos, exactamente porque tem prestado serviços relevantes ao antigo evolucionismo. A assembleia aplaude ferverosamente o orador, parecendo perfilhar, unanimemente a doutrina da proposta e as ideias expostas pelo orador. O dr. Ferrari foi demitido sem ser ouvido...

—Sem ser ouvido?—estranha alguem.

—Sim, sem ser ouvido.

Um congressista diz então o seguinte:

—E' que neste paiz quem não fôr democratico é lalassa!

A assembleia aplaude. O orador termina o seu discurso com uma apoteose á Republica, recebendo uma salva de palmas da assembleia, bem identificada com a orientação do seu correligionario.

Segue-se o sr. João Rocha. Quer que se publique o Livro Branco e manda para a mesa uma proposta nesse sentido.

O sr. Amancio de Queiroz fala sobre o problema vinicola, sobre o bolchevismo, sobre a desordem administrativa, declarando que «isto ainda governado por quem só pretende governar-se» e, finalmente, sobre a necessidade de se proceder honestamente se se quer salvar a Nação.

O sr. Rodrigues Acabado é o orador que se segue. Faz a apologia calorosa do P. R. L., confiando que do presente congresso sairá um grande partido para se opôr ao outro partido grande, que é o P. R. P.—ou democratico, como quizerem. O sr. Afonso Costa é um pequeno magalomano, que pretendeu conseguir, para seu uso, o poder perpetuo sobre os portuguezes.

O orador prosegue, advogando a necessidade da união de todos os verdadeiros republicanos em torno da bandeira do P. R. L. Entende, todavia, que á Republica convem a existencia de dois grandes partidos de rotação e, ainda, a formação do partido socialista.

O sr. Luiz Filipe quer que todos os republicanos só pensem na Patria porque «estes nove anos de Republica teem sido desastrosos para a administração nacional» (uma voz: muito bem!). E' preciso mudar de rumo e o papel da direcção pertencerá, sem duvida, ao P. R. L. A Republica não é dos democraticos, é de todos os portuguezes (palmas).

Discursa o sr. José Cardoso. Quer que se encare o futuro, que se crie uma forte corrente de opinião publica que permita governar. Ponha-se de parte o passado, não se analise quem foi pela intervenção na guerra ou quem foi contra. Só o futuro merece ser examinado. Termina sob uma verdadeira ovação, sinal evidente de que as suas ideias são partilhadas por todos os congressistas.

Os srs. Tronche de Melo e Agostinho Salazar preferem ainda discursos, ouvidos atentamente pela assembleia e, por vezes, cobertos de aplausos.

Passa-se á ordem do dia.

(*Lêr seguimento da sessão na Ultima Hora*)

Museu Raphael Bordallo Pinheiro

Esta interessante muzeu, que tem estado encerrado em virtude da ampliação das suas salas, reabre novamente amanhã, domingo, das 14 ás 18 horas, sendo expostos guaes 150 originaes do insigne caricaturista, além de novas reproducções.

AOS SABADOS

A semana literaria

Um belo romance, que não triunfará pelo agrado das mulheres, mas pela admiração. Quando o tempo é para a cronica, para o conto, para a novela simples, uma obra com mais de 300 paginas é qualquer coisa de vulto que prende e atrae. E' tambem um exemplo a seguir.

Sexo forte, por Samuel Maia — Ed. Portugal Brazil Limitada — Lisboa — Preço 1$00.

Samuel Maia é bem conhecido do meio lisboeta para que façamos a sua apresentação. Medico, higienista, tem já dois livros «Mudança de ares» e «Por terras estranhas», com impressões de viagem e traços vigorosos de observação viva. Romancista nunca fôra, e por isso, nos aparece agora de surpreza, e com um romance de grande formato.

«Sexo forte» tem por tema um velho tema; mas que temas novos ha sobre a terra? Como dizia Fradique, em bem melhores palavras, o que se pensa hoje, o que se faz, o que se sente, que não haja já sido ha muitas centenas de anos pensado, feito, dito e sentido? O que pode mudar é o envolucro, as palavras; no fundo os dias são os mesmos, os factos são os mesmos, velhos como o mundo, como o mundo poeirento e apodrecido.

O «Sexo forte» é a vida do padre sobre um aspecto diferente do «Abbé Zules» de Mirbeau ou do «Curé de Tours» de Honoré de Balzac. O padre é homem; por mais esforços, por mais pura que seja a sua alma ha nele o sangue, o animal, a bêsta cheia de instintos; assim mais uma vez nol-o afirma Samuel Maia, numa série de pequenos quadros bem iluminados de claridades naturaes, que remata com frazes como: «A alma distanciava-se do corpo, vagueava longe, em desequilibrio, aos rebolões, ebria, no espaço desconhecido».

Série de pequenos quadros, disse-mos. Assim é. Para nos fazer pôr de frente com os episodios demonstrativos da sua tese, aqueles em que o «sexo forte» amodornado sobre um religiosismo forçado desperta em ondas de fogo, o autor galopa atravez o tempo, dando como liame unico da novela, o padre «Tantoc». Aqui, é ele adolescente, destinado ao seminario, mal descobrindo os primeiros assomos do sexo, junto de Rosalina, a guardadora de cabras: «ao pé de ti sou mesmo um tolo, perco o juizo, nem sei o que faço. Só no fim é que me lembro», depois, é já o padre Tantoc no meio das meninas Alves, dilatando as narinas, espadaudo, forte, pleno de virilidade, perdendo o equilibrio com Julia junto ao macisso de alfazema que ladeava a rua do quintal, e assim sucessivamente, com a pobre Mariasinha, triste campona que se finou de amor oculto e vergonhoso, ela que tinha frazes tão bem torneadinhas e superiores:—«E' uma tristeza o corpo. Um carrego a empecilhar a vida. Que grande canceira para ter um goso. O amor está tão fundo, nunca se lhe chega ao fim. Se fôssemos só alma era muito melhor...» e depois a austeridade de D. Gaudencia, transtornada sob o efluvio que se desprende do corpo do padre, e ainda a ultima sedução, com D. Beatriz, o ciume de perversidade que leva «padre Tantoc» a consumar uma extensa mutilação... em si proprio, depois de ter chegado a uma estranha meditação pouco teosofica: «Os filtros que transtornam o juizo, não entram decerto pela boca».

De resto o romance de Samuel Maia, interessa extraordinariamente porque é conduzido com colorido nas suas scenas, num dialogo cheio de verdade, ideias, sensibilidade, e folego. Não pode agradar ao publico fatuo, no publico feminino, áquele que procura apenas intrigas enredos amorosos, romanticismo ainda, e não acha estudo e observação nestes casos de cru realismo e de verdade psicologica, porque o livro de Samuel Maia visa mais o lado em que actua o medico do que o lado vulgar e estudado por muitos, do celibato eclesiastico.

A tentativa de Samuel Maia constitue tambem uma promessa: promessa de romances mais vivos, menos especialisados, aproveitando todos os recursos do escritor moderno que possue e limando a sua prosa dos defeitos que encontrar neste primeiro volume. E, no nosso meio tão falho poderá ainda ser alguem de muita valia.

A edição é cuidada e a capa pouco agradavel, de romance barato.

Um nucleo de tecidos, II, por D. Sebastião Pessanha — Ed. do auctor — Lisboa — Preço?

Publicou o erudito e artistico temperamento de Sebastião Pessanha a continuação do seu catalogo de specimens de tecidos que constitue não só uma valiosa documentação para os estudiosos como um verdadeiro trabalho de meticulosa classificação, notas e elucidações que honram o seu autor. O pequeno prologo que Sebastião Pessanha nos dá, e o suplemento em que trata dos Tecidos Medievaes Portuguezes bastam para fazer ideia da competencia e do amor com que o autor trata os estudos texteis, se outras obras de mór amplitude não nol-o tivessem já afirmado um investigador culto e ilustre.

Tres discursos, por José Ribeiro Alves Junior — Ed. do auctor — 1919 — Preço?

Com o sub-titulo «Ensaios oratorios» fez publicar o sr. Alves Junior, tres pequenos discursos, feitos na Academia de Sciencias de Portugal, um sobre a Ordem de Cristo, outro sobre Tomaz Cabreira e o outro sobre as Missões Ultramarinas.

São pequenas falas que não dão ainda ideia da capacidade oratoria do autor, mas atestam o seu desejo de evidencia.

Feitos gloriosos e Para rir e pasmar, por Maria O'Neill — Ed. Parceria Pereira — Lisboa.

Interessam-nos sobremaneiramente os livros para creanças; mas, confessamos, na «Biblioteca para a infancia» que esta empreza edita, foram agora encorporados dois que nos não agradam em absoluto. «Os feitos gloriosos» tratando de campanhas de Africa tem questionarios pouco logicos e pouco interessantes para creanças, como «O que é uma companhia?», «O que é concentração?», etc. Certamente que louvamos a ideia de ministrar á creança juntamente com as fantasias de fadas e gnomos, historia patria, mas... não massacral-a com coisas que nem os «crescidos» sabem. De resto, os volumes são ilustrados e teem alguns contos e historias que podem atrahir a pequenada. E salvo o reparo, pode seguir.

Armando Ferreira

AS SUBSISTENCIAS

Açambarcamento de generos

A policia cérca uma fabrica em Santo Amaro

A policia teve denuncia de que na antiga fabrica do Conde da Ponte, na rua Primeiro de Maio, a Santo Amaro, se encontravam açambarcados muitos generos. Ali se dirigiu o chefe Tavares, da 4.ª secção, que, auxiliado por varios agentes, fez uma demorada busca a todas as dependencias da fabrica, indo encontrar dois armazens, completamente atulhados de varios generos e muito principalmente bacalhau a granel e em barricas. Foi tudo apreendido, estando agora a policia a averiguar a quem pertencem esses generos e se se trata ou não de generos açambarcados.

Entretanto a fabrica ficou vigiada pela policia, tanto mais que não ha muitos mezes ali foi descoberto um grande carregamento de farinha que depois se apurou estar sonegada e ter sido ilegalmente adquirida, caso que, como é sabido, deu grande escandalo.

Leilão de bacalhau pôdre

Rendeu hoje na alfandega 10.050 escudos!

Ha tempos, um comerciante da praça de Lisboa fez encomenda para a Noruega de um carregamento de bacalhau, que depois chegou a Lisboa, mas em tal estado que o consignatario o recusou por improprio para o consumo. Apurou-se depois que o bacalhau era velho e se encontrava em mau estado, tendo estado algum tempo armazenado na Alfandega até se resolver sobre o caminho a dar-lhe. Com a acção do tempo o bacalhau ainda mais se deteriorou, sendo então a delegação de saude convidada a dar a sua opinião sobre o caso, opinando os subdelegados de saude de porque o genero não estava capaz, isto depois de se ter procedido á competente analise.

Nestas condições o que havia a fazer era enviar o bacalhau para o guano ou reexportal-o.

O proprio dono do bacalhau por intermedio da autoridade consular conseguiu que o bacalhau fosse á praça, o que hoje se fez, tendo o exportador coberto o maior lanço com 10.050 escudos.

O exportador, que acidentalmente se encontra de passagem em Lisboa, resolveu que o bacalhau siga para fóra de Lisboa, na proxima semana, para o que virá ao Tejo um vapor recebel-o.

AS VITIMAS DA AVIAÇÃO

FOI IMPONENTE O FUNERAL DO AVIADOR BOURGEOIS

O CHEFE DO ESTADO E MEMBROS DO GOVERNO FAZEM-SE REPRESENTAR

Realisou-se hoje o funeral do malogrado aviador francez Gaston Bourgeois vitima do terrivel desastre ante-hontem ocorrido no campo de aviação Republica, na Amadora.

O saimento funebre estava marcado para as 12 horas, da casa dos Depositos do hospital de S. José, para o cemiterio dos Prazeres. Muito antes, porém, dessa hora, era já grande a afluencia de pessoas que ali se haviam dirigido a inscrever os seus nomes nos registros ou a deixar cartões. Entretanto iam chegando os contingentes dos varios batalhões da guarda republicana, que formavam alas até á porta do banco. Na casa do Deposito mal se podia rômper, tal era a aglomeração de gente entre a qual predominava o elemento militar com os seus vistosos uniformes. Entre a assistencia recorda-nos ter visto os srs.:

João Rocha, representando o sr. presidente da Republica, Carlos Almeida Abrantes, pelo sr. presidente do ministerio, ministros da guerra e marinha, Henrique de Melo Barreto, pelo ministro dos estrangeiros, general Mendonça e Matos, comandante da guarda republicana, capitão Alvaro da Costa, pelo general sr. Abel Hipolito, coronel Luiz Ferreira Martins, pelo general governador do Campo Entrincheirado de Lisboa, alferes Antonio Bana, pelos oficiaes do corpo de policia civica, Augusto F. d'Almeida, pela Liga de Aviação Civil, major Pereira da Costa Junior, pelo 1.º grupo de metralhadoras, capitão Antonio Batista de Carvalho, pelo povo de Ponte de Sôr, coronel Desiderio Beça, tenente-coronel Liberato Pinto, chefe do Estado Maior da G. R., capitão de fragata Carlos Cezar de Freitas Silva, major Anicelo Rodrigues da Costa, ministro de França, secretarios e adido, Alfonse Doire, consul de França, Eugene Guichenay, coronel Amilcar da Mota, L. Puinet, Georges Fox, Gabriel Ponymayon, Beauvalat, Henri Van der Verist, Alain Kergall, Louis Fevrier, J. Amizan, etc.

O cortejo em marcha

Ao meio dia em ponto chegou ao hospital de S. José o prior do Socorro, que se fazia acompanhar do seu acolito, comparecendo pouco depois um sacerdote francez igualmente acompanhado do acolito, procedendo-se então á encomendação do corpo, findo o que a urna foi retirada do catafalco sendo conduzida aos hombros dos oficiaes aviadores, organisando-se dois turnos e pegando ás borlas, no 1.º turno, o representante do chefe do Estado, o sr. ministro de França, o adido militar francez e varios membros da colonia, e no segundo turno o sr. consul de França e outros membros da colonia.

O feretro, uma vez chegado á porta principal do hospital, foi deposito num armão da guarda republicana, tirado a tres parelhas e coberto com a bandeira franceza.

Organisou-se então o cortejo pela seguinte forma: piquete de cavalaria da guarda republicana, do comando de um alferes; contingentes dos varios batalhões de infantaria e esquadrões da guarda republicana, abrindo alas; sargentos e mecanicos da esquadrilha de aviação conduzindo as seguintes corôas:

Dos paes, a seu filho bem amado; do pessoal do parque de aeronautica; grande corôa da colonia franceza; da Escola Militar de Aviação; do pessoal superior do Parque de Material Aeronautico; de E. P. Raynham; grande corôa da aviação portugueza; dos oficiaes do grupo de esquadrilhas de aviação Republica; dos sargentos e mecanicos da esquadrilha Republica; do aviador Frouval; do Centro de Aviação Maritima; de D. Madeleine Peffer; uma grande corôa dos aviadores inglezes; dos mecanicos de Bourgeois, Trachaub e Ceradin; da casa Morane Saulnier, de Paris.

Varias praças da escola de aviação conduziam ainda numerosos ramos de flôres alguns deles formosissimos e entre os quaes se destacava pela sua beleza o ramo oferecido por «A Capital», o unico jornal que pela sua propaganda creou entre nós a aviação militar; e dois lindos ramos oferecidos pelas escolas francezas.

Seguia-se depois um automovel revestido de panos negros conduzindo uma grande corôa oferecida pelos «chauffeurs» que fazem praça no Rocio e por fim o armão com o feretro, ladeado por sargentos da guarda republicana e das escolas de aviação. Após o armão seguia-se um automovel aberto com sacerdotes e após este o aviador Frouval conduzindo sobre uma almofada de veludo escarlate as cruzes da medalhas do malogrado Bourgeois; o representante do chefe do Estado, secretarios e ajudantes dos membros do governo, oficialidade de mar e terra largamente representada, colonia franceza levando á frente o respectivo ministro, secretario, consul e pessoal da legação, sargentos e mecanicos, marinheiros e praças do exercito, etc.

O cortejo, entre alas de povo, tomou pelas ruas da Palma, da Guia, Arco Marquez de Alegrete, do Amparo, Rocio, do Carmo, Garrett, d'O Mundo, S. Pedro de Alcantara, Praça do Rio de Janeiro, Escola Politecnica, Praça do Brazil, ruas do Sol e Visconde de Santo Ambrosio, Saraiva de Carvalho e cemiterio dos Prazeres.

No cemiterio

No largo dos Prazeres, onde o feretro chegou ás 14,30, era enorme, compacta, a multidão.

Estava ali, á direita da entrada do campo mortuario, uma força de engenharia de caminhos de ferro, com a respectiva banda, para prestar as honras da ordenança ao desventurado aviador.

Os portadores de corôas foram postar-se á direita da entrada da capela, ficando á sua frente uma grande corôa de flôres naturaes, mandada depôr sobre o ataude pelo senado municipal, que ali se achava representado pelo vereador sr. Oscar dos Santos.

Conduzida a urna para a capela, foi ali colocada sobre uma eça, procedendo o reitor de S. Luiz á encomendação. Em seguida, o prestito dirigiu-se para o jazigo da familia Fidié, onde foi depositado, e que fica no fundo da rua n.º 19.

Ali, depois dos responsos de sepultura, o sr. Dove, consul de França, disse ir ali em nome da colonia do seu paiz n'esta capital, apresentar ao ilustre aviador as homenagens sentidas e doloridas. Elogia o arrojo e bravura de Gaston Bourgeois, já celebre e agora tristemente notavel na historia da aviação. Lamenta a magoa que os paes do desventurado moço devem sentir desventurada noiva, que o aguardava para com ele constituir o seu casamento.

Em nome d'esses entes queridos por Bourgeois e do seu paiz agradece penhoradissimo aquela manifestação, que é um penhor mais, se necessario se torna, da união da França e de Portugal.

A seguir, o coronel sr. Bernard, adido militar na legação franceza, diz tambem algumas palavras em nome do exercito francez; lamenta aquela morte prematura d'um dos melhores servidores da Republica Franceza e da aviação. Dirigindo-se ao ataude exclamou com a voz comovida: «Descança em paz; fizeste a tua obra patriotica».

Terminou agradecendo ao chefe do Estado e ao governo a sua representação e muito especialmente ao sr. ministro da guerra, para quem teve palavras muito cheias de sentimento e de admiração.

O sr. capitão Brito Pais, que em seguida usou da palavra em nome dos serviços da aviação portugueza, pôz em destaque as qualidades de Gaston Bourgeois, cuja morte enlutava os que em Portugal se dedicam á navegação aerea, cujos principes aprenderam com os francezes, sendo em França que pela primeira vez se elevaram no espaço. Apresentou os pezames á familia, á noiva e á França.

E pondo na cabeça, até então descoberta, o képi, fez a continencia militar, dizendo: «E' a ti, Gaston Bourgeois, a saudade dos aviadores portuguezes!»

Falou, por ultimo, o sr. Rangel de Lima, em nome do «Diario de Noticias», que recorda a frase de Pinheiro Chagas, em França: «La France brule, mais c'est le monde qui est éclairé».

Depois, o ataude desceu á cripta, um clarim tocou os sinaes de sentido e de fogo e lá fôra troaram as tres descargas da ordenança, intervaladas pelos sons d'uma marcha dolente.

General Gomes da Costa

O sr. general Gomes da Costa, que ultimamente foi submetido a uma operação, já hoje saiu a passeio. A sua longa permanencia nas colonias, onde a par de brilhantes serviços se distinguiu nas campanhas da India, de Mousinho e Cuamato, abalou-lhe a saude, que ainda mais comprometida ficou em França com o comando permanente da divisão da 1.ª linha do C. E. P.

Apresentamos-lhe ao valoroso militar as nossas felicitações.

A "Casa dos Jornalistas"

Por motivo de trabalhos urgentes e inadiaveis, a que tem de proceder a comissão executiva da «Casa dos Jornalistas», fica transferida, para quando oportunamente se anunciar, a reunião marcada para amanhã da sua comissão provisoria.

COERENCIA E PATRIOTISMO

A questão do peixe

A alienação por parte do Estado dos vapores apresados aos alemães tem sido defendido antes pela sua má administração confiada á estação oficial denominada «Transportes Maritimos» do que pela necessidade de realisar uma operação financeira para atenuar a situação precaria do tesouro publico.

Na imprensa, na rua dos Capellistas e por toda a parte finalmente, não ha discrepancia no dizer que o Estado é um incompetente administrador, ainda do mais simples serviço que se meta a dirigir.

Tal defeito não é exclusivo do Estado. E' vêr tambem a administração lastimosa dos instituições administrativas, Camaras Municipaes, etc., para se reconhecer igual incapacidade.

Foi, portanto, sem duvida julgado que, por uma transacção com banqueiros versando sobre os vapores ex-alemães, se alcançaria um rendimento superior áquele que adviria do Estado pela sua administração. Ficou assim mais uma vez provado, se preciso fôsse, que o Estado é um pessimo administrador.

Estes vapores estão a cargo dos «Transportes Maritimos do Estado», cuja organisação é moldada pela da Exploração do porto de Lisboa, e sujeitos, tanto sob o ponto de vista tecnico como do trafego comercial, são palpaveis.

E sobre os serviços tecnicos basta citar as celebres obras das docas de Santos, que ficou em peiores condições do que estava, e não se prevendo quando possa ser util ao movimento comercial.

Se assimos a administração pelo Estado e passarmos, por exemplo, para a da Camara Municipal de Lisboa, veremos não serem menos dignos de censura os seus processos, em nada diferindo dos do Estado.

E' vêr essas barracas nas ruas imundas, os sujos mercados, etc., etc. Nota-se por toda a parte a maior negligencia a par da mais refinada incompetencia, que os cidadãos não podem disfarçar. Os edificios da Camara vão-se arruinando, e só quando a derrocada está iminente, é que se repara, gastando-se dez vezes mais do que se a tempo fôsse atendida.

Emfim serviços do Estado ou das Camaras na mesma incuria.

Ora n'este caso restricto, reconhecendo o Estado a sua incapacidade administrativa para gerir os seus navios de comercio, causou surpreza ter sido publicado ha dias a resolução do conselho de ministros de elaborar um projecto de lei regulando a requisição dos vapores de pesca de arrasto.

Agora pergunta-se, onde se encontra a coerencia do governo?

Será quando aliena os vapores, que, por não saber administral-os, encontra quem lhe dê renda maior da que obtem agora?

Ou será quando vae tirar de Emprezas de Pesca os seus vapores bem administrados, para os entregar ao dissoluto regimen Municipal?

Se o Governo quer ser uma entidade considerada e respeitada não póde com esta inconsequencia obter essas qualidades.

Proceder com os navios ex-alemães como está esboçado, o Governo atende os seus interesses, mas se resolver tirar os vapores ás Emprezas de Pesca arruina a industria, porque irão cahir nas mãos de reconhecidos incompetentes, que tudo destruirão.

Com franqueza é dificil conciliar estes dois criterios do Governo, para os seus vapores e para os dos outros.

Os seus, que trabalham mal, vão para uma Empreza particular. Os de pesca, que são particulares e trabalham bem, vão entregal-os á Camara Municipal.

Para que procede o governo com tal incoerencia? Para que lhe disseram, se a Camara pescar mal com os vapores dirá que bem pesca e que o preço do peixe ha de baratear.

E tanto é digna tem a requisição dos vapores como a medida de chamar estrangeiros contra portuguezes admitindo no mesmo pé de egualdade nos portos nacionaes todos os pescadores sem distinção de nacionalidade. A que degradação se chegou!

Theatros e Cinemas

Nota do dia

Acudindo ás referencias que anteontem a Nota do dia fazia relativamente á possivel retirada de O mercador de Veneza do repertorio dum dos nossos teatros de declamação onde fôra anunciada, o director artistico desse teatro vem ratificar-nos ou antes fazer luz sobre esses boatos, pondo as coisas nas devidas alturas. Da sua carta transcrevemos:

«A peça de Shakespeare deve entrar em ensaios proximamente e nenhuma combinação teatral me faria desviar da orientação que procuro dar aos meus espectaculos. A representação do Mercador de Veneza, com a sua enorme responsabilidade artistica, apezar dos seus pezados encargos materiaes, constitue sempre para mim o clou da minha temporada. E' o golpe dum audacioso. Mas o meu grande desejo de fazer arte em teatro, a preciosa colaboração de Ferreira da Silva para o papel creado por Irving e por Novelli, a valiosa cooperação de Antonio Pinheiro na mise-en-scène, tudo me leva com entusiasmo á «representação moderna» da obra de Shakespeare.

«... devo no entanto dizer-lhe que recebi e tenho em meu poder uma peça policial cuja representação, pela originalidade dos seus truces, me merecera toda a atenção e não oculto que figurará no meu repertorio.»

Ainda bem que assim succede e, — confessamos — nem outra colsa esperavamos duma empreza que se impoz pela lealdade das suas afirmações e pelo intuito artistico com que apareceu no meio teatral.

Esclarecida, pois, a pequena intriguinha, cumpre-nos ainda salientar que o procedimento de Augusto Pina, vindo afoitamente tratar destes assuntos, prova a sua consciencia tranquila de qualquer atentado... artistico e a sua boa fé, o que não é vulgar.

Descançamos, pois, descança tambem a honrosa memoria de Shakespeare e descança a empreza atingida pela nossa Nota do dia.

Armando Ferreira

Primeiras e reposições

«Adeus Mocidade», comedia em 3 actos de Camasio e N. Oxilia, adaptação de Chaby Pinheiro.

Mais uma «reprise nos deu anteontem a companhia Aura-Chaby e parece-nos ter pegado a moda pois em breve outra se anuncia.

«Adeus Mocidade» como os leitores já devem saber é uma evocação dos episodios interessantes passados entre a Academia de Coimbra em que a rapaziada passando a vida de tropel com o seu fundo erudito e fantasista cae subtilmente no realismo picante sentindo a nostalgia dum tempo que não mais volta.

A peça de contextura ligeira tem comtudo lances dramaticos interessantes especialmente o 2.º acto, em que o talento de Aura, digna sucessora de sua mãe, se pronuncia firmemente. Chaby, o consciencioso actor, bem como sempre, mas não podemos deixar de reconhecer que o papel representa como vulgarmente se diz «galinha» para um artista de tão alta envergadura.

Ribeiro Lopes que continua estudando é prejudicado pela voz que toma inflexões por vezes pouco agradaveis, defeito que julgamos poder o artista corrigir.

Beatriz d'Almeida muito bem posta no 2.º acto, mas desejariamos que a dicção muitas vezes corresponde á perfeição das «toilettes».

Virginia Farrusca e Santos Melo bem nos paes provincianos e os restantes artistas regularmente.

E agora quando virá a primeira peça nova?

Noticiario

Portugal

Recebemos da conhecida e celebre cantora Nelli Melba, com data de 13, o seguinte telegrama: «Baixo Mota Marques obteve hontem no meu concerto em Portsmouth um grandioso sucesso. Felicito Portugal».

Angelo de Mota Marques tem uma esplendida voz de baixo, honrando assim no estrangeiro o nome da sua patria.

Espanha

Teve grande exito no teatro Comico, de Madrid, a nova zarzuela «Garduña», de Antonio Paso e Rosales, com musica dos maestros Soutullo e Vert, sendo tambem um triunfo mais para Loreto Prado, Chicote, Jovellanos e Tarrens.

Réclames

Esta noite realisa-se o segundo espectaculo da companhia de bailes de Ana Pavlowa, que na quinta-feira teve grande exito. Será ... de S. Carlos. A genial artista coreografica, a deusa da dança, apresentará esta noite nos varios numeros do programa, novas creações, bem como o primeiro dançarino Volinidegue que, juntamente com o magnifico corpo de baile, executarão o seguinte: 1.ª parte, «Amarilla», bailado dramatico de Rschefkowski; 2.ª parte, «Os preludios», sobre meditações poeticas de Lamartine, preludio sinfonico n.º 3 de Liszt; 3.ª parte, «Os Divertissements, Obertass», de Lewandovski; «A morte do cisne», de Saint-Saëns; «Valsa», de Strauss; «Dança Hollandeza», de Grieg; «Dança Indostanica», de Freissler; «Valsa Danubio Azul», de Strauss, e «Bacchanal», de Glasunoff.

Cartaz de hoje

S. Carlos, ás 21, Bailados pela companhia Ana Parlowa.
Nacional, ás 21, «O Cardeal».
S. Luiz, ás 20,30, «O pé da moeia».
Ginasio, ás 21,30, «A cadeira n.º 13».
Politeama, ás 21, «Blanchette».
Eden, ás 20, O quadro novo «Bacos e Companhias» e a revista «Aqui d'El-rei». — A's 22 — «A princeza dos dollars».
Avenida, ás 21, «O pae Simão».
Apolo, ás 21,30, «Os 20 milhões».
Coliseu dos Recreios, ás 21, Grande Companhia de Circo.
Animatographos — Salão Foz, Olympia, Condes, Chiado Terrasse, Salão da Trindade, Salão da Promotora, em Alcantara, Salão Portugal, rua de S. João da Praça.

Salão Central

«Almas inimigas» é um drama em 3 actos que muito agrada pelo seu entrecho deveras interessante. Tem scenas que comovem profundamente, passagens que muito prendem a atenção do espectador, situações que subjugam, que preocupam...

Na sua estreia de hontem alcançou um legitimo sucesso, e outro tanto ha-de suceder no espectaculo de hoje, em que será exibido pela segunda vez.

Tambem as «Actualidades Brazileiras», em 1 acto, com os seus lindissimos aspectos panoramicos e «No mar dos Golfos», em duas partes, fita comica de riso permanente, figuram no programa desta noite.

A' nota artistica, porém, que entusiasma, que faz vibrar, está na repetição da fenomenal jornada «A arvore da morte», da grandiosa pelicula «As garras do leão».

Marie Walcamp continua a maravilhar a selecta concorrencia de este lindo cinema com o seu arrojo, a sua graça e os primores do seu belo desempenho.

Ir vel-a é um acto de justiça; acompanhal-a até final do seu trabalho, um dever de todos os que presam a boa arte.

Loteria de Lisboa

Numeros mais premiados

3525 . . . 20.000$00
5693 . . . 2.000$00

Numero	Premio	Numero	Premio
797	600$	3504	200$
144	200$	4108	200$
469	200$	6184	200$
870	200$	7250	200$
1489	200$	7606	200$
2494	200$		

CAMBIOS

Henrique de Sousa & C.ª
Rua Aurea, 56—60

Lisboa, 22 de novembro de 1919.

	Compra	Venda
Londres, cheque	23 5/8	23 3/8
» 90 dias	23 7/8	—
Paris, cheque	260	264
Madrid, cheque	500	506
Berlim, cheque	55	65
» notas	—	—
Amsterdam, cheque	920	930
New-York, cheque	2470	2510
» notas	2450	2500
» ouro	2450	2500
Libras em ouro	12$20	12$40
Agio do ouro	165	170
Rio sobre Londres	16 7/16	
Suissa	452	458
Italia	200	204
Belgica	276	281

Ecos & Noticias

ANIVERSARIOS

Passa amanhã o aniversario natalicio da interessante pequerrucha Maria Augusta Marques Ferreira (Mályu), filha estremecida da sr.ª D. Emilia Marques Ferreira e do nosso prezado colega de «retacção e distincto engenheiro Armando Ferreira.

PARTIDAS E CHEGADAS

Chega depois de amanhã a Lisboa o ilustre jurisconsulto brazileiro sr. dr. Rodrigo Octavio, que já se acha no Porto, a bordo do vapor «Curvello».

FALECIMENTOS

Faleceu a menina Henriqueta dos Santos Lima, estremecida filha do sr. Antonio da Costa Lima, capitão da guarda nacional republicana. O funeral realisa-se amanhã, ás 13 horas, sahindo da rua Castello Branco Saraiva, 90, 2.º

O caso do dia

E' das mais belas obras do teatro o novo acto intitulado «O Rocio», com que foi ampliada a celebre revista «O Pé de Meia», agora na sua 2.ª fase e que prossegue no seu esplendoroso sucesso. Todos devem ir vêr este espectaculo verdadeiramente empolgante e artistico, todas as familias e todas as creanças, pois que, além do deslumbramento, lindo musica, extraordinarias apoteoses, constitue um ensinamento com a encantadora reconstituição de varias épocas da nossa historia, apresentando as transformações por que tem passado o Rocio desde a Edade Media até aos principios do seculo XIX. As enchentes sucedem-se entusiasticamente e o espectaculo termina agora antes da meia noite e meia hora para com socego e facilidade os espectadores obterem conducção para suas casas.

Festas associativas

SOCIEDADE GUILHERME COSSOUL — A'manhã, domingo, ás 21 e meia horas, ha baile.

CLUB SIMÕES CARNEIRO — A'manhã, ás 21 horas, recita e baile, havendo dois actos de variedades e a representação da comedia «Um ensaio do Hamlet».

ACADEMIA DO PES. CAM. FERRO NORTE E LESTE — A'manhã, ás 14 horas, «matinée» darte dedicada á imprensa, abrilhantada pelo sexteto Ciriaco, das 22 ás 3 baile; depois de amanhã, concerto e varidades, seguindo-se baile. E' comemorado o 20.º aniversario da fundação.

Movimento associativo

TRABALHADORES DE TEATRO.— Reune a assembléa geral amanhã, domingo, ás 14 horas, no teatro Apolo, para continuação de trabalhos pendentes.

ULTIMA HORA

A NOSSA POLITICA

O Congresso do Partido Republicano Liberal

Ordem do dia

Assume a presidencia o sr. Vasconcelos e Sá, que nomeia novos secretarios. Profere um pequeno discurso de saudação e declara aberta a discussão sobre a primeira parte da ordem do dia, que é o programa do partido.

O sr. dr. Moura Pinto inicia a discussão declarando estar persuadido que este congresso marcará o inicio duma nova epoca historica, sendo d'aqui em deante impossivel organisarem-se «trusts» do poder, fabricados nas alfurjas revolucionarias. Vamos, finalmente, ter em Portugal uma Republica!

Entra na analise do programa. Quer que se modifique uma das suas disposições, alargando as faculdades para o livre exercicio da religião catolica, sem que, todavia, se permita a intromissão no poder temporal de quaesquer elementos perigosos para a segurança do regimen. Defende, num longo discurso, a obra que realisou como ministro da justiça no primeiro periodo do dezembrismo. E' ouvido com atenção e, no final, bastante aplaudido.

Fala o sr. Afonso de Melo, que faz um discurso eminentemente politico, defendendo a necessidade de se fazer a obra da paz, agora que a guerra está finda, pretendendo que se resista á obra demolidora que se denuncia por toda a parte. Em Portugal essa missão pertencerá, por todos os titulos, ao P. R. L.

Segue-se o sr. Alves dos Santos. Ocupa-se da parte do programa que incide sobre o ensino. O problema pedagogico tem que ser resolvido com soluções portuguezas e não com a introdução ou adaptação de formulas estrangeiras. Quer que se faça um inquerito á situação da escola portugueza, organisada em bases de segura informação. O orador, que se declara inteiramente conhecedor do que é necessario fazer, não tem todavia tempo de expôr as suas ideias, porque tem de ceder o logar a outros oradores, nos termos do regulamento do congresso. E' aplaudido.

O sr. Luciano Liberato declara que o programa do P. R. L. o não satisfaz sob o ponto de vista como trata as questões financeiras e economicas. Não ha novidades no sistema tributario preconisado no programa. Ora já se sabe o que é imposto progressivo e imposto degressivo, já se está saciado de ouvir falar em equilibrio orçamental, etc., mas nada se diz de questões fundamentaes. Disserta sobre assuntos economicos, indicando quaes são os meios de furtar o paiz á catastrofe que o ameaça. Cita, a proposito, a Alemanha e a intervenção do Estado na vida industrial. Lamenta que o P. R. L. não enveredе por um caminho verdadeiramente liberal ou progressivo.

Responde aos oradores precedentes o sr. Ferreira Mira, relator. O programa foi feito para ser discutido, é apenas um esboço. Foi assim redigido propositadamente. O programa do partido tem de abranger os seus intuitos e nessas condições, só podia referir-se a principios geraes. Ele será completado, evidentemente, pelos governos que saiam do partido, que se inspirarão nas ideias geraes expostas para enveredarem pelo caminho da especialidade pratica.

O sr. major José Maria Freire trata de questões coloniaes, principalmente no que se relaciona com as missões religiosas. Diz que varios perigos ameaçam Angola e Moçambique. Angola tem um «deficit» orçamental de seis mil contos e deve ao Estado mais de cem mil contos. A colonia não tem condições de vida desafogada. O problema politico é tambem grave. Procura-se desnacionalisar a colonia. Ora o problema das missões religiosas não consta do programa do partido e é necessario incluil-o, porque tem demasiada importancia para isso.

O orador continua no uso da palavra.

Fechando neste ponto o relato do que de mais importante se passou até ao declinar da tarde, devemos constatar que a boa ordem na assembléa foi realmente modelar, não se tendo produzido um unico incidente perturbador. Todos os oradores disseram o que quizeram e como quizeram. Isto está tão pouco nos habitos das assembléas politicas de Portugal que nos cremos no dever de aqui o salientar.

EM VIAGEM

Boas novas

PENA (CINTRA), 22.— Um Sem-Fios de bordo do vapor «Peniche» diz que os oficiaes saudam suas familias. Todos bem. Seguem para Gibraltar, Marcelino, Sousa, Gaspar, Hipolito, Santiago.—(Havas).

PENA (CINTRA), 22.—Um Sem-Fios de bordo do vapor «Peniche»: O pessoal de camara do vapor «Peniche» sauda suas familias e amigos. Francisco Gonçalves, Antonio Pinto, José Coureiro e Jos Alquino. —(Havas).

Pelo Telegrafo

O Tratado de Paz e o Senado americano

WASHINGTON, 20.—O senado rejeitou por 55 votos contra 39 a resolução a favor do tratado de paz, tal qual do resulta emendado, depois das reservas apresentadas pelo senador Hodge.—(Havas).

Na America do Sul

Monumento da independencia nacional

RIO DE JANEIRO, 22.

A Camara de Comercio Hespanhola ofereceu ao governo o marmore necessario para o projectado monumento á independencia nacional, que será inaugurado em 1922, por ocasião da celebração do primeiro centenario da emancipação brazileira.—(Americana).

O desenvolvimento da navegação argentina

BUENOS-AYRES, 22.

A comissão de finanças do Senado deu parecer favoravel ao projecto que estabelece uma linha de navegação que, partindo da Argentina, toque em Valparaizo e Barcelona e termine em Genova.—(Americana).

Descoberta de jazigos de cobre

RIO DE JANEIRO, 22.

Comunicam de Parahyba do Sul que foram ali descobertos importantes jazigos de minerio cuprico.— (Americana).

Nitti visitará o Uruguay

MONTEVIDEO (Republica Oriental do Uruguay), 22.

O governo enviou o convite ao dr. Nitti, presidente do conselho de ministros de Italia, para visitar o Uruguay. O convite foi aceite, devendo a viagem realisar-se no primeiro semestre de 1920.—(Americana).

Prisões de anarquistas

RIO DE JANEIRO, 22.

Em Matto Grosso continuam a ser presos anarquistas militantes e quasi todos de nacionalidade hespanhola ou italiana.—(Americana).

Corridas de touros

RIO DE JANEIRO, 22.

Na visinha cidade de Nitheroy, capital do Estado do Rio de Janeiro, começaram as corridas de touros de hastes emboladas.—(Americana).

As eleições francezas

PARIS, 20.

Os ultimos apuramentos eleitoraes não modificam em nada a fisionomia conhecida que terá a camara.— (Havas).

A beatificação de Nun'Alvares

A festa de hoje em Santa Justa, a segunda do triduo, celebrada pela egreja em honra da beatificação de Nun'Alvares Pereira, foi muito concorrida.

Antes da missa de pontifical, celebrada pelo sr. arcebispo primaz, acolitado pelas dignidades que hontem mencionámos, houve «Festias» solene presidida pelo mesmo prelado.

A missa, executada pelo côro e orquestra de instrumentos de arco, foi do abade Lourenço Perozzi, o grande compositor de musicas sacras e mestre da capela Sixtina.

Assistiram a estes actos os srs. cardeal patriarca, arcebispos de Mitileno e de Evora, bispos do Porto, Portalegre e Vizeu.

A' tarde celebraram-se vesperas pesididas pelo sr. D. Antonio Bello, seguidas de sermão pelo sr. bispo do Porto, que produziu uma magnifica oração exaltando os merecimentos do Condestabre.

O eclipse do sol

Como estava previsto deu-se hoje de tarde o eclipse parcial anular do sol. O fenomeno foi observado em Lisboa nos observatorios da faculdade de sciencias da escola Politecnica e no da Tapada da Ajuda. Não se registou qualquer particularidade notavel, tendo-se produzido o primeiro contacto ás 15 horas, 15 minutos e 25 segundos aproximadamente.

O final do eclipse só se produziu depois do ocaso. A atmosfera clara e sem nuvens favoreceu bastante as observações astronomicas.

O «S. Miguel»

Tendo terminado o conflicto levantado pelo pessoal do vapor «São Miguel», da Empreza Insulana de Navegação, este barco largou hoje do Tejo com destino ás ilhas, cerca das 13 horas, não se tendo dado incidente algum.

Assistencia infantil de Santa Izabel

Para inaugurar os trabalhos escolares do presente ano lectivo, realisa-se amanhã, ás 14 horas, uma sessão solene na séde da Assistencia infantil de Santa Izabel, rua do Patrocinio, 3 e 5.

Aquisição de novos cruzadores

O transporte de guerra «Pedro Nunes» largou ás 14 horas do nosso porto com rumo a Inglaterra, levando a bordo dois dos membros da comissão que vae ali tratar da aquisição de cruzadores.

Foi despedir-se d'esses oficiaes o sr. major general da armada, fazendo-se o sr. ministro da marinha representar por um dos seus ajudantes.

Uma insubordinação na Cadeia Nacional

Trata-se apenas do gesto dum exaltado

Um jornal da noite de hontem noticiava que o preso Julio da Costa, assassino do sr. dr. Sidonio Paes, conseguira ante-hontem na Cadeia Nacional, antiga Penitenciaria, arrastar varios criminosos de delicto comum a uma insubordinação.

O sr. ministro da justiça, ao ter conhecimento do caso, imediatamente procurou apurar o que se havia passado, tendo sido informado pelo director d'aquela casa penal de que o preso Julio da Costa, que sofre frequentemente de alterações nervosas, levantára vivas á Republica, fazendo grande alarido sem que comtudo fôsse acompanhado em taes manifestações por quaesquer outros presos ou guardas. O referido criminoso não está em regimen prisional, pois não se trata de um condenado, não estando tambem junto com os presos politicos, mas sim com os comuns.

Ao serem levantados os vivas, o chefe dos guardas, receando qualquer caso mais grave, requisitou uma força da guarda republicana, que logo retirou, por tudo haver serenado a breve trecho.

O sr. ministro da justiça só amanhã receberá o relatorio completo sobre o caso.

Poeira da Arcada

Peixe vendido nos portos espanhóes

Consta que o governo vae adoptar energicas providencias no sentido de evitar a repetição do facto que ha tempos se dá dos barcos de pesca traineiras, do norte do paiz, irem vender o produto da sua industria aos visinhos portos espanhoes de Vigo, Villagarcia e outros.

Sanidade interna

Segundo o boletim de sanidade interna, na semana finda a 15 do corrente deram-se em Lisboa 21 casos de difteria, 1 de escarlatina, 1 de febre tifoide, 1 de meningite e 14 de variola e no Porto 6 de difteria e 2 de variola.

Sindicancia

O sr. dr. Santos Monteiro, chefe de uma das repartições do ministerio das colonias, está procedendo a uma sindicancia aos actos do ex-governador de Macau, nomeado pelo dezembrismo, sr. Antonio Tamagnini Barbosa. Essa sindicancia refere-se a actos praticados por aquele senhor quando funcionario da secretaria das colonias.

Ministro das finanças

Continua doente o sr. ministro das finanças.

Presidencia da Republica

Entre os srs. presidentes da Republica e do ministerio houve hoje demorada conferencia.

Noticias da Capital

A roubalheira diaria

Em casa de Ermelinda da Conceição Lourenço, na avenida Almirante Reis, 85, rez-do-chão, entraram os gatunos por meio de arrombamento, furtando-lhe objectos no valor de 208 escudos.

Queixou-se Antonio Bensabat Lopes Valente, morador na avenida 5 de Outubro, 18, 2.º, de que uma sua creada de nome Manuela se ausentou de casa furtando-lhe objectos e dinheiro no valor de 160 escudos.

—A Antonio Milheiros, residente na quinta de Sant'Ana, em Telheiras, furtou o carroceiro Antonio Catarino uma carroça e uma muar, fugindo depois para parte desconhecida.

—Queixou-se Gertrudes Magna de Jesus, moradora na rua do Arsenal, 84, 4.º, de que a sua hospede Dina Dias da Cruz lhe furtou a quantia de 120 escudos, ausentando-se para parte incerta.

Fetos abandonados

A policia fez remover para a Morgue tres fetos que foram encontrados abandonados na Praia da Viscondessa, avenida Almirante Reis e rua Pascoal de Melo.

Uma verdadeira fera

Rosaria Rodrigues Martins, moradora na travessa Larga, 19, 2.º, queixou-se de que um individuo de nome José abusou de sua filha Alice, de 5 anos, contaminando-a de molestias contagiosas.

Julia dos Prazeres Alves Marinhas

FALECEU

Manoel Antonio Estevão Marinhas, Claudia de Jesus Marinhas de Ceia e seu marido Mario Augusto de Ceia, Antonio Augusto Marinhas Gaspar, Antonio de Barros Marinhas e sua mulher Leopoldina Ernestina Gisbert Ferreira Marinhas e Eliseu Alves Marinhas participam aos seus parentes e pessoas das suas relações que foi Deus servido chamar para a sua eterna companhia, aquela sua querida esposa, mãe, sogra e cujo o saimento funebre terá logar amanhã, pelas 16 horas da rua do Bemformoso, 200, 2.º, para o jazigo.

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

3384 — 10.° anno — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.°

LISBOA — Domingo, 23 de Novembro de 1919

Telephone n.° 2298 — Endereço teleg. CAPITAL — Officina de impressão — 71, Rua da Bica, 71

Preço, 2 centavos

Presidencialismo

O senado americano não aprova o tratado da paz, de que foi um dos principaes, se não o principal organisador, o presidente Wilson. Tal é a situação, cuja importancia não pode iludir-se e cuja gravidade não pode ocultar-se, tanto mais que o telegrafo já anuncia que no dia 1 de dezembro o tratado da paz entrará em vigor para as nações que o firmaram.

O que se está passando na America é o fruto dum sistema politico que só na America é posto em pratica, e que ainda recentemente se pretendeu, com uma lamentavel cegueira que conduziu aos maiores desastres, imitar em Portugal.

Referimo-nos ao sistema presidencialista, condenado nas pequenas republicas da America Central, mas cujo tipo se encontra nos Estados Unidos, e que, em consequencia da prodigiosa vitalidade do seu povo, a muitos se afigurou um melhor sistema de processo do que o das democracias parlamentares da Europa.

Que tal não sucede, prova-o o facto de agora, em que um grande paiz fica numa situação singular em relação ao resto do mundo civilisado, e em que um chefe de Estado são inteiramente exautorado, e com ele o sistema de que é simbolo.

Com efeito, o presidente Wilson, em virtude dos poderes magestaticos que a Constituição lhe confere, teve a direcção suprema tanto da intervenção na guerra como da conclusão da paz. Resolveu e executou soberanamente. Fez parte do conselho dos Quatro que veiu a decidir da sorte do mundo. Está inteiramente ligado a todas as responsabilidades do tratado.

Mas o presidente Wilson valia muito como representante da vontade dos Estados Unidos. Agora que, tendo que submeter á sancção do senado os seus trabalhos, se vê desaprovado por essa assembleia, o presidente Wilson já não vale nada. Quer dizer: tudo está para refazer, desde a conclusão do armisticio. Os Estados Unidos não ratificam os compromissos presidenciaes.

Tal não sucederia se o regimen não fosse, nos Estados Unidos, presidencialista, isto é, dando ao presidente poderes soberanos, mas como, na realidade ele não pode ser um soberano absoluto, a valer, porque depende da soberania nacional, podem dar-se casos destes que criam as mais extraordinarias situações.

Se a Republica norte-americana fosse parlamentarista, isto não teria acontecido. Para as grandes resoluções, nunca se dispensaria o parlamento, o que quer dizer que não se correria o risco de fracassos como do presidente Wilson.

O regimen presidencialista é uma transição entre a monarquia absoluta e o sistema representativo. Engendrou-se na grande nação norte-americana quando esta, tendo deixado de ser uma colonia ingleza, e portanto de estar sujeita a uma monarquia, procurou, no gozo da sua independencia, crear o regimen politico que regularisasse a vida nacional. Não havia rei. Pensou-se na Republica, mas entendeu-se que o chefe dessa Republica devia ter os poderes dum rei, embora sujeito ás sancções da vontade popular, representadas por um poder novo.

Passou-se mais dum seculo, e os chefes de Estado, no regimen presidencialista, continuam a ter demasiados poderes. Como, porém, as forças da democracia fossem aumentando, a soberania da nação afirmou-se, e agora, eis que um chefe de Estado é posto em cheque na mais melindrosa das questões internacionaes!

Desenganemo-nos. Para uma democracia, para uma Republica, o sistema parlamentarista, apesar dos defeitos de que enferma, ainda é o mais logico e o mais seguro. O que se está passando nos Estados Unidos, a Republica-tipo do presidencialismo, constitue disso uma irrefutavel afirmação.

Para nós, este facto tem ainda outro valor: o de nos demonstrar o que valia o projecto presidencialista em que o sidonismo se empenhou, esse presidencialismo, ao mesmo tempo grotesco e despotico, em que veiu a liquidar uma aventura que para ninguem foi proveitosa, sem exceptuar os que a realisaram.

Vida politica

CONGRESSO DO PARTIDO REPUBLICANO LIBERAL

3.ª Sessão

A ordem do dia da sessão de hoje é a eleição das comissões dirigente e administrativa do partido e respectivos substitutos. As listas oficiaes são distribuidas á entrada da sala e os nomes nelas consignados são os seguintes:

Comissão dirigente—Efectivos: —Afonso de Melo Pinto Veloso, juiz de direito, deputado e antigo ministro; Alfredo Machado, medico e antigo deputado; Antonio Joaquim Granjo, deputado e antigo ministro; João Henriques Pinheiro, deputado e antigo ministro; Joaquim Ribeiro de Carvalho, deputado e jornalista; Luiz de Mesquita Carvalho, deputado e antigo ministro; Manuel Nunes de Oliveira, medico e antigo governador civil de Lisboa; Matias Ferreira de Mira, medico e professor; Tomé de Barroz Queiroz, antigo ministro.

Subtitutos:—Alberto Sebes Sá e Melo, oficial do exercito e antigo deputado; Antonio Aboim Inglez, deputado; Antonio Ladislau Parreira, vice-almirante e antigo senador; Celestino Paes de Almeida, senador e antigo ministro; Duarte Ponces de Carvalho, medico e antigo deputado; Eduardo Augusto de Sousa, deputado e jornalista; João Ruella Ramos, advogado e antigo deputado; Jorge Nunes, deputado e antigo ministro; José Maria Barata Feio Terenas, senador.

Comissão administrativa — Efectivos:—Antonio José Pereira, deputado; José Féria Teotonio, antigo deputado; José Paes de Vasconcelos Abranches, antigo senador; Julio Maria de Sousa, oficial do exercito; Manuel Martins Cardoso, antigo deputado.

Substitutos:—Aleixo Ribeiro, contabilista; Alfredo Soares, antigo deputado; Antonio Maria de Oliveira, contabilista; Eugenio Alves, comerciante; João Rodrigues, funcionario publico.

Serão estes, naturalmente, os personagens mais votados, como acontece sempre em assembleias desta natureza. E isto é tanto mais legitimamente presumivel que, presentemente, se não esboça, entre os congressistas, qualquer prurido de oposição á lista oficial. Votar-se-ha de chapa, para não falsear as tradições.

Abertura da sessão

A's 13 horas o sr. Mesquita de Carvalho agita a campainha, sinal de que vão proseguir os trabalhos do congresso.

Preside o sr. Belchior de Figueiredo, que é recebido pela habitual salva de palmas. O sr. Belchior de Figueiredo agradece a indicação do seu nome para a presidencia, atribuindo-a a uma homenagem prestada pelo congresso aos republicanos liberaes do Porto. Nomeados os secretarios, passa-se á indicação, feita pela mesa, dos congressistas que devem proceder aos trabalhos do apuramento da eleição.

Na mesa lê-se o expediente, que consta de cartas e telegramas de saudações e adesão. Como quer que um congressista reclamasse que o expediente fosse lido em voz mais alta, surgem os ápartes seguintes, de varios lados da sala:

—Haja respeito!

—Silencio!

—Ordem!

Entre os documentos lidos na mesa figura um protesto contra a noticia dum jornal da manhã, protesto que é assinado pelos srs. João Rocha e Antonio José dos Santos.

Passa-se ao

Antes da ordem

pedindo a palavra diversos congressistas, entre os quaes o sr. Jacinto Nunes, para negocio urgente. E' efectivamente este venerando homem publico o primeiro a usar da palavra. Propõe que as listas oficiaes da eleição sejam votadas por aclamação. Ha salvas de palmas, ovações, ruidosas aclamações á Republica. Mas desmancha o acordo, o sr. dr. Arnaldo Bigotti, que insistentemente pede a palavra. Esta intervenção provoca tumulto. A assembleia divide-se. Uns querem que o orador fale, outros opõem-se.

—Fale! fale!...

Não póde falar! Isto não é congresso operario!

—Cale-se!

O sr. presidente intervem. Pede ordem. Todos falarão na sua altura. Tenta-se, todavia, fazer votar a lista por aclamação. Mas não é possivel. O proprio sr. Brito Camacho apoia a atitude do sr. Bigotti, que tem especial autoridade, visto que foi um dos revolucionarios de 31 de janeiro, como militar que então era. Da galeria gritou-se:

—Peço a palavra para um requerimento.

O sr. Brito Camacho:

—Não ha requerimentos antes da ordem do dia.

Não é essa, porém, a opinião do sr. Antonio Granjo. Sustenta que sim, que ha logar a requerimentos, porque o congresso não é o parlamento e em todas as assembleias similares se teem admitido requerimentos antes da ordem.

O sr. Antonio Granjo requer uma inscrição sobre a proposta da votação por aclamação, formulada pelo sr. Jacinto Nunes. Mas este ilustre republicano desiste da sua proposta.

Neste momento surge, ao fim da sala, um incidente qualquer. Ha gritos de protesto, tumulto, toda a gente se põe de pé, alguns mesmo trepados ás cadeiras. Grita-se: Viva a Republica! e a assembleia, emocionada pela paixão partidaria, mostra-se num aspecto completamente diverso do de hontem. O sr. presidente diz:

—Lembro aos srs. congressistas a grave responsabilidade que assumem aqueles que perturbarem a ordem. Peço a todos que retomem os seus logares.

Ouve-se:

—Quem não estiver bem que vá para o olho da rua!

Procede-se á votação sobre se a assembleia consente ou não que se retire a proposta do sr. Jacinto Nunes. Em prova e contra prova é consentida a desistencia.

O sr. Pedro Correia lê um discurso em que vagamente ouvimos aludir á instrução publica e ao voto ás mulheres.

O sr. José Pedro Ferreira refere-se ao incidente de ha pouco. Tratou-se de uma questão de principios, não de uma questiuncula de campanario. Ha, porventura, melhor indicio da grandeza moral da assembleia? (apoiados). Manda para a mesa uma proposta, na qual se consigna que o problema da extinção do pauperismo deve ser um dos mais instantes cuidados do primeiro governo republicano liberal. A proposito, vae dizendo que o sr. Sá Cardoso deve pedir a demissão do ministerio, cedendo o logar a um governo saido do P. R. L.

O sr. Fernando dos Santos lê o seu discurso. Trata dos pensionistas do Estado no estrangeiro. Quer que eles sejam mais eficazmente auxiliados do que teem sido até agora.

O sr. presidente anuncia que vae proceder-se ao escrutinio da eleição dos corpos directivos do P. R. L. Organisado esse trabalho, prosegue a discussão.

O sr. dr. Henrique Braz fala como regionalista e em nome dos Açores. E' para lamentar que o projecto de programa do P. R. L. não faça a menor alusão á questão açoreana. Pois ha, apesar de tudo, uma questão açoreana! E ela precisa de ser resolvida, atendendo ao patriotismo nunca desmentido da população açoreana. Tem-se falado na influencia do ouro americano mas isso é «uma miseravel calunia», porque os açoreanos são, acima de tudo e apezar de tudo, irredutivelmente portuguezes. Ha um fundo etnico estrangeiro nos Açores, é certo; mas os habitantes do arquipelago são visceralmente portuguezes, tendo-o demonstrado em muitos incidentes da historia de Portugal.

Os Açores querem uma autonomia mais larga, senão uma autonomia completa. Esse é que é o problema açoreano. E' preciso resolve-lo. E tem de o fazer o P. R. L., no qual os açoreanos depositam as suas melhores e mais cariciosas esperanças.

Segue-se o sr. José Cardoso. Manda para a mesa uma moção, largamente fundamentada, em que se preconisa a intensificação dos trabalhos organisadores do partido. Alude ao incidente semi-tumultuoso de ha pouco e destaca que a assembleia, aclamando Jacinto Nunes, procedeu por um impulso de sentimento e regeitando a sua proposta deu demonstração clara do seu espirito legalista (grandes e prolongados aplausos). Isto significa que nós, sendo homens de coração, somos tambem politicos conscientes, que sabemos o que queremos. Quer que se faça a revisão dos recenseamentos, que se estabeleça, por meio da propaganda, o contacto com a alma popular. Advoga a unidade de partido e apela, para o conseguir, para a propaganda da imprensa partidaria. Quer que todos os anos se faça o congresso do partido, mantendo-se assim a tradição liberal, que convem não desrespeitar.

Terminou a hora. Mas, por especial e excepcional deferencia, o congresso resolve que fale o sr. general Simas Machado. Fala tambem dos Açores. E' indispensavel resolver as reclamações dos seus habitantes. Dil-o com especial autoridade, porque viveu entre os açoreanos como delegado, que foi, do governo, durante o periodo mais critico da guerra. Pois pode testemunhar que, da parte dos açoreanos, sempre recebeu demonstrações do mais acendrado patriotismo. Dizer o contrario é caluniar os Açores. Mas os Açores fazem reivindicações justissimas, que é preciso, que é forçoso atender. E' essa a obrigação do P. R. L. e do primeiro governo que o partido der á Nação.

Passa-se á

Ordem do dia

sob a presidencia do sr. Rodrigo de Castro, senador. Constituida a mesa e proferido, pelo sr. presidente, o discurso da praxe (onde ha uma sentida homenagem aos mortos pela Patria e pela Republica, secundada pela assembleia durante alguns minutos, em que todos os congressistas e assistentes se levantam e guardam religioso silencio) abre-se a inscrição, depois de lido o expediente.

O sr. Aboim Inglez, deputado, inicia o debate. Trata-se, ainda, do programa partidario.

Se o partido liberal fracassar, fracassa com ele a ultima esperança da Republica. Mas nós não queremos guerrear ninguem. Somos um grande partido, já; sel-o-hemos muito maior, ámanhã; mas ele, só por si, não pode resolver o problema nacional: é preciso o concurso de todos. As despezas da Nação não podem ser aumentadas; pelo contrario, é indispensavel que os republicanos liberaes limitem os seus pedidos, porque urge restabelecer o equilibrio economico e financeiro. E' preciso que o partido se una, pense como um só homem (palmas, aclamações prolongadas) porque, se assim não acontecer, não poderemos desempenhar a missão historica para que nascemos (palmas e apoiados). Fala da questão operaria e quer que o partido a resolva. Essa questão é simples. E' preciso não prometer o que se não pode cumprir nem conceder-se aquilo que prejudique a economia. Preconisa a arbitragem para solução de conflitos entre operarios e patrões e quer que, pela instrução, se emancipem as classes trabalhadoras. Condena a intervenção das mulheres na educação masculina, entendendo que, para este sexo, só professores são habeis (aplausos). Termina por recomendar união porque, se o P. R. L. não fôr um bloco uno, não poderá viver nem prestará serviços dignos do momento historico que a Nação atravessa.

O sr. Pires de Matos fala do seu logar. Não se ouve o que diz, mas apela para que os deputados do partido façam aprovar um projecto a que se refere e que justifica, parecendo-nos que se trata de qualquer assunto relacionado com direito administrativo, se bem que fale tambem em adubos, ratoeiras, transportes, ministerio da agricultura e coeficientes de 0,5. Foi muito aplaudido.

O sr. dr. José Julio Cesar manda para a mesa uma proposta a fim de que o P. R. L., quando governo, trate de varias questões que aponta, entre as quaes as que respeitam a emigração e codigo administrativo. Na sua moção sauda a imprensa, em geral, e, em especial, aquela que tem contribuido de boa fé para a grandeza da Patria. A assembleia aplaude-o, por vezes, calorosamente.

Fechamos esta noticia no momento em que inicia o seu discurso o sr. Amorim de Carvalho.

(Veja-se a nota final nas «Ultimas noticias»).

LENDO E COMENTANDO

As eleições paradoxaes

Um correspondente de Paris para um jornal de Espanha relata com graça a descoberta que fez das eleições francezas de domingo passado constituirem as eleições mais paradoxaes de todos os tempos.

Assim...

O partido das direitas, que tem maior numero de representantes, denomina-se «Republicano das esquerdas ou federação das esquerdas».

Chama-se radical e radical socialista o partido que obteve maior numero de votos nestas eleições, consideradas como um fracasso socialista e vitoria reacionaria.

Os socialistas conseguiram mais uns 60 por cento de votos que em 1914 e comtudo apenas obteem metade do numero de deputados de então.

Varios ministros foram derrotados e o governo... saiu triunfante das eleições.

Foi eleito o advogado de Sadoul e Sadoul foi vencido.

Na realidade são curiosos os factos apontados e o paradoxo não parece andar longe de todas estas conclusões...

Gréves ... gréves

Depois de Barcelona ter a gréve das modistas, em Zaragoza nota-se uma certa agitação entre as creadas de servir, em virtude da propaganda de algumas associações. Muitas estão filiadas na Acção Social Catolica, outras na Casa do Povo. Segundo nos consta, o motivo da gréve anunciada para hontem era o seguinte: querem que lhes seja concedida saída todos os dias festivos, duas horas livres á tarde e aumento de ordenados...

Não entram no numero das reclamantes as «amas de leite»; comtudo, parece tambem que elas se acham dispostas a auxiliar as suas companheiras.

E estamos a adivinhar que estas reclamarão tambem que os «pequerruchos» só mamem durante as 8 horas... do regulamento.

Recepções pouco amistosas

Já os jornaes inseriram telegramas dando conta como as mulheres inglezas de algumas cidades acolheram certos membros duma seita «mormans» que prégam entre outras coisas a poligamia.

Segundo o telegrafo e os jornaes informaram as ofendidas subditas da rainha Alexandra correram os doutrinarios a frutos pôdres e batatas, o que, se para os «mormans» constituiu um agravo, para qualquer portuguezinho esfomeado por generos alimenticios seria o ideal: guardaria as batatas e negociaria com os frutos pôdres.

Mas... adeante. O telegrafo o que não explica é que a assembleia que lapidou com os raros tuberculos os oradores era constituida por damas casadas. Só essas discordaram da poligamia apregoada; o até, consta muito em particular, que atendendo á falta de sexo forte depois da guerra, a ideia dos «mormans» foi aplaudida por todas as solteironas do Reino Unido, que, a darem que falar como de costume, não tardarão a fazer falar de novo os jornaes... e os telegrafos.

A proposito de recepções, tambem não deixa de ser interessante a que Poulet e Benoit, os aviadores francezes que estão fazendo o «raid» Paris-Melbourne, tiveram junto do delta do Indus.

O telegrama de Benoit á «Press de Paris» narra-a assim:

Karachi, 18.

Obrigados por uma «panne» a parar durante um dia, os habitantes quizeram-nos matar, tomando-nos por diabos. Felizmente tinhamos munições e armas.—Benoit.

Como se ganha um tesauro

Ha dias faleceu uma cigana «da Larguilla» em Lorca, Espanha. Entre os objectos que deixou figuravam uma mesa e uma urna com uma imagem de S. Antonio, objectos que, em prova de gratidão a outra cigana que a tratára durante a doença, lhe legou.

A herdeira levou tudo comsigo, visto ter uma casa modesta.

Um carpinteiro apareceu dias depois em casa dela para comprar por qualquer preço a mesa. De 10 pesetas passou até 250. A cigana suspeitou da oferta, tanto mais que a «Larguilla» tinha fama de rica.

O carpinteiro foi buscar uns companheiros, ciganos, a quem explicou que construira a mesa e lhe puzera um esconderijo. Os ciganos entraram em casa da proprietaria do movel e trataram de o explorar. O resultado foi imediato. Notas e moedas logo apareceram, e para se aproveitar do momento, um dos ciganos apagou a luz, travando-se um tremendo combate.

Em resumo: procedendo-se ás diligencias, até agora, ha 32 individuos presos e já achadas 20 mil pesetas, tendo voado mais do dobro com os que se puderam pôr ao fresco; quanto aos feridos e amachucados foram em abundancia.

Um homem prudente

Quando o shah da Persia visitou a Inglaterra, foi ali recebido com todas as honras devidas á sua situação. Entre outras cerimonias fizeram-lhe desfilar pela frente alguns regimentos da «élite» em Aldenhot. Terminada a cerimonia foram-lhe apresentados alguns heroes da guerra, e entre eles, alguns oficiaes aviadores. Um deles, perguntou ao monarca oriental, se não queria fazer uma pequena excursão pelos ares:

—Oh! não, não, respondeu vivamente o shah. Está muito frio, muito frio lá em cima!

Sá do O'.

Aos novos

PEÇA TEATRAL
1.° premio 120$00

ROMANCE
1.° premio 100$00

O concurso que «A Capital» em 1 de outubro abriu dedicado aos novos está tendo o seu pleno sucesso. Ainda longe do final do praso já temos entregues 5 originaes com peças de teatro num acto, prometendo-nos a vasta correspondencia recebida, muitos mais por estes dias. Sobre o «romance» tambem sabemos que, se preparam varias obras ineditas para o nosso concurso.

A legitima satisfação pelo sucesso obtido leva-nos a dar por bem empregada a nossa iniciativa; e as palavras de agradecimento, de incitamento, que temos recebido, animam-nos e confortam-nos. «Os novos» desejam demonstrar que são alguem e como tal afluem ao nosso concurso.

Que bemvindos sejam e que os juris recompensem os seus trabalhos.

«A Capital» estabelece para as peças teatraes os premios de 120$00, 80$00 e 50$00, e procurará levar os tres primeiros originaes premiados á scena, numa recita unica para a «Casa Gil Vicente».

Os originaes teem de estar entregues na nossa redacção até 31 de dezembro do corrente ano, fechados, e assinados por um pseudonimo. Acompanhará o original um envelope fechado com o nome do autor dentro e trazendo por fóra o pseudonimo correspondente; nenhum autor já representado em palcos publicos poderá concorrer.

«A Capital» restituirá os originaes após a sua classificação por um juri onde figuram nomes respeitabilissimos da literatura, do teatro, do jornalismo.

«A Capital» recebe tambem até 31 de dezembro «um romance» original, inedito, de autor nunca publicado, que será classificado por um juri, onde figurarão romancistas, criticos, jornalistas de conhecida reputação. «A Capital» premeia o 1.° classificado com 100$00, e publical-o-ha em folhetins, logo que as circumstancias materiaes o permitam e seja de acordo do seu autor. Os originaes devem tambem ser assinados por um pseudonimo, indo o nome do autor num envelope cerrado conforme o estabelecido para as peças teatraes.

Novos, ao trabalho!

Condecorações a batalhões de infantaria

Não sejam esquecidos os grupos de artilharia, que tambem se portaram heroicamente

Sr. redactor.—Tem-se falado ultimamente muito em condecorar com «fourragéres» os batalhões de infantaria que mais se distinguiram no «front». Acho excelente a ideia, mas parece-me que não seria mau irem pensando nos grupos de artilharia que não menos que os batalhões de infantaria se distinguiram no seu campo de acção.

Zelozo do grupo a que pertenci, cital-o-hei sem desprimor pelos outros, por os não conhecer, e peço a v. a subida fineza de informar, por intermedio do seu lido jornal, quem em tal intervier com a sua alta competencia que o 5.° G. B. A., á data de 13 de março de 1918 contava no seu activo 5 elogios, o primeiro dos quaes dado pelo general comandante da 42.ª divisão de artilharia ingleza, ignorando eu se depois d'essa data e até ao dia nove de abril mais algum lhe teria sido averbado.

Muito agradecido lhe ficará, o de v., etc.—Julio Jacinto Ferreira, 2.° sargento miliciano do 5.° G. B. A.—Artilharia n.° 1.

OURIQUE

ALJUBARROTA

BUSSACO

FLANDRES

E tantos outros padrões de gloria e heroicidade portugueza passarão nos folhetins

As grandes batalhas

que «A Capital» começa a inserir em 2 de janeiro de 1920, pela pena invocadora do primeiro escritor portuguez da actualidade

o dr. Julio Dantas

A vida heroica dum Portugal Grande, os rasgos alevantados dos nossos bravos soldados, gente de Afonso Henriques ou «serranos» de La Lys, são paginas de historia, que, desde o nascer da nacionalidade até ás horas gloriosas da Flandres, atestam a valentia, a generosidade, a lealdade da gente portugueza.

O CONTO DE DOMINGO

O cêrco de Berlim

Quando os portuguezes puzeram, em 1852, cerco a Berlim, os habitantes d'esta grande capital sentiram as agruras da fome; isto é do dominio de todos, e acha-se registado em todos os volumes de boa Historia.

Ora na Wilhelmstrasse 59-3.° havia ao tempo uma casa de hospedes, afamada, e cuja pensão, por não ser barata, atraia para o seu socego apenas gente de alguns meios de fortuna.

O proprietario, ou antes, os proprietarios, pois eram os 2 irmãos turcos, Mahomet, mantinham a boa ordem, aceio e disciplina da casa como se se tratasse d'um verdadeiro hotel de nomeada.

O mais velho era o patrão Caim, o mais novo o patrão Abel. Andavam sempre de acordo, viviam como unha com carne.

Caim encarregára-se da cosinha, dirigia o cosinheiro Charles na confecção dos piteus, ia logo de manhã cedo ao mercado, e á tarde fazia contas com o irmão no quarto 17 onde dormiam.

Abel tomára a direcção do serviço de fóra, roupas, limpezas; dava tratos á imaginação para adivinhar os gostos, satisfazer os apetites dos seus hospedes.

Quando o cerco á capital foi posto, e os soldados portuguezes fizeram a jonção das duas alas envolventes, na parte oriental da cidade, já os irmãos Mahomet haviam resolvido não abandonar a pensão, pois como turcos e comerciantes pensavam em alojar e ganhar alguns cobres do invazor, que não temiam, na qualidade de subditos de potencia neutra.

A freguezia é que debandára quasi toda. Dos 16 quartos da casa, tinham ficado apenas ocupados, os 3 e 4 pelo americano Wilson e suas duas filhas Ana Maria e Maria Ana; o 10 com um padre turco, seu velho amigo de Andrinopla e o 12 com uma velha senhora alemã que a Krupp ainda não requisitára para a defeza da capital.

Os irmãos Mahomet esperavam que o cerco fôsse breve. O exercito imperial deixára apenas uns doze mil homens para a defeza da praça e cobrirem a retirada do exercito, que marchára para leste com munições e viveres.

No entanto, para prevenir dificuldades, havia acondicionado na dispensa, uns dois barris de cerveja, compota de ginja, de cereja, alguma carne, manteiga e queijo, fóra farinhas, grão e alguns legumes.

Se bem que metade da população tivesse evacuado a cidade, aos primeros gritos de «fujam que ahi vem os portuguezes», ao fim de dois dias os generos começaram a escassear, havendo correrias para os talhos, para as padarias, boatos de fome proxima, e espadeiradas da guarda... imperial.

O americano Wilson, era o melhor freguez, o mais abastado hospede da «Pensão Cosmopolita»; correra o rumôr de que debaixo do seu incognito, residia o estôfo d'um milionario; dizia-se, que deixára em New-York, as suas grandes fabricas de carrinhos de retroz preto, em plena labutação, produzindo o melhor de dois mil contos por dia, dote de suas duas formosissimas filhas. Todos os dias Abel Mahomet, jurando por Alah, batendo no peito, vinha pedir ao americano, mais um aumento á estipulada mensalidade. Wilson, um verdadeiro excentrico, dava ordem a Franck, o mordomo, que em silencio pagava em marcos luzidios, o excesso pedido. A sua excentricidade consistia em obter fotografias dos sitiados; expunha-se nos logares mais arriscados, de Kodak em punho; o governador da praça concedera-lhe um passaporte de livre circulação; mas prevenira-o do perigo que corria.

Maria Ana, e Ana Maria ficavam em casa a lêr algum romance Yankeo, e a acariciar Tom, o cão felpudo, feio como um bóde, e que deixava aos irmãos Mahomet, 15 marcos de... pensão por mez.

As duas americanas eram gemeas. Ambas louras, ambas rozadas, frescas, de uns doze anos fórtes e sádios, não ainda d'estes creados ao ar livre, á americana, mas sim animados, aconchegados, vividos sempre na fartura e no bem estar.

Seu pae, o americano Wilson, queria-lhes como a um tesouro. A's princezinhas do retroz preto, bastava abrir a boca a fantasiar um impossivel, e logo Franck, o mordomo, com um punhado de dolars, seguia meio mundo a alcançar o capricho das suas pequeninas e rozadas bôcas.

Uma manhã Caim, que havia saido para fazer compras, entrou com um olho denegrido, e dois pontos naturaes na cabeça. Caim era magro, uma aparencia doentia; o rosto era amarelo sujo, com um buço preto mal tratado a ornál-o. Sofria do coração; já tivera duas congestões. N'aquela aparição de cabeça partida um olho quasi esvaziado, ainda

mais hediondo surgia. Deixou-se cahir na sala e narrou as suas aventuras.

—Não havia mais pão. Tinham assaltado a ultima padaria; cada qual levava o mais que podia. Ele tinha conseguido apanhar apenas uma rosca pequena, á custa de um sôco e duas sabradas na cabeça. Mas estava ali, para Miss Ana e Maria. Wilson estendeu a mão branca varonil e apertou os ossos esguios de Caim; Abel, porém, mais comerciante que o irmão, estendeu logo um recibo escrito apressadamente, e choroso, contando a desgraça que havia sucedido ao martir Caim, pedia para o rico sr. Wilson pagar já.

E estendeu a conta:

Uma rosca	20	marcos
2 pontos naturaes	5	»
Arnica	8	»
Extraordinarios	10	»
	43	»

O rei dos carrinhos de retroz preto sorriu, e Franck pagou.

Abel mostrava-se radiante: batia no hombro de Caim e gritava-lhe:

—Estamos ricos, Caim, d'aqui a pouco deixamos a pensão e vamos para um chalet á borda do Bosforo. Ah! o meu ideal! Um borralho... um borralho.

O seu plano era vasto. D'ali por deante os recursos armazenados na dispensa renderiam dinheirinho, muito dinheirinho.

—Sempre havemos de vêr, senhor americano, para que te servem os imensos dolars! vamos, Franck, vae abrindo a tua bolsa.

E entretanto Wilson ia feliz e tranquilo, tirando clichés, das sortidas, das «scrapnells», explodindo.

* * *

Oito dias depois não havia na praça sitiada nem um grelinho. Abel, para o almoço da sr.ª Papovan, a alemã que se conservava no quarto 12, e do padre do 10, trouxera o metodo de cura do dr. Kuhne, o o vegetariano em 10 lições. Estavam quasi convencidos a passar com estes alimentos, quando á princezinha Maria Ana apeteceu uma saladinha de rabanetes.

Wilson chamou Abel que agora em pessoa servia á meza; os creados haviam sido mobilisados.

—Amigo Abel, cem marcos, por meia duzia de rabanetes.

Abel coçou hipocritamente a cabeça. Ele bem sabia onde os tinha guardados; mas era preciso dificultar o caso.

—Cem marcos, meu rico senhor. Até por coisa nenhuma eu os trazia se os tivesse, mas...

—Duzentos marcos, vamos, a saladinha para a meza.

—Vamos a vêr o que se consegue, meu rico senhor.

Vinte minutos depois com grande exaltação da velha alemã e do padre turco, surgia um pratinho com uma duzia de rubros rabanetes:

—São só 500 marcos—dizia o velhaco Abel! E Franck pagou. Maria Ana trincou e Wilson sorriu de prazer.

* * *

O cerco parecia eternisar-se com grande gaudio para o americano. Já Abel esquadrinhava a dispensa vazia para encontrar qualquer coisa que lhe proporcionasse os ultimos marcos.

A carne terminára ha 8 dias; o galo da casa rendera 800 marcos, fóra os ossos para Tom, que custaram mais 20.

O governador da praça mandára distribuir uma saca de farinha pela população alarmada com a fome em perspectiva; havia diariamente uma percentagem enorme de falecimentos. Wilson, na sua fleugma, começava tambem a inquietar-se. Ana Maria apetecera-lhe salmão grelhado; ofereceu até dois mil dolars; não apareceu nem uma sardinha. O padre turco, desaparecera numa tarde; os irmãos Mahomet ignoravam o seu paradeiro; a velhota professora, do quarto 12, passava refeições comendo umas batatas cosidas, em varios pratos, para se convencer da diversidade do menu.

Abel via o negocio mal parado; para cumulo da infelicidade, Caim na mais completa debilidade, fôra victima d'uma congestão. Ao segundo dia passou-se, no quarto 17, ante os gemidos tristes de Abel:

—Caim... Caim... Caim...

Entretanto cahira a primeira linha de fortes em poder dos sitiantes; as bandeiras portuguezas tremulavam nas primeras defezas de Berlim. Reavivaram-se as esperanças; o povo esfomeado, pedia a rendição imediata da praça; o exercito alemão estava já em segurança a muitos kilometros d'ali; para que eram necessarios mais sacrificios? Mas o governador, obstinado, fuzilára os primeiros reclamantes.

Na pensão voltára a esperança do fim do pezadelo; Maria Ana e Ana Maria começavam a sofrer as agruras da fome. Maria Ana, então, parecia mais fraca, mais doente; uma manhã, disse para Wilson.

—Apetecia-me tanto um bife á ngleza...

Logo o americano chamou em segredo Abel:

—Dou-lhe mil dolars se me arranjar um bife para minha filha. Dois mil... não? Tres...

Abel sentiu o sangue todo subir-lhe ao rosto; era a fortuna... a fortuna... o borralho, o harem nas costas do Bosforo, as odaliscas abanando-o...

Poz o chapeu e fugiu, dizendo:

—Miss Maria terá o seu bife...

E o bife veiu, saborôso, com batatas em volta; Maria enterrou os seus dentinhos brancos e deu um gritinho de prazer.

—Ah!

Wilson sorriu, Franck pagou.

Mas os caprichos das princezinhas do retroz preto pareciam agora desmedidos: no dia seguinte foi Ana Maria quem suspirou por iscas com batatinhas fritas...

Dois mil dolars, e as iscas surgiram, com um môlho espesso e um perfume consolador.

Wilson afagava o seu rosto escanhoado, e sorria da virtude do dinheiro. As iscas de figado estavam uma delicia; um opiparo manjar. Tão delicioso que sir Wilson no dia seguinte declarou:

—Abel, dou-lhe cinco mil dolars, por outro figado como o de hontem, em iscas delgadinhas e saborosas!

—Oh! meu rico senhor—disse então Abel coçando o craneo ponteagudo—Agora é que não sei como isso ha de ser. Trago-lhe rim, trago-lhe dobrada, mas figado...

E limpando o pranto sincero rematou:

—O meu querido irmão, só tinha um, que hontem a menina Mary comeu.

* * *

Como vôcensias não ignoram, a praça cahiu em poder dos sitiantes, e a velha alemã, hospede do 10, escapou de fornecer uma molheira e «roast-beef» ao milionario Wilson e ás suas formosissimas filhas, as princezinhas do retroz preto.

Armando Ferreira

Salão Central

O não ter ainda saído do programa deste cinema a pelicula «Almas inimigas», que esta noite se repete, é prova evidente do seu muito agrado. No decorrer dos seus interessantes tres actos ha scenas de verdadeiro exito, para o que muito contribue a sua enscenação de primeira ordem e o seu desempenho deveras primoroso.

Outro tanto sucede com a fita «Mar dos Golfos», em 2 actos, cheia de graça, podendo considerar-se das melhores que no genero tem aparecido. E' graciosa, provocando o riso, e sem o grotesco de tantas outras que em vez de fazerem rir, aborrecem o espectador.

«As garras do leão», cujas jornadas, as 4.ª, 5.ª e 6.ª são em pleno sucesso, apresenta de dia para dia os mais extraordinarios episodios. Marie Walcamp continua a assombrar-nos com os seus golpes de audacia, as suas lutas, os seus encontros perigosos com os mais ferozes animaes, mostrando-se sem rival em todo o seu dificil trabalho.

A'manhã, segunda-feira, a 7.ª jornada, em «matinée», intitulada «As furias do Averno», com novas e interessantes aventuras pela valorosa e intrepida artista Marie Walcamp.

A beatificação do Condestavel

Concluiu hoje com a missa do «Te-Deum» de Pontifical, celebrado pelo sr. cardeal patriarca, acolitado pelas dignidades capitulares da Sé, o Triduo em honra de Nun'Alvares Pereira.

A egreja estava repleta, sendo atentamente ouvido o sermão do sr. arcebispo d'Evora, que como se sabe, reune aos dotes de orador primoroso os da mais avantajada erudição historica, servidos uns e outros por linguagem castiça e elegantemente contornada.

Falou de Nun'Alvares como guerreiro e como religioso.

A missa, executada pelos cantores e orquestra de arco, obedecendo ao «motu-proprio» foi a de Niedrweyer, o «Credo» de Costa Pereira, o «Te-Deum» de Rink e o Psalmo no 7.º tom, de Costa Pereira.

Durante a ceremonia foram ainda executadas melodias de Tauconnier e de Battman, terminando com o hino de Nun'Alvares, primorosa composição tambem do mestro Costa Pereira.

Ecos & Noticias

FALECIMENTOS

Realisou-se esta tarde o funeral do aluno do Colegio Militar Eduardo Rodrigues Mouchego, que faleceu no hospital do Rego com uma meningite. O enterro realisou-se a pé, para o cemiterio dos Prazeres, sendo o fereiro acompanhado pelo general director sr. Bernardo de Faria, professores, oficiaes de serviço e alunos. A guarda de honra á porta do cemiterio foi feita por uma força de alunos.

A questão do peixe

VIOLENCIA

O governo vae pedir ao Parlamento o decreto da requisição dos vapores, depois de saber que os armadores puzeram os vapores á disposição da Camara—A moralidade do caso—Documentos

Camara Municipal de Lisboa—Comissão Municipal de Abastecimentos—Ex.mo Sr. Gerente da Sociedade Comercial de Pescarias Limitada—Lisboa.—Ex.mos Srs. A Comissão Municipal de Abastecimentos tendo examinado as propostas que lhe foram apresentadas em 3 do corrente pelos Ex.mos Srs. José Candido Correa e Ernesto Sales como representantes d'essa Sociedade vem comunicar a V. Ex.as:

1.º) que não discute nem aprecia qualquer proposta cujo preço seja superior a $24 (vinte e quatro centavos) por kilo.

2.º) que não aceita a indicação de percentagem como limitação á quantidade de peixe a adquirir pela Camara. Dispensa-se esta Comissão de apreciar as restantes condições das propostas apresentadas sem conhecer se será ou não aceita esta sua proposta.—Saude e Fraternidade—Paços do Concelho, em 6 de Novembro de 1919—Pela Comissão Municipal dos Abastecimentos.—(a) Augusto Cezar dos Santos.

Resposta

Lisboa, 7 de Novembro de 1919—Ex.ma Camara Municipal de Lisboa—N'esta—A Sociedade Comercial de Pescarias Limitada, pela sua Comissão delegada acusa a recepção do oficio da Comissão Municipal de Abastecimentos de 6 do corrente mez, ao qual responde:

Que não sendo possivel aceitar o preço de 24 centavos por kilo de peixe oferecido pela referida Comissão, acompanhado da declaração perentoria de que não continua em negociações com os representantes dos armadores sem que estes fixem aquele preço por cada kilo, declaram os delegados da mencionada Sociedade, esta como representante dos armadores, que não podem aceitar o preço indicado pela Comissão Municipal, e que sempre no proposito mais de uma vez manifestado, de auxiliarem a Camara Municipal nos seus desejos de facilitar melhor vida á população de Lisboa pelo que respeita ao barateamento do peixe, os representantes dos armadores oferecem á mesma Camara o fretamento de todos os seus navios de pesca com as condições e preços que entre uns e outra forem combinados.

Pela Sociedade Comercial de Pescarias Limitada

(a) José Candido Correia, Cyrillo Dias Larangeira.

Aqui tem o publico, bem patente, por estes dois documentos o procedimento da Camara e dos armadores; tanto mais digno de reparo, quanto é certo, que até este momento nenhuma diligencia a Camara fez, para fretar os vapores!

Toda a gente de boa fé concluirá, como nós, que a nossa oferta não mereceu a sua atenção, porque ela representava da nossa parte, uma altiva e digna atitude e que inutilisava o proposito firme da Camara de especlaculosamente levar o governo a praticar a violencia de requisitar os vapores!

A Camara, não tendo confiança nas suas diligencias por lhe faltar a autoridade de boa administradora dos interesses dos municipes, empurra o governo para a requisição tendo em vista não ficar ligada á responsabilidade de um acto violento e livrar-se do pagamento correspondente ao uso dos vapores requisitados e respectivas indemnisações, deixando que ao governo fiquem essas responsabilidades.

O governo lamentavelmente parece que está no proposito de arrostar com eles e de pedir ao parlamento uma lei violenta que lhe permita a requisição.

Resta agora ver que o parlamento se associe a tal violencia, o que pômos em duvida.

O Rocio

Prosegue gloriosamente a sua carreira triunfal a famosa revista o «Pé de Meia», agora ampliada com o novo acto «O Rocio», a mais extraordinaria e bela obra de teatro que ultimamente tem aparecido em scena portugueza.

Não só pela beleza, como pelos lindos numeros de musica, a maior parte populares, e todos como cunho nacional, brilhantissimo scenario, luxuoso guarda-roupa, magnifico desempenho e artistica enscenação, o novo acto «O Rocio» constitue o mais encantador espectaculo, alegre e ao mesmo tempo instrutivo e de grande ensinamento, pois que nos seus 9 quadros aparece o Rocio com tantas transformações por que tem passado desde a Edade Média até hoje, com personagens, trajos das diferentes epocas, etc.

Não só por isto como pelas suas novas apoteoses de brilhantissimo efeito, uma das quaes de originaes e complexos mecanismos de grande novidade, é este um espectaculo que todos teem a obrigação de ir ver.

Festa á padroeira dos musicos

Na paroquial dos Martires celebra-se amanhã, com grande pompa, festa a Santa Cecilia, padroeira dos musicos, havendo musica cantada, com exposição e sermão.

ULTIMAS NOTICIAS

Congressos de classe

A primeira sessão do patronato

E' preciso conjugar todos os esforços para resolver a questão economica

Como fôra anunciado inaugurou-se hoje o Congresso das Associações Patronaes, promovido pela Associação Comercial dos Lojistas de Lisboa, celebrando-se esse acto no Eden Teatro, para o efeito cedido pela respectiva empreza.

Na vasta sala viam-se numerosos congressistas da capital e das provincias e na friza que fica á direita do proscenio achava-se o sr. presidente do ministerio, convidado a assistir áquela assembléa pela associação que a promoveu.

E' demorada a inscripção dos congressistas e delegados de bastantes associações das provincias, motivo por que só mais de uma hora depois da anunciada para a abertura da sessão esta poude ter começo.

O sr. Pinheiro de Melo, presidente da assembléa geral da Associação dos Lojistas, secretariado pelos srs. Apolinario Pereira e Alfredo Augusto Ferreira, diz que são conhecidos os fins que reunem ali as associações patronaes, que folga em vêr tão bem e tão numerosamente representadas. Não são esses fins egoisticos. Procura-se defender os interesses do patronato, sem prejudicar os do operariado, nem os de quem quer que seja. Precisa-se de conjugar todos os esforços para se resolver as questões economicas em que a guerra nos colocou, e a todos os povos que n'ela tomaram parte.

Repudia quaesquer intenções que possam ser atribuidas ao comercio nacional. Lamenta que o espaço de que se dispõe para tratar de questões tão importantes seja breve. Aproveita a ocasião para agradecer ao sr. Luiz Galhardo, representante da empreza do Eden, a cedencia d'este. Agradece aos srs. presidente do ministerio e governador civil do districto a sua comparencia, o que a assembleia aplaude com uma prolongada salva de palmas e de pé.

Termina saudando os congressistas e fazendo votos para que o que vae ser tratado tenha o melhor exito e convida o chefe do governo a presidir á sessão. O sr. Sá Cardoso é saudado pela assembléa. Em seguida pede tambem com egual manifestação do Congresso, ao sr. governador civil e ao sr. Ribeiro da Costa, representante da Associação Comercial do Porto, para servirem como secretarios.

Assumindo a presidencia, o sr. Sá Cardoso diz que a Associação Comercial dos Lojistas convidára o governo a fazer-se representar n'aquela assembléa. Entendeu dever aquiescer a tal gentileza, e dizer o que o governo entende sobre o que a Portugal cumpre fazer, agora que a guerra findou e que novos problemas se apresentam ao mundo.

Ora os graves problemas que agitam um paiz, e n'este caso o nosso paiz, precisam os governos de procurar resolvel-os palpitando a opinião, fazendo-a colaborar na sua obra.

Assim como veiu áquela reunião acorrerá pressuroso a qualquer outra para que seja solicitada a sua presença.

Agradece a honra que lhe foi feita de presidir á sessão, onde se acham representadas as forças vivas da nação. Termina perfilhando as palavras do sr. Pinheiro de Melo. E' preciso trabalhar. Os governos podem e devem fazer muito, mas muito faz a iniciativa particular. Que das sessões do presente congresso alguma coisa de util sáia não só para as classes reunidas, como para todo o paiz.

Em seguida é lida a seguinte moção, mandada para a meza pelo sr. Sergio Principe, que a assembléa admite por aclamação e de pé:

«O comercio e a industria de Portugal, reunidos em congresso e representados pelas suas associações, ao iniciarem os seus trabalhos, afirmam a sua solidariedade com os poderes constituidos, saudam na pessoa do chefe do Estado o governo e todo o paiz, e resolvem conduzir os seus trabalhos com ordem e metodo de forma que, d'eles, resultem os beneficios que a economia publica d'eles tem a esperar.»

O sr. presidente agradece em nome do sr. presidente da Republica e do governo.

E' votada ainda com o mesmo entusiasmo outra moção saudando a imprensa na pessoa dos seus representantes presentes.

Depois d'isto o sr. presidente do ministerio e governador civil sahiram da sala, suspendendo-se a sessão por alguns momentos, decorridos os quaes reabriu novamente sob a presidencia do sr. Pinheiro de Melo, sendo secretarios os srs. Antonio Ruivo da Costa, presidente da Associação Comercial de Coimbra, e Manuel Antonio das Neves, presidente da Associação Comercial de Santarem.

Em questão previa, o sr. Lopes Esteves trata dos assaltos de maio e dezembro de 1917, e apresenta uma moção para que se reclame do Senado, e se fôr necessario do Congresso da Republica, que se faça inteira, cabal e severa justiça aos prejudicados por esses assaltos.

Entra em seguida em discussão a 1.ª tese: «Horario de trabalho», dos srs. Apolinario Pereira e Alfredo Augusto Ferreira, cujas conclusões são as seguintes:

«Que se notifique ao Governo e Parlamento o voto d'este congresso no que respeita ao horario de trabalho:

1.º—para o comercio: Que nada justifica nem por necessidades de ordem geral, nem para justas satisfações dos seus componentes, que seja alterada a lei de 1915 suficientemente regulamentada a contento de patrões e empregados, e a impossibilidade do comercio aceitar presentemente outra legislação que leve mais longe a restricção de trabalho;

2.º—para a industria: E' lançar-lhe um pesado encargo pelo aumento do custo da produção, mas, transigindo, aceitaria:

a) o regimen das 8 horas como dia normal de trabalho.

b) admitirem-se horas suplementares até 24 por semana, pagas as duas primeiras em cada dia ao preço do horario normal e as restantes com premio;

c) Não se estabelecer na nova lei materia penal, inadmissivel por injusta, vexatoria e persecutiva, como a que existe no decreto referido;

d) Excecionar da aplicação da lei as industrias onde ela é inexequivel ou em que a produção nacional fique em inferioridade em relação ao estrangeiro».

A tese, ou antes a memoria, é defendida pelo seu relator o sr. Apolinario Pereira.

Faz considerações sobre o que entende quebra de rasoavel nas reclamações do caixeirato e põe em evidencia o que julga encerrarem de exagero.

O sr. Antonio Nunes Junior, representante da Associação Comercial e Industrial de Setubal, faz considerações sobre a mesma tese.

N'esta altura entra na sala o sr. presidente do Senado Municipal, que o sr. Pinheiro de Melo sauda, agradecendo-lhe a assistencia e convida a sentar-se junto da meza.

Varios oradores pedem a palavra sobre os horarios de trabalho.

A proposta do sr. Nunes Junior é no sentido de obter uma clausula relativa á industria piscatoria, na lei do horario de trabalho.

Os srs. Tomaz Luiz da Cunha, do Pombal, e Herminio Pestana, do Porto, tambem apresentam alterações que serão apreciadas pela comissão.

O sr. Ribas de Avelar apresenta uma moção no sentido de não ser coarctado, aos que pretendam trabalhar mais de 8 horas, esse direito.

Mais oradores de varios pontos do paiz demonstram a impossibilidade do fiel cumprimento da lei das 8 horas de trabalho e fazem considerações sobre a liberdade comercial.

São apresentados aditamentos á lei do descanço semanal.

Fala em seguida o sr. Oliveira Soares, presidente do Centro Comercial do Porto, que faz tambem largas considerações sobre o assunto, reforçando ou ampliando as conclusões da tese em discussão.

O sr. José Custodio da Silva, de Braga, sauda o patronato e tambem o proletariado, que forma a grande massa das nacionalidades e fala largamente ácerca da questão das 8 horas.

Lamenta a falta de união que ainda existe na classe comercial. Diz que existem ainda casas para as quaes não ha regulamentos nem horarios: as casas do jogo. Perante elas todos os governos se curvam. Zombam as administrações d'essas casas das determinações governamentaes. Porque não diz o comercio ao governo que não quer cumprir a lei das 8 horas?

Manda para a meza uma moção no sentido de reclamar do parlamento uma lei proibindo o jogo de azar e exercerem-se dentro dos clubs de jogo industrias que afectam os interesses dos lesados com as horas de trabalho.

São ainda enviadas outras propostas, entre elas uma do sr. João Romeira Filipe, que provoca grande hilariedade á assembléa: para que se obriguem a trabalhar aqueles que fazem as leis para a gente não trabalhar.

Por ultimo fala o sr. Marques da Silva, presidente da Associação Comercial de Braga, mostrando a necessidade da derogação pura e simples da lei, que é feita para não se cumprir e não se cumpre realmente. Que se peça portanto ao governo que se façam leis que possam cumprir-se.

Entra em discussão a tese relativa ao inquilinato comercial.

Termina assim:

«O valor do estabelecimento comercial é producto exclusivo do esforço e trabalho do comerciante, pelo que só ele do mesmo póde dispôr livremente, como sua pertença, ajustando-se esta doutrina aos principios estabelecidos na atual lei do inquilinato que na parte referente ao comercio nenhuma alteração póde sofrer».

O seu autor, sr. Ribas de Avelar, fortalece-a com largas considerações, que a assembléa aplaude.

Alguns oradores aplaudem a tese, manifestando-se contra qualquer alteração da lei que diz respeito ao inquilinato que possa prejudicar os interesses dos inquilinos comerciantes.

A' hora em que sahimos do Eden discute-se a tese que se refere á crise de transportes.

E' provavel que a sessão de amanhã se efectue no teatro Apolo.

José Trilho

Foi bastante concorrido o funeral hoje realisado do sr. José Trilho, pae do director-gerente do «Mundo» sr. Carlos Trilho. Durante o dia foram recebidos muitos telegramas, cartas e cartões de varios pontos do paiz.

No funeral fizeram-se representar todas as secções d'aquele nobre colega, sendo no cemiterio organisados varios turnos.

A' familia enlutada e em especial ao sr. Carlos Trilho, que se encontra no estrangeiro, envia «A Capital» sentidos pezames.

Ordem publica

O sr. presidente do ministerio afirma ser absoluto o socego em todo o paiz

Voltaram durante a noite e madrugada de hoje a correr boatos de alteração da ordem publica, estando a guarda republicana de prevenção, sendo as ruas da cidade patrulhadas por cavalaria da mesma guarda, tendo um forte piquete percorrido tambem a cidade.

A policia de segurança do Estado egualmente procedeu a varias diligencias, vigiando as casas de varios individuos conhecidos como agitadores.

Que nos conste, apenas foi detido por suspeito um individuo que recolheu a um dos quartos particulares do governo civil.

De madrugada correu o boato de que os monarquicos haviam feito uma nova incursão pela Galiza, tendo o nosso colega «O Seculo» publicado na sua secção o seguinte telegrama, em normando:

CHAVES, 22. — T. — Bandos de conspiradores portuguezes armados, vindos da Galiza, penetraram na fronteira e estão acantonados nas povoações dos arredores como Lama, Arcos, Pagão e Feces de Cima, todas da raia.

O sr. presidente do ministerio, a quem nos dirigimos a pedir informações sobre o caso, declarou-nos que o socego era absoluto em todo o paiz. O sr. Sá Cardoso desmentiu em absoluto que se tivesse dado qualquer incursão em Portugal, apesar de hontem á noite se terem de facto recebido noticias de que grupos armados se encontravam nas referidas povoações dispostos a entrarem no nosso paiz. Essas noticias não eram, porém, oficiaes, mas sim particulares. Em face da noticia de «O Seculo», o sr. presidente do ministerio pediu informações telegraficas e telefonicas para o Porto, recebendo a resposta de que ali tudo estava em socego. Tambem para Vila Real de Traz-os-Montes foi telegrafado no mesmo sentido, sendo a resposta que ali nada constava. A referida estação passou a estar aberta a fim do governo ser rapidamente informado do que porventura ocorra.

O sr. presidente do ministerio tem a certeza de que não se deu qualquer incursão e que o boato foi motivado pelo facto de ter passado a fronteira o criminoso que ha dias assassinou um empregado do consulado portuguez em Tuy. Esse assassino era perseguido por escoltas militares que andavam á sua procura.

O chefe do governo recebeu ainda ás 17 horas de hoje o seguinte telegrama do governador civil de Vila Real, expedido de Chaves:

«Rumores que chegaram a v. ex.ª trouxeram-me a Chaves, de onde informo a v. ex.ª de fonte autorisada que absolutamente nada ha, que possa intranquilisar o governo, sendo inalteravel o socego em toda a fronteira deste distrito.

Segundo informações do consul em Verin, prestadas hontem á noite, por proprio de confiança, está-se agora procedendo ao internamento dos emigrados, pedido por motivo dos crimes recentes.

Tudo resulta de informação infundada, dada por um guarda fiscal d'um posto de vigilancia. Nada ha, nem haverá».

O 2.º sargento João Baptista Viegas prendeu João Loura e Martinho Alves, trabalhadores, moradores n'um pateo da rua Fraternidade Operaria, por terem sido surpreendidos pelo soldado n.º 1092 da 8.ª companhia de infantaria n.º 1, quando tentavam assaltar o deposito de material de guerra em Braço de Prata.

Foi preso Alfredo José da Costa, maritimo, de 29 anos, solteiro, morador na calçada de S. Lourenço, 2, 1.º, por andar a dar vivas ao bolchevismo e tentar agredir a policia.

José da Cruz, comerciante, morador na rua de S. Paulo, 20, 5.º, foi preso n'uma taberna da rua dos Remolares por ser portador de um revolver carregado com 5 balas sem ter licença de porte de arma. Tambem foi preso Anibal Veloso, carroceiro, morador na Charneca, ao Lumiar, por andar munido de uma pistola carregada com 5 balas e tentar agredir a policia.

Comerciantes e industriaes

dispostos a atenderem as reclamações que forem justas

Pela marcha dos trabalhos do congresso patronal, de que damos largo extracto n'outro logar, vê-se que entre o patronato domina a corrente de estudar e atender na medida do possivel as reclamações dos assalariados. No norte, em Gaya, é que se fala, vagamente, no encerramento de fabricas, mas, como dizemos, vagamente, não concordando com tal medida, caso se resolvesse pôl-a em pratica, alguns dos industriaes d'essa vila.

Está, portanto, muito longe a efectivação d'um «lock-out» patronal, idéa com que se tem pretendido especular politicamente.

Como no nosso artigo de fundo hontem preconisavamos, o comercio de Lisboa tomou a resolução, digna de aplauso, de não fechar amanhã, como se vê do aviso que no numero de hoje inserimos.

Couraçado "Jeanne d'Arc,,

Entrou esta manhã no Tejo o couraçado navio-escola francez «Jeanne-d'Arc».

Depois de salvar ao porto fundeou em frente do Caes do Sodré.

O Congresso do Partido Republicano Liberal

Nota de reportagem

Para que esta reportagem não possa ser mal interpretada, devemos acentuar que o caracter ordeiro da assembleia, hontem assinalado, não foi prejudicado pela veemencia com que reivindicou o direito que lhe assistia de eleger, realmente, os corpos directivos do partido. Na sessão cujo relato parcialmente damos nada se passou que desvirtue fundamentalmente o conceito hontem expresso neste jornal.

NOTICIAS DA CAPITAL

Roubos... sobre a terra e sobre o mar

Os roubos a bordo e nos nossos entrepostos sucedem-se, multiplicam-se.

E' digno de menção aquele de que foi vitima o sr. Francisco da Silva Dias, com escritorio de importação na rua do Arco Marquez de Alegrete, 13, 1.º, a quem roubaram cabedaes num valor superior a 10.000$00 ou o suficiente para o fabrico de 1.400 pares de botas. A «generosidade» dos gatunos foi tanta que em uma caixa no valor de 7.600$00 deixaram ficar apenas, «para amostra», um pequeno embrulho com peles, no valor de 130$00. E facto curioso: nas caixas não se notavam vestigios de arrombamento.

Remetida a juizo

Para o tribunal da Boa Hora deve ser ámanhã enviado Manuel Antonio Magalhães, morador na rua do Terreiro do Trigo, 33, por ter furtado uma mala com roupas e joias no valor de 250 escudos a Maria do Espirito Santo da Silva Reis, moradora na Avenida Almirante Reis, 82, rez-do-chão.

A serie diaria

Queixou-se ao guarda n.º 1.554, Alfredo dos Reis, morador na rua Escola Asilo, 2, 1.º, de que os gatunos entraram por meio de arrombamento no seu estabelecimento de sapataria e furtaram calçado no valor de 79 escudos, indicando os nomes de dois individuos de quem suspeita e que, segundo diz, já em 19 de outubro findo praticaram outro furto no valor de 200 escudos.

Nos calabouços do governo civil estão presos Alfredo de Melo, morador na rua do Vigario, 90, 2.º, e José da Fonseca, calçada do Garcia, 6, por andarem no Rocio e rua Aurea a meterem as mãos nas algibeiras de quem passava.

O sr. Henrique Soares, morador no largo do Cabeço de Bola, 18, 3.º, quando se dirigia para sua casa notou que a porta do mesmo andar, lado esquerdo, residencia do sr. Manuel da Silva, que se encontra ausente, estava arrombada. Participando o caso ao guarda n.º 1:184 este apurou por Maria dos Anjos Quintas, moradora no 2.º andar, que pelas 14 horas sentira passos no andar superior tendo mais tarde visto saír dois rapazes ainda novos levando cada um um saco ás costas bastante volumoso.

Feto abandonado

A policia fez remover para a Morgue um feto de 6 mezes de gestação que foi encontrado abandonado no Caminho do Forno do Tijolo.

O calçado... está tão caro!

O cabo n.º 53 da 5.ª esquadra prendeu Manuel Rodrigues da Silva, trabalhador, morador na rua dos Cordoeiros, 9, loja, e Americo d'Almeida Barros, residente na rua do Norte, 79, 2.º, por conduzirem debaixo dos casacos peles de vitela franceza no valor de 126 escudos que haviam furtado a bordo de um vapor espanhol.

Entre portuguezes e estrangeiros

Pelas 21 horas de hontem travou-se na praça Duque da Terceira uma grande desordem entre portuguezes e estrangeiros, sendo disparados alguns tiros que puzeram o local em verdadeiro estado de sitio. Compareceu o guarda n.º 1.511, que não poude prender nenhum dos desordeiros, por se terem pôsto em fuga.

Vadios para Monsanto

Dos calabouços do governo civil foram hoje de tarde removidos entre uma escolta da guarda republicana, para o forte de Monsanto, os seguintes vadios de cadastro, presos nas recentes rusgas e ultimamente condenados nos julgamentos do governo civil a serem entregues ao governo:

Manuel Pereira de Oliveira, Joaquim José, Francisco Julio Marinho, o «Batata da Mouraria»; Antonio Feria de Oliveira e Joaquim de Matos.

O «Batata da Mouraria», ao atravessar o pateo do governo civil, todo arrogante, gritou para o agente Custodio das Dôres:

—Olhe que não é ainda d'esta que eu vou para Africa, ouviu? Vem ahi uma revolução, sou solto e então é que ajustaremos contas...

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

3385 — 10.º anno | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães | Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º | LISBOA — Segunda-feira, 24 de Novembro de 1919 | Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL | Officina de impressão — 71, Rua da Bica, 71 | Preço, 2 centavos

Manejos subversivos

Despertou natural sensação o telegrama do «Seculo», em que se noticiava uma nova incursão de conspiradores monarquicos, armados, em Portugal. As informações officiaes vieram esclarecer que esses conspiradores não tinham entrado em Portugal, estando, porém, em certos pontos da fronteira, precisamente em frente das localidades portuguezas a que o referido telegrama se referia. Basta, porém, essa proximidade para nos convencer de que os realistas emigrados continuam nos mesmos propositos hostis á Republica. Constituem, portanto, um perigo a acrescentar a outro que dificultam a vida nacional.

Podem os jornaes monarquicos, ou aqueles que protegem monarquicos, levar o caso para o campo da incredulidade. Nós não temos o direito de ser incredulos, porque os monarquicos, em perto de dez anos de Republica, nunca desistiram dos seus criminosos manejos. Assim já realisaram duas incursões armadas em Portugal, tentaram varios movimentos revolucionarios, em Lisboa, no Porto e em Mafra; secundaram o movimento das espadas e foram a alma das juntas militares; finalmente, efectuaram a vilissima traição do Porto e de Monsanto. Como é que se não ha de acreditar que os monarquicos não desistem de propositos revolucionarios, se eles constantemente os teem demonstrado com factos? Agora mesmo, uma folha monarquica está publicando adesões de diversos individuos que não fazem senão declarar estar prontos a pegar em armas.

As manobras realistas, na fronteira, são um perigo; mas isto não quer dizer que sejam o unico perigo. Ao que parece, outros sintomas se notam de intuitos de perturbação interna. Demonstram-o as prevenções a que o governo tem recorrido, e que o sr. Sá Cardoso não ordenaria se não tivesse razões fortes para assim proceder.

O que nós queremos acentuar é que não ha o direito de inquietar, de convulsionar a sociedade portugueza com novas tentativas subversivas. A' custa de muitos esforços, creou-se um equilibrio, sem duvida precario, mas em todo o caso um equilibrio. Quem o quizer destruir assume uma tremenda responsabilidade. As circumstancias são taes que, dado o impulso no caminho das violencias de caracter revolucionario, ninguem, absolutamente ninguem, sabe até onde poderemos chegar.

A sociedade portugueza reclama ordem e trabalho. Isto tem sido dito milhares de vezes, mas parece que ainda teem sido poucas, porque ainda ha evidentemente quem pretenda crear novas agitações, fazendo correr o sangue nas ruas, e estabelecendo a anarquia dos espiritos. Pois o nosso dever é bradal-o sempre, se não para convencer os que não querem ser convencidos, pelo menos para revigorar as resistencias do patriotismo, do bom senso, que são felizmente as do maior numero.

Em Portugal deve estar encerrado o ciclo das revoluções politicas. Os monarquicos já sabem que em nenhumas condições, tanto aquelas em que combateram a peito aberto, como aquelas em que recorreram á hipocrisia e á traição, conseguiram sair vencedores. A sua pertinacia não é só maldade; é estupidez. Por seu turno, os republicanos que teem tido a triste coragem de entabolar lutas fratricidas, sabem bem que dos seus movimentos revolucionarios nada de solido resultou. O 27 de abril foi sufocado pelos democraticos que a breve trecho, caíram perante as manifestações de hostilidade de janeiro de 1914, e mais tarde perante o movimento das espadas; os homens do movimento das espadas, tendo organisado a ditadura Pimenta de Castro foram vencidos pela revolução de 14 de maio; os democraticos que aproveitaram o triunfo da revolução de 14 de maio foram derrubados pela revolução de 5 de dezembro; os homens do 5 de dezembro perderam o poder com a restauração monarquica e a reacção republicana. Como se vê, ninguem tem ganho, com os movimentos revolucionarios, para os seus fins de supremacia politica.

Quanto ás revoltas de caracter social ou economico que os pescadores de aguas turvas pensam aproveitar, tambem se nos afigura que as não devemos temer. Baseiam-se na carestia da vida, e o governo vae certamente tratar, com afinco, de atenuar essa carestia. Ninguem lhe deve regatear o seu apoio, neste caso, como ninguem lh'o deve regatear se tiver de defender a legalidade e a ordem.

O problema fundamental portuguez

Continúa sendo de natureza pedagogica

E' preciso instruir e educar

Quando lêmos hontem á noite na «Capital» o extracto da sessão do Congresso do Partido Republicano Liberal e tomámos conhecimento das objecções feitas pelo ilustre professor, o sr. dr. Alves dos Santos, ácerca do problema pedagogico portuguez, que tem de ser resolvido com soluções em harmonia com o espirito nacional, lembrou-nos o que escreveu o professor da Universidade de Bordeaux, dr. René Cruchet, na sua obra intitulada «Les universités allemands au XXe siècle». Este ilustre homem de sciencia, depois de ter visitado as vinte universidades que contava a Alemanha em 1914, e realisado um inquerito muito consciencioso, concluiu por aconselhar, que não se copiasse servilmente a Alemanha, embora esta grande nação nos pudesse servir de modelo em muitos pontos. Alguns observadores superficiaes esqueceram-se de que o genio latino plana sobre toda a Alemanha.

Mais de uma vez temos escrito que foi uma tremenda calamidade para o nosso paiz, a implantação da reforma de 1895, em um meio que não estava preparado para a sua execução.

Quando vimos em Cologne, no ginasio de Lundental, o funcionamento do ensino em classe e confrontámos com o que se passa no nosso paiz, não pudemos deixar de considerar que tinhamos um unico caminho a seguir: pôr completamente de parte o regimen em vigor entre nós, até se preparar devidamente o meio para a sua execução.

Em França, no Liceu «Louis, le Grand» confessaram-nos que o regimen da classe ainda hoje estava ali mal compreendido e imperfeitamente executado.

Se na propria França assim se faz sentir a dificuldade de execução de uma reforma radical nos metodos de ensino, o que é que em Portugal se poderia esperar, se não havia ainda o numero suficiente de professores que conhecessem as bases fundamentaes da execução da reforma, para se poder garantir ao menos um arremedo do que se faz na Alemanha?

Conjuntamente com a reforma de 1895 havia uma disposição que determinava fôsse enviado ao estrangeiro um certo numero de professores, que iriam constituir nucleos de educadores, de orientadores do metodo a seguir nas escolas normaes e nos proprios liceus.

Mas o numero de professores enviados foi insignificante; pouco se fez sentir a sua acção.

E assim temos visto esta situação calamitosa de se estarem cretinisando gerações sucessivas, vitimadas pela falta de assistencia educativa, intelectual e moral. Além d'isso o Estado não tem fornecido os recursos para se pôr em execução o regimen do ensino em classe.

O que se passa no ensino superior, onde se instituiram os cursos livres, é tambem um sintoma da inconsciencia.

Não podemos deixar de louvar a idéa de quem criou entre nós um tal regimen, mas era preciso darlhe garantias de execução, orientando os mestres que haviam de pôr em pratica uma tal reforma. D'essa imprevidente medida resultou este espectaculo que se observa actualmente nas escolas superiores, com o funcionamento de cursos livres, que não são uma sombra sequer do que se vê lá por fóra. E assim nos vamos iludindo, assim nos deixamos de aprestar para a grande luta da vida futura, onde só poderão triunfar os povos que possuem um poderoso exercito de trabalho, com a sua «élite» de quadros, que saibam ser educados.

Se por um lado o Estado não cuidou de preparar devidamente o meio, para se garantir a execução de reformas, que são de um funcionamento delicado, por outro lado não dotou as escolas com os recursos indispensaveis exigidos por uma tal tecnica. Assim na instrução secundaria, a composição dos turnos, a deficiencia de material de ensino são factores que não podem permitir que o mais cotado dos professores execute verdadeiros milagres.

No ensino superior, a chave de todo o ensino, nos cursos livres é a selecção e garantia dispensada aos assistentes.

E o que se tem visto entre nós? São tão numerosos os factores de que é preciso cuidar, que se pode dizer está a grande maioria por criar.

Este assunto merece ser tratado com insistencia e por isso quizemos aplaudir as palavras do distincto professor sr. dr. Alves dos Santos.

J. Correia dos Santos

Congressos de classe

O do patronato encerrou-se hoje

Na representação entregue ao parlamento reclama-se a liberdade de trabalho e de comercio

A segunda e ultima sessão do Congresso das Associações Patronaes, realisou-se esta tarde, na séde da Associação Comercial de Lojistas de Lisboa.

A's 10 horas estiveram ali reunidos com a comissão de redacção os relatores e auctores das theses propostas e moções apresentadas na sessão de hontem.

Os trabalhos do Congresso foram iniciados ás 14 horas, presidindo a eles o sr. Alberto Malta, vice-presidente da Associação de Lojistas, que convidou para secretarios os representantes de Braga, sr. Marques da Silva, e de Setubal, sr. José da Rocha.

Antes da ordem do dia usou da palavra em questão previa o sr. Gabriel Ferreira. Ocupou-se da questão das subsistencias, que dificultando a vida do paiz, pela carestia dos generos, estabeleceu uma desconfiança por parte do publico nos comerciantes, que é preciso desfazer. E' necessario instar com o governo para fazer desaparecer as medidas adoptadas durante o estado de guerra. O comercio não explorou nem roubou. Quem se locupletou foram os que não sendo comerciantes, se arvoraram de momento em comerciantes. A liberdade de comercio precisa ficar restabelecida, sem necessitar da concorrencia do Estado.

Este assunto, observa um dos membros da comissão de redacção, constitue um dos votos finaes do congresso.

O sr. Apolinario Pereira comunica á assembléa o falecimento do sr. Jacinto José Ribeiro, honrado comerciante e director da Associação de Lojistas, propondo um voto de sentimento que a assembléa aprova de pé.

E' ainda proposto pelo orador e aprovado pelo Congresso, que se convide o sr. Henrique Taveira, o velho e conhecido industrial que se acha na sala, recem-chegado da America, a associar-se aos trabalhos do Congresso. O sr. Taveira agradece.

Usa da palavra a seguir o sr. José da Rocha, justificando uma proposta que apresenta para a creação d'um jornal da classe patronal, ficando para estudar o assunto nomeada uma comissão.

O sr. Acacio dos Santos manifesta-se sobre o assunto. Necessita-se de um jornal diario, que trate dos interesses comerciaes. E' mais absoluta ainda a necessidade d'esse orgão de publicidade do que a d'um edificio proprio para a instalação da federação patronal.

Apresenta uma proposta no sentido das idéas expostas, que é admitida.

Tem a palavra o sr. Alfredo Ferreira, relator da tese em discussão, que é a que trata dos meios de acção para promover o progresso da classe patronal integrada na economia publica, que aplaude o orador antecedente.

As conclusões da tese em questão são as seguintes:

«1.º—Que imediatamente e sem qualquer desfalecimento, se inicie a efectivação da Federação das Associações Patronaes existentes, formando novas organisações onde se reconheçam necessarias.

2.º—Que se estudem desde já as bases para a fundação d'um grande jornal, organisado dentro das formulas modernas, que, sendo o orgão das classes patronaes, seja ao mesmo tempo uma força de opinião.

3.º—Que se estude com caracter de breve realisação a aquisição d'uma grande instalação para a Federação Patronal, e onde possam ficar instaladas em comum as Associações Patronaes nas suas varias especialidades, instalação que reuna todas as exigencias para o fim a que se destina, com grandes salas para conferencias e congressos, salas de estudo e difusão scientifica.

4.º—Como inicio dos fins a que se propõem, as associações de Acção Economica, se procure junto do Parlamento, governo ou partidos politicos, obter que a Constituição da Republica seja alterada no sentido das Classes patronaes terem larga representação efectiva no Congresso.

5.º—Que, constituida a Federação Patronal, esta se ocupe seguidamente do magno problema dos salarios, classificando-os pelas competencias, procurando que eles correspondam ás justas necessidades dos que trabalham e em harmonia com o esforço dispendido, advogando a promulgação de leis que resolvam os conflictos entre o capital e o trabalho pela intervenção conciliatoria e arbitral das «Juntas de Conciliação».

6.º—Que se inicie em todos os centros de actividade comercial, industrial e agricola uma propaganda intensa dos fins a que nos propomos, feita pela conferencia inteligente e cuidada e cujo tema mereça a previa sanção da comissão executiva a nomear para a efectivação das resolução do Congresso».

Dando-se a materia por discutida, sem prejuizo dos oradores inscritos, aos quaes apenas são concedidos tres minutos a cada um, mais alguns congressistas falam, sendo aprovada uma proposta do sr. Azevedo para que, no caso de não serem satisfeitos os votos do Congresso, especialmente no que respeita a horario de trabalho e inquilinato comercial, fique nomeada uma comissão para protestar por todos os modos, junto de quem quer que seja, contra tal facto.

O sr. José Ramos Lourenço ocupa-se da luta entre assalariados e patrões, agravada pelo ultimo conflicto mundial. Acha que se pode salvaguardar os interesses patronaes sem estabelecer guerra contra os assalariados.

Foram em seguida postas em discussão as conclusões das teses apresentadas, com os seus aditamentos ou emendas, que foram aprovadas por unanimidade.

Procedeu-se por ultimo á leitura da representação que a mesa acompanhada pelos congressistas que assim desejem ir entregar ao sr. presidente da Camara dos Deputados, após o encerramento do congresso.

Nesse documento põe-se em evidencia o papel que o comercio e a industria teem representado em todas as epocas no nosso paiz e em todo o mundo no progresso da humanidade e mostra a justeza das reclamações apresentadas.

Essa representação é saudada de pé com grande salva de palmas.

Essa representação foi assinada por todos os congressistas presentes. Será com as actas do congresso impressa e enviada a todos os que dessa assembleia fizeram parte.

E' proposto pelo sr. Custodio de Oliveira um voto de congratulação e louvor á comissão organisadora do congresso e a todos os que com ela colaboraram, voto que é aprovado por aclamação.

O sr. Fernão Pires trata da questão da indemnisação por motivo dos assaltos a estabelecimentos praticados por ocasião de acontecimentos politicos. As vitimas de maio de 1917 são tão dignas de indemnisação como as de 5 de dezembro do mesmo ano. Fez parte da comissão que disso se ocupou e instará junto do governo para que haja equidade nessas indemnisações. Manda para a mesa um requerimento para que seja posta á votação a moção hontem apresentada pelo congressista sr. Lopes Esteves no mesmo sentido. Essa moção é aprovada por unanimidade.

Procedeu-se em seguida á nomeação da comissão encarregada de procurar que sejam satisfeitos os votos do congresso, ficando composta dos srs. Sergio Principe, Apolinario Pereira, Alfredo Augusto Ferreira, Henrique Catarino e Marques Pinto.

O sr. José de Alcobia apresenta uma moção solicitando ao governo providencias atinentes a atenuar o agravamento do cambio. Ocupa-se tambem da ameaça que correm as conservatorias de ser destruidas, formulando uma proposta neste sentido. Ambos os documentos serão tomados na devida consideração.

Em seguida foi encerrado o congresso, dirigindo-se a mesa, acompanhada de numerosos congressistas para o parlamento, a fim de entregar ali a representação aprovada pelo congresso.

PELO TELEGRAFO

Em França

Os delegados portuguezes Afonso Costa e Magalhães Colaço assistem á inauguração da Universidade de Strasburgo

STRASBURGO, 23.

Entre os delegados das Universidades estrangeiras que vieram a Strasburgo assistir á inauguração da Universidade, notava-se a presença dos professores Afonso Costa e Magalhães Colaço. Toda a assembleia ovacionou com calor, durante um largo espaço de tempo, a nossa valente aliada quando eles se apresentaram por sua vez a cumprimentar o sr. Poincaré, transmitindo-lhe depois aos seus colegas estrangeiros os votos da Universidade portugueza a favor da Universidade de Strasburgo. Durante a recepção no hotel de Ville o dr. Colaço renovou ao sr. Poincaré e ao reitor da Universidade de Strasburgo as homenagens da Universidade de Coimbra, a qual tinha a peito aproveitar a ocasião para sublinhar a fraternidade das armas estabelecida com a França durante a guerra. Lembrou que a Universidade de Coimbra foi a primeira que em 1918 saudou a Universidade de Lille e que egualmente se empenhava em saudar a Universidade de Strasburgo, que recebia o seu novo baptismo. O dr. Colaço acrescentou que a Universidade de Coimbra se sentia particularmente feliz em ser representada nesta cerimonia, a qual na sua serena solenidade era ainda um dos episodios mais simbolicos da guerra. O sr. Poincaré agradeceu muito calorosamente ao dr. Colaço e pediu-lhe para ser junto da Universidade de Coimbra o interprete fiel do seu profundo reconhecimento.—(Havas).

Poincaré discursa na inauguração da Universidade de Strasburgo

STRASBURGO, 22.

O presidente da Republica, sr. Poincaré, discursando em Strasburgo disse que, não obstante as intrigas anti-francezas de certos alemães, desde o armisticio, intrigas que fracassaram lamentavelmente, a Alsacia-Lorena foi sempre animada do mesmo amor pela França; em seguida o presidente mostrou os enormes esforços da Alemanha para fazer da Universidade durante a ocupação um foco de propaganda germanica na Alsacia-Lorena; esses esforços malograram-se tambem ante a resistencia da mocidade alsaciana e lorena. O presidente acrescentou que a Universidade de Strasburgo se tornará assim na fronteira de leste o farol intelectual da França erigido na margem onde vem acabar a onda germanica.—(Havas).

A Legião de Honra a Metz

PARIS, 23.

Procedente de Strasburgo o sr. Poincaré chegou a Metz, onde foi entusiasticamente aclamado pela multidão. O presidente fez entrega da cruz da Legião de Honra, com que a cidade foi condecorada pelo governo da Republica e em seguida, discursando, fez a apologia da fidelidade dos lorenos á França. A apresentação da Cruz provocou em toda a assistencia um imenso grito de entusiasmo.—(Havas).

Clemenceau pensa em descansar

PARIS, 23.

Um redactor da «Presse de Paris», que seguiu o sr. Clemenceau na sua peregrinação na Vendea, soube que o presidente do conselho alugou uma pequena casa solitaria á beira mar, onde conta descançar, embora dedicando-se ainda ao trabalho. Segundo a «Presse de Paris» o general Mirbel deve suceder ao general Andlauer como administrador superior do territorio de Sarre.—(Havas).

Mais resultados das eleições

PARIS, 23.

Os resultados das eleições legislativas no departamento do Mosa, proclamados hoje, dão como eleitos 2 republicanos, da esquerda, um radical e um progressista.—(Havas).

Chegou o general Gouraud

PARIS, 23.

O cruzador «Waldeck Rousseau», conduzindo a bordo o general Gouraud, chegou a Beyrouth no dia 21.—(Havas).

Na America do Sul

Interesses italianos no Brazil

RIO DE JANEIRO, 23.

Na redacção da Agencia Americana reuniram-se os membros mais categorisados da colonia italiana a fim de resolverem a fundação de uma associação para a defeza dos interesses italianos no Brazil.—(Americana).

RIO DE JANEIRO, 23.

O Club Naval ofereceu uma «matinée» á oficialidade do couraçado argentino «Mora», que regressa ao porto de La Plata, na segunda-feira.—(Americana).

Academia Brazileira de Letras

RIO DE JANEIRO, 23.

A Academia Brazileira de Letras reelegeu a antiga directoria, que terminou o mandato esta semana.—(Americana).

Sessões do Congresso

RIO DE JANEIRO, 23.

As sessões do Congresso serão prorogadas até ao dia 31 de dezembro proximo.—(Americana).

Expulsão dum anarquista portuguez

RIO DE JANEIRO, 23.

A bordo do «Darro» segue para a Europa o anarquista portuguez José Rosa da Silva, expulso do Brazil pelas auctoridades policiaes.—(Americana).

Monumento da independencia

RIO DE JANEIRO, 23.

A Associação Comercial agradeceu á Camara de Comercio Americana a oferta d'um monumento comemorativo do centenario da independencia do Brazil.—(Americana).

Compauhia Maria Matos

RIO DE JANEIRO, 23.

Voltará a trabalhar no Palace Teatro a companhia teatral portugueza dirigida por Maria Matos e Mendonça de Carvalho.—(Americana).

Falecimanto dum jurisconsulto

RIO DE JANEIRO, 23.

Faleceu n'esta capital o dr. Ribeiro de Almeida, ministro do Supremo Tribunal Federal. A sua morte foi muito sentida.—(Americana).

Banquete ao novo ministro espanhol

LIMA (Republica do Peru), 23.

A colonia hespanhola residente n'esta capital organisou um banquete, que será oferecido ao sr. Ojeda, novo ministro da Hespanha n'esta Republica.—(Americana).

O assucar, a castanha e a manteiga

O que se passa com estes generos—Uns filhos, outros enteados

Vamos primeiro ao assucar.

Como se sabe, tem havido falta d'este genero e, quando aparece o «camion» da companhia á porta de qualquer estabelecimento conduzindo umas mizeraveis sacas, é tal a multidão que se reune que se torna necessaria a intervenção da força publica, sem contar com os fiscaes, que acodem pressurosos, obrigando os proprietarios d'esses estabelecimentos a venderem até ao ultimo grama, embora os freguezes habituaes, aqueles que não teem vida nem tempo para andarem em «bichas», fiquem sem uma pitada. Que importa isso, porém, aos representantes da repartição do ministerio da agricultura, por onde correm os serviços de abastecimentos!

Na fabrica Hornung & C.ª, quando o dono d'um estabelecimento pede para que lhe seja permitido mandar ali buscar o assucar em vehiculo seu proprio, a fim de não se lhe juntar á porta a multidão—e nada menos de dois importantes estabelecimentos conhecemos nós com quem isso sucedeu—o director responde-lhes sobranceiramente que não abre excepções e que o assucar tem de seguir no camion da casa. Mas abre excepções para um importante estabelecimento do Chiado, cujo nome é facil de adivinhar e que, se quizerem, aqui daremos. Ainda na sexta-feira passada o automovel d'essa casa foi buscar á fabrica citada nada menos de dez sacas de assucar. Porque se faz isto?

E' claro que a multidão se não juntou á porta a esses felizes comerciantes deram ao assucar o destino que muito bem quizeram e entenderam, sem que os fiscaes ali acudissem pressurosos a zelar porque fôsse vendido até ao ultimo grama.

Essa casa é das que tem lampada acesa em Méca!

* * *

Vamos agora á castanha, sem ser, bem entendido, a que se costuma apanhar de quando em quando na ocasião das «zaragatas» que já fazem parte da nossa vida, mas sim da que os vendedores aqui, em frente da nossa redacção, apregoam a toda a hora, buzinando-nos os ouvidos: «Quentes e bôas!»

N'este tempo, é grande a exportação que se costuma fazer para diversos paizes, principalmente Inglaterra e America do Norte, onde esse saboroso fructo é crystalisado e constitue um presente apreciadissimo, sendo vendido por alto preço.

Desnecessario é dizer que já aqui a castanha é bem paga e que o comercio que com a exportação se faz é importante.

Pois o ministerio da agricultura entendeu que devia prohibir este ano a exportação. Porque, não se sabe, tanto mais que ha uma excepção. A Mercantil exporta a que quer e sem que esse mesmo ministerio lhe vá á mão.

Soma e segue!

* * *

Voltemos finalmente ao caso da manteiga, de que já nos temos ocupado largamente. Em Lisboa ha manteiga. Ha, mas as manteigarias não a podem vender, porque o ministerio da agricultura birrou e não quer que ela se venda. Quer ser ele, e só ele a mandar, e os comerciantes que vão cavar batatas, mas que não se insurjam e que obedeçam.

A' hora a que escrevemos, 14 e meia, de um estabelecimento do genero sahiram já hoje, mediante guias do omnipotente ministerio, nada menos de 310 kilos. Você essa quantidade, diz-se, para mercearias. Mas como é isso, se quando se procura manteiga nas mercearias, nos respondem invariavelmente que não ha?

Quer um conselho o ministerio da agricultura? Ponha o comercio livre e deixe-se de fiscalisações, que dão resultado contraproducente.

A prova está patente no que se está passando com a batata. Emquanto não foi livre a sua importação e venda, não a havia e a que aparecia era ao preço minimo de $24 o kilo. Agora, ha-a já com relativa abundancia e ao preço de $18 e n'algumas mercearias a $15.

Quer-se exemplo mais frizante do que este da incompetencia do Estado?

A. de Campos Junior

De Madrid, em companhia do distinto «sportsman» sr. Manuel Cárabe, regressou hoje o nosso amigo e redactor sportivo de «A Capital», A. de Campos Junior, que durante a sua estada na capital espanhola ouviu os principaes jornalistas sportivos e directores de clubs do paiz visinho sobre a possibilidade da realisação do campeonato peninsular de «foot-ball» em Lisboa, na proxima epoca.

Todos se manifestaram de pleno acordo com a idéa, que vem concorrer para estreitar as relações existentes entre os «sportsmen» dos dois paizes, e todos eles prometeram o seu entusiastico concurso para que se efective o concurso, cuja organisação caberá ás federações de Lisboa e Porto.

Parece tambem que, organisada pelo jornal «Os Sports» e pelo «El Figaro», se vae realisar uma importante corrida de motocicletas.

POLITICA

Congresso do P. R. L.

Transcrevemos de «A Republica»:

«O sr. Amancio Queiroz diz, que no relato do congresso publicado na «Capital» se afirma que durante um incidente, um congressista dissera que ali não era nenhum congresso operario. Foi, ele, orador, que dirigiu um áparte nesse momento, mas não disse que ali não era nenhum congresso operario, mas sim «que o congresso democratico já tinha acabado».

A questão dos altos comissarios africanos e o problema dos transportes maritimos

Como é sabido, a maioria reuniu no Centro Democratico e apreciou o projecto da sub-comissão de colonias, ácerca dos altos comissarios africanos. Noticiou-se, a proposito, que se conseguira, finalmente, um acordo com o sr. ministro das colonias, que acabou por dizer o que queria, coisa que muita gente não conseguira ainda saber, ao certo. Parece, pois, que ao projecto da comissão de colonias, produto da revisão de trabalho da sub-comissão, foram introduzidas modificações pela maioria, reunida partidariamente no seu centro politico.

Perguntava-se hoje se, em vista de tal, o projecto não tinha de voltar á comissão. Efectivamente, se o projecto foi modificado pelos democraticos já não é o mesmo, evidentemente, que saíu da ultima revisão da comissão parlamentar. Logo, tem de voltar lá, antes de ser posto em discussão.—ou então temos de concluir que a comissão não serve para coisa alguma.

Seja como fôr, a comissão de colonias não tem reunido, porque não tem projecto importante que lhe ocupe a atenção. O dos altos comissariados não se sabe onde pára, e o que respeita ao arrendamento da frota mercante do Estado encalhou na comissão de colonias, que não se ocupa dele, porque o relator, que é o sr. deputado Velhinho Correia, ainda não teve tempo para redigir o seu parecer.

A questão cambial

O sr. deputado Ramada Curto anunciou uma interpelação ao sr. ministro das finanças sobre a crise cambial. O sr. Rego Chaves deu-se por habilitado. Resta que o sr. presidente da Camara marque o dia em que a interpelação deverá realisar-se.

O material do C. E. P.

A comissão de guerra da Camara dos Deputados deu parecer sobre o credito de 430 contos, pedido pelo governo para acquisição das instalações necessarias á armazenagem do material do C. E. P. Esse material custou milhares de contos de réis e está a deteriorar-se, exposto ao tempo. Na fabrica de material de guerra de Braço de Prata ha, n'essas condições, 450 viaturas e em Beirolas mais 814, em circumstancias eguaes.

O parecer da comissão é favoravel, assinando-o o sr. Alvaro de Castro com a declaração de que «a aprovação da proposta obriga a estudar desde já uma redução de despeza do ministerio da guerra, pelo menos equivalente ao quantitativo da proposta». Um outro membro da comissão, o sr. Antonio José Pereira, assinou tambem com declarações, que, aliás, não constam do parecer.

Roubo importante

PORTO, 24.—O inspector da policia da judiciaria d'esta cidade pediu hoje ao director da policia de investigação criminal de Lisboa a captura de Angelo Braga, empregado no comercio, que cometeu n'esta cidade um importante roubo.

AS LEIS DO INQUILINATO

O aumento que se pretende obter

é, não sobre as actuaes rendas, mas sobre as que se pagavam em 1914

—Antes de passarmos a outra ordem de idéas—diz-nos o nosso entrevistado, logo apoz a «troca dos usuaes cumprimentos—vamos definir bem claramente, para que de modo algum possa haver confusões, o meu modo de vêr sobre os aumentos das rendas de casas, contra o qual para aí tanto se clama, porque ainda não foi bem comprehendido o que eu defendo e o que entendo que se deve reclamar como justo.

«Ha aumentos e aumentos. Eu entendo que a lei que a tal respeito se deve promulgar deve tomar como ponto de partida não as rendas actuaes, mas as de 1914.

—Ah! Então o caso é diverso. Muita gente supõe...

—Supõe erradamente e a propria representação, ha tempos publicada, da Associação dos Proprietarios pede que seja essa a base sobre que incidam os aumentos, e não a actual. Sabe, porque me tem ouvido ha já um bom par de dias, que eu não defendo os senhorios gananciosos, os senhorios sem escrupulos. Ora muitos teem cometido abusos, elevando as rendas embora por lei o não possam fazer. Tomar para base as rendas actuaes seria proteger esses senhorios. Não, entendo que devem ser protegidos apenas os senhorios honestos, os que, apezar das inumeras dificuldades com que teem lutado devidas principalmente á carestia da vida, teem respeitado a lei.

«Creio que esses bem merecem que em seu favor alguma coisa se faça. O actual estado de coisas só aproveita aos sem escrupulos, assim como aos inquilinos que dele se aproveitam para sublocações por um preço exagerado e para trespasses que a ninguem, nem ao proprio Estado, aproveitam e beneficiam, a não ser a eles proprios. E' uma imoralidade e eu não os defendo, nem os posso defender.

«A continuar o actual estado de coisas, serão eles os unicos beneficiados. E note que aqueles mesmos a quem não convem que a lei seja clara é que levantam a campanha tendenciosa que nós vêmos desenhar-se. Quer um exemplo frizante do que acabo de dizer?

—E' conveniente. Contra factos não ha argumentos.

—Como já disse, a Associação dos Proprietarios, na sua representação, pede que seja permitido o aumento de 40 por cento sobre as rendas de 1914—e não as actuaes—note-se bem. A propria União dos Sindicatos Operarios quer que esse aumento não seja superior a 50 por cento. Quer dizer que acha justo afinal o que os senhorios honestos desejam e que entende que lhes assiste razão.

«Contra o que se revoltam e contra o que eu egualmente me revolto é contra a torpe e sordida especulação que se vem fazendo, mas de que não teem culpa absolutamente alguma os que sempre acataram e continuam acatando a lei, embora ela os prejudique gravemente.

«Em que póde a alteração ou alterações que se façam na lei do inquilinato favorecer os especuladores? Gostava que m'o explicassem. Eu entendo exactamente o contrario. Seria um travão a esses especuladores, desde que o inquilino se não prestasse a manigancias.

—O inquilino prestar-se a manigancias; ser, por assim dizer, cumplice do senhorio?...

—Meu caro, nem todas as verdades se dizem, afirma o dictado, mas eu entendo que quando falamos para que quem nos ouve reproduza as nossas palavras, as verdades e só as verdades se devem dizer. Ora o facto é que, conscientemente ou inconscientemente, muitos inquilinos se prestam a fazer o jogo dos senhorios.

«A lei não permite aumentos, não é verdade? Por que motivo, pois, quando os senhorios gananciosos exigem actualmente aumento, os inquilinos se não negam redondamente a isso? Por covardia, uns, outros por não se quererem incomodar e com receio de problematicas consequencias que os forçariam a dar alguns passos mais do que os que costumam dar. No fundo, veja bem, lá está a covardia a dominar, quando não é a cumplicidade, da parte dos que aproveitam o pretexto para por sua vez explorarem mais. Tenho-lhe citado exemplos deste ultimo caso, bem flagrantes. Ainda na nossa ultima palestra lhe citei um.

«Em resumo, e por hoje, desejo que fique bem acentuado que a modificação na lei que pretendem os senhorios honestos é que seja permitido o aumento de rendas, mas que esse aumento não incida sobre as actuaes, mas sim sobre as que pagavam os inquilinos á data do decreto de 23 de novembro de 1914.

«Peço-lhe para no «compte-rendu» que fizer acentuar isto bem.

A. C.

O caso Dias da Silva

O sr. dr. Rodrigues Esculcas reassume o seu logar

O «Diario do Governo» publica hoje o resultado da sindicancia requerida pelo sr. dr. José Rodrigues Esculcas aos seus actos como director da policia de investigação criminal. Foram varios senhores ouvidos pelo sindicante, entre os quaes o nosso director e o nosso camarada de redacção Luiz Saude e o ex.mo sr. Eduardo Fernandes, «Esculapio».

As conclusões da sindicancia são as seguintes:

1.º—O sr. director da policia de investigação criminal, depois do processo concluido, forneceu como de costume a noticia da existencia da queixa dum crime de furto, em que eram envolvidos os nomes dos srs. Augusto Dias da Silva e Alfredo Franco.

2.º—Que não houve da parte do mesmo magistrado responsabilidade alguma, quanto ao facto dos jornaes onde a local foi publicada terem atribuido a importancia e a gravidade que o processo não revela.

3.º—Ter procedido o sr. dr. Rodrigues Esculcas com isenção e imparcialidade, ouvindo o sr. Augusto Dias da Silva e as testemunhas por ele oferecidas, para assim se defender da acusação que lhe era imputada, apesar do processo estar concluido.

4.º—Que, para evitar o extravio do processo, mandou tirar copias das principaes peças do mesmo, o que tem adoptado para outros casos, não representando esse seu procedimento qualquer agravo para o sr. Augusto Dias da Silva.

5.º—Finalmente, não houve inconfidencia da parte daquele magistrado, pois não prejudicou a acção da justiça para o descobrimento da verdade com a publicação da referida noticia.

Em virtude dessas conclusões e do despacho mandando-o reassumir as suas funções, o sr. dr. Rodrigues Esculcas voltou hoje á efectividade, sendo muito cumprimentado.

O processo referente á queixa apresentada contra o sr. Augusto Dias da Silva foi hoje remetido ao 3.º juizo de investigação criminal.

Theatro São Luiz

Todos, pobres ou ricos, nobres, burguezes, proletarios, devem ir ao teatro São Luiz ver a celebre revista «O Pé de Meia», com o novo acto «O Rocio», em que se faz a historia exemplificada daquela praça desde os principios da monarquia.

E' um espectaculo curioso e instrutivo, alegre e tambem empolgante com o deslumbramento das duas novas apoteoses de grande originalidade, e de completa gargalhada com os alegres comentarios do grande actor comico Joaquim Costa.

Quem quizer passar uma noite despreocupada, com o espirito alegre, tem de ir ver a segunda fase da famosa revista de Schwalbach, com linda musica de Del Negro e Alves Coelho.

Atropelada por um automovel

Na enfermaria infantil do hospital da Estefania, deu entrada Celestina Ramos, de 4 anos, residente na rua Moraes Soares, que no largo de Santa Marta, foi atropelada por um auto-bomba dos bombeiros voluntarios da Ajuda, quando ia para um incendio, ficando com a perna direita fracturada. O «chauffeur» do auto, Agostinho de Carvalho, residente na praça da Alegria, foi preso, sendo depois posto em liberdade.

ULTIMA HORA

Politica

Importante debate na Camara dos Deputados—O sr. presidente do ministerio põe a questão de confiança

A proposito dum discurso pronunciado na Camara dos Deputados inciou-se o debate politico, que acaba de ser posto, claramente, nos seguintes termos, pelo chefe do governo:

«Trata-se da defeza da Republica. Se a Camara entende que o governo não defende a Republica pelos melhores e mais eficazes processos, com prazer cederemos o nosso logar. Venha outro governo, melhor que este e bem está. Mas esta questão ha-de ficar hoje resolvida. Neste momento pensa-se em atacar a Republica. Mas chegou tambem o instante do governo defender, sem mais complacencias, a Republica. O governo o fará. A Camara dirá se ele é capaz de o fazer».

O sr. Ramada Curto requereu a generalisação do debate. O governo, pela voz do seu chefe, declarou que reputava inconveniente, no momento actual, o debate politico. O sr. Antonio Granjo fez a afirmação, por parte do P. R. L., de que não votaria a generalisação, por se tratar de questão de ordem publica. Realisada a votação, foi regeitado o requerimento do sr. Ramada Curto, o que equivale a um voto de confiança ao governo.

"A Leva da Morte,,

A' ordem da comissão de sindicancia a policia de segurança do Estado efectua varias prisões

A comissão nomeada para proceder a uma sindicancia á policia sobre o caso da «Leva da Morte» está ultimando com toda a actividade os seus trabalhos, devido á urgencia que foi solicitada ao inquerito.

Como suspeito de implicado na tragedia da rua Serpa Pinto, encontra-se detido no forte de Monsanto o exagente da policia preventiva Alvaro Costa, sendo tambem presos hoje para averiguações o exagente da policia de investigação Francisco Carrapeto e um seu filho, que pertenceu á policia preventiva. O agente Carapeto, após a queda do dezembrismo, havia desaparecido de Lisboa.

Segundo consta, outras prisões se vão efectuar.

Expulsos do Brazil

A bordo do «Benavente» chegaram hoje 18 anarquistas

O vapor brazileiro «Benavente», procedente do Funchal, entrou hoje a barra pelas 9 horas e 10 minutos, fundeando 50 minutos depois em frente ao posto de Desinfecção, na Rocha do Conde de Obidos. A bordo desse barco viajavam, 18 bolchevistas, 11 portuguezes e 7 espanhoes, que ultimamente foram expulsos do Brazil. Logo que o barco fundeou dirigiram-se a bordo, no vapor «Pacifico», o sr. Leonel Tavares de Melo, chefe da policia maritima; Lucio Heitor, adjunto, agente Flôres, alguns agentes da policia de segurança do Estado e 15 guardas civicos que hontem á noite haviam sido escalados para esse serviço.

As nossas autoridades receberam os bolchevistas portuguezes, os quaes vieram no «Pacifico» para terra, escoltados por guardas civicos e uma força de marinheiros, sendo conduzidos á repartição da policia maritima, donde, pelo meio dia, foram transferidos para o governo civil e entregues á policia de segurança do Estado. O desembarque fez-se em boa ordem, tendo apenas um dos bolchevistas protestado contra a sua detenção, não sendo esses protestos acompanhados pelos restantes.

São eles: Manuel Gonçalves, Abilio Cabral, Antonio Costa, Anibal Paulo Monteiro, Alberto Augusto de Castro, Alexandre de Azevedo, José Carlos, Manuel Gama, Albano dos Santos, Manuel Ferreira e Antonio Silva.

Os presos, depois de interrogados na repartição da policia de segurança do Estado, foram fotografados e mensurados no posto antropometrico, seguindo depois entre uma escolta da guarda republicana para a esquadra do Caminho Novo, onde ficarão até que o governo resolva sobre o destino a dar-lhes.

A bordo do «Benavente» ficou de vigilancia uma força de 8 guardas, a fim de impedir que os 7 bolchevistas espanhoes desembarcassem.

Os presos declararam ao governo civil ser falso que durante a sua permanencia no Funchal tivessem tentado qualquer revolta a bordo, como se disse, tendo em mira as prevenções que ali se tomaram para o impedir que eles fossem a terra.

A bordo do «Benavente» estiveram fotografos para tirarem clichés aos bolchevistas, mas estes, ao verem-se «focados», voltaram subitamente as costas, impedindo assim a impressão de «clichés». Os bolchevistas não trazem bagagens nem dinheiro mas simplesmente os fatos que vestem. Um deles declarou que fôra detido ao sair do trabalho, metido no «xadrez» e depois conduzido para bordo, não tendo tido tempo sequer de avisar a familia.

PARLAMENTO

Nos Deputados

Continúa em discussão, na generalidade, o parecer ao projecto que revoga o decreto n.º 5586, de 10 de maio de 1919 e o artigo 2.º do decreto n.º 5787-MM da mesma data, decretos que vieram prejudicar interesses legitimos criados, quanto á promoção de sargentos, pondo novamente em execução os artigos 10.º e 11.º da lei orçamental n.º 413, de 31 de agosto de 1915.

O sr. Antonio Maria da Silva manifesta-se em desacordo com o sr. Tomaz de Sousa Rosa, cujas considerações rebate, defendendo com grande copia de argumentos o projecto.

O sr. Ramada Curto, que pede a palavra para interrogar a mesa, diz que com o processo de se discutirem projectos de duvidosa urgencia antes da ordem do dia, se vem tirando ás minorias o direito de se ocuparem de questões inadiaveis. Deseja tratar da apreensão do jornal «O Combate» para o que necessita da presença do sr. presidente do ministerio; da questão cambial, para o que precisa interpelar o sr. ministro das finanças; tres notas de interpelação aguardam que os interpelados se declarem habilitados o que poderá ser d'aqui a um mez, a dois, quando muito bem quizerem. As minorias estão representando um papel de simples bonecos. Desde que se não cumpram as disposições regimentaes, as minorias vêr-se-hão compelidas a sahirem da luta legal. (Apoiados dos populares e de alguns liberaes).

O sr. presidente dá explicações, dizendo que a discussão de projectos antes da ordem do dia se faz com consentimento da Camara.

Proseguindo a discussão, o sr. ministro da guerra concorda que, tratando-se d'um assunto bastante melindroso, o projecto com as emendas baixe novamente á comissão de guerra.

O sr. Plinio Silva faz largas considerações sobre o assunto, discordando da opinião de se encerrar a Escola de guerra, afim de se poder acabar com os supranumerarios.

Terminada a discussão na generalidade, o sr. presidente põe á votação a proposta do sr. Plinio Silva, na qual propõe que, mandando baixar á comissão de guerra juntamente as propostas de emenda apresentadas durante a discussão do projecto, proposta que é aprovada. Em seguida passa-se á ordem do dia, iniciando-se a discussão na especialidade do projecto que reorganisa os serviços da secretaria da Presidencia da Republica, lembrando o sr. Virgilio Costa que a discussão se não devia fazer sem estar presente o sr. presidente do ministerio. N'este sentido requer o sr. Julio Martins, requerimento que é aprovado.

Passa-se á discussão do parecer da comissão de finanças, á proposta de lei apresentada pelo sr. ministro das finanças, que trata da reorganisação dos serviços afectos á Casa da Moeda e Papel Selado.

Ordem publica

Voltaram hoje a correr boatos de alteração da ordem publica. O sr. presidente do ministerio teve uma demorada conferencia com os srs. ministro da guerra, tenente-coronel Liberato Pinto, chefe do Estado Maior da guarda republicana, e director da policia de segurança do Estado.

Findas estas conferencias, o sr. Sá Cardoso, dirigiu-se ao palacio de Belem a avistar-se com o sr. presidente da Republica, com quem se demorou bastante.

A policia de segurança do Estado procedeu durante o dia de hoje a varias diligencias.

POEIRA DA ARCADA

Ministerio das finanças

O sr. Rego Chaves esteve já hoje na sua secretaria, recebendo varios banqueiros e o engenheiro sr. Silva Vianna, director da Companhia dos caminhos de ferro da Beira Alta.

Serviço telegrafico da tarde

BRUXELAS, 23.

Continuam as negociações para a organisação do ministerio nacional. Entrarão socialistas e o presidente talvez seja o sr. Delacroix, que já era no ministerio demissionario.—(Havas).

WASHINGTON, 23.

Provavelmente o senado não voltará a ocupar-se do tratado da paz, antes de janeiro.—(Havas).

BRUXELAS, 23.

A Belgica prepara a administração das colonias alemãs da Africa Oriental que lhe foram cedidas.—(Havas).

BRUXELAS, 23.

O rei Alberto encarregou outra vez o sr. Delacroix de formar o novo ministerio.—(Havas).

MADRID, 22.

Parece que os senadores e deputados ciervistas vão continuar a sua campanha obstrucionista. — (Havas).

Conchita Ulia

Esta formosa e distinta artista reaparece hoje no Salão Foz, apoz alguns dias de afastamento, por motivo de doença.

No sabado realisa ali a sua festa artistica, na qual, por uma especial deferencia para com a aplaudida cançonetista, tomam parte alguns dos melhores artistas do teatro portuguez.

NOTICIAS DA CAPITAL

Agressão á facada

Foi preso Francisco dos Santos, morador na rua Pedro Dias, 30, 2.º, por ter agredido com uma facada Manuel Duarte Branco, residente na travessa da Peixeira, 22, loja, o qual teve de ir receber curativo no posto da Mizericordia.

Sem poder saber a quantas anda

José Pereira Biquel, de passagem por Lisboa, queixou-se de que os gatunos lhe furtaram uma corrente de ouro e relogio de prata, tudo no valor de 50 escudos.

Malas postaes

São amanhã expedidas malas postaes: pelo «Curvello», para a Madeira, Africa Ocidental, via Madeira, Pernambuco, Baía, Rio de Janeiro, Montevideu e Buenos Aires, e pelo «Highland Pride» para Rio de Janeiro, Montevideu e Buenos Aires.

As ultimas tiragens na caixa geral são, respectivamente, ás 8 e 12 horas.

Um fornecimento...

Foram detidos Francisco de Oliveira ou Francisco José de Oliveira, da rua da Esperança do Cardal, 30, rez-do-chão, e José Gonçalves, da travessa de S. Mamede, 22, 6.º, que furtaram pneumaticos no valor de 300 escudos, na Companhia de trens da Guarda Republicana.

Por causa do frio

A um dos calabouços do governo civil recolheu Maria Augusta, da rua da Amendoeira, 17, 1.º, que furtou roupas no valor de 90 escudos a Mariana dos Anjos, da rua dos Douradores, 177, 3.º.

Alfredo Cezar Magno

Faleceu

Carlos Augusto Magno, sua mulher e filhos, Alfredo Cezar Magno Junior e sua mulher, Antonio Gaspar Magno sua mulher e filho, dr. Manuel Magno sua mulher e filhos, Fernando Antonio Magno sua mulher e filhos e Ernesto Magno, cumprem o doloroso dever de participar a todos os seus parentes e pessoas de suas relações e amizades que foi Deus servido chamar á sua divina presença, seu muito querido pae, sogro e avô e que o seu funeral deve ter logar no dia 25 do corrente, pelas 15 horas, saindo o prestito da Egreja do Coração de Jesus (Santa Marta) para o cemiterio dos Prazeres.

Alfredo Cezar Magno

Faleceu

A. C. Magno & C.ª (Filho) participam a todos os seus amigos o falecimento do seu chefe Alfredo Cezar Magno, e que o seu funeral terá logar no dia 25 do corrente, pelas 15 horas, saindo o prestito da Egreja do Coração de Jesus (Santa Marta) para o cemiterio dos Prazeres.

Alfredo Cezar Magno

Faleceu

Lopes, Magno & C.ª participam a todos os seus amigos o falecimento do seu prezado socio gerente Alfredo Cezar Magno, e que o seu funeral terá logar no dia 25 do corrente, pelas 15 horas, saindo o prestito da Egreja do Coração de Jesus (Santa Marta) para o cemiterio dos Prazeres.

Teatro de S. Carlos

Esta noite despede-se do publico de S. Carlos a companhia de bailes da genial artista Ana Pawlowa, que durante as noites anteriores atraiu a este teatro tudo que a capital tem de melhor. Ana Pawlowa, hoje em dia a primeira artista do seu genero, deixará gravada a letras de ouro nos anaes do nosso primeiro teatro a sua passagem como um astro de primeira grandeza. Para a noite da despedida organisou a divina artista o seguinte programa:

I parte—«Orfeu», de Gluk. II parte—Os «Divertissements», «Obertas», de Levandwski; a morte do Cisne», de Saint-Saens; «Anitra», de Grieg; «Dança Holandeza», de Grieg e «Pas de trois», de Ziburka. III parte—«Folhas de outono», de Chopin. IV parte—Os «Divertissements», «Dança da primavera», de Miller Holmund; «Momento musical», de Schubert; «A escrava» (dança arabe), de Grieg; «Gnomos», de Grieg e «Pas de trois», de Godart.

Atropelamento

José Gonçalves, de 21 anos, servente, rua de Santa Marinha, 10, 1.º, que no Conde Barão foi atropelado por um electrico, ficou muito ferido na cabeça.

«As furias do Averno»

Mais uma nova jornada da sensacional pelicula «As garras do leão» se estreou na «matinée» de hoje neste elegante cinema.

E' a setima da afamada fita, que Lisboa em peso tem ido admirar, cheia de verdadeiro interesse pelas suas emocionantes situações. Maria Walcamp e os seus distintos cooperadores teem nestes soberbos quatro actos um trabalho, não só fatigante, pelos perigos a que se expõem e pelas dificuldades que vencem, como dum alto valor artistico, digno de ser visto e apreciado.

A completar o espectaculo desta noite, além de «As garras do leão» ainda o «film» em 3 actos «Almas inimigas», e «No mar dos Golfos», em 2 actos, que muito se teem conservado no «écran», pelo sucesso obtido nas suas exibições.

Apreensão de sêdas

Multa elevada de 21 mil e 49 mil escudos

Como largamente se noticiou, foram ha dias aprendidas, por um sargento da guarda fiscal, algumas malas com sedas, destinadas á casa Mimoso, da rua do Ouro.

Foi aplicada a essa firma a multa de 21.000$00, mas para correr do processo foi ela intimada a reforçar essa multa com mais 27.000$00, dinheiro que foi hoje depositado na tezouraria da alfandega.

Jacintho José Ribeiro

Faleceu

Julia Maria de Lima e Quina Ribeiro, Alda de Quina Ribeiro, Henrique de Quina Ribeiro, Leonel de Quina Ribeiro e esposa, Jorge de Quina Ribeiro e esposa (ausentes), Julio de Quina Ribeiro e esposa, Raul de Quina Ribeiro, Carlos de Quina Ribeiro e Joaquina da Conceição Ribeiro participam a todos os parentes e amigos o falecimento do seu muito querido marido, pae, sogro e irmão e que o seu funeral terá logar amanhã, 25, pelas 14 horas, saindo o prestito funebre da casa da sua residencia na Estrada de Moscavide, 40 (aos Olivaes) para o cemiterio Oriental.

Atropelado por um electrico

No posto da Cruz Vermelha, foi pensado Cezar Gonçalves, 23 anos, 1.º cabo «chauffeur» 392, rua Fernegial de Baixo, 26, 2.º, que na rua 24 de Julho, quando montava uma bicicleta, foi atropelado por um electrico, ficando muito ferido na cabeça.

Joaquim Coelho Leal

FALECEU

Maria da Encarnação dos Santos Leal e seu filho, Justino Coelho Leal e sua mulher Margarida Duarte Leal (ausentes), José Felisberto Coelho Leal, Maria Angelica Coelho Leal Machado e seu marido Luiz Machado e filhas (ausentes), Julio Cesar Coelho Leal, Alfredo Augusto Coelho Leal (ausente), Mario Sylvio Coelho Leal (ausente), Palmira Beatriz Coelho Leal (ausente), Vitorino Justino Coelho Leal, José Francisco Coelho Leal e sua mulher Beatriz Vilaverde Leal, Maria José Ferreira dos Santos e seus filhos participam a todos os seus amigos e pessoas das sua relações o falecimento de seu estimado marido, pae, filho, irmão, cunhado, tio, sobrinho e genro e que o seu funeral se realisa amanhã, 25, pelas 16 horas, para o cemiterio dos Prazeres, saindo o prestito funebre da sua residencia na rua Coelho da Rocha, 87, rez-do-chão, sendo o acompanhamento a pé.

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

3386 — 10.° anno | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães | Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.°

LISBOA — Terça-feira, 25 de Novembro de 1919

Telephone n.° 2298 — Endereço teleg. CAPITAL | Officina de impressão — 71, Rua da Bica, 71

Preço, 2 centavos

A proposito de Olivença

Noticias de Madrid dizem que o «A. B. C.» publica um artigo em que, ocupando-se do discurso do sr. Bernardino Machado, relativo á desejada restituição de Olivença, declara que a Espanha poderia, pelas mesmas razões, reclamar a anexação de Portugal, acrescentando ainda que não considera ser a melhor maneira de estreitar amisades querer despojar a Espanha de um pedaço de terra espanhola.

A observação do «A. B. C.» é impertinente e injustificada. Não tem perdido essa folha reaccionaria, orgão da corrente germanofila em Espanha, o menor ensejo de nos ser desagradavel. Aproveita agora um novo ensejo sem reparar que não lhe assiste sequer uma aparencia de razão.

Primeiramente, cumpre notar á folha espanhola que não tem nenhuma comparação o caso da anexação de Olivença com o caso da nacionalidade portugueza. Não tem por muitos motivos; mas um dos principaes é, sem duvida, o de não haver ainda Espanha, no sentido politico desta palavra, quando Portugal iniciou a sua vida como nação livre e independente.

O que nessa ocasião existia na peninsula eram diversos Estados que só mais tarde se juntaram, aceitando a hegemonia de Castela. Até aos fins do seculo XV, ainda os proprios moiros dominavam em Granada, e só então se poude considerar fundada a monarquia espanhola, sob a égide dos reis catolicos.

Que comparação pode haver de resto entre uma pequena cidade, sempre considerada portugueza até aos principios do seculo findo, e que se desejaria ver restituida á sua patria, e uma nação que tem a sua historia, a sua lingua, as suas diferenciações perfeitamente fixadas, e que ha mais de oito seculos é uma nacionalidade independente? Sem duvida, sofremos sessenta anos o dominio espanhol, mas o «A. B. C.» não ignora que o fomos apenas por uma questão dinastica. Eramos, pelas normas fataes da monarquia, a herança de uma familia de principes. Filipe II conseguiu pela traição ser o preferido. Mas ele não conquistou Portugal, porque não se pode chamar conquista á escaramuça da ponte de Alcantara onde o prior do Crato procurou realisar um supremo esforço a favor da independencia nacional. Sessenta anos depois fechava-se o parentesis que essa consequencia dos principios da hereditariedade monarquica creou, na nossa existencia nacional, e na guerra que sobreveiu, e que durou muitos anos, a Espanha só conheceu a derrota.

De resto, para que empregar uma linguagem tão agressiva e inconveniente? Em resposta ao sr. Bernardino Machado, o sr. ministro dos estrangeiros teve o cuidado de acentuar que não trataríamos a questão de Olivença, se a tratassemos, senão por meio dum amigavel entendimento com o governo espanhol. Logo não ha da nossa parte nenhum desejo de despojar a Espanha, o que é tanto mais impossivel quanto é certo que só receberemos Olivença se a Espanha reconhecer que ela é, de direito e de facto, terra portugueza.

O «A. B. C.» é suspeito quando insinua que nós queremos agravar a Espanha. Se fosse a Espanha que reclamasse de nós um territorio contestado, talvez ela usasse termos mais energicos. Nós, não. Reivindicamos Olivença, mas não lhe sacrificamos as boas relações entre os dois povos da peninsula. Esta é que é a situação. Irritações e intransigencias, só as poderia motivar a linguagem daqueles que, a proposito de uma questão tão leal e amigavelmente posta, se permitem negar-nos o direito de ser livres!

A inauguração solene da Universidade do Strasburgo

Um telegrama do dr. Afonso Costa

O sr. dr. Afonso Costa, representante da Universidade de Lisboa na *inauguração solene da Universidade* de Strasburgo, enviou ao sr. dr. Pedro José da Cunha o seguinte telegrama:

«Comunico a V. Ex.ª que me desempenhei com grande satisfação do honroso mandato que V. Ex.ª e Senado Universitario me confiaram, apresentando homenagens Universidade de Lisboa ao Reitor e professorado universidade Strasburgo assistindo todas cerimonias e festas comemorativas da sua ressurreição e tomando parte na cerimonia da sua inauguração que pelo seu brilho e magestade e pela concorrencia representantes estrangeiros não tem precedente na historia e dificilmente poderá jámais egualar-se. Universidade Lisboa foi muito saudada e festejada. Sendo tributado caloroso reconhecimento á solidariedade que ela testemunhou á sua irmã franceza fazendo-se representar por quem tivera a fortuna de contribuir para que se désse tambem solidariedade á França nos campos de batalha para defeza do seu solo sagrado contra o inimigo comum. Meus dedicados respeitosos cumprimentos.—Afonso Costa.

Um amigo do povo

As batatas da casa Grandela

A aplicação pratica do taylorismo em Portugal — Uma idéa que deve ser imitada

O problema das subsistencias tornou-se insoluvel.

Com a guerra dizia-se que «havia falta», os generos escasseavam — para quem os pagasse bem nunca desapareceram — interveiu o Estado, descobriu-se a bicha, o magote, a correria, o assalto. Havia uma certa compreensão do facto; — no fundo existia sempre uma explicação, dura e cruel mas logica: a guerra. Mas... veiu a paz e as subsistencias continuaram faltando — para os pequenos principalmente — e em vez de se atentar com criterio no problema, começaram surgindo ou generos sonegados, ou faltas ficticias, ou stocks criminosamente apodrecidos.

Os governos, com aquele senso parado de pessoa que se deseja intrometer em tudo, andou numa faina de experiencias tibias sem resultado maior, ora proibia, ora libertava, ora requisitava, ora vendia, ora punha tabela, ora estabelecia guias... enredando, complicando e nunca tendo uma acção decisiva e acertada. O alto comercio, os industriaes... Esses, estamos em crer, nunca quizeram interessar-se pelo problema. O primeiro caso que apareceu, o exemplo interessante que em todo este longo e dificil periodo surge, é o dos armazens Grandela pondo á venda batata a um preço inferior ao de todas as casas, e estabelecendo com simplicidade e metodo uma equitativa distribuição.

Esse exemplo tem de frutificar. Essa iniciativa tem de ter repercussão. Ha muito capital que pode dedicar-se á missão nobilissima de prover o paiz. Os grandes industriaes, a grande finança pode imitar o sr. Grandela, fazendo assim uma verdadeira obra popular. E é simples, e é facil essa missão. O proprio sr. Grandela nos diz o que fez e o que pensa fazer relativamente ás subsistencias.

Apresentou-se-me uma ocasião de fazer bem ao maior numero, aproveitei-a — diz o sr. Grandela.

—Apresentou-se-me uma ocasião de fazer bem ao maior numero, aproveitei-a. São apenas 100 mil kilos de batata holandeza que me ofereceram a compra. Aceitei. Havia a montar o serviço de venda ao publico: encontrei bons elementos na minha casa, e o resultado é que o povo está satisfeito e eu tambem. Sem ser para relevar a minha ideia, deixe-me, comtudo, dizer-lhe que podia ter vendido toda a batata ganhando meio por meio. Tenho aí cartas oferecendo-me belos negocios... mas, repito, entendo que nesta ocasião nem tudo deve ir ao saco!

Eu posso garantir uma coisa. Mezes depois de ter começado a guerra recebi comissões de outras casas para que não conservasse os preços, os meus empregados diziam-me que os colegas vinham aqui fornecer-se para vender com altos ganhos, mas eu entendi sempre que devia terminar os «stocks» com os preços antigos. Não querem os meus colegas convencer-se que «muitos poucos fazem muitos» e então dizem que eu «estrago o negocio». São modos de ver, e eu poderei ser levado a fechar a casa, mas não mudarei de orientação...

—Consta que vae tambem ter á venda assucar?

—Se arranjar, ponho-o á venda tambem. Recebi já hoje uma comissão de mulheres do povo que me vinha pedir para que o arranjasse... Soubesse eu onde se vende que faria gostosamente esse auxilio ao povo. Mas, é preciso que o governo não intervenha senão judi*ciosamente nestes casos. Chéguei a* recear que deitassem a mão á batata que mandei vir... para a deixa*rem apodrecer talvez*...

Errada orientação... a verdadeira solução do problema das subsistencias está na concorrencia... mande-se vir, e produza-se. Quanto ao primeiro ponto, é minha opinião que se deve alterar e suprimir os impostos. Os impostos foram creados noutras circumstancias diferentes do paiz. Hoje não pode ser, não teem cabimento. Acabe-se com isso, ou altere-se. Os 100 ou 200 mil contos que o Estado recebia podem vir de outro lado qualquer, por exemplo dos impostos sobre a importação estrangeira. Quanto á produção entendo que deve ser o maximo intensificada. Vejo que a imprensa se preocupa pouco dos terrenos incultos, não cuida do problema da plantação, e em produzir, em produzir fartura é que está a verdadeira orientação, por dela vir o embaratecimento...

Digam-me onde ha assucar ou feijão e eu os adquirirei para vender ao povo.

Mas, repito, a minha especialidade não são os generos. Foi apenas uma ocasião que se me proporcionou de fazer bem ao povo. Em havendo outra repito e não me importa com o merceeiro, visto que fazendo bem ao maior numero fico satisfeito. Agora disseram-me que havia feijão na Holanda; escrevi para ve rse consigo um barco dele; pensei em Marrocos ou Argelia para outros generos. Digam-me onde ha feijão, assucar ou batatas e eu adquiril-as-hei para vender ao publico.

—Teve de meter pessoal, arranjar armazens?

—Nada disso. Apenas destaquei 6 empregados para todo o serviço. O chefe dos escritorios organisou com metodo a distribuição, e, posso garantir que tem corrido serenamente não demorando o publico quasi tempo nenhum em ser servido.

O sr. Leiria explica-nos então o funcionamento do novo armazem distribuidor:

—Conseguimos tudo muito simplesmente aplicando o sistema de Taylor. Como não podiamos fazer aqui no edificio a venda da batata, com risco de perturbar os restantes serviços, dividimos a operação em duas partes: aqui compram-se as senhas, presidindo tambem a ideia que quem compra as senhas não é quem vae buscar as batatas; dividiram-se por varios andares as caixas que vendem as senhas de forma a evitar aglomerações, e de que os pagamentos não demorem a entrega dos generos, assim numa hora vendem-se 2 a 3.000 senhas. No armazem é ainda o sistema Taylor que se aplica: o minimo esforço para o maximo do rendimento util. Nada de gestos, nem de movimentos escusados. Os 6 empregados teem cada um sua missão simples e definida. Mandámos construir 600 caixas de madeira que estão em fila, e comportam 5 kilos de batatas. O publico traz os sacos ou cestos abertos. Entram 6 pessoas de cada vez, o homem que despeja a caixa, não faz mais nada senão o pequeno movimento de despejar, outro tira-lh'a da mão e coloca defronte dum outro que as torna a encher, de forma que, sem esforço, e de relogio na mão são atendidas 10 pessoas por minuto. Quem havia de dizer, se não fosse esta divisão metodica de trabalho que num curto espaço de tempo, das 10 1/4 ao meio dia, um empregado maneja, carrega 5 toneladas ou mais? O certo é que já tenho vendido 50 toneladas.

—E mais?...

—O sr. Grandela conta arranjar. Mas não vieram só estas; para outras casas veiu maior numero de toneladas e nem uma apareceu á venda. Porquê? Onde estão? Porque não aparecem?

«A Capital» responde a essas perguntas que o publico faz, que todos fazem, apontando o exemplo da casa Grandela, aos outros comerciantes e industriaes. A batata holandeza, é aquela que se come em todos os paizes baixos, no norte da França, em Inglaterra. Não será dificil conseguir carregamentos para o nosso porto, para se vender com pequenos lucros—se os comerciantes se sujeitarem a eles—a um preço que seria favoravel ao publico. Assim como a batata, o feijão, outros generos podem vir do estrangeiro, matando assim todas as possiveis ganancias.

A ideia da casa Grandela deve servir de exemplo, deve incitar outros capitalistas, os verdadeiros *amigos do povo*, a saír da inacção e actuar.

E' uma *ideia interessante*, uma ideia que não deve morrer. E que aprendam todos o metodo, a organisação, a ordem, fundamentos para a boa execução e trabalho.

Que o povo, esse, reconhecido, vae saindo da bicha, para dar o seu «Viva o Grandela» que ninguem recomendou, nem andou a angariar, prova certa que sabe ainda destrinçar quem cuida do seu bem estar ou encolhe os hombros de inercia e improdutividade.

Repetimos: que o exemplo frutifique; que saiam da sua estagnação os que podem fazer alguma coisa, pelo paiz e pelo povo.

Selvageria!

Da «Epoca» de hoje:

«O sr. dr. Carlos de Melo Costa (Ficalho) sabendo que estava agonisante sua sogra a sr.ª D. Maria João O'Neill Brandão requereu licença ao sr. ministro da guerra para ir a casa da desventurada senhora em tão angustioso momento. Pois á Penitenciaria não chegou qualquer resposta e a sr.ª D. Maria O'Neill Brandão morreu sem tornar a vêr o que foi tão dedicado marido da sua malograda filha que morreu ha mezes, estando o sr. dr. Carlos de Melo Costa no exilio d'onde tambem pediu e não lhe concederam licença para ir visital-a. Que venenosa bolsa d'odios terá esta gente, onde nós outros temos o coração?»

Da «Manhã», do dia 23:

«Sr. redactor de «A Manhã».—Está quasi a completar um ano que alguns individuos da pior especie invadiram a altas horas da noite a casa do meu querido, e tambem vosso amigo, Eurico Castelo Branco, arrancando-o ao leito, e, sem atenderem aos lamentos de sua pobre esposa, conduziram-o para o Governo Civil com escala pelas esquadras dos Temtemolos e Rato. N'esta, e no trajecto até lá, foi o pobre Eurico selvaticamente espancado pelos seus captores, entre os quaes se salientavam o sargento Mendonça e o cabo 114 da mesma esquadra. Foi instaurado processo contra os assassinos do desditoso republicano, processo que dorme ha longos mezes na Boa-Hora, e em que eu figuro como testemunha. Não sei de que estranha protecção gozarão os inimigos da Republica e dos republicanos para conseguirem impunidade para os seus crimes, mas o que sei, sr. redactor, é que o celebre 114, além d'esta victima, conta no seu activo algumas dezenas d'elas, entre as quaes destaco os dedicados republicanos Mario Fernandes e o bombeiro n.º 45, cuja esposa tambem foi agredida, tendo ele falecido dias depois da sua sahida de S. Julião da Barra, onde tambem já tinha falecido o nosso saudoso amigo Mario Fernandes, a quem o mesmo individuo obrigou a lamber o sangue que, em virtude das pancadas recebidas na cabeça, tinha espirrado para uma das paredes da esquadra. Pois, sr. redactor, esta criatura, que tanto mal fez e tanta gente perseguiu, acaba de ser reformado como premio, certamente, dos seus heroicos feitos. Mas eu, que assisti em S. Julião, onde estava tambem como victima do mesmo cabo, aos ultimos momentos do nosso infeliz amigo, eu, que senti bem de perto quanto ele sofreu nas casas-matas, não podia deixar de lavrar o meu mais indignado protesto contra essa reforma, que é tudo quanto ha de mais injusto, por quanto o dito cabo abandonou o serviço, fugindo para não mais ser visto, desde a jornada de Monsanto até hoje, e contra o não andamento do processo. Sem outro assunto, sou com toda a consideração e estima, de v., etc.—Paulo Caldeira».

A AVENTURA MONARQUICA

No tribunal militar especial

Um ex-policia condenado a 5 mezes de prisão

Para hoje estavam marcados dois julgamentos: o do sr. João Maria d'Almeida Lavoura, alferes de infantaria 17, e o do soldado Amilcar Correia, n.º 1.007 da 1.ª equipagem do 1.º grupo de companhias da administração militar, mas tendo chegado hontem ao tribunal um outro processo, enviado pelo comandante da 7.ª divisão, Tomar, contra aquele oficial e outros co-réus, em numero de seis, o seu julgamento foi mais uma vez adiado, «sine die».

Em vista disso respondeu só o soldado Amilcar Correia, acusado de ter tomado parte no movimento de Monsanto e de aliciar camaradas seus, para irem cooperar com as forças que para ali foram. Era, nessa epoca, guarda civil e estava de serviço na 18.ª esquadra, Santa Marta.

O réu disse ser falsa a acusação de aliciar camaradas seus. Quando passava na Avenida Duque de Loulé foi aprisionado por uma patrulha de cavalaria que o levou para Monsanto de onde saíu logo que poude. Declarou tambem que foi sempre republicano.

O juri deu só como provado o facto do acusado ter cooperado na revolta de Monsanto, em vista do que foi condenado em 5 mezes de prisão correccional substituida por egual tempo de incorporação em deposito disciplinar.

O acusado estava com homenagem no quartel da unidade a que pertence.

Depois de ámanhã deve responder o alferes de artilharia 5 sr. Acacio Alves Diniz.

1.° de Dezembro

Na praça dos Restauradores começaram hoje a ser colocados os mastros para bandeiras, devendo ámanhã ser levantado um coreto e outro na praça do Comercio.

MILITARES QUE VOLTARAM DA GUERRA

Casos tristes... e casos urgentes

Estou completando a minha obra de propaganda a favor dos mutilados e invalidos da guerra com um trabalho de organisação estatistica, para o qual nunca me julguei capaz.

O interesse, porém, pela obra, tornou-me cauteloso, metodico e habil na pesquiza do que desejo documentar com numeros e com factos. Folheio boletins e ordens de serviço. Analiso tratamentos e a marcha de alterações e antecedentes militares. E nessa tarefa tenho visto muita miseria e tenho sentido muita emoção dolorosa.

Encontro, por vezes, na aridez dum modelo de licença militar e pela leitura de um diagnostico medico, a razão de uma dôr cruciante e a historia de muito drama de desespero e de angustia.

* * *

Foi na leitura de um desses boletins...

Que li o grito dalma soltado pela autoridade administrativa de Vieira de Leiria, pedindo que melhorassem a situação do bravo soldado Sequeira, cego da guerra, o mais cego dos nossos bravos, absolutamente perdido para a luz, para a vida e para a sua profissão antiga. Não vê nada. Tem a treva nos olhos e a treva no coração, sentindo junto de si o abandono e o esquecimento dos homens. E ele foi um portuguez a valer, um grande soldado da nossa terra, que tinha orgulho do que havia feito em face dos inimigos da Patria!

Tem mulher e tem familia. E nos tempos de agora, para o seu sustento, dão-lhe apenas a reforma e o maximo da pensão complementar num quantitativo duns 7 tostões! Que tristeza e ao mesmo tempo que desproporção olhando os outros invalidos regressados da campanha! Emquanto que um estropeado, que conseguiu a sua reeducação, chega a obter dois escudos e mais por dia, o bravo Sequeira, esse belo rapaz que foi sempre um excelente soldado, recebe o suficiente para morrer de «fome lenta». Quiz reeducar-se fazendo rêdes. Compraram-lhe uma meia duzia, por esmola, nunca como incentivo ao trabalho.

Agora... Ele, que animoso, que cantava emquanto esteve em Santa Izabel rodeado de ternura e de conforto, que se estusiasmava na narrativa da bravura lusitana, que fazia rir os companheiros, sempre jovial, sempre vivo, pitoresco na conversa, tipico na sua forma de acamaradar com os outros soldados—está agora, segundo dizem e segundo afirma a autoridade administrativa de Vieira de Leiria, triste, irritado de nervos, deprimido, lamentoso do seu estado e lamentoso da ingratidão dos homens!

* * *

E na leitura de uma carta dirigida ao director de Arroios...

Li os lamentos dum mutilado que pela necessidade duma revisão cirurgica, teve de ser transferido para um hospital militar. Morre de frio e de desconforto! A sua carne não tem o agasalho duma coberta nem o alimento que necessita! Disse num desespero, gritando a sua miseria! Pede ao director de Arroios que lhe envie os magros escudos que tem em seu poder para comprar o cobertor que o liberte do frio e os magros alimentos que lhe mantenham a vida!

E o director de Arroios, condoído da triste narrativa do seu militar, enviou-lhe roupas e coberturas!

* * *

Cito os casos sem comentario. Indico, porém, que são ligeiros documentos para demonstrar a imperfeita organisação de serviços.

José Pontes

O paiz a saque

UMA QUADRILHA DE SALTEADORES

Roubos nas estações de caminhos de ferro — Assaltos nas estradas — Combates com a força publica!

Ha bastante tempo que grande parte das pessoas que tinham de transitar pelas estradas que ligam com Luzo, Mealhada, Anadia, Souzellas e outros pontos se via assaltada por uma grande quadrilha de salteadores.

Saíram estes ao caminho, com mascaras no rosto, para não serem reconhecidos, e lanternas munidas de potentes reverberos que assestavam contra as suas vitimas ofuscando-lhes a vista, exercendo assim melhor a sua malevola acção. Roubava desta modo a quadrilha tudo quanto podia e não contente com o ataque de encruzilhada dedicava-se tambem ao roubo de mercadorias nas estações de caminho de ferro desde a da Barquinha á do Luzo. Para esta outra especialidade de roubo, aproveitavam as horas de descanço dos empregados, conseguindo delapidar assim varias firmas conhecidas, entre as quaes figura a de Grandela & C.ª, como uma das mais prejudicadas a qual apresentou queixa á policia, requisitando um agente de policia para descobrir e capturar os malfeitores. Foi nomeado para esse efeito o para a Barquinha seguiu, acompanhado por um colega o agente David Mateus e tão bem se houve nas diligencias que empregou, que conseguiu, após verdadeiras montarias capturar um dos atrevidos ladrões da quadrilha, Manuel Rodrigues Ferreira, o «Felix», descobrindo a seguir alguns mais que são: Manuel d'Almeida, «O Janeiro», chefe do bando; o «Manuel do Porto», o «Salvador», o «José Sapateiro», José Gonçalves, o «Fajardo» e Avelino Ferreira.

Vendiam os ladrões que acabam de ser presos e outros que não tardam em caír nas garras policiaes, o produto dos roubos que praticavam por varias tabernorias de Pampilhosa do Botão e de outras localidades.

Uma vez descoberta a quadrilha o agente Mateus, acompanhado por uma força da guarda republicana que viera destacada do Porto para a Mealhada, composta do cabo 14 da 1.ª companhia e das praças 21, 22, 56, 86, 89 e 190, deu uma batida em regra á serra do Bussaco, e fez um cerco á residencia de uma tal Lucinda, receptadora dos roubos, que ali vive. A força foi recebida a tiro, pelo «Janeiro», que na referida casa se refugiára e que tentara anavalhar o agente que dirigia a diligencia. Vendo este em grave risco, um dos soldados, metendo a arma á cara desfechou-a contra o «Janeiro», prostrando-o morto.

Foram em seguida presas Margarida da Costa, Nazaret das Neves e outras pessoas, que a força conduziu á Mealhada. A' passagem por Pampilhosa alguem correu á torre da egreja local a tocar a rebate, com o fim de reunir a população para linchar os malfeitores, acto que foi prudentemente evitado pelos soldados.

Em Aringa, povoação que fica entre o Luzo e a Pampilhosa foi apreendida uma boa parte dos roubos, em casa de José Antunes da Rocha e na quinta do Valongo, na Serra do Bussaco, outra parte egualmente importante.

São avaliados em 200$00 escudos os roubos feitos por esta quadrilha, que da Mealhada, foi transferida para a Anadia, dando entrada na cadeia comarcã.

Tinham os referidos ladrões varios pontos de reunião para planearem as suas proezas e dividirem o produto delas, sendo os mais frequentes Barquinha, Souzelas e Pampilhosa do Botão.

Conchita Ulia

Como já dissémos, realisa-se no proximo sabado a festa artistica da gentil cançonetista Conchita Ulia, que tantos e tão merecidos aplausos tem entre nós conquistado.

Por uma especial deferencia para com a festejada tomam parte no espectaculo alguns dos nossos primeiros artistas, como Palmira Bastos, Lucinda Simões e sua neta Julieta Simões, Angela Pinto, Brazão e Joaquim Costa.

Brazão e Lucinda Simões farão «A manhã de sol» e Lucinda e Julieta «Leitura e escrita». Não está ainda assente a ordem do programa, mas pelo que já dissemos vê-se que a festa deve ser brilhantissima.

PELO TELEGRAFO

A Espanha turbulenta

O estado de sitio em Saragoça

MADRID, 24.

As informações oficiaes dizem que em consequencia da prisão do comité da gréve de Saragoça, rebentou a gréve geral e imediatamente foi declarado o estado de sitio.—(Havas).

Na America do Sul

Chegou ao Chile Eduardo Zamacois

VALPARAIZO (Republica do Chili), 24.

Chegou hoje a esta capital, sendo recebido por toda a colonia, com grandes manifestações de jubilo, o ilustre escritor e critico hespanhol Eduardo Zamacois, que aqui vem realisar algumas conferencias sobre o movimento teatral de Peninsula Iberica.—(Americana).

A Espanha e a comissão de indemnisações por acidentes de trabalho

MADRID, 24.

Foram enviadas instruções ao ministro de Hespanha junto do governo argentino afim de que faça a imediata declaração de que o governo hespanhol adére á convenção internacional sobre indemnisações por acidentes de trabalho, ficando o ministro autorisado a firmar o respectivo convenio com o governo argentino sob a base de reciprocidade de direitos para operarios das duas nacionalidades, com inclusão de seus herdeiros directos.—(Americana).

Hospitaes modelares na Argentina

BUENOS AIRES, 24.

A Sociedade de Beneficencia Hespanhola resolveu desistir da construção do projectado Panteon, preferindo a construção dos hospitaes modelares. Para as obras será feita uma operação de credito de alguns milhões de pesos, operação cujo exito é assegurado pelos mais opulentos capitalistas da colonia.—(Americana).

A Argentina regosija com a derrota maximalista nas eleições francezas

BUENOS AIRES, 24.

A Liga Patriotica Argentina tornou publico o seu regosijo pelo resultado das eleições em França, interpretando-o como invencivel repulsa da nação pelas teorias maximalistas. Ao chefe do governo francez, sr. Clemenceau, expediu a Liga um telegrama de felicitações.—(Americana).

O Uruguay na Liga das Nações

MONTEVIDEU, 24.

O ministro do Uruguay em Paris, sr. Carlos Blanco, foi nomeado para representar a Republica Oriental, na comissão internacional do regimen de pontes e calçadas, anexa á Liga das Nações.—(Americana).

O Brazil augmenta o seu fundo de ouro e prata

RIO DE JANEIRO, 24.

O governo projecta a compra de ouro e prata extrahido das minas, constituindo com esses materiaes um fundo de garantia para o papel moeda.—(Americana).

Uma cidade com fisionomia assustadora

SARAGOÇA, 24.

O governador mandou prender e deportar para Barcelona os presidentes dos diversos sindicatos operarios. A cidade está tomando uma fisionomia assustadora, achando-se fechados todos os estabelecimentos e generalisando-se a gréve. O ministro do interior ordenou aos presidentes dos sidicatos que voltassem a Saragoça para serem apresentados á autoridade militar.—(Havas).

Acabou a greve dos padeiros

MADRID, 25.

A *gréve dos padeiros, depois de* dar logar a muitos incidentes, terminou porque o governo tomou conta de todos os padeiros, e os grevistas voltaram ao trabalho, por ter chegado a acordo com o governo. Se os patrões recusarem aceitar as condições que o governo propoz, as padarias continuarão administradas pelo municipio.—(Havas).

Boas novas

DAKAR, 19.

Os passageiros do «Africa» seguiram bem. José, Avelar, Tomaz, Rochal, Gouveia, Pinto, Venancio, Santos, Abelo, Veigas, Freitas, Neves, Gonçalves.—(Havas).

A INDUSTRIA NACIONAL

Como se progride — Construcções que nos honram

A industria entre nós, embora os pessimistas digam o contrario, desenvolve-se cada vez mais, realisando verdadeiros prodigios. Um exemplo frizante temol-o na Empreza Nacional de Balanças e Automoveis Limitada, cujas oficinas se acham instaladas na rua do Norte, 66 a 72, tornejando para a travessa dos Fieis de Deus.

Essa empreza, além de reparações de automoveis e de fogões, moinhos de café e cofres, fabricando tambem todos esses artigos, dedica-se em especial á construção e transformação de balanças, saindo das suas oficinas obras admiraveis e que, póde dizer-se, são entre nós unicas. Veja-se, em abono do que dizemos, uma balança centesimal de 15 toneladas, que está funcionando na União Metalurgica, as balanças de 10 e 12 toneladas que foram fabricadas para a Golegã e Marinha Grande, estando actualmente em construcção uma outra de 10 toneladas para a União Metalurgica.

Recebidos amavelmente por um dos socios da firma, o sr. José Antonio Moraes, oficial do exercito, que entendeu dever consagrar a sua actividade á industria, foi-nos ele mostrar, com um certo orgulho, de resto bem justificado, o que no momento presente se está fazendo nas suas oficinas e em que tem logar primacial uma balança romana destinada á Beira Alta, á pezagem de pinheiros, até ao total de 1.500 kilos. E' um verdadeiro prodigio de mecanica, que a principio se julgaria irrealisavel, pois que, para um tal pezo, afigurava-se necessario que o braço tivesse 7 a 8 metros de comprimento. Devido a um dispositivo especial, o director tecnico da Empreza conseguiu que esse braço tivesse apenas um metro, o que torna facil o transporte da balança.

E' uma verdadeira creação, póde assim chamar-se-lhe, e que honra a industria nacional.

Tem sido a firma Francisco Moraes & C.ª, com escritorio na rua da Vitoria, 42, 2.º, que tem dado grande impulso ao desenvolvimento das oficinas da Empreza, estando actualmente ali a montar-se um dinamo para fornecer luz a todas as instalações, sem falarmos no motor ha pouco instalado. O esforço, a energia e a perseverança são qualidades que ainda hoje triunfam e estamos convencidos de que dentro em pouco a Empreza Nacional de Balanças e Automoveis Limitada ocupará um logar primacial, estando-lhe reservado um largo e prospero futuro.

«As furias do averno»

Todas as jornadas da extraordinaria pelicula «As garras do leão», que teem sido exibidas no elegantissimo Salão Central, teem despertado de tal forma o interesse do publico, que dificil se torna conseguir um camarote ou um logar de tribuna para as suas exibições.

A setima, cujo titulo serve de epigrafe a esta noticia, e que na «matinée» de hontem fez a sua primeira apresentação, agradou em cheio, chamando enorme concorrencia e despertando o maior interesse.

Nos seus principaes episodios, de um imprevisto que encanta, de uma novidade que entusiasma, além do magnifico e arrojado trabalho dos seus principaes interpretes, ha o desempenho superior de Marie Walcamp, nos seus verdadeiros prodigios do assombrosa temeridade.

No espectaculo desta noite figura a empolgante jornada «As furias do Averno», além das duas anteriores.

Figura tambem no programa a sensacional estreia da famosa fita, em 8 partes, «Fabiola», ou «Os martires do Cristianismo», grande visão historica e artistica, segundo a obra do Cardeal Wiseman.

O espectaculo de hoje, no Salão Central é, como se vê, cheio das maiores atracções.

Venda de terreno

Assistencia Nacional aos Tuberculosos

Na Avenida 5 de Outubro, proximo do Campo Grande

Faço publico, que no dia nove de dezembro proximo futuro pelas doze horas, será posto em praça, na secretaria desta Associação, á Praça da Ribeira Nova, por licitação verbal, o terreno situado na Avenida Cinco de Outubro, fronteiro ao mercado de gados, confinante com a referida Avenida, Avenida dos Estados Unidos da America, terrenos municipaes e terrenos dos herdeiros de Francisco Isidoro Vianna.

As condições, a planta do terreno e demais esclarecimentos estão patentes na mesma secretaria, em todos os dias uteis, das 10 ás 15 horas.

Lisboa e sala das sessões da Comissão Executiva da Assistencia Nacional aos Tuberculosos, 22 de novembro de 1919.

José J. d'Almeida

Lavoura mecanica

Amanhã, quarta-feira, 26, pelas 6 horas da tarde realisa-se no Chiado Terrasse uma interessantissima sessão cinematografica de demonstração do trabalho dos tractores «Lauson» de rodas e «Holt Caterpillar» e escavadoras «Bucyrus».

A casa Monteiro Gomes, Limitada, (Engenheiros), terá o maior prazer em oferecer bilhetes para esta sessão, a quem os pedir nos seus escritorios, na Rua do Alecrim, 10, 2.º

O Rocio no São Luiz

Todos, pobres ou ricos, nobres, burguezes ou proletarios, devem ir ao teatro São Luiz vêr a celebre revista «Pé de Meia» com o novo acto «O Rocio», em que se faz a historia exemplificada daquela praça desde os principios da monarquia. E' um espectaculo curioso, instrutivo e alegre e tambem empolgante com deslumbramento das suas novas apoteoses de grande originalidade, e de completa gargalhada com os alegres comentarios do grande actor comico Joaquim Costa. Quem quizer passar uma noite despreocupada com o espirito alegre tem de ir vêr a 2.ª fase da famosa revista de Sellenbach, com lindo musica de Del-Negro e Alves Coelho.

Poeira da Arcada

Presidente da Republica

O sr. presidente da Republica está ligeiramente incomodado de saude, motivo por que não foi hoje á presidencia.

Conselho de ministros

Reune esta noite o conselho de ministros, no ministerio das colonias.

Conferencias

Com o sr. presidente do ministerio conferenciaram hoje os srs. dr. Domingos Pereira, presidente da camara dos deputados e Machado Santos.

Conselho de turismo

Reune este conselho ámanhã, ás 21 horas.

Alfandega de Lisboa

Leilão

Quinta e sexta-feira, 27 e 28, ás 12 horas, no armazem de leilões d'esta casa fiscal, serão vendidas mercadorias demoradas que constam de: 20 feixes de chapas de ferro galvanisado; 4 barricas com bicarbonato de soda, negro mineral, maquinas de costura, candeeiros para electricidade e petroleo, machetes, rolos de arame, latas de verniz e de umas peças de caixas de madeira vasias.

A's 15 horas, terá logar a arrematação, do visto e não visto, do gire americano «Judge Bayce».

Alfandega de Lisboa, 22 de Novembro de 1919.

O escrivão,
Alfredo Marcolino de Almeida

Theatros e Cinemas

— BAILADOS RUIVOS —

Cronica-critica impressionista quasi futurista do nosso correspondente especial junto de S. Carlos.

CONCLUSÕES:

I) — Ana Pawlowa dança divinamente.

II) — Os bailes acabaram a tempo de apanhar o electrico.

III) — A salada de agriões, não tem nada com a salada de camarões.

«Bailados ruivos»; assim se podem chamar os que se passaram em S. Carlos.

«Bailados russos», costuma ser uma coisa com muita gente, muitas luzes, muita côr, muita arte, e umas botas de polimento, e finda a qual não se apanha o electrico.

Ora nos decorridos bailados, houve indiscutivelmente muita arte pedestre e pedagogica, e como toda a arte desceu aos pés, (em vez de subir á cabeça), não houve mais nada.

Faltando-lhes portanto as outras qualidades e requisitos não podem enfileirar esses bailes na classe dos que a empreza nos anunciou.

Foram eles menos bons?

Não.

Só não foram aquilo a que é costume chamar «bailados russos».

Expliquemos: Salada de camarões é uma comida boa, e salada de agriões tambem, mas não tem nada que vêr uma salada com outra. E é sempre uma decepção quando anunciando-nos uma delas, nós dão outra, para a qual ainda não tinhamos dispostos os nossos serviços de mastigação, paladar e anexos.

Servindo isto dos camarões para «hors d'oeuvre» passemos «á entrée» que por sinal — não acustico — custou cinco escudos não sonantes (em papel).

Apreciando as duas noites a que fômos, e as outras duas a que não fômos, diremos que a variedade dos bailes foi pequena, e as melhores delas foram aquelas em que não tendo ido, Idealisámos o «Nijinski», os scenarios de «Bakst», as vistas coreograficas de «Fokine», a arte... o... o... e etc.

Nas noites em que fômos, além da digna assistencia, — vêr vida mundana, elegancias, «high-life» dos jornaes diarios — vimos os diversos figurinos com nomes em K. W. Y. Kif e Off, todos vestidos de branco, de couve, ou de guarda-vestidos de porta de despelho, e estes bailados na essencia pedestre quasi todos iguaes.

O senhor homem — uma beleza de homem, diz-nos com os olhos uma louca da cad. 164 — grande, bailarino, resumiu sempre a sua arte em dar dois pulos em diagonal, com as pernas abertas, e andar á volta como um fuso; a coreografia foi sempre a mesma, só a «carrosserie» mudou.

As massas, bastas vezes incorrectas e indisciplinadas, os scenarios... feirissimos d'Alcantara, com raras excepções; alguns bailados monotonos pela repetição de temas.

O momento musical de Schubert, lindissimo, dançado por 3, tendo duas, duas flautas de dois tubos, cada uma, mas tendo todas 3, 6 pernas que não eram nenhumas flautas; foi verdadeiramente um numero de 3 assobios, e por essa razão bisado.

Esse «divertissement» agradou-nos verdadeiramente, bem como o «Momento musical».

Muitos dos outros estamos fartissimos de os vêr da geral do Coliseu, exibidos com identica correcção por variadissimas troupes «of»... e sem «smoking», sem contar a dansa holandeza, numero bom do salão Foz.

Só na dança do «Anitra», vimos actuar um pouco, aquela mola oculta dos romances de tostão. Mas havia nervos á falta de carne.

Ah! o publico, como que impelido por uma mola oculta, aplaudiu sem reservas.

Chegámos ao «dessert» que foi magnificamente servido. Ana Pawlowa sensibilisou. O «Bom» aplica-se aqui, visto que é o unico adjectivo que sobejou dos colegas criticos. Ana Pawlowa, linha ondulante, folha que vibra...

Bravo... bravo... bravo...

Em seguida temos as «fotografias» distribuidas por varias lojas das artes «chics» e que eram verdadeiramente «artisticas». Muito bem, muito bem. Bravo... bravo...

E acabou-se. Fechou o pano. 70 automoveis, 120 trens, cheiro a naftalina dos «smokings» sem uso... Bravo... bravo...

E a Pawlowa... lá vae... lá vae... Fica o Foz, fica o Alex, fica a Conchita... etc.

Oh! a sensibilidade da indiosincrasia publica, e a neurastenia pela arte cinzenta! Como tudo isto é paulifico, oh Deus!

S. Carlos. Meia noite.

Eu.

AS SUBSISTENCIAS

Açambarcamento de generos

Na fabrica do Conde da Ponte são encontradas 10 toneladas de bacalhau pôdre

O chefe Eduardo Tavares, da 4.ª secção da policia de investigação, continua, com o pessoal sob as suas ordens procedendo a diligencias sobre os generos que nas dias apreendidos em dois grandes armazens da antiga fabrica do Conde da Ponte, em Santo Amaro.

Esses armazens haviam sido alugados á firma Nelo & C.ª Ld.ª, com estabelecimento, armazens e escritorios na rua dos Bacalhoeiros, 48 a 52, figurando entre os generos apreendidos grandes quantidades de bacalhau em fardos e em barricas.

Em conformidade com as reclamações policiaes, o sub-delegado de saude da respectiva area examinou hoje o bacalhau a granel, apurando que 10 toneladas daquele genero se encontravam em mau estado e improprio para o consumo.

Foi ordenado que o bacalhau avariado fôsse inutilisado conforme determina a lei e depois removido para a fabrica do guano, no Senhor Roubado, á calçada do Carriche; para onde seguiu em carroças, acompanhadas por guardas de segurança.

A'manhã deve proceder-se ao exame do bacalhau em salmoura.

Caminhos de ferro do Estado

No dia 26 do corrente, pelas 12 horas e na estação do Barreiro, proceder-se-ha á venda em hasta publica de harmonia com os regulamentos em vigor, de uma porção de figos em caixa (aproximadamente 1.500 quilogramas) que ali existem abandonados e em mau estado. A arrematação será feita a quem maior lanço oferecer, sobre a base de licitação de 50$00.

Ordem publica

O governo está devidamente inteirado de tuda quanto se passa

Ainda hoje correram boatos de alteração da ordem, tendo o governo tomado medidas e precauções para garantir o socego e a tranquilidade não só em Lisboa como em todo o paiz. A policia de segurança do Estado ainda hoje procedeu a varias diligencias, tendo sido preso um individuo que andava fazendo distribuição de manifestos subversivos. O preso que recolheu ao governo civil foi entregue á policia de segurança do Estado.

O governo conta com o apoio de todas as facções politicas para a manutenção da ordem.

A bateria de artilharia de Campolide andou hoje em passeio de instrução pelas ruas da cidade.

Carestia da vida

Lei do inquilinato

Vae realisar-se um grande comicio publico, na quinta-feira, em sinal de protesto

As varias colectividades sindicalisadas teem ultimamente realisado inumeras sessões de propaganda contra a carestia da vida e o anunciado aumento das rendas das casas.

Para a proxima quinta-feira, está anunciado um grande comicio publico a que devem assistir em massa as classes proletarias as quaes para tal fim abandonarão o trabalho.

Almoço a bordo do "Jeanne d'Arc"

A bordo do cruzador francez «Jeanne d'Arc» houve hoje um almoço oferecido pelo respectivo comandante, ao qual assistiram os srs. ministros de França e pessoal da legação e os nossos ministros da marinha, da guerra e dos estrangeiros e pessoal superior da armada, trocando-se os brindes mais cordeaes.

ULTIMA HORA

EM FÓCO

O manjor" Evangelista em acção

No conselho tutelar do exercito

Não ha maneira do «manjor» Evangelista deixar de dar que falar. E' sina sua, que se lhe ha de fazer?!

Do conselho tutelar do exercito, presidido pelo general sr. Moraes Sarmento, fazia parte, como representante da marinha, o capitão de mar e guerra sr. Aires de Sousa, oficial distintissimo, lente da Escola Naval e comandante da Escola de torpedos e electricidade.

O sr. Aires de Sousa, um republicano dedicado, que foi companheiro do saudoso almirante Candido Reis, é homem ainda novo, cheio de vida e que não ha muito comandava navios no alto mar, exactamente o contrario do sr. general Moraes Sarmento, um velho de 80 anos ou mais e já surdo.

Pois, por qualquer motivo, a presença do sr. Aires de Sousa no conselho não conveiu ao sr. Moraes Sarmento, o qual pediu a sua substituição, alegando que aquele oficial não se mostrava bastante solicito e revelava cansaço.

O sr. Aires de Sousa, não se conformando com essa explicação, dirigiu-se ao ministerio da guerra, onde o «manjor» Evangelista, que ali tudo manda, lhe fez as mais elogiosas referencias, tanto quer como homem, quer como oficial, mas... declarando que não podia continuar na comissão que estava exercendo — comissão absolutamente gratuita, note-se bem — porque não havia bom entendimento entre esse oficial e o sr. Moraes Sarmento.

Do cinco coroneis — nada menos de cinco — que fazem parte do conselho afirmam que não é isso verdade e que o sr. capitão de mar e guerra Aires de Sousa, além de ser competentissimo, é duma extrema correcção.

Mas o «manjor» Evangelista que só sanciona actos maus e reaccionarios, é que entendeu que não podia ser revogada a deliberação que fôra tomada.

Querem melhor prova da incompetencia absoluta e da m...lade mesmo do já hoje celebre «manjor» Evangelista?

POLITICA

Como se explica, nos bastidores do partidarismo politico, a votação de hontem

Noticiámos hontem o voto de confiança, expresso por uma grande maioria, a favor do governo, na Camara dos Deputados. Os liberais votaram com os democraticos, contra este bloco apenas se pronunciou uma minoria composta de socialistas e populares. Não ha duvida, pois, que o governo saíu fortalecido da prova, que ele proprio, se não provocou, pelo menos de boa mente aceitou.

Esta aparente concordancia de vistas politicas em que comungam democraticos e liberais era hoje explicada, nos Passos Perdidos, como um simples incidente de batalha que se está travando entre populares e liberais.

O debate politico foi iniciado pelo sr. Julio Martins e não pelo sr. Antonio Granjo que, aliás, se diz agora que tinha a intenção de o fazer. Foi precedido pelo sr. Julio Martins; logo a sua tactica politica manifava que o golpe fracassasse, afim de se não dizer, depois, que fôra o sr. Julio Martins quem derrubára o governo. Isto, é claro, na hipotese de que a soma de votos democraticos não excedesse o total da votação do bloco oposicionista, composto, desta vez, de liberais, socialistas e populares.

Os liberais dizem agora que todos os dias interrogarão o governo sobre a questão d'ordem publica, afim de saberem quando é o momento oportuno de se realisar o debate politico, cujo remate será uma moção sobre a qual não terão nem de... E' possivel que os populares se resolvam então a apoiar o governo, afim de pagarem ao sr. Antonio Granjo a divida d'hontem, que fica em aberto. Se assim acontecer mais uma vez se verificará aquela verdade antiga que manda dividir para reinar...

O sr. Domingos Pereira renuncia á presidencia da Camara dos Deputados

Na tribuna da imprensa da Camara dos Deputados surgiu hoje uma noticia que emocionou os jornalistas: o sr. Domingos Pereira resolvera renunciar á presidencia da Camara e, n'esse sentido, enviára para a mesa uma carta. Isto constituiu uma verdadeira surpreza, por isso longe estavamos de prever o estranho acontecimento. Como caso determinante do gesto do sr. Domingos Pereira apontava-se um insignificante incidente hontem ocorrido, á hora do encerramento dos trabalhos da Camara. Insignificante incidente dissemos que fôra e tanto o nosso juizo é precisamente exacto que o facto não fôra notado na galeria da imprensa. Eis o que se passou:

Faltavam alguns minutos para se encerrar a sessão quando coube a palavra ao sr. Jorge Nunes, que pedia fazer uso somente durante minutos. Este espaço de tempo passou e o sr. Domingos Pereira, como era do seu dever, fez o aviso da praxe ao sr. Jorge Nunes. A maioria podia manifestar-se, pelo costumado falei! falei! mas não o fez e o sr. Jorge Nunes, aborrecido, calou-se e dispensou o ministro a quem interrogára de lhe responder. Agora parece que o sr. Domingos Pereira se julgou visado pelo gesto de mau humor, aliás justificado, do sr. Jorge Nunes; mas é certissimo que este parlamentar, que pelo seu antigo chefe de governo tem a maior consideração, é o primeiro a declarar que o sr. Domingos Pereira não fez mais que o seu dever. Não ha, portanto, motivo para que o sr. Domingos Pereira persista na sua resolução.

A Camara, de resto, assim o pensou, como se poderá vêr pela reportagem que vae publicada na secção competente.

O sr. dr. Domingos Pereira reassumiu a presidencia da Camara, ás 17 horas, conforme o voto unanime da assembleia.

S. Ex.ª foi muito felicitado, não faltando a esse dever os jornalistas que fazem serviço na Camara dos Deputados e que pelo ilustre homem publico professam a maior estima e o maior respeito.

A questão dos altos comissarios africanos — Iniciativa socialista para a regularisação dos cambios

O projecto dos altos comissariados africanos está em poder do sr. Alvaro de Castro, que tenciona mandal-o para a mesa, ainda na sessão de hoje.

A' hora em que escrevemos estas linhas está usando da palavra o «leader» socialista na Camara dos Deputados, sr. Ramada Curto, justificando, em negocio urgente, a apresentação d'um projecto de lei destinado a dar regularisação e estabilidade ao mercado cambial.

PARLAMENTO

Nos Deputados

Preside o sr. Mesquita de Carvalho. Presentes 60 deputados. Sobre a acta falam os srs. Plinio Silva e Jorge Nunes.

O sr. Jorge Nunes, depois de largas considerações, com o maior aprazimento declara que o sr. dr. Domingos Pereira tem sabido conduzir-se na presidencia da Camara com a simpatia e consideração de todas as correntes politicas.

O sr. Antonio Maria da Silva responde pela maioria ao sr. Jorge Nunes.

O sr. Alvaro de Castro corrobora as afirmações feitas pelo sr. Antonio Maria da Silva, sobre o incidente de hontem, motivado pela saida do sr. Jorge Nunes. Diz que a maioria tem manifestado o seu constante preito ao sr. Domingos Pereira. Nota com estranheza que o sr. presidente da Camara não abrisse a sessão, e não se encontra na Camara, e que o leva a suspeitar de que esteja no proposito de renunciar. Sendo assim, manda para a mesa a seguinte proposta:

«Proponho que a presidencia nomeie uma comissão de srs. deputados para convidar o sr. Domingos Pereira a assumir, imediatamente, a presidencia efectiva.»

Falam ainda sobre o assunto os srs. Vasco de Vasconcelos e Costa Junior e Antonio Granjo, que propõe:

«que a sessão seja suspensa até regressar a comissão nomeada com a noticia dos resultados da sua diligencia junto de S. Ex.ª o sr. presidente da Camara.

O sr. Pacheco de Amorim associa-se tambem á manifestação.

As propostas são aprovadas por unanimidade, e nomeia-se a comissão para se desempenhar da missão expressa na moção do sr. Alvaro de Castro.

No Senado

O sr. Gaspar de Lemos insiste porque seja discutido o seu projecto sobre melhoramentos do Mondego.

O sr. Vera Cruz cumprimenta o Senado e pede a atenção da Camara dos Deputados para o facto de ainda não terem tomado assento os deputados eleitos por Cabo Verde, por falta de transporte para a metropole. Solicita tambem providencias para a falta de resposta a oficios enviados para as colonias, criticando depois o desrespeito de uma lei votada pelo parlamento sobre taxas telegraficas.

O sr. Ramos Preto reclama contra um «Diario do Senado» que lhe altera um discurso de modo a atribuir-lhe palavras que não proferiu. Tratando-se de afirmações sérias, não póde deixar de fazer os seus reparos, muito embora não tenha a veleidade de julgar que as suas frases venham a interessar as gerações vindouras.

Entrando-se na ordem do dia, é posto á discussão o projecto de lei criando a «Comissão de estudo para o estreitamento de relações entre Portugal e Brazil», presidida honorariamente pelo chefe do Estado e efectivamente pelo sr. ministro dos negocios estrangeiros.

O sr. Pereira Osorio engrandece o alcance deste projecto, dizendo que ele honra o senado, especialmente na hora em que é preciso aproveitar todos os elementos que prestem á nação. E' necessario que o nosso parentesco com o Brazil, a que nos habituámos a chamar irmão mais velho, se intensifique. Convem acentuar isto justamente na hora em que se debate o problema colonial. Nenhum paiz como o Brazil soube engrandecer-se mais dignamente durante a guerra. Esse paiz, com os regimens climatericos mais diversos, tem desenvolvido as industrias de todo o genero duma maneira verdadeiramente extraordinaria. O nosso estreitamento de relações com o Brazil impõe-se, devendo fazer-se em harmonia com o estabelecido no projecto, ao qual se deve reconhecer e avaliar toda a importancia.

O sr. Augusto de Vasconcelos é de parecer que o projecto não deve ser discutido sem estar presente o sr. ministro dos estrangeiros.

O sr. Bernardino Machado congratula-se pela apresentação do projecto apresentado por um dos batalhadores da juventude da obra republicana, o sr. Gaspar de Lemos. Esse trabalho está na logica do programa republicano. Portugal e Brazil constituem um paiz dividido em duas partes, sendo os dois povos puros luzitanos. O orador põe em destaque as nossas relações diplomaticas com o Brazil, que é o Portugal na America do Sul, dizendo que as embaixadas que nos ligam significam o alto logar que o Brazil tem no nosso coração.

Noticias da Capital

Questão de papeis...

Por ter furtado a quantia de 49 escudos e documentos importantes a Manuel Covas Esteves, morador na rua João Crisostomo, A. M., foi preso José Antonio Fontes, residente na rua de D. Estefania, 75.

E' de Olhão... e não viu nada

Antonio Leal Branco, residente em Olhão, de passagem em Lisboa, queixou-se de que os gatunos lhe furtaram uma carteira com a quantia de 85 escudos.

Malas postaes

São ámanhã expedidas malas postaes: pelo «Britannia» para Ponta Delgada e Nova York; pelo «Andorinha», para a Madeira, Las Palmas e Africa Oriental, via Madeira; pelo «Highland Pride» para Montevideu e Buenos Aires.

A ultima tiragem na caixa geral é ás 9 horas para o primeiro e ás 12 para os dois restantes.

Para a esquecerem

O guarda n.º 812 prendeu hoje Antonio Ferreira Brandão, da rua das Alcaçovas, 21, loja; Antonio Tavares Junior, da rua de O Seculo, 42, loja; Manuel Carapeto, da rua do Arco do Carvalhão, pateo, n.º 2; Alexandre Janeiro e Manuel Pedro, ambos da rua Marquez Sá da Bandeira, 61, que furtaram sacas com carvão de pedra na Empreza M neira de Porto de Moz, em cujo escritorio os dois ultimos estavam empregados.

O furto foi-lho apreendido, devendo os larapios seguir ámanhã para o tribunal da Boa Hora.

Julgamentos de vadios e gatunos

A policia da esquadra dos Terremotos fez hoje de madrugada uma rusga á sua area, prendendo 7 vadios, os quaes recolheram aos calabouços do governo civil, devendo ser julgados dentro em breves dias.

No gabinete do sr. dr. Esculcas, director da policia de investigação, responderam hoje varios individuos acusados de se entregarem á vadiagem e que foram detidos nas recentes rusgas. Foram eles: Antonio Simões de Almeida, com 18 prisões por mendigar, condenado a seguir para a terra da sua naturalidade, em Almeida; Antonio de Almeida, com 3 prisões por vadiagem, condenado a ser entregue ao governo, e Manuel de Araujo de Elvas, com 4 prisões, absolvido.

Este ultimo era visto constantemente na estação do Rocio, junto com outros, que tambem foram presos tendo a policia de os cercar, chegando um guarda a disparar um tiro para o ar, para os intimidar, quando fugiam.

As testemunhas de defeza afirmaram que ele se dedicava á carte de vender castanhas.

Um pequeno desastre a bordo

No banco do hospital de S. José foi pensado Antonio da Costa, de 44 anos, carregador, morador na Bica do Sapato, 104, ultimo, colhido num pé por um vime de ferro, a bordo do vapor «Congo», dos Transportes Maritimos do Estado, que se acha atracado no caes fronteiro á Rocha do Conde de Obidos.

Perdido ou furtado?

Maria José, hospedada na Pensão Moderna, da rua de D. Pedro V, queixou-se á policia que ao sair hontem á noite do Palace Club se dirigira para casa em trem, mas ao chegar ali deu por falta de um travessão de ouro com brilhantes avaliado em 700 escudos.

Caindo de 15 metros d'altura

Da clarabola do Salão Foz, uns quinze metros de altura, caiu esta tarde o vidraceiro José da Silva Moniz Tavares, que ali andava a colocar uns vidros, sendo conduzido imediatamente ao hospital de S. José, onde se verificou que estava ferido nas mãos e braços e bastante contundido pelo corpo.

Depois de recebor os primeiros curativos ficou recolhido na enfermaria n.º 4.

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

3387 — 10.º ano | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º | LISBOA — Quarta-feira, 26 de Novembro de 1919 | Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL — Officina de impressão — 71, Rua da Bica, 71 | Preço, 2 centavos

O problema fundamental portuguez

O papel das escolas normaes, das familias e dos inspectores no ensino

Os amadores da pedagogia

Nas sociedades modernas, as questões do ensino encontram-se intimamente ligadas a todos os problemas, que se prendem com o desenvolvimento e a propria existencia das nações. Os problemas do ensino interessam a toda a nação. Ha cerca de meio seculo educavam-se as «élites»; mas em Portugal não se preparou essa «élite». Possuimos um povo, que se fôr bem orientado e conduzido, é capaz de dar provas da maior abnegação e das mais admiraveis virtudes. Mas infelizmente faltou-nos a educação da «élite». Cultivou-se o egoismo feroz durante a paz de um seculo em que vivemos; perdeu-se a noção do sacrificio collectivo e de cumprimento do dever.

O ministro da instrucção publica, mr. Georges Leygues, soube prevêr em França, antes da grande guerra, que se devia, no interesse da collectividade do mundo do trabalho, do proprio proletariado, preparar uma aristocracia de espirito, que se elevasse muito acima do realismo utilitario como salvaguarda dos interesses permanentes e superiores do paiz. Preocupou-se com a organisação do exercito do trabalho, provido de um estado maior e quadros competentes.

Lá fóra compreende-se que o fim superior do ensino é a educação e por isso o primeiro dever do mestre é desenvolver as qualidades intellectuaes e moraes que estimulam as iniciativas e as energias, que preparam o homem e o cidadão.

Em Portugal tem-se procurado adaptar reformas de instrucção importadas da Alemanha, mas sem se attender ás condições do meio, que não permite a sua adaptação. A instrucção secundaria, que é considerada como a verdadeira pedra de toque, para se aferir o valor de um povo, o que fornece as bases para a grande luta na vida, não tem condições de execução, em grande parte, do professorado, nas familias e nos recursos fornecidos pelo Estado.

O regimen da classe importado da Alemanha exigia, que se fundasse uma escola normal superior, organisada e dirigida de maneira, que não fôsse apenas uma escola de altos estudos, mas um verdadeiro instituto pedagogico. D'esse estabelecimento só deveriam fazer parte mestres, que tivessem estudado na propria Alemanha a delicada execução do ensino em classe. Assim fizeram nos outros paizes. Mandaram commissões estudar a reforma, antes de verem se era possivel adaptal-a. O espirito germanico revelado por uma demorada compreensão e assimilação contrasta com a vivacidade e o temperamento irrequieto dos latinos. Uma classe de 20 alunos n'um gimnasio mantem-se atenta e segue a predecção do professor. Em Portugal, com classes de 30 a 40 alunos, ninguem pode conseguir qualquer resultado pratico, nem mesmo com classes de 20 alunos, se obtem entre nós um aproveitamento eficaz, porque a isso se opõe o genio da raça. Mas os dirigentes, que em regra nada percebem d'este complicado mecanismo vão adiando a solução do problema do ensino, sem quererem saber das grandes responsabilidades em que incorrem.

O ministro da instrução n'um paiz á beira do abismo, como se encontra o nosso—não porque lhe faltem condições de vida e riquezas naturaes a explorar, mas porque lhe sobejam candidatos a estadistas inconscientes do seu papel—pode ter uma salvadora missão, como teve Sarmiento na Republica Argentina. Essa missão não se pode confiar a amadores.

Assim como um sapateiro, um alfaiate, ou um carpinteiro precisam de uma aprendizagem do seu officio, tambem um chefe supremo da instrução publica de um paiz precisa ser conhecedor da pedagogia e da maneira como lá por fóra se ensina.

Para termos ensino secundario e superior organisados devidamente, precisamos de enviar muitos professores ao estrangeiro vêr como se ensina. O Estado compreendeu que tinha obrigação de dotar o professorado com as condições materiaes da vida. Tem agora o direito de lhe exigir dedicação pelo ensino; mas deve ainda proporcionar-lhe os meios de os orientar na melhor forma pratica de se desempenharem da sua missão. Para isso, organisem-se devidamente os metodos de ensino nas escolas normaes superiores, crie-se a fiscalisação confiada a inspectores escolares idoneos, completem-se os quadros de professores diplomados, de forma que se dispensem os serviços de amadores e convençam-se as familias de que os alunos precisam de trabalhar para vencerem os cursos, para se prepararem devidamente para a luta da vida e para o resurgimento do paiz.

O regimen de instrução secundaria tem como base fundamental, uma unidade de acção, e uma simultaneidade de esforços, cujo equilibrio só se póde manter, quando haja inspectores que orientem, que sejam os reguladores da marcha do ensino.

Em alguns liceus tem-se procurado manter esse equilibrio, por meio de reuniões de professores por disciplinas, com complemento das reuniões de classe. Mas tudo isso é deficiente, sem os orgãos impulsores e reguladores, que são os inspectores. E como se tem mantido esta perfeita farça, ha tantos anos! Nós evitamos bulir n'estas coisas, mas não podemos estar calados e uma vez por outra vamos agitando estas questões e arranjando «amigos» para a velhice.

J. Correia dos Santos

Lisboa ás escuras

Bairros onde é perigoso transitar após o anoitecer

Não ha maneira de Lisboa voltar a ter iluminação, não diremos já boa, mas ao menos suficiente para que se possa sahir de casa á noite, sem risco.

Só a parte baixa da cidade está bem iluminada. A restante, a mais vasta, está positivamente ás escuras, porque as lamparinas de petroleo, que de longe a longe bruxuleiam concorrem para ainda mais cegarem o pobre transeunte.

Tomemos para exemplo o bairro de Campo d'Ourique. De grande extensão, cortado por numerosas ruas, vivem ahi milhares de pessoas, que, crêmos, teem direito a ir ao teatro, aos cafés, a vir finalmente espairecer um pouco até á Baixa. Até ao antigo largo do Rato, da por esse lado nos dirigimos para esse bairro, bem vae, mas só, note-se bem, até ahi, porque o largo já está ás escuras, ou quasi, visto a sua iluminação ser das mais deficientes.

Se se fôr pelo lado da Estrela, até ao cimo da calçada d'esse nome, tambem ha luz, mas já no largo o mesmo não sucede. Começa ahi a escuridão, que abrange não só todo o bairro de Campo d'Ourique, mas ainda as ruas de Santo Antonio, de Possidonio da Silva, do Possolo e calçada das Necessidades, todas as que vão dar a Alcantara.

Emquanto durou o estado de guerra, servia ela de pretexto para fazer calar qualquer reclamação que aparecia. Mas, agora?

Ora, adeus, os moradores d'esse bairro e das ruas que citamos que se metam em casa logo que anoiteça, ou, se quizerem sahir, que se sujeitem ás consequencias que d'ahi lhes possam advir. Correm o risco de cahir e partir uma perna? Coisas minimas! Podem ter um mau encontro, ser despojados do que levem, aproveitando o criminoso ou criminosos a escuridão tão propicia ao cometimento de semelhantes emprezas? Isso não tem importancia.

O que é importante é que a companhia que tinha e tem a seu cargo a iluminação da cidade não seja incomodada e que só quando muito bem queira e lhe apeteça dê as providencias necessarias para cessar um tão vergonhoso estado de coisas.

Porque é uma verdadeira vergonha o que sucede em Lisboa. Cidades e vilas da provincia teem luz electrica. Lisboa nem gaz tem.

Póde isto continuar assim? Que o digam as instancias competentes.

CONCHITA ULIA

Na festa artistica desta distinta e gentil cançonetista, que se realisa no sabado, em «matinée», tomam parte, além de Palmira Bastos, Lucinda e Julieta Simões, Angela Pinto, Eduardo Brazão e Joaquim Costa, cujos nomes já hontem citámos, Satanela, Cremilda d'Oliveira, Amarante e Almeida Cruz, o que quer dizer que vae ser uma festa encantadora e de verdadeira arte aquela a que vamos assistir.

"Os Sports"

Sae ámanhã mais um numero deste bi-semanario, que se apresenta, como de costume, com interessante noticiario e artigos de propaganda fisica, além das suas secções de

Teatros, cinemas e touros

Na Academia de Estudos Livres

Na séde desta associação, rua da Emenda, 53, realisa ámanhã, pelas 21 horas, uma conferencia o sr. tenente-coronel Ferreira Simas, antigo ministro da instrução, tomando por tema:—«Impressões de uma visita ás escolas primarias de Espanha». A' conferencia que é publica, presidirá o sr. ministro da instrução.

Em conferencias sucessivas o sr. Ferreira Simas ocupar-se-ha das «Mutualidades escolares» e do «Metodo Montessori», na Espanha.

Para os mutilados da guerra

No gabinete dos reporters, no governo civil, foi hoje recebida uma carta registada que traz o carimbo da central com a data de 23 do corrente. Quer dizer: levou 3 dias a chegar do Terreiro do Paço á rua Capelo!

N'essa carta pede o major de infantaria sr. José Maria Eugenio da Silva Trindade, sub-intendente do governo em Macequece, para tornar publico que nos dias 20 e 21 de setembro ultimo se realisaram ali pomposas festas, sendo presidente a sr.ª D. Carlota Serpa, que tinha como principaes coadjuvantes as pianistas mesdames Aubert e Vasconcelos.

O producto das festas, que reverte a favor dos mutilados da guerra, foi de 300 libras, que vão ser enviadas para Lisboa por intermedio d'aquele senhor.

DEPOIS DAS ELEIÇÕES

A face da Europa

NA SUISSA: Triunfam os camponezes.
NA ITALIA: Triunfam os extremistas negros e vermelhos.

Estão realisadas as eleições geraes de varios importantes paizes europeus. A face da Europa vae apresentar-se sobre outro aspecto, aquele que se reflectirá dos resultados d'essas eleições.

Da Romania, da Suissa, da Belgica, da França e da Italia,—quasi todos paizes latinos, vae sahir uma nova politica propria e geral que alterará por completo as condições até hoje estabelecidas. Assente que a luta em todos os paizes se estabelece mais ou menos abertamente entre extremistas,—russofilos de Lenine—e anti-bolchevistas, agregado de conservadores ou catolicos, republicanos moderados, é curioso sintetisar todos os resultados obtidos até agora, e vêr o aspecto geral que apresenta o problema politico internacional.

Indubitavelmente que por toda a parte a ideia socialista surge claramente, com grandes votações. Mas as profissões e as intenções é que são varias e diversas. Assim...

*

No Romania os socialistas desistiram de se apresentar nas eleições. Abstiveram-se. Não temiam a derrota, mas não se quizeram sujeitar á votação. Ficam na espectativa; olhando de perto e sentindo as consequencias da obra comunista, de Trotsky e de Bela Kun.

Na Suissa as eleições reflectiram o estado actual da humanidade, embora a Suissa não tivesse cooperado na guerra. Havia meio seculo que o partido radical governava na Republica helvetica. Na ultima legislativa possuia 108 dos 189 conselheiros nacionaes (deputados). Actualmente tem apenas 63, os catolicos 42, os socialistas de 19 passaram a 39, embora contassem com um minimo de 50 ou 60.

Os socialistas tiveram de ceder logar já aos camponezes que pela primeira vez interferem na politica. Os camponezes organisados como partido de liberdade e ordem, apenas ha um ano, conseguiram já 28 deputados, emquanto os grupos intermedios liberaes, democraticos, progressistas, obtiveram resultados infimos.

Durante a guerra, fundiram-se em quasi todos os paizes varios partidos e organisaram-se outros, os quaes ou constituindo federações, ou ligas ou Uniões não puderam definir a sua orientação nem tornar para a paz o seu programa efectivo. Na Italia foi tal essa disseminação de partidos que houve circumscripções onde apareceram 15 listas diferentes com 200 candidatos. E comtudo a insensibilidade publica foi enorme. O correspondente de «Le Temps» escrevia:

«Os comicios, segundo o antigo sistema do distrito, resultaram monótonos. Sabia-se com frequencia quem era o elegido, pois o pessoal politico mudára. Havia representantes imoviveis ha 20 anos e mais. Eram eleições para pessoas e não por ideias; os deputados agrupavam-se na Camara em volta de chefes e não de programas determinados. Havia giolittianos, sonninianos, orlandianos, nittianos, como outr'ora zanardellianos, crispianos, etc. Os programas d'esses diversos grupos—se podem chamar-se programas — confundem-se, alternam-se entre o mais timorato do conservatorismo e o reformismo mais inovador...»

O novo metodo de escrutinio, a representação proporcional, enchem de confusão todos os processos politicos antigos. «Para compreender a desordem de esta luta é preciso conhecer os costumes politicos anteriores á guerra». E o resultado foi que mais de 150 membros da ultima Camara não se atreveram a comparecer entre os eleitores e apenas 50 foram reeleitos. Os chefes da velha politica não conseguiram constituir em torno do seu nome um partido, um programa improvisado, e, como a representação proporcional requer partidos homogeneos, disciplinados com programa coherente e preciso, o resultado foi a ascenção á Camara de 156 socialistas revolucionarios, 221 liberaes, 101 catolicos e varios pequenos numeros de democratas, radicaes e socialistas reformistas, combatentes, etc., que porão em perigo a maioria quando se cheguem para qualquer das maiorias.

As caracteristicas das eleições italianas teem de procurar-se no triunfo dos extremistas. O socialismo bolcheviki, filiado na Terceira Internacional, e o catolicismo politico, derrotou os partidos medios. Porquê?

Em primeiro logar porque a Italia está desgostosa com as consequencias da guerra.

Uma propaganda activa e intensa destinada a despertar correntes anexionistas irresistiveis, fez conceber ao povo e sobre tudo á classe media esperanças sucessivas que não se podem realisar. Disse-se ao povo italiano que todo o Tirol e o litoral adriatico seria para a Italia, ainda os territorios da Albania (Asia Menor e Africa). A oposição da Yugo-Slavia não permitiu qualquer expansão, sem que comtudo ainda se resolvesse o pequeno problema de Fiume. A herança da Turquia não se partilha e as grandes nações aliadas dizem que a Italia já tem com que entreter os seus soldados com a Tripolitana e a Eritrea.

A esta desilusão acompanha para os efeitos do descontentamento publico, a situação economica. A Italia tem fome e frio; não tem trigo nem carvão e não tem barcos para importal-os.

Nitti luta heroicamente para resolver o problema, mas novamente se vae vêr, ou o seu sucessor, embaraçado com a situação politica, onde agora surgem os dois espectros extremistas: o negro e o vermelho.

Os catolicos fizeram as eleições explorando por um lado o medo ao bolchevismo, e por outro as excelencias d'um socialismo cristão de tendencias bastante avançadas. Estão unidos e fortes na luta politica, sendo o secretario geral do partido um sacerdote inteligentissimo, D. Sturzo, que procura a todo o custo manter a união nas fileiras catolicas.

O socialismo unificado derrubou no Congresso de Bolonha os seus chefes historicos, e tomou para novo chefe, Serrati, um extremista parlamentar, um doutrinario secco e ardente que sonha com a ditadura do proletariado e que vê no «leninismo» adaptado aos meios ocidentaes a unica salvação da Italia e do mundo inteiro.

Na luta eleitoral levou ao Parlamento além de alguns intellectuaes ponderados, numerosos energumenos dos comicios operarios. Manuaes na maioria e baixos tipos da sociedade, sem recomendação, salvo a violencia. Até um director condenado á morte, simbolo do derrotismo italiano, culpado de Caporeto e da invasão.

O problema embrinca-se quando se recorda que no congresso de Bolonha se assentou que o socialismo italiano nunca cooperaria com os partidos burguezes por mais avançados que sejam. Essa afirmação impede um acordo ministerial semelhante ao da Belgica. Que sucederá então? Poderá Nitti organisar com os liberaes e com os pequenos grupos uma maioria? Actuará o bolchevismo de Serrati... Actuará o extremismo catolico imitando os avançados?

Em Italia, é muito dificil a situação e o aspecto que dá para a face mundial é o d'uma «esfinge» ameaçadora.

Resta vêr a Belgica e a França.

Associação Protectora da Primeira Infancia

A Associação Protectora da Primeira Infancia é uma das instituições mais bemeneritas e simpaticas de Portugal. A sua obra, verdadeiramente altruista, feita sem réclames nem espalhafatos, tem-se traduzido em preciosos beneficios para as creancinhas que, por multiplas circumstancias, são arremessadas para a indigencia, para as garras da miseria... Será, porém, justo acentuar-se que a alma da mulher portugueza, sempre boa e carinhosa, tem sido o mais poderoso sustenaculo da Associação Protectora da Primeira Infancia. E, entre as senhoras que, para esse fim teem contribuido, pondo ao serviço da Associação a sua inteligencia, a sua iniciativa e o seu coração, destaca-se, inegavelmente, a sr.ª D. Maria Leonor Correia Barreto, esposa do general sr. Correia Barreto, cuja acção tem sido incançavel e admiravel. Ultimamente, foram entregues 710$00 á thesouraria da Associação, importancia recebida numa subscripção aberta por iniciativa desta ilustre senhora. Parte d'essa quantia foi angariada no Porto, por intermedio do sr. capitão Vilela, tendo subscrito, com diversas importancias, os srs.:

Antonio Pinto Vilela, Antonio Augusto da Silva, Luiz Nunes Correia, Bento Carqueja, José Pinto Teixeira, Adriano Passos Martins & C.ª, Fabrica Fiação da Bolsa, Antonio Rodrigues da Costa, José da Silva Borges & Irmão, Delfim Pereira da Costa, A. Vasconcelos, José Archer, Augusto Mendes de Sousa Machado, José Moreira, Manuel de Almeida Figueiredo, José Magalhães da Cunha, Artur Barbosa, Gustavo Barbosa, José Duarte dos Santos, Ricardo de Sousa Neves, Antonio Ferreira, Deolindo Irmão, Fabrica do Jacinto.

Ler amanhã

Como se arranja fortuna

Artigo do dr. José Pontes

ITALIA E PORTUGAL

A missão naval portugueza em Roma

Os jornaes italianos que temos presentes, chegados nos ultimos dias, relatam com palavras de simpatia as festas feitas em Roma aos oficiaes que ali foram no «S. Gabriel» e bem assim a sua visita a Napoles, Spezia e Genova.

Em Napoles tiveram os nossos futuros oficiaes de marinha ocasião de conhecer a fundo os progressos feitos pela Italia na engenharia naval e em todos os campos da tecnica maritima.

Lendo e Comentando

— Algumas notas curiosas da America do Norte —

O ensino dos negros na America do Norte

Ha trinta anos, os negros residentes nos Estados Unidos da America do Norte, não sabiam, em geral, ler nem escrever. Hoje o numero dos que lêem e escrevem aproxima-se do dos brancos, forcejando os negros por aprender e ter filhos estudiosos.

Para melhorar o ensino teem concorrido, muito principalmente, numerosos homens de côr com donativos importantes em favor das escolas que lutavam com a escassez de emolumentos que obtinham do Estado e fundando centros de educação.

Do mesmo modo o entusiasmo dos missionarios das egrejas do Norte tem dado frutos admiraveis com um labor rude e perseverante.

Os fundos que se invertem na educação dos negros gastam-se com grande cuidado. Actualmente, as escolas publicas acham-se muito necessitadas de professores.

Entre as entidades que mais teem contribuido para a elevação moral dos negros destaca-se a fundação John F. Slater, creada em 1882, que estabeleceu em cada distrito uma escola graduada. Estas escolas são publicas e manteem-se de fundos publicos principalmente. A fundação Slater contribue para elas com as verbas consumidas pelo pessoal. Até agora ascendem a pouco mais de uma centena essas escolas.

Afóra isto, a «General Education Board» tem auxiliado a edificação e mobilamento das mesmas e realisado um trabalho enormemente benefico na instalação de escolas ruraes ao lado da repartição de instrução do Estado.

As escolas ruraes teem sido melhoradas em muitos distritos pelos professores, cujos honorarios são pagos pela fundação Anna T. Jeanes.

Para a educação dos negros tambem tem contribuido a fundação Phelps Stokes, e durante os ultimos anos, as melhores escolas para negros teem sido creadas por mr. Julio Rosenwald.

A cooperação de todas estas fundações para a obra principal, tem dado, por consequencia, resultados altamente beneficos para a raça de côr.

O custo da vida nas cidades norte-americanas

A repartição de estatistica do departamento do trabalho publicou em Washington uma informação, na qual se faz constar, entre outras coisas, que das familias que obteem rendimentos de 1.200 a 1.500 dollars, as de Nova York figuram no quarto logar entre as que mais sentem os efeitos do alto custo da vida nos Estados Unidos. Essas familias gastaram nos ultimos doze mezes com a sua alimentação uns 584 dollars em termo médio. O promedio de despeza nesse sentido em todas as cidades da União foi de 511. A maior verba corresponde a Fall River, no Estado de Massachusetts, com 624, e a menor, a Savannah, com 427.

As cidades gastam mais do que pagam

As despezas do governo em 227 cidades americanas de mais de 30.000 habitantes, durante o ano fiscal de 1918-1919, excederam os ingressos em 4.600.930 dollars, ou sejam 1,42 por cabeça.

A informação mostra que unicamente em 80 das 227 cidades houve excesso de ingressos sobre as despezas por um total de 22.328.060 dollars, ou seja 1,50 por cabeça, ao passo que nas 147 restantes, as despezas excederam os impostos em 70.923.990, isto é, 3,48 por cabeça.

Entre as cidades cujos ingressos excederam todas as despezas, figuram Nova York, San Louis, Pittsburgo, Portland e Denver.

A população das 227 cidades avalia-se em 34.300.000, aproximadamente 30 por cento do total da que compõe a nação. Dez cidades teem mais de 500.000 habitantes, e de doze, de 300.000 a 500.000.

A divida total das 227 cidades eleva-se a 2.661.451.218 dollars, ou seja 77,53 por habitante.

Os recursos mineraes dos Estados Unidos

A Memoria publicada pelo governo norte-americano sobre os recursos mineraes do paiz em 1918 declara que o valor aproximado da produção de mineral foi de 5.526.162.000, com um excedente de 500.000.000 sobre a obtida no ano de 1917; de 2.000.000 sobre o de 1916 e de mais do dobro que nos anos precedentes.

O aumento alcançado sobre o ano de 1917 atribue-o a referida Memoria mais aumento nos preços do que a maior produção de mineraes.

Os mestres abandonam as escolas

O alto custo da vida está produzindo uma verdadeira deserção entre os professores norte-americanos que abandonam os seus logares por empregos mais lucrativos.

Umas 100.000 escolas publicas carecem de mestres ou acham-se servidas por pessoas sem titulo profissional.

A Associação Nacional de Educação informa que, de 38.051 alunos que se preparavam nos cursos normaes de todo o paiz, só 26.134 continuaram a frequentar esses cursos.

O numero de graduados em 1916 foi de 10.295, e em 1919 diminuiu para 8.274.

Actualmente, para as classes graduadas de 1920, matricularam-se 7.119.

Estas cifras demonstram uma baixa de 30 por cento nos ultimos quatro anos.

Em vista do que vem sucedendo, o presidente das Escolas Normaes escreve a associação, dizendo que é preciso aumentar imediatamente os honorarios aos professores, se não se desejar que os Estados Unidos tenham de buscar no estrangeiro, pagando-os a peso de ouro, os mestres requeridos pelas crescentes necessidades da nação.

Pelo Telegrafo

Na America do Sul

Contra a reforma ortografica

RIO DE JANEIRO, 26.

O publicista sr. Filinto de Almeida inseriu em «A Noite» um artigo condenando a reforma ortografica preconisada pela Academia de Letras.—(Americana).

Cotações cambiaes, preço do café

RIO DE JANEIRO, 25.

O cambio sobre Londres fixou-se nas divisas extremas de 17 1/4 e 17 3/8, para compra e venda, divisas mantidas pelo Banco do Brazil, funcionando como organismo estabilisador; a cotação do café atingiu 15.600 réis para o tipo 7 corrido; o valor do escudo portuguez ficou em 15511 réis.—(Americana).

Regresso do director da Agencia Americana

RIO DE JANEIRO, 25.

Os jornaes, noticiando o regresso da Europa do sr. Carvalho de Azevedo, director geral da Agencia Americana, fazem-lhe as mais elogiosas referencias, sendo unanimes em reconhecer os altos serviços prestados á propaganda do Brazil no estrangeiro e o empenho, continuamente manifestado, em conseguir um maior estreitamento de relações entre o Brazil e Portugal.—(Americana).

A imprensa e o visconde de Santo Thyrso

RIO DE JANEIRO, 25.

A noticia do falecimento do Visconde de Santo Tirso emocionou dolorosamente o mundo intelectual brazileiro. O ilustre extinto foi colaborador de muitos jornaes brazileiros, entre os quaes o «Jornal do Comercio» e «O Paiz». Este ultimo periodico dedica-lhe um longo necrologio, onde o talento do escritor é posto em destaque; lembra-se, a proposito, os pontos de contacto entre as formas literarias do Visconde de Santo Tirso e de Machado de Assis, ambos mais ou menos educados no classicismo e nas melhores tradições da literatura portugueza.—(Americana).

A influencia civilisadora de Portugal

RIO DE JANEIRO, 25.

O dr. Antonio Claro realisa ámanhã uma conferencia sobre a beleza desta capital e sobre a influencia civilisadora dos portuguezes após a descoberta do Brazil.—(Americana).

Politica

Presidente da Camara dos Deputados

O sr. dr. Domingos Pereira, que recebeu hontem um voto unanime de homenagem por parte da Camara a que preside, teve a amabilidade de vir á tribuna da imprensa agradecer pessoalmente os votos de felicidade que lhe foram endereçados por todos os habituaes cronistas parlamentares. Esta deferencia do ilustre homem publico mais penhorou os jornalistas, que teem por s. ex.ª excepcional admiração e amizade, admiração pelo seu talento e amizade conquistada pelas virtudes civicas de patriota.

Os automoveis do Estado

Dizem-nos que o sr. deputado Nuno Simões enviará muito brevemente para a mesa da Camara dos Deputados um projecto de lei extinguindo o Parque Automovel do Estado. Nesse projecto providencia-se quanto ao destino a dar aos carros que sobrarem ás exigencias oficiaes.

Uma proposta do sr. Antonio Granjo

O sr. Antonio Granjo, leader do P. R. L. na Camara dos Deputados, pediu hoje ao sr. presidente que, por estar ausente o chefe do governo, lhe rogava que transmitisse a s. ex.ª a pergunta que ia fazer e que se resumia em saber se já é ou quando será ocasião de se iniciar o debate politico. O sr. dr. Domingos Pereira ficou de transmitir.

Verifica-se assim a exactidão da nota politica que hontem aqui demos.

A situação parlamentar do sr. Afonso Costa—Pergunta indiscreta do sr. Eduardo de Sousa

O sr. Eduardo de Sousa, deputado liberal, quiz hoje aclarar uma obscuridade que tem da idade o tempo que decorre desde a constituição do actual parlamento. Essa obscuridade consiste na situação dubia do sr. Afonso Costa, que, contra vontade propria, sobejas vezes expressa, continua a ser deputado da Nação e chefe do partido democratico.

A questão da importação do arroz espanhol

O sr. ministro dos negocios estrangeiros deu-se já por habilitado a responder á interpelação que lhe foi anunciada pelo sr. Brito Camacho, respeitante á compra de arroz hespanhol, feita por intermedio do sr. Augusto de Vasconcelos, quando este homem publico era ministro em Madrid. Deseja que o sr. presidente da Camara marque o dia em que se deve realisar o debate, mas S. Ex.ª não o quer fazer sem previo acordo com o deputado interpelante, como é da praxe e é justo.

O «dossier» existente nas Necessidades, respeitante a este negocio, foi examinado pelo sr. Brito Camacho, que já sabe tanto como o proprio ministro. Crêmos que o sr. Julio Martins tambem se deu a trabalho semelhante e é mesmo possivel que outros politicos conheçam, mais ou menos pormenorisadamente, as notas trocadas entre os governos de Portugal e de Hespanha, ou directamente ou por intermedio das respectivas legações. Nós é que as não lêmos, como é natural. Mas isso não impede que nos tivesse chegado uma informação, que reproduzimos com as devidas reservas, segundo a qual o director do comercio externo do Estado Hespanhol se negára, a tempo e horas, a autorisar a exportação do arroz se, por acaso, se persistisse em a fazer por intermedio de determinada casa de comercio, escolhida, para tal fim, pela Legação de Portugal em Madrid.

Apezar do aparente silencio que se tem feito sobre este caso, ele virá a ser esclarecido, tarde ou cedo. Convinha muito á moralidade politica que a luz se fizesse antes cedo que tarde.

Telegramas tendenciosos

Chamam a nossa atenção para os telegramas que aparecem em alguns jornaes da manhã, assinados por A. R. ou como sendo da telegrafia sem fios, telegramas em cujas entrelinhas se lê a vontade, ou antes o intuito manifesto de só dar materia que sirva a manter entre nós uma certa agitação, mais ficticia do que real, mas que são habilmente explorados por aqueles a quem convem manter essa agitação.

O Estado a principio fornecia copia do seu serviço de telegrafia sem fios a todos os jornaes, mas, não se sabe como, deu o monopolio d'esse serviço a uma agencia dirigida por um estrangeiro, que se aproveita de tal circumstancia para fazer o seu jogo.

Os comentarios a que tal facto se presta não os faremos; limitamo-nos a chamar a atenção dos poderes publicos para o caso, que é deveras grave.

A questão do peixe

Um contraste entre os ministros francezes e os portuguezes

Do «Journal de la Marine Marchande», de 13 do corrente, se traduz o seguinte:

«Lorient—A marinha de guerra não fará concorrencia aos pescadores.

Referimo-nos anteriormente á concorrencia feita aos nossos pescadores pelos arrastos a vapor do Estado que forneciam peixe para alimentação do pessoal de deposito de Lorient.

Estamos felizmente informados que tal estado de coisas vae cessar. M. Leygues, (ministro da marinha em França) deu a este respeito a seguinte resposta a uma pergunta escrita de M. Ernest Lamy, deputado:

«Com o fim de acudir á alimentação das equipagens e para diminuir ao mesmo tempo os encargos do orçamento para abonar rações, a marinha aproveitou a presença dos homens ainda não desmobilisados para efectuar a pesca com os arrastos de que dispunha ainda. Mas estes arrastos estão destinados a vender-se, e como o ministerio não tem por forma alguma intenção de armar navios exclusivamente para a pesca, foi prescrito suprimir a que se exercia sómente para as necessidades globaes da alimentação. Por outro lado a pesca exercida pelos nossos marinheiros para as proprias necessidades das equipagens em se vender peixe a estranhos, é perfeitamente regular e não dá logar a reclamações justificadas da parte dos pescadores profissionaes».

Com os ministros sabios e liberaes que cá temos, permite-se chamar pescadores estrangeiros contra os portuguezes; entregar vapores de propriedade de empresas particulares á Camara Municipal para regabofe dos esfomeados; que 600 milhas quadradas de mar livre estejam interditas á pesca nacional para proteger escandalosamente uma empreza de um cabo submarino; e para que haja certeza que não se pesca nestes mares, porque a Companhia podia zangar-se, embarca-se um sargento em cada vapor de pesca para fiscalisar a ordem.

Como tudo isto é baixo.

ULTIMA HORA

PARLAMENTO

Nos Deputados

Feita a inscripção, o sr. Afonso de Macedo pede a palavra para um negocio urgente, estando presente o sr. presidente do ministerio.

O sr. José Monteiro ocupa-se da situação miseravel dos cantoneiros que estão percebendo 62 centavos diarios. Para atenuar de algum modo a sua precaria situação e para ocorrer ao pagamento de subsidios em atrazo a esta classe, manda para a mesa um projecto de lei elevando ao decuplo a multa por falta de pagamento da contribuição de juros, que deverão trazer ao Estado um aumento de 200 a 300 escudos, que poderão ser aplicados á melhoria da situação dos cantoneiros.

O sr. Ladislau Batalha manda para a mesa uma nota de interpelação ao sr. presidente do ministerio sobre os processos por que se está facilitando a carestia da vida e provocando os horrores da fome pela escassez artificial dos artigos de primeira necessidade.

O sr. Antonio Granjo pede ao sr. presidente da Camara para perguntar ao sr. presidente do ministerio se já é ocasião oportuna para o interpelar sobre assuntos de ordem publica.

O sr. presidente promete comunicar ao sr. Sá Cardoso a pergunta do sr. Granjo.

O sr. Eduardo de Sousa volta a perguntar se ha qualquer comunicação na mesa, do sr. Afonso Costa, renunciando ao seu mandato de deputado.

O sr. presidente responde não ter conhecimento de qualquer documento n'esse sentido.

O sr. Antonio da Fonseca diz que para de uma vez se acabar com a extravagante «scie» da renuncia do sr. Afonso Costa, deve a comissão de infracções ser ouvida para sobre o assunto formular o seu parecer.

O sr. Manuel José da Silva protesta contra a forma como se está escafando a palavra, com o pretexto de interrogar a mesa.

O sr. Eduardo de Sousa volta a falar, para dar explicações sobre o caso, como membro da comissão de infracções, sugeridas pelas considerações do sr. Antonio da Fonseca.

O sr. Nuno Simões chama a atenção do sr. ministro da agricultura para o facto extraordinariamente grave para a economia nacional, da falta de transportes de aguardente para o Douro, porquanto se sabe que a companhia dos Caminhos de Ferro Portuguezes se nega a aceitar despachos. Sendo a exportação dos vinhos do Douro um dos elementos mais importantes da nossa balança economica, o caso é grave. Diz que o «Primeiro de Janeiro» á frente do qual se encontra o ilustre e ponderado jornalista sr. Jorge de Abreu, diz que a não serem dadas imediatas providencias, as camaras e os sindicatos do Douro agitarão esta questão de forma a interessar n'ela todos quantos teem o seu futuro dependente do comercio de vinhos. Não se trata certamente d'um protesto platonico, sendo por isso necessario que o governo tome providencias tendentes a terminar com este estado de coisas.

O sr. ministro da agricultura promete comunicar os factos apontados ao seu colega do comercio.

O sr. Manuel José da Silva ocupa-se novamente da situação dos alunos da Faculdade de Direito de Coimbra, abrangidos pelo despacho ministerial de 20 de março e que está pendente da aprovação d'um projecto de lei para o qual chama a atenção do sr. presidente, para que a comissão de ensino superior dê o seu parecer no mais curto espaço de tempo.

Trata tambem da situação que classifica de ilegal, porque briga com a doutrina do artigo 8.º da lei 882, que extinguiu o ministerio dos abastecimentos, dos funcionarios que actualmente desempenham os logares de chefes das secções de cereaes e panificação e guias de transito, é que por serem, respectivamente, tesoureiro do ministerio da agricultura e chefe de armazem, teem de retomar os seus primitivos logares. Lamenta que depois de varias reclamações que tem feito, não tenha ainda sido, pela comissão respectiva, dado parecer ao projecto vindo da outra camara em 6 de setembro, destinado a reprimir os abusos praticados pelos açambarcadores.

Apezar de S. Ex.ª o sr. presidente do ministerio ter h dias declarado que, com leis ou sem elas, o açambarcamento continuará, ele, orador, julga que não é tanto assim, porquanto se a lei dos açambarcadores estivesse já em vigor, teria sido condenado o causador do apodrecimento de 10 toneladas de bacalhau, a pagar uma multa de 60 contos.

O sr. ministro da agricultura promete providenciar sobre os funcionarios do extincto ministerio dos abastecimentos.

O sr. Orlando Marçal interpela o sr. ministro da marinha sobre os direitos dos aspirantes da Escola Naval que vêem, com razão, o alongamento injustificado dos seus cursos. O sr. ministro da marinha dá explicações.

O sr. Antonio Maria da Silva manda para a mesa o parecer da comissão de administração publica e de finanças sobre a proposta de lei n.º 279-A, referente ao pagamento da divida do Estado, de 5.400 contos, á Camara Municipal de Lisboa.

No Senado

O sr. Mendes dos Reis chama a atenção do sr. ministro da guerra para o facto de mais de 400 viaturas do exercito estarem sujeitas aos estragos das intemperies.

O sr. ministro da guerra deve dizer que a questão da armazenagem de viaturas como de mais material lhe tem merecido cuidados e para a estudar nomeou uma comissão. Sobre o assunto tem uma proposta de lei elaborada.

O sr. Alvares Cabral diz que tendo o «Diario do Governo», de 16 de setembro publicado um decreto com força de lei concedendo uma pensão aos funcionarios aposentados, reformados, em disponibilidade e incapazes para o serviço, só os aposentados teem recebido as suas pensões, emquanto que aos das outras classes não teem pago o que de direito lhes pertence, com grave transtorno para os esquecidos neste periodo de carestia da vida. A morosidade dessês pagamentos é devida á 2.ª repartição de contabilidade publica. Pede providencias.

O sr. ministro da marinha transmitirá o caso ao seu colega das finanças.

O sr. Sousa e Faro cumprimenta o Senado, onde fala pela primeira vez e refere-se ao facto da imprensa dizer que os navios que o Estado resolvera adquirir não teem utilidade. Pede esclarecimentos ao sr. ministro da marinha sobre se o governo conhece as caracteristicas desses barcos, se a missão naval que foi a Inglaterra e que razões aconselharam a aquisição.

O sr. ministro da marinha responde que sendo seu desejo servir o paiz está tratando de aumentar a frota de guerra de harmonia com o parecer de tecnicos, como o Estado Maior Naval. Conhece as condições dos navios e a comissão levou poderes para se servir dos precisos elementos para examinar esse material, fazer a escolha e renunciar á compra se qualquer navio que não ofereça as condições necessarias. Diz ainda que a questão foi apresentada com toda a nitidez ao parlamento.

O sr. Sousa e Faro folga em ter conhecimento das «démarches» do sr. ministro da marinha.

O sr. Bernardino Machado manda para a mesa uma proposta para que se nomeie uma comissão especial destinada a tratar da questão das subsistencias.

Politica

O pagamento do debito do Estado á Camara Municipal

Ao fim da tarde iniciou-se na Camara dos Deputados a discussão da proposta de lei que autorisa o governo a contrair um emprestimo de cinco mil e tantos contos, a fim de se liquidar o debito do Estado á Camara Municipal.

Após um breve discurso do sr. ministro das finanças tomou a palavra o sr. Brito Camacho, que iniciou o seu discurso por censurar acremente o governo por ter aceitado aquilo que o orador classifica de mandato imperativo ao parlamento.

Como o sr. Brito Camacho desenvolve apenas o exordio do seu discurso não nos é possivel adivinhar qual a atitude do P. R. L., respectivamente á essencia da questão em debate.

O arrendamento da frota mercante do Estado

Reunem na quinta-feira, conjuntamente, as comissões de marinha, colonias, comercio e finanças, para apreciarem a proposta governamental referente á alienação temporaria da frota mercante do Estado. Nessa assembleia será lido e discutido o parecer do sr. deputado Velhinho Correia, relator por parte da comissão de colonias.

Ordem publica

O comicio de ámanhã foi proibido pelo governo

Por determinação do governo, o sr. governador civil fez constar hontem aos organisadores do comicio operario anunciado para ámanhã, no Parque Eduardo VII, que tal reunião se não podia realisar por motivo de órdem publica, devendo, porém, as colectividades inscritas no comicio apresentar ao governo as conclusões das suas reclamações a fim de serem devidamente apreciadas e estudadas por uma comissão especial para tal fim nomeada. A's reuniões preparatorias do comicio, realisadas hontem á noite assistiram 1.055 individuos.

Hoje não houve prevenções, sendo absoluto o socego não só em Lisboa, como em todo o paiz.

A policia da 3.ª secção proseguiu nas suas investigações sobre a apreensão de material explosivo e armas de guerra em casa do impressor Manuel Afonso, na rua do Infante D. Henrique, 26. O preso, que foi hoje entregue á policia da segurança do Estado, esteve implicado naquele tão falado atentado da Praia das Maçãs, premeditado contra o sr. dr. Afonso Costa.

Na busca que a policia fez, por denuncia, em casa do Manuel Afonso, foram encontradas escondidas no sobrado 4 bombas de grandes dimensões, 78 carregadores completos de cartuchos, para espingardas Mauser, cartucheiras com cartuchos, tendo a policia apurado que esse e outro material fôra ante-hontem distribuido largamente por conhecidos revolucionarios.

CRAPULA CITADINA

O temido «Sargento Bera» seguiu a cumprir pena em Africa

No gabinete do director da policia de investigação sr. dr. Rodrigues Esculcas, proseguiram hoje os julgamentos de vadios e gatunos presos nas recentes rusgas.

Respondeu em primeiro logar Manuel Casimiro Dias, «O Manuel Maricas», com 5 prisões e que estando preso em Monsanto quando da revolução monarquica, dali saiu, por terem aberto as portas á fortaleza, tendo depois sido solicitada a sua captura pelo director das cadeias civis. Provou-se que não era vadio, sendo por isso absolvido, ficando no entanto preso por estar afecto ao 3.º juizo de investigação e se tornar necessario esclarecer a sua situação.

Manuel Nunes da Silva, com duas prisões, que respondeu em seguida, foi condenado a ser entregue ao governo. Trata-se de uma creatura repelente e de maus costumes, frequentador assiduo, altas horas da madrugada, dos bancos da Avenida da Liberdade.

Foi depois presente Manuel Ferreira, «O olho de boi», chegado ha dois mezes de Africa onde esteve durante 17 mezes como soldado. Diz-se carpinteiro e que trabalhava em casa, mas o facto é que no cadastro apresenta, a partir dos 19 anos, nada menos de 17 prisões por furto, algumas delas com arrombamento. E' condenado a ser entregue ao governo e ao ouvir a sentença grita indignado:

—Cambada de bandidos! Soceguem, porém, que ainda não vou desta. Se eu tivesse dado 50 escudos aos agentes, como outros fizeram, tinha como eles, saido em liberdade e não era condenado...

Por ultimo responde José Maria Pedroso, carroceiro, com 5 prisões por furto e um reincidente nos roubos, conforme afirma a acusação.

—Mas já paguei tudo isso com o meu corpo!—exclama o réu.

Prova-se que não é vadio, sendo, portanto, absolvido.

O temido gatuno e desordeiro «O Sargento Bera», que se encontrava preso no forte da Trafaria, seguiu já para Africa onde vae cumprir a pena de 9 anos de degredo em que foi ha tempos condenado.

Deste, ficou felizmente a cidade livre por algum tempo!...

VIDA SPORTIVA

Comunicados oficiaes

Associação de Foot-Ball de Lisboa

Para os desafios a realisar nos dias 30 do corrente e 1 de dezembro p. f. foi adoptado o regulamento geral de jogos e leis da Associação, na parte que não é modificada com o seguinte regulamento:

1.º—Será instituida uma taça unica que ficará de posse definitiva do club vencedor d'esta prova especial.

2.º—A prova será disputada á americana, isto é, a deitar fora, jogando no dia 30 os grupos inscriptos Imperio contra o Internacional e os Belenenses contra o Vitoria.

Apurados os dois vencedores d'esses desafios encontrar-se-hão no dia seguinte, 1 de dezembro, decidindo este ultimo desafio qual será o detentor da taça.

Os desafios realisar-se-hão no Campo Grande, sendo os do dia 30, respectivamente, ás 13 e 15 horas, e o do dia 1 ás 14 horas.

A organisação d'esta prova obedece ao fim unico de despertar interesse pelo campeonato d'esta epoca, pois os grupos não se encontrarão em campo no decorrer da época, visto pertencerem a series diferentes.

A direcção vae convidar para arbitros d'estes desafios algumas entidades bastante conhecidas no meio desportivo.

Nos termos do art.º 8.º paragrafo 1.º dos Estatutos e art.º 2.º da base 2.ª das alterações, é convocada a reunião da assembléa geral ordinaria para o dia 27 do corrente, pelas 21 horas, na séde da Associação, travessa da Gloria, 22-A, 2.º-D.º (á Avenida), para os fins seguintes:

1.º—Discussão do relatorio e contas da Direcção e do parecer dos fiscaes de contas; 2.º, Eleição dos corpos gerentes para a epoca de 1919-1920.

Do dia 1 de dezembro em diante ler em

A CAPITAL

Vida Sportiva

Propaganda de Portugal

O feliz exito alcançado na representação do nosso paiz, promovida por esta Sociedade na Feira de Bordéus em junho d'este ano, assim como na exposição de Sarrebruck (ocupação franceza) em outubro ultimo, constitue um incentivo para proseguir por este meio a divulgação das cousas portuguezas no estrangeiro. De 15 a 30 de maio de 1920 deve ter logar em Barcelona uma feira de caracter internacional, que promete revestir um exito verdadeiramente colossal dado o numero de participantes que já figuram inscritos de todos os paizes.

A feira será organisada por grupos profissionaes e compreenderá todos os ramos industriaes e de producção, a que poderá concorrer o nosso paiz, para o que a Propaganda de Portugal acaba de distribuir aos principaes centros do paiz o programa e extracto do regulamento da Feira, pedindo todos os interessados, para quaesquer esclarecimentos dirigir-se directamente á Direcção Geral da Feira—Calle Fernando, 30—ou—Apartado do Correo, 512—Barcelona.

Companhia Carris de Ferro de Lisboa

Aviso

Previne-se o publico de que desde 29 do corrente os carros de serviço nocturno que ordinariamente saem do Rocio (lado ocidental) para o Arco do Cego, Intendente, Almirante Reis, Alto do Pina e Arieiro, passam a sair do lado oriental, (Rua do Amparo), onde terão apenas a demora indispensavel para receber passageiros e escriturar a respectiva folha de serviço.

Esta alteração tem por fim melhorar o serviço d'aquela linha (lado ocidental do Rocio) imensamente prejudicado com o grande numero de carros necessario para transportar o numeroso publico que n'esta quadra do ano frequenta os espectaculos nocturnos.

Santo Amaro, 26 de Novembro de 1919.

A Direcção

Instrucção militar preparatoria

No dia 2 do corrente, recomeçou a I. M. P. em todo o paiz, para o que se afixaram editaes e publicaram convocações na imprensa, tendo estas sido repetidas diferentes vezes. Apesar disso, ha muitos mancebos refractarios a esta instrucção que é ministrada aos domingos até á data da incorporação nas fileiras. Pela falta de apresentação dos mancebos de 17, 18 e 19 anos são responsaveis os paes, tutores ou patrões.

Não se tendo, pois, apresentado até agora a maior parte dos individuos que estão na edade de receber esta instrução a que a lei obriga, vão ser adoptados os meios coercivos contra os refractarios, isto é, a multa, ou a prisão durante 7 dias, conforme o disposto na lei 623.

A direcção da Sociedade n.º 1, cuja séde é na rua da Graça, 31 e 33, assim vae proceder tambem contra os seus antigos alistados da 1.ª secção, de 17, 18 e 19 anos que estejam ou não noutras sociedades ou nucleos de Lisboa, visto o decreto com força de lei n.º 5761 os obrigar a inscreverem-se de novo na corporação a que pertenciam.

Todos os mancebos daquela edade de teem de apresentar-se desde já a receber essa instrução, podendo alistar-se em qualquer Sociedade de I. M. P. ou nucleo, tendo, porém, as garantias que a lei estabelece sómente os que se alistarem nas Sociedades.

Na numero 1 a instrução é depois de ámanhã, ás 9 horas. A inscrição continua aberta todos os dias, na séde, das 21 ás 24 horas e nos domingos das 12 ás 24.

Salão Central

Como não podia deixar de ser, a estreia da monumental pelicula «Fabiola» ou «Os Martires do Cristianismo», em 8 parte, que hontem se realisou neste magnifico Salão, obteve o mais ruidoso sucesso. E', sem duvida, o maior acontecimento animatografico da semana, já pelo seu assunto, baseado na grandiosa obra do Cardeal Wiseman, já pela apresentação dos seus personagens, vestidos a rigor e interpretados primorosamente.

Para os descuidados que ainda não gosaram as ultimas jornadas do excelente «film» «As garras do leão», a empreza reserva-lhes para hoje a exibição das 6.ª e 7.ª jornadas, e ainda a estreia de 8.ª.

Nesta ultima, intitulada «A caverna sagrada», ha peripecias muito interessantes, umas emocionantes, outras dum comico irresistivel, aparecendo em todas a simpatica figura de Marie Walcamp, com toda a sua formosura, a sua mocidade e o seu arrojo, elementos estes que a tornam a mais notavel artista do seu genero.

Aviação

O espectaculo emocionante desta tarde

Sobre a cidade pairou esta tarde por largo tempo um aeroplano tripulado pelo aviador Fronval, que executou verdadeiros prodigios, taes como o «looping-loop», «glissade», o «tonneau», o «renversement», a queda simulada, etc., exercicios que provocaram verdadeira sensação nos milhares de pessoas, que se aglomeraram nos passeios e ruas, principalmente na parte central da cidade, para os presencear.

PELO TELEGRAFO

A Abyssinia abole o absolutismo

PARIS, 26.

A situação do imperio da Abyssinia melhorou muito nos ultimos anos. E' acolhida com grande satisfação a constituição de um ministerio, abandonando-se o sistema do governo pessoal.—(Havas).

NOTICIAS DA CAPITAL

A gatunagem em acção

Foi preso Alberto Joaquim Borges, sem residencia conhecida, por ter furtado a João Ramos Trindade, morador na rua da Guia, 33, 2.º, um sobretudo e dinheiro no valor de 165 escudos.

Queixou-se á policia José da Cunha, guarda-fios das linhas do Estado, que os gatunos lhe furtaram 50 kilos de fio de cobre no valor de 100 escudos.

A Felisberto Luiz dos Santos, morador na rua Maria Pia, 232, furtou Luiz Dias, residente na vila Alves, na rua de Campolide, varios objectos no valor de 52 escudos.

Queixou-se José Joaquim da Cunha, morador na rua da Cruz dos Poyaes de S. Bento, 45, que os gatunos lhe furtaram uma corrente de ouro, bolsa e relogio de prata, tudo no valor de 50 escudos.

A firma Pinto & Colarinha, proprietaria da ourivesaria da travessa de S. Domingos, 27, queixou-se de que tendo confiado para venda avulso a João Luiz Marques Pegado, morador na rua de Sabino de Sousa, 39, 2.º, varios objectos de ouro e prata no valor de 410$35, este gastou o dinheiro em seu proveito. Trata do caso a policia da 1.ª secção judiciaria.

Comerciante que se suicida

Por meio de enforcamento, suicidou-se Francisco Arcanjo Ramos, com mercearia na rua do Arco do Cego, 19. O cadaver foi removido para a Morgue.

Malas postaes

São ámanhã expedidas malas postaes pelos vapores inglez «Hygland Prever», para o Rio de Janeiro, Montevideu e Buenos Aires e pelo «Beira» para Madeira e portos da Africa ocidental e oriental. As ultimas tiragens verificam-se respectivamente ás 12 e ás 13 horas.

Tentativa de suicidio

Recolheu a um dos quartos particulares do hospital de S. José o sr. Frederico Afonso do Nascimento, de 75 anos de edade, capitão da administração naval, reformado, residente na rua do Arco do Carvalhão, 34, 1.º, que alí tentou suicidar-se dando dois tiros na cabeça. O seu estado é gravissimo.

Policia para Coimbra

No governo civil foi hoje passada revista a 50 guardas da policia que ostentavam os novos fardamentos, com cordões e luvas brancas, e que ámanhã, sob o comando do chefe Nazaret, da esquadra de Belem, seguem para Coimbra, onde vão auxiliar o serviço de ordem durante a permanencia naquela cidade do sr. presidente da Republica.

POEIRA DA ARCADA

Conselho superior de promoções

O conselho superior de promoções reuniu hoje para julgar os recursos interpostos pelos srs. tenente Antonio Nunes Tiago e alferes José Fernandes Nazaret, ambos de infantaria.

General Gomes da Costa

O sr. general Gomes da Costa, que continua melhorando, esteve hoje conferenciando com o sr. presidente do ministerio.

Teatro S. Luiz

O mais empolgante, o mais curioso, o mais alegre e ao mesmo tempo o mais instrutivo espectaculo é a celebre revista «O pé de meia», ampliada agora com o novo acto «O Rocio», em que se faz a evocação de factos historicos passados naquela praça desde os tempos de D. Pedro I e a reconstituição de scenas interessantes com personagens historicos. As duas novas apoteoses são de brilhantissimo efeito e grande originalidade, e tudo concorre para que a cidade de Lisboa corra todas as noites para o teatro de São Luiz, na certeza de que não ha onde passar melhor umas horas.

Ecos & Noticias

CASAMENTOS

Para o sr. Guilherme Nunes Coimbra foi pedida em casamento, por sua mãe a sr.ª D. Maria Nunes Coimbra, viuva do sr. Augusto Fernandes Coimbra, e para seu primo o sr. João Antonio Coimbra, a sr.ª D. Maria da Resurreição Forte de Carvalho, gentil filha da sr.ª D. Maria dos Prazeres Carvalho Forte e do sr. Joaquim Fernandes Forte, já falecido, e irmã do nosso prezado amigo sr. dr. Forte de Carvalho. O casamento deve realisar-se brevemente.

Atropelamento

Num dos autos da Cruz Vermelha foi conduzido ao hospital de S. José, onde depois de pensado no Banco deu entrada na enfermaria 5, Francisco Carvalho, 31 anos, varredor da Camara Municipal, rua das Trinas, 155, pateo, porta 5, que na rua Maria Pia foi atropelado por uma galera ficando ferido em ambas as pernas.

3388

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

N.º 3388 — 10.º ano | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães | Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA — Quinta-feira, 27 de Novembro de 1919

Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL | Officina de Impressão — 71, Rua da Bica, 71

Preço, 2 centavos

A situação

A questão da carestia da vida deve ser encarada com serenidade, e para que essa serenidade prevaleça nos espiritos, basta que se estabeleça a confiança na acção dos poderes constituidos, e que se reconheça que a nossa situação, sendo, sob esse ponto de vista, má, não é, todavia, e esperamos que nunca o será, tão grave como em outros paizes.

Não falamos só dos paizes vencidos, como a Alemanha, onde, por falta de aquecimento, se gela dentro das proprias casas, e onde não se sabe como alimentar convenientemente uma numerosissima população, habituada á fartura e ao conforto, ou como a Austria, onde teem morrido centenas de milhar de pessoas á mingua. São os proprios paizes neutraes, os proprios paizes vencedores. Nas nações do norte, a vida está carissima, e tudo escasseia; na França, na Inglaterra, é preciso repartir cuidadosamente o que ha, e tudo falta, e tudo se vende por um excessivo preço.

A nós favorece-nos o proprio clima. Nestes dias que em tantos paizes estrangeiros são de espessa bruma, ou chuva gelida e incessante, nós temos ainda como que reflexos da primavera. Um sol brilhante e claro nos aquece e nos alumia. Ignoramos o que seja a neve, o granizo, os nevoeiros. A temperatura nunca desce, como desce nos outros pontos, quási que paralisando inteiramente a vida.

Quer isto dizer que nademos em venturas? Que uma invejavel plenitude nos favoreça?

De forma alguma. Nós sofremos e sofremos muito. O nosso desequilibrio economico é manifesto. E, circumstancia que sobretudo agrava a nossa situação, porque choca a nossa sensibilidade e exaspera os nossos nervos, a verdade é que possuimos recursos que nos poderiam realmente colocar numa posição favoravel em relação aos outros paizes. Quer da metropole, quer das colonias, podiamos extraír os meios de viver, em condições relativas de bem estar em face do espectaculo aterrador que a maior parte do mundo nos oferece.

Ha lastimaveis incurias? Ha censuraveis complacencias? Ha funestas fraquezas? Ha infames explorações? Ha falta dum plano pratico e largo de economia nacional? O remedio para todos esses males, devemos nós reclamal-o do Estado. Para estes casos é que existe o Estado. Um parlamento que legisle, um governo que execute, e a situação transformar-se-ha como por encanto.

Podemos nós, porém, exigir de qualquer governo, e mesmo de qualquer parlamento, uma acção reflectida e forte, simultaneamente ponderada e energica, suspendendo sobre a cabeça desse governo, sobre a cabeça desse parlamento, constantemente, a ameaça duma espada de Damocles, que, no caso sujeito, é a da contingencia permanente duma revolução, de caracter social ou politico? E' claro que, perante a eventualidade duma perturbação da ordem publica, o governo e o proprio parlamento primeiro do que tudo a isso devem atender. Perante um incendio cujas primeiras chamas reluzem, o que ha a fazer é largar de mão todos os outros assuntos, para não deixar que essas chamas devorem o edificio social.

A sociedade portugueza deve apelar para os poderes constituidos. Esses poderes teem por missão defender a existencia. Ela não é possivel nas condições em que se está vivendo já. Menos o será dentro em pouco, se a situação fôr indo num «crescendo» de gravidade. Não esperemos por esse momento. Não podemos esperar. Então já seria tarde tudo o que se fizesse. Confiemos na Republica, confiemos na autoridade e na lei, mas é preciso que nem a lei nem a autoridade capitulem perante a situação que lhes cumpre debelar.

POLITICA

A questão da frota mercante

As comissões de colonias, finanças e comercio foram convocadas para sabado, a fim de examinarem a proposta de lei autorisando o governo a fazer a alienação temporaria da frota mercante do Estado.

Ha, por emquanto, um unico parecer, que é o das colonias, sendo relator o sr. Velhinho Correia.

O ponto de exame da comissão de colonias limita-se á distribuição da tonelagem segundo os interesses coloniaes. E', portanto, um ponto de vista muito restrito, porque o principal é o que respeita á parte economica, sobre a qual ha-de pronunciar-se, como lhe compete, a comissão de finanças.

Isto significa que, mesmo empregando o maior empenho, está ainda longe o dia em que esta questão poderá entrar na ordem do dia da Camara dos Deputados.

DEPOIS DAS ELEIÇÕES

A face da Europa

NA BELGICA: Triunfam os socialistas.
NA FRANÇA: Triunfa a União dos Republicanos.

Ao mesmo tempo quasi que as eleições da França e da Italia decorriam, a Belgica consultava o povo. Ai dominava desde 1884 o partido catolico. Para as eleições de 1919 surgiram com grande vigor as tres antigas organisações—catolica, liberal e socialista—e os pequenos agrupamentos incipientes, os activistas, dos desmobilisados, o do renascimento nacional ou agricola... No antigo parlamento havia 97 deputados catolicos, 44 liberaes, (liberaes em politica mas conservadores em materias sociaes) e 40 socialistas. A divisão dos catolicos em «velhos» sob a direcção do antigo ministro Woeste, e em «novos» sob a conduta dos ministros Renkin e Carton de Wiast debilitou este partido em beneficio do socialista, que teria uma superioridade indiscutivel se não tivesse tambem dividido em nacionalista e bolchevista; ainda sobre o socialismo belga pesava o escandalo sucedido com o seu orgão «Socialiste Belge» contra cujos redactores, acusados de corrupção, foram objecto dum processo judicial ordenado pelo seu proprio correligionario, o ministro Vandervelde.

O resultado foi o socialismo ter conquistado apenas 67 logares na camara, e os catolicos baixado a 79. Para estes se sustentarem no poder teem de recorrer ao apoio dos 35 ou 40 votos liberaes; mas tudo indica, após mesmo as «démarches» que Alberto I fez, que o entendimento entre os catolicos e socialistas continue como durante a guerra, atendendo ás grandes afinidades que entre ambos existem sob materia economica.

O socialismo belga não pode inspirar aos elementos de ordem as mesmas apreensões que o francez. Uma pequena fracção está contaminada do bolchevismo mas a grande maioria do partido é primordialmente nacionalista. Negou-se a assistir ás ultimas conferencias internacionaes e recusou a sua adesão ao leninismo. Os seus elementos dirigentes adquiriram a noção das responsabilidades e a obra realisada desde o armisticio pelos socialistas Anseele e Wauters ainda que não isenta de parcialidade, justifica a confiança que o paiz sente na aptidão que para governar demonstra possuir o ponderado partido operario belga.

—Ouvi falar na França, numa onda de preguiça—dizia o energico Anseele a um jornalista francez.—Na Belgica ignoramos essa palavra. Todos querem trabalhar.

—E as gréves?

—Sob a acção dum ministro socialista são inaceitaveis. Chamo os delegados de ambas as partes e «exijo» que se ponham de acordo.

Tal é a situação e a orientação socialista do pequeno povo, que trabalha, trabalha afincadamente para a reconstrução economica da sua grande patria. Produzir, trabalhar, negar qualquer falsa teoria que restrinja o trabalho e...

A sua cooperação nos governos continua, a sua orientação calma e prudente é um exemplo. Por isso as dificuldades da vida em vez de aumentarem, equilibram-se, param. Tendem para simplificar-se.

A Belgica é ainda uma fracção que compreende o verdadeiro significado do socialismo.

Em França, as eleições que a imprensa diaria já relatou telegraficamente — constituiram uma luta pelo bolchevismo ou contra ele.

Separados ou eliminados os elementos que nas vesperas das eleições não convinham, os socialistas promoveram uma vigorosissima campanha eleitoral em favor dos seus candidatos. As reuniões multiplicaram-se em Paris e nos arredores. Nelas se vitoriou abertamente Lenine e a revolução russa e deram morras á França. As hostes vermelhas invadiam tumultuosamente os comicios dos candidatos adversarios, interrompendo-os e gritando até dissolvel-os. A este frenesi de entusiasmo não correspondia a solicitude do sacrificio pecuniario. Na subscrição aberta pela «L'Humanité» para cobrir o «milhão da propaganda» não se chegou á quarta parte.

Defrontando os propugnadores do bolchevismo constituiu-se a aliança republicano-democratica a que preside Carnot, os socialistas, etc., etc.

Os resultados foram seguros: o socialismo, o socialismo com tendencia bolchevista foi vencido. Longuet e Sadoul, seus chefes, não conseguem, apesar de grande numero de votos, suplantar os conservadores.

Sadoul era o nome que representava uma bandeira de combate. Longuet personifica a astucia revolucionaria, que nos momentos de confusão logra impôr-se e dominar pela violencia verbal e pelo excitar das paixões exacerbadas já que não póde por outras qualidades superiores.

Dois deputados dos tres que foram a Kienthal—Brizon e Alexandro Blanc—ficaram vencidos; sabia-se que no Meio Dia e na região do Sudeste, no Tarn, no Loire e outras circumscrições, iam os socialistas receber severa lição; por odio aos bolchevistas os eleitores desejavam castigar os socialistas moderados que com eles pactuaram, e impuzeram a retirada nalgumas listas que mais possibilidades ofereciam de lutar com vantagens.

Assim, a União patriotica triunfou.

Mas, o feito mais significativo é que em Paris, onde impera a portentosa Federação do Sena, que tão grande e intensa campanha sustentou, o bloco republicano derrotou tambem o seu adversario.

Sabe-se já qual a distribuição do novo parlamento francez, é não é dificil de adivinhar que grandes e graves resoluções sociaes vão ali ser tomadas; profundos debates, violentas lutas...

...Mas não prognostiquemos. Analisemos só o que se tem passado. E o que se passou em França, foi a derrota nas eleições, dos socialistas avançados...

De todo este conjunto que face resultará para a Europa? Impossivel adivinhar; comtudo, claramente, definidamente pode ver-se, embora a França tenha sufocado os excessos, que é o socialismo moderado, a ideia da democracia que de extremo a extremo europeu vence, domina e empolga os espiritos.

ORFÃOS DA GUERRA

A assistencia da colonia portugueza do Brazil

A grande comissão portugueza Pró-Patria acaba de publicar o historico dos seus trabalhos e da fundação da Assistencia da Colonia Portugueza do Brazil aos Orfãos da Guerra, trabalho que será lido perante as comissões dos Estados daquele paiz e do qual nos enviou um exemplar.

Quatro foram as subscrições pelo Pró-Patria lançadas entre a colonia, com o fim de obter donativos para a grande obra de socorrer os orfãos da guerra. Até 31 de dezembro do ano findo haviam sido arrecadados os seguintes produtos dessas subscrições:

Da grande subscrição patriotica, 773.219$00; da subscrição por cotas mensaes, 1.059:854$880; da subscrição popular, 205.363$65; da subscrição entre brasileiros, 13.958$00; Total, 2.052:395$550 réis.

A estas verbas ha a juntar as recolhidas de festas, conferencias, quermesses, sessões cinematograficas, tombolas, venda de livros, produto de juros contados pelos Bancos, onde a comissão depositou fundos em conta corrente e dividendo de titulos de renda adquiridos para o patrimonio dos orfãos, juros de apolices da divida publica; contribuições recebidas das diversas comissões Pró-Patria organisadas nos Estados, donativos feitos designadamente para o patrimonio da Assistencia aos Orfãos da Guerra e recolhidos pela comissão emquanto não foi reconhecida a personalidade juridica da mesma assistencia.

Essas verbas somam 19.810$588, perfazendo uma totalidade de réis 2.909:000$977.

Ha ainda donativos confiados á comissão com fins especiaes.

Feita a dedução das somas entregues á Cruz Vermelha Portugueza, á Cruzada das Mulheres Portuguezas, á Junta Patriotica do Norte, ao Comité de socorros aos prisioneiros e das importancias dispendidas em serviços varios, a soma transferida para o patrimonio da Assistencia da Colonia Portugueza do Brasil aos Orfãos da Guerra é a seguinte:

3.664$700, em mão do tesoureiro; 19.765$000, em dinheiro depositado no Banco Ultramarino; 609.105$433, em dinheiro sob a guarda da delegação em Portugal; 1.760:000$000 em 2.000 apolices da divida publica brasileira de um conto de réis cada uma, juros de 5 p. cento; 116.330$173 em 617 obrigações da Camara Municipal do Porto, no valor de escudos 49.969$50; 92.758$338 em 200 acções do Banco de Portugal, no valor de escudos 39.830$00; 9.505$579 equivalentes a escudos 4.080$00 por pensões já pagas aos orfãos habilitados perante a delegação; 1.364$500 em moveis e utensilios adquiridos para uso da secretaria.

A desinfecção e cicatrisação das feridas

Efectua-se com o pó de «Keratol», que deve estar em todas as casas, fabricas e oficinas e postos de socorros. Feridas, recentes, infectadas, ulceras, queimaduras curam-se rapidamente. Peçam atestados e amostras ao depositario Raul Vieira, R. da Prata, 51.

SOBRE PAGINAS ESTRANGEIRAS DELICADAS

O CRESCENTE DE LUA

(De Rabindranath Tagore, conforme a condessa Max de Mareuil).

O lar

Caminhava sósinho pela estrada atravez do campo, emquanto o sol poente escondia o seu ultimo ouro como um avaro.

A luz do dia enterrava-se, mais e mais profundamente na obscuridade, e a terra, viuva das ceifas recolhidas, era extensão silenciosa.

De repente, a voz aguda duma creança se arrebatou no céu. Passou, invisivel, na noite, deixando o sulco da sua canção por entre o silencio da tarde.

O seu lar camponio a aguardava ao fundo da charneca deserta, para além do campo de canas de assucar, oculto na sombra das bananeiras e da alta palmeira e das arvores de fruto dum verde sombrio.

Detive-me um instante no meu caminho solitario, sob a luz palida das estrelas, e vi alongada ante mim esta terra obscurecida rodeando em seus braços lares sem numero, cheios de berços e de linhos, de corações maternaes e de lampadas da tarde—e de jovens vidas felizes duma alegria que ignora o seu valor nesse mundo.

Na praia

Na praia dos mundos sem fim, as creanças se encontram.

O céu infinito é imovel sobre suas cabeças e o mar sem repouso é bulhento. Na praia dos mundos sem fim, as creanças se acham cantando e dançando.

Edificam casas de areia e brincam com conchas vasias. Com flôres secas constroem barcos que deitam a sorrirem ao vasto abismo. As creanças arranjam os seus brinquedos na praia dos mundos.

Não sabem como se nada, nem sabem mesmo deitar as rêdes. Os pescadores de perolas mergulham, os comerciantes navegam em seus navios, emquanto as creanças recolham os calhausinhos e os dispersam ainda. Não procuram tesouros ocultos, não sabem deitar as rêdes.

O mar encarnoira-se com risos e o palido sorriso do areal refulge. As ondas que causam a morte cantam doces baladas ás creanças, como uma mãe balouçando o berço do recem-nascido. O oceano brinca com as creanças e o palido sorriso do areal refulge.

Na praia dos mundos sem fim, as creanças se encontram. A tempestade paira no mar sem caminho, a morte está muito perto e as creanças brincam. Na praia dos mundos sem fim é o ponto de reunião das creanças.

A fonte

O sôno que se poisa sobre os olhos da creança, podeis dizer-me de onde ele vem? Sim, contam que ele habita na aldeia das fadas, entre as sombras da floresta vagamente alumiada pelos pirilampos, lá onde estão suspensas duas timidas flôres de encantamentos. E' de lá que ele vem beijar a creança nos olhos.

O sorriso que roça pelos labios da creança adormecida sabeis onde nasceu? Sim, diz o rumor que um palido raio do crescente da lua tocou o bordo duma fugitiva nuvem de outono e foi lá que o sorriso nasceu primeiro, no sonho de uma manhã molhada de orvalho—o sorriso que poisa nos labios da creança adormecida.

A suave e terna frescura que floresce sobre os sonhos da creança—alguem sabe onde ele se ocultava havia tanto tempo? Sim, quando a mãe era uma menina, ela envolvia o seu coração num doce e silencioso misterio de amor, o suave e terno frescor que desabrocha sobre os sonhos da creança.

José Parreira

Aos novos

PEÇA TEATRAL

1.º premio 120$00

ROMANCE

1.º premio 100$00

O concurso que «A Capital» em 1 de outubro abriu dedicado aos novos está tendo o seu pleno sucesso. Ainda longe do final do praso já temos entregues 5 originaes com peças de teatro num acto, prometendo-nos a vasta correspondencia recebida, muitos mais por estes dias. Sobre o «romance» tambem sabemos que, se preparam varias obras ineditas para o nosso concurso.

A legitima satisfação pelo sucesso obtido leva-nos a dar por bem empregada a nossa iniciativa; e as palavras de agradecimento, de incitamento, que temos recebido, animam-nos e confortam-nos. «Os novos» desejam demonstrar que são alguem e como tal afluem ao nosso concurso.

Que bemvindos sejam e que os juris recompensem os seus trabalhos.

«A Capital» estabelece para as peças teatraes os premios de 120$00, 80$00 e 50$00, e procurará levar os tres primeiros originaes premiados á scena, numa recita unica para a «Casa Gil Vicente».

Os originaes teem de estar entregues na nossa redacção até 31 de dezembro do corrente ano, fechados, e assinados por um pseudonimo. Acompanhará o original um envelope fechado com o nome do autor dentro e trazendo por fóra o pseudonimo correspondente; nenhum autor já representado em palcos publicos poderá concorrer.

«A Capital» restituirá os originaes após a sua classificação por um juri onde figuram nomes respeitabilissimos da literatura, do teatro, do jornalismo.

«A Capital» recebe tambem até 31 de dezembro «um romance» original, inedito, de autor nunca publicado, que será classificado por um juri, onde figurarão romancistas, criticos, jornalistas de conhecida reputação. «A Capital» premeia o 1.º classificado com 100$00, e publical-o-ha em folhetins, logo que as circumstancias materiaes o permitam e seja de acordo do seu autor. Os originaes devem tambem ser assinados por um pseudonimo, indo o nome do autor num envelope cerrado conforme o estabelecido para as peças teatraes.

Novos, ao trabalho!

PELO TELEGRAFO

Na America do Sul

A exportação brazileira para Portugal

RIO DE JANEIRO, 26.

Seguiu para a Europa o vapor do Lloyd Brazileiro «Avaré», que transporta para portos portuguezes 102 volumes de diferentes productos brazileiros.—(Americana).

Cotações cambiaes e preso do café

RIO DE JANEIRO, 26.

O cambio sobre Londres funcionou hoje nas divisas extremas de 17 3/4 e 17 23/32 respectivamente para a compra e para a venda. O café cotou-se a 14$600, com excelente procura, e o escudo portuguez obteve o valor de 1$438 réis.—(Americana).

Homenagens á memoria do visconde de Santo Thyrso

RIO DE JANEIRO, 26.

Toda a imprensa, não só d'esta capital como de todos os Estados, principalmente S. Paulo, continua publicando sentidissimos necrologios ao visconde de Santo Tirso, recentemente falecido em Portugal.—(Americana).

Associação dos Trabalhadores da Imprensa

Homenagem a dois saudosos camaradas do «Diario de Noticias»

No proximo domingo, pelas 13 horas, realisa-se nas salas da Associação dos Trabalhadores da Imprensa a inauguração dos retratos dos falecidos consocios Eduardo Coelho, filho, que foi presidente da assembléa geral por muitos anos, e do velho reporter José Francisco de Assis Almeida, ambos nossos velhos colegas nas lides da imprensa.

Para essa homenagem foram convidados todos os trabalhadores da imprensa, devendo usar da palavra, n'essa sessão, sobre Eduardo Coelho, o jornalista sr. José Parreira e sobre o reporter Almeida o velho jornalista e nosso presado camarada de redacção Machado Correia.

Julgamentos do C. E. P.

A insubordinação da «Brigada do Minho»

E' na proxima quinta-feira que se realisa em Elvas o julgamento de 93 praças implicadas no denominado movimento insurreccional da brigada do Minho.

Pelo numero de réus, é um dos mais importantes que de ha longos anos se tem realisado, devendo durar alguns dias, pois que é elevado o numero de testemunhas.

Os membros do tribunal especial do C. E. P. partem para ali na vespera. São eles, como se sabe, os srs. coronel Santa Clara, presidente; capitão Olimpio de Melo, promotor; tenente-coronel Osorio de Castro, defensor; Charters d'Azevedo, juiz auditor, e tenente Videira, secretario.

Depois d'ámanhã, reune o tribunal, no antigo convento das Trinas, para julgamento de duas praças, vindas de França sob prisão.

LENDO E COMENTANDO

A liberdade ao wisky na Inglaterra

Comunicações telegraficas recebidas de Londres anunciam-nos que o ministro da alimentação participou á Camara dos Comuns que as restrições impostas pelo Estado á venda do «whisky» desde o ano de 1915, serão imediatamente abolidas. Esta medida inesperada produziu em toda a Inglaterra um alvoroço extraordinario.

A partir deste momento os destiladores e vendedores de alcool não terão descanço, assediados pela avalanche de solicitações feitas pelo telefone, pelo telegrafo e pelos milhares de pessoas que acodem aos estabelecimentos requisitando o precioso licor em quantidades verdadeiramente aterradoras.

Os pedidos de cada cliente cifram-se por dezenas e até por centenares de garrafas. Onde as encontram os compradores arrebatam-as e levam-as em automoveis, motos, carruagens de aluguer, em toda a especie de veiculos, emfim.

A acometida do publico reveste todos os caracteres dum ataque brusco.

A maior parte das vezes esses ataques são inuteis porque é necessario algum tempo para que o efeito das restrições desapareça.

Calcula-se em 460 milhões de litros a quantidade de «whisky» retido pelo Estado em toda a Escocia.

E', portanto, necessario preencher determinadas formalidades e fazer transportar e distribuir o «whisky» em todo o reino, antes que se possa satisfazer a anciedade que sentem todos os inglezes de possuir reforço da sua predilecta bebida.

Antes de quinze dias não será possivel atender, na medida necessaria, o acumulo de pedidos que se recebem de todas as povoações da Grã-Bretanha.

O capitão Glidden contra Philéas Fogg

Philéas Fogg, o heroe do romance de Julio Verne fez, na imaginação do celebre escritor, a volta ao mundo em oitenta dias. Um oficial aviador do exercito americano, o capitão Glidden, propõe-se bater esse «record» ficticio, utilisando para o efeito as qualidades de extrema rapidez do aeroplano. Partirá dos Estados Unidos e voltará ao ponto de partida depois de fazer a volta ao mundo.

Desde a epoca em que Julio Verne escreveu o seu tão popular romance até agora os meios de locomoção teem feito sensibilissimos progressos. Os transatlanticos e os caminhos de ferro redobraram de velocidade e os automoveis e os aeroplanos podem atingir, actualmente, andamentos outr'ora desconhecidos. Poderá afirmar-se que o capitão Glidden se saia bem da tentativa, efectuando-se a volta do nosso planeta em menos de oitenta dias? Ao certo não se pode afirmal-o, pois que se trata de realisar um vôo de 30.000 kilometros, muitas vezes sobre regiões não habitadas, onde a mais pequena «panne» de motor põe em fatal risco o piloto.

Em todo o caso o itinerario de Philéas Fogg não será o adoptado pelo capitão Glidden, porque comprende travessias maritimas muito longas para o raio de acção dos actuaes aviões. E' necessario, portanto, estabelecer outra derrota.

Se o aviador partir de New-York, pode dirigir-se á Irlanda, seguindo o itinerario do capitão Alcock, passar depois por Paris, Berlim, Varsovia e Moscow, para seguir o Transiberiano até Vladisvostok. D'ahi alcançará a ilha Yeso, no Japão, voará sobre as ilhas Kouriles e atravessará o Kamichatka, para transpôr o mar de Behering e encontrar-se na America. Seguindo as costas de Alaska e depois as do Canadá, chegará assim a S. Francisco da California, achando-se finalmente de regresso em New-York em toda a sua largura.

Calculando em 600 kilometros e 4 horas a media diaria da viagem, bastarão cincoenta dias para realisar a volta da Terra.

Em principio, esta «performance» é perfeitamente realisavel, mas a sua realisação não.

Certas «étapes» poderiam ser de 300 ou 400 kilometros apenas; outras, pelo contrario, não contarão menos de 1.300 ou mesmo de 1.500 kilometros, o que é enorme. As travessias da Siberia, do Kamtchakka, de Alaska, por exemplo, apresentariam perigos consideraveis, sem ter conta as dificuldades que ofereceria a organisação de portos de reabastecimento n'essas regiões desertas.

A volta ao mundo em avião é portanto um problema muito mais complexo que o da Travessia do Atlantico e, se é possivel hoje bater o «record» de Philéas Fogg, parece que, no actual estado da aviação, não o será por meio de um aeroplano mas com a utilisação do caminho de ferro e do navio.

Como se ganha um tesouro

Continua produzindo-se incidentes e tornando-se conhecidos novos pormenores ácerca do caso de «La Larguilla». O carpinteiro foi posto em liberdade, porque, apesar de ter sido o iniciador do negocio, haver revelado o segredo da meza, que quiz adquirir, provou que não recebeu dinheiro algum do que foi repartido. Todos os detidos e processados são ciganos. Sabe-se que o medico que assistiu a «Larguilla» até á morte d'esta nunca recebeu honorarios, porque a julgava pobrissima.

Nos ultimos momentos de vida, a cigana suplicou-lhe que lhe enviasse um notario, porque desejava fazer testamento, recompensando-o pela sua assiduidade e desinteresse, legando-lhe a fortuna que possuia.

O facultativo não acedeu.

A imprensa local advoga no sentido de o advogado cobrar os seus honorarios do dinheiro que a justiça recupére dos ciganos.

Tambem reclama os bens da «Larguilla» um seu pretendido sobrinho.

Supõe-se que a tão falada meza continha n'um cofre secreto uma cem mil pesetas.

PARLAMENTO

Nos Deputados

O sr. Jacinto de Freitas insurge-se contra a demora na comissão de legislação civil, da proposta de lei sobre emolumentos judiciaes.

O sr. Antonio Mantas chama a atenção do sr. ministro da marinha para a necessidade de ser publicado um regulamento sobre a ostreicultura em Portugal.

O sr. ministro da marinha promete providenciar.

O sr. Aboim Inglez fala sobre camaras municipaes que não tem visto aumentar as suas receitas, motivo porque dificilmente podem manter as despezas.

O sr. Marques de Azevedo refere-se detidamente a uma representação da Associação Comercial de Braga, solicitando a construção dos caminhos de ferro de Braga a Monsão e o complemento da estrada de Braga a Chaves.

O sr. Henrique Braz protesta contra a falta de consideração que o governo está tendo para com o parlamento, no que se refere á discussão do tratado de paz.

O sr. José d'Almeida manda para a mesa e justifica varios projectos de lei.

Entra-se na ordem do dia continuando em discussão a proposta sobre o pagamento da divida á Camara municipal.

No Senado

O sr. Machado de Serpa solicita providencias para que seja convertido em lei o projecto 189, aprovado em 1916.

O sr. Heitor Passos, como o sr. ministro da instrução poucas vezes aparece no Senado, pede á presidencia que lhe solicite a comparencia. Depois pergunta se na meza já se encontram os esclarecimentos que pediu ácerca de nomeações para varias escolas.

O sr. presidente responde que não e o orador lamenta que assim aconteça.

Devendo passar-se á ordem do dia, eleição d'uma comissão especial para se ocupar da crise das subsistencias, o sr. Gaspar de Lemos lembra que essa entidade terá existencia efemera se fôr nomeada hoje, porquanto o regimento determina que todas as comissões pendem o seu mandato no final da epoca legislativa. Ora a legislatura termina hoje ou ámanhã, devendo começar outra no proximo dia 2. Propõe, por consequencia, que a referida comissão seja nomeada juntamente com as outras.

Assim se resolve, suspendendo-se os trabalhos até que chegue algum dos membros do governo, a quem alguns senadores desejam ouvir sobre determinados assuntos.

O intervalo ainda dura á hora de fecharmos o nosso extracto.

A AVENTURA MONARQUICA

O julgamento de hoje

O tribunal militar especial julgou hoje o alferes de artilharia 5, sr. Acacio Alves Diniz, que era acusado de fazer parte da coluna que operou ao norte de Aveiro, por ocasião do movimento monarquico de janeiro d'este ano e exercer o logar de administrador n'um concelho onde fôra restaurado o antigo regimen.

O reu declarou haver procedido em cumprimento de ordens superiores e que não exerceu cargo administrativo algum, e alega o facto de ter servido o referido cargo na situação sidonista, em Arcos de Val de Vez, tendo n'essa qualidade suspendido um jornal monarquico.

Foi condenado em 5 mezes de prisão correcional; como a detenção preventiva que sofreu é superior, foi restituido á liberdade.

*

Depois d'ámanhã deve responder o antigo guarda da policia civil Manuel Ferreira, ou Manuel Fava Rica, co-reu do já absolvido Augusto Carlos Bento, e ex-cabo de policia Januario Martins.

Findo este julgamento, o processo continua pendente, aguardando no tribunal a apresentação dos restantes co-reus, que se desconhece o seu paradeiro.

Salvemos as colonias!

Impõe-se uma remodelação completa dos processos até agora seguidos

Sr. director de «A Capital».—Frieza, insensibilidade, descrença e desinteresse é a sorte que espera qualquer assumpto fundamental, quer de seja economico, financeiro ou dos mais instantes problemas vitaes da nação e bem estar do povo.

Frieza, insensibilidade, descrença e desinteresse são os caracteres gravados no baixão de certas criaturas apegadas a um passado de conservantismo enervante.

Contra esses hostis sentimentos se vem lutando em Portugal a seus dominios ha muito tempo, mas em vão. Debalde aqueles que se interessam pelo levantamento desta raça erguem bem alto o estandarte da guerra santo, percorrendo de ponta a ponta os recantos nacionaes para a redentora cruzada.

Nesta conjuntura tão dificil e perigosa que atravessa a nossa nacionalidade e a nossa vida colectiva, sentimos nós, que não somos politicos arregimentados, nós que passamos o melhor da nossa existencia nas colonias, pulsar a ardencia purissima de um patriotismo não convencional e a vivida esperança de que a Republica vencerá este scepticismo anti-patriotico ou apagamento mesquinho.

Salvemos as colonias, sim! Tal deve ser o protesto constante, até final, de nós todos que não temos ardencias de escalar o poder, nem tramas a arvorar no mastro da meza, o saco da beneficencia!

Os portuguezes possuem, como ninguem, qualidades solidas que herdaram dos seus antepassados, taes como o culto do dever e do trabalho, o amor da familia, das suas glorias e um acendrado patriotismo. Possuem tambem em alto grau o espirito do sacrificio idealista como a aspiração mais elevada e mais ardente, convicções puras e afectos sinceros.

Este povo assim armado e equipado continua a ser a mesma potencia colonisadora de outrora, e o actual dominio de Portugal é ainda bastante vasto para lhe atribuir o terceiro logar entre as potencias coloniaes.

Em Africa, o arquipelago de Cabo Verde, a Guiné, as ilhas de S. Tomé e Principe, Angola e Moçambique. Na Asia, a India e Macau. Na Oceania, Timor.

Possuindo os portuguezes valiosas tendencias para assimilar, rapida e conscientemente, qualidades que são o fundo da nossa raça solida, povos temos produzido de ha anos para cá porque estamos amarrados a certos animos primitivos, onde enxameiam as irresponsaveis atavismos de uma guerra espiritual, que não quiz ver os perigos iminentes a que estamos sujeitos com esta politica de sujeição á metropole, perigos de ordem interna como teve a Inglaterra com as suas colonias da America do Norte, como teve a Espanha com as Antilhas, como teve Portugal com o Brazil. Perigos de ordem internacional com as outras potencias coloniaes se continuarmos a prosseguir no velho sistema colonial, de sujeição cega. A linguagem da imprensa sul-africana, nomeadamente dos jornaes ingleses «Sunday Times», «Star» e «Morning Post», sempre pronta a irromper, é de molde a espicaçar-nos o nosso brio e a nossa dignidade.

Falemos claro. Estes perigos existem latentes, palpitantes de imperialismo como o sabem alguns, como o sabe muitissimo bem a Sociedade de Geografia, mas infelizmente como o não sabe a maioria do povo portuguez, e foi pena que a Sociedade de Geografia julgasse dever considerar confidencial um questionario que sobre Lourenço Marques encarregou uma comissão de dar parecer.

Este questionario devia ser dado a ler a todos aqueles que amam a integridade do solo portuguez...

Salvemos as colonias! Este grito de alma em prol da Justiça e do Direito não pode ser sufocado nos gabinetes ministeriaes, nem no seio das variadas comissões nomeadas para dar o seu parecer acerca da projectada autonomia colonial.

A nossa administração colonial tem sido empirica e exuberante de leis, a maior parte inaplicaveis, os governadores sucedem-se num vae-e-vem continuo, não tem havido programa organisado, marcha-se ás cegas, as lutas politicas, comesinhas de compadrios, de intrigas de sobrelhero são nas colonias o triste reflexo do que se passa na metropole.

Os cofres do governo coloniaes são para muitos uma verdadeira draga chupadora de funcionamento automatico.

Moçambique, especialmente, oferece um perigo iminente sobre as nossas cabeças, sendo como é, um bloco encravado em territorio estrangeiro. Por toda a parte nos espreitam inimigos em constante alerta... E as nossas colonias dirigidas pelo cordão umbilical do cabo submarino, ligado ao Terreiro do Paço, nada produzem por falta de atribuições proprias, por não terem um orçamento proprio, um plano definido, um programa economico e financeiro, sem civilisação no interior por falta absoluta de missões de ensino, sem quasi não de obra indigena, mercê de uma imigração assassina para o Transvaal, em Moçambique. As colonias estiolam-se ante os privilegios burocraticos e direitos exclusivos de certas classes que excluem outras da administração.

Não existe lá liberdade de acção financeira, economica ou mercantil. Morre-se lentamente, mas morre-se.

Salvemos as colonias, mas como? Remodelando todo este estado de coisas, dando plenos poderes ao governador, exigindo dele que não seja um politico da confiança deste ou daquele partido, que seja inteligente, honesto, trabalhador, justiceiro e imparcial, um homem formado na escola do dr. Alvaro de Castro.

E' preciso remodelar o estado caótico de que enfermam os serviços publicos.

E' absolutamente necessario um vasto plano de trabalho a executar. Impõe-se o ensino profissional indigena e o estudo atento dos seus usos e costumes, compativeis com a civilisação.

Muito trabalho ha a executar, mas tomo isto está é impossivel produzir-o.

A continuarmos nesta apatia cri-

minosamente, tudo se sumirá, sem que algumas esperanças de melhorias compensem tantos sacrificios de vidas e de haveres deixados nos inhos sertões africanos.

Seremos como o lavrador negro, ignorante dos modernos processos de cultura, quando atira com as sementes ao acaso, para cima das glebas, que não cavou como devia, que não adubou, nem irrigou, seremos ainda, como este indigena ignorante, quando atribue depois a nenhuma colheita aos elementos que foram muitos ou nenhuns, á feitiçaria do seu visinho invejoso...

Para modificar estas circunstancias, lastimosas em todos os pontos de vista, qual será o processo?

O governo pondo de parte informações, que por eufemismo lhe chamaremos... algumas coloniaes, passar por cima destes manejos antipatrioticos e dar a maior autonomia ás colonias.

Mas isto sem demoras ou delongas.—Shirley d'Oliveira.

Theatros e Cinemas

Nota do dia

Os jornaes chegados do Brazil dão-nos extractos do relatorio que acompanhou o projecto apresentado na camara dos deputados pelo sr. Mauricio de Lacerda, autorisando o governo a crear o «Teatro Nacional», nos moldes do teatro francez e portuguez.

Esse documento motivou largas discussões, azedumes e poucos... resultados praticos. Nós estamos fóra do interesse magno que esse relatorio desperta, mas porque se refere muito a nós, porque cita exemplos da nossa vida teatral, não podemos deixar de transcrever alguns periodos, que interessarão pelo menos, a gente da classe:

Dentre eles:

«Os empresarios são quasi todos estrangeiros: Mocchi associado a Da Rosa; este espanhol ou italiano, ou portuguez aquele italiano, ex-«rei» socialista, em Milão, em 24 horas; José Loureiro, portuguez de Mangualde, na Beira Alta; Paschoal Segreto, italiano, Staffa, tambem italiano. Esses, portanto, não nos poderão valer na emergencia. Não temos um Conservatorio, a que recorrer, como Portugal, e este mesmo póde dar resultados desnorteadores, assim Maria Matos, primeiro premio de tragedia no Conservatorio, veiu fazer baixa comedia, e Dalila Mottili, primeiro premio de comedia, fazia revista.

«No Conservatorio Dramatico do Rio ha, em compensação, um professor que representava em Lisboa, sua terra, revistas de ano. Por outro lado, Adelina Abranches, de instrução rudimentar, poude crear a figura da «Maslowa» da «Ressurreição», de Tolstoi, sem passar pelo Conservatorio portuguez, onde, cremos, só se perdeu por comparecer aos directores do mesmo para recitar o monologo da «Maria», de Frei Luiz de Sousa, com que lhes arrancava lagrimas. Como essa grande artista Angela Pinto, como Amelia Pinto, os irmãos Rosa, o velho João Anastacio Rosa, Lucinda Simões e seu pae, o velho actor Simões; como este Antonio Pedro, que no «coveiro» do «Hamlet», recebeu o beijo e as lagrimas de Coquelin.

«O teatro Nacional de Lisboa, por sua administração, dando garantias fixas a artistas mal escolhidos ou mesmo inconfessavelmente indicados, afastou os bons, os capazes, como Adelina Abranches, Angela Pinto, Lucinda Simões, Lucilia Simões, Eduardo Brazão, Ferreira da Silva, Alexandre de Azevedo, Chaby Pinheiro, Palmira Bastos, Carlos Santos e outros de gloriosos triunfos. Em seu logar as protegidas dos comissarios do governo ou suas aparentadas plantaram-se no teatro, com o «pistolão» empurrou as mediocridades para «cavação» do elenco de garantias fixas na nova comedia. Além desse elemento de fracasso a burocratisação estiola o teatro portuguez, e a burocracia repugna ao artista, tanto assim que entre nós a Casa dos Artistas, imitação da Casa Moliére, não lhes pode vencer essa repulsa.

«Essas palavras de um competente, tão cheias de viva fé, precisam ser meditadas por quem tiver de estudar o problema do teatro entre nós. E ele se faz um problema pelas causas e estorvos que vimos enumerando de penosa remoção. Basta dizer, para aferir de sua desordem, que ha pouco uma sociedade teatral, a mais importante, fez seu delegado em Paris, nos meios artisticos teatraes para contratar, etc., o sr. Zeantone, alcunha do ex-porteiro do Trianon e antigo creado do Hotel Nacional, sendo que dali acabava de regressar o sr. Paulo Barreto, cremos, em condições indiscutivelmente melhores que o nomeado.

«Para a escolha muito melindrosa das obras competirá ao conselho expungir no meio teatral as más, que entre ele viçam, grosseiras ou banaes. Seu melhor auxiliar será a critica, digna desse nome, onde já apontam personalidades, mas em que se agitam ainda alguns fulgores noticiaristas ou individuos desprovidos de probidade jornalistica, que consagram mulheres e não artistas, que ajudam os amigos e não julgam os actores».

Este extracto serve para amostra do documento em questão. Os comentarios ficam para cada um.

Noticiario

Portugal

E' a seguinte a distribuição da peça «Boa gente» de Rossiñol que amanhã vae á scena no Politeama: «Mariana», Aura Abranches; «Catalina», Jesuina de Chaby; «Batista», Chaby Pinheiro; «Rafael», Pinto Grijó; «Julia», Julia Assunção; «Lola», Maria Emilia; «Uma Mulher», Laura Fernandes; «Antolin», Ciclo de Carvalho; «Farnell», Santos Melo; «Batistinha», Manuel Rocha; «Julião», João Henriques; «Pena», Joaquim de Oliveira; «Um jogador», Portugal; «Um homem», Telmo de Sousa.

França

Os artistas Albert Lambert e Madeleine Roch, da Comedia Franceza, foram a Metz dizer versos por ocasião do aniversario da entrada das tropas francezas naquela cidade.

—Em Paris faz-se neste momento reposição de velhas peças como «A Favorita», «O Barbeiro de Sevilha», «A Bela Helena», «A dama das Camelias», «Carmen», «Viagem á roda do mundo em 80 dias», «Os Dragões de Villars», «Teodoro & C.ª», «Le petit Duc», «A Mascote» e outras.

Espanha

Esta semana temos em Madrid as seguintes peças:

Español—«Don Juan Tenorio».
Princeza—«El conde Alarcos».
Comedia—«Faustina».
Centro—«La razón de la locura».
Lara—«La noche de la verbena» e «Febrerillo el loco».
Reina Victoria—«Los trovadores» e «El as».
Eslava—«Los pasionales» e «Rosaura, la viuda astuta».
Infanta Izabel—«Secretos de confesión», «Rocío la Canasterra» e «Entre café y calé...»
Cervantes—«Lo que tu quieras» e «El amigo Carvajal», «De rodillas y a sus pies» e «Los amigos del alma».
Zarzuela—«El carro del sol» e «La canción del olvido».
Apolo—«El barberillo de Lavapiés» e «Pancho Virondo».
Cómico—«El machacante», «Congresso feminista» e «La gardeña».
Novedades—«El estudiante», «Primer amor», «El Lobato», «La suerte loca» e «Como llovida del cielo».
Martín—«Serafín el Pinturero», «El Club de las Infortunadas» e «Las corsarias».
Coliseo Imperial—«El agua del Jordán»—«El verdugo de Sevilla».
Latina—«Malvaloca», «La garra» e «Los chorros del oro».
Fuencarral—«La daga» e «Tienen razón las mujeres?».

Cartaz de hoje

Nacional, ás 21, «O Cardeal».
S. Luiz, ás 20,30, «O pé de meia».
Ginasio, ás 21,30, «A cadeira n.º 13».
Politeama, ás 21, «Adeus mocidade».
Eden, ás 20, O quadro novo «Bacos e Companhias» e a revista «Aqui d'El-rei».—A's 22—«A princeza dos dollars».
Avenida, ás 21, «O pão Simão».
Apolo, ás 21,30, «Os 20 milhões».
Coliseu dos Recreios, ás 21, Grande Companhia de Circo.
Animatographos—Salão Foz, Olympia, Condes, Chiado Terrasse, Salão da Trindade, Salão da Promotora, em Alcantara, Salão Portugal, rua de S. João da Praça.

Vida Sportiva

UM CONFLITO SOLUCIONADO...

Inocencio Pinto contra Couto Junior

Um «match» motociclista de 180 voltas com 1.200 escudos de premio

Foi no dia 6 deste mez que a casa Santos Beirão concedeu ao jornal «Os Sports» a entrevista que deu motivo a que o corredor de motos sr. Inocencio Pinto lançasse um repto a Couto Junior, repto que foi confirmado mais tarde pelo representante da maquina «India».

O publico, que tem acompanhado desde então as cartas que teem sido publicadas naquele jornal, julgou, como nós tambem chegámos a julgar, que a questão se eternisava de forma a não se efectuar o encontro.

Felizmente, tal não sucedeu, visto que «Os Sports» conseguiu um acordo entre os representantes das duas maquinas «Excelsior» e «India», e o repto vae, emfim, ter efectivação.

Não é uma prova vulgar a que se efectua no dia 7, no Stadium; ela pode trazer aos meios sportivo e comercial grandes dissabores ou grandes glorias porque não é só a rivalidade que existe de ha muito entre os corredores Inocencio Pinto e Couto Junior, mas é ainda a rivalidade e competencia das marcas que disputam a primeira classificação, demonstrando o seu valor.

A prova que se vae realisar é a que até hoje se tem feito de maior resistencia não só na distancia a percorrer, que são 90 kilometros (180 voltas), como pelo premio, que é na importancia de 1.200 escudos.

O publico que por vezes, ao despertar-lhe entusiasmo a luta numa pista entre dois motociclistas fortes, não tem a certeza absoluta da rivalidade entre os concorrentes, nesta corrida que «Os Sports» vae efectuar, verá que essa rivalidade será o principal factor, devendo por isso resultar a luta mais emocionante que até hoje nos é dado registar.

Couto Junior monta uma «Excelsior» e Inocencio Pinto uma «India».

Qual dos corredores percorre as 180 voltas em menos tempo? Qual das motos demonstrará superioridade?

Dificilmente se poderá prognosticar.

O produto liquido desta festa será destinado para o Azilo de Cegos Branco Rodrigues e para os mutilados da guerra, por proposta do sr. Manuel Cárabe, da empreza do Stadium, e Couto Junior, da casa Santos Beirão.

«Os Sports», a quem foi confiada a organisação da festa, vae abrir a inscrição para uma corrida ciclista, cujos premios serão medalhas de vermeil e prata.

Foot-ball

No domingo e segunda-feira realisa-se a abertura da epoca de «foot-ball», havendo tres desafios e revertendo o produto a favor do cofre da Associação de Foot-Ball de Lisboa.

Esgrima

A'manhã começa a disputar-se no salão do Ginasio Club Portuguez o campeonato nacional de espada, organisado pelo Centro Nacional de Esgrima.

"A Caverna Sagrada"

De todas as jornadas da formidavel fita «As garras do leão», que tem feito as delicias dos numerosos frequentadores do Salão Central, é talvez esta a que maior soma de interesse tem despertado. «A Caverna Sagrada», com os seus cultos selvagens, os seus tenebrosas selvas e os seus ferozes habitantes, forma um punhado de episodios, alguns dos quaes podem ser considerados como verdadeiras obras primas no genero.

Vae-se aproximando o final da sensacional pelicula, pois que só falta uma jornada para a sua conclusão, e ainda não diminuiu o interesse do publico por tão extraordinaria fita de aventuras, como tão pouco afrouxou as seus prodigiosos trabalhos de actriz consumada e de artista dedicada a todos os desportos, a intrepida e deliciosa Marie Walcamp, grande entre as grandes cultoras da arte do silencio.

«A arvore da morte», «As furias do Averno» e «A Caverna Sagrada», são as tres jornadas que hoje iluminam o lindo écran do Salão Central, anunciando-se também a estreia de tres peliculas: — «Ilhas Selvagens», com aspectos lindissimos; «Caminho do dever», em 5 actos, um trabalho soberbo da formosa e elegante Gabriela Robine, e «Complot contra Salustiano», uma despopilante comedia pelo engraçado Prince.

A'manhã, sexta-feira, uma encantadora «matinée», com a estreia da finissima comedia em 6 actos «A Passageira», pela divinal Pina Menichelli.

O Rocio

O mais empolgante, o mais alegre e ao mesmo tempo o mais instrutivo espectaculo é a celebre revista «O Pé de meia», ampliada agora com o novo acto «O Rocio» em que se faz a evocação de factos historicos passados naquela praça desde os tempos de D. Pedro I e a reconstituição de scenas interessantes com passagens historicas. As duas novas apoteoses são de brilhantissimo efeito e grande originalidade, e tudo concorre para que a cidade de Lisboa corra todas as noites para o teatro São Luiz, na certeza de que não ha onde passar melhor umas horas.

Poeira da Arcada

Visita ao governo civil

O sr. presidente do ministerio visita ámanhã pelas 14 horas o edificio do governo civil.

O assassino do dr. Sidonio Paes

Segundo consta, a procuradoria da Republica vae providenciar no sentido de que tenha rapido andamento o processo contra José Julio da Costa, o assassino do dr. Sidonio Paes.

Associação Academica de Coimbra

Foi assignado com a Caixa Geral de Depositos um emprestimo de 100.000$00 para a conclusão do campo de jogos e construção d'um edificio para instalação da Associação Academica de Coimbra.

Empregados no Comercio de Lisboa

A inauguração do edificio social da Associação de socorros mutuos dos empregados no comercio de Lisboa, que estava marcada para o proximo dia 1, ficou transferida para o dia 7, em virtude do sr. presidente da Republica ter manifestado o desejo de assistir a esse acto.

Atropelado por uma carroça

No banco do hospital de S. José, foi curado José de Melo, rua da Silva, 32, loja, que proximo do Campo Pequeno, foi atropelado por uma carroça, ficando muito ferido no pé direito.

Juntas de freguezia

DO SACRAMENTO — Reune amanhã, pelas 21 horas, no largo do Carmo, 32.

Festas associativas

CLUB ESTEFANIA.—Realisa-se depois d'ámanhã a inauguração da época, com a primeira representação da peça franceza «O desgravo», seguindo-se baile.

Atropelado e morto por um camion

N'um auto da Cruz Vermelha, foi conduzido ao hospital de S. José, onde já chegou cadaver, sendo depois verificado o obito pelo dr. Balbino do Rego, removido no mesmo carro para a Morgue, um individuo que aparenta ter 50 anos, pobremente vestido, que na rua do Muzeu de Artilharia foi, ás 20 horas de hontem, atropelado por um «camion» da Companhia Nacional de Moagem. O «chauffeur» Lourenço Gonçalves apresentou-se voluntariamente na esquadra dos Caminhos de Ferro, onde ficou detido.

Ultima hora

A ordem publica

Proibido pelo governo o comicio operario anunciado para hoje no Parque Eduardo VII, resolveram as classes proletarias realisar sessões em todas as sédes das suas associações ou sindicatos. Em conformidade com tal resolução, as classes operarias, na sua grande maioria abandonaram o trabalho pelo meio dia, convergindo ás suas associações, onde as sessões estavam marcadas para as 14 horas.

A esse tempo já a guarda republicana, bem como a policia civica e os regimentos de infantaria 1 e cavalaria 2 se encontravam de prevenção rigorosissima.

Nem todos os operarios abandonaram o trabalho, motivo por que em varios pontos se deram conflitos de som nos importancia a que a policia e a guarda republicana rapidamente puzeram côbro.

Os operarios do Arsenal da Marinha recusaram-se a abandonar o trabalho, o mesmo sucedendo ao pessoal dos electricos e dos caminhos de ferro. Em compensação, depois do meio dia deixaram de trabalhar os operarios das obras do Estado, da Camara Municipal, das obras do Manicomio Miguel Bombarda, da Construção Civil, o pessoal operario dos bairros sociaes, etc.

Do meio dia em diante as ruas da cidade tiveram uma animação fóra do vulgar, vendo-se principalmente no Chiado, largo das Duas Egrejas, Praça de Camões, rua do Loreto e Paulistas, grupos numerosos de operarios que com calor discutiam os acontecimentos.

Travam-se ligeiros conflitos entre os operarios

Como deixamos dito, nem todos os operarios atenderam o pedido do abandono do trabalho, motivo porque grupos de operarios que percorriam as obras e oficinas se travaram em conflito com os seus camaradas.

No bairro social, ao Arco do Cego, apareceu uma grande comissão que intimou os operarios a acompanhal-a. Houve a principio certa relutancia, foi pedido auxilio á policia mas quando esta ali chegou já todos os operarios tinham abandonado as obras.

Muitas obras particulares no Campo Grande paralisaram mas noutras os trabalhos proseguiram. Uma numerosa comissão esteve tambem na Companhia dos electricos em Santo Amaro, sendo dispensada pelo respectivo pessoal que mais tarde foi coadjuvado pela policia.

Metade do pessoal da fabrica de Chelas abandonou o trabalho, sendo dispersada pela policia outra comissão que apareceu no Alto do Pina, a intimar os seus companheiros a acompanhal-a. Nas obras de S. Vicente apenas ficaram o mestre e o chaveiro, tendo tambem a maioria do pessoal da Exploração do Porto de Lisboa, secundado o pedido dos seus camaradas. Nos Anjos apareceu outra comissão que a policia tratou de dispersar, o mesmo sucedendo a outro numeroso grupo que apareceu ao portão da Imprensa Nacional no intuito de arrastar os operarios daquele estabelecimento do Estado á demonstração de solidariedade.

Na Mouraria e Bairro Alto outros grupos tambem foram dispersos, tendo estado em riscos de ser assaltada uma serralheria da rua do Norte, onde a policia, comparecendo a breve trecho, impediu taes intentos.

O extinto ministerio dos abastecimentos esteve guardado pela policia, por no governo civil haver noticia de que um grupo iria assaltar aquela secretaria do Estado.

Todo o pessoal da Companhia dos Tabacos abandonou o trabalho, tendo varios grupos percorrido a rua Eugenio dos Santos e pedindo ás oficinas para encerrarem as suas portas. A policia dispersou-os. Os operarios do Parque Eduardo VII e do hospital de Campolide, egualmente abandonaram o trabalho.

Nas Picôas, um numeroso grupo fez ali ponto de concentração, indo depois reunir para a Avenida 5 de Outubro e rua Andrade Côrvo. A policia da proxima esquadra, sob o comando de um cabo, pretendeu spalhar os manifestantes, o que a tal se recusaram, apedrejando os guardas. Estes deram alguns tiros para o ar, pondo em debandada os operarios. Para o local seguiu tambem um piquete de cavalaria da guarda republicana, que restabeleceu a ordem.

Cerca de 5.000 operarios reunem-se na C. G. T.

Pelas 14 horas era verdadeiramente extraordinario o numero de operarios que se aglomeravam na calçada do Combro, junto ao antigo edificio do Correio Geral, onde se acham instaladas as escritorios do jornal «A Batalha» e as sédes da C. G. T. e U. S. O.

As janelas do edificio achavam-se apinhadas e pela rua mal se podia romper, sendo a custo que os electricos da Estrela avançavam.

Cerca das 13 horas e meia apareceu no local um piquete de cavalaria da guarda republicana, do comando de um sargento, que estabeleceu patrulhas, com o intuito de impedir ajuntamentos.

Dificil se tornou fazer cumprir as ordens, pois não havia forma de em tão pouco espaço aglomerar os 5.000 operarios. Estes tiveram que se espalharem pelas ruas do Bairro Alto e jardim do Alto de Santa Catarina, não se registando no entanto quaesquer conflitos.

A's 14 horas e meia foi aberta na séde da U. S. O. a sessão, usando da palavra os srs. João Jorge, pelo Sindicato dos Pedreiros; Victor Martins, pelos carpinteiros e Alfredo Lopes, pelos canteiros.

Os oradores referiram-se largamente á carestia da vida, ás 8 horas de trabalho e ao aumento das rendas das casas, sendo aplaudidos com extraordinario entusiasmo.

Por fim, foi aprovada a moção que devia ser lida no comicio do Parque Eduardo VII, sendo encerrada a sessão pelas 16 horas.

Os reclamantes sairam depois em massa do edificio, em direcção aos Sindicatos das Artes Graficas, no Bairro Alto, tendo-se n'essa occasião travado conflicto entre alguns d'eles e quatro soldados da guarda republicana que ali andavam á paisana.

Interveiu o guarda civico n.º 282, que tendo ficado gravemente ferido na contuso, foi conduzido no «side-car» do alferes Ferreira, da policia, para o posto da Misericordia.

A cavalaria da guarda republicana fez varias evoluções, havendo então correrias e um certo borborinho, que restabelecendo-se pouco depois a ordem, com a debandada do grosso dos operarios.

Até bastante tarde as ruas do Bairro Alto, bem como as do Calhariz, estiveram animadissimas.

Nas obras da nova séde da «Voz do Operario», na rua da Infancia, á Graça, estabeleceu-se conflicto com alguns operarios.

Varias prisões

A policia de Segurança do Estado prendeu os seguintes individuos suspeitos de implicados em tentativas de alteração da ordem: Monteiro Motta, empregado do Club Nacional, ao Chiado; Isidro Solano de Almeida, ex-chefe dos impostos e irmão do ex-capitão Solano de Almeida.

Tambem consta terem sido detidos alguns sargentos da guarda republicana.

Os presos acham-se incomunicaveis em varias esquadras.

—O sr. ministro da marinha teve hoje uma demorada conferencia com o sr. presidente do ministerio.

Almirante Canto e Castro

O sr. almirante Canto e Castro esteve hoje, pelas 14 horas, no quartel do Carmo, a retribuir os cumprimentos que lhe haviam sido feitos pelo comandante e oficialidade da guarda republicana.

Noticias da Capital

Nem a policia escapa...

O guarda civico n.º 1298 queixou-se no comando de que os gatunos entraram na casa da sua residencia, rua Passos Manuel, 54, 3.º, e furtaram objectos de ouro e roupas no valor de 150 escudos e bem assim a pistola que lhe estava distribuida para o serviço e que tem o n.º 154.685.

Desaparecido

Na segunda-feira passada desapareceu de casa Lino Augusto de Oliveira, de 17 anos, filho de Manuel Fernando de Oliveira e de Felismina de Oliveira, residentes na rua do Bemformoso, 218, 4.º. Vestia casaco claro, calça castanha, chapeu verde claro, calçava botas pretas; é moreno, rosto comprido, alto e magro.

Os paes, que se encontram aflictissimos, rogam a quem o encontrar o favor de lh'o comunicarem.

Remessas atrazadas

Na estação de Santa Apolonia restam-se do dia 10 de dezembro e ultimo das remessas não retiradas no devido prazo e dos volumes não reclamados.

Os consignatarios, querendo, podem levantar as remessas em todos os dias uteis, das 10 ás 16 horas, até ao dia 9 inclusivé.

Agredido com uma facada

Recebeu curativo no Banco do hospital de S. José o menor de 15 anos Antonio Rodrigues, morador na rua do Conde das Antas, 6, que na Rotunda foi agredido com uma facada na perna esquerda. Depois de pensado, recolheu a casa.

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

3389 — 10.º ano | Direcção e propriedade de Manuel Guimarães | Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º

LISBOA — Sexta-feira, 28 de Novembro de 1919

Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL | Officina de impressão — 71, Rua da Bica, 71 | Preço, 2 centavos

Caminhos de ferro

Fala-se em que, para a Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguezes, vae ser novamente nomeado um director francez.

Esta questão da direcção da Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguezes tem uma historia.

Primitivamente dirigida por francezes, conseguiu-se a certa altura que a passassem a dirigir portuguezes. Aqueles que, como nós, já dobraram o cabo dos quarenta anos recordam ainda a epoca distante em que Mariano de Carvalho conseguiu estabelecer essa forma de supremacia portugueza nos interesses e destinos da Companhia.

Por portuguezes foi dirigida a Companhia até ao «krack» de 1892. Então necessario se tornou firmar um convenio, no qual se estipulou que haveria, na Companhia, um director e um sub-director, sendo um destes francez.

Até 1913, ou seja durante um periodo de onze anos, o director da Companhia foi um francez. Desempenhou primeiro esse cargo o sr. Henry Boyer; depois, o sr. Paul Chapuy; depois, o sr. Leproux, e finalmente, o sr. Louis Fourquenot.

Dizemos finalmente porque depois deste ultimo deixar a direcção da Companhia, em 1913, o governo da Republica conseguiu que essa direcção fosse confiada a um portuguez. E por um portuguez tem sido dirigida até agora, não se tendo mesmo nomeado sub-director que, pela letra do convenio, deveria, nesse caso, ser um francez.

Agora, anuncia-se que a direcção da Companhia vae ser novamente confiada a um francez, depois de, por duas vezes, se ter conseguido que ela fosse ocupada por portuguezes.

E' com estranheza que recebemos esta noticia, estranheza que se complica com a magua de tantos e tão longos esforços baldados.

Não ha, como já vimos, na letra do convenio, nenhuma prescrição expressa de que o director da Companhia tenha de ser um francez. Pode ser o director ou o sub-director. Todavia, é obvio que só a direcção tem uma importancia efectiva. E a letra do convenio continua a permitir que um portuguez ocupe esse alto cargo.

A causa desta nova fase da Companhia está no seu desequilibrio. Já a ninguem é licito pretender ocultar essa verdade, ou negar a sua significação. Por isso, ha quem reclame outra vez a interferencia franceza na direcção da Companhia.

Não é este facto lamentavel? Vamos perder terreno que durante tanto tempo procurámos ganhar, á custa dos mais persistentes esforços. Um facto desta natureza reflecte-se no proprio paiz, e nas instituições que o regem. Por todos os titulos, é triste e desagradavel.

Precisamente todo o nosso empenho deveria consistir em mostrar ao mundo que sabemos dirigir e administrar. Deixando que um dos principaes serviços da nação volte para a influencia e predominio estrangeiro, implicitamente confessamos a nossa incapacidade.

Acresce que entre as eventualidades previstas duma renovação economica e financeira do paiz figura o projecto do resgate dos caminhos de ferro. Até que ponto a nomeação dum director francez para a Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguezes poderá influir no exito dessa operação, é assunto que deve necessariamente solicitar a atenção dos poderes publicos.

Seja como fôr, repetimos, o facto é desagradavel, tão desagradavel que ainda nutrimos esperanças de que se tentem todos os meios adquados para o impedir.

Uma noticia a esclarecer

Transcrevemos de um jornal da manhã de hoje a seguinte noticia da arcada:

«O «Diario do Governo» deve publicar uma portaria, determinando que ao oficial de marinha sr. Albano Augusto de Portugal Durão sejam pagos, pela administração dos transportes maritimos e por conta das suas receitas, os vencimentos com ele ajustados no contracto lavrado no ministerio do trabalho, e que não chegou a ser assinado em virtude da revolução de 5 de dezembro de 1917, além das percentagens que lhe pertenciam por lei, até á data em que foi mandado apresentar no ministerio da marinha e sem prejuizo ainda das outras reparações a que tem direito».

Seria interessante saber-se a quanto montam os vencimentos e as percentagens a que a noticia se refere, bem como os termos do contracto entre o ministerio do trabalho e o sr. Portugal Durão.

Havérá quem nos possa dar essas informações?

CRONICA

OS DEZ MAIORES

Um «magazine» parisiense, naquela febre de atrair todo o mundo, abriu um concurso, mais um concurso, cujo tema é ainda a guerra.

Depois de ter dado logar a milhares, se não milhões de livros em todos os paizes—mas pertencendo á França 80 por cento dessa enormidade—a guerra é agora objecto de comemorações, homenagens tardias e até de concursos mais ou menos inteligentes, mais ou menos patrioticos e curiosos.

Este cifra-se em classificar os «10 maiores homens da guerra», saber por um escrutinio popular quaes foram eles, dando tanto quanto possivel as razões dessa preferencia.

A alma franceza vibra ainda da satisfação com que esmagou os seus vencedores de 70. Por isso acorrerá a glorificar os seus idolos actuaes, aqueles que a levaram até ao Rheno.

Aqui surgirá a primeira dificuldade, desse arranjo, para destrinçar os 10 maiores homens da guerra. Para estes 10 gloriosos logares esmurram-se logo de entrada os generaes, os comandantes, os marechaes; depois vem a Inglaterra com os seus chefes, com os seus politicos, com os seus almirantes.

A Belgica, com o seu rei e com Leman, o defensor de Liége. A Servia com o rei Pedro, a America com Pershing...

Mas são esses os maiores da guerra? E quaes deles? Que base para se poder avaliar entre Kitchener, o fazedor de soldados inglezes e Gallieni, salvando Paris?

Será Clemenceau, a resistencia viva da França, o odio de 70 a governar os destinos do mundo, Lloyd George, ou Mangin nos fortes de Verdun, inutilisando para sempre a avançada germanica? E podem ser excluidos dos «10 maiores», Foch e Joffre, o almirante Beatty sem o qual a guerra teria sido outra? E Wilson intervindo decisivamente, orientando depois os destinos perturbados do mundo?

A não se chegar á conclusão que os 10 maiores homens da guerra foram... vinte, figuras heroicas e energicas, constituindo outros tantos centros de resistencia em todos os paizes, o problema resultará insoluvel porque cada qual terá o seu idolo especial; para muitos ha-de ser Guynemer um dos maiores homens da guerra, para todas as mães, para todas as viuvas, haverá um logar especial pelo «que lá ficou».

Mas, sem entrar pelo lado afectivo não será tambem para alentar os pequenos incidentes da guerra, onde foram «grandes» e heroicos pequenos vultos apagados da guerra?

Feita de incidentes, não pode a resistencia dum pequeno «cabo» sósinho depois de mortos os seus companheiros ter impedido a surpreza do seu batalhão que arrastaria a retirada duma divisão e daí —quem sabe?—a mudar a face da guerra?

O sacrificio dos humildes, os pequenos episodios que formaram o grande conjunto tiveram por autores vultos apagados, que uma Cruz de Guerra reconhece.

Não haverá nessa legião os «maiores homens da guerra?»

Por isso é interessante o concurso do «magazine» francez e interessantes mas talvez falsos os resultados a que chegará a turba parisiense na sua ancia de chamar heroes e descobrir idolos.

A. F.

PARLAMENTO

Nos Deputados

Emigração clandestina
A questão sacarina
Os cambios

Preside o sr. Domingos Pereira. Presentes 81 deputados.

Na tribuna reservada aos diplomatas, encontra-se o nosso embaixador no Brazil, sr. dr. Duarte Leite, acompanhado pelo secretario da legação sr. Artur Nobre.

O sr. Alvaro Guedes diz que as comissões de legislação civil e criminal estão empenhadas em dar, por estes dias, parecer sobre a tabela de emolumentos judiciaes.

O sr. Nuno Simões chama a atenção do sr. ministro do interior para a emigração clandestina que está sendo tanta como a outra. E' precisa uma severa repressão contra os engajadores.

Penalisa-o que este facto se esteja dando, sem que se tomem as necessarias providencias. Confia em que o sr. ministro do interior, cuidadoso como é, irá diligenciar pôr cobro a semelhantes factos. O norte do paiz está sendo, pelo que respeita a este assunto, teatro de façanhas inqualificaveis.

As facilidades que se estão dando aos engajadores para a pratica de tal crime, contribuem para levar á cadeia muitos honestos trabalhadores, cuja actividade melhor seria empregada no desenvolvimento agricola e industrial do paiz.

O sr. presidente do ministerio responde que o problema a que o sr. Nuno Simões se acabava de referir, o tem procupado deveras. S. ex.ª não foi justo quando afirmou que não haviam sido tomadas as necessarias providencias. Diz que já deu ordens terminantes aos governadores civis para reprimirem o engajamento, prendendo os engajadores.

O sr. Jorge Nunes (em áparte)—Pedi ha tempos varios documentos, pelo ministerio dos estrangeiros, sobre engajamento de operarios para França e até agora nada consegui obter.

O orador, termina afirmando que usará todos os rigores para reprimir semelhante emigração.

O sr. ministro dos estrangeiros diz que já deu as ordns precisas para serem facultados ao sr. Jorge Nunes copias dos documentos que requereu.

O sr. Pedro Pita manda para a mesa um requerimento dum revolucionario de 31 de janeiro, chamando para ele a atenção da comissão de guerra. Queixa-se, em seguida, do abandono a que a Madeira tem sido votada e lamenta que ainda não tenham sido discutidos a questão sacarina e o projecto de regulamentação do jogo naquela ilha. Salienta a desegualdade com que são tratados os interesses açoreanos e os madeirenses que atribue á chamada questão separatista, concluindo por afirmar que, se reconhecer que assim é, talvez apareça tambem uma questão separatista na Madeira, pois ela, bem portugueza e bem republicana, tem direito a progredir.

O sr. Henrique Braz refere-se a alta dos cambios e a forma como se esbanja nas esferas governativas, desrespeitando a lei travão.

A sessão continua.

No Senado

Funcionamento de comissões parlamentares

Em conformidade com a convocação feita hontem, reuniram hoje algumas comissões parlamentares do Senado, a fim de apreciarem varios pareceres sobre projectos dimanados da Camara dos Deputados.

Até quasi ao fim da tarde funcionaram as comissões de instrução, fomento e guerra, cujos trabalhos ficaram muito adiantados.

OURIQUE

ALJUBARROTA

BUSSACO

FLANDRES

E tantos outros padrões de gloria e heroicidade portugueza passarão nos folhetins

Ás grandes batalhas

que «A Capital» começa a inserir em 2 de janeiro de 1920, pela pena invocadora do primeiro escritor portuguez da actualidade

o dr. Julio Dantas

A vida heroica dum Portugal Grande, os rasgos alevantados dos nossos bravos soldados, gente de Afonso Henriques ou «serranos» de La Lys, são paginas de historia, que, desde o nascer da nacionalidade até ás horas gloriosas da Flandres, atestam a valentia, a generosidade, a lealdade da gente portugueza.

O aviador Fronval obrigado a aterrar em Badajoz

O aviador Fronval, que hontem tinha levantado vôo em direcção a Paris, foi obrigado a aterrar em Badajoz, devido a uma «panne».

Volta a Lisboa pelo caminho de ferro e seguirá no aparelho que pertencia ao infeliz Gaston Bourgeois.

POLITICA

O P. R. L. não está ainda preparado para assumir o governo

Tem causado estranheza a atitude de semi-oposição mantida pela representação parlamentar do P. R. L. Na realidade os liberaes fazem apenas a oposição suficiente para os não tomarem como governamentaes, como se verificou, por exeplo, quando, recentemente, o sr. Sá Cardoso poz nitidamente a questão de confiança. Ora nós acreditamos que uma informação que nos deram ácerca desta atitude de aparente duplicidade é propria para tudo se compreender e, por isso, a vamos registar.

O P. R. L., de formação recente e ainda de cohesão instavel, necessita de fortificar-se na provincia, onde os seus dirigentes encontrarão (segundo dizem) um bloco eleitoral que lhes dará ganho de causa, em ocasião oportuna. Mas essa ocasião não chegou ainda, porque a organisação partidaria está em começo. E como já lá vae o tempo de se poderem realisar, impunemente, eleições «á la poigne», o P. R. L. não tem empenho em ir imediatamente ao poder e, em consequencia, tem interesse na conservação do gabinete Sá Cardoso, que lhe oferece mais garantias de equidade que outro qualquer que saisse, é claro, da facção democratica inspirada ou dirigida pelo sr. Antonio Maria da Silva. Mas o P. R. L. procura encurtar, tanto quanto possivel, o ponto de saturação da sua organisação partidaria. Trabalha-se activamente em todos os distritos do paiz e é possivel que, dentro de alguns mezes, o P. R. L. possa desmascarar as baterias, agitando a opinião e criando a atmosfera propicia á decretação da dissolução parlamentar.

O sr. Jorge Nunes deixou adivinhar hoje, na Camara dos Deputados, uma questão melindrosa

Tratava-se incidentemente da questão de emigração clandestina, questão que fôra levantada pelo sr. Nuno Simões. Em dialogo em que intervieram os srs. presidente do ministerio, ministro dos negocios estrangeiros, Ladislau Batalha e ainda outros deputados, ouviu-se o sr. Jorge Nunes proferir esta frase:

—Mandar gente para Tunis é injustificavel!

O sr. Jorge Nunes instou depois para que do ministerio dos estrangeiros lhe fossem enviadas as copias de documentos que requisitára e sem as quaes não lhe era possivel distinguir a verdade com respeito a certos aspectos da emigração oficial. Não seriam estas, precisamente, as palavras proferidas pelo sr. Jorge Nunes, mas elas correspondem, pensamos nós, ao seu pensamento.

Já aqui dissémos, ha tempos, o que corre sobre este problema da emigração oficial. Assim, consta, entre os politicos da oposição, que o governo ouviu complacentemente propostas para favorecer a immigração portugueza na Africa Franceza a troco de vantagens na importação de fosfatos da Tunisia. Afirma-se mesmo que, a tal respeito, se entabolaram conversas verbaes e por escrito entre os dirigentes da politica externa de França e a nossa representação diplomatica em Paris, incluindo n'esta designação a Delegação Portugueza á Conferencia da Paz.

Resta saber se, depois das instancias agora feitas pelo sr. Jorge Nunes, o governo, pelo ministerio dos negocios estrangeiros se resolverá a enviar-lhe as copias de documentos tão insistentemente pedidas.

O sr. ministro da justiça veiu pessoalmente dizer-nos que não tem o menor fundamento uma noticia publicada em «A Situação», referente ao pretenso roubo d'um processo de transgressões.

BELAS ARTES

No dia 20 do proximo mez realisa-se a exposição anual de aguarela na Sociedade Nacional de Belas Artes, a qual vae ser extraordinariamente concorrida. Entre os expositores, Alfredo Moraes apresentará grande numero de trabalhos novos, de composição, e esplendido colorido, que vem provar mais uma vez a sua pujança artistica.

Tambem nos informam que Leitão de Barros vae abrir uma nova exposição das suas aguarelas.

Anuncia-se para este inverno a visita do pintor mexicano E. Antonio Montenegro, aguafortista que collaborou assiduamente na «Esfera».

Estatistica concludente

Pela estatistica organisada pelo Laboratorio Farmacologico de Lisboa, quasi a totalidade dos casos de febres tifoides e paratifoides que se manifestaram em Lisboa, durante este ano, tem sido rapidamente debelada com o emprego da «Ladiobiase» e associada á «Ladiobiase Enema», de que é depositario exclusivo Raul Vieira, R. da Prata, 51.

A questão das subsistencias

Chamamos a atenção dos leitores para o anuncio referente á magna questão das subsistencias, que inserimos na 2.ª pagina.

UM JULGAMENTO EM S. PEDRO DO SUL

A evocação de um crime sensacional

Dentro de poucos dias deve realisar-se em S. Pedro do Sul o julgamento de um crime que, desde ha mais de dois anos, vem apaixonando a opinião publica. Trata-se do sensacional epilogo de uma tragedia de sangue que, se arremessou para a escuridão do luto e da saudade sem remedio uma ilustre familia do norte do paiz, levou até ao horrivel pesadelo dos ferros do carcere, dois rapazes distintissimos, com um passado de nobreza de nome e de caracter pouco vulgar. No tribunal, decerto modestissimo, que a pitoresca vila abraçada pelo Vouga tem possuido, até agora mais por dever do que por necessidade, vae recapitular-se todo um tremendo e cruciante drama, devendo ficar detalhadas e precisas as consequencias da sua explosão violenta—de uma explosão que fez victimas, que cavou ruinas insuperaveis, que arrancou lagrimas de desespero...

Ha mais de dois anos... e, no emtanto, não haverá um detalhe que se não esclareça, não surgirá uma hipotese que não necessite de ser estudada, não deve haver um ponto, por mais escabroso que pareça, que não precise de comparecer á face d'aquele juri, sem duvida alguma, austero e imparcial que só tem por sacratissimo dever fazer triunfar a verdade e a justiça, por mais esforços que sejam empregados para o afastar d'esse caminho recto.

Como se produziu a tragedia? Como se perpetrou o crime que vae ser julgado? Quaes as circumstancias que vão ser conhecidas para o explicar? Correm, a esse respeito, varias versões, lançando nós mão de aquela que um ilustre vulto que tem estudado o crime em todas as minudencias, amavelmente nos expôz. Essa versão nos servirá para recordar o drama de ha dois anos, não nos repugnando acreditar que ella seja a mais fundamental e a mais provavel.

José Bettencourt, filho de uma familia conhecidissima da nossa sociedade e não menos apreciada pelos seus dotes de virtude e de educação, apaixonou-se loucamente por uma interessante menina do norte do paiz que correspondia, em absoluto, ao seu sentimento. A breve trecho, e sob as vistas provaveis das duas familias, combinaram o noivado, devendo o enlace efectuar-se dentro de poucos mezes. José Bettencourt começou, desde os primeiros dias de conhecimento com a noiva, a fazer d'essa afeição o unico ideal, todo o objectivo ardente da sua vida.

Era rico? Inegavelmente; mas, ambicioso de todos os confortos para a futura esposa, atirou-se a uma existencia de actividade, de intenso trabalho, a fim de melhor poder rasgar e preparar o futuro de responsabilidade que lhe sorria... Foi assim que uma viagem de negocios o afastou, durante alguns dias, da noiva...

Entretanto, alguem a espreitava, alguem não perdia o mais insignificante momento para se aproximar e armar-lhe a cilada que a ameaçava perder n'um rastro de vergonha e de dôr... Augusto Malafaia era um esbelto rapaz, seductor e leviano, para quem a conquista das mulheres se tornara quasi n'uma obcessão exclusiva. Não lhe era dificil aproximar-se da noiva de José Bettencourt. Ela era sua prima e irmã de um dos seus melhores amigos. Empregou, para a atrahir a si, todas as suas vantagens de sedutor; valeu-se de recursos habeis já muitas vezes postos em pratica, com inteiro exito...

Mas todas as suas palavras se perdiam, todos os seus esforços resultavam estereis, toda a sua obra de sedução sahia malograda... A noiva de José Bettencourt fechava invencivelmente os ouvidos ás supplicas e aos protestos do primo. Talvez por que se habituára a conhecel-o, assim mesmo frivolo, leviano e desleal; certamente, porque a imagem do rapaz que espontaneamente aceitára para seu marido a não abandonava para a deixar compreender qualquer outra côrte. E os dias iam passando, emquanto dentro do peito de Augusto Malafaia se avolumavam a cólera e a revolta por aquela resistencia de cada vez mais rigida, mais imperturbavel, mais insusceptivel de alimentar esperanças... Era preciso, porém, vencer e, deante d'esta ideia desvairadamente preconcebida e fixa, todos os escrupulos desapareceram e se enterraram n'uma loucura criminosa, n'um dado momento...

Sobre a candura da prima, noiva adorada de outro, irmã estremecida do seu melhor amigo, procurou infligir, pela força e pela violencia, o insulto dos seus desejos animaes... Não ouviu rogos, não atendeu a lagrimas; a pureza e a dôr da sua victima não o fizeram recuar e, d'ahi a poucas horas, nas rodas dos amigos e dos simples conhecidos, ele vangloriava-se com a vitoria de uma conquista a mais. Vitoria sobre o noivo verdadeiramente apaixonado e infeliz que se encontrava longe; vitoria sobre a rapariga que lhe resistira até ao fim, até ao desespero!...

Quando José Bettencourt regressou, a noiva, lavada em lagrimas pungentes, contou-lhe toda a imensidade da sua desgraça, que era da desgraça de ambos... O rapaz, tresloucado, cego, correu a casa do futuro cunhado a repetir-lhe o que ouvira da boca da mulher que ia ser sua esposa.

Concertaram imediatamente exigir de Augusto Malafaia uma reparação. Acordaram ambos em o procurar no seu solar para provocarem o desagravamento da honra de duas familias afrontadas e de duas almas cruelmente feridas. Augusto Malafaia recebeu-os com uma gargalhada de sarcasmo e de desprezo. Não aceitava o duelo, como se recusava a dar qualquer explicação.

Era natural que assim pensasse. Quantos duelos teria de comportar a sua vida de sedutor de profissão, se para ele a honra de uma mulher implicasse responsabilidades! E os seus labios, vincados de cortante ironia, acostumados a sugar avidamente todas as volupias da vida, sem sombra de consciencia nem de remorsos, franziam-se n'um sorriso de desdem supremo, de triunfo que se lhe afigurava nada, nem ninguem mais, poder destruir ou abater...

Foi, deante d'esta afronta maxima, d'esta provocação insultuosa, que o irmão da vitima de Augusto Malafaia apertou o gatilho da pistola que o costumava acompanhar, para castigar o sedutor. A detonação partiu, tão rapida, tão veloz como o pensamento que lhe guiou a trajectoria, e Augusto Malafaia não teve mais do que uns breves momentos de vida.

Seria possivel que, se a sua existencia se tivesse prolongado por mais algumas horas, um lampejo de razão lhe tivesse atravessado ainda o espirito para se arrepender do irremediavel mal que espalhou em volta de si? Talvez...

Como grande parte dos rapazes portuguezes, as qualidades condenaveis do assassinado podiam ser mais o produto da educação errada e criminosa que recebe a nossa mocidade do que propriamente filhas do seu caracter e do seu coração que, em outros campos da vida, se afirmára, talvez, bom e compassivo.

... Assim nos falou a figura ilustre, alta individualidade de homem de talento e de bem, que nos forneceu esta versão sobre a horrivel tragedia do solar dos Malafaias. Ha outras versões? «A Capital» as acompanhará na reportagem desenvolvida que vae fazer sobre o julgamento de que será scenario S. Pedro do Sul, dentro de poucos dias.

Virginia Quaresma

ESPECULAÇÕES CAMBIAES

Boatos terroristas

No Porto não houve revolução, nem panico, nem corridas aos bancos

Nos corredores do parlamento correram hoje boatos alarmantes ácerca da situação no norte do paiz, especialmente no Porto. Esses boatos eram absolutamente destituidos de fundamento, como destituidos de fundamento os que diziam que se tinham dado alguns sintomas de panico e de supostas corridas aos bancos.

Esses boatos tiveram repercussão na Camara dos Deputados. O sr. ministro das finanças esclareceu a situação, declarando que o governo interviria, se houvesse necessidade disso.

O sr. Antonio da Fonseca requereu um debate especial sobre a crise cambial. A Camara aprovou. E o primeiro parlamentar a usar da palavra foi o proprio requerente, sr. Antonio da Fonseca, que se limitou a pôr a questão, em alguns dos seus aspectos, sem, aliás, profundar a questão. A revisão do orçamento, com córtes de despezas que não sejam absolutamente inadiaveis, é, no entender do orador, o remedio imediato para a solução da crise. Depois, é preciso «produzir, produzir, produzir cada vez mais», para reproduzirmos as suas proprias expressões.

Ao sr. Antonio da Fonseca seguiu-se, no uso da palavra, o sr. Ramada Curto, «leader» socialista, que está condenando os processos do governo que, no entender do orador, são a causa primaria da situação angustiosa em que se debate o paiz.

Em seguida ao sr. Ramada Curto discursaram, ainda, os srs. Julio Martins, Antonio Granjo e Jorge Nunes, ficando inscritos os srs. Alvaro de Castro e Pacheco de Amorim.

Do que ouvimos ficou-nos a presunção de que o governo vae adoptar, com urgencia, medidas que possam influir beneficamente na crise cambial.

Como acima dizemos, nada absolutamente houve no Porto: nem revolução, nem panico, nem corridas aos bancos.

Os alviçareiros de más novas e os especuladores perderam desta vez o tempo e o feitio.

Do ministerio do interior telefonaram para o Porto, a pedir informações, dando o governador civil daquele distrito e comandante da divisão, comunicado que no norte era absoluto o socego e que nada de extraordinario ali se tinha passado.

PELO TELEGRAFO

Na America do Sul

Diplomatas argentinos

BUENOS AIRES, 27.

A imprensa desta capital anuncia o regresso do ministro em Roma, que será substituido pelo sr. Laurentino Olasceaja.—(Americana).

O Peru ratifica o tratado de paz

LIMA, (Republica do Perú), 27.

O «Diario Oficial» publica o decreto ratificando o Tratando da Paz de Versailles.—(Americana).

Emprestimo ao governo portuguez?

RIO DE JANEIRO, 27.

Os jornaes noticiam que um grupo de financeiros brazileiros resolveu propôr ao governo portuguez um emprestimo de vinte milhões de escudos com a condição de serem arrendados á companhia de transportes maritimos união luso-brazileira alguns navios ex-alemães.—(Americana).

O ministro do interior visita o governo civil

demorando-se largo tempo nos calabouços e posto antropometrico

O sr. Sá Cardoso, acompanhado do seu secretario sr. dr. Vasco Marques, visitou hoje, pelas 14 horas, o edificio do governo civil, dirigindo-se primeiramente ao gabinete do chefe do districto, onde recebeu os cumprimentos d'aquela auctoridade, do comissario geral da policia e demais oficiaes da corporação, inspector e sub-inspectores da policia administrativa, director da policia de Segurança do Estado e restantes funcionarios.

O sr. presidente do ministerio, acompanhado do sr. governador civil e seu secretario, do sr. Manuel Lourenço, servindo de secretario geral, e demais funcionarios a que acima nos referimos, iniciou a sua visita pelas repartições do 1.º andar, contabilidade, central, passaportes, thesouraria, auditoria administrativa, etc., pasando depois ao pateo pequeno, onde se acham installados o posto de socorros, consultorio dentario e farmacia, repartições da policia administrativa, gabinetes do inspector e sub-inspectores, do director e adjuntos dos serviços de investigação, secretaria, gabinete do comissario geral e quartos particulares dos presos.

O sr. Sá Cardoso visitou tambem os calabouços geraes, demorando-se algum tempo a examinar o calabouço 6, onde esteve preso em 1918, á ordem do capitão Pimentel, indo depois vêr o calabouço destinado aos loucos, no qual se encontrava um d'esses infelizes envergando um colete de forças.

Por ultimo, dirigiu-se ao pateo grande, onde visitou os gabinetes dos chefes da investigação e dos agentes, demorando-se largo tempo no posto antropometrico, onde o sr. dr. Balbino do Rego lhe prestou todos os esclarecimentos.

Ainda esteve vendo os quartos dos oficiaes da corporação, terminando a visita pelas 15 horas e meia e sendo acompanhado até ao automovel pelo chefe do districto e todos os funcionarios superiores do governo civil, sendo á partida do automovel levantados vivas á Republica, secundados com entusiasmo.

Um dos secretarios do sr. presidente do ministerio tomou nota de alguns melhoramentos urgentes de que carecem algumas repartições hoje visitadas.

1.º de dezembro

Nas escolas de S. Nicolau realisa-se no dia 1 de dezembro uma festa infantil, havendo sessão solene, exercicios de ginastica, canticos pelo orfeon da Junção do Bem e distribuição de premios em dinheiro e diplomas aos alunos que melhor aproveitamento tiverem nos exames de 1.º e 2.º graus.

A' festa assistem o chefe do districto e outras entidades oficiaes.

Comemorando o 1.º de dezembro, resolveu a direcção da Associação popular de beneficencia de S. Cristovão e S. Lourenço dar jantar melhorado n'esse dia aos seus protegidos e admitir mais 60 creanças na sua cantina escolar, perfazendo assim a totalidade de 160 pessoas, a quem diariamente é fornecida uma substancial refeição.

CONCHITA ULIA

A sua festa de despedida

E' ámanhã que, como temos noticiado, se realisa, em «matinée», a festa artistica e a despedida de Conchita Ulia, a gentil e distincta canconetista, que tantos e tão merecidos aplausos entre nós conquistou.

Do brilhantismo que a festa deve revestir desnecessario é falar. Além dos numeros pela festejada, entram no espectaculo, por uma especial deferencia, os distinctos artistas portuguezes Angela Pinto, Satanella, Cremilda d'Oliveira, Joaquim Costa, Amarante e Almeida Cruz.

Dadas as simpatias que Conchita Ulia conseguiu conquistar, é certa uma enchente ámanhã, na sua festa.

INQUILINOS E SENHORIOS

A CAMARA AUMENTA A CONTRIBUIÇÃO PREDIAL

O senhorio tem de pagar já esse aumento no proximo mez de janeiro

Estava um pouco mais nervoso do que de costume o nosso entrevistado, quando hoje o procurámos. Notámos o facto e, embora indirectamente, demos-lhe a entender que, se não se sentia bem disposto, podiamos adiar a nossa visita.

— Não, — disse-nos ele, — estou realmente um tanto ou quanto nervoso, mas a causa é facil de compreender. E'isso devido ao novo agravamento de contribuição predial.

— Agravamento de contribuição?...

—Sim, e não pequeno. Vae ver. Nas considerações que tenho vindo fazendo ácerca das leis do inquilinato, referi-me já ao facto de 60 por cento das rendas recebidas pelos proprietarios urbanos de Lisboa serem consumidas em encargos que sobre eles pesam. E' um facto inconfestavel e que não deixa, nem póde deixar duvidas a ninguem.

«Pois a camara municipal acaba de elevar a percentagem do seu adicional sobre a contribuição predial a 71,49 por cento, o que, com o adicional de 5 por cento decretado pelo governo transacto, para melhoria de situação dos funcionarios do ministerio das finanças, eleva os adicionaes de 25 por cento, que eram ha ainda um ano, a 76,49 por cento. Como vê, só encargos e nada mais sobre os proprietarios. Em compensação, em alvitral-os dos que já sobre eles pezavam, ninguem cuida.

«Quer saber quanto representa este agravamento tributario, que já no proximo mez de janeiro os proprietarios urbanos de Lisboa começam a pagar?

«Representa nada mais, nada menos que um novo aumento de mais de 40 por cento sobre tudo o que pagavam. Contra isto não ha argumentos que prevaleçam. Diga-se o que se disser, seja qual fôr o pretexto que se invoque, o facto concreto, iniludivel é este: a partir do proximo mez de janeiro, o senhorio tem que pagar maiores contribuições. Onde ha de ir buscar dinheiro para as satisfazer?

«Póde bem dizer-se que o aumento equivale, em média, a passarem os proprietarios a pagar mais 8 por cento do seu rendimento, computando para alguns esse agravamento seja ainda maior. Que diz a isto?

—Com franqueza, não sei responder.

—Nem eu, deixe-me falar assim. O que se vê é que, por um lado, o Estado e a camara só tratam de auferir maiores receitas; por outro, os inquilinos protestam contra a elevação das rendas. No meio de todas estas correntes, o proprietario, o senhorio, vê-se em embaraços e não sabe o que ha de fazer, nem como proceder, para conciliar interesses tão contraditorios. Ou ficará reduzido a um rendimento que lhe não dá para as despezas, ou então terá de se empenhar, emquanto não fôr permitido que eleve a renda das casas ou casa que possue.

—Mas, bem vê que...

—Vejo que o movimento contra esse aumento é grande, mas note-se que nesse proprio movimento se faz uma distinção, que é necessario pôr bem em destaque: não é contra os senhorios conscienciosos e honestos, não; é principalmente contra os gananciosos e os sublocadores. Ora é essa exactamente a doutrina que eu tenho defendido e continuarei defendendo.

«Não é a renda actual que se pretende que sirva de base ao aumento que se pede, mas sim a que vigorava antes da publicação do decreto de novembro de 1914. Os especuladores, os gananciosos, de modo algum seriam beneficiados, bem ao contrario.

«O que não é possivel é que se mantenha a proibição do aumento de rendas com os encargos que pezam sobre os proprietarios e que lhes absorvem perto de 70 por cento dos rendimentos. Não, não é possivel, e que os que teem por dever olhar pelo bem publico e pelos justos interesses de todas as classes digam de sua justiça.

«Quando á tese defendida pelo denominado Congresso das associações patronaes, confrontaremos o que, em materia de inquilinato, se passa no nosso paiz com o que lá fóra, em nações mais adeantadas e progressivas, se faz.

«Verá como é diferente.

A. C.

VIDA SPORTIVA

O grande desafio entre motociclistas

1 hora em pista—180 voltas —1.200 escudos de premio

Com o duplo caracter de sensacional festa de sport e de simpatica festa de caridade, vae realisar-se no dia 7 de dezembro, no Stadium de Lisboa, gentilmente cedido pelos seus proprietarios, o mais importante prova de motociclismo que em Portugal tem sido levada a cabo.

O jornal «Os Sports» tomou a seu cargo a organisação da festa, cujo producto liquido será destinado, em partes eguaes, para a instituição Mutilados da Guerra e para o Asilo de Cegos Branco Rodrigues.

Inocencio Pinto e Couto Junior, os dois mais famosos motociclistas que teem aparecido nos nossos velodromos, vão derimir finalmente a questão que ha semanas andava agitando o meio sportivo e a imprensa, questão de superioridade de maquinas, questão de superioridade pessoal e profissional. Disputarão uma grande prova de 90 kilometros (180 voltas de pista) para um premio de 1.200 escudos, oferecido pelas casas representantes das marcas de maquinas em que eles correm.

De segunda-feira em diante já podem ser marcados na redacção de «Os Sports», os bilhetes.

Foot-ball

Os desafios de domingo

As linhas dos grupos que jogam no domingo a favor do Cofre da Associação de Foot-Ball, são:

Club Internacional de Foot-Ball: keeper, Inacio Carreira; becks, Antonio Penafiel e Luiz Gato; half-becks, M. C. Cleod, Raul de Barros e Augusto de Barros; forwards, Raul Jorge da Costa, Silvestre Rosmaninho, J. Armour, Leonel Barley e Teofilo Esquivel.

Vitoria Foot-Club: keeper, Ernesto Viegas; becks, Joaquim Ferreira e Francisco Silva; half-becks, Izidoro Rufino, Joaquim Filipe dos Santos, Manuel José; forwards, Raul de Figueiredo, José Chula, João Nunes, Alfredo Rosa e José dos Santos.

Club de Foot-Ball «Os Belenenses»: keeper, Mario Monteiro; becks, Francisco Belas e Romualdo Bugalho; half-becks, Constantino Silva, Artur José Pereira e Carlos Sobral; forwards, Francisco Pereira, Anibal dos Santos, Manuel Veloso, Joaquim Rio e Alberto Rio.

Imperio Lisboa Club: não é ainda conhecida a linha.

Os desafios serão jogados pela seguinte ordem:

Domingo 30: ás 13 horas, Imperio Lisboa Club contra Club Internacional de Foot-Ball, juiz o sr. Albertino Gomes.

A's 15 horas: Club de Foot-Ball «Os Belenenses», contra Vitoria Foot-Ball Club; juiz o sr. Amilcar Breia.

Na segunda-feira, 1 de dezembro: Jogam os dois vencedores do dia anterior, sendo o desafio arbitrado pelo sr. Artur dos Santos. Este desafio realisa-se ás 14 horas.

«Os Sports» no Porto

Parte ámanhã para o Porto o redactor de «Os Sports» sr. J. Pinto d'Almeida, que vae áquela cidade assistir aos «matchs» de foot-ball que ali se realisam no domingo e segunda-feira, entre o Benfica, Sporting e um team portuense. «Os Sports» de quinta-feira publicarão a sua reportagem, acompanhada de clichés fotograficos do nosso correspondente n'aquela cidade.

Grupo Sport Cruz Quebrada

Sabemos de fonte segura que o Grupo Sport Cruz Quebrada acaba de receber autorisação dos proprietarios do Stadium, para ali efectuar os seus treinos de foot-ball e de sports atleticos.

«As garras do leão» «A Passageira»

Da primeira destas duas sensacionaes peliculas são hoje exibidas no magnifico «écran» do Salão Central as tres ultimas jornadas, intituladas «A arvore da morte», «As furias do Averno» e «A Caverna Sagrada».

Todas já mereceram o aplauso unanime do publico, estando esta ultima agora em pleno sucesso, pelas suas arriscadas travessias, renhidas lutas, tremendas perseguições e outras enormes dificuldades.

Marie Walcamp, no seu assombroso trabalho de toda a pelicula, eleva-se até onde nenhuma outra artista do mesmo genero se tem elevado até hoje, taes são os dotes artisticos de que dispõe para a execução de tão perigosas aventuras.

Da segunda dá a empreza como brinde ao publico frequentador dos seus espectaculos, a sua estreia na «matinée» de hoje, fazendo-a repetir na função desta noite.

Assim, nos programas de hoje no Central, dia e noite, não só figura o nome mundial de Marie Walcamp na afamada fita «As garras do leão», como tambem o nome glorioso de Pina Menichelli, a artista do gesto, da graça, da elegancia e da formosura, no «film» em 6 actos «A Passageira».

Tentador espectaculo o desta noite no Central com atracções de tanta valia e de tanto entusiasmo.

Theatros e Cinemas

Nota do dia

Em 1874, chegava do Brazil, ao mesmo tempo que o actor Brazão, cheio de triunfo e mocidade, uma rapariga Herminia, que entrando para a companhia de Francisco Palha, e experimentada a sua vez, se chegou á conclusão que não tinha geito nenhum para o teatro.

Entrou então para o Principe Real, onde o emprezario Pinto Bastos a contratou, e com tanto dedo que fez enorme sucesso.

O emprezario Palha, não hesitou; atraiu Herminia para o seu teatro, e pagou 1 conto de réis estipulado para a quebra da escritura.

Ao mesmo tempo, Palha quebrava e pagava o contracto do senor Pimenta, que fôra seu corista e em quem nunca reparára.

Como se vê, nada ha de novo em teatro, e as situações repetem-se com as suas identicas manifestações. Ha dias a actriz Raquel de Barros e seu marido, raptados d'uma empreza, fizeram pagar a quebra do contracto por alguns contos de réis; mas como quem com ferro mata com ferro morre, a empreza «raptadora» viu-se agora extorquida d'um elemento de valor, o joven actor Vasco Sant'Ana, por quem houve de pagar 1 conto de réis.

No tempo de Palha, quando estes raptos de artistas d'umas para outras emprezas se faziam, dava-se a baixa geral do teatro, o enfraquecimento, de que só se levantou mais tarde ao esforço dos Rosas e Brazão.

Hoje reflecte-se o mesmo mal, com os mesmos sintomas; tambem a falta de artistas faz com que se andem perseguindo as emprezas, desencaminhando os melhores elementos.

Só o valor não é maior. De 1874 para hoje, por um artista de merito relativo paga-se o mesmo «conto de réis». Vá... que é a unica coisa que ainda não encareceu...

A. F.

Cinemas

Estrangeiro

A «Casa do Odio», nova série cinematografica interpretada pela Perola Branca, acaba de fazer tão grande exito em Bilbao, que a autoridade viu-se obrigada a intervir durante a exibição de todos os episodios, em virtude da aglomeração do publico no salão Olimpia daquela cidade.

—Foi projectada ante o Papa a pelicula «Thaïs», interpretada por Mary Garden. Assistiu á projecção, que foi feita na sala Pia, todo o colegio dos Cardeaes e altas dignidades eclesiasticas.

Mr. Horater, proprietario e director do Alhambre-Teatre, de Toledo, (Estado do Ohio), fez umas declarações sobre o regimen que se deve observar para a propaganda de espectaculos cinematograficos, dizendo que só se pode ter fortuna como emprezario, mediante uma liberal politica de anuncio, politica que deve consistir-se em fazer a propaganda das peliculas uma semana antes, se não um mez da sua exibição.

Terminou afirmando haver gasto no ultimo ano 15.000 dolars em anuncios jornalisticos. Durante o ano proximo duplicará o orçamento, porque o publico responde imediatamente á publicidade, acudindo aos espectaculos.

Cartaz de hoje

Nacional, ás 21, «O Cardeal».
S. Luiz, ás 20,30, «O pé de meia».
Ginasio, ás 21,30, «A cadeira n.º 13».
Politeama, ás 21, «Adeus mocidade».
Avenida, ás 21, «O pae Simão».
Apolo, ás 21,30, «Os 20 milhões».
Coliseu dos Recreios, ás 21, Grande Companhia do Circo.
Animatographos—Salão Foz, Olympia, Condes, Chiado Terrasse, Salão da Trindade, Salão da Promotora, em Alcantara, Salão Portugal, rua de S. João da Praça.

Associação de Socorros Mutuos dos Empregados no Comercio e Industria

Hontem, por lapso, referimo-nos á Associação dos Empregados no Comercio de Lisboa, quando era á Associação de Socorros Mutuos dos Empregados no Comercio e Industria que nos desejavamos referir.

A inauguração do novo edificio social d'esta associação, que estava marcada para o proximo dia 1, ficou transferida para o dia 7, em virtude do sr. presidente da Republica ter manifestado o desejo de assistir a esse acto.

Vapor «Funchal»

Entrou hoje no Tejo o vapor «Funchal», vindo dos Açores, com 85 passageiros e um importante carregamento de cereaes.

Traz tambem muito gado bovino.

UMA VERGONHA!

Soldados a quem se não paga

No dia 14 do corrente, publicou «A Capital» o seguinte eco:

Em 1918 regressou de França, onde teve de permanencia em 1.ª categoria 312 dias e em 3.ª 191, o soldado Antonio Maria Carrilho, do 2.º grupo de pioneiros.

Foi licenceado e recolheu á terra da sua naturalidade, Vila Nova da Cerveira, mas não lhe liquidaram as contas, ficando-lhe a dever 198 francos 34.

Ha dois mezes, o pobre soldado fez um sacrificio, arranjou dinheiro para a passagem e veiu até Lisboa, a fim de receber o que lhe era devido. A pretexto de que lhe faltava um documento, não lhe pagaram.

Agora, mandou uma procuração para aqui, e todos, absolutamente todos os documentos. A pessoa encarregada do recebimento dirigiu-se hoje ao quartel general do C. E. P. e ahi, como já não se podia invocar pretexto algum, acabaram por confessar que não havia dinheiro para pagar.

Póde, porventura, admitir-se semelhante vergonha? Cremos bem que o sr. ministro da guerra ignora estas coisas, porque todos os «manjores» Evangelistas lh'as ocultam, mas temos a esperança de que, lendo-nos, se apressará a providenciar.

Pois estamos no dia 28, e até hoje ainda não foram dadas providencias. Quando ante-hontem ao quartel general do C. E. P. se dirigiu a pessoa encarregada de receber o que ao pobre soldado é devido, a resposta foi a mesma: «Não ha dinheiro».

Para que fazer comentarios?

O Rocio no São Luiz

E' um dos maiores sucessos teatraes a novas fase da afamada revista «O Pé de meia», que Eduardo Schwalbach amplieu com um novo acto dividido em 9 quadros, intitulado «O Rocio», em que apresenta esta praça com as diferentes transformações por que tem passado desde a Edade Média até agora. O novo acto tem 347 novas figuras e 34 novos numeros de musica dos maestros Del-Negro e Alves Coelho, sendo os fatos da casa Valverde e os scenarios de José de Almeida e Mergulhão feitos com toda a exactidão e rigor historico segundo copias e gravuras das diferentes epocas. As duas apoteoses novas de Mergulhão e Luiz Salvador são de grande deslumbramento e originalidade. E' este um maravilhoso, interessante e instrutivo espectaculo.

Venda de terreno

Assistencia Nacional aos Tuberculosos

Na Avenida 5 de Outubro, proximo do Campo Grande

Faço publico, que no dia nove de dezembro proximo futuro pelas doze horas, será posto em praça, na secretaria desta Associação, á Praça da Ribeira Nova, por licitação verbal, o terreno situado na Avenida Cinco de Outubro, fronteiro ao mercado de gados, confinante com a referida Avenida, Avenida dos Estados Unidos da America, terrenos municipaes e terrenos dos herdeiros de Francisco Isidoro Vianna.

As condições, a planta do terreno e demais esclarecimentos estão patentes na mesma secretaria, em todos os dias uteis, das 10 ás 15 horas.

Lisboa e sala das sessões da Comissão Executiva da Assistencia Nacional aos Tuberculosos, 22 de novembro de 1919.

José J. d'Almeida

Ultima hora

POEIRA DA ARCADA

Conselho de ministros

O ministerio reune esta noite na secretaria das colonias.

O sr. ministro da instrução não foi hoje á sua secretaria por motivo de doença, dando despacho em casa.

Ministro da instrucção

Por essa razão é provavel que não acompanhe o sr. presidente da Republica na sua visita a Coimbra.

Sanidade interna

Segundo o Boletim de Sanidade interna, deram-se em Lisboa, na semana finda em 22 do corrente, 20 casos de difteria, 2 de escarlatina, 3 de febre tifoide e 15 de variola.

Ordem publica

Continúa a haver socego em Lisboa e em todo o paiz

Ainda hoje os boatos não deixaram de correr, não se tendo no emtanto registado qualquer alteração da ordem. Não houve prevenções e as ruas estiveram concorridissimas, principalmente de senhoras.

A comissão honiem eleita para fazer entrega ao governo da moção votada pelas classes operarias, contra o aumento das rendas das casas, desempenhou-se hoje de tarde daquela missão, indo ao ministerio do interior, onde pessoalmente fez entrega do referido documento ao sr. Sá Cardoso.

Fragateiros do porto de Lisboa

Da direcção da Associação de Classe dos Fragateiros do Porto de Lisboa recebemos uma longa carta, relativa ás marés de noite e á dissolução da mesma associação.

Declara a direcção que não estabeleceu uma zona sua no Tejo, nem proibiu aos seus associados a navegação de noite, e refere-se ao acordo feito com os proprietarios de fragatas, na presença do sr. ministro do trabalho, regulando o assunto.

Orfãos da guerra

A direcção da Assistencia da Colonia Portugueza do Brazil aos orfãos da guerra acaba de publicar o seu programa, que tem em vista educar e preparar os seus 342 protegidos para a vida.

Propõe-se mais, crear um instituto com dois edificios, para os dois sexos, para o que adquirirá uma propriedade rural.

O programa educativo é, na quadra infantil, o tipo Montessori e mais tarde o da «Ecole nouvelle».

Ensinar-se-hão no instituto varios oficios.

Lugre avariado

A Havas distribuiu esta tarde o seguinte telegrama:

S. JULIÃO, 28.—Está fundeado ao sul um lugre com avaria no guru-pés.

Nas estações oficiaes, onde procurámos noticias, nada mais se sabia. Ora, uma avaria no gurupés é, em geral, dizem os tecnicos, coisa insignificante, pelo que é natural que o lugre se tenha safado sem risco de maior.

Desastre a bordo

Homem afogado

A traineira portugueza «Andorinha» saiu para o mar, em exercicio da pesca. Hoje voltou a entrar a barra, por a seu bordo se ter dado um lamentavel desastre.

Foi o caso que ao serem lançadas as redes, caiu ao mar o mestre Francisco Vargues, morrendo afogado, apesar de serem feitos todos os esforços para o salvar.

Era natural de Olhão, filho de Antonio Vargues Rodrigues e Angelina da Conceição e tinha 27 anos.

O cadaver do desventurado veiu a bordo da «Andorinha».

NOTICIAS DA CAPITAL

Leilão de adubos

No domingo, pelas 16 horas, na estação de Serpa-Brinches, serão vendidos em hasta publica 200 sacos com adubos, com o peso de 10.000 kilogramas aproximadamente. A base da licitação é de 500$00.

Anel perdido

No posto policial de Algés está depositado um anel de valor, proprio para senhora, que será entregue a quem provar que lhe pertence.

Pois se já está tanto frio!...

João Carlos, morador na travessa das Salgadeiras, 30, rez-do-chão, foi preso por ter furtado uma porção de fazendas no valor de 920 escudos á firma Pacheco Pinto Limitada, da rua da Assunção, 23, 1.º.

O perigo de andar com dinheiro

Queixou-se Adelaide Mascarenhas Guimarães, moradora na rua da Sociedade Farmaceutica, 35, 3.º, de que lhe furtaram uma carteira com 200 escudos em dinheiro.

O ouro é tão lindo...

Foi preso José Correia da Silva, sem residencia conhecida, por ter furtado a Maria Joana da Silva, moradora na rua da Alegria, 50, objectos de ouro no valor de 80 escudos.

Um desertor

Por ser desertor do regimento de infantaria 5, foi preso hoje Antonio das Neves, da rua do Carrião, 53, 1.º.

CRAPULA CITADINA

O «Filho do Ganga» e o «Toneca» que se dizem refractario, pretendem assim não seguir para Africa

Já «A Capital» por varias vezes tem referido aos «trucs» de que os gatunos e vadios de cadastro, condenados pela lei Granjo a serem entregues ao governo, se servem para não irem para a Africa. Como é sabido, a grande maioria desses verdadeiros bandidos são refractarios do exercito e ao verem-se condenados a ter de saír de Lisboa querem ao quartel general para se alistarem nas suas unidades, requerimentos que são deferidos, dando em resultado que em breves dias conseguem ser restituidos á liberdade.

Contra tal facto já reclamou o director da policai de investigação, sr. dr. Rodrigues Esculcas, junto do sr. ministro da guerra, o qual achando justissima a reclamação determinou que nenhum requerimento identico ao que foi apresentado pelo celebre «sargento Beran» e outros de egual jaez fosse deferido.

Pois apesar de ordem tão terminante, o temido gatuno Alfredo Bento Lourenço, mais conhecido pelo "Filho do Ganga", conseguiu, depois de julgado em mais ultimo, arranjar protecção junto do quartel general e tendo-se declarado refractario pediu para ser apresentado no respectivo regimento, o que lhe foi deferido. Depois desertou, andou em liberdade e voltou a praticar roubos até que de novo foi preso pela policia de investigação recolhendo ao forte de Monsanto onde se encontra.

Pois agora aparece "O Filho do Ganga" a requerer para voltar para o seu regimento, tendo sido solicitado já por oficio ao director da cadeia a lista dos desertores que se encontram presos como vadios, com o intuito de evitar que o temido do larapio siga para a Africa na leva de 5 de dezembro proximo.

Outro gatuno de respeito, Antonio Joaquim da Silva, "O Toneca", conhecido como gravaleiro perigoso, tambem requereu para voltar para a tropa, a fim de, é claro, poder depois exercer a sua criminosa industria.

E' natural que o sr. ministro da guerra, tendo conhecimento dos casos que deixamos apontados, renove as suas anteriores determinações, pois que em caso contrario não vale a pena á policia de investigação proceder á limpeza da cidade. Mais vale abrir as portas da cadeia de Monsanto e restituir á liberdade 500 criminosos que ali se encontram ha mezes esperando que lhes dêem destino, bem como os restantes 800 que aguardam julgamento...

A policia da 1.ª secção de investigação tendo recebido inumeras queixas contra os carteiristas que invadem os carros electricos, fez hoje de manhã uma rusga áqueles larapios, conseguindo deter Antonio José da Silva, "O Carvoeiro", e Custodio Nobre Branco, os quaes recolheram aos calabouços do governo civil.

São dois carteiristas dos mais labios, com largo cadastro na policia.

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

3390 — 10.º anno — Direcção e propriedade de Manuel Guimarães — Redacção e Administração — R. do Norte, 5, 1.º — LISBOA — Sabado, 29 de Novembro de 1919 — Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL — Officina de impressão — 71, Rua da Bica, 71 — Preço, 2 centavos

No calabouço n.º 6

Contam os jornaes que o chefe do governo, o sr. Sá Cardoso, visitando hontem o governo civil, se demorou alguns minutos no calabouço n.º 6. Foi, com effeito, nesse calabouço que o sr. Sá Cardoso esteve encerrado, pouco depois de chegar de França, onde estivera batendo-se á sombra da bandeira do seu paiz, pelos torvos poderes que então dominavam Portugal.

Certamente que nos instantes em que se demorou nessa prisão o sr. Sá Cardoso reviu, na imaginação, os horrores despoticos do dezembrismo.

Tendo erguido a bandeira da pacificação da familia portugueza; tendo iniciado o seu governo pela derogação de todas as leis e decretos que a opinião publica considerava oppressivos, e por isso mesmo oppostos aos principios republicanos; tendo afirmado o seu proposito de inaugurar novos tempos de liberdade e tolerancia, que fizessem esquecer os excessos do democratismo impenitente da sua politica de oligarquia e de seitas, o dezembrismo, a breve trecho, enveredou pelo caminho de abusos e tyrannias ainda maiores. Prendeu os seus adversarios, acusando-os de latrocinios e vonlagas, sem ter uma prova nas mãos; jugulou de novo a liberdade de imprensa, impondo-lhe uma censura ainda mais vexatoria e arbitraria do que a anterior; manteve uma situação internacional equivoca e esterilisadora dos esforços empregados para a participação na guerra, e por fim entrou abertamente na senda do crime.

Ao povo, cofbiu todas as suas legitimas manifestações; ao operariado infligiu repressões severissimas, deportando dezenas de proletarios sem nenhuma especie de processo e realisando ameaçadoras paradas para indicar, como resposta ás suas reclamações, o fogo das peças de artilharia. Contra a opinião republicana, não houve atropelo que não cometesse, vexame a que não sujeitasse a propria bandeira da Republica. Por fim era nas prisões que se podiam encontrar os melhores republicanos, culpados de quererem salvar a Republica dos desvarios morbidos do ditador.

Mas chegou-se, como dissemos, a trilhar abertamente a senda do crime, e ninguem esqueceu ainda que foi a essa furia sanguinaria e destruidora do dezembrismo que se devou a execravel «leva da morte» e o vergonhoso assalto ao Gremio Lusitano, séde da maçonaria portugueza a que o proprio dr. Sidonio Paes pertencera, tendo nela um elevado grau.

Recordando, porém, estas scenas que não é facil apagar da imaginação, o sr. Sá Cardoso não poderia eximir-se a verificar que esses crimes, até hoje, não tiveram ainda a reparação devida.

Porquê?

Porque essa mesma policia, que o chefe do governo visitou na séde dos seus serviços, ainda não pôude ou não quiz organisar devidamente os processos dos crimes a que nos referimos.

Essa policia não investiga, essa policia não descobre os criminosos. Essa policia, confundindo lamentavelmente queixa com denuncia, pretende que só os queixosos é que podem e devem apontar os autores dos crimes de que se queixam!

E' uma inversão completa de atribuições, é uma negação patente de toda a logica. Ninguem ignora que a «leva da morte» seguiu por certas ruas onde ninguem podia assomar ás janelas nem demorar-se nos passeios sem risco de ser alvejado a tiro. Concorreu para a impunidade do crime a escuridão da noite. Não podia haver testemunhas oculares. No local do crime só iam passando as vitimas e os seus algozes; os que deviam matar e os que deviam morrer. Pois bem! O que a policia agora quer é que essas vitimas lhe designem os seus carrascos. Como o podem elas saber? De que espingarda se disparou o tiro que as feriu? Isto em relação aos sobreviventes, porque os cadaveres são mudos. E como nenhuma dessas vitimas pode dizer o nome, ou apontar os sinaes dos assassinos, esses assassinos hão-de ficar impunes! Ninguem respondera pelo crime, embora o crime se houvesse cometido.

O mesmo diremos do assalto ao Gremio Lusitano. Esse assalto, ainda tambem de noite, realisou-se quando a pequena distancia os officiaes da policia se banqueteavam com o ministro do interior. Ninguem impediu o crime, ninguem providenciou sobre ele. A casa estava apenas guardada por um continuo, que foi colocado na impossibilidade de ver, sequer, o que se ia passar. E como os queixosos não podem apontar os autores do crime, porque os não viram, o processo do assalto ao Gremio Lusitano será naturalmente arquivado, como arquivado será o da «leva da morte». E o assassinio, e o vandalismo politicos, puderam gabar-se de que ninguem ousou reprimir os seus criminosos gestos.

Ha quasi um ano que o dezembrismo baqueou. Nada se tem feito para honrar a justiça e dar á consciencia publica um desagravo merecido. O sr. Sá Cardoso certamente se terá lembrado disso, nos breves instantes em que esteve no seu antigo calabouço, para onde pode muito facilmente voltar se se continuar a defender assim a segurança da Republica, o prestigio da justiça e os direitos da liberdade.

POLITICA

O requentado chá do arroz espanhol ainda ha de sofrer algumas fervuras

Na mesa da Camara dos Deputados foi recebido um telegrama da casa madrilena Reyes, aquela mesma que recebeu a encomenda de arroz, de cuja compra foi encarregado o então ministro em Madrid, sr. Augusto de Vasconcelos.

Se hontem se tivesse realisado a interpelação do sr. Brito Camacho, o despacho teria sido lido e comentado, apezar de vir redigido em termos que brigam um pouco com aquiles que é da praxe empregar quando um particular, ainda por cima estrangeiro, se põe em comunicação com os dois poderes do Estado. Mas o debate sobre a crise cambial forçou ao adiamento da interpelação Camacho, sendo provavel, entretanto, que ela venha a realisar-se na segunda-feira.

O telegrama da casa Reyes esclarece um pouco a questão. A casa madrilena protesta contra suspeições e afirma que o arroz está em Valencia, carregado nos vagons e pronto a passar a fronteira, logo que o governo hespanhol autorise a exportação. Chegamos, pois, em vista d'esse documento, ás seguintes conclusões:

1.º—que o dinheiro do arroz foi e não volta;

2.º—que o arroz virá, se o governo de Madrid estiver por isso;

3.º—que se pode ficar sem dinheiro e sem arroz.

Esta ultima hipotese é, aliás, a mais provavel, porque os maldizentes afirmam que a graminea, ou tempo em que está ensacada e nos bolôres que tem levado, se transformou em pó. Se assim fôr, não virão para Portugal—se vierem...—trezentos contos de arroz, mas sim uma boa data de pó de arroz, que fará baixar fatalmente o preço elevado d'este artigo de primeira necessidade. Que se acautelem os açambarcadores de especialidade...

Pode considerar-se como muito provavel que esta questão provocará larga discussão na Camara dos Deputados. Se a generalisação do debate fôr requerida, a maioria votal-a-ha. Trata-se, realmente, d'uma questão em que estão empenhados liberaes e populares e á qual governo e maioria se consideram estranhos. Admitindo mesmo a hipotese que o dinheiro tenha sahido dos cofres publicos quando o sr. Afonso Costa pontificava, o certo é que nenhuma responsabilidade terão os democraticos no caso, porque a emfiação pecuniaria se realisou, por certo, com todos os matadores da mais severa legalidade burocratica. E quanto ao actual governo é intuitivo que lhe é indiferente o caso, porque n'ele não interveiu senão, naturalmente, para diligenciar por a salvo os interesses materiaes do Estado, quando já eles estavam bastante combalidos. O debate parlamentar restringir-se-ha, pois, a liberaes e populares,—e, ainda assim, se aqueles quizerem adoptar os pontos de vista e as dôres do sr. Brito Camacho.

A questão cambial—Reunião de comissões parlamentares

E' positivo que o governo, forte com o voto unanime da Camara dos Deputados, adoptará providencias imediatas destinadas a conseguir, se não uma melhoria cambial, ao menos a estabilisação temporaria. O resto conseguir-se-ha mais tarde, com as medidas que o Parlamento ha de encontrar.

Sem que o possamos garantir absolutamente, crêmos que, por agora, o governo se limitará a pôr entraves á importação de artigos de luxo e á prohibição, sob severas penas, das transacções cambiaes a prazo, que é o canal mais facil á especulação.

Como noticiámos, reunem hoje no Parlamento as comissões de colonias, finanças e comercio, afim de conjuntamente examinarem a proposta governamental para arrendamento da frota mercante. E' natural que, se houver tempo, a comissão de finanças estude o projecto de lei elaborado pelo sr. Ramada Curto, destinado a remediar a crise cambial. O relator d'esse projecto é o sr. Antonio da Fonseca, com quem o sr. Ramada Curto realisou algumas conferencias e que tiveram a virtude, de, parece, de porem estes dois homens publicos em acordo perfeito quanto á solução a dar ao grave problema que tão preocupados traz os homens da publica administração.

A's 18 horas estavam ainda reunidas as comissões de finanças, colonias e comercio, tendo-se iniciado a discussão do parecer do sr. Velhinho Correia, relator por parte da comissão de colonias. Preside á reunião o sr. Alvaro de Castro e assiste o sr. ministro das finanças.

A ordem publica no Porto

Segundo informações que hoje procurámos nos meios oficiais não teem fundamento os boatos terroristas que os inimigos da Republica continuam impunemente a propagar. Esta tarde já pouco se falava do Porto; em compensação fervilhavam as atoardas com respeito á viagem do sr. Presidente da Republica a Coimbra. Todas as noticias afirmam, felizmente, que o chefe do Estado, por toda a parte tem sido festivamente acolhido.

Viagem presidencial

A partida do sr. presidente da Republica para Coimbra

Seguiu esta manhã para Coimbra, conforme estava anunciado, o sr. presidente da Republica, indo á estação central apresentar-lhe cumprimentos numerosas pessoas representantes das mais elevadas categorias sociaes civis, do exercito e da armada.

Fazia a guarda de honra, no alpendre que precede a estação, do lado do Carmo, o 1.º batalhão da guarda republicana com a bandeira e tendo á frente a banda do 3.º batalhão que executou á chegada do chefe do Estado o hino nacional.

O sr. dr. Antonio José d'Almeida, que chegou ás 10,15, acompanhado pelo seu secretario particular e oficial ás ordens, atravessou por entre duas filas compactas de elemento oficial, dirigindo-se para o caes junto do qual estacionava o comboio especial que o devia conduzir á velha cidade universitaria, recebendo junto do estribo da carruagem que lhe era destinada as despedidas dos presentes.

Com o sr. presidente da Republica seguiram os srs. ministros da instrução, comercio e trabalho, os presidentes do Senado e da Camara dos Deputados, o general comandante da guarda republicana, Luiz Barreto da Cruz, chefe do protocolo junto da presidencia da Republica, os secretarios dos ministros que seguem para Coimbra, padre Antonio d'Oliveira, director da Casa de Reforma, varios oficiaes, representantes de varios jornaes, etc.

O comboio, que devia partir ás 10,25, só se poz em movimento um quarto de hora depois, motivando a demora o facto do comboio n.º 3, que saíra ás 10,7, já atrazado alguns minutos, ter de parar perto da rampa do Campo Pequeno, em consequencia de estar parada ali uma carroça.

Quando soou o sinal da partida do comboio, a assistencia ergueu repetidos vivas ao chefe do Estado e á Republica.

Entre a numerosissima assistencia de senadores, deputados, oficiaes superiores de terra e mar, banqueiros, politicos e outras entidades vimos os srs. almirante Machado Santos, coronel Sarmento, tenente-coronel Liberato Pinto, chefe do estado maior da guarda republicana; dr. Artur Costa, Germano Martins, deputado Vasco de Vasconcelos, representando o G. P. P.; Ricardo Paes Gomes, José Beça de Carvalho, Ribeiro de Carvalho, tenente-coronel Osorio de Castro, Tomé de Barros Queiroz, dr. Alberto Xavier, governadores civis de Lisboa e Leiria, comissario geral da policia e outros da mesma entre estes o sr. major Sampaio, que dirigia o serviço de ordem, auxiliado pelo chefe Figueiredo, etc.

Calorosas manifestações em Vila Franca e Santarem

VILA FRANCA DE XIRA, 29.—A estação estava apinhada de povo, sendo queimadas muitas girandolas de foguetes e saudado calorosamente o presidente e a Republica.—(Correspondente especial).

SANTAREM, 29.—Foram grandes as manifestações na passagem do sr. dr. Antonio José d'Almeida. A guarda de honra era feita por infantaria 16, estando a estação do caminho de ferro repleta de povo, tendo-se a academia feito representar largamente.

O sr. presidente da Republica, que foi muito aclamado, recebeu os cumprimentos das autoridades civis e militares.

AOS SABADOS

A semana literaria

A carestia do papel teve como consequencia a supressão dos livros ôcos, das divagações de todos os poetas nascentes, para dar logar a volumes consubstanciosos dos nossos primeiros e, mesmo aqui...ali, algum novo que desponta com vontade. Mas estes... só á sua custa, porque os livreiros, os editores, só sorriem para os nomes «feitos».

Comicos, por Antero de Figueiredo (2.ª edição).—Ed. Aillaud e Bertrand.—Paris-Lisboa.

Antero de Figueiredo com meia duzia de volumes, conquistou um dos primeiros nomes da literatura moderna portugueza. Com um fundo romantico, uma prosa muito maleavel e muito joeirada, tem nos «Comicos» a obra inicial da sua carreira brilhante. Ao relel-a, ao rever essa obra de outr'ora, o autor não se envergonhou; sentiu ainda a mesma paixão pelos seus personagens e apenas lhe quiz modificar o titulo. «Comicos» é o titulo generico que pode deixar antever uma amplitude que a obra não comporta. «Comicos» são os irrequietos e caprichosos sêres do teatro, de quê o romance de Antero nos dá um estudo psicologico na pessoa de uma actriz. Um pequeno drama, intenso, o amor de uma mulher onde ha ora animalidade agreste, ora misticismo, e que o espirito analista de Antero desfia, perscruta, observa, critica, naquela sua forma leve de contar as impressões intimas, ou memorias, ou cartas, falas individuaes que são os gritos de dôr ou frenezins de amor. Assemelha-se na textura á «Doida de Amor» mas o seu campo é diferente, ha menos arte, menos literatura e mais viva observação nos «Comicos».

De qualquer forma a obra de Antero de Figueiredo lê-se de novo e com agrado perpetuo. Para mais aguça-nos o apetite um prefacio do autor, todo dedicado á vida da scena, ao actor, á atracção do palco, á mentira humana tão bem espelhada na mentira dos bastidores. Só esse prefacio vale um livro e quem agora ler os «Comicos» obtem esse duplo conforto espiritual. Que o saibam.

A nossa casa (3.ª edição), por Raul Lino.—Ed. «Atlantida».—Lisboa.

São invulgares os livros tecnicos com laivos artisticos no nosso paiz. Para serem ao mesmo tempo agradaveis aos olhos e uteis precisam ter um autor que «doublé» de mestre na sua arte seja um elegante cronista, um conversador amavel, um escritor leve e afrancesado. Esses requisitos tem-nos Raul Lino e retratam-se no livro «A nossa casa» onde se podem encontrar «apontamentos sobre o bom gosto na construção das casas simples», simples apontamentos que nos afastam dum «tratado de construção civil» ou «arquitectura», mas que proveitosamente, utilmente educam o gosto em «brutos» dos futuros proprietarios. A nossa casa—«cova sagrada, ninho harmonioso ou recatado santuario, a choça, o cantinho, o buraco, a choupana»—tem a sua alma, a sua vida, fala-nos como coisa viva; não nos deve ser hostil, nem estrangeira; deve evocar e proteger, quadrar á paisagem em volta, ter uma utilidade conforme o local onde se vae colocar. Tudo isso, umas belas paginas de arte ao inculto construtor, uns apontamentos tirados da experiencia sobre um tal ou qual conforto, esclarecimentos uteis e conselhos prudentes encerra «A nossa casa». Sousa Pinto, critico de arte, devidamente prefacia a obra, atestando que ela passa dos dominios da tecnica para a da vida artistica, e a 3.ª edição, estampada na capa, assegura o bom acolhimento por um tão simpatico livro. E, só isto, que o resto já está dito.

«A nossa casa» irá semeando, pois, irá creando alguns aspectos bons de edificações novas, matando os mamarrachos, os estupendos monstros que um mixto de pretensiosismo e brazileirismo aliado á incompetencia e á simiez indole do «ricaço» ergue alerradoramente e atrevidamente na cidade mais culta, ou na paisagem mais linda.

Notas do captiveiro, pelo capitão Adelino Delduque.—Ed. Rodrigues—Lisboa.

Foi na «Capital» que o capitão Adelino Delduque publicou as suas «Notas dum prisioneiro de guerra na Alemanha». Houve ocasião então de ver que a par de impressões muito vividas e flagrantes da sua passagem pela guerra, cada qual conta as suas e todas sendo eguaes, são diferentes todas, o autor tinha uma certa elegancia literaria, forma correcta e discreta de exposição. Reunindo em volume as suas impressões, o sr. Delduque teve uma excelente ideia porque são novos subsidios e bem necessarios a juntar á nossa longa e interessante bibliografia da guerra.

Entre dois fogos, por Hygino y Assunção.—Ed. Intermediario.—Porto.

Trata-se dum pequeno acto—leve ver de rideau—levado á scena no Porto em recita para a Casa Gil Vicente. O pequeno episodio não chega a ter intensidade dramatica, esboçando apenas um interior banal. Para o fim a que se propõe não deixa de ser interessante, com linguagem e forma correcta. As quadras que nele figuram tambem são harmonicas e inspiradas. Mas... tudo em ponto pequeno.

Aviação (ao alcance de todos), por Paulo J. Cantos.—Ed. Aillaud e Bertrand.—Lisboa.

E' uma obra de vulgarisação completa, bem conduzida e que realmente deve ter uma optima aceitação no nosso meio sportivo, atendendo ao falho que estamos de obras sobre a mais recente vitoria do Homem.

Ornado de gravuras, schemas, desenhos elucidativos, com uma orientação metodica e sistematisada, é o tratado mais completo em lingua portugueza que tem aparecido no mercado.

Das letras nada pretende; o seu autor visa mais alto quando anceia que o seu livrinho «possa modestamente contribuir para evocar as energias ancestraes duma raça cuja potencia dominadora e qualidades de empreendimento, reflectidas na sciencia, tenacidade e bravura foram postas á prova nas rotas das viagens de outr'ora».

Que assim seja.

Armando Ferreira

N. R.—Na «Semana literaria» de sabado passado foram bastas as gralhas disseminadas por todas as referencias, em especial, no «Sexo forte», da Samuel Maia.

REGISTO DE ENTRADAS:—«A via sinuosa», Aquilino Ribeiro.—«...da tragedia social», Pedro de Abreu.—«Tropa de Africa», Carlos Selvagem.—«A Russia Vermelha», Gabriel Domergue.—«A verdade sobre a Revolução Russa», E. Molz.ner.—«A minha guitarra», Avelino de Sousa.—«O Ultramar Portuguez», Aires d'Ornelas.

TRIBUNAES ESPECIAES

A aventura monarquica

No tribunal militar respondeu Manuel Ferreira, que no processo figurava tambem com o nome de Manuel Fava Rica, ex-guarda da policia civica, acusado de ter ido para a serra de Monsanto, cooperando ali com as forças que tentaram restaurar a monarquia.

O réu, quando interrogado, declarou ser falsa a acusação, visto estar em Cintra quando se deu o movimento.

Das testemunhas de acusação, José Salvador Lopes e Joaquim Martins Pinto, a primeira disse saber que o acusado fôra para Monsanto por o ouvir dizer e não porque o visse ir para lá. A proposito, diz ao tribunal que andava ao facto de tudo quanto diziam e tramavam os monarquicos antes do movimento, tendo muitas vezes feito o papel de policia secreta.

Joaquim Martins Pinto declara ter visto o acusado em Monsanto para onde fôra vestido de soldado e a cavalo.

Como testemunhas de defesa depõem os srs. Antonio Pereira Serzedelo, Pedro Pereira Duarte, Antonio Garcez de Carvalho e Mario Lopes, os quaes abonaram o bom comportamento do acusado.

O réu foi absolvido.

A fim de prestar provas para o posto de general, o sr. coronel Alves Pedrosa, promotor de justiça, foi substituido pelo sr. coronel Miguel Vitorino Pereira Garcia.

Na terça-feira não ha julgamentos, sendo provavel que a proxima audiencia se realise na quinta-feira.

Ao contrario do que se tem propalado, o edificio onde tem funcionado o Ateneu Comercial não se destina a um club, mas sim á séde de um empreendimento industrial que brevemente será conhecido do publico.

Ficam assim desfeitas as atoardas que a esse respeito correram.

Os julgamentos do C. E. P.

O tribunal de guerra do C. E. P. julgou hoje mais dois réus, o primeiro o soldado Adelino Inocencio Grilo, do regimento de infantaria 23, acusado de dar fuga a tres presos confiados á sua guarda e o segundo, Joaquim Rodrigues da Silva, soldado n.º 46 da 1.ª companhia de infantaria 31, «chauffeur» do serviço de transportes por desobedecer, dirigir palavras indecentes e ameaçar com uma navalha o primeiro sargento Fidalgo, quando este o admoestava por se dirigir a um prisioneiro alemão.

O primeiro confessou o crime, alegando que não o poude evitar; o segundo nega, alegando que se achava embriagado e a prisão sofrida em carcere fechado.

Acusação e defesa foram calorosas, havendo replica e treplica.

Adelino Grilo foi condenado a 7 mezes e 20 dias de presidio militar ou na alternativa de 10 mezes e 6 dias de encorporação militar; Rodrigues da Silva a 3 mezes e 12 dias de encorporação no deposito militar sendo a ambos levada em conta a prisão preventiva sofrida e outras atenuantes.

No proximo julgamento, no dia 16, comparecem os soldados Francisco Tamanqueiro, Jacinto de Sousa e José Marques, o primeiro acusado de furto e o segundo e o terceiro de extravio de objectos militares.

1.º de Dezembro

A direcção da Sociedade n.º 5 de instrução militar preparatoria comemora a data de 1 de dezembro, indo ás 14 horas os corpos gerentes cumprimentar a comissão central de 1 de Dezembro e iluminando á noite a sua séde.

No Centro escolar republicano de Santos ha «soirée», abrilhantada por um grupo musical de executantes da banda da Republica.

Museu Raphael Bordallo Pinheiro

Este interessante muzeu, que causa surpreza a quem o visita, pela enorme quantidade de trabalhos de pintura, aguarela e variadissimos desenhos do insigne caricaturista e cujo exame detalhado é para muitas visitas, está aberto aos domingos das 14 ás 17 horas, sendo toda a receita a favor do Asilo de S. João.

O imposto do selo nas especialidades farmaceuticas

Apesar do consideravel aumento que sofreu o imposto do selo nas especialidades farmaceuticas, a farinha «Lacto-Bulgara» ainda fica relativamente mais barata que as estrangeiras e é a unica que pode garantir a alimentação das creanças e adultos, evitando e curando as enterites. E' depositario exclusivo Raul Vieira, R. da Prata, 51.

Pobres d'«A Capital»

Passando amanhã o 30.º dia do falecimento do saudoso filho do nosso querido amigo e distincto fotografo Fernandes, da rua do Loreto, encarregou-nos sua esposa, arrebatado na flor da vida aos carinhos da familia, que a entregassemos a quantia de 5$00, para distribuirmos pelos pobres nossos protegidos.

Em nome dos contemplados, os nossos agradecimentos.

Associação dos Trabalhadores da Imprensa

A homenagem de ámanhã a dois falecidos jornalistas

Deve revestir grande imponencia a sessão de homenagem que á memoria do jornalista Eduardo Coelho (filho) e do «reporter» José Francisco Assis d'Almeida, ámanhã, pelas 14 horas prefixas, se realisa na séde da Associação dos Trabalhadores da Imprensa de Lisboa. Os retratos daqueles jornalistas, que foram colocados junto á mesa presidencial, serão descerrados por pessoas da familia dos falecidos, devendo depois usar da palavra os nossos distinctos camaradas José Parreira e Machado Correia, que traçarão as biografias dos dois saudosos jornalistas.

Por parte da Associação dos Trabalhadores da Imprensa falará tambem o secretario da direcção.

OURIQUE

ALJUBARROTA

BUSSACO

FLANDRES

E tantos outros padrões de gloria e heroicidade portugueza passarão nos folhetins

As grandes batalhas

que «A Capital» começa a inserir em 2 de janeiro de 1920, pela pena invocadora do primeiro escritor portuguez da actualidade

o dr. Julio Dantas

A vida heroica dum Portugal Grande, os rasgos alevantados dos nossos bravos soldados, gente de Afonso Henriques ou «serranos» de La Lys, são paginas de historia, que, desde o nascer da nacionalidade até ás horas gloriosas da Flandres, atestam a valentia, a generosidade, a lealdade da gente portugueza.

EM FÓCO

Ainda e sempre o "major„ Evangelista

O caso do Conselho tutelar do exercito

Referiu-se «A Capital» á demissão do capitão de mar e guerra sr. Ayres de Sousa, de membro do Conselho tutelar do exercito.

Dizem que em tanta a pressa que tinha o general Moraes Sarmento de ver substituido esse oficial, que logo que soube que este havia partido para o Algarve e sem ter ainda o Ministerio da Marinha passado guia para o da Guerra ao oficial indigitado pelo general, este o mandou comparecer na séde do Conselho Tutelar e o apresentou em sessão como fazendo parte do Conselho, fazendo seu elogio, que o apresentado agradeceu. Estes factos foram ignoradamente relatados pelo secretario do conselho na respectiva acta; e o general mandou emendar a acta escrevendo um «em tempo» que fez inserir no final.

Não parece curioso que, quando é necessario congregar os esforços de todos os bons republicanos nas indecisões da vida presente, levianamente se pretenda desgostar um oficial que dirige um dos mais importantes estabelecimentos de marinha? Não é obvio que seria indispensavel, antes de tomar qualquer decisão, ouvir os oficiaes que compõem o Conselho Tutelar?

Mas, perguntar-se-ha, qual seria a razão do acto do general para com um oficial com quem nunca falára e passados apenas «duas sessões» depois da posse do general?

Aproximando dos factos, talvez se consiga ver a razão do procedimento havido. O capitão de mar e guerra Ayres de Sousa teve uma certa notoriedade no afinco com que trabalhou pela reintegração do almirante Leote do Rego, que foi um grande batalhador para a nossa entrada na guerra ao lado dos aliados; e geral, como é sabido, muito fez para que as nossas forças não fossem para França.

Talvez seja essa a melhor explicação, e como o «major» Evangelista contrariou sempre e continua ainda hoje a contrariar os intervencionistas, d'ahi a pressa com que o sr. general se vio expurgar desde um dos seus conhecimentos de mais um tolice e dos de calibre magno.

PELO TELEGRAFO

Na America do Sul

Cotação cambial, preço do café

RIO DE JANEIRO, 28.

Cambio sobre Londres 18 3/16; cotação do café 13$200.—(Americana).

Carreiras da Mala Real Ingleza

RIO DE JANEIRO, 28.

Os passageiros dos paquetes da Mala Real Ingleza queixam-se por continuarem a ter suprimido a escala pela ilha da Madeira.—(Americana).

O projectado emprestimo ao governo portuguez

RIO DE JANEIRO, 28

O emprestimo projectado de 100 milhões de escudos ao governo portuguez seria em titulos de divida interna e collocados, dizem, sem dificuldade no Brazil.—(Havas).

Politica franceza

PARIS, 28.

O jornal oficial publica um decreto pelo sub-secretariado da desmobilização dizendo que o sr. Deschamps foi nomeado sub-secretario dos correios.—(Havas).

Virginia Quaresma

Parte ámanhã para S. Pedro do Sul, em serviço de reportagem da «Capital» no importante julgamento que ali vae realisar-se o que tanto apaixonou a opinião publica, a nossa distinta colega de redacção Virginia Quaresma.

VIDA SPORTIVA

A grande prova de *Os Sports*

No Stadium vae realisar-se a maior corrida de motocicletas que se tem feito em Portugal

180 voltas ou sejam 90 kilometros

Cento e oitenta voltas de pista, em louca corrida de motocicletas, constituem o percurso da prova que Couto Junior e Inocencio Pinto, os nossos mais famosos motociclistas vão disputar entre si no Stadium do Lumiar. 1.200 escudos formam o grandioso premio, sem precedentes em provas sportivas portuguezas, que eles vão disputar. Nasceu esta prova de um repto de Inocencio Pinto a Couto Junior; debatem-se nela uma questão de superioridade de maquinas, uma questão de superioridade profissional e uma questão de estimulo pelo magnifico premio. Por isso e pelo valor dos dois motociclistas, pode bem prever-se a energia e a emoção da luta que vae travar-se; pode bem calcular-se as velocidades fantasticas que os dois corredores vão imprimir ás suas poderosas motos.

Para afastar da festa todo o aspecto de exploração comercial, o produto liquido é dividido em partes eguaes pelos Mutilados da Guerra e pela Escola de Cegos Branco Rodrigues, saindo a importancia do premio não do producto das entradas mas sim dos cofres das casas que em Lisboa representam as marcas de motos em que Couto e Inocencio correm.

«Os Sports» vão convidar para o juri desta grande prova antigos corredores, e pessoas de toda a competencia, a fim de que a fiscalisação da corrida seja feita imparcialmente.

Foi convidado pelo jornal «Os Sports» para presidente do juri o conhecido jornalista sr. dr. José Pontes.

Além do premio de 1.200 escudos que as casas representantes das maquinas «Excelsior» e «Indian» depositam em «Os Sports», será conferida ao vencedor uma artistica medalha de prata e um objecto de arte ao representante da maquina.

Já hoje foram afixados os primeiros «placards» anunciando ao publico esta sensacional prova.

De terça-feira em diante são postos á venda os bilhetes a fim de que o publico possa adquiril-os sem a especulação dos contratadores.

A primeira serie jogou hontem a sua «poule», tendo ficado eliminados os srs. H. Reis e A. Montez, e apurados portanto, os outros atiradores para a «poule» final.

Realisa-se tambem hoje a segunda eliminatoria, devendo concluir-se ámanhã este torneio.

A seguir disputar-se-ha o campeonato de sabre.

Foot-Ball

Os torneios do Porto

Disputam-se ámanhã e segunda-feira, no Porto, os anunciados torneios de «foot-ball», entre «teams» do Porto e o Sporting e Benfica, de Lisboa. «Os Sports» enviaram áquela cidade o seu redactor sr. João Pinto d'Almeida, a fim de largamente referir-se aos encontros. No seu numero de quinta-feira proxima já se publicam as primeiras resenhas.

Os torneios de Lisboa realisam-se ámanhã e segunda feira

E' cheio de interesse o torneio com que vae abrir oficialmente a epoca de «foot-ball». Defrontam-se quatro grupos de primeira categoria para a posse definitiva de uma valiosa taça de prata oferecida pela Associação de Foot-Ball de Lisboa; a disputa da taça será feita por uma fórma rapida e decisiva, eliminando no primeiro dia os dois grupos derrotados e fazendo encontrar os vencedores em desafio final, no segundo dia, havendo, ainda, como motivo de especial interesse, a apresentação do novo grupo «Os Belenenses», um agrupamento fortissimo, composto de jogadores magnificos, saidos das primeiras categorias do Sporting e do Benfica.

A'manhã jogam-se as meias-finaes: Imperio contra Internacional, ás 13 horas, e Belenenses contra Vitoria, ás 15 horas. E na segunda-feira, ás 14 horas, encontrar-se-hão os clubs vencedores das meias-finaes.

Os desafios são jogados no Lumiar.

N. R.—Até á hora de fecharmos o nosso noticiario não nos foi enviado pela Associação de Foot-Ball, cartão algum a fim de se poder assistir aos «matches» de ámanhã.

Egualmente sucede na redacção de «Os Sports». Não sabemos a razão, a não ser que os jornaes passem tambem a comprar bilhetes, mas sendo assim os reclames passarão a ser pagos.

A olimpiada de 1920

Trabalhos do Comité Olimpico Portuguez—As provas de sports atleticos

Ninguem pode dizer que o Comité Olimpico Portuguez não tenha produzido trabalho util, a fim dos portuguezes participarem da Olimpiada de 1920. As provas de ensaio já se iniciaram e agora já foram marcadas pelo Comité as provas de sports atleticos com o seguinte programa:

Dia 14 de dezembro—A's 9 horas —Corrida de 100 metros (eliminatoria); lançamento do peso (eliminatoria); corrida de 110 metros (barreira) (eliminatoria); lançamento de granada (eliminatoria); corrida de 400 metros (eliminatoria); corrida de 10.000 metros (eliminatoria); corrida de 200 metros (pentatlon); lançamento do disco (eliminatoria); corrida de 1.500 metros (eliminatoria); lançamento do dardo (pentatlon).

A's 14 horas—Corrida de 100 metros (final); lançamento do peso (final); corrida de 1.500 metros (final); saltos em comprimento com balanço; corrida de 400 metros (final); lançamento do disco (final); corrida de barreiras, 110 metros (final); saltos em altura sem balanço; corrida de 10.000 metros (final); lançamento de granada (final); corrida de estafetas, 1.600 metros.

Dia 21 de dezembro—A's 9 horas —Corrida de 200 metros (eliminatoria); corrida de «Cross-Country»; lançamento do martelo (eliminatoria); corrida de 800 etros (eliminatoria); saltos em comprimento com balanço; lançamento do dardo (eliminatoria); corrida de 5.000 metros (eliminatoria); lançamento do disco (pentatlon); luta de tracção (eliminatoria).

A's 14 horas—Corrida de 200 metros (final); saltos em comprimento sem balanço; corrida de 300 metros; «équipes»; lançamento do martelo (final); saltos á vara; corrida de 1.500 metros (pentatlon); lançamento do dardo (final); saltos em altura com balanço; corrida de 800 metros (final); luta de tracção (final); corrida de 1.500 metros (final); corrida de estafetas, 100 metros (4x400).

Esgrima

O Campeonato Nacional de Espada começou hontem a disputar-se no salão do Ginasio Club Portuguez. A concorrencia, como nos torneios anteriores foi diminuta.

Os concorrentes foram divididos em duas séries eliminatorias, tendo composto a primeira os srs. Jorge Paiva, Marciano Beirão e José Olivaes, da Sala Carlos Gonçalves; Humberto Reis e Mascarenhas de Menezes, do Centro Nacional de Esgrima, e Antonio Montez, do Ateneu Comercial.

Pelos clubs

(Comunicações oficiaes)

Ginasio Club Portuguez

Neste antigo club continua aberta a inscripção para as classes de ginastica sueca e dança para creanças de ambos os sexos, filhos e tutelados dos socios.

Estas classes que teem tido grande frequencia são dirigidas pelos professores Artur dos Santos e Levy Jenochio e a de dança pelo professor Magalhães Pedroso.

A direcção tenciona proporcionar aos domingos no campo de Palhavã jogos diversos para as creanças das classes de ginastica sueca, que assim terão ocasião de completar melhor a sua educação fisica.

Na proxima primavera realisar-se-ha o primeiro concurso de ginastica entre os alunos para disputa de uma artistica taça, prova que costuma sempre despertar grande interesse entre os futuros atletas.

N. R.—E' bastante para lamentar que a direcção do Ginasio Club Portuguez se esteja a preocupar demasiadamente com a classe de dança quando ainda não abriu a classe de ginastica aplicada e artistica. Estas duas classes são as que em determinadas ocasiões, levantam o nome do club e justificam a sua existencia.

Como quer a direcção do Ginasio Club Portuguez ginastas sem haver classes?

Pondere a direcção nisto e verá que temos razão.

A. de Campos Junior

MOVIMENTO ASSOCIATIVO

SOCORROS MUTUOS «A PORTUGUEZA» — Reuno ámanhã, ás 13 horas, a assembleia geral.

Theatros e Cinemas

PRIMEIRAS E REPOSIÇÕES

TEATRO POLITEAMA—*Boa gente...* peça em 3 actos de Santiago Roussiñol. Trad. de Couto Brandão

De Santiago Roussiñol conhecemos a interpretação de Adelina Abranches em «A Mãe» e a de Tallori em «El mistico», isto que nos lembre.

O teatro de D. Santiago não é nenhuma maravilha que valha o transplante para a nossa lingua de todos os seus pequenos melodramas, nenhum vincado a fundo, nenhum completamente cuidado, antes esboçados e indecisos até nos principaes personagens. Como teatro tem pouca tecnica, temas velhos, figuras repetidas do velho teatro espanhol e francez; a côr local é fraca e o agrado das suas peças no publico obtem-nas actuando pelo lado hipersensivel da multidão, lado desgastado pelo uso em dramalhões e comediasinhas burguezas de sentimentalidade duvidosa.

«Boa gente...» tem todos estes defeitos e qualidades; agrada, sim agrada á plateia, mas não nos dá nada de novo nem de intenso, nem apresenta tipos bem acabados; alguns até forçados—como o daquele guarda livros que chega a enfastiar, tão falso e mal modelado se apresenta; um banalissimo artista, a alma firme e sobrenadando no lamaçal de maus instintos da boa... gente que vive e enriquece da desgraça e da pobreza alheia; uma creatura que veiu da «roda», educada no «hospicio», cheia da pureza infantil, que transita rudemente por onde tudo é branco—até as almas—para onde tudo é negro, agoirento, tragico um Harpagão que se arrasta preso a uma mulher que não ama, e sente a inutilidade do seu dinheiro ante a recusa da mulher que se não vende—o unico tipo mais bem retocado da serie—; e outras figuras apagadas, meias duzias de falas a cada uma, que não deixam impressão alguma. Afinal os «titeres» da comedia dramatica, ora querendo roçar pelo drama, ora alinhavando uns traços ironicos de comedia, que Santiago fez para Espanha e agora para Portugal, á mingua de melhor.

E vale-nos o desempenho, muito cuidado, muito deligenciado de todos. Chaby em logar de destaque, salientando e ajudando até as minucias do papel, alegre e avarento, astuto e sordido, expressivo e verdadeiro, a estourar dentro do papel do Baptista para o qual era superior. Para ele as honras da noite. Depois Aura, a lutar com um papel mal cuidado, ingrato, procurou salval-o dando-lhe toda a intensidade da sua potencia dramatica. No 1.º acto muito bem, desfigurada, empapuçado o rosto, dizendo com ingenua simplicidade; no segundo —retrato antigo da «Garota»—teve de lutar com as scenas violentas das situações batidas mas destinadas a chamar o sucesso da peça. Aura continua a ser uma artista que pretende progredir, impôr-se, seguir o trilho da sua mãe.

Seguia-se Grijó, com vivacidade, boa figura, devendo deixar de olhar para o ponto com frequencia e de fazer boquinhas mimosas, «iccs» que prejudicam o seu trabalho. Jesuina num papel minusculo, o Oteilo de Carvalho, bem caracterisado como sempre; Santos Melo, Julia Assumpção, Laura Fernandes, etc., num agradavel conjunto.

O scenario do 1.º acto inestetico, errado, falso; o 2.º acto vulgarissimo.

A tradução á vontade do tradutor, com boa linguagem, sendo, contudo, mal soante aquela frase: «Eu quero o meu Baptista» que Jesuina Saraiva tem de exclamar no auge duma scena intensa, mandando-lhe toda a intensidade, pois dá vontade de perguntar se o quer com «pp» ou sem «p», como se diz na revista.

Pequenos nadas de grandes efeitos. O resto está bem.

Armando Ferreira

INQUILINOS E SENHORIOS

A falta de casas em Lisboa

é um dos principaes motivos da ganancia e exploração que se vem fazendo

—Meu caro, olhe que as causas justas sempre calam no animo do publico. Digo-lhe isto, porque, pelo que tenho ouvido a muitas pessoas que ignoram que sou eu quem lhe dou as informações para os seus artigos, vejo que já se faz distinção entre os senhorios que abusam da situação, aumentando as rendas, sem que a lei a isso os autorise, e os que, com a maior justiça, reclamam que os deixem, como a todas as classes, procurar compensação a uma parte do aumento dos encargos que sobre eles pezam e do custo da vida.

«Pois se para todos a vida está dia a dia mais dificil, para o proprietario urbano não o estará egualmente? Bem vê que não faz sentido.

«Para todos os que olham para estas coisas com a ponderação e serenidade indispensaveis não resta já a menor duvida de que os abusos de senhorios e inquilinos são uma consequencia da falta de casas e que esses abusos só terão termo quando se construir muito.

—Julga então esse o melhor remedio no momento presente?

—Sem duvida, mas dificil de por em pratica, se não impossivel, emquanto se não modificarem as leis de ataque aos proprietarios urbanos, porque outra coisa mais não são as leis do inquilinato. Ainda hoje os jornaes noticiam a nomeação de novos membros para a comissão encarregada de propôr as modificações que entender justas e necessarias.

«O meu desejo, como, de resto, o de todos os senhorios que não são gananciosos, é que essa comissão faça trabalho util e proveitoso, tendo em vista os justos interesses tanto de inquilinos, como de senhorios.

«Mas, restando as considerações que vinha fazendo: já lhe provei, com estatisticas oficiaes, que não se dá de fórma alguma impulso ás construções, emquanto não forem derogadas algumas das disposições das atuaes leis.

«O decrescimento acentuado de construções, precisamente desde a promulgação da primeira lei do inquilinato, indica perfeitamente o caminho a seguir. Não se pense, é claro, como lhe tenho dito, em passar já a um regimen com restricções para o senhorio e para o inquilino que negoceia com as casas, mas procurar-se um meio termo em que o senhorio honesto se não veja reduzido á miseria com um constante aumento de encargos e sem poder encontrar para eles a menor compensação.

«A experiencia, de resto, prova os pessimos resultados do caminho por que se enveredou e de que é fo'coso sahir. Não ha decretos capazes de contrariar os efeitos das leis economicas.

O nosso entrevistado fez uma pequena pausa. Acendeu um cigarro de marca nacional, coisa rara nos tempos que vão correndo, e continuou, depois de gentilmente nos ter oferecido outro, que, escusado é dizer, aceitámos imediatamente:

«Que penalidades mais rigorosas querem que se estabeleçam para os senhorios e inquilinos gananciosos do que as consignadas na atual lei do inquilinato?

«No meu entender e no de quasi toda a gente, não pode haver-as mais rigorosas. Pois, apezar d'isso, remediou essa lei alguma coisa?

«Não são porventura cada vez maiores os abusos de certos senhorios e inquilinos? Respondam os que teem seguido a questão que se vem debatendo e que tanto tem apaixonado a opinião publica, o que, aliás, se compreende, mas que falem os que acima das suas paixões põem a verdade e a justiça.

«Como vê, eu falo em senhorios que abusam, porque os ha, mas sempre, desde o primeiro dia d'estas nossas despreocupadas palestras, contra eles me manifestei. Porque são eles que, com os sucessivos aumentos que a seu belo prazer teem vindo fazendo, dão origem aos protestos que teem aparecido.

«Ora, se não houvesse tanta falta de casas, já eles não encontrariam terreno preparado para exercerem a sua ganancia cada vez mais desenfreada.

«Mas já vão longas estas considerações e, por isso, ámanhã continuaremos.

A. C.

O Rocio

Prosegue gloriosamente a sua carreira triunfal a famosa revista «Pé de Meia», agora ampliada com o novo acto «O Rocio», a mais extraordinaria e bela obra de teatro que ultimamente tem aparecido em scena portugueza.

Não só pela beleza, como pelos lindos numeros de musica, a maior parte populares, e todos com o cunho nacional, brilhantissimo scenario, luxuoso guarda-roupa, magnifico desempenho e artistica encenação, o novo acto «O Rocio» constitue o mais encantador espectaculo, alegre e ao mesmo tempo instrutivo e de grande ensinamento, pois que nos seus 9 quadros aparece o Rocio com tantas transformações por que tem passado desde a Edade Média até hoje, com personagens, trajos das diferentes epocas, etc.

Não só por isso como pelas suas novas apoteoses de brilhantissimo efeito, uma das quaes de originaes e complexos mecanismos de grande novidade, é este um espectaculo que todos teem a obrigação de ir ver.

Salão Central

As «matinées» d'este luxuosissimo Salão estão sendo a nota elegante do presente inverno. E não ha forma de distinguir umas das outras. Tanto as das segundas e quartas, como as das sextas e domingos, todas teem um publico numeroso, avido de assistir ás estreias que a empreza apresenta nas suas funções de dia. As familias da nossa melhor sociedade, principalmente quando acompanhadas de creanças, dão preferencia a este magnifico cinema, não só pelas comodidades que lhes dispensa como pela escolha das suas peliculas, sempre as de maior sucesso em todo o mundo.

Os seus artistas predilectos são aqueles que mais gosam de justa fama, podendo nós citar os ultimos que teem figurado no écran do Central, e que são: Pina Menichelli, Diomira Jacobini, Marie Walcamp, Gabriela Robine, Francis Ford, Julio Carminatti, E. Ghione, Zambuzini, Hesperia, e outros de egual reputação.

Na «matinée» de hontem estreou-se «A Passageira», com o maravilhoso concurso da deliciosa Pina Menichelli, tendo figurado também no programa uma nova jornada do soberbo «film» «As garras do leão», em que Marie Walcamp tem um desempenho não só dificil de executar como impossivel de egualar.

O espectaculo desta noite compõe-se dos dois extos acima indicados, o que é segura garantia para uma colossal enchente.

A'manhã, domingo, uma nova «matinée», com as novidades animalograficas de maior vulto, e ainda a exibição de novas fitas que muito devem agradar pela sua actualidade.

Maria da Gloria de Castro Alvim

Faleceu

Maria Henriqueta de Sousa Alvim, Luiza de Sousa Alvim e Alice Georgette Lafortune da Fonseca participam o falecimento de sua querida mãe e tutora D. Maria da Gloria de Castro Alvim e que o seu funeral se realiza no dia 30 do corrente, pelas 4 horas da tarde, da sua residencia, na Avenida da Liberdade n.º 174, para o cemiterio dos Prazeres.

Maria da Gloria de Castro Alvim

Faleceu

Alexandre Alvim & Abranches participam o falecimento de sua socia D. Maria da Gloria de Castro Alvim e que o seu funeral se realisa no dia 30 do corrente, pelas 4 horas da tarde, sahindo o prestito da Avenida da Liberdade, 174, 1.º, para o cemiterio dos Prazeres.

ULTIMA HORA

Viagem presidencial

Chegada a Coimbra do sr. presidente da Republica — Extraordinaria manifestação — O sr. Bispo-Conde e muitos eclesiasticos esperavam na Estação Nova, o chefe do Estado

COIMBRA, 29, ás 14 h. 37 m.—Acaba de chegar a esta cidade o sr. Presidente da Republica.

A cidade está vistosamente ornamentada, com bandeiras e colgaduras. Uma enorme multidão esperou pacientemente, durante muitas horas, a chegada do comboio e o desfilar do cortejo.

As tropas da guarnição formaram desde a Avenida Navarro até Sofia, sendo muito elogiada a extrema correcção com que as forças se apresentaram em parada.

Na gare da estação nova esperou a chegada do Chefe do Estado tudo quanto Coimbra possue de personagens de representação, além d'uma onda colossal de povo, que se estendia pelas ruas vizinhas. O sr. Bispo-Conde, muitos eclesiasticos, lentes da Universidade, professores do Lyceu e de outras escolas, magistrados, oficiaes do exercito, inumeros estudantes e muitas senhoras receberam efusivamente o sr. Presidente, sendo clamorosos os gritos com que vitoriaram a Republica. Nunca em Coimbra se fez tão extraordinaria e imponente manifestação.

Durante o trajecto pelas ruas da cidade foram lançadas sobre o carruagem presidencial muitas flores e repetiram-se as aclamações populares, especialmente dirigidas ao regimen de que o ilustre visitante é supremo magistrado.—(Correspondente especial).

ALFARELOS, 29.—A' passagem do comboio presidencial, uma enorme multidão saudou efusivamente o sr. Presidente da Republica.—(Correspondente especial).

POMBAL, 29.—A estação estava ornamentada e o povo aclamou o Presidente com grande entusiasmo.—(Correspondente especial).

Ordem publica

E' absoluto o socego em todo o paiz

O chefe do governo não acompanhou a Coimbra o sr. presidente da Republica por afazeres da sua pasta e reterem em Lisboa.

Afirma o sr. Sá Cardoso que o socego é absoluto em todo o paiz e que o governo tem a certeza de que se não produzirá qualquer alteração da ordem publica.

Corria hoje com insistencia que os boatos terroristas teem sido espalhados por quem tem interesses na especulação cambial.

Durante o dia nada se passou de anormal, tendo de madrugada, até ás 6 horas, corrido boatos terroristas. Os srs. comissario geral da policia e o chefe da segurança do Estado foram pela 1 hora chamados ao ministerio do interior onde tiveram demorada conferencia com o sr. Sá Cardoso.

O sr. comissario geral da policia esteve depois em Belem, onde se dizia haver uma reunião suspeita. Mais tarde, cerca das 5 horas e meia, foi participado no governo civil que o movimento revolucionario tinha rebentado na Ajuda, pelo que chegaram a ser organisados grupos civis, verificando-se, finalmente, que se tratava de uma atoarda e nada mais.

A's 6 horas o socego era absoluto, tendo o major sr. Sampaio percorrido as ruas da cidade em side-car.

No governo civil compareceram todos os oficiaes da corporação bem como o chefe Alfredo Maria, da 3.ª secção, e varios agentes.

POEIRA DA ARCADA

Uma nota oficiosa

Foi hoje fornecida á imprensa a seguinte:

«Com referencia a uma local publicada no numero 6723 do jornal «O Mundo» de terça-feira ultima, sob a epigrafe «Funcionarios dos abastecimentos», declara-se que só no dia 24 do corrente mez houve conhecimento oficial na repartição a que a mesma local se refere de que ao Conselho superior de finanças havia sido solicitada determinada informação acerca dos vencimentos de alguns dos funcionarios do extincto ministerio dos abastecimentos e que, assim que, tendo essa repartição prestado nesse mesmo dia a informação pedida, não pode ser culpada de qualquer demora havida na resolução do assunto».

Instrucção militar preparatoria

SOCIEDADE N.º 5—A instrução é ministrada ámanhã, ás 9 horas, no quartel de sapadores mineiros, sendo rigorosamente punidos os que faltarem sem motivo justificado.

Loteria de Lisboa

Numeros mais premiados

6780 . . . 20.000$00
718 . . . 2.000$00

2884	600$	5330	200$
1117	600$	5424	200$
1658	200$	7259	200$
2141	200$	7263	200$
2053	200$	7505	200$
4205	200$		

NOTICIAS DA CAPITAL

Os carteiristas

Continuam desenfreados os especialistas em furtos de carteiras, os quaes fazem campo de manobras especialmente nas plataformas dos electricos, sempre apinhadas de passageiros.

A' sr.ª D. Angelica Cardoso Rodrigues, da rua do Visconde de Valmôr, R. T., 1.º, furtaram os larapios uma carteira com 50 escudos em notas que aquela senhora levava na algibeira do casaco.

Abuso de confiança

O sr. José da Motta Jota, socio do Centro Comercial de Lanificios do Porto, apresentou ha dias por intermedio do seu procurador em Lisboa, o sr. dr. Alvaro Lima Franco, com escritorio na rua de S. Julião, 110, 1.º, queixa na policia contra o sr. José Joaquim Lourenço de Carvalho, com escritorio de comissões e consignações na rua da Conceição, 53, 3.º, acusando-o de um abuso de confiança na importancia de 4.500 escudos, pois que, sendo depositario de fazendas na importancia acima referida, se recusou depois a dar contas dos mesmas.

Passo o sr. Lourenço de Carvalho declarou ter vendido somente fazendas na importancia de 500 escudos, que lhe haviam sido confiadas para guardar no seu escritorio e que com os debitos dos restantes se encontravam debitadas na sua conta, o que se podia verificar pela escrita do Centro Comercial do Porto.

O acusado foi hoje remetido ao 2.º juizo de investigação criminal.

Uma gatuna

Lucinda de Jesus Fernandes, moradora na rua do Recolhimento ao Castelo, 28, 1.º, foi presa por ter furtado a quantia de 65 escudos a Josefina Rodrigues Gomes, residente na rua da Magdalena, 287, 2.º.

Mais um...

A' enfermaria n.º 4 do hospital de S. José recolheu Antonio Rodrigues, de 65 anos, residente em Caparica, cesteiro, que, vindo trazer uns cabazes para a praça da Figueira, foi atropelado pelo automovel 965, guiado por Antonio da Silva Ramos, morador na rua das Gaivotas, 71, 3.º

O atropelado ficou com a perna direita fracturada, com complexidade de ferida.

Malas postaes

Pelo vapor inglez «Hildebrand» são ámanhã expedidas malas postaes para o Pará e Manaus, sendo a ultima tiragem da caixa geral ás 9 horas.

Os julgamentos no governo civil

A «Petiza dos Caracoes», com 53 prisões, é entregue ao governo

No governo civil proseguiram hoje os julgamentos de vadios e gatunos, sendo os primeiros a responder Artur Pedro e Artur Pedro Magiolo e João Gomes Galhetas, detidos ha dias em Oeiras e que foram apresentados ao governo civil pelo administrador d'aquele concelho. O primeiro tem 16 prisões, por embriaguez e desordem, e o segundo apenas duas; mas como não houvesse provas para os condenar como vadios foram absolvidos.

Seguiu-se Deolinda da Conceição a «Petiza dos Caracoes», que tem no cadastro nada menos de 53 prisões, por furtos e receptadora. E' conhecida na policia como temida gatuna de forasteiros, e para o que abriu ha anos uma «ratoeira» na rua dos Vinagres, 10, 1.º, onde os incautos são despojados dos seus haveres. A «Petiza» negou a vadiagem, declarando que esteve estabelecida com taberna no Sabugo, mas que, devido á sua doença, abandonou o negocio. Provou-se que ela nada mais faz que roubar, tendo, ainda não ha muitos dias, «limpo» completamente um estrangeiro.

Foi condenada a ser entregue ao governo como vadia.

Seguiu-se-lhe outra gatuna de forasteiros, mas menos perigosa, Julia Maria da Silva, a «Julia dos dentes postiços». Foi defendida pelo sr. dr. Diogo Ribeiro e como se provasse que tem modo de vida, pois exerce a prostituição, estando registada na policia, foi absolvida.

Jaime Alvaro Almeida, que se seguiu, foi absolvido e entregue á familia.

A «Julia dos dentes postiços», ao sahir do governo civil, foi presa na rua Ivens, em virtude de existir contra ela um mandado de captura mandado do tribunal da Boa-Hora, onde se encontra pronunciada por ter ultimamente furtado uma importante quantia a um provinciano. Recolheu de novo ao calabouço.

Ecos & Noticias

SUFRAGIO

Na proxima segunda-feira, ás 11 horas e meia, realisam-se sufragios na egreja de S. Domingos pelo falecido Gustavo Jorge de Macedo Nogueira, desenhador da Companhia dos caminhos de ferro portuguezes, sendo executada no principio e no fim a melodia «Sonhando» escrita pelo extinto e instrumentada pelo maestro Luiz Filgueiras.

Passando na proxima terça-feira o primeiro aniversario do falecimento do sr. Miguel Guedes Coelho, sua viuva, sr.ª D. Lavinia Guedes Coelho, manda celebrar no referido dia, pelas 12 horas, uma missa de sufragio na egreja de S. Domingos.

A CAPITAL

DIARIO REPUBLICANO DA NOITE

3391 — 10.º ano | Direcção e propriedade de ... Guimarães — Redacção e Administração ... Norte, 5, 1.º | LISBOA—Domingo, 30 de Novembro de 1919 | Telephone n.º 2298 — Endereço teleg. CAPITAL — Officina de impressão — 71, Rua da Bica, 71 | Preço, 2 centavos

O plano revolucionario

Num dos seus ultimos numeros revela «O de Aveiro» que o plano da revolução que se prepara, com o caracter monarquico, mas com o rotulo sidonista, consiste em assaltar os ministerios de noite, e de lá expedir ordens aos quarteis, comunicando-lhes a organisação de um novo governo. Em seguida, de posse do Terreiro do Paço, os republicanos mais em destaque serão fusilados, emquanto a irrupção bolchevista com que se conta, apavorará os animos, paralisará as resistencias, e organisará o saque em larga escala. Como «O de Aveiro» nota, nem seguer se lembram os promotores deste movimento subversivo que as principaes vitimas do seu desencadeamento serão os elementos da alta burguezia, portanto, banqueiros, capitalistas, grandes industriaes, grandes comerciantes, grandes proprietarios, que, diz a folha aveirense, são quasi em peso monarquicos e sidonistas.

Realmente, dado que um movimento com caracter politico, desta especie, se manifeste, não é facil atribuir-lhe possibilidades de exito sem um plano desta natureza. E' infame, é criminoso, é anti-patriotico e é anti-social, mas não pode ser outro. Vir combater ás claras, nas ruas, com o pendão da monarquia, não é proeza que já hoje alguem possa executar. E' preciso um golpe de mão, uma cilada, um estratagema. De contrario, nem pensar nisso.

Mas porventura, assim mesmo, será possivel que triunfe uma revolução sidonista de caracter acentuadamente monarquico, porque sem os monarquicos os sidonistas não são nada? Não o acreditamos. E não o acreditamos porque a historia do dezembrismo é de ha dois dias, do dezembrismo com a sua insania, com a sua intolerancia, com o seu despotismo, com os seus abusos, com os seus crimes. Não é facil esquecel-a.

Não é facil esquecel-a, sobretudo aos que foram vitimas desse periodo torvo e cruel. Não a esquecerão os deportados civis, que, pelas suas opiniões politicas, foram envolvidos com vadios e gatunos em infamantes levas para o ultramar. Não a esquecerão os bravos marinheiros que foram tambem deportados, enviados por castigo ás paragens africanas para as quaes tantas vezes tinham ido, jubilosos, defender a patria, como soldados livres dessa mesma patria, e não como forçados remetidos para uma Siberia doutra especie. Não a esquecerão os valentes militares que, regressando de Africa, onde haviam arruinado a vida em defesa da bandeira nacional, se viam arremessados ás masmorras e enxovias. Não a esquecerão os republicanos de varios matizes que só por serem republicanos eram suspeitos aos olhos do sidonismo. Não a esquecerão as centenas, milhares de familias dos perseguidos. Não a esquecerão os jornaes assaltados, todas as liberdades suprimidas, denunciantes, espiões e carrascos campeando numa nova Veneza, a «boca da morte» revelando instintos de ferocidade peores que os dos tempos da Inquisição, os ataques á propriedade, a mordaça nas opiniões, a obra da traição desenvolvendo-se á sombra dum simulacro de Republica...

Por tudo isto, não supômos que em todos os casos, a intentona que se prepara, e cujo plano «O de Aveiro» revela, não pode ser coroada de exito. Contra ela se revoltariam as pedras das calçadas. O paiz quer a Republica, quer a ordem, quer o trabalho. E esmagará sem piedade todos os aventureiros que contrariarem a sua vontade.

Por ser ámanhã dia feriado, não se publica «A Capital», estando os nossos escritorios fechados.

1.º de Dezembro

Nos clubs

O Luzitano Club comemora a data de ámanhã com uma recita de gala, que começará ás 21 horas, havendo alocução alusiva, recitação de poesias e representação do episodio «Uma anedota», de Marcelino Mesquita, do 3.º acto da «Santa Inquisição», e de «Rosas de todo o ano», de Julio Dantas, terminando a festa com baile.

O CONTO DE DOMINGO

Romance de amor

PRIMEIRA PARTE

Amôr... amôr

I

Ele tinha 24 anos.

Era novo, elegante, formoso e palido.

Era poeta.

Gostava dos campos, de flôres, do regimen vegetariano.

Ele era solteiro.

E não tinha pae nem mãe; nunca mesmo tivera. Nascera das hervas e crescera na cidade.

Era pobre e tocava piano pelos «cines» da moda.

Como o verão chegasse e o «sexteto» se dissolvesse, procurou um outro e foi para as Caldas da Rainha.

II

Foi lá que ele a viu.

Ela era formosa.

Era loura.

Era esbelta.

Tinha cabelo frisado, dois olhos azues, um nariz simpatico, e boca rozada.

Rozada como um fruto côr de rosa.

Tocava «Mendolshon» e ela fitava-o.

E ele sorriu-lhe, e ela idem, idem.

Depois ela foi-se, e ele desafinou Oh! amor! amor!

III

Quinze dias depois passeavam no parque.

Ela ia de branco.

Ele ia de preto.

E ambos festivos nas almas sedentas.

A dama de edade que acompanhava a donzela sentou-se junto do coreto.

No coreto, infantaria 5.

Nos corações deles, amor.

E ele chegou-se e a sorrir perguntou-lhe o nome:

—Josefina.

E por sua vez ele disse:

—Eu Teodoro e te adoro.

Ela sorriu e ambos suspiraram.

Era em setembro.

SEGUNDA PARTE

Dois anos depois

I

Ia em dois anos que haviam casado.

Ela estava mais gorda, ele mais magro.

No primeiro ano foram felizes.

Ela tinha brilhantes.

Muito bom ouro.

Tinha papeis de credito e uma tia rica a cair de velha.

Ela chamava-lhe «Tótó» e ele «Fifi».

Depois as coisas começaram a mudar.

II

Josefina tornou-se ciumenta. De dia e de noite só dizia assim:

—Donde é que vieste?

—Com quem conversaste?

—Se fose com outra...

—Tu já não me amas...

Ao fim de um ano fez-lhe uma scena.

Depois fez duas.

E fez mesmo tres...

Mal passou agosto começou a levantar a mão e a sacudir Teodoro.

Ele era poeta e não dava por isso.

III

Caíu ele doente e ela passeava. Emquanto na cama gemia com dôres, Josefina ia a bailes, «soirées» e «deas, ó cloks fives».

Já não era Tótó para a sua Fifi.

E o desprezo minava o coração perfido da mulher cruel.

Ele fez-lhe um poema.

Ela atirou-lhe á cara o seu dinheiro, os seus brilhantes, a sua riqueza.

Teodoro, o infeliz, recolheu o poema e desistiu da mulher.

IV

Uma duvida atroz assaltou o mancebo.

E uma manhã dirigiu-se á cozinha da casa.

A cozinha, por sinal, era bem fornecida de utensilios domesticos.

Pegou numa faca de um metro de longo, apropriada a cortar chouriços e voltou para o quarto onde a bela estava adormecida.

E abriu-a dalto a baixo.

Meteu lá as mãos e poz-se á procura.

Veiu a dobrada, veiu a bexiga, vieram os rins e mais os pulmões; tirou-lhe o estomago, os ovarios e as guelras.

E subito parou; e então exclamou:

—Lá me parecia! esta mulher não tinha coração.

E enviuvou-se.

Armando Ferreira

Especulações cambiaes

As providencias do governo
A baixa é devida em parte á desvalorisação do marco feita pelos proprios alemães

A proposito da noticia por nós hontem dada de que o governo ia adoptar providencias imediatas destinadas a conseguir, se não uma melhoria cambial, ao menos a estabilisação temporaria dos cambiaes, disse-nos hoje o distinto advogado sr. dr. Antonio Alexandre de Matos, com quem nos encontrámos:

—Da noticia dada por «A Capital» póde resultar o convencimento de que as transacções a prazo sobre cambiaes são até agora absolutamente permitidas por lei, e que, portanto, elas são validas,—o que é um erro, pois ainda hoje está em pleno vigor um decreto do governo sidonista que expressamente não permite aquelas a que não corresponda um acto comercial de exportação ou importação ou desde que não representem uma cobertura necessaria.

«Quer vêr esse decreto? E' o numero 4176, de 27 d'abril de 1918, sobre operações cambiaes, que diz assim:

«Art.º 1.º—A partir do dia 1 de maio proximo, não são permitidas as operações a praso sobre cambiaes, desde que lhes não corresponda um acto comercial de exportação ou importação ou desde que não representem cobertura necessaria.

Art.º 2.º—As operações a praso efectuadas antes da publicação d'este decreto deverão ser liquidadas á medida que ocorrer o seu vencimento, não sendo permitida a sua renovação.

Art.º 3.º—As operações a prazo que se efectuarem de ora em deante serão registadas nas Bolsas de Lisboa e Porto pelos corretores oficiaes. Fóra d'estas cidades, o registo será efectuado nas agencias do Banco de Portugal.

Art.º 4.º—Os corretores oficiaes da Bolsa e o Banco de Portugal enviarão diariamente ao Ministro das Finanças a relação das operações a prazo que houverem registado.

Art.º 5.º—As operações que não fôrem registadas não são validas e não obrigam as pessoas ou entidades que as praticarem.

Art.º 6.º—As infracções d'este decreto serão punidas com a multa de 100$00 e as reincidencias com o decuplo.

Art.º 7.º—Fica revogada a legislação em contrario.»

Depois de lêrmos, continuou o sr. dr. Alexandre de Matos:

—Estão na classe das prohibidas as inumeras e importantes transacções sobre marcos (alemães) em cheques, n'esta praça e fóra d'ela, efectuadas desde ha mezes, com vencimentos a prazos, transacções que considero nulas e sem efeito algum, não só por virtude d'aquele decreto, mas ainda por consequencia de outros preceitos legaes promulgados durante o estado de guerra; e até por facto proprio dos vendedores d'essas cambiaes, que havendo produzido contractos de venda pura e simples, cometeram a inhabil imprudencia de acorrerem a acrescentar-lhes condições resalvantes das suas responsabilidades, mas profunda e substancialmente modificadoras dos realisados contractos de venda,—ás quaes alguns compradores responderam com expressa e imediata recusa d'esses contractos, ao passo que outros nenhuma resposta deram. Isto não póde significar aceitação tacita de semelhantes condições, mesmo porque o argumento do «quem cala consente» não se adapta ás exigencias da lei expressa em materia contratual.

«Eu, por esta forma, tenho aconselhado os meus clientes que, iludidos por um sonho de facil riqueza, compraram marcos a prazo, e que aflitos pela enorme baixa que esta moeda sofreu, vêem aproximar a data em que aos emissores dos cheques teem de pagar o elevado preço por que compraram as respectivas cambiaes. Que se deixem acionar judicialmente, porque semelhantes titulos de transacção são nulos como nulos são os contractos sobre eles efectuados; e as respectivas sentenças não podem deixar de ser absolutorias para os compradores. Isto é justo e procedente em face das leis que vigoram.»

Das explicações dadas amavelmente pelo sr. dr. Matos, vê-se que para a actual situação cambial muito concorreu a desenfreada compra do marco.

Finda a guerra, os agentes alemães insinuaram que a acquisição da moeda alemã era um negocio de primeira ordem. D'ahi a compra que se fez tanto na America, como na Europa. No nosso paiz, alguns milhares de contos devem ter sido empregados n'essa especulação. Tendo o marco sido comprado a $16 e $17 e estando a $05, vê-se facilmente o prejuizo. E isso foi devido á propria Allemanha, que tratou de desvalorisar a sua moeda, pois que, como ainda não ha muitos dias «A Capital» disse, os negociantes alemães exigem que as mercadorias lhes sejam pagas em francos suissos.

D'aqui é facil encontrar a ligação com o que se está passando

COISAS DE HOJE E DE HONTEM

O açambarcador não é nenhuma novidade...

Onde ha interesses ha mercantilismo, e por mais puras que sejam as intenções e rigorosas que sejam as leis, meio mundo ha de enganar o outro meio.

O sr. Grandela, ha dias anunciando que com a batata que viera para ele tinham vindo outras centenas de toneladas, descobria evidentemente o que já se adivinhára.

Que ha açambarcadores. Que a carestia da vida é o problema primordial a ser olhado atentamente, por industriaes, financeiros, banqueiros, que reunindo-se ou constituindo um sindicato poderiam atender ao povo, já que uma indiferença parece ter dominado os grandes do poder.

Que foi a guerra a causa desta vertigem de ganho, diz-se vulgarmente.

Qual!!

A carestia da vida é uma chaga de todos os tempos, suscitando sempre, em todos os povos, antigos e modernos, o zelo dos legisladores. Recentemente, dois deputados francezes propuzeram que se aplicasse a pena de morte aos que dela tivessem maior responsabilidade, aos especuladores mercantis, agiotas, açambarcadores, que se aproveitam das miserias dos tempos para realisar, com os artigos de primeira necessidade, beneficios ilicitos, elevando o preço de todas as coisas.

Os dois representantes da nação justificam o rigor da sua proposta recordando as severidades da Convenção relativamente aos especuladores que flagelavam o povo. Podiam remontar a tempo ainda mais distante da historia. Até nas legislações da antiguidade encontrariam traços da luta dos governos contra os promotores da carestia da vida.

A acreditarmos no que dizia Lysias, ilustre orador grego, que viveu ha vinte e dois seculos, as leis atenienses dessa epoca puniam com a morte os exploradores do povo.

Num libelo que pronunciou no ano 387, antes de Cristo, contra os mercadores que tinham açambarcado o trigo para o fazer subir de preço, Lysias exclamou: «Esses homens teem interesses opostos aos dos outros cidadãos. Enriquecem com a miseria publica. Rejubilam com a nossa desgraça; são os primeiros a saber das más novas ou, se assim o entendem, inventam-as. Em plena paz infligem-nos os rigores dum bloqueio... Já tendes punido com a morte acusados de taes crimes. Condenae sem piedade, que fareis justiça. E assim o povo terá pão barato».

A legislação ateniense demonstra que o mercantilismo existia já então como agora existe, revestindo as formas mais variadas: açambarcamento, especulação, agiotagem, alta ilicita de preços.

Platão, nas suas «Leis», estabelece penalidades contra os mercadores que por determinado genero, fazem dois preços diferentes no mesmo dia.

O imperio romano não se mostrou menos severo que a republica ateniense para com os mercadejadores de generos. Encontramos provas disso num decreto de Diocleciano, datado do ano 301.

«O furor do ganho não conhece já freios, escreveu esse imperador, convem pôr fim por meio duma lei a tão intoleravel estado de coisas.

«Todos sabem, continua, que os objectos de comercio e os generos que são vendidos nos mercados das cidades teem atingido preços exorbitantes e que a paixão desenfreada do ganho não foi nunca moderada nem pela quantidade das importações, nem pela abundancia das colheitas... que o espirito de pilhagem campeia por toda a parte e faz subir o preço dos generos não ao quadruplo mas ao octuplo, a um termo que ultrapassa todos os limites.

«Por consequencia, o imperador resolve fixar, «não o preço dos generos, mas o maximo que esse preço não deverá ultrapassar, a fim de que, nos anos de carencia, o flagelo da avareza seja contido pelos limites e restricções da lei...»

Nada esquecia o decreto de Diocleciano. Tudo estava devidamente taxado: cereaes, legumes verdes e secos, frutas, banhas, azeite, vinho, vinagre, sal, mel, carnes, salchicharia, criação, caça, couros e peles, calçado, tecidos, lenha, madeira para construções, drogas medicinaes, perfumarias e até os brinquedos infantis.

Diocleciano estabelecia tambem os salarios do operariado, não esquecendo que uma lei, para ser respeitada, devia comportar sanções.

«Atendendo, dizia no fim do seu edito, a que o uso constante dos nossos antepassados foi sempre o de editar uma penalidade para a infracção da lei, declaramos que o que infringir este estatuto incorrerá na «pena capital». O mesmo se dará com aquele que, por desejo de ganancias se prestar aos manejos dos açambarcadores; e com mais forte razão os que, possuindo generos, julguem a proposito ocultal-os».

Tal é a primeira de que sobre o assunto a historia faz menção.

O que sucedeu? O que tem sucedido a todas as leis similares através os seculos. O seu efeito foi o de fomentar a fraude, o artificio, o aumento da miseria dos povos.

Diocleciano tudo previra, menos este resultado desenfreado fatalmente por todos os entraves opostos á liberdade do comercio.

Em França a lei mais antiga contra o mercantilismo e o açambarcamento remonta ás Capitulares de Carlos Magno. Desde então, em quasi todas as epocas, se encontram ordenações reaes ou decisões do parlamento contra os especuladores de generos. A realeza mostrou-se algumas vezes mais severa do que hoje é o governo da Republica, contra os traficantes em questão. Os parlamentos usaram para com eles de um rigor implacavel. Os novos ricos cujas fortunas apareceram tão rapidamente e tão facilmente foram adquiridas em detrimento do interesse geral, eram levados perante os tribunaes de revisão, que verificavam as suas contas e os obrigavam a restituir o bem mal adquirido. Os mais poderosos senhores não escapavam a taes severidades, dando o processo contra o superintendente Fouquet uma boa prova disso.

Um dos processos mais notaveis no genero foi o do açambarcador Bourvalois, cujo verdadeiro nome era Paul Poisson. Foi para Paris como creado, lançou-se na especulação de generos, fez-se fornecedor do exercito, não tardando em arranjar uma fortuna tão consideravel que chegou a ter 34 milhões de francos em bancos estrangeiros.

Foram-lhe confiscados todos os bens, o seu palacio dá Place Vendôme, e encerraram-o na torre de Montegomery.

Um outro, não menos celebre, foi Le Normand, condenado a 90.000 libras de indemnisação em beneficio das comunidades de artes e oficios e 100.000 libras de multa, confiscação de todos os bens que possuia e a galés perpetuas.

Foi levado para o adro de Nôtre Dame em camisa, com um archote na mão, tendo nas costas e no peito letreiros nos quaes se lia em grandes caracteres: «Ladrão do povo!»

Depois esteve atado a um pelourο onde sofreu todos os apodos da população.

A Convenção punia com a morte simplesmente esta especie de criminosos e o que é curioso, segundo assegura o eminente economista mr. Edmond Théry, é que nenhuma disposição legislativa suprimiu de facto esta lei draconiana, e que em rigor em França estão ainda sujeitos á pena de morte os açambarcadores.

Os rigores da lei são muito menores presentemente. A liberdade não é uma coisa vã. Impunemente se trafica, impunemente se negocia. Nem a justiça grega, nem Roma descuravam tanto o mercantilismo. E' que a justiça outr'ora, era uma figura austera, de manto branco de diafana pureza, e hoje segundo diz um aguçado cronista, deixou de ter os olhos vendados para os ter... vendidos.

O julgamento de S. Pedro do Sul

Seguem hoje para S. Pedro do Sul, a fim de servirem de testemunhas de defeza no julgamento de José de Bettencourt, acusado de cumplicidade no assassinio de Augusto Malafaia, os srs. drs. Alvaro de Athayde, Tavares Festas e Antonio Arroyo.

O advogado de defeza será o sr. dr. Barbosa de Magalhães.

Assassinato á facada

COIMBRA, 30.—No logar de Coselhas, esta madrugada, Antonio d'Almeida e Silva assassinou á facada seu cunhado Abel Henriques, sendo a causa do assassinio uma discussão travada entre eles por causa de negocios.

O assassino foi preso pela policia de investigação e confessou o crime.—(Correspondente).

RECORDANDO OS MORTOS

Homenagem a dois jornalistas

A sessão funebre de hoje na Associação dos Trabalhadores da Imprensa

Foi imponente e comovedora a sessão funebre que a Associação dos Trabalhadores da Imprensa realisou hoje na sua séde, em homenagem ao saudoso jornalista Eduardo Coelho (filho) que durante largos anos foi presidente da assembleia geral daquela colectividade e a José Francisco Assis de Almeida, o primeiro «reporter» dos jornais da capital.

Estava a sessão marcada para ás 14 horas, mas muito antes já as salas da prestante colectividade se encontravam cheias de convidados, vendo-se entre a assistencia o pessoal superior do «Diario de Noticias»; sr. dr. Alfredo da Cunha, Rangel de Lima, Duarte Pereira, pessoal de todas as secções largamente representadas, a familia de Eduardo Coelho, a sua viuva sr.ª D. Helena Coelho; familia de Assis de Almeida, seus filhos e netos; uma delegação de internadas do Albergue das Creanças Abandonadas, com as regentes, jornalistas, escritores, artistas, etc.

Pelas 15 horas assumiu a presidencia o ilustre jornalista sr. Avelino de Almeida, presidente da direcção da Associação dos Trabalhadores da Imprensa que era secretariado pelos nossos camaradas srs. José Joaquim d'Almeida e Luiz Saude Junior.

O sr. Avelino d'Almeida ao abrir a sessão expoz os fins da mesma, tendo palavras repassadas de sentimento para os dois jornalistas cuja morte arrebatou ao convivio dos seus camaradas. Para Eduardo Coelho, teve o orador referencias de saudade mostrando quanta dedicação, quanto amor e quanto trabalho ele dispensou á Associação dos Trabalhadores da Imprensa de que foi um dedicado paladino. Para o velho «reporter» Assis d'Almeida, tambem o orador teve referencias elogiosas como honesto trabalhador que foi e como exemplar chefe de uma familia que á imprensa tem dado o melhor do seu trabalho.

O sr. Avelino de Almeida convidou depois a presidir á sessão o sr. dr. Alfredo da Cunha, do qual fez o elogio como jornalista, tendo aquele senhor ocupado a presidencia e sendo secretariado pelos srs. Avelino de Almeida e José Joaquim d'Almeida.

O sr. dr. Alfredo da Cunha agradecendo a honra que lhe era dispensada, tem frases comovidas para os dois homenagenados, convidando depois a viuva de Eduardo Coelho a descerrar o retrato do seu saudoso marido o que foi feito no meio de religioso silencio.

O discurso de José Parreira

Usou depois da palavra o nosso camarada e distinto jornalista sr. José Parreira, que pronunciou uma comovida alocução da qual podemos extratar o seguinte:

«Bem fizestes, senhores, colocando o seu retrato nesta sala, onde talvez festivamente, mas com efeito, de vez em quando, se juntam os que trabalham no que se chama a imprensa. Trabalho! Imprensa! Duas palavras que, acompanhando a transformação da epoca, vão tambem mudando não só de aplicação como de sentido.

Eduardo Coelho foi um jornalista do hontem e como egualmente de hontem—dum hontem já bem afastado—eu sou, o conhecimento desse ciclo suprirá nas desvalorisadas palavras, mas sinceras, que vos vou pronunciar, o merito no elogio a que a sua memoria tem direito e o vosso procedimento obriga.

Evidentemente, Eduardo Coelho era um jornalista: pelo sangue, pela concepção do seu espirito e pelas tendencias. Gostava, apreciava, queria ao jornalismo. Desde muito novo essa predisposição se assinalava e até mesmo não se afastou desse caminho. Era jornalista não só porque escrevia no jornal, mas tambem por possuir os predicados que devem caracterisar o mister: escrevia depressa e com facilidade; impressivo, possuia variados conhecimentos, tinha viajado, sabia bem o francez e sobretudo assimilava rapido e por isso a sua situação se marcou.

Sabendo bem, que o exagero é uma formula da mentira que aos mortos só a verdade se deve, eu, que me compraso na sinceridade, não pretendo nem desejo que das minhas palavras saia impressão diferente do apanagio veridico. Para confirmar a minha asserção bastará citar que, desde o «Homem do realejo», que ele escreveu aos 13 anos, aos «Traços e Troças», revista que aos 50 anos foi a sua ultima produção representada a sua «vis» se evidenciara.

Injustos eram os que não raro menos atenção prestavam ao seu trabalho e por um prisma diferente o viam. Eduardo Coelho tinha grande vida espiritual, tinha fantasia, tinha graça e critica, bastas vezes acerada. Eu vol-o atesto».

O orador analisa a obra literaria de Eduardo Coelho, causando uma excelente impressão na assembleia.

Fala o sr. Machado Correia

Depois de descerrado o retrato do «reporter» Assis d'Almeida, pelo seu neto sr. Julio d'Almeida, nosso camarada da imprensa, foi dada a palavra ao sr. Machado Correia, que proferiu o seguinte discurso:

«Sendo o mais edoso e o mais antigo profissional, em actividade, na imprensa de Lisboa e, creio, que do paiz, incumbiram-me de dizer algumas palavras ácerca de José Francisco d'Assis Almeida, o primeiro reporter que houve no jornalismo portuguez. O que até então havia, no «Jornal do Comercio», «O Conservador», «A Revolução de Setembro», «O Comercio de Lisboa» e outros da época, em 1864, era o noticiarista, que relatava certos acontecimentos de vulto tal como tinha conhecimento d'eles, sem o desenvolvimento, a pormenorisação e até mesmo a romantisação que hoje damos a esses acontecimentos.

Foi, como se sabe, Eduardo Coelho, ao fundar n'esse ano, com Tomaz Quintino Antunes, o «Diario de Noticias», quem creou o informador, que mais tarde foi o reporter. O primeiro, limitava-se a colher notas que alinhavava simplesmente, sem quaesquer preocupações literarias, dando-as assim á estampa. O segundo, esse arredondava periodos, cuidava a forma, que movimentava, dando ao leitor a impressão nitida vivida das ocorrencias que lhe relatava.

O primeiro informador e tambem o primeiro reporter, porque evoluiu, compreendeu que havia mais alguma coisa a fazer do que dar notas secas, desataviadas, sem brilho, de festas, desastres, crimes, incendios, tudo, emfim, que se passava dentro e fóra da cidade e merecia ser levado ao conhecimento da população, foi, não ha duvida, o pae Almeida—como era conhecido—cujo retrato acaba de ser inaugurado n'esta sala, prestando assim homenagem do iniciador no nosso paiz da profissão que quasi todos quantos nos achamos aqui reunidos temos exercido ou exercemos, profissão cujo trabalho se torna hoje tão necessario aos povos como os alimentos, como o vestuario, como o lar.

Colaboraram com Assis d'Almeida no «Diario de Noticias» outros, entre os quaes recordo Santa Rita, o Consiglieri, parente do conhecido professor do mesmo nome, dos quaes me ocuparei um dia se tiver vagar e arranjar editor para um livro de «Memorias» em que penso.

O pae Almeida foi d'eles todos—que a breve trecho surgiram reporters aos centos—o mais diligente, mais constante, mais completo, mais habil e mais honrado no exercicio d'esta ardua missão. Foi ele o inventor das «caixinhas», que, como todos sabemos, são as noticias que cada um de nós obtem e guarda avaramente para o jornal em que escreve. Quando havia, por exemplo, um grande crime, em que ele tinha de intervir, na qualidade de juiz de paz da freguezia de Santa Justa, cargo que exerceu por largos anos, levantando o competente auto, colhia todas as minudencias que podia, reunia quantos pormenores lhe vinham á mão ou podia perscrutar com a sua observação atilada, o seu criterio inteligente, transformava tudo na mais larga e interessante noticia que a popular folha da rua dos Calafates era a unica a publicar no dia seguinte.

E como era dificil a missão da reportagem n'essa epoca e ainda n'aquella em que eu entrei para o jornalismo, ha trinta anos, justamente no ano em que morreu Eduardo Coelho, pae.

Hoje, o reporter encontra todas as facilidades; não ha pessoa alguma que o não auxilie, que deixe de dar-lhe informações; n'aquele tempo não era assim. Para se obter um esclarecimento por mais insignificante que fôsse, era necessario ocultar a profissão, tida pela maioria do povo como indigna. Havia mesmo quem, ao desconfiar que estava sendo interpelado por um jornalista, se negasse com pouca urbanidade e até mesmo agressivamente, a prestar declarações.

Mas não desanimava nunca o velho Almeida. Se podia dissimulava a sua profissão; se não lhe convinha fazel-o, tinha taes modos, usava de taes falas, taes artimanhas desenvolvia, que por fim, conseguia o seu fito.

Bom velho. Estou a vêl-o ainda. Era uma figura seca, alta, desempenada. O rosto de pele fina, rosada, os olhitos azues, pequenos, vivissimos, espreitavam por detraz do «pince-nez», acavalado no nariz bem perfilado; o cabelo que fôra louro, estava quasi completamente branco

O PROBLEMA DA HABITAÇÃO

Dêem-se garantias ao capital

e a construção em Lisboa desenvolver-se-ha, como sucedia anteriormente ás leis do inquilinato

—Quer que continuemos a fazer considerações sobre o assunto que hontem nos serviu de tema, não é verdade?

—Porque não? A falta de casas é um problema importantissimo e para o qual é forçoso encontrar, e quanto antes, solução.

—Ainda bem que assim pensa, que, de resto, é a opinião dos que vêem bem. E' preciso resolver o problema, diz. Mas como, se tudo se conjuga contra os que queiram abalançar-se a construir?

«Como póde haver quem mande construir, sob a perspectiva de vêr constantemente aumentados os encargos, sem que de modo algum veja as suas receitas crescerem?

«Ha de concordar que não é facil haver quem o faça, a não ser que se veja no risco de perder os seus capitaes, ou, pelo menos, de os empatar sem deles tirar qualquer compensação. Será simplesmente para trocar dinheiro por propriedade, o que mesmo na vida particular não é regra de boa economia.

«E' necessario encarar as coisas com serenidade. A violencia de protestos e a ameaça duma gréve de inquilinos só podem complicar a questão, fazendo com que o capital ainda mais fuja desse emprego e creando, com a falta de casas, uma situação da maior gravidade e cujas consequencias não são faceis de prever.

«Tenho-lhe falado com a maior franqueza e não posso ser acusado de parcialidade. Tão respeitaveis são para mim os senhorios como os inquilinos, desde que um e outro sejam honestos e não de má fé. Por isso, não se poderá dizer que ha exagero nas minhas palavras. A situação, repito, complicar-se-ha se se recorrer aos extremos em que lhe falei.

«Ha ainda um outro aspecto muito grave a encarar: é a estreita ligação das leis do inquilinato com a situação cambial...

—Hein?

O nosso entrevistado sorriu.

—Parece-lhe uma afirmação audaciosa a que acabo de enunciar, não?

—Confesso que...

—Que assim a julga. Pois não é tanto como lhe parece. Bem vê que o capital, não encontrando colocação no paiz, a vae procurar no estrangeiro. E' incontestavel isto e não póde de modo algum contradizer-me.

«A primeira coisa a fazer para debelar o mal é inspirar confiança ao capitalista, para que no paiz empregue as suas economias. E a propriedade urbana póde ser, como já foi antes da promulgação das leis do inquilinato, um poderoso meio de fixar esse capital á nossa terra.

«Foi com o oiro vindo principalmente dos nossos compatriotas do Brazil que em Lisboa surgiram centenas de construções urbanas e não das peores que a cidade ostenta. Isto pelo que diz respeito á capital propriamente dita, porque no resto do paiz sabe-se bem quantas terras devem o seu progredimento a esses nossos compatriotas.

«Como vê, não é de fórma alguma disparatado o que digo. Tambem se liga com a situação cambial o problema da habitação.

«Está uma comissão encarregada de propôr as modificações necessarias ás leis do inquilinato. Póde o trabalho dessa comissão ser utilissimo e produzir beneficos resultados, se fôr orientado num sentido de conciliar os justos interesses de senhorios e inquilinos. Dela fazem parte homens competentes e que de certo se não deixarão influenciar por sugestões de qualquer especie. Que o resultado dos seus trabalhos se não faça demorar, tais são os desejos que formulo.

«E' forçoso sair da situação actual. Cada dia que passa vem agraval-a, porque, dia a dia, a vida se torna mais dificil, e se o é para o inquilino assim sucede egualmente para o senhorio.

«Entre-se num caminho rasgado e amplo. Atenda-se aos clamores duma classe numerosa e digna de não serem os seus interesses constantemente postos de parte, como se fosse uma classe maldita. Nem todos os senhorios nasceram ricos. O possuir uma propriedade representa para tantos e tantos largos anos de um incessante trabalho, de perseverantes esforços, duma economia que muitas vezes fazia com que até do indispensavel se privassem.

«Atenda-se a isto e proceda-se como é de dever. Daí só beneficios advirão para a colectividade.

A. C.

quando o conheci, assim como seu irmão. Porque o pae Almeida, muito do seu tempo, usava falvario, barbas á Palmerston ou «echantillones», nomes que então davam a esses tipos de barba na época de Napoleão III, em que estiveram em voga. Vestia sempre sobrecasaca e usava chapeu alto. De farinhas doces e maneiras persuasivas, conseguia penetrar nos mais inaccessiveis redutos que contra o jornalismo havia.

José Francisco d'Assis Almeida, que morreu a 21 de agosto de 1898, onze anos depois do seu mestre Eduardo Coelho, era filho d'um medico de Almada, o dr. José d'Almeida, administrador, chefe do partido liberal d'aquele concelho e dos elementos revolucionarios ali reunidos quando se deu o movimento da Maria da Fonte, pelo que correu o risco de ser fuzilado na praça publica.

Era o filho, de que nos ocupamos hoje, o encarregado de vir á capital buscar os jornaes e panfletos escritos pelo grande jornalista Antonio Rodrigues Sampaio, jornaes e panfletos que Assis d'Almeida levava escondidos no forro do casaco e eram distribuidos pelos liberaes almadenses.

Vinha a Lisboa cursar preparatorios. Seu pae destinava-o á profissão medica; mas falecendo a meio da educação do filho e não lhe legando mais do que um nome honrado, o rapaz fez-se procurador e foi advogado provisionista em Almada, para ganhar a vida, começando por ser alí correspondente do «Diario de Noticias», quando este se fundou.

Mais tarde, tendo casado com D. Maria Adelaide Lorena Queiroz, veiu para Lisboa, sendo então que entrou para o trabalho extenuante de informador do «Diario de Noticias», onde se conservou até á morte.

Morreu aos 64 anos, pobre, deixando oito filhos, que houve do matrimonio, a sua tradição honrada e fundando essa dinastia de Almeidas reporters, que já vae na quarta geração: a saber: o filho José Joaquim d'Almeida, ha 26 anos no «Diario de Noticias»; o neto, Julio de Almeida, encarregado da informação politica do «Seculo» e do ministerio do trabalho, e o bisneto, José Francisco d'Almeida Matos, que tambem se dedica á reportagem periodistica. E todos honram em honradez e competencia profissional a tradição da familia.

A Associação dos Trabalhadores da Imprensa inaugurando o retrato do pae Almeida paga uma divida que tinha em aberto com a memoria do habil e prestante profissional que foi, prestando ao mesmo tempo homenagem ao trabalho e á honradez que foram normas normas da sua vida.

Osnelus.

Uma romaria ao monumento de S. Pedro d'Alcantara

Por ultimo usou da palavra o nosso colega Luiz Saude Junior, que em nome da direcção da Associação dos Trabalhadores da Imprensa, fez o elogio de Eduardo Coelho, terminando por propôr que todos os presentes, fossem em romaria á Alameda de S. Pedro d'Alcantara depôr flores no monumento do fundador do «Diario de Noticias», manifestação que se realizou ... filho.

O sr. dr. Alfredo da Cunha ao encerrar a sessão, agradeceu a manifestação prestada ao seu querido chefe e amigo que durante longos anos o acompanhou com dedicação na direcção do jornal.

Por fim, todos os assistentes, empunhando braçados de flôres, gentilmente oferecidas pelo vereador do pelouro dos jardins municipaes sr. Augusto Cesar dos Santos, dirigiram-se a S. Pedro d'Alcantara, onde as internadas do Albergue das Creanças Abandonadas, auxiliadas pelo sr. Alexandre Morgado e menina Georgina Cordeiro dispuzeram os montões de flôres no pedestal do monumento.

No local foram tirados clichés fotograficos, achando-se alí dois serviços quatro guardas e um cabo da policia, gentilmente nomeados pelo sr. comissario geral.

A piedosa romaria associaram-se tambem os distinctos artistas Chaby Pinheiro, D. Jesuina Saraiva e Casimiro Tristão.

O Rocio no São Luiz

E' das mais belas obras de teatro o novo acto intitulado «O Rocio» com que foi ampliada a revista «O Pé de Meia», agora na 2.ª fase e que prosegue no seu deslumbrante sucesso. Todos devem ir vêr este espectaculo verdadeiramente empolgante e artistico, todas as familias e todas as creanças, pois que além do deslumbramento, linda musica, extraordinarias apoteoses, constitue um ensinamento com a encantadora reconstituição das varias epocas de nossa historia, apresentando as transformações por que tem passado o Rocio desde a Edade Media até ao principio do seculo XIX. As alegres ... sucedem-se ininterruptamente e o espectaculo termina agora antes da meia noite e meia hora para que, como sempre, os espectadores obtenham condução para suas casas.

FESTAS ASSOCIATIVAS

ACADEMIA RECREIO ARTISTICO—Hoje, ás 21 horas, ha festa promovida por uma comissão de socios, subindo á scena o drama «Os crimes da seita de Loiola», e um acto de variedades, terminando com baile.

Uma receita de sensação no São Luiz

Na proxima sexta-feira inauguram-se no São Luiz as recitas da moda, a pedido das familias da sociedade elegante, sendo nessa noite tambem a recita do grande actor Joaquim Costa, o famoso «Ramerrão» e o engraçado «Roda viva» da celebre revista «O Pé de meia», agora ampliada com o curiosissimo acto novo «O Rocio».

Os bilhetes já estão á venda.

Atropelada por um "side-car"

Num auto da Cruz Vermelha foi conduzida ao hospital de S. José uma senhora de 45 anos, que foi atropelada por um «side-car», apresentando um grande ferimento na cabeça. Ficou no hospital em observação.

Pina Menichelli

Publicamos hoje o retrato, não por espirito de reclame, pois o não precisa a deliciosa artista que é Pina Menichelli, mas tão sómente como um modesto preito de homenagem á eminente actriz italiana, tão conhecida do nosso publico pelo seu vastissimo e delicado repertorio e pelos seus excepcionaes dotes de formosura e de elegancia.

Pina Menichelli, com os seus soberbos olhos d'um negro aveludado, com a sua esculptural figura de creatura privilegiada—pois que a natureza a dotou com esse encanto—é hoje considerada como uma das mais rutilantes estrelas da fotografia animada.

Não fala, de modo a poder ser por nós ouvida, mas faz-nos sentir com o poder enorme do seu talento,

com o brilho do seu olhar, umas vezes scintilante, quando a personagem requer d'uma graça infantil e despreocupada, outras, amortecido, d'uma tristeza infinita, quando o seu belo temperamento de artista tem de nos fazer sentir a verdade d'alguem que sente, que chora, que sofre...

As suas provas estão feitas de ha muito, tanto na comedia, em que é adoravel, como no drama e na tragedia, em que é sublime, cumprindo-nos apenas fazer sentir aos nossos leitores a impressão que em nós produziu, e no publico em geral, a sua ultima creação «A Passageira», pelicula em 6 actos, que actualmente se exibe com grandioso sucesso no écran do Central.

O nosso bom amigo sr. Raul Lopes Freire, enriquecendo o seu Salão com as mais modernas comodidades, tornando-o luxuoso, rico mesmo, quiz tambem engrandecer o seu écran com as fitas de maior renome e os artistas de mais reconhecido valor.

E entre estes, como não podia deixar de ser, figura o nome glorioso de Pina Menichelli, na exibição d'«A Passageira», em que a divina actriz é soberba de verdade, extraordinaria de beleza, encantadora de elegancia.

Os nossos parabens, á empreza pela escolha de tão interessante filme e ao publico por poder admirar a genial Menichelli em um dos seus mais prodigiosos trabalhos.

NOTICIAS DA CAPITAL

Hospede pouco cortez

Filomena da Conceição Brito, moradora na rua da Beneficencia, 157, pateo, queixou-se de que Luiz Antonio Januario, residente na mesma casa, se ausentou, levando-lhe varios objectos no valor de 50 escudos.

Era uma vez uma carteira...

Queixou-se João Faustino, morador no beco dos Toucinheiros, 1, loja, de que num carro electrico lhe furtaram uma carteira com 55 escudos em dinheiro.

Desastre

Na Avenida Almirante Reis foi atropelado por um «side-car», que andava em experiencias, Celestino Soares, de 16 anos, residente no Campo de Santa Clara, 146, 1.º. Transportado ao hospital, recebeu ali curativo, seguindo depois para sua casa.

Eleição do juri comercial

Sr. redactor. — Realisou-se esta eleição sob a presidencia do juiz sr. dr. Nunes da Silva. A Associação Comercial de Lisboa, que organisou as listas e as recomendou, «esperando que o comercio concorresse ao acto que, como se sabe, se reveste da maior importancia», fez-se representar apenas por um continuo, que fazia a distribuição das listas.

Se a eleição se realisou, deve-se isso aos esforços dos ingenuos, que pescaram no mar que vae do largo das Duas Egrejas a S. Pedro d'Alcantara os poucos eleitores que lançaram os votos nas seis urnas que pacientemente os esperaram cerca de duas horas depois da fixada para o acto eleitoral.

Não farei comentarios, porque o não merece um facto, que é sintomatico do relaxamento com que é tratado o que mais a todos interesse devia merecer.

Agradecendo a publicação sou de v. etc.—«Um dos ingenuos».

QUEM ALVITRA? QUEM RECLAMA?

A situação dos ferro-viarios da C. P.

Dirige-nos «Um ferro-viario» uma extensa carta na qual diz que a situação actual da classe é insustentavel, visto que os ordenados não chegam. Tem 18 anos de empregado e ganha 31$00, que, com 12$00 de subsidio perfazem 43$00, o que é insuficiente para quem como ele é casado, tem dois filhos, mãe e uma irmã. E' a mizeria, a fome com todos os seus horrores.

Queixa-se de que na cooperativa se dão abusos, levando os protegidos as quantidades que querem, em detrimento, é claro, dos que não teem lampada acesa em Méca.

E os generos, que deviam ser vendidos mais barato, porque não pagam transporte, são ainda mais caros. E muitos ha que não se conseguem obter.

Quanto a reformas, chega a ser irrisorio o que se dá. Um guarda com 30 anos de serviço foi reformado ha pouco tempo com 6$00 por mez, o suficiente para morrer de fome.

Para os factos que cita, chama quem nos escreve a atenção do governo, porque, assim, os empregados não teem vontade de trabalhar, do que se ressentem os serviços e o publico.

Entraves á acção da Cantina de Belem

Em 17 do corrente mez foi expedida em grande velocidade de Torres Novas para Lisboa a remessa n.º 1.395, dirigida á Cantina de Belem, constando de azeite e figos, que até hoje ainda não chegou ao seu destino.

Tambem a mesma Cantina, depois de gastar tres dias, de 18 a 21, para conseguir pagar tres sacas de assucar ainda não conseguiu que lhe fossem entregues.

Pessoal da Companhia Carris de Ferro

Sr. redactor da «Capital».—Permita v. que nas colunas do seu jornal digamos algumas palavras em defeza d'uma classe que tantas vezes tem sido acusada de fazer exigencias desmedidas, mas que, afinal, é hoje uma das mais sacrificadas.

Referimo-nos ao pessoal da Companhia Carris de Ferro. Ao passo que todos teem melhorado de situação, nós continuamos marcando passo, digamos assim. No tempo em que o cobrador, por exemplo, ganhava $40 por dia, nós tinhamos $60. Hoje, eles ganham 2$40, nós temos apenas 1$70. Um simples trabalhador de obras publicas ganha mais do que nós e não tem o trabalho intensivo e exaustivo que nós temos. Como melhorar a nossa situação? Não nos compete, a nós, indicar os meios. Que quem póde o faça. A verdade é que somos de todos os assalariados que actualmente menos ganham, e isso não é justo.

O publico que nos julgue e que veja quanta razão nos assiste nas reclamações que vimos fazendo.

Agradecendo a v., sr. director, a inserção d'estas linhas, somos de v., etc.—Um grupo de empregados da Companhia Carris.

Professores a quem se não paga

Os exames de instrucção primaria realisaram-se na primeira quinzena de agosto. Pois estamos quasi em fins de novembro e até hoje ainda se não pagou aos professores que fizeram parte dos juris desses exames.

Para que havemos de fazer comentarios? Por hoje limitamo-nos a chamar a atenção do sr. ministro da instrução para o facto. Se necessario fôr, voltaremos então ao assunto.

Ecos & Noticias

JOÃO DE MOURA FERNANDES

Um grupo de amigos d'este bemquisto e saudoso rapaz, filho do nosso amigo Fernandes, o estimado fotografo da rua do Loreto, manda rezar amanhã, pelas 11 horas, na egreja do Loreto, uma missa comemorando o 30.º dia do falecimento.

A provincia n'A CAPITAL

FIGUEIRA DA FOZ, 21.—Entrou hontem no nosso porto a canhoneira «Limpopo», que foi requisitada pela capitania d'esta cidade para fiscalisar os barcos hespanhoes que ultimamente teem pescado nas nossas aguas. Deve sair no domingo.

—No proximo domingo, 23 realisa-se solenemente o «bota-abaixo» do importante lugre «Sagres», construido nos estaleiros da Empreza Industrial Figueirense, Limitada, d'esta cidade. E' um barco solido e elegante, que honra bem a industria naval da Figueira.

—Na séde do Ginasio Club realisou-se na quarta-feira uma sessão inaugural ... gimna, discursando os srs. dr. Antonio Rainha, dr. José Cardoso e Severo Biscaia, sendo no final muito aplaudidos.

—Uma comissão de comerciantes da nossa praça segue amanhã para Lisboa, onde vae apresentar ao governo uma representação, protestando contra o projecto de lei, que pretende que a Figueira seja incluida na 1.ª zona da regulamentação do jogo.

—Os ultimos dias foram abundantes em sardinha, pescada pelas traineiras, chegando a vender-se a 1$00 o milheiro.

—Partiram hoje para essa capital muitos republicanos evolucionistas, que vão assistir ao congresso do partido liberal.

—Foi recebida aqui com grande alegria a noticia da aprovação do projecto das obras do porto e barra, que são o engrandecimento da nossa terra e ... importante região.

—No Peninsular continuam sendo muito concorridos os espectaculos cinematograficos e variedades.

ULTIMA HORA

Viagem presidencial

Uma solemnidade impressionante: gloria ao regimento de infantaria 23!...

Aclamações á Republica e ao seu supremo magistrado

COIMBRA, 30, ás 13 horas. — Terminou agora a revista do regimento de infantaria 23. O espectaculo foi surpreendente, provocando delirantes aclamações ao exercito, á Republica e ao chefe do Estado.

O regimento formou em parada, na força de mil praças. Estava de grande uniforme, ostentando os oficiaes e praças as condecorações, nacionaes e estrangeiras, ganhas nos campos de batalha. A bandeira do regimento foi desfraldada, ondeando ao vento; as côres vivas do tecido, batidas de sol, produziam um belo efeito.

O ministro da guerra fez uma alocução ás tropas, recordando-lhes a epopeia de França, onde os soldados do 23, sob o seu comando, se cobriram de gloria e honraram as tradições do exercito portuguez.

O sr. presidente da Republica foi quem colocou as insignias da Torre e Espada na bandeira regimental, sendo emocionante o entusiasmo da multidão nesse instante solene. O chefe do Estado pronunciou depois um eloquentissimo discurso, exaltando o dever patriotico e o espirito de sacrificio de que os soldados do 23 deram demonstração eloquente nos campos de batalha de França. No final do discurso o povo vitoriou novamente o exercito e a Republica, prolongando-se as manifestações durante muito tempo.

Finda a parada, o ministro da guerra assumiu o comando do regimento, que desfilou em marcha de continencia perante o sr. presidente da Republica, que com o chapéu saudava os soldados e se curvou, reverentemente, á passagem da bandeira.

Os conimbricenses não ocultam o seu orgulho por ver tão merecidamente honrado o seu regimento e estão profundamente reconhecidos ao sr. presidente da Republica pela homenagem que prestou á bravura dos seus conterraneos. A hora que acaba de passar foi das mais gloriosas e prestigiosas para a Republica.—(Correspondente especial).

O povo, vitoriando a Republica, deu a nota emocionante á festa da parada das tropas da guarnição

COIMBRA, 30, ás 14 horas. — Na Insua dos Bentos realisou-se a parada geral das forças da guarnição, sendo a revista passada pelo sr. presidente da Republica.

As tropas desfilaram depois por entre compactas alas de povo, que repetiu as manifestações feitas durante a solenidade da colocação das insignias da Torre e Espada na bandeira do regimento 23. As tropas entraram na cidade pela rua Ferreira Borges, que estava vistosamente ornamentada com bandeiras, galhardetes, colgaduras e arcos de flôres.

O sr. presidente da Republica, o ministro da guerra e toda a comitiva presenciaram das janelas da Camara Municipal o brilhante desfilar das tropas. As musicas e filarmonicas tocavam a «Portugueza» e os oficiaes saudavam, com as espadas, o chefe de Estado. O entusiasmo popular, em frente á Camara Municipal, foi verdadeiramente indescritivel, sendo dificil de compreender como não se deram desastres pessoaes provenientes da enorme acumulação de gente desde a rua Ferreira Borges até Sofia. A policia foi impotente para manter as alas do povo, que invadiu os logares reservados ás personagens de categoria, vitoriando-as com estrondosos vivas e clamorosas aclamações á Republica.—(Correspondente especial).

Recita de gala no teatro Avenida—O sr. presidente da Republica mostra-se radiante com o acolhimento do povo de Coimbra—A Republica é indestrutivel!...

COIMBRA, 30, ás 15,30 horas.—A' noite realisa-se a recita de gala no teatro Avenida. O espectaculo deve ficar memoravel, porque todos os logares estão tomados pelas familias de maior distinção.

O teatro está ornamentado artisticamente, predominando enormes festões de flôres naturaes e bandeiras nacionaes e brazileiras.

Desde a chegada do sr. presidente da Republica que o comercio se encontra fechado, com excepção, apenas, das casas que vendem generos de primeira necessidade e das farmacias. Toda a cidade, emfim, está em festa, sendo enorme a multidão de forasteiros das povoações visinhas.

E' opinião geral que jamais em Coimbra se presenceou um tal espectaculo de entusiasmo e geral harmonia.

Não consta que se tenha produzido qualquer desastre, o que é verdadeiramente milagroso, dada a colossal multidão que enche as ruas e praças da cidade.

O sr. presidente da Republica mostra-se radiante e ... do declarado que a Republica encontrou agora mais dias de consagração popular.—(Correspondente especial).

Distribuição de premios aos alunos laureados da Escola da Associação dos Artistas—Visita aos estabelecimentos universitarios

COIMBRA, 30, ás 16 horas. — Em seguida á parada das tropas da guarnição o sr. presidente da Republica foi presidir á distribuição de premios aos alunos da Escola da Associação dos Artistas. Esta solenidade foi revestida de extrema cordealidade, sendo o chefe de Estado respeitosamente saudado pelos professores e alunos. A todos o sr. presidente dirigiu palavras amaveis, dizendo aos alunos que a Patria punha neles a sua maior esperança para um futuro de grandeza e gloria para a Republica.

O sr. presidente foi em seguida visitar os estabelecimentos universitarios, sendo muito aclamado durante o trajecto e festivamente recebido pelos funcionarios. A simplicidade do venerando cidadão encanta toda a gente, recordando-se, a proposito, a sua vida academica e os mezes de prisão na cadeia de Coimbra, quando foi condenado no inicio do reinado de D. Carlos, por crime de imprensa.—(Correspondente especial).

Um aeroplano vôa sobre a cidade—O povo aclama a Republica

COIMBRA, 30.—Esta tarde voou sobre a cidade um aeroplano, que lançou manifestos patrioticos.

O povo recebeu-o com palmas e vivas, saudando calorosamente a Republica.

O entusiasmo é indescritivel. —(Correspondente especial).

Assistencia publica

Inauguração do 2.º balneario

A Provedoria da Assistencia de Lisboa inaugurou ha tempos no edificio da rua do Sol, ao Rato, o primeiro balneario dos muitos que se propôz levantar nos bairros mais populares da capital com o fim não só de prestar alto beneficio de hygiene a essa população de pobres, como de preparação para possiveis e até provaveis epidemias.

Inaugurou-se hoje o segundo balneario. Está situado numa casa do antigo convento do Salvador, ás Escolas Geraes, na parte onde está installado o Patronato da Infancia, com entrada independente pela rua do Salvador.

No pateo central do edificio os alunos da banda do Asilo Maria Pia executaram varios trechos de musica que foram muito aplaudidos.

Pouco depois das 13 horas e meia chegou o sr. ministro do trabalho, com o seu secretario, sendo recebido á porta pelo provedor da Assistencia e todos os presentes, executando a banda a «Portugueza». O sr. ministro depois de ter recebido os cumprimentos de todos os presentes, passou a visitar o balneario e restante edificio, demorando-se até cerca das 15 horas e meia, tendo dito tantas palavras de elogio para o sr. provedor e todos aqueles que o teem coadjuvado. Depois do sr. Nunes da Silva agradecer, o ministro retirou.

VIDA SPORTIVA

Foot-ball

Os resultados dos desafios realisados hoje foram:

Imperio vence Internacional por 4 «goals» a 1.

Vitoria vence Belenenses por 1 «goal» a 0.

Gréve a bordo do "Quelimane"

Os cozinheiros e creados de bordo do vapor «Quelimane», pertencente aos Transportes Maritimos, declararam-se hoje em gréve. Reclamam que um delegado da sua associação, assista ás matriculas, o que segundo a lei tem de ser feita na Capitania do porto e não a bordo como os reclamantes exigem.

POLITICA

A restrição na importação e algumas opiniões surpreendidas dos politicos que as teem e as não guardam

Hontem á noite, nos centros da palestra politica falava-se na intenção que se atribue ao governo, de impedir a orgia das importações, a fim de obstar ao panico cambial. A providencia governativa era apreciada de modos diversos, ao sabor da paixão e do interesse de cada qual; por muito estranho que o caso pareça, havia, entretanto, quem dissesse coisas dignas, dignas de ser arquivadas a bem do povo.

Fala-se em restringir a importação de artigos de luxo. Mas o que são artigos de luxo? Tudo é relativo. Convenhamos que é luxo usar sedas e veludos e que o não é vestirmo-nos de algodão e lã. Mas o que se ha de vestir de outra forma ou de outra e quem usa sedas e veludos deixe aos outros os artigos modestos confeccionados com algodão e lã. Se, porém, não houver no mercado os taes artigos de luxo, os novos ricos disputarão aos novos pobres e tambem aos antigos (ainda ha muitos destes) o uso dos trajos modestos, porque os primeiros se não resignarão a andar nus nem a policia, que muita coisa consente, lhes permitiria a novidade.

Não foi ha dias detida na rua do Ouro uma dama porque apareceu aos olhos extasiados do publico com a «jupe» por cima do joelho?

Temos, pois, que aumentaria a procura dos artigos de vestuario que, até agora, são relegados ao uso dos pobres. Ora como a procura aumenta o custo, facilmente se conclue que a restrição nas importações de objectos de luxo conduziria a uma elevação do custo de aquisição dos substitutivos que, na hipótese, são o algodão, a lã, a chita, etc.

A discussão alargou-se por tal forma que se diria que estavamos assistindo a uma sessão do parlamento. Desta vez, por acaso, chegou-se a uma conclusão: fixou-se a opinião de que a proibição de importações era fobal de marca maior, mas que seria proveitosa uma elevação de direitos aduaneiros nos artigos de luxo importados. O novo rico tanto se lhe dá de pagar muito, como pouco, contanto que possa estadear a sua grandeza; e ... os pobres, não seria mais doloroso do que já é usar as ... camisolas de lã e as grossas peugas de algodão.

O egoismo é, porém, a base de todos os actos humanos. E não foi por isso, possivel chegar-se á previsão do que vae acontecer porque ninguem soube dizer se as peugas que o sr. ministro das finanças usa são de algodão ou de seda. E' apenas, o que resta averiguar.

A Agencia Financial do Rio de Janeiro e as oscilações cambiaes

A reforma do sr. Ramada Curto teve a virtude de concentrar em poder do Estado todo ou quasi todo o ouro que o Brazil nos manda. O Estado constituiu-se um açambarcador do precioso metal, que faz baixar o mercado, regulando, para as necessidades do comercio da importação apenas as cambiaes que vem de Africa ou aquelas que nos fornecem a exportação e a reexportação. A oferta diminuiu e a procura permaneceu a mesma e logo o ouro aumentou de valor, o que explica em grande parte, a acentuada depressão cambial. A maneira mais natural de remediar o inconveniente seria restituir ao mercado o ouro açambarcado pelo Estado, ou supomos que é isso que o governo tenta, correr dos tempos, se venha a realisar, por necessidade imperiosa.

Diz-se de hontem que o governo adoptára um meio termo, além de sustar, temporariamente, a baixa. Segundo essa versão, teriam sido dadas instrucções á Agencia Financial do Rio de Janeiro, a cargo, como é sabido, do Banco Portuguez do Brazil, para aguardar instrucções quanto aos saques que devem ser feitos sobre tal ou tal praça, conforme convier ao governo e não simplesmente sobre Londres como é costume. O governo usou, assim, duma faculdade contractual, mas não é certo que o expediente venha a produzir qualquer resultado perduravel.

Theatros e Cinemas

Agenda da semana

Segunda feira 1
Nacional—Reprise—*Edade de amar*

Quarta feira 3
Avenida—*Mademoiselle Ecrain.*

Primeiras e reposições

EDEN TEATRO— «Dominó», revista em 2 actos e 8 quadros, de Pereira Coelho e A. Barbosa, musica de Del-Negro e Calderon.

Depois da mutilação da revista «Aqui d'El-Rei», que tantas cutiladas sofreu que a tornaram cadaver, reapareceu «O Dominó», peça que causou certo agrado e que sofre da mesma enfermidade, apenas com algumas injecções de certa originalidade e outras como seja a sr.ª Augusta dos proverbios que os nossos ouvidos registaram em certa peça recentemente deposta. Comtudo, possue ainda numeros de carreira como sejam a lareira e o gelo, as fiandeiras e o fado electrico de agrado certo.

Em diferentes papeis sobresairam Ema d'Oliveira, que hontem reapareceu e é sempre um elemento de valor na revista, bem como Maria Litaly e Sofia Santos, humorista na sr.ª Augusta. Não devemos esquecer a graciosidade de Laura Costa e a distinção de Adelina Fernandes, Celeste Ruth, etc.

Pelo lado masculino destacaremos Alvaro Pereira, muito bem nos seus papeis, principalmente no «Acendedor», o tenor Almeida Cruz numa boa canção e ainda os compadres a cargo de João Silva e Matias d'Almeida não desmancharam o conjunto.

Scenario apreciavel, ensenação cuidadosa e a parte musical acertada a cargo do maestro Bernardo Ferreira.

H. A.

Nota do dia

A pedido de muitas, muitas, muitas pessoas voltou á scena a peça «A exilada».

Todos nós sabemos que esse «pedido geral» representa o logico desenlace duma meia duzia de frouxas representações duma peça que morreu num abrir de boca geral logo na noite da primeira representação.

Teatro francez, um nada frivolo e superficial, quasi vazio, não o salvou nem a interpretação heroica de um bom punhado de artistas. Mas, se logo ao ler-se, se adivinhava que não tinha ponto algum de sedução para o publico de Lisboa —o de Renaissance em 1912 tambem não gastou muitas dezenas de noites com essa obra de Capus— porque se foi buscar aquele paspalhão ao teatro lá de fóra, e obrigar actores de 1.ª categoria a expôrem-se a um mau agrado do publico?

Que invencivel poderio tem para as nossas empresas o teatro francez! «En garde...» findou, e já se anuncia outro fruto puramente francez, especificadamente parisiense, vivido em Montmartre, com gente do Moulin Rouge e um tema velhissimo—a regeneração da mulher. A obra de Pierre Frondaie— além com Polaire, aqui naturalmente com Palmira Bastos—poderá embora ter um agrado de interpretação; não passará de mais um desses exemplares de tipico parisianismo que arremedamos, imitamos, saboreamos simiescamente.

Mas valerá a pena trazer até nós esse teatro que não é nosso, não tem afinidades comnosco, não constitue um fóco brilhante de arte universal? Esgotada a teta, hontem fertil dos grandes dramaturgos francezes, teremos de suportar os segundos nomes de todo o estrangeiro—ou Espanha, ou França, ou Inglaterra—que as empresas fazem figurar nos cartazes em vez de teatro portuguez, velho ou novo, ressurreições ou novidades?

A resposta dá-no-la o publico; só ele, o grande juiz, desinteressado de criticas e sem estabelecer doutrinarios paleios exerce a sua verdadeira justiça. Como? Fazendo com a sua ausencia um «pedido geral» para que voltem á scena as peças que teem alguma coisa que o interesse.

Assim sucedeu com o «en garde» —o Deus sabe com que mais.

A. F.

Noticiario

Brazil

Subiu á scena no Carlos Gomes o vaudeville «A perola do regimento», de Moreno Feyo.

No seu desempenho tomaram parte Antonio de Sousa, F. Crespo e Grijó Sobrinho, Ema de Sousa, Rachaln Moreira, Iracema de Alencar, Eduardo Pereira, Augusto Anibal, Manuel Matos e J. Silveira.

—«O Melro», foi o titulo dado por Luiz Palmerim á tradução que fez de uma comedia-farça espanhola intitulada no original «La frescura de Lafuente». Esta peça foi um grande exito de gargalhada nos teatros de Espanha.

—O sr. Gastão Tojeiro escreveu uma nova peça, intitulada «Os fileiros», que subiu á scena no S. José.

—No Trianon representou-se mais um original brazileiro, «Sonhos do Teodoro», cuja «première» foi a 2 do corrente.

O novo trabalho era de Gastão Tojeiro.

—Mais um original brazileiro, o «Secretario de S. Ex.ª», subiu á scena no teatro Carlos Gomes. Com essa peça, em que fez sua estreia no teatro Armando Gonzaga, obleve sucesso, como sucedeu nas lides jornalisticas, onde o seu nome se soube impôr.

—Pela empreza proprietaria do cine-teatro Yolanda organisou-se uma pequena companhia de comedias e operetas, que se estreou com a comedia em tres actos «O querido Elias». O elenco era o seguinte: Fulvia Castelo Branco, Maria Adelaide, Etelvina Siqueira, Gervasio Guimarães (director), Eduardo Rocha e José Guimarães.

—Fez sucesso a opereta «Prova de amor». Peça adequada á fina plateia do S. Pedro, resume-se num episodio de amor que se desenvolve em torno de dois personagens, Odette e Carlos, a cargo, respectivamente, de Abigail Maia e Sales Ribeiro.

—No Politeama do Meyer foi levado com sucesso o drama «Aimée» o assassino por amor», extraido de uma obra de Sardou.

Espanha

Está publicado o 1.º numero de uma nova revista de teatros e cinemas «Crispin», com muitas ilustrações e a peça «Entre cafe e café» que subiu no Infanta Izabel.

Cartaz de hoje

Nacional, ás 21, «O Cardeal».
S. Luiz, ás 20,30, «O pé de meia».
Eden, ás 20, «Dominó»—A's 22 «A princeza dos dolars».
Ginasio, ás 21,30, «A cadeira n.º 13»
Politeama, ás 21, «Boa gente».
Avenida, ás 21, «O pae Simão».
Apolo, ás 21,30, «Os 20 milhões».
Coliseu dos Recreios, ás 21, Grande Companhia de Circo.
Animatographos—Salão Foz, Olympia, Condes, Chiado Terrasse, Salão da Trindade, Salão da Promotora, em Alcantara, Salão Portugal, rua de S. João da Praça.

ESTATUTOS

DA

Sociedade de Habitações Salubres e Economicas

O LAR NACIONAL

TITULO I

Denominação, séde, objecto e duração da Sociedade

Artigo 1.º—Em conformidade com a respectiva legislação e nos termos dos presentes estatutos, é constituida uma Sociedade de construção de Habitações salubres e economicas, sob a forma de sociedade anonima de responsabilidade limitada, denominada: «O LAR NACIONAL».

Art. 2.º—A sua séde é em Lisboa, podendo vir a ter estabelecimentos e sucursaes em quaesquer outras localidades do territorio da Republica Portugueza.

Art. 3.º—O objecto da Sociedade é:

a) Construir, adquirir e tomar de arrendamento, para alienar ou alugar, com ou sem promessa de venda, casas salubres e economicas e as suas dependencias ou anexos, taes como: jardins, balnearios e lavadouros;

b) Melhorar e tornar salubres casas já existentes;

c) Promover e estimular, por todas as formas, a construção de casas salubres e economicas, principalmente facilitando aos interessados a sua acquisição e cooperando na criação e no desenvolvimento de sociedades congeneres e, em especial, de cooperativas que se propõem o mesmo fim;

d) Fabricar e vender o material necessario para a construção e o mobiliario para a installação de habitações economicas e, em geral, quaesquer objectos de uso caseiro ou domestico, a fim de facilitar as condições de vida e o conforto e cultivar o bom gosto das classes laboriosas, em especial dos compradores e locatarios de casas economicas;

e) Em geral, exercer todas e quaesquer industrias acessorias ou correlativas das de construção, acquisição, alienação e arrendamento de casas economicas.

Art. 4.º—Para conseguir o seu objectivo, poderá principalmente:

a) Adquirir e alienar terrenos e quaesquer predios e, em geral, efectuar, nos limites da lei, todas as operações realisaveis sobre a propriedade imobiliaria;

b) Alienar os predios a pronto pagamento, a prestações, garantidas com hipoteca bastante ou seguro de vida, ou de qualquer outra forma que entender;

c) Contractar, com as companhias autorisadas, seguros sobre a vida dos seus devedores hipotecarios;

e) Contrahir emprestimos com a Caixa Geral dos Depositos e com quaesquer outras entidades;

f) Emitir obrigações;

g) Conceder emprestimos e transferir as garantias recebidas dos seus devedores;

h) Realisar todas as operações commerciaes e industriaes, permittidas por lei e de que careça para o maior desenvolvimento das suas transacções, podendo portanto crear ou adquirir os estabelecimentos ou as sociedades que julgar, fundir-se ou associar-se com outras empresas ou sociedades ou tomar nelas qualquer participação ou mesmo assumir simplesmente a sua administração.

Paragrafo unico. A Sociedade não poderá possuir os imoveis por mais de 10 anos, salvo os indispensaveis para os seus estabelecimentos ou se obtiver a autorisação necessaria.

Art. 5.º—A duração da Sociedade é por tempo illimitado.

TITULO II

Capital, acções e accionistas

Art. 6.º—O capital social é de escudos 200.000, representado por 2.000 acções de 100 escudos cada uma, com desembolso de 30 por cento.

A entrada dos restantes 70 por cento efectuar-se-ha em prestações não superiores a 20 por cento, com intervalos que o Conselho de Administração determinar, mas não inferiores a 30 dias uns dos outros.

Art. 7.º—O capital social poderá ser elevado até á quantia de 1 milhão de escudos, por uma ou mais vezes, quando o Conselho de Administração o entenda e o Conselho Fiscal o aprove.

Além d'esta quantia, a decisão compete á Assembléa Geral.

Os aumentos de capital só poderão realisar-se quando estejam completamente liberadas todas as acções anteriormente subscritas.

Art. 8.º—Nos casos de aumento do capital, as novas acções serão distribuidas de preferencia aos acionistas, na proporção das que cada um já possuir.

Art. 9.º—Poderão fazer-se titulos de uma, cinco e dez acções.

Art. 10.º—As prestações d'acções, que não forem satisfeitas nos prazos marcados pelo Conselho de Administração, vencerão a favor da Sociedade uma multa de 10 por cento e mais o juro de móra de meio por cento por cada mez ou fracção de mez, decorrido desde o seu vencimento.

Passados seis mezes sem que a prestação esteja paga, os titulos de essas acções em divida serão anulados e substituidos por outros para serem vendidos na Bolsa oficial por conta e risco do acionista devedor.

O produto liquido d'essa venda será aplicado ao pagamento do que fôr devido á Sociedade; o excedente, se existir, ficará em deposito para ser entregue a quem de direito pertencer. No caso de deficit, a Sociedade exigirá o reembolso por todos os meios que a lei lhe faculta. Da anulação e da venda, anunciadas no «Diario do Governo» e em dois dos jornaes mais lidos de Lisboa com 15 dias de antecedencia, dar-se-ha conhecimento aos interessados, quando a sua morada fôr conhecida na Sociedade.

Art. 11.º—As acções são sempre nominativas, mesmo depois liberadas, indivisiveis e transmitem-se por endosso ou qualquer outra fórma autorisada por estes estatutos ou por lei.

O averbamento das acções, emquanto não estiverem liberadas, só poderá fazer-se com veto do Conselho de Administração, com recurso para a Assembléa Geral.

Se o averbamento fôr recusado, ficará a transmissão sem efeito.

Nenhuma acção não liberada poderá ser averbada a novo possuidor sem que este declare por escrito que assume todas as responsabilidades que os estatutos impõem aos acionistas.

Art. 12.º—O averbamento consequente a transmissão das acções por efeito da sucessão, poderá ser feito independentemente de pertence judicial, se não houver inconveniente de lei e o Conselho de Administração julgar suficientemente provada a legitimidade da transmissão.

TITULO III

Da Administração e Fiscalisação

CAPITULO I

Do Conselho de Administração

Art. 13.º—A Sociedade é administrada por um Conselho de Administração composto, em numero maximo, de 9 Administradores, eleitos por 3 anos pela Assembléa Geral, sendo permitida a reeleição.

A maioria dos Administradores deve ter residencia em Lisboa.

A Assembléa que proceder á eleição designará préviamente, dentro do limite fixado neste artigo, o numero de Administradores que comporão o Conselho.

Art. 14.º—Cada Administrador, antes de entrar em exercicio, depositará na Caixa social 10 acções proprias e livres de qualquer onus que ficarão em caução da sua gerencia.

Art. 15.º—O Conselho de Administração elege anualmente entre os seus vogaes um Presidente e um Secretario que podem ser reeleitos.

Nas suas ausencias preside o vogal mais velho e secretaria o vogal mais novo.

Art. 16.º—O Conselho de Administração reunir-se-ha ordinariamente duas vezes por mez e, extraordinariamente, todas as vezes que os interesses da Sociedade o exigirem.

Os administradores ausentes poderão enviar o seu voto em carta dirigida ao Presidente, na qual se expresse claramente o assunto da votação e a opinião do signatario.

O Conselho não funcionará sem estar presente a maioria absoluta dos Administradores residentes em Lisboa.

Art. 17.º—As faltas ou impedimentos de quaesquer Administradores serão supridas pela nomeação de acionistas, feita pelo mesmo Conselho, quando e como este julgar conveniente.

Art. 18.º—Aos acionistas que, em harmonia com o artigo antecedente forem nomeados ou eleitos para o Conselho de Administração, são aplicaveis todas as disposições d'estes estatutos relativas aos Administradores eleitos; a sua quota parte na remuneração, preceituada no art. 21.º, será deduzida na do Administrador substituto e proporcional ao tempo da substituição.

Art. 19.º—O Conselho de Administração está investido dos mais amplos poderes para a Administração da Sociedade, realisando ou outorgando todos os actos relativos ao objecto social. Poderá principalmente:

a) Construir, adquirir, tomar e dar de arrendamento, alienar, com ou sem promessa de venda, quaesquer predios;

b) Vender, alienar, trocar, realisar os valores mobiliarios e imobiliarios pertencentes á Sociedade e receber os seus respectivos preços;

c) Contrahir e conceder emprestimos;

d) Proceder, de acordo com o Conselho Fiscal e quando assim o aconselharem as necessidades sociaes, ao aumento do capital social;

e) Determinar o emprego dos fundos da Sociedade;

f) Desistir de quaesquer acções ou privilegios;

g) Transigir e comprometer-se em arbitros;

h) Delegar todos ou parte dos seus poderes para um mandato especial e para casos especiaes e determinados;

i) Nomear e demitir o Director é fixar os seus vencimentos;

j) Nomear e demitir o Sub-Director e, sob proposta do Director, os empregados, delegados e agentes da Sociedade, fixando-lhes as atribuições, ordenados e vantagens;

k) Fixar as despezas geraes, e, em geral, exercer todos os demais actos de administração da Sociedade.

Art. 20.º—O Conselho de Administração nomeará, semanalmente, de entre os seus membros, um Administrador de serviço para a verificação mais minuciosa das operações e das contas e para acompanhar a Direcção no expediente diario da Sociedade. Poderá, porém, nomear, quando julgue conveniente, um ou dois Administradores-Delegados que permanentemente desempenhem a função de Administrador de serviço.

Paragrafo unico. Quando houver dois Administradores-Delegados, a um d'eles incumbirá, mais particularmente, o serviço referente aos assuntos tecnicos de construção.

Art. 21.º—A remuneração do Conselho de Administração, consignada no n.º 3.º do art. 48, será dividida em tantas partes eguaes quantos os Administradores e mais duas, sendo estas duas para aqueles que, durante o ano, exerceram o logar de Administrador de Serviço e as outras para todos os Administradores, na proporção do tempo que cada um serviu. Se, porém, forem nomeados os Administradores-Delegados, a estes pertencerão as duas partes destinadas ao Administrador de serviço.

Cada Administrador receberá uma senha de 5$ pela sua presença a cada sessão ordinaria.

Os Administradores-Delegados vencerão tambem, cada um, uma remuneração mensal de 90$.

As contribuições que tiverem por base a qualidade de Administrador serão a cargo da Sociedade.

CAPITULO II

Da Direcção

Art. 22.º—A direcção das operações sociaes é confiada, debaixo da vigilancia e fiscalisação do Conselho de Administração, a um Director, nomeado pelo mesmo Conselho.

São compativeis as funções de director com as de membro do Conselho de Administração.

O Director, se não fôr Administrador, assiste ás reuniões do Conselho de Administração e toma parte nas suas deliberações com voto consultivo.

Nos seus impedimentos ou ausencias temporarias, o Director poderá seu substituido por um Director interino ou por um Sub-Director, nomeado pelo Conselho de Administração.

O Sub-Director só será nomeado quando o desenvolvimento da Sociedade o exigir.

Art. 23.º—O Director e o Sub-Director, se não forem do Conselho de Administração, terão de prestar uma caução egual á que para os Administradores ficou preceituada no art. 14.º.

Art. 24.º—O Director, em harmonia com as deliberações do Conselho de Administração:

Superintende em todas as operações da Sociedade, admite e autorisa as operações definidas nos artigos 3.º e 4.º e estipula as condições particulares das operações e dos contractos;

Exerce rigorosa fiscalisação de todas as obras da Sociedade, pessoalmente ou delegando em pessoas competentes tecnica e moralmente;

Dirige os trabalhos de escritorio;

Propõe a nomeação ou demissão e os ordenados e comissões de empregados, agentes e correspondentes;

Nomeia ou demite os empregados, cuja nomeação o Conselho lhe tenha delegado;

Regula a missão dos inspectores e dos outros propostos ou delegados da Sociedade;

Toma a iniciativa e, dentro da sua competencia, põe em pratica todos e quaesquer actos uteis á melhor e progressiva efectivação dos fins da Sociedade e, d'uma maneira geral, pratica todos os actos necessarios á execução do seu mandato.

Art. 25.º—O Director dedicará toda a sua actividade ao desenvolvimento da Sociedade e toda a sua atenção ao estudo dos problemas e processos proprios a fomentar e aperfeiçoar os metodos de trabalho nas industrias exploradas, de maneira que possam aproveitar constantemente os progressos realisados, quer no paiz, quer no estrangeiro.

O Director deverá apresentar anualmente ao Conselho de Administração um relatorio minucioso das operações da Sociedade, acompanhado não só de quadros numericos ou graficos onde se comparem os resultados do ano com os dos exercicios anteriores, como de todos os dados por onde se possa claramente depreender a situação da Sociedade.

Art. 26.º—Quando de outro modo se não tenha providenciado em contracto especial, celebrado com o Director, considerar-se-ha o seu mandato conferido pelo prazo de cinco anos e sujeito a indemnisação de perdas e damnos se fôr revogado sem culpa grave. Esta indemnisação consistirá n'uma quantia egual á importancia do ordenado de um ano.

Será uma culpa grave o recebimento de bonus, comissões, descontos ou quaesquer beneficios cedidos pelos fornecedores ou outros contraentes, vantagens que devem reverter totalmente em proveito da Sociedade.

Art. 27.º—O Director vencerá, além do ordenado mensal, a participação nos lucros liquidos, consignada no n.º 3.º do art. 48.º.

As contribuições que tiverem por base a qualidade de Director e Sub-Director serão a cargo da Sociedade.

Art. 28.º—Devem ser assinados por um Administrador e pelo Director ou Sub-Director:

a) As transferencias e endossos de fundos e titulos de credito publico pertencentes á Sociedade;

b) Os documentos de acquisição, venda, alienação, troca, arrendamento ou hipoteca de propriedades;

c) Os contractos, procurações, transacções e outros documentos que obriguem a Sociedade;

d) Os cheques e letras sobre os Bancos e sobre todos os depositarios de fundos sociaes.

Paragrafo unico. A correspondencia, recibos de rendas e demais actos administrativos basta que tenham só a assinatura do Director ou do Sub-Director ou de um empregado para isso autorisado pelo Conselho de Administração.

CAPITULO III

Do Conselho Fiscal

Art. 29.º—O Conselho Fiscal é composto de 3 vogaes, eleitos trienalmente pela Assembléa Geral, sendo permitida a reeleição.

Art. 30.º—Cada membro do Conselho Fiscal, antes de entrar em exercicio, depositará na caixa social 5 acções proprias e livres de qualquer onus, que ficarão em caução da sua gerencia.

Art. 31.º—O Conselho Fiscal elege anualmente, entre os seus vogaes, um Presidente e um Secretario, que podem ser reeleitos.

Art. 32.º—O Conselho Fiscal reune-se ordinariamente uma vez por trimestre e, extraordinariamente, todas as vezes que os interesses da Sociedade o exigirem.

Art. 33.º—As faltas ou impedimentos dos membros do Conselho Fiscal são supridas por acionistas, nomeados pelo mesmo Conselho Fiscal analogamente ao que ficou preceituado nos arts. 17.º e 18.º, mantendo-se sempre o numero de tres vogaes.

Art. 34.º—Ao Conselho Fiscal compete:

Vigiar pela execução d'estes estatutos e dos regulamentos aprovados pela Assembléa Geral ou pelo Conselho de Administração;

Examinar os registos, a correspondencia e quaesquer documentos;

Verificar a carteira e a caixa, sempre que o julgue conveniente;

Exercer todas as demais atribuições que a lei lhe confére.

Art. 35.º—A remuneração do Conselho Fiscal é de 3 por cento da parte dos lucros, consignada no n.º 3.º do art. 48.º

Os vogaes do Conselho Fiscal vencerão uma senha de 5$ pela sua presença ás sessões ordinarias e ás extraordinarias, convocadas pelo Conselho de Administração.

As contribuições que tiverem por base a qualidade de membro do Conselho Fiscal serão a cargo da Sociedade.

TITULO IV

Da Assembleia geral

Art. 36.º—A Assembléa Geral compõe-se de todos os acionistas possuidores de acções averbadas com 3 mezes de antecedencia.

Qualquer acionista pode fazer-se representar por um mandatario, que tambem seja membro da Assembléa.

Os acionistas, que compõem a Assembléa Geral, teem um voto por cada acção; o numero de votos que cada acionista pode representar é o limitado no paragrafo 3.º do art. 183.º do Codigo Comercial.

Art. 37.º—Podem ser representados na Assembléa Geral, independentemente de procuração: a mulher, pelo marido; o tutelado, pelo tutor; o casal indiviso, pelo representante legal da herança; as sociedades ou firmas comerciaes, por um dos seus gerentes; e as corporações, por um dos seus legitimos representantes.

Art. 38.º—A Assembléa Geral reune-se uma vez nos primeiros quatro mezes de cada ano social e, extraordinariamente, sempre que o Conselho de Administração ou o Conselho Fiscal o julguem necessario, ou quando seja requerido por acionistas que representem a terça parte do capital e declarem no requerimento o motivo e fim da reunião.

Art. 39.º—A Assembléa Geral elegerá trienalmente, de entre os acionistas, um Presidente, um Vice-Presidente, dois Secretarios e dois Vice-Secretarios, sendo permitida a reeleição.

Na falta ou impedimento do Presidente e do Vice-Presidente servirá o maior acionista, ou, quando este não queira ou não possa aceitar este cargo, o imediato em acções e assim sucessivamente, preferindo o mais velho em egualdade de circunstancias.

Na falta ou impedimento dos Secretarios e Vice-Secretarios, convidará o Presidente um acionista que seja idoneo para esse cargo.

Art. 40.º—A Assembléa Geral será convocada e dirigida pelo Presidente ou por quem suas vezes fizer.

A convocação será feita por anuncios no «Diario do Governo» e n'outros jornaes, em conformidade com a lei geral, com 15 dias de antecedencia pelo menos.

Art. 41.º—A Assembléa Geral, salvo nos casos previstos nos arts. 44.º e 50.º, constitue-se com um numero de acionistas, presentes ou representados possuidores pelo menos de um quarto do capital social.

Art. 42.º—Quando a Assembléa Geral não se reuna em numero suficiente meia hora depois da indicada, o Presidente mandará lavrar acta, mencionando este facto, e convocará uma nova reunião, que deverá efectuar-se dentro do prazo de 15 a 30 dias, podendo então a Assembléa constituir-se com os acionistas que comparecerem, para deliberar só sobre os assuntos da 1.ª convocação.

Art. 43.º—A Assembléa Geral deliberará sobre as contas, relatorios, pareceres e propostas que lhe forem apresentados pelo Conselho de Administração e pelo Conselho Fiscal.

As suas decisões são tomadas por maioria de votos dos acionistas presentes e representados.

O escrutinio secreto terá logar nas eleições para os cargos da Mesa, do Conselho de Administração e do Conselho Fiscal e quando fôr requerido por cinco acionistas.

Em caso de empate, terá a preferencia o efeito que tiver maior numero de acções, preferindo o mais velho em egualdade de circunstancias.

Art. 44.º—A' Assembléa Geral extraordinaria compete:

a) Modificar estes estatutos;

b) Resolver sobre a dissolução ou liquidação da Sociedade e aumento de capital social acima de um milhão de escudos, sobre a fusão com outra Sociedade e a acquisição, sob qualquer fórma, do activo de outra Sociedade ou empreza.

Paragrafo unico. As decisões acerca dos assuntos mencionados n'este artigo só podem ser tomadas por metade do capital social, pelo menos, salvo no caso previsto no art. 50.º.

Art. 45.º—Se, á 1.ª convocação, a Assembléa não reunir o numero de acções suficiente para poder deliberar, deve ser convocada e reunir-se, dentro de 15 a 30 dias, uma nova Assembléa que poderá deliberar só sobre os assuntos de 1.ª convocação, qualquer que seja o numero de acionistas presentes e o quantitativo do capital representado, como preceitua o art. 184.º do Codigo Comercial.

Art. 46.º—As Assembléas Geraes ordinarias ou extraordinarias só poderão deliberar sobre os assuntos da ordem do dia. Lavrar-se-ha uma acta das deliberações tomadas, que deverá ser assinada pelo Presidente e Secretarios da Mesa. Deverá haver uma folha de presença que contenha os nomes dos acionistas e o numero de acções representadas por cada um d'eles. Esta folha fica anexa á acta e deverá tambem ser assinada pela Mesa.

TITULO V

Das contas anuais

Art. 47.º—O ano social é o ano civil e contar-se-ha como primeiro exercicio o tempo decorrido desde a constituição da Sociedade até 31 de Dezembro de 1920.

Art. 48.º—As contas da Sociedade, elaboradas pelo Conselho de Administração e verificadas pelo Conselho Fiscal, são sujeitas á aprovação da Assembléa Geral.

A totalidade dos lucros liquidos terá a seguinte aplicação:

1.º—5 por cento para fundo de reserva legal emquanto este não atinja pelo menos a quinta parte do capital social;

2.º—Dividendo aos acionistas, que, liquido de imposto de rendimento, não exceda 6 por cento do capital desembolsado;

3.º—O excedente será assim dividido:

10 por cento para fundo de reserva especial;

22 por cento para o Conselho de Administração;

3 por cento para o Conselho Fiscal;

10 por cento para o Director;

3 por ceno para a Caixa de Previdencia dos empregados;

52 por cento para dividendo complementar ás acções ou para qualquer outra aplicação que a Assembléa Geral dos acionistas entenda dever dar.

Paragrafo unico. Se os lucros não forem suficientes para dar o maximo dividendo previsto no n.º 2 d'este artigo, não se fará a distribuição estabelecida no n.º 3.º e o saldo, depois das aplicações dos n.os 1.º e 2.º passará a conta nova.

Art. 49.º—Durante os 15 dias que precederem a Assembléa Geral ordinaria, estarão patentes aos acionistas, na séde da Sociedade, o inventario, conta de ganhos e perdas, relatorio do Conselho de Administração, proposta de aplicação dos lucros, parecer do Conselho Fiscal, sobre os documentos precedentes e, finalmente, a lista dos acionistas que hão de constituir a Assembléa.

TITULO VI

Dissolução e liquidação

Art. 50.º—Fóra dos casos legaes, a dissolução da Sociedade só poderá ter logar:

a) Se fôr resolvida por metade dos acionistas, representando pelo menos tres quartas partes do capital social;

b) Se as perdas da Sociedade excederem metade do capital social.

Art. 51.º—No caso de dissolução, a Assembléa Geral extraordinaria nomeará cinco liquidatarios efectivos e cinco substitutos com os poderes consignados na lei e os que a Assembléa Geral expressamente lhes conferir.

Art. 52.º—No fim de cada um dos anos que se seguirem á votação da liquidação, será feito um inventario do estado da Sociedade, o qual deverá ser presente á Assembléa Geral.

TITULO VII

Disposições geraes e transitorias

Art. 53.º—As questões que se levantarem na vigencia da Sociedade ou durante o tempo da liquidação, entre os acionistas e a Sociedade, serão julgadas em Lisboa pelos tribunaes competentes.

Art. 54.º—O primeiro Conselho de Administração é formado pelos seguintes acionistas:

Alberto Hipolito Pereira de Araujo.
Carlos Augusto da Silva Leitão.
Dr. Fausto Lopo Patricio de Carvalho.
Fernando Brederode.
João Pires Monteiro.
Luiz Augusto Leitão.
Dr. Manuel Caroça.
Maurice Dulberg.
Dr. Pedro Mousinho de Mascarenhas Galvão.

Art. 55.º—Fica desde já nomeado Director da Sociedade com o ordenado mensal de 300$00 e os direitos reconhecidos nos arts. 26.º e 27.º, o sr. Maurice Dulberg.

Art. 56.º—No prazo de 30 dias, contados da data do registo d'esta Sociedade na Secretaria do Tribunal do Comercio de Lisboa, reunir-se-ha uma Assembléa Geral dos acionistas, convocada pelo Presidente do Conselho de Administração, para proceder á eleição da Mesa da Assembléa Geral e dos vogaes do Conselho Fiscal.

Estes estatutos foram reduzidos a escritura publica, datada de 15 do corrente e outorgada perante mim.

Lisboa, 26 de Novembro de 1919.

O notario

Antonio Tavares de Carvalho

Atropelamento

Depois de ser pensado no banco do hospital de S. José, recolheu á enfermaria n.º 1 Francisco Miranda, de 8 anos, morador na rua Palmira, 1, 3.º, que na rua dos Anjos foi atropelado por um «side-car», ficando com a perna esquerda fracturada, com complicação de ferida.